

Tom Clanney

Ordens do Executivo



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TOM CLANCY

1947-2013

**ORDENS DO
EXECUTIVO**

JACK RYAN # 8

Título original: Executive Orders

Tradução: Sylvio Gonçalves

Record, 1999

Agradecimentos

Mais uma vez, precisei de muita ajuda: Peggy, por alguns conselhos valiosos; Mike, Dave, John, Janet, Curt e Pat, do Johns Hopkins Hospital; Fred e seus companheiros do Serviço Secreto; Pat, Darrel e Bill, do FBI; Fred e Sam, homens que honraram o uniforme com seu serviço; H.R., Joe, Dan e Doug, homens que ainda o fazem. São pessoas assim que tornaram a América o que ela é.

Prólogo

Começando Aqui

Deve ser o choque, pensou Jack Ryan. Tinha a impressão de ser duas pessoas ao mesmo tempo. Parte dele estava no refeitório da CNN de Washington, olhando pela janela as chamas que se levantavam dos escombros do Capitólio — pontos amarelos projetando-se de um clarão dourado, formando um buquê de flores sinistro em honra às mais de mil vidas ceifadas há menos de uma hora. Estava estarrecido demais para sofrer, mas sabia que a dor não tardaria, como acontece sempre depois de um golpe súbito. Uma vez mais, a Morte — em toda sua funesta majestade — tentara alcançá-lo, e ele escapara por pouco. Seu único conforto era que os filhos não sabiam o quanto suas vidas estiveram perto de uma conclusão precoce. Para eles aquilo fora apenas um acidente incompreensível. Estavam agora com a mãe, com quem se sentiram seguros enquanto ele estivesse em outro lugar. Esse tipo de situação não era novidade para a família. Então, John Patrick Ryan fitava o resíduo da Morte, e parte dele não sentia nada.

A outra parte fitava a mesma cena e sabia que ele precisava fazer alguma coisa, e embora estivesse lutando para ser racional, a razão não estava vencendo, porque ela não sabia o que fazer ou por onde começar.

— Sr. Presidente?

Era a voz da agente especial Andréa Price.

— Sim? — respondeu Ryan sem se virar da janela. Atrás dele — via o reflexo no vidro — seis outros agentes do Serviço Secreto estavam parados, empunhando armas. Na sala contígua devia haver um batalhão de funcionários da CNN, reunidos em parte por interesse profissional — eram jornalistas, afinal de contas —, mas principalmente por simples curiosidade humana em estar face a face com um momento histórico. Perguntavam-se como seria estar no lugar de Ryan, e não percebiam que esse tipo de acontecimento atingia a todos da mesma maneira, quer surgisse na forma de um acidente ou de uma enfermidade terminal. Nesses momentos, a despreparada mente humana simplesmente parava e tentava extrair sentido do absurdo — e quanto pior o golpe, mais, difícil a recuperação. Mas pelo menos as pessoas treinadas para enfrentar crise dispunham de procedimentos padrão aos quais recorrer.

Senhor, precisamos levá-lo até...

— Aonde? A um local seguro? Que local é esse? — perguntou Jack e então reprimiu-se, silenciosamente, pela crueldade da pergunta. Pelo menos vinte agentes faziam parte da pira funerária a um quilômetro e meio dali. Todos, amigos dos homens e mulheres parados no refeitório com o novo presidente.

Não tinha o direito de transtorná-los. — Minha família? — perguntou depois de um momento.

— No Quartel dos Fuzileiros, na esquina da Oitava com I, como o senhor ordenou. Sim, era confortador para eles reportarem que haviam cumprido ordens, pensou Ryan meneando levemente a cabeça. E para ele era confortador saber que suas ordens haviam sido acatadas. Já fizera uma coisa certa. Seria um bom começo?

— Senhor, se isso foi parte de um procedimento...

— Não foi, Andréa. Não é possível cumprir procedimentos à risca num momento como este, concorda? — disse o presidente Ryan. Surpreendeu-se com o quanto sua voz soava cansada, e lembrou a si mesmo que choque e estresse eram mais exaustivos que o exercício mais extenuante. Ele parecia mal ter energia para balançar a cabeça.

— Discordo, senhor. É possível cumprir procedimentos — asseverou a agente especial Price.

“Sim, acho que ela tem razão.”

— Então, qual é o protocolo para esta situação?

— Kneecap — respondeu Price, referindo-se ao National Emergency Airbone Command Post, o posto de comando aéreo de emergências nacionais, um 747

adaptado que era mantido na base aérea de Andrews. Jack considerou a sugestão por um momento e então franziu a testa.

— Não, eu não posso fugir. Acho que preciso ficar aqui — disse o presidente Ryan, apontando para o clarão dourado. Sim, aquele é o lugar ao qual pertencço, não é?

— Não, senhor. É perigoso demais.

— É o meu lugar, Andréa.

“Ele já está raciocinando como um político, pensou Andréa, decepcionada.

Ryan viu a expressão de Andréa e soube que precisava se explicar. Já aprendera uma coisa, talvez a única que se aplicava a esse momento, e o pensamento surgiu em sua mente como uma placa sinalizadora que de repente desponta numa estrada.

— É uma função de liderança. Eles me ensinaram isso em Quântico. As tropas precisam ver que você está fazendo seu trabalho. Eles precisam saber que podem contar com você.

“E eu preciso ter certeza de que isto é real, de que realmente sou o presidente. E ele era?”

O Serviço Secreto achava que sim. Ryan fizera o juramento, pronunciara as palavras e invocara o nome de Deus para abençoar seu trabalho. Mas tudo havia sido brusco e rápido. Não pela primeira vez na vida, John Patrick Ryan fechou os olhos e desejou acordar deste sonho que era simplesmente improvável demais para ser real. Mas ao abrir os olhos, o brilho dourado ainda estava lá, assim como as chamas. Ele sabia que dissera as palavras — e até mesmo fizera um pequeno discurso, embora não conseguisse lembrar uma só palavra.

Vamos começar a trabalhar, dissera um minuto antes. Uma coisa que se diz automaticamente. Isso significava alguma coisa.

Jack Ryan balançou a cabeça — conseguir isso pareceu uma grande conquista —, as costas para a janela e olhou diretamente para os agentes na sala.

— Muito bem. Quem sobrou?

— Os secretários do Comércio e do Interior — respondeu a agente especial Price, que fora informada sobre isso por seu rádio pessoal. — Comércio está em San Francisco. Interior está no Novo México. Já foram convocados. A Força Aérea irá trazê-los. Perdemos o diretor Shaw, do FBI, todos os nove juízes da Suprema Corte e os membros do Estado-Maior. Não temos certeza de quantos congressistas estavam ausentes quando aconteceu.

— E a Sra. Durling?

Price meneou a cabeça. — Ela também estava lá, senhor. As crianças estão na Casa Branca.

Jack assentiu, desanimado com mais essa tragédia. Comprimiu os lábios e fechou os olhos ao pensar em mais uma coisa que precisava fazer pessoalmente.

Para os filhos de Roger e Anne Durling, aquilo não era um evento público. Para eles o acontecimento era imediata e tragicamente simples: mamãe e papai estavam mortos, e agora eles eram órfãos. Jack os vira, falara com eles — realmente nada mais que um sorriso e o oi que se dá aos filhos de outro homem, mas eram crianças de verdade com nomes e rostos que se contorceriam de choque e descrença. Fariam o mesmo que Jack: tentariam futilmente acordar do pesadelo, mas para eles seria ainda mais difícil, por

causa de sua idade e vulnerabilidade.

— Já sabem?

— Sim, presidente. Estavam assistindo à TV, e os agentes precisaram contar. Eles ainda têm avós vivos, assim como outros familiares. Também mandamos trazê-los.

Andréa não acrescentou que havia um protocolo para isto. No centro de operações do Serviço Secreto — a alguns quarteirões a oeste da Casa Branca — havia um arquivo de segurança com envelopes selados contendo planos de contingência para todos os tipos de possibilidades obscenas; essa era apenas mais uma delas.

Mas agora havia centenas — não, milhares — de crianças órfãs, não apenas duas. Jack precisava esquecer os filhos dos Durling durante algum tempo. Era difícil, mas também um alívio, deixar essa tarefa de lado por enquanto. Olhou novamente para a agente Price.

— Está me dizendo que sou o governo inteiro agora?

— Podemos encarar dessa forma, presidente. É por causa disso que...

— É por causa disso que eu tenho coisas a fazer.

Jack caminhou até a porta, e seu movimento abrupto colocou os agentes do Serviço Secreto em ação. Havia câmeras no corredor. Ryan passou direto por elas, enquanto dois agentes abriam caminho entre as fileiras de jornalistas.

Chocados demais para fazer outra coisa além de operar suas câmeras, os jornalistas não fizeram uma única pergunta. Este, afinal de contas, é um evento singular, pensou Jack com um sorriso. Um elevador estava à sua espera. Trinta segundos depois, Jack emergiu num saguão espaçoso. O recinto fora evacuado, restando agora apenas os agentes, mais da metade com submetralhadoras apontadas para o teto. Deviam ter sido trazidos de outro lugar — Jack não recordava ter passado por tantos agentes vinte minutos antes. Viu os fuzileiros parados lá fora, a maioria inadequadamente uniformizados, alguns tremendo de frio; usavam apenas camisas de malha vermelha e calças compridas de camuflagem.

— Precisávamos de segurança adicional — explicou Price. — Pedimos assistência ao quartel.

— Sim — assentiu Ryan. Ninguém discutiria a lógica em cercar o presidente dos Estados Unidos com fuzileiros navais num momento como este. Em sua maioria, eram rapazes. Seus rostos jovens e lisos não demonstravam nenhuma emoção — um estado perigoso para pessoas segurando armas —, e seus olhos perscrutavam o estacionamento como cães de guarda. Um capitão estava na porta, falando com um agente. Quando Ryan saiu, o oficial da Marinha colocou-se bruscamente em posição de sentido e bateu continência. Então ele também acha que é verdade. Ryan assentiu com a cabeça e gesticulou na direção do HMMWV mais próximo.

— Capitólio — ordenou o presidente John Patrick Ryan.

O percurso foi mais rápido do que Jack previra. A polícia interditara todas as ruas principais e os caminhões de bombeiros já estavam lá, provavelmente em resposta a um alarme geral. Um furgão do Serviço Secreto abriu caminho pelas ruas — luzes piscando, sirene uivando —, enquanto a equipe de segurança provavelmente praguejava entre seus dentes coletivos, condenando a atitude insensata do novo Patrão, o termo interno para presidente.

A cauda do 747 estava intacta, cravada nos escombros como as penas de uma flecha no couro de um animal morto. O que surpreendeu Ryan foi que o incêndio persistia. O Capitólio era um edifício de pedra, mas em seu interior havia mesas de madeira, vastas quantidades de papel e Deus sabe mais o quê, mantendo a combustão. Como moscas sobre lixo, helicópteros militares sobrevoavam os escombros em círculos, suas hélices refletindo o clarão dourado de volta para o solo. Havia caminhões de bombeiros por toda parte, suas luzes vermelhas e brancas brindando a fumaça com cores adicionais.

Bombeiros corriam para cima e para baixo, e o solo estava coberto por mangueiras serpenteando a partir de cada hidrante da vizinhança, levando água até as bombas. Muitas das conexões com os hidrantes vazavam, lançando para o alto pequenos jorros de água que rapidamente congelavam no ar frio.

A extremidade sul do Capitólio estava devastada. Era possível reconhecer a escadaria, mas as colunas e o teto haviam sumido. O plenário da Câmara era agora uma cratera soterrada por pedras, antes impecavelmente brancas, agora enegrecidas com fuligem. Ao norte, a cúpula, forjada em aço durante a Guerra Civil, ainda tinha partes reconhecíveis, e várias das seções em forma de fatia de torta mantinham seu desenho original. Os bombeiros concentravam a maior parte de sua atividade ali, onde havia sido o centro do prédio. Incontáveis mangueiras — algumas delas no solo, algumas direcionadas a partir das pontas de escadas retrateis, espargiam água na esperança de impedir que o incêndio se espalhasse, embora, do ponto em que Ryan estava, se pudesse perceber que esse esforço dificilmente renderia frutos.

Mas o que mais chamava atenção na cena era uma coleção de ambulâncias, em torno das quais equipes de paramédicos estavam paradas segurando maçãs vazias. Nada podiam fazer senão olhar para o leme branco do 747, com o desenho de uma cegonha vermelha, também obscurecido pelo fogo mas ainda odiosamente reconhecível. Japan Airlines. Todos pensavam que a guerra com o Japão terminara. Mas teria mesmo? Este havia sido um último e solitário ato de desafio ou vingança? Ou apenas um incidente irônico? Ocorreu a Jack que a cena, ainda que divergente em escala, parecia muito com um acidente de carro, porque a maioria dos profissionais que estavam ali havia chegado tarde demais.

Tarde demais para deter o fogo. Tarde demais para salvar as vidas que haviam jurado proteger. Tarde demais para fazerem diferença.

O HMMWV parou perto da esquina sudeste do prédio, bem em frente à fileira de caminhões de bombeiros. Antes que Ryan pudesse sair, um esquadrão de fuzileiros navais já o cercara. Um deles, o capitão, abriu a porta para o novo presidente.

— Quem dá as ordens aqui? — perguntou Jack à agente Price. Pela primeira vez, notou como a noite estava fria.

— Acho que um dos bombeiros.

— Vamos encontrá-lo.

Começou a caminhar na direção de um aglomerado de bombas d'água.

Estava usando apenas um terno de veludo fino e começava a tremer. Os chefes eram aqueles com chapéus brancos, certo? E aqueles carros civis eram seus, lembrou Jack de sua juventude em Baltimore. Chefes não andam em caminhões. Avistou três carros vermelhos e se desviou bruscamente nessa direção.

— Droga, Sr. Presidente! — gritou Andréa Price. Outros agentes correram para chegar na frente, e os fuzileiros não conseguiram decidir qual grupo seguir. Não havia nada a respeito no manual de ninguém, e quaisquer que fossem as regras do Serviço Secreto nesse aspecto, o Patrão acabara de invalidá-las. Então um deles teve uma ideia e saiu correndo até o caminhão de bombeiros mais próximo. Retornou com uma jaqueta de borracha.

— Isso vai deixá-lo aquecido, senhor — prometeu o agente especial Raman, ajudando Ryan a vestir o agasalho, que o disfarçou como um dos cem bombeiros andando ali. A agente especial Price piscou para Raman em sinal de aprovação, o primeiro momento de quase leveza desde que o 747 colidira com o Capitólio. Ainda bem que o presidente Ryan não entendeu a verdadeira função da jaqueta, pensou. Este momento seria lembrado como a primeira vitória do Serviço Secreto em sua batalha contra o presidente dos Estados Unidos, para garantir sua segurança.

O primeiro chefe de bombeiros que Ryan encontrou estava falando num walkie-talkie. Ao seu lado, um homem em roupas civis analisava uma imensa folha de papel desdobrada sobre o capô do carro. Provavelmente a planta do prédio, pensou Jack. Ryan aguardou a alguns metros de distância, enquanto os dois gesticulavam sobre a planta. Em seguida, o chefe falou rapidamente em seu walkie-talkie.

— E, pelo amor de Deus, tomem cuidado com todas aquelas pedras soltas! — disse o chefe de bombeiros Paul Magill, terminando seu comando. Virou-se e esfregou os olhos. — E quem diabos é você?

— Este é o presidente — informou Price.

Magill piscou. Olhou rapidamente para os agentes armados, e em seguida para Ryan.

— A situação está mesmo ruim — foi a primeira coisa que o chefe disse. — Retiraram alguém?

Magill balançou negativamente a cabeça.

— Não por este lado. Três foram retirados no outro lado. Acho que estavam na sala do porta-voz, e provavelmente foram cuspidos pela janela no momento da explosão. Dois serventes e um cara do serviço secreto. Estamos procedendo a uma busca... bem, estamos tentando fazer isso, mas até agora as pessoas que não foram queimadas morreram por asfixia.

Paul Magill era um negro robusto, da altura de Ryan. Em suas mãos, manchas esbranquiçadas testemunhavam uma batalha muito íntima contra o fogo em algum momento de seu passado profissional. Seu rosto enrugado transparecia resignação, pois o fogo não era um inimigo humano, apenas uma coisa irracional que desfigurava os afortunados e matava o resto.

— Ainda podemos ter alguma sorte, senhor — prosseguiu. — Algumas pessoas deviam estar em salas pequenas, com as portas fechadas. Segundo a planta, este lugar tem um milhão de cômodos. Talvez resgatemos alguns com vida. Já vi isso acontecer antes. Mas a maioria... — Magill simplesmente balançou a cabeça por um momento. — A maioria não teve a menor chance.

— Ninguém no plenário da Câmara? — indagou o agente Raman. Na verdade, queria saber o nome do agente que fora cuspidos pela explosão, mas não teria sido profissional perguntar isso. De qualquer modo, Magill apenas balançou a cabeça.

— Não. — Desviando os olhos das chamas, acrescentou: — Deve ter sido muito rápido.

— Quero ver — disse Jack, impulsivamente.

— Não — replicou Magill. — É perigoso demais, senhor. No meu incêndio quem dita as regras sou eu.

— Eu preciso ver — disse Ryan, em tom mais calmo.

Os dois pares de olhos encontraram-se, trocando uma comunicação silenciosa. Magill ainda não gostava da ideia. Olhou novamente para os homens armados e decidiu, erroneamente, que eles apoiariam o novo presidente, se ele era mesmo isso. Magill não estava assistindo à TV quando seu telefone tocara.

— Não será nada bonito de ver, senhor.

O sol pusera-se havia pouco no Havaí. O contra-almirante Robert Jackson estava aterrissando na Point Naval Air Station. Com sua visão periférica, reparou nos hotéis bem iluminados na costa de Oahu, e, por um instante, imaginou quanto estaria a diária num deles. Não se hospedava ali desde seus vinte e poucos anos, quando dois ou três aviadores navais costumavam dividir acomodações para economizar dinheiro e assim poder beber nos bares e impressionar as mulheres locais. Apesar da viagem longa e dos três reabastecimentos aéreos, seu Tomcat pousou delicadamente. Não era de admirar, porque Robby ainda via a si mesmo como um piloto de caça e, portanto, uma espécie de artista. O caça reduziu a velocidade e virou para a direita, rumo à pista de manobras.

— Tomcat Cinco-Zero-Zero, prossiga até o fim da...

— Já estive aqui, moça — replicou Jackson com um sorriso, infringindo as regras. Mas ele era um almirante, não era? Piloto de caça e almirante. As regras que se danassem.

— Cinco-Zero-Zero, um carro está à sua espera.

— Obrigado.

Robby pôde ver o veículo, perto do hangar mais distante, juntamente com um marinheiro sinalizando com os usuais bastões iluminados. — Nada mal para um velho — comentou o passageiro enquanto dobrava mapas e outros documentos teoricamente importantes, que haviam sido desnecessários.

— Seu voto de aprovação foi registrado — disse Jackson.

Nunca foi tão difícil fazer isso, admitiu para si mesmo. Mexeu-se no assento. Começava a sentir a bunda quadrada. Como podia estar com as pernas adormecidas e ainda assim sentir dor? Velho demais, respondeu sua mente.

Então sua perna anunciou sua presença. Porra de artrite, pensou Jackson. Tivera de usar de sua patente para obrigar Sanchez a liberar-lhe o caça. Era longe demais para um COD levá-lo do USS John C. Stennis de volta a Pearl, e as ordens haviam sido específicas: Regresse urgentemente. Sob essa condição, conseguira emprestado um Tom cujo sistema de controle de incêndio estava avariado, sendo portanto uma aeronave incapacitada para missões. A Força Aérea abastecera os tanques. Assim, depois de sete horas de silêncio abençoado, voara sobre metade do Pacífico num caça — sem sombra de dúvida, pela última vez. Jackson mexeu-se novamente no assento enquanto conduzia o caça até sua área de estacionamento, e foi recompensado com um espasmo muscular nas costas.

— É um oficial do CINCPAC*? — perguntou Jackson, apontando para a figura vestida de branco ao lado do carro azul da Marinha.

=====

* Commander-in-Chief Pacific Command — Comandante-em-Chefe do Pacífico. (N. do T.)

=====

Era o almirante David Seaton. Não estava parado de pé, e sim encostado no carro examinando mensagens no pager, enquanto Robby desligava o motor e levantava a capota. Um marinheiro empurrou uma escada móvel até a aeronave, para facilitar a descida de Robby. Outro militar — uma mulher — abriu o bagageiro da aeronave e pegou a mala do almirante recém-chegado. Alguém estava com pressa.

— Estamos com problemas — disse Seaton no momento em que Robby pôs as duas botas no chão.

— Pensei que tivéssemos vencido — replicou Jackson. Seu cérebro também estava cansado. Levaria alguns minutos para que seu raciocínio retomasse a velocidade normal, embora os instintos estivessem lhe dizendo que alguma coisa incomum estava acontecendo.

— O presidente está morto... e temos um novo. — Seaton entregou a prancheta. — Um amigo seu. No momento estamos novamente em DEFCON Três.

— Mas que diabos... — disse o almirante Jackson, lendo a primeira página dos despachos. Então levantou os olhos. — Jack é o novo...

— Não sabia que ele ia ser o novo vice? Jackson balançou a cabeça.

— Eu estava enrolado com outras coisas antes de descer do barco hoje de manhã. Santa mãe de Deus! — concluiu Robby, balançando novamente a cabeça.

Seaton assentiu. Ed Kealty renunciara devido a um escândalo sexual, e o presidente persuadira Ryan a assumir a vice-presidência até as eleições do ano seguinte. O Congresso o apoiara, mas antes que Ryan pudesse entrar no plenário da Câmara, acontecera aquilo. Um avião de passageiros colidira com o Capitólio.

— Todos os membros do Estado-Maior estão mortos. Os vices estão sendo trazidos. Mickey Moore — o general do Exército Michael Moore, o vice-chefe do Estado-Maior — ordenou que todos os comandantes-em-chefe viessem à capital imediatamente. Temos um KC-10 esperando por nós em Hickam.

— Qual a condição de risco? — inquiriu Jackson. Seu cargo vitalício, até onde qualquer função uniformizada era vitalícia, era de vice-J-3, o segundo oficial de planejamento do Estado-Maior.

Seaton deu de ombros.

— Teoricamente, zero. As hostilidades cessaram. Os japoneses desistiram da guerra...

Jackson cortou Seaton, concluindo a frase do colega: — Mas a América nunca levou uma porrada dessas antes.

— O avião está esperando — disse Seaton. — Você pode se trocar a bordo. A aparência não conta neste momento, Robby.

Como sempre, o mundo estava dividido por tempo e espaço, especialmente tempo, refletiria a mulher se dispusesse de um momento para pensar. Tinha mais de sessenta anos; seu corpo pequeno estava curvado pelo peso da idade e do trabalho, que ficaria menos árduo se houvesse jovens para auxiliá-la.

Não era justo. Em sua juventude, ajudara outras. E essas haviam feito o mesmo quando jovens. Mas agora não havia ninguém para suavizar suas tarefas. A mulher se esforçou para afugentar esses pensamentos. Eram indignos dela, de sua posição no mundo, e, definitivamente, indignos de seus votos, feitos a Deus havia mais de quarenta anos. Agora tinha dúvidas sobre esses votos, mas não admitiria isso a ninguém, nem ao seu padre. A incapacidade em discutir suas dúvidas a preocupava mais que as dúvidas em si; afinal, sabia que o sacerdote falaria gentilmente sobre seu pecado, se é que realmente pecara. Mas será que ele seria gentil? Sim, mesmo achando que ela pecara, o padre falaria gentilmente com ela. Sempre fazia isso, provavelmente porque também tinha esse tipo de dúvida, e ambos estavam na idade na qual as pessoas olham para trás e se perguntam se poderiam ter agido de modo diferente, apesar de todas as conquistas de uma vida frutífera.

Sua irmã — em cada aspecto tão religiosa quanto ela — escolhera a mais comum das vocações, e agora era avó. A irmã M. Jean Baptiste tentou imaginar como seria isso. Fizera sua escolha havia muito tempo, numa juventude que ainda conseguia recordar, e como todas as decisões dessa espécie, fora tomada com pouquíssima reflexão, mas se provara correta. Parecera uma escolha simples naquela época. As mulheres de preto eram respeitadas. Em sua juventude distante, podia recordar os soldados das tropas de ocupação da Alemanha assentindo polidamente para as freiras. Embora todos suspeitassem que as freiras ajudassem os pilotos aliados a escapar, e talvez até judeus, era de conhecimento geral que elas tratavam a todos com igualdade, porque Deus exigia. Além disso, até mesmo os alemães queriam internar-se em seu hospital quando eram feridos, porque ali teriam mais chances do que em qualquer outro lugar. As freiras orgulhavam-se dessa tradição e, embora isso fosse pecado, diziam a si mesmas que Deus talvez não se importasse, porque essa tradição existia em Seu santo nome. E assim, quando a idade certa chegou, ela teve de tomar sua decisão. A escolha foi influenciada pelo momento, crítico, com a condição do país depois da guerra, e a necessidade por suas habilidades.

Quando o peso da idade surgiu, pensou durante algum tempo em abandonar suas atividades, mas o mundo mudara muito pouco. Assim, continuou em seu trabalho.

A irmã Jean Baptiste era uma enfermeira habilidosa e experiente. Viera a este lugar quando ele ainda pertencia ao seu país natal, e permanecera ali depois que isso mudou. Naquela época fizera seu trabalho da mesma forma, com a mesma habilidade, fossem seus pacientes africanos ou europeus, alheia à turbulência política à sua volta. Contudo, quarenta anos, mais de trinta no mesmo lugar, tiveram seu preço.

Não que não se importasse mais. Decerto não era isso. Apenas estava com quase 65 anos, muito velha para ser uma enfermeira com pouquíssimas ajudantes, quase sempre trabalhando 14 horas por dia, com algumas horas de sobra para rezar. Isso fazia-lhe bem à alma, mas não ao corpo. Na juventude, ele fora robusto — quase musculoso — e saudável, e vários médicos apelidaram-na Irmã Rocha. Mas os médicos seguiram seu caminho, e ela ficou e ficou. E mesmo as rochas acabam puídas. E com a fadiga, vieram os erros.

Sabia com o que precisava tomar cuidado. Na África, o profissional de saúde que quiser permanecer vivo não pode ser descuidado. A cristandade tentava estabelecer-se aqui havia séculos, mas só lograra sucessos isolados. Um dos problemas restantes era a promiscuidade sexual, uma propensão local que horrorizara a irmã ao chegar ali há quase duas gerações, mas agora parecia-lhe simplesmente... normal. Porém, essa tendência também costumava ser mortífera. Um terço dos pacientes no hospital sofriam do mal conhecido localmente como doença da magreza, e, no resto do mundo, como AIDS. As precauções para essa mazela eram bem simples, e a irmã Jean Baptiste as ensinara em cursos. Mas a triste verdade era que, como as pragas de outrora, tudo que os profissionais médicos podiam realmente fazer era proteger a si mesmos.

Felizmente não era o caso deste paciente. O menino tinha apenas oito anos, jovem demais para ser sexualmente ativo. Bonito, saudável e brilhante, estudava na escola católica, e, além de estudante

primoroso, era coroinha.

Talvez um dia viesse a ouvir o chamado e se tornar padre — o que era bem mais fácil para os africanos do que para os europeus, porque a Igreja, numa rendição silenciosa aos costumes do Continente Negro, permitia que os padres daqui se casassem, segredo ignorado pelo resto do mundo. Mas o menino estava doente.

Chegara apenas algumas horas antes, à meia-noite, trazido pelo pai, um bom homem que era funcionário público e tinha seu próprio carro. O plantonista diagnosticara que o menino estava com malária cerebral, mas o registro em seu prontuário não foi confirmado pelo teste laboratorial costumeiro. Talvez a amostra de sangue tivesse se perdido. Dores de cabeça, vômitos, tremor nos membros, desorientação, febre. Malária cerebral. Ela rezou para que mo não ressurgisse. Era tratável, mas o problema era colocar as pessoas sob tratamento.

O restante da ala estava silencioso. Era tarde — ou melhor, muito cedo. Um horário agradável nessa parte do mundo. Estava tão frio quanto era possível ali, e tudo estava silencioso e parado... assim como os pacientes. O maior problema do garoto no momento era a febre. Assim, a irmã puxou seu lençol para refrescá-lo com uma esponja úmida. Isso pareceu acalmar seu corpo jovem e inquieto, e ela aproveitou para examinar os outros sintomas. Os médicos eram médicos, e ela, apenas uma enfermeira. Mesmo assim, estava aqui havia muito tempo, e sabia pelo que procurar. Não achou muita coisa, apenas um curativo antigo na mão esquerda. Será que isso escapara ao médico? A irmã Jean Baptiste retornou ao posto de enfermagem, onde suas duas auxiliares estavam cochilando. Ela estava prestes a fazer o trabalho de suas auxiliares, mas não havia motivo para acordá-las. Retornou para o paciente com esparadrapo novo e desinfetante. Na África é preciso tomar muito cuidado com infecções.

Cuidadosa e lentamente, desfez o curativo e percebeu que estava piscando de fadiga. O ferimento era uma mordida, como de um cachorrinho... ou um macaco. Isso a fez despertar. Mordidas assim podiam ser perigosas. Ela devia ter retornado ao posto de enfermagem e apanhado luvas de borracha, mas ficava a quarenta metros dali, e suas pernas estavam cansadas. Além disso, o paciente estava descansando, sua mão imóvel. Ela abriu o desinfetante, girou a mão do menino lentamente para expor a ferida. Quando balançou a garrafa com a outra mão, um pouco de líquido escapou por baixo de seu polegar e caiu sobre o rosto do paciente. O menino ergueu a cabeça e, sem acordar, espirrou. A quantidade usual de gotas de catarro saltou no ar. A irmã Jean Baptiste se assustou, mas não parou o que estava fazendo; derramou o desinfetante numa bola de algodão e, cuidadosamente, esfregou o ferimento. Em seguida fechou a garrafa, pousou-a na mesinha de cabeceira, aplicou o novo curativo e só então limpou o rosto com as costas da mão. Fez isso sem perceber que, ao espirrar, o paciente mexera sua mão ferida, deixando cair sangue sobre as suas, e que o sangue ainda estava nas costas de sua mão quando ela o esfregara nos olhos. Luvas, portanto, não teriam feito qualquer diferença, fato que lhe teria sido de pouco conforto, caso ela lembrasse disso, dali a três dias.

Devia ter dado ouvidos ao bombeiro, disse Jack a si mesmo. Dois paramédicos haviam-no guiado por um corredor sem detritos até a escadaria oeste, juntamente com o cortejo de fuzileiros navais e agentes, todos empunhando armas, nenhum sabendo exatamente como proceder. Havia cruzado com uma fileira de bombeiros trabalhando com suas mangueiras, e boa parte da água, fria de gelar os ossos, pudera-se no ar, caindo sobre o grupo. Ali o fogo fora abrandado pela água; enquanto as mangueiras continuassem molhando tudo, o local estaria seguro para que as equipes de resgate se arrastassem pelas ruínas do plenário da Câmara. Não era preciso ser especialista para entender o que eles encontraram. Nada de cabeças entre os destroços, gestos de desespero ou gritos. Os homens — e mulheres, embora a essa distância não fosse possível discerni-las — percorriam o caminho cuidadosamente, mais preocupados com a própria segurança do que com qualquer coisa. Não havia motivo racional para arriscar a vida pelos mortos.

Deus Todo-Poderoso, pensou. Havia pessoas que ele conhecia ali. Não apenas americanos. Jack viu

que uma seção inteira da galeria ruína sobre o plenário. A galeria diplomática, se não lhe falhava a memória. Vários dignitários e suas famílias, homens que conhecia, que vieram ao Capitólio para vê-lo fazer o juramento. Isso o tornava culpado dessas mortes?

Jack saíra do prédio da CNN porque precisava fazer alguma coisa, ou pelo menos fora isso que dissera a si mesmo. Não tinha certeza agora. Talvez só quisesse uma mudança de cenário. Ou fora atraído à cena pelas mesmas razões pelas quais as pessoas estavam aglomeradas em torno do terreno do Capitólio, paradas silenciosamente, como ele, apenas olhando impotentes, como ele? O entorpecimento devido ao choque ainda não o abandonara. Viera até aqui esperando encontrar alguma coisa para ver e sentir, e depois tentar ajudar de alguma forma. Mas apenas descobrira mais coisas para assombrá-lo à noite.

— Sr. Presidente, está frio aqui — disse Price. — Pelo menos vamos nos afastar dessa maldita água!

— Certo — assentiu Ryan, recuando para os degraus.

Descobrira que a jaqueta não era tão quente quanto pensara. Estava tremendo de novo, e torcia para que a causa fosse apenas o frio.

As câmeras tinham aparecido lentamente, mas agora Jack podia ver muitas delas. Portáteis — todas fabricadas no Japão, lembrou Jack, com um resmungo —, com suas luzes pequenas e poderosas. De algum modo, seus portadores haviam conseguido passar pelas barreiras policiais e pelos chefes dos bombeiros. Diante de cada uma delas havia um repórter — os três que ele viu eram homens — segurando um microfone e tentando parecer que sabiam muito mais do que todos. Jack notou que várias luzes estavam apontadas para ele.

Pessoas do país inteiro e do mundo o observavam, esperando que ele soubesse o que fazer. Como essas pessoas podiam iludir-se com a noção de que os governantes eram mais inteligentes que seu médico, advogado ou contador?

Sua mente recuou para sua segunda semana como tenente dos fuzileiros navais, quando decidiram por Jack que ele sabia comandar e liderar um pelotão, e quando um sargento, dez anos mais velho, o procurara para falar de um problema familiar. O sargento esperara que o jovem oficial — sem mulher ou filhos — tivesse alguma coisa a dizer a um homem com problemas com ambos.

Hoje, recordou Jack, essa situação era chamada desafio de liderança, significando que você não tem a menor ideia do que fará em seguida. Mas ali estavam as câmeras, e ele tinha de fazer alguma coisa.

Só que ele não fazia a menor ideia do quê. Viera até aqui esperando achar um catalisador para ação, e deparara apenas com um profundo sentimento de impotência. E talvez uma pergunta.

— Arnie van Damm?

Se tinha alguma certeza no mundo, era de que precisava de Arnie.

— Na Casa, senhor — replicou Price, referindo-se à Casa Branca.

— Certo, vamos até lá — ordenou Ryan.

— Senhor... — começou Price, depois de um momento de hesitação. — Provavelmente não é seguro ir até lá. Se lá houver...

— Já disse que não posso fugir, droga! Não posso sair voando no Kneecap.

Não posso me esconder em Camp David. Não posso me enfiar num buraco.

Consegue entender isso?

Estava mais frustrado do que zangado. Seu braço direito apontou para o Capitólio.

— Aquelas pessoas estão mortas e, Deus me ajude, eu sou o governo por enquanto — prosseguiu. — E o governo não foge!

— Aquele ali parece o presidente Ryan — disse um âncora de telejornal em seu estúdio seco e aquecido. — Provavelmente está tentando dar uma mãozinha nas operações de salvamento. Como sabem, Ryan é um homem acostumado a situações de crise.

— Conheço Ryan há seis anos — opinou um analista mais velho, sem olhar para a câmera, de modo a

dar a impressão de estar instruindo o âncora, muitíssimo mais bem pago, que estava tentando reportar o evento. Ambos tinham sido chamados ao estúdio para comentar o discurso do presidente Durling, e haviam lido todo o material sobre Ryan, a quem o analista realmente não conhecia, embora os dois tivessem se esbarrado em diversos jantares nos últimos anos. — Ele é um cavalheiro discreto, mas sem dúvida alguma uma das pessoas mais brilhantes a serviço do governo.

Uma declaração como essa não podia passar sem ser desafiada. Tom, o âncora, inclinou-se para a frente, meio olhando para o colega, meio olhando para as câmeras.

— Mas John, ele não é um político. Ele não possui nenhum conhecimento ou experiência. É um especialista em segurança nacional numa época em que a segurança nacional não é mais tão importante quanto foi um dia.

A John, o analista, não ocorreu a resposta que essa declaração merecia.

Mas ela ocorreu a outra pessoa, assistindo à TV.

— Está certo — resmungou Chavez. — E aquele avião que se arrebentou no Capitólio era na verdade um caça Delta que se perdeu. Minha Nossa Senhora! — concluiu.

— Servimos a um grande país, Ding, meu garoto. Onde mais as pessoas ganham cinco milhões por ano para ser imbecis?

John Clark decidiu terminar sua cerveja. Não havia motivo em dirigir de volta a Washington antes que Mary Pat telefonasse. Afinal de contas, ele era uma abelha-operária, e apenas os medalhões da CIA agiriam agora. Não conseguiriam muita coisa, mas num momento como esse ninguém espera conseguir algo, apenas parecer atarefado é importante. Só as abelhas-operárias não engoliam isso.

Com pouca coisa para mostrar ao público, a emissora reprisou o discurso do presidente Durling, gravado pelas câmeras da C-SPAN operadas por controle remoto. Agora, os técnicos da sala de controle congelaram nos frames para mostrar a primeira fila de altos oficiais do governo e, novamente, a listagem dos mortos apareceu na tela. Tirando dois, estavam mortos todos os secretários de gabinete, membros do Estado-Maior e diretores de agências governamentais, além do presidente da Junta de Reserva Federal, o diretor do FBI Bill Shaw, o diretor do Departamento de Administração e Orçamento, o administrador da Nasa, todos os nove juizes da Suprema Corte. A voz do âncora listou os nomes e os postos que eles tinham ocupado, e a fita avançou quadro a quadro até o momento em que os agentes do Serviço Secreto entraram correndo no plenário, assustando o presidente Durling e causando um pouco de confusão. Cabeças viraram-se procurando por perigo, e talvez os dotados de raciocínio mais rápido tenham se perguntado se havia um atirador nas galerias.

Então foram exibidos três frames congelados de uma câmera aberta em plano geral, que mostrava a parede do fundo ruindo abruptamente, e depois, escuridão. O âncora e o comentarista apareceram novamente na tela, olhando para seus monitores, e então novamente um para o outro, talvez apenas agora compreendendo afinal a enormidade do evento, como estava começando a acontecer com o novo presidente.

— A principal tarefa do presidente Ryan será reconstituir o governo, se puder — disse John, o analista. Depois de uma longa pausa, acrescentou: — Meu Deus, tantos bons homens e mulheres... mortos...

Também lhe ocorreu que, alguns anos antes, quando ainda não era o comentarista principal da rede, teria estado no plenário da Câmara, junto com muitos de seus colegas. Para John, nesse momento o evento enfim desenredou-se do choque, e suas mãos começaram a estremecer sobre o tampo da mesa. Era profissional experiente, que não se permitiria gaguejar, mas conseguiu controlar sua expressão, e seu rosto desabou sob o peso da dor súbita e imensa. Na tela, seu rosto pareceu pálido, mesmo debaixo de toda a maquiagem.

— É o julgamento de Deus — murmurou Mahmoud Haji Daryaei, a mais de dez mil quilômetros dali, erguendo o controle remoto para emudecer o áudio e se poupar da conversa fiada.

O julgamento de Deus. Fazia sentido, não é mesmo? América. O gigante que a tantos oprimiu, um país sem Deus, de um povo sem Deus, no pináculo de seu poder, cantando as vitórias de mais uma guerra... agora seriamente ferido. O que mais, senão a vontade de Deus, causaria um acontecimento como esse? E o que mais significaria esse ato divino senão um julgamento, e também uma graça? Mas em quem recairia essa graça? Bem, um pouco de reflexão talvez descortinasse o mistério.

Ele conhecia Ryan. Haviam-se encontrado uma vez. Ryan parecera-lhe desprezível e arrogante — um americano típico —, mas sua opinião agora era outra. Por um instante, a lente da câmera fechou-se em zoom, revelando um homem tremendo de frio sob uma jaqueta de bombeiro, a cabeça voltando-se para um lado e para o outro, a boca ligeiramente aberta. Não, ele não parecia arrogante. Parecia desorientado e tão pouco cômico dos acontecimentos que mal sentia medo. He& uma expressão que Mahmoud conhecia bem. Que interessante.

As mesmas palavras e imagens ecoavam pelo mundo, transmitidas por satélites para mais de um bilhão de pares de olhos atentos à cobertura televisiva da posse do vice, ou que haviam sido alertados para o evento e mudado de canal, deixando de lado programas matutinos, em alguns países, e programas vespertinos, em outros. A História estava sendo escrita, e fazia-se imperativo assistir a ela.

Especialmente para os poderosos, para quem informação era matéria-prima do poder. Outro homem, em outro lugar, olhou para o relógio eletrônico ao lado do televisor em sua escrivaninha, e fez alguns cálculos matemáticos simples.

Um dia horrível chegava ao fim nos EUA, enquanto, ali, uma manhã de sol estava começando. Pela janela atrás de sua mesa, via-se uma enorme praça, calçada com paralelepípedos, que estava sendo cruzada por muitas pessoas de bicicleta, embora o número de carros ao fundo também fosse substancial. O tráfego de veículos motorizados multiplicara-se por dez nos últimos anos, mas as bicicletas ainda eram o principal meio de transporte. Isso não era justo.

Planejara mudar isso — rápida e decisivamente em termos históricos, e era um estudante sério de História — apenas para ter seu plano meticuloso abortado pelos americanos. Não acreditava em Deus — jamais acreditara e jamais iria crer —, mas acreditava na Fatalidade, e Fatalidade era o que estava vendo no televisor japonês à sua frente. Mulher caprichosa, essa Fatalidade, disse a si mesmo enquanto pegava uma caneca de chá de ervas. Havia apenas alguns dias favorecera os americanos com sorte, e agora brindava-os com dor... Então, quais eram os propósitos de Dama Fatalidade? O homem decidiu que suas próprias intenções e vontades eram mais importantes. Esticou a mão até o telefone, e então mudou de ideia. O aparelho tocaria muito em breve, pessoas pediriam sua opinião, e ele teria de responder alguma coisa. Portanto, agora era hora de pensar. Bebericou o chá. A água queimou-lhe o céu da boca, e ele achou isso bom. Teria de permanecer alerta, e a dor iria ajudá-lo a se concentrar. Pensamentos importantes começavam a se formar em sua mente.

Logrado ou não, seu plano não fora ruim. Fora mal executado por agentes desapaixonados, prejudicados pela predileção momentânea de Dona Fatalidade pela América, mas — disse a si mesmo novamente —, fora um bom plano. Ele teria outra chance para provar isso. Graças a Dama Fatalidade. O pensamento provocou um sorriso fino e um olhar distante, enquanto sua mente sondou o futuro e gostou do que viu. Ele torceu para que o telefone demorasse algum tempo para tocar. Precisaria mergulhar ainda mais fundo em sua mente, o que ficaria mais fácil sem interferência. Depois de mais um momento de meditação, ocorreu-lhe que o objetivo real de seu plano fora alcançado. Desejara aleijar a América, e aleijada ela estava. A bem da verdade, não da forma como escolhera, mas ainda assim estava enfraquecida. Mais enfraquecida do que sonhei? perguntou a si próprio.

Sim.

E isso significava que o jogo poderia prosseguir.

Dama Fatalidade brincara com o desenrolar da História. Na verdade, ela não era amiga ou inimiga de nenhum homem. Ou era? O homem bufou. Talvez ela apenas tivesse senso de humor.

Para outra pessoa, a emoção foi de raiva. Dias antes, ela passara pela humilhação, amarga humilhação, de ouvir de um estrangeiro — um simples ex-governador de província! — o que sua nação soberana devia fazer. Ela tomara muito cuidado, obviamente. Tudo fora executado com extrema habilidade. O governo em si não esteve implicado em nada mais do que exercícios navais extensivos em mar aberto, que era, evidentemente, livre para a passagem de todos. Nenhuma carta de ameaça foi remetida, nenhum comentário oficial foi feito, nenhuma posição foi tomada. No que lhe dizia respeito, os americanos fizeram uma tempestade em copo d'água ao convocar uma reunião do Conselho de Segurança, no qual nada houve para ser dito, porque nenhuma ação oficial tinha sido realizada, e seu país não fizera qualquer declaração. O Japão não fizera nada mais do que exercícios, certo? Exercícios pacíficos. Obviamente, esses exercícios ajudaram a enfraquecer o poder americano sobre o Japão... mas ela não poderia ter previsto isso, poderia? Claro que não.

Naquele exato momento, tinha o documento sobre sua mesa: o momento requeria restaurar a frota à sua plena capacidade. Mas, não, pensou, balançando a cabeça, isso não seria suficiente. Nem ela, nem seu país, poderiam agir sozinhos agora. Isso lhes custaria tempo e amigos, mas o país tinha necessidades, e seu trabalho era satisfazer essas necessidades. Seu trabalho não era aceitar comandos de outros, certo? Certo.

Ela também bebeu chá, de um refinada xícara chinesa, com açúcar e um pouco de leite, ao estilo inglês, uma herança de seu berço e educação, que, juntamente com paciência, levaram-na até este cargo. De todas as pessoas em torno do mundo assistindo à mesma imagem, da mesma rede de satélites, ela provavelmente era quem entendia melhor a oportunidade, o quão vasta e atraente podia ser. E como era bem-vinda essa oportunidade, tão pouco depois de ter sido humilhada neste mesmo gabinete. Por um homem que agora estava morto. Era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada, não era?

Era.

— Isto é assustador, Sr. C.

Domingo Chavez esfregou os olhos. Estava acordado fazia mais horas do que seu cérebro, desorientado por diferenças de fuso horário, era capaz de computar. Tentou organizar os pensamentos. Estava deitado no sofá de sua sala, os pés descalços apoiados na mesinha de centro. As mulheres da casa estavam acordadas, uma em antecipação ao trabalho no dia seguinte, a outra estudando para uma prova na escola. A outra não se dera conta de que talvez não houvesse aula no dia seguinte.

— Diga-me o motivo, Ding — comandou John Clark.

O momento de se preocupar com as habilidades relativas de diversas personalidades da televisão passara, e seu jovem parceiro estava, afinal, concluindo seu mestrado em relações internacionais.

Chavez falou sem abrir os olhos.

— Acho que nada assim já aconteceu em tempos de paz. O mundo não está tão diferente do que na semana passada, John. Semana passada, a coisa estava realmente complicada. Nós mais ou menos que vencemos a guerra na qual estávamos, mas o mundo não mudou muito, e não estamos mais fortes do que antes, estamos?

— A natureza abomina o vácuo? — disse John, em tom calmo.

— Algo assim. — Chavez bocejou. — E que o céu caia sobre a minha cabeça se não estamos num vácuo agora.

— Não consegui muita coisa, não é mesmo? — perguntou Jack, num tom de voz a um só tempo calmo e triste.

Os acontecimentos estavam começando a atingi-lo. E com força. Ainda via um fulgor dourado lá fora, embora agora estivesse subindo mais vapor do que fumaça ao céu. A visão mais deprimente eram os objetos que estavam sendo levados para o prédio. Sacos de tecido emborrachado com alças nas extremidades e uma espécie de zíper no meio. Sacos para corpos. Montes deles, e alguns estavam saindo agora, carregados por pares de bombeiros serpeando ao longo da escadaria coalhada de escombros.

Acabara de começar, e não terminaria tão cedo. Ele não vira um único corpo em seus poucos minutos lá dentro. Por algum motivo, ver os primeiros sacos era muito pior.

— Não, senhor — respondeu a agente Price, que trazia no rosto o mesmo tipo de expressão de Jack. — Isso não foi bom para o senhor.

— Eu sei. — Ryan assentiu e olhou para outro lado.

“Não sei o que fazer. Onde está o manual e o curso de treinamento para este emprego? Com quem me consulto? Que direção devo tomar?”

“Não quero este emprego, gritou sua mente para si mesma. Ryan repreendeu-se pela venalidade do pensamento, mas viera a este lugar hediondo para realizar uma espécie de demonstração de poder, marchando diante de câmeras de TV como se soubesse o que estava fazendo — o que era uma mentira. Talvez não uma mentira maliciosa. Apenas estúpida. Caminhe até o chefe dos bombeiros e pergunte como as coisas estão indo, como se qualquer pessoa com segundo grau não pudesse adivinhar isso!”

— Estou aberto a sugestões — disse Ryan, finalmente.

A agente especial Andréa Price respirou fundo e satisfez a fantasia de cada agente do Serviço Secreto americano dali até Pinkerton: — Presidente, o senhor precisa deixar de fazer... — ela não podia ir tão longe —... coisas impensadas. Há coisas que pode fazer, e coisas que não pode. O senhor tem pessoas trabalhando ao seu lado. Para começar, senhor, descubra quem são essas pessoas e deixe que façam seu trabalho. Então, talvez, o senhor possa fazer o seu.

— De volta para a Casa?

— É onde ficam os telefones, presidente.

— Quem é o chefe da segurança presidencial?

— Andy Walker.

Price não precisava dizer onde ele estava agora. Ryan baixou os olhos para ela e tomou sua primeira decisão como presidente dos Estados Unidos.

— Acaba de ser promovida. Price assentiu.

— Siga-me, senhor.

Price ficou satisfeita em descobrir que este presidente, como todos os outros, podia aprender a seguir ordens. Ao menos durante parte do tempo.

Haviam andado apenas alguns metros quando Ryan tropeçou num montículo de neve e caiu, para ser levantado por dois agentes. Isso apenas o fez parecer mais vulnerável. Um fotógrafo captou o momento, concedendo à Newsweek sua foto de capa da semana seguinte.

— Estamos vendo o presidente Ryan deixando o Capitólio no que parece um veículo militar, não um carro do Serviço Secreto. O que acha que ele fará agora? — indagou o âncora.

— Com todo respeito para com o homem, duvido que ele saiba no momento — disse John, o comentarista.

Uma fração de segundo mais tarde, aquela opinião atravessou o globo, para a anuência geral de todos os tipos de pessoas. Amigas e inimigas.

Uma coisa precisava ser feita rapidamente. Ele não sabia se era uma coisa direita — bem, ele sabia, e não era —, mas em momentos de emergência as regras ficam um pouco turvas. Descendente de uma família política cujo serviço público remontava a algumas gerações, estava na vida política praticamente desde que deixara a faculdade I — direito, que era outra forma de dizer que não tivera um emprego de verdade a vida inteira. Talvez tivesse pouca experiência prática em economia, exceto como seu beneficiário os administradores financeiros de sua família trabalhavam com competência suficiente para jamais importuná-lo, exceto na temporada de impostos. Talvez jamais tivesse exercido a advocacia — embora tivesse influenciado literalmente milhares de leis. Talvez jamais tivesse servido ao país num uniforme — embora se considerasse um especialista em segurança nacional. Talvez jamais tivesse feito um monte de coisas, mas conhecia política, porque essa fora sua profissão durante toda sua vida — se o termo

profissão era adequado — e, num momento como este, o país precisava de alguém que realmente entendesse de política. O país precisa tratar seus ferimentos, pensou Ed Kealty. E ele Kealty tinha como fazer isso.

Assim, tirou o telefone do gancho e discou um número. — Cliff, aqui é o Ed...

Começando Agora

O centro de emergência do FBI, no quinto andar do edifício Hoover, é uma sala de forma estranha, ligeiramente triangular e surpreendentemente pequena, com espaço apenas para cerca de 15 pessoas. A 16 a chegar, sem gravata e usando roupas de passeio, foi Daniel E. Murray, o vice-diretor assistente. O oficial superior era seu velho amigo, o inspetor Pat O'Day. Homem grande e enrugado, cujo hobby era a criação de gado de corte em sua casa no norte da Virgínia, este cowboy nascera e fora educado em New Hampshire. O'Day tinha um telefone no ouvido, e a sala estava incrivelmente quieta para uma sala de crise durante uma crise legítima. Um leve meneio de cabeça e um gesto com a mão permitiram a entrada de Murray. O agente esperou que O'Day concluísse o telefonema.

— O que está acontecendo, Pat?

— Estava falando ao telefone com a Base Aérea de Andrews. Eles têm fitas gravadas do radar e coisas do tipo. Mandei vir agentes do Escritório de Campo de Washington para entrevistar o pessoal da torre. A NTSB também mandará pessoas para ajudar. Nossa primeira impressão é de que um 747 da Japan Airlines deu uma de kamikase. Os homens da base aérea de Andrews disseram que o piloto declarou uma emergência e passou direto sobre a pista de pouso, desviou um pouco para a esquerda e... bem... — O'Day deu de ombros. — Tem gente do ECW agora no Capitólio, dando início às investigações. Pressuponho que isto irá para os registros como um incidente terrorista, o que nos concede jurisdição.

— Onde está o diretor? — perguntou Murray, referindo-se ao diretor-assistente do gabinete do FBI em Washington, situado em Buzzard's Point, no rio Potomac.

— Em férias. Está com Angie, em Santa Lúcia. Tony Caruso teve um puto azar— resmungou o inspetor. Tony Caruso retornara de férias apenas três dias antes do acidente. — Um monte de gente teve azar. A contagem de corpos vai ser grande, Dan. Muito pior que a de Oklahoma. Emiti um alerta geral para todos os legistas. A coisa foi tão feia que teremos de identificar muita gente pelo DNA. E os malditos jornalistas estão perguntando como a Força Aérea deixou uma coisa dessas acontecer.

Um meneio de cabeça acompanhou a conclusão. O'Day precisava de alguém sobre quem descarregar sua raiva, e os comentaristas de TV eram o alvo mais atraente no momento.

National Transportation Safety Board — Junta Nacional de Segurança no Transporte. (N, do T.) — Mais alguém que conhecemos? Pat balançou a cabeça.

— Não. Isso vai demorar, Dan.

— E Ryan?

— Esteve no Capitólio enquanto devia estar a caminho da Casa Branca. Foi captado pelas câmeras de TV. Ele parece um pouco abalado. Nossos irmãos e irmãs no Serviço Secreto também estão tendo uma noite daquelas. O sujeito com quem falei há dez minutos quase saiu do sério. Acabaremos entrando em conflito sobre quem deve conduzir a investigação.

— Fantástico — grunhiu Murray. — Vamos deixar o procurador-geral decidir isso... — Mas não havia um procurador-geral, assim como também não havia um secretário do Tesouro para quem pudesse telefonar.

O inspetor O'Day esperava não entrar em conflito com o Serviço Secreto.

Um estatuto federal conferia ao Serviço Secreto a autoridade de agência líder na investigação de qualquer ataque ao presidente. Mas outro estatuto federal conferia ao FBI a jurisdição sobre atividades terroristas. E, é claro, o estatuto local para assassinatos também conferia jurisdição à Polícia Metropolitana de Washington. Por enquanto a responsabilidade principal caberia à NTSB — até prova em contrário, aquilo havia sido um acidente aéreo horrível, e isso era apenas o começo. Cada agência tinha autoridade e perícia. O Serviço Secreto — menor que o FBI e dispendo de menos recursos — contava com alguns investigadores soberbos e alguns dos melhores técnicos. A NTSB sabia mais sobre acidentes aéreos que qualquer outra organização no mundo. Mas o FBI precisava ser a agência líder desta investigação, certo? — pensou Murray.

Exceto que o diretor Shaw estava morto, e sem ele para mexer os pauzinhos... Deus, pensou Murray. Ele e Bill cursaram juntos a Academia. Trabalharam no mesmo esquadrão como agentes de rua novatos na Filadélfia, caçando assaltantes de banco...

Pat leu a expressão de Murray e assentiu.

— Sim, Dan. Não temos tempo para nos recuperar. Estamos com o anzol na garganta.

Ele estendeu uma folha de bloco com uma lista escrita à mão. Ela trazia as baixas confirmadas até o momento.

Um ataque nuclear não teria nos atingido tanto, apercebeu-se Murray enquanto lia os nomes. Uma crise em desenvolvimento teria possibilitado um alerta estratégico; lenta e silenciosamente, figuras-chave teriam sido retiradas de Washington para vários locais seguros. Muitos teriam sobrevivido, e depois do ataque haveria algum tipo de governo para juntar os pedaços. Mas agora não.

Ryan viera à Casa Branca mil vezes, para visitar o presidente, entregar relatórios e participar de reuniões importantes. Mais recentemente, viera à Casa Branca para trabalhar em seu próprio gabinete como conselheiro de Segurança Nacional. Esta era a primeira vez que ele não precisava mostrar sua identificação e caminhar através de detectores de metal. Na verdade, ele passou direto por um, por força do hábito, mas desta vez, quando a campainha foi acionada, ele continuou andando, sem sequer colocar a mão no bolso para tirar as chaves. A diferença em comportamento dos agentes do Serviço Secreto era impressionante. Como todos, sentiam-se aliviados por estar num ambiente familiar, e embora o país inteiro tivesse acabado de aprender uma lição sobre o quão ilusória pode ser a segurança, a ilusão era suficientemente real para que profissionais treinados se sentissem mais à vontade dentro da substância de uma mentira. Quando o cortejo passou pela entrada principal, armas foram alojadas em seus coldres, casacos foram abotoados, e foram ouvidos longos suspiros de alívio.

Uma voz interior disse a Jack que esta agora era sua casa, mas ele não tinha nenhum ânimo para acreditar nisso. Os presidentes gostavam de chamá-la de Casa do Povo — descrevendo, com falsa modéstia, um lugar pelo qual alguns teriam pisoteado os próprios filhos —, insinuando que estar aqui, afinal de contas, não era uma grande conquista. Se mentiras pudessem manchar as paredes, este prédio teria um nome muito diferente. Mas também havia grandeza aqui, e isso intimidava mais que a mesquinhez dos políticos. Aqui, James Monroe promulgara a Doutrina Monroe e impulsionara seu país rumo ao mundo estratégico. Aqui, Lincoln mantivera a pátria coesa puramente através de sua força de vontade. Aqui, Teddy Roosevelt concedera à América influência no jogo global, e mandou sua Grande Frota Branca ao redor do mundo para proclamar o sonho americano. Aqui, o primo distante de Teddy salvara o país do caos e do desespero interno, falando com sua voz anasalada enquanto segurava uma cigareira. Aqui, Eisenhower exercera poder com tamanha habilidade que dificilmente alguém teria notado que ele não estava fazendo nada. Aqui, Kennedy saíra vitorioso em suas negociações com Krushchev, o que acobertou uma série de erros crassos. Aqui, Reagan tramara a destruição do inimigo mais perigoso da América, apenas para ser acusado de passar a maior parte do tempo dormindo. No fim, o que contava mais — as conquistas ou os segredinhos sujos de homens imperfeitos que deram passos

efêmeros para além de sua fraquezas? Os pequenos passos constituíram a História americana, enquanto o resto foi, em sua maior parte, esquecido — exceto por historiadores revisionistas que não entendem que as pessoas não foram feitas para ser perfeitas.

Ainda assim, esta não era a sua casa.

A entrada era uma espécie de túnel, que se estendia sob a Ala Leste, onde a primeira-dama — até noventa minutos atrás, Anne Durling — mantinha seu escritório. Por lei, a primeira-dama era uma civil — denominação estranha para a chefe de uma equipe paga pelo governo —, mas suas funções costumavam ser imensamente importantes, ainda que oficiosas. Aqui, as paredes são de museu, não de casa, refletiu Ryan enquanto o cortejo passava diante do pequeno cinema da Casa Branca, onde o presidente podia assistir a filmes com mais de uma centena de amigos íntimos. Havia diversas esculturas, muitas de Frederic Remington, e o tema geral era puramente americano. As pinturas eram retratos de presidentes. Seus olhos sem vida pareciam fixar Ryan diretamente, com suspeita e dúvida. Todos os homens que moraram nesta casa, bons e maus, julgados positiva ou negativamente pelos historiadores, estavam olhando para ele...

Sou um historiador, disse Ryan a si mesmo. Escrevi alguns livros. Julguei as ações de outros a uma distância segura em termos de tempo e espaço. Por que não viu isso? Por que ele não fez aquilo? De súbito, Ryan se arrependeu dessa postura. Agora ele estava no cerne da História e vê-la por dentro era bem diferente. Olhando por fora, podem-se analisar todos os lados de cada questão, demorar o tempo necessário em cada gota de informação, e até mesmo recuar no tempo para melhor entender o quadro geral. Olhando por fora, o tempo farto permite decidir pelas opções certas.

Mas isso não era possível quando se olha por dentro. Aqui tudo investe em sua direção como se você estivesse no cruzamento de uma ferrovia, com uma série de trens vindo de todas as direções ao mesmo tempo, movendo-se segundo seus próprios horários, deixando-lhe pouco espaço para manobras ou reflexões. Ryan já podia sentir isso. E as pessoas nas pinturas chegaram a este lugar com o luxo do tempo para pensar sobre sua ascensão, com o luxo de contar com conselheiros de confiança, com o luxo de estar aqui por opção do povo. Ryan não tinha nenhum desses benefícios. Contudo, para os historiadores, bastaria o esforço de traçar uma página ou um breve parágrafo para proceder a uma análise impiedosa.

Jack sabia que todas as suas palavras e ações seriam submetidas a um escrutínio profundo — e não apenas deste momento em diante. As pessoas agora olhariam para o passado em busca de informações sobre sua personalidade, suas crenças, suas ações boas e más. Desde o momento que aquele avião colidiu com o Capitólio, ele era presidente, e cada respiração que dera seria examinada a uma luz nova e inclemente pelas futuras gerações. Em sua vida diária, não conheceria a privacidade, e mesmo em morte não estaria salvo do escrutínio de pessoas que não faziam ideia do que era caminhar nesta imensa casa-escritório-museu e saber que ela seria sua prisão pela eternidade. As grades talvez fossem invisíveis, mas era exatamente isso que as tornava mais reais.

Muitos homens sonharam com este emprego, apenas para descobrir quão horrível e frustrante ele era. Jack sabia disso, graças aos seus estudos e ao relacionamento pessoal com três homens que ocuparam o Salão Oval. Eles, pelo menos, vieram para cá com os olhos supostamente abertos, e talvez pudessem ser culpados por ter mentes menores que seus egos. O quanto seria pior para alguém que jamais desejara essa posição? E a História julgaria Ryan com mais clemência por isso? Esse pensamento mereceu um risinho cínico.

Não. Ryan viera a esta Casa numa época em que seu país precisava, se não satisfizesse suas necessidades, todas as gerações futuras o condenariam como um fracassado, ainda que tivesse chegado a esta posição por acidente condenado por um homem, agora morto, a fazer o trabalho com o qual outro homem sonhara.

Para o Serviço Secreto, era hora para relaxar um pouco. Não sabem a sorte que têm, — pensou Ryan,

permitindo-se um pouco de amargura, justa ou não. O trabalho dos agentes era proteger o presidente e sua família. O trabalho de Ryan era proteger os agentes e suas famílias, assim como milhões de outras.

— Siga-me, presidente — disse Price.

Ela dobrou à esquerda, entrando no corredor do térreo. Aqui, Ryan viu pela primeira vez o corpo de empregados da Casa Branca, parados para conhecer seu novo patrão, o homem a quem deveriam servir com o máximo de dedicação.

Como todos os outros, simplesmente ficaram parados sem saber o que dizer, avaliando o homem sem revelar o que pensavam, embora decerto logo fossem trocar opiniões na privacidade de seus aposentos ou refeitórios. A gravata de Jack ainda estava torta. E ele ainda usava a jaqueta de bombeiro. O jorro de água que congelara em seus cabelos dera a eles uma aparência injustamente grisalha, e estava derretendo. Um dos membros do corpo de empregados sumiu de vista enquanto o cortejo prosseguia rumo a oeste. Reapareceu um minuto depois, correndo através da equipe de segurança, e deu uma toalha a Ryan.

— Obrigado — disse Ryan, surpreso.

Permaneceu imóvel por um momento antes de começar a enxugar o cabelo.

Foi quando viu um fotógrafo apontando a câmera para ele, batendo fotos com toda tranquilidade. O Serviço Secreto não o impediu. Isso, pensou Ryan, fazia dele um membro do quadro de funcionários, o fotógrafo oficial da Casa Branca, cujo trabalho era registrar tudo. Maravilha, minha própria gente me espiona!

Mas não era hora de tentar mudar nada, era?

— Para onde vamos, Andréa? — perguntou Jack enquanto passavam por mais retratos de presidentes e primeiras-damas, todos olhando para ele.

— O Salão Oval. Eu pensei...

— Sala de Situação — disse Ryan, parando de repente, ainda enxugando o cabelo. — Não estou preparado para essa sala ainda, certo?

— Claro, Sr. Presidente.

No final do corredor largo, dobraram à esquerda e entraram num vestíbulo revestido com madeira de aparência barata. Dali dobraram à direita, saindo novamente da Casa. Não havia um corredor da Casa Branca até a Ala Oeste.

Foi por causa disso que ninguém tirou os casacos, pensou Ryan.

— Café — pediu Jack.

Pelo menos a comida aqui seria boa. O refeitório da Casa Branca era dirigido por serviços da Marinha; seu primeiro café presidencial veio numa chaleira de prata foi servido numa xícara belíssima, por um marinheiro cujo sorriso era a um só tem (profissional e genuíno). Como todos os outros, o marinheiro estava curioso com o novo Patrão. Ocorreu a Ryan que ele era como um animal no zoológico. Interessante, até fascinante... e será que se adaptaria à sua nova jaula?

Mesma sala, poltrona diferente. O presidente sentava-se centralizado à mesa, de modo que auxiliares pudessem juntar-se a ele em ambos os lados.

Ryan escolheu seu lugar e o ocupou com naturalidade. Afinal de contas, era apenas uma poltrona. Os adornos do poder eram simplesmente coisas, e o poder em si era apenas uma ilusão, porque era sempre acompanhado por obrigações ainda maiores. Os adornos podiam ser vistos. O poder, apenas sentido. Essas obrigações vinham com o ar, que subitamente pareceu pesado na sala sem janelas. Jack bebericou seu café, olhando em torno. O relógio da parede marcava 23:14. Era presidente havia... o quê? Noventa minutos?

Aproximadamente o mesmo tempo que demorava para ir de sua casa para... sua nova casa... dependendo do tráfego.

— Onde está Arnie?

— Bem aqui, presidente — disse Arnold van Damm ao passar pela porta.

Chefe de gabinete de dois presidentes, Arnie agora estabeleceria um recorde, auxiliando um terceiro. Seu primeiro presidente renunciara em desgraça. O segundo estava morto. O terceiro seria o da sorte... ou coisas ruins vêm em trios? Dois adágios, mutuamente exclusivos. Os olhos de Ryan cruzaram com os de Arnie, exprimindo a pergunta que ele não podia expressar: Que faço agora?

— Boa a sua declaração à TV. Acima da média.

O chefe de gabinete sentou-se do outro lado da mesa. Parecia calmo e competente, como sempre, e Ryan não refletiu sobre o esforço que isso exigia de um homem que perdera mais amigos do que ele.

— Nem tenho certeza do que disse — replicou Jack, vasculhando em sua mente lembranças já desvanecidas.

— Isso é normal em discursos de improviso — condescendeu van Damm. — Foi muito bom. Sempre considere seus instintos ótimos. Vai precisar deles.

— Primeira coisa?

— Os bancos, a bolsa de valores e todas as repartições públicas estão fechadas. Devem ficar assim até o final da semana, talvez mais. Precisamos planejar um funeral de Estado para Roger e Anne. Uma semana de luto nacional, provavelmente um mês com as bandeiras a meio pau. Tínhamos também alguns embaixadores no plenário. Isso significa que uma tonelada de atividade diplomática nos aguarda.

— Quem...

— Temos uma equipe de cerimonial, Jack — disse van Damm. — Eles já estão em seus cubículos trabalhando nisso para você. Temos uma equipe de redatores de discursos que prepararão as suas declarações oficiais. Nossos assessores de imprensa irão querer vê-lo... o que quero dizer com isso é que terá de aparecer em público. Você terá de reconfortar as pessoas. Terá de instilar confiança...

— Quando?

— O mais tardar, durante a programação matutina da CNN e de todas as redes. Eu preferiria gravarmos no máximo daqui a uma hora, mas não precisamos disso. Podemos nos desculpar dizendo que está atarefado. E isso será verdade — prometeu Arnie. — Terá de receber instruções sobre o que poderá e o que não poderá dizer diante das câmeras. Instruiremos os jornalistas sobre o que podem e o que não podem perguntar e, numa situação como esta, eles provavelmente irão cooperar. Conte com uma semana de tratamento gentil.

Essa será a sua lua de mel com a imprensa, e só durará isso.

— E depois?

— Depois será o presidente Que caiu do Céu e terá de agir como tal, Jack — disse Damm, com aspereza. — Você não precisava fazer o juramento, lembra disso?

Essas palavras fizeram a cabeça de Ryan balançar enquanto sua visão periférica captava as expressões pétreas das outras pessoas no recinto — todas do Serviço Secreto. Ele era o novo Patrão, e, no momento, seus olhos não diferiam daqueles nos retratos dos presidentes. Eles contavam com ele para fazer a coisa certa. Iriam apoiá-lo e protegê-lo de outros e de si mesmo, mas linha de fazer seu serviço. Também não o deixariam fugir de suas responsabilidades. O Serviço Secreto tinha o dever para protegê-lo de risco físico, Arnie van Damm tentaria protegê-lo de perigos políticos. Outros funcionários da Casa Branca também iriam protegê-lo e servi-lo. Os serviços iriam alimentá-lo, passariam suas camisas, fariam seu café. Mas nenhum deles permitiria que Ryan fugisse, nem de seu lugar, nem de suas responsabilidades.

Era realmente uma prisão.

Mas o que Arnie acabara de dizer era verdade. Ele poderia ter recusado fazer o juramento, poderia... Não, pensou Ryan, olhando o tampo polido da mesa de carvalho. Se tivesse se negado a fazer o juramento, teria passado à História como um covarde. Ou pior: para o resto da vida, teria considerado a si mesmo um covarde, por ter na consciência um inimigo mais implacável que qualquer estrangeiro. Era de sua natureza olhar no espelho e jamais sentir-se completamente orgulhoso. Ainda que fosse um homem

bom — e sabia que era —, jamais se consideraria bom o bastante. Afinal, ele usava ou era usado pelos valores que aprendera com seus pais, professores, instrutores da Marinha, pessoas que conhecera e perigos que enfrentara? Que o trouxera até aqui? Que fizera dele o que era — e quem era, de fato, John Patrick Ryan? Olhou para cima. Correu os olhos pela sala, perguntando-se quem eles pensavam que ele era. Mas eles também não sabiam. Agora era o presidente. O líder com quem contavam, o homem que faria discursos cujas implicações seriam meticulosamente analisadas; o homem que decidiria o que os Estados Unidos da América iriam fazer, e depois seria julgado por outros que não sabiam realmente do que estavam falando. Mas essa não era a definição de uma pessoa.

Era uma descrição das funções de um cargo. Era preciso haver, dentro desse cargo, um homem — ou, num dia não muito distante, uma mulher — que pensasse cuidadosamente e tentasse fazer a coisa certa. E no caso de Ryan, menos de uma hora e meia atrás, a coisa certa fora fazer o juramento. E tentar dar o melhor de si. O julgamento da História seria menos importante que o julgamento de si próprio; menos importante do que a imagem que veria no espelho até o fim da vida. A prisão verdadeira era, e sempre seria, ele mesmo.

Droga.

O incêndio finalmente estava extinto, analisou o chefe Magill. Seus homens teriam de ser cuidadosos. Sempre haveria locais quentes, onde o fogo morrera não pela ação da água, mas pela ausência de oxigênio, e aguardaria pela chance de inflamar novamente, para surpresa e morte dos incautos. Mas seus homens eram cuidadosos, e aquelas pequenas chamas de vida malévola não seriam importantes no quadro geral. As mangueiras já estavam sendo enroladas, e alguns de seus homens levavam os caminhões de volta aos quartéis do Corpo de Bombeiros. Para esta ocorrência, Magill privara a cidade inteira de seus recursos contra incêndios, e precisava devolver a maior parte. Assim, no caso de outras ocorrências, o fogo não se espalharia por falta de aparatos de incêndio, e não haveria mais mortes desnecessárias.

Agora estava cercado por outras pessoas, todas usando jaquetas de vinil com grandes letras amarelas proclamando quem eram. Havia um contingente do FBI, e outros do Serviço Secreto, da Polícia Metropolitana de Washington, do NTSB e da Secretaria do Álcool, Tabaco e Armas de Fogo do Departamento do Tesouro, além de seus próprios investigadores de incêndios; todos procuravam alguém que ficasse no comando, de modo que pudessem alegar estar comandando a si próprios. Em vez de realizar uma reunião informal e estabelecer sua própria cadeia de comando, permaneciam em pequenos círculos homogêneos, provavelmente esperando por alguém que lhes dissesse como dirigir as coisas. Magill balançou a cabeça. Já vira isso acontecer antes.

Os corpos estavam saindo mais rápido agora. No momento estavam sendo levados para o arsenal militar de Washington, a cerca de um quilômetro e meio ao norte do Capitólio, logo depois da ferrovia. Magill não invejava as equipes de identificação, embora ainda não tivesse descido até a cratera — era como denominava o plenário no momento — para aferir a gravidade da situação lá embaixo.

— Chefe? — disse uma voz às suas costas. Magill virou-se.

— Sim?

— NTSB. Podemos começar a procurar pelo gravador do avião? — O homem apontou para a cauda do aparelho.

Embora o estabilizador vertical da aeronave não estivesse intacto, era possível discerni-lo e o gravador, conhecido como caixa preta — na verdade pintada de cor de abóbora —, estaria em alguma parte ali. A área estava bastante limpa. A maior parte do estabilizador vertical fora arremessada na direção oeste e havia uma chance de recuperá-lo rapidamente.

— Certo — disse Magill, gesticulando para que dois bombeiros acompanhassem a equipe de averiguação de acidentes.

— Você pode mandar seu pessoal não mover as partes da aeronave a não ser quando extremamente

necessário? Precisamos reconstituir o evento, e isso fica muito mais fácil se as peças estiverem no local.

— As vítimas... os corpos vêm em primeiro lugar — frisou Magill. O agente federal assentiu com expressão pesarosa. Aquilo não estava sendo divertido para ninguém.

— Compreendo. Mas se encontrarem a tripulação, por favor, não toquem nos corpos. Ligue para a gente e cuidaremos disso, certo?

— Como iremos distingui-los?

— Camisas brancas, casacos com ombreiras e faixas. E provavelmente são japoneses.

Isso poderia ter soado absurdo, mas não soou. Magill sabia que corpos frequentemente sobreviviam a quedas de avião nas condições mais surpreendentes, tão intactos que apenas um olho treinado podia ver os sinais de ferimentos fatais na primeira inspeção. Isso frequentemente perturbava os civis que geralmente eram os primeiros a chegar na cena. Era muito estranho que o corpo humano parecesse mais robusto que a vida que ele continha. Mas também havia uma certa clemência nisso, pois seus parentes eram poupados da provação de identificar um pedaço de carne cortada e queimada; porém, essa clemência era contrabalançada pela crueldade de ter de reconhecer alguém que não podia falar com você. Magill balançou a cabeça e fez um de seus homens de confiança passar a ordem especial.

Os bombeiros lá embaixo já tinham muitas ordens especiais para seguir. A primeira, claro, fora localizar e remover o corpo do presidente Roger Durling.

Tudo era secundário a isso, e uma ambulância especial estava parada, esperando apenas pelo corpo do presidente. Até mesmo a primeira-dama, Anne Durling, precisaria, pela última vez, esperar um pouco mais para estar com seu marido. Na extremidade mais distante do prédio, um guindaste de construção manobrava para erguer os blocos de pedra que soterravam a área do pódio como cubos alfanuméricos largados por uma criança em sua caixa de brinquedos; àquela luz enganadora, para a ilusão ficar perfeita só faltavam números e letras pintados nas faces dos cubos.

Havia gente afluindo em bandos para todos os departamentos governamentais, especialmente oficiais de alto escalão. Era raríssimo as vagas de estacionamento VIP ficarem ocupadas à meia-noite, mas hoje estavam, e o Departamento de Estado não era exceção. Os funcionários de segurança também foram convocados, porque um ataque a uma agência governamental era um ataque a todas, e não importava que a natureza do ataque anulasse a vantagem de convocar pessoas armadas com pistolas. Quando A acontecia, B resultava, porque estava escrito em algum lugar que B era o que você tinha de fazer. Os homens armados olhavam uns para os outros e balançavam a cabeça, sabendo que receberiam hora extra, vantagem que tinham sobre os figurões que chegavam correndo de suas casas em Chevy Chase e nos subúrbios da Virgínia, entravam no prédio e lá ficavam simplesmente jogando conversa fora.

Uma dessas pessoas encontrou sua vaga de estacionamento no porão e usou um cartão magnético para ativar o elevador VIP até o sétimo andar. O que tornava esse homem diferente era que ele tinha uma missão naquela noite, embora viesse questionando-a desde que saíra de sua casa em Great Falls. Seria uma prova de coragem, embora o uso desse termo fosse discutível. Mas que opção ele tinha? Devia tudo a Ed Kealty: nua posição na sociedade de Washington, sua carreira no Estado, tantas outras coisas importantes. Naquele momento, o país precisava de alguém como Ed. Era isso que Ed dissera-lhe, enfatizando a proposta, e o que ele estava fazendo era... quê? No carro, uma voz em sua mente dissera que aquilo era traição. Mas não, aquilo não podia ser chamado de traição. Traição era o único crime definido na Constituição, citado nela como o ato de conferir auxílio e conforto a inimigos do país, e fosse o que fosse que Ed Kealty estivesse fazendo não era isso. Era?

Depois de muita reflexão, a lealdade acabara falando mais forte. Ele, como muitos outros, era um seguidor de Ed Kealty. O relacionamento começara em Harvard, em meio a cervejas, encontros duplos e fins de semana no iate da família dele, os bons tempos de uma juventude animada. Ele tinha sido o convidado proletário de uma das maiores famílias do país... por quê? Porque chamara a atenção de Ed.

Mas, ainda assim, por qual motivo? Não sabia, nunca perguntara, e provavelmente jamais descobriria. Amizade era isso.

Simplesmente acontecia, e apenas nos EUA um rapaz da classe proletária conseguiria uma bolsa em Harvard e ficaria amigo do primogênito de uma família importante. Mas provavelmente também teria se saído bem sozinho; devia a Deus sua inteligência, e aos pais o estímulo para desenvolver seus dons, assim como o aprendizado de boas maneiras e... valores. O pensamento fez seus olhos fecharem quando as portas do elevador abriram. Valores. Bem, lealdade era um desses valores, certo? Sem o apoio de Ed, ele seria, no máximo, o vice do secretário de Estado assistente. A palavra vice fora, havia muito, extirpada de seu título pintado em letras douradas na porta do escritório. Num mundo justo, ainda estaria trabalhando duro para remover também a palavra assistente do título, afinal de contas, era tão bom em política externa quanto qualquer outro no sétimo andar. Não conseguiria isso se não fosse um seguidor de Ed Kealty, ou se não tivesse frequentado as festas nas quais conhecera outras figuras influentes. Graças a Ed, chegara ao topo. E ganhara dinheiro. Ele jamais aceitara qualquer tipo de suborno, mas seu amigo instruíra-o a fazer os investimentos certos (os conselhos tinham vindo, na verdade, dos consultores de Ed, mas isso não importava), o que lhe permitira alcançar sua independência econômica e, a propósito, comprar uma casa de 464 m² em Great Falls, e colocar seu próprio filho em Harvard, sem bolsa, pois Clifton Rutledge III era agora o herdeiro de alguém, não um rapaz brilhante de uma família proletária.

Sem Ed, ele teria de fazer esse trabalho todo sozinho. Portanto, devia sua lealdade a Ed.

Isso suavizou um pouco o dilema de Clifton Rutledge II (na verdade, sua certidão de nascimento dizia Clifton Rutledge Júnior, mas JR não era um sufixo adequado para um homem de sua posição), subsecretário de Estado da pasta política.

O resto era apenas senso de oportunidade. O sétimo andar era sempre vigiado, ainda mais num momento como esse. Mas todos os guardas o conheciam, e era apenas uma questão de fazer parecer que ele sabia o que estava fazendo. Droga, disse Rutledge a si mesmo, ele poderia simplesmente fracassar, e esse talvez fosse o melhor resultado possível. Diria a Ed: Desculpe, mas o documento não estava lá... Perguntando-se se esse era um pensamento indigno, Rutledge parou diante da porta de seu escritório; ali ficou prestando atenção em passos cujo ritmo assemelhava-se ao das batidas de seu coração.

Haveria dois guardas no andar agora, em rondas separadas. A segurança não precisava ser muito rígida num lugar assim. Ninguém entrava no Estado sem um motivo. Mesmo durante o dia, quando os visitantes chegavam, eram escoltados para toda parte. A esta hora da noite, era ainda mais difícil entrar aqui. O número de elevadores em serviço era reduzido. Para chegar ao último andar, era necessário usar um cartão magnético, e um terceiro guarda ficava sempre na saída dos elevadores. Portanto, era apenas uma questão de senso de oportunidade. Rutledge olhou o relógio enquanto ouvia diversos ciclos regulares de passos, e aferiu que os intervalos eram regulares e duravam até dez segundos. Bom. Ele precisava apenas esperar o próximo intervalo.

— Oi, Wally.

— Boa noite, senhor — disse o guarda, que se retificou imediatamente: — Má noite.

— Faz um favor para a gente?

— Diga, senhor.

— Café. As secretárias não estão aqui para mexer nas máquinas. Será que você pode dar um pulinho no refeitório e pedir a um dos serventes que traga um bule? Diga pura deixarem na sala de conferências. Começaremos a reunião daqui a pouco.

— Perfeitamente justo. O senhor quer neste instante?

— Se for possível, Wally.

— Volto em cinco minutos, Sr. Rutledge.

O guarda afastou-se com passos determinados, dobrou à direita no fundo do corredor e sumiu de

vista.

Rutledge contou até dez e caminhou na outra direção. As portas duplas para o escritório do secretário de Estado não estavam trancadas. Rutledge atravessou o primeiro e; depois o segundo, acendendo as luzes no percurso.

Tinha três minutos. Metade ! Ele torcia para o documento estar trancado no cofre do escritório de Brett Hanson. Nesse caso ele fracassaria, porque apenas Brett, dois de seus assistentes e o chefe de segurança tinham a combinação, e o cofre disparava um alarme quando se tentava abri-la com a combinação errada.

Mas Brett havia sido um cavalheiro, um homem que confiava no próximo, o tipo de pessoa que jamais trancava seu carro ou mesmo sua casa, a não ser que sua esposa lhe pedisse. E se o documento estivesse fora do cofre, só poderia estar em dois lugares. Rutledge abriu a gaveta central da escrivaninha e encontrou o estojo usual de lápis, canetas baratas (Brett sempre as perdia) e clipes de papel. Um minuto se passou enquanto Rutledge vasculhava cuidadosamente a escrivaninha. Nada. quase aliviado, até examinar o tampo da mesa, quando quase soltou uma gargalhada. Bem ali, preso pela ponta sob a capa de couro de uma agenda, havia um envelope pardo sem selo, endereçado ao secretário de Estado. Rutledge puxou-o da agenda, segurando o envelope pelas bordas. Estava aberto. Levantou a aba do envelope e extraiu o conteúdo.

Uma única folha de papel com dois parágrafos datilografados. Nesse momento, Cliff Rutledge sentiu um arrepio. Até esse momento, o exercício havia sido inocente. Ele poderia simplesmente colocá-lo em seu lugar, esquecer que estivera aqui, exercer o telefonema, esquecer tudo. Dois minutos.

Será que Brett teria chegado a remeter o envelope? Possivelmente não. Ele fora um cavalheiro sob todos os aspectos. Jamais teria humilhado Ed daquela maneira. Ed tomou a atitude honrada de se demitir, e Brett reagiria honrosamente, apertando sua mão em um olhar decepcionado. Teria sido apenas isso. Dois minutos e quinze segundos.

Rutledge enfiou a carta no bolso de seu terno, caminhou até a porta, desligou as luzes e retornou ao corredor, parando diante da porta de seu próprio escritório. Aguardou meio minuto.

— Oi, George. — Olá, Sr. Rutledge.

— Acabei de pedir a Wally para nos trazer café.

— Boa ideia, senhor. Noite ruim, esta. É verdade que...

— Temo que sim. Brett provavelmente morreu junto com todos os outros., — Droga.

— Talvez seja uma boa ideia trancar o escritório dele. Acabei de verificar a porta e...

— Sim, senhor. — George Armitage tirou seu chaveiro e encontrou a chave.

— Ele era sempre tão...

— Eu sei — assentiu Rutledge.

— Há duas semanas encontrei o cofre do Sr. Brett aberto. Imagine que ele fechou a porta mas esqueceu de girar a combinação. — Balançou a cabeça. — Acho que ninguém nunca roubou nada dele, não é mesmo?

— Esse é um problema com o qual vocês da equipe de segurança precisam conviver — disse o subsecretário de Estado da pasta política. — Os figurões sempre são descuidados.

Que trabalho bonito. Quem foi o autor? A pergunta tinha uma resposta provisória. Os repórteres de TV, tendo pouco mais o que fazer, continuavam mandando seus câmeras focalizarem a cauda do avião. Ele lembrava bem da logomarca, tendo há muito participado de uma operação que explodira uma aeronave com a cegonha vermelha no leme. A única coisa que o impedia de apreciar inteiramente a cena era a inveja. Era uma questão de orgulho. Sendo um dos maiores terroristas do mundo — usava o título em sua própria mente, e se orgulhava dele, embora não pudesse dizê-lo em voz alta —, um evento como esse devia ter sido realizado por ele, não por algum amador. E só podia ter sido trabalho de um amador.

Um amador cujo nome descobriria no devido tempo, pela televisão, juntamente com todas as outras pessoas da terra. A ironia era sufocante. Desde a puberdade dedicava-se ao estudo e à prática da violência política, aprendendo, pensando, planejando — e executando esses atos, primeiro como participante, depois como líder. E agora, quê? Um amador ofuscara-o, um amador ofuscara todo o mundo clandestino ao qual pertencia. Seria embaraçoso, não fosse a beleza da cena.

Sua mente treinada examinava as possibilidades, e as conclusões chegaram depressa. Um único homem. Talvez dois. Contudo, era mais provável que fosse um. Como sempre, pensou balançando a cabeça, um homem disposto a morrer, a sacrificar-se pela Causa — qualquer que fosse —, podia ser mais formidável do que qualquer exército. No caso em questão, esse homem possuía habilidades especiais e acesso a recursos, e as duas coisas serviram-no bem.

Havia também a sorte e o fato de que um só homem levara a missão a cabo.

Era fácil para um único homem manter um segredo. Ele resmungou. Esse era o problema que sempre enfrentava. A parte realmente difícil era encontrar as pessoas certas, pessoas em quem podia confiar, que não se gabariam de seus feitos nem confiariam seus segredos a outros, pessoas que compartilhavam sua visão do que era uma missão, que tinham o mesmo tipo de disciplina que ele e que realmente estavam dispostas a arriscar a vida. O último critério era o preço do ingresso, algo que podia ser reconhecido com facilidade, mas que se tornava cada vez mais raro neste mundo em mudança. O poço secava, não havia por que negar. Tornava-se difícil achar pessoas realmente devotadas.

Sempre mais esperto e perceptivo que seus contemporâneos, eleja fora obrigado a participar de três operações reais, e embora tivesse na alma o aço necessário para fazer o que precisava ser feito, não sentia o impulso de repetir isso. Afinal de contas, era muito perigoso. Não que temesse as consequências de seus atos, mas terroristas mortos não podem desempenhar mais missões. O martírio era um risco para o qual estava sempre preparado, mas algo que realmente não procurava. Queria vencer, para tolher os benefícios de seus atos, para ser reconhecido como vitorioso, libertador, conquistador, para estar nos livros de História como algo mais que uma nota de rodapé. A missão bem-sucedida que aparecia na TV de seu quarto seria lembrada pela maioria das pessoas como uma coisa terrível, não como o ato de um homem, mas como algo semelhante a um desastre natural, porque, por mais elegante que fosse, não sei via a qualquer propósito político. Sorte não bastava. Era preciso ter um motivo, um resultado. Um ato bem-sucedido como esse só era válido se conduzisse a alguma outra coisa. Este, evidentemente, não conduzia a coisa alguma. E isso era lamentável. Não era sempre que...

Não, pensou o homem enquanto pegava o copo de suco de laranja e o bebericava tintes de permitir que sua mente prosseguisse. O que ele queria dizer com não era sempre? Isto jamais havia acontecido. Relembrando a História, podia dizer que assassinos já haviam conseguido derrubar ou pelo menos aleijar governos, mas isso sempre fora conseguido mediante a eliminação de um único homem, e apesar da bravura demonstrada pelo autor dessa missão, o mundo moderno era complexo demais. Mate um presidente ou um primeiro-ministro — mesmo um dos reis aos quais algumas nações tanto respeitavam — e haverá outro para ocupar a vaga. Como acontecera neste caso. Mas desta vez a situação era diferente. Não havia um gabinete para apoiar o novo homem, pura mostrar solidariedade, determinação e continuidade em seus rostos zangados. Se houvesse alguma coisa por trás desse ato, algo mais amplo e importante do que apenas destruir o Capitólio e os homens em seu interior, essa obra de arte teria sido ainda mais bela. A intenção da obra não podia ser mudada, mas como sempre acontece nos eventos desse tipo, havia muito que aprender com seu sucesso e fracasso, e as consequências, planejadas ou não, seriam muito, muito reais.

Nesse sentido, era trágico. Uma oportunidade fora desperdiçada. Se ao menos ele soubesse que isso aconteceria. Se ao menos o homem que conduzia o avião ao seu destino final tivesse deixado alguém saber o que estava planejando. Mas não era assim que os mártires agiam. Os imbecis precisavam pensar sozinhos, agir sozinhos, morrer sozinhos; e seu sucesso pessoal sempre redundava em fracasso no quadro

geral. Ou talvez não. As consequências ainda estavam para acontecer...

— Sr. Presidente? — Um agente do Serviço Secreto atendera o telefone.

Geralmente teria sido um recruta da Marinha, mas os membros da equipe de segurança ainda estavam abalados demais para deixar alguém de fora entrar na Sala de Situação. — FBI, senhor.

Ryan pegou o telefone no aparelho sob o tampo da mesa.

— Alô?

— Aqui é Dan Murray.

Jack quase sorriu ao ouvir uma voz familiar, a voz de um amigo. Ele e Murray tinham uma longa história juntos. Do outro lado, Murray deve ter querido dizer Oi, Jack, mas não deve ter conseguido falar de modo tão íntimo com o novo presidente. Mesmo que Jack o encorajasse, Murray iria se sentir desconfortável com isso, preocupado com o risco de começar a ser visto como um puxa-saco. Mais um obstáculo para uma vida normal, refletiu Jack. Até os seus amigos agora estavam se distanciando dele.

— O que é, Dan?

— Desculpe incomodá-lo, mas precisamos de orientação sobre quem está conduzindo a investigação. Tem um monte de gente dando ordens aqui na colina do Capitólio e...

— Unidade de comando — observou Jack, azedo. Ele não precisava perguntar por que Murray estava telefonando. Todas as pessoas de cargos subalternos que podiam decidir essa questão estavam mortas. — O que a lei diz a respeito?

— Na verdade, nada — replicou Murray. O desconforto em sua voz era evidente. Não queria incomodar o homem que já fora seu amigo; e ainda seria, em circunstâncias menos oficiais. Mas agora o que importava eram os negócios.

— Jurisdições múltiplas?

— Você nem imagina — confirmou Murray, assentindo com a cabeça do outro lado da linha.

— Acho que vamos classificar o caso como um incidente terrorista. Você e eu temos uma tradição nisso, não é mesmo?

— E como, senhor!

Senhor, pensou Ryan. Merda. Mas ele tinha outra decisão para tomar. Jack correu os olhos pela sala antes de responder.

— O FBI é a agência líder nesta investigação. Todos se reportarão a vocês.

Escolha um homem para conduzir as coisas.

— Sim, senhor.

— Dan?

— Sim, presidente?

— Quem é o encarregado do FBI agora?

— O diretor-associado é Chuck Floyd. Está em Atlanta para fazer um discurso e...

Depois dele haveria os diretores-assistentes, todos acima de Murray. Ryan interrompeu o amigo.

— Não o conheço. Conheço você. Até ordem em contrário, você é o diretor interino.

Jack sentiu que a pessoa no outro lado da linha ficou abalada.

— Eu... Jack, eu... — Eu também gostava de Shaw. O emprego é seu, Dan. — Sim, presidente.

Ryan recolocou o telefone no gancho e explicou o que acabara de fazer.

Price foi a primeira a objetar: — Senhor, qualquer ataque ao presidente está sob a jurisdição do...

Ryan cortou-a.

— Eles têm mais recursos, e alguém precisa estar no comando. Quero resolver tudo o mais depressa possível.

— Precisamos de uma comissão especial — disse Arnie van Damm.

— Encabeçada por quem? — inquiriu o presidente Ryan. — Um membro da Suprema Corte? Alguns senadores e congressistas? Murray é um profissional muito experiente. Escolheremos um bom... escolheremos quem for o membro mais experiente da Divisão Criminal do Departamento de Justiça para supervisionar a investigação. Andréa, encontre o melhor investigador no Serviço Secreto para ser o assistente-chefe de Murray. Não temos gente de fora para usar. Vamos dirigir isto por dentro. Escolhêramos as melhores pessoas e deixaremos que elas conduzam as coisas. Vamos demonstrar nossa confiança nas agências e em seu trabalho. — Fez uma pausa. — Quero que a investigação acabe o mais rápido possível, entenderam?

— Sim, Sr. Presidente.

A agente Price balançou a cabeça. Com o canto do olho, Ryan percebeu Arnie van Damm assentir em sinal de apreciação. Talvez estivesse fazendo alguma coisa direito, permitiu-se pensar. A satisfação durou pouco. Na parede à sua frente havia uma estante com vários televisores. Todos mostravam agora essencialmente a mesma imagem. O locar ao flash de uma máquina fotográfica, esbranquiçado todos os monitores ao mesmo tempo, chamou a atenção de Jack.

Virou-se para ver quatro ângulos de um corpo Rendo carregado num saco pelos degraus da Ala Oeste do Capitólio. Era mais um cadáver para identificar — pequeno ou grande, homem ou mulher, importante ou não, um que não podia ser reconhecido por trás do tecido emborrachado. As únicas coisas que podiam ser lidas eram as expressões tensas, frias e cansadas dos bombeiros carregando a coisa, e foram elas que atraíram a atenção do anônimo fotógrafo de jornal e sua câmera — e, conseqüentemente, a do presidente, trazendo-o de volta à triste realidade. As câmeras de TV seguiram o trio, dois vivos, um morto, descendo os degraus até uma ambulância cujas portas abertas revelavam uma pilha de sacos semelhantes. Aquele que estavam carregando foi colocado gentilmente na ambulância, em sinal de respeito e piedade pelo corpo que não mais caminharia no mundo dos vivos. Em seguida, os dois voltaram a subir os degraus para pegar o próximo. A Sala de Situação foi tomada por um silêncio profundo enquanto todos os olhos fitavam a mesma imagem. Algumas pessoas suspiraram, mas todos ainda estavam chocados demais para deixar escapar alguma lágrima enquanto baixavam os olhos para o tampo da mesa de carvalho polida. O líquido quente numa xícara de café estava fumegando. A colherzinha escorregou, tilintando contra a porcelana. O leve ruído apenas tornou o silêncio mais funesto, porque ninguém tinha palavras para preencher o vácuo.

— Que mais precisa ser feito agora? — perguntou Jack.

Aquilo o atingira com força, aumentando a sensação de fadiga. Toda a tensão que sentira algumas horas atrás — quando seu coração batera apressado diante da possibilidade de morte e do temor por sua família —, e a agonia da perda, cobrava seu preço agora. O peito parecia-lhe vazio, os braços pesados, como se as mangas de seu terno fossem feitas de chumbo, e subitamente precisou esforçar-se para simplesmente manter a cabeça erguida. Eram 23:35, depois de um dia que começara antes do sol raiar, às 4:10, cheio de entrevistas sobre um cargo que assumira apenas oito minutos antes de sua promoção abrupta. O fluxo de adrenalina que o sustentara tinha chegado ao fim, e sua duração de duas horas deixara-o ainda mais exaurido. Olhou em torno, fazendo uma pergunta que lhe parecia importante: — Onde dormirei esta noite?

Aqui não, decidiu Ryan instantaneamente. Não na cama de um morto, coberto por seus lençóis e a alguns metros de seus órfãos. Ele precisava estar com a própria família. Precisava olhar para os próprios filhos, que provavelmente estavam dormindo agora, porque as crianças dormiam apesar dos piores acontecimentos; precisava sentir os braços da esposa ao seu redor, porque essa era a única constante no mundo de Ryan, a única coisa que jamais permitira que mudasse, a despeito dos eventos ciclônicos que atribularam sua vida.

Os agentes do Serviço Secreto compartilharam um olhar de espanto coletivo, antes que Andréa Price

falasse, assumindo o comando, como era de sua natureza e, agora, apropriado ao seu trabalho.

— Quartel dos Fuzileiros? Ryan assentiu.

— Por enquanto serve.

Price falou em seu microfone de rádio, alfinetado ao colarinho de sua jaqueta.

— ESPADACHIM em movimento. Traga os carros para a Entrada Oeste.

Os agentes da segurança presidencial se levantaram. Como uma só pessoa, desabotoaram os casacos e, enquanto passavam pela porta, levaram as mãos às pistolas.

— Acordaremos o senhor exatamente às cinco — prometeu van Damm, acrescentando: — Procure tirar o cochilo de que necessita.

A resposta de Ryan foi um olhar breve e vazio, enquanto saía da sala. O mordomo da Casa Branca deu-lhe um casaco — de quem era ou de onde viera, Jack não pensou em perguntar. Lá fora, acomodou-se no banco de trás de um Chevy Suburban, e o carro moveu-se imediatamente, com um veículo idêntico na frente, e mais três atrás. Jack poderia evitar a visão do Capitólio, mas não os sons, porque sirenes já uivavam por trás do vidro à prova de balas. Mas Jack olhou para o Capitólio — teria sido covardia não fazer isso. O brilho do fogo sumira, substituído pelas luzes piscantes de uma miríade de veículos de emergência, alguns em movimento, a maioria parada, cercando o Capitólio. A polícia mantinha interditadas as ruas do centro da cidade; o cortejo presidencial passou rapidamente rumo leste, chegando dez minutos depois no Quartel dos Fuzileiros. Aqui, todos estavam acordados, adequadamente uniformizados, e cada fuzileiro naval à vista empunhava um fuzil ou tinha um revólver no coldre.

As continências foram rápidas.

A casa do comandante dos fuzileiros fora construída no começo do século XIX, um dos poucos prédios oficiais não incendiados pelos ingleses em sua visita de 1814. Mas o comandante estava morto. Viúvo com filhos crescidos, vivera sozinho aqui até esta última noite. Agora um coronel com uma pistola no coldre estava parado no portão, liderando o pelotão completo que cercava a casa.

— Sr. Presidente, sua família está acomodada e segura — reportou prontamente o coronel Mark Porter. — Temos uma companhia de atiradores espalhada pelo perímetro, e outra está a caminho.

— E a imprensa? — perguntou Price.

— Não recebi nenhuma ordem nesse sentido, Minhas ordens foram de proteger nossos convidados. As únicas pessoas num raio de duzentos metros são as que moram aqui. — Obrigado, coronel — disse Ryan.

Sem precisar se preocupar com a imprensa, Ryan caminhou direto até a porta. Um sargento a abriu, saudando-o como a um oficial dos fuzileiros; sem refletir, Ryan retribuiu a continência. Dentro, mais um oficial apontou-lhe a escadaria — este também bateu continência. Ficou claro para Ryan que ele não conseguiria ir a parte alguma sozinho. Price, outro agente e os fuzileiros seguiram-no escada acima. O corredor do segundo andar tinha dois agentes do Serviço Secreto e mais cinco fuzileiros navais. Finalmente, às 23:54, Jack entrou num quarto para encontrar sua esposa, sentada à espera.

— Oi.

— Jack — disse, virando a cabeça para vê-lo. — E tudo verdade? Ele assentiu, e então hesitou, antes de sentar-se ao lado de Cathy.

— As crianças...?

— Dormindo. — Uma pausa. — Elas não sabem realmente o que está acontecendo. Acho que somos quatro — acrescentou.

— Cinco.

— O presidente está morto? — Cathy virou-se para ver o marido assentir. — Mal o conheci.

— Era um bom sujeito. Seus filhos estão na Casa Branca. Dormindo. Não sabia e eu devia fazer alguma coisa. Assim, vim para cá.

Ryan levou a mão ao colarinho e afrouxou a gravata. Precisou de um esforço considerável para fazer

isso. É melhor não perturbar as crianças, decidi. Além disso, seria exaustivo caminhar até o quarto onde estavam.

— E agora?

— Preciso dormir. Vão me acordar às cinco. ?

— Que vamos fazer?

— Não sei.

Jack conseguiu tirar as roupas. Torceu para que o novo dia trouxesse algumas respostas para as perguntas que aquela noite deixara no ar.

Antes do alvorecer

Já era de esperar que eles fossem tão pontuais quanto seus relógios eletrônicos. Ryan teve a impressão de que mal fechara os olhos quando uma batida muito gentil na porta arrancou-o do travesseiro. Seguiu-se o breve momento de confusão, normal no momento em que se acorda em qualquer lugar que não seja sua própria cama: Onde estou? O primeiro pensamento organizado disse-lhe que sonhara um monte de coisas, e talvez... Mas logo depois desse pensamento veio a declaração interna de que o pior sonho ainda era real. Estava num lugar estranho, e não havia outra explicação para isso. O tornado arrebatara-o numa massa rodopiante de terror e confusão, e trouxera-o até aqui, e aqui não era Kansas nem Oz. A melhor notícia — depois de cinco ou dez segundos de tentativa de se orientar — foi que não sentia a dor de cabeça característica da privação de sono, e que não estava muito cansado. Despiu o lençol e se levantou da cama. Seus pés encontraram o chão; começou a caminhar até a porta.

— Muito bem, estou de pé — disse à porta de madeira.

Percebeu que seu quarto não dispunha de banheiro, e que teria de abrir a porta. Foi o que fez.

— Bom dia, Sr. Presidente.

Um agente jovem, de aparência honesta, entregou-lhe um roupão de banho.

Novamente, esse deveria ser o trabalho de uma arrumadeira, mas o único fuzileiro naval no corredor estava armado. Jack imaginou se na noite anterior teria havido outra briga de gangues entre os fuzileiros navais e o Serviço Secreto, para decidir quem tinha a primazia na proteção ao seu novo presidente.

Para sua surpresa, percebeu que o roupão era o seu.

— Ontem à noite pegamos algumas de suas coisas — explicou o agente num sussurro.

Um segundo agente entregou-lhe o agasalho esfarrapado que Cathy usava dentro de casa. Portanto, alguém invadira sua casa na noite anterior — só poderia ter sido isso, porque não dera as chaves a ninguém — e desativara o alarme contra ladrões. Caminhou de volta até a cama e pousou nela o agasalho de Cathy. Um terceiro agente apontou um quarto desocupado no fundo do corredor. Havia ternos sobre a cama, juntamente com quatro camisas — todas recém-passadas — juntamente com uma fileira de gravatas e todo tipo de aparatos. Não há nada mais estimulante que o desespero, concluiu Jack. O corpo de funcionários sabia pelo que ele iria passar, ou pelo menos tinha uma noção, e estavam fazendo com perfeição frenética cada pequena coisa que pudesse facilitar-lhe a vida. Alguém até mesmo engraxara seus três sapatos até deixá-los brilhando. Eles nunca pareceram tão bonitos antes, pensou Ryan, enquanto caminhava até o banheiro — onde, obviamente, encontrou todas as suas coisas, até mesmo seu costumeiro sabonete Zest. Ao lado estava o material de tratamento de pele usado por Cathy. Ninguém achava que a vida de presidente fosse fácil, mas ele agora estava cercado por pessoas determinadas a eliminar cada pequena preocupação que pudesse ter.

Um banho quente ajudou-o a relaxar os músculos e enevoou o espelho, o que ajudou a tornar a situação mais familiar quando se barbeou. A rotina matinal costumeira terminou por volta das 5:20 e Ryan desceu as escadas. Lá fora — viu através de uma janela — uma falange de fuzileiros com roupas de camuflagem marchava em guarda ao quartel, suas respirações pontuadas pela expiração de pequenas nuvens brancas. As pessoas no interior do quartel batiam continência para Ryan à medida que passava. Talvez ele e sua família tivessem desfrutado de pouquíssimas horas de sono, mas o mesmo acontecera a

todos.

Essa era uma coisa de que precisava lembrar, disse Jack a si mesmo enquanto o aroma o atraía até a cozinha.

— Sentido! — ordenou o primeiro-sargento.

Os fuzileiros empertigaram-se silenciosamente, em respeito às crianças adormecida, no andar de cima; pela primeira vez, desde o jantar na noite anterior, Ryan permitiu-se um sorriso.

— À vontade, fuzileiros.

O presidente Ryan caminhou até o bule de café, mas uma recruta chegou antes dele. As proporções corretas de creme e açúcar foram acrescentadas ao café — novamente, alguém fizera algum trabalho de casa — antes que ela lhe passasse a caneca.

— A equipe está na sala de jantar, senhor — comunicou-lhe o primeiro-sargento.

— Obrigado — disse o presidente Ryan, seguindo para o lugar indicado.

Os fuzileiros estavam com uma péssima aparência, o que fez Ryan sentir-se brevemente culpado por haver tomado banho e se barbeado. Então viu a pilha de documento que tinham preparado.

— Bom dia, presidente — disse Andréa Price.

As pessoas começaram a se levantar das cadeiras. Ryan gesticulou para que se sentassem e apontou para Murray.

— Dan, o que sabemos? — perguntou o presidente.

— Há duas horas encontramos o corpo do piloto. Boa identificação. Seu nome era Sato, como esperávamos. Um piloto muito experiente. Ainda estamos procurando pelo copiloto. — Murray fez uma breve pausa. — O corpo do piloto foi examinado para aferir se ele tomara drogas, mas descobrir algo assim seria uma surpresa. A NTSB anda checando o gravador de voo neste exato momento.

O gravador foi achado por volta das quatro da manhã. Até agora recuperamos duzentos corpos...

— Presidente Durling?

Price respondeu a essa pergunta balançando a cabeça.

— Ainda não. Aquela parte do edifício está... bem, está uma zona completa.

Decidiram esperar a luz do dia para intensificar as buscas.

— Sobreviventes?

— Até agora apenas as três pessoas que estavam naquela parte do prédio na hora da colisão.

— Certo. — Ryan também balançou a cabeça. Essas informações eram importantes, mas irrelevantes.

— Alguma coisa realmente importante?

Murray consultou suas anotações.

— A aeronave partiu do aeroporto internacional de Vancouver. Eles arquivaram um plano de voo falso para Heathrow, em Londres, rumaram para o leste, deixaram o espaço aéreo canadense às 7:51, hora local. Tudo muito rotineiro. Concluímos que ele seguiu em frente durante algum tempo, reverteu o curso e seguiu para sudeste na direção de Washington. Depois disso, blefou para enganar nosso controle de tráfego aéreo.

Como?

Murray fez um sinal para alguém que Ryan não conhecia.

— Sr. Presidente, sou Ed Hutchins, da NTSB. Não foi difícil. Ele afirmou ser um voo charter da KLM, em rota para Orlando. Em seguida, declarou uma emergência. Sempre que há um voo em estado de emergência, nosso pessoal é treinado para fazer o avião pousar imediatamente. Estávamos lidando com um sujeito que sabia apertar os botões certos. Ninguém teria como prever o que aconteceu — concluiu, defensivamente.

— Há apenas uma voz nas fitas — comentou Murray. Hutchins prosseguiu: — De qualquer modo, temos fitas do rastreamento do radar. Ele simulou uma aeronave com dificuldades de controle, requisitou um vetor de emergência para a base aérea de Andrews e conseguiu o que queria. De Andrews para o

Capitólio leva menos de um minuto de voo.

— Um dos nossos disparou um míssil Stinger — disse Price, com certo orgulho triste.

Hutchins simplesmente sacudiu a cabeça. Era o gesto da moda nesta manhã em Washington.

— Mas contra uma coisa daquele tamanho, foi o mesmo que lançar uma cusparada.

— O Japão se manifestou?

— Estão em estado nacional de choque — quem falou foi Scott Adler, o oficial de carreira mais longa no Departamento de Estado e um amigo de Ryan.

— Logo depois que você assumiu, recebemos um telefonema do primeiro-ministro. Ele também teve, claro, uma semana muito ruim, mas pareceu feliz por estar de volta ao poder. Ele quer vir até os Estados Unidos para se desculpar pessoalmente. Eu lhe disse que iríamos pensar...

— Diga-lhe que sim.

— Tem certeza, Jack? — perguntou van Damm.

— Alguém acha que foi um ato premeditado? — inquiriu Ryan.

— Não sabemos — respondeu Price.

— Não havia explosivos a bordo da aeronave — informou Dan Murray. — Se houvesse...

— Eu não estaria aqui — disse Ryan, antes de terminar seu café. O recruta reencheu a xícara.

Hutchins assentiu.

— Explosivos são muito leves. Mesmo algumas toneladas, considerando a capacidade do 747-400, não teriam comprometido a missão como um todo, e teriam gerado danos imensos. O que aconteceu aqui foi um acidente aéreo completamente comum. Os danos residuais foram causados por cerca de meia capacidade de combustível de jato, que chega até a oitenta toneladas. Isso é muita coisa — concluiu. Hutchins investigava acidentes aéreos havia quase trinta anos. — É cedo demais para tirarmos conclusões — alertou Price.

— Scott?

— Se isto fosse... droga! — Adler balançou a cabeça. — Isso não foi um ato de agressão da parte do governo japonês. Eles estão frenéticos lá no Japão. Os jornais estão colocando nas manchetes os nomes das pessoas que tinham subornado o governo, e o primeiro-ministro Koga quase chorou pelo telefone.

Se alguém lá planejou isto, eles descobrirão para nós.

— A noção que eles têm de um processo justo não é tão severa quanto a nossa — acrescentou Murray. — Andréa está certa. É cedo demais para tirarmos conclusões, mas até aqui tudo indica que foi um incidente aleatório, não uma agressão planejada.

— Murray fez uma pausa por um momento. — A propósito, soubemos que o outro lado desenvolveu armas nucleares, lembram? Com esse comentário, até o café ficou frio.

Este ele achou debaixo de um arbusto enquanto movia uma escada de uma parte da face oeste para outra. O bombeiro estava de serviço havia sete horas.

Seus nervos agora estavam anestesiados. Uma pessoa pode sentir apenas uma quantidade determinada de horror antes que sua mente comece a considerar os cadáveres e peças corporais como simples coisas. Os restos de uma criança poderiam tê-lo perturbado, ou os de uma mulher particularmente bonita, porque este bombeiro ainda era Jovem e solteiro, mas o cadáver que encontrou acidentalmente não pertencia a nenhum desses dois tipos. O tronco não tinha mais cabeça, e partes de ambas as pernas estavam faltando; contudo, era claramente um corpo de homem, vestindo os farrapos de uma camisa branca, com dragonas nos ombros. Havia três faixas em cada uma das dragonas.

Exausto demais para pensar, perguntou-se o que aquilo significaria. O bombeiro virou-se e acenou para seu tenente, que por sua vez cutucou o braço de uma mulher usando um boné do FBI.

A agente caminhou até o local, bebericando café numa xícara de plástico e morrendo de pena por não poder acender um cigarro — ainda havia risco de incêndio.

— Acabo de achar este aqui. Está num lugar engraçado, mas...

— Sim, engraçado...

A agente levantou sua câmera e bateu uma série de fotos que teriam a hora exata em que foram feitas preservada eletronicamente. Em seguida, tirou um bloco de seu bolso e anotou a localização do corpo número quatro em sua lista pessoal. Sua área de responsabilidade não lhe exigia fazer muita coisa. Algumas estacas de plástico e fitas amarelas marcariam o sítio; ela começou a escrever a etiqueta para colocar nele.

— Pode virar o corpo.

Debaixo do corpo, viram um fragmento de vidro — ou plástico transparente — de forma irregular. A agente bateu mais uma foto, e através do visor, as coisas pareceram mais interessantes. Olhando para cima, viu uma fenda na balastrada de mármore. Outro olhar em torno revelou diversos objetos metálicos que, uma hora antes, concluía ser partes da aeronave, e que haviam atraído a atenção de um investigador da NTSB. O investigador agora estava conferenciando com o mesmo oficial do corpo de bombeiros com quem ela conversara um minuto antes. A agente precisou gesticular três vezes para chamar sua atenção.

— Que é?

O investigador da NTSB limpava seus óculos com um lenço. A agente apontou para o corpo.

— Dê uma olhada na camisa dele.

— E do quadro de funcionários. Talvez um motorista — disse o homem, depois de um momento.

Agora foi sua vez de apontar. — Que é isto?

Havia uma delicadeza estranha naquilo. A camisa do uniforme branco tinha um buraco exatamente à direita do bolso. O buraco estava cercado por uma mancha vermelho-ferrugem. O agente do FBI aproximou a lanterna, o que revelou que a mancha estava seca. A temperatura corrente estava um pouco abaixo de seis graus negativos. O corpo fora arremessado neste clima cruel virtualmente no momento do impacto; o sangue sobre o pescoço decepado estava congelado e sua coloração assumira um tom funesto de púrpura. A agente percebeu que o sangue na camisa secara antes de ter uma chance de congelar.

— Não mova mais o corpo — disse ela ao bombeiro. Como a maioria dos agentes do FBI, ela havia sido policial da localidade antes de ingressar na agência federal. O frio deixara seu rosto pálido.

— Primeira investigação de acidente aéreo? — indagou o homem da NTSB, considerando erroneamente a causa de sua palidez.

Ela assentiu.

— Sim, mas não é o meu primeiro crime de assassinato.

Dito isso, a agente ligou seu walkie-talkie para convocar seu supervisor.

Para este corpo, ela queria uma equipe de investigação criminal e legislas.

OS telegramas chegavam de cada governo do mundo. A maioria deles eram longos, e todos foram lidos — bem, pelo menos aqueles dos países mais importantes. Togo podia esperar.

— Interior e Comércio estão na cidade à espera de uma reunião do gabinete, junta mente com todos os vices — disse van Damm enquanto Ryan folheava as mensagens, tentando ler e ouvir ao mesmo tempo.

— Todos os vices do Estado-Maior estão reunidos, juntamente com os comandantes-em-chefe das Forças Armadas para discutir a segurança nacional...

— Condição de risco? — inquiriu Jack sem erguer os olhos.

Até o dia anterior, ele fora o conselheiro de Segurança Nacional do presidente Durling, e quase não conseguia acreditar que o mundo tivesse mudado tanto em apenas 24 horas.

Scott Adler deu a resposta: — Controlada.

— Washington está completamente paralisada — cresceu Murray. — A TV e o rádio estão veiculando pedidos para que as pessoas permaneçam em casa, exceto para serviços essenciais. A Guarda

Nacional de Washington está de prontidão. Precisamos substituir o pessoal em serviço nos escombros do Capitólio, e a Guarda Metropolitana de Washington é uma brigada de polícia militar. Podemos vir a usá-la. Além disso, os bombeiros provavelmente já estão exaustos.

— Quanto tempo devemos esperar pelas conclusões da investigação? — perguntou o presidente.

— Não há como prever isso já... senhor...

Ryan levantou os olhos do telegrama do governo belga.

— Há quanto tempo nos conhecemos, Dan? Não sou Deus, entendeu?

Ninguém vai fuzilar você se usar meu nome de vez em quando.

Foi a vez de Murray sorrir.

— Tá certo. Não é possível prever quando teremos algum resultado das investigações principais.

Mas eles vão chegar. Cedo ou tarde, vão chegar — prometeu Dan. — Temos uma ótima equipe de investigação trabalhando lá fora.

— O que eu digo à imprensa?

Jack esfregou os olhos, já cansados da leitura. Talvez Cathy estivesse certa.

Talvez finalmente estivesse precisando de óculos. A sua frente havia uma relação impressa com suas aparições televisivas naquela manhã, que seriam realizadas uma depois da outra. CNN às 7:08, CBS às 7:20, NBC às 7:37, ABC

às 7:50, Fox às 8:08, todas transmitidas da Sala Roosevelt na Casa Branca, onde já havia câmeras montadas. Alguém decidira que um discurso formal exigiria muito de Ryan neste momento, e não seria realmente apropriado à situação até que ele tivesse alguma informação substancial para transmitir.

Apenas uma apresentação calma, digna e — acima de tudo — íntima de si mesmo às pessoas que estariam lendo seus jornais e bebendo seus cafés.

— Perguntas leves. Já acertamos tudo — assegurou-lhe van Damm. — Responda a tudo. Fale lenta e claramente. Pareça o mais relaxado que puder.

Evite qualquer coisa dramática. As pessoas não estão esperando isso. Elas querem saber que tem alguém no comando, atendendo telefonemas, fazendo o que é preciso. Sabem que é cedo demais para que diga ou faça qualquer coisa decisiva.

— E os filhos de Roger?

— Ainda dormindo, espero. Trouxemos membros da família para a cidade.

Estão agora na Casa Branca.

O presidente Ryan assentiu sem olhar para cima. Era difícil fitar os olhos das pessoas sentadas à mesa de café, especialmente quando falava de tais assuntos. Também havia um plano para isso. Logo, novos moradores se mudariam para a Casa. A família Durling — o que restara — teria de ser retirada da Casa Branca com gentileza, mas rapidez. Eles não podiam mais morar ali. O país precisava ver outra pessoa na Casa Branca, e essa pessoa precisava estar o mais confortável possível, e isso significava eliminar todas as lembranças visíveis do morador anterior. Não era brutal, concluiu Jack. Era simplesmente uma questão de negócios. Sem dúvida, eles haviam escalado um psicólogo para ajudar os membros da família a lidar com a dor da perda, a processá-los através do sofrimento com a ajuda dos melhores recursos da ciência médica. Mas a pátria vinha em primeiro lugar. No inclemente cálculo da vida, mesmo uma nação tão sentimental quanto os Estados Unidos da América precisava seguirem frente. Quando chegasse a hora de Ryan deixar a Casa Branca — qualquer que fosse a forma como isso acontecesse —, a mesma coisa precisaria ser feita. Houve um tempo em que um ex-presidente assistiria à posse de seu sucessor e desceria a colina do Capitólio até a Union Station a fim de pegar um trem para casa. Agora usavam veículos especiais de segurança, e provavelmente a família seria transportada numa aeronave cedida pela Força Aérea. As crianças retornariam para a Califórnia com familiares, deixando para trás a escola e os amigos que fizeram aqui. Questão de negócios ou não, era inclemente, pensou Ryan enquanto fitava distraído o telegrama belga. Como teria sido melhor para todos se aquele avião não

tivesse caído sobre o Capitólio...

E se não fosse por tudo isso, Jack dificilmente seria chamado para consolar os filhos de um homem que conhecera, e com toda certeza não precisaria ocupar sua casa. Balançou a cabeça. Não era sua culpa, mas era seu trabalho.

O telegrama comentava que, num espaço de menos de trinta anos, a América ajudara duas vezes a salvar o pequeno país, protegendo-o depois através da aliança da OTAN. Havia um elo de sangue e amizade entre os EUA e uma nação que a maioria dos cidadãos americanos teria dificuldade de apontar num globo. Isso era verdade. Quaisquer que tivessem sido seus erros, quaisquer que fossem suas imperfeições e sentimentos despertados por alguns de seus atos, os Estados Unidos da América na maioria das vezes fizeram a coisa certa. Graças aos EUA, o mundo era um lugar melhor para se viver, e era por causa disso que os negócios não podiam parar.

O inspetor Patrick O'Day ficou feliz por estar frio. Sua carreira como investigador já durava quase trinta anos, e não era a primeira vez que se via na presença de diversos cadáveres e suas partes decepadas. A primeira vez que estivera nesse tipo de situação fora no Mississippi, num mês de maio. A Ku Klux Klan plantara uma bomba numa escola dominical, deixando onze vítimas. Pelo menos aqui o frio eliminava o odor dos corpos humanos mortos. O'Day jamais quisera realmente chegar a um posto elevado no FBI — inspetor era um título com importância relativa. Em seu caiu, tomo no de Dan Murray, O'Day trabalhava como solucionador de problemas, sendo frequentemente enviado para fora de Washington para lidar com as situações mais delicadas.

Reconhecido como um agente de rua extraordinário, O'Day conseguira manter-se com a mão na massa, em vez de trabalhar simplesmente como supervisor de alto nível, o que considerava tedioso.

O diretor-assistente Tony Caruso seguira outro caminho. Ele fora agente especial no comando de dois departamentos de investigação de campo, subira para chefe da Divisão I — Treinamento do FBI, e em seguida assumira o Departamento de Investigação de Imposição de Washington. Caruso gostava do poder, prestígio, salário alto e vaga especial de estacionamento que seu cargo lhe concedia, mas parte dele invejava seu velho amigo, Pat, por lidar diretamente com os casos.

— Que você acha? — perguntou Caruso, olhando para o corpo. Eles ainda precisam de luz artificial. O sol estava se levantando, mas no lado mais distante do prédio — Ainda não dá para jurar isso perante um tribunal, mas este cara estava morto horas antes do pássaro cair.

Os dois homens observavam um especialista grisalho da Divisão Laboratorial do Quartel-General olhar o corpo. Havia toda sorte de testes a realizar. Temperatura do corpo era um deles. Embora esses exames conferissem dados pouco precisos já ficariam satisfeitos se acusassem a morte da vítima para qualquer momento antes das 21h45 da noite anterior.

— Esfaqueado no coração — disse Caruso, estremecendo ao pensar nisso.

Sempre era difícil aceitar a brutalidade de um assassinato. Fosse de uma única pessoa ou de milhares, uma morte errada é uma morte errada, e o número indicava apenas quantos registros individuais deveriam ser arquivados. Ele acrescentou: — Achemos o piloto O'Day assentiu.

— Certo. Três faixas, o que faz dele o copiloto, e foi assassinado. Então talvez tenha sido apenas um sujeito.

— Quantos tripulantes são necessários para um avião desses? — perguntou Caruso ao supervisor da NTSB.

— Dois. Antigamente usava-se um engenheiro de voo, mas hoje em dia ele é dispensável. Para voos realmente longos, pode-se usar um piloto de reserva, mas esses pássaros são completamente automáticos hoje em dia, e os motores raramente enguiçam.

O técnico levantou-se e acenou para as pessoas com o saco de corpo antes de se juntar aos outros.

— Querem ouvir a primeira versão?

— Claro que sim — replicou Caruso.

— Definitivamente, estava morto antes da queda. Não sofreu nenhum ferimento I r colisão. O ferimento no peito é relativamente antigo. Deveria haver contusões causadas pelos cintos de segurança, mas não há. Ele tem apenas arranhões e manchas, com n mito pouco sangue. Não há sangue suficiente na cabeça decepada. Na verdade, não há sangue suficiente em nenhuma parte dos restos aqui. Digamos que ele foi assassinado enquanto estava em seu assento na aeronave. Os cintos mantiveram-no ereto. A post mortem drena todo o sangue para as extremidades inferiores, e as pernas foram arrancadas quando o pássaro atingiu o prédio... por isso há tão pouco sangue.

Tenho muito trabalho a fazer, mas será sujo e rápido. Ele estava morto havia pelo menos três horas quando o avião chegou. — Will Gettys estendeu a carteira.

— Aqui está a identificação do homem. Pobre coitado. Acho que ele não fez parte disto. O'Day foi obrigado a perguntar: — Quais são as chances de você estar errado em alguma dessas coisas?

— Eu ficaria muito surpreso, Pat. Uma diferença de uma ou duas horas no tempo da morte... é possível, principalmente para mais cedo do que para mais tarde. Mas não há sangue suficiente neste cara para que ele estivesse vivo no momento do impacto. O homem estava morto antes da queda. — Embora soubesse que sua carreira estaria em risco caso ele estivesse enganado, Gettys concluiu, confiante: — Eu poderia jurar sobre a Bíblia.

— Graças a Deus — disse Caruso, com um suspiro.

Isso facilitaria as coisas para a investigação. Durante os próximos vinte anos haveria toda sorte de teorias conspiratórias, e o FBI prosseguiria em seu serviço, checando cada possibilidade, auxiliado, com certeza, pela polícia japonesa. Mas um homem sozinho levava esta aeronave até o solo. O que aumentava a possibilidade de um assassinato sem motivo político, como muitos outros, e de que tivesse sido trabalho de um só homem, demente ou não, habilitado ou não, mas, em todo caso, solitário. Não que todos pudessem acreditar nisso.

— Passe a informação para Murray — ordenou Caruso. — Ele está com o presidente.

— Sim, senhor.

O'Day caminhou até onde sua caminhonete a diesel estava estacionada.

Provavelmente sou a única pessoa na cidade que tem uma dessas com um farol de polícia ligado na saída do isqueiro elétrico, costumava pensar o inspetor.

Entrou na caminhonete. Uma notícia dessas não se transmitia por rádio, fosse ou não em frequência codificada.

O contra-almirante Jackson colocou sua jaqueta azul a cerca de noventa minutos da base aérea de Andrews, tendo desfrutado de seis horas de sono necessário depois de ter participado de uma reunião na qual foram discutidas coisas que realmente não importavam muito. O uniforme estava amassado porque fora enfiado em sua mala de viagem, mas, felizmente, o tecido azul-marinho escondia bem as rugas. Além disso, suas cinco fileiras de laços e asas de ouro atraíam o olhar. O KC-10 estava adentrando Washington quando alguém murmurou Deus, vejam só aquilo!, algumas fileiras à sua frente; quase todos se ergueram das poltronas para olhar pelas janelas, como se fossem turistas. A luz do começo do alvorecer deixava evidente que o Capitólio — o âmago da capital deste país — não era mais o mesmo. De algum modo, era mais imediato e real que as imagens vistas por muitos deles na TV antes de subir a bordo no Havaí. Cinco minutos depois, o avião pousou na base aérea militar de Andrews. Os oficiais mais graduados encontraram um helicóptero do Primeiro Comando da Força Aérea à sua espera para levá-los ao Pentágono. Este voo, muito mais lento, brindou-os com uma visão ainda melhor dos danos sofridos pelo prédio.

— Deus! — exclamou Dave Seaton pelo comunicador interno. — Será que alguém sobreviveu? Robby demorou algum tempo para responder.

— Queria saber onde Jack estava quando aconteceu... — Ele lembrou um brinde do exército inglês, Às guerras sangrentas e aos períodos doentios!, que se referia às duas formas certas para um oficial ser promovido. Decerto algumas pessoas sairiam beneficiadas por esse incidente, mas ninguém realmente queria ser promovido dessa maneira, especialmente seu amigo mais íntimo, que estava lá embaixo na cidade ferida, t

Os fuzileiros pareciam tensos, percebeu o inspetor O’Day. Ele estacionou sua caminhonete na rua 8. O Quartel dos Fuzileiros achava-se completamente barricado. As calçadas estavam bloqueadas por carros estacionados. Saltou de sua caminhonete e caminhou até um sargento. O’Day usava boné do FBI e segurava sua identificação na mão direita.

— Tenho coisas a resolver lá dentro, sargento.

— Com quem, senhor? — perguntou o fuzileiro, comparando a foto ao rosto.

— Com o Sr. Murray.

— Importa-se de deixar sua arma conosco, senhor? Ordens — explicou o sargento.

— Claro que não.

O’Day entregou o coldre com sua Smith & Wesson 1076 e dois pentes de munição.

— Quantos homens estão patrulhando o quartel? — perguntou.

— Quase duas companhias. Há outra de prontidão na Casa Branca.

Nada como trocar a fechadura depois da casa arrombada, pensou Pat. O mais irônico era: estava trazendo a notícia de que tudo aquilo era desnecessário. O sargento acenou para um tenente que tinha como única função conduzir visitantes através do quartel. O tenente bateu continência para Pat.

— Estou aqui para ver Daniel Murray. Ele está à minha espera. — Por favor, me acompanhe, senhor.

Dentro dos prédios do quartel havia mais um batalhão de fuzileiros, todos portando metralhadoras pesadas. Sim, o presidente Ryan estava muito seguro aqui, a não ser surgisse algum outro maníaco pilotando um avião. Ao longo do caminho, um capitão comparou novamente a foto na identidade com seu rosto.

Alguém precisava dizer-lhes que estavam exagerando antes que começassem a colocar tanques nas ruas.

Murray encontrou-o na porta.

— Boa notícia?

— Muito boa — replicou o inspetor.

— Venha — disse Murray com um aceno. Conduziu o amigo até a sala do café. — t li é o inspetor O’Day. Pat, acho que você sabe quem são essas pessoas.

— Bom dia. Estive no Capitólio e acabamos de descobrir uma coisa que vocês precisam saber — começou.

A explicação prosseguiu por mais alguns minutos. — O quanto isso é sólido? — indagou Andréa Price.

— Você sabe como esse tipo de coisa funciona — respondeu O’Day. — É preliminar, mas me parece bastante sólido, e depois do almoço teremos resultados dos testes. Já estamos checando a identidade do copiloto. Isso pode ser um pouco problemático porque não temos uma cabeça com a qual trabalhar, e as mãos também foram arrancadas. Não estamos dizendo que vamos arquivar o caso. Estamos dizendo apenas que temos uma indicação preliminar que sustenta outros dados.

— Posso mencionar isso na TV? — indagou Ryan a todos à mesa.

— Definitivamente não — disse van Damm. — Em primeiro lugar, não está confirmado. Em segundo, é cedo demais para qualquer um acreditar nisso.

Murray e O’Day trocaram um olhar. Nenhum deles era político. Arnie van Damm era. Para eles,

controle de informações dizia respeito a proteger provas de modo que um júri as visse em primeira mão. Para Arnie, controle de informação dizia respeito a proteger pessoas de alguma coisa que elas provavelmente não entenderiam, até que essa coisa estivesse mastigada e pudesse ser-lhes dada na boca, uma pequena porção por vez. Ambos pensaram se Arnie era pai e se seu filho já ficara morrendo de fome à espera de sua papa de cenoura. Em seguida, ambos notaram que Ryan deitou um longo olhar em seu chefe de gabinete.

A famosíssima caixa preta era na verdade apenas um gravador que registrava o que acontecia em diversos pontos da aeronave. Coletava dados da turbina e de outros controles de voo e, neste caso, também registrava o que era dito nos microfones dos pilotos. A Japan Airlines era uma companhia de propriedade do governo e, como tal, dotada de todas as inovações tecnológicas.

O gravador de dados de voo era inteiramente digitalizado. Isso possibilitava uma transcrição de dados rápida e clara. Antes de mais nada, um técnico fazia uma cópia em alta velocidade da fita metálica original, que em seguida era guardada num cofre enquanto ele trabalhava na cópia.

— A primeira inspeção dos dados de voo mostrou que a aeronave estava na mais perfeita ordem. Nada estava defeituoso — reportou um analista, examinando os dados numa tela de computador. — Curvas bem delineadas, turbinas estáveis. Um comportamento de voo exemplar... até aqui. — Deu um tapinha na tela. — Neste ponto o avião fez uma curva radical de zero-seis-sete para um-nove-seis... e se manteve nesse curso até sua queda.

— Não ouvimos ainda nada sendo dito na cabine de comando — comunicou outro técnico, que estava correndo o segmento de som da fita para frente e para trás, encontrando apenas comunicações de rotina entre a aeronave e diversas estações de controle. — Vou começar a ouvir tudo desde o começo.

A fita não tinha realmente um começo. Ela corria num ciclo contínuo nesta máquina, porque o 747 geralmente realizava longos voos sobre a água, por quatro horas. Ele levou alguns minutos para localizar o final do voo imediatamente anterior, e aqui encontrou a troca normal de comandos e informações entre dois tripulantes, e também entre a aeronave e o solo, a primeira em japonês e a segunda em inglês, a linguagem da aviação internacional.

Os diálogos foram interrompidos logo depois que a aeronave parou na pista que lhe fora designada para a decolagem. Houve dois minutos inteiros de silêncio, e então o ciclo de gravação recomeçou quando os instrumentos da cabine de comando foram ligados durante os procedimentos para a decolagem.

O tradutor de japonês — um oficial do exército em roupas civis — era da NSA, a agência de segurança nacional.

O som gravado era excelente. Eles podiam ouvir todos os cliques dos botões sendo ligados e o chiado de fundo de diversos instrumentos, mas o som mais alto era o da respiração do copiloto, cuja identidade era especificada pela trilha na fita de gravação.

— Pare — disse o oficial do Exército. — Recue um pouco. Essa é outra voz, não entendo exatamente... Ah, entendi. Tudo pronto, interrogação. Deve ser o piloto. Sim, isso foi uma porta fechando; o piloto acabou de entrar. Checagem de procedimentos de decolagem completa... aguardando a checagem final... Oh... oh, Deus. Ele o matou. Retroceda novamente. O oficial, um major, não viu o agente do FBI colocar um segundo par de fones de ouvido.

Foi uma experiência nova para os dois. O agente do FBI já vira um assassinato gravado por uma câmera de banco, mas nem ele nem o agente do Serviço Secreto tinham ouvido um. O ruído do impacto, um arfar que transmitia surpresa e dor, um gemido, talvez uma tentativa de fala. E outra voz.

— Que foi isso? — perguntou o agente.

— Rode de novo. — O oficial fitou a parede vazia.

— Sinto muito por fazer isso. — A essa fala seguiram-se mais algumas respirações difíceis, e então um suspiro longo.

— Meu Deus.

A segunda voz veio num canal de voz diferente menos de um minuto depois, para notificar à torre que o 747 estava acionando as turbinas.

— Esse é o piloto, Sato — disse o analista da NTSB. — A outra voz deve ser a do copiloto.

— Não mais.

O único ruído restante no canal do copiloto foram sons de fundo.

— Ele o matou — concordou o agente do FBI.

Teriam de tocar a fita mais uma centena de vezes, para si mesmos e para os outros, mas a conclusão seria a mesma. Embora a investigação formal fosse durar ainda vários meses, o caso estava efetivamente solucionado menos de nove horas depois de ser aberto.

As ruas de Washington estavam estranhamente vazias. A esta hora do dia — Ryan sabia por experiência própria —, a capital da nação ficava entupida por automóveis e funcionários do governo, lobistas, membros do Congresso e seus auxiliares, cinquenta mil advogados e seus secretários, e os trabalhadores da indústria privada que atendia a todos eles. Mas não hoje. Com cada cruzamento fechado por um carro da Polícia Metropolitana ou um veículo da Guarda Nacional com pintura de camuflagem. O cenário lembrava um fim de semana prolongado, e havia realmente mais tráfego afastando-se do Capitólio do que fluindo em sua direção; os curiosos eram obrigados a retornar a dez quarteirões de seu objeto de interesse.

A procissão presidencial seguiu pela Pennsylvania Avenue. Jack estava no banco de trás do Chevy Suburban, e ainda havia outros fuzileiros acompanhando o cortejo de veículos do Serviço Secreto. O sol estava a pino agora. O céu estava quase todo claro, e Jack levou um momento para perceber que o horizonte estava diferente.

O 747 nem machucou as árvores, pensou Ryan. Ele não havia desperdiçado sua energia em nada senão o alvo. Meia dúzia de guindastes estavam em funcionamento agora, erguendo blocos de pedra da cratera que fora o plenário da Câmara, depositando-os em caminhões que os levariam para outro lugar.

Restavam apenas alguns caminhões. A parte dramática acabara. A parte funesta perdurava.

O resto da cidade parecia intacto às 6:40. Ryan dirigiu um último olhar para o Capitólio quando o veículo dobrou na Constitution Avenue. Embora a passagem de carros estivesse obstruída, o mesmo não ocorria com as pessoas que faziam seu cooper matutino. Era parte de seu ritual correr até o shopping center, mas agora estavam parados, vendo o cortejo passar. Ryan observou seus rostos, alguns dos quais viraram-se para ver seu veículo passar antes de voltar o olhar para leste, conversando em pequenos grupos, apontando e balançando a cabeça. Jack reparou que os agentes do Serviço Secreto ao seu lado no Chevy Suburban também se viraram para observá-los, talvez esperando que algum deles sacasse uma bazuca de seu calção de corrida.

Para Ryan, era novidade cruzar Washington tão depressa. Em parte, estavam indo rápido porque um alvo em movimento era mais difícil de ser atingido, e em parte porque o tempo de Ryan era agora muito mais valioso, e não devia ser desperdiçado. Mais do que qualquer outra coisa, significava que Ryan chegaria mais depressa a alguma coisa que ele teria preferido evitar.

Apenas alguns dias antes, Jack aceitara o convite que Roger Durling fizera-lhe para assumir a vice-presidência, mas fizera isso apenas como uma forma de se liberar do serviço ao governo de uma vez por todas. Jack estava com os olhos fechados, e esse pensamento ocasionou uma expressão de dor em seu rosto. Por que ele jamais conseguia escapar de nada? Decerto não era por ser movido por coragem. Na verdade, era exatamente o oposto. Temia dizer não e que as pessoas achassem que era covarde. Receava fazer qualquer coisa além daquilo que sua consciência ditava. E, muitas vezes, precisava fazer alguma coisa que odiava ou que não queria porque não encontrava uma alternativa honrada à qual recorrer.

— Tudo vai dar certo — assegurou-lhe van Damm, ao ver sua expressão e adivinhar o que o presidente estava pensando.

Não, não vai — foi a resposta que Jack não pôde dar.

Sondagem

A Sala Roosevelt tem esse nome em homenagem a Teddy; a parede leste ostenta o Prêmio Nobel por sua mediação na guerra russo-japonesa. Hoje os historiadores diriam que essa atitude apenas encorajou as ambições imperiais do Japão, e feriu tanto a alma russa que Stalin — nem em sonho um amigo da dinastia Romanov! — sentiu a necessidade de vingar a humilhação de seu país.

Contudo, o prêmio instituído por Alfred Nobel sempre foi mais político do que verdadeiro. A Sala Roosevelt era usada para reuniões e almoços de porte médio, ficando convenientemente próxima ao Salão Oval. Chegar ali revelou-se mais difícil do que Jack previra. Para um prédio tão importante, a Casa Branca tinha corredores muito estreitos, ao longo dos quais dispunham-se agora inúmeros agentes do Serviço Secreto. Ryan sentiu-se aliviado ao perceber que os agentes não estavam com armas à mostra, mas ao passar por dez agentes que ainda não conhecera, o ESPADACHIM deixou escapar um suspiro tenso. Tudo era novo e diferente, e a guarda presidencial, que antes ele considerara simplesmente profissional, era agora mais um lembrete de que sua vida mudara de forma traumática.

— E agora? — perguntou Jack.

— Acompanhe-me, senhor.

Um agente abriu uma porta, e Ryan encontrou a maquiadora presidencial, uma mulher na casa dos cinquenta. Para um compromisso informal como aquele, a maquiadora tinha tudo que precisava numa maleta de couro falso. Por maior que fosse sua experiência em aparecer na TV — fizera muito isso em seu cargo anterior como conselheiro de Segurança Nacional — isso era algo de que Jack jamais gostaria. Precisou reunir todo seu autocontrole para não se cocar enquanto a base líquida era aplicada em seu rosto com uma esponja, seguida por pó de arroz e fixador de cabelo. A mulher passou por todas as etapas de seu trabalho sem dizer uma palavra, o rosto parecendo capaz de explodir em lágrimas a qualquer momento.

— Eu também gostava dele — disse Jack.

As mãos da mulher pararam, e seus olhos encontraram os de Jack.

— Ele era sempre tão gentil! Odiava isto, exatamente como você, mas nunca reclamava, e sempre tinha uma piada para contar. De vez em quando eu maquiava seus filhos apenas por diversão. Eles gostavam disso, até o garoto.

Eles brincavam na frente das câmeras de TV, e depois as equipes de gravação davam-lhes as fitas e...

— Está tudo bem. — Ryan segurou a mão da mulher. Finalmente encontrara alguém no corpo de funcionários que não pensava apenas nos negócios, e que não queria fazê-lo sentir-se como um bicho no zoológico. — Qual é o seu nome?

— Mary Abbot.

Seus olhos vertiam lágrimas, e ela quis se desculpar.

— Há quanto tempo trabalha aqui?

— Comecei logo depois da saída do Sr. Carter.

A Sra. Abbot enxugou os olhos e baixou os braços.

— Bem, então eu talvez recorra aos seus conselhos — disse Jack, gentilmente.

— Oh, não, eu não sei nada de política — replicou Mary com um sorriso embaraçado.

— Nem eu. Acho que terei de aprender. — Ryan olhou-se no espelho. — Terminamos?

— Sim, presidente.

— Muito obrigado, Sra. Abbot.

Mandaram-no sentar numa cadeira de madeira com braços. As luzes já estavam acesas. Um técnico prendeu um microfone duplo de lapela em sua gravata com movimentos tão delicados quanto os da Sra. Abbot; afinal, havia um agente do Serviço Secreto colado em cada membro da equipe de gravação, com Andréa Price observando a todos da porta. Andréa estava com os olhos apertados em sinal de desconfiança, apesar do fato de que cada peça eletrônica na sala havia sido inspecionada, e cada visitante estivesse sendo observado continuamente por olhos intensos. Era realmente possível montar um revólver a partir de compostos não metálicos — aquele filme estivera certo nesse aspecto — mas, ainda assim, armas são volumosas. A tensão palpável da segurança presidencial contaminava os integrantes da equipe de TV, que se moviam lenta e cuidadosamente. O escrutínio do Serviço Secreto podia abalar os nervos de qualquer um.

— Dois minutos — disse o produtor, que fora avisado através de seu fone de ouvido. — Os comerciais começaram.

— Conseguiu dormir ontem? — perguntou o correspondente-chefe da CNN na Casa Branca. Como todo mundo, ele queria formar uma opinião rápida e clara sobre o novo presidente.

— Não o bastante — respondeu Jack, subitamente tenso.

Havia duas câmeras. Jack cruzou as pernas e segurou as mãos sobre o colo para evitar movimentos nervosos. Como deveria parecer? Sério? Tenso? Calmo e confiante? Assoberbado? Era um pouco tarde para pensar nisso. Por que não perguntara a Arnie?

— Trinta segundos — avisou o produtor.

Jack tentou compor-se. Sua postura física manteria seu corpo parado.

Apenas responda às perguntas. Você já fez isso várias vezes.

— Sete horas e oito minutos — disse o repórter para a câmera atrás de Jack. — Estamos na Casa Branca com o presidente John Ryan.

— Presidente, foi uma noite longa, não é verdade?

— Infelizmente sim — concordou Ryan. O que o senhor pode nos dizer?

Basicamente o que vocês já sabem. Ainda estamos realizando as operações e o corpo do presidente Durling ainda não foi encontrado. A investigação está sendo conduzida sob a coordenação do FBI.

— Eles descobriram alguma coisa?

— Provavelmente teremos algumas coisas para dizer ainda hoje, mas agora é muito cedo.

Embora o correspondente soubesse de antemão tudo que o presidente tinha a dizer, Jack viu decepção em seus olhos.

— Por que o FBI? Não é o Serviço Secreto que detém a jurisdição sobre...

— Não é hora para disputa de territórios. Uma investigação como essa precisa ser concluída imediatamente. Sendo assim, decidi que o FBI seria a agência líder... sob as ordens do Departamento de Justiça, e com a assistência das outras agências federais. Queremos respostas, queremos rápido, e essa pareceu a melhor forma de consegui-las.

— Foi reportado que o senhor nomeou um novo diretor para o FBI. Jack assentiu.

— Sim, Barry. Provisoriamente, pedi a Daniel E. Murray para trabalhar como diretor interino. Dan é um agente do FBI veterano cujo último trabalho foi como assistente do Mor Shaw. Conhecemo-nos há muitos anos. O Sr.

Murray é um dos melhores policiais a serviço do governo.

— Murray?

— Um policial, aparentemente especialista em terrorismo e espionagem — esclareceu o agente.

— Humm...

Ele retornou bebericando seu café agridoce.

— O que o senhor pode nos dizer sobre os preparativos para... para os próximos Dias? — foi a pergunta seguinte do repórter.

— Barry, ainda estamos trabalhando nesses planos. Em primeiro lugar, precisamos fixar que o FBI e as outras agências de proteção à lei façam seu trabalho. Receberemos as informações até o fim do dia, mas a noite passada foi longa e difícil para muita gente.

O repórter assentiu em concordância, e decidiu que era o momento certo para uma pergunta de interesse humano.

— Onde o senhor e a sua família dormiram? Sei que não foi aqui.

— No Quartel dos Fuzileiros, na esquina da Oitava com a I.

— Merda, Patrão — murmurou Andréa Price.

Alguns jornalistas haviam descoberto isso, mas o Serviço não confirmara a informação, e a maioria das agências noticiosas reportara que a família Ryan estava num local mantido em segredo. Bem, eles teriam de dormir em outro lugar esta noite. E talvez esse lugar seria mantido em segredo. Droga.

— Por que lá?

— Bem, tinha de ser em algum lugar, e esse pareceu conveniente. Sabe, já fui da Marinha — disse Jack em tom sereno.

— Lembra quando os mandamos pelos ares?

— Foi uma ótima noite.

O agente lembrou ter assistido a tudo com seus binóculos do topo do hotel Beirute Holiday. Ele ajudara a realizar aquela missão. A única parte realmente difícil havia sido selecionar o motorista. Havia uma qualidade estranha nos fuzileiros navais americanos, alguma coisa aparentemente mística que despertava a confiança da nação nesse Ryan. Mas eles morriam como qualquer outro infiel. Imaginou, achando graça, se em Washington haveria algum caminhão grande para um dos seus homens comprar ou alugar... Deixou de lado o pensamento divertido. Havia trabalho para fazer. Não era prático, de qualquer modo. Ele já viera a Washington mais de uma vez, e o Quartel dos Fuzileiros fora um dos lugares que examinara. Contava com uma defesa excelente, o que era uma pena. O significado político do alvo tornava-o imensamente atraente.

— Não foi muito esperto — observou Ding enquanto tomava seu café.

— Espera que ele se esconda? — perguntou Clark.

— Você o conhece, pai? — perguntou Patrícia.

— Conheço sim. Ding e eu cuidamos dele quando éramos SPO. Estive certa vez com o pai dele... — acrescentou John sem pensar, o que era muito incomum de sua parte.

— Como ele é, Ding? — perguntou Patsy ao noivo, o anel ainda reluzindo de novo em seu dedo.

— Um cara esperto — reconheceu Chavez. — Um pouco na dele. Um bom sujeito, sempre com algo gentil para dizer. Bem, quase sempre.

— Ele é durão quando precisa — observou John com o olho em seu parceiro e futuro genro. Lembrar disso, como sempre, provocou-lhe um arrepio. Então fitou os olhos da filha, e o arrepio ficou ainda mais forte. Merda.

— Esse é um fato — concordou Chavez.

As luzes fizeram-no suar sob a maquiagem, e Ryan lutou contra o impulso de cocar o rosto. Conseguiu manter as mãos paradas, mas seus músculos faciais iniciaram uma série de pequenos estremecimentos que, com sorte, a câmera não captaria.

— Temo que não possa dizer, Barry — prosseguiu, mantendo as mãos juntas.

— É cedo demais para responder substancialmente a muitas perguntas. Quando formos capazes de dar respostas definitivas, faremos isso.

— O senhor tem um dia muito longo à sua espera — disse o repórter da CNN, com um ar simpático.

— Todos temos, Barry.

— Muito obrigado, Sr. Presidente. ; Esperou até a luz apagar e ouvir uma voz transmitida da sede em Atlanta, antes de falar novamente.

— Foi muito boa. Muito obrigado.

Van Damm caminhou até Ryan, empurrando Andréa Price para o lado no meio do percurso. Poucos podiam tocar um agente do Serviço Secreto sem consequências graves, muito menos dar um chega-pra-lá numa. Arnie podia.

— Foi mesmo muito bom. Não faça nada diferente. Responda às perguntas.

Dê respostas curtas.

A Sra. Abbot chegou para retocar a maquiagem de Ryan. Uma mão gentil tocou-lhe a fronte enquanto a outra ajustava seu cabelo com uma escovinha.

Desde sua namorada no segundo grau — qual era mesmo o nome dela? — ninguém se preocupava tanto com seus cabelos. Sob outra circunstância, aquilo teria sido motivo de piada.

A âncora da CBS era uma mulher na casa dos trinta, e prova positiva de que cérebro e beleza não são características mutuamente exclusivas.

— Presidente, o que resta do governo? — perguntou depois de algumas questões introdutórias.

— Maria — Ryan fora instruído a se dirigir a cada repórter pelo nome; ele não sabia o motivo, mas parecera-lhe razoável —, por mais terrível que as últimas 12 horas tenham sido para todos nós, quero lembrá-la de um discurso que o presidente Durling fez há algumas semanas: a América ainda é a América. Todas as agências federais executivas estarão operando hoje sob a liderança dos vice-secretários e...

— Mas Washington...

— Por motivos de segurança pública, Washington está em estado de emergência, é verdade...

Ela o cortou novamente, não por falta de educação, mas porque dispunha de apenas quatro minutos, e queria aproveitá-los ao máximo.

— As tropas nas ruas...?

— Maria, a polícia de Washington e os corpos de bombeiros tiveram uma péssima noite. Foi uma noite fria e longa para aquelas pessoas. A Guarda Nacional de Washington foi convocada para auxiliar as agências civis. O mesmo acontece depois de furacões e tornados. Na verdade, isso é uma função municipal. O FBI está trabalhando Com o prefeito nesse aspecto.

Foi a declaração mais longa que Ryan fizera naquela manhã, e quase o deixou sem fôlego. Foi quando ele percebeu que estava apertando tanto as mãos que seus dedos fitavam ficando brancos, e teve de fazer um esforço consciente para esquecê-las.

— Olhe os braços dele — observou a primeira-ministra. — O que sabemos desse Ryan?

O chefe do serviço de informações de seu país estava com uma pasta no colo, a qual já decorara, tendo tido o luxo de um dia de trabalho para familiarizar-se com o novo chefe de Estado.

— É um agente secreto. Esteve envolvido num incidente em Londres, e em mais um nos Estados Unidos, há alguns anos...

— Ah, lembro — comentou, bebericando seu chá. — Então é um espião.

— Um espião muito bem conceituado. Nossos amigos russos consideram-no extraordinário. E a Century House também — disse o general do Exército, cujo treinamento remontava à tradição inglesa. Como sua primeira-ministra, fora educado em Oxford, e, em seu caso, Sandhurst — Ele é muito

inteligente, temos motivos para acreditar que ele, em sua função como conselheiro de Segurança Nacional, tenha sido vital no controle das operações americanas contra o Japão...

— E nós? — perguntou ela, os olhos fixos na tela.

Como era conveniente a comunicação via satélite e o fato de todas as emissoras americanas transmitirem para o resto do mundo. Agora não era preciso gastar um dia inteiro num avião para ver um chefe de Estado rival.

Agora ela podia ver o homem e avaliar como ele reagiria à pressão. Agente secreto ou não, ele não parecia muito à vontade. Todo homem tem limites.

— Indubitavelmente, primeira-ministra.

— Ele é menos formidável do que suas informações sugerem — disse a primeira-ministra ao conselheiro. Inseguro, desconfortável, tenso... um peixe fora d'água.

— Quando o senhor espera poder nos dizer mais a respeito do que aconteceu? — perguntou Maria.

— Não posso responder agora, mas poderei em breve. Certas coisas não devem ser apressadas.

Ryan percebia vagamente que perdera o controle da entrevista, por mais curta que fosse, e não tinha certeza do motivo. Nunca lhe ocorrera que os repórteres de TV estavam enfileirados do lado de fora da Sala Roosevelt como consumidores ávidos esperando a abertura de uma liquidação, que cada um pretendia perguntar uma coisa nova e diferente, e que cada um queria passar uma boa impressão, não para o novo presidente, mas para os espectadores, as pessoas invisíveis atrás das câmeras, que assistiam cada programa matutino movidas por uma lealdade que os repórteres queriam reforçar sempre que possível. Por mais que o país estivesse ferido, relatar notícias era o negócio que punha comida na mesa de suas famílias, e Ryan era apenas mais um assunto.

Portanto, os aconselhamentos que Arnie lhe dera no começo da manhã haviam sido imensamente otimistas, mesmo vindos de um experiente consultor político.

A única vantagem era que as entrevistas tinham tempo limitado — neste caso pelas notícias locais transmitidas pelas diversas afiliadas das emissoras, aos 25

minutos depois da hora. Qualquer que fosse a gravidade da tragédia que atingira Washington, as pessoas precisavam saber sobre o clima e o tráfego local para prosseguir suas vidas cotidianas, fato talvez esquecido pelos cidadãos de Washington, mas não pelas estações locais do resto do país. Maria pareceu mais satisfeita do que estava quando o diretor a cortou. Ela sorriu para a câmera...

— Voltamos já.

...e Ryan tinha 12 minutos até seu encontro com a NBC. O café que tomara no desjejum estava surtindo efeito agora, e ele precisava achar um banheiro.

Mas, ao se levantar, quase tropeçou no fio do microfone.

— Por aqui, presidente.

Price mandou-o virar à esquerda, seguir o corredor, e depois dobrar à direita. Percebeu tarde demais que aquele era o caminho para o Salão Oval.

Parou antes de entrar na sala. Em sua mente, aquele lugar ainda pertencia a outra pessoa, mas um banheiro era um banheiro, e neste caso, ele servia a uma sala de espera, e não ao escritório. Aqui, pelo menos, havia alguma privacidade, mesmo de sua guarda pretoriana, que o seguia como um par de collies protegendo uma ovelha valiosa. Jack não sabia que um pequeno buraco na parede permitia ao Serviço Secreto monitorar até mesmo esse aspecto da vida cotidiana de seu presidente.

Lavando as mãos, Ryan olhou para o espelho, sempre um erro em momento como esse. A maquiagem fazia-o parecer mais jovem do que era, mas também falso, conferindo à sua pele uma lisura que ela jamais tivera. Ele teve de se conter para não lavar toda a maquiagem do rosto antes de retornar para encarar a NBC. O âncora da NBC era negro e, ao apertar sua mão, sentiu algum consolo no fato de a maquiagem dele ser ainda mais grotesca que a sua. Jack ignorava o fato de que iluminação televisiva

afeta a compleição humana de tal modo que, para parecer normal na tela, a pessoa precisa parecer pintada como um palhaço a olhos não eletrônicos.

— O que o senhor fará hoje, presidente? — foi a quarta pergunta de Nathan.

— Tenho outra reunião com Murray, o diretor interino do FBI... na verdade, estaremos nos vendo duas vezes por dia durante algum tempo. Também tenho uma sessão com a junta de segurança nacional, e depois com alguns dos membros sobreviventes do Congresso. Esta tarde teremos uma reunião de gabinete.

— Preparativos para o funeral? — perguntou o repórter, depois de olhar uma lista pousada em seu colo.

Ryan balançou a cabeça.

— Muito em breve. Sei que isso é frustrante para todos nós, mas essas coisas demandam tempo. — Ele não disse que o Departamento de Protocolo da Casa Branca reservara 15 minutos de sua tarde para instruí-lo sobre o que estava sendo planejado.

— Foi um avião japonês; uma aeronave de propriedade do governo japonês.

Temos alguma razão para suspeitar...

Ryan inclinou-se para a frente para responder a essa pergunta.

— Não, Nathan, não temos. Estamos dialogando com o governo japonês. O primeiro-ministro Koga prometeu cooperação plena, e confiamos em sua palavra. Quero enfatizar que as hostilidades com o Japão estão completamente terminadas. O que aconteceu foi um engano horrível. Aquele país está lutando para levar à justiça as pessoas que causaram o conflito. Ainda não sabemos como aconteceu... estou me referindo ao acidente da noite de ontem... mas não saber significa não saber. Até termos certeza de qualquer coisa, tudo será especulação. Especular não ajuda em nada, mas pode magoar, e não precisamos de mais mágoas. Tudo que precisamos agora é de compreensão.

— Domo arigato — murmurou o primeiro-ministro japonês. Era a primeira vez que via o rosto de Ryan ou ouvia sua voz. Nos dois aspectos, parecia mais jovem do que esperara, embora tivesse sido informado sobre os dados de Ryan no começo do dia. Koga reparou na tensão e na inquietação do homem, mas quando ele teve alguma coisa a dizer que não fosse uma resposta óbvia a uma pergunta vazia — por que os americanos toleram a insolência da mídia? — a voz mudou um pouco, e os olhos também. A diferença foi sutil, mas Koga era um homem acostumado a notar as nuances mais suaves. Era uma vantagem de ter crescido no Japão, e de ter dedicado à política a maior parte de sua vida adulta.

— Ele foi um inimigo formidável — comentou calmamente o ministro das Relações Exteriores. — E no passado já se revelou um homem de coragem.

Koga pensou nos documentos que lera duas horas antes. Esse tal Ryan já fizera uso de violência, coisa que o primeiro-ministro abominava. Mas aprendera com os americanos que provavelmente lhe salvaram a vida de seus próprios conterrâneos, que a violência tinha seu lugar, assim como a cirurgia, e que Ryan usara-a para proteger a outros, sofrera no processo, e depois tornara a buscar a paz. Mais uma vez ele demonstrara a mesma dicotomia contra o país de Koga. Lutando com habilidade e violência, e em seguida demonstrando piedade e consideração. Um homem de coragem...

— E honra, acredito. — Koga fez uma pausa. Era estranho que já houvesse um fio de amizade entre dois homens que jamais haviam se encontrado, e que havia apenas uma semana tinham guerreado. — Ele é um samurai.

A correspondente da ABC era uma loura chamada Joy (alegria), nome que, para Ryan, parecera inadequado para aquele dia. Se Maria da CBS era bonita, Joy era estonteante, e talvez um motivo para a ABC tê-la colocado em seu principal noticiário matutino. Seu aperto de mão foi caloroso e amigável... e

mais alguma coisa que quase fez o coração de Jack parar.

— Bom dia, Sr. Presidente — disse candidamente, numa voz mais apropriada a um jantar que a um programa matutino.

— Por favor...

Ryan fez sinal para que ela se sentasse à sua frente.

— Dez para as oito. Estamos na Sala Roosevelt da Casa Branca para conversar com o presidente John Patrick Ryan. Presidente, a noite passada foi longa e difícil para o nosso país. O que o senhor tem a nos dizer?

Ryan já falara a esse respeito o bastante para a resposta sair desprovida de pensamento consciente. Seu tom de voz foi calmo e ligeiramente mecânico, e seus olhos fixaram-se nos dela, como a haviam instruído. Neste caso não era difícil concentrar-se naqueles olhos castanhos, embora fitá-los tão intensamente a essa hora da manhã fosse desconcertante. Torceu para ninguém perceber.

— Presidente, os últimos meses foram traumáticos para todos nós, e a última noite conseguiu ser ainda pior. Dentro de poucos minutos o senhor terá uma reunião com os dirigentes das agências de segurança nacional. Quais são as suas maiores preocupações?

— Joy, há muito tempo um presidente americano disse que a última coisa a temer é o medo. Nosso país está tão forte quanto sempre...

— Sim, isso é verdade.

Daryaei já se encontrara uma vez com Ryan. Naquele dia ele fora arrogante e belicoso, como um cão parado ao lado do dono, rosnando para parecer bravo... Mas agora o dono fora embora e ali estava o cachorro, olhos fixos numa mulher bonita, e Daryaei ficou surpreso por ele não estar de língua para fora e babando.

A imprensa era parcialmente culpada pelo comportamento de Ryan.

Qualquer um podia ver que ele estava cansado. O que mais ele estava? Ryan era como seu país, decidiu o aiatolá. Extremamente forte, talvez. Ryan ainda era um homem jovem, de ombro largo e postura ereta. Seus olhos eram brilhantes; a voz, firme, mas quando lhe perguntaram sobre a força de seu país, ele falou sobre medo e o medo do medo. Interessante.

Daryaei sabia muito bem que força e poder eram coisas mais da mente que do conflito verdadeiro no que dizia respeito a nações e homens. A América era um mistério para ele, assim como seus líderes. Mas o quanto ele precisava saber? A América era um país sem Deus. Foi por isso que esse moço falou sobre medo. Sem Deus, o homem é patético, e careciam de direcionamento.

Alguns haviam dito o mesmo sobre o país de Daryaei, e não havia nenhuma verdade nisso, disse a si mesmo.

Como inúmeras pessoas do mundo inteiro, Daryaei concentrou-se no rosto e na vida de Ryan. A resposta à primeira pergunta foi obviamente mecânica. Se a América sabia alguma coisa sobre aquele incidente glorioso, mantinha a boca fechada. Provavelmente não sabiam muita coisa, mas era compreensível. O dia de Daryaei também havia sido longo, mas ele o usara lucrativamente.

Telefonara para seu ministro das Relações interiores e fizera o chefe da Secretaria de Assuntos Americanos (na verdade, um departamento inteiro no prédio oficial de Teerã) providenciar um relatório sobre o funcionamento do governo americano. A situação era ainda melhor do que Daryaei esperava, não podiam fazer novas leis, não podiam taxar novos impostos, não podiam emitir dinheiro até que seu Congresso fosse reconstituído, e isso requereria tempo.

Quase todos os ministérios estavam sem dirigentes. Esse moço — para Daryaei, que tinha 72, Ryan era um garoto — era o governo americano, e ele não ficou impressionado com o que viu.

Os Estados Unidos da América havia anos vinham frustrando seus planos.

Poderio. Mesmo depois de reduzir seu poderio devido à queda da União Soviética — o imundo Satã —, a América podia fazer coisas impossíveis para qualquer outra nação, para tal, precisava apenas de licença política. Vez por outra, esse país perseguia inutilmente um único propósito, como acontecera havia pouco contra o Iraque, com consequências decisivas, se comparadas com o que seu próprio país conseguira numa luta que durara quase uma década. Esse era o perigo representado pela América, mas ...por agora estava frágil, e sua mente, perdida. Apenas um homem, pensou Daryaei, sem ouvir as palavras que saíam agora da tela. No momento não importavam. Ryan não dizia nada de substancial, mas estava revelando, para esse velho a meio mundo de distância, muito a respeito de seu comportamento. O pescoço do novo chefe daquele país tornou-se o foco do olhar de Daryaei. Seu simbolismo era claro. A questão técnica, afinal, era a separação completa da cabeça do corpo, e tudo que ficava entre os dois era o pescoço.

— Dez minutos para A próxima — comunicou Arnie depois que Joy saiu para pegar um táxi para o aeroporto. O repórter da Fox já estava maquiado.

— Como estou me saindo?

Desta vez, Jack desconectou o fio do microfone antes de se levantar.

Precisava esticar as pernas.

— Nada mal — julgou van Damm, caridosamente.

Teria dito mais alguma coisa a um político de carreira, mas um político de verdade precisaria lidar com perguntas realmente difíceis. Era como se um jogador de golfe estivesse disputando uma partida contra um novato, em vez de contra um parceiro experiente, e isso era justo, o mais justo que podia ser. Para que tudo desse certo, Ryan precisava adquirir confiança em si mesmo. A presidência já estivera em melhores mãos, e embora cada um dos homens que ocupara esse posto tivesse, em algum momento, desejado livrar-se do Congresso, das agências e dos departamentos, era Ryan quem teria de aprender quão indispensável era o sistema inteiro de governo — e teria de aprender da forma mais difícil.

Já fora da Sala Roosevelt, Jack encostou-se na parede e olhou para os dois lados do corredor.

— Ainda tenho muito chão pela frente, não é verdade?

— Você aprenderá — prometeu o chefe de gabinete.

— Talvez sim — sorriu Jack, sem perceber que a atividade da manhã, a atividade recente, concedera à sua mente alguma coisa para distrair-se das circunstâncias do dia. Então, um agente do Serviço Secreto entregou-lhe uma folha de papel.

Por mais injusto que fosse para com as outras famílias, era preciso compreender que a prioridade máxima era encontrar o corpo do presidente Durling. Quatro guindastes móveis estavam enfileirados na face oeste do prédio, operando sob a direção de um capataz experiente. Uma turma de operários trabalhava no pavimento do plenário da Câmara, próximos demais para sua própria segurança, mas nessa manhã a OSHA* não estava por perto.

Os únicos inspetores do governo que importavam eram os agentes do Serviço Secreto — o FBI poderia ter obtido a jurisdição geral, mas ninguém ficaria entre eles e seu senso de dever. Ali também havia um médico e um grupo de enfermeiros, para a vã possibilidade de que houvesse sobreviventes, a despeito de todas as evidências em contrário. O mais difícil era coordenar as ações dos guindastes, que mergulhavam na cratera — não havia nome melhor para descrever o que fora o plenário da Câmara — como um quarteto de girafas bebendo da água do mesmo lago, jamais chocando-se graças à habilidade dos operadores.

=====

*Occupational Safety and Health Administration — Administração da Segurança e Saúde no Trabalho. (N. do T.)

— Vejam só isso! — apontou o capataz.

Num recanto escuro havia uma pistola automática. Só podia ser a arma de Andy Walker, o principal agente da segurança presidencial de Roger Durling. O último frame da transmissão da TV mostrara-o a poucos metros do presidente, correndo para empurrá-lo do pódio, mas tarde demais para conseguir alguma coisa além de morrer em nome do dever.

Um guindaste foi preparado. Um cabo foi preso em torno de um bloco de pedra, que se levantou lentamente, girando um pouco na ponta do cabo de aço.

Os restos do corpo de Walker agora eram visíveis, juntamente com as pernas de outra pessoa. Em cima dos dois viam-se fragmentos esmaecidos do pódio de carvalho, e até mesmo algumas folhas de papel chamuscado. O fogo não chegara a atravessar as pilhas de pedras na parte do prédio arruinado. Queimara rápido demais para isso.

— Espere um pouco! — O capataz segurou o braço do agente do Serviço Secreto, não o deixando se mover. — Eles não vão para parte alguma. Não vale a pena morrer por causa disso. Espere alguns minutos.

O agente aguardou um guindaste limpar a trilha. O capataz meneava os braços, guiando o operador para onde baixar a torre do guindaste. E quando parar. Dois operários envolveram dois cabos em torno do próximo bloco de pedra, e o capataz girou a mão no ar. A pedra foi erguida.

— Encontramos SALTADOR — disse o agente em seu microfone. A junta médica surgiu imediatamente, sob os gritos de aviso de diversos operários, mas logo ficou claro que seu tempo fora desperdiçado. A mão esquerda do presidente segurava a prancheta que continha seu último discurso. As pedras provavelmente haviam-no matado, depois do fogo ter chegado perto o bastante para chamuscar seu cabelo. Boa parte do corpo estava esmagada, mas o terno, a presilha da gravata presidencial e o relógio de seu pulso identificavam positivamente o presidente Roger Durling. Tudo parou, os guindastes ficaram imóveis enquanto os operadores bebiam café ou acendiam cigarros. Uma equipe de peritos chegou para bater fotos de todos os ângulos possíveis.

Num local mais distante no plenário da Câmara, membros da Guarda Nacional moviam corpos e carregavam-nos dali — haviam substituído os bombeiros nessa tarefa há duas horas — mas num raio de quinze metros a partir do ponto onde fora encontrado o presidente, havia apenas agentes do Serviço Secreto, executando seu último serviço oficial ao SALTADOR, como haviam chamado o presidente em honra a seu serviço como tenente da Esquadrilha 82.

Já passara muito tempo desde o incidente para verter lágrimas, mas, para todos os agentes reunidos ali, elas acabariam vindo, mais de uma vez. Quando os médicos retiraram-se e os fotógrafos ficaram quietos, quatro agentes com bonés do Serviço Secreto desceram até a cratera.

Primeiro ergueram o corpo de Andy Walker, cujo último ato consciente fora proteger o Patrão, e baixaram-no gentilmente no saco emborrachado. Os agentes ergueram o saco com o corpo para entregá-lo a outros dois agentes, que o retiraram dali.

O passo seguinte era fazer o mesmo com o corpo do presidente. Isso se revelou difícil. o corpo estava enrijecido pelo frio. Um braço estava em ângulo reto a partir do resto do corpo, e não cabia no saco. Os agentes olharam um para o outro, sem saber o que fazer. O corpo era uma evidência e, como tal, não podia ser tocado. Além disso, sentiam medo de ferir o presidente, ainda que já estivesse morto. Assim, o presidente Durling foi acomodado no saco de corpo com o braço esticado, como o capitão Ahab. Os quatro agentes levaram-no, saindo da Câmara, contornando todos os blocos de pedra caídos, descendo então até uma ambulância que aguardava por esse único propósito. Isso chamou a atenção dos fotógrafos da imprensa que se aproximaram correndo ou operaram as lentes zoom de suas câmeras de TV para enquadrar a cena.

A cena interrompeu a entrevista de Ryan para a Fox, e ele a viu no monitor pousado na mesa. Para sua mente, aquilo tornava tudo oficial. Durling estava realmente morto, e ele era mesmo o presidente. A câmera na sala capturou as expressões mudando no rosto de Ryan, à medida que ele lembrava como Durling trouxera-o para a Casa Branca, confiara nele, guiara-o... Então era isso, percebeu Jack. Ele sempre tivera antes alguém em quem se apoiar. Obviamente, ele apoiara outros, dera-lhes sua opinião, orientara-os em momentos de crise, mas sempre havia alguém a quem podia recorrer, para dizer que ele fizera a coisa certa. Ryan podia recorrer algumas pessoas agora, mas tudo que receberia seriam opiniões, não julgamentos. Agora cabia apenas a ele fazer julgamentos. Ouviria todo tipo de coisas. Seus conselheiros seriam como advogados, alguns dizendo uma coisa, outros dizendo outra, significando que ele estava certo e errado ao mesmo tempo, mas quando tudo estivesse acabado, a decisão seria apenas sua.

O presidente Ryan esfregou a mão no rosto, manchando a maquiagem. Não sabia que o que a Fox e as outras emissoras estavam transmitindo agora era uma tela dividida com uma imagem sua e outra do presidente morto. Sua cabeça balançava levemente, como era característico de um homem que precisava aceitar uma coisa da qual não gostava, seu rosto cansado demais para exprimir tristeza. Por trás dos degraus do Capitólio, os guindastes voltaram a se mover.

— E agora, presidente? — perguntou o repórter da Fox. Essa pergunta não constava de sua lista. Era apenas uma reação humana a uma cena humana. O corte para a transmissão ao vivo do Capitólio ocupara parte do tempo disponível para a entrevista, e, para prosseguir-la devidamente, seria preciso mais um segmento, mas as regras na Casa Branca eram adamantinas.

— Há muito trabalho para ser feito — foi a resposta de Ryan.

— Obrigado, presidente. São oito horas e 14 minutos.

Jack observou a lâmpada-piloto da câmera de TV apagar. O gerente de produção esperou alguns segundos antes de fazer um gesto, e o presidente desconectou o microfone e o cabo. Sua primeira maratona de imprensa chegara ao fim. Antes de sair, olhou mais cuidadosamente para as câmeras. Quando jovem, fora professor de História e, mais recentemente, dera palestras. Mas tudo isso havia sido para plateias restritas, cujos olhos podia ver e ler, a partir de cuja reação podia alterar seu discurso, acelerando-o ou retardando-o, talvez brincando um pouco quando as circunstâncias permitiam, ou repetindo alguma coisa para esclarecer seu ponto de vista. Agora seus discursos seriam dirigidos a uma máquina. Mais uma coisa da qual não gostava. Enquanto Ryan deixava a sala, pessoas do mundo inteiro trocavam impressões sobre o novo presidente dos Estados Unidos. Comentaristas de mais de cinquenta países estariam falando sobre Ryan enquanto ele estivesse novamente no banheiro.

— Esta foi a melhor coisa que aconteceu ao nosso país desde Jefferson.

O mais velho classificava a si mesmo como um estudante muito sério de História. Gostava de Thomas Jefferson por sua declaração de que a melhor forma de governar um país era governá-lo pouco.

— E parece que foi um japonês quem fez isso — o comentário foi acompanhado por uma risada curta. Um evento como esse poderia até mesmo invalidar seu racismo arraigado.

Eles haviam passado a noite inteira — eram 5:20 na hora local — assistindo à cobertura pela TV. Repararam que os comentaristas pareciam ainda mais abatidos que o tal Ryan. Fusos horários tinham uma vantagem. Ambos pararam de beber cerveja por volta da meia-noite e passaram a tomar café duas horas mais tarde, quando começaram a cochilar. O que eles viram, trocando de um canal para outro, todos captados por uma grande antena parabólica do lado de fora da cabana, era como uma espécie de maratona televisiva, só que essa não era como aquelas para levantar fundos para crianças aleijadas, vítimas da AIDS ou escolas negras. Esta era divertida. A maioria daqueles babacas de Washington tinha virado fumaça.

— Churrasco de burocratas! — exclamou Peter Holbrook pela 17 vez desde as onze e meia da noite,

quando fizera seu comentário sobre o incidente. Ele sempre fora o criativo do movimento.

— Porra, Pete! — disse Ernest Brown, tossindo. Parte de seu café respingou em mim. Ainda era engraçado, mas não o suficiente para fazê-lo levantar subitamente da poltrona, sua perna dormente não deixaria.

— Foi uma noite e tanto — disse Holbrook, rindo da própria piada. Tinham assistido aos discursos do presidente Durling por alguns motivos. Em primeiro lugar, as emissoras haviam interrompido a programação normal, que era habitual nesse tipo de evento; em segundo, sua ligação com satélite dava-lhes acesso a um total de 117 canais, e todos agora comentavam sobre o governo que eles e seus amigos detestavam. O motivo mais profundo era que eles cultivavam raiva do governo americano e geralmente assistiam a esse discursos — os dois ficavam parados pelo menos uma hora por dia diante da TV sintonizada na C-SPAN 1 e 2 — para intensificar esses sentimentos, semeando comentários cruéis a cada minuto de um discurso presidencial.

— Então, quem esse cara é na verdade? — perguntou Brown, bocejando.

— Outro burocrata, claro.

— Sim — julgou Brown. — E esse aí não tem ninguém para levá-lo nas costas, e Holbrook virou-se e olhou para o amigo.

— E isso é um acontecimento e tanto, não é?

Com esse comentário, levantou-se e caminhou até a estante que cobria a parede sul de sua casa. Seu exemplar da Constituição era uma edição bastante manuseada que ele, lia sempre que podia, para aumentar sua compreensão da intenção de seus redatores.

— Mesmo?

Holbrook assentiu.

— Mesmo.

— Não brinca! ... Isso era mesmo algo sobre o que pensar.

— Assassinado? — perguntou o presidente Ryan, ainda limpando a maquiagem do rosto com uma toalha de papel úmida, da mesma marca que usara para limpar bundinhas de bebê. Pelo menos seu rosto pareceu limpo quando acabou.

— Essa foi a conclusão preliminar, tanto de uma autópsia superficial do corpo um exame ligeiro das fitas da cabine de comando.

Murray folheou os relatórios que recebera por fax vinte minutos antes.

Ryan recostou-se em sua cadeira. Como muita coisa no Salão Oval, ela era nova. No bufê atrás dele, todas as fotos da família Durling haviam sido removidas. Os documentos na mesa tinham sido recolhidos para ser examinados pelos assessores presidenciais. Alguns móveis tinham sido substituídos por outros dos depósitos da Casa Branca. A poltrona, desenhada para proteger a coluna de seu ocupante original, em breve seria substituída por uma feita sob medida para a coluna de Ryan por um fabricante que executava o serviço de graça e — notavelmente — sem apregoar isso ao público. Cedo ou tarde teria de trabalhar neste lugar, concluíra Jack alguns minutos antes. As secretárias ficavam aqui, e não seria justo fazê-las viajar através do prédio, subindo e descendo escadas. Mas dormir neste lugar era outra história... pelo menos por enquanto. Ryan também teria de se conformar com isso. Então, pensou olhando para Murray sobre a mesa, — Foi assassinato. Disparo?

Dan balançou a cabeça. — Faca cravada no coração, penetração única.

Nosso agente considerou que o ferimento foi causado por uma lâmina fina, como uma faca de carne. A julgar pelas fitas da cabine de comando, aconteceu antes da decolagem. Provavelmente poderemos definir o momento exato. Nas fitas, desde o aquecimento das turbinas até o momento do impacto, ouve-se apenas a voz do piloto. Seu nome era Sato, um comandante muito experiente. A polícia japonesa conseguiu reunir uma pilha de informações para nós.

Aparentemente, ele perdeu um irmão e um filho na guerra. O irmão comandava um destróier que foi a pique. O filho era um piloto de caça que, depois de uma missão, sofreu um desastre na aterrissagem. Ambos morreram no mesmo dia, ou quase. Portanto, foi uma questão pessoal. Motivo e oportunidade, Jack — Murray permitiu-se dizer, porque estavam quase sozinhos no escritório.

Andréa Price também estava com eles. Ela não aprovou o tratamento; ainda não sabia que os dois eram amigos de longa data.

— A identificação foi muito rápida — observou Price.

— Ainda precisa ser confirmada. Faremos exames de DNA apenas para termos certeza. A qualidade da fita da cabine de comando é boa o bastante para permitir análise de impressão de voz. Pelo menos foi isso que disseram ao nosso agente. Os canadenses têm gravações de radar rastreando a aeronave em seu espaço aéreo, de modo que será fácil confirmar a hora do evento. Temos todo o percurso da aeronave registrado de Guam até o Japão; de lá para Vancouver e até a colisão com o Capitólio. Como dizem, está tudo acabado, menos o falatório. E, acredite em mim, vai haver muito falatório, senhor presidente. — Desta vez, Andréa Price aprovou o tratamento. — Precisaremos de pelo menos dois meses até termos cada pedacinho de informação confirmado, e suponho que podemos estar errados, mas, para todos os propósitos práticos, em minha opinião e de todos os agentes presentes na cena, o caso está fechado.

— O que poderia fazer com que você estivesse errado? — indagou Ryan.

— Potencialmente, pouquíssimas coisas. Estamos considerando que foi o trabalho de um único fanático... não, isso não é justo... de um homem muito zangado. Mas para que isto fosse uma conspiração, teríamos de considerar planejamento detalhado, e é difícil acreditar nisso. Como saberiam que estavam prestes a perder a guerra, como leriam sobre a sessão conjunta? Além disso, não esqueça o que aquele cara da NTSB disse. Se a coisa tivesse sido planejada como uma operação de guerra, teria sido muito fácil colocar dez toneladas de explosivos a bordo do avião.

— Ou uma bomba atômica — completou Jack.

— Ou uma bomba atômica — assentiu Murray. — Isso me lembra de uma coisa: o adido da Força Aérea vai inspecionar a fabrica de armamentos nucleares. Os japoneses levaram alguns dias para descobrir sua localização.

Estamos enviando um especialista para lá neste exato momento. — Murray conferiu suas anotações. — O Dr. Woodrow Owell... oh, eu o conheço. Ele dirige o setor na Lawrence Livermore. O primeiro-ministro Koga disse ao nosso embaixador que quer aquelas malditas coisas fora do seu país imediatamente.

Ryan girou sua poltrona. As janelas atrás dele davam para o monumento de Washington. Aquele obelisco era cercado por um círculo de bandeiras, todas a meio mastro. Jack viu uma fila de pessoas aguardando o elevador que levava até o topo do monumento. Eles tinham vindo a Washington para ver os prédios e monumentos e agora eles, estavam desfrutando de uma paisagem inédita.

Ryan percebeu que os vidros das janelas do Salão Oval eram incrivelmente espessos, apenas para o caso de um daqueles turistas ter um rifle de assalto enfiado sob o casaco...

— Quanto disso podemos divulgar? — perguntou o presidente Ryan.

— Não vejo por que não divulgar algumas coisas — respondeu Murray.

— Tem certeza? — indagou Price.

— Não precisamos proteger provas para um julgamento. O culpado está morto. E verificaremos a fundo todas as possibilidades de coconspiradores, mas as provas que temos hoje não oferecem nenhum indício nesse sentido. Não sou exatamente favorável a divulgar provas criminais, mas as pessoas lá fora querem saber alguma coisa, e num caso como este, devemos informá-las.

E além do mais, pensou Price, isso cairá bem para o FBI. Ela se conteve para não colocar em palavras sua observação silenciosa.

— Quem está conduzindo isto no judiciário? — perguntou Price.

— Pat Martin.

— É? Quem o escolheu?— perguntou Price.

Ryan virou-se para ver Murray responder.

— Acho que eu — respondeu Murray, quase enrubescido. — O presidente disse! para escolher o melhor promotor, e é o Pat. Ele é chefe da Divisão Criminal há nove meses. Antes ele dirigiu o Serviço de Informações é ex-agente do FBI. Ele é um advogado particularmente bom; está nisso há quase trinta anos. Bill Shaw queria fazê-lo juiz. Ele e o promotor público conversaram sobre isso na semana passada.

— Tem certeza que ele é realmente bom? — perguntou Jack. Price decidiu responder.

— Também já trabalhamos com ele. É um verdadeiro profissional, Dan está certo. Com toda certeza do mundo, ele é um juiz adequado. E uma pessoa extremamente justa. Ele lidou com o caso de vingança da Máfia que meu antigo parceiro desbaratou em Nova Orleans.

— Certo. Deixe que ele decida o que divulgar. Ele pode começar a falar com a imprensa logo depois do almoço.

Ryan viu as horas. Era presidente há exatas 12 horas.

Pierre Alexandre, coronel desmobilizado do Exército dos Estados Unidos, ainda parecia um soldado. Era alto, magro e bem proporcionado, e isso não incomodou nem um pouco o reitor. Dave James gostou imediatamente do que viu quando seu visitante sentou-se. Gostou ainda mais dele pelo que estava lendo em seu currículo, e mais ainda pelo que descobrira por telefone. O coronel Alexandre — Alex, para os amigos, os quais eram muitos — era um especialista em doenças infecciosas que passara vinte anos produtivos a serviço do governo, dividido principalmente entre o Walter Reed Army Hospital, em Washington, e o Forte Detrick, em Maryland, tendo também realizado 4

numerosos trabalhos de campo em outros países. Formado na West Point e pela University of Chicago Medical School, leu o Dr. James. Bom. Seus olhos correram novamente pela relação de experiências profissionais. A lista de artigos publicados ocupava oito páginas de espaço simples. Fora indicado para dois prêmios importantes, mas ainda não tivera sorte. Bem, talvez a Hopkins pudesse mudar isso. Seus olhos escuros não estavam especialmente intensos no momento. Mas não era um homem arrogante. Alexandre simplesmente sabia quem e o que era — melhor ainda, sabia o que o reitor James sabia.

— Conheço Gus Lorenz — disse o reitor James com um sorriso. — Estudamos juntos em Peter Brent Brigham.

— Homem brilhante — concordou Alexandre com seu sotaque creole. Era de conhecimento geral que o trabalho de Gus na febre Lassa e que tornara-o um dos favoritos para o Prêmio Nobel. — E um grande médico.

— Então, por que não quer trabalhar com ele em Atlanta? Gus me disse que gosta muito de você.

— Reitor James...

— Dave — permitiu o reitor.

— Alex — replicou o coronel.

Havia algo a ser dito pela vida civil, afinal de contas. Alexandre considerou o reitor no um equivalente a um oficial três estrelas, talvez quatro. A Johns Hopkins gerava muito prestígio.

— Dave, trabalhei num laboratório quase a minha vida inteira. Quero cuidar de doentes de novo. O CDC seria apenas a mesma coisa. Por mais que goste de Gus... servimos juntos no Brasil em 1987, e nos afinamos muito bem — assegurou ao reitor estou cansado de olhar apenas para matriciais e slides.

E pela mesma razão, ele recusara uma oferta extraordinária da Pfizer Pharmaceuticals de dirigir um de seus novos laboratórios. As doenças infecciosas estavam se alastrando, e todos torciam para não ser tarde demais.

Mas por que esse sujeito não tem posto ...?, pensou James. Talvez por questões políticas. O Exército

também tinha esse problema. Assim como a Hopkins. Mas o que eles estavam perdendo...

— Falei a seu respeito com Gus ontem à noite. Mesmo?

Não que isso fosse surpreendente. Na alta esfera da medicina, todo mundo conhece todo mundo.

— Ele disse para não pensar duas vezes antes de contratá-lo...

— Bondade dele — riu Alexandre.

— ... porque senão Harry Tuttle arrastará você para seu laboratório. Conhece Harry? E todo mundo sabia o que todo mundo estava fazendo.

— Fomos colegas de turma aqui — explicou o reitor. — Nós dois namoramos.

Ele venceu. Sabe, Alex, tenho muitas referências a seu respeito.

— Espero que isso seja bom.

— É. Você pode começar como professor associado trabalhando para Ralph Forster. Há muito trabalho laboratorial... e contará com uma excelente equipe.

Ralph montou um ótimo grupo nos últimos dez anos. Porém, estamos começando a nos tornar referência no setor clínico. Ralph está um pouco velho para viajar demais. Assim, esperava que você possa girar pelo mundo um pouco. Também ficará encarregado das atividades clínicas... digamos, daqui a seis meses...?

O coronel desmobilizado assentiu.

— Isso parece perfeito. Preciso reaprender algumas coisas. Diabos, quando é que isso tudo termina?

— Quando você se torna um administrador. Isso acontece se você não for cuidar — Sim. Bem, agora você sabe por que pendurei minha roupa verde. Eles queriam que eu dirigisse um hospital. Droga, sei que sou bom dentro de um laboratório. Sou muito bom dentro de um laboratório. Mas quero cuidar de pessoas para variar... e para ensinar um pouco. Mas, acima de tudo, quero ver pessoas doentes e mandá-las de volta com saúde para casa. Uma vez uma pessoa em Chicago definiu assim o trabalho do médico.

Se este fosse um ramo de vendas, pensou o reitor James, então eu teria de aprender algumas coisas com Oliver. Yale poderia oferecer-lhe praticamente o mesmo posto, mas este manteria Alexandre perto de Forte Detrick, a noventa minutos de avião de Atlanta, e perto da baía de Chesapeake... O reitor James lera no resumo que Alexandre gostava de pescar. Bem, isso não era de admirar para alguém que crescera na Louisiana. No cômputo total, era uma má notícia para Yale. O professor Harold Tuttle era um excelente profissional, talvez um pouquinho melhor que Ralph Forster, porém, em mais ou menos cinco anos, Ralph se aposentaria, e Alexandre tinha a aparência de um astro. Mais do que qualquer outra coisa, o reitor James estava no ramo de recrutar futuros astros.

Em outra realidade, ele seria o dirigente de um time de beisebol campeão.

Então, estava decidido. James fechou a pasta sobre sua mesa.

— Doutor, seja bem-vindo à faculdade de medicina da Universidade Johns Hopkins.

— Muito obrigado, senhor.

Estratégias

O resto do dia passou como um borrão diante dos olhos de Jack, com apenas alguns momentos discerníveis. Sua primeira experiência com computador — fora no Boston College. Antes da era dos microcomputadores, usava o mais imbecil! E terminais imbecis — um teletipo — para se comunicar com um computador de grande porte em alguma parte, juntamente com seus colegas do BC e outras escolas. Aquilo era chamado de partilha de tempo, apenas mais um termo de uma era limitada, quando os computadores custavam por volta de um milhão de dólares para o mesmo desempenho que hoje pode ser duplicado no relógio de um cidadão de classe média. Mas Jack logo descobriu que o termo ainda se aplicava ao presidente America! E, para quem o acompanhamento de uma única linha de raciocínio do começo ao fim é o mais raro dos luxos, e o trabalho consistia em diversas conexões intelectuais de uma reunião específica com a seguinte, que era mais ou menos como acompanhar várias telenovelas tentando não confundir uma com outra, e sabendo que evitar esse m era virtualmente impossível.

Começou assim que Murray e Price saíram.

A iniciação de Ryan foi uma palestra proferida por um dos agentes do serviço nacional de informações designado para o gabinete. Durante um período de 26 minutos, Jack aprendeu o que já sabia devido ao cargo que ele ocupava até o dia anterior. Assistiu a tudo em silêncio, se não por outra razão, ao menos para conhecer o homem que seria um dos membros de sua equipe diária de reuniões. Era um grupo heterogêneo. Cada um tinha uma perspectiva própria e Ryan procurou compreender as nuances peculiares às vozes individuais que escutaria.

Então, nada no horizonte por enquanto? — perguntou Jack.

— Nada que nós do Conselho de Segurança Nacional possamos ver, presidente. Gabinete está tão a par dos focos potenciais de problemas quanto eu, é claro, e eles atualizam dia a dia.

O homem eximia-se de responsabilidades com a graça de alguém que dançava esse jogo havia anos. O rosto de Ryan não mudou, apenas porque ele já vira isso antes. Um bom agente secreto não temia a morte, não temia encontrar sua mulher na cama do melhor amigo, não temia nenhuma das vicissitudes normais da vida. O que um agente temia era cometer um erro numa declaração profissional. Mas evitar isso era fácil. Bastava jamais assumir uma posição verdadeira em nada. Apenas o presidente precisava tomar uma posição, e ele tinha a sorte de contar com especialistas treinados para supri-lo com as informações necessárias, não é verdade?

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa — manifestou-se Ryan depois de alguns segundos de reflexão.

— Que é, senhor? — perguntou o agente, cauteloso.

— Não quero ouvir apenas o que você sabe. Quero ouvir também o que você e o seu pessoal acham. Você é responsável pelo que sabe, mas assumirei a responsabilidade de qualquer coisa que eu faça a partir do que você acha. Já estive no seu lugar e agi dessa forma, entendeu?

— Claro, presidente. — O homem permitiu-se um sorriso que mascarou seu terror com a perspectiva. — Comunicarei isso aos meus colegas.

— Muito obrigado. — Ryan dispensou o homem e decidiu que precisava de um conselheiro de Segurança Nacional no qual pudesse confiar. Perguntou-se onde arranjaria um.

Como se por mágica, a porta moveu-se para permitir a saída do agente — um membro do Serviço

Secreto assistira a maior parte da reunião através de uma fenda de espionagem e abriu a porta. Em seguida, Ryan recebeu uma junta do Departamento de Defesa.

O chefe, um oficial de duas estrelas, entregou-lhe um cartão plástico.

— Presidente, o senhor precisa colocar isto em sua carteira.

Jack assentiu, sabendo o que era antes mesmo que suas mãos tocassem o plástico laranja. Parecia um cartão de crédito, mas nele havia uma série de grupos de números...

— Qual deles? — perguntou Ryan.

— O senhor decide, presidente.

Ryan fez isso. Leu em voz alta o terceiro grupo duas vezes. Ali estavam dois oficiais comissionados, mais um general, um coronel e um major. Todos anotaram o grupo de números que ele selecionou e também leram-no em voz alta duas vezes. O presidente Ryan agora tinha a habilidade de ordenar a liberação de armas nucleares estratégicas.

— Por que isto é necessário? — indagou. — Ano passado mandamos para o lixo os últimos mísseis balísticos.

— Presidente, ainda temos mísseis intercontinentais que podem ser armados com ogivas W-80, mais bombas de gravidade B-61 designadas para nossa frota de bombardeiros. Precisamos de sua autorização para ativar os PAL*, e a ideia é ativá-los o mais cedo possível, apenas para o caso...

=====

* Permissible Action Links — Circuitos de Permissão de Ação. (N. do T.)

=====

Ryan completou a frase:

— ...de eu precisar ser retirado antes.

Você é realmente importante agora, Jack disse uma voz sinistra no seu íntimo. Agora você pode iniciar um ataque nuclear.

— Odeio essas coisas. Sempre odiei.

— Não esperamos que goste delas, senhor — disse o general, em tom compreensivo. — Mas, como o senhor sabe, o corpo de fuzileiros possui o esquadrão de helicópteros VMH-1 que está sempre preparado para tirá-lo daqui e transportá-lo para um local seguro no menor tempo possível...

Ryan escutou o resto enquanto sua mente se perguntou se ele deveria fazer o que Jimmy Carter fizera nesse momento: Certo, vamos ver isso. Diga-lhes que quero que venham me pegar AGORA. Esse comando presidencial tornara-se um grande embaraço para muitos fuzileiros. Mas ele não podia fazer isso agora, podia? Isso transpiraria como se Ryan fosse um idiota paranoico, não alguém que queria ver se o sistema realmente funcionava da forma como as pessoas disseram que funcionaria. Além disso, o VMH-1 com certeza operaria à perfeição. Ou não?

O quarto membro da equipe era um oficial de segurança do Exército.

Usava trajes civis e carregava uma maleta de aparência comum conhecida como futebol. Dentro dela havia uma pasta, dentro da qual havia um plano de ataque — na verdade todo um conjunto deles...

— Deixe-me ver — disse Ryan. O oficial de segurança hesitou, em seguida abriu a maleta e entregou a Ryan a pasta azul-marinho. Ryan abriu-a.

— Senhor, não mudamos isso desde...

O primeiro bloco estava rotulado OPÇÃO PRINCIPAL DE ATAQUE.

Mostrava um mapa do Japão, e muitas das cidades estavam marcadas com pontos multicoloridos. A legenda no fundo mostrava o que os pontos significavam em termos de megatonelada liberada; provavelmente outra página quantificaria as mortes previstas. Ryan levantou as abas da pasta e removeu esse bloco inteiro.

— Quero que estas páginas sejam queimadas. Quero esta opção eliminada imediatamente.

Isso apenas significava que elas seriam arquivadas em alguma gaveta nos Planos de Guerra do Pentágono, e também em Omaha. Coisas assim jamais morriam.

— Senhor, ainda não foi confirmado se os japoneses destruíram todas as suas plataformas de lançamento, nem se procederam à neutralização de suas armas nucleares. O senhor deve entender...

— General, isto é uma ordem — disse Ryan em tom calmo. — Posso dá-las; sabe disso.

O homem empertigou-se em posição de sentido.

— Sim, Sr. Presidente.

Ryan folheou os outros documentos na pasta. Apesar de seu cargo anterior, o que encontrou ali foi uma revelação. Jack sempre evitara conhecimento íntimo sobre defesa nuclear. Jamais esperara que isso viesse a ser usado. Depois do incidente terrorista em Denver e de todo o horror que conseqüentemente varrerá o planeta, estadistas de continentes e crenças diferentes haviam chegado às suas próprias conclusões sobre as armas que controlavam. Mesmo durante a guerra com o Japão, Ryan soubera em algum lugar, alguma equipe de especialistas maquinara um plano para um ataque nuclear retaliatório, mas ele concentrara seus esforços em torná-lo desnecessário, e o novo presidente sentia um orgulho considerável por jamais haver sequer aventado a possibilidade de implementar o plano cujo resumo ainda estava em sua mão esquerda, o nome código era FUZIL COMPRIDO. Por que os nomes tinham sempre de ter terminologia, empolgantes e viris, como se dissessem respeito a alguma coisa que fosse motivo de orgulho?

— E este, que é? COMUTADOR DE LUZ...? O general respondeu: — Sr. Presidente, esse é um método para empregar um ataque atômico eletromagnético. Se uma bomba nuclear for detonada a uma altura muito alta, não haverá nada, nem mesmo ar, para absorver a energia inicial da explosão e convertê-la em energia mecânica. Ou seja, não haverá nenhuma onda de choque. Como consequência, toda a energia será liberada em sua forma eletromagnética original. Isso impede o uso de energia elétrica e linhas telefônicas. Em nossas estimativas de alvos na União Soviética, sempre mantivemos uma série de mísseis diretamente apontados para altitudes elevadas. O sistema telefônico soviético era tão primitivo que seria destruído com facilidade. Essa modalidade de paralisação estratégica não atinge ninguém no solo.

— Entendo.

Ryan fechou a pasta e devolveu-a ao oficial de segurança, que prontamente trancou o documento, agora bem mais leve.

— Segundo sei, não há nada acontecendo que requeira um ataque nuclear de qualquer espécie.

— Correto, presidente.

— Então qual é o sentido em manter aquele homem sentado do lado de fora do seu escritório o tempo todo?

A princípio, o general pareceu chocado. Então perguntou: — O senhor não conseguiria prever todas as contingências políticas, conseguiria, senhor?

Ryan imaginou como teria sido difícil para o general contrariar o presidente dessa forma com uma expressão neutra no rosto.

— Acho que não — replicou o presidente.

O Departamento de Protocolo da Casa Branca era dirigido por uma mulher chamada Judy Simmons. Judy fora admitida pelo Departamento de Estado ao quadro de funcionários da Casa Branca há apenas quatro meses. Seu escritório no térreo do prédio estivera ocupado desde os primeiros minutos após a meia-noite, quando chegara de sua casa em Burke, Virgínia. Cabia-lhe a tarefa ingrata de fazer os preparativos para aquele que seria o maior funeral de Estado da história dos EUA, tarefa para a qual Judy já recorrera ao auxílio de mais de uma centena de funcionários, e ainda não era hora do almoço. A lista dos mortos ainda não estava compilada, mas através do exame minucioso das fitas de vídeo, tinha-se

certeza da maior parte das pessoas que estavam no plenário da Câmara, e havia informações biográficas sobre todos — casados ou solteiros, religiosos ou não *etc.* Graças a isso, estavam sendo realizados os planos necessários — ainda que apenas preliminares. Mas qualquer que fosse a decisão final, Jack seria o mestre dessa cerimônia triste e, portanto, precisava ser informado sobre cada passo do seu planejamento. Um funeral para milhares, pensou Ryan. A maioria dessas pessoas ele não conhecera; a maioria dessas pessoas deixava maridos, esposas e filhos.

— Catedral Nacional — disse Ryan, virando a página.

Depois de compilados, os números aproximados das afiliações religiosas determinaram que o clero assumiria as diversas funções no serviço religioso ecumênico.

— É lá que costumam ser realizadas as cerimônias como essa, presidente — confirmou uma funcionária muito tensa. — Não haverá espaço para todos os restos mortais.

Ela não disse que um dos funcionários da Casa Branca sugerira um funeral ao ar livre no estádio RFK para acomodar todas as vítimas. Ela prosseguiu: — Mas haverá espaço para os corpos do presidente e da primeira-dama, a sim como para uma seleção representativa das vítimas do Congresso.

Contatamos onze governos estrangeiros para nos consultarmos sobre os diplomatas presentes. Também temos uma lista preliminar de representantes de governos estrangeiros que comparecerão à cerimônia.

Entregou o papel a Ryan, que correu os olhos pela lista. Isso significava que depois do funeral ele se encontraria informalmente com vários chefes de Estado para conduzir negócios informais. Ryan precisaria ler um relatório sobre cada chefe de Estado antes de se encontrar com ele. Além de tudo que os outros chefes de Estado iriam perguntar-lhe ou pedir-lhe, ele também estaria sendo avaliado por eles. Jack sabia como isso funcionava. No mundo inteiro, presidentes, primeiros-ministros e alguns ditadores vitalícios estariam agora lendo documentos — quem era esse John Patrick Ryan, e o que podia ser esperado dele? Perguntou-se se os outros teriam uma melhor ideia da resposta do que ele mesmo. Provavelmente não. Seus dilemas não deveriam ser muito diferentes. E assim, uma legião de representantes estrangeiros chegaria em jatos governamentais, em parte para ver de perto o novo presidente americano, em parte para satisfazer necessidades políticas internas, e em parte porque simplesmente era seu dever fazer isso. E assim este evento, por mais horrível que fosse para milhares e milhares de pessoas, seria apenas um pouco mais de exercício mecânico no mundo da política. Jack sentiu vontade de gritar de raiva, mas o que mais podia fazer? Os mortos estavam mortos, e toda sua dor não iria trazê-los de volta. E os Estados Unidos e os outros países precisavam seguir seus rumos.

— Por favor, peça a Scott Adler para trabalhar nisso.

Alguém teria de determinar quanto tempo ele deveria passar com os políticos visitantes, e Ryan não era qualificado para essa tarefa.

— Sim, Sr. Presidente.

— Que tipo de discursos terei de fazer? — perguntou Jack.

— Temos gente trabalhando nisso agora. O senhor deverá receber os primeiros tratamentos dos discursos amanhã à tarde — replicou a Sra. Simmons.

O presidente Ryan assentiu e pôs os papéis em sua pilha de saída. Quando a chefe de cerimonial saiu, uma secretária entrou — ele não sabia o nome desta mulher — com uma pilha de telegramas, os que ele deixara de ler no Quartel dos Fuzileiros, mais outra folha de papel que mostrava suas atividades para o dia, preparada sem sua supervisão ou assistência. Estava prestes a reclamar disso quando ela falou.

— Recebemos mais de dez mil telegramas e e-mails de... bem, de cidadãos.

— Dizendo o quê?

— A maioria diz que eles estão rezando por você.

— Oh...

Por algum motivo, isso foi uma surpresa para Jack, e fê-lo sentir-se humilde. Mas Deus ouviria? Jack

voltou a ler as mensagens oficiais, e o primeiro dia prosseguiu.

Embora o novo presidente dos Estados Unidos estivesse cheio de trabalho e compromissos, o país estava essencialmente paralisado. Bancos e bolsas de valores estavam fechados; as escolas e muitas empresas também. Todas as emissoras de televisão haviam enviado seus principais jornalistas e técnicos para os diversos departamentos da capital. Uma horda de operadores de câmera sentados em torno do Capitólio cobria continuamente as operações de resgate, enquanto repórteres tinham de continuar falando, para que as imagens não entrassem no ar em silêncio. Por volta das 11 da manhã, um guindaste removeu os restos da cauda do 747, que foi depositado numa enorme carreta para ser transportado até um hangar na base Andrews da Força Aérea. Esse seria o local do processo que estava sendo chamado, por falta de nome melhor, de a investigação do acidente. As câmeras seguiram o veículo enquanto ele serpenteava pelas ruas. Logo depois, duas das turbinas do avião foram retiradas mediante uma rotina muito parecida. Vários peritos ajudaram a preencher o silêncio, especulando o que havia acontecido e como. Foi difícil para todos os envolvidos, porque até então haviam sido liberadas pouquíssimas informações — as pessoas tentando descobrir as causas do acidente estavam ocupadas demais para conversar com repórteres, oficialmente ou não, e embora os jornalistas não pudessem dizer isso, sua maior fonte de informação jazia nas ruínas diante das 34 câmeras. Isso conferia aos peritos pouco que dizer. Testemunhas foram entrevistadas e, para a surpresa geral, não foi descoberta nenhuma gravação da queda da aeronave. O número do avião era conhecido — não havia como não vê-lo, pintado na fuselagem do avião —, e jornalistas e autoridades tiveram a mesma facilidade em checá-lo. Logo foi confirmado que a aeronave pertencia à Japan Airlines. Descobriu-se também a data em que o aparelho saíra da fábrica da Boeing, perto de Seattle. Executivos da Boeing concederam entrevistas e, ao longo do caminho, determinou-se que o 747-400 (PIP) pesava, vazio, mais de duzentas toneladas, número duplicado pela massa de combustível, passageiros e bagagem levada ao ar. Um piloto da United Airlines, familiarizado com a aeronave, explicou a duas das emissoras como um piloto poderia rumar para Washington e executar o mergulho mortal, enquanto um colega da Delta fez o mesmo para as outras redes. Ambos os pilotos enganaram-se em alguns aspectos, nenhum deles importante.

— Mas o Serviço Secreto não está armado com mísseis terra-ar? — perguntou um âncora.

— Se uma carreta de dezesseis rodas está vindo na sua direção a cem quilômetros por hora, e você dá um tiro num dos pneus, isso não detém o veículo, detém? — respondeu o piloto, reparando no olhar compenetrado no rosto de um jornalista muitíssimo bem pago que compreendia pouco mais do que aparecia em um teleprompter. — Um avião de trezentas toneladas não pode simplesmente parar. Certo?

— Então não havia como deter o avião? — indagou o âncora com uma expressão intrigada.

— Não, não havia.

O piloto percebeu que o repórter não entendera nada, mas ele não conseguiu divisar outra analogia para esclarecer ainda mais o que estava dizendo.

Nesse momento, o diretor de TV, em sua sala de controles na Nebraska Avenue, colocou no ar dois membros da Guarda Nacional descendo com outro corpo pelos degraus do Capitólio. Um diretor-assistente estava parado diante dos monitores conectados às diversas câmeras, tentando manter um registro do número de corpos removidos. Sabia-se agora que os corpos do presidente e da primeira-dama haviam sido encontrados e estavam no Walter Reed Army Medical Center para a autópsia — exigida por lei em todos os casos de morte não natural. Na central da emissora, em Nova York, cada minuto de videoteipe sobre Durling estava sendo depurado para ser veiculado durante o dia. Amigos e colegas políticos de Durling estavam sendo procurados e entrevistados.

Psicólogos eram chamados ao estúdio para explicar como os filhos de Durling poderiam ser instruídos a lidar com o trauma, e em seguida falar sobre o impacto do evento sobre a nação como um todo e como os cidadãos poderiam lidar com isso. A única coisa que não estava sendo examinada

profundamente na televisão era o aspecto espiritual. O fato de que muitas das vítimas haviam acreditado em Deus e frequentado ocasionalmente a igreja só foi julgado merecedor de cobertura por uma emissora, que dedicou três minutos no ar a esse tópico. Como todas as redes estavam monitorando constantemente umas às outras em busca de ideias, o segmento foi imitado por várias outras emissoras nas horas seguintes.

Jack sabia que, no fim das contas, tudo se reduzia a isso. Os números eram meramente um acréscimo aos casos individuais, idênticos a este em magnitude e horror. Evitara esse encontro o dia inteiro, mas finalmente conseguiu vencer sua covardia.

Os filhos dos Durling pairavam entre uma atitude de negação e um sentimento de horror profundo por um mundo destruído diante de seus olhos enquanto assistiam a seu pai falar na TV. Jamais veriam papai e mamãe novamente. Os corpos estavam danificados demais para ser expostos em caixões abertos. Não haveria despedidas finais. Apenas a remoção traumática da fundação que sustentava suas vidas jovens. E como as crianças deveriam compreender que mamãe e papai não eram apenas mamãe e papai, mas eram — tinham sido — outra coisa para outras pessoas, e que, por essa razão, suas mortes haviam sido necessárias para alguém que não conhecia ou se importava com as crianças?

Vários familiares haviam chegado a Washington, a maioria trazidos da Califórnia pela Força Aérea. Embora igualmente chocados, precisavam, na presença das crianças, munir-se da força necessária para amenizar a dor da profunda perda dos pequenos. Isso, ao menos, dava-lhes alguma coisa para fazer. De todos do Serviço Secreto, agentes do Serviço Secreto designados para JUNÍPERO e JÚNIOR eram os mais abalados. Treinados para defendera qualquer custo quem quer que fosse o protegido, os agentes que cuidavam dos filhos dos Durling carregavam o fardo adicional do carinho normal que qualquer pessoa com sentimentos tinha por qualquer criança, e nenhum deles teria hesitado um milésimo de segundo para protegê-los com suas vidas, embora, ao contrário dos outros agentes da segurança presidencial, não portassem armas. Os homens e mulheres desta subdivisão da segurança haviam brincado com as crianças, comprado presentes de Natal e aniversário para eles e ajudado com seu trabalho de casa... Agora estavam dizendo adeus, para seus pais e para os colegas. Ryan notou as expressões em seus agentes e anotou um lembrete mental para perguntar a Andréa se o Serviço poderia designar-lhes um outro posto — Não, não doeu — Jack estava sentado, de modo que o menino o fitava nos olhos. — Não doeu nem um pouco.

— Certo — disse Mark Durling.

As crianças estavam imaculadamente vestidas. Um dos membros da família considerara importante que as crianças estivessem apropriadamente vestidos para ser apresentadas ao sucessor de seu pai. Jack ouviu um arfar, e sua visão periférica captou o rosto de um agente — este, um homem —, que estava prestes a perder o controle. Price segurou-o pelo braço e o conduziu até a porta, antes que as criança pudessem notar.

— Vamos ficar aqui?

— Sim — assegurou-lhe Jack. Era mentira, mas não do tipo que — o magoaria. — E se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, pode vir me ver, entendeu?

O menino assentiu, esforçando-se ao máximo para ser corajoso. I ri hora de deixá-lo com a família. Ryan apertou a mão do menino com força, tratando como o homem que ele só viria a se tornar dali a muitos anos, mas para quem os deveres da maturidade estavam chegando cedo demais. O menino precisava chorar, e Ryan considerou que ele precisava fazer isso sozinho, por enquanto.

Jack dirigiu-se até a porta para o saguão amplo no pavimento dos dormitórios. O agente que Price retirara da sala, um negro alto, de feições rudes, estava chorando a três metros dali. Ryan caminhou até ele.

— Você está bem?

— Porra... perdão, quero dizer... merda!

O agente balançou a cabeça, envergonhado com sua demonstração de emoções. Price sabia que o pai dele morrera num acidente de treinamento em Forte Rucker, quando ele tinha 12 anos, e o agente especial Tony Wills possuía uma habilidade extraordinária para lidar com crianças. Em momentos como esse, pontos fortes tornavam-se fraquezas.

— Não se desculpe por ser humano. Também perdi minha mãe e meu pai.

Os dois ao mesmo tempo. — Ryan fez uma pausa e então prosseguiu, a voz arrastando-se com a fadiga. — O 737 caiu no Aeroporto Midway durante uma tempestade de neve. Mas eu já era crescido quando aconteceu.

— Eu sei, senhor. — O agente enxugou os olhos e se empertigou. — Ficarei bem. Ryan deu-lhe um tapinha no ombro e caminhou até o elevador. Para Andréa Price: — Tire-me deste maldito lugar!

O Suburban rumou para norte, dobrando à esquerda na Massachusetts Avenue, que conduzia até o Observatório Naval e a pequena mansão em estilo vitoriano que a nação oferecia ao vice-presidente. Como antes, estava guardada pelos fuzileiros, que permitiram a entrada do comboio. Jack entrou na casa.

Cathy esperava-o na entrada. Só precisou olhar para Jack.

— Dia difícil?

Tudo que Ryan pôde fazer foi assentir. Abraçou-a com força, sabendo que não conteria as lágrimas por muito tempo. Então, levantou os olhos e viu o cordão de agentes parados ao longo das paredes do saguão de entrada da casa, e ocorreu-lhe que teria de se acostumar a eles, imóveis como estátuas, onipresentes nos momentos mais íntimos.

Odeio este emprego.

Mas o general de brigada Marion Diggs amava o dele. A rotina não mudara radicalmente para todos. Enquanto o nível de atividade nos quartéis dos fuzileiros em Washington e em Quântico, Virgínia, subira imensamente, em outras organizações a rotina simplesmente permanecera árdua ou ficara ainda mais árdua; nesses lugares, as pessoas jamais tinham permissão para dormir — pelo menos não todas ao mesmo tempo. Uma dessas organizações era o Forte Irwin, na Califórnia. Localizada no deserto de Mojave, a base estendia-se por uma área maior que o estado de Rhode Island. A paisagem era morta o bastante para que os ecologistas tivessem de suar muito para achar alguma coisa viva entre a vegetação rasteira, e mesmo os praticantes mais ardorosos da profissão confessariam achar a superfície da Lua muito mais interessante. Não que os ecologistas não infernizassem sua vida, pensou Diggs, ajustando o foco de seus binóculos. Havia ali uma espécie de tartaruga do deserto, que possuía alguma coisa que a distinguia das outras tartarugas (o general não fazia a menor ideia do que seria), e os soldados precisavam protegê-la. Para resolver isso, seus soldados haviam coletado todas as tartarugas que puderam encontrar e levaram-nas para um cercado grande o bastante para que os répteis nem mesmo notassem a cerca. Localmente, aquilo era conhecido como o maior bordel de tartarugas do mundo. Com esse problema resolvido, as outras formas de vida que porventura existissem no Forte Irwin seriam capazes de cuidar de si mesmas. Ocasionalmente um coioote aparecia e desaparecia, e era só. Além disso, coiootes não eram uma espécie ameaçada.

Visitantes eram. Forte Irwin abrigava o Centro Nacional de Treinamento do Exército dos Estados Unidos. Os residentes permanentes desse estabelecimento constituíam uma Força de Resistência. Originalmente composta por dois batalhões, um de blindados e outro da infantaria motorizada, a Força de Resistência um dia se autodenominara 32º Regimento de Carabineiros Motorizado, uma designação soviética. Ao ser inaugurado na década de 1980, o Centro Nacional de Treinamento recebera a missão de instruir o Exército americano como lutar, sobreviver e sair vitorioso numa batalha contra o Exército Vermelho nas pradarias europeias. Os soldados do U32M tinham uniformes russos, dirigiam imitações de veículos soviéticos (a manutenção dos carros soviético revelou-se difícil, e equipamentos americanos

foram modificados para unidades que empregavam táticas russas, e se orgulhavam por sempre dar uma boa sova em unidades que vinham jogarem seu campo. Mas isso era uma covardia. A Força de Resistência vivia e treinava aqui, e recebia outras unidades até 14 vezes por ano, enquanto a equipe visitante, se tivesse sorte, viria ao Centro Nacional de Treinamento de quatro em quatro anos. Mas quem disse que a guerra era justa?

Os tempos mudaram com a queda da União Soviética, mas o motivo do Centro Nacional de Treinamento não. A Força de Resistência recentemente fora aumentada para três batalhões — agora chamados esquadrões, porque a unidade assumira a identidade de 11ª Divisão Blindada, o Regimento Corcel Negro — emulava brigadas ou outras formações inimigas de maior porte. A única concessão autêntica ao novo mundo político fora que eles não chamavam mais a si mesmos de russos. Agora eram krasnovianos, palavra que, entretanto, era derivada de *krasny*, russo para vermelho.

O tenente-general Gennady Iosefovich Bondarenko sabia quase tudo isso — o bordel das tartarugas fora uma das poucas coisas sobre as quais não fora instruído antes de sair de seu país, mas a turnê de apresentação pela base corrigira isso — e citava empolgado, como era de seu feitio.

— Então você começou no Corpo de Sinaleiros? — perguntou Diggs.

O comandante da base era homem de poucas palavras mas de muito movimento. Vestia uma roupa de camuflagem para deserto — chamada sorvete de flocos devido à sua estampa. Ele, também, fora totalmente instruído sobre seu colega, embora, como seu visitante, precisasse fingir que não.

— Isso mesmo — assentiu Bondarenko. — Mas depois envolvi-me em muita confusão. Primeiro, o Afeganistão, depois, quando a guerrilha mujaheddin invadiu a União Soviética. Eles atacaram uma instalação de pesquisa de defesa no Tadjiquistão quando eu estava lá como visitante. Guerreiros corajosos, mas indisciplinados. Conseguimos mantê-los coesos — respondeu o militar russo, num tom monótono. Diggs podia ver as condecorações que Bondarenko recebera em decorrência disso. Diggs comandara o regimento que lutara ao lado da 241 Divisão Blindada de Infantaria durante a operação Tempestade no Deserto; depois comandara a divisão Búfalo, ainda baseada no deserto de Neguev, como parte do compromisso americano com a segurança israelense.

Os dois homens tinham 49 anos. Ambos haviam visto a morte de perto. E ambos tinham um futuro brilhante.

— Vocês têm um campo como esse em casa? — perguntou Diggs.

— Temos todos os tipos de terreno que você pode imaginar. Isso torna qualquer treinamento um desafio, especialmente hoje. Veja — disse. — Começou.

O primeiro grupo de tanques estava em movimento agora, atravessando uma passagem em forma de U, chamada Vale da Morte. O sol se punha atrás das montanhas acastanhadas, e a escuridão chegava rápido nessa região.

Também já estavam em funcionamento as câmaras do sistema de observação, o Deus do Centro Nacional de Treinamento, que observava tudo e qualificava o que via com a mesma imparcialidade da morte. O Centro Nacional de Treinamento era a escola mais empolgante do mundo. Os dois generais poderiam ter observado a batalha no quartel-general da base, num lugar chamado Sala Guerra nas Estrelas. Cada veículo era conectado por rádio, transmitindo assim sua localização, rumo e — quando era o caso — se um disparo acertara-o ou não. A partir desses dados, os computadores na Sala Guerra nas Estrelas enviavam sinais, dizendo às pessoas quando elas tinham morrido, embora raramente o motivo. Ficavam sabendo disso depois, através das análises fornecidas pelo sistema. Entretanto, os generais não queriam observar telas de computador. Os oficiais de Bondarenko estavam fazendo isso, mas o lugar do general era aqui. Todo campo de batalha tinha um cheiro, e os generais precisavam desenvolver seu olfato. — Seus instrumentos parecem saídos de um livro de ficção científica. Diggs deu de ombros.

— Não mudou muita coisa de 15 anos para cá. Mas hoje temos mais câmeras de TV nas colinas. Os EUA estavam vendendo boa parte dessa tecnologia para os russos.

Diggs tinha uma certa dificuldade em aceitar esse tipo de coisa. Ele tinha sido jovem demais para lutar no Vietnã. Pertencia à primeira geração de altos oficiais que não havia participado desse conflito. Mas Diggs crescera com uma realidade em sua vida: a luta contra os russos na Alemanha. Oficial de divisão blindada durante toda sua carreira, treinara para comandar um dos regimentos — na verdade, brigadas aumentadas — que faria o primeiro contato. Diggs lembrava de algumas vezes quando parecera terrivelmente provável que ele encontraria a morte nas cercanias de Fulda, enfrentando alguém como o homem ao seu lado, com quem, na noite anterior, entornara seis garrafas de cerveja contando histórias sobre como as tartarugas se reproduziam.

— Dentro — disse Bondarenko com um sorriso matreiro. Por algum motivo, os americanos pensavam que os russos não tinham humor. Ele precisava corrigir esse preconceito antes de partir.

Diggs contou até dez antes de replicar: — Fora.

Mais dez segundos.

— Dentro.

Então ambos começaram a rir. Quando fora apresentado à piada favorita da base, Bondarenko levava meio minuto para entendê-la. Mas a risada resultante acabara causando dor abdominal. Como agora. Ele recobrou o controle e comentou:

— A guerra devia ser assim.

— Depois fica um bocado tensa. Espere e verá.

— Você usa as nossas táticas!

Isso estava evidente pela forma como os veículos de reconhecimento estavam espalhados pelo vale.

Diggs virou-se para o colega russo, russo, — Porque não? Elas me serviram bem no Iraque.

O roteiro para essa noite — o primeiro compromisso da tripulação era bem difícil: a Força Vermelha devia atacar, avançar — até o contato e eliminar os veículos de reconhecimento da Força Azul. A Força Azul neste caso era a Infantaria da Divisão Motorizada, procedendo a defesa rápida. A ideia geral era que deveria ser uma situação tática muito fluida. O 11º Regimento Blindado de Infantaria simulando um ataque de divisão contra uma força recém-chegada com cerca de um inimigo, de tamanho hipotético. Essa era, na verdade, a melhor maneira de receber inimigos no deserto. Que comam poeira.

— Vamos nos mover — Diggs saltou de volta para seu HMMWV. O motorista guiou o veículo até uma pequena colina chamada Triângulo de ferro.

Uma mensagem curta de rádio de seu comandante superior fez o general americano xingar.

— Puta merda!

— Algum problema?

O general Diggs abriu um mapa.

— Aquela colina é o pedaço de terreno mais importante no vale, mas eles não a viram. Bem, eles pagarão por esse pequeno erro. Acontece sempre.

Naquele momento, soldados da Força de Resistência já corriam até a colina desocupada.

— É prudente para a Azul avançar tão rápido?

— General, posso garantir que o senhor logo verá se essa é uma atitude prudente ou não.

— Por que ele não falou mais, por que não apareceu mais em público?

O chefe do serviço de informações poderia ter respondido muitas coisas. O presidente Ryan estava ocupado demais. Tinha muitas coisas para fazer. O governo de seu país estava em ruínas, e organizá-lo era mais importante que falar ao público. Ryan precisava entrar em contato com numerosos dirigentes de países estrangeiros, precisava aplacar suas preocupações. Ele mesmo tinha várias preocupações imediatas, entre sua segurança pessoal. O gabinete americano e os principais conselheiros do presidente

estavam mortos e precisavam ser reconstituídos... mas não era isso que seu líder queria ouvir.

— Estivemos pesquisando esse Ryan — foi a resposta. — Nossa fonte principal foram as matérias publicadas pelos jornais, que a comissão de seu governo nas Nações Unidas enviou-nos por fax. Ryan tinha feito pouquíssimos pronunciamentos até hoje, e sempre para apresentar a visão de seus mestres. Ele foi agente do serviço de informações... na verdade, um burocrata, um analista.

Um profissional muitíssimo competente, mas, ainda assim, um burocrata.

— Então, por que Durling o promoveu?

— Os jornais americanos comentaram isso ontem. O governo americano precisava de um vice com presença. Durling também queria firmar seu gabinete de política externa, e nisso esse Ryan tinha alguma experiência. Lembre-se que ele foi muito competente no conflito com o Japão.

— Mas então era apenas um assistente, não um líder.

— Exatamente. Ele nunca aspirou a um posto elevado. Nossa informação é de que concordou assumir como vice apenas para ser um testa de ferro, por menos de um ano.

— Não estou surpreso.

Daryaei olhou as anotações: assistente do vice-almirante James Greer, diretor da CIA; temporariamente diretor interino; depois vice-diretor da contrainformação; depois conselheiro de Segurança Nacional para o presidente Durling; finalmente, aceitara o posto temporário de vice-presidente. Suas impressões sobre esse tal Ryan estavam corretas desde o início: um ajudante.

Provavelmente um ajudante muito habilidoso. Ele mesmo possuía vários ajudantes habilidosos, nenhum dos quais, contudo, poderia assumir seus próprios deveres. Ele não estava lidando com um igual. Isso era bom. — Que mais?

— Como perito em informação, ele será muito mais bem informado sobre questões internacionais do que a maioria dos presidentes. Na verdade, poderá ser o presidente com mais conhecimento sobre esses assuntos que os EUA tiveram nos últimos anos, mas ao custo da quase ignorância em questões internas.

Essa informação viera do New York Times.

— Ah... — exprimiu o aiatolá.

E com essa pequena informação, o plano começou a se formar. Nesse ponto era apenas um exercício mental. Isso mudaria em breve.

— E então, como vão as coisas no seu exército? — perguntou Diggs.

Os dois generais estavam sozinhos no topo da colina mais alta do terreno, observando, com óculos de visão noturna, a batalha que se travava lá embaixo.

Conforme previsto, o 32º — Bondarenko precisava pensar neles dessa forma — tomara os veículos de reconhecimento da Força Azul, manobrou para a esquerda e agora estava cercado a brigada inimiga. Com a ausência de baixas reais, era delicioso ver as lâmpadas amarelas que indicavam morte acenderem uma a uma. Então, respondeu à pergunta.

— Terrível. Temos em nossas mãos a tarefa de reconstruir tudo do começo.

Diggs virou-se para ele.

— Bem, senhor, é aí que eu entro. — Pelo menos vocês não têm problemas com drogas, frisou o americano. Ele podia lembrar de quando era um subtenente e tinha medo de entrar no quartel desarmado. Se os russos tivessem atacado na década de setenta... — Você realmente quer usar nosso modelo?

— Talvez. — Ao emular o sistema estratégico soviético, a única coisa que os americanos tinham feito de errado, e certo, fora permitir iniciativa tática aos comandantes de subunidades, algo que o Exército soviético jamais teria feito.

Mas, combinado com a doutrina desenvolvida pela Academia Voroshilov, os resultados eram evidentes. Isso era algo para não esquecer. O próprio Bondarenko quebrara regras em seus conflitos táticos, e esse era um dos motivos pelos quais era um oficial de três estrelas vivo e não um Coronel

morto. Ele também era tido como o próximo chefe de operações do Exército russo.

— O problema é dinheiro, claro.

— Já ouvi essa canção antes, general — disse Diggs, permitindo-se uma risadinha.

Bondarenko tinha um plano para contornar esse problema. Queria reduzir o exército a 50% de seu tamanho, e investir o dinheiro economizado no treinamento da metade restante. Os resultados desse plano estavam bem diante de seus olhos. Tradicionalmente, o Exército soviético dependia da massa, mas os americanos provaram aqui e no Iraque que o segredo da vitória era o treinamento. Por melhor que fossem os equipamentos americanos — iria vê-los no dia seguinte —, o que mais invejava em Diggs eram seus soldados. A prova disso chegou no momento em que esse pensamento se formou em sua cabeça.

— General? — saudou o recém-chegado. — Cortei Negro! Nós os pegamos de calças arriadas.

— Este é o coronel Al Hamm, comandante do 11º. Está nesse posto há relativamente pouco tempo.

Antes era agente de operações do OpFor. Não jogue cartas com ele — alertou Diggs.

— O general é muito gentil. Bem-vindo ao deserto, general Bondarenko.

Hamm estendeu sua mão. Bondarenko apertou-a.

— O seu ataque foi muito bem executado, coronel. — O russo o examinou.

— Obrigado, senhor. Tenho meninos fantásticos trabalhando para mim. A Força Azul hesitou muito.

Fomos rápidos e os encurralamos — explicou Hamm.

Ele até parece russo, pensou Bondarenko. Hamm era alto e corpulento, com uma pele extremamente pálida cercado os olhos azuis. Especialmente para a ocasião, Hamm estava vestido com seu velho uniforme em estilo russo, completo com uma estrela vermelha na boina, e o cinto da pistola fechado sobre a blusa longa. Isso não fez o russo sentir-se exatamente em casa, mas apreciou o respeito que os americanos mostravam por ele.

— Diggs, você estava certo — admitiu Bondarenko. — A Força Azul devia ter feito tudo para chegar aqui primeiro. Mas você os manteve recuados por muito tempo para que essa opção parecesse atraente.

Hamm respondeu por seu chefe: — Esse é o problema com os campos de batalha; na maioria das vezes eles escolhem você, e não o contrário. Essa é a lição número um para os rapazes da 5ª Divisão. Se você deixar o outro lado decidir os termos da batalha... bem, você não irá se divertir muito.

Preparativos

Descobriu-se que Sato e seu copiloto haviam doado sangue para ajudar as vítimas da guerra abortada contra os EUA. O número de feridos, felizmente, fora muito reduzido, e o sangue dos aeronautas não tinha sido necessário.

Localizadas mediante uma busca de computador realizada pela Cruz Vermelha Japonesa, as amostras chegaram à polícia e foram enviadas para Washington, através de Vancouver — as aeronaves comerciais japonesas ainda não tinham permissão de voar para os Estados Unidos, nem mesmo para o Alasca —, e dali levadas num CV-20 da Força Aérea para Washington. O portador, um oficial da polícia, desembarcou com a valise de alumínio algemada ao pulso esquerdo.

Um trio de agentes do FBI encontrou-o em Andrews e levou-o até o Prédio Hoover na rua 10 com a Pennsylvania Avenue. O laboratório de DNA do FBI assumiu a responsabilidade sob as amostras e levou-as para comparação com sangue e outros tecidos dos corpos. Os tipos sanguíneos das amostras já haviam conferido com os dos corpos, e os resultados dos exames eram fáceis de ser previstos. Ainda assim, os exames foram tratados como a única pista tênue num caso mirabolante. Dan Murray, diretor interino do FBI, não era exatamente um escravo das regras em investigações criminais, mas para os propósitos desse caso, o regulamento foi seguido ao pé da letra. Em sua tarefa, foi auxiliado por Tony Caruso — de volta das férias e trabalhando sem parar no comando da investigação do FBI —, Pat O'Day, em caráter de inspetor temporário, mais um elenco de centenas, se não milhares, de agentes. Murray encontrou-se com o representante japonês na sala de conferências. Como Ryan, ele sentia dificuldade em mudar-se imediatamente para o gabinete de Bill Shaw.

— Estamos realizando nossos próprios exames — disse o inspetor-chefe Tisaburo Tanaka, olhando seus relógios. Ele decidira usar dois, um ajustado para Washington e o outro para Tóquio. — Eles serão enviados por fax para vocês assim que forem completados. — Abriu novamente sua valise. — Esta é nossa reconstrução do cronograma do comandante Sato na última semana.

— Trabalho rápido. Muito obrigado.

Murray pegou as fichas, sem ter muita certeza do que faria em seguida.

Estava claro que seu visitante queria dizer mais alguma coisa. Murray e Tanaka jamais haviam se encontrado, mas a fama de seu convidado o precedia.

Investigador habilidoso e experiente, Tanaka especializara-se em corrupção política, atividade que o mantinha muito ocupado. A perspicácia desenvolvida em sua vida profissional tornava-o perfeito para o caso.

— Vocês terão nossa colaboração total — disse Tanaka. — Na verdade, se quiserem enviar um representante de sua agência para supervisionar nossa investigação, estou autorizado a dizer que ele será bem recebido. — Fez uma pausa de alguns segundos, olhando para baixo antes de prosseguir. — O que aconteceu foi uma desgraça para o nosso país. A forma como aquelas pessoas usaram a todos nós...

Para um representante de um país incorretamente conhecido por sua incapacidade de manifestar emoções, Tanaka era uma surpresa. Seus punhos se fecharam; os olhos arderam de ódio. Da sala de conferências, os dois desfrutavam de uma vista da Pennsylvania Avenue, na qual se destacava o Capitólio semidestruído pela colisão. Como o sol não nascera, as ruínas ainda estavam iluminadas por centenas de

lâmpadas de trabalhadores.

— O copiloto foi assassinado — disse Murray. Talvez isso pudesse ajudar um pouco.

— Mesmo? Dan assentiu.

— Esfaqueado. Aparentemente, isso aconteceu antes da decolagem. Até o momento, tudo indica que Sato agiu sozinho... pelo menos no que diz respeito a pilotar o avião.

O laboratório já determinara que a arma usada havia sido uma faca fina de cortar carne, com ponta serrilhada, do tipo usado pela linha aérea. Apesar de todos os anos em que estava nesse trabalho, Murray sempre ficava admirado com o que os técnicos de laboratório podiam descobrir.

— Entendo. Isso faz sentido — observou Tanaka. — A mulher do copiloto está grávida. De gêmeos. Está no hospital sob observação rigorosa. Pelo que descobrimos até agora, ele parece um marido dedicado e um homem sem nenhum interesse político em particular. Meus homens consideraram improvável que tivesse tirado a própria vida dessa forma.

— Sato tinha alguma conexão com...? Um menear de cabeça.

— Nada que tenhamos descoberto. Ele levou um dos conspiradores de avião até a Espanha, e os dois conversaram rapidamente. Além disso, Sato era um piloto internacional. Seus amigos eram os seus colegas. Ele vivia numa casa modesta perto do Aeroporto Internacional de Narita. Mas seu irmão era oficial da Força Marítima de Autodefesa, e seu filho era piloto de caça. Ambos morreram durante as hostilidades.

Murray já sabia disso. Motivo e oportunidade. Ele rabiscou um bilhete para o adido legal em Tóquio, instruindo-o a participar da investigação japonesa... mas antes teria de obter aprovação da Justiça e do Estado. A oferta de Tanaka parecera-lhe sincera. Isso era bom.

— Estou adorando o tráfego — observou Chavez. Estavam atravessando a I-95, passando pelo Springfield Mall. Normalmente a esta hora do dia — ainda estava escuro —, a pista estaria entupida por burocratas e lobistas. Hoje não, embora John e Ding tivessem sido convocados, confirmando seu status de essenciais a qualquer um que duvidasse disso. Como Clark não respondeu, o oficial júnior prosseguiu: — Como acha que o Dr. Ryan está se saindo? John resmungou e deu de ombros.

— Deve estar nadando para não se afogar. Antes ele que eu.

— Concordo em gênero, número e grau, Sr. C. Todos os meus amigos na George Mason vão ter de suar um bocado.

— Acha?

— John, ele tem um governo para reconstruir. Este será um daqueles casos hipotéticos tenebrosos... só que na vida real. Ninguém jamais precisou fazer isso antes, hermano. Sabe o que vamos descobrir?

— Sim, se este lugar funciona de verdade ou não — respondeu John. Antes ele quem, pensou novamente. Tinham sido convocados devido à sua missão no Japão. Clark estava neste ramo havia muito tempo, mas não por tempo suficiente para sentir-se à vontade ao contar as coisas que fizera. Ele e Ding haviam matado — não pela primeira vez — e agora descreveriam isso detalhadamente a pessoas, a maioria das quais jamais segurara uma arma, muito menos disparara uma num momento de raiva. Juramentos de segredo ou não, algumas dessas pessoas acabariam falando um dia, e a menor das consequências seriam as revelações constrangedoras na imprensa. Pior ainda seria prestar testemunho perante uma comissão do Congresso, quando teria de responder, sob juramento, a perguntas de pessoas que não o entenderiam melhor que aqueles almofadinhas da CIA que ficavam sentados em seus escritórios julgando o trabalho das pessoas que agiam em campo. O pior caso seria um processo, porque, embora as coisas que fizera não fossem exatamente ilegais, também não eram exatamente legais. A Constituição dos Estados Unidos não justificava inteiramente as atividades que o governo realizava, mas não admitia ao público. Embora sua consciência estivesse limpa em relação a isso e muitas outras coisas, a maioria das pessoas não concordaria com sua moralidade. Ryan talvez entendesse. Isso, pelo menos,

era reconfortante.

— Quais são as novidades desta manhã? — perguntou Jack.

— Esperamos que as operações de resgate sejam completadas até a noite, senhor. Quem respondeu foi Pat O'Day. Geralmente seria o próprio Murray quem faria o relatório do FBI, mas, conforme O'Day explicara, Murray estava muito ocupado. O Inspetor passou uma pasta com os números dos corpos encontrados. Ryan correu os olhos por ela. Como diabos esperava que ele fizesse seu desjejum com esses fatos à sua frente? Para sua sorte, naquele momento estava apenas tomando café.

— O que mais?

— As coisas começam a se encaixar. Recuperamos o que pensamos ser o corpo do copiloto. Ele foi assassinado horas antes da queda, o que nos leva a crer que o piloto agiu sozinho. Faremos testes de DNA nos restos para confirmar identidades. — O inspetor folheou suas anotações, porque preferia não confiar na memória. — Os testes de drogas e álcool em ambos os corpos deram negativo. A análise do gravador de voo, as fitas de comunicações por rádio, as fitas de radar, tudo que conseguimos reunir leva ao mesmo quadro: um homem agindo só. Neste momento Dan está em reunião com um oficial da polícia japonesa.

— Próximo passo?

— Será um processo investigativo convencional. Reconstituiremos tudo que Sato... esse era o nome do piloto... fez no último mês, e recuaremos a partir daí.

Gravações telefônicas, para onde foi, quem viu, amigos e associados, diário pessoal, tudo que possamos conseguir. A ideia é reconstituir o homem completamente e determinar se fez parte de qualquer tipo possível de conspiração. Isso demandará tempo. É um processo exaustivo.

— Qual é o melhor palpite até agora? — perguntou Jack.

— Um homem agindo só — repetiu O'Day, mais positivamente desta vez.

— É cedo demais para qualquer tipo de conclusão — interveio Andréa Price.

O'Day virou-se para ela.

— Isso não é uma conclusão. O Sr. Ryan perguntou qual era o melhor palpite. Trabalho com investigações há um bom tempo. Esta situação tem todas as características de um impulso criminoso elaborado. O método do assassinato do copiloto, por exemplo. Ele nem moveu o corpo para fora da cabine. Segundo as fitas, ele pediu desculpas ao cara imediatamente depois de esfaqueá-lo.

— Impulso criminoso elaborado — objetou Andréa.

— Tripulantes de avião são pessoas altamente organizadas — replicou O'Day. — Para eles, coisas que seriam altamente complexas para um leigo são simples como puxar um zíper. Infelizmente, estamos lidando com um indivíduo extremamente capaz. Em todo caso, isso é tudo que temos no momento.

— O que você precisaria descobrir para concluir que foi conspiração? — indagou Jack.

— Senhor, as conspirações criminosas bem-sucedidas são difíceis de ser levadas a cabo, mesmo nas circunstâncias mais apropriadas. — Price resmungou novamente, mas o inspetor O'Day prosseguiu: — O problema é a natureza humana. Os mais normais de nós gostam de se gabar; gostamos de compartilhar segredos para mostrar o quanto somos brilhantes. A maioria dos criminosos acaba dando com a língua nos dentes. Certo, num caso como este não estamos falando sobre um simples gatuno, mas o princípio ainda assim se aplica.

Qualquer tipo de conspiração demanda tempo e muita conversa; como resultado, informações vazam. Além disso, há também o problema da seleção de um... digamos, na falta de termo melhor, um atirador. Não havia tempo para nada disso. A sessão conjunta foi marcada muito em cima da hora para que possíveis conspiradores tivessem se encontrado e travado debate. A natureza do assassinato do copiloto é muito sugestiva de um método improvisado. Uma faca é uma arma bem menos confiável que um

revólver, e uma faca de churrasco não é uma boa arma; é muito fácil de entortar ou quebrar numa costela.

— Com quantos casos de assassinato você já lidou? — indagou Price.

— O bastante. Já colaborei em vários casos da polícia local. De qualquer modo, para Sato ter sido o atirador numa conspiração, ele deveria ter se encontrado com pessoas. Podemos descobrir o que ele fez em seu tempo livre, e procederemos a essa investigação em conjunto com os japoneses. Mas até aqui não temos nada que aponte nessa direção. Muito pelo contrário. Todas as circunstâncias indicam alguém que percebeu uma oportunidade única e agiu por impulso.

— E se não foi o piloto...

— Srta. Price, a gravação nas fitas da cabine de comando começam antes do avião decolar de Vancouver. Tiramos a impressão vocal de todas as vozes. A fita é digital e sua qualidade excelente. O mesmo homem que decolou de Narita conduziu o avião até a colisão com o Capitólio. Agora, se o piloto era um impostor, como foi que o copiloto não notou? Eles trabalhavam em equipe.

Seguindo esse raciocínio, se o piloto e o copiloto eram cúmplices, ambos faziam parte da conspiração desde o começo. Então, por que o copiloto foi assassinado antes da decolagem de Vancouver? Os canadenses estão nos ajudando, entrevistando os funcionários do aeroporto, e todos garantem que os tripulantes que subiram no avião eram autênticos. O processo de identificação por DNA não deixará nenhuma dúvida a esse respeito.

— O senhor é muito persuasivo, inspetor — observou Ryan.

— Senhor, esta investigação ainda tem muito chão pela frente. Afinal, há muitos fatos a ser checados. Mas o xis da questão é muito simples. É extremamente difícil fraudar uma cena de crime. Há muita coisa que nós, investigadores, podemos fazer. E teoricamente possível arranjar os fatos de modo a enganar os investigadores? — perguntou retoricamente O'Day. — Sim, talvez seja, mas isso requereria meses de preparação, e eles não dispunham desse tempo. E um fato é inquestionável: a decisão de convocar a sessão conjunta foi tomada enquanto o avião estava sobrevoando o meio do Pacífico.

Por mais que quisesse, Price não podia refutar esse argumento. Ela fizera sua própria investigação ligeira sobre Patrick O'Day. Anos atrás, Emil Jacobs reinstituíu o posto de inspetor itinerante, e reuniu pessoas que preferiam investigação a serviço burocrático. O'Day era um agente para quem gerir uma divisão de campo tinha pouco pelo. Fazia parte de uma pequena equipe de investigadores experientes que trabalhavam fora da alçada do gabinete do diretor, um setor oficioso que entrava em campo para lidar com casos delicados. Era um bom tira que odiava papelada, e Price precisava admitir que ele sabia como dirigir uma investigação e, melhor ainda, que era uma pessoa fora da cadeia de comando que não procuraria aparecer para obter uma promoção. O inspetor chegara à Casa Branca dirigindo uma pick-up com tração nas quatro rodas — usava botas de cowboy — e provavelmente queria publicidade tanto quanto pegar malária. Assim, o diretor-assistente Tony Caruso, no comando da investigação, estava respondendo ao Departamento de Justiça, mas Patrick O'Day estava se reportando diretamente a Murray — que, por sua vez, emprestara O'Day ao presidente como favor pessoal. Price considerara O'Day um investigador arguto. Bill Shaw, afinal de contas, usara-o como seu solucionador de problemas. E a lealdade de Murray seria para com a instituição do FBI. Um homem poderia ter antecedentes piores, admitiu Price para si mesma. O'Day era uma pessoa simples, que tinha como ganha-pão investigar crimes, e embora parecesse tomar conclusões apressadas, este cowboy transplantado estava fazendo seu trabalho direitinho.

Era preciso observar os veteranos. Eles eram muito bons em ocultar sua sagacidade. Mas O'Day jamais seria um bom profissional da segurança presidencial, consolou-se Price.

— Gostou da viagem? — Mary Pat Foley estava muito adiantada ou muito atrasada em relação ao fuso horário, observou Clark. Ocorreu-lhe novamente que, de todos os figurões do governo, o presidente Ryan provavelmente fora o que dormira mais. A pressa era uma inimiga terrível das situações de crise.

As pessoas simplesmente não trabalham bem quando não podem descansar por um período de tempo adequado. Ele aprendera isso da forma mais difícil nas operações de campo. Porém, coloque uma pessoa num posto elevado e ela imediatamente esquece disso — questões mundanas como necessidades do corpo simplesmente perdem-se na neblina. Um mês depois essas pessoas se perguntavam por que estavam errando tanto. E isso costumava ser depois que algum pobre idiota morria em ação.

— MP, quando foi a última vez que você dormiu?

Não havia muita gente que pudesse falar com ela daquele jeito, mas John já fora seu oficial de treinamento. Um sorriso caloroso.

— John, você não é judeu. E definitivamente não é a minha mãe — Clark olhou em torno.

— Onde está Ed?

— Voltando para o Golfo. Uma conferência com os sauditas — explicou.

Embora a Sra. Foley tecnicamente ocupasse cargo superior ao do Sr. Foley, a cultura saudita não estava preparada para lidar com uma mulher com tanta autoridade. Em todo caso, Ed provavelmente saía-se melhor em conferências.

— Alguma coisa que eu precise saber?

Ela balançou a cabeça.

— Apenas rotina. Domingo, é melhor ir direto ao assunto.

— Você está jogando duro esta manhã — observou Clark antes que seu parceiro pudesse falar.

Chavez simplesmente sorriu. O país podia estar de pernas para o ar, mas algumas coisas eram mais importantes.

— Poderia ser pior, Sr. Clark — disse Chavez. — Não sou advogado, sou?

— Começou a baixaria — resmungou John. Mas era hora de parar com rodeios.

— Como Jack está se saindo?

— Tenho hora marcada para vê-lo depois do almoço, mas não ficaria surpresa se eles cancelassem — respondeu Foley. — O pobre coitado deve estar enterrado vivo.

— É verdade o que li nos jornais sobre a forma como ele se meteu nessa?

— É sim. Isso significa que temos como presidente uma Garota Kelly — disse, como uma piada interna multifacetada, a vice-diretora (operações). — Teremos de procedera uma avaliação de ameaça. Quero que vocês dois façam isso.

— Por que nós? — perguntou Chavez.

— Porque estou cansada de mandar o diretório de informações fazer tudo.

Vou lhes dizer uma coisa: temos agora um presidente que entende o que fazemos aqui. Teremos de azeitar a Operações até um ponto em que eu possa pegar um telefone, fazer uma pergunta e obter uma resposta. Entenderam?

— Plano Azul? — perguntou Clark e Mary Pat assentiu.

Azul, como são chamados os policiais, fora a última função de Clark antes de deixar as instalações de treinamento da CIA, conhecida como Fazenda, perto do depósito de armas nucleares perto de Yorktown, Virgínia. Clark propusera à agência que, em vez de contratar intelectuais saídos das universidades — pelo menos eles não fumavam mais cachimbo —, fossem recrutados tiras com experiência nas ruas. Seu argumento fora de que os tiras sabiam como usar informantes, não precisavam ser ensinados a forma como as coisas funcionavam no submundo, e sabiam sobreviver em áreas perigosas. A proposta fora arquivada por dois diretores sucessivos, mas Mary Pat sabia a respeito desde o começo, e aprovava o conceito.

— Você consegue vender o projeto? — perguntou Clark.

— John, você vai me ajudar a vendê-lo. Veja só como o Domingo se saiu bem.

— Está dizendo que sou bom de ação? — perguntou Chavez.

— Bem, Ding, só a filha do Clark pode dizer isso — brincou a Sra. Foley. — Ryan provavelmente

concordará. De qualquer modo, por enquanto quero que vocês dois fizeram o relatório sobre a operação SÂNDALO.

— E quanto à nossa cobertura? — perguntou Clark. Ele não precisava explicar o que estava querendo dizer. Mary Pat jamais sujara as mãos no campo — ela era da inteligência, não do ramo paramilitar do Diretório de Operações —, mas ela o compreendia bem.

— John, vocês agiram sob ordens presidenciais. Tudo está devidamente registrado, Ninguém vai tirar conclusões pessoais sobre qualquer coisa que tenham feito, especialmente em relação ao salvamento de Koga. Vocês dois estão na lista de comendas por causa disso. O presidente Durling queria ofertar-lhes as medalhas pessoalmente em Camp David. Suponho que Jack também desejará fazer isso.

Maravilha, pensou Chavez por trás de olhos imóveis. Contudo, por mais agradável que fosse esse pensamento, ele pensara em outro problema durante o percurso de três horas desde Yorktown.

— Quando será iniciada a análise de ameaça?

— Nossa parte começa amanhã. Por quê? — perguntou MP.

— Madame, acho que estaremos ocupados.

— Espero que você esteja enganado — replicou MP

Tenho duas cirurgias marcadas para hoje — disse Cathy, examinando o bufê do desjejum.

Como não sabiam do que os Ryan gostavam de comer pela manhã, os serviçais tinham preparado um pouco — na verdade, muito — de cada coisa. Sally e o pequeno Jack adoraram; e gostaram mais ainda do fato de as escolas estarem fechadas. Katie, uma recém-formada em comida de verdade, segurava um pedaço de bacon enquanto contemplava uma torrada com manteiga. Para as crianças, o futuro imediato era tudo que importava. Sally, agora com 15 anos (rumando para os trinta, lamentava ocasionalmente o pai), era, dos três, quem melhor compreendia as consequências da situação, mas agora estava preocupada apenas em como aquilo afetaria sua vida social. Para todos eles, papai ainda era papai, qualquer que fosse seu emprego no momento. Jack sabia que acabariam descobrindo que não era bem assim, mas cada coisa em seu tempo.

— Ainda não combinamos nada a esse respeito — replicou Jack, selecionando ovos mexidos e bacon para seu prato. Hoje ele precisaria de toda energia que pudesse reunir.

— Jack, o acordo era de que eu ainda poderia fazer meu trabalho, lembra?

— Sra. Ryan? — Era Andréa Price, ainda pairando por perto como um anjo da guarda com uma pistola automática. — Ainda estamos estabelecendo as questões de segurança...

— Meus pacientes precisam de mim. Jack, Bernie Katz e Hal Marsh podem substituir-me em muitas coisas, mas um dos pacientes de hoje precisa de mim.

Além disso, preciso fazer os preparativos para algumas aulas. — Ela olhou as horas. — Daqui a quatro horas.

Ryan sabia que tudo aquilo era verdade. A Dra. Caroline Ryan era uma grande autoridade em operação de retinas por laser. Pessoas vinham do mundo inteiro para vê-la trabalhar.

— Mas as faculdades estão... — começou Price, calando-se ao lembrar que ela evidentemente sabia disso.

— As aulas às quais me refiro serão em salas de cirurgia. Desculpe. Não podemos mandar os pacientes para casa. Sei que estou complicando as coisas para todo mundo, mas também tenho pessoas que dependem de mim, e preciso cumprir minha obrigação para com elas.

Cathy olhou para os rostos adultos na cozinha, aguardando uma decisão que a favorecesse. Os serviçais da cozinha — todos marinheiros — entravam e saíam como estátuas móveis, fingindo não estar ouvindo nada. Os agentes do Serviço Secreto adotaram um tipo diferente de expressão vazia, que transparecia mais desconforto.

A primeira-dama devia ser uma adjunta sem salário ao marido. Essa era uma regra que precisava ser

mudada em algum ponto. Afinal de contas, cedo ou tarde haveria uma presidenta, e isso iria realmente virar toda a situação, fato bem sabido mas, até agora, propositalmente ignorado na história americana. A mulher de político usual era uma fêmea que aparecia ao lado do marido com um sorriso encantador e algumas palavras cuidadosamente escolhidas, que suportava o tédio da campanha e os apertos de mão surpreendentemente brutais — decerto Cathy Ryan não submeteria suas mãos de cirurgia a isso, percebeu subitamente Price. Mas esta primeira-dama tinha um trabalho de verdade. Mais do que isso, era uma médica que em breve receberia um Prêmio Memorial Lasker por Serviço Público (a cerimônia fora adiada). Se aprendera alguma coisa sobre Cathy Ryan, Price sabia que ela era dedicada à profissão, não apenas ao esposo. Por mais admirável que isso fosse, Cathy seria uma tremenda dor de cabeça para o Serviço. Pior ainda, o agente principal designado para a Dra. Ryan era Roy Altman, um ex-paraquedista alto e forte, a quem ela ainda não conheceria. Essa decisão fora tomada devido à aparência e ao tamanho de Roy. Nunca era demais ter um guarda-costas óbvio bem na cola do protegido, e como a primeira-dama pareceria um alvo fácil, uma das funções de Roy seria simplesmente fazer os arruaceiros casuais pensarem duas vezes antes de arrumarem problemas. Os outros membros da segurança presidencial da primeira-dama seriam virtualmente invisíveis. Uma das outras funções de Altman era também usar seu corpanzil para bloquear balas, algo para o qual os agentes eram treinados, mas com que não sonhavam fazer.

Cada um dos filhos dos Ryan também teria de ser protegido. O guardião de Katie fora o mais difícil de ser escolhido — porque os agentes brigaram pelo trabalho. O vencedor da disputa foi o membro mais velho da equipe, um avô chamado Don Russell. O pequeno Jack receberia um agente jovem que era fanático por esportes, enquanto Sally Ryan seria protegida por uma agente ligeiramente acima dos trinta anos, solteira, bonita e experiente com rapazes e compras. A ideia era deixar os membros da Primeira Família confortáveis com a necessidade de ser seguidos para toda parte, exceto aos banheiros, por pessoas com armas carregadas e walkie-talkies. Obviamente, era quase impossível conseguir isso. O presidente Ryan tinha os antecedentes para aceitar a necessidade desse tipo de proteção. Sua família teria de aprender a suportá-la.

— Dra. Ryan, quando a senhora terá de sair?

— Daqui a cerca de quarenta minutos. Depende do tráfego.

— Não mais — corrigiu Price.

O dia seria muito ruim. O plano original havia sido usar o dia anterior para instruir a família do vice-presidente em todas as coisas que precisavam ser feitas, mas esse plano fora mandado para o inferno, juntamente com muitas outras coisas. Altman estava em outra sala, debruçado sobre mapas. Havia três rotas por terra viáveis até Baltimore: Interstate-95, a Baltimore-Washington Parkway, e a US Route 1. As três ficavam entupidas todas as manhãs com um tráfego que um comboio do Serviço Secreto precisaria romper. Pior ainda, para qualquer assassino potencial, as rotas eram previsíveis demais, estreitando à medida que eles se aproximavam de Baltimore. O Johns Hopkins Hospital contava com um heliporto no terraço do prédio pediátrico, mas ninguém ainda considerara as implicações políticas de levar a primeira-dama ao trabalho todos os dias num Marine Corps VH-60. Talvez essa fosse uma opção viável no momento, decidiu Price. Deixou a sala para conferenciar com Altman, e repentinamente a família Ryan estava a sós, tomando café da manhã como qualquer família normal.

— Deus, Ryan — disse Cathy com um suspiro.

— Eu sei.

Em vez de falarem, desfrutaram o silêncio durante um minuto inteiro, ambos com os olhos concentrados em suas refeições, espetando os alimentos com os garfos em vez de comê-los.

— As crianças precisam de roupas para o funeral — disse Cathy finalmente.

— Pode dizer à Andréa?

— Tudo bem.

— Sabe quando será?

— Descobrirei hoje. Ainda poderei trabalhar, certo?

— Agora que Price saíra, ela podia evidenciar a sua preocupação. Jack levantou os olhos do prato.

— Sim. Farei de tudo para manter a nossa rotina o mais normal possível. Sei o quanto seu trabalho é importante para você. Aliás, não tive muita chance de lhe dizer o que acho do prêmio que acaba de ganhar. — Ele sorriu. — Estou tremendamente orgulhoso de você, querida.

Price retornou.

— Sra. ... Dra. Ryan? — disse Price. As questões mais básicas ainda não tinham sido discutidas. Ela deveria ser tratada como Dra. Ryan ou como Sra. Ryan?

— Facilite as coisas para todos nós, certo? Chame-me Cathy.

Price não podia fazer isso, mas não discutiria por enquanto.

— Até tomarmos outras providências, nós a levaremos num helicóptero da Marinha.

— Isso não sai muito caro? — perguntou Cathy.

— Sim, mas por enquanto essa será a forma mais fácil. Mais uma coisa... — Um homem muito alto entrou na sala. — Este é Roy Altman. Ele será seu agente principal por algum tempo.

— Oh... — foi tudo que Cathy conseguiu dizer ao ver Roy, com seu 1,89m e 99 quilos. Tinha cabelos louros escassos, pele pálida e uma expressão servil, como se ele se sentisse embaraçado com seu tamanho. Como todos os agentes do Serviço Secreto, seu terno era ligeiramente largo para ocultar uma automática e, no seu caso, esconder uma metralhadora teria sido fácil. Altman aproximou-se para apertar a mão de Cathy, o que fez com delicadeza considerável.

— Madame, a senhora sabe qual é o meu trabalho. Tentarei ficar fora do caminho o máximo que puder.

Mais duas pessoas entraram na sala. Altman apresentou-as como o restante da segurança de Cathy para aquele dia, todos temporários. Eles teriam de se afinar com sua protegida, e coisas assim não eram fáceis de prever.

Cathy ficou tentada a perguntar se aquilo era necessário, mas acabou ficando calada. Por outro lado, como iria desfilar com essa gangue pelo Prédio Maumenee? Ela trocou um olhar com o marido e recordou que não estariam nessa situação infeliz se ela não tivesse concordado com Jack em aceitar o cargo de vice-presidente, que durara... quanto tempo? Cinco minutos? Talvez nem tanto. Então ouviu o rugido do helicóptero Silkorsky Black Hawk, chegando da Casa Branca. A aeronave criou uma pequena tempestade de neve ao aterrissar na pista onde já fora um pequeno observatório. Seu marido olhou o relógio e percebeu que os fuzileiros estavam agindo com extrema rapidez.

Quanto tempo levaria para que toda essa atenção enlouquecesse a ele e a sua família?

— Estas são imagens ao vivo do observatório Naval na Massachusetts Avenue — disse o repórter da NBC, repetindo palavras ditadas pelo diretor. — Parece um dos helicópteros da Marinha. Suponho que o presidente está indo para algum lugar. — As lentes zoom da câmera aproximaram a imagem enquanto a nuvem de neve assentava um pouco.

— Um American Black Hawk, muito modificado — disse o agente do serviço nacional de informações. — Estão vendo? Aquele é um sistema Buraco Negro de supressão infravermelha. Serve para proteger o helicóptero de mísseis terra-ar programados para rastrear o calor da turbina.

— Eficaz?

— Muito, mas não contra armas guiadas por laser — acrescentou. — Também não é útil contra metralhadoras. — Assim que as hélices pararam de girar, um esquadrão de fuzileiros cercou a aeronave. — Preciso de um mapa da área. De onde aquela câmera está, uma bazuca seria eficaz. O mesmo vale também para o terreno da Casa Branca, claro.

E qualquer um, eles sabiam, podia usar uma bazuca, quanto mais uma pistola guiada por laser, criada pelos ingleses e depois copiada pelo resto do mundo. De certo modo, haviam sido os americanos que mostraram o caminho.

Afinal, era deles o aforismo: se você pode ver alguma coisa, pode atingi-la. Se pode atingi-la, pode matá-la. E todos dentro dessa coisa, é claro. Começou a tecer um raciocínio. Verificou seu relógio, que tinha um botão de cronometragem. Pressionou-o com o dedo e esperou.

O diretor de TV, a nove quilômetros e meio de distância, não tinha nada melhor a fazer senão manter fechada a lente zoom da câmera. Nesse momento, um veículo se aproximou do helicóptero e quatro pessoas saltaram.

Caminharam direto até a aeronave, cuja tripulação manteve a porta aberta.

— É a Sra. Ryan — disse o comentarista. — Ela é cirurgiã no Johns Hopkins Hospital, em Baltimore.

— Acha que irá para o trabalho de helicóptero? — indagou o repórter.

— Saberemos num minuto.

Foi mais ou menos o tempo que se passou. O agente zerou a função cronômetro de seu relógio no momento em que as portas se fecharam. As hélices começaram a girar alguns segundos depois e o helicóptero decolou, nariz apontado para baixo, como todos faziam, ganhando altitude enquanto seguia para o norte. Ele checou o relógio para ver o tempo decorrido entre o momento em que as portas tinham sido fechadas e a decolagem. A aeronave possuía uma tripulação militar, e eles se orgulhavam em fazer tudo da mesma forma todas as vezes. Tempo mais que suficiente para um projétil de bazuca viajar três vezes a distância necessária, julgou o agente.

Era a primeira vez que Cathy andava de helicóptero. Os militares fizeram Cathy sentar-se na frente, entre os dois pilotos. Não lhe disseram o motivo. A fuselagem do Black Hawk era desenhada para absorver 14 gravidades inteiras numa queda, e esse assento em estatisticamente o mais seguro do pássaro. As quatro hélices proporcionavam um voo suave, e Cathy só poderia se queixar do frio. Ninguém ainda projetara uma aeronave militar com um sistema de aquecimento funcional. Mas o passeio teria sido divertido, não fosse o constrangimento e o fato de que os agentes do Serviço Secreto passaram o tempo inteiro olhando pelas janelas, obviamente em busca de algum tipo de perigo. Começava a ficar claro que essa gente podia acabar com o prazer de qualquer coisa.

— Acho que ela está sendo levada para o trabalho — decidiu o repórter.

A câmera acompanhara o VH-60 até o helicóptero desaparecer atrás das árvores. Foi um momento raro de leveza. Todas as redes estavam fazendo o mesmo que tinham feito depois do assassinato de John Kennedy. Todos os programas regulares estavam fora do ar, enquanto cada hora do funcionamento das emissoras — hoje 24, muito mais do que em 1963 — era dedicado à cobertura do desastre e suas consequências. O que isso realmente significava era festa para os canais a cabo, como haviam provado vários institutos de pesquisa de audiência, mas as redes tinham de ser responsáveis, e fazer este tipo de cobertura era jornalismo responsável.

— Bem, ela é médica, não é? É fácil esquecer que, apesar do desastre que tomou nosso governo, ainda há gente trabalhando de verdade lá fora. Bebês estão nascendo. A vida continua — observou com otimismo o comentarista.

— E o país também — emendou o repórter, olhando direto para a câmera na transição para o intervalo comercial. Ele não ouviu o que uma voz disse, muito longe dali: — Por enquanto.

As crianças foram conduzidas para outros lugares por seus guarda-costas, e o trabalho do dia começou de fato. Arnie van Damm estava com uma aparência lastimável. Jack decidiu que ele estava a ponto de explodir; uma combinação de trabalho insano e sentimento de perda estava prestes a destruir o

homem. Tildo bem que o presidente precisava ser poupado o máximo possível, mas não ao custo de arruinar aqueles de quem ele mais dependia.

— Fale o que tem a dizer, Arnie. Depois desapareça um pouco e vá descansar.

— Você sabe que não posso fazer isso?

— Andréa?

— Sim, presidente?

— Depois que terminarmos aqui, mande alguém levar Arnie para casa. Não permita que ele volte para a Casa Branca até a tarde. — Ryan voltou a olhar para o amigo. — Arnie, não vou deixar que se mate. Preciso demais de você.

O chefe de gabinete estava cansado demais para demonstrar qualquer gratidão. Ele estendeu um documento encadernado.

— Estes são os planos para o funeral. Será depois de amanhã.

Ryan folheou o documento, seu ânimo esvaziado tão pouco depois de ter exercido mais um pouquinho de sua autoridade presidencial.

A pessoa que fizera o plano fora inteligente e sensível. Talvez em alguma parte houvesse um plano de contingência para esse tipo de coisa, dúvida que Ryan jamais esclareceria, mas qualquer que fosse a verdade, alguém organizara tudo com afinco. Os caixões de Roger e Anne Durling ficariam expostos na Casa Branca, porque a capela do Capitólio não estava mais disponível. Durante 24 horas, o povo poderia atravessar a Casa Branca, entrando através do portão frontal e saindo pela Ala Leste. A tristeza do evento seria anuviada pelos retratos dos presidentes. Na manhã seguinte, os Durling seriam conduzidos num carro fúnebre até a Catedral Nacional, juntamente com três membros do Congresso — um judeu, um protestante, e um católico — para a missa ecumênica.

Ryan faria dois discursos principais. Os textos de ambos estavam no fim do documento encadernado.

— Para que é isso?

Cathy estava usando um capacete de segurança com conexão total com o intercomunicador do helicóptero. Ela apontou para outra aeronave a 45 metros atrás deles.

— Sempre voamos com uma aeronave de reserva, senhora. Para o caso de alguma coisa dar defeito e precisarmos pousar — explicou o piloto. — Não queremos atrasá-la desnecessariamente.

Ele não disse que no helicóptero de reserva havia mais agentes do Serviço Secreto com armas ainda mais pesadas.

— Isso acontece com frequência, coronel?

— Nunca aconteceu comigo, senhora.

Ele também não disse que um dos Black Hawks da Marinha caíra no rio Potomac em 1993, sem deixar sobreviventes. Bem, isso acontecera havia muito tempo. Os olhos do piloto estavam averiguando o ar constantemente. Da memória institucional da VMH-I constava o que parecera uma tentativa de colisão contra a casa de Ronald Reagan. Na Verdade, aquilo fora um erro da parte de um piloto particular. Depois de ser interrogado pelo Serviço Secreto, o infeliz provavelmente desistiu de voar. O coronel Hank Goodman sabia, por longa experiência, que os agentes do Serviço Secreto eram os tipos mais amargos a serviço do governo. O ar estava limpo e frio, mas bastante calmo.

Estava controlando o manche com as pontas dos dedos enquanto seguiam a I-95

rumo ao sudeste. Já era possível ver Baltimore. O coronel conhecia bem o caminho até o Johns Hoppins porque trabalhara anteriormente no Aeroporto Naval do rio Patuxent, cujas naves ocasionalmente ajudavam vítimas de acidentes de voo. O Hopkins, ele lembrou, atendia a casos de traumas pediátricos.

Um pensamento sombrio atingiu Cathy quando sobrevoaram o prédio do Departamento de Choques e Traumas da Universidade de Maryland. Esta, afinal, não era a primeira vez que ela voava num

helicóptero. Só que da outra vez ela o fizera inconsciente haviam tentando matar a ela e a Sally, e todas as pessoas ao redor das duas também haviam corrido risco. Por quê? Por causa de quem seu marido era.

— Sr. Altman? — ouviu Cathy pelo intercomunicador.

— Sim, coronel?

— Você os avisou, certo?

— Sim, eles sabem que estamos chegando, coronel — assegurou-lhe Altman.

— Não é isso que quero dizer. Eles checaram o telhado para um 60, certo? — O que o senhor quer dizer?

— Estou querendo dizer que este é mais pesado que aquele usado pelas tropas estaduais. O heliporto tem capacidade para nos receber? — O silêncio proporcionou a resposta. O coronel Goodman olhou para o copiloto com uma expressão tensa. — Certo, podemos lidar com isso desta vez.

— Livre à esquerda.

— Livre à direita — replicou Goodman. Ele circulou uma vez, checando a biruta no teto do prédio abaixo. Soprava apenas um pouco de vento do noroeste.

A descida foi delicada. Tocou a pista com suavidade, mantendo as hélices em funcionamento para impedir que o peso total da aeronave forçasse o teto de concreto reforçado. Isso provavelmente não era necessário, claro. Os engenheiros civis sempre fazem os prédios mais resistentes do que é preciso.

Mas Goodman não chegara ao posto de coronel correndo riscos desnecessários.

O chefe de sua tripulação levantou-se para abrir a porta. Os agentes do Serviço Secreto saíram primeiro, averiguando o prédio enquanto Goodman continuava segurando o manche, pronto para decolar a qualquer sinal de perigo. Quando os agentes ajudaram a Sra. Ryan a descer, Goodman decidiu que podia prosseguir com as suas tarefas.

— Quando voltarmos, ligue pessoalmente para cá e peça a resistência do teto. E peça as plantas, para nossos arquivos.

— Sim, senhor. É que foi tudo rápido demais, senhor.

— Como se eu não soubesse. — Ligou o rádio. — Marine Três para Marine Dois.

— Dois — respondeu prontamente a aeronave de reserva.

— Estamos indo. — Goodman puxou o manche e ganhou altura. — Ela me pareceu simpática.

— Ficou um pouco nervosa um pouco antes de pousarmos — comentou o chefe de tripulação.

— Eu também — disse Goodman. — Pensando melhor, eu telefonarei para cá quando voltarmos.

Mas o serviço secreto havia realmente telefonado antes para o Dr. Katz, que estava esperando no interior do prédio, juntamente com três dos seguranças do Hopkins. Cumprimentos foram trocados. Crachás foram entregues, integrando os três agentes ao quadro de funcionários da faculdade de medicina.

A professora-adjunta Caroline M. Ryan começou o seu dia de trabalho.

— Como a Sra. Hart está passando?

— Eu a vi há vinte minutos, Cathy. Ela está muito satisfeita por saber que a primeira-dama irá operá-la.

O professor Katz ficou surpreso com a reação da professora Ryan.

Avaliação

— Era muito difícil congestionar a base da Força Aérea de Andrews, cujas pistas de concreto pareciam vastas como o estado de Nebraska. Porém, a força de segurança da base agora estava empenhada no patrulhamento de uma coleção de aeronaves tão densa e diversificada que o local mais parecia o depósito de aviões fora de uso que havia no Arizona. Como se fosse pouco, cada pássaro tinha seu próprio pelotão de seguranças, os quais eram obrigados a interagir com os colegas americanos. Como todo segurança é treinado para não confiar em ninguém, reinava uma atmosfera de desconfiança absoluta. Dois Concorde — um inglês e um francês — disputavam na categoria charme. Os outros eram em sua maioria aeronaves imensas, a maioria ostentando as cores de seu país de origem. As companhias Sabena, KLM e Lufthansa lideravam o grupo da OTAN. A SAS era a empresa de um entre cada três países escandinavos, cada qual com seu próprio 747. Os chefes de Estado gostavam de viajar com estilo, e nenhuma das aeronaves, grandes ou pequenas, alcançava um terço de sua lotação. Receber todas as comitivas estava sendo uma provação para a habilidade e a paciência dos departamentos de cerimonial da Casa Branca e do Estado, e, entre as embaixadas, já corria a notícia de que o presidente Ryan simplesmente não tinha tempo de conceder a todos os representantes a atenção merecida. Mas a guarda de honra da Força Aérea foi incumbida de receber a todos, e assim seus oficiais entravam e saíam de formação mais de uma vez por hora enquanto o tapete vermelho permanecia num só lugar para dar passagem a um líder mundial atrás do outro — ocasionalmente tão rápido quanto o necessário para uma aeronave ser conduzida até seu local de estacionamento e outra pudesse taxiar até sua vaga.

Discursos eram proferidos com sobriedade e rapidez pura o batalhão de câmeras e em seguida os representantes eram conduzidos rapidamente até as fileiras de carros à espera.

Levá-los até Washington foi outra dor de cabeça. Cada carro do Serviço de Proteção Diplomática foi utilizado, formando quatro grupos de escoltas que corriam da cidade para o aeroporto e vice-versa, conduzindo as limusines das embaixadas e fechando a Suitland Parkway e a Interstate 395. O mais difícil, talvez, fosse fazer com que cada presidente, primeiro-ministro e princesas serenas fossem deixados nas embaixadas certas, a maioria delas, felizmente, ficava na Massachusetts Avenue. A operação acabou 10 revelando um triunfo de organização.

As próprias embaixadas encarregaram-se de promover recepções discretas.

Estando todos num só lugar, os estadistas, obviamente, precisavam encontrar-se para fazer negócios ou simplesmente jogar conversa fora. O embaixador inglês, o mais velho representante presente — tantos dos países quanto da OTAN —, ofereceria naquela noite um jantar informal para 22 chefes de Estado.

— Certo, desta vez o aparelho deles está pousando — comentou o comandante da Força Aérea, enquanto a base começava a ficar escura.

Ironicamente, a equipe da torre da Base Aérea de Andrews era a mesma que trabalhara Naquela Noite, como os funcionários estavam chamando a ocasião do acidente. Eles observaram o 747 da JAL descer suavemente na pista Zero-Um-Direita. A tripulação provavelmente notou os restos de uma aeronave irmã armazenados num hangar imenso no lado leste da base — nesse momento um caminhão estava chegando com os destroços de uma turbina de jato, recém extraída das ruínas do Capitólio —, mas o avião completou o percurso, seguindo instruções de virar à esquerda e taxiar por trás de um veículo até

o local adequado para desembarcar os passageiros. O piloto notou as câmeras e os repórteres que estavam deixando um prédio relativamente aquecido para correr até seus equipamentos e cobrir o último desembarque, e também o mais interessante. Pensou em dizer alguma coisa ao copiloto, mas mudou de ideia. O comandante Torajuro Sato fora, bem, se não um amigo íntimo, ao menos um colega cordial; seria doloroso lidar com a desonra que ele causara à sua pátria, linha aérea e profissão. A situação apenas seria pior se Sato houvesse transportado passageiros, pois protegê-los era a regra número um de suas vidas.

Embora a cultura japonesa respeitasse o suicídio com um propósito ou como um exercício honroso — e recompensasse com honras os soldados com baixas mais dramáticas —, esse caso chocara a nação mais do que qualquer outro nas últimas décadas. O piloto sempre envergara seu uniforme com orgulho. Agora ele o trocava por trajes civis sempre que tivesse oportunidade, em seu país ou no exterior. O piloto balançou a cabeça para afugentar esse pensamento e parou a aeronave de modo que a porta do Boeing ficasse nivelada com a antiquada escada móvel. Nesse momento, piloto e copiloto viraram-se para trocar um comentário silencioso sobre a ironia e a vergonha de terem feito seu serviço com tanta perícia. E naquela noite, em vez de dormirem, como de hábito, em quartos no Washington Hotel, provavelmente seriam mantidos em acomodações para oficiais na base, e talvez sob a vigilância atenta de alguém.

Alguém com uma arma.

A porta do avião foi aberta gentilmente pela chefe das aeromoças. Depois que teve seu terno abotoado e a gravata endireitada no colarinho por um adido afobado, o primeiro-ministro Mogataru Koga dirigiu-se à porta, onde ficou parado por um instante, banhado por uma brisa fria de fevereiro, antes de descer os degraus. A Banda da Força Aérea começou a tocar Pompa e circunstância.

Scott Adler, o secretário de Estado interino, estava à sua espera na pista. Os dois não se conheciam, mas ambos tinham sido instruídos um sobre o outro, Adler mais superficialmente. Afinal esta era sua quarta e mais importante recepção do dia. Koga parecia exatamente como nas fotos. Era um homem de aparência comum, de meia-idade, medindo cerca de 1,64m, com o couro cabeludo completamente coberto por pelos negros. Seus olhos escuros estavam neutros — ou assim procuravam manter-se, percebeu Adler depois de examiná-lo atentamente. Havia tristeza neles. Isso não era surpresa, pensou o diplomata ao estender a mão.

— Seja bem-vindo, primeiro-ministro.

— Obrigado, Sr. Adler.

Os dois caminharam até o pódio. Adler pronunciou algumas palavras cálidas de boas-vindas — este discurso, redigido em Foggy Bottom, demandara uma hora de revisão, mas demorou apenas um minuto para ser lido para o mundo. Então, Koga aproximou-se do microfone.

— Em primeiro lugar, devo agradecer ao Sr. Adler, e ao seu país, por permitir minha presença no dia de hoje. Por mais surpreendente que seja esse gesto, compreendo que essa é uma atitude tradicional de seu país vasto e generoso. Venho hoje representar meu país numa missão triste, mas necessária.

Espero que ela ajude a sarar as feridas de nossas nações. Rogo para que seus cidadãos e os nossos possam ver esta tragédia como uma ponte rumo a um futuro pacífico.

Koga recuou um passo e Adler conduziu-o ao longo do tapete vermelho, enquanto a banda tocava Kimagayo, o breve hino japonês que fora escrito havia cem anos por um compositor inglês. No percurso até o carro à sua espera, o primeiro-ministro olhou para a guarda de honra e tentou ler os rostos jovens, procurando neles ódio ou rancor, mas encontrando apenas impassividade. Adler caminhava logo atrás dele. O sol estava baixando no horizonte e nuvens eram trazidas pelo vento nordeste. O pôr do sol seria curto.

— Como está se sentindo, senhor? — indagou o secretário de Estado.

— Bem, obrigado. Dormi durante o voo.

Inicialmente, Koga achou que a pergunta fora um simples gesto de cortesia, mas logo percebeu que não.

— Se o senhor quiser, podemos nos encontrar com o presidente Ryan no caminho até a sua embaixada. O presidente instruiu-me a dizer-lhe que sabe que o senhor provavelmente está cansado devido à viagem longa, e que não ficará ofendido se não quiser encontrá-lo agora.

Scott ficou surpreso: o primeiro-ministro não hesitou um segundo.

— Aceitarei com satisfação esta honra.

O secretário de Estado tirou um walkie-talkie portátil do bolso de seu terno.

— ÁGUIA para CABO DA ESPADA. Afirmativo. — Adler rira alguns dias atrás, 10 ficar sabendo de seu nome de código no Serviço Secreto. ÁGUIA era a tradução de seu sobrenome de judeu alemão.

— CABO DA ESPADA copia afirmativo — emitiu o walkie-talkie de frequência codificada.

— ÁGUIA desliga.

O cortejo acelerou, subindo a Suitland Parkway. Sob outras circunstâncias, um helicóptero teria acompanhado o comboio com uma câmera ao vivo, mas o espaço aéreo de Washington estava momentaneamente proibido. Até mesmo o National Airport estava fechado, e seus voos vinham sendo desviados para Dulles ou para o Baltimore-Washington International. O carro virou à direita e seguiu um quarteirão até a rampa para a I-295, que quase prontamente tornou-se a I-395, uma estrada mal conservada que atravessava o rio Anacosta até o centro de Washington. Quando a estrada convergiu na rodovia principal, o veículo dobrou bruscamente à direita. Outro carro idêntico tomou seu lugar enquanto o do primeiro-ministro entrou em formação com três Suburbans do Serviço Secreto numa manobra que levou meros cinco segundos. As ruas vazias facilitaram o resto da viagem. Numa questão de minutos, seu carro entrou na West Executive Drive.

— Estão chegando, senhor — disse Price, que acabara de ser notificada pelo guarda uniformizado na casamata.

Jack passou pela porta da frente no momento exato em que o carro parou, inseguro sobre o protocolo para um momento como aquele — mais uma coisa que ele teria de aprender sobre seu emprego. Quase abriu pessoalmente a porta, mas um recruta da Marinha conseguiu fazer isso primeiro e bateu continência como um robô.

— Sr. Presidente — saudou Koga ao sair do carro.

— Sr. Primeiro-Ministro. Por favor, acompanhe-me — disse Ryan, apontando a direção.

Koga nunca estivera antes na Casa Branca, e ocorreu-lhe que se tivesse estado lá três meses antes, para discutir os problemas comerciais que haviam redundado num conflito armado — mais outro fracasso vergonhoso. E então o comportamento de Ryan começou a transparecer. Koga lera certa vez que os americanos não davam extrema importância às cerimônias de recepção a um chefe de Estado — de qualquer modo, isso não seria possível ou apropriado neste caso. Mas Ryan fora recebê-lo sozinho e isso devia significar alguma coisa, disse a si mesmo o primeiro-ministro japonês enquanto caminhava até as escadas. Um minuto depois, ele e Ryan estavam a sós no Salão Oval, separados um do outro apenas por uma mesa baixa e uma bandeja de café.

— Obrigado por tudo isto — disse Koga com simplicidade.

— Precisávamos conversar — disse o presidente Ryan. — E em qualquer outro momento haveria pessoas nos vigiando e tentando ler nossos lábios.

Ele serviu café ao seu convidado e em seguida a si mesmo.

— Hai, a imprensa de Tóquio tem sido muito mais solícita nos últimos dias — disse Koga, começando a levar a xícara aos lábios, mas parou. — A quem devo agradecer por ter sido resgatado de Yamata?

Jack fitou-o.

— A decisão foi tomada aqui. Os dois oficiais estão disponíveis, caso o senhor queira encontrá-los novamente.

— Se for conveniente.

Koga bebeu de sua xícara. Teria preferido chá, mas Ryan estava se esforçando ao máximo para ser um bom anfitrião, e a qualidade do gesto deixou-o impressionado. — Obrigado por ter-me deixado vir, presidente Ryan. ., 1{

— Tentei conversar com Roger sobre o problema comercial, mas... não fui persuasivo o bastante. Depois fiquei preocupado com alguma coisa estar acontecendo com Goto, mas não agi suficientemente rápido. Foi tudo um grande acidente, mas suponho que a guerra geralmente é. Em todo caso, cabe a nós dois curarmos essa ferida. Quero que isso seja feito o mais rápido possível.

— Todos os conspiradores estão presos. Serão levados a julgamento por traição — prometeu Koga.

— Isso é assunto de vocês — replicou o presidente.

O que não era realmente verdade. O sistema jurídico japonês era curioso.

As cortes frequentemente violavam a constituição em favor de posturas culturais mais amplas que não constavam das leis. Ryan e a América esperavam que os julgamentos seguissem rigidamente as leis, sem essas variações. Koga sabia que uma reconciliação entre os listados Unidos e o Japão dependia do respeito aos valores de cada pátria. Da sua parte, Koga já providenciara para que os juízes selecionados para os diversos julgamentos compreendessem as regras do jogo.

— Nunca considere possível que uma coisa como essa acontecesse, e então, Sato, esse louco... Meu país e meu povo estão envergonhados. Tenho muito a fazer, Sr. Ryan.

Jack assentiu.

— Somos dois. Mas conseguiremos. — Fez uma pausa. — As questões técnicas podem ser resolvidas entre os ministérios. Entre nós, quero apenas ter certeza de que compreendemos um ao outro. Confiarei em sua boa vontade.

— Obrigado, Sr. Presidente.

Koga pousou sua xícara para examinar o homem no sofá à sua frente. Era jovem para sua posição, embora não fosse o presidente mais jovem dos Estados Unidos. Esse recorde provavelmente caberia pela eternidade a Theodore Roosevelt. Na longa viagem desde Tóquio, lera a respeito de John Patrick Ryan. O homem matara com as próprias mãos mais de uma vez, fora ameaçado com sua própria morte e com as mortes de seus familiares, e fizera outras coisas sobre as quais os conselheiros japoneses de informação podiam apenas especular. Examinando seu rosto durante poucos segundos, tentou compreender como uma pessoa como ele podia ser um homem de paz, mas as pistas não estavam ali para ser vistas, é Koga imaginou se havia alguma coisa na personalidade americana que ele jamais compreendera completamente. Via inteligência e curiosidade, uma para medir e outra para sondar. Via fadiga e tristeza. Koga tinha certeza de que, pura aquele homem, os últimos dias tinham sido um inferno em sua forma mais pura. Km algum lugar neste prédio, provavelmente estavam os filhos de Roger e Anne Durling, que deviam ser um peso físico que esse homem teria de carregar. Ocorreu ao primeiro-ministro que Ryan, como a maioria dos ocidentais, não era muito apto a ocultar seus pensamentos profundos, mas devia haver outras coisas acontecendo por trás daqueles olhos azuis, coisas que não estavam sendo expostas. Elas não eram ameaçadoras, mas estavam lá. Ryan era realmente um samurai, como Koga concluía em seu escritório alguns dias antes. Contudo, havia nele também uma camada adicional de complexidade. Koga preferiu deixar essas considerações de lado. Isso não era tão importante assim e havia uma coisa que ele tinha de pedir, uma decisão pessoal que tomara sobrevoando o Pacífico.

— Tenho um pedido, se o senhor não se opuser.

— E que pedido é esse, senhor?

— Sr. presidente, não sei se isso é sensato — objetou Price alguns minutos depois.

— Sensato ou não, vamos fazer. Providencie — ordenou Ryan.

— Sim, senhor — respondeu Andréa Price antes de sair da sala.

Koga observou a ação e aprendeu mais uma coisa. Ryan era um homem capaz de tomar decisões e dar ordens sem deixar transparecer o menor indício de histeria.

Os carros ainda estavam na Entrada Leste. Assim, foi uma simples questão de colocar os casacos e entrar neles. Um total de quatro Suburbans contornou o estacionamento e rumou para sul, e depois na direção do Capitólio. Desta vez, o comboio dispensou sirenes e luzes, procedendo quase de acordo com as leis de trânsito — mas não completamente. As ruas vazias facilitaram ao comboio atravessar sinais fechados, e logo os carros dobraram à esquerda na Capital Street, e então novamente à direita, na direção do prédio, agora bem menos iluminado. Os degraus tinham sido limpos, o que permitiu ao grupo galgá-los com facilidade depois que os carros foram estacionados e os agentes do Serviço Secreto assumiram suas posições. Ryan conduziu Koga até o alto da concha, agora vazia, que fora o plenário da Câmara.

Durante alguns instantes, o primeiro-ministro japonês permaneceu imóvel.

Subitamente, bateu palmas vigorosamente, para atrair a atenção dos espíritos que, segundo sua crença, ainda estavam lá. Em seguida curvou-se formalmente e fez suas preces. Ryan sentiu-se compelido a fazer o mesmo. Não havia câmeras de TV para registrar o momento — na verdade, ainda havia câmeras de algumas emissoras nas imediações, mas as transmissões noturnas haviam acabado e os instrumentos estavam abandonados enquanto os técnicos bebiam café em seus furgões, a cem metros dali. De qualquer modo, levaria apenas um ou dois minutos. Quando terminou, uma mão americana foi estendida, outra mão japonesa apertou-a e dois pares de olhos alcançaram um entendimento mútuo que ministros e negociadores jamais igualariam. Em meio aos ventos inclementes de fevereiro, a paz foi afinal firmada completamente entre os dois países. Parada a três metros dos dois homens, Andréa Price ficou satisfeita pelo fotógrafo da Casa Branca ter acompanhado o grupo, e as lágrimas que enxugou não foram causadas pelo vento. Então, Andréa conduziu os dois homens de volta até seus respectivos carros.

— Por que reagiram com tanto exagero? — perguntou a primeira-ministra, antes de beber seu conhaque.

— Bem, como você sabe, ainda não fui instruído completamente acerca dos fatos — replicou o príncipe de Gales, tendo primeiro frisado que suas opiniões seriam absolutamente pessoais, porque não falava de fato pelo governo de Sua Majestade. — Mas os seus exercícios navais realmente tiveram a aparência de um ato de ameaça.

— O Sri Lanka precisa chegar a um acordo com os tâmils. Eles têm demonstrado uma relutância lamentável em iniciar negociações substanciais e estamos tentando influenciá-los. Afinal de contas, empregamos nossas tropas como uma força de paz, e não queremos ser prejudicados pela situação geral.

— Perfeito, mas por que não retiraram sua força de paz como o governo requereu? A primeira-ministra indiana suspirou. Para ela, também, a luta fora longa, e, sob as circunstâncias, era admissível um pouco de irritação.

— Alteza, se retirarmos nossas tropas e as hostilidades retornarem, teremos dificuldades com nossos próprios cidadãos tâmils. Esta é realmente uma situação muito infeliz. Por iniciativa absolutamente altruísta, tentamos ajudar a decidir um impasse político sério, mas então o governo cingalês não conseguiu tomar as medidas necessárias para prevenir um constrangimento ao nosso país.

E então os americanos interferiram sem nenhum motivo real, e apenas intensificaram a intransigência dos cingaleses.

— Quando chegará o primeiro-ministro do Sri Lanka? — perguntou o príncipe. A resposta, muito significativa, foi um dar de ombros, seguida por verborragia.

— Propusemos viajar juntos de modo a discutirmos a situação, mas ele, lamentavelmente, declinou. Chega amanhã, acho. Se seu avião não enguiçar — acrescentou. A aeronave capitania do governo

cingalês costumava apresentar toda sorte de problemas técnicos, para não mencionar uma ameaça perene à segurança de seus passageiros.

— Se quiser, o embaixador provavelmente poderá providenciar um encontro sigiloso.

— Talvez isso não seja completamente inútil — reconheceu a primeira-ministra. — Também gostaria que os americanos mudassem seu ponto de vista.

Eles sempre fórum muito injustos em relação à nossa parte do mundo.

Tal opinião era o motivo de todas essas manobras políticas, refletiu o príncipe. Ele e o presidente Ryan eram amigos havia anos, e a Índia queria-o como intermediário. Não seria a primeira vez que o príncipe se empenharia numa missão dessa natureza, mas, como sempre, o herdeiro legítimo era obrigado a buscar a orientação do governo inglês que, neste caso, significava o embaixador. Alguém em Whitehall decidira que a amizade de Sua Alteza Real com o novo presidente dos Estados Unidos era mais importante que um contato governo a governo; ademais, isso recairia bem para a monarquia, numa época em que tais aparências eram úteis e necessárias. Isso também conferia a Sua Alteza uma desculpa para visitar uma certa extensão de terra em Wyoming, corretamente de propriedade da Família Real, ou da Firma, como era chamada por algumas pessoas do meio.

— Entendo — foi a resposta mais concreta que o príncipe pôde oferecer, mas a Inglaterra precisava encarar seriamente uma requisição do governo indiano.

Nação que já fora uma das joias mais brilhantes numa coroa de alcance global, a Índia ainda era um parceiro comercial importantíssimo, embora muitas vezes também se revelasse uma grande fonte de aborrecimentos. Um contato direto entre os dois chefes de Estado poderia ser embaraçoso. Tendo ocorrido no final das hostilidades entre EUA e Japão, a agressão americana à frota indiana não fora amplamente divulgada, e era de interesse de todos que permanecesse assim. O príncipe sabia que o presidente Ryan já tinha muita coisa com que se preocupar. Torcia para que Jack estivesse descansando um pouco. Para as pessoas na sala de recepções, o sono funcionaria como um ajuste para as diferenças de fuso horário. Para Ryan, seria combustível vital, e nos próximos dois dias ele precisaria de toda energia que pudesse reunir.

A fila era interminável, o típico clichê. Estendia-se até muito além do prédio do Tesouro, e a extremidade final era como a ponta desfiada de uma corda, com novas pessoas aglomerando-se constantemente, de modo que parecia materializar-se do nada enquanto movia-se para a frente em meio ao ar frio. As pessoas entravam no prédio em grupos de aproximadamente cinquenta.

O ciclo de portas se abrindo e fechando era regulado por alguém com um relógio, ou talvez apenas contando lentamente. Havia uma guarda de honra com um membro uniformizado de cada força armada. Naquele momento, a segurança presidencial era chefiada por um comandante da Força Aérea. A guarda de honra, a segurança presidencial e os caixões permaneciam absolutamente imóveis, em agudo contraste com a velocidade com que as pessoas eram obrigadas a passar.

Ao examinar os rostos nos monitores de TV de seu escritório, logo depois de chegar, novamente antes do nascer do sol, Ryan perguntou-se o que pensavam aquelas pessoas e por que tinham vindo. Poucos eram realmente eleitores de Roger Durling, que fora, afinal de contas, o segundo colocado nas eleições e só assumira o cargo depois da renúncia de Bob Fowler. Mas a América adotava todos os seus presidentes e, em morte, Roger Durling recebia amor e respeito em doses que jamais conhecera em vida. Algumas pessoas afastaram-se dos caixões para olhar em volta no saguão de entrada de um prédio que muitos provavelmente nunca tinham visto, usando seus poucos segundos de tempo ali para, estranhamente, desviar seus olhares do motivo de sua vinda, para depois descer os degraus da Entrada Leste, não mais em fila, mas em grupos de amigos ou familiares, ou mesmo sós, para deixar a cidade e retornar aos seus afazeres. Então chegou a hora de Ryan fazer o mesmo — mais propriamente, retornar até sua família e estudar as tarefas do dia seguinte.

Por que não? Haviam decidido ao chegar em Dulles. Tendo, por sorte, encontrado um motel barato no final da Yellow Line, seguiram de metrô até o centro da cidade, saltando na estação Farragut Square, a poucos quarteirões da Casa Branca. Seria a primeira vez para ambos. A primeira vez de muitas coisas, de fato, porque ainda não conheciam Washington, a cidade que — como os Montanhese adoram dizer — poluía o maldito país do qual sugava sangue e riquezas. Encontrar o final da fila demandara tempo, e os dois permaneceram de pé durante várias horas. A única boa notícia foi que sabiam vestir-se para o frio, mais do que podiam dizer sobre os débeis mentais da Costa Leste com seus casacos finos e cabeças desprotegidas. Durante a espera interminável, Pete Holbrook e Ernest Brown precisaram conter-se para não desfiar suas piadas sobre o que acontecera. Em vez disso, dedicaram-se a ouvir o que diziam as outras pessoas na fila. Isso se revelou uma decepção. Talvez a maioria seja de funcionários do governo, pensaram os dois homens. Houve alguns sussurros sobre o quanto a situação era triste, por Roger Durling ter sido um bom homem, sobre sua mulher ter sido muito atraente, sobre seus filhos serem fofinhos e sobre o quanto aquilo tudo devia estar sendo horrível para eles.

Bom, os dois representantes dos Montanhese tinham de concordar que devia estar muito realmente difícil para as crianças — e quem não gostava de crianças? Além disso.

— Galinha não gostava de ver ovos mexidos, certo? Mas e quanto ao sofrimento que o pai causara em cidadãos honestos que queriam apenas exercer seu direito constitucional de ser deixados em paz por esses panacas de Washington? Mas os dois não disseram nada disso. Eles se mantiveram de boca fechada enquanto a fila serpenteava ao lado da rua. Ambos conheciam a história do Prédio do Tesouro, que os protegera do frio durante algum tempo, como Andy Jackson decidira mudá-lo de modo a não poder ver o Capitólio da Casa Branca (ainda estava muito escuro para os dois poderem ver muita coisa, causando os engarrafamentos, famosos e incômodos, da Pennsylvania Avenue não que isso importasse agora, porque a rua fora fechada em frente à Casa Branca. E por quê? Para proteger o presidente dos cidadãos. Eles não confiavam nos cidadãos o suficiente para deixá-los chegar perto do bundão. Os dois haviam conversado sobre isso no avião. Não havia como saber quantos espões do governo havia à sua volta, especialmente na fila até a Casa Branca, nome que eles aceitavam apenas porque fora alegadamente sugerido por Davy Crockett. Holbrook recordava disso de um filme a que assistira na TV, embora não conseguisse lembrar qual, e o velho Davy fora, sem dúvida, seu tipo típico de americano, um homem que dera um nome ao seu rifle favorito. Sim. Não era uma casa feia, e alguns homens bons haviam vivido ali. Andy Jackson, que disse a Suprema Corte onde tomar. Lincoln, um filho da puta durão. Uma lástima ele ter sido morto antes de implementar seu plano de embarcar os pretos de volta para a África ou para a América Latina... (Ambos gostavam de James Monroe por ter iniciativa ideia, ajudando a estabelecer a Libéria como um lugar para onde mandar os macacos de volta; pena que ninguém tenha dado prosseguimento a isso. Teddy Roosevelt, tivera muitas coisas boas a seu favor, um caçador, homem do campo e soldado que fora um pouco longe na reforma do governo. Contudo, na opinião dos dois Montanhese, desde então não havia homens assim. Mas o prédio não tinha culpa de ter sido ocupado nos tempos recentes apenas por homens dos quais eles não gostavam. Esse era a maioria dos prédios de Washington. O Capitólio já fora lar de Henry Clay e Dan Winter, afinal de contas. Patriotas, ao contrário do bando que fora torrado pelo piloto.

As coisas começaram a ficar tensas quando adentraram o terreno da Casa Branca, era como se estivessem penetrando em território inimigo. Havia guardas na casamata do portão, uniformizada do Serviço Secreto, e dentro dela havia fuzileiros. Que vergonha! Fuzileiros. Americanos de verdade, mesmo os de cor, provavelmente, porque passavam pelo mesmo treinamento árduo que os brancos, e talvez alguns até fossem patriotas. Era uma pena que fossem negros, mas isso não podia ser consertado. E todos os fuzileiros faziam o que os burocratas mandavam. Isso era uma lástima. Contudo, eram apenas garotos, e talvez um dia aprendessem. Afinal de contas, os Montanhese tinham alguns ex-militares entre eles. Os fuzileiros estavam tremendo em seus uniformes brancos. Finalmente um deles — sargento, a

julgar pelas faixas — abriu a porta.

Bela casa, pensaram Holbrook e Brown, olhando em volta enquanto passavam pelo vestíbulo imenso. Estava claro por que qualquer um que vivia ali se considerava o rei da cocada preta. Era só ver as coisas para as quais os presidentes tinham de ficar olhando. Lincoln crescera numa cabana de troncos e Teddy conhecera a vida numa tenda, caçando nas montanhas, mas hoje qualquer um que vivesse ali seria apenas outro maldito burocrata. No interior da casa havia mais fuzileiros e a guarda de honra em torno dos dois caixões e, o mais inquietante de tudo, pessoas em roupas civis com fios espirais de plástico saindo de suas golas e subindo até as orelhas. Serviço Secreto. Tiras federais. A face do inimigo, membros do mesmo departamento governamental que abrigava o Departamento de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo. A primeira postura do governo contra a qual o povo protestara fora a proibição ao álcool, a Rebelião do Uísque — que era o motivo pelo qual os Montanhesees estavam equivocados em sua admiração por George Washington. O mais liberal deles comentou que mesmo um homem bom podia ter um dia ruim, e George não era de levar desaforo para casa. Brown e Holbrook não olharam diretamente para os merdinhas do Serviço Secreto. Era preciso tomar cuidado com esses tipos.

A agente especial Price entrou no vestíbulo. O presidente estava seguro em seu gabinete, e suas responsabilidades como comandante da segurança presidencial estendiam-se por todo o prédio. A procissão não era uma ameaça à segurança da Casa. Em termos de segurança, era apenas um aborrecimento.

Mesmo se uma gangue de pistoleiros tivesse se imiscuído na fila, esta área inteira era guardada por vinte agentes armados, muitos com Uzis guardadas em suas maletas de armamentos. Um detector de metal oculto no portal indicava a uma equipe da Divisão de Técnica de Segurança em quem ficar de olho, e outros agentes vigiavam de perto arruaceiros conhecidos ou suspeitos. Para o restante, dependiam de instintos e treinamento, e isso significava ficar atento para pessoas que pareciam estranhas, o eufemismo para indivíduos com comportamento impróprio. O problema era que, como estava frio lá fora, a maioria das pessoas pareciam estranhas. Algumas batiam os pés um pouco.

Outros andavam com as mãos enfiadas nos bolsos, ou ajustavam casacos ou apenas pareciam esquisitos — coisas que atraíam a atenção da segurança presidencial. Quando os gestos eram feitos por alguém que, segundo o detector, portava algum tipo de metal, um agente levantava a mão como se estivesse cocando o nariz e falava ao microfone. Casaco azul, homem, um e oitenta, por exemplo, fizeram quatro ou cinco cabeças virarem-se para olhar melhor para um dentista de Richmond que acabara de enfiar uma mão num bolso e retirar a outra, já aquecida. Suas dimensões físicas foram checadas com fotos de outros suspeitos semelhantes, mas não houve conferência. Mesmo assim, continuaram vigiando o dentista, e uma câmera oculta enquadrou o rosto do homem para registro. Em alguns casos mais extremos, um agente se juntaria aos visitantes durante a saída para seguir um sujeito até um carro e anotar a placa. O Comando Aéreo Estratégico, há muito extinto, costumava justificar esse tipo de procedimento com o lema PAZ É A NOSSA PROFISSÃO. Para o Serviço Secreto aquilo era paranoia pura. E tanta paranoia era justificada? A resposta estava dentro dos dois caixões no saguão da Casa Branca.

Brown e Holbrook tiveram seus cinco segundos de visão direta. Dois caixões caríssimos, indubitavelmente comprados com dinheiro do governo e — blasfêmia das blasfêmias — cobertos com a bandeira americana. Bem, talvez não fosse tão blasfemo no caso da esposa. Afinal de contas, as mulheres devem ser leais aos homens, e ela, portanto, não tinha culpa de nada. O fluxo da multidão levou-os para a esquerda, e cordas de veludo guiaram-nos enquanto desciam os degraus. Fez-se ouvir um suspiro coletivo, acompanhado por alguns fungados de pessoas limpando as lágrimas — mulheres em sua maioria. Os dois Montanhesees permaneceram impassíveis, como a maioria dos homens. As esculturas de Remington do lado de fora fizeram com que ambos parassem para admirá-las rapidamente, e então

voltaram para céu aberto e o ar fresco foi bem recebido depois dos poucos minutos de sauna governamental. Não falaram até estarem fora do terreno da Casa Branca e distantes dos outros.

— Compramos caixões bonitos, não acha? — conseguiu dizer primeiro Holbrook. Pena que não eram abertos. — Brown olhou ao redor. Ninguém estava perto o bastante para ouvir sua indiscrição.

Acrescentou enquanto se virava para o sul, de modo a ver a Pennsylvania Avenue: — Eles têm filhos.

— É, é, é. E eles também serão burocratas. — Caminharam mais alguns metros. Merda!

Não havia mais nada a ser dito, exceto, talvez, Porra!, pensou Holbrook, e ele não gostava de repetir coisas que Ernie já dissera.

O sol despontava, e a ausência de prédios altos a leste do Capitólio significava que o prédio branco estava lindamente silhuetado. Embora essa fosse a primeira viagem a Washington que ambos faziam, os dois poderiam traçar de memória um esboço razoável do prédio, e o fato de que o horizonte estava errado não poderia ser menos óbvio. Holbrook estava satisfeito por Ernie tê-lo convencido a vir. Aquela visão fazia valer todo o transtorno da viagem.

— Ernie... — disse Holbrook, com pasmo. — Isso é inspirador!

— É mesmo.

O problema da doença era os enganadores sinais de aviso, e a principal preocupação da mulher se concentrava em um de seus pacientes. Ele era um menino bonzinho, mas... estava gravemente doente. A irmã Jean Baptiste via agora que sua febre chegara aos 40.4 graus; isso significava risco de vida, mas os outros indícios eram piores. A desorientação estava cada vez pior. Os vômitos haviam aumentado, e agora havia sangue neles. Havia indícios de hemorragia interna. Tudo isso poderia significar muitas coisas mas a que mais a preocupava chamava-se Ebola Zaire. Havia muitas doenças da selva neste país — ela ainda pensava nele ocasionalmente como o Congo Belga — e embora a competição pelo pior absoluto fosse mais acirrada do que qualquer um podia imaginar, o Ebola vinha na posição mais baixa do pódio. Ela precisava extrair sangue para outro exame, e este teria de ser realizado com muito cuidado. A primeira amostra fora perdida por alguma razão. Os jovens da equipe médica não eram tão cuidadosos quanto deveriam.. Os pais do garoto estavam segurando seu braço enquanto ela extraía o sangue, suas mãos inteiramente protegidas com luvas de látex tudo correu tranquilamente — no momento, o menino não estava nem mesmo semiconsciente. Ela puxou a agulha e colocou-a imediatamente numa caixa plástica para ser eliminada. O frasco de sangue era seguro, mas ele também foi colado em outra embalagem. Sua preocupação imediata era com a agulha. Muita gente na equipe tentava economizar dinheiro para o hospital reutilizando instrumentos, isso a despeito da AIDS e outras doenças transmitidas por produtos do sangue. Ela lidou com isso sozinha, apenas para ter certeza.

Não teve tempo de olhar mais para o paciente. Saindo da ala, caminhou direto até o próximo prédio. O hospital tinha uma história longa e honrosa, e fora construído para resistir às condições climáticas do local. Os vários prédios baixos eram conectados por passagens cobertas. O prédio do laboratório ficava apenas a cinquenta metros de distância. As instalações eram abençoadas; recentemente, a Organização Mundial de Saúde estabelecera presença aqui, e junto com eles haviam chegado equipamentos modernos e seis médicos jovens... mas nenhuma enfermeira. Todos tinham sido treinados nos Estados Unidos ou na Inglaterra.

O Dr. Mohammed Moudi estava na bancada do laboratório. Alto, magro, era um tanto frio em comportamento, mas eficiente. Virou-se para vê-la se aproximar, e reparou na forma como ela descartou a agulha.

— Que é, irmã?

— Paciente Mkusa. Benedict Mkusa, sexo masculino, africano, oito anos.

A freira estendeu o prontuário para o médico. Moudi pegou-o e correu os olhos por ele. Para a enfermeira — cristã ou não, era uma santa mulher, e uma ótima enfermeira — os sintomas haviam

ocorrido um por vez. A apresentação do papel ao médico foi muito mais eficiente. Dores de cabeça, calafrios, febre, desorientação, agitação, e agora, sinais de sangramento interno. Quando levantou o rosto, trazia preocupação no olhar. Se o próximo sintoma fosse impetigo na pele...

— Está na ala geral?

— Sim, doutor.

— Mude-o imediatamente para o prédio de isolamento. Estarei lá em meia hora.

— Sim, doutor.

No caminho, ela esfregou a testa. Devia ser o calor. Nunca é possível acostumar-se a ele, não se você tivesse vindo do nordeste da Europa. Talvez devesse tomar uma aspirina antes de ver o paciente.

Imagem Pública

Começou cedo. Dois aviões Sentry E-3B — que haviam sido transferidos da base da força aérea de Tinker, em Oklahoma, para a base da força aérea de Boone, na Carolina do Norte — decolaram da última às oito da manhã, hora local, e rumaram para norte. As autoridades haviam decidido que seria exagero fechar todos os aeroportos locais. O Aeroporto Nacional de Washington permaneceu fechado — sem nenhum congressista correndo até ele a fim de voar para seus distritos (suas vagas especiais de estacionamento eram famosas), a instalação poderia permanecer inoperante e os controladores dos outros dois, Dulles e Baltimore-Washington Internacional, estaria trabalhando sob instruções muito precisas. Os voos que chegavam e saíam deviam evitar uma bolha, com mais de 32 quilômetros de diâmetro, que tinha por centro a Casa Branca. Qualquer aeronave que rumasse na direção da bolha seria ordenada a alterar o curso imediatamente. Se a aeronave ignorasse a ordem, logo descobriria um caça grudado em sua cauda. E se isso não funcionasse, o terceiro estágio seria óbvio e espetacular. Duas esquadrilhas, cada uma composta de quatro caças F-16, estariam circulando a cidade a cinco e seis quilômetros de altura, respectivamente. Graças à altitude, seu ruído passaria despercebido (isso também os capacitaria a subir e levantar os aviões e alcançar velocidade supersônica quase imediatamente), mas suas turbinas desenhariam no céu padrões brancos tão evidentes quanto os delineados pela Oitava Força Aérea sobre a Alemanha.

Mais ou menos ao mesmo tempo, a 260ª Brigada Policial de Washington e a Guarda Nacional encarregavam-se de manter controle de tráfego. Mais de uma centena de veículos HMMWV estavam nas ruas laterais, cada um perto de um carro da polícia era do FBI, bloqueando as ruas. Uma guarda de honra — composta de membros de todas as forças armadas — enfileirava-se ao longo das ruas que seriam usadas. Não havia como saber quais rifles estavam equipados com um pente de balas cheio.

Como foi dispensado o uso de tanques, as precauções de segurança puderam ser realizadas em silêncio relativo.

Havia um total de 61 chefes de Estado na cidade; o dia seria um inferno para todos os envolvidos na segurança, e a mídia estava disposta a permitir que essa experiência fosse compartilhada pelo grande público.

Para o último funeral desse porte, Jacqueline Kennedy decidira por roupas matutinas, mas agora, 35 anos depois, ternos escuros seriam mais apropriados, exceto para os oficiais de governos estrangeiros que usavam uniformes de vários tipos (o príncipe de Gales era um oficial comissionado), ou visitantes de países tropicais. Alguns usavam trajes típicos de seus países, e sofreriam as consequências em nome da dignidade nacional. O mero ato de conduzi-los pela cidade até a Casa Branca foi um pesadelo. Então ocorreu o problema de como enfileirá-los na procissão. Alfabeticamente ou por país? Se a norma adotada fosse o tempo de permanência no cargo, isso conferiria uma posição de destaque a alguns ditadores que tinham comparecido para conquistar um pouco de legitimidade perante as principais ligas diplomáticas — ostentando status de países e governos com quem os EUA mantinham ligações amigáveis mas pelos quais nutriam pouco amor. Depois que o último cidadão americano prestou sua homenagem ao presidente e a primeira-dama mortos, os chefes de Estado começaram a marchar pelo saguão no qual estavam os caixões, parando para fazer suas orações antes de seguir para a Sala Leste, onde um pelotão

de funcionários do Departamento de Estado suava para organizar o café.

Ryan e sua família subiram as escadas, cercados por membros do quadro de funcionários da Casa Branca, acertando os detalhes finais das roupas escuras do presidente e da primeira-dama. As crianças aceitaram melhor, porque estavam acostumadas a ter os pais ajeitando suas roupas, e se divertiram vendo outros fazendo isso neles. Jack segurava uma cópia de seu primeiro discurso.

Superara o estágio em que fechava os olhos e desejava que tudo aquilo fosse um sonho. Agora sentia-se como um pugilista em desvantagem contra seu oponente, mas recusando-se a beijar a lona, recebendo cada soco da melhor forma que podia e tentando não cair em desgraça. Mary Abbot dava os toques finais no cabelo do presidente, aplicando fixador para garantir que tudo ficaria em seu lugar, algo que Ryan jamais fizera voluntariamente na vida.

— Estão à sua espera, presidente — disse Arnie.

— Certo.

Jack entregou a prancheta com o discurso a um dos agentes do serviço secreto. Dirigiu-se à saída da sala, acompanhado por Cathy, que segurava Katie no colo. Sally pegou a mão do pequeno Jack e seguiu os pais pelo corredor e pela escada em espiral, a qual desceu cuidadosamente. O grupo virou à esquerda para a Sala Leste. Jack entrou na sala e todos voltaram a cabeça em sua direção, mas seus olhares não foram casuais; praticamente cada par de olhos a fitá-lo pertencia a um chefe de Estado ou um embaixador, e poucos fitavam-no com simpatia. A noite, cada um daqueles homens e mulheres escreveria um relatório a respeito do novo presidente americano. Jack considerou-se satisfeito por ser recebido por uma pessoa com quem não teria de se preocupar em impressionar.

— Sr. Presidente — disse o homem com uma jaqueta da Marinha Real. Seu embaixador fora bem direto. No todo, Londres desejava que seu relacionamento especial com o novo presidente fosse estreitado ainda mais. Ryan era cavaleiro (honorário) da Ordem Vitoriana.

— Vossa Alteza — disse Jack, permitindo-se um sorriso ao apertara mão que lhe fora estendida. — Faz tempo desde aquele dia em Londres, companheiro.

— Realmente.

Por cortesia do vento, o sol não estava tão quente quanto poderia. A polícia de Washington conduzia o cortejo com batedores de motocicletas, seguida por três tocadores de tambor e por soldados em marcha — um esquadrão composto pelo Terceiro Pelotão, o Primeiro Batalhão, a Companhia Bravo, o 501º

Regimento de Infantaria, a Esquadrilha 82 (à qual Roger Durling pertencera) e a Divisão Blindada, trazendo as carruagens com os caixões do presidente e da primeira-dama. Por fim, vinha a fileira de carros. Os sons brutais dos tambores ecoavam pelos prédios da capital da nação. Enquanto a procissão seguia para nordeste, os homens que a presenciavam tiravam seus chapéus ao verem as carruagens. Contudo, alguns homens esqueceram disso.

Brown e Holbrook estavam entre aqueles que não esqueceram. Durling podia ter sido apenas outro burocrata, mas a Bandeira era a Bandeira, e não podia ser culpada por quem ela embrulhava. Os soldados marcharam pela rua, incongruentemente usando uniformes de batalha com boinas azuis e botas de paraquedismo porque, conforme disse O comentarista de rádio, Roger Durling fora um deles. Diante das carruagens caminhavam mais dois soldados, o primeiro portando a bandeira presidencial, e o segundo uma placa emoldurada, com as condecorações de combate recebidas por Durling. O falecido presidente recebera uma medalha por resgatar um soldado durante um combate. O ex-soldado estava em algum lugar na procissão, e ele já fora entrevistado sobre o incidente uma dúzia de vezes, narrando soberbamente o dia em que um futuro presidente salvou-lhe a vida. Era lamentável que depois disso sua vida tivesse tomado o rumo errado, refletiram os dois Montanheses.

Agora estavam vendo o novo presidente, seu automóvel identificável pelos quatro agentes do Serviço Secreto a flanqueá-lo. Esse novo presidente era um mistério para os dois Montanheses. Eles sabiam

apenas o que haviam visto na TV ou lido nos jornais.

Um pistoleiro. Ele realmente matara duas pessoas, uma com uma pistola, e a outra com uma Uzi. Era até mesmo ex-fuzileiro. Isso despertava um pouco de respeito nos dois Montanheses. Outras coberturas televisivas, reprisadas infinitamente, mostravam-no aparecendo a serviço em talk shows dominicais e pronunciamentos. Ele parecera competente nos talk shows, mas pouco à vontade nos pronunciamentos.

A maioria das janelas dos carros na procissão possuía uma camada de plástico escuro que impedia as pessoas de ver os passageiros, mas não o carro do presidente, claro. Sentado entre a esposa e os filhos, o presidente Ryan podia ser visto facilmente da calçada.

Que sabemos realmente sobre Ryan?

— Não muito — admitiu o comentarista. — Ele trabalhou para o governo quase que exclusivamente na CIA. Ele tem o respeito do Congresso, nos dois partidos. Trabalhou com Alan Trent e Sam Fellows durante anos... essa é uma das razões para os dois ainda estarem vivos. Sabemos algo sobre os terroristas que o atacaram...

— Como uma coisa do Velho Oeste — cortou o âncora. — O que você acha sobre ler um presidente que...

— Que já matou? — o comentarista retribuiu o favor. Estava estressado devido a vários dias de serviço ininterrupto, e cheio desse babaca embonecado.

— Vejamos. George Washington era um general. Andy Jackson também.

William Henry Harrison foi soldado, assim como Grant, e a maioria dos presidentes eleitos depois da guerra civil. Teddy Roosevelt, claro. Truman foi soldado. Eisenhower. Jack Kennedy serviu à Marinha, e Nixon, e Jimmy Carter, e George Bush... — a lição de história inesperada teve o efeito de um estouro de boiada.

— Mas ele foi escolhido como vice-presidente na posição de um testa de ferro, e como recompensa por seu trabalho no conflito — ninguém realmente chamava aquilo de guerra — desencadeado pelo problema com os interesses comerciais japoneses.

Pronto, pensou o âncora, isso deve colocar esse correspondente estrangeiro decadente em seu devido lugar. Quem disse, afinal, que um presidente tinha direito a uma lua de mel com a imprensa?

Ryan queria dar uma lida em seu discurso, mas não conseguiu. Estava muito frio lá fora — o interior do carro também não estava completamente aquecido —, mas milhares de pessoas estavam paradas nas calçadas a uma temperatura de 1,6 grau negativo. O carro presidencial passou perto o suficiente da multidão para que Ryan pudesse ver as expressões das pessoas. Muitos apontavam e diziam coisas como Lá está ele e aquele é o homem. Alguns acenavam; eram pequenos gestos constrangidos de pessoas que não tinham certeza se era apropriado fazer isso, mas querendo demonstrar seus sentimentos, como aquele sorriso que abrimos nas capelas funerárias — espero que você supere isso. Jack perguntou-se se seria apropriado acenar de volta, mas decidiu que estava preso a alguma lei implícita que se aplicava a funerais.

Assim, ficou olhando para eles, seu rosto, achava, numa expressão neutra, sem dizer nada porque não saberia o que dizer. Bem, para resolver isso um discurso fora escrito para ele, pensou Ryan, frustrado consigo mesmo.

— Não é um sujeito simpático — sussurrou Brown para Holbrook.

Esperaram alguns minutos para a multidão dispersar um pouco. Nem todos os espectadores estavam interessados na procissão de dignitários estrangeiros.

Afinal de contas, não era possível ver quem estava nos carros, e observar as bandeiras que adejavam nos para-choques dos carros só servia para iniciar diversas versões de comentários como qual é aquela?

— geralmente com uma resposta incorreta. Assim, como muitos outros, os dois Montanhese abriam caminho até um parque.

— Ele ainda não se adaptou — replicou Holbrook, finalmente.

— É só um burocrata. Lembra do Princípio de Peter? — era um livro que, na opinião de ambos, fora escrito para explicar o funcionamento do governo. Em qualquer hierarquia, as pessoas tendem a subir proporcionalmente ao seu nível de incompetência. — Acho que gosto disso.

Seu companheiro virou-se para olhar a rua, os carros e as bandeirinhas tremulantes.

— Acho que tem razão.

A segurança na Catedral Nacional era rigorosa. Em seus corações, os agentes do Serviço Secreto sabiam que nenhum assassino — a ideia de um assassino profissional era quase totalmente criação de Hollywood — arriscaria sua vida sob essas circunstâncias. Cada prédio com uma linha de visão direta da igreja em estilo gótico tinha em seu topo policiais, soldados ou agentes especiais do governo americano. Muitos desses homens e mulheres estavam armados com fuzis, e sua própria equipe de repressão a franco-atiradores estava armada com o que havia de mais moderno em tecnologia do armamento: instrumentos fabricados à mão no valor de dez mil dólares, capazes de atingir, na cabeça, qualquer alvo até quase oitocentos metros. A equipe, que vencia competições de tiro com a regularidade das marés, era provavelmente a maior coleção de atiradores que o mundo já vira, e praticava diariamente para se manter assim. Qualquer um que quisesse praticar uma má ação saberia todas essas coisas e se manteria afastado ou, no caso de um homicida amador, veria todos aqueles preparativos de defesa e decidiria que esse não era um bom dia para morrer.

Mesmo assim, o ambiente estava tenso. A procissão mal despontou a distância e os agentes começaram a agir. Um deles, exausto de trinta horas de dever contínuo, estava trazendo café quando tropeçou nos degraus de pedra e derramou o líquido. Resmungando, amassou o copo de plástico, enfiou-o no bolso e disse, pelo microfone de lapela de seu rádio, que tudo estava bem em seu posto. O café congelou quase instantaneamente no granito.

Dentro da catedral, agentes de outra equipe checavam mais uma vez cada reentrância mínima antes de assumir seus lugares, permitindo que os oficiais de cerimonial fizessem os últimos preparativos, relativos às instruções de localização enviadas por fax apenas alguns minutos antes, e se perguntassem o que dera errado.

As carruagens pararam diante do prédio e, um de cada vez, os carros desembarcaram seus passageiros. Ryan saiu, seguido por sua família, caminhando para juntar-se. Os Durling. As crianças ainda estavam em choque, e talvez isso fosse bom, ou talvez não fosse. Jack não sabia. Em momentos como esse, o que um homem podia fazer? Pousou a mão no ombro do filho enquanto os carros chegavam, deixavam seus passageiros e rapidamente seguiam caminho. Os outros políticos que tinham vindo prestar suas homenagens ao presidente falecido — os mais graduados — formariam uma fila atrás de. Os menos graduados entrariam na igreja pelas entradas laterais, passando por detectores de metal portáteis, enquanto os clérigos e o coro, já tendo feito o mesmo, assumiriam seus lugares.

Roger teria recordado com orgulho seu serviço na Esquadrilha 82, pensou Ryan. Os soldados que conduziram a procissão apresentaram armas e se prepararam para seu dever sob a supervisão de um jovem capitão, assistido por dois sargentos de aparência séria. Todos pareciam jovens demais, até mesmo os sargentos, todos com o cabelo praticamente raspado sob as boinas. Jack lembrou que, havia mais de cinquenta anos, seu pai servira na esquadrilha rival, a 101, devendo parecer-se com esses meninos, embora provavelmente com um pouco mais de cabelo, porque as cabeças raspadas não estavam em moda na década de 1940. Mas o mesmo vigor, o mesmo orgulho feroz.

Aquilo estava demorando uma eternidade. Ryan, como os soldados, não podia virar a cabeça. Teria de permanecer parado em posição de sentido como na época em que servira nos Fuzileiros, embora

agora se desse ao luxo de vasculhar o local com os olhos. Seus filhos viraram as cabeças e trocaram os pés para se proteger do frio, enquanto Cathy mantinha os olhos grudados neles, tão preocupada quanto seu marido com o frio que estava fazendo, mas presa a uma situação na qual até mesmo as preocupações maternas estavam subordinadas a outra coisa. E que coisa era essa? Essa coisa chamada dever que fazia até mesmo crianças órfãs ficarem paradas, suportando silenciosamente toda aquela cerimônia?

Finalmente os membros restantes da procissão oficial saíram de seus carros e assumiram seus lugares. Alguém proferiu uma contagem até cinco, e os soldados se moveram até as carruagens, sete para cada. O oficial encarregado delas desenroscou um parafuso, depois outro; os caixões foram erguidos em passos laterais robóticos. Os soldados que seguravam a bandeira presidencial começaram a subir os degraus, seguidos pelos caixões. O presidente estava na frente, liderado pelo capitão e seguido pelo sargento no comando da subsegurança presidencial.

Não foi culpa de ninguém. Ali estavam três soldados de cada lado, marchando na cadência lenta proferida pelo sargento. Estavam com os corpos rígidos devido a ter permanecido em posição de sentido por 15 minutos após uma caminhada matutina saudável ao longo da Massachusetts Avenue. O soldado do meio no lado direito escorregou no café congelado. Deslizou para frente, não para trás, e, ao fazer isso, suas pernas deram uma rasteira no soldado que o seguia. A carga total era de mais de quatrocentos quilos de madeira, metal e cadáver, e tudo isso tombou sobre o soldado que fora o primeiro a escorregar, imprensando suas duas pernas contra os degraus de granito, quebrando-as instantaneamente.

Um arfar coletivo elevou-se dos milhares de pessoas que assistiram à cena.

Os agentes do Serviço Secreto correram para acudir os soldados, temendo que eles tivessem sido atingidos por um tiro. Andréa Price moveu-se na frente de Ryan, a mão dentro do casaco segurando obviamente sua automática de serviço, pronta para sacá-la, enquanto outros agentes se posicionavam para arrastar os Ryan e os Durling para longe da área. Os soldados já estavam retirando o caixão de cima do companheiro caído, seu rosto subitamente branco de dor.

— Gelo — disse ao sargento entre dentes cerrados. — Escorreguei.

O soldado chegou mesmo a reunir autocontrole suficiente para refrear o palavrão que ecoou por sua mente devido à vergonha e o embaraço do momento. Um agente olhou o degrau e viu um montículo marrom-esbranquiçado que refletia luz. Fez um gesto para Price dizendo que ela podia relaxar, comando que foi instantaneamente transmitido por rádio para todos os agentes na região: — Foi só um escorregão, foi só um escorregão.

Ryan estremeceu ao perceber o que acontecera. Roger Durling não sentira aquilo, disse sua mente, mas o incidente insultara-o e a seus filhos, que gemeram e viraram as cabeças ao ver o pai escorregar nos degraus de pedra. O menino foi o primeiro a destampar o rosto, sua parte criança perguntando-se como a queda não acordara o pai. Apenas algumas horas atrás ele acordara à noite e caminhara até a porta de seu quarto, querendo abri-la, esperando cruzar o saguão e bater na porta dos pais para ver se eles tinham voltado.

— Meu deus! — gemeu o comentarista.

As câmeras fecharam o quadro nos dois soldados do Terceiro Regimento levantando o paraquedista ferido. O sargento assumiu seu lugar. O esquife foi erguido novamente numa questão de segundos, sua superfície de carvalho nitidamente arranhada devido à queda.

Certo, soldados — disse o sargento de sua nova posição. — Pela esquerda!

— Papai — choramingou Mark Durling, de nove anos de idade. — Papai.

Em meio ao silêncio que se seguiu ao acidente, todos perto do menino ouviram seu lamento. Os soldados morderam os lábios. Os agentes do Serviço Secreto, já envergonhados e feridos pela perda de um presidente, dedicaram um segundo a voltar os olhos para baixo ou fitar uns aos outros. Jack

instintivamente enlaçou com o braço o ombro do menino, mas ainda sem saber o que poderia dizer. Que mais poderia sair errado?, perguntou-se o novo presidente, enquanto a Sra. Durling seguia seu marido.

— Tudo bem, Mark. — Com o braço em torno do ombro do menino, Ryan guiou-o até a porta, sem pensar que estava tomando o lugar de um tio favorito distante apenas alguns metros. Queria que houvesse pelo menos uma forma de suavizar seu pesar, mesmo que por alguns segundos. Era um desejo impossível, e tudo que fez por Jack foi ceder-lhe mais uma camada de tristeza, e essa dor adicional não fez nada para amenizar aquela sentida pelas crianças.

Estava mais quente lá dentro, o que foi notado pelos menos emocionados com o momento. Os políticos e estadistas assumiram seus lugares. Ryan e sua família ficaram na primeira fila à direita. O grupo dos Durling ficou no lado oposto ao deles. Os esquifes estavam dispostos lado a lado em lajes na sacristia; atrás deles havia mais três, os de um governador e dois congressistas, representando uma última vez. O órgão tocou alguma coisa que Ryan ouvira antes mas que não reconheceu. Ao menos não era a solurna produção maçônica de Mozart, com seu cântico fúnebre repetitivo, tão animador quanto mim filme sobre o Holocausto. Os clérigos estavam alinhados, rostos profissionalmente dispostos. Na frente de Ryan, no suporte geralmente ocupado por hinos, havia outra cópia de seu discurso.

A cena na tela de TV deixaria qualquer pessoa de sua profissão enojada ou excitada, a um nível quase sexual. Se ao menos... mas oportunidades desse tipo aconteciam apenas por acidente, jamais permitindo tempo para preparar nada.

Preparação era tudo numa missão. Não que fosse tecnicamente difícil, e ele permitiu que sua mente considerasse o método. Um míssil, talvez. Seria possível montar um lançador de mísseis num daqueles caminhões de entregas que podiam ser vistos em qualquer cidade do mundo conhecido.

Ele daria cabo de pelo menos dez, talvez 15 ou vinte, e embora a seleção fosse aleatória, um alvo era um alvo, e terror era terror, e essa era sua profissão.

— Olha só a cara deles — sussurrou.

As câmeras mostraram as pessoas nas fileiras. A maioria homens, algumas mulheres, sentados sem nenhuma ordem que ele pudesse discernir, alguns papeando em sussurros, a maioria mantendo-se em silêncio respeitoso, com expressões neutras enquanto vasculhavam com os olhos o interior da igreja.

Então os filhos do presidente americano morto, um menino e uma menina com a aparência de quem conheceu o lado cruel da vida. As crianças estavam suportando a pressão incrivelmente bem, não estavam? Iriam sobreviver. E como não tinham mais nenhuma importância política, o interesse do homem nelas foi tão clínico quanto impiedoso. Então a câmera estava mais uma vez em Ryan, fechando em seu rosto, permitindo um exame cuidadoso.

Ainda não dera seu adeus a Roger Durling. Jack não tivera tempo para compor a mente e se concentrar no pensamento. A semana tinha sido atarefada demais, mas agora ele flagrou seus olhos fitando apenas aquele caixão. Mal conhecera Anne, e os outros três corpos na sacristia eram-lhe estranhos, tendo sido escolhidos aleatoriamente por suas religiões. Mas Roger fora um amigo.

Roger tirara-o da vida civil, dera-lhe um trabalho importante e confiara nele, aceitando seus conselhos na maior parte do tempo. Roger abrira seu coração para ele e ocasionalmente o repreendera, mas sempre como um amigo. Havia sido um trabalho difícil, principalmente com o conflito que fora desenvolvido com o Japão — mesmo para Jack, agora que estava acabado, aquilo não era uma guerra, porque guerra era coisa do passado. Não fazia mais parte do mundo real que agora estava deixando a barbárie. Durling e Ryan haviam ajudado nesse processo, e embora o primeiro tivesse pretendido finalizar o trabalho de outras maneiras, também reconheceu que, para Ryan, a corrida havia acabado.

E assim, como amigo, dera a Jack uma ponte de ouro de volta à vida civil, um pináculo numa carreira

que se tornara uma arapuca.

Mas se Roger tivesse oferecido o trabalho a outra pessoa, onde eu teria estado naquela noite?, perguntou Jack a si mesmo. A resposta foi simples. Teria estado na primeira fila no plenário da Câmara, e agora estaria morto. O presidente Ryan piscou para afugentar o pensamento. Roger salvara-lhe a vida.

Provavelmente não apenas a sua. Cathy — e talvez as crianças — teriam estado na galeria, junto com Anne Durling... A vida era tão frágil assim, podendo ser interrompida em decorrência de pequenos eventos? Naquele momento, por toda a cidade, outros corpos jaziam em outros caixões para outras cerimônias, corpos de adultos, mas também de crianças, filhos de políticos que haviam escolhido aquela noite para levar suas famílias à sessão conjunta.

Mark Durling estava chorando agora. Sua irmã mais velha, Amy, puxou a cabeça do menino para ela. Jack virou-se um pouco, permitindo ver a cena com sua visão periférica. Bom Deus, são apenas crianças. Por que crianças precisam passar por coisas assim? O pensamento tornou-se familiar no mesmo instante.

Jack mordeu o lábio e olhou para o chão. Não havia nenhum alvo para sua raiva. O perpetrador desse crime também estava morto, seu corpo ocupava outra caixa no necrotério de Washington e, a alguns milhares de quilômetros de distância, a família que o homem deixara para trás precisava conviver não apenas com a dor, mas também com a vergonha e a culpa. Era por causa disso que se dizia que a violência não tem sentido. Esse incidente não deixara nada para ser aprendido, apenas a dor das vidas perdidas e arruinadas — e vidas poupadas por nenhum motivo além do puro acaso. Como o câncer ou outras doenças graves, esse tipo de violência atingia sem nenhum plano discernível, sem defesa real, apenas um homem morto que decidira não entrar sozinho no além. Que lição tudo isso deixava para ser aprendida? Nenhuma. Ryan, há muito um estudante do comportamento humano, franziu o cenho e continuou olhando para baixo, os ouvidos concentrados nos soluços de uma criança órfã ecoando pelas paredes da igreja de pedra.

Fracamente. Estava escrito em seu rosto. Esse suposto homem, esse presidente, estava lutando para conter as lágrimas. Ele não sabia que a morte fazia parte da vida? Logo ele que causara mortes? Ele não sabia como a morte era? Ou estava aprendendo apenas agora? Os outros rostos sabiam. Era possível ver isso.

Estavam soturnos, porque é assim que se espera que as pessoas fiquem nos funerais, mas conheciam a morte. Toda a vida chega ao fim, e Ryan parecia o único a não saber disso. Ele enfrentara o perigo — mas fora há muito tempo e, com o passar dos anos, os homens esquecem esse tipo de coisa. Ryan tivera todos os motivos para esquecer as vulnerabilidades da vida, tendo ido, como funcionário do governo, protegido numa gaiola de vidro. O homem sempre ficava surpreso com o quanto é fácil aprender sobre uma pessoa apenas examinando seu rosto por alguns segundos.

Isso facilitava em muito as coisas, não?

Estava a cinco fileiras atrás, mas na lateral, e embora pudesse ver apenas a nuca do presidente Ryan, a primeira-ministra da Índia também era uma estudiosa do comportamento humano. Um chefe de Estado não podia agir dessa forma. Um chefe de Estado era, afinal de contas, um ator no palco mais importante do mundo, e precisava aprender o que fazer e como se comportar.

Ela já estivera em todos os tipos de funerais, porque os líderes políticos têm associados — nem sempre amigos — jovens e velhos, e era preciso demonstrar respeito frequentando os funerais, mesmo daqueles a quem mais se detestava.

No último caso, às vezes podia ser divertido. Em seu país, os mortos frequentemente eram incinerados, e isso permitia à ministra fazer de conta que o corpo ainda estava vivo enquanto ardia em chamas. Especialmente aqueles a quem mais detestara. Mas esses enterros exigiam muita prática. Era

preciso parecer triste. Sim, tínhamos nossas diferenças, mas ele sempre foi alguém a quem respeitei, alguém com quem podia trabalhar, alguém cujas ideias sempre mereciam consideração. Com o passar dos anos, adquiria-se tanta prática que os sobreviventes passavam a acreditar nas mentiras. Você aprendia a sorrir quando era preciso, a chorar quando era preciso. Um líder político raramente podia deixar transparecer seus sentimentos verdadeiros. Os sentimentos verdadeiros diziam aos outros quais eram as suas fraquezas, e sempre havia alguém que podia usá-las contra você. Assim, com o passar dos anos você os escondia cada vez mais, até que, finalmente, não lhe restava quase nenhum sentimento. E isso era bom, porque política e sentimentos não se misturam.

Era evidente que esse Ryan não sabia disso, disse a si mesma a primeira-ministra da maior democracia do mundo. Como resultado, ele estava mostrando o que era realmente. E o pior — para ele — era que estava fazendo isso diante de um terço dos maiores líderes do mundo, pessoas que veriam, aprenderiam e arquivariam seus sentimentos para uso futuro. Exatamente como ela estava fazendo. Maravilhoso, pensou, mantendo uma expressão triste em honra de alguém a quem odiara. Quando o organista começou o primeiro hino, ela abriu seu livro, correu as páginas até a indicada e cantou junto com todos os outros.

O rabino foi o primeiro. Cada clérigo dispunha de dez minutos, e cada um deles era um especialista — mais propriamente, eram, além de homens de Deus, genuínos catedráticos. O rabino Benjamin Fleischman citou o Talmude e a Torah. Falou sobre honra e fé, e sobre um Deus misericordioso. Em seguida veio o reverendo Frederick Ralston, o capelão do Senado — ele estivera fora da cidade naquela noite e, assim, falou sobre os eventos de uma forma um pouco mais distanciada. Batista do sudeste e reconhecida autoridade no Novo Testamento, Ralston falou sobre a Paixão de Cristo no jardim, sobre seu amigo, senador Richard Eastman, do Oregon, que jazia na sacristia, universalmente respeitado como um membro honrado do Congresso, e em seguida desatou louvores ao presidente morto, um pai de família devotado, como era bem sabido...

Não havia uma forma certa de lidar com essas coisas, pensou Ryan. Talvez fosse mais fácil se o ministro padre rabino tivesse tido tempo de sentar e conversar com os parentes e amigos do falecido, mas isso não fora possível nesse caso, e ele se perguntou...

Não, isto não é certo!, disse Jack a si mesmo. Aquilo era teatro. E não devia ser assim. Havia crianças sentadas a alguns metros à sua esquerda, e para elas o que havia acontecido era bem real. Isto era muito mais simples para eles.

Mamãe e papai tinham tido suas vidas ceifadas por um ato sem sentido, privando-os do que a vida devia garantir-lhes: um futuro feliz, amor e orientação, uma chance de crescer de forma normal como pessoas normais.

Mark e Amy eram as pessoas mais importantes aqui, mas tudo estava voltado para os outros. Este evento inteiro era um exercício político, uma coisa para acalmar a nação, para renovar a fé das pessoas em Deus, no mundo e em seu país, e talvez as pessoas lá fora, por trás das 23 câmeras da igreja, precisassem disso, mas havia pessoas mais necessitadas: as crianças de Roger e Anne Durling, os filhos crescidos de Dick Eastman, a viúva de David Kohn, de Rhode Island, e a família de Marissa Henrick, do Texas. Aquelas eram pessoas reais, e sua dor pessoal estava sendo subordinada às necessidades da nação.

Bem, a nação que se foda!, pensou Jack, subitamente com raiva do que estava acontecendo, e com raiva de si mesmo por não ter percebido isso antes, quando poderia ter feito uma diferença. A nação tinha necessidades, mas elas não podiam ser grandes a ponto de eclipsar o horror que o destino infligira àquelas crianças. Quem falaria por elas? Quem falaria a elas?

Para Ryan, um católico, o pior de tudo era que o cardeal Michael O'Leary, arcebispo de Washington, não foi melhor que os outros. Benditos os pacifistas, porque eles serão chamados... Para Mark e Amy, seu

pai não era um pacifista.

Era papai, e papai estava morto, e isso não era uma abstração. Três membros distintos, eruditos e muito decentes do clero estavam pregando para uma nação, mas diante deles havia crianças que tinham ouvido apenas algumas palavras gentis da boca para fora. Alguém precisava falar com eles, para eles, sobre seus pais. Alguém tinha de tentar amenizar o sofrimento das crianças. Isso não era possível, mas, bolas, alguém precisava tentar! Talvez o presidente dos Estados Unidos. Talvez ele tivesse um dever para com os milhões atrás das câmeras, mas Jack lembrou de quando sua esposa e filha haviam ficado em tratamento intensivo num hospital em Baltimore, entre a vida e a morte, e aquilo também não fora uma maldita abstração. Esse era o problema. Esse era o motivo pelo qual sua família fora atacada. Esse era o motivo pelo qual essas pessoas haviam morrido — porque algum fanático vira todos eles como abstrações em vez de seres humanos com vidas, esperanças, sonhos... e filhos. O trabalho de Jack era proteger uma nação. Ele jurara preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos, e daria o melhor de si para conseguir isso. Mas o propósito da Constituição era tremendamente simples: assegurar as bênçãos da liberdade para as pessoas, e isso incluía as crianças. A nação e o governo aos quais ele servia eram nada mais nada menos que um mecanismo para proteger indivíduos. Já dever não era uma abstração. A realidade desse dever estava sentada a alguns metros à sua esquerda, contendo lágrimas da melhor forma que podiam, e provavelmente falhando, porque não havia sentimento mais solitário do que aquele que atormentava o coração das duas crianças enquanto Mike O’Leary falava para um país em vez de para uma família. O teatro já durara tempo demais. Dali a pouco começaria mais um hino, e em seguida seria a vez de Ryan levantar e caminhar até o púlpito.

Os agentes do Serviço Secreto voltaram-se para todos os lados, vasculhando a nave da igreja, porque ESPADACHIM era agora um alvo perfeito. Ao aproximar-se do átrio, Ryan viu que o cardeal O’Leary agira conforme as instruções e prendera a prancheta presidencial ao tampo de madeira. Não, decidiu Jack. Não. Segurou os lados do átrio para se apoiar. Seus olhos percorreram rapidamente a plateia, e em seguida se fixaram nos filhos de Roger e Anne Durling. A dor nos olhos das crianças partiu seu coração. Estavam suportando todos os fardos de um compromisso que jamais haviam assumido. Amigos anônimos lhes disseram para ser mais fortes do que qualquer fuzileiro em qualquer época, provavelmente porque Mamã e papai gostariam disso. Mas suportar dor com dignidade, silenciosa ou não, era pedir demais a crianças. Eram os adultos quem tinham de fazer esse tipo de coisa. Basta, disse Jack a si mesmo. Meu dever está aqui. O primeiro dever do forte sempre era proteger o fraco. Suas mãos apertaram as bordas do átrio de carvalho polido, e a dor autoinfligida ajudou a compor seus pensamentos.

— Mark, Amy, seu pai era meu amigo — disse gentilmente. — Tive a honra de trabalhar para ele e ajudá-lo da melhor forma que pude... mas, vocês sabem, ele provavelmente me ajudou muito mais do que eu a ele. Sei que vocês sempre compreenderam que papai e mamãe realizavam trabalhos importantes, e nem sempre tinham tempo para as coisas realmente importantes, mas posso garantir-lhes que seu pai fez tudo que podia para dedicar tempo a vocês, porque ele os amava mais que qualquer coisa no mundo, mais do que ser presidente, mais do que todas as coisas que vêm junto com isso, mais do que tudo... exceto a mãe de vocês. Ele também a amava muito...

Quanta bobagem! Sim, claro que qualquer um se importa com os próprios filhos. Daryaei se importava com os seus, mas as crianças se tornam adultos, goste-se delas ou não. Sua função era aprender, e servir, e um dia assumir os deveres de seus predecessores. Até então seriam crianças, e o mundo lhes diria como agir. O destino lhes diria. Alá lhes diria. Alá era misericordioso, embora a vida fosse dura. Ele tinha de admitir que o judeu falara bem, citando as Escrituras exatamente como na Torah deles e em seu Corão sagrado. Ele teria escolhido uma passagem diferente, mas isso era uma simples questão de gosto.

A teologia permitia esse tipo de coisa. Tudo teria sido um exercício fútil, mas esse quase sempre era o caso de ocasiões formais como essa. Esse tal Ryan estava desperdiçando sua chance de se dirigir à nação, de parecer forte e seguro, de modo a consolidar seu poder e governo. Imagine só, numa horas dessas, falar com crianças!

Seus consultores políticos devem estar sofrendo um ataque cardíaco coletivo, pensou a primeira-ministra, recorrendo a todo seu autocontrole para manter a expressão imparcial. Então, decidiu alterar sua expressão para simpatia. Afinal, ele poderia estar observando-a, e ela era mulher e mãe, afinal de contas, e iria encontrá-lo mais tarde no mesmo dia. Inclinou a cabeça ligeiramente para a direita, como para usufruir de uma visão melhor da cena e do homem. Ele também deveria gostar disso. Em mais um ou dois minutos, ela abriria a bolsa e tiraria um lenço para enxugar os olhos.

— Gostaria de ter tido a chance de conhecer melhor a mãe de vocês. Cathy e eu estávamos aguardando uma oportunidade. Queria que Sally, Jack, Katie e vocês ficassem amigos. O seu pai e eu conversamos um pouco sobre isso. Acho que isso não vai acontecer da forma como queríamos.

Um pensamento repentino fez o estômago de Jack revirar. Eles estavam chorando agora porque Jack dissera-lhes sem palavras que eles podiam fazer isso, se quisessem. Jack não podia se dar ao mesmo luxo. Devia isso aos outros.

Precisava ser forte agora para eles, e assim apertou as bordas do átrio até as mãos doerem, e recebeu de bom grado a dor, porque ela impôs-lhe disciplina.

— Vocês provavelmente querem saber por que isto tinha de acontecer. Não sei, crianças. Queria saber. Queria que alguém soubesse, para que eu pudesse procurar essa pessoa e obter respostas. Mas nunca encontrei essa pessoa — prosseguiu Jack.

— Jesus Cristo! — conseguiu dizer Clark na voz rouca que os homens usavam para impedir um choramingo. Em seu escritório na CIA, como todos os altos funcionários públicos, ele tinha um televisor, e todos os canais estavam cobrindo aquilo. — É, meu amigo, também já procurei essa pessoa uma ou duas vezes.

— Sabe de uma coisa, John? — perguntou Chavez. Ele estava mais sob controle. Km momentos como aquele, o homem precisa manter os pés firmes no chão, para poder acalantar as mulheres e crianças. Ou pelo menos era isso que sua cultura lhe ensinara. O Sr. C, por outro lado, revelou-se uma caixinha de surpresas. Como sempre.

— Que é, Domingo?

— Ele entende. Estamos trabalhando para um sujeito que entende.

John refletiu a respeito. Quem acreditaria? Dois oficiais paramilitares da CIA, tendo os mesmos pensamentos que seu presidente. Era bom descobrir que ele analisara Ryan corretamente desde o primeiro instante. Porra, é igualzinho ao pai. Uma lástima que o destino lhe houvesse negado a chance de conhecer aquele Ryan. Em seguida se perguntou se Ryan seria bem-sucedido como presidente. Ele não estava agindo como nenhum dos outros. Estava agindo como uma pessoa de verdade. Mas por que isso era tão ruim?, perguntou Clark retoricamente.

Quero que vocês saibam que eu e Cathy estaremos prontos para recebê-los quando quiserem. Vocês não estão sozinhos. Vocês têm a sua família, e agora têm a minha também — prometeu Jack, no púlpito. Aquela era a pior parte. Ele precisara dizer isso as crianças. Roger havia sido um amigo, e um homem decente cuida dos filhos dos amigos quando é preciso. Ele fizera isso pela família de Buck Zimmer, e agora faria pela de Roger.

— Quero que vocês sintam orgulho de sua mamãe e de seu papai. O seu pai era um bom homem, um

bom amigo. Ele trabalhou duro para tornar as coisas melhores para as pessoas. É um trabalho difícil, e ele precisou abrir mão de muito tempo ao lado de vocês, mas seu pai era um grande homem, e grandes homens fazem coisas grandes. Sua mãe sempre esteve ao lado deles, e ela também fez coisas grandes. Crianças, vocês sempre irão tê-los em seus corações. Recordem todas as coisas que eles lhes disseram, todas as coisas, pequenas, as brincadeiras, os truques, as piadas. Lembrem-se de todas as formas que os papais e as mães expressam o amor pelos seus filhos. Vocês jamais perderão isso. Jamais — assegurou-lhes Jack, torcendo para que isso amenizasse o golpe violento que o destino lhes aplicara. Ele não conseguiu pensar em mais nada que pudesse ser dita. Era hora de fechar.

— Mark, Amy, Deus decidiu que queria sua mãe e seu pai de volta. Ele não explicou o motivo de formas fáceis para que possamos entender, e não podemos... não podemos lutar contra essas coisas quando elas acontecem. Simplesmente não podemos...

A voz de Ryan finalmente falhou em sua garganta.

Que coragem tem esse homem, permitindo suas emoções aflorarem, pensou Koga. Qualquer um poderia subir lá e desfiar a ladainha política habitual, e a maioria faria isso, mas esse Ryan não era como os outros. Fazer um discurso político dirigindo-se às crianças era brilhante — ou pelo menos foi o que ele pensou no começo. Mas não era nada disso. Dentro do presidente havia um homem. Ele não era um ator. Ele não estava nem aí para mostrar força ou resolução. E Koga sabia o motivo. Mais do que qualquer outra pessoa nessa igreja, Koga sabia do que Ryan era feito. Ele tivera o palpite certo em seu gabinete, alguns dias antes. Ryan era um samurai, e ainda mais que isso. Ele fazia o que fazia, sem se preocupar com que os outros pensassem. O primeiro-ministro japonês torceu para que isso não fosse um erro enquanto observava o presidente dos Estados Unidos da América descer os degraus e se aproximar dos filhos dos Durling. Ele os abraçou, e a plateia viu lágrimas no rosto de Ryan. Koga ouviu chefes de Estado fungando ao redor dele, mas sabia que a maior parte era puro fingimento ou, no máximo, resíduos de humanidade vindo à tona para logo afundarem novamente. Lamentou que não pudesse juntar-se a eles, mas as regras de sua cultura eram duras, ainda mais com toda a vergonha de ter sido um de seus cidadãos o causador dessa tragédia monstruosa. Ele precisava jogar segundo as regras da política, embora preferisse não fazê-lo.

Ryan não jogava segundo essas regras, e o que preocupava o primeiro-ministro do Japão era se a América perceberia sua sorte.

— Ele não usou uma palavra do discurso preparado! — objetou o âncora.

O discurso fora distribuído para todas as emissoras, e os principais trechos já haviam sido selecionados para que os repórteres pudessem repetir passagens, de modo a reforçar as coisas importantes que o presidente tinha a dizer aos espectadores. Em vez disso, o âncora foi forçado a tomar notas, o que fez muito mal, porque fazia tempo que não trabalhava como repórter.

— Tem razão — concordou relutante o comentarista. — Nada disso foi planejado. — Em seu monitor, Ryan ainda estava abraçando os filhos dos Durling, e isso já estava demorando. — Acho que o presidente decidiu que este era um momento pessoal para eles...

— E de fato é — interveio o âncora.

— Mas o trabalho do Sr. Ryan é governar uma nação. — O comentarista balançou a cabeça, claramente pensando algo que ainda não podia dizer: não presidencial.

Jack finalmente teve de soltar as crianças. Em seus olhos, agora havia apenas dor. A parte objetiva da mente de Ryan considerou que isso provavelmente era bom — eles tinham desabafado — mas não tornava a visão menos dolorosa, porque crianças dessa idade não deviam sofrer desse jeito. Mas essas crianças sofreram, e não havia nada que pudesse ser feito a esse respeito além de tentar, de alguma

forma, aliviar sua dor. Jack olhou para os tios e tias que acompanhavam as crianças. Também estavam chorando, mas por detrás de suas lágrimas Jack vislumbrou expressões agradecidas, o que pelo menos lhe dizia que fizera uma coisa boa. Balançando a cabeça, virou-se para caminhar até sua cadeira. Cathy estava olhando para ele e também havia lágrimas em seus olhos. Embora não pudesse falar, ela segurou sua mão. Jack viu mais um exemplo da inteligência da mulher. Ela não estava usando maquiagem para não manchá-la caso chorasse. Por dentro, Jack sorriu. Ele não gostava de maquiagem, e sua esposa não precisava realmente usar.

Que sabemos sobre ela?

— E médica. Cirurgia de olhos. Aparentemente, muito boa. — Ele verificou suas anotações. — A imprensa americana diz que continua a exercer a profissão apesar de seus deveres oficiais.

— E os filhos?

— Não temos nada a esse respeito... Devo conseguir descobrir que escola estão frequentando. — Ele notou a expressão intrigada e prosseguiu. — Se a esposa vai continuar seu trabalho, acho que as crianças precisarão continuar frequentando as mesmas escolas.

— Como você vai descobrir isso?

— Mole. Todas as revistas americanas podem ser acessadas por computador. Ryan foi motivo de diversas matérias. Posso descobrir qualquer coisa que quiser.

Na verdade, ele já descobrira muita coisa, mas nada sobre a família. A era moderna facilitara muito a vida de um espião. Ele já sabia a idade, altura, peso, cor do cabelo e dos olhos, e muitos dos hábitos de Ryan, como bebidas prediletas e clubes golfe dos quais era sócio. Sabia todos os tipos de trivialidades sobre Ryan, nenhuma das quais muito trivial para um homem em sua posição. Ele não teve de perguntar ao seu chefe o que estava pensando. A oportunidade que ambos haviam perdido com todos os chefes de estado na Catedral Nacional estava perdida para sempre, mas, não seria a única.

Com um último hino, a cerimônia chegou ao fim. Os soldados retornaram para levar os esquifes, e a procissão recomeçou ao contrário. Mark e Amy comportaram-se bem, ajudados por seus parentes, e seguiram os caixões dos pais. Jack liderou sua família atrás deles. Katie estava entediada e ficou feliz em poder andar novamente. O pequeno Jack estava triste pelos filhos dos Durling.

Sally parecia preocupada. Ele teria de conversar com ela. Caminhando pelo corredor, olhou com atenção para vários rostos, surpreso com o fato de que as pessoas nas primeiras quatro ou cinco fileiras não estavam olhando para os caixões, e sim para ele. Eles nunca deixavam de ser políticos, não é mesmo?

Seus colegas chefes de Estado, pensou Jack, imaginando em que tipo havia virado. Alguns rostos eram amigáveis, como o do príncipe de Gales, que não era chefe de Estado e, portanto, fora posto pelo cerimonial atrás dos outros.

Outros rostos pertenciam a patifes notórios, mas mesmo esses cumprimentaram-no com um menear de cabeça amigável. Sim, ele estava entendendo, pensou Jack. O novo presidente quis olhar seu relógio, tão cansado sentia-se com os eventos de um dia ainda no nascedouro, mas haviam-lhe alertado contra olhar as horas. Sempre haveria pessoas para dizer-lhe o que aconteceria em seguida, assim como agora havia pessoas correndo até os armários para devolver os agasalhos a Ryan e seus familiares antes que saíssem.

Ali estava Andréa Pricer e outros membros da segurança presidencial. Do lado de fora haveria mais gente: um exército não muito pequeno de pessoas com armas e medos, e um carro para levá-lo a seu próximo destino, onde ele executaria mais deveres oficiais, sendo em seguida conduzido às pressas para outro, e outro, e outro.

Não podia deixar tudo isso tomar conta de sua vida. Ryan franziu a testa ao pensar nisso. Ele faria o trabalho, mas não poderia cometer o mesmo erro de Roger e Anne. Pensou nos rostos das crianças saindo

da igreja e pensou que aquele era um clube ao qual podia ser forçado a entrar, mas ao qual jamais se afiliaria. Ou pelo menos foi o que disse a si mesmo.

Troca de Comando

A parte na base aérea de Andrews foi misericordiosamente curta. Da catedral, os esquifes viajaram em carros funerários, deixando para trás a maior parte do cortejo oficial, que seria dispersado através da Embassy Row. O Força Aérea Um estava aguardando na rampa para conduzir os Durling de volta à Califórnia uma última viagem. Os procedimentos pareceram menos formais.

Havia mais uma guarda de honra para saudar os caixões embrulhados na bandeira, mas a situação foi bem diferente. A multidão era menor, composta principalmente de oficiais da Força Aérea e alguns outros, militares que, de uma forma ou outra, haviam trabalhado diretamente com o presidente. A pedido da família, o funeral em si seria menor, e restrito aos familiares, o que invariavelmente era melhor para todos. E assim, aqui na Base Aérea de Andrews ouviu pela última vez as marchas Ruffles and Flourishes e Hauto the Chief. Mark permaneceu em posição de sentido, a mão sobre o coração, num gesto que certamente seria capa de todas as revistas. Um menino bom, esforçando-se ao máximo para ser mais homem que todos os garotos de sua idade. Uma empilhadeira levou os caixões até a porta de carga, porque a essa altura os corpos não passavam disso; felizmente, essa parte da transferência foi efetuada fora das vistas de todos. Então chegou a hora. A família subiu os degraus até o VC-25 para seu último passeio. A aeronave fora despida da identificação, porque ela a identificava como o Força Aérea Um, o avião do presidente, e ele não estava a bordo. Ryan observou o avião taxiar, e em seguida correr pela pista. As câmeras de TV acompanharam-no até ser apenas um ponto no céu. Os olhos de Ryan faziam o mesmo. Logo depois, uma esquadrilha de F-16, livre de seu dever de patrulhar os céus de Washington, começou a aterrissar, um avião de cada vez. Depois de tudo terminado, Ryan e sua família subiram a bordo de um helicóptero da Marinha para retornar à Casa Branca. A tripulação brincou com as crianças para animá-las. O clima mudou.

Os fuzileiros do VMH-1 tinham uma nova família para cuidar, e a vida para eles seguia em frente.

A equipe da Casa Branca já estava trabalhando, trazendo as coisas dos Ryan (havia passado a noite inteira retirando as coisas dos Durling) e mudando algumas peças de mobília. Naquela noite, a nova Primeira Família dormiria na mesma casa ocupada por John Adams. As crianças, sendo crianças, ficaram olhando pela janela enquanto o helicóptero descia. Seus pais, sendo pais, ficaram olhando um para o outro.

As coisas mudaram nesse momento. Num funeral familiar particular, esta seria a vigília. A tristeza deveria ser deixada para trás, os presentes recordariam que grande sujeito Roger era e em seguida conversariam sobre as novidades em suas vidas, como as crianças estavam indo na escola, o desempenho dos times de beisebol no campeonato. E também estava sendo assim neste caso, só que numa escala um tanto maior. O fotógrafo da Casa Branca estava esperando no Gramado Sul quando o helicóptero pousou. As escadas foram abaixadas, e um recruta da Marinha ajudou-os a descer. O presidente Ryan foi o primeiro, recebendo uma continência do recruta, a qual retribuiu prontamente, tão entranhadas em seu ser estavam as lições recebidas em Quântico, na Virgínia, há mais de vinte anos. Cathy desceu em seguida, e depois as crianças. Os agentes do Serviço Secreto formaram um corredor espaçoso, indicando-lhes que direção seguir. Novos cameramen posicionavam-se a oeste, à esquerda deles, mas desta vez não gritaram nenhuma pergunta; isso mudaria dentro em pouco. No interior da Casa Branca, os Ryan foram

direcionados aos elevadores para uma viagem expressa até o segundo andar, onde ficavam os quartos. Van Damm os aguardava.

— Presidente.

— Mudei de cara, Arnie? — perguntou Jack, entregando seu casaco a um criado. Ryan parou de repente, atônito em como aquela atividade parecera simples. Ele era presidente agora e, nos pequenos aspectos, começara a agir automaticamente como um. Sob certo ponto de vista, isso era mais notável do que alguns deveres que já empreendera.

— Não. Veja isto.

O chefe de gabinete entregou a Ryan uma lista dos convidados que já estavam no térreo, na Sala Leste. Parado no meio do corredor, Jack correu os olhos pela lista. Os nomes nem sempre representavam alguma coisa, mas os países associados a eles, sim. Alguns eram amigos, alguns eram meros conhecidos, e outros... Mesmo sendo um ex-conselheiro de Segurança Nacional, não sabia tudo que precisava sobre eles. Enquanto Jack lia, Cathy levava as crianças até o banheiro... ou, pelo menos, foi o que começou a fazer.

Um agente da segurança presidencial precisou ajudá-los a se localizar. Ryan foi até o seu e ajeitou o cabelo no espelho. Conseguiu penteá-lo sozinho, sem as parafernâlias da Sra. Abbot, sob o olhar atento de van Damm. Não estou seguro nem aqui dentro, disse o presidente a si mesmo.

— Quanto tempo isso ainda irá durar, Arnie?

— Não temos como prever, senhor. Ryan virou-se.

— Quando estivermos a sós, meu nome ainda é Jack, lembra? Fui nomeado, não canonizado.

— Certo, Jack.

— As crianças também?

— Isso seria um toque agradável... Jack, até aqui você tem se saído muito bem.

— Meu redator de discursos está muito puto comigo? — perguntou, ajustando sua gravata e saindo do banheiro.

— Os seus instintos não foram ruins, mas da próxima vez podemos preparar um discurso para isso.

Ryan pensou nisso, devolvendo a lista para van Damm.

— Sabe, só porque sou presidente isso não quer dizer que deixei de ser uma pessoa.

— Jack, procure se acostumar, tá? Você não pode mais ser apenas uma pessoa. Você já teve alguns dias para se acostumar com a ideia. Quando descer e encontrar aqueles homens e mulheres lá embaixo, você será os Estados Unidos da América, não apenas uma pessoa. Isso vale para você, vale para a sua esposa e para os seus filhos. — Por esta revelação, o chefe de gabinete recebeu um olhar venenoso que pode ter durado um ou dois, minutos. Arnie ignorou. Foi apenas pessoal, não era negócios. — Pronto, presidente?

Jack assentiu, perguntando-se se Arnie tinha razão ou não, e se perguntando por que a observação o irritara tanto. E então se perguntou novamente o quanto isso era verdade. Nunca dava para saber com Arnie. Ele era e continuaria sendo professor, e como é o caso com os professores mais habilidosos, ele ocasionalmente diria mentiras como se fossem exemplos duros de uma verdade profunda.

Don Russell apareceu no corredor, de mãos dadas com Katie, que estava usando um laço vermelho no cabelo. A menina soltou-se e correu até a mãe.

— Veja só o que o tio Don fez!

Pelo menos um membro da segurança presidencial já fazia parte da família.

— Por que não leva todos eles ao banheiro agora, Sra. Ryan? Não há banheiros no salão Oval.

— Nenhum?

Russell balançou a cabeça.

— Não, madame. Esqueceram disso ao construir o prédio.

Caroline Ryan tomou as duas crianças menores pelas mãos e se afastou com elas para realizar seu dever maternal. Alguns minutos depois, estava de volta.

— Quer que eu desça com ela para a senhora, madame? — perguntou Russell com um sorriso de vovô. — As escadas podem ser um pouco traiçoeiras para quem usa salto alto a carregarei até lá embaixo.

— Claro.

As pessoas começaram a se dirigir até a escadaria, e Andréa Price prendeu seu microfone na lapela.

— ESPADACHIM e grupo estão descendo da residência até o Pavimento Estatal.

— Entendido — respondeu outro agente, lá embaixo.

Puderam ouvir o ruído mesmo antes de dar a última volta nos degraus de mármore. Russell desceu Katie Ryan, colocando-a ao lado da mãe. Os agentes sumiram, tornando-se estranhamente invisíveis enquanto os Ryan, a Primeira Família, adentraram a Sala.

— Senhoras e senhores — anunciou um membro do corpo de empregados da Casa Branca, — o presidente dos Estados Unidos, Dr. Ryan, e família.

Cabeças viraram-se. Houve uma breve onda de aplausos que cessou rapidamente, mas, os olhares prosseguiram. Eles parecem amigáveis, pensou Jack, sabendo que nem todos eram. Ele e Cathy moveram-se um pouco para a esquerda, da fila de cumprimentos foi formada.

Em sua maioria, vieram um a um, embora alguns dos chefes de estado visitantes tivessem trazido suas mulheres. Uma oficial de cerimonial sussurrou o nome de cada um deles no ouvido de Ryan, fazendo-o se perguntar como ela conseguia identificar todas essas pessoas apenas pousando os olhos nelas. A procissão não era tão organizada quanto parecia. Os embaixadores representando os países cujos dirigentes haviam optado por não fazer a viagem, mantiveram-se onde estavam, mas até mesmo eles, parados com pequenos grupos de associados e bebericando suas Perriers-com-um-toque-a-mais, não esconderam sua curiosidade profissional, checando o novo presidentes a forma como cumprimentava os homens e mulheres que iam até ele.

— O primeiro-ministro da Bélgica, M. Arnaud — sussurrou a oficial de cerimonial. O fotógrafo oficial começou a clicar sua câmera para registrar cada saudação oficial, enquanto as câmeras de TV faziam o mesmo, embora de forma mais silenciosa.

— O seu telegrama foi gracioso, Sr. Primeiro-Ministro, e chegou num momento muito sensível — disse Ryan, perguntando-se se a verdade soava bem, e se Arnaud o lera... bem, ele provavelmente lera, embora dificilmente tivesse sido o autor.

— Achei muito comovente o que o senhor disse às crianças. Tenho certeza que todos aqui tiveram a mesma impressão — disse o primeiro-ministro, apertando a mão de Ryan, testando sua firmeza e fitando profundamente seus olhos. Estava satisfeito com sua retribuição ao cumprimento do presidente, e ainda mais feliz com a reação positiva de Ryan ao telegrama. O chefe do serviço militar de informações belga, que trabalhara com Ryan em diversas conferências da OTAN, informara bem o primeiro-ministro a respeito do novo presidente americano. A Bélgica era uma aliada, e Arnaud sempre concordara com a visão que os americanos tinham dos soviéticos e, agora, dos russos.

Segundo o chefe do serviço de informações, a competência de Ryan como político era ignorada, mas, como analista, seu valor era muito reconhecido.

Arnaud fez sua primeira leitura agora. Era o primeiro da fila graças à sorte, mas também à sua experiência de muitos anos nessas coisas. Em seguida, dirigiu-se à primeira dama.

— Dra. Ryan, já ouvi falar muito a seu respeito. — Beijou a mão de Cathy de uma forma bastante graciosa. Não lhe haviam dito o quanto a nova primeira dama era atraente, e o quanto suas mãos eram delicadas. Bem, ela era uma cirurgia, não é verdade? Nova no jogo e pouco à vontade nele, mas jogando o melhor que podia.

— Obrigada, primeiro-ministro Arnaud — replicou Cathy, informada por seu próprio oficial de cerimonial, que estava logo atrás dela, sobre quem era esse cavalheiro. O beija-mão, pensou, era muito teatral... mas encantador.

— Seus filhos são anjos.

— O senhor é muito gentil em dizer isso.

Então seguiu em frente, sendo substituído pelo presidente do México.

Câmeras fluuavam pela sala, juntamente com quinze repórteres, porque aquele era uma espécie de evento oficial. O piano no lado nordeste da sala tocava alguma coisa clássica — não exatamente o que as rádios classificariam como fácil de ouvir, mas quase.

— E há tempo a senhora conhece o presidente?

A pergunta veio do primeiro-ministro do Quênia, satisfeito em encontrar um almirante negro na sala.

— Há um bom tempo, senhor — replicou Robby Jackson.

— Robby! Perdão, Almirante Jackson — corrigiu-se o príncipe de Gales.

— Comandante! — Jackson apertou calorosamente a mão do príncipe. — Faz um bom tempo, senhor.

— Vocês dois se... ah, Claro! — disse o primeiro-ministro do Quênia. Em seguida, avistou seu colega da Tanzânia e seguiu até ele, deixando os dois sozinhos.

— Como ele está se saindo? Realmente, quero dizer... — perguntou o príncipe de Gales.

A pergunta entristeceu um pouco Jackson. Amigo ou não, esse homem estava ali a trabalho, Robby sabia que ele fora enviado como fruto de uma decisão política, e que, ao retornar à embaixada de Sua Majestade, ditaria um relatório de contato. Por outro lado, a pergunta merecia uma resposta. Os três tinham servido juntos brevemente, durante uma certa noite quente de verão.

— Tivemos uma reunião curta com os chefes interinos há alguns dias.

Amanhã haverá uma sessão funcional. Jack vai se sair bem.

Jackson procurou dizer isso com o máximo de convicção. Jack agora era uma autoridade nacional de comando, e a lealdade de Jackson a ele era uma questão de lei e ordem, não apenas de humanidade.

E a sua esposa? — perguntou o príncipe, olhando para onde Sissy Jackson estava conversando com Sally Ryan.

— Ainda suplente na Sinfônica Nacional.

— Quem é o principal?

— Miklos Dimitri. Tem mãos maiores — explicou Jackson. Ele decidiu que não muito político fazer ao príncipe perguntas sobre sua família.

Vocês se saíram bem no Pacífico.

Sim, bem, felizmente, e não tivemos de matar muita gente. — Jackson fitou os olhos do quase amigo. — Isso já perdeu a graça, concorda?

Ele pode dar conta do trabalho, Robby. Você sabe disso melhor do que eu.

Comandante, ele precisa dar conta do trabalho — respondeu Jackson, olhando para o presidente, e lembrando o quanto Jack detestava ocasiões formais. Olhando as pessoas na fila, era impossível evitar pensar no passado. — Imagine, majestade, que ele já foi professor de história para alunos de segundo grau — observou o almirante com um sussurro.

Para Cathy Ryan, aquilo tudo era principalmente um exercício em proteger sua mão.

Mais incrível que pudesse parecer, ela conhecia, melhor que o marido, os protocolos de uma ocasião formal. Como uma das médicas principais do Wilmer Ophthalmological do Johns Hopkins Hospital, precisara lidar com diversas campanhas de levantamentos de fundos nos últimos anos — essencialmente uma versão classuda da mendicância, e seu marido, a propósito, não comparecera à maioria delas. Assim, aqui estava ela novamente, encontrando pessoas a quem não conhecia e de quem jamais iria gostar, só que, desta vez, nenhuma delas apoiaria seus programas de pesquisa.

— A primeira-ministra da Índia — sussurrou seu oficial de cerimonial.

— Olá — disse a primeira-dama com um sorriso. Abençoadamente, o aperto de mão da ministra era fraco.

— A senhora deve estar muito orgulhosa de seu marido.

— Sempre tive orgulho de Jack.

As duas eram aproximadamente da mesma altura. A primeira-ministra tinha pele morena e, Cathy percebeu, estreitava os olhos por trás dos óculos.

Ela provavelmente precisava consultar o oculista, e sua receita vencida devia causar-lhe dores de cabeça. Estranho. Há muitos bons médicos na Índia. Nem todos vêm para a América.

— E seus filhos são lindos! — acrescentou.

— Gentileza sua dizer isso.

Cathy abriu o sorriso automático com o qual se reage a observações como comentários sobre o clima. Ao fixar mais demoradamente os olhos da mulher, encontrou algo de que não gostou. Ela acha que é melhor do que eu. Mas por quê? Porque era uma estadista e Caroline Ryan uma mera cirurgiã? Seria diferente se tivesse escolhido ser advogada? Não, provavelmente não, respondeu sua mente, correndo como fazia quando surgia alguma complicação durante uma cirurgia. Não, não era isso. Cathy lembrava de uma noite, aqui mesmo na Sala Leste, quando se encontrara com Elizabeth Elliot. Ela lera a mesma reação em Elizabeth: Sou melhor do que você pelo que faço e por quem sou. A Cirurgiã — esse era seu nome de código para o Serviço Secreto e Cathy gostava dele — fitou mais profundamente os olhos escuros da oriental. Havia mais algum sentimento oculto neles. Cathy soltou a mão da primeira-ministra, que deu lugar ao figurão seguinte.

A primeira-ministra saiu da fila e caminhou até um garçom, de quem aceitou um copo de suco. Teria sido óbvio demais fazer o que ela realmente queria. Isso ficaria para o dia seguinte, em Nova York. Por enquanto ela olhou para um de seus colegas primeiros-ministros — o representante da República Popular da China. Levantou seu copo mais ou menos um centímetro e meneou a cabeça sem sorrir. Um sorriso seria desnecessário. Seus olhos transmitiram a mensagem essencial.

— É verdade que o chamam de Espadachim? — perguntou, com uma piscadela, o príncipe Ali.

— Sim. E é por causa do que você me deu — disse-lhe Jack. — Obrigado por ter vindo.

— Meu amigo, há um elo entre nós dois.

O príncipe Ali não era realmente um chefe de Estado, mas com a presente doença de seu soberano estava assumindo cada vez mais os deveres do reino.

Estava agora encarregado das relações estrangeiras e do serviço nacional de informações. Para o primeiro cargo, era instruído pelos ingleses; para o segundo, pelo Mossad, o serviço secreto israelense, numa das contradições mais irônicas e menos conhecidas de uma parte do mundo conhecida por seus *non sequiturs*. No todo, Ryan estava satisfeito com isso. Embora tivesse muito em seu prato, Ali era capaz.

— Você ainda não conhece Cathy, não é?

O príncipe voltou-se para a primeira-dama.

— Não, mas conheço um colega seu, o Dr. Katz. Ele foi o instrutor de meu oculista. O seu marido é mesmo um homem de sorte, Dra. Ryan.

E os árabes eram tidos como frios, mal-humorados e desrespeitosos para com as mulheres?, perguntou-se Cathy. Esse aí não. O príncipe Ali segurou gentilmente a mão da primeira-dama.

— Ah, sim, você deve ter conhecido Bernie quando ele esteve em seu país, em 1994 disse Cathy.

Wilmer ajudara a estabelecer o instituto de olhos em Riad, e ficara lá durante cinco meses para instruir alguns médicos.

— Ele operou um primo meu que sofreu um acidente de avião. Ele já está voando de novo. E aquelas crianças ali, são suas?

— Sim, alteza — disse Cathy. Esse aí ia para seu arquivo pessoal como um bom sujeito.

- Vocês se importam se eu falar com elas?
- Claro que não.
- Obrigado — disse o príncipe, caminhando até as crianças.

Caroline Ryan, pensou, fazendo suas próprias notas mentais. Muito inteligente, muito perceptiva. Orgulhosa. Será de grande ajuda para seu marido se ele tiver a sabedoria de consultá-la. É uma lástima, pensou, que sua própria cultura utilizasse as mulheres de forma tão ineficaz — mas ele ainda não era rei, talvez jamais viesse a sê-lo, e mesmo se chegasse ao trono, encontraria limites para as mudanças que poderia fazer sob circunstâncias ideais. Sua nação tinha ainda um longo caminho pela frente, embora muitos esquecem o quanto o reino evoluíra em apenas duas gerações. Mesmo assim, havia um elo entre ele e Ryan, e conseqüentemente, entre os EUA e o reino. Mesmo antes de chegar aos filhos dos Ryan, o príncipe descobriu algo sobre eles. As crianças estavam ligeiramente acabrunhadas com o evento. A filha menor era quem estava aproveitando melhor a festa, bebericando um refrigerante sob o olhar atento de um agente do Serviço Secreto, enquanto algumas esposas de diplomatas tentavam falar com ela. A menina estava acostumada a ser o centro de atenções, como frequentemente acontece com os pequenos. O filho era o mais desorientado, mas isso era normal para um garoto de sua idade, muito mais uma criança e ainda não um homem. A mais velha — Olivia, segundo os relatórios que recebera, mas Sally para o pai — estava se saindo bem, embora estivesse na mais delicada das idades. O que surpreendeu o príncipe Ali foi que eles não estavam acostumados com tudo aquilo. Seus pais haviam-nos protegido da vida pública de Ryan. Mimados como indubitavelmente eram em outros aspectos, tinham a aparência entediada e arrogante da maioria dos jovens. Pode-se descobrir muito sobre um homem e uma mulher examinando seus filhos. Um momento depois, ele se abaixou diante de Katie. No começo, ficou assustada por suas roupas — Ali temera o enregelamento apenas duas horas antes — mas logo abriu um sorriso caloroso e esticou a mão para segurar-lhe a mão, enquanto Don Russell permanecia a um metro de distância como uma mamãe urso em prontidão. O príncipe aproveitou para olhar para o agente, e os dois trocaram um olhar rápido. Ele também sabia que Cathy Ryan estaria olhando.

Havia maneira melhor de fazer amigos do que demonstrando solicitude para com seus filhos? Mas era mais que isso, e em seu relatório por escrito aos seus ministros, ele os alertaria para não julgar Ryan por seu discurso funerário desajeitado. E acrescentaria que, embora não fosse o tipo usual de líder de um país, isso não significava que não fosse apto para o cargo.

Contudo, muitas pessoas discordariam dele.

E várias estavam naquela sala.

A irmã Jean Baptiste fizera o máximo para ignorar o calor, trabalhando do nascer ao pôr do sol, tentando negar o desconforto que logo cresceu para uma dor genuína, torcendo para que desaparecesse, como acontecia com as pequenas mazelas... sempre. Ela contraíra malária virtualmente em sua primeira semana nesse país, e essa doença jamais a abandonara. No começo achou que era isso, mas não era. A febre que ela desprezara como o resultado de um dia quente no Congo também não era isso. Ficou surpresa em perceber que estava com medo.

Pois, por mais que houvesse tratado e consolado outros, jamais entendera de fato o medo que eles sentiam. Ela sabia que eles tinham medo e compreendia o fato de que o medo existia, mas sua reação a ele era agir com gentileza e orar.

Agora, pela primeira vez, estava começando a compreender o medo. Porque ela achava que sabia a causa do que estava sentindo. Já vira isso antes. Não com muita frequência. A maioria não chegara tão longe. Mas Benedict Mkusa chegara, embora isso não pudesse ser chamado de uma vitória. Hoje de manhã, depois da missa, a irmã Maria Magdalena dissera-lhe que Mkusa morreria até o fim do dia. Há apenas três dias ela teria suspirado de tristeza, mas se consolado com o pensamento de que haveria outro

anjo no céu. Não desta vez. Agora ela temia que fosse haver dois. A irmã Mane Baptiste apoiou-se no vão da porta.

Que fizera de errado? Era uma enfermeira cuidadosa. Ela não cometia erros.

Bem.

Precisava sair da ala. Desceu a escada externa e caminhou até o prédio seguinte, indo direto até o laboratório. O Dr. Moudi estava, como sempre, à sua bancada de trabalho, concentrado como de hábito, e não a ouviu entrar. Quando ele se virou, esfregando os olhos depois de vinte minutos no microscópio, ficou surpreso em ver aquela santa mulher com a manga enrolada, um tira de borracha enrolada no antebraço e uma agulha na veia. Ela estava em seu terceiro tubo de ensaio, e, descartando-o, pegou um quarto.

— Qual é o problema, irmã?

— Doutor, acho que essas amostras devem ser testadas imediatamente. Por favor, coloque um par novo de luvas.

Moudi caminhou até a freira, mantendo-se a um metro de distância enquanto ela retirava a agulha do braço. Ele olhou para o rosto da freira e, sim — como as mulheres de Qom, sua cidade natal, ela se vestia de uma forma muito casta e adequada. Havia muito o que admirar nessas freiras: eram alegres, tenazes e muito devotas ao serviço de seu falso deus — isso não era estritamente verdadeiro. Elas eram Mulheres do Livro Sagrado, respeitadas pelo Profeta, mas o ramo xiita do islamismo respeitava um pouco menos essas pessoas do que... não, ele deixaria esses pensamentos para outro momento. Ele podia ver em seus olhos, ainda mais claramente que seus sentidos treinados começavam a discernir seus sintomas, que ela já sabia.

— Por favor, sente-se, irmã.

— Não... eu devo...

— Irmã — disse o médico com mais insistência. — Você agora é uma paciente. Fará o que eu mandar, certo?

— Doutor, eu...

Antes de falar, o médico suavizou a voz. Não havia motivo em ser rude, essa mulher decerto não merecia tal tratamento diante de Deus.

— Irmã, em nome de todo o cuidado e a devoção que demonstrou para com outras pessoas neste hospital, por favor, permita que este humilde visitante a trate da mesma maneira.

Jean Baptiste obedeceu. O Dr. Moudi pegou um novo par de luvas de látex.

Em seguida, checkou o pulso da mulher, 88, sua pressão sanguínea, 149, e tomou sua temperatura, 39 — todos esses números eram altos, os dois primeiros devido ao terceiro, e a causa do que ela achava que era o motivo de seu mal-estar. Ele poderia ser causado por um sem-número de mazelas, do trivial ao fatal, mas ela cuidara do pequeno Mkusa, aquela pobre criança estava morrendo. O médico deixou-a lá, pegando cuidadosamente os tubos de ensaio e levando-os até sua bancada de trabalho.

Moudi quisera tornar-se cirurgião. Caçula de quatro irmãos, todos sobrinhos do In ler de seu país, ele esperara impacientemente crescer, observando seus irmãos mais velhos marcharem para a guerra contra o Iraque.

Dois deles morreram e o terceiro retornou aleijado, para depois morrer por suas próprias mãos desesperadas. Quanto a Moudi, ele quis tornar-se um cirurgião, para melhor salvar as vidas dos guerreiros de Alá, de modo que pudessem lutar outro dia em nome de sua Causa Sagrada. Esse desejo mudara e, em vez disso, ele aprendera sobre doenças infecciosas, porque havia mais de uma forma de lutar pela Causa, e depois de anos de paciência, o seu destino finalmente se revelava.

Minutos depois, caminhou para a sala de isolamento. Moudi sabia que ali havia uma aura de morte. Talvez a imagem diante dele fosse um produto da imaginação, mas claro que não era. Assim que a irmã

trouxera-lhe as amostras de sangue, ele as dividira em duas, enviando um tubo de ensaio cuidadosamente empacotado por via aérea para o Centro de Controle de Doenças em Atlanta, Geórgia, EUA, a meca da análise de agentes perigosos. O outro tubo manteve sob refrigeração para aguardar desenvolvimentos. O CDC foi eficiente, como sempre. O telex chegara horas mais cedo: a identificação de que se tratava do Ebola Zaire foi seguida por um sem-número de avisos e instruções inteiramente desnecessários. Assim como o diagnóstico. Poucas coisas matavam como isto, e nada tão depressa.

Era como se Benedict Mkusa tivesse sido amaldiçoado pelo próprio Alá, algo que Moudi sabia não ser verdade; Alá era um Deus piedoso, que não afligia os jovens e inocentes. Dizer estava escrito seria mais preciso, mas dificilmente mais confortador para o paciente e seus pais. Eles ficaram sentados ao lado da cama do garoto, observando seu mundo morrer diante de seus olhos.

O menino estava sofrendo dores — uma agonia horrível, na verdade. Partes de seu corpo já estavam mortas e apodrecendo, enquanto seu coração ainda teimava em bombear sangue e raciocínio para seu cérebro. A única outra coisa que poderia fazer isso a um corpo humano seria uma exposição maciça a radiação iônica. Os efeitos eram semelhantes. Os órgãos internos — um a um no começo, depois aos pares, aos grupos, e, finalmente, todos ao mesmo tempo — tornavam-se necróticos. O menino estava agora fraco demais para vomitar, mas sangue vazava da outra extremidade de sua via gastrointestinal. Apenas os olhos pareciam próximos à normalidade, embora também houvesse sangue neles. Olhos jovens e escuros, tristes e inocentes, alheios ao fato de que a vida que começara tão recentemente estava chegando ao fim, olhando para seus pais na esperança de que eles consertassem tudo, como sempre haviam feito em seus oito anos. A sala recendia a sangue, suor e outros fluidos corporais, e o olhar no rosto do menino tornou-se mais distante. Mesmo imóvel na cama, ele parecia estar sendo arrastado por uma correnteza. O Dr. Moudi fechou os olhos e sussurrou uma oração pelo menino, que era apenas um menino, afinal de contas, e embora não fosse muçulmano, era um rapaz religioso, e uma pessoa do Livro a quem injustamente fora negado acesso às palavras do Profeta. Acima de tudo, Alá era misericordioso, e decerto Ele teria piedade deste menino, conduzindo-o em segurança ao Paraíso. E era melhor que isso fosse rápido.

Se uma aura pudesse ser negra, então era assim a desse menino. A morte envolveu o paciente um centímetro por vez. As respirações dolorosas ficaram cada vez mais fracas, os olhos, voltados para os pais, pararam de mexer, e os tremores agonizantes dos membros cessaram gradativamente do centro para as extremidades, até que apenas os dedos moviam-se. E esse movimento ficou cada vez mais suave, até parar completamente.

A irmã Maria Magdalena, parada atrás e entre a mãe e o pai, pousou uma mão no ombro de cada um. O Dr. Moudi aproximou-se e colocou o estetoscópio no peito do menino. Havia algum ruído, murmúrios suaves enquanto a necrose devassava o tecido — um processo abominável mas dinâmico —, mas do coração não se ouvia nada. O médico moveu o velho instrumento para ter certeza e então olhou para cima.

— Ele se foi. Sinto muito.

O doutor podia ter acrescentado que — para o Ebola — essa fora uma morte misericordiosa, ou pelo menos era o que se podia concluir pelos livros e artigos.

Esta era sua primeira experiência direta com o vírus, e já fora assustadora.

Os pais aceitaram bem. Sabiam havia mais de um dia, tempo suficiente para aceitar, pouco tempo para terem superado o choque. Eles saíram para rezar, o que era inteiramente apropriado.

O corpo de Benedict Mkusa seria cremado, e o vírus com ele. O telex de Atlanta fora bem claro a respeito disso. O que era uma pena.

Ryan flexionou a mão quando a fila finalmente acabou. Virou-se para ver sua esposa massageando a dela e suspirou.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou Jack.

— Algo bem suave. Tenho duas cirurgias amanhã de manhã. — E eles ainda não haviam pensado numa forma eficaz de levar Cathy para o trabalho. — Quantas dessas teremos de fazer?

— Não sei — admitiu o presidente. Sabia que sua agenda seria programada com um mês de antecedência, mas sabia também que ela seria alterada frequentemente sem o seu consentimento. A cada dia que passava, ficava mais e mais surpreso com o fato de várias pessoas batalharem por este emprego — eram tantos os deveres extraordinários que o trabalho principal mal podia ser realizado. Mas os deveres extraordinários, eram — em certo sentido — o trabalho.

Então, a mando de um servente que ouvira o que Cathy dissera, outro apareceu com bebidas suaves para o presidente e a primeira dama. Os guardanapos ostentavam um monograma com a imagem da Casa Branca, e sob ele as palavras A CASA DO PRESIDENTE. Marido e mulher notaram isso ao mesmo tempo e seus olhos se encontraram.

— Lembra da primeira vez que levamos Sally à Disney World? — indagou Cathy.

Jack sabia o que sua esposa queria dizer. Logo depois do terceiro aniversário de sua filha, não muito antes de sua viagem à Inglaterra... e o começo de uma jornada que, interruptamente, jamais terminaria. Sally fixara-se no castelo no centro do Reino Mágico, sempre procurando vê-lo a despeito de onde estivessem na hora. Ela o chamava de casa do Mickey. Bem, eles tinham seu próprio castelo agora. Pelo menos durante algum tempo. Mas o aluguel era muito caro. Cathy caminhou até onde Robby e Sissy Jackson conversavam com o príncipe de Gales. Jack cumprimentou seu chefe de gabinete.

— Como está a mão? — perguntou Arnie.

— Sem queixas.

— Você tem sorte de não estar em campanha. Muita gente acha que um aperto de mão caloroso precisa esmigalhar seus dedos. — Van Damm bebericou sua Perrier e olhou em volta. A recepção estava correndo bem. Vários chefes de Estado, embaixadores e outras pessoas conversavam animadamente. Ouviam-se algumas risadas em sinal de troca de piadas ou brincadeiras. O clima definitivamente havia mudado.

E então? Em quantos testes passei e em quantos fui reprovado? — perguntou Ryan baixinho.

— Quer uma resposta honesta? É impossível dizer. Todos procuram por alguma coisa diferente. Lembre disso. — E alguns deles, na verdade, não davam a mínima, tendo vindo apenas por questões de política interna de seus países.

— Acho que cheguei a essa conclusão sozinho, Arnie. Agora devo circular, certo? Vá até a Índia — aconselhou van Damm. — Adler acha que é importante.

— Entendido.

Pelo menos ele lembrava da aparência da primeira-ministra. Muitos rostos eram agora borrões em sua mente, exatamente como acontece em qualquer tipo de festa longa. Isso fazia Ryan sentir-se uma fraude. Os políticos supostamente são dotados de memória fotográfica para nomes e rostos. Ele não, e se perguntou se havia algum tipo de método de treinamento para adquirir um. Jack entregou seu copo a um servente, limpou as mãos com um dos guardanapos especiais e se dirigiu até a Índia. Mas a Rússia apareceu em seu caminho.

— Embaixador — disse Jack. Valery Bogdanovich Lermonsov estivera na fila de cumprimentos, mas os dois não haviam tido tempo para conversar.

Apertaram novamente as mãos. Lermonsov era diplomata de carreira, popular na comunidade local de seus pares. Havia anos corriam histórias de que ele fora da KGB, mas Ryan dificilmente poderia condená-lo por isso.

— Meu governo quer saber se o senhor aceitaria um convite para uma visita a Moscou.

— Não faço nenhuma objeção a isso, mas estivemos lá há apenas alguns meses e meu tempo está

muito restrito no momento.

— Não duvido, mas meu governo quer discutir várias questões de interesse mútuo. — Essa frase fez Ryan virar-se totalmente para fitar o russo.

— Mesmo?

— Eu temia que sua agenda fosse ser um problema, presidente. Será que poderia então receber um emissário para uma discussão discreta sobre algumas questões?

Jack sabia que esse emissário só poderia ser uma pessoa.

— Sergey Nikolayevitch?

— O senhor o receberia? — persistiu o embaixador.

Ryan sentiu um breve momento, senão de pânico, ao menos de inquietação.

Sergey Golovko era o presidente da RVS — a ressuscitada e reduzida, mas ainda formidável, KGB. Ele também era uma das poucas pessoas no governo russo que tinham cérebro e também a confiança do presidente russo, Eduard Petravich Grushavoy, que era um dos poucos homens no mundo com mais problemas do que Ryan. Além disso, Grushavoy estava mantendo Golovko tão perto quanto Stalin mantivera Beria, porque precisava de um conselheiro com cérebro, inteligência e vigor. A comparação não era exatamente justa, mas Golovko não viera entregar uma receita de borsche. Questões de interesse mútuo geralmente significava coisa séria. Procurar diretamente o presidente em vez de conduzir o pedido através do Departamento de Estado era outro indicador disso, e a persistência de Lermonsov fazia as coisas parecerem ainda mais sérias.

— Sergey é um velho amigo — disse Jack com um sorriso amável. Desde a época em que ele apontou uma pistola para a minha cara. — Ele é sempre bem-vindo à minha casa. Pode marcar com Arnie?

— Farei isso, presidente.

Ryan assentiu e continuou andando. O príncipe de Gales estava entretendo a primeira-ministra indiana, aguardando a chegada de Ryan.

— Primeira-ministra, alteza — disse Ryan meneando a cabeça.

— Achamos importante que algumas questões sejam esclarecidas.

— E quais seriam elas? — perguntou o presidente. Ryan sentiu um arrepio e soube que algum problema se aproximava.

— O incidente infeliz no oceano Índico — disse a primeira-ministra. — Foi um mal-entendido.

— Eu... eu estou feliz em ouvir isso...

E mesmo o exército tem seus dias de folga, e o funeral de um presidente era um desses dias. Tanto a Força Azul quanto o OpFor haviam tirado um dia de descanso. Isso incluía seus comandantes. A casa do general Diggs ficava num cume de frente para um vale que, mesmo singularmente sombrio, oferecia uma vista magnífica. Devido aos ventos que sopravam do México, o deserto estava quente, o que permitiu um churrasco no quintal.

— Conhece o presidente Ryan? — perguntou Bondarenko, bebendo uma cerveja um pouco mais cedo do que o habitual.

Diggs balançou a cabeça enquanto virava os hambúrgueres e pegava seu molho especial.

— Não. Evidentemente, ele teve uma participação na mobilização do 10º

Regimento Blindado para Israel, mas não nos conhecemos. Mas conheço Robby Jackson. Um almirante agora. Robby fala muito bem dele.

— Este é um costume americano, não é mesmo? — O russo gesticulou na direção churrasqueira.

Diggs levantou os olhos.

— Aprendi com meu pai. Pode me passar a cerveja, Gennady? — O russo deu a cerveja ao seu anfitrião. — Odeio perder dias de treino, mas... — Mas ele gostava de um dia de folga, como todo mundo.

— Você mora num lugar extraordinário, Marion — disse Bondarenko, virando-se para olhar o vale. A área imediata da base parecia tipicamente americana, com uma malha de estradas e estruturas, mas um pouco além era completamente diferente quase nada florescia ali, apenas o que os americanos chamavam de arbustos e cactos, e eles pareciam a vegetação de outro planeta. O terreno aqui era marrom, mesmo as montanhas pareciam sem vida. Ainda assim, havia alguma coisa belíssima no deserto... e que o fazia lembrar de um cume de montanha no Tadjiquistão. Talvez fosse isso.

— E então, como foi exatamente que conseguiu essas marcas, general? — perguntou Diggs, que não sabia toda a história. Seu convidado deu de ombros.

— A guerrilha mujaheddin decidiu visitar meu país, que na época abrigava uma instalação secreta de pesquisas, mas que hoje está fechada... Você sabe, hoje somos um país independente.

Diggs assentiu.

— Sou um soldado, não um físico atômico. Pode me poupar dos dados secretos.

— Defendi um prédio onde moravam os cientistas e suas famílias. Eu tinha um batalhão de guardas da KGB. A guerrilha nos atacou com força total sob a cobertura da noite e de uma tempestade de neve. Foi muito empolgante, durante uma ou duas horas — admitiu Gennady.

Diggs vira algumas das cicatrizes — no dia anterior, surpreendera seu visitante no chuveiro.

— Eram bons?

— Os afegãos? — resmungou Bondarenko. — Você não gostaria de ser capturado por eles. São tremendamente destemidos, mas isso às vezes funciona contra eles. É muito fácil definir quais bandos atuam sob liderança competente e quais não. O líder daquele bando era bom. Eles devastaram o outro lado da usina e se aproximaram de nós pela lateral. — Um encolher de ombros. — Tivemos uma tremenda sorte. Acabamos lutando no térreo do prédio. O comandante inimigo liderou seus homens com bravura... mas as minhas decisões se revelaram melhores.

— Herói da União Soviética — comentou Diggs, checando novamente as carnes de hambúrguer.

O coronel Hamm ouvia tudo em silêncio. Era assim que os membros dessa comunidade avaliavam uns aos outros, não tanto pelo que eles haviam feito, mas principalmente pela forma como contavam a história.

O russo sorriu.

— Marion, não tive escolha. Não havia para onde fugir, e eu sabia que eles capturavam oficiais russos. Assim, deram-me uma medalha e uma promoção, e então meu país... como eu diria? Evaporou?

Havia sido mais que isso, claro. Bondarenko estivera em Moscou durante o golpe, e, pela primeira vez na vida, vira-se diante de uma decisão moral. Sua escolha fora a certa, atraindo a atenção de várias pessoas que agora estavam posicionadas no alto escalão do governo de um país novo e menor.

— Que tal renasceu? — sugeriu o coronel Hamm. — Hoje podemos ser amigos.

— Da. Você fala tão bem quanto comanda, coronel.

— Obrigado, senhor. O que faço é principalmente ficar sentado enquanto o regimento se comanda a si próprio. — Essa era uma mentira que qualquer oficial realmente bom entenderia como uma categoria especial da verdade.

— Usando a doutrina tática sovi... russa! — Isso subitamente pareceu insultuoso ao general russo.

— Funciona, não é verdade? — disse Hamm, e em seguida terminou sua cerveja. Iria funcionar, prometeu Bondarenko a si mesmo. Funcionaria para o seu exército como funcionara para o americano, assim que ele voltasse e obtivesse o apoio político necessário para reconstruir o Exército russo, tornando-o algo que ele nunca foi. Mesmo em seu melhor momento, ao fazer os alemães recuarem para Berlim, o Exército Vermelho fora um instrumento bruto e pesado, que se apoiava principalmente na superioridade numérica. Ele também sabia o papel que a sorte havia desempenhado. Seu antigo país fabricara o melhor tanque do mundo, o T-34, abençoado com um motor a diesel planejado na França para impulsionar dirigíveis, um sistema de suspensão criado por um americano chamado J. Walter Christie, e

um punhado de inovações brilhantes de design feitas por jovens engenheiros russos.

Aquele fora um dos poucos casos na história da República Socialista Soviética em que seus compatriotas conseguiram montar um produto de nível internacional — e, nesse caso, o produto certo na hora certa sem o qual seu país decerto teria morrido. Mas seu país não iria depender mais de sorte e superioridade numérica. No começo da década de 1980 os americanos alcançaram o modelo correto: um Exército pequeno e profissional, selecionado cuidadosamente, treinado com arte e equipado com luxo. O OpFor do coronel Hamm, da 11ª Divisão Blindada, não parecia com nada que ele conhecia.

Graças ao relatório que recebera antes da viagem, Bondarenko soubera o que esperar, mas isso não significava que havia acreditado. É preciso ver para crer.

No terreno correto, aquele regimento poderia, sozinho, enfrentar e destruir uma divisão numa questão de horas. A Força Azul não devia ser classificada como incompetente, embora seu comandante tivesse declinado da honra de se hospedar aqui para aprender como treinar os líderes de suas subunidades, que haviam sido massacradas.

Havia muito o que aprender aqui, mas a lição mais importante de todas era como os americanos encaravam suas lições. Altos oficiais eram humilhados regularmente, tomando atitude de humildade nas batalhas forjadas e, depois, em revisões do conflito, durante as reuniões com os oficiais de observação analisavam tudo que ocorrera, lendo suas anotações em folhas multicoloridos, como se fossem patologistas.

— Vou lhes dizer uma coisa — comentou Bondarenko depois de alguns segundos reflexão. — No meu exército, as pessoas acabariam saindo no braço durante...

— Mas isso quase aconteceu conosco no começo — assegurou-lhe Diggs. — quando este lugar foi inaugurado, os comandantes ficavam arrasados por perder batalhas, até que todos respiraram fundo e entenderam que o propósito desta instalação era dificultar as coisas para todo mundo. Pete Taylor foi o homem que realmente criou o Centro Nacional de Treinamento. Os oficiais comandantes tiveram de aprender diplomacia, e o pessoal da Força Azul teve de aprender que estava aqui para aprender, mas vou lhe dizer uma coisa, Gennady, não há outro exército no mundo que humilhe tanto os comandantes como o nosso.

— Isso é um fato, senhor. Outro dia estava falando com Sean Connolly... o comandante da 10ª Divisão Blindada no Deserto de Neguev — explicou Hamm ao russo. — estávamos conversando sobre como israelitas ainda não se acostumaram a isso. Eles ainda ficam putos com o que ouvem dos comandantes.

Estamos instalando mais câmeras lá! — disse Diggs, rindo enquanto punha algumas carnes de hambúrguer num prato. — E às vezes os israelenses não acreditam no que aconteceu mesmo depois que lhes mostramos as fitas.

— Mas ainda soam cheios de não-me-toques — concordou Hamm. — Ei, vim servir como comandante de esquadrão e me ferrei mais de uma vez.

— Gennady, depois da Guerra do Golfo, a 3ª Divisão Blindada veio para cá fazer uma lotação regular. Agora, se você lembra, eles lideraram a 24ª Divisão Blindada, de Hany McCaffrey...

— Por 354 quilômetros durante quatro dias, botando pra quebrar — confirmou Hamm. Bondarenko assentiu. Ele estudara essa campanha detalhadamente.

— Alguns meses depois, vieram para cá e se deram mal. Pegou o espírito da coisa, general? O treinamento aqui é mais duro que o combate de verdade. No mundo inteiro não há uma unidade tão inteligente e ligeira quanto o Regimento da Divisão Blindada Corcel Negro do ai...

— Com a exceção dos seus antigos Soldados-Búfalo, general — acrescentou Hamm. Diggs sorriu com a referência ao 10º. De qualquer modo, estava acostumado com as interrupções de Hamm.

— É verdade, Al. De qualquer modo, se você puder pelo menos encarar com dignidade o OpFor, enfrentará qualquer exército no mundo, no outro lado das chances de três-para-um, e chutar as bundas deles até o próximo fuso horário.

Bondarenko assentiu com um sorriso. Estava aprendendo rápido. A pequena equipe que viera com ele ainda estava examinando a base, conversando com seus colegas oficiais, e aprendendo, aprendendo, aprendendo.

Estar no outro lado das chances de três-para-um não era uma tradição dos exércitos russos, mas isso poderia mudar em breve. A ameaça ao seu país era a China, e se essa guerra viesse a ser travada, seria num momento de fraqueza contra um exército imenso de voluntários. A única resposta a essa ameaça era duplicar o que os americanos haviam feito. A missão de Bondarenko era alterar toda a política militar de sua nação. Bem, vim aprender como no lugar certo, disse a si mesmo.

Deixa de conversa fiada, pensou o presidente por trás de um sorriso compreensivo. Era difícil gostar da Índia. Chamavam a si mesmos de a maior democracia do mundo, mas isso não era exatamente verdade. Falavam de princípios orientados para a mente, mas, quando foi adequado, recorreram a vizinhos fortes, desenvolveram armas nucleares e, ao pedir aos EUA que deixassem o oceano Índico — O nome, afinal, é oceano Indico, disse um primeiro-ministro anterior ao embaixador americano — decidiram que a doutrina da Liberdade dos Mares poderia ser aplicada de formas diversas. E, com toda certeza, tinham realizado uma ofensiva no Sri Lanka. Mas agora, depois que essa ofensiva fora anulada, estavam dizendo que ela não fora planejada. Mas não se pode olhar nos olhos de uma chefe de Estado, sorrir, e dizer deixa de conversa fiada.

Assim, isso não foi feito.

Jack escutou pacientemente, bebericando outro copo de Perrier que lhe fora entregue por um ajudante anônimo. A situação no Sri Lanka era complexa e, infelizmente, deixava margem a interpretações dúbias, e a Índia aproveitou-se disso. Agora estavam dizendo que não guardavam ressentimentos, que era melhor para os dois lados que o assunto fosse esquecido. A frota indiana estava recuando para suas bases, tendo completado seu treinamento, alguns navios danificados devido à demonstração americana que — como disse a primeira-ministra sem meias-palavras — não fora exatamente uma partida de críquete.

E o que o Sri Lanka pensa de vocês?, Ryan poderia ter perguntado. Não o fez.

— Se pelo menos a senhora e o embaixador Williams tivessem se expressado mais claramente sobre a questão... — observou Ryan em tom triste.

— Essas coisas acontecem — replicou a primeira-ministra. — Francamente, David é um homem agradável, mas temo que nosso clima seja quente demais para um americano de sua idade.

O que foi como sugerir a Ryan que despedisse o homem.

Declarar o embaixador Williams *persona non grata* era um passo drástico demais. Ryan tentou não mudar sua expressão, mas fracassou. Ele precisava de Scott Adler ao seu lado, mas o secretário de Estado estava em outro lugar no momento.

— Espero que a senhora considere o fato de que, no momento, não me encontro em posição para realizar alterações drásticas no governo. — Foda-se.

— Por favor, não me entenda mal. Eu não estava sugerindo isso. Entendo completamente a situação. Quis apenas ajudar em pelo menos um problema suposto, de modo a facilitar seu trabalho. — Ou dificultando ainda mais.

— Agradeço imensamente, primeira-ministra. Talvez o seu embaixador aqui possa discutir isso com Scott?

— Não esquecerei de falar com ele a esse respeito.

A primeira-ministra apertou a mão de Ryan e se afastou. Jack esperou vários segundos antes de olhar para o príncipe.

— Alteza, que nome se dá quando um chefe de Estado mente na sua cara?

— Diplomacia.

Uivos Distantes

Volovko estava lendo o relatório inclemente que o embaixador Lermonsov fizera sobre o novo presidente americano. Ryan parecia tenso e inquieto, assustado e estafado. Bem, isso era óbvio. O consenso geral da comunidade diplomática — e também da mídia americana, que estava se esforçando sobremaneira para ser polida — fora de que o discurso de Ryan no funeral do presidente Durling não tinha sido presidencial. Bem, qualquer um que conhecesse Ryan sabia que ele era sentimental, especialmente quando se tratava do bem-estar de crianças. Golovko podia perdoar isso com facilidade; afinal, os russos não eram muito diferentes. Mas Golovko cumprira sua obrigação lendo o discurso oficial; um bom texto, repleto de palavras de apoio para todos os ouvintes. Contudo, Ryan sempre fora o que os americanos chamam de um espírito indomado. Para o russo, isso tornava sua análise ao mesmo tempo fácil e impossível. Ryan era um americano e, da perspectiva de Golovko, os americanos eram, e sempre tinham sido, enlouquecedoramente imprevisíveis.

Ele tivera uma longa vida profissional, primeiro como agente de campo do serviço de informações, depois como um burocrata em rápida ascensão em Moscou, tentando predizer o que a América faria em todas as espécies de situações, e apenas fugindo ao fracasso porque, nos relatórios aos seus superiores, jamais deixava de apresentar três cursos de ação possíveis.

Mas pelo menos Ivan Emmetovich Ryan era previsivelmente imprevisível, e Golovko gostava de pensar nele como um amigo — isso talvez fosse um pouco de exagero, mas os dois haviam participado do mesmo jogo, na maioria das vezes em lados opostos do campo, e quase sempre com muita habilidade.

Golovko, o profissional mais experiente, Ryan o amador talentoso, abençoado por um sistema mais tolerante para com espíritos indomados. Havia respeito entre eles.

— No que está pensando agora, Jack? — sussurrou Sergey para si mesmo.

Naquele momento o novo presidente americano estava dormindo, claro, porque Washington estava a oito horas redondas de diferença atrás de Moscou, onde o sol começava a se levantar para um curto dia de inverno.

O embaixador Lermonsov não ficara impressionado com Ryan. Golovko teria de acrescentar seus próprios comentários para que seu governo não desse crédito excessivo a essa avaliação. Ryan fora um inimigo habilidoso demais da URSS para ser menosprezado sob quaisquer circunstâncias. Lermonsov esperara que Ryan se enquadrasse mim molde, e Ivan Emmetovich não era tão facilmente classificável. Não que sua personalidade fosse imensamente complexa; ela apenas era complexa de uma forma diferente. A Rússia não tinha um Ryan — ele não teria sobrevivido no ambiente soviético que ainda permeava a República Russa, especialmente em suas burocracias oficiais. Ryan entediava com facilidade, e seu temperamento inflamável, embora mantido sob controle na maioria das vezes, estava presente. Golovko vislumbrara esse lado de Ryan borbulhar algumas vezes, mas apenas tivera notícia dos poucos momentos nos quais viera à tona. Essas histórias tinham vazado da CIA para pessoas que faziam relatórios para a praça Dzerjinsky. Deus o proteja e guarde como chefe de governo.

Mas isso não era problema de Golovko.

Ele já tinha muitos. Ele não reconquistara inteiramente o controle do serviço de informações — o presidente Grushavoy tinha poucos motivos para confiar na agência que — um dia havia sido a Espada e

o Escudo do Partido, e queria alguém em quem pudesse confiar para ficar de olho naquele maldito predador — Golovko, obviamente. A mesmo tempo, Sergey era o principal conselheiro de política externa para o atormentado presidente russo. Os problemas internos da Rússia eram tantos que o presidente mal tinha tempo para avaliar os problemas externos; graças a isso, os conselhos do chefe espião ao seu presidente eram invariavelmente seguidos. O fardo sobre os ombros do ministro da Segurança Nacional — era isso que ele era, com ou sem o título — era pesadíssimo. Grushavoy tinha uma hidra doméstica para controlar — como a besta mitológica, cada vez que uma cabeça era cortada, outra surgia em seu lugar. Golovko precisava enfrentar menos monstros, mas eles não eram menores. E parte dele desejava um retorno à velha KGB. Apenas alguns anos antes, esses problemas teriam sido brincadeira de criança. Bastaria pegar um telefone, dizer algumas palavras e os criminosos eram capturados. Bem, talvez não fosse exatamente assim, mas naquela época as coisas eram mais... pacíficas. Mais previsíveis. Mais ordenadas. E seu país precisava de ordem. Contudo, o Segundo Diretório Principal, a polícia secreta, tornara-se um birô independente, tivera seus poderes reduzidos e seu respeito junto ao público — o terror que causara nos não-tão-velhos tempos — evaporara. Seu país jamais possuía o nível de controle que o Ocidente lhe atribuía, mas agora estava pior.

A República Russa bania a anarquia enquanto seus cidadãos clamavam por alguma coisa chamada democracia a anarquia que levava Lenin ao poder, porque os russos ansiavam por governos fortes, praticamente não tendo conhecido outra coisa, e embora Golovko não quisesse isso — como oficial graduado da KGB, conhecia melhor do que qualquer um o dano que o marxismo-leninismo causara à nação — precisava desesperadamente de um país organizado por trás dele, porque problemas internos atraíam problemas externos. Assim, seu posto oficioso como ministro da Segurança Nacional estava vulnerável a toda espécie de dificuldades. Os seus eram os braços de um corpo ferido, tentando bloquear a investida dos lobos.

No entanto, era pouca a pena que sentia por Ryan, cuja nação estava saudável, apesar do golpe violento que recebera na cabeça. Golovko sabia que muitos estranhariam isso, mas ele pretendia pedir ajuda a Ryan.

China. Os americanos derrotaram o Japão, mas o inimigo verdadeiro não foi o Japão. Ele tinha uma mesa coberta de fotografias que um satélite de reconhecimento transmitira pouco antes. Havia muitas divisões do Exército de Libertação do Povo manobrando no campo. Os regimentos de foguetes nucleares chineses ainda estavam em estado de alerta. Seu próprio país descartara suas armas balísticas — poucos meses antes, apesar da ameaça da China, os imensos empréstimos de desenvolvimento recebidos dos bancos europeus e americanos pareceram valer o risco. Além disso, seu país, como os EUA, ainda tinha bombardeiros e mísseis balísticos que podiam ser armados com ogivas nucleares, de modo que a desvantagem era muito mais teórica que real. Ao menos considerando que os japoneses seguissem as mesmas teorias.

Em todo caso, os chineses estavam mantendo suas forças armadas em estado de prontidão, e as forças russas no Extremo Oriente nunca tinham estado mais fracas. Consolou a si mesmo com o pensamento de que, com o Japão fora do jogo, os chineses não iriam se mover. Provavelmente não iriam se mover, corrigiu a si mesmo. Se os americanos eram difíceis de ser entendidos, os chineses poderiam muito bem ser criaturas de outro planeta. Bastava lembrar que um dia os chineses estiveram separados do mundo. Como a maioria dos russos, Golovko tinha um respeito profundo pela História. Ali estava ele, pensou Sergey, deitado na neve, um cajado numa mão para lutar com o lobo enquanto tentava curar as próprias feridas. Seu corpo ainda estava forte, e o cajado ainda era longo o bastante para manter as mandíbulas afastadas. Mas e se aparecesse outro lobo? Um documento à esquerda das fotos do satélite era o primeiro indício disso, como um uivo distante no horizonte, o tipo que gelava o sangue. Golovko ainda não refletira muito sobre o assunto. Quando se estava deitado no chão, o horizonte poderia parecer surpreendentemente perto.

O mais surpreendente era ter demorado tanto. Proteger contra assassinato uma pessoa tão importante é, na melhor das hipóteses, um exercício complexo, ainda mais quando essa pessoa desvia-se de seu rumo para criar inimigos. Uma atitude impiedosa ajudava. A disposição em sequestrar pessoas nas ruas, em fazê-las desaparecer, tinha seu valor. A disposição adicional em tirar do caminho não apenas uma pessoa, mas uma família inteira, era ainda mais eficaz. As autoridades precisavam apenas selecionar, através de seus agentes, a pessoa a ser desaparecida, um infeliz pseudoverbo inventado na Argentina.

Agentes era um termo educado para os informantes, pagos em moeda corrente ou em poder, o que era ainda melhor. Eles reportavam conversas de conteúdo insidioso, a ponto de que uma simples piada sobre o bigode de uma autoridade poderia resultar numa sentença de morte. Em breve — afinal, instituições são instituições —, os informantes tinham cotas a cumprir, e como eram seres humanos, seus relatórios quase sempre refletiam preconceito ou inveja, porque o poder de vida e morte era tão tentador para os pequenos quanto era para os grandes. Cedo ou tarde, um sistema corrupto acabava corrompido, e a lógica do horror alcançava sua conclusão lógica: um coelho frágil, encurralado por uma raposa, não tinha nada a perder e, como também tem dentes, o coelho de vez em quando dá sorte em sua luta com a raposa.

Como apenas o terror não era suficiente, havia também outras medidas passivas. A missão de assassinar um homem importante pode ser dificultada pelo mais simples dos procedimentos, especialmente num Estado déspota.

Algumas fileiras de guardas para limitar a aproximação. Diversos carros idênticos — muitas vezes, mais de vinte — que poderiam estar transportando o alvo, impediam eventuais sequestradores de saber qual o carro seguir. A vida de um alvo potencial era agitada, mesmo com a conveniência de ter um ou dois duplos para aparecer em público, fazer um discurso e assumir o risco em seu lugar.

Em seguida vinha a seleção dos protetores — como seria possível pescar peixes verdadeiramente confiáveis num mar de ódio? A resposta óbvia era escolher pessoas que fossem parentes do alvo e conferir-lhes um estilo de vida que dependesse absolutamente da sobrevivência do líder, de modo que sua morte significasse muito mais que a vida de um alto funcionário do governo.

Fazer as vidas dos guardas dependerem da vida do protegido era um grande incentivo para a eficiência.

Mas, na verdade, tudo se reduzia a uma só coisa. Um homem era invencível apenas porque as pessoas acreditavam nisso; portanto, a segurança dessa pessoa era, como todos aspectos importantes da vida, um fator psicológico.

Mas a motivação também é um fator psicológico, e o medo jamais foi a emoção mais poderosa. Por toda a História, as pessoas arriscaram suas vidas por amor, patriotismo, princípios e Deus, muito mais do que fugiram por medo.

O coronel arriscara sua vida de tantas maneiras diferentes que mal podia lembrar de todas, e fizera isso apenas para ser notado, apenas para que lhe pedissem para ser uma peça pequena numa máquina grande, e então ascender dentro dela. Levava muito tempo para chegar perto do Bigode. Oito anos, para ser exato. Durante esse período tinha torturado homens, mulheres e crianças por detrás de olhos vazios e impiedosos.

Humilhara filhas diante dos olhos dos pais, mães na frente dos filhos.

Cometera crimes que poderiam condenar as almas de uma centena de homens, porque não havia outra escolha. Ingerira bebida alcoólica em quantidades suficientes para chocar um infiel, infringindo uma lei de sua religião. Fizera tudo isso em nome de Deus, rezando por perdão, dizendo desesperadamente a si mesmo que não tinha escolha, que não gostava de nada daquilo, que as vidas que tirava eram necessárias para a concretização de um plano maior, que aquelas pessoas teriam morrido de qualquer modo, e que suas mortes serviam a uma Causa Sagrada. Precisava acreditar nisso para não enlouquecer — em todo

caso chegara bem perto, até seu propósito passar muito além do significado de obsessão, de possuir apenas um objetivo na vida: aproximar-se do alvo e se tornar seu homem de confiança, e assim realizar um segundo de trabalho, que seria seguido instantaneamente por sua própria morte.

Ele sabia ter se tornado aquilo que ele e todos ao seu redor eram treinados para ignorar todas as coisas. Em todas as palestras e conversas de bar com seus pares sempre batia na mesma tecla: a missão e os riscos envolvidos. E isso sempre chegava um único assunto. O assassino solitário e dedicado, o homem disposto a privar-se de sua vida como uma ficha de jogo, o homem paciente que aguardava sua chance, esse era o inimigo temido por todo agente de segurança do mundo, bêbado ou sóbrio, no dever ou fora dele, e até mesmo em seus sonhos. E esse tinha sido o motivo para todos aqueles testes requeridos para proteger o Bigode. Para chegar aqui, era preciso ser maldito perante Deus e os homens, porque quando você chegava aqui, via o que realmente era.

Bigode — era assim que chamava seu alvo. Não um homem, mas um traidor de Alá que maculou o Islã sem uma gota de remorso, um criminoso de tamanha magnitude que merecia um quarto particular na Perdição. De longe, o Bigode parecia poderoso e invencível; de perto, não. Seus guarda-costas sabiam a verdade porque sabiam tudo. Viam as dúvidas e temores, as crueldades infligidas aos inocentes. Ele vira o Bigode cometer assassinato por diversão, talvez para verificar se sua pistola Browning estava funcionando bem. Vira-o espreitar através das janelas de uma de suas Mercedes brancas, avistar uma mulher jovem, apontá-la, dar uma ordem, e então usar a jovem indefesa por uma noite. As felizardas retornavam para casa com dinheiro e desonra. As infelizes acabavam boiando no Eufrates com as gargantas cortadas, várias delas mortas pelo próprio Bigode, caso protegessem um pouco bem demais sua honra. Mas, poderoso como era, inteligente e arguto como era, impiedoso como era, o Bigode não era invencível. E agora chegara sua vez de encontrar Alá.

O Bigode emergiu do prédio, seus guarda-costas atrás dele, seu braço direito esticado para saudar uma multidão. As pessoas na praça emitiram os brados de adoração que alimentavam o Bigode como o sol alimenta a flor. E então, a três metros de distância, o coronel puxou a pistola automática de seu coldre de couro, apontou-a e disparou um único tiro diretamente na nuca de seu alvo. As pessoas na frente da multidão viram a bala emergir do olho esquerdo do ditador, e o que se seguiu foi um daqueles momentos em que a Terra inteira parece interromper seu giro e os corações param; mesmo as pessoas que haviam proferido brados de lealdade à vítima, recordariam apenas do silêncio.

O coronel não se deu ao trabalho de disparar outro tiro. Era um atirador experiente que praticava com seus comparsas quase todo dia, e seus olhos arregalados e abertos tinham visto o impacto da bala. Ele não se virou, não perdeu tempo com esforços infrutíferos de defesa pessoal. Não havia motivo para matar os companheiros com quem tomara bebidas alcoólicas e currara crianças. Outros dariam cabo disso em breve. Nem mesmo sorriu, embora fosse muito engraçado o fato de que num momento o Bigode estivera olhando para as pessoas a quem desprezava oferecendo-lhe brados de adoração, e no seguinte estava de frente para Alá, perguntando-se o que havia acontecido. Esse pensamento provavelmente teve dois segundos para se formar antes que o coronel sentisse seu corpo tremer com o impacto da primeira bala. Não houve dor. Estava concentrado demais em seu alvo, agora caído no piso de pedra, com uma poça de sangue já se formando em torno de sua cabeça. Mais balas atingiram-no, e pareceu-lhe estranho o fato de que pudesse senti-las, mas não à dor de sua passagem, e em seus últimos segundos implorou a Alá que o perdoasse e compreendesse que todos seus crimes foram cometidos em nome de Deus e de Sua justiça. Por fim, seus ouvidos não reportaram o som dos disparos, mas os gritos das pessoas na multidão que ainda não sabiam que seu líder estava morto.

- Quem é? — Ryan olhou as horas. Merda, mais quarenta minutos de sono teriam sido bem-vindos.
- Presidente, meu nome é major Canon, dos Fuzileiros — anunciou a voz desconhecida.
- Prazer, major, mas quem é você? — Jack piscou e esqueceu de ser educado, mas, provavelmente o

oficial compreendeu.

— Senhor, sou o oficial de observação em Sinais. Temos um relatório altamente confidencial de que o presidente do Iraque foi assassinado há cerca de dez minutos.

— Fonte? — perguntou Jack.

— Kuwait e Arábia Saudita. Ambos, senhor. Deu ao vivo na TV iraquiana, e temos ir lá para monitorar as transmissões. Neste momento estão enviando uma gravação via satélite. As primeiras informações são de que ele levou um tiro na cabeça à queima-roupa.

O tom da voz do oficial não era exatamente lamurioso. Bem, finalmente alguém deu cabo daquele filho da puta! Claro, não se pode dizer isso ao presidente. E é preciso descobrir quem foi esse alguém.

— Certo, major, qual é o procedimento padrão?

A resposta veio imediatamente. Ryan colocou o telefone no gancho.

— Que foi agora? — perguntou Cathy. Jack jogou os pés para fora da cama antes de responder.

— Acabam de matar o presidente do Iraque.

Sua mulher quase disse que bom, mas parou. A morte de uma pessoa dessa posição era mais um conceito distante. Estranho sentir-se dessa forma sobre alguém que tornara melhor o mundo ao deixá-lo.

— Isso é tão importante?

— Vão me dizer daqui a vinte minutos. — Ryan tossiu antes de prosseguir. — Que diabos, já fui competente nessas áreas. Sim, isso é potencialmente muito importante.

Dito isso, Ryan fez o que todo americano fazia de manhã. Foi ao banheiro antes de sua mulher. Da sua parte, Cathy levantou o controle remoto e executou a outra função normalmente masculina, de ligar o televisor do quarto, surpresa em descobrir que a CNN estava apenas comentando quais aeroportos estavam operando com atraso. Jack comentara algumas vezes sobre a competência do Departamento de Sinais.

— Alguma coisa? — perguntou seu marido, retornando.

— Ainda não.

Então foi a vez de Cathy usar o banheiro.

Jack teve de pensar sobre onde estavam suas roupas, perguntando-se como um presidente devia se vestir. Achou seu robe — que fora trazido do Observatório Naval, depois de ter sido levado da rua 8 para lá, depois de ter sido tirado de sua casa... — e abriu a porta do quarto. Um agente no corredor entregou-lhe três jornais matutinos.

— Obrigado.

Cathy viu isso e parou bruscamente, lembrando apenas naquele instante que havia gente que ficava do lado de fora de seu quarto a noite inteira. Virou-se para Jack, seu rosto formando o tipo de sorriso de quem encontra uma bagunça inesperada na cozinha.

— Jack?

— Sim, querida?

— Se uma noite dessas eu o matar na cama, essas pessoas armadas vão entrar e me prender na hora ou vão esperar até de manhã?

O trabalho de verdade estava sendo realizado em Forte Meade. O vídeo viajara de uma estação de monitoração na fronteira entre Kuwait e Iraque e outra na Arábia Saudita, conhecidas, respectivamente, como PALM BOWL e STORM TRACK. STORM TRACK tinha a função de gravar todos os sinais emitidos de Bagdá, enquanto PALM BOWL cuidava da parte sudeste do país, nas imediações de Bassorá. Dos dois lugares, a informação viajava por cabos de fibra ótica até o prédio, pequeno e discreto, da NSA em King Khalid Military City (KKMC), sendo dali retransmitida para um satélite de comunicações, e em seguida para o quartel-general da agência. Na sala de vídeo, dez pessoas convocadas por um dos oficiais

subalternos assistiam à gravação num monitor de TV, enquanto os oficiais mais graduados, num gabinete separado por uma parede de vidro, sorviam calmamente seus cafés.

— Isso! — observou um sargento da Força Aérea ao ver o disparo. — Bem na mosca!

Várias pessoas trocaram tapas nas palmas das mãos. O oficial de observação mais graduado, que já entrara em contato com o Departamento de Sinais da Casa Branca, assentiu com a cabeça sua aprovação e pediu um aprimoramento digital do sinal, o que levaria alguns minutos — apenas alguns frames eram importantes, e eles dispunham de um enorme supercomputador Cray para fazer isso.

Ryan comentou em voz baixa que, enquanto Cathy estava aprontando as crianças para a escola e a si mesma para operar os olhos de seus pacientes, aqui ele estava no Departamento de Sinais da Casa Branca, reassistindo seguidamente à gravação de um assassinato. Seu agente do serviço nacional de informações ainda estava na CIA, terminando sua ingestão matutina de notícias sigilosas, que em seguida regurgitaria para o presidente através do relatório matutino do serviço nacional de informações. O posto do Conselheiro de Segurança Nacional ainda estava vago — mais uma coisa a ser resolvida ainda naquele dia.

— Nossa! — expressiu o major Canon.

O presidente concordou com um aceno de cabeça, e em seguida regressou à sua vida anterior como agente secreto.

— Certo, conte-me o que sabemos.

— Senhor, sabemos que alguém foi morto, provavelmente o presidente do Iraque.

— Um duble? Cannon assentiu.

— Isso seria possível, mas STORM TRACK agora está reportando que muitos sinais VHF com comunicados policiais e militares começaram de repente, e a atividade está irradiando de Bagdá.

O oficial da Marinha apontou para o monitor de seu computador, que exibia imagem tempo real vindas de muitos postos avançados da NSA.

— As traduções vão demorar um pouco, mas a minha especialidade é análise de campo senhor. A coisa parece bem real. Suponho que poderia ser fraudado, mas eu não apostaria... Vejam!

Uma tradução estava chegando, identificada como se emanando de uma rede de comando militar. “Ele está morto, ele está morto, ponha seu regimento em prontidão e esteja prevenido para rumar imediatamente para a cidade” — o receptor é o regimento especial de Operações da Guarda Republicana em Salman Pak — resposta é: “Sim, eu vou, quem está dando ordens, quais são as minhas ordens...”

— Tem alguns erros — comentou Ryan.

— Sim. Nosso pessoal tem dificuldade em traduzir e digitar ao mesmo tempo geralmente revisamos antes de...

— Relaxe, major. Eu também cato milho. Diga o que acha.

— Senhor, sou apenas um oficial subalterno. É por causa disso que estou encarregado do turno da madrugada...

— Se fosse estúpido, não estaria aqui. Cannon assentiu.

— Está morto para valer, senhor. O Iraque precisa de um novo ditador.

Registra um tráfego incomum de sinais que se enquadra no padrão de um evento incomum. A minha estimativa é essa. — Fez uma pausa antes de começar a justificar um possível erro, como um bom espião. — A não ser que seja um exercício deliberado para que pessoas desleais dentro do governo se revelarem.

Isso é possível, mas improvável. Não em público, desse jeito.

— Ação suicida?

— Sim, presidente. Algo muito arriscado, e que se pode fazer apenas uma vez.

— Concordo.

Ryan caminhou até a cafeteira — sendo basicamente uma instalação militar, o Departamento de Sinais da Casa Branca fazia seu próprio café. Jack pegou duas xícaras e voltou, oferecendo uma para o major Canon, para horror de todos presentes na sala.

— Trabalho rápido. Mande um valeu para o pessoal envolvido, certo?

— Sim, senhor.

— Como posso fazer para dar algumas ordens daqui?

— Nossos telefones estão à sua disposição, presidente.

— Quem trazer aqui imediatamente. O oficial da pasta do Iraque... quem mais? Representantes do Estado e da CIA para o Iraque. Quero estimativas da situação do Estado e do Exército. Descubra se o príncipe Ali ainda está na cidade. Se está, peça-lhe para ficar disponível. Quero falar com ele ainda esta manhã, se for possível. O que mais eu poderia...? — a voz de Ryan descarrilou.

— O comandante do Centro Nacional de Treinamento, senhor. Ele tem os melhores agentes do serviço nacional de informações em Tampa... quero dizer, os mais familiarizados com a área.

— Traga-o imediatamente... Não. Dê-lhe um pouco de tempo para se informar sobre o assunto.

— Providenciaremos tudo para o senhor.

Ryan deu um tapinha no ombro do oficial e saiu da sala. A porta pesada fechou-se atrás dele antes que o major Charles Canon falasse novamente.

— Presidente, a NCA sabe o que faz.

— E verdade o que ouvi? — perguntou Price, entrando na sala.

— Você costuma dormir? — perguntou Ryan. Então pensou um pouco. — Quero você nisto.

— Por que eu, senhor? Eu não sou..

— Suponho que entenda de assassinatos, certo?

— Certo, presidente.

— Vê? Neste momento você é mais valiosa para mim do que um espião.

Podia ter acontecido numa hora melhor. Daryaei ficara surpreso com a informação que acabara de receber. Era uma boa notícia... mas não ficara satisfeito com a demora em recebê-la. Fez uma pausa, sussurrando uma oração de agradecimento a Alá, e em seguida pela alma do assassino desconhecido.

Assassino?, perguntou a si mesmo. Talvez juiz fosse um termo mais adequado para o homem, um dos muitos que haviam se infiltrado no Iraque eras atrás, quando a guerra ainda estava em andamento. A maioria simplesmente desaparecera, provavelmente mortos de uma forma ou de outra. A missão fora ideia sua, não sendo realmente dramática o bastante para os profissionais trabalhando em seu serviço de informações. A maioria deles era do tempo da Savak do xá, treinados pelos israelenses nas décadas de 1960 e 1970. Eram eficazes, mas no fundo mercenários, a despeito do quanto professassem seu fervor religioso e sua lealdade ao novo regime. Costumavam adotar procedimentos convencionais para missões incomuns, oferecendo todos os tipos de suborno ou testando a água para dissidentes, apenas para fracassar sempre. Durante anos, Daryaei imaginou se, ao cercá-lo de auxiliares dessa espécie, Alá não o estaria punindo por alguma coisa. Decerto os americanos haviam tentado com o aiatolá alguma coisa parecida com a que ele acabara de fazer, procurando iniciar um grupo de traidores dentro de seu governo, como fizeram em outras partes do mundo. Mas, não, este alvo era esperto demais para isso, e a cada momento tornava-se mais habilidoso, de modo que os americanos tinham falhado, e os israelenses, e todos os outros. Todos menos eu.

Afinal de contas, era uma tradição que remontava à antiguidade, um homem, operando sozinho, um homem fiel que poderia fazer tudo que fosse necessário para cumprir a sua missão. Onze homens desse tipo haviam sido enviados para o Iraque com esse propósito específico, ordenados a permanecer disfarçados, treinados para esquecer tudo que tinham sido, inteiramente sem agentes de contato ou

controle. Todos os registros de sua existência haviam sido destruídos de modo que nenhum espião iraquiano pudesse descobrir seu nome e missão. Na próxima hora, alguns de seus seguidores entrariam em seu escritório, louvando a Deus e elogiando a sabedoria de seu líder. Porém, nem mesmo eles sabiam de todas as coisas que ele tinha feito, ou todas as pessoas que ele havia enviado em missões.

A versão digitalizada do evento não acrescentou muita coisa, embora agora ele ouvia uma opinião mais profissional das opções: — Presidente, um homem com um computador Silicon Graphics poderia falsificado — informou-lhe o agente do serviço de informações. — Já se fez isso em filme, a película tem uma resolução bem mais alta que um aparelho de TV.

Hoje é possível falsificar quase qualquer coisa.

— Sim, mas o seu trabalho é me dizer o que aconteceu — asseverou Ryan.

Que já vira os mesmos segundos de fita oito vezes, e estava começando a ficar entediado.

— Não podemos dizer com certeza absoluta.

Talvez fosse a privação de sono da semana. Talvez fosse o estresse do trabalho. Talvez fosse o estresse de precisar enfrentar sua segunda crise. Talvez fosse o fato de que o presidente Ryan era um oficial de informação.

— Olhe, vou dizer isto uma só vez: o seu trabalho não é proteger o seu rabo.

O seu trabalho é proteger o meu rabo!

— Sei disso, presidente. É por causa disso que estou dando todas as informações que disponho... — Ryan não precisava ouvir o resto do discurso.

Ele já ouvira aquilo tudo antes, algumas centenas de vezes. Houve momentos em que ele próprio dissera coisas parecidas, mas no caso de Jack, ele sempre apostara suas fichas numa das opções.

— Scott? — perguntou Jack ao secretário de Estado interino.

— O filho da puta está tão morto quanto o peixe que comi ontem — replicou Adler. Alguém discorda? — perguntou o presidente Ryan aos outros homens na sala.

Ninguém contradisse a declaração, dando-lhe uma espécie de bênção. Até mesmo um iniciante do serviço de informações não discordaria da opinião coletiva. De qualquer modo, ele transmitira os dados de que dispunha. Qualquer engano daqui para a frente seria de responsabilidade do secretário de Estado.

Perfeito. Quem atirou? — perguntou Andréa Price.

A resposta veio do encarregado da pasta do Iraque na CIA.

— Um desconhecido. Tenho homens assistindo a fitas de aparições anteriores apenas terem certeza de que ele estava por perto antes. A julgar pelas fitas, o homem era membro de elite da Guarda presidencial, com o posto de coronel do exército, e...

— E eu conheço muito bem cada pessoa da minha equipe de segurança — disse Price, concluindo a afirmação. — Portanto, quem quer que fosse, era um homem de confiança. Isso significa que quem armou tudo isso conseguiu colocar alguém lá dentro, e esse homem conseguiu subir na hierarquia até chegar perto o bastante para fazer o atentado sem risco de erro. Esse homem era fiel o bastante à causa para pagar o preço. Deve ter levado anos.

A continuação da fita — assistiram a essa parte apenas cinco vezes — mostrava o homem tombando sob uma saraivada de balas à queima-roupa.

Aquilo causou estranheza na agente Price. O ideal seria pegar um sujeito como esse vivo. Homens mortos não contam histórias, e nunca é tarde para uma execução. A não ser que tenha sido morto por outros membros da conspiração.

Mas qual seria a possibilidade de mais de um assassino ter chegado tão longe?

Price refletiu que um dia poderia perguntar isso a Indira Gandhi. Certa tarde, toda a sua segurança voltara-se contra ela num jardim. Para Price, aquela era a infâmia final, matar a pessoa a quem você jurou defender. Mas, pensando melhor, ela não teria jurado defender pessoas como aquele homem. Uma

outra coisa na fita chamou sua atenção: — Notaram a linguagem corporal?

— Que quer dizer? — perguntou Ryan.

— O jeito como a pistola se ergueu, como ele disparou o tiro, como ficou simplesmente lá, observando. Como um golfista. Deve ter esperado muito tempo por essa chance. Deve ter sonhado com ela. Ele queria que o momento fosse perfeito. Queria assistir e desfrutar o momento antes de ser abatido. — Price balançou lentamente a cabeça. — Ele foi um assassino muito dedicado.

Price também estava apreciando o momento, por mais sinistro que fosse o motivo da reunião. Mais de um presidente tratara os agentes do Serviço Secreto como se eles fossem mera mobília, ou, pelo menos, animais de estimação. Não era sempre que os figurões pediam sua opinião, além de questões profissionais muito restritas, como onde um sujeito mau poderia estar numa determinada multidão.

— Prossiga — disse o agente da CIA.

— Deve ter sido alguém de fora, um sujeito com uma ficha completamente limpa, sem nenhuma conexão com qualquer um que fizesse barulho em Bagdá.

Esse sujeito não estava se vingando por alguém ter matado sua mãe, entenderam? Ele era alguém que subiu no sistema, lenta e cuidadosamente.

— Irã — disse o agente da CIA. — Pelo menos esse é o melhor palpite.

Motivação religiosa. Como ele sabia que o matariam de qualquer jeito, só pode ter sido alguém que não se importava. Isso também poderia significar vingança direta, mas a Srta. Price está certa: ele não podia ter nenhuma motivação evidente. De qualquer modo, não foram os israelenses, nem os franceses. Os ingleses não fazem mais esse tipo de coisa. Acho que também devemos descartar a possibilidade de um atentado doméstico, porque não é dessa forma que eles agem. Portanto, não foi por dinheiro. Não foi por motivos pessoais ou familiares. Acho que podemos descartar também ideologia política. Resta a religião, e isso aponta para o Irã.

— Não posso dizer que eu seja uma perita em espionagem, mas, olhando a fita, me parece que foi isso mesmo — concordou Andréa Price. — A forma como ele matou o cara é quase como uma prece. Ele deve ter desejado que aquele momento fosse perfeito. Nada mais lhe importava.

— Tem mais alguém com quem possamos checar isso? — perguntou Ryan.

— FBI. Seus peritos em ciências do comportamento são muito bons em ler mentes. Sempre trabalhamos com eles — respondeu Price.

— Boa ideia — concordou o agente da CIA. — Vamos quebrar a cabeça para identificar o matador, mas, mesmo se não pudermos obter nada concreto, isso talvez não signifique nada.

— E quanto ao momento político?

— Se pudermos estipular que o atirador estava na equipe dele havia algum tempo temos gravações suficientes de aparições públicas para fazê-lo... então o momento político pode ser uma preocupação — considerou o agente da CIA.

— Oh, isso é fantástico — comentou o presidente. — Scott, e agora?

— Bert? — disse o secretário de Estado ao seu especialista de área. Bert Vasco era o especialista de área com mais experiência naquele país. Dono de um conhecimento considerável sobre o ramo industrial, Vasco concentrava seus esforços para aprender tudo que podia sobre um determinado país.

— Presidente, como todos sabemos, o Iraque é um país de maioria muçulmana mas, governada por uma minoria sunita através do partido político Baath. Sempre tiveram a preocupação de que se nosso amigo lá fosse eliminado, poderia haver...

— Diga-me uma coisa que eu não saiba — cortou Ryan.

— Presidente, simplesmente não conhecemos a força de nenhum grupo de oposição que possa ou não existir. O regime atual foi muito eficaz em cortar cedo as ervas daninhas. Um punhado de figuras políticas do Iraque desertou para o Irã. Nenhum deles era muito importante, e nenhum jamais teve a chance de desenvolver uma base política firme. Há duas estações de rádio que transmitem do Irã para o Iraque.

Sabemos os nomes dos desertores que usam esses transmissores para conversar com seus compatriotas. Mas não há como saber quantas pessoas ouvem ou prestam atenção. O regime não é exatamente popular, sabemos disso. Não conhecemos a situação da oposição. Ou que tipo de organização exista para aproveitar esse tipo oportunidade.

O agente da CIA assentiu.

— Bert tem razão. Nosso amigo era muito competente em identificar inimigos políticos e tirá-los do páreo. Tentamos ajudar durante e depois da Guerra do Golfo, mas, tudo que realmente conseguimos fazer foi provocar a morte de pessoas. Com toda a razão ninguém lá confia em nós.

Ryan bebericou seu café e assentiu. Ele fizera suas próprias recomendações em 1991, e não haviam sido postas em prática. Bem, ele ainda era um executivo júnior naquele tempo.

— Temos alguma opção de procedimento? — perguntou em seguida o presidente.

— Honestamente, não — respondeu Vasco. O homem da CIA concordou: Não temos trunfos lá. As poucas pessoas que temos operando nesse país estão lá para relatar o seu desenvolvimento bélico: nuclear, químico e assim por diante. Ninguém no lado político. Na verdade, temos mais pessoas no Irã observando o lado político. Podemos descobrir alguma coisa no Irã, mas não no Iraque.

Fabuloso, pensou Jack, um país pode ou não pode entrar em ebulição numa das áreas mais sensíveis do mundo, e a nação mais poderosa do mundo não pode fazer nada além de assistir à cobertura do evento pela televisão. E ainda falam do poder do presidente americano.

— Arnie?

— Sim, presidente — replicou o chefe de gabinete.

— Mary Pat está com sua agenda atrasada desde o acidente. Quero ela aqui hoje para ver se podemos colocar a agenda em dia.

— Verei o que posso fazer, senhor, mas...

— Mas quando alguma coisa assim acontece, o presidente dos Estados Unidos não pode ser pego com as calças amadas. — Ryan fez uma pausa. — O Irã vai fazer uma ofensiva?

Política

O príncipe Ali bin Sheik estava pronto para voar para casa em sua aeronave pessoal, um velho mas belissimamente conservado Lockheed L-1011, quando recebeu um telefonema da Casa Branca. A embaixada saudita ficava perto do Kennedy Center, de modo que o príncipe realizou um percurso relativamente curto em sua limusine blindada, acompanhado por uma força de segurança quase tão grande quanto a de Ryan, e composta por agentes do Serviço de Proteção Diplomática dos EUA, mais os próprios guarda costas do príncipe, compostos de ex-membros da Força Aérea Especial Britânica e sauditas, como sempre, gastavam uma enorme quantidade de dinheiro em troca da qualidade.

Ali estava familiarizado com a Casa Branca, e com Scott Adler, que o recebeu na porta e o conduziu escada acima até o Salão Oval.

— Presidente — saudou Sua Alteza Real, vindo da sala do secretariado.

— Obrigado por atender a um convite tão repentino.

Jack apertou a mão do príncipe e fez um gesto para que ele se acomodasse em um dos sofás da sala. Alguém prestativo acendera a lareira. O fotógrafo da Casa Branca tirou alguma fotos e foi dispensado.

— Você deve ter visto as notícias desta manhã. — Ali esboçou um sorriso preocupado.

— Que se pode dizer? Não vamos lamentar seu falecimento, mas o reino tem preocupações mais sérias.

— Sabem alguma coisa que não saibamos?

O príncipe balançou a cabeça.

— Fiquei tão surpreso quanto todo mundo. O presidente franziu a testa.

— Sabe, com todo o dinheiro que gastamos... O visitante ergueu a mão cansada.

— Sim, eu sei. Terei a mesma conversa com meus ministros assim que meu avião estiver em casa.

— Com toda certeza. Será que farão uma ofensiva? O Salão Oval mergulhou num silêncio repentino, cortado apenas pelo crepitar do carvalho na lareira enquanto os três homens — Ryan, Ali e Adler — trocavam olhares sobre a mesa de café, na qual permanecia intocada uma bandeja e xícaras. O problema era, obviamente, petróleo. O Golfo Pérsico — ocasionalmente chamado Arábico — era um dedo de água cercado por — e em alguns locais sentado em — um mar de ouro negro. A maior parte do suprimento mundial se encontrava lá, dividido principalmente entre o Reino da Arábia Saudita, Kuwait, Iraque e Irã, juntamente com países menores: Emirados Árabes Unidos, Bahrein e Catar.

Desses países, o Irã era o maior em termos de população. Em seguida, vinha o Iraque. As nações da península Arábica eram mais ricas, mas a terra sobre sua riqueza líquida nunca fora capaz de acolher uma população numerosa, e havia também o atrito político, exposto pela primeira vez em 1991, quando o Iraque invadiu o Kuwait com toda a graça de um valentão de escola atacando uma criança menor. Ryan costumava dizer que uma agressão militar era pouco mais que um assalto à mão armada, e esse fora o caso da Guerra do Golfo. Usando como desculpa uma disputa territorial insignificante e um punhado de questões econômicas igualmente triviais, Saddam Hussein atacara numa tentativa de duplicar a riqueza inerente de seu país, e em seguida ameaçou dobrar sua aposta atacando a Arábia Saudita — o motivo que o levava a parar na fronteira entre Kuwait e Arábia Saudita agora permaneceria eternamente inexplicado. Numa explicação superficial, tudo se reduzia ao petróleo e a riqueza resultante.

Mas havia mais. Hussein, como um chefe da Máfia, pensara em pouco mais que dinheiro e o poder político resultante do dinheiro. O Irã enxergou um pouco mais longe.

Todas as nações em torno do Golfo eram islâmicas, quase todas muito radicais. Havia as exceções: Bahrein e Iraque. No caso do Bahrein, o petróleo essencialmente se esgotara, e esse país — que, na verdade, era uma cidade-Estado separada do reino por uma ponte — assumira a mesma função que Nevada exercera para o Oeste dos Estados Unidos: um lugar onde as regras normais eram postas de lado, onde beber, jogar e outros prazeres poderiam ser desfrutados a uma distância conveniente dos países moralmente restritivos.

Quanto ao Iraque, o país era um Estado secular que professava a religião oficial da boca para fora, o que provavelmente explicava a morte do presidente depois de uma carreira longa e vigorosa.

Mas a chave para a região era e sempre seria a religião. O Reino da Arábia Saudita era o coração vivo do Islã. O Profeta nascera ali. As cidades sagradas de Meca e Medina ficavam lá, e desse ponto de origem havia crescido um dos maiores movimentos religiosos do mundo. A questão dizia mais respeito a fé do que a petróleo. A Arábia Saudita pertencia ao ramo sunita, enquanto o Irã pertencia ao ramo xiita. Ryan já fora instruído a respeito das diferenças, que na época pareceram tão insignificantes que ele nem se esforçara em decorá-las.

Mas isso fora um erro, como o presidente admitiu agora. As diferenças eram grandes o bastante para tornar inimigos dois países importantes, e nenhuma diferença podia ser maior que essa. Não era apenas uma luta por riquezas. Era sobre uma espécie diferente de poder, a espécie que brota na mente e no coração e floresce para uma outra coisa. O petróleo e o dinheiro simplesmente tornavam o conflito mais interessante aos estrangeiros.

Muito mais interessante. O mundo industrial dependia daquele petróleo.

Cada Estado no Golfo temia o Irã por seu tamanho, por sua imensa população e pelo fervor religioso de seus habitantes. Para os religiosos sunitas, o medo dizia respeito a um desvio no ideais do Islã. Para os outros, o medo dizia respeito ao que aconteceria quando os hereges assumissem o controle da região, porque o Islã é um sistema de crenças abrangente, e abarca a lei civil, a política e todas as outras formas de atividade humana. Para os muçulmanos, a Palavra de Deus era lei suprema. Para o Ocidente, era o prosseguimento de sua economia. Para os árabes — o Irã não é um país árabe —, era a questão mais fundamental, o posicionamento de um homem diante de seu Deus.

— Sim, presidente — replicou o príncipe Ali bin Sheik depois de um momento. — Eles farão uma ofensiva.

A voz do príncipe saiu admiravelmente calma, embora Ryan soubesse que, por dentro, de deveria estar tudo, menos isso. Os sauditas nunca quiseram que o presidente do Iraque caísse. Mesmo sendo inimigo, infiel e agressor, tinha sido de uso estratégico para os vizinhos. O Iraque havia muito funcionava como um obstáculo entre os Estados do Golfo e o Irã. Era um caso em que a religião ocupava lugar secundário perante a política, havendo, portanto, a propósitos políticos. Quando a maioria da população xiita do Irã rejeitou a Palavra de Alá, a fronteira entre o Kuwait e o reino tornou-se simplesmente política, e não religiosa. Mas se o partido Baath caísse junto com seu líder, o Iraque iria reverter para uma maioria religiosa. Isso colocaria um país xiita nas duas fronteiras e o líder do ramo islâmico xiita era o Irã.

O Irã realizaria uma ofensiva, porque já a preparava havia anos. A religião sistemática por Maomé espalhara-se da Península Arábica para o Marrocos, no oeste, e para o Filipinas, no leste, e, com a evolução do mundo moderno, estava representada em cada lugar da terra. O Irã usara sua riqueza e sua imensa população para se tornar líder mundial das seitas islâmicas, levando clérigos muçulmanos à sua própria cidade sagrada de Qom, insuflando movimentos políticos por todo o mundo islâmico, e canalizando armas para países islâmicos que precisavam de auxílio — os muçulmanos bósnios eram um

exemplo e não o único.

— Anschluss — pensou Scott Adler em voz alta. O príncipe Ali simplesmente as assim.

— Temos algum tipo de plano para ajudar a prevenir isso? — perguntou Jack.

Aguardou a resposta. Não, ninguém tinha. Esse era o motivo pelo qual a Guerra do Golfo fora travada por objetivos militares limitados, e não para anular o agressor. Os sauditas, que, desde o começo haviam mapeado os objetivos estratégicos da guerra, em nenhum momento permitiram que os EUA ou seus aliados considerassem um ataque a Bagdá. Apesar do exército iraquiano ter cercado e invadido o Kuwait, a capital do Iraque ficara tão exposta quanto um nudista numa praia familiar. Ao assistir aos programas realizados por várias emissoras, Ryan percebera que nenhum dos comentaristas havia lembrado que uma campanha clássica teria sido ignorar completamente o Kuwait, tomar o Iraque e em seguida esperar que o exército iraquiano se rendesse. Bem, nem todo mundo subia ler um mapa.

— Alteza, que influência o senhor pode exercer lá? — perguntou Ryan em seguida.

— Em termos práticos? Pouquíssima. Estenderemos a mão da amizade, ofereceremos empréstimos... ao final da semana pediremos aos EUA e às Nações Unidas para suspender o embargo com um olho no aprimoramento das condições econômicas, mas...

— Sim, mas — concordou Ryan. — Por favor, alteza, transmita-nos todas as informações que conseguir. O compromisso de nosso país com a segurança do reino permanece inalterado.

Ali assentiu.

— Transmitirei essa mensagem ao meu governo.

— Trabalho bonito, profissional — observou Ding ao ver o replay ampliado.

— Com exceção de uma coisinha.

— Sim. Você precisa descontar o cheque antes de realizar o serviço. — Clark já fora jovem e inteligente o bastante para pensar de modo parecido com o atirador cuja morte acabara de rever, mas a idade brindara-o com circunspeção. Agora Mary Pat queria que ele tentasse propor novamente seu projeto à Casa Branca; para tal, estava lendo alguns documentos. Tentando, pelo menos.

— John, você já leu sobre os Assassinos? — perguntou Chavez, desligando a TV com o controle remoto.

— Vi o filme — replicou Clark sem levantar os olhos.

— Eles eram rapazes sérios. Precisavam ser. Se você usa espadas e facas, bem, precisa se aproximar bastante para fazer o serviço. Precisa ser comprometido, como costumávamos dizer na época da Operação Sétima Luz. — Chavez penara para concluir seu mestrado em relações internacionais, mas abençoava todos os livros que o professor Alpher forçara-o a ler. Gesticulou para a tevê. — Esse cara era como um deles. Uma bomba inteligente com duas pernas... você se autodestrói, mas primeiro dá cabo do seu alvo. Os Assassinos foram o primeiro Estado terrorista. Acho que o mundo não estava pronto para o conceito na época, mas aquela pequena cidade-Estado manipulou uma região inteira porque sempre havia um dos seus perto o bastante para dar cabo de alguém importante.

— Obrigado pela lição de História, Domingo, mas...

— Pense, John. Se eles puderam chegar perto o bastante dele, podem chegar perto de qualquer um. A segurança de um ditador é muito acirrada, mas basta um atirador chegar bem perto para mandá-lo para a próxima dimensão. É de arrepiar os cabelos, Sr. C.

John Clark precisava lembrar-se continuamente que Domingo Chavez não era bobo. Ele ainda falava com sotaque, mas não por incompetência, apenas porque não se importava de falar assim. Chavez, como Clark, tinha um dom para línguas, e Deus sabia que ele era o aprendiz mais rápido que John já encontrara. Estava até mesmo aprendendo a controlar seu temperamento e ardor. Quando isso lhe parecia adequado, corrigiu John a si mesmo.

— E daí? Cultura diferente, motivação diferente...

— John, estou falando sobre um talento, vontade política em usá-lo, e paciência.

— E deve ter demorado anos. Já ouvi falar de agentes ocultos durante muito tempo, mas a primeira vez que ouço falar de um assassino suicida infiltrado.

— Será que não foi um sujeito comum que apenas ficou puto com alguma coisa e...

— E decidiu morrer? Discordo, John. Por que não apagou o presidente, enquanto ele estava indo ao banheiro à meia-noite, e depois caiu fora? Nada disso, Sr. C. O que o cara fez foi uma declaração. Uma declaração que não era apenas dele. Ele estava mandando uma mensagem por seu chefe.

Clark tirou os olhos de seu documento de instrução e pensou um pouco nisso. Ou o funcionário do governo poderia ter desprezado a informação como uma coisa fora de alçada, mas Clark chegara ao governo como resultado de sua incapacidade em ver limites em suas atividades. Além disso, podia lembrar de quando estivera no Irã como parte de uma multidão gritando Morte aos EUA!

para reféns da embaixada americanos de olhos vendados. Lembrava também o que os membros daquela multidão haviam feito depois da fracassada operação Luz Azul, e quão perto o governo Khomeini estivera de lançar sua fúria sobre os americanos e transformar uma disputa já violenta numa guerra generalizada.

Naquela época as digitais iranianas já estavam espalhadas por todos os tipos de ações terroristas, e o fato de os EUA não terem percebido isso apenas piorou a situação.

Bem, Domingo, é por causa disso que precisamos de mais agentes de campo.

A CIRURGIÃ tinha mais um motivo para não gostar do cargo de seu marido. Ela quase nunca podia vê-lo. Agora, por exemplo, ele estava com alguém. Bem, deveria ter algo em relação com as notícias da manhã, e aquilo era coisa séria, como eram os chamados as emergências que ocasionalmente a tiravam de casa de madrugada. Mas ela não gostou do precedente.

Ela olhou para o comboio. Não havia outro nome para descrever um total de seis Suburbans. Três estavam designados para levar Sally (cujo nome de código agora era SOMBRA) e o pequeno Jack (BAIXINHO) para a escola. Os outros três veículos levariam Kate (CHOCALHO) para a creche. Em parte, aquilo era culpa sua, admitiu Cathy Ryan. Ela não queria que as vidas das crianças fossem alteradas. Ela não queria que mudassem de escolas e amigos devido ao infortúnio que acometera suas vidas. Nada disso era culpa das crianças. Fora burrice dela concordar com o novo cargo de Jack, e que não durara nem cinco minutos, e, como muitas coisas na vida, era preciso aceitar as consequências. Como, por exemplo, o percurso maior até suas escolas, preço talvez muito alto para se manter amigadas. Mas, droga, não havia uma resposta certa.

— Bom dia, Katie!

Era Don Russell, acorrendo-se para receber um abraço e um beijo de CHOCALHO. Isso fez Cathy sorrir. Esse agente era uma bênção divina.

Homem com seus pró impostos, ele realmente amava crianças, especialmente as pequeninas. Ele e Katie ha vinham se afinado rapidamente. Cathy deu um beijo de despedida em sua caçula e em seu guarda-costas — que coisa ridícula, uma criança precisar de guarda-costas! Mas Cathy lembrava de suas próprias experiências com terroristas e teve de aceitar isso também. Russell pegou CHOCALHO nos braços e colocou-a em seu lugar no carro, fechou o cinto de segurança da menina e o primeiro conjunto de três veículos entrou em movimento.

— Tchau, mãe! — Sally estava passando por uma fase na qual ela e sua mãe eram amigas, e não trocavam beijos. Cathy aceitava isso, embora não gostasse.

Era o mesmo com o pequeno Jack: Té logo, mãe. Mas John Patrick Ryan Jr.

ainda era criança o bastante para exigir viajar na frente, vontade que lhe foi satisfeita desta vez. As duas equipes de segurança haviam sido aumentadas devido aos motivos que levaram os Ryan para a Casa Branca. Agora havia um total de vinte agentes designados para proteger as crianças. Os agentes tinham

dito a Cathy que esse número seria reduzido dali a um ou dois meses, quando as crianças passariam a ser conduzidas em carros normais, em vez de Suburbans blindados. No caso da CIRURGIÃ, seu helicóptero a aguardava.

Merda. Estava acontecendo de novo. Assim que soubera que estava grávida do pequeno Jack, terroristas haviam... por que diabos ela concordara com tudo isso? A maior indignidade de todas era que estava casada com aquele que supostamente era o homem mais poderoso do mundo. Mas ele e a família precisavam aceitar ordens de outras pessoas.

— Eu sei, doutora. — Era a voz de Roy Altman, seu agente principal. — É uma maneira horrível de viver.

Cathy virou-se.

— Lê mentes?

— Faz parte do meu trabalho, madame. Eu sei...

— Por favor, meu nome é Cathy.

Altman quase enrubesceu. Ele vira mais de uma primeira-dama assumir ares de realeza com a ascensão de seu marido a POTUS, e nem sempre era agradável proteger filhos de políticos, mas os membros da segurança presidencial já haviam concordado que a família Ryan era diferente. Eles não pareciam nem um pouco com as pessoas a quem costumavam proteger. Sob certo aspecto, isso era ruim. Mas era difícil não gostar deles.

— Tome. — Ele entregou a Cathy uma pasta de cartolina. Eram os prontuários dos casos de Cathy para aquele dia.

— Duas cirurgias. Depois, revisões — disse-lhe Cathy. Bem, pelo menos ela poderia cuidar da papelada durante o voo. Precisava admitir que era conveniente.

— Eu sei. Combinamos com o professor Katz que ele nos enviaria os prontuários com antecedência. Assim podemos ajudá-la a se manter dentro do seu cronograma — explicou Altman.

— Vocês também analisam os antecedentes dos meus pacientes? — perguntou Cathy, achando que estava fazendo uma piada.

Não estava.

— Sim. Os registros do hospital proporcionam nomes, nascimentos e números de identidade. Verificamos as identidades deles e conferimos com nosso arquivo de... bem, de pessoas em quem ficamos de olho.

O olhar que esse pronunciamento gerou não foi exatamente amigável, mas Altman não levou para o lado pessoal. Caminharam de volta até o prédio e, alguns minutos depois, retornaram para subir no helicóptero. Enquanto o coronel Hank Goodman ligava os motores, Cathy viu câmeras de telejornais posicionadas para registrar o evento.

A alguns quarteirões dali, na sala de operações do Serviço Secreto, o padrão de monitoração foi alterado. Uma lâmpada vermelha num mapa mostrava que POTUS (President of the United States, o presidente dos EUA) estava agora na Casa Branca. A FLOTUS (First Lady of the United States, a primeira dama dos EUA) estava em trânsito. A posição de SOMBRA, BAIXINHO e CHOCALHO estava sendo registrada num painel diferente.

Essas informações eram transmitidas por sinais digitais de rádio codificados para Andréa Price, que estava sentada em frente ao Salão Oval. Outros agentes estavam na St. Mary's Catholic School e na creche Giants Steps, as duas instituições nas proximidades de Annapolis e no Johns Hopkins Hospital. A Polícia Estadual de Maryland sabia que os filhos dos Ryan estavam sendo transportados ao longo da Rota 11, e colocaram carros adicionais ao longo do percurso. No momento, mais um helicóptero da Marinha estava seguindo o da CIRURGIÃ, e um terceiro, com uma equipe de agentes armados até os dentes, seguia as três crianças. Se houvesse um assassino à espreita, ele veria o que é bom para tosse. Os agentes nos veículos em movimento estavam em seu estado normal de alerta, vigiando cada carro que passava,

anotando suas placas na eventualidade de algum aproximar-se novamente. Carros de aparência comum estavam guiados por agentes do Serviço Secreto em trajes civis. Os Ryan jamais saberia realmente o número de agentes que os acompanhavam, a não ser que perguntasse, e era muito raro alguém perguntar isso.

Estava começando um dia como os outros.

Não havia mais como negar. Ela não precisava que o Dr. Moudi lhe dissesse. As dores de cabeça haviam piorado, a fadiga estava mais forte.

Exatamente como aconteceu com o jovem Benedict Mkusa, pensou a freira. No começo torceu para que fosse uma reação de sua velha malária, mas quando as dores chegaram, não as sentiu nas juntas, e sim no estômago. Isso tinha sido como ver o tempo fechar, prenunciando uma tempestade lenta e poderosa.

Agora não havia nada a fazer além de esperar e temer o que lhe esperava. Parte de sua mente negava isso, e outra parte tentava abrigar-se na oração na fé, mas, como uma vítima num filme de terror, protegendo o rosto com mãos frágeis, olhando para todos os lados para ver o que se aproximava, o horror se tornava ainda maior devido às suas tentativas patéticas em evitá-lo.

A náusea estava pior, e logo ela não seria mais capaz de controlá-la com sua vontade, por mais forte que fosse.

Ela estava num dos poucos quartos particulares do hospital. Lá fora, o sol ainda brilhava, o céu estava limpo: um belo dia na infundável primavera-verão da África. Havia um frasco de soro ao lado de sua cama, e uma solução salina estéril corria para seu braço, com alguns analgésicos leves e nutrientes para fortalecer seu corpo, mas na verdade só lhe restava esperar. A irmã Jean Baptiste podia fazer muito pouco além de esperar. Seu corpo estava trêmulo de fadiga, e tão dolorido que virará cabeça para olhar as flores na sua janela requeria um minuto de esforço. O primeiro acesso violento de náusea a pegara de surpresa mas, de algum modo, conseguira pegar o vomitório. Era ainda enfermeira e lúcida o bastante para ver o sangue, e depois Maria Magdalena levou o vomitório para esvaziar seu conteúdo num recipiente especial. Colega enfermeira, e colega freira, Magdalena estava vestida com roupas esterilizadas, usando máscara e luvas de borracha, os olhos incapazes de ocultar a tristeza.

— Olá, irmã.

Era o Dr. Moudi, vestido da mesma forma, seus olhos negros mais inescrutáveis sobre a máscara verde. Checou o prontuário pendurado ao lado da cama. A temperatura da freira fora tirada havia apenas dez minutos, e estava subindo. O telex de Atlanta sobre seu sangue chegara ainda mais recentemente, inspirando sua remoção imediata até o prédio de isolamento. A pele lisa da irmã estivera clara havia poucas horas, mas agora parecia seca e levemente avermelhada. Moudi considerou que, para combater a febre, seria preciso esfriar a paciente com álcool, talvez aplicar-lhe uma bolsa de gelo. A situação deveria estar ferindo a dignidade da freira. Elas se vestiam castamente, como todas as mulheres deveriam fazer, e o avental hospitalar que estava usando agora desrespeitava essa virtude. Pior ainda era o que transparecia em seus olhos. Ela sabia. Porém, mesmo assim ele precisaria dizer-lhe.

— Irmã, o seu sangue apresentou resultados positivos para os anticorpos do Ebola.

— Entendo — disse a freira, balançando a cabeça.

— Então a senhora também sabe que vinte por cento dos pacientes sobrevivem à doença — acrescentou gentilmente. — A senhora não está desenganada. Sou um bom médico. A irmã Magdalena é uma enfermeira extraordinária. Iremos ajudá-la o máximo que pudermos. Também estou em contato com alguns dos meus colegas. Não vamos desistir da senhora. Peço que não desista de si mesma. Fale com seu Deus, bondosa dama. Ele ouvirá uma pessoa tão virtuosa.

As palavras saíram com facilidade, porque Moudi era, antes de mais nada, um médico, e um médico muito bom. Ficou surpreso em perceber que parte dele queria que a irmã sobrevivesse.

— Obrigada, doutor.

Antes de sair, Moudi virou-se para a outra freira.

— Mantenha-me informado.

— Claro, doutor.

Moudi saiu da sala. Virou à esquerda na direção da porta. Removeu sua roupa protetora e descartou as peças no recipiente apropriado ao passar por ele.

Fez uma anotação mental de que precisaria reforçar as precauções necessárias.

Ele queria que a freira fosse o último caso de Ebola no hospital. Naquele momento, uma equipe estava a caminho da casa da família Mkusa para entrevistar os pais do menino morto, além dos vizinhos e amigos, na esperança de descobrir como Benedict contraíra a infecção. O mais provável era que tivesse sido uma mordida de macaco.

Mas isso era apenas um palpite. Sabia-se pouco sobre o Ebola Zaire, e a maior parte do que não se sabia era vital. Sem dúvida, existia havia séculos, ou talvez mais tempo que isso. Sendo apenas mais uma doença mortal numa área repleta delas, os médicos a conheciam como febre da selva até pouco mais de trinta anos. O centro focal do vírus ainda estava aberto a especulações. Muitos achavam que o portador fosse um macaco, mas qual macaco, ninguém sabia — literalmente milhares de animais tinham sido aprisionados ou mortos num esforço para determinar isso, sem resultado. Não se tinha certeza nem mesmo se o Ebola era realmente uma doença tropical — a primeira epidemia adequadamente documentada dessa classe de febre ocorrera na Alemanha.

Havia uma doença muito parecida nas Filipinas.

O Ebola aparecia e desaparecia, como um espírito mau. Parecia seguir uma espécie de periodicidade. As epidemias registradas haviam ocorrido a intervalos de oito a dez anos — mas, novamente, esses números não eram confiáveis; a África ainda era primitiva e havia um sem-número de motivos para acreditar que as vítimas poderiam contrair a doença e morrer dela numa questão de dias, sem tempo para buscar ajuda médica. A estrutura do vírus era mais ou menos compreendida, e os sintomas reconhecidos, mas seu mecanismo ainda era um mistério. Para a comunidade médica isso representava um problema, porque o Ebola Zaire tinha uma taxa de mortalidade de cerca de 80%. Apenas uma em cada cinco vítimas sobrevivia, e por que isso acontecia era apenas mais uma marcação na coluna desconhecido. Tudo isso tornava o vírus do Ebola perfeito.

Tão perfeito que era um dos organismos mais temidos pelo homem. Havia quantidades diminutas do vírus em Atlanta, no Instituto Pasteur em Paris, e em mais algumas instituições, onde ele era estudado sob condições que lembravam um livro de ficção científica: médicos e técnicos usando roupas espaciais. O que se sabia sobre o Ebola não era suficiente nem para que se começasse a desenvolver uma vacina. As quatro cepas conhecidas — a quarta fora descoberta num incidente bizarro nos EUA; mas essa, embora uniformemente letal a macacos, por algum motivo incompreensível não causava efeitos sérios nos humanos — eram diferentes demais. Naquele momento, um grupo de cientistas em Atlanta, alguns deles conhecidos seus, estavam debruçados sobre microscópios para mapear a estrutura desta nova versão e depois compará-la com amostras de outras cepas conhecidas. Esse processo poderia levar semanas e, provavelmente, como ocorrera com todos os esforços anteriores, geraria apenas resultados equivocados.

Até que o verdadeiro centro focal da doença fosse descoberto, o Ebola continuaria sendo um vírus alienígena, algo quase de outro planeta, mortal e misterioso. Perfeito.

O Paciente Zero, Benedict Mkusa, estava morto, seu corpo incinerado por gasolina, e o vírus destruído com ele. Moudi tinha uma pequena amostra de sangue, mas não era suficiente. Contudo, a irmã Jean Baptiste era outro caso.

Moudi pensou nela por um momento, e então tirou o telefone do gancho antes de ligar para a embaixada iraniana em Kinshasa. Havia trabalho a fazer, e mais trabalho ainda a preparar. Sua mão hesitou, o telefone a meio caminho entre o gancho e sua orelha. E se Deus tivesse ouvido as preces da

freira? Ele poderia, pensou Moudi. Poderia mesmo. Ela era uma mulher de grande virtude que passava a maior parte do dia orando, como qualquer fiel de sua cidade natal, Qom, tinha fé em Deus e devotara sua vida ao serviço dos necessitados. Esses eram três dos Cinco Pilares do Islã, aos quais poderia acrescentar um quarto — a Quaresma cristã não diferia muito do Ramadã islâmico. Esses eram pensamentos perigosos, mas se Alá ouvira as preces da irmã, o que ele pretendia fazer não estava escrito, e, portanto, não aconteceria. Mas e se as preces da freira não tivessem sido ouvidas... ? Moudi aninhou o telefone entre a orelha e o ombro. Discou os números.

— Presidente, não podemos mais ignorar a situação.

— Sim, eu sei, Arnie.

Estranhamente, a situação chegara a um impasse técnico. Os corpos precisavam ser identificados positivamente, porque uma pessoa não estava morta até que um pedaço de papel dissesse isso, e até essa pessoa ser declarada morta, se ela tivesse sido senador ou congressista, seu posto não estaria vago e ninguém poderia ser selecionado para ele. Naquele momento, o Congresso era uma concha vazia. Os atestados saíam hoje, e dentro de uma hora, governadores de vários estados estariam telefonando para Ryan, oferecendo-se aos cargos. Segundo rumores, pelo menos um governador iria renunciar ao cargo para ser nomeado ao Senado dos Estados Unidos por seu sucessor, numa troca de favores elegante, mas evidente.

O Volume de informações era atordoante, mesmo para alguém familiarizado com as fontes. As primeiras informações datavam de 14 anos, mas isso era uma boa notícia, porque fora mais ou menos nessa época que os exemplares dos principais jornais e revistas passaram a ser registrados em computadores, o que facilitava sua disponibilidade através da Internet. Assim, mediante uma taxa modesta, os impérios da mídia ofereciam acesso a esse material que, de outro modo, ficaria estocado em porões úmidos ou, na melhor das hipóteses, seria vendido para bibliotecas de faculdades por praticamente nada. Como fonte de renda, a rede mundial de computadores ainda era um terreno pouco explorado, mas a mídia aproveitava-a ao máximo. A Internet era agora uma fonte de informações para 08 próprios jornalistas, estudantes, curiosos e indivíduos com interesses estritamente profissionais. O melhor de tudo era que o número enorme de pessoas fazendo buscas através de palavras-chave impossibilitava a identificação de todos os pesquisadores.

De qualquer modo, ele era cuidadoso. Ou melhor, seus subalternos eram.

As pesquisas pela Internet estavam sendo efetuadas a partir da Europa, principalmente de Londres, através de novas contas de acesso que não durariam mais do que o tempo necessário para baixar os dados, ou de contas acadêmicas às quais diversas pessoas tinham acesso. As palavras-chave RYAN JOHN PATRICK, RYAN JACK, RYAN CAROLINE, RYAN CATHY, RYAN CHILDREN, RYAN FAMILY, e uma miríade de outras, foram digitadas nos programas de busca, resultando literalmente em milhares de documentos.

Muitos eram espúrios, porque Ryan não era um nome tão incomum. Mas o processo de seleção não era árduo.

Os primeiros documentos realmente interessantes eram relativos à época em que Ryan tinha 31 anos e se tornara assunto de interesse público em Londres. Havia até mesmo fotos, e embora tivessem demorado a ser carregadas, valera a pena esperá-las. Especialmente a primeira. A que mostrava um jovem sentado numa rua, coberto de sangue. Oh! aquilo não era inspirador? O personagem na foto parecia morto, mas ele sabia que pessoas e lendas frequentemente tinham essa aparência. Logo ele recebeu mais um conjunto de fotos de um automóvel acidentado e um pequeno helicóptero. Nos anos intermediários, os dados sobre Ryan eram surpreendentemente escassos, sendo em sua maioria pequenas notas sobre seus testemunhos ao

Congresso americano por trás de portas fechadas. Também foram obtidos alguns textos sobre o fim do governo do presidente Fowler — um imediatamente depois da confusão inicial, fora reportado que Ryan impedira o lançamento de um míssil nuclear, e ele próprio insinuara isso a Daryaei, mas essa história nunca foi confirmada oficialmente, e o próprio Ryan jamais discutira o assunto com ninguém. Isso era importante, porque revelava muito a respeito desse homem.

Sobre a mulher dele. Também havia muita cobertura da imprensa a respeito dela, incluindo um artigo, o número de seu escritório no hospital. Uma cirurgia habilidosa. Isso era interessante: uma notícia recente dizia que ela ainda estava exercendo a profissão. Excelente. Eles saberiam onde encontrá-la.

As crianças. A caçula estava na mesma creche que a mais velha frequentara. Também havia uma foto sua. Um artigo sobre o primeiro trabalho de Ryan na Casa Branca.

Chegara mesmo a identificar a escola frequentada pelas crianças mais velhas... Saber aquilo era surpreendente. Ele iniciara a pesquisa sabendo que haveria um limite para as informações que poderia obter; mesmo assim, à sua frente havia um monte de informações que dez agentes de campo só poderiam ter colhido — a um risco considerável — no espaço de uma semana. Os americanos eram idiotas. Praticamente pediam para ser atacados. Eles não tinham nenhuma noção de sigilo ou segurança. Uma coisa era um líder aparecer ocasionalmente em público com a família. Outra bem diferente era deixar que chegasse a conhecimento público coisas que ninguém realmente precisava saber.

O pacote de documentos — que chegou a mais de 2.500 páginas — seria arquivado pelos seus assessores. Não havia planos para tomar qualquer atitude a partir deles. Eram apenas informações. Mas isso poderia mudar.

— Sabe de uma coisa? Acho que gosto de chegar de helicóptero — comentou Cathy para Roy Altman.

— Mesmo?

— É menos estressante do que vir dirigindo até aqui. Mas não acho que isso vá durar — acrescentou, caminhando até a fila da comida.

— Provavelmente não — respondeu Altman. Estava olhando em volta constantemente, mas havia dois outros agentes na sala, fazendo o máximo para parecer invisíveis, Mas, fracassavam deploravelmente. Embora o Johns Hopkins fosse uma instituição de médicos, ainda era uma espécie de vila profissional, onde praticamente todo mundo conhecia todo mundo, e os médicos não carregavam armas. Altman permanecia perto de Cathy para melhor aprender a rotina de sua protegida, e ela não parecia se importar. Ele a acompanhara durante duas operações naquela manhã. E, sendo professora, Cathy explicara cada passo no processo em detalhes minuciosos. A tarde, ela daria aula para meia dúzia de estudantes. Era a primeira experiência educacional de Altman naquele serviço — pelo menos em alguma coisa numa área fora da política, campo que ele aprendera a detestar. Sua observação seguinte foi que CIRURGIÃ não poderia ser mais modesta. Ela entrou no fim da fila e pagou seu almoço e o de Altman, para seu protesto.

— Esta é a minha praia, Roy. — Cathy olhou em volta, avistou o homem com quem queria almoçar e caminhou até ele, com Altman a reboque. — Ei, Dave!

O reitor James e seu convidado se levantaram.

— Oi, Cathy! Deixe-me apresentá-la a um novo membro do corpo docente, Pierre — Alexandre. Alex, esta é Cathy Ryan...

— A mesma Cathy...

— Por favor, ainda sou médica...

— Você é aquela na lista Lasker, certo? — cortou Alexandre, pegando Cathy de surpresa.

O sorriso de Cathy iluminou a sala.

— Sim.

— Parabéns, doutora — disse, estendendo a mão.

Cathy teve de pousar sua bandeja na mesa para apertar a mão de Alexandre. Altman observou com olhos que tentavam parecer neutros, mas transmitiam alguma outra coisa.

— Você deve ser do Serviço.

— Sim senhor. Roy Altman. Excelente. Uma dama tão adorável e brilhante merece proteção adequada — declarou Alexandre. — Acabo de sair do Exército, Sr. Altman. Conheci colegas seus em Walter Reed, na época que a filha do presidente Fowler voltou do Brasil com uma doença tropical e ficou sob meus cuidados.

— Alex está trabalhando com Ralph Forster — explicou o reitor enquanto todos se sentavam.

— Doenças infecciosas — esclareceu Cathy ao guarda-costas. j Alexandre assentiu. I No momento, estou em treinamento. Mas como tenho um passe de estacionamento, acho que pertencço ao grupo.

— Espero que o senhor seja um professor tão bom quanto Ralph — disse Cathy.

— Um grande médico — concordou Alexandre. Cathy decidiu que gostava do recém-chegado. Em seguida, refletiu sobre seu sotaque e modos de sulista.

— Ralph voou para Atlanta hoje de manhã — prosseguiu Alexandre.

— Aconteceu alguma coisa especial? j Um possível caso de Ebola no Zaire.

Negro, oito anos de idade. Recebemos o e-mail hoje de manhã.

Os olhos de Cathy se estreitaram. Embora pertencesse a um campo completamente diferente da medicina, recebia, como todos os médicos, o periódico *Morindity and Mortality Report*, e se mantinha atualizada com tudo que podia. A medicina é um campo no qual o aprendizado não acaba nunca.

— Só um? — perguntou ela.

— Sim — confirmou Alexandre. — Parece que o garoto tem uma mordida de macaco no braço. Já estive lá, a serviço de Detrick, por ocasião da última miniepidemia, em 1990.

— Com Gus Lorenz? — perguntou o reitor James. Alexandre balançou a cabeça.

— Não. Gus estava fazendo outra coisa na época. O líder da equipe era George Westphal.

— Ah, sim, ele...

— Morreu — confirmou Alex. — Nós... acobertamos isso, mas ele contraiu o Ebola. Cuidei dele. Não foi nada agradável de assistir.

— O que ele fez errado? — perguntou James. — Eu não o conhecia bem, mas Gus me disse que ele era uma estrela em ascensão. UCLA, pelo que lembro.

— George era brilhante, o melhor especialista em estruturas que já conheci, e era tão cuidadoso quanto qualquer um de nós. Mesmo assim, pegou a doença, e nunca descobrimos como aconteceu. De qualquer modo, aquela miniepidemia matou dezesseis pessoas. Tivemos dois sobreviventes, ambos mulheres, ambos na casa dos vinte, e sem nada de especial, pelo que pudemos descobrir. Talvez simplesmente tenham tido sorte — disse Alexandre, sem realmente acreditar nisso. Coisas assim aconteciam por alguma o não. Ele apenas não havia descoberto qual, embora esse fosse um dever seu. — Em todo caso, tivemos apenas dezoito vítimas no total e isso foi sorte. Ficamos lá seis ou sete semanas.

Levei uma espingarda para a floresta e atirei em uns cem macacos, tentando encontrar um portador. Não achei. Essa cepa é chamada de Ebola Zaire Myinga. Imagino que neste mesmo momento eles a estão comparando com a cepa contraída pelo garotinho. E uma doença matreira, a desgraçada.

— Só uma vítima? — perguntou Cathy.

— Foi o que nos disseram. Método de exposição desconhecido, como sempre.

— Mordida de macaco?

— Sim, mas não encontraremos o macaco. Nunca encontramos.

— O Ebola é tão mortal assim? — perguntou Altman, não mais resistindo ao impulso de participar da conversa.

— A estimativa oficial é de que o índice de mortalidade é de oitenta por cento. Vamos colocar da

seguinte forma: se você sacar o seu revólver e disparar no meu peito, aqui onde estamos, neste momento, minhas chances serão melhores do que se eu contraísse o vírus. — Alexandre passou manteiga num pedaço de pão e lembrou de ter visitado a viúva de Westphal. A recordação abalou seu apetite. — Muito melhores, provavelmente, considerando os cirurgiões que temos em Halstead. As chances com leucemia não muito melhores, e com linfocitose, mais ainda. As chances com a AIDS são um pouco piores, mas é possível sobreviver até dez anos com essa doença. Com o Ebola, ninguém passa de dez dias. Ele abusa do direito de ser mortal.

Macacos

Ryan sempre escrevera sem a ajuda de ninguém. Publicara dois livros sobre história naval — que agora pareciam pertencer a uma vida passada conjurada por um hipnotizador — e inúmeros documentos para a CIA. Redigira tudo isso sozinho; no começo, numa máquina de escrever, mais tarde, numa série de computadores pessoais. Jamais gostara de escrever — era sempre um trabalho muito difícil — mas apreciava a solidão que acompanha essa atividade, a imersão em seu próprio mundo intelectual, a salvo de qualquer espécie de interrupção enquanto formava seus pensamentos e ajustava seu método de apresentação até o mais próximo possível da perfeição. Assim, tudo que ele declarava seguia rigorosamente seus próprios pensamentos, e havia integridade no processo.

Não mais.

A chefe dos redatores de discursos era Callie Weston. Essa mulher baixa, magra, de cabelos louro-acinzentados, era uma mágica das palavras que, como muitos dos incontáveis funcionários a serviço na Casa Branca, subira a bordo com o presidente Fowler e não desembarcara mais.

— Não gostou do meu discurso para a igreja? Ela também era irreverente.

— Para ser honesto, apenas decidi que deveria dizer uma coisa diferente — disse Jack, percebendo tarde demais que estava se defendendo de uma pessoa a quem mal conhecia.

— Eu chorei — disse Callie Weston.

Ela fez uma pausa dramática. Durante vários segundos, fitou os olhos do presidente com a expressão imutável de uma cobra venenosa, patentemente analisando-o. Enfim disse: — O senhor é diferente.

— Como assim?

— Quero dizer... procure entender, senhor, o presidente Fowler gostava de mim porque eu o fazia parecer soar compassivo... ele que é frio como um peixe, pobre coitado. O presidente Durling gostava de mim porque não tinha ninguém melhor. Volta e meia bato de frente com os assessores da presidência que alteram meu trabalho. Não gosto de ser censurada por zumbis. Volta e meia brigo com eles. Arnie me protege muito porque fiz faculdade com a sobrinha favorita dele... e sou a melhor no que faço... mas devo ser a maior chata no seu gabinete.

— É bom saber disso. — Era uma boa explicação, mas não respondera à sua pergunta. — Por que sou diferente?

— Porque diz o que pensa em vez do que pensa que as pessoas gostariam de ouvir. Vai ser difícil escrever para o senhor. Não poderei recorrer às inspirações usuais. Predirei aprender a escrever da forma como gostaria de escrever, não da forma como sou paga para escrever, e tenho de aprender a escrever como você fala. Vai ser difícil.

— Entendo. — Como a Sra. Weston não era um membro do círculo interno de assessores, Andréa Price estava encostada na parede (ela teria ficado num canto, mas o Salão Oval não tinha um), observando tudo com uma expressão de jogadora de pôquer. Ryan estava aprendendo a ler a linguagem corporal da agente. Price literalmente não gostava de Weston. Ryan se perguntou por quê. — Bem, o que você pode conseguir num par de horas?

— Presidente, isso depende do que o senhor quiser dizer — comentou a redatora. Ryan contou-lhe em algumas frases curtas. Ela não tomou notas.

Apenas absorveu aquilo que ele disse, sorrindo, e falou de novo.

— Eles vão destruir você. Sabe disso. Talvez Arnie ainda não lhe tenha dito isso, talvez ninguém do gabinete tenha. Talvez nunca digam. Mas vai acontecer.

O comentário fez a agente Price empertigar ligeiramente o corpo, apenas o bastante para estar agora equilibrada nas pernas, em vez de encostada na parede.

— O que faz a senhora pensar que quero ficar aqui? A mulher piscou, atônita.

— Desculpe — disse ela. — Não estou realmente acostumada com isso.

— Esta poderia ser uma conversa interessante, mas não tenho...

— Li um dos seus livros anteontem. O senhor não é muito bom com palavras. Não muito elegante, quero dizer. Mas vê as coisas com clareza.

Assim, vou precisar recorrer ao meu estilo retórico para soar como o senhor.

Frases curtas. O senhor não ofende a gramática. Aposto que frequentou escolas católicas. O senhor não enrola ninguém; diz tudo de forma direta. — Ela sorriu.

— Quanto tempo de discurso?

— Uns quinze minutos, digamos.

— Voltarei em três horas — prometeu Weston, levantando. Ryan assentiu e a mulher saiu da sala.

O presidente se voltou para a agente Price.

— Desembuche — ordenou.

— Ela é a maior encenqueira da Casa Branca. Ano passado ela agrediu um funcionário por causa de alguma coisa. Um guarda precisou apartar os dois.

— Qual foi o problema?

— O funcionário fez algumas críticas ferinas a um de seus discursos, e especulou que seus antecedentes familiares eram irregulares. Foi demitido no dia seguinte. Ninguém sentiu falta. Mas é arrogante como uma prima-dona.

Não deveria ter dito aquilo o senhor.

— E se ela estiver certa?

— Senhor, não é da minha conta, mas qualquer...

— Ela está certa?

— O senhor é diferente.

Price não disse se isso era bom ou não, e Ryan preferiu não perguntar.

O presidente tinha outras coisas a fazer. Pegou o telefone de sua mesa e uma secretária atendeu.

— Pode ligar para George Winston, do Columbus Group?

— Sim, Sr. Presidente.

A secretária não tinha o número de cabeça e precisou telefonar para o Departamento de Sinais. Lá embaixo, um oficial da Marinha estava com o número anotado num cartão, e o leu para a secretária. Um momento depois, virou-se com um sorriso zombeteiro para a oficial sentada ao seu lado. Ela abriu a bolsa, pegou quatro moedas de 25 cents e, muito a contragosto, deu-as ao colega.

— Presidente, o Sr. Winston — disse a secretária pelo comunicador interno.

— George?

— Sim, senhor.

— Quanto tempo leva para chegar aqui?

— Jack... presidente, estou tentando colocar meu trabalho em dia e...

— Quanto tempo? — perguntou Ryan com um tom levemente autoritário.

Winston precisou pensar por um segundo. A tripulação de seu Gulfstream não estava de plantão. E ir até o aeroporto de Newark...

— Posso pegar o próximo trem.

— Avise em qual você virá. Mandarei alguém esperá-lo.

— Certo, mas você precisa saber que não posso...

— Sim, você pode. Nos vemos daqui a algumas horas. — Ryan desligou o telefone e olhou para Price. — Andréa, providencie um agente e um carro para pegá-lo na estação.

— Sim, presidente.

Ryan decidiu que era agradável dar ordens e ser obedecido. Um homem poderia ficar acostumado a isso.

— Não gosto de armas! — disse a mulher alto o bastante para fazer algumas cabeças virarem, embora as crianças tenham voltado imediatamente sua atenção para os blocos de madeira e lápis-cera. Havia um número incomum de adultos à sua volta, três deles com fones de ouvido conectados por um cabo espiral a um aparelho oculto. Todas essas cabeças viraram-se para ver uma mãe preocupada (essa era a palavra que todos usavam num caso como esse). Como chefe desta unidade da segurança presidencial, Don Russell caminhou até ela.

— Olá — disse, mostrando sua identificação do serviço secreto. — Posso ajudar a senhora?

— Vocês precisam ficar aqui?!

— Sim, senhora. Pode me dar seu nome, por favor?

— Por quê? — inquiriu Sheila Walker.

— Senhora, é agradável saber com quem estamos conversando, não é? — perguntou Russell. Também era agradável checar os antecedentes de pessoas como ela.

— Ela é a Sra. Walker — disse Marlene Daggett, diretora e proprietária da creche Giant Steps.

— E aquele ali é o seu filhinho, Justin, não é mesmo? — comentou Russell com um sorriso. O menino de quatro anos estava montando uma torre com blocos de madeira, que depois ele poderia demolir, para a diversão geral de todos na sala.

— Simplesmente não gosto de armas, e não gosto delas perto de crianças.

— Sra. Walker, em primeiro lugar, somos policiais. Sabemos como portar armas em segurança. Em segundo, nossos regulamentos exigem que andemos armados o tempo inteiro. Em terceiro, gostaria que a senhora visse a situação de uma outra forma: aqui, o seu filho está mais seguro do que em qualquer outro lugar. A senhora jamais se preocupará com uma tentativa de sequestro no playground por exemplo.

— Por que ela precisa ficar aqui? Russell abriu um sorriso compreensivo.

— Sra. Walker, a pequena Katie não se tornou presidente. O pai dela sim.

Ela não tem o direito de ter uma vida normal de criança, exatamente como seu Justin?

— Mas é perigoso e...

— Enquanto estivermos por perto, não será perigoso — assegurou-lhe. A mulher simplesmente deu-lhe as costas.

— Justin! — chamou. O menino virou-se para ver a mãe segurando seu casaco. Ficou imóvel por um segundo, e com um dedo empurrou os blocos uma fração de centímetro, aguardando que a pilha de quase um metro e meio tombasse como uma árvore.

— Engenheira civil — ouviu Russell em seu fone. — Checarei a placa de seu carro. Russell fez um sinal para a agente na porta. Em vinte minutos eles teriam um novo dossiê para examinar. Provavelmente diria apenas que a Sra. Walker era uma dessas chatas, adeptas dos preceitos da Nova Era, mas se tivesse um histórico de problemas mentais(possível), ou ficha na polícia(improvável), a informação não seria esquecida. Olhou em torno automaticamente, e então balançou a cabeça.

CHOCALHO era uma criança normal, cercada por crianças normais. No momento estava rabiscando uma folha de papel com um lápis-cera colorido, seu rosto torcido numa expressão de concentração intensa.

Tivera um dia normal, e logo faria uma viagem de volta anormal para um lar definitivamente anormal.

Não vira Russell discutindo com a mãe de Justin.

Bem, crianças eram espertas o bastante para ser crianças, o que era mais do que se podia dizer sobre muitos de seus pais.

A Sra. Walker guiou o filho até o carro da família — que, para a surpresa de ninguém, era um Volvo — e, responsabilmente, colocou-o no banco de trás e fechou o cinto de segurança.

A agente memorizou a placa do carro, sabendo que aquilo não daria em nada, mas que, mesmo assim, todos os procedimentos seriam seguidos. Afinal, todo cuidado é pouco... Então lembrou-se dos motivos porque precisavam ser tão cuidadosos. Ali estava, a creche Giant Steps, ao lado da autoestrada “Ritchie”, perto de Anápolis em que SOMBRA fora seguida anos atrás. Os terroristas tinham usado o armazém do outro lado da avenida para fazer a vigilância ao prédio.

Depois, seguiram a Doutora Ryan, que seguia no seu velho Porsche, utilizando um furgão. Depois, na ponte da autoestrada nacional 50, montaram uma emboscada e mataram a alguns policiais na fuga. Naquela época a doutora Ryan estava grávida do pequeno Jack. Katie ainda era um futuro distante.

Tudo isto afetou muito a agente especial Marcella Hilton que, vinha de dois casamentos sem filhos e se emocionava ao trabalhar com crianças, embora ainda fosse muito profissional. Atribuía isso aos hormônios e ao instinto maternal. O mais fácil era dizer que gostava das crianças e que gastaria de seus próprios filhos.. Fosse como fosse a menor possibilidade, que alguém pudesse fazer mal as criança lhe gelava o sangue.

Aquele lugar era muito vulnerável. Tinha gente nesse mundo que não se importava em machucar crianças. O problema era aquele armazém ali em frente.

A escolta de CHOCALHO era formada agora por seis agentes, porém em algumas semanas se reduziria a apenas três o quatro. O Serviço Secreto não era tão infalível como muitos imaginavam. Era muito forte e eficaz quando se tratava de investigar; é única das organizações policiais da nação que podia bater na porta de qualquer um, entrar e ter uma “conversa amigável” com qualquer um que pudesse representar uma ameaça (com deduções baseadas em elementos e provas que não seriam totalmente válidas num tribunal). O objetivo dessas conversas era fazer com que a pessoa em questão soubesse que era vigiada, embora nem sempre fosse assim (o Serviço Secreto só dispunha de 1200 agentes em toda o país), em muitos casos só o fato de receber a visita de um agente bastava para dissuadir qualquer um que houvesse cometido uma indiscrição ou agido de modos suspeito.

Mas se essas pessoas fossem verdadeiras ameaças os agentes faziam seu trabalho, caso a ameaça não fosse mortal essa pessoas eram interrogadas e os agentes sabiam que medidas adotar.

A verdadeira ameaça vinha de quem não estava nas listas de “prováveis suspeitos” da divisão de inteligência do Serviço Secreto. Havia a possibilidade de dissuadi-los com espetaculares demonstrações de força. Porém, essas demonstrações eram caras, aparatosas e impopulares, além disso... não esqueceu do atentado que aconteceu meses depois que Cathy Ryan se livrassem por puro milagre.

“Toda uma equipe”, pensou Marcella. Foi um caso que passou a ser matéria de estudo na Academia do Serviço Secreto em Beltsville. A casa dos Ryan foi utilizada para uma reconstrução filmada do evento. Chuck Avery (um bom inspetor do Serviço Secreto, com muita experiência) e toda sua equipe foram eliminados. Ela era uma novata e viu a análise filmada do que aconteceu de errado. Estremeceu ao pensar com que facilidade aquela equipe cometeu um pequeno erro, que unido a desgraça e ao acaso...

— Imagino no que você está pensando.

Marcella se voltou e o viu. Don havia saído para tomar um pouco de ar com um copo de café. Outro agente ficou vigiando lá dentro.

— Conhecia o Inspetor Avery?

— Ele fez o curso dois anos antes de mim na academia. Era inteligente, prudente e um atirador fantástico. Abateu um dos terroristas do atentado, na escuridão e a mais de trinta metros de distância. Dos

balaios no peito. Não se pode cometer pequenos erros nesse trabalho, Marcella.

A agente sentiu o impulso de segurara a pistola, só para ter certeza que estava armada, de que estava em condições de cumprir com seu dever.

Era difícil não pensar de como era maravilhoso ser criança. E que, acreditava fielmente nisso, o seu último ato consciente nesse planeta seria esvaziar um carregador na cara de agressor.

— CHOCALHO é uma linda menina, Don.

— Poucas vezes vi uma menina que fosse feia — falou Russell.

Num momentos como aquele parecia obrigatório dizer: “Não se preocupe.

Cuidaremos muito bem dela”. Porém não o disseram nem pensaram isso. Em vez disso, olharam ao redor, haviam as árvores e havia o armazém do outro lado da autoestrada “Ritchie”, perguntaram o que poderiam ter esquecido de considerar, e quanto gastariam instalando câmeras de vigilância.

George Winston estava acostumado que fossem recebê-lo. Esse era é o maior dos privilégios de todo alto cargo. Descia de um avião (porque viajava sempre de avião) e havia alguém para recebê-lo e acompanhá-lo ao carro. O motorista conhecia sempre o caminho mais curto.

Usando desse privilégio ele não tinha de alugar um carro na locadora, ter que interpretar os pequenos e inúteis mapas de estrada e, sobre tudo, o inconveniente de se perder. Saía muito caro, porém merecia isso. Seu tempo era precioso. Tinha um tempo limitado e muitas coisas para fazer em tão pouco tempo disponível.

O metro parou na linha 6 da estação Union. Havia lido um pouco, e inclusive tirou uma boa soneca entre Trenton e Baltimore. Era uma pena que as ferrovias não ganhassem dinheiro com o transporte de passageiros. Claro que não tinha que comprar espaço aéreo para voar, entretanto para construir as linha férreas é necessário comprar muitos metros quadrados que custava os olhos da cara. Ele pegou o casaco e pasta, deu uma boa gorjeta para o comissário que servia os passageiros da primeira classe e se dirigiu para a porta.

— Senhor Winston? — perguntou um agente do Serviço Secreto.

— Sim.

O agente lhe mostrou uma carteira com a identificação do Serviço Secreto.

Winston reparou que ele tinha um parceiro, que havia ficado a uns passos de distância com o paletó desabotoado.

— Siga-me, por favor, senhor.

Foram os três pela plataforma, parecendo confundindo-se com aqueles grupos de empresários que se dirigiam a reuniões importantes.

Havia muitos dossiês como aquele, tão volumosos que tinham que ter os dados resumidos para não exceder a capacidade dos fichários. O papel continuava sendo o protagonista dos arquivos, porque era difícil conseguir um ordenador que funciona se bem em sua língua. Mas a consulta de arquivos convencionais não era tão lenta nem complicada como parecia.

A cobertura dos próprios meios de comunicação permitiria confirmar ou modificar os dados que tinham. Além disso poderia fazer outras comprovações, com apenas alguns passeios de carro por alguns lugares ou vigiar determinadas ruas. carro passar uma ou duas vezes por alguns lugares, ou observar certas estradas. Isso impunha um risco pequeno. Ainda que cuidadoso e hábil, o Serviço Secreto americano não era onipotente. Esse presidente tinha família, esposa que trabalhava, crianças que iam à escola; e o próprio Ryan tinha uma rotina que precisava manter. Em sua casa oficial eles estariam seguros — razoavelmente seguros, porque não havia nenhum lugar realmente seguro — mas essa segurança não os seguiria para toda parte.

Acima de tudo, era uma questão de financiamento e planejamento. Ele precisava de um patrocinador.

— De quantos precisa? — perguntou o comerciante.

— Quantos você tem? — replicou o possível comprador.

— Posso conseguir oito, com toda certeza. Talvez cem — pensou o comerciante em voz alta e tomou um gole de cerveja.

— Para quando?

— Uma semana será suficiente. — Estavam em Nairobi, capital do Quênia, e um centro importante desse tipo específico de negócios. — Pesquisa biológica?

— Sim. Os cientistas do meu cliente estão desenvolvendo um projeto muito interessante.

— E que projeto é esse? — quis saber o comerciante.

— Não estou autorizado a revelar. — Foi uma resposta esperada. Ele também não poderia dizer quem era o cliente. O comerciante não esboçou nenhuma reação. Na verdade, não se importava com quem fazia negócios. Sua curiosidade era humana, não profissional. — Se os seus serviços forem satisfatórios, podemos voltar para adquirir mais.

A promessa usual. O comerciante assentiu e iniciou a barganha.

— Você precisa compreender que terei gastos. Preciso reunir meu pessoal.

Eles precisam encontrar uma população pequena das criaturas que você quer.

Há os problemas de captura e transporte, licenças de exportação, as dificuldades burocráticas de praxe.

Ou seja, subornos. O comércio de macacos verdes africanos florescera nos últimos anos. Algumas companhias usavam-nos para fins experimentais. Isso geralmente era ruim para os macacos, mas havia muitos deles. O macaco verde africano não estava nem de perto ameaçado de extinção, e mesmo se estivesse, não teria feito diferença para o comerciante. Os animais eram um recurso nacional de seu país, assim como o petróleo era para os árabes, e, como tal, podia ser trocado por unidades monetárias. Ele não nutria nenhum sentimento por macacos. Eram geralmente criaturas desagradáveis que mordiam e cuspiam nas pessoas, embora parecessem bonitinhos para os turistas. Eles também comiam as colheitas de diversos pequenos fazendeiros no país e eram odiados por esse motivo.

— Não estamos preocupados com esses problemas. Nossa preocupação é com a rapidez. Verá que estamos dispostos a recompensá-lo regamente em troca de serviço confiável.

— Ah! — O comerciante terminou sua cerveja e, levantando a mão, estalou os dedos para pedir outra. Ele disse seu preço. A quantia incluiu sua comissão, o pagamento aos caçadores, ao pessoal da alfândega, a um ou dois policiais, e a um burocrata governamental de nível médio, o que em termos da economia local era justo, muito justo.

— Fechado — disse o comprador antes mesmo de tomar um único gole de seu refrigerante.

O comerciante ficou quase decepcionado. Gostava de barganhar, o que era habitual no mercado africano. Ele nem havia começado a expor a dificuldade envolvida nesse tipo de negócio.

— Foi um prazer fazer negócios com o senhor. Ligue-me daqui a... cinco dias?

O comprador assentiu. Tomou seu refrigerante e se levantou. Dez minutos depois, deu um telefonema, a terceira comunicação idêntica que fazia para a embaixada naquele dia. E todas com o mesmo propósito. E embora não soubesse disso, estava havendo outros telefonemas iguais em Uganda, Zaire, Tanzânia e Mali.

Jack lembrou a primeira vez que estivera no Salão Oval, a forma como era necessário virar à esquerda para a sala do secretariado e dali para a direita, através de uma porta retorcida numa parede curva, muito no estilo de um palácio do século XVIII, o que a Casa Branca era de fato, ainda que modesto no contexto dos tempos. Os visitantes tendiam a notar primeiro as janelas, principalmente nos dias ensolarados. A espessura do vidro conferia-lhes um tom esverdeado, como as paredes de um aquário

fabricado para um peixe muito especial. Em seguida via-se a enorme mesa de madeira. Era sempre intimidante, especialmente quando o presidente estava sentado atrás dela, esperando por você. O que era bom, pensou Ryan. Isso facilitaria ainda mais o que precisava fazer.

— George — cumprimentou Ryan, estendendo a mão.

— Sr. Presidente — respondeu Winston, afável, ignorando os dois agentes do Serviço Secreto parados atrás dele, prontos para imobilizá-lo se fizesse algum movimento brusco. O visitante podia sentir os olhos dos agentes em sua nuca, como se fossem feixes de raio laser. Mesmo assim, apertou a mão de Ryan e abriu um sorriso torto. Winston não conhecia Ryan intimamente. Os dois tinham se afinado ao trabalharem juntos durante o conflito com o Japão. Antes disso, haviam se esbarrado em algumas reuniões sociais, conhecia o trabalho de Ryan no mercado, que considerava discreto mas eficaz. Todo aquele tempo no ramo da inteligência não fora desperdiçado.

— Sente-se — convidou Jack, gesticulando para um dos sofás. — Relaxe.

Como foi a viagem?

— O de sempre.

Um taifeiro da Marinha surgiu aparentemente do nada e serviu duas xícaras de café, porque a hora do dia era propícia. O café, logo descobriu, era excelente, e a xícara era de porcelana requintada, com borda folheada a ouro.

— Preciso de você — disse Ryan.

— Senhor, entenda, aconteceram muitos danos à minha...

— Nação.

— Nunca quis trabalhar para o governo, Jack — replicou imediatamente Winston, com palavras apressadas.

Ryan nem chegou a tocar sua xícara.

— Por que acha que eu quero? George, já passei por isso, certo? Mais de uma vez. Preciso organizar uma equipe. Farei um discurso esta noite. Acho que você vai gostar do que direi. Preciso de alguém para cuidar do Tesouro. Está tudo certo com Defesa, por enquanto. Estado está em boas mãos com Adler.

Tesouro encabeça a minha lista de secretarias que preciso preencher com gente nova. Preciso de alguém bom. E você. Está limpo na praça? — perguntou Ryan, abruptamente.

— Quê? Claro que sim! Fiz todo meu dinheiro dentro das regras. Todo mundo sabe disso — disse Winston indignado, até perceber que era exatamente essa a reação esperada dele.

— Bom. Preciso de alguém que tenha a confiança da comunidade financeira.

Você tem. Preciso de alguém que saiba como o sistema realmente funciona.

Você sabe. Preciso de alguém que saiba o que está quebrado e precisa de conserto, e o que não está e não precisa. Você sabe. Preciso de alguém que não seja político. Você não é. Preciso de um profissional imparcial. E, acima de tudo, George, preciso de alguém que irá odiar seu trabalho tanto quanto eu odeio o meu.

— Que quer dizer exatamente com isso, presidente?

Ryan recostou-se na poltrona por um segundo e fechou os olhos antes de prosseguir.

— Comecei a trabalhar no governo aos 31 anos. Saí uma vez, e fiquei em Wall Street durante algum tempo, mas fui sugado de novo e aqui estou. — Abriu os olhos. — Desde que comecei na Agência, tive de observar como as coisas funcionam dentro do governo, e sabe de uma coisa? Jamais gostei. Comecei em Wall Street e fiz meu trabalho muito bem. Achava que me tornaria um acadêmico quando me aposentasse. A História foi meu primeiro amor, e pensei que meu futuro era ensinar, estudar e escrever; descobrir como as coisas funcionam e passar meu conhecimento para frente. Quase fiz isso, e talvez as coisas não tenham funcionado exatamente como eu queria, mas estudei e aprendi muito. Pretendo usar esse conhecimento, George. Quero reunir um time.

— Para fazer o quê?

— Seu trabalho é limpar o Tesouro. Você terá autoridade financeira e fiscal.

— Quer dizer...

— Sim.

— Sem babaquices políticas? — Ele tinha de perguntar.

— Entenda, George, não sei como ser político, e não tenho tempo para aprender. Nunca apreciei o jogo. Jamais gostei da maioria das pessoas nele.

Simplesmente tentava servir ao meu país da melhor forma que podia. Algumas vezes deu certo, outras não. Eu não tinha escolha. Você lembra como começou.

Tentaram matar a mim e à minha família. Eu não quis ser sugado, mas aprendi que alguém precisava tentar fazer o trabalho. Não quero mais trabalhar sozinho, George, e não vou preencher todos os postos vagos com caça-votos que sabem como fazer o sistema funcionar, está entendendo? Quero pessoas com ideias, não políticos com interesses pessoais.

Winston conseguiu pousar a xícara sem fazer o pires repicar. Ficou um pouco surpreso ao perceber que suas mãos não tremiam. O que Ryan propunha era um trabalho bem mais amplo do que aquele que Winston pretendia recusar. Aquilo teria implicações profundas. Ele perderia todos os amigos — bem, não realmente, mas não iria tomar decisões executivas tendo por base as contribuições para campanhas eleitorais que Wall Street daria ao presidente como agradecimento pelas coisas boas que o Tesouro fizesse pela Bolsa. Essa era a forma como o jogo sempre era jogado, e embora nunca tivesse sido um jogador, já conversara muito com aqueles que trabalhavam no governo da mesma velha forma.

— Merda — sussurrou, meio para si mesmo. — Está falando sério, não está?

Como fundador do Columbus Group, Winston assumira uma função tão básica que poucos lembravam que ela existia. Literalmente milhões de pessoas, direta ou indiretamente, confiavam-lhe seu dinheiro, o que lhe conferia o poder teórico de ser um ladrão em escala cósmica. Mas ele não poderia roubar. Em primeiro lugar, era ilegal, e ele correria o risco de acabar numa penitenciária com vizinhos desagradáveis. Mas essa não era a razão que impedia Winston de roubar. A razão era que havia pessoas lá fora, que confiavam que ele seria honesto e esperto. Assim, tratava o dinheiro das pessoas da mesma forma como tratava o seu, ou talvez um pouco melhor, porque elas não podiam correr os mesmos riscos que um milionário. Vez por outra Winston recebia uma carta encantadora de alguma viúva, e isso fortalecia suas intenções, mas o verdadeiro estímulo vinha de dentro. Uma pessoa tem honra ou não tem, e a honra, algum roteirista de cinema dissera certa vez, era o presente de um homem para si mesmo. Não era um aforismo ruim, considerou Winston. E o que fazia também era lucrativo, claro. Quando você faz seu trabalho da forma certa, as chances são de que as pessoas irão recompensá-lo. Mas jogar era realmente o que o deixava realizado. O dinheiro era apenas um resultado de alguma coisa mais importante, porque dinheiro era transitório. A honra não.

— Autoridade sobre os impostos? — perguntou Winston.

— Precisamos primeiro reconstituir o Congresso, lembra? — comentou Ryan.

— Mas, sim, você terá.

Winston suspirou longamente.

— Vai ser um trabalhão, Ryan.

— Está dizendo isso pra mim? — disse o presidente, uma expressão cansada no rosto.

— Não vou ganhar amigos com isso.

— Você também se tornará chefe do Serviço Secreto. Eles irão protegê-lo, não irão, Andréa?

A agente Price não estava acostumada a ser envolvida nessas conversas, mas percebeu que teria de se acostumar.

— É... sim, presidente.

— As coisas estão muito ineficazes — observou Winston.

— Então conserte-as — disse Ryan.

— Vai ser difícil.

— Compre um esfregão. Quero que deixe o Tesouro limpo e funcional.

Quero que o dirija como se quisesse que ele venha a dar lucro algum dia. Para a Defesa, vou querer a mesma coisa. O maior problema da Defesa é administrativo. Preciso de alguém que seja capaz de extirpar a burocracia. Esse é o maior problema, em todas as agências.

— Conhece Tony Bretano?

— O cara da TRW? Ele dirige a divisão de satélites lá... — Ryan lembrou de seu nome como um ex-candidato para um alto cargo do Pentágono, oferta que recusara. Muita gente boa declinava de ofertas desse tipo. Esse era o paradigma que ele precisava quebrar.

— A Lockheed-Martin vai roubá-lo numa questão de semanas, pelo menos foi isso que minhas fontes disseram. Ele aumentou a renda da TRW em cinquenta por cento em apenas dois anos, o que não é nada mau para um engenheiro que não precisava entender muita coisa de administração. Jogamos golfe de vez em quando. Devia ouvi-lo se queixar sobre os negócios que faz com o governo.

— Diga-lhe que quero vê-lo.

— A diretoria da Lockheed vai dar-lhe carta branca para...

— Minha ideia é justamente essa, George.

— Qual é o meu trabalho? Quero dizer, o que você quer que eu faça? A regra é...

— Eu sei. Você será secretário interino até juntarmos todas as peças de novo. Winston assentiu.

— Certo. Preciso trazer algumas pessoas comigo.

— Não vou dizer a você como deverá trabalhar. Nem mesmo vou lhe dizer todas as coisas que terá de fazer. Apenas quero que seja feito, George. Você só terá de me contar com antecedência. Não quero saber de nada pelos jornais.

— Quando começo?

— O escritório está vazio — disse Ryan. Ainda havia um empecilho.

— Antes preciso conversar com minha família.

— Sabe, George, esses escritórios do governo têm telefones e tudo mais que você precisar. — Jack fez uma pausa. — George, sei o que você é. Entendo o que faz. Eu poderia ter me tornado a mesma coisa, mas nunca achei fazer dinheiro... satisfatório. Reconheço que administrar dinheiro é um trabalho importante. Pessoalmente, não gosto disso, mas também nunca quis ser médico. Cada cabeça, uma sentença, eu sei. Mas sei que quando bebe com amigos você vive falando sobre como esta cidade é um grande monte de merda. Esta é a sua chance. Nunca haverá outra, George. Ninguém mais terá a oportunidade de ser secretário do Tesouro sem estar preso a considerações políticas. Jamais. Você não pode recusar, porque jamais irá perdoar a si mesmo.

Winston se perguntou como alguém podia se sentir tão acuado numa sala com paredes curvas.

— Está aprendendo a ser político, Jack.

— Andréa, você tem um novo patrão — disse o presidente à sua agente principal. Da sua parte, a agente especial Andréa Price decidiu que Callie Weston talvez estivesse errada.

A notícia de que haveria um pronunciamento do presidente naquela noite perturbou uma agenda planejada com esmero, mas apenas por um dia. Mais preocupante era a coordenação desse evento com outro. Como em qualquer campo, um bom senso de tempo era tudo em política, e eles haviam passado uma semana trabalhando no plano. Ao contrário do que se pensa, a política não é uma ciência exata. A maior parte do que fizeram foi baseada em especulações, mas todos eles tinham feito especulações antes, e eram bons nisso, do contrário Edward J. Kealty não teria chegado até onde estava. Porém, como os

jogadores compulsivos, eles nunca confiavam realmente na mesa ou nos outros jogadores, e cada decisão era cercada de dúvidas.

Desta vez tinham até mesmo meditado sobre certo e errado — não o certo e errado de uma decisão política, o cálculo de quem deveria ser agradado ou ofendido, mas se a ação que estavam contemplando era objetivamente correta — honesta, moral!—, e esse foi um momento raro para aqueles consultores políticos veteranos. Claro que o fato de Kealty ter mentido para eles ajudou muito. Eles sabiam que tinham ouvido mentiras. Sabiam que ele sabia que eles sabiam que ele mentira para eles, mas essa era uma parte implícita do exercício. Outra atitude teria violado as regras do jogo. Eles seriam protegidos enquanto não traíssem seu chefe, e ser protegido de conhecimentos adversos fazia parte do pacto.

— Então você nunca renunciou realmente, Ed? — perguntou seu chefe de pessoal. Ele queria que a mentira ficasse clara, para que pudesse dizer a todos que, até onde era de seu conhecimento, aquela era a Verdade Divina.

— Ainda tenho a carta — disse o ex-senador e ex-vice-presidente, dando um tapinha no bolso do terno. — Brett e eu conversamos e decidimos como deveria ser o texto da carta, e a que eu tinha comigo não estava completamente certa.

Eu ia voltar no dia seguinte com uma nova carta e entregá-la discretamente.

Mas quem poderia imaginar...?

— Você poderia simplesmente... bem, esquecer isso.

Esta parte da dança tinha de ser realizada de acordo com a música.

— Bem que gostaria de poder — disse Kealty depois de uma pausa sincera, seguida por um tom de voz preocupado e apaixonado. Era bom treinar isso. — Mas, meu Deus, vejam só o estado do nosso país! Ryan não é mau sujeito. Eu o conheço há anos. Mas ele não sabe droga nenhuma sobre como governar um país.

— Não há nenhuma lei sobre isso, Ed. Nenhuma. Nenhuma orientação constitucional, e mesmo se houvesse, nenhuma Corte Suprema para interpretá-la. — O comentário veio do consultor jurídico de Kealty, anteriormente seu adido legislativo sênior. — E estritamente político. Não vai soar bem — precisou dizer em seguida. — Não quero olhar...

— A questão é justamente essa — comentou o chefe de pessoal. — Estamos fazendo isto por motivos apolíticos, para atender aos interesses do país. Ed sabe que está cometendo suicídio político. — Para ser seguido por uma ressurreição instantânea e gloriosa, ao vivo pela CNN.

Kealty levantou e começou a andar pela sala, gesticulando enquanto falava.

— Tire a política desta história, merda! O governo foi destruído Quem irá reconstruí-lo? Ryan é um maldito agente da CIA. Ele não sabe nada sobre operações governamentais. Precisamos indicar uma Corte Suprema e realizar várias manobras políticas. Temos de reconstruir o Congresso. O país precisa de liderança. E ele não tem a menor ideia de como fazer isso. Eu posso estar cavando minha própria sepultura política, mas alguém precisa dar um passo à frente e proteger o país!

Ninguém riu. O estranho é que nenhum deles sentiu vontade. Os dois assessores, que estavam com ele havia vinte anos ou mais, ouviam essas mesmas balelas políticas fazia tanto tempo que passaram a aceitá-las. Esse teatrinho era necessário como a passagem do coro nas peças de Sófocles, ou a invocação da Musa de Homero. A poética da política precisava ser observada.

A parte mais importante de seu argumento seria o país, suas necessidades, e o compromisso de Ed para com a nação há uma geração e meia. Ed estava no governo havia muito tempo e sabia como o sistema funcionava, e quando tudo ruía daquele jeito, só uma pessoa como ele poderia salvá-lo. O governo a o país, afinal de contas. Ele dedicara toda sua vida profissional a essa proposição.

Eles realmente acreditavam em tudo aquilo. Como os dois assessores, Kealty aceitava com naturalidade as balelas que dizia. Era impossível dizer o quanto ele estava reagindo à sua própria

ambição, porque a crença se torna fato depois de uma vida inteira de pregação. Vez por outra, o país dava sinais de estar se afastando dessas crenças, mas como um evangelista não tinha escolha senão arrebanhar as pessoas de volta à Fé Verdadeira, Kealty tinha o dever de conduzir o país de volta às suas raízes filosóficas, raízes às quais se devotara durante seus cinco mandatos no Senado e um período curto como vice-presidente. Ele foi chamado de Consciência do Senado durante mais de 15

anos. Esse título lhe foi conferido pela imprensa, que o amava por suas visões, fé e família política.

Ed poderia consultar a imprensa sobre seu plano, como fizera com frequência no passado, expondo-lhes uma lei ou uma emenda, pedindo suas opiniões — a imprensa amava quem pedia sua opinião sobre alguma coisa —, ou simplesmente garantindo que eles comparecessem a todas as festas certas. Mas não neste caso. Não podia fazer isso. Ele tinha planos de agir dentro das normas. Não podia correr o risco de parecer estar negociando favores, enquanto que, evitando deliberadamente essa manobra, estaria conferindo a patina da legitimidade às suas ações. Magnanimidade. Essa era a imagem que precisava projetar. Pela primeira vez na vida esqueceria todo o bordado político e, assim fazendo, começaria a fiar um novo segmento. O único problema agora era encontrar o momento certo para agir. E nisso seus contatos na mídia seriam úteis.

— A que horas vai ser? — perguntou Ryan.

— Às vinte e trinta, horário da Costa Leste — respondeu van Damm. — Esta noite haverá alguns programas especiais, e eles nos pediram para perturbar a programação o menos possível.

Ryan poderia ter resmungado alguma coisa, mas não fez. De qualquer modo, os pensamentos transpareciam em seu rosto.

— Isso significa que boa parte das pessoas da Costa Leste irá ouvi-lo nos rádios de seus carros — explicou Arnie. — Temos todas as cinco redes, mais a CNN e a C-SPAN.

Eles não são obrigados, você sabe. É uma cortesia. Eles exibem aquele cartão para discursos políticos...

— Droga, Arnie, isto não é político, é...

— Sr. Presidente, comece a se acostumar com a palavra, certo? Cada vez que abrir a boca, estará sendo político. Não há como fugir disso. Mesmo a ausência de política é um ato político.

Arnie estava dando duro para educar seu patrão. Ryan dava ouvidos ao que ele dizia, mas nem sempre concordava com tudo.

— Certo. O FBI disse que posso falar tudo isto?

— Conversei com Murray há vinte minutos. Por ele, tudo bem. Mandei Callie incorporar aquilo no discurso. Ela deve estar trabalhando neste exato momento.

Ela podia ter um escritório melhor. Na condição de principal redatora presidencial, podia pedir um computador de gabinete de ouro numa mesa de mármore Carrara... e conseguir. Em vez disso usava um Apple Macintosh Classic de dez anos de idade, simplesmente porque dava-lhe sorte e ela não se importava com a tela pequena. Seu escritório provavelmente já fora um armário ou uma despensa, na época em que a Sala do Tratado realmente era usada para tratados com índios. A mesa fora fabricada numa prisão federal, e a cadeira, apesar de confortável, tinha trinta anos de idade. A sala possuía teto alto, o que permitia que ela fumasse ali dentro, numa violação às leis federais e ao regulamento interno da Casa Branca. Mas, no seu caso, essas regras não se aplicavam. A última vez que alguém havia tentado peitar Callie Weston, um agente do Serviço Secreto tivera de segurá-la para não arrancar os olhos do infeliz. O fato de não ter sido despedida imediatamente fora um aviso a todos os funcionários do Antigo Prédio Executivo. Algumas pessoas do staff presidencial não podiam ser tocadas. Callie Weston era uma delas. Não havia janelas em sua sala. Ela simplesmente não queria nenhuma. Para Callie, a realidade era seu computador e as fotografias nas paredes. Uma era de seu cão, uma velho cão pastor chamado Holmes

(Oliver Wendell, não Sherlock; ela admirava a prosa do Tanque do Olimpo, um título que ela concedia a poucos).

As outras fotos eram de figuras políticas, amigos e inimigos. Ela estudava-os com frequência. Às suas costas havia um pequeno televisor e um videocassete, o primeiro usado para sintonizar na C-SPAN I e 2 ou na CNN, e o segundo para rever fitas de discursos escritos por outros e declamados em todas as espécies de lugares. O discurso político, acreditava, era a forma mais elevada de comunicação. Para transmitir uma ideia, Shakespeare precisava de duas ou três horas. Hollywood usava aproximadamente o mesmo tempo para tentar o mesmo. Ela não. Ela dispunha de 15 minutos no mínimo, 45 no máximo, e as ideias precisavam ser cristalinas. Precisavam ser compreendidas pelo cidadão comum, o político veterano e jornalista mais cínico. Callie estudava o orador, assim como estava estudando Ryan agora, assistindo repetidas vezes as poucas palavras que dissera na noite de sua ascensão, os comunicados na TV na manhã seguinte. Observou seus olhos e gestos, sua tensão e intensidade, postura e linguagem corporal. Gostou do que viu, no sentido abstrato. Ryan era um homem em que ela confiaria como consultor de investimentos, por exemplo.

Mas ele tinha muito a aprender como político, e alguém tinha de ensinar a ele... ou talvez não? Talvez... não sendo um político... ganhando ou perdendo, seria divertido. Pela primeira vez, diversão sim, trabalho não.

Ninguém gostava de admitir, mas ela era uma das pessoas mais perceptivas trabalhando ali dentro. Fowler soubera disso, e Durling também, e assim tinham suportado suas excentricidades. Os assessores políticos mais antigos odiavam-na, tratavam-na como uma funcionária útil, porém menor, e se mordiam com a forma como ela podia atravessar a rua e subir direto ao Salão Oval, porque o presidente depositava nela uma confiança reservada para poucos.

Ocasionalmente isso gerava uma insinuação de que o presidente tinha uma razão especial para chamá-la e, afinal de contas, as pessoas de sua parte do país eram conhecidas como sendo um pouco liberais no que dizia respeito... Callie se perguntou se ele estava conseguindo levantá-lo ultimamente. O agente puxara suas mãos para longe da cara do merdinha, mas lento demais para conter seu joelho. O incidente nem chegara aos jornais. Arnie explicara-lhe que um retorno ao Centro do Poder seria retardado por uma acusação de conduta sexual imprópria — e então deu-lhe um chute no rabo. Ela gostava de Arnie.

Ela também gostou do discurso. Acabara-o em quatro horas, em vez das três que prometera, esforço demais para um texto que duraria vinte minutos e trinta segundos — ela tendia a escrevê-los um pouco mais curtos porque os presidentes tinham uma forma lenta de falar. A maioria era assim. Ryan teria de aprender isso. Digitou CONTROL P para imprimir o discurso em caracteres Helvética de 14 pontos, três cópias. Alguns merdinhos políticos leriam seu texto e tentariam fazer correções. Ultimamente isso não era mais tão problemático. Quando a impressora parou, ela grampeou as páginas e pegou o telefone. O botão de discagem rápida no topo do teclado fazia conexão direta com a mesa apropriada do outro lado da rua.

— Weston para ver o Patrão — disse à secretária de compromissos.

— Venha imediatamente.

E assim tudo estava correndo como deveria.

Deus não ouviu as preces da freira, observou Moudi. Bem, as chances estavam contra ela. Combinar sua fé islâmica com conhecimento científico era um problema que o doutor compartilhava com seus colegas cristãos e pagãos — o Congo vinha sendo exposto ao cristianismo havia mais de cem anos, mas as crenças primitivas ainda prosperavam, e isso facilitava para Moudi desprezá-los. Era a velha questão, se Deus era um Deus de misericórdia, então por que acontecem injustiças? Essa teria sido uma boa pergunta para fazer ao seu imã, mas por enquanto bastava o fato de que coisas assim acontecem, até mesmo para os justos.

Elas se chamavam petéquias, um nome científico para manchas de sangramento subcutâneo, que sobressaíam em sua pele alva. Felizmente, freiras não se olhavam em espelhos — isso era considerado um ato de vaidade em seu universo religioso, e mais uma coisa para Moudi admirar, embora não entendesse completamente essa fixação especial. Era melhor que ela não visse as manchas vermelhas em seu rosto. Eram repugnantes por si mesmas, mas, pior que isso, eram arautos da morte.

Ela estava agora com 40,2 de febre, e a temperatura subiria ainda mais apesar do gelo em suas axilas e nuca. Os olhos estavam letárgicos, o corpo flácido com a fadiga. Aqueles eram sintomas de muitos males, mas as petéquias diziam-lhe que ela estava com hemorragia interna. O Ebola era uma febre hemorrágica que pertencia a uma classe de doenças que rompiam os tecidos a um nível básico, permitindo o sangue escapar para qualquer lugar dentro do corpo, o que poderia conduzir apenas a um colapso cardíaco devido ao volume insuficiente de sangue nas veias; esse era o mecanismo assassino, embora a forma como isso acontecia ainda fosse uma questão a ser respondida pelo mundo médico. Agora não havia como deter o Ebola. Cerca de 20% das vítimas sobreviviam; de algum modo, seus sistemas imunológicos conseguiam derrotar o vírus invasor — como isso acontecia era outra pergunta sem resposta. Se aconteceria neste caso era uma pergunta já formulada e respondida.

Tomou o pulso da freira, e mesmo através das luvas, sentiu a pele quente, seca e... folgada. Estava começando a acontecer. O termo técnico era necrose sistêmica. O corpo á estava começando a morrer. O fígado provavelmente morreria em primeiro lugar. Por algum motivo — não compreendido — o Ebola tinha uma afinidade letal por esse órgão. Mesmo os sobreviventes precisavam conviver com danos aos seus fígados. Mas a mulher não viveria o bastante para morrer disso, porque todos os seus órgãos estavam morrendo, alguns mais rápido que os outros, mas todos ao mesmo tempo.

A dor era tão terrível quanto invisível. Moudi escreveu uma ordem para aumentar a dose de morfina no soro. Pelo menos eles podiam atenuar a dor, o que era bom para o paciente e uma medida de segurança para a equipe. Um paciente torturado poderia se contorcer, e isso seria um risco para todos ao redor de uma vítima com uma doença sanguínea e sofrendo sangramentos múltiplos. A irmã estava com o braço esquerdo amarrado para proteger a agulha intravenosa. Mesmo com essa precaução, a agulha intravenosa não parecia confiável no momento, mas aplicar outra seria perigoso e difícil, tão degradado estava o tecido arterial da paciente.

A irmã Maria Magdalena estava cuidando da amiga, rosto coberto, mas olhos tristes, Moudi olhou para ela e ela para ele, surpresa em ver a simpatia em seu rosto. Moudi tinha a reputação de ser frio.

— Reze com ela, irmã. Tenho assuntos a tratar.

Rápido. Saiu da sala, e, enquanto andava, despiu suas vestes protetoras e depositou-as nos recipientes apropriados. Todas as agulhas usadas neste prédio iam para recipientes especiais para serem destruídas; o descuido dos africanos resultará na primeira grande epidemia de Ebola, em 1976. Essa cepa era chamada de Ebola Mayinga, o nome de uma freira que contraíra o vírus, provavelmente por descuido. Desde então os cuidados foram intensificados, mas a África ainda era a África.

De volta ao seu escritório, ele deu outro telefonema. As coisas começariam a acontecer agora. Ele não sabia com certeza o que aconteceria, embora fosse ajudar a determinar os procedimentos. Para tal, começaria imediatamente um estudo em busca de algo inútil.

— Vou salvar você.

O comentário fez Ryan rir e Price estremecer.

Arnie virou a cabeça para fitá-la. O chefe de gabinete reparou que Callie estava vestida discretamente. Para os agentes do Serviço Secreto — que costumavam chamar os assessores de pavões, nome mais polido do que os outros que lhes atribuíam —, Callie Weston era uma exceção que confirmava a regra. Até mesmo as secretárias gastavam mais do que a redatora em roupas.

Arnie simplesmente levantou a mão e disse: — Lá vem você!

O presidente Ryan estava silenciosamente grato pelas letras grandes. Ele não teria de usar óculos, ou se humilhar pedindo a alguém que aumentasse o corpo das letras. Normalmente um leitor rápido, ele estava lendo com bastante calma esse documento.

— Pode fazer uma mudança? — disse ele depois de um momento.

— Qual é? — perguntou Weston, desconfiada.

— Temos um novo secretário do Tesouro. George Winston.

— O bilionário?

Ryan virou a primeira página.

— Bem, eu poderia ter pegado um mendigo num banco de parque, mas achei que alguém com conhecimento dos mercados financeiros seria uma boa ideia.

— Nós os chamamos de sem-teto, Jack — comentou Arnie.

— Ou poderia ter escolhido um acadêmico, mas Buzz Fiedler teria sido o único em quem eu confiaria — prosseguiu Jack. A lembrança entristeceu-o. Tipo raro de acadêmico, Fiedler, um homem que sabia o que não sabia. Droga. — Está muito bom, Sra. Weston.

Van Damm chegou à página três.

— Callie...

— Arnie, meu querido, não posso escrever sempre para o George C. Scott.

Escrevo Olivier para o Olivier, e Scott para o Scott.

Em seu coração, Callie Weston sabia que poderia entrar num voo para Hollywood, ir à Paramount, e em seis meses teria uma casa em Hollywood Hills, um Porsche com motorista, uma vaga de estacionamento em Melrose Boulevard, e aquele computador com gabinete de ouro. Mas não. O mundo inteiro poderia ser um palco, mas o personagem para o qual ela escrevia era o mais brilhante dos brilhantes. O público poderia não saber quem Callie Weston era, mas ela sabia que suas palavras mudavam o mundo.

— Então, quem sou eu, exatamente? — perguntou o presidente, levantando os olhos do texto.

— Você é diferente. Já lhe disse.

Pronunciamento

Poucas coisas na vida eram mais previsíveis, pensou Ryan. No jantar, fizera uma refeição muito leve, para evitar que a preocupação lhe causasse dores no estômago, e ignorara completamente a família enquanto lia e relia seu discurso. Tinha feito algumas mudanças a lápis, quase todas devido a pequenas divergências linguísticas. Callie não apenas não objetara contra as modificações, como também fizera novas alterações por cima das de Ryan. O discurso tinha sido transmitido eletronicamente para a sala do secretariado, perto do Salão Oval. Callie era uma escritora, não uma datilografa, e os secretários e secretárias do presidente podiam datilografar numa velocidade que deixava Ryan de queixo caído. Quando o texto final ficou completo, foi impresso para o presidente, enquanto outra versão foi enviada eletronicamente para o teleprompter. Callie Weston estava lá para garantir que ambas as versões fossem exatamente iguais. Não era raro que alguém trocasse uma pela outra no último minuto, mas Weston sabia disso e guardava seu trabalho como a dedicação de uma leoa para com seus filhotes.

Mas a parte previsivelmente terrível veio de van Damm: Jack, este é o discurso mais importante que você fará em sua vida. Simplesmente relaxe e faça.

Puxa, muito obrigado, Arnie. O chefe de gabinete era um treinador que nunca praticara realmente o jogo e, por mais especializado que fosse, simplesmente não sabia como era sair e enfrentar os lobos.

As câmeras estavam sendo montadas: uma principal e uma de reserva, sendo que a segunda quase nunca era usada, ambas com teleprompters. Os refletores ofuscantes estava m em seus lugares, e durante o período de seu discurso, o presidente ficaria silhuetado em suas janelas como um pato numa galeria de tiro; felizmente, eles tinham confiança absoluta nas janelas, que aparentemente eram capazes de suportar uma rajada de metralhadora calibre 50.

Todos os membros das equipes de TV eram conhecidos pela segurança presidencial, que, mesmo assim, checavam-nos inteiramente, junto com seus equipamentos. Todos sabiam que ia acontecer. Os programas televisivos noturnos tinham anunciado a hora do pronunciamento. Aquilo era exercício de rotina para todos, exceto para o presidente, que estava ligeiramente aterrorizado.

Ele estava esperando o telefone tocar, mas não àquela hora. Poucos tinham o número de seu celular. Era perigoso demais ter um número num telefone conectado por fio. O Mossad ainda estava no ramo de fazer pessoas desaparecer. A recém-descoberta paz no Oriente Médio não mudara isso, e eles tinham razões para não gostar dele. Haviã sido particularmente inteligentes quando mataram um colega através de seu telefone celular, primeiro desabilitando-o através de sinal eletrônico, e então entregando-lhe um substituto... com dez gramas de explosivo enfiadas dentro do plástico. A última mensagem que o homem recebera, ou pelo menos era o que dizia a história, fora do chefe do Mossad: Alô, quem está falando é Avi ben Jakob. Ouça com cuidado, amigo. Nesse momento, o judeu apertou a tecla #. Um estratagema inteligente, mas que só funcionava uma vez.

O toque do telefone fez seus olhos se abrirem com uma praga. Deitara havia apenas uma hora.

— Alô.

— Ligue para Yousif E a linha foi desligada. Como medida de segurança adicional, a chamada viera através de diversos intermediários, e a mensagem em si fora curta demais para dar uma chance aos magos

da espionagem eletrônica empregados por seus incontáveis inimigos. A média final foi ainda mais inteligente. Ele discou imediatamente outro número de celular e repetiu a mensagem que acabara de receber. Um inimigo que pudesse ter rastreado a mensagem através de frequências de celular provavelmente iria considerá-lo apenas mais um intermediário. Ou talvez não. Os jogos de segurança que um homem precisava realizar neste mundo moderno atrapalhavam tremendamente sua vida, e ele jamais podia saber o que havia funcionado e o que não — até que viesse a morrer de causas naturais, o que dificilmente valia a pena esperar.

Resmungando ainda mais, ele se levantou, vestiu-se e saiu para a rua. Seu carro estava esperando. O terceiro intermediário fora seu motorista.

Acompanhados por dois guardas, seguiram até uma casa segura num lugar seguro. Israel poderia estarem paz, e até mesmo a OLP poderia ter-se tornado parte de um regime eleito por voto direto — o mundo estava totalmente insano?

— mas Beirute ainda era um lugar onde pessoas de todas as espécies podiam operar. A casa estava exibindo o sinal apropriado — um determinado padrão de janelas acesas e apagadas —, comunicando que era seguro para ele sair do carro e entrar no prédio. Ou pelo menos era o que descobriria em mais ou menos trinta segundos. Estava sonolento demais para se importar. O medo se tornava tedioso depois de ser sentido por uma vida inteira.

Lá dentro havia uma xícara de café, forte e levemente adocicado, à sua espera sobre a mesa de madeira lustrosa. Saudações foram trocadas, assentos foram ocupados; a conversa começou.

— Está tarde.

— Meu voo atrasou — explicou o anfitrião. — Requeremos os seus serviços.

— Para que propósito?

— Podemos chamar de diplomacia — foi a resposta surpreendente. Ele começou a explicar.

— Dez minutos! — ouviu o presidente.

Mais maquiagem. Eram 20:20. Ryan estava em seu lugar. Mary Abbot aplicou os toques finais em seu cabelo, o que apenas aumentava a sensação de que Ryan era um ator em vez de um... político? Não, isso não. Ele se recusava a aceitar o rótulo, a despeito do que Arnie e os outros pudessem dizer. Através da porta à sua direita, Callie Weston estava parada ao lado da mesa da secretária.

Ela abriu um sorriso e acenou com a cabeça para mascarar sua própria insegurança. Callie escrevera uma obra-prima — sempre tinha essa impressão — que agora seria declamada por um novato. A Sra. Abbot caminhou em torno da mesa, ocultando parte dos refletores de TV para olhar para seu trabalho da perspectiva do espectador, e o achou bom. Ryan meramente ficou sentado e tentou não se mexer, sabendo que logo começaria a suar novamente sob a maquiagem, e isso faria com que se cocasse, e não podia fazer isso de jeito nenhum, porque presidentes não estremecem nem se cocam. Provavelmente havia gente lá fora que acreditava que presidentes não iam ao banheiro ou talvez nem amarrassem seus sapatos.

— Cinco minutos, senhor. Conte até cinco.

— Um, dois, três, quatro, cinco — disse Ryan obedientemente.

— Obrigado, presidente — agradeceu o diretor, da sala ao lado.

Ryan ocasionalmente pensava sobre esse tipo de coisa. Quando faziam essas declarações oficiais — tradição que remontava até FDR e suas conversas à lareira —, os presidentes sempre pareciam confiantes e à vontade, e ele sempre se perguntava como conseguiam passar essa imagem. Ryan não se sentia confiante nem à vontade. Mais uma camada de tensão para ele. As câmeras provavelmente estavam ligadas agora, de modo que o diretor pudesse ter confiança de que estavam funcionando, e em algum lugar um gravador de vídeo estava registrando a expressão em seu rosto e o modo como suas mãos mexiam com os papéis à sua frente. Ele imaginou se o Serviço Secreto tinha controle sobre essa fita, ou se confiavam que a gente de TV era honrada demais para exibir esse tipo de coisa... decerto seus

próprios âncoras ocasionalmente derrubavam xícaras de café, espirravam ou gritavam com algum assistente que fizera alguma merda um pouco antes da hora de entrar no ar... ah, sim, esses segmentos de gravação eram chamados bloopers... Ryan estava disposto a apostar, ali, naquele momento, que o Serviço tinha uma fita com erros de presidentes.

— Dois minutos.

As duas câmeras tinham teleprompters. Eram dispositivos estranhos. Havia um monitor de TV instalado debaixo de cada câmera, mas em sua telinha a imagem era exibida invertida da esquerda para a direita, porque logo acima dela ficava um espelho iluminado. A lente da câmera estava atrás do espelho, gravando através dele, enquanto nela o presidente via o texto de seu discurso refletido. Era uma sensação esquisita falar diante de uma câmera que você não podia realmente ver para milhões de pessoas que estavam realmente lá. Ele estaria, de fato, falando para seu discurso. Balançou a cabeça enquanto o discurso corria verticalmente na tela em alta velocidade, para conferir se o sistema estava funcionando.

— Um minuto. Atenção.

Certo. Ryan ajustou-se na cadeira. Ficou preocupado com a postura. Devia plantar as palmas no tampo da mesa? Devia segurar as mãos no colo?

Disseram-lhe para não se recostar na cadeira, porque isso lhe conferiria uma aparência desleixada e arrogante, mas Ryan tendia a se mexer muito, e ficar parado fazia suas costas doerem — ou era uma coisa que ele simplesmente imaginava? Era um pouco tarde para pensar nisso agora. Ele sentiu o medo, a ardência no estômago. Tentou arrotar, e então conteve o impulso.

— Quinze segundos.

O medo quase se tornou pânico. Não podia fugir agora. Precisava fazer seu trabalho. Isto era importante. As pessoas dependiam dele. Por trás de cada câmera havia um operador. Três agentes do Serviço Secreto estavam ali, cuidando dele. Havia também um diretor-assistente. Eles eram sua única plateia, mas Ryan mal podia discernir seus rostos, ocultos como estavam pelo brilho das luzes; e, de qualquer modo, eles não reagiriam. Como saber o que sua verdadeira plateia estaria pensando?

Putá merda.

Um minuto antes, âncoras das emissoras haviam aparecido no ar para dizer às pessoas o que elas já sabiam. A programação noturna da TV seria retardada um pouco para que houvesse um pronunciamento presidencial. Por todo o país, um número indeterminado de pessoas levantara seus controles para sintonizar um canal a cabo assim que viram o Grande Selo do presidente dos Estados Unidos da América. Ryan respirou fundo, premiu os lábios e olhou para a mais próxima das duas câmeras. A luz vermelha acendeu. Contou até dois e começou.

— Boa noite. Companheiros americanos, hoje venho falar com vocês sobre o que aconteceu em Washington durante a semana passada, e para contar-lhes sobre o que acontecerá nos próximos dias.

Em primeiro lugar, o FBI e o Departamento de Justiça, assistidos pelo Serviço Secreto, a Junta Nacional de Segurança nos Transportes e outras agências federais conduziram uma investigação sobre as circunstâncias que cercaram as mortes trágicas de tantos amigos nossos, com uma ajuda inestimável da polícia nacional japonesa e da Real Polícia Montada do Canadá.

Divulgaremos informações completas ainda esta noite, e elas estarão nos jornais matutinos. Por enquanto, eu lhes darei os resultados das investigações até agora.

A colisão do 747 da Japan Airlines com o Capitólio foi o ato deliberado de um único homem. Seu nome era Torajiro Sato. Sabemos que ele perdeu um irmão e um filho durante nosso conflito com seu país. Evidentemente estava desequilibrado por isto, e decidiu, sozinho, cometer um ato de vingança.

Depois de voar com sua aeronave até Vancouver, Canadá, o comandante Sato falsificou uma ordem de voo para Londres, pretensamente para substituir uma aeronave inoperante pela sua. Antes da decolagem, o comandante Sato matou a sangue-frio seu copiloto, um homem com quem trabalhava havia anos.

Em seguida, prosseguiu em sua vingança inteiramente sozinho, o tempo todo com um morto amarrado

na poltrona ao lado.

Ryan fez uma pausa, os olhos acompanhando as palavras no espelho. Teve a impressão de estar mastigando algodão ao ver uma mensagem no teleprompter para que ele virasse a página.

Certo, como podemos ter certeza disso?

Primeiro, as identidades do comandante Sato e de seu copiloto foram verificadas pelo FBI, através de exames de DNA. Testes separados conduzidos pela polícia nacional japonesa alcançaram resultados idênticos. Um laboratório independente checkou esses testes com os seus, e novamente os resultados foram os mesmos. A possibilidade de um erro nesses testes é virtualmente zero.

Os outros membros da tripulação que permaneceram em Vancouver foram entrevistados pelo FBI e pela Real Polícia Montada do Canadá, e estão certos de que o comandante Sato estava a bordo da aeronave. Recebemos relatórios similares dos oficiais do Ministério do Transporte do Canadá e de passageiros americanos no voo — mais de cinquenta pessoas identificaram-no positivamente. Temos as impressões digitais do comandante Sato no plano de voo falsificado. A análise de impressão vocal nas fitas da cabine de comando também confirmou a identidade do piloto. Portanto, não há dúvida sobre a identidade da tripulação na aeronave.

Segundo, as fitas da cabine de comando do avião nos deram o momento exato do primeiro assassinato cometido pelo comandante Sato. Temos até mesmo a voz do comandante Sato gravada, desculpando-se ao homem que matou. Depois desse momento, a única voz nas fitas é a do piloto. As fitas na cabine de comando foram conferidas com outras gravações da voz do comandante Sato, e também estabeleceram positivamente sua identidade.

Terceiro, os testes forenses provaram que o copiloto estava morto pelo menos quatro horas antes da queda. Esse pobre homem foi morto com uma facada no coração. Também lemos motivos para acreditar que ele não teve nenhuma relação com o que aconteceu em seguida. Foi apenas a primeira vítima inocente de um ato monstruoso. Ele deixou uma esposa grávida, e eu gostaria de pedir a todos vocês que pensassem em sua perda e lembrassem dela e de seus filhos em suas orações.

A polícia japonesa cooperou inteiramente com o FBI, permitindo aos agentes acesso pleno à sua investigação e também que entrevistassem pessoalmente testemunhas e outros indivíduos. Temos agora um registro completo de tudo que o comandante Sato, durante as duas últimas semanas de sua vida, onde ele comeu, quando dormiu, com quem falou. Não encontramos nenhum indício de uma conspiração criminosa, ou que os atos desse homem enlouquecido tenham pertencido a um plano maior da parte de seu governo ou de qualquer outra pessoa ou organização. Essas investigações prosseguirão até que cada pedra tenha sido virada, até que cada possibilidade, ainda que remota, tenha sido completamente checkada. Porém, as informações que temos neste momento seriam mais do que suficientes para convencer um júri, e é por causa disso que estou podendo apresentá-las a vocês.

Jack fez uma pausa, permitindo-se inclinar alguns centímetros para frente.

— Senhoras e senhores, o conflito entre nosso país e o Japão terminou.

Aqueles que o causaram enfrentarão a justiça. O primeiro-ministro Koga assegurou-me isso pessoalmente.

O Sr. Koga é um homem de honra e coragem. Posso agora dizer a vocês pela primeira vez que ele foi sequestrado e quase assassinado pelos mesmos criminosos que começaram o conflito entre seu país e o nosso. Ele foi resgatado de seus sequestradores por americanos, auxiliados por oficiais japoneses, numa operação especial no centro de Tóquio, e depois de seu resgate ele correu um grande risco pessoal para trazer um fim precoce ao conflito, e para salvar seu país e o nosso de mais danos. Sem o seu trabalho, muitas outras vidas teriam sido perdidas, em ambos os lados, lenho o orgulho de chamar Minoru Koga de amigo.

Há apenas alguns dias, minutos depois de chegar ao nosso país, o primeiro-ministro e eu nos encontramos secretamente, bem aqui no Salão Oval. Daqui fomos até o Capitólio, e lá rezamos juntos.

Esse foi um momento que jamais esquecerei.

Eu também estava no Capitólio no momento da queda do avião. Eu estava no túnel entre a Casa Branca e o Capitólio, com minha mulher e filhos. Vi uma parede de chamas correr em nossa direção, parei e recuei. Provavelmente jamais esquecerei dos acontecimentos daquela noite. Gostaria de poder. Mas tenho contido essas lembranças da melhor forma que posso.

A paz entre os EUA e o Japão está completamente restaurada. Não temos, nem jamais tivemos, uma disputa com os cidadãos daquele país. Peço a todos vocês que ponham de lado os sentimentos negativos que possam nutrir pelos japoneses agora e nos tempos por vir.

Fez mais uma pausa e observou o texto parar de correr pela tela. Recorreu novamente à sua página impressa.

— Agora todos teremos uma grande missão à nossa frente.

Senhoras e senhores, um homem, um indivíduo perturbado e enlouquecido, pensou que podia causar um dano fatal ao nosso país. Ele estava errado. Nós enterramos nossos mortos. Lamentaremos sua perda durante muito tempo. Mas o nosso país vive, e os amigos que perdemos naquela noite horrível pensariam do mesmo modo.

Thomas Jefferson disse que a *Árvore da Liberdade* às vezes precisa de sangue para crescer. Bem, o sangue foi derramado, e agora é hora de essa árvore crescer de novo. A América é um país que olha para o futuro, não para o passado. Nenhum de nós pode mudara História. Mas podemos aprender com ela, construir a partir de nossos sucessos passados e corrigir nossos erros.

Por enquanto, posso garantir que nosso país está salvo e seguro. Nossos militares estão a serviço em todas as partes do mundo, e nossos inimigos potenciais sabem disso. Nossa economia recebeu um choque violento mas sobreviveu, e ainda é a mais forte no mundo. Esta ainda é a América. Ainda somos americanos, e nosso futuro começa com cada novo dia.

Hoje escolhi George Winston como secretário do Tesouro interino. George dirige uma grande companhia nova-iorquina de fundo mútuo que criou. Ele foi fundamental na reparação dos danos causados aos nossos mercados financeiros.

Ele é um homem que se fez a si mesmo — assim como a América é uma nação que se fez a si mesma. Em breve farei outras indicações ao gabinete, e reportarei cada uma a vocês à medida que as escolhas forem feitas.

Porém, George não poderá se tornar um secretário de gabinete pleno até que tenhamos restaurado o Senado dos Estados Unidos, cujos membros são incumbidos pela Constituição a aconselhar e consentir esse tipo de nomeação.

Selecionar novos senadores é o trabalho de governadores de diversos estados. A partir da semana que vem, os governadores escolherão indivíduos para preencher os postos deixados vagos.

Agora vinha a parte mais difícil. Ele se inclinou para a frente de novo.

— Companheiros americanos... espere, essa é uma frase da qual não gosto muito. Jamais gostei.

Jack balançou levemente a cabeça, esperando que isso não parecesse teatral.

— Meu nome é Jack Ryan. Meu pai foi tira. Comecei a servir ao governo como fuzileiro, logo depois que me graduei no Boston College. Isso não durou muito tempo. Fui ferido numa queda de helicóptero, e minhas costas não me deram sossego durante anos. Quando eu tinha 31 anos, meu caminho se cruzou com o de alguns terroristas. Todos já ouviram a história, e como ela acabou.

Mas o que vocês não sabem é que esse incidente é o motivo pelo qual voltei a servir ao governo. Apreciei minha vida até esse momento. Fiz um pouco de dinheiro como corretor da bolsa, e depois larguei tudo para me dedicar à História, meu primeiro amor. Ensinei História... eu adorava ensinar... na Academia Naval. Acho que eu teria sido feliz se ficasse lá para sempre, assim como minha esposa, Cathy, não tem paixão maior na vida do que exercer a medicina e cuidar de mim e de nossos filhos.

Teríamos permanecido felizes vivendo em nossa casa, fazendo nossos trabalhos e cuidando de nossos filhos.

Sei que teríamos.

Mas não podíamos fazer isso. Quando aqueles terroristas atacaram minha família, decidi que tinha que fazer algo para proteger minha esposa e filhos.

Aprendi logo que não éramos apenas nós a precisar de proteção, e que eu tinha talento para algumas coisas. Assim, comecei a trabalhar para o governo e deixei para trás minha paixão pelo ensino.

Sirvo ao meu país... vocês... há vários anos, mas nunca fui um político, e como falei para George Winston hoje neste escritório, não tenho tempo para aprender a me tornar um. Mas estive dentro do governo a maior parte de minha vida profissional, e aprendi um pouco sobre como o governo deve funcionar.

Senhoras e senhores, este não é o momento para fazermos as coisas habituais do modo habitual. Precisamos melhorar essas coisas. Podemos fazer melhor.

John Kennedy nos disse certa vez: Não pergunte o que seu país pode fazer por você.

Pergunte o que você pode fazer pelo seu país. Essas são palavras boas, mas nós as esquecemos. Precisamos resgatar essas palavras. Nosso país precisa de nós.

Eu preciso da ajuda de vocês para fazer meu trabalho. Vocês estão enganados se pensam que posso fazer isso sozinho. Se pensam que o governo, consertado ou não, pode tomar conta de vocês em todos os aspectos, estão errados. Não é para ser assim. Vocês, os homens e mulheres aí fora, vocês são os Estados Unidos da América. Eu trabalho para todos. Meu trabalho é preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos, e farei isso com o máximo de minhas capacidades, mas cada um de vocês também fará parte do meu gabinete.

Precisamos que nosso governo faça por nós o que não podemos fazer sozinhos, como proporcionar a defesa nacional, impor a lei, reagir aos desastres. É isso o que a Constituição diz. Esse documento, ao qual jurei proteger e defender, é um conjunto de regras escrito por um grupo pequeno de homens bastante comuns. Em sua maioria, não eram nem mesmo advogados, e ainda assim escreveram o documento político mais importante da História humana. Quero que pensem nisso. Eles eram pessoas bastante comuns que fizeram algo extraordinário. Não há nenhuma magia em estar no governo.

Preciso de um Congresso novo para trabalhar comigo. O Senado chegará primeiro, porque os governadores designarão interinos para os homens e mulheres que perdemos na semana passada. A Câmara dos Deputados, porém, sempre foi a Casa do Povo, e é dever de vocês escolher essas pessoas numa urna, exercendo seus direitos. Aqui vamos nós, Jack.

Assim, tenho um pedido a fazer a vocês e aos cinquenta governadores. Por favor, não me mandem políticos. Não temos tempo para fazer as coisas que devem ser feitas através do processo habitual. Preciso das pessoas que fazem coisas reais no mundo real. Preciso das pessoas que não querem morar em Washington. Preciso das pessoas que não tentarão manter o sistema. Preciso das pessoas que virão à custa de grande sacrifício pessoal fazer um trabalho importante, e depois retornar para casa e para suas vidas normais.

Quero engenheiros que saibam como os prédios são construídos. Quero médicos que saibam fazer bem às pessoas doentes. Quero policiais que saibam o que significa quando o direito civil de vocês é violado por um criminoso.

Quero fazendeiros que cultivem comida de verdade em fazendas de verdade.

Quero pessoas que saibam o que é sujar as mãos, pagar uma conta de hipoteca, criar crianças e se preocupar com o futuro. Quero as pessoas que saibam que estão trabalhando para vocês e não para si mesmas. É isso que eu quero. E disso que preciso. Acredito que vocês também queiram algo parecido.

Quando uma dessas pessoas chegar aqui, será dever de vocês ficar de olho nela, para garantir que

manterá sua palavra, para garantir que não trairá a confiança que depositaram nela. Este é o governo de vocês. Muitas pessoas já lhes disseram isso, mas estou sendo sincero. Digam aos seus governadores o que esperam deles quando fizerem as indicações ao Senado, e depois vocês mesmos selecionem as pessoas certas para a Câmara. Essas são as pessoas que decidem o quanto do seu dinheiro o governo deve recolher, e como ele será gasto. É o dinheiro de vocês, não o meu. É o país de vocês. Todos nós trabalhamos para vocês.

Da minha parte, escolherei as melhores pessoas que puder achar para o gabinete, pessoas que sejam boas no que fazem, pessoas que fizeram trabalho de verdade e obtiveram resultados positivos. Cada uma dessas pessoas receberá as mesmas ordens: cuidar de seu departamento, estabelecer prioridades e fazer cada agência governamental funcionar com eficácia. Essa é uma ordem importante, uma ordem que todos vocês já ouviram. Mas este presidente não concorreu numa campanha de eleição para chegar aqui.

Não tenho dívidas com ninguém, não tenho nenhuma recompensa para entregar, nenhuma promessa secreta para manter. Darei o máximo de mim para executar meus deveres. Nem sempre estarei certo, mas quando não estiver, o trabalho de vocês, e das pessoas que selecionarem para representá-los, é me dizer isso. E ouvirei a eles e a vocês.

Eu os mantereirei informados regularmente sobre a situação, e sobre como o seu governo está indo.

Quero agradecer-lhes por terem me escutado. Farei meu trabalho. Estou contando com vocês para fazerem o seu.

Obrigado e boa noite.

Jack esperou e contou até dez antes de ter certeza de que as câmeras estavam desligadas. Então, levantou o copo d água à sua frente e tentou beber dele, mas sua mão tremia tanto que quase derramou o líquido. Ryan fitou suas mãos com raiva silenciosa. Por que estavam tremendo agora? A parte tensa tinha acabado, não é mesmo?

— Ei, você não vomitou nem nada assim — disse Callie Weston, levantando bruscamente. Ela caminhou até ele.

— Isso é bom?

— É sim, presidente. Vomitar ao vivo para a nação inteira costuma perturbar as pessoas — respondeu a redatora de discursos com uma risada aguda.

Andréa Price fantasiou sobre puxar sua automática naquele momento.

Arnie van Damm simplesmente olhou para Ryan com um ar preocupado.

Ele sabia que seria incapaz de desviar Ryan de seu curso. A frase que os presidentes sempre respeitavam — se quer ser reeleito, preste atenção! — simplesmente não funcionaria com ele. Como poderia proteger alguém que não se preocupava com a única coisa realmente importante?

Isso não pareceu um programa de calouros? — perguntou Ed Kealty.

— Quem escreveu esse bilhete de suicídio? — manifestou-se o conselheiro jurídico de Kealty.

Todos os três homens no quarto voltaram sua atenção para o televisor. A imagem mudou de uma tomada externa da Casa Branca para o estúdio da rede.

— Bem, essa foi uma declaração política muito interessante — observou Tom, o ancora, com a voz inexpressiva de um jogador de pôquer. — Vejo que desta vez o presidente seguiu seu discurso preparado.

— Interessante e dramático — concordou John, o comentarista. — Não é todo dia que ouvimos esse tipo de discurso presidencial.

— John, por que o presidente Ryan insiste tanto em recorrerão auxílio de pessoas inexperientes para que o ajudem a governar? Não precisamos de mãos experimentadas para reconstruir o sistema? — perguntou Tom.

— Essa é uma pergunta que muitos farão, especialmente nesta cidade.

— Pode apostar que sim — observou o chefe de pessoal de Kealty.

— ... e o que é mais interessante é que Ryan deve saber disso. E mesmo que não seja, seu chefe de gabinete, Arnold van Damm, que é o operador político mais sagaz desta cidade já viu, deve ter deixado isso muito claro ao presidente.

— E quanto à primeira indicação de Ryan ao gabinete, o Sr. George Winston?

— Winston é o presidente do Columbus Group, uma companhia de capital mútuo fundada por ele. Winston é imensamente rico e, como o presidente nos disse, um homem que se fez sozinho. Bem, queremos um secretário do Tesouro que entenda de economia e mercados financeiros, e, com toda certeza, o Sr.

Winston se enquadra nesse perfil. Porém, muitos reclamarão, dizendo...

— ...que ele é de dentro — completou Kealty com um sorriso malicioso.

— ...e, portanto, com muitos contatos no sistema — prosseguiu John.

— Como acha que as autoridades de Washington reagirão a esse discurso? — perguntou Tom.

— Quais autoridades de Washington? — grunhiu Ryan.

Essa era uma experiência nova para ele. Seus dois livros tinham sido bem aceitos pela crítica, mas ele tivera de aguardar alguns semanas para ler os comentários. Talvez fosse um erro assistir à análise imediata, mas era impossível evitar. O mais difícil era acompanhar o que todas as emissoras estavam dizendo ao mesmo tempo.

— Jack, as autoridades de Washington são os cinquenta mil advogados e lobistas — explicou Arnie. — Eles podem não ter sido eleitos nem designados, mas pode ter certeza de que a palavra deles conta. E a da mídia também.

— Estou vendo — replicou Ryan.

— E nós precisamos de profissionais experientes para reconstruir o sistema.

É isso que dirão, e muita gente nesta cidade concordará com eles.

— Que achou sobre as revelações que ele fez sobre a guerra e a queda?

— A que me interessou mais foi a revelação de que o primeiro-ministro Koga foi sequestrado por homens de seu próprio país e resgatado por americanos. Seria interessante descobrir mais a esse respeito. O presidente tem nosso respeito por seu desejo evidente em acertar as coisas entre nosso país e o Japão. Junto com o discurso do presidente, a Casa Branca nos enviou uma fotografia. — A imagem transmitida pela emissora mudou para uma de Ryan e Koga no Capitólio. — Esse foi um momento comovente capturado pelo fotógrafo da Casa Branca...

— Mas o prédio do Capitólio ainda está arruinado, John, e da mesma maneira que precisamos de arquitetos e trabalhadores qualificados para reconstruí-lo, precisamos de pessoas experientes para restabelecer o governo, não de amadores. — Tom virou-se para falar diretamente à câmara. — Assim, esse foi o primeiro discurso oficial do presidente Ryan. Aguardem novas notícias em nossos telejornais ou em edições extraordinárias. Agora voltaremos à programação normal.

— Esse é o nosso tema, Ed. — O chefe de pessoal levantou-se e se espreguiçou. — E isso que precisamos dizer. Esse é o motivo que fez você decidir voltar à arena política, por piores que sejam as consequências à sua reputação.

— Comece a dar seus telefonemas — ordenou Edward J. Kealty.

— Sr. presidente — o mordomo ofereceu-lhe uma bandeja prateada com uma bebida. Ryan pegou o cálice de xerez.

— Obrigado.

— Presidente, finalmente...

— Mary Pat, há quanto tempo nos conhecemos? — Ryan tinha a impressão de que falava isso o tempo

todo.

— Há pelo menos dez anos — respondeu a Sra. Foley.

— Pois aqui está uma nova regra presidencial, ou melhor, uma ordem executiva: quando nos encontrarmos depois do expediente para beber, chame-me de Jack.

— Muy bien, jefe — observou Chavez, bem-humorado, mas com uma expressão reservada.

— O Iraque? — inquiriu Ryan diretamente.

— Quietos, mas, muito tensos — respondeu Mary Pat. — Não estamos recebendo muitas notícias sobre eles, mas o que recebemos indica que foi decretado estado de sítio. O exército está nas ruas, e as pessoas estão em suas casas assistindo TV. O enterro do nosso amigo será amanhã. Não sabemos o que acontecerá depois disso. Temos um agente muito bem posicionado na arena política do Irã. Segundo ele, o assassinato foi uma surpresa total. A única coisa que está ouvindo são louvações a Alá por ter chamado nosso amigo de volta.

— Considerando que Deus o tenha desejado ao seu lado. Foi um belo trabalho — disse Clark, falando com conhecimento de causa. — Bastante típico num sentido cultural. Um mártir, sacrificando a si mesmo e tudo mais. Colocar o sujeito lá dentro deve ter levado anos, mas nosso amigo Daryaei é um tipo paciente. Bem, você o conheceu. Como ele é Jack?

— Tem os olhos mais bravos que já vi — disse Ryan, bebericando calmamente o xerez. — Aquele homem sabe odiar.

— Ele vai fazer uma ofensiva, tenho certeza. — Clark estava bebendo um Wild Turkey com água. — Os sauditas devem estar um pouco tensos com isso.

— Eufemisticamente falando — disse Mary Pat. — Ed está lá há alguns dias, e disse que eles estão em polvorosa. Eles intensificaram o estado de prontidão do exército.

— E isso é tudo que sabemos — condensou o presidente Ryan.

— Para todos os propósitos práticos, sim. O SigInt está nos enviando um relatório diário do Iraque, e o que estamos recebendo é previsível. A tampa está bem apertada, mas a chaleira está fervendo. Estamos ampliando a varredura dos satélites...

— Certo, Mary Pat, vá direto ao assunto — ordenou Jack. Ele não queria ouvir sobre fotografias de satélites.

— Quero aumentar meu diretório.

— Em quanto? — perguntou Ryan. Então observou a mulher respirar fundo.

Não estava acostumado a ver Mary Patrícia Foley tensa.

— Quero triplicar o contingente. Temos um total de 657 agentes de campo.

Quero aumentar esse número para dois mil durante os próximos três anos — disse Mary apressadamente, fitando o rosto de Ryan à espera de uma reação.

— Aprovado, se puder imaginar uma forma neutra de acomodar isso na folha de pagamento.

— Isso é fácil, Jack — observou Clark com um risinho. — Despeça dois mil burocratas e ainda economizará dinheiro.

— Essas pessoas têm família, John — disse o presidente.

— Os Diretórios de Informação e Administração têm mais funcionários do que precisam. Você já esteve lá e sabe disso. O mínimo que conseguirá com uma reforma como essa será solucionar o problema da falta de vagas nos estacionamentos. A maioria dos casos poderão ser resolvidos com planos de antecipação de aposentadoria.

Ryan pensou sobre isso durante um segundo.

— Preciso de alguém para balançar o machado. MP, será que você aguenta ficar debaixo de Ed novamente?

— E a posição habitual, Jack — replicou a Sra. Foley, com uma piscadela de seus olhos azuis. — Ed

é um administrador mais capaz que eu, mas sempre fui melhor nas ruas.

— Plano Azul?

Clark respondeu a essa pergunta.

— Sim, senhor. Quero buscar tiras, detetives jovens, oficiais de uniforme.

Você sabe a razão. Eles possuem um treinamento básico muito bom. E conhecem o submundo.

Ryan assentiu.

— Certo. Mary Pat, semana que vem aceitarei, com pesar, a carta de demissão do diretor da CIA e designarei Ed em seu lugar. Mande-o apresentar-me um plano para aumentar o contingente de oficiais de campo e reduzir a folha de pagamento de funcionários administrativos. Aprovarei o plano no momento apropriado.

— Maravilha! — disse a Sra. Foley, erguendo um brinde.

— Há uma outra coisa. John?

— Sim, senhor?

— Quando Roger me pediu para aceitar o cargo de vice, impus uma condição.

— Qual?

— Vou emitir um indulto presidencial para um cavalheiro chamado John T.

Kelly. Isso será feito este ano. Você deveria ter-me contado que papai trabalhou em seu caso.

Pela primeira vez em muito tempo, Clark ficou pálido como um fantasma.

— Como você soube?

— Estava nos arquivos pessoais de Jim Greer. Eu meio que herdei seus arquivos, alguns anos atrás. Meu pai trabalhou no caso. Todas aquelas mulheres assassinadas. Lembro como aquilo perturbava meu pai, e como ele ficou feliz quando o caso foi encerrado. Ele nunca me falou realmente sobre o caso, mas eu sabia como se sentia a respeito. — Jack olhou para sua bebida, girando o gelo no copo. — Se quiser um bom palpite, acho que ele concordaria com a minha decisão, e acho que gostaria de saber que você não afundou com o navio.

— Meu Deus, Jack... Quero dizer... Meu Deus!

— Você merece recuperar seu nome. Não posso aprovar as coisas que fez.

Não tenho permissão para pensar desse modo agora. Talvez como cidadão eu achasse... Bem você merece seu nome de volta, Sr. Kelly.

— Obrigado, senhor.

Chavez tentou imaginar sobre o que estavam falando. Ele se lembrou daquele sujeito em Saipan, o chefe da Guarda Costeira aposentado, e algo que dissera sobre matar pessoas. Bem, ele sabia que o Sr. C não desmaiava ao pensar no assunto, mas estava curioso em ouvir essa história.

— Mais alguma coisa? — perguntou Jack. — Gostaria de ver minha família antes que as crianças dormissem.

— Então o Plano Azul está aprovado?

— Está sim, MP Assim que Ed escrever um plano para implementá-lo.

— Mandarei que ele volte assim que seu avião estiver pronto — prometeu MP.

— Bom. — Jack levantou e caminhou até a porta. Seus convidados fizeram o mesmo.

— Sr. Presidente? — Era Ding Chavez. Ryan virou.

— Sim?

— Que vai acontecer com as primárias?

— Que quer dizer?

— Passei na escola hoje, e o Dr. Alpher lembrou que todos os candidatos sérios dos dois partidos foram mortos semana passada, e os prazos finais de inscrição para as primárias passaram. Ninguém mais pode se inscrever.

Estamos num ano de eleição, e ninguém está concorrendo. A imprensa ainda não falou muito sobre isso.

Até mesmo a agente Price piscou ao ouvir isso, mas um instante depois todos sabiam que era verdade.

— Paris?

— O professor Rousseau do Instituto Pasteur acredita que desenvolveu um tratamento. É experimental, mas é a única chance que ela tem.

Estavam falando no corredor, em frente ao quarto da irmã Jean Baptiste, ambos usando roupas espaciais de plástico azul e suando dentro delas, apesar de seu sistema de controle ambiental. Sua paciente estava morrendo e, embora isso fosse muito ruim, a maneira como ocorreria sua morte estava além do poder descritivo das palavras. Benedict Mkusa fora um felizardo. Por algum motivo, o Ebola atacara seu coração mais cedo que o usual. Esta paciente não teria a mesma sorte. Os exames de sangue mostravam que seu fígado estava sendo atacado, mas lentamente. As enzimas cardíacas estavam normais. O Ebola estava avançando dentro de seu corpo num ritmo rápido mas uniforme. Seu sistema gastrointestinal estava se desmanchando literalmente. O sangramento resultante, com vômito e diarreia, era sério, e a dor causada por ele era intensa, mas o corpo da mulher estava reagindo valorosamente para se salvar. A única recompensa por esse esforço seria aumentar a dor, e a morfina já estava perdendo sua batalha para impedir o progresso da agonia.

— Mas como nós... — Ela não precisava prosseguir. A Air Afrique tinha o único voo regular para Paris, mas nem aquela aeronave nem nenhuma outra transportaria um paciente do Ebola, por motivos óbvios. Tudo isso era perfeitamente adequado ao Dr. Moudi.

— Posso conseguir transporte. Pertença a uma família rica. Tenho como mandar vir um jato particular até aqui e levar-nos a Paris. É mais fácil tomar todas as precauções necessárias dessa forma.

— Eu não sei. Eu terei de... — hesitou Maria Magdalena.

— Não mentirei para a senhora, irmã. Ela provavelmente morrerá de qualquer jeito, mas se houver alguma chance, está nas mãos do professor Rousseau. Estudei com ele, e se ele diz que descobriu alguma coisa, é porque descobriu. Deixe-me chamar o avião — insistiu.

— Não posso negar isso, mas devo...

— Entendo.

O avião era um Gulfstream G-IV, e acabara de pousar no aeródromo Rashid, localizado a leste de um braço sinuoso do rio Tigre, conhecido localmente como Nahr Dulah. O código perto da cauda da aeronave denotava registro suíço, e era propriedade de uma empresa que realizava diversos empreendimentos e pagava seus impostos nas datas certas, o que era tudo que o governo suíço queria saber. O voo fora curto e sem incidentes, e os únicos desconfortos haviam sido a hora do dia e a rota, Beirute para Teerã e de lá para Bagdá.

Seu nome verdadeiro era Ali Badrayn, e embora tivesse vivido e trabalhado sob diversos nomes, voltara finalmente ao seu porque era iraquiano em origem.

Sua família trocara o Iraque pela oportunidade econômica na Jordânia, mas então fora apanhada, como todo mundo, em meio à turbulência da região, situação que não foi amenizada pela decisão de seu filho em se alistar ao movimento que poria fim a Israel. A ameaça percebida pelo rei da Jordânia, e sua subsequente expulsão dos elementos ameaçadores, arruinara a família de Badrayn, não que ele tivesse se importado muito com isso.

Badrayn se importava agora, um pouco. A vida de um terrorista ficava mais arriscada com o acúmulo dos anos, e embora fosse um dos melhores em sua linha, especialmente no que dizia respeito a coleta de informações, tinha poucas provas de seu trabalho além da inimizade eterna do serviço de informação

mais antigo do mundo. Um pouco de conforto e segurança seriam bem-vindos. Talvez esta missão permitisse isso. Sua identidade iraquiana e as atividades de sua vida tinham lhe valido contatos por toda a região. Provera informações para o serviço de informação iraquiano, e ajudara e localizara e eliminara duas pessoas sob suas ordens. Isso lhe dava salvo-conduto na região, e era o motivo para ele ter vindo.

O avião finalizou seu taxiamento, e o copiloto apareceu para abaixar a escadinha. Um carro estacionou em frente à aeronave. Ele entrou no carro, que começou a se mover imediatamente.

— A paz esteja convosco — disse ao outro homem no Mercedes.

— Paz? — rosou o general. — O mundo grita que já tivemos paz demais.

Badrayn reparou que o homem parecia não ter dormido desde a morte de seu presidente. Suas mãos tremiam devido à ingestão excessiva de café, ou talvez ao álcool que usara para contrabalançar a cafeína. Não devia ser agradável planejar a semana seguinte e se perguntar se conseguiria viver até o seu fim.

Por um lado era preciso ficar acordado. Por outro, era preciso escapar. Este general tinha família e filhos, além de uma amante. Bem, provavelmente todos eles tinham. Bom.

— Não é uma situação feliz, mas as coisas estão sob controle, certo?

O olhar gerado pela pergunta bastou como resposta. A única coisa boa que podia ser dita era que se o presidente tivesse sido apenas ferido, o general agora estaria morto por não ter detectado o assassino. Era um trabalho perigoso ser chefe do serviço nacional de informações de um ditador, e um que fazia muitos inimigos. Ele tinha vendido a alma ao demônio, e dito a si mesmo que jamais pagaria a dívida. Como um homem brilhante podia ser tão ingênuo?

— Por que você está aqui? — indagou o general.

— Para oferecer-lhe uma ponte de ouro.

Gênio e Figura

Havia tanques nas ruas, e tanques eram considerados sensuais pelos homens que tinham como dever procurá-los e contá-los. Havia três satélites de reconhecimento KH-11 em órbita. Um deles, lançado há 11 anos, morria lentamente. Há muito desprovido de combustível de manobra, e com um dos painéis solares danificados ao ponto de não poder mais captar energia para acender uma lanterna, o satélite ainda podia bater fotografias através de suas câmeras e transmiti-las para a aeronave de comunicações geossincronizada sobre o oceano Índico. Menos de um segundo depois, as fotos foram transmitidas e encaminhadas para diversos departamentos de interpretação, entre eles a CIA.

— Acho que os batedores de carteira vão morrer de fome — disse o analista.

Ele olhou o relógio e acrescentou oito horas. Certo, aproximadamente Lima dez da manhã ou hora local. As pessoas deveriam estar nas ruas, trabalhando, movendo-se, confraternizando nos muitos restaurantes ao ar livre, bebendo a pavorosa versão local do café. Mas não hoje. Não com tanques nas ruas. Alguns indivíduos andavam pelas ruas, principalmente mulheres, a julgar pelas aparências, provavelmente fazendo compras. Havia um grande tanque de batalha estacionado a cada quatro quarteirões nas avenidas principais — e um em cada círculo de tráfego, que eram muitos — acompanhados de veículos mais leves nas ruas laterais. Pequenos cordões de soldados estavam parados em cada cruzamento. As fotos mostravam que todos portavam fuzis, mas não era possível discernir seus postos.

— Faça uma contagem — instruiu o supervisor.

— Sim, senhor — respondeu o analista sem resmungar. Contar tanques era uma coisa que sempre faziam. Ele até mesmo iria classificá-los por tipo, mediante a checagem do canhão principal. Fazendo isso seriam capazes de determinar quantos dos tanques regularmente contados nos acampamentos tinham ligado seus motores e se movido de um lugar para outro. A informação era importante para uma ou outra pessoa, embora nos últimos dez anos em que faziam isso, tivessem constatado que, apesar das fraquezas do exército iraquiano, a manutenção dos tanques era realizada com frequência suficiente para mantê-los funcionando. O país era menos diligente em relação à sua artilharia, o que tinham aprendido na Guerra do Golfo, mas como o analista já comentara, você olha para um tanque e conclui que ele funciona. Era a única atitude prudente. Ele se curvou sobre o visor e notou que um carro branco — a julgar pela forma, provavelmente uma Mercedes — estava se movendo ao longo da Rota Nacional 7. Se tivesse olhado as fotos com mais atenção, o analista teria percebido que o veículo se dirigia ao hipódromo de Silbaq ai Mansur, onde havia mais automóveis do mesmo tipo à sua espera. Mas ele tinha recebido apenas ordens de contar os tanques.

Em poucos lugares do mundo as variações climáticas são mais surpreendentes do que no Iraque. Nesta manhã de fevereiro, com o sol alto no céu, o frio estava quase enregelante, embora no verão a temperatura pudesse alcançar os 46 graus. Badrayn reparou que os oficiais reunidos vestiam seus uniformes de lã, com colarinhos altos e volumosos festões dourados; a maioria estava fumando, e muitos estavam preocupados. Seu anfitrião apresentou o visitante àqueles que não o conheciam. Eles não estavam dispostos a realizar as saudações islâmicas tradicionais. Esses homens tinham uma aparência

surpreendentemente ocidental e eram completamente discretos em aparência e modos. Como seu falecido líder, professavam sua religião apenas da boca para fora, embora no momento todos se perguntassem se os ensinamentos da danação eterna por uma vida criminosa eram verdadeiros, sabendo que alguns deles provavelmente descobririam isso em breve. Essa possibilidade preocupava-os tanto que tinham deixado seus escritórios e ido para o hipódromo ouvi-lo falar.

A mensagem que Badrayn precisava transmitir era simples. Fez isso concisamente.

— Como podemos confiar em você? — perguntou o chefe do exército quando ele terminou.

— Desta forma é melhor para todos, não é verdade?

— Espera que abandonemos nossa terra natal para... — ele inquiriu um general de campo,

disfarçando sua frustração como raiva.

— Não é da minha conta o que vocês decidirem, general. Se quiserem permanecer lutar pelo que é seu, a decisão será de vocês. Pediram-me para vir aqui e transmitir a mensagem. Fiz isso — respondeu Badrayn calmamente. Não havia motivo para perder a cabeça com coisas como essa, afinal.

— Com quem negociaremos? — Esta veio do chefe da Força Aérea iraquiana.

— Vocês devem responder a mim, mas como eu lhes disse, não há nada realmente para negociar. A oferta é justa, não é mesmo?

Generosa seria um termo mais adequado. Além de salvar sua pele, e a pele das pessoas próximas a eles, todos emergiriam de seu país ricos. Seu presidente desviara imensas quantidades de dinheiro. Todos tinham acesso a documentos de viagem e passaportes de qualquer país no mundo conhecido. Nessa área particular, o serviço nacional de informações do Iraque, assessorado pelo departamento do Tesouro, provara havia muito sua eficácia.

— Vocês terão a palavra dele diante de Deus de que não serão importunados, para qualquer parte que forem.

E isso era uma coisa que eles precisavam considerar cuidadosamente. O patrocinador de Badrayn era seu inimigo. Ele era tão amargo e desprezível quanto qualquer outro homem na Terra. Mas era também um homem de Deus, que não invocaria o nome Dele em vão.

— Para quando precisa de nossa resposta? — indagou o chefe do exército, mais polidamente que os outros.

— Amanhã será suficiente, ou até mesmo depois de amanhã — disse Badrayn. Depois disso, não posso assegurar nada. Minhas instruções vão apenas até aí.

— E os preparativos?

— Vocês mesmos poderão cuidar disso, dentro dos limites da razão. — Badrayn perguntou-se o quanto mais poderiam esperar dele, ou de seu patrocinador.

Mas a decisão que ele estava exigindo era difícil. Os generais reunidos ali não nutriam o tipo habitual de patriotismo. Amavam seu país, mas principalmente porque o controlavam. Detinham poder, poder genuíno de vida e morte, narcótico muito mais poderoso que dinheiro e uma das coisas pelas quais um homem podia arriscar vida e alma. Um deles poderia assumir com sucesso a presidência do país, e juntos seriam capazes de acalmar a situação e fazer as coisas seguirem seu curso. Claro que seria preciso abrir um pouco a nação para o mundo. Permitiram que as Nações Unidas e outras organizações de inspeção bisbilhotassem tudo, mas com a morte de seu líder, teriam outra chance de recomeçar, mesmo que todos soubessem que nada de novo estava acontecendo. Essas eram as regras do mundo. Uma promessa aqui e acolá, alguns comentários sobre democracia e eleições, e seus ex-inimigos dariam uma chance ao país. Um incentivo adicional era simplesmente a oportunidade.

Havia anos nenhum deles se sentia realmente seguro. Todos sabiam de colegas que tinham morrido, pelas mãos do falecido líder ou sob circunstâncias chamadas eufemisticamente misteriosas — quedas de helicóptero tinham sido uma das artimanhas favoritas do presidente. Agora tinham uma chance de exercer poder com uma confiança maior, e o contrário disso seria uma vida indolente em alguma terra

estrangeira. Todos possuíam a vida luxuosa dos sonhos de qualquer homem e mais poder. Quando estalavam seus dedos, as pessoas que surgiam prestativas não eram meros servos, mas soldados...

Com exceção de uma coisa. Permanecer seria apostar suas vidas num jogo de risco sem precedentes. Seu país jamais estivera sob controle tão rigoroso, e havia um motivo para isso. As pessoas que bradavam seu amor e afeição pelo morto... o que elas realmente pensavam? Sua opinião teria sido desprezível uma semana antes, mas era vital agora. Os soldados que eles comandavam vinham do mesmo mar humano. Qual deles tinha o carisma necessário para assumir a liderança do país? Qual deles tinha as chaves para o partido Baath? Qual deles poderia reger pela força da vontade? Porque só então poderiam olhar para o futuro, senão sem medo, ao menos com uma quantidade suficientemente pequena de coragem para, com sua experiência, lidar com as chances que se descortinariam à frente. Cada um daqueles generais, parados no hipódromo, olhava em torno para os irmãos oficiais com a mesma pergunta na mente: Qual deles?

Esse era o problema, porque se houvesse um entre eles capaz de assumir tamanha responsabilidade, já estaria morto, provavelmente num trágico acidente de helicóptero. E uma ditadura não era operada em comitê. Por mais fortes que fossem e se sentissem, cada um olhava para o outro e via fraquezas potenciais. Seriam destruídos por invejas pessoais. As rivalidades internas causariam turbulência e a mão de ferro que controla o povo enfraqueceria. Em alguns meses tudo desmoronaria. Já tinham visto isso acontecer, e o resultado final seria suas mortes, diante de um pelotão de seus próprios soldados, com um paredão às costas.

Para esses homens, não havia outros senão o poder e seu exercício. Isso satisfaria um homem, mas não muitos. Muitos precisavam unir-se em torno de algo que conferisse uma aparência comum, fosse uma regra imposta por um superior ou uma ideia. Individualmente nenhum deles era capaz de impor regras sozinho, e, coletivamente, não conseguiriam perseguir uma mesma ideia. Por mais poderosos que fossem, todos tinham uma fraqueza fundamental e os oficiais ali parados, olhando em volta uns para os outros, sabiam disso. No fundo, não acreditavam em nada. O que forçavam com armas não podiam impor com vontade. Podiam comandar da retaguarda, mas não liderar pela frente. Pelo menos a maioria era inteligente o bastante para saber disso. Esse fora o motivo que fizera Badrayn vir para Bagdá.

Ele observou os olhos e, embora os rostos permanecessem impassíveis, soube o que os generais estavam pensando. Um homem valoroso falaria com confiança e assumiria a liderança do grupo. Mas os valorosos estavam mortos havia muito, ceifados por um indivíduo mais forte e cruel. E agora esse homem também fora ceifado por mão invisível, mais paciente e cruel, que vinha procurá-los com uma oferta generosa. Badrayn sabia qual seria a resposta, e eles também. O presidente morto do Iraque não deixara ninguém para sucedê-lo, mas essa era a filosofia dos homens que não acreditavam em nada além de si próprios.

Esta vez o telefone tocou às 6:05. Ryan não se importava em acordar antes das 00. Esse era seu costume havia muitos anos, mas nessa época ele teria de dirigir até o trabalho. Agora que o trabalho ficava a uma caminhada de distância até um elevador, Ryan esperava aproveitar o tempo que passaria no carro para descansar um pouco mais. Pelo menos, seria capaz de cochilar no banco traseiro do carro oficial.

— Alô.

— Presidente?

Jack ficou surpreso em ouvir a voz de Arnie. Mesmo assim, ficou tentado a perguntar se ele não poderia acordar outra pessoa.

— Que foi?

— Problemas.

O vice-presidente Edward J. Kealty não dormira a noite inteira, mas ninguém conseguiria perceber. Rosto bem barbeado, branco dos olhos impecável, coluna ereta, Kealty adentrou a passo de marcha o prédio da CNN com a esposa e seus auxiliares, sendo recebido por um produtor que o conduziu até um elevador. Na viagem até o andar superior foram trocadas as saudações costumeiras, mas o político de carreira simplesmente permaneceu olhando para a frente, como se tentando convencer as portas de aço inoxidável de que tinha certeza do que estava prestes a fazer. E de que seria bem-sucedido.

Os telefonemas preparatórios tinham sido dados durante as três últimas horas, começando com o presidente da rede. Amigo de longa data, o executivo de TV ficara pasmado pela primeira vez em sua carreira. Um homem como ele não se surpreendia com quedas de avião, colisões de trem, crimes violentos — os desastres rotineiros que eram o ganha-pão da mídia — mas algo assim era a ocorrência de uma vida. Duas horas antes, telefonara para Arnie van Damm, outro amigo velho, porque, como repórter, precisava conferir as bases; além disso, havia nele um amor pela pátria que raramente expressava mas que mesmo assim existia, e o presidente da CNN não fazia a menor ideia de que direção tomar. Ele telefonara para o correspondente jurídico da rede, um advogado de defesa fracassado, que, por sua vez, estava agora ao telefone com um catedrático da faculdade de direito da Universidade de Georgetown. E mesmo agora, o presidente da CNN ligou para a sala verde.

— Tem certeza, Ed? — era tudo que tinha a perguntar.

— Não tenho alternativa. Queria ter — foi a resposta esperada.

— O funeral é seu. Vou assistir de camarote.

E o telefone emudeceu. Ao afastar a mão do aparelho, o presidente da CNN flagrou-se eufórico. Seria uma puta matéria, e a função da CNN era reportar notícias, e ponto final.

— Arnie, isso é uma loucura completa ou ainda estou sonhando?

Estavam numa sala de estar no andar de cima. Jack vestira roupas caseiras.

Van Damm ainda não estava de gravata e Ryan notou que suas meias não combinavam. O pior de tudo era que van Damm parecia agitado de uma maneira que ele nunca vira antes.

— Acho que tudo que temos a fazer é sentar e esperar. Os dois se viraram quando a porta se abriu.

— Presidente?

Entrou um homem na casa dos cinquenta, apropriadamente vestido em trajes de negócios. Era alto e tinha uma aparência apressada. Andréa o seguiu.

Ela também fora atualizada sobre a situação, até onde era possível.

— Este é Patrick Martin — disse Arnie.

— Divisão Criminal da Secretaria de Justiça, certo? — Jack levantou para apertar a mão do homem e fazer um gesto na direção da bandeja de café.

— Sim, senhor. Estive trabalhando com Dan Murray na investigação do acidente.

— Pat é um de nossos melhores advogados. Ele também ensina lei constitucional na George Washington — explicou o chefe de gabinete.

— E então, o que acha disso tudo? — perguntou o presidente, sua voz ainda entre a descrença e o ultraje.

— Acho que precisamos ver o que ele tem a dizer — respondeu o homem, que era a imagem do advogado.

— Há quanto tempo na Secretaria de Justiça? — foi a pergunta seguinte de Jack, retornando à sua cadeira.

— Vinte e seis anos. Antes passei quatro anos no FBI. Martin serviu uma xícara e de repente se levantou.

— Lá vamos nós — comentou van Damm, tirando o televisor da função mudo .

— Senhoras e senhores, temos conosco em nosso estúdio de Washington o vice-presidente Edward J.

Kealty.

O principal correspondente político da CNN também parecia ter sido arrancado da cama e genuinamente abalado. Ryan notou que, de todas as pessoas que vira naquele dia, Kealty parecia o mais normal.

— O senhor tem uma declaração incomum a fazer.

— Tenho sim, Barry. Provavelmente preciso começar dizendo que esta é a atitude política mais difícil que tomei em trinta anos de vida pública. — A voz de Kealty estava calma e contida, falando num tom de um defensor de tese, lenta, pausadamente, com uma seriedade dolorida. — Como todos sabem, o presidente Durling pediu-me para renunciar à vice-presidência. O motivo para isto foi uma questão de conduta pessoal enquanto eu era senador. Barry, não é segredo que minha conduta pessoal nem sempre foi exemplar como deveria.

Isso é comum na vida política, embora não seja desculpa. Quando Roger e eu discutimos a situação, concordamos que seria melhor para mim renunciar ao cargo, o que lhe permitiria selecionar um novo vice para a campanha de reeleição no final deste ano. Em seguida, ele escolheu John Ryan como vice-presidente interino.

Barry, fiquei satisfeito com isso. Estou na vida pública há muito tempo, e a ideia de me aposentar para brincar com meus netos, e talvez dedicar-me um pouco ao ensino, me seduziu. Assim, concordei com o pedido de Roger visando ao bem-estar da nação. Mas nunca cheguei realmente a renunciar.

— Certo — disse o correspondente da CNN, abrindo as palmas como se preparando para pegar uma bola numa partida de beisebol. — Creio que precisamos ser realmente claros nesse aspecto, senhor. Que aconteceu de fato?

— Barry, fui de carro até o Departamento de Estado. Entenda, a Constituição especifica que quando o vice-presidente ou o presidente dos Estados Unidos renunciam, esse pedido deve ser apresentado ao secretário de Estado. Estive secretamente com o secretário Hanson para discutir o assunto.

Eu tinha realmente uma carta de demissão preparada, mas ela estava redigida da forma errada, e Brett e eu a revisamos. Assim, dirigi de volta para minha casa, planejando reescrever a carta e submetê-la no dia seguinte.

Nenhum de nós esperava os eventos daquela noite. Fiquei terrivelmente abalado, como a maioria das pessoas. No meu caso, bem, você sabe, tive muitos companheiros mortos naquele ato brutal e covarde. Mas nunca cheguei realmente a renunciar ao meu cargo.

Kealty baixou os olhos por um momento, mordendo o lábio antes de prosseguir.

— Barry, eu teria ficado satisfeito com minha decisão. Dei minha palavra ao presidente Durling, e tinha todas as intenções de cumpri-la. Mas não posso.

Simplesmente não posso. Deixe-me explicar.

Conheço Jack Ryan há dez anos. Ele é um bom homem, um homem corajoso, e serviu nosso país com honra. Mas, infelizmente, não é o homem ideal para sarar as feridas de nosso país. O que ele disse ontem à noite, tentando falar com o povo americano, prova isso. Como podemos esperar que nosso governo funcione sob essas circunstâncias sem pessoas hábeis para preencher as vagas?

— Mas ele é o presidente... não é? — indagou Barry, mal acreditando no que estava fazendo e no que estava ouvindo.

— Barry, ele nem mesmo sabe como fazer uma investigação apropriada.

Veja o que ele disse ontem à noite sobre a queda do avião. Mal passou uma semana e ele diz que já sabe o que aconteceu. Alguém pode acreditar nisso? — questionou Kealty com um ar preocupado. — Alguém pode realmente acreditar nisso? Quem está supervisionando essa operação? Quem está realmente gerindo-a? A quem estão reportando? E como chegaram a conclusões em uma semana? Como o povo americano pode confiar nisso? Quando o presidente Kennedy foi assassinado, a investigação durou meses. Ela foi gerida pelo juiz da Suprema Corte. Porquê? Porque ele tinha de ter certeza, simplesmente

por causa disso.

— Perdoe-me, vice-presidente, mas isso realmente não responde à minha pergunta.

— Barry, Ryan jamais foi vice-presidente, porque eu não renunciei. O posto nunca esteve vago, e a Constituição permite apenas um vice-presidente. Ele nem sequer chegou a fazer o juramento associado ao cargo.

— Mas...

— Você acha que eu quero isso? Não tive escolha. Como podemos reconstruir o Congresso e o executivo com amadores? O Sr. Ryan pediu ontem aos governadores que lhe mandassem pessoas sem experiência em governo.

Como pessoas que não entendem nada de governo poderão redigir leis?

Barry, nunca cometi suicídio público antes. É como ser um dos senadores no julgamento do impeachment de Andrew Johnson. Estou olhando para minha sepultura política, mas preciso colocar o país em primeiro lugar. Preciso.

A câmara fechou em zoom no rosto de Kealty, e a angústia ali manifestada.

Quase podia-se ver lágrimas em seus olhos enquanto a voz proclamava seu patriotismo altruísta.

— Ele sempre foi bom na TV — julgou van Damm.

— Estou com dificuldade em acreditar nisso tudo — disse Ryan depois de um momento.

— acredite — disse-lhe Arnie. — Sr. Martin, precisamos de alguma orientação jurídica.

— Antes de mais nada, mande alguém checar o escritório da Secretaria de Estado.

— FBI? — perguntou van Damm.

— Sim — assentiu Martin. — Você não achará nada, mas é assim que começa.

Depois verifique registros telefônicos e anotações. Em seguida começaremos a entrevistar pessoas. Isso será problemático. O secretário Hanson está morto, juntamente com sua esposa, e o presidente e a Sra. Durling, claro. Essas eram as pessoas que mais provavelmente teriam algum conhecimento sobre os fatos.

Espero descobrirmos pouquíssimas evidências, e poucas provas circunstanciais úteis.

— Roger me disse que... Martin cortou-o.

— De ouvir dizer. Você está dizendo que alguém lhe disse que soube por outra pessoa... isso não é muito útil num tribunal.

— Prossiga — disse Arnie.

— Senhor, na verdade não há nenhuma lei constitucional ou estatuto sobre essa questão.

— E não há uma Suprema Corte para julgar a questão — comentou Ryan.

Depois de uma pausa longa, acrescentou: — E se ele estiver dizendo a verdade?

— Presidente, não vem ao caso se ele está dizendo a verdade ou não — replicou Martin. — A não ser que possamos provar que está mentindo, o que é improvável, ele possui um argumento razoável para um caso. A propósito, sobre o problema da Suprema Corte, considerando que o senhor escolha um novo Senado e faça suas nomeações, todos os novos juízes se recusariam a julgar o caso porque foi o senhor quem os selecionou. Isso provavelmente significará um impasse jurídico.

— Mas e se não houver julgamento? — perguntou o presidente (era mesmo?) Ryan.

— Exatamente. Estamos numa enrascada — disse Martin em tom baixo, tentando pensar. — Certo, um presidente ou vice para de exercer o cargo quando renuncia. A renúncia acontece quando a pessoa em exercício do cargo entrega o instrumento de renúncia, basta uma carta, à autoridade apropriada. Mas o homem que aceitou o instrumento está morto, decerto descobriremos que o instrumento está desaparecido. O secretário Hanson provavelmente telefonou para o presidente a fim de informá-lo sobre a renúncia...

— Ele fez isso — confirmou van Damm.

— Mas o presidente Durling também está morto. Seu testemunho teria valor de prova, mas isso também não acontecerá. Tudo nos leva de volta ao ponto de partida.

Martin não gostava do que estava fazendo, e estava tendo dificuldade em tentar falar e pensar na lei ao mesmo tempo. Este era um tabuleiro de xadrez sem quadrados, apenas peças dispostas aleatoriamente.

— Mas...

— Os registros telefônicos mostrarão que houve um telefonema. Mas o secretário Hanson pode ter dito que a carta estava mal escrita e que queria que ela fosse revista até o dia seguinte. Isto é política, não lei. Pensando dessa forma, é bom lembrar que quando Durling era presidente, Kealty teve de renunciar, devido...

— ...à investigação de assédio sexual — Arnie estava entendendo aonde o advogado queria chegar.

— Você entendeu. Ele chegou até mesmo a tocar no assunto em sua declaração, mas neutralizou muito bem o assunto, concordam?

— Estamos de volta onde começamos — observou Ryan.

— Sim, presidente.

— E bom saber que alguém acredita nisso — comentou Ryan com um sorriso matreiro.

O inspetor O'Day e os três agentes que o acompanhavam deixaram seu carro em frente ao prédio. Quando um guarda uniformizado apareceu para protestar. O'Day simplesmente mostrou sua identificação e continuou andando.

Ele parou na bancada da segurança e fez o mesmo.

— Quero que o seu chefe encontre comigo no sétimo andar em um minuto — disse ao guarda. — Não quero saber o que ele está fazendo. Diga que suba agora.

Dito isso, O Day e sua equipe caminharam até o hall dos elevadores.

— Pat, mas que diabos...

Os outros três tinham sido selecionados mais ou menos aleatoriamente no Departamento de Responsabilidade Profissional do FBI. Esse era o departamento de questões internas do próprio FBI. Investigadores experientes em postos de supervisão, que tinham como missão manter o Birô limpo. Um deles chegara mesmo a investigar um ex-diretor. A orientação do Departamento de Responsabilidade Profissional era não respeitar qualquer coisa senão a lei. O mais surpreendente era que, ao contrário de organizações semelhantes nas forças da polícia metropolitana, o departamento tinha o respeito da maioria dos agentes de rua.

O guarda no lobby já telefonara para o posto no último andar. Nesta manhã o guarda era George Armitage, trabalhando num turno diferente do da semana anterior.

— FBI — proclamou O'Day quando a porta do elevador abriu. — Onde fica o escritório do secretário de Estado?

— Por aqui, senhor — disse Armitage, conduzindo-os pelo corredor.

— Quem tem usado o escritório? — indagou o inspetor.

— Estamos nos preparando para receber o Sr. Adler. Acabamos de retirar as coisas do Sr. Hanson e...

— Quer dizer que tem entrado e saído gente daqui?

— Sim, senhor.

O'Day não esperava que fosse útil trazer a equipe de peritos, mas isso seria feito de qualquer modo. Se havia um investigador que fazia tudo ao pé da letra, era ele.

— Certo. Precisamos conversar com todo mundo que entrou ou saiu do escritório desde o momento que o secretário Hanson saiu daqui pela última vez.

Secretários, serventes, todo mundo.

— A equipe de secretariado só chegará daqui a mais ou menos meia hora.

— Certo. Quer destrancar a porta?

Armitage obedeceu, deixando-os entrar na sala do secretariado e então passar pelo conjunto seguinte

de portas até o escritório. Os agentes do FBI pararam na entrada, e durante algum tempo apenas olharam o local. Então um deles assumiu uma posição na porta para o corredor principal.

— Muito obrigado, Sr. Armitage — disse O’Day, lendo o nome no crachá. — Muito bem, por enquanto trataremos este lugar como uma cena de crime.

Ninguém entra ou sai sem nossa permissão. Precisamos de uma sala onde possamos entrevistar pessoas. Gostaria que fizesse uma lista por escrito de quem você sabe que esteve aqui, com hora e data, se for possível.

— As secretárias deles terão isso.

— Queremos fazer nossa própria lista. — O Day olhou para o corredor e ficou irritado. — Pedimos ao seu chefe de departamento que nos encontrasse aqui. Onde você acha que ele está?

— Ele geralmente não chega antes das oito e meia, mais ou menos.

— Pode telefonar para ele, por favor? Precisamos conversar com ele imediatamente.

— Pode contar com isso, senhor.

Armitage tentou imaginar o que estava acontecendo. Ele não tinha visto TV de manhã, nem ouvido ainda o que estava acontecendo. Em todo caso, não estava gostando nem um pouco da história. Com 55 anos e tentando se aposentar depois de 32 anos de serviço público, ele queria apenas fazer seu trabalho e ir embora.

Boa jogada, Dan — disse Martin ao telefone. Estavam agora no Salão Oval.

— Falo com você depois. — O advogado desligou o telefone e se virou.

— Murray mandou para lá o inspetor Pat O’Day. Ele é bom no que faz. Tem faro para problemas. Está sendo auxiliado por três agentes do Departamento de Responsabilidade Profissional do FBI, o que foi outra boa jogada. Eles são apolíticos. Agora, Murray precisa interromper o que está fazendo.

— Por quê? — perguntou Jack, ainda tentando orientar-se.

— Você o nomeou diretor interino. Também não posso me envolver muito com isto. Você precisa escolher alguém para gerir a investigação. Ele precisa ser inteligente, honesto e nem um pouco político. Provavelmente um juiz — pensou Martin. — Como um juiz de uma Corte de Apelação. Eles têm muitos bons juizes.

— Alguma sugestão? — perguntou Arnie.

— Você precisa obter esse nome com outra pessoa. Não posso enfatizar muito; isto precisa ser limpo em todos os aspectos possíveis. Cavalheiros, estamos falando sobre a instituição dos Estados Unidos. — Martin fez uma pausa. Ele tinha de esclarecer algumas coisas. — Para mim, ela é como a Bíblia, certo? Para vocês, também, com certeza, mas comecei minha carreira como agente do FBI. Trabalhei principalmente com casos de direitos civis, investiguei um monte daqueles encapuzados do Sul. Os direitos civis são muito irritantes, aprendi isso olhando para os corpos de pessoas que morreram tentando garantir esses direitos, pessoas que elas nem mesmo conheciam. Certo, deixei o Birô, tornei-me advogado, trabalhei um pouco no setor privado, mas acho que nunca deixei de ser um. Assim, voltei para o serviço público. Na Justiça, trabalhei para a Divisão de Informação, e agora comecei a dirigir a Divisão Criminal. Isso tudo é importante para mim. Vocês precisam agir da forma certa.

— Agiremos — assegurou-lhe Ryan. — Mas seria agradável saber como. Isso provocou uma risadinha.

— Bem que eu queria saber! Na substância do caso, pelo menos. Na forma, ele precisa estar completamente limpo, não deve deixar nenhuma dúvida. Isso é impossível, mas vocês precisam pelo menos tentar. Esse é o lado jurídico. O lado político fica a cargo de ...

— Certo. E quanto à investigação do acidente? — Ryan estava ligeiramente surpreso consigo mesmo. Ele tinha se livrado da investigação e agora estava lidando com outro problema. Que merda.

Desta vez Martin sorriu.

— Aquilo que Kealty disse me deixou furioso, presidente. Não gosto de pessoas me dizendo como conduzir um caso. Se Sato estivesse vivo, eu poderia levá-lo ao tribunal hoje. Isso não surpreenderia ninguém. O que ele falou sobre a investigação JFK foi absurdo. A forma de tratar esses casos é procedendo a uma investigação completa, não tornando a coisa um circo burocrático. Venho fazendo isso a vida inteira. Este caso é muito simples... grande, mas simples. E, para todos os propósitos práticos, já está encerrado. A ajuda de verdade veio da Polícia Montada. Eles fizeram um belo trabalho para nós, conseguindo uma tonelada de provas, horários, lugares, e impressões digitais, além de interrogar todas as pessoas relacionadas ao avião. E a polícia japonesa... Deus do céu!

Eles estão se revelando prestativos até a raiz dos cabelos, porque estão furiosos com o que aconteceu. Estão falando com todos os conspiradores sobreviventes.

Vocês, e eu, não queremos saber sobre seus métodos de interrogação. Mas isso não é problema nosso. Estou pronto a defender o que o senhor disse ontem à noite. Estou pronto a esclarecer tudo que sabemos.

— Faça esta tarde — disse van Damm. — Providenciarei uma coletiva para você.

— Sim, senhor.

— Então você não pode participar do caso Kealty? — indagou Jack.

— Não, senhor. Vocês não podem permitir que o processo seja poluído de nenhuma forma.

— Mas poderá aconselhar-me a respeito? — prosseguiu o presidente Ryan. — Preciso de uma espécie de aconselhamento jurídico.

— O senhor terá, presidente. Posso fazer isso.

— Sabe, Martin, no final de tudo isso... — começou van Damm.

Ryan cortou seu chefe de gabinete antes mesmo de o advogado poder reagir.

— Não, Arnie, nada disso. Nem pensar! Não vou jogar esse jogo. Sr. Martin, gosto dos seus instintos. Vamos jogar absolutamente limpo. Chamaremos profissionais e confiaremos em que eles agirão como profissionais. Estou de saco cheio de promotores especiais e não-sei-mais-o-quê especiais. Se você não tem gente em quem possa confiar para fazer o trabalho direito, então que diabo eles estão fazendo lá?

Van Damm mexeu-se em sua cadeira.

— Você é um novato, Jack.

— Certo, Arnie, e tivemos pessoas politicamente cômicas no governo desde antes de eu nascer, e vejam só até onde isso nos levou! — Ryan se levantou para caminhar pela sala, o que era uma prerrogativa presidencial. — Estou cansado de tudo isto. Que aconteceu com a honestidade, Arnie? Que aconteceu com dizer a porra da verdade? Tudo aqui é apenas uma merda de jogo, e o objetivo do jogo não é fazer a coisa certa. O objetivo do jogo é permanecer jogando. Não era para ser assim! E prefiro morrer a perpetuar um jogo do qual não gosto! — Jack virou-se para Pat Martin. — Conte-me sobre aquele caso do FBI.

Martin piscou, sem saber por que isso tinha vindo à tona, mas contou assim mesmo.

— Até fizeram um filme sobre isso. Alguns ativistas pelos direitos civis foram mortos por seguidores locais da Klan. Dois deles também eram tiras locais, e o caso não chegou a parte alguma. Assim, o FBI se envolveu através do comércio interestadual e dos estatutos dos direitos civis. Dan Murray e eu éramos calouros na época. Eu estava em Buffalo naquele tempo. Ele estava na Filadélfia. Eles nos juntaram para trabalhar com Big Joe Fitzgerald. Ele era um dos inspetores de campo de Hoover. Eu estava lá quando os corpos foram achados. Coisa horrível de ver — disse Martin, recordando a visão e o odor. — Tudo que eles quiseram fazer foi levar cidadãos registrados para votar, e foram mortos por causa disso, e os tiras locais não estavam fazendo nada a respeito. É engraçado, mas quando você vê esse tipo de coisa, ela deixa de ser abstrata.

Não é um documento, um caso de estudo ou um formulário para preencher.

Mas fica real para valer quando você vê corpos enterrados há duas semanas.

Aqueles malditos seguidores da Klan infringiram a lei e mataram cidadãos que estavam fazendo o que a Constituição diz que não apenas é certo, como também um direito. Assim, fomos atrás dos malditos e pegamos todos.

— Por que, Sr. Martin? — perguntou Jack.

A resposta não foi exatamente a que ele esperava.

— Porque fiz um juramento, presidente. Por causa disso.

— Também fiz um, Sr. Martin. —E não foi para nenhum maldito jogo.

A decifração foi um pouco ambígua. Os militares iraquianos usavam centenas de frequências de rádio — principalmente faixas de VHF FM —, e o tráfego, ainda que surpreendente para a situação geral, estava rotineiro em seu conteúdo. Havia centenas de mensagens, até cinquenta ao mesmo tempo, e STORM TRACK ainda não possuía linguistas suficientes para manter registro de todas elas, embora essa fosse precisamente sua função. Os circuitos de comando dos altos oficiais eram bem conhecidos, mas esses eram codificados, significando que os computadores no KKMC tinham de mexer nos sinais para conferir sentido ao que parecia estática. Felizmente, alguns desertores tinham trazido exemplos de equipamentos de codificação, e outros atravessavam diversas fronteiras com chaves de código diárias, sempre sendo recompensados regiamente pelos sauditas.

O uso de rádios estava mais intenso do que de hábito. Os oficiais iraquianos provavelmente estavam menos preocupados com interceptações radiofônicas do que com escutas de telefone. Esse simples fato significou muita coisa para os oficiais de vigilância, e um documento agora estava sendo preparado para ser encaminhado ao diretor da CIA e dali ao presidente.

STORM TRACK parecia com a maioria das estações. Uma enorme antena chamada Gaiola de Elefante, devido à sua configuração circular, captava e localizava sinais, enquanto outras imensas antenas-chicote cuidavam de outras tarefas. A estação de escuta fora construída às pressas durante os preparativos para TEMPESTADE DO DESERTO como um meio de recolher informações táticas para unidades militares aliadas. Depois do conflito, e com o interesse contínuo na região, a estação fora expandida. O Kuwait financiou a estação irmã, PALM BOWL, em troca de uma boa fatia do ganho.

— São três — disse um técnico em PALM BOWL, ao fazer a leitura de sua tela.

— Três altos oficiais dirigindo-se ao hipódromo. É um pouco cedo para apostar em cavalos, não é mesmo?

— Uma reunião? — perguntou sua tenente. Esta era uma estação militar, e o técnico, um sargento de cinquenta anos, sabia muito mais sobre o trabalho do que sua nova chefe. Pelo menos ela era esperta o bastante para fazer perguntas.

— Com toda certeza, senhora.

— Por que ali?

— Centro da cidade sem ser um estabelecimento federal. Quando encontra o namorado não faz isso em casa, não é mesmo? — A tela mudou. — Muito bem, deciframos mais um. O chefe da Força Aérea também está lá... estava, provavelmente. A análise de tráfego parece mostrar que o grupo se dispersou há mais ou menos uma hora. Queria que tivéssemos decifrado o código mais cedo...

— Conteúdo?

— Apenas para onde ir e como, senhora. Nada substancial, nada sobre o motivo da reunião.

— Quando será o funeral, sargento?

— Ao pôr do sol.

— Sim? — disse Ryan ao atender ao telefone. Ele podia ter uma noção da importância da chamada olhando para o indicador de ramais. Era o ramal de Sinais que estava aceso.

— Major Canon, senhor. Estamos recebendo informações da Arábia Saudita. O pessoal da Divisão

de Informação está tentando extrair sentido da coisa. Fui instruído a informá-lo.

— Obrigado. — Ryan colocou o telefone no gancho. — Alguma coisa está acontecendo no Iraque, mas o pessoal de Sinais ainda não tem certeza do que é — disse o presidente aos convidados. — Acho que terei de começar a ficar de olho nisso. Há mais alguma coisa que eu precise saber?

— Ponha o vice-presidente Kealty sob proteção do Serviço Secreto — sugeriu Martin.

— Mesmo como ex-vice ele tem direito por lei a isso durante... seis meses?

— perguntou o advogado a Price.

— Correto.

Martin pensou a respeito.

— Ele chegou a conversar com vocês sobre isso? — perguntou Martin.

— Não senhor. Pena, pensou Martin.

Sangue na Água

O avião executivo de Ed Foley era grande e feio, um cargueiro Lockheed C-141B, conhecido pela comunidade como caminhão de lixo, em cuja área carga havia um trailer enorme. O trailer tinha uma história interessante. Fora construído inicialmente, pela companhia Airstream, como uma instalação de recebimento para os astronautas do Projeto Apoio, embora tivesse sido um reserva que nunca chegara a ser usado. O trailer permitia aos oficiais de alto escalão viajar com todo o conforto do lar, foi usado quase exclusivamente por oficiais graduados da Divisão de Informação. Desta forma, podiam viajar com conforto e anonimato. Havia muitos Starlifters na Força Aérea, visto por fora, o de Foley parecia com qualquer outro: grande, verde, feio.

Aterrissou na Base Aérea de Andrews imediatamente antes do meio-dia, depois de um voo exaustivo de quase sete mil milhas, dezessete horas e dois reabastecimentos aéreos.

Foley embarcara com uma equipe de três pessoas, duas delas oficiais de segurança e proteção denominados SPO. O luxo de poder se banhar levantara o humor de todos, e sua noite de sono não fora interrompida pelos sinais que tinham começado a chegar ininterruptamente algumas horas antes. Quando o avião de carga parou e as portas abriram, Foley estava refrescado e informado.

Isso acontecia com raridade suficiente para considerar-se abençoado por um tipo de milagre. Ainda melhor era o fato de que sua esposa estava lá para recebê-lo com um beijo. A equipe de solo da Força Aérea se perguntou que diabo era aquilo. A equipe de voo estava cansada demais para reparar.

— Oi, querido.

— Precisamos voar juntos uma hora dessas — comentou seu marido com uma piscadela Mudou de assunto abruptamente. — Quais são as notícias do Iraque?

— Está acontecendo alguma coisa. Um grupo de altos oficiais, pelo menos nove e provavelmente mais de vinte, se reuniu discretamente. Não sabemos qual foi o motivo, e não foi pegar amigos do falecido para o velório. — Entraram pela porta traseira do avião e ela lhe entregou uma pasta. — A propósito, você está sendo promovido.

— Como é? — Ed desviou sua atenção do pacote de documentos.

— Para diretor da CIA. Estamos implementando o Plano Azul, e Ryan quer que você o encabece no Capitólio. Continuo no comando do Setor de Operações, e vou dirigi-lo do jeito que eu bem entender, não vou, querido? — Ela abriu um sorriso carinhoso. Em seguida, explicou o outro problema do dia.

Em Langley, Clark tinha escritório próprio e sua patente garantia-lhe uma vista do estacionamento e das árvores ao fundo. Até mesmo dividia uma secretária com mais quatro oficiais de campo. Mas, para ele, Langley era, sob muitos aspectos, um país estrangeiro. Seu trabalho oficial era como treinador na Fazenda. Vinha ao quartel-general entregar relatórios e ser instruído sobre novas tarefas, mas não gostava do lugar. Todo quartel general tinha uma atmosfera que o incomodava. Eles não queriam irregularidades. Não sentiam pena se você trabalhasse além do seu expediente e perdesse suas séries de TV

favoritas. Não gostavam muito de surpresas ou dados que os obrigassem a repensar coisas. O quartel-general era o rabo burocrático de uma agência de informação, mas o rabo da CIA ficara tão grande que era ele quem balançava o cachorro, e não o contrário. Esse não era um fenômeno exatamente incomum,

mas quando as coisas ficavam pretas, era a sua vida que ele arriscava no campo, e se matasse alguém, ele se tornaria um memorando residual, para ser prontamente arquivado e esquecido pelas pessoas que faziam as estimativas do serviço nacional de informações, quando não fosse parar nas manchetes de jornais, é claro.

— Soube das novidades da manhã, Sr. C? — perguntou Chavez ao entrar na sala.

— Estou aqui desde as cinco.

Estendeu uma pasta com o nome PLANO AZUL impresso na frente.

Odiava burocracia, e quando era obrigado a trabalhar com papelada, fazia-o com uma intensidade extrema, para livrar-se mais rápido do estorvo.

— Então ligue na CNN.

John fez isso, esperando uma nova matéria que complicasse as coisas em sua Agência. E foi isso que ele viu, mas não exatamente o que esperara.

— Senhoras e senhores, o presidente.

Tinha de falar logo ao povo. Todos concordavam com isso. Ryan entrou na sala de imprensa, parou atrás do pódio e conferiu suas anotações. Era mais fácil do que olhar em volta para a sala, que, construída sobre a antiga piscina, era menor e mais apertada que a maioria dos cômodos da Casa Branca. Havia oito fileiras de seis cadeiras. Cada uma, vira ao entrar, estava ocupada.

— Obrigado por terem vindo tão cedo — disse Jack no tom de voz mais relaxado que conseguiu. — Os últimos eventos no Iraque afetaram a segurança de uma região que é de interesse vital para a América e seus aliados. Foi sem pesar que recebemos a notícia da morte do presidente do Iraque. Como sabem, esse indivíduo foi responsável por instigar duas guerras de agressão, a repressão brutal da minoria curda desse país, e a negação dos direitos humanos mais fundamentais aos seus próprios cidadãos.

O Iraque é uma nação que devia ser próspera. O país detém uma parcela considerável das reservas petrolíferas mundiais, uma base industrial respeitável, e uma população substancial. Tudo que falta nesse país é um governo que cuide das necessidades de seus cidadãos. Esperamos que o falecimento do antigo líder ofereça-nos uma oportunidade para consertar isso.

Jack levantou os olhos de suas anotações.

— Assim sendo, a América estende a mão da amizade ao Iraque. Esperamos que seja uma oportunidade de normalizar nossa relação e pôr fim de uma vez por todas às hostilidades entre o Iraque e seus vizinhos do Golfo. Instruí o secretário interino Scott Adler a entrar em contato com o governo do Iraque, e a oferecer a chance de uma reunião para discutir questões de interesse mútuo.

Caso o novo regime esteja disposto a debater a questão dos direitos humanos e a se comprometer em realizar eleições livres e justas, a América está disposta a remover todos os embargos econômicos e a promover a restauração imediata das relações diplomáticas normais.

Já houve inimizade demais. É absurdo que uma região de tamanha riqueza natural seja causa de discórdia, e os EUA estão dispostos a fazer sua parte como intermediário honesto para ajudar a devolver a paz e a estabilidade ao país.

Faremos isso com a aprovação de nossos aliados entre os Estados do Golfo.

Aguardamos uma resposta favorável de Bagdá para que os contatos iniciais sejam estabelecidos.

O presidente Ryan dobrou seu papel.

— Este foi o fim do meu discurso oficial. Perguntas?

Elas demoraram cerca de um microssegundo.

— Senhor, esta manhã — gritou primeiro o New York Times — o vice-presidente Howard Kealty alegou que ele é o presidente e o senhor não. O que tem a dizer a esse respeito?

— A alegação do Sr. Kealty é infundada e desprovida de valor — replicou Jack friamente. — Próxima pergunta.

Tendo recusado participar do jogo, Ryan agora estava condenado a jogá-lo.

Sua negativa não enganara ninguém na sala. O pronunciamento poderia tranquilamente ter sido relatado por seu secretário de imprensa ou pelo porta-voz do Departamento de Estado. Mas, aqui estava ele diante das luzes, olhando para os rostos reunidos, sentindo-se um cristão solitário num Coliseu cheio de leões. Bem, era para isso que o Serviço Secreto servia.

— Uma pergunta complementar: e se ele realmente não renunciou? — insistiu o outro gritando mais alto que os outros.

— Ele renunciou. Se não tivesse feito isso, eu não poderia ter sido nomeado.

Portanto sua pergunta não tem sentido.

— Mas, senhor, e se ele estiver dizendo a verdade?

— Ele não está. — Ryan respirou fundo, como Arnie o instruíra a fazer, e então prosseguiu, dizendo o que Arnie o mandara dizer. — O Sr. Kealty renunciou ao cargo a pedido do presidente Durling. Vocês sabem o motivo. Ele estava sendo investigado pelo FBI por má conduta enquanto senador. As investigações foram feitas a partir de acusações de agressão sexual, para não dizer — e Ryan disse — o estupro de uma de suas assessoras do Senado. Sua renúncia foi parte de um acordo para evitar um processo criminal.

Ryan parou nesse instante, um pouco surpreso com os rostos dos jornalistas estarem um pouco pálidos. Ele acabara de chutar o balde, e ele fizera muito barulho ao bater no chão. Sua próxima fala foi ainda mais direta: — Vocês sabem quem é o presidente. Agora podemos tratar dos problemas do país?

— O que o senhor fará a respeito? — perguntou a ABC.

— Está se referindo a Kealty ou ao Iraque? — perguntou Ryan. Seu tom indicou qual deveria ser o assunto.

— Ao caso de Kealty, senhor.

— Pedi ao FBI para investigar. Espero uma resposta para o fim do dia. Mas temos muitos outros problemas para resolver.

— Outra complementar: E sobre o que o senhor disse aos governadores em seu discurso de ontem e o que o vice-presidente Kealty disse esta manhã? O senhor realmente quer pessoas inexperientes para...

— Quero. Em primeiro lugar, de quantas pessoas dispomos com experiência no Congresso? A resposta é: não muitas. Temos alguns sobreviventes, pessoas que tiveram a felicidade de estar em outro lugar naquela noite. Além deles, quem temos? Os derrotados na última eleição? Vocês os querem de volta?

Acho que o país precisa de pessoas que saibam fazer as coisas. A verdade nua é que o governo é ineficaz por natureza. A ideia que os Pais Fundadores tiveram foi de legisladores civis, não uma classe governante permanente. Nesse aspecto, vejo-me de acordo com as intenções dos redatores de nossa constituição.

Seguinte?

— Mas quem decidirá a questão? — perguntou o Los Angeles Times. Não era necessário dizer que questão.

— A questão está decidida. Obrigado por terem vindo. Com sua licença, tenho um dia cheio pela frente.

Ele pegou seu discurso de abertura e caminhou para a direita.

— Sr. Ryan! — O grito foi proferido em uníssono por uma boa dúzia de vozes. Ryan atravessou a porta e dobrou o corredor. Arnie estava à espera.

— Nada mau, considerando as circunstâncias.

— Exceto por uma coisa. Nenhum deles me tratou por presidente.

Moudi caminhou até a ala de isolamento. Do lado de fora, vestiu a roupa protetora, checando

cuidadosamente o tecido em busca de vazamentos. A roupa foi feita por uma companhia europeia, modelada na American Racal. O plástico grosso era azul-claro, reforçado com fibra Kevlar. A unidade de ventilação ficava presa na parte de trás do cinto. Ela filtrava ar para a roupa, e fazia isso com um pouco de pressão excessiva, de modo que o material não absorvesse atmosfera ambiental. Não se sabia se o Ebola era transmitido por via aérea, e ninguém queria ser o primeiro a provar que era. Moudi abriu a porta para entrar. Vestida da mesma maneira, a irmã Maria Magdalena estava lá, cuidando da amiga. Ambos sabiam muito bem o que significava para um paciente ver seu médico e enfermeira vestidos de uma forma que denotava claramente o medo pelo que ela carregava dentro de si.

— Boa tarde, irmã — disse ele, suas mãos enluvadas pegando o prontuário pendurado no pé da cama. Temperatura em 41,4, apesar do gelo. Pulsação em 115. Respiração em 24 e rasa. Pressão arterial começando a cair devido ao sangramento interno. A paciente recebera quatro unidades adicionais de sangue integral e provavelmente perdera pelo menos essa quantidade, em sua maior parte internamente. Sua química sanguínea estava começando a ficar descontrolada. A morfina estava no máximo que ele poderia prescrever sem o risco de causar parada respiratória. A irmã Jean Baptiste estava semiconsciente — os remédios deviam deixá-la virtualmente comatosa, mas a dor era severa demais para permitir isso.

Maria Magdalena simplesmente olhou para ele através do plástico de sua máscara, os olhos saindo de uma tristeza profunda para o desespero que sua religião condenava. Moudi e ela conheciam vários tipos de morte, da malária ao câncer e à AIDS. Mas não havia nada mais cruel do que o Ebola. Ele atacava tão rápido que o paciente não tinha tempo de se preparar, ajustar a mente, fortalecer a alma com orações e fé. Era como uma espécie de acidente de trânsito, repentino, mas longo o bastante para permitir o sofrimento. Se havia um diabo na criação, este era seu presente ao mundo. Médico ou não, Moudi pôs esse pensamento de lado. Até o diabo tem um uso.

— O avião está a caminho — disse a ela.

— Que vai acontecer?

— O professor Rousseau sugeriu um método de tratamento dramático.

Faremos um procedimento de substituição total do sangue. Primeiro, o suprimento sanguíneo será removido completamente, e o sistema vascular será lavado com solução salina oxigenada. Ele propõe que em seguida o suprimento de sangue seja substituído completamente com sangue contendo anticorpos do Ebola. Teoricamente, os anticorpos atacarão os vírus sistematicamente e simultaneamente.

A freira ponderou. Não era tão radical quanto parecia à primeira vista. A substituição absoluta do suprimento de sangue de uma pessoa era um procedimento realizado desde o final dos anos 60, tendo sido usado no tratamento da meningite avançada. Não era um tratamento que pudesse ser empregado rotineiramente. Requeria uma máquina de apoio cardiorrespiratório.

Mas esta mulher, sua amiga, também faria qualquer coisa para salvar um paciente.

Nesse instante, os olhos de Jean Baptiste arregalaram-se. Estavam vazios, fitando o nada, e a inexpressividade do rosto apenas enfatizava sua agonia.

Talvez nem mesmo estivesse inconsciente. A dor terrível simplesmente não permitia que seus olhos se mantivessem abertos. Moudi olhou para o soro de morfina. Se a dor fosse sua única consideração, ele poderia ter aumentado a dose de morfina e assumido o risco de matar a paciente em nome da piedade.

Mas não podia arriscar isso. Precisava entregá-la viva e, embora seu destino fosse cruel, não o escolhera para ela.

— Preciso viajar com ela — disse calmamente Maria Magdalena. Moudi balançou a cabeça.

— Não posso permitir.

— É uma regra de nossa ordem. Não posso permitir que ela viaje sem a companhia de uma de nós.

— Há perigo envolvido, irmã. Removê-la será um risco. No avião estaremos respirando ar recondicionado. Não há necessidade que a senhora também se exponha ao risco. A virtude da irmã não

está em questão aqui. — E uma morte era suficiente para seus propósitos.

— Não tenho escolha.

Moudi assentiu. Também não escolhera o destino de Magdalena, não é verdade?

— Como a senhora quiser, irmã.

O avião pousou no Aeroporto Internacional Jomo Kenyatta, a dezesseis quilômetros de Nairobi e taxiou até o terminal de carga. Era um velho 707 que já integrara a frota pessoal do xá, e sua mobília interna havia muito fora arrancada para revelar um convés de metal. Os caminhões estavam esperando.

O primeiro deles deu marcha à ré até a porta traseira, localizada no lado direito, que se abriu um minuto depois que as travas imobilizaram as rodas na rampa.

Havia 150 gaiolas, e em cada uma um macaco verde africano. Todos os trabalhadores negros usavam luvas protetoras. Os macacos, como pressentindo o que o destino reservava-lhes, estavam de mau humor, usando cada oportunidade para morder ou arranhar os tratadores. Os animais gritavam, urinavam e defecavam, mas em vão.

No interior, a tripulação observava a uma distância segura. Não queriam participar da transferência. Essas criaturinhas violentas e ruidosas podiam não ter sido designadas como impuras pelo Corão, mas eram evidentemente desagradáveis, e assim que esse trabalho estivesse terminado, o avião seria inteiramente lavado e desinfetado. A transferência demorou cerca de uma hora.

As gaiolas foram amarradas e empilhadas, e os tratadores se retiraram, pagos em dinheiro e felizes por terem acabado o trabalho. Seu veículo foi substituído por um caminhão-tanque.

— Excelente — disse o comprador ao negociante.

— Estamos com sorte. Um amigo tinha um suprimento grande pronto para partir, e o comprador dele estava demorando a chegar com o dinheiro. Em vista disto...

— Entendo. Uma porcentagem extra de dez por cento?

— Será mais do que o suficiente — disse o negociante.

— Estou satisfeito. Você receberá o cheque adicional amanhã de manhã. Ou prefere em dinheiro?

Os dois se viraram quando o 707 acionou suas turbinas. Ele decolaria numa questão de minutos e traçaria um percurso curto até Entebbe, Uganda.

— Esta história não está cheirando bem — disse Bert Vasco, devolvendo a pasta.

— Explique — comandou Mary Pat.

— Nasci em Cuba. Certa vez meu pai me contou sobre a noite em que Batista caiu. Os generais se reuniram, subiram a bordo de seus aviões e partiram discretamente para onde estavam suas contas bancárias, deixando a bomba estourar na mão de todo mundo.

Vasco era um dos funcionários do Departamento de Estado que gostavam de trabalhar com a CIA, provavelmente por ser cubano. Ele compreendia que os ramos de diplomacia e espionagem funcionavam melhor trabalhando em conjunto. Nem todos em Foggy Bottom concordavam. Esse era seu problema. Eles nunca precisaram fugir de suas pátrias.

— Acha que é o que está acontecendo lá? — perguntou Mary Pat, chegando na frente de Ed por meio segundo.

— É a impressão que está me dando.

— Está seguro o bastante para contar ao presidente? — perguntou Ed Foley.

— Qual deles? — replicou Vasco. — Deviam ouvir o que estão dizendo lá no escritório. O FBI acaba de tomar o sétimo andar. Isso abalou o pessoal. Mas, de qualquer modo, estou seguro sim. É apenas um palpite, mas um palpite bom. O que precisamos saber é quem, se alguém, esteve falando com eles. Mas vocês não fazem a menor ideia, certo?

Os Foley olharam para baixo, o que respondia à pergunta.

— As alegações do Sr. Ryan mostram que ele está aprendendo o lado sujo da política mais rápido que o lado limpo — disse Kealty, num tom de voz mais magoado que zangado. — Honestamente, esperava mais dele.

— Então, nega as alegações? — perguntou a ABC.

— Claro que nego. Não é segredo que já tive problemas com bebida, mas superei isso. E não é segredo que minha conduta pessoal já foi questionável, mas também mudei isso, com a ajuda de minha igreja e o amor de minha mulher — acrescentou, apertando a mão da esposa enquanto ela o olhava com compaixão e apoio irrestrito. — Isso realmente não tem nenhuma relação com o assunto. Precisamos colocar os interesses da pátria em primeiro lugar. Não temos tempo para assuntos particulares, Sam. Precisamos estar acima dessas coisas.

— Filho da puta — sussurrou Ryan.

— Isto não vai ser agradável — predisse van Damm.

— Ele pode vencer, Arnie?

— Depende. Não tenho certeza de qual é o jogo dele.

— ...poderia também dizer coisas a respeito do Sr. Ryan, mas esse não é o tipo de atitude que precisamos adotar agora. O país precisa de estabilidade, não de discórdia. O povo americano está procurando por líderes... líderes experientes e maduros.

— Arnie, o quanto ele deixou..

— Lembro de quando ele foderia uma cobra se alguém segurasse o bicho.

Jack, não podemos pensar nesse tipo de coisa. Não esqueça o que Allen Drury disse: esta é uma cidade na qual lidamos não com o que as pessoas são, mas como é sua reputação. A imprensa gosta de Ed. Sempre gostou. Gostam de sua família. Gostam de sua consciência social...

— O caralho! — quase gritou.

— Preste atenção no que estou dizendo agora. Quer ser o presidente? Você não tem propensão para ser temperamental. Não pode esquecer disso, Jack.

Quando o presidente perde a cabeça, o povo também perde. Você já viu isso acontecer, e as pessoas lá fora querem saber que você está calmo e controlado o tempo todo. Entendeu?

Ryan engoliu em seco e assentiu. De vez em quando uma pessoa precisava perder a calma, e os presidentes também podiam. Mas era preciso saber quando, e essa era uma lição ainda a ser aprendida.

— Então, o que você está dizendo?

— Você é o presidente. Aja como tal. Faça seu trabalho. Pareça presidencial. O que você disse na entrevista coletiva estava certo. A alegação de Kealty é infundada. Você está mandando o FBI checar a alegação, mas ela não importa. Você fez o juramento. Você vive aqui, e é isso que importa. Torne-o irrelevante e ele desistirá. Faça o jogo dele e isso concederá legitimidade a Kealty.

— E a mídia?

— Dê-lhes uma chance e eles acabarão passando para o nosso lado.

— Voando para casa hoje, Ralph?

Augustus Lorenz e Ralph Forster pertenciam à mesma geração e profissão.

Os dois começaram a carreira médica no Exército dos Estados Unidos, um como cirurgião; o outro, como clínico. Designados para o MAC-V (Military Assistant Command — Comando de Assistência Militar) no Vietnã, na época do presidente Kennedy, muito antes da guerra eclodir, os dois descobriram ao mesmo tempo que havia mais coisas no mundo real do que o que tinham estudado em Princípios da medicina interna. Nas regiões mais remotas do mundo havia doenças que matavam pessoas. Criados na América urbana, tinham idade suficiente para recordar a conquista da pneumonia, tuberculose e poliomielite. Como a maioria dos homens de sua geração, tinham acreditado que as doenças infecciosas

eram um inimigo derrotado. Nas selvas de um Vietnã relativamente pacífico, aprenderam que a verdade era outra, vendo ocasionalmente jovens robustos, soldados americanos e vietnamitas, morrerem diante de seus olhos devido a doenças desconhecidas e contra as quais não sabiam combater. Não era para ser dessa maneira, decidiram ambos certa noite no Bar Caravelle, e como os idealistas e cientistas que eram, ambos retornaram para a faculdade e começaram a reaprender a profissão, iniciando outro processo que não terminaria com o fim de suas vidas. Forster acabara no Johns Hopkins, Lorenz em Atlanta, chefe do Setor de Patógenos Especiais do Centro de Controle de Doenças. Ao longo do caminho tinham voado mais milhas que alguns comandantes de linhas aéreas e visitado mais lugares exóticos do que qualquer fotógrafo da National Geographic, quase sempre perseguindo alguma coisa pequena demais para ser vista, mortal demais para ser ignorada.

— Devia fazer isso, antes que o novato tire meu departamento. O candidato ao Nobel deu uma risada.

— Alex é muito bom. Estou feliz que ele tenha saído do Exército. Pescamos juntos lá no Brasil, quando eles tiveram a... — No laboratório, um técnico fez um ajuste final no microscópio. — Aqui — disse Lorenz. — Aqui está nosso amigo.

Alguns chamavam-no de Bastão de Pastor. Lorenz achava-o mais parecido com um ankh, mas isso também não era apropriado. De qualquer modo não era uma coisa bonita de se ver. Para os dois homens, aquilo era o mal encarnado. O feixe vertical e curvado era chamado ácido ribonucleico, ou RNA. Ele continha o código genético do vírus. No topo havia uma série de proteínas cuja função ainda não era entendida, mas que, provavelmente, achavam ambos, determinava como a doença agia. Provavelmente. Eles não sabiam, apesar de seus vinte anos de estudos intensivos.

A maldita coisa nem mesmo estava viva, mas mesmo assim era capaz de matar. Um organismo verdadeiro possuía tanto RNA quanto DNA, mas um vírus apenas um ou outro. De algum modo, vivia num estado adormecido até entrar em contato com uma célula viva. Ali despertava para a vida como algum tipo de monstro alienígena esperando sua chance, capaz de viver, crescer e se reproduzir apenas com a ajuda de alguma outra coisa, que ele destruiria, e da qual tentaria escapar, para então encontrar outra vítima.

O Ebola era elegantemente simples e microscopicamente pequeno.

Enfileirados, uma centena de milhares deles não ocuparia uma polegada numa régua. Teoricamente, um poderia matar, crescer, migrar e matar de novo. E de novo. E de novo.

A memória coletiva da medicina não era tão longa quanto os médicos gostariam. Em 1918, a gripe espanhola, provavelmente uma forma de pneumonia, varrera o globo em nove meses, matando pelo menos vinte milhões de pessoas — talvez muito mais — e alguns tão rapidamente que houve vítimas que dormiram saudáveis e não acordaram no dia seguinte. Mas embora os sintomas da doença tivessem sido inteiramente documentados, o estado da ciência médica não progredira até um estágio em que pudesse compreender a doença em si. Como resultado, ninguém sabia que epidemia fora realmente aquela — ao ponto de, na década de 1970, algumas prováveis vítimas enterradas no gelo permanente do Alasca terem sido exumadas na esperança de prover amostras do organismo para estudo; uma boa ideia que não funcionou. Para a comunidade médica, essa doença estava esquecida, e a maioria das pessoas presumia que, se ela reaparecesse, seria derrotada pelo tratamento moderno.

Os especialistas em doenças infecciosas não tinham tanta certeza. Essa doença, como a AIDS e o Ebola, era provavelmente um vírus, e o sucesso da medicina em lidar com doenças virais era precisamente...

Zero.

As doenças virais podiam ser evitadas com vacinas, mas uma vez infectado, o sistema imunológico de um paciente poderia ganhar ou perder, com os melhores médicos podendo ficar apenas de braços cruzados, observando. Os médicos, como acontecia em todas as profissões, frequentemente preferiam ignorar aquilo que não compreendiam. Essa era a única explicação possível para o reconhecimento

inexplicavelmente lento da AIDS e suas implicações letais pela comunidade médica. A AIDS era outro agente patogênico exótico que Lorenz e Forster estudavam, e outro presente das florestas da África.

— Gus, de vez em quando me pergunto se algum dia decifraremos esses malditos.

— Cedo ou tarde, Ralph. — Lorenz recuou do microscópio, na verdade, um monitor de computador, e desejou poder fumar seu cachimbo. Não queria realmente parar de fumar, mas trabalhar num prédio do governo dificultava manter o vício. Penso melhor com um cachimbo, disse Gus a si mesmo. Os dois olharam para a tela, observando as estruturas espiraladas das proteínas. — Esta é do menino.

Eles seguiam as pegadas de um punhado de gigantes. Lorenz escrevera um ensaio sobre Walter Reed e William Gorgas, os dois médicos do Exército que derrotaram a Febre Amarela com uma combinação de investigação sistemática e aplicação impiedosa do que aprenderam. Mas, neste ramo, o aprendizado era lento e doloroso.

— Ponha o outro, Kenny.

— Sim, doutor — replicou a voz no comunicador interno. Um momento depois, uma segunda imagem apareceu ao lado da primeira.

— Isso — disse Forster. — As duas se parecem muito.

— Essa veio da enfermeira. Veja só isto. — Lorenz apertou o botão no telefone. — Certo, Kenny, ative o computador.

Diante dos olhos dos dois surgiu uma imagem computadorizada de ambos os exemplos. O computador superpôs as duas. Combinaram com perfeição.

— Pelo menos não sofreu mutação.

— Não teve muita chance. Dois pacientes. Eles fizeram um bom trabalho de isolamento. Talvez estejamos com sorte. Os pais do menino foram examinados.

Parecem estar limpos, ou pelo menos foi isso que disseram no telex. Não descobriram mais nenhum caso em sua vizinhança. Ainda estão vasculhando a área. Procuram o usual: macacos, morcegos, insetos. Até agora, nada. Pode ter sido apenas uma anomalia. — Isso era mais uma esperança do que um julgamento.

— Vou estudar um pouco este aqui. Encomendei alguns macacos. Quero cultivar este aqui, dar alguns telefonemas e então examinarei o que ele faz minuto a minuto. Vou extrair uma amostra das células infectadas a cada minuto, parti-las, queimá-las com UV, congelá-las em nitrogênio líquido e colocá-las sob o microscópio. Quero ver como o RNA do vírus se desenvolve.

Há uma questão de sequenciamento aqui... mal consigo dizer o que estou pensando. Os pensamentos ficam me escapando. Merda.

Gus abriu a gaveta, pegou seu cachimbo e o acendeu com um fósforo.

Aquele era o seu escritório, afinal de contas, e ele pensava melhor com um cachimbo na boca. No campo, dizia que a fumaça espantava os mosquitos, e além disso, ele não inalava. Por educação, abriu a janela.

A ideia pela qual ele acabara de receber fundos era mais complicada do que sua breve exposição denotava, e ambos sabiam disso. O mesmo procedimento experimental seria repetido mil vezes ou mais para que se obtivesse uma leitura correta de como o processo ocorria, e esse seria apenas o dado básico. Cada amostra isolada teria de ser examinada e mapeada. O processo poderia demorar anos, mas se Lorenz estava certo, no fim dele, pela primeira vez, haveria um gráfico do que um vírus fazia, como sua cadeia de RNA afetava uma célula viva.

— Estamos trabalhando com uma ideia semelhante lá em Baltimore. -É?

— Faz parte do Projeto Genoma. Estamos tentando ler as interações complexas. O processo... como este putinho ataca as células em nível molecular. Como o Ebola se reproduz sem uma função apropriada de reprodução no genoma. Há alguma coisa a ser aprendida ali. Mas a complexidade da questão é que é de matar. Precisaremos descobrir as perguntas antes de começarmos a procurar as respostas. E então

precisaremos de um gênio de computador para dizer à máquina como analisar a coisa. Lorenz soergueu as sobranceiras.

— Em que ponto vocês estão? Forster deu de ombros.

— Quadro-negro e giz.

— Bem, depois que pegar meus macacos, eu o mantereii informado do que conseguirmos aqui. Na pior das hipóteses, as amostras de tecido lançarão um pouco de luz no assunto.

O funeral foi épico, com um elenco de milhares uivando sua lealdade a um homem morto e ocultando seus pensamentos verdadeiros; quase se podia senti-los olhando em torno e se perguntando o que aconteceria em seguida. Teve carruagem funerária, soldados com rifles, cavalo sem cavaleiro e soldados em marcha, tudo captado da TV iraquiana pelo STORM TRACK e retransmitido para Washington.

— Gostaria que pudéssemos ver mais rostos — disse Vasco.

— Sim — concordou o presidente. Ryan não sorriu, mas quis. Ele nunca deixaria realmente de ser um espião. Tinha certeza disso. Ele queria os dados frescos, não deglutidos e apresentados a ele por outros. Neste caso, foi assistir ao evento ao vivo, com especialistas comentando-o ao seu lado.

Nos EUA, uma geração antes, aquilo seria chamado de um happening. As pessoas apareciam e agiam de acordo com a forma como era esperado que agissem. O mar literal de pessoas encheu a praça — ela tinha um nome, mas ninguém parecia conhecê-lo... ah, mm, uma nova câmara conferiu uma resposta à pergunta. Grandes telas de TV mostravam a todos o que estava acontecendo.

Jack se perguntou se fariam um replay instantâneo. Duas filas de generais marchavam atrás da carruagem e, Ryan viu, estavam marcando passo.

— Acha que irão desertar?

— É difícil dizer, presidente.

— Seu nome é Bert, certo? — perguntou Ryan.

— Sim, senhor.

— Bert, posso ligar para um dos meus filhos para eles me dizerem que não sabem. Vasco piscou, como esperado. Então pensou, que se dane!

— Oito para dez, eles caem fora.

— É uma boa porcentagem de aposta. Me diga por quê.

— O Iraque não tem ninguém a quem recorrer. Não se dirige uma ditadura por comitê, pelo menos não por muito tempo. Nenhum desses tem colhão para assumir o poder. Se eles permanecerem e o governo mudar, não mudará para alguma coisa que lhes seja favorável. Acabarão como a corte do xá, com as costas na parede, olhando para um pelotão de fuzilamento. Talvez tentem resistir, mas duvido muito. Devem ter dinheiro guardado em algum lugar.

Beber daiquiris numa praia pode não ser tão divertido quanto ser general, mas é bem melhor do que admirar flores pela raiz. Eles também têm famílias com que se preocupar.

— Então devemos prever um regime completamente novo no Iraque? — perguntou Jack!

Vasco assentiu.

— Sim, senhor.

— Irã?

— Não apostaria contra — respondeu Vasco. — Mas não temos informações suficientes para fazer qualquer tipo de estimativa. Gostaria de poder dizer-lhe mais, senhor, mas o senhor não me paga para especular.

— Isso basta por enquanto. — Na verdade, não bastava, mas Vasco dera a Ryan o melhor que podia. — Não há muito que possamos fazer, não é mesmo?

Esta era uma missão para o Sr. e Sra. Foley.

— Na verdade não — replicou Ed. — Suponho que possamos enviar alguém para lá. Talvez

possamos mandar um dos nossos voar do reino para o Iraque, mas o problema é: com quem ele tentará se encontrar? Não fazemos a menor ideia de quem está no comando.

— Se é que alguém está — acrescentou Mary Pat, olhando para os soldados em marcha. Nenhum deles ia na frente.

— Como é que é? — perguntou o comprador.

— Você não me pagou na época — justificou o negociante com um arrotado depois de beber sua primeira cerveja. — Arranjei outro comprador.

— Eu estava apenas dois dias atrasado — protestou o comprador. — Um problema administrativo retardou a transferência de fundos.

— Está com o dinheiro agora?

— Estou!

— Então acharei alguns macacos para você. — O negociante levantou as mãos e estalou os dedos, chamando a atenção do rapaz do bar. Um garçom inglês não teria chegado mais rápido, no mesmo bar, cinquenta anos antes. — Não é tão difícil assim, você sabe. Uma semana? Menos?

— Mas o CDC quer os animais imediatamente. O avião já está a caminho.

— Farei tudo que estiver ao meu alcance. Por favor, explique ao seu cliente que se ele quiser a encomenda na hora combinada, deve estar disposto a pagar na hora combinada. Obrigado. —

Acrescentou para o rapaz do bar: — Uma para o meu amigo. — Ele podia pagar por isso, com o dinheiro que acabara de receber.

— Quanto tempo vai levar?

— Eu lhe disse. Uma semana. Talvez menos. — Por que o sujeito estava tão apressado?

O comprador não tinha escolha, pelo menos não no Quênia. Decidiu beber sua cerveja e falar de outras coisas. Depois daria um telefonema para a Tanzânia. Afinal de contas, o macaco verde africano era abundante por toda a África. Não era um artigo que pudesse estar em falta, disse a si mesmo. Duas horas depois, descobriu que estava errado. O macaco verde estava em falta, embora essa situação fosse perdurar apenas dias. Tudo estaria normalizado assim que os caçadores encontrassem mais tropas dessas pestes de rabo comprido.

Vasco leu a tradução: — Nosso sábio e amado líder que tanto deu ao nosso país...

— Como uma forma radical de controle populacional — acrescentou Ed Foley. Os soldados, todos da Guarda Nacional, moveram o caixão para a tumba preparada e, com isso, duas décadas de história do Iraque passaram para os livros. Provavelmente livros encadernados em espiral, com folhas fáceis de arrancar, pensou Ryan. A grande pergunta era: quem escreveria o próximo capítulo?

Entregas

— E então? — perguntou o presidente Ryan, depois de dispensar seu último grupo de convidados.

— A carta, se é que houve uma, está perdida, senhor — respondeu o inspetor O’Day.

— A informação mais importante obtida até agora é de que o secretário Hanson não era muito escrupuloso em seus procedimentos de segurança de documentos. Quem nos disse isso foi o chefe de segurança do Estado. Ele afirma que aconselhou o secretário a esse respeito em várias ocasiões. Os agentes que levei comigo estão entrevistando várias pessoas para determinar quem entrou e quem saiu do escritório. Trabalharemos a partir daí.

— Quem está dirigindo a investigação? — Ryan lembrou que Hanson, por melhor técnico diplomático que fosse, provavelmente nunca dera tanta atenção a ninguém.

— O Sr. Murray designou a OPR para prosseguir a investigação, independentemente do seu escritório. Isso significa que também estou fora, porque me reportei diretamente ao senhor no passado. Este será meu último envolvimento direto com o caso.

— Estritamente segundo as regras?

— Presidente, é preciso ser dessa forma — disse o inspetor balançando a cabeça.

— Eles terão ajuda adicional da Divisão de Aconselhamento Jurídico. Eles são agentes com formação acadêmica em direito que agem como cães de guarda jurídicos da Casa Branca. Também são bons tiras. — O’Day pensou por um momento. — Quem entrou e saiu do escritório do vice-presidente?

— Aqui, quer dizer?

— Sim, senhor.

Andréa Price respondeu a essa: — Ninguém recentemente. Não está sendo usado desde que ele saiu. Sua secretária foi com ele e...

— Talvez seja melhor alguém checar a máquina de escrever. Se ela usa fita de carbono...

— Isso mesmo! — Ela quase saiu direto do Salão Oval. — Espere, vocês têm pessoas...

— Darei o telefonema — assegurou-lhe O’Day. — Desculpe, presidente.

Devia ter pensado nisso antes. Por favor, pode lacrar o escritório para nós?

— Feito — garantiu Price.

O barulho era insuportável. Os macacos eram animais gregários, que costumavam viver em tropas de até oitenta indivíduos que povoavam principalmente as margens das florestas na fronteira das grandes savanas, para mais facilmente descer das árvores e correr para campo aberto em busca de comida. Nos últimos cem anos tinham aprendido a atacar fazendas, que era mais fácil e seguro do que o que a Natureza programara em seu comportamento, porque os humanos que operavam as fazendas tipicamente controlavam os Predators que comiam os macacos. Um verde africano era um petisco para um leopardo ou uma hiena, mas um bezerro também era, e os fazendeiros precisavam proteger esses. O que resultava era uma curiosa pitada de caos ecológico. Para proteger o rebanho, os fazendeiros, legalmente ou não, eliminavam os Predators. Isso permitira à população de macacos expandir-se rapidamente, e os famintos macacos verdes africanos em seguida atacariam as plantações de cereais e outras colheitas que

alimentavam fazendeiros e os animais de criação. Como fator complicador, os macacos comiam os insetos que também comiam as colheitas, levando os ecologistas locais a sugerir que eliminar os macacos prejudicava o ecossistema da região. Para os fazendeiros era muito mais simples. Se algo comia seus animais de criação, eles o matavam.

Se algo comia suas colheitas, eles também o matavam. Os insetos podiam não ser grandes demais para serem vistos, mas os macacos eram, e assim poucos fazendeiros protestavam quando os caçadores de macacos invadiam suas terras.

Da família cercopithecus, o verde africano possuía bigodes amarelos e costas verde-douradas. Ele podia viver até trinta anos — mais provavelmente em cativeiro confortável do que na floresta infestada de Predators — e tinha uma vida social animada. As tropas eram compostas de famílias de fêmeas, com macacos machos juntando-se ao grupo individualmente por períodos de algumas semanas ou meses antes de se desgarrarem. Uma abundância de fêmeas no cio permitia a diversos machos desfrutarem cooperativamente da situação, mas esse não era o caso na aeronave. As gaiolas estavam empilhadas como ficariam num caminhão carregado de engradados com galinhas a caminho do mercado. Algumas fêmeas estavam no cio, mas totalmente inacessíveis, frustrando seus pretendentes. Os machos nas gaiolas ao lado de outros machos chiavam, arranhavam e cuspiam nos seus vizinhos indesejáveis, irritados com o fato de que os captores tinham usado gaiolas de mesmo tamanho para aprisionar macacos de tamanhos diferentes — o macho verde africano media o dobro da fêmea —, e com estarem sentindo o mais agradável dos odores da natureza... tão perto e tão longe. Somada aos odores desconhecidos da aeronave e à ausência de comida e água, a superlotação gerou um conflito símio, e como a questão não podia ser resolvida por combate, tudo que resultou foi um grito coletivo de raiva, emitido por centenas de indivíduos, que superou de longe as turbinas JT-8 que levavam a aeronave para leste sobre o oceano Índico.

Lá na frente, a tripulação estava com a porta da cabine de comando fechada fortemente e com os fones de ouvido apertados sobre as orelhas. Isso atenuava o som, mas não o odor fétido que os sistemas de condicionamento de ar circulavam para frente e para trás, enraivecendo ainda mais a carga e nauseando a tripulação.

O piloto, um homem dado a proferir imprecizações eloquentes, esgotara seu palavreado e estava cansado de rogar a Alá para expurgar aquelas criaturinhas horríveis da face da terra. Num zoológico ele teria apontado para as criaturinhas de rabos compridos, e seus filhos gêmeos teriam sorrido e atirado alguns amendoins para os prisioneiros engraçados. Aqui seu temperamento era outro.

Com a tolerância esgotada, o piloto pegou a máscara de oxigênio e ligou o fluxo de ar, desejando que pudesse em seguida abrir as portas da carga, descomprimindo a aeronave e extinguindo os macacos e seu fedor insuportável. Teria se sentido melhor se soubesse que os macacos pressentiam um mal terrível à sua espera.

Badrayn encontrou-os novamente num bunker de comunicações. O bunker não lhe conferiu a sensação de segurança esperada. A única razão para este ainda estar de pé era que fora construído sob um falso prédio industrial — uma gráfica que, na verdade, realmente imprimia alguns livros. Esta e mais algumas instalações similares tinham sobrevivido à guerra contra os EUA apenas porque o serviço de informação americano cometera um erro. Duas bombas inteligentes haviam atingido um prédio diretamente do outro lado da rua.

Ainda era possível ver a cratera no local onde os americanos tinham acreditado que este bunker ficava. Havia uma lição naquilo, pensou Badrayn, ainda esperando. Era preciso ver para acreditar. Não era o mesmo que olhar numa tela de TV ou ouvir falar a respeito. Havia cinco metros de concreto sólido sobre sua cabeça. Cinco metros. As instalações haviam sido construídas sob a supervisão de engenheiros alemães bem remunerados. Ainda era possível ver a impressão das tábuas de madeira compensada que

tinham mantido o concreto úmido no lugar. Não se via uma única rachadura — e provavelmente a única razão para este lugar ainda estar de pé era que os americanos tinham bombardeado o lado errado da rua. O poder das armas modernas era imenso, e embora AH Badrayn tivesse existido no mundo das armas e guerreado durante a maior parte de sua vida, essa era a primeira vez que ele reconhecia esse fato.

Eles eram bons anfitriões. Um coronel fora designado para cuidar dele.

Dois sargentos prepararam salgadinhos e drinques. Ele assistira ao funeral pela TV. Fora tão previsível quanto uma daquelas séries policiais americanas exibidas pelo mundo inteiro. Você sempre sabe como a história ia terminar. Os iraquianos, como a maioria dos povos da região, eram um povo apaixonado, particularmente quando reunidos em grande número e encorajados a fazer os ruídos apropriados. Comoviam-se com facilidade, e Badrayn sabia que nem sempre importava por quem. Além disso, quanto daquilo fora genuíno? Os informantes ainda estavam lá fora para tomar nota de quem não aplaudia ou lamentava nos momentos certos. O aparato de segurança que fracassara em proteger o presidente morto ainda operava, e todos sabiam disso. E pouco da emoção que fluíra tão livremente na tela e através das praças cheias era real. Ele riu por dentro. Como uma mulher, disse Badrayn a si mesmo, fingindo seu momento de prazer supremo. A questão era, os homens que tão frequentemente desfrutavam de prazer sem concedê-lo notariam a diferença?

Chegaram um a um, para evitar discutir no caminho a questão que todos precisariam decidir em conjunto. Um armário de madeira foi aberto para revelar garrafas e copos, e as leis do Islã foram violadas. Badrayn não se importou.

Tomou um copo de vodca, bebida pela qual adquirira o gosto vinte anos antes em Moscou, então a capital de um mundo hoje desaparecido.

Estavam surpreendentemente quietos para homens tão poderosos, ainda mais para pessoas que tinham chegado do funeral de um homem a quem jamais amaram. Tomaram suas bebidas — principalmente uísque — e novamente limitaram-se a olhar uns para os outros. O televisor ainda estava sintonizado numa estação local retransmitindo o funeral, com o comentarista exaltando as virtudes do líder morto. Os generais olharam as imagens e ouviram as palavras, mas a expressão grave em seus rostos não era de tristeza. Era de medo. Seu mundo chegara ao fim. Não ficaram comovidos com os gritos dos cidadãos ou com as palavras do comentarista. Todos sabiam o que estava acontecendo.

O último deles chegou. Era o chefe de informação que encontrara Badrayn no começo do dia, limpo e refrescado porque passara em seu quartel-general.

Os outros olharam para ele, que respondeu sem a necessidade de ouvir a pergunta.

— Tudo está calmo, amigos.

Por enquanto. Essa observação também não precisou ser exprimida.

Badrayn poderia ter falado, mas não o fez. Ele era eloquente. Com o passar dos anos conseguira motivar muitas pessoas e sabia como, mas este era um momento em que o silêncio era a declaração mais poderosa. Limitaram-se a olhar para ele, sabendo que seus olhos falavam muito mais alto do que qualquer voz.

— Não estou gostando disto — disse um deles finalmente. Nenhum rosto se alterou. E não foi nenhuma surpresa. Nenhum deles estava gostando daquilo. O que falara simplesmente afirmara o pensamento geral e, ao fazê-lo, revelou-se o mais fraco do grupo.

— Como vamos saber que podemos confiar em seu mestre? — perguntou o chefe da guarda.

— Ele lhes dará sua palavra em nome de Deus — replicou Badrayn, pousando o copo na mesa. — Se quiserem, podem mandar uma delegação falar com ele. Nesse caso, permaneceré aqui como seu refém. Mas se quiserem fazer isso, terão de decidir depressa.

Todos sabiam disso também. A coisa que temiam poderia acontecer antes ou depois de sua partida. Seguiu-se outro período de silêncio. Mal bebericavam seus drinques agora. Olhando para seus rostos,

Badrayn leu os pensamentos dos homens. Todos queriam que outra pessoa expressasse uma opinião, para depois concordar ou não com ela; no processo, o grupo alcançaria uma posição coletiva que todos provavelmente seguiriam, embora pudesse haver uma facção de dois ou três que considerariam um curso de ação alternativo. Isso dependia de qual deles colocaria sua vida na balança para pesá-la contra um futuro desconhecido. Esperou para ver quem faria isso. Finalmente um deles se manifestou.

— Casei tarde — disse o chefe da Força Aérea, que passara dos vinte aos trinta e poucos anos como piloto de caça. — Tenho filhos pequenos. — Fez uma pausa e olhou em volta. — Acho que todos sabemos do destino possível...provável... de nossas famílias se as coisas transcorrerem desfavoravelmente.

Foi uma jogada digna, pensou Badrayn. Não podiam agir como covardes.

Eram soldados, afinal de contas.

A promessa de Daryaei em nome de Deus não bastava para convencê-los.

Havia muito tempo desde que qualquer um deles tinha visitado a mesquita para qualquer propósito além de ser fotografado em suas devoções simuladas, e embora o caso de seu inimigo fosse bem diferente, uma pessoa só confiaria em outra religião se tivesse fé na sua.

— Presumo que finanças não sejam um problema — disse Badrayn, tanto para certificar-se de que não eram e para fazer com que eles mesmos examinassem essa opção. Algumas cabeças viraram com olhares quase sarcásticos, e a pergunta foi respondida. Embora as contas do Iraque estivessem congeladas havia muito tempo, outras contas não estavam. Era possível fraudar a nacionalidade de uma conta bancária, principalmente considerando o tamanho da conta. Cada um desses homens, pensou Badrayn, tinha acesso a nove dígitos de alguma unidade monetária, provavelmente dólares ou libras, e esta não era hora de se preocupar com a quem esse dinheiro pertencera.

A questão seguinte era: para onde podiam ir, e como chegariam lá em segurança? Badrayn podia ver isso em seus rostos, e mesmo assim, nada pôde fazer no momento. A ironia da situação, que apenas ele estava em posição de apreciar, era que o inimigo não queria nada mais do que aliviar o medo daqueles homens e manter sua palavra. Mas Ali sabia que ele era um homem de paciência extraordinária. Do contrário nem estaria aqui.

— Tem certeza?

— A situação é quase ideal — disse o visitante de Daryaei, prosseguindo sua explicação.

Mesmo para um homem religioso que acreditava na Vontade de Deus, a confluência de eventos era boa demais para ser verdade, e no entanto era mesmo — ou parecia ser.

— E...?

— E estamos procedendo de acordo com o plano.

— Excelente.

Não era. Daryaei teria preferido lidar com cada aspecto por vez, para melhor concentrar seu intelecto formidável nas três situações em desenvolvimento, mas isso nem sempre era possível, e talvez fosse esse o sinal.

Em todo caso, não tinha escolha. Como era estranho que pudesse se sentir encurralado por eventos resultantes de planos que ele mesmo colocara em ação.

A parte mais difícil foi lidar com seu colega da Organização Mundial de Saúde. Isso foi possível apenas porque as notícias até ali eram boas. Benedict Mkusa, o Paciente Index ou Paciente Zero, dependendo da terminologia favorita da pessoa, estava morto, seu corpo destruído. Uma equipe de 15 pessoas vasculhara a vizinhança da família e até agora não encontrara nada. O período crítico ainda não chegara — o Ebola Zaire tinha um período normal de incubação de quatro a dez dias, embora houvesse casos tão breves quanto dois dias e tão longos quanto dezenove — mas o único outro caso estava diante de seus olhos. Foi descoberto que Mkusa era um naturalista nato, que passava a maior parte

de seu tempo livre na floresta. Assim, agora estava sendo realizada uma caça a roedores, macacos e morcegos, em mais uma tentativa de descobrir o hospedeiro ou portador do vírus mortal. Mas, acima de tudo, esperavam que, para variar, a sorte lhes tivesse sorrido. O Paciente Index fora tratado imediatamente devido à situação de sua família. Seus pais, cultos e bem-sucedidos, haviam deixado profissionais de saúde tratarem do menino em vez de fazer isso eles mesmos. Graças a essa atitude, provavelmente tinham salvo suas próprias vidas, embora estivessem agora esperando o período de incubação terminar com um terror que superava até mesmo a dor da perda de seu filho.

Todo dia tinham seu sangue extraído para os exames padrão, mas os exames podiam ser imprecisos, como algum médico insensível dissera-lhes. A despeito disso, a equipe da OMS estava se permitindo torcer que esta epidemia parasse com dois pacientes-vítima, e por causa disso estiveram dispostos a considerar a proposta do Dr. Moudi.

Houve objeções, claro. Os médicos zairenses queriam tratá-la aqui. Isso fazia sentido. Eles tinham mais experiência com o Ebola do que qualquer outra pessoa, embora isso tivesse trazido poucos benefícios, e a equipe da OMS relutava, por questões políticas, a insultar seus colegas. Havia acontecido alguns incidentes infelizes antes, envolvendo a arrogância com que os europeus tratavam os médicos locais. Os dois lados estavam certos em alguns pontos. A qualidade dos médicos africanos era desigual. Havia médicos excelentes, péssimos e medianos. O argumento do Dr. Moudi foi de que Rousseau era um herói genuíno da comunidade parisiense, um cientista talentoso e um clínico dedicado que se recusava a aceitar o fato de que as doenças virais não podiam ser tratadas com eficácia. Rousseau, na tradição de Pasteur, estava determinado a quebrar a regra. Ele experimentara o ribavirin e o interferon como tratamentos para o Ebola, sem resultado positivo. Sua última conquista teórica fora dramática e provavelmente ineficaz, mas demonstrara uma certa promessa em estudos com macacos, e ele queria testá-la num paciente humano sob condições cuidadosamente controladas. Embora seu método proposto de tratamento fosse tudo, menos prático para a aplicação clínica, era preciso começar em algum lugar.

O fator decisivo, previsivelmente, foi a identidade da paciente. Muitos integrantes da equipe da ONU conheciam a freira desde a última epidemia de Ebola em Kikwit. A irmã Jean Baptiste voara para aquela cidade a fim de supervisionar as enfermeiras locais e, apesar da crença geral em contrário, os médicos podiam comover-se quando familiarizados com seus pacientes.

Finalmente, ficara acertado que sim, o Dr. Moudi poderia transportar a paciente.

A mecânica da transferência foi complicada. Eles usaram um caminhão em vez de uma ambulância, porque um caminhão seria mais fácil de ser desinfetado depois do transporte. A paciente foi erguida num lençol plástico e depositada numa maça de rodas, na qual foi transportada pelo corredor. O percurso estava desimpedido, e enquanto Moudi e a irmã Maria Magdalena empurravam a paciente na direção da porta, um grupo de técnicos vestidos em roupas espaciais de plástico borrifava o assoalho, as paredes e o próprio ar com desinfetante, levantando uma neblina química que seguiu a procissão como a fumaça do carburador de um calhambeque.

A paciente foi sedada e amarrada. Seu corpo foi enclausurado para prevenir a liberação de sangramentos ricos em vírus. O lençol plástico sob ela fora pulverizado com os mesmos agentes químicos neutralizadores, de modo que quaisquer vazamentos encontrariam imediatamente um ambiente adverso para as partículas de vírus que eles portavam. Enquanto empurrava a maça de rodas, Moudi espantou-se com sua própria loucura, assumindo tamanho risco com algo tão mortal. O rosto de Jean Baptiste, marcado por um número cada vez mais numeroso de petéquias, estava plácido devido a uma dosagem perigosamente alta de narcóticos.

Saíram para a doca de carregamento pela qual os suprimentos chegavam ao hospital. O caminhão estava lá, seu motorista sentado firmemente atrás do volante e nem mesmo olhando para trás em sua direção, exceto talvez pelo espelho. O interior da van fora borrifado da mesma forma, e com a porta fechada e a maça de rodas imobilizada firmemente, o veículo partiu acompanhado de uma escolta

policial, jamais excedendo trinta quilômetros por hora em seu trajeto curto até o aeroporto local. O sol ainda estava alto e o calor rapidamente tornou o caminhão um forno móvel, fervendo os produtos químicos protetores. O odor de desinfetante atravessou o sistema de filtração da roupa. Felizmente o médico estava acostumado com o cheiro.

O avião estava esperando. O G-IV chegara apenas duas horas antes depois de um voo direto de Teerã. O interior fora desprovido de tudo, menos dois assentos e uma cama. Moudi sentiu o caminhão e se virou para olhar para trás.

A porta de carga abriu, ofuscando-os com o sol. Ainda uma freira bondosa, a irmã Maria Magdalena protegeu com a mão os olhos da colega.

Havia outros lá dentro, claro. Mais duas freiras e um padre em roupas protetoras observavam a uma certa distância. Todos estavam orando enquanto outras pessoas levantavam a paciente pelo lençol plástico e carregavam-na lentamente para bordo do jato comercial pintado de branco. Levou cinco minutos cuidadosos até a paciente estar amarrada com firmeza no lugar, e a tripulação de solo se afastou. Moudi examinou cuidadosamente a paciente, checando pulso e pressão, o primeiro acelerado, a segunda ainda caindo. Isso o preocupou. Ele precisava que a irmã permanecesse viva o mais tempo possível.

Feito isso, gesticulou para a tripulação e fechou seu próprio cinto de segurança.

Sentando-se, aproveitou o momento para olhar pela janela, e ficou alarmado ao ver uma câmera de TV apontada para a aeronave. Pelo menos eles mantiveram distância, pensou o médico, enquanto ouviu a primeira turbina começar a funcionar. Pela janela externa, viu a equipe de limpeza pulverizar novamente o caminhão. Aquilo era principalmente teatral. O Ebola, mortal como era, parecia um organismo delicado, morto prontamente pelos raios ultravioleta do sol direto e vulnerável ao calor. Esse era o motivo pelo qual a busca pelo hospedeiro era tão frustrante. Alguma coisa portava esse maldito micróbio. O Ebola não podia existir sozinho, mas fosse qual fosse o animal que proporcionava uma casa confortável para o vírus, o Ebola recompensava esse serviço não o matando; assim, havia uma criatura vivente, ainda desconhecida, que assombrava o continente africano como uma sombra. O médico grunhiu.

Eleja desejara descobrir esse hospedeiro para poder usá-lo, mas essa esperança sempre fora em vão. Em vez disso, tinha agora algo quase tão bom. Tinha um paciente vivo cujo corpo estava inoculado com o patógeno, e embora todas as vítimas anteriores do Ebola tivessem sido queimadas, ou enterradas em solo empapado com química, esta teria um destino muito diferente. O avião começou a se mover. Moudi checou seu cinto de segurança novamente e desejou ter alguma coisa para beber.

Na cabine de comando, os dois pilotos vestiam roupas protetoras previamente borrifadas com Nomex. As máscaras abafavam suas palavras, forçando a repetição de seu pedido de desobstrução, mas finalmente a torre entendeu, e o Gulfstream iniciou seu percurso de decolagem. Alçou voo suavemente no límpido céu africano e rumou para o norte. A primeira parte da viagem consistiria em 2.551 milhas, e duraria mais de seis horas.

Outro avião, um G-IV praticamente idêntico, já pousara em Benghazi, e agora sua tripulação estava recebendo instruções sobre procedimentos de emergência.

— Canibais — disse Holbrook, balançando a cabeça em descrença temporária. Ficara acordado até tarde na noite anterior para assistir a todos os comentaristas da C-SPAN discutirem a situação confusa no Congresso em virtude do discurso desse Ryan. Não fora um discurso ruim, tinha de admitir. Já vira coisas piores. Aquilo tudo fora mentira, claro, uma espécie de programa de TV. Ninguém acredita no que acontece nas séries de TV, mesmo naquelas das quais se gosta. Algum homem talentoso escrevera o discurso, com o propósito de convencer o povo de alguma coisa. A habilidade dessa gente era extraordinária. Os Montanheses trabalhavam havia anos para desenvolver um discurso que pudessem usar para mobilizar o povo para seu ponto de vista.

Haviam tentado e tentado, mas eles simplesmente não conseguiam fazer isso direito. Não que

houvesse alguma coisa errada com suas crenças, claro que não.

O problema era a forma de apresentar essas crenças, e apenas o governo e seu aliado, Hollywood, podiam pagar os profissionais certos para desenvolver ideias que distorciam as mentes dos cidadãos — essa era a única conclusão possível.

Mas agora havia discórdia no acampamento inimigo.

Ernie Brown, que ao chegar acordara o amigo, emudeceu o som da TV.

— Acho que simplesmente não há espaço para os dois naquela cidade, Pete.

— Acha que um sairá ao pôr do sol? — perguntou Holbrook.

— Espero que sim. — O comentário jurídico que tinham acabado de ouvir na hora política da CNN fora tão confuso quanto uma marcha de pretos em Washington para protestar contra a previdência social. — Bem, a Constituição não diz o que fazer num caso como este. Suponho que eles poderiam resolver isso num duelo ao pôr do sol na Pennsylvania Avenue — acrescentou Ernie com um risinho.

Pete virou a cabeça e fez uma careta. — Não seria uma cena fantástica?

— Americana demais.

Brown poderia ter acrescentado que Ryan tinha realmente estado num tiroteio certa vez, ou pelo menos era isso que os jornais e a TV diziam. Bem, era verdade. Ambos lembravam vagamente da coisa em Londres e, verdade seja dita, tinham ficado orgulhosos em ver um americano mostrando aos europeus como se usa uma pistola — estrangeiros não sabem picas sobre armas, não é mesmo? Os estrangeiros eram tão sujos quanto Hollywood. Era uma pena que Ryan tivesse seguido o mau caminho. O que ele dissera no discurso, o motivo pelo qual entrara no governo, era o que todos diziam. Todos eram patifes e ladrões, mas pelo menos aquela escória do Kealty não era hipócrita a esse respeito. Um cigano de classe alta ou... um coioote? Sim, ele era isso. Kealty fora um bandido político a vida inteira, e estava apenas sendo o que era. Não se pode culpar um coioote por uivar para a lua. Obviamente, coiootes eram pestes.

Os rancheiros podiam matar todos os que quisessem... Brown balançou a cabeça.

— Pete?

— Que é, Ernie? — Holbrook tinha pegado o controle e estava prestes a aumentar o volume.

— Estamos numa crise constitucional, certo? Foi a vez de Holbrook virar-se para olhar.

— Sim, é isso que os especialistas estão dizendo.

— E ela acaba de piorar, certo?

— Com o caso do Kealty? Parece que sim. — Pete pousou o controle. Ernie estava tendo outro surto de ideias.

— E se... humm...

Brown começou e parou, olhando para o televisor silencioso. Holbrook sabia que seus pensamentos levavam tempo para se formar, mas quando isso acontecia, a espera revelava ter valido a pena.

Já passara da meia-noite quando o 707 pousou, finalmente, no Aeroporto Internacional Teerã-Mehrabad. A tripulação parecia composta por zumbis, tendo voado quase continuamente durante as últimas 36 horas, bem acima dos limites de cautela da aviação civil. Os tripulantes estavam ainda mais extenuados pela natureza de sua carga, e com tanto mau humor que tinham trocado palavras ríspidas durante a descida longa. Mas quando a aeronave pousou, veio o alívio e o embarço, que exprimiram com um suspiro coletivo.

O piloto balançou a cabeça e esfregou o rosto com uma mão cansada, taxiando para o sul, guiando entre as lâmpadas azuis. Este aeroporto também era o sítio dos quartéis-generais do Exército e da Força Aérea iraquiana. A aeronave completou seu voo, revertendo direções e seguindo para a espaçosa área de decolagem da força aérea — embora seus símbolos fossem civis, o 707 pertencia à Força Aérea iraquiana. Havia caminhões à espera, a tripulação viu com alegria. O avião parou. O engenheiro desligou

as turbinas. O piloto ajustou os freios de estacionamento. Os três homens olharam para baixo.

— Um dia longo, meus amigos — disse o piloto à guisa de desculpa.

— Com a graça de Deus, teremos um sono longo à nossa espera — replicou o engenheiro, que fora o alvo principal da fúria do comandante, aceitando as desculpas. Estavam cansados demais para sustentar uma discussão, e depois de um descanso apropriado nem lembrariam dos motivos.

Removeram as máscaras de oxigênio, para serem recebidos pelo fedor de sua carga, e se forçaram para não vomitar enquanto a porta da carga era aberta na traseira. Não podiam desembarcar ainda. A porta da aeronave estava obstruída com gaiolas e, a não ser que descessem pelas janelas — o que seria muito indigno — teriam de aguardar sua liberdade como passageiros no terminal de qualquer aeroporto internacional.

Os soldados procederam o descarregamento, um processo dificultado ainda mais pelo fato de que ninguém aconselhara seu comandante a mandá-los usar luvas, como os africanos tinham feito. Cada gaiola tinha um gancho no topo, mas os verdes africanos, tão irritados quanto os tripulantes, investiram para arranhar e morder as mãos que tentavam levantá-los. As reações entre os soldados diferiram. Alguns bateram nas gaiolas para forçar os macacos à passividade. Os mais espertos removeram suas jaquetas e usaram-nas para proteger as mãos enquanto seguravam as gaiolas. Logo foi estabelecida uma fileira de homens, e as gaiolas foram transferidas, uma por vez, para uma série de caminhões.

O procedimento foi barulhento. Fazia cerca de dez graus em Teerã naquela noite, muito abaixo do que os macacos estavam acostumados, e isso perturbou-os mais do que qualquer coisa que lhes acontecera nos últimos dias, piorando ainda mais seu comportamento. Reagiram ao novo trauma com gritos e uivos que ecoaram pela rampa. Até mesmo pessoas que nunca tinham ouvido macacos não confundiriam aqueles ruídos com qualquer outra coisa, mas isso não poderia ser evitado. Finalmente acabou. A porta da cabine de comando foi aberta, e a tripulação teve a chance de olhar para o que antes fora um avião impecável. Tinham certeza que levaria semanas até conseguirem tirar o cheiro, e apenas esfregá-lo seria uma tarefa dolorosa na qual preferiram não pensar no momento. Deixaram juntos o avião e caminharam até seus carros estacionados.

Os macacos seguiram para norte em sua terceira ou quarta — e última — jornada de caminhão. Fizeram um percurso curto ao longo de uma rodovia construída durante o reinado do xá, e dali seguiram para oeste rumo a Hasanbad. Ali havia uma fazenda, dedicada há muito tempo aos mesmos propósitos que haviam ocasionado o transporte dos macacos da África para a Ásia. A fazenda pertencia ao Estado, usada como estação experimental para testar novas colheitas e fertilizantes, e se esperava que ela oferecesse alimentos aos recém-chegados, mas ainda era inverno e nada estava crescendo no momento. Em vez disso, vários caminhões de tâmaras do sudeste do país tinham acabado de chegar. Os macacos sentiram o cheiro das tâmaras ao ser transportados para o prédio de concreto de três andares que seria sua última casa. O aroma apenas deixou-os mais agitados, porque não haviam comido nem bebido nada desde que saíram de seu continente natal, mas pelo menos concedeu-lhes a esperança de uma refeição, e uma refeição saborosa, como era de direito a todos os condenados.

O Gulfstream G-IV pousou em Benghazi precisamente dentro de seu plano de voo. Fora uma jornada agradável, dentro das circunstâncias. Mesmo a atmosfera normalmente turbulenta do centro do Saara estivera calma, permitindo um cruzeiro suave. A irmã Jean Baptiste permanecera inconsciente durante a maior parte do voo, despertando para a semiconsciência apenas algumas vezes, e logo perdendo os sentidos novamente. Na verdade, ela estivera mais confortável do que as outras quatro pessoas a bordo, cujas roupas protetoras impediam-nas sequer de tomar um gole de água.

As portas da aeronave não foram abertas em nenhum momento. Em vez disso, caminhões de combustível tinham se aproximado e seus motoristas haviam conectado mangueiras às aberturas dos tanques de combustível. O Dr.

Moudi estava acordado, devido à tensão. A irmã Maria Magdalena estava cochilando. Ela era tão idosa quanto a paciente, e mal dormira nos últimos dias, devotada como estava à colega. Isso era injusto, pensou Moudi, franzindo a testa ao olhar pela janela. Ele não sentia mais ódio por essas pessoas.

Antigamente, sim, ele sentiria. Ele já considerara todos os ocidentais como inimigos de seu país, mas essas duas não eram. Sua terra natal era essencialmente neutra em relação à dele. Não eram os pagãos animistas da África, que ignoravam os apelos do Deus verdadeiro. Elas haviam dedicado suas vidas ao serviço de Seu nome, e ambas tinham surpreendido Moudi ao demonstrar respeito por suas orações e devoções. Mais do que qualquer outra coisa, respeitava a crença das duas de que a fé era um caminho para o progresso e não a aceitação de um destino pré-ordenado, uma ideia não totalmente congruente com suas crenças islâmicas, mas também não exatamente contrária a elas. Maria Magdalena tinha nas mãos — desinfetadas — um rosário que usava para organizar suas preces a Maria, mãe do profeta Jesus, venerada no Corão e nas escrituras abreviadas da freira, e um modelo de comportamento para as mulheres...

Moudi virou a cabeça, desviando os olhos das duas. Não podia permitir-se esse tipo de pensamento. Tinha uma missão, e elas eram os instrumentos dessa missão. Uma tivera seu destino designado por Alá, a outra escolhera o seu próprio. A missão estava lá fora, não aqui dentro, fato evidenciado quando os caminhões de combustível se afastaram e as turbinas começaram a funcionar de novo. O voo estava sendo realizado às pressas. Ele também estava apressado, porque queria finalizar a parte física da missão imediatamente, para começar logo a parte intelectual. A primeira parte estava acabando, mas não havia motivo para comemorar. Todos aqueles anos entre pagãos, vivendo no calor tropical, sem uma única mesquita a quilômetros de distância, obrigado a comer comida horrorosa, frequentemente maculada, sempre se perguntando se era pura ou impura, e jamais tendo certeza. Isso tudo ficara para trás. O que o futuro lhe reservava era o serviço ao seu Deus e seu país.

Duas aeronaves, não uma, taxiaram até a pista principal norte-sul, sacolejando ao passar por rachaduras no concreto, causadas pelo calor assassino do deserto e pelo frio surpreendente das noites de inverno. A primeira aeronave a partir não foi a de Moudi. Aquele G-IV, externamente idêntico, diferindo em apenas um dígito no código de cauda, ganhou velocidade na pista e decolou rumo ao norte. O avião de Moudi replicou a rotina de decolagem, mas assim que as rodas foram recolhidas, este G-IV virou à direita num percurso para sudeste rumo ao Sudão, um avião solitário numa noite solitária no deserto.

O primeiro virou levemente para oeste e adentrou o corredor normal do espaço aéreo internacional para a costa francesa. Durante o curso, passaria perto da ilha de Malta, onde uma estação de radar existia para atender às necessidades do aeroporto de La Valetta e também para executar deveres de controle de tráfego para o Mediterrâneo central. A tripulação dessa aeronave era inteiramente composta por oficiais da Força Aérea que geralmente transportavam eminências da política e dos negócios de um ponto a outro, o que era seguro, bem remunerado e tedioso. Esta noite seria diferente. O copiloto mantinha os olhos fixos no mapa de voo e no sistema de navegação GPS. A duzentas milhas de Malta, a uma altitude de cruzeiro de 39 mil pés, obedeceu ao aceno de cabeça do piloto e ajustou o transceptor do radar em 7711.

— Estação Valetta. Estação Valetta. Aqui é November-Juliet-Alpha, Mayday, Mayday, Mayday.

O controlador em La Valetta digitou imediatamente a assinatura tripla no radar. O tráfego ali era normalmente esparso, e até agora a noite tinha sido tão rotineira quanto qualquer outra no centro de controle de tráfego aéreo. O controlador segurou seu microfone com uma mão enquanto gesticulava com a outra para seu supervisor.

— Juliet-Alpha, Valetta. Está declarando emergência, senhor?

— Valetta, Juliet-Alpha. Afirmativo. Somos o voo de evacuação vindo do Zaire para Paris. Acabamos de perder a turbina número dois e tivemos problemas elétricos, aguarde...

— Juliet-Alpha, Valetta. Em prontidão, senhor.

A tela mostrou a altitude da aeronave como 390, depois 380, depois 370.

— Juliet-Alpha, Valetta. Vejo que está perdendo altitude. O tom da voz em seus fones de ouvido mudou.

— Mayday, Mayday, Mayday! Estamos sem as duas turbinas, estamos sem as duas turbinas! Tentando religar. Aqui é Juliet-Alpha.

— Juliet-Alpha, Valetta. O seu curso de penetração direta é três-quatro-três, repito, vetor direcional três-quatro-três. Em prontidão, senhor.

Um câmbio rápido e tenso foi tudo que o controlador replicou. A leitura de altitude agora estava em 330.

— Que está acontecendo? — perguntou o supervisor.

— Ele disse que está sem as duas turbinas. Está caindo rapidamente.

Uma tela de computador mostrou que o avião era um Gulfstream, e o plano de voo foi confirmado.

— Está planando bem — comentou otimista o supervisor; 310, disseram ambos. Mas o G-IV não estava planando tão bem assim.

— Juliet-Alpha, Valetta. Nada.

— Juliet-Alpha, aqui é Estação Valetta.

— Quem mais está... — disse o supervisor, checando a tela pessoalmente.

Não havia outras aeronaves na área, e tudo que eles podiam fazer era observar.

Para simular melhor A emergência de voo, o piloto colocou suas turbinas novamente em ponto morto. Em geral o pessoal da torre diria alguma gracinha para acalmá-lo, mas não fizeram isso. Na verdade, não falaram nada. Empurrou o manche mais para a frente de modo a aumentar seu ritmo de descida. Então virou para bombordo, como se estivesse angulando na direção de Malta. Isso vai fazer com que as pessoas na torre se sintam melhor, pensou, passando pelos 25 mil pés. Foi uma sensação muito boa. Eleja fora piloto de caça para seu país, e sentia falta da sensação maravilhosa de fazer piruetas com um avião através do céu. Uma descida nesta velocidade teria deixado seus passageiros pálidos e em pânico. Para o piloto aquilo era a essência do ato de voar.

— Ele deve estar muito pesado — disse o supervisor.

— O percurso para o De Gaulle em Paris está desobstruído. — O controlador encolheu os ombros e fez uma careta. — O avião está sobre Benghazi.

— Combustível ruim?

A resposta foi outro dar de ombros.

Era como assistir à morte pela televisão, ou pior ainda, porque os dígitos alfanuméricos de altitude continuavam descendo na velocidade das figuras de um caça-níqueis.

O supervisor levantou um telefone.

— Ligue para os líbios. Pergunte se eles podem resgatar um avião. Temos uma aeronave prestes a cair no golfo de Sidra.

— Estação Valetta, aqui é o USS Radford, me copia?

— Radford, Valetta.

— Temos seu contato no radar. Está caindo em alta velocidade. — A voz foi de um tenente em plantão noturno. O Radford era um velho destróier classe Spruance em rumo para Nápoles depois de um exercício com a Marinha egípcia. Durante o percurso recebera ordens de entrar no golfo de Sidra para proclamar direitos de liberdade de navegação, um exercício quase tão antigo quanto a própria nau. Já tendo sido fonte de emoções consideráveis, e duas batalhas aeronavais acirradas na década de 1980, essa missão agora era uma rotina tediosa, senão o Radford não estaria indo sozinho. Era tão chato que os

marinheiros estavam monitorando frequências de rádio para aliviar o torpor.

— O contato está a oito-zero milhas a oeste de nós. Estamos vasculhando.

— Pode responder a um pedido de resgate?

— Valetta, acabei de acordar o comandante. Dê-nos algum tempo para nos organizarmos e vamos tentar, desligo.

— Está caindo como uma pedra — comentou o oficial no posto de comunicações do Radford. — Melhor andarmos depressa.

— O alvo é um jato comercial Gulf-Four. Nós o captamos em um-seis-mil e descendo rápido — aconselhou Valetta.

— Obrigado, confere com nossos dados. Estamos em prontidão.

— Que está acontecendo? — perguntou o comandante, aparecendo vestido com calças caqui e camiseta. O relatório não demorou muito. — Certo, ponha o motor para funcionar. — Em seguida, o comandante pegou um microfone de comunicação interna. — Passadiço, aqui é o comandante. Toda velocidade para frente, entrando em curso...

— Dois-sete-cinco, senhor — instruiu o oficial de radar. — Alvo está em dois-sete-cinco e oito-três milhas.

— Novo curso é dois-sete-cinco.

— Certo, senhor. Entrando em dois-sete-cinco, toda velocidade para a frente — confirmou o oficial no tombadilho. No passadiço, o contramestre da vigília empurrou a maçaneta de controle direto dos motores, bombeando combustível adicional para as imensas turbinas GE. O Radford estremeceu um pouco, corrigiu a popa e começou a acelerar a partir de oitenta nós. O comandante olhou em volta para o vasto centro de informações de combate. Os tripulantes estavam alertas, alguns balançando a cabeça para acordar por completo. Os oficiais de radar estavam ajustando seus instrumentos. No posto de comunicações principal, a tela mudou para rastrear melhor a aeronave em queda — Ponha todos em alerta — ordenou o comandante.

A situação serviria como um bom treino. Em trinta segundos, todos a bordo estavam acordados e correndo para suas estações.

É preciso ser cuidadoso ao descer no oceano à noite. O piloto do G-IV

ficou atento para sua altitude e ritmo de descida. A carência de boas referências visuais facilitava demais chocar-se contra a superfície, e embora isso pudesse servir perfeitamente aos propósitos da missão, ele não queria que fosse tão perfeito assim. Em mais alguns segundos sairiam do alcance do radar de La Valetta, e poderiam começar a interromper o mergulho. A única coisa que o preocupava era a possibilidade de haver uma embarcação lá embaixo, mas ele não via nenhuma silhueta à luz da lua minguante.

— Conseguimos — anunciou quando a aeronave passou da marca de cinco mil pés. Puxou o manche. La Valetta notaria a mudança no ritmo de descida em seu transceptor, se ainda estavam recebendo algum sinal, mas mesmo nesse caso eles considerariam que, depois de mergulhar para obter fluxo de ar nas turbinas — o melhor que podia fazer para acionar novamente os motores —, estava agora tentando nivelar para fazer um pouso controlado no oceano plácido.

— Nós o estamos perdendo — disse o controlador de voo. O mostrador na tela piscou algumas vezes, retornou, e finalmente apagou.

O supervisor assentiu e ligou o microfone.

— Radford, aqui é Valetta. Juliet-Alpha saiu de nosso alcance. A última leitura de altitude foi seis mil pés e descendo, curso três-quatro-três.

— Valetta, entendido, ainda o temos. Agora está em quatro mil, quinhentos, o ritmo de descida desacelerou um pouco, curso três-quatro-três — replicou o oficial de comunicações. Apenas a três metros dele, o comandante estava conversando com o comandante do destacamento aéreo do Radford. Levaria mais de vinte minutos para que o único helicóptero Seahawk SH-60B do destróier alcançasse a área da queda. A aeronave estava agora sendo ajustada antes de poder alçar voo do convés. O piloto do helicóptero olhou desanimado para o radar.

— O mar está calmo. Se tiver um pouco de miolo, o piloto poderá sair andando dessa. O ideal é tentar se chocar com a água em paralelo com o solo e manter o avião na superfície. Certo, cuidaremos disso, senhor. — Dito isso, deixou a sala de comunicações.

— Nós o estamos perdendo sob o horizonte — reportou o oficial de radar. — Acaba de passar por quinhentos. Parece que vai mergulhar.

— Fale com Valetta — ordenou o comandante. .4

O G-IV nivelou em quinhentos pés, segundo o altímetro do radar. Era o mais baixo que o piloto podia arriscar. Feito isso, acionou novamente as turbinas até força de cruzeiro e virou para a esquerda, o sul, de volta para a Líbia. Estava inteiramente alerta agora. Voar baixo era muito arriscado em qualquer circunstância, e ainda mais sobre a água à noite, mas suas ordens eram claras, embora o propósito não fosse. Em todo caso, seria rápido. Depois de alcançar trezentos nós, levaria quarenta minutos até o aeroporto militar, no qual reabasteceria mais uma vez para sair voando da área.

Cinco minutos depois o Radford estava preparado para a decolagem do helicóptero, tendo alterado levemente o curso para colocar o vento na direção apropriada sobre o convés. O sistema tático de navegação do Seahawk copiava os dados necessários do centro de comunicações do destróier. Ele vasculharia um círculo de água de 24 quilômetros de raio num procedimento que seria tedioso, demorado e frenético. Havia gente na água, e socorrer naufragos era a primeira e mais antiga lei do mar. Assim que o helicóptero decolou, o destróier manobrou novamente para a esquerda e partiu com todos os quatro motores principais na potência máxima, levando a embarcação até uma velocidade de 34

nós. Mas desta vez o comandante tinha comunicado sua situação a Nápoles, requerendo assistência adicional de qualquer tipo de navio de qualquer frota — havia embarcações americanas na vizinhança, mas uma fragata italiana estava rumando para sul em sua direção, e até a Força Aérea líbia pediu informações.

O G-IV perdido aterrissou no instante que o helicóptero da Marinha americana alcançou a área de resgate. A tripulação desembarcou e procurou o que beber enquanto seu jato comercial era reabastecido. Enquanto observavam, um Cub AN-10, um pequeno transporte russo de quatro turbinas, levantou voo para participar da missão de busca e resgate. A Líbia estava cooperando agora com coisas assim, tentando reingressar na comunidade mundial, e até mesmo seus comandantes não sabiam muito — na verdade, não sabiam nada — sobre o que estava acontecendo. Uns poucos telefonemas tinham bastado para providenciar os arranjos, e todos que tinham recebido as ordens sabiam apenas que duas aeronaves aterrissariam para reabastecer e seguir viagem. Uma hora depois, decolaram novamente para o voo de três horas para Damasco, na Síria.

Originalmente tinham pensado que voariam de volta para sua base na Suíça, mas o piloto alertara que duas aeronaves do mesmo proprietário voando sobre o mesmo ponto quase ao mesmo tempo pareceria suspeito. Ele mudou de rumo durante a decolagem.

Lá embaixo, à sua esquerda, no golfo de Sidra, viram as luzes de aeronaves; uma delas era um helicóptero, ficaram surpresos em notar. As pessoas estavam desperdiçando tempo e combustível a troco de nada. Esse pensamento divertiu o piloto enquanto alcançava sua altitude de cruzeiro e relaxava,

deixando o piloto automático fazer o trabalho durante o restante de um longo dia de voo.

— Já chegamos?

Moudi virou a cabeça. Acabara de trocar a garrafa de soro de sua paciente.

Dentro de seu capacete plástico, sentia o rosto cocar por causa da barba por fazer. Viu que a irmã Maria Magdalena estava tão incomodada quanto ele. Sua primeira ação ao caminhar foi mover as mãos na direção do rosto da freira.

Seus dedos bateram no plástico transparente.

— Não, irmã. Mas chegaremos logo. Por favor, descanse. Posso cuidar disso.

— Não, não, você deve estar muito cansado, Dr. Moudi. Ela começou a se levantar.

— Sou mais jovem e estou mais descansado — replicou o médico com a mão erguida. Em seguida, substituiu a garrafa de morfina por uma nova. Felizmente a irmã Jean Baptiste estava drogada demais para representar um problema.

— Que horas são?

— Hora de a senhora descansar. A senhora ficará cuidando da sua amiga quando chegarmos, mas haverá outros médicos lá que poderão me substituir.

Por favor, conserve suas energias. A senhora precisará delas.

O que era a mais pura verdade.

A freira não precisou responder. Acostumada a seguir ordens de médicos, provavelmente murmurou uma prece e permitiu que seus olhos se fechassem.

Quando estava certo de que a freira havia adormecido, Moudi caminhou até a cabine de comando.

— Falta muito?

— Quarenta minutos. Pousaremos um pouco mais cedo. Os ventos foram caridosos — respondeu o copiloto.

— Então será antes do amanhecer?

— Sim.

— Qual é o problema dela? — perguntou o piloto sem se virar. Estava tão entediado que qualquer novidade seria interessante.

— Você não gostaria de saber — assegurou Moudi.

— A mulher vai morrer?

— Sim, e o avião precisará ser desinfetado completamente antes de ser usado de novo.

— Foi o que nos disseram.

O piloto deu de ombros, sem ter noção do quanto ficaria assustado se soubesse o que estava transportando. Moudi tinha. O lençol plástico sob sua paciente agora continha uma poça de sangue infectado. Teriam de ser extremamente cuidadosos ao desembarcá-la.

Badrayn estava grato por ter evitado beber álcool. Ele era o mais cômico na sala. Dez horas, pensou, olhando o relógio. Há dez horas conversavam e discutiam como um bando de velhas na feira.

— Ele concordará conosco a respeito disso? — perguntou o comandante da guarda.

— Não é um pedido irracional — replicou Ali. Cinco mulás voariam para Bagdá, oferecendo-se como reféns em troca da boa vontade ou, pelo menos, da palavra de seu líder. Com isso acertado, os generais entreolharam-se e, um a um, assentiram.

— Aceitamos — disse o mesmo general, falando pelo grupo.

O fato de que centenas de oficiais menores seriam deixados para dançar ao som da próxima música, fosse ela qual fosse, revelara-se, afinal de contas, irrelevante. A longa discussão não tinha tocado muito nesse assunto.

— Preciso de um telefone — disse-lhes Badrayn em seguida. O chefe de informação levou-o até uma sala lateral. Sempre havia uma linha direta para Teerã. Mesmo durante as hostilidades tinha havido um elo de comunicações — aquele através da torre de micro-ondas. O seguinte era um cabo de fibra ótica cujas transmissões não podiam ser interceptadas. Sob os olhos vigilantes dos oficiais iraquianos, ele apertou os números que decorara muitos anos antes.

— Aqui é Yousif Tenho novidades — disse à voz que atendeu.

— Aguarde por favor, foi a resposta.

Assim como qualquer outra pessoa, Daryaei não gostava de ser acordado cedo, ainda mais considerando o pouco que dormira nos últimos dias. Quando o telefone em sua mesa de cabeceira tocou, ele piscou durante alguns minutos antes de finalmente atender.

— Alô.

— Aqui é Yousif. Está acertado. Estão requerendo cinco amigos!

Louvado seja Alá, porque Ele é misericordioso, pensou Daryaei. Todos os anos de guerra e paz foram justificados naquele momento. Não, isso era prematuro. Havia ainda muito a ser feito. Mas o mais difícil tinha sido terminado.

— Quando começaremos?

— O mais rápido possível.

— Obrigado. Não esquecerei o que fez.

Agora o aiatolá estava completamente acordado. Nesta manhã, a primeira em muitos anos, ele esqueceu suas preces matutinas. Deus entenderia que a obra Dele precisava ser realizada rapidamente.

O quanto ela deve estar cansada, pensou Moudi. As duas freiras começaram a acordar quando o avião tocou o solo. Houve o estremeamento usual quando o avião desacelerou, e um som aquoso anunciou o fato de que Jean Baptiste realmente sangrara, conforme Moudi previra. Mas pelo menos ele a entregaria viva. Seus olhos estavam abertos, apesar de confusos como os de uma criança enquanto fitava o teto curvo da aeronave. Maria Magdalena dedicou um momento para olhar pelas janelas, mas tudo que viu foi um aeroporto, e eles parecem iguais em todas as partes do mundo, particularmente à noite. No devido tempo, o avião parou e a porta foi aberta.

Eles viajariam novamente de caminhão. Quatro pessoas aproximaram-se da porta do avião, todos usando roupas protetoras. Moudi afrouxou as correias que prendiam sua paciente, fazendo um sinal para que a outra freira continuasse onde estava. Cuidadosamente, os quatro médicos do Exército levantaram o lençol plástico pelas bordas e caminharam até a porta. Ao fazerem isso, Moudi viu alguma coisa pingar no assento dobrável que servira de cama à paciente.

Fez que não viu. A tripulação recebera ordens, repetidas à exaustão. Quando a paciente estava a salvo no caminhão, Moudi e Maria Magdalena desceram a escada. Ambos removeram seus capacetes, permitindo-se respirar ar fresco e frio. Ele aceitou um cantil de um dos soldados armados posicionados em volta do avião e o ofereceu à freira, enquanto pegava outro para si. Ambos beberam um litro inteiro de água antes de entrarem no caminhão. Ambos estavam desorientados pelo voo longo, ela ainda mais por não saber onde estava. Moudi viu o 707 que chegara um pouco antes com os macacos, embora não soubesse que fora ele que trouxera a carga.

— Em todos esses anos, sobrevoei Paris algumas vezes... mas nunca a conheci — disse a freira, olhando em volta antes do flap traseiro ser baixado, obstruindo sua visão.

É uma pena, mas nunca conhecerá.

A Transferência Iraquiana

— Tem um monte de coisa nenhuma aqui — observou o piloto. O Seahawk estava circulando a uma altura de mil pés, vasculhando a superfície com um radar de busca sensível o bastante para detectar destroços — fora planejado para localizar periscópios de submarino —, mas até agora achara apenas uma garrafa flutuante de Perrier. Ambos também usavam óculos de visão noturna, e deveriam ter percebido qualquer vazamento de óleo pelo seu brilho, mas isso também não aconteceu.

— Deve ter batido com muita força para não sobrar nada — replicou o copiloto pelo intercomunicador.

— A não ser que estejamos procurando no lugar errado.

O piloto olhou para seu sistema tático de navegação. Estavam no lugar certo. Tinham pouco mais de uma hora de combustível. Era hora de começar a pensar sobre pousar no Radford, que também estava passando um pente fino na área. Em meio à escuridão que precedia a alvorada, os holofotes pareciam teatrais, compondo uma cena que lembrava filmes sobre a Segunda Guerra Mundial. Um Cub líbio também estava circulando, tentando ser útil, mas apenas enchendo o saco.

— Alguma coisa? — perguntou o controlador de voo no Radford.

— Negativo. Nada, pelo menos nada que possamos ver. E só temos mais uma hora de combustível.

— Certo, só mais uma hora de combustível — disse o Radford.

— Senhor, o último curso do alvo foi três-quatro-três, velocidade de dois-nove-zero nós, ritmo de descida de três mil pés por minuto. Se ele não está aqui, não faço a menor ideia de onde esteja, senhor — disse um chefe de operações, dando um tapinha no mapa.

O comandante tomou um gole de seu café e deu de ombros. No convés, a equipe de incêndio-e-resgate estava de prontidão. Dois marinheiros trajavam roupas de mergulho e tinham uma lancha preparada para navegar. Havia um par de olhos a postos em cada binóculo do navio, procurando luzes estroboscópicas ou qualquer outra coisa, e o sonar estava ajustado para o pingue de alta frequência do localizador de emergência da aeronave. Esses instrumentos, desenhados para sobreviver a um impacto severo, eram ativados automaticamente quando expostos à água do mar, e tinham carga de bateria suficiente para vários dias. O sonar do Radford era sensível o bastante para detectar o maldito avião a cinquenta quilômetros de distância, e o navio estava precisamente em cima da zona de impacto prevista pela equipe de radar. A embarcação e seus tripulantes jamais tinham feito um resgate desse tipo, mas eram treinados regularmente para situações como essa, e cada procedimento foi executado com o máximo de perfeição que o comandante poderia exigir.

— USS Radford, USS Radford, aqui é Estação Valetta, câmbio. O comandante levantou o microfone.

— Valetta, aqui é o Radford.

— Já localizaram alguma coisa, câmbio?

— Negativo, Valetta. Vasculhamos a área inteira, e não temos nada a reportar ainda. Eles já tinham requerido a Malta dados corrigidos sobre a velocidade e a direção da aeronave, mas ela saíra do alcance do radar civil antes mesmo da cobertura mais precisa do destróier. Nas duas extremidades da ligação de rádio, homens suspiraram. Todos sabiam como esse jogo iria terminar. A busca prosseguiria por mais um dia — não mais, não menos — e nada seria achado. Um telex já fora passado para o fabricante,

informando-o que um de seus aviões estava perdido no mar. Os representantes da Gulfstream viriam para Berna analisar registros de manutenção e outros relatórios sobre a aeronave, na esperança de encontrar uma pista. Provavelmente não achariam nenhuma, e este caso iria para a coluna causa ignorada no livro-razão de alguém. Mas o jogo precisava ser jogado e, na pior das hipóteses, a situação valia como um bom treinamento para a tripulação do USS Radford. A tripulação não se deixaria abater pelo resultado. Afinal, por mais que desejassem realizar um resgate bem-sucedido, eles não conheciam as vítimas.

Provavelmente foi o cheiro que lhe disse que alguma coisa estava errada. O percurso desde o aeroporto foi curto. Ainda estava escuro lá fora e, quando o caminhão parou, médico e enfermeira estavam atordoados devido ao tempo excessivo em movimento. Quando chegaram, sua primeira tarefa foi levar a irmã Jean Baptiste para dentro. Apenas então os dois removeram a roupa plástica pela última vez. Maria Magdalena penteou com os dedos o cabelo curto e respirou fundo, finalmente se dando ao luxo de olhar em volta. Ficou surpresa com o que viu. Moudi percebeu que estava aturdida, e levou-a para dentro antes que ela pudesse fazer qualquer comentário.

Foi quando o cheiro os atingiu. Um cheiro familiar, africano, causado pela entrada dos macacos algumas horas antes, não era o tipo de coisa que alguém pudesse associar a Paris ou a um lugar limpo e organizado como o Instituto Pasteur deveria ser. Em seguida Maria Magdalena olhou em volta e percebeu que as placas nas paredes não estavam em francês. Ela não tinha como entender o que estava acontecendo; tinha apenas como sentir-se mais confusa. Então, bem no momento em que começaria a formular perguntas, um soldado apareceu, segurou seu braço e levou-a dali, aturdida demais para dizer qualquer coisa. Com uma expressão tristonha no rosto conferindo mais substância ao seu estado de confusão, a freira simplesmente olhou sobre o ombro para um homem com barba por fazer.

— Que é isso? Quem é essa mulher? — inquiriu o diretor do projeto.

— Sua religião dita que elas não podem viajar sozinhas. Para proteger sua castidade — explicou Moudi. — Se ela não tivesse vindo, eu não estaria aqui com nossa paciente.

— Ainda está viva? — Ele não estivera presente na chegada. Moudi assentiu.

— Sim, devemos conseguir mantê-la viva por mais três dias, talvez quatro — avaliou.

— E a outra? Moudi se esquivou: — Não cabe a mim decidir.

— Sempre podemos usar outra...

— Não! Isso seria um ato de selvageria — protestou Moudi. — Deus abomina essas coisas.

— E o que planejamos fazer também não é abominável? — perguntou o diretor. Moudi evidentemente estivera fora de sua cultura por muito tempo. Mas não valia a pena brigar. Um paciente completamente infectado com Ebola era tudo que eles precisavam. — Vá se lavar. Precisamos subir para vê-la.

Moudi seguiu até as acomodações dos médicos no segundo andar. Como as pessoas dessa parte eram muito mais reservadas em relação aos seus corpos, as instalações dali conferiam mais privacidade do que no Ocidente. A roupa plástica, Moudi viu com alguma surpresa, sobrevivera à viagem sem um único rasgo. Descartou-a num grande receptáculo plástico antes de seguir para o chuveiro e banhar-se com água quente suplementada por produtos químicos — com os quais estava tão acostumado que nem percebia mais seu odor. Ali desfrutou de cinco minutos de conforto sanitário. Durante o voo, Moudi se perguntara se um dia se banharia de novo. Emergiu para vestir roupas limpas — incluindo um avental cirúrgico. Em frente ao seu quarto, vestido quase da mesma forma, o diretor o aguardava; juntos caminharam até o setor das salas de tratamento.

Ali havia apenas quatro salas de tratamento, por detrás de portas lacradas e bem guardadas. As instalações eram dirigidas pelo Exército iraquiano. Os doutores eram médicos militares, e todos os serventes eram homens com experiência no campo de batalha. A segurança era intensa, como seria de esperar. Moudi e o diretor foram autorizados a prosseguir, e o guarda no posto tocou os botões para abrir as portas a prova de ar. Elas abriram com um chiado de mecanismos hidráulicos para revelar um segundo

par, e os dois médicos puderam ver que a fumaça do cigarro de um soldado estava sendo sugada para a área de segurança. Isso era um bom sinal. O sistema de ar estava funcionando apropriadamente. Os dois homens nutriam um preconceito estranho contra seus próprios conterrâneos. Eles teriam preferido que o complexo inteiro tivesse sido construído por engenheiros estrangeiros. No Oriente Médio, costumava-se contratar engenheiros alemães, mas o Iraque já se arrependera disso. Os alemães, muito organizados, guardavam os planos de tudo que construíam, e como resultado, muitos de seus projetos tinham sido bombardeados até virarem pó. Dessa forma, embora a maior parte dos componentes do prédio tivessem sido comprados no exterior, ele fora construído por engenheiros da terra. Suas próprias vidas dependiam do funcionamento preciso de cada subsistema do complexo. O diretor ativou as portas internas, e eles prosseguiram.

A irmã Jean Baptiste estava no último quarto à direita. Três serventes estavam com ela. Eles já tinham cortado as roupas da paciente, revelando sua morte em progresso. Os soldados sentiram nojo do que viram; o estado da mulher era mais terrível que qualquer ferimento em combate. Lavaram rapidamente seu corpo, com o devido respeito pela intimidade feminina, conforme sua cultura insistia. O diretor olhou para a garrafa de morfina e imediatamente reduziu em um terço o ritmo da queda da gota.

— Queremos mantê-la viva o maior tempo possível — explicou.

— A dor que ela está sentindo...

— ...não pode ser muito atenuada — completou friamente. Ele pensou em reprimir Moudi, mas se conteve. Também era médico, e sabia o quanto era difícil tratar uma paciente com severidade. Viu que era um fêmea caucasiana idosa, entorpecida por morfina, respiração lenta demais para seu gosto. Os enfermeiros puseram-lhe sensores para o eletrocardiograma, e ele ficou surpreso em ver como o coração da mulher estava funcionando bem. Isso era bom. Pressão sanguínea baixa, conforme o esperado, e ele pediu que duas unidades de sangue integral fossem penduradas no mastro do tubo intravenoso.

Quanto mais sangue melhor.

Os enfermeiros tinham sido bem instruídos. Tudo que viera com a paciente já fora empacotado, e então empacotado duplamente. Um deles tinha carregado o pacote para fora da sala e levado até o incinerador que não deixava nada a não ser cinzas esterilizadas. A principal preocupação deles era o cuidado com o vírus. A paciente era seu tubo de ensaio. Nos casos anteriores, tinham-se extraído alguns mililitros de sangue para análise, e depois das mortes dos pacientes, os corpos haviam sido queimados ou enterrados em solo quimicamente tratado. Mas não desta vez. No devido tempo, ele teria em seu poder a maior quantidade já vista do vírus do Ebola, uma quantidade que poderia ser expandida. Virou-se.

— Moudi, como ela contraiu?

— Estava tratando do Paciente Index.

— O menino negro? — perguntou o diretor.

— Sim.

— O que ela fez errado?

— Não descobrimos. Perguntei-lhe quando ela ainda estava lúcida. Ela não chegou nem mesmo a aplicar uma injeção no garoto, e a irmã sempre foi cuidadosa com as agulhas. Ela é uma enfermeira experiente — reportou Moudi.

Ele também estava cansado demais para contar tudo com detalhes e isso, pensou o diretor, era compreensível. — Ela trabalhou com o Ebola antes, em Kikwit e outros lugares. Ela ensinava procedimentos à equipe.

— Transmissão aérea? — perguntou o diretor. Isso era querer demais.

— O CDC acredita que este é o subtipo Ebola Mayinga. Você deve lembrar que esta cepa recebeu seu nome em homenagem à enfermeira que contraiu a doença por meios desconhecidos.

Essa declaração fez o diretor fitar duramente os olhos de Moudi.

— Tem certeza absoluta do que disse?

— Não tenho certeza de nada no momento, mas entrevistei pessoas no hospital, e constatei que todas as injeções que o Paciente Index recebeu foram aplicadas por outras pessoas, não pela irmã. Portanto, sim, este pode ser um caso de transmissão aérea.

Era um exemplo clássico de boa e má notícia. Sabia-se muito pouco sobre o Ebola Zaire. Acreditava-se que a doença podia ser transmitida pelo sangue e por outros fluidos corporais, e mesmo por contato sexual — isso era quase inteiramente teórico, considerando que as vítimas do Ebola dificilmente poderiam dedicar-se a esse tipo de atividade. Acreditava-se também que o vírus era incapaz de sobreviver fora de um hospedeiro vivo, morrendo rapidamente no ar. Por esses motivos, não se acreditava que a doença pudesse ser transmitida pelo ar na forma de pneumonia ou outras mazelas comuns. Mas ao mesmo tempo cada epidemia gerava casos que não poderiam ser explicados. A infeliz enfermeira Mayinga dera seu nome a uma cepa da doença que reclamara sua vida através de um meio ignorado. Teria ela mentido sobre alguma coisa, ou esquecido algum detalhe a respeito da forma como fora contaminada? Ou teria sido infectada por um subtipo do Ebola capaz de sobreviver no ar tempo suficiente para ser transmitido através de um simples espirro? A segunda alternativa significaria que a paciente à frente deles era a portadora de uma arma biológica de poder suficiente para abalar o mundo.

Essa possibilidade significava também que estavam literalmente jogando dados com a Morte. O menor engano seria fatal. Sem pensar conscientemente, o diretor levantou os olhos para a saída do ar-condicionado. O prédio fora desenhado com essa contingência em mente. O ar que entrava era completamente limpo, sugado para dentro através de um respiradouro localizado na extremidade de um encanamento de centenas de metros de comprimento. O ar saindo pelas áreas quentes passava através de uma única câmara pressurizada antes de deixar o prédio. Ali era submetido a lâmpadas ultravioleta fortíssimas, porque sua frequência de radiação destruía vírus com total confiabilidade. Os filtros de ar eram embebidos com compostos químicos — entre eles, fenol — que tinham o mesmo objetivo. Apenas então era expelido para o exterior, onde outros fatores ambientais também poderiam ajudar a negar à doença uma chance de sobreviver. Os filtros — três bancos distintos — eram trocados com precisão religiosa a cada doze horas. As lâmpadas ultravioleta, cinco vezes o número requerido para a função, eram monitoradas constantemente. A pressão do ar no Laboratório Quente era mantida intencionalmente baixa para impedir vazamentos, o que ajudava também a manter a integridade estrutural do prédio. Quanto ao restante, pensou o diretor, bem, era para isso que eles tinham sido treinados com tanto cuidado para operar com roupas de segurança.

O diretor também era médico, treinado em Paris e Londres, mas fazia anos desde que tratara seu último paciente humano. Dedicara a maior parte da última década à biologia molecular, mais particularmente ao estudo de vírus. Sabia tanto quanto qualquer outra pessoa sobre vírus, o que era muito pouco. Sabia, por exemplo, como fazê-los proliferar, e diante dele havia agora um meio perfeito, um ser humano convertido pela fatalidade numa fábrica para o organismo mais mortal conhecido pelo homem. O diretor nunca a vira saudável, jamais falara com ela, nem a vira trabalhar. Isso era bom. Provavelmente tinha sido uma enfermeira eficiente, como disse Moudi, mas isso pertencia ao passado; não havia muito motivo em se envolver emocionalmente com alguém que estaria morto dali a três dias, quatro no máximo. Entretanto, quanto mais tempo a mulher sobrevivesse, melhor. Assim, a fábrica teria mais tempo para fazer seu trabalho: usar este corpo humano como matéria-prima para seu produto, transformando a maior criação de Alá em Sua maldição mais letal.

Quanto à outra questão, ele já dera a ordem enquanto Moudi estivera se banhando. A irmã Maria Magdalena foi levada para outras acomodações, recebeu roupas novas e foi deixada sozinha. Ali banhou-se em privacidade, tentando adivinhar o que estava acontecendo... onde estava? Ainda estava confusa demais para sentir realmente medo, e desorientada demais para entender. Como Moudi, desfrutou de um banho longo, e o procedimento limpou um pouco sua mente enquanto tentava formar as perguntas certas.

Procuraria o doutor dali a poucos minutos para perguntar o que estava acontecendo. Sim, era isso que faria, pensou Maria Magdalena enquanto se vestia. As roupas médicas concederam-lhe conforto pela familiaridade, e ainda tinha seu rosário, que levava consigo para o banho. Era de metal, e não o rosário comum que ganhara com seu hábito religioso ao fazer os votos finais, havia mais de quarenta anos.

Mas o rosário de metal era mais fácil de ser desinfetado, e ela dedicou algum tempo para limpá-lo no chuveiro. Lá fora, vestida, decidiu que a prece era a melhor preparação para sua cruzada por informações. Assim, ajoelhou-se, benzeu-se e começou a orar. Não ouviu a porta abrir às suas costas.

O soldado da força de segurança tinha suas ordens. Poderia tê-las cumprido alguns minutos antes, mas invadir a privacidade de uma mulher era um ato hediondo, e ela não tinha para onde ir. Agradou-lhe ver que ela estava rezando, de costas para ele, inteiramente confortável. Isso era adequado. Um criminoso condenado invariavelmente tinha a chance de falar com Alá; negar essa chance era um pecado grave. Melhor assim, pensou, levantando sua automática de nove milímetros. Num momento ela estava falando com seu Deus... e no outro fazia isso diretamente. O soldado reposicionou o cão da arma, guardou-a no coldre e chamou dois serventes para limpar a sujeira. Ele já matara antes e participara de pelotões de fuzilamento na execução de inimigos do Estado; esse era seu dever, ocasionalmente desagradável, mas, não obstante, seu dever. Esse pensamento o fez balançar a cabeça. Desta vez, tinha certeza, mandara uma alma para Alá. Que coisa estranha sentir-se bem depois de uma execução.

Tony Bretano chegara num jatinho da TRW. Ryan descobrira, para seu prazer, que a informação de George Winston era incorreta: Bretano ainda não aceitara a oferta da diretoria da Lockheed-Martin. Isso demonstrava que mesmo ele não podia ter certeza sobre esse tipo de informação interna.

— Eu já disse não antes, presidente.

— Duas vezes — assentiu Ryan. — Para o diretor da Agência de Projetos de Pesquisas Avançadas e secretário de Tecnologia suplente. O seu nome também foi aventado para diretor do Conselho Nacional de Pesquisas, mas eles nunca chegaram a consultá-lo.

— Foi o que ouvi — reconheceu Bretano. Era um homem baixo, evidentemente complexado com sua altura, a julgar por sua impetuosidade.

Falava com o sotaque de alguém que crescera na Little Italy de Manhattan, apesar de muitos anos na Costa Oeste, e isso também disse alguma coisa a Ryan. Ele gostava de proclamar quem e o que era, isso a despeito de um par de graduações do MIT, onde poderia ter adotado facilmente um sotaque de Cambridge.

— E recusou os cargos porque do outro lado do rio é uma grande zona, certo?

— Muito rabo e pouca mordida. Se eu conduzisse meus negócios daquele jeito, os acionistas me linchariam. A burocracia da Defesa...

— Vamos consertar isso — sugeriu Ryan.

— É impossível.

— Não me venha com essa, Bretano. Tudo que o homem pode fazer, ele pode desfazer. Se acha que não tem tutano para o trabalho, tudo bem, me diga isso e volte para a Costa.

— Espere um pouco... Ryan cortou-o novamente.

— Não, espere você um pouco. Ouviu o que eu disse na TV. Não vou repetir. Preciso limpar algumas coisas e quero as pessoas certas para o serviço.

Se não quiser fazer isso, tudo bem, vou procurar quem faça...

— Tutano? — Bretano quase levantou da cadeira. — Tutano? Vou lhe dizer uma coisa, senhor presidente, meu pai vendia frutas numa barraca de rua! O mundo não me deu nada de mão beijada! — Ele parou de repente quando Ryan riu, e pensou um momento antes de prosseguir. — Nada mal — disse mais calmo, no tom do presidente de empresa que era.

— George Winston disse que você é brigão. Não tem um secretário de Defesa decente há dez anos. Quando estou errado, preciso de pessoas que me digam isso. Mas não acho que eu esteja errado a seu respeito.

— O que você quer fazer?

— Quando pego o telefone, quero que as coisas aconteçam. Se eu tiver de mandar rapazes para a boca do leão, quero saber se estão equipados e treinados decentemente. Quero que as pessoas sintam medo do que podemos fazer. Isso facilita muito a vida no Departamento de Estado — explicou o presidente. — Quando era criança no leste de Baltimore e via um tira caminhando pela Monument Street, sabia duas coisas. Sabia que não era boa ideia me meter com ele, mas também sabia que poderia confiar nele caso precisasse.

— Em outras palavras, quer um produto que possamos entregar sempre que houver demanda.

— Correto.

— Isso daria muito trabalho — disse Bretano, cauteloso.

— Quero que trabalhe com uma boa equipe, à sua escolha, para montar uma estrutura que corresponda às nossas necessidades. Depois quero que reconstrua o Pentágono para manter essa estrutura.

— De quanto tempo disponho?

— Vou lhe dar duas semanas para a primeira parte.

— Não é suficiente.

— Não me diga isso. Estudamos tanto antes de fazer cada coisa, que estou surpreso que ainda haja árvores neste país para fazer papel! Droga, eu conheço as ameaças lá fora, lembra? Esse costumava ser o meu ofício. Um mês atrás estávamos em guerra, tendo de fazer mágicas porque não tínhamos recursos para usar. Demos sorte. Não quero mais depender da sorte. Quero extirpar a burocracia, para quando precisarmos fazer alguma coisa, podermos fazê-la. Na verdade, quero que as coisas sejam feitas antes de precisarmos delas. Se fizermos nosso trabalho direito, ninguém será louco de nos desafiar. A pergunta é: está disposto a assumir essa responsabilidade, Dr. Bretano?

— Não quero a nossa pele.

— Tudo bem, minha esposa é médica.

— Metade do trabalho é obter informações confiáveis — comentou Bretano.

— Sei disso. Já começamos na CIA. George deve fazer um bom trabalho no Tesouro. Estou checando uma lista de juizes para encabeçarem a Justiça. Disse tudo isso na TV. Estou montando uma equipe. Quero você nela. Também subi na vida sozinho. Acha que gente como nós chegaria tão alto em algum outro lugar? É hora de pagar nossas dívidas, Bretano. — Ryan recostou-se na poltrona, orgulhoso de suas palavras.

O executivo concordava com cada uma delas.

— Quando começo? Ryan olhou o relógio.

— Que tal amanhã de manhã?

A equipe de manutenção apareceu logo depois do amanhecer. A aeronave estava cercada por uma guarda militar para manter os curiosos afastados, embora esse aeroporto já fosse mais seguro do que a maioria devido à presença da Força Aérea iraniana. A prancheta do capitão da equipe disse-lhe que trabalho ele tinha a fazer, e a longa lista de procedimentos deixou-o curioso, mas pouco mais que isso. Aeronaves desse tipo sempre recebiam tratamento especial, porque as pessoas que voavam nelas consideravam-se eleitas por Deus, ou por alguma autoridade ainda maior. Nada disso importava. Ele tinha seus procedimentos, e os conselhos por cautela extra dificilmente eram necessários. Seu pessoal era sempre cuidadoso. O formulário de manutenção da aeronave dizia-lhe que era hora de substituir dois instrumentos da cabine de comando, e dois estepes já estavam preparados, ainda nas caixas do

fabricante; eles teriam de ser calibrados depois da instalação. Dois outros membros de sua equipe reabasteceriam a aeronave e trocariam o óleo do motor. O restante trabalharia na cabine de passageiros sob a supervisão do capataz. Mal tinham começado quando um comandante apareceu com novas ordens, previsivelmente aquelas que contradiziam o primeiro conjunto. Os assentos tinham de ser repostos rapidamente. O G-IV teria de estar preparado para decolar em poucas horas. O oficial não disse para onde o avião iria, e o capataz não se deu ao trabalho de perguntar. Mandou seu mecânico de instrumentos apressar-se em sua tarefa. Isso era fácil no G-IV, devido à sua disposição modular. Um caminhão apareceu com as poltronas que tinham sido retiradas dois dias antes, e a equipe de limpeza ajudou a reposicionar os assentos antes de começar propriamente a trabalhar. O capataz tentou imaginar por que as poltronas tinham sido removidas, mas não lhe cabia perguntar; e, de qualquer modo, a resposta não teria feito muito sentido. Uma pena que tudo estivesse sendo feito às pressas. Teria sido bem mais fácil proceder à limpeza com tanto espaço aberto. Em vez disso, a configuração de 14 assentos foi rapidamente restabelecida, transformando a aeronave novamente num avião comercial de pequeno porte, ainda que muito confortável. As poltronas restituídas tinham sido lavadas a seco como de praxe. Os cinzeiros foram esvaziados e lavados.

Um servente apareceu com comida para a despensa, e logo a aeronave estava abarrotada com trabalhadores, cada um atrapalhando o outro, e, na confusão resultante, o trabalho não foi feito a contento, mas não por culpa do capataz.

Tiveram de trabalhar com pressa crescente. A nova tripulação apareceu com seus mapas e planos de voo. Deparam-se com um mecânico deitado meio na poltrona do piloto, meio no assoalho da cabine de comando, finalizando seu trabalho nos instrumentos digitais da turbina. Jamais com paciência para mecânicos, o piloto meramente ficou parado e olhou o homem fazer seu trabalho — da sua parte, o mecânico não dava trela para o que os pilotos pensavam. Prendeu o último conector e se contorceu todo para ficar de pé.

Então rodou um programa de teste para certificar-se de que o aparelho estava funcionando adequadamente, não sem antes dirigir um olhar para os aviadores, que o amaldiçoariam se ele não instalasse os instrumentos adequadamente. Ele ainda não tinha saído da área quando o copiloto assumiu seu lugar e rodou novamente o mesmo programa de teste. Ao deixar o avião, o mecânico viu o motivo para toda aquela pressa.

Cinco deles, parados ali na rampa, parecendo impacientes e importantes enquanto olhavam para o jato executivo pintado de branco, todos excitados com alguma coisa. O mecânico e todos os demais componentes da equipe os conheciam pelos nomes. Tinham aparecido muito na TV. Todos fizeram reverências para os mulas e aceleraram seus esforços; como resultado, nem tudo foi feito. A equipe de limpeza foi ordenada a sair da aeronave, tendo-se limitado a esfregar as superfícies mais expostas da cabine de comando. A equipe de voo começou os preparativos para a decolagem, e os guardas e os caminhões mal tinham começado a se afastar quando o G-IV começou a taxiá-lo até o fim da pista.

Em Damasco, o segundo membro da pequena frota executiva pisou o solo apenas para descobrir que tinha ordens para retornar imediatamente a Teerã. A tripulação praguejou, mas obedeceu às instruções, limitando seu tempo em terra a escassos quarenta minutos antes de decolar novamente em seu trajeto curto até o Irã.

Havia muito trabalho a fazer em PALM BOWL. Alguma coisa estava acontecendo. Era possível perceber isso vendo o que não estava acontecendo. O tráfego nos canais codificados usados pelos generais iraquianos chegara a um fluxo de pico, caíra para zero, alcançara outro pico e caíra de novo para zero.

Naquele momento estava em zero. Na KKMC, na Arábia Saudita, os computadores estavam buscando soluções para os códigos usados nos rádios táticos do Iraque. Isso demandava tempo. A tecnologia de codificação, que já fora domínio apenas dos países afluentes, havia, com o advento dos microcomputadores, se tornado prontamente disponível para o cidadão mais humilde dos EUA e outros países tecnicamente avançados, e uma decorrência inesperada desse fato era a atual disponibilidade de aparatos de segurança de comunicação sofisticadíssimos às nações humildes. Agora a Malásia possuía códigos tão difíceis de ser decifrados quanto os dos russos — e também do Iraque, cortesia de americanos que não queriam que o FBI lesse seus adultérios fictícios pela Internet. Os sistemas de codificação em rádios táticos eram necessariamente simples, e ainda decifráveis, mas mesmo eles requeriam um computador Cray que fora importado pelos sauditas alguns anos antes. Outro fator era que PALM BOWL ficava no Kuwait, e era inteiramente financiada pelo governo local; em troca dessa cortesia, outra era requerida. Eles tinham de vera arrecadação da estação da Agência de Segurança Nacional. Isso era justo, mas a agência e os oficiais militares e do serviço de informações não tinham sido treinados para considerar o que era justo. Mesmo assim, tinham suas ordens.

— Estão falando sobre suas famílias? — disse para si mesmo, em voz alta, um sargento da USAF. Isso era novidade. PALM BOWL já deparara com informações íntimas nessa rede antes, e aprendera muito sobre os hábitos pessoais dos principais generais iraquianos, juntamente com algumas piadas cruéis que alternadamente podiam e não podiam ser bem traduzidas para o inglês, mas conversas sobre suas famílias era novidade.

— Alguma coisa está acontecendo aqui — observou o primeiro-sargento ao lado dele. — Tenente!

A oficial de observação júnior estava trabalhando em outra coisa. O radar no Aeroporto Internacional do Kuwait era poderoso, tendo sido instalado durante a guerra, e era operado em dois modos, um para os controladores de aeronaves e outro para a Força Aérea kuwaitiana. Podia-se ver um longo caminho. Pela segunda vez em muitos dias, havia um jato comercial seguindo para Bagdá a partir do Irã. A trajetória do voo era idêntica à da viagem anterior, e o código do transceptor era o mesmo. A distância entre as duas capitais era de apenas 643 quilômetros, distância suficiente para justificar que um jato comercial subisse até a altitude de cruzeiro para fazer uso eficaz de seu combustível — e, a propósito, tocar a borda de sua cobertura de radar. Havia também alguns E-3B AWACS circulando, mas eles se reportavam diretamente à KKMC, e não a PALM BOWL. Para os espões uniformizados nas estações de terra, era uma questão de orgulho profissional derrotar o pessoal aéreo em seu próprio jogo, ainda mais porque a maioria deles eram oficiais da USAF. A tenente fez uma anotação mental dessa informação, e caminhou até a sala onde estavam os sargentos.

— Que é, chefe? — perguntou ela.

Um sargento deslizou verticalmente em sua tela de computador o conteúdo traduzido de diversas conversas decodificadas, cutucando com o dedo o vidro para atentar para os tópicos mais importantes.

— Temos uma turma debandando, senhora.

Um momento depois, um major kuwaitiano apareceu ao lado dela. Ismael Sabah tinha laços distantes de parentesco com a família real. Fora educado em Dartmouth, e gostava dos americanos. Durante a guerra permanecera para trás e trabalhara com um grupo de resistência — um dos mais espertos. Recolhera informações sobre o movimento e a disposição das unidades militares iraquianas, e as transmitira para fora, principalmente empregando telefones celulares capazes de alcançar uma rede civil saudita logo depois da fronteira, e que os iraquianos eram incapazes de rastrear. Ao longo do caminho, perdera três parentes próximos para o terror iraquiano. A experiência ensinara-lhe toda espécie de lições, sendo a menor delas um ódio profundo pela nação ao norte.

Homem calmo e compenetrado, com cerca de trinta anos, parecia ficar mais inteligente a cada dia. Sabah inclinou-se para ler as traduções na tela.

— Como é mesmo que vocês dizem? Os ratos estão abandonando o navio ?

— Também acha, senhor? — perguntou, antes da tenente, o primeiro-sargento.

— Para o Irã? — perguntou a oficial americana. — Sei que tudo indica isso, mas não parece fazer sentido, certo?

O major Sabah deu de ombros.

— Mandar sua Força Aérea para o Irã também não parecia fazer sentido, mas os iranianos ficaram com os caças e deixaram que os pilotos voltassem para casa. Você precisa aprender mais sobre a cultura local, tenente.

Já aprendi que nada aqui faz muito sentido, ela não pôde dizer.

— Que mais descobrimos? — perguntou Sabah ao sargento.

— Falam, ficam calados, falam mais um pouco e ficam calados. Está havendo tráfego agora, mas a KKMC ainda está tentando decodificar.

— A vigilância por radar reportou um voo de Mehrabad para Bagdá, codificado como jato comercial.

— É mesmo? O mesmo de antes? — perguntou Sabah à tenente americana.

— Sim, major.

— Que mais? Alguma coisa?

O primeiro-sargento deu a resposta.

— Major, os computadores estão provavelmente trabalhando nisso agora.

Talvez tenhamos mais alguma coisa em trinta minutos.

Sabah acendeu um cigarro. PALM BOWL era tecnicamente uma instalação de propriedade do Kuwait, e portanto era permitido fumar ali, para alívio de uns e indignação de outros. O posto relativamente baixo de Sabah não o impedia de ser um membro influente do serviço de informações de seu país. Seus modos eram calmos e controlados, como os de um homem de negócios, o que contrastava com sua experiência de guerra, sobre a qual dera palestras na Inglaterra e nos EUA.

— Opiniões? — pediu, já tendo formado a sua.

— O senhor mesmo disse. Eles estão dando no pé — replicou o primeiro-sargento. O major Sabah completou o pensamento.

— Numa questão de horas ou dias, o Iraque não terá um governo, e o Irã está ajudando sua transição para a anarquia.

— Isso não é bom — comentou o primeiro-sargento com um suspiro.

— A palavra catástrofe me vem à mente — observou Sabah. Balançou a cabeça e sorriu de uma forma triste, ganhando ainda mais a admiração dos espões americanos.

O ar estava calmo quando o Gulfstream pousou depois de um voo de 65

minutos de Teerã, cronometrado pelo relógio de Badrayn. Pontual como um relógio suíço, percebeu. Bem, isso era o esperado. Assim que parou, a porta foi aberta e os cinco passageiros desembarcaram, sendo recebidos com uma cortesia elaboradamente falsa, que retribuíram da mesma forma. Um pequeno comboio de Mercedes levou-os dali rapidamente para as acomodações regias que os aguardavam no centro da cidade, onde poderiam, obviamente, ser assassinados caso as coisas corressem mal. Os carros mal haviam sumido de vista quando dois generais, suas esposas, suas crianças e um guarda-costas emergiram do terminal VIP e caminharam até o avião. Embarcaram rapidamente no G-IV. O copiloto levantou a porta de volta ao seu lugar e as turbinas foram acionadas, tudo em menos de dez minutos, segundo o Seiko de Badrayn. Com a mesma rapidez, o avião taxiou para fazer o voo de retorno para o aeroporto internacional de Mehrabad. Era uma coisa óbvia demais para não ser notada pela equipe da torre. Esse era o problema com a segurança. Não é possível manter algumas coisas em segredo, pelo menos não uma coisa como esta. Teria sido melhor usar um voo comercial, e tratar os generais em fuga

como passageiros normais numa viagem normal, mas não havia voos regulares entre os dois países, e, em todo caso, os generais não aceitariam ser tratados como plebeus. E assim a equipe da torre ficaria sabendo que um voo especial chegara e partira sob condições incomuns, bem como os funcionários de terminal, que tinham ajudado os generais e seus cortejos com as bagagens.

Como fora apenas um voo, o fato não despertaria tanta atenção, mas o próximo, sim.

Talvez isso não tivesse nenhuma relevância no Grande Esquema das Coisas. Não havia como deter os eventos que ele ajudara a colocar em movimento, mas isso ofendia Ali Badrayn num sentido profissional. Preferia manter em segredo tudo que fazia. Deu com os ombros enquanto caminhava de volta para o terminal VIP. Não, isso não importava. Embora tivesse, através de suas ações, conquistado a gratidão de um homem muito poderoso no comando de uma nação muito poderosa, não fizera nada mais do que conversar, dizer a um grupo de pessoas o que elas já sabiam e ajudá-las a tomar uma decisão que não poderiam ter evitado, quaisquer que fossem seus esforços em contrário.

Como a vida é curiosa!

— O mesmo avião. Puxa, ele não ficou no solo durante muito tempo. — Mediante um pouco de esforço, o tráfego de rádio para aquela aeronave em particular estava isolado e tocando nos fones de ouvido de um especialista em linguagem de nível do exército. Embora a linguagem da aviação internacional fosse o inglês, essa aeronave estava falando em farsi, provavelmente mediante uma medida de segurança, mas isso apenas destacava essa aeronave, rastreada por radar e localizadores de ondas de rádio. O tráfego de vozes estava inteiramente normal, com exceção disso. Outra coisa estranha era o fato de que a aeronave não permanecera em terra nem por tempo suficiente para reabastecer. Isso significava que a coisa inteira fora planejada com antecedência, o que dificilmente era surpreendente sob as circunstâncias, mas ainda assim esclarecedor. Lá em cima, sobre a extremidade nordeste do Golfo Pérsico, um AWACS estava também rastreando a aeronave. A curiosidade, despertada por PALM BOWL, fora grande o suficiente para mover o E-3B de sua estação normal de patrulha, agora escoltado por quatro caças Eagle F-15

sauditas. As tropas de coleta de dados iranianas e iraquianas notariam isso e saberiam que alguém estava interessado no que acontecia — e se perguntariam por que afinal eles não sabiam de nada. O jogo sempre era fascinante, sem nenhum dos lados jamais saber tudo que queria, e considerando que o outro lado — no momento havia de fato três lados no jogo — sabia mais, quando, na verdade, nenhum dos três sabia muito a respeito de nada.

A bordo do G-IV A linguagem era arábica. Os dois generais travavam um diálogo tenso no fundo, sua conversa abafada por sons de turbina. Suas esposas permaneciam simplesmente sentadas em seus lugares, ainda mais nervosas, enquanto as muitas crianças liam livros ou cochilavam. Era mais difícil para os guarda-costas, que sabiam que se alguma coisa saísse errado no Irã eles não poderiam fazer nada além de esperar a morte. Um deles estava sentado no meio da cabine e descobriu que seu assento estava molhado. Com o quê não soube dizer, mas era uma coisa grudenta e... vermelha? Suco de tomate ou algo assim.

Irritado, foi ao banheiro e lavou as mãos, pegando uma toalha para limpar o assento. Colocou a toalha de volta no banheiro antes de voltar a se sentar.

Acomodado em sua poltrona, olhou para as montanhas lá embaixo e se perguntou se viveria para ver outro pôr do sol. Mal sabia que tinha acabado de limitar sua existência.

— Lá vamos nós — disse o primeiro-sargento. — Aquele era o vice-comandante da Força Aérea. E o general-comandante da Segunda Tropa do Exército, mais suas famílias — acrescentou. A decodificação requererá pouco mais de duas horas desde o momento que o sinal fora captado.

— Dispensáveis? — perguntou a tenente da USAF. Ela estava aprendendo, pensaram os outros espiões.

— Relativamente — concordou o major Sabah com um aceno de cabeça. — Precisamos ficar de olho para outra decolagem de Mehrabad assim que este avião pousar.

— Onde, senhor?

— Ah, tenente, a pergunta é essa, não é?

— Sudão — teorizou o primeiro-sargento. Ele estava no país havia dois anos, e era sua segunda estada em PALM BOWL.

— Eu não apostaria contra você, sargento — observou Sabah com uma piscadela.

— Devemos confirmar isso através do ciclo dos voos vindos de Bagdá.

E ele realmente não poderia avaliar o exercício inteiro até então, embora já tivesse informado a seus superiores de que alguma coisa incomum estava em andamento. Logo seria hora para os americanos fazerem o mesmo.

Vinte minutos depois, um relatório preliminar estava a caminho da KKMC

para Forte Meade, em Maryland, onde as diferenças de fuso horário fizeram-no chegar ao centro de vigilância logo depois da meia-noite. Da Agência de Segurança Nacional, o relatório foi transmitido por fibra ótica até Langley, Virgínia, e dali para as instalações de vigilância de comunicações da CIA. Em seguida, o relatório subiu para o Centro de Operações da CIA, sala 7-F no velho prédio do quartel-general. A cada parada, a informação era analisada por especialistas locais, de modo que cada oficial de vigilância pudesse proceder a suas próprias avaliações, duplicando um trabalho que já fora feito. Em situações de emergência, esse excesso de zelo não fazia sentido. O problema era definir imediatamente quando uma situação era de emergência.

O oficial do Serviço Nacional de Informações encarregado da vigília na CIA era Ben Goodley, que vinha ascendendo rapidamente do Diretório de Informações, e recentemente fora premiado com o seu cartão de oficial do Serviço Nacional de Informações, juntamente com o pior horário de trabalho, devido à sua pouca idade. Como sempre, demonstrou seu bom senso recorrendo ao seu especialista de área e entregando-lhe a matricial o mais rápido que pôde.

— Vai cair — disse o especialista da área ao final da página três, o que não era inesperado, mas também não era agradável.

— Dúvidas?

— Meu amigo, eles não estão indo para Teerã fazer compras — disse o especialista da área, que tinha vinte anos a mais que seu chefe.

— SNIE? — perguntou Goodley. Essa era a sigla para Special National Intelligence Estimate, um importante documento especial para situações incomuns.

— Acho que sim. O governo iraquiano vai cair.

— Três dias?

— Se tanto. Goodley se levantou.

— Muito bem, vamos redigir.

O Renascimento

Ninguém espera que coisas importantes aconteçam em momentos convenientes. Fosse o nascimento de um bebê ou uma emergência nacional, todos esses eventos parecem encontrar as pessoas apropriadas adormecidas ou indispostas de alguma forma. Neste caso, não havia nada a ser feito. Ben Goodley determinou que a CIA não tinha recursos para confirmar a veracidade dos sinais recebidos, e por mais interessado que seu país estivesse na região, não havia nenhuma ação que pudesse ser tomada. As agências de notícias não tinham se apercebido ainda deste desenvolvimento, e como frequentemente era o caso, a CIA se faria de boba até que a mídia descobrisse alguma coisa.

Fazendo isso, a CIA conferiria maior substância à crença do público de que as organizações de notícias eram tão eficientes quanto o governo no que dizia respeito a descobrir coisas. Esse nem sempre era o caso, mas era mais frequente do que Goodley gostaria.

Esta SNIE seria curta. Sua substância e urgência não requeriam um texto complexo. Goodley e seu especialista de área levaram meia hora para rascunhá-la. Uma impressora de computador gerou a cópia matriz para uso interno, e um modem transmitiu-a através de linhas seguras para as agências governamentais interessadas. Feito isso, os homens retornaram para o Centro de Operações.

Golovko estava se esforçando para dormir. A Aeroflot acabara de comprar dez novos jatos Boing 777 para uso em serviço internacional para Nova York, Chicago e Washington. Eram muito mais confortáveis e confiáveis do que os jatos soviéticos nos quais voara durante tantos anos, mas estava menos do que encantado com a ideia de viajar até tão longe com duas turbinas, feitas na América ou não, em vez das quatro usuais. Os assentos, pelo menos, eram confortáveis aqui na primeira classe, e a vodca que bebera imediatamente antes da decolagem fora de um excelente selo russo. A combinação concedeu-lhe cinco horas e meia de sono até a desorientação usual da viagem acordá-lo sobre a Groenlândia, enquanto o guarda-costas ao seu lado conseguiu permanecer na terra de sonhos que sua profissão permitia. Em algum lugar mais atrás, as aeromoças provavelmente estavam dormindo o melhor que podiam em suas poltronas reclináveis. Antigamente, pensou Sergey Nikolayevich, não teria sido assim. Estaria voando numa aeronave especial totalmente equipada com aparelhos de comunicação, e se algo acontecesse em alguma parte do mundo, ele seria informado assim que o pessoal da torre em Moscou decifrasse as informações. O mais frustrante era que alguma coisa estava acontecendo. Algo tinha de estar acontecendo. Era sempre assim, pensou em meio à escuridão ruidosa. Você viaja para uma reunião importante porque espera que alguma coisa aconteça, e então ela acontece enquanto você está em movimento, se não completamente fora de alcance, ao menos sem chance de conferenciar com seus principais aliados. Iraque e China. Felizmente havia uma ampla distância geográfica entre os dois pontos quentes. Então Golovko lembrou que havia uma separação ainda maior entre Washington e Moscou, uma que durava cerca de um voo noturno numa aeronave de turbinas gêmeas. Com essa lembrança agradável, virou-se levemente e disse a si mesmo que precisava dormir o máximo que conseguisse.

O mais difícil não foi tirá-los do Iraque. O mais difícil seria transportá-los do Irã para o Sudão. Estava longe o tempo em que os voos do Irã tinham permissão para sobrevoar o Reino da Arábia Saudita,

e as únicas exceções eram os voos de peregrinação para Meca durante o hajj anual. O jato comercial precisaria contornar a península Arábica, e então subir pelo mar Vermelho antes de dobrar a oeste para Cartum, triplicando o tempo em relação à distância do processo. Além disso, o próximo voo curto não poderia começar até que o primeiro voo longo tivesse chegado à África, e os VIPs alojados em suas acomodações preparadas apressadamente, mas tendo considerado satisfatórias, e dado um telefonema com a inevitável senha confirmando que tudo estava correndo bem. Teria sido muito mais fácil enfiar todos num único avião para um só ciclo Bagdá-Teerã-Cartum, mas isso era impossível. Também não era possível realizar a rota aérea curta diretamente de Bagdá para Cartum através do expediente simples de sobrevoar a Jordânia. Mas isso significava passar perto de Israel, perspectiva que não agradaria os generais iraquianos. E também havia a questão do segredo, para tornar as coisas ainda mais inconvenientes.

Um homem mais indigno que Daryaei teria perdido a paciência. Em vez disso estava de pé sozinho à janela de uma sala fechada do terminal principal, observando um G-IV parar ao lado de outro. As portas das aeronaves foram abertas, suas escadas desdobradas e carregadores transportaram de um avião para outro os poucos pertences que os passageiros carregavam — indubitavelmente joias e outros objetos de alto valor e grande portabilidade, pensou o santo com um sorriso. Levou apenas alguns minutos, e então o avião que estivera aguardando começou a se mover.

Era uma tolice, de fato, ter vindo até aqui apenas para ver algo tão comum e tedioso, mas aquilo representava duas décadas de esforço; e, homem de Deus como era, Mahmoud Haji Daryaei ainda era humano o bastante para querer ver os frutos de seu trabalho, este era o resultado de uma vida de labuta, e ainda assim sua missão não chegara nem à metade. E seu tempo estava se esgotando...

O que acontecia a todos os homens, lembrou Daryaei a si mesmo. Um segundo, um minuto, uma hora, um dia por vez: o mesmo para todos. Contudo, o tempo parece correr mais rápido quando se tem mais de setenta anos. Olhou para as mãos. As linhas e cicatrizes de uma vida de trabalho estavam nelas, algumas naturais, outras não. Dois de seus dedos tinham sido quebrados enquanto fora hóspede da Savak, o serviço de segurança do xá, treinado pelos israelenses. Lembrava bem da dor que sentira. Lembrava melhor ainda de sua vingança contra seus dois inquisidores. Daryaei não dissera uma única palavra.

Apenas olhara para eles, imóvel como uma estátua, enquanto eram levados para o pelotão de fuzilamento. Aquilo não lhe dera muita satisfação. Eles tinham sido funcionários, fazendo um serviço sob as ordens de outras pessoas, sem realmente se importarem com quem ele era ou por que deviam odiá-lo. Outro mula sentara-se com cada um deles para conduzir suas orações, porque negar a qualquer pessoa a chance de se reconciliar com Alá era crime — e que mal fazia isso? Eles morreriam com a mesma rapidez, tendo orado ou não. Um pequeno passo na jornada de uma vida, embora, no cômputo final, a deles tivesse sido mais curta que a do aiatolá.

Todos os anos gastos com um único objetivo em mente. Khomeini exilara-se na França, mas Daryaei não. Ele permanecera nos bastidores, coordenando e dirigindo para seu líder. Capturado aquela única vez, tinham-no deixado ir porque mantivera-se calado, assim como todos seus assessores. Esse fora o erro do xá, um entre muitos. O homem acabara sucumbindo à indecisão. Por demais liberal em sua política para satisfazer a Igreja islâmica, por demais reacionário para agradar seus patrocinadores ocidentais, tentando inutilmente encontrar um meio-termo numa parte do mundo onde um homem tinha apenas duas escolhas.

Ou melhor, apenas uma — corrigiu-se Daryaei enquanto o jato Gulfstream decolava. O Iraque experimentara o outro caminho, para longe da Palavra de Deus, e que lucro isso lhe trouxera? Hussein começara a guerra contra o Irã, considerando esse país fraco e desorientado. Nada conseguira. Depois atacara o sul e conseguira ainda menos, tudo em nome de sua busca por poder temporário.

Daryaei era diferente. Ele, como Khomeini, jamais perdia de vista seu objetivo. E embora Khomeini estivesse morto, sua missão vivia. O objetivo do aiatolá falecido estava às costas de Daryaei enquanto

ele olhava para o norte, longe demais para ver, mas ainda assim lá, nas cidades santas de Meca, Medina... e Jerusalém. Já estivera nas duas primeiras, mas não na terceira.

Quando criança, jovem e pio, quisera ver a Pedra de Abraão, mas alguma coisa, não lembrava o quê, impedira seu pai, um mercador, de levá-lo. Talvez em tempo. Contudo, vira a cidade em que nasceu o Profeta, e fizera mais de uma vez, é claro, sua peregrinação a Meca, o hajj, a despeito das diferenças políticas e religiosas entre o Irã e a Arábia Saudita. Ele queria fazer essa viagem de novo, para orar diante da Caaba. Mas havia mais coisas do que isso.

Chefe de Estado titular, Daryaei queria mais. Não tanto para si mesmo.

Não, sua vida humilde tinha uma grande missão. O Islã alastrara-se para o extremo oriente da Ásia, sem contar os pequenos bolsões de fé no Ocidente, mas a religião não tinha um único líder e um único propósito havia mais de cem anos. Isso causava dor a Daryaei.

Havia apenas um Deus e uma Palavra, e Alá ficava triste em saber que sua Palavra era tão tragicamente mal compreendida. Só havia uma razão possível para o fracasso de todos os homens em alcançar a Fé Verdadeira, e se ele pudesse corrigir isso, então mudaria O mundo e conduziria toda a Humanidade a Deus. Mas para fazer isso...

O mundo era o mundo, um instrumento imperfeito com regras imperfeitas ou homens imperfeitos, mas Alá fizera-o assim. Pior, havia gente que se oporia a tudo que ele fizesse, Fiéis e Infieis, e isso era mais um motivo para sentir tristeza em vez de raiva. Daryaei não odiava os sauditas e os outros no ponto mais distante do Golfo Pérsico. Eles não eram maus. Eram Fiéis, e apesar de suas diferenças com ele e com o Irã, eles jamais negaram-lhe acesso a Meca.

Mas o caminho deles não era o Caminho, e isso não podia ser evitado. Tinham se tornado gordos, ricos, corruptos, e isso precisava ser mudado. Daryaei precisava controlar Meca para reformar o Islã. Fazer isso significava adquirir poder mundano. Significava fazer inimigos. Mas isso não era novidade, e ele acabara de vencer sua primeira grande batalha.

Se ao menos não tivesse demorado tanto! Daryaei frequentemente falava sobre paciência, mas sua obra ocupara uma vida, e ele estava com 72 anos, e não queria morrer como seu mentor, com o trabalho incompleto. Quando chegasse sua hora de encontrar Alá, queria falar sobre vitórias, contar como realizara plenamente a mais nobre das tarefas que qualquer homem poderia empreender: a reunificação da Fé Verdadeira. E Daryaei estava disposto a pagar qualquer preço por esse objetivo. Ele mesmo não sabia o quanto estava disposto a sacrificar, porque nem todas as perguntas tinham sido formuladas ainda. E como seu objetivo era puro e brilhante, e seu tempo remanescente tão curto, ele jamais se perguntara quão profundamente cruzaria a escuridão para alcançá-lo.

Muito bem. Deu as costas para a janela e caminhou com seu chofer até o carro. O processo começara.

As pessoas no ramo da informação não são pagas para acreditar em coincidências, e essas em particular dispunham de mapas e instrumentos para prever os acontecimentos. O alcance sem reabastecimento do G-IV era bem conhecido, e a distância a ser coberta era facilmente computada. Durante seu percurso circular, a aeronave AWACS identificara uma trajetória na direção do sul a partir de Teerã. Os transceptores disseram-lhe o tipo de aeronave, juntamente com velocidade, direção e altitude, a última sendo de 45 mil pés para o uso mais eficaz do combustível. As durações foram checadas entre um voo e outro. O curso foi ainda mais esclarecedor.

— Sudão — confirmou o major Sabah.

A aeronave poderia estar indo para outro lugar. Ele quase pensou que Brunei era uma opção possível, mas não. Brunei ficava longe demais da Suíça, e era na Suíça que o dinheiro estava — tinha de ser.

Com esse julgamento, um sinal de satélite foi mandado para os EUA, novamente para a CIA, e esse ocasionou o despertar prematuro de um oficial meramente para dizer sim a uma pergunta curta. A resposta foi encaminhada de volta a PALM BOWL por cortesia aos kuwaitianos. Então era apenas uma

questão de tempo e paciência.

A CIA tinha uma pequena presença em Cartum, realmente apenas um chefe de estação, mais um punhado de agentes de campo e uma secretária que compartilhava com a seção de sinais dirigida pela Agência de Segurança Nacional. Contudo, o chefe de estação era um bom profissional, e recrutara alguns cidadãos locais para atuarem como agentes. Facilitava o fato de que o governo sudanês, a maior parte do tempo, tinha pouco a esconder, sendo pobre demais para ser muito interessante. Em outros tempos, o governo usara sua localização geográfica como uma ferramenta para colocar Ocidente contra Oriente, arrecadando dinheiro, armas e favores em barganhas. Mas a URSS caíra e com ela o jogo do Grande Poder que sustentara o Terceiro Mundo por duas gerações. Agora os sudaneses precisavam depender de seus próprios recursos, que eram tênues, e das poucas migalhas que lhes eram jogadas por qualquer país que nutrisse um interesse transitório no pouco que tinham. Os líderes do país eram islâmicos, e proclamando isso o mais alto que podiam mentir — não eram mais devotos que seus colegas do Ocidente —, conseguiam obter auxílio da Líbia, Irã e outros países. Em troca, faziam o que podiam para dificultar a vida dos animistas pagãos no sul do país. Com essa atitude, corriam risco de um levante islâmico em sua própria capital, liderado por pessoas que conheciam o verdadeiro nível de devoção dos líderes do país, e queriam substituí-los por religiosos de verdade. Em suma, os líderes políticos dessa nação empobrecida achavam que era mais fácil ser religioso e rico do que religioso e pobre.

O que isso significava para a embaixada americana era um fator elevado de imprevisibilidade. Ocasionalmente, Cartum era segura, quando os arruaceiros fundamentalistas estavam sob controle. Outras vezes não era, quando eles não estavam. No momento, a situação parecia ser a primeira, e tudo com que os funcionários do serviço diplomático americano tinham de se preocupar eram as condições ambientais, ruins o bastante para colocar este posto diplomático entre os dez piores, mesmo sem uma ameaça terrorista. Para o chefe de estação a situação significara uma promoção prematura, embora sua esposa e seus dois filhos ainda estivessem em casa, na Virgínia; ele, como a maioria dos residentes americanos, não se sentia seguro o bastante para mandar trazer a família. Quase tão ruim quanto a situação política vinha sendo a proliferação da AIDS, que começava a se tornar suficientemente ameaçadora para negar uma vida noturna a muitos americanos, para não mencionar a problemática da obtenção de sangue seguro em caso de acidentes. A embaixada tinha um médico do exército para lidar com esses casos. O chefe de estação se preocupava muito com isso.

O chefe de estação balançou a cabeça, afastando esses pensamentos. Ao assumir esta v função, saltara um nível inteiro de faixa salarial. Vinha desempenhando seu papel com 0 competência, graças principalmente a um agente bem posicionado no Ministério das Relações Exteriores do Sudão, que mantinha os EUA informados de tudo que o governo fazia. O fato de que o país não fizesse muita coisa não importava para os burocratas em Langley. Melhor saber tudo sobre nada do que nada sobre tudo. ! Resolveu cuidar deste serviço pessoalmente. Depois de checar tempo e distância com seus mapas, almoçou cedo e dirigiu até o aeroporto, a apenas alguns quilômetros da cidade. A segurança estava normal para os padrões africanos, e ele achou um local à sombra. Era mais fácil vigiar o terminal privado que o público, especialmente com uma câmera com teleobjetiva de 500 mm. Houve até mesmo tempo para conferir se o diafragma estava certo. Um zumbido em seu telefone celular, transmitido pelo pessoal da Agência de Segurança Nacional, comunicou que o avião estava no fim de sua trajetória, fato logo confirmado pela chegada de alguns carros de aparência oficial. Ele já tinha decorado duas fotografias que recebera por fax de Langley. Dois generais iraquianos, hein? — pensou. Bem, com a morte do patrão, isso não era tão surpreendente. O problema no ramo da ditadura era que não havia planos de aposentadoria para quem chegava ao topo.

O jato comercial branco pousou, o atrito da borracha com o asfalto levantando as habituais nuvens de fumaça. Enquadrou o avião e bateu algumas fotos de alta velocidade em preto e branco para se certificar

de que o filme estava rodando na câmera. A única preocupação agora era se o pássaro pararia de uma forma que lhe permitisse registrar a saída dos passageiros — os babacas sempre estragavam tudo olhando para o lado errado. Nisso ele tinha pouca escolha. O Gulfstream parou. A porta abriu, e o chefe de estação começou a bater fotos. Havia ali um oficial de nível médio para proceder à saudação semioficial. Sempre podia se dizer quais eram as figuras importantes vendo quem recebia os beijos e abraços — e observando a forma como olhavam o ambiente ao seu redor. Clique. Clique. Reconheceu um rosto com segurança absoluta, e o outro valia um bom palpite. A transferência demorou apenas um ou dois minutos. Os carros oficiais se afastaram, e o chefe de estação não deu muita importância para onde estavam indo no momento. Seu agente no Ministério das Relações Exteriores cuidaria disso. Gastou as oito fotos restantes no avião, já sendo reabastecido, e decidiu esperar para ver o que ele faria. Trinta minutos mais tarde, a aeronave decolou de novo e ele retornou à embaixada. Enquanto um de seus assessores cuidava da revelação do filme, o chefe de estação telefonou para Langley.

— Confirmação — disse Goodley, já próximo do final de sua vigília. — Dois generais iraquianos saltaram em Cartum há cinquenta minutos. É uma fuga.

— Então a SNIE estava correta. Bem — observou o especialista de área, levantando uma sobrancelha. — Espero que eles prestem atenção no selo de horário nela.

O agente do serviço de informações sorriu.

— Sim, bem, a próxima tem de dizer o que isso significa. — Essa tarefa ficaria para os analistas diurnos, que estavam começando a chegar ao trabalho.

— A coisa está preta. — Mas não era preciso ser um espião para descobrir isso.

— As fotos estão chegando — anunciou um oficial de comunicações.

O primeiro telefonema tinha sido para Teerã. Daryaei dissera ao seu embaixador para deixar as coisas bem claras. O Irã assumiria a responsabilidade por todos os gastos. Seriam providenciadas as melhores acomodações, com cada nível de conforto que o país poderia providenciar. No todo, a operação não custaria muito dinheiro, mas os selvagens daquele país ficavam impressionados com pequenas quantias, e dez milhões de dólares — uma mixaria — já tinham sido transferidos eletronicamente para garantir que tudo correria bem. Um telefonema do embaixador iraniano confirmou que o primeiro desembarque transcorreria dentro dos conformes e que o jato já estava em seu caminho de volta.

Bom. Agora talvez os iraquianos comessem a confiar nele. O aiatolá ficaria pessoalmente satisfeito em eliminar esses suínos, o que não seria difícil de providenciar sob as circunstâncias, mas, além de ter dado sua palavra, o propósito desta operação não era sua satisfação pessoal. Enquanto desligava o telefone, seu ministro da Força Aérea estava requisitando uma aeronave adicional para realizar a transferência. Era melhor que isso fosse feito com rapidez.

E era o que Badrayn estava dizendo àqueles homens. As notícias acabariam se espalhando, provavelmente em um dia, decerto em não mais de dois. Eles estavam deixando para trás pessoas importantes demais para sobreviver ao levante, e insignificantes demais para merecer a solicitude que os iranianos estavam demonstrando aos generais. Esses oficiais, coronéis e brigadeiros, não ficariam eufóricos com a perspectiva de serem oferecidos ao povo como bodes expiatórios. Este fato estava ficando claro, mas, em vez de aumentar a disposição daqueles homens em partir, emergiu como um temor não específico que agigantou todos os seus outros medos. Estavam parados no tombadilho de um navio em chamas às margens de um litoral inimigo, e não sabiam nadar tão bem, afinal de contas. Mas o navio ainda estava em chamas. Era isso que eles precisavam entender.

Ryan já estava começando a achar aquilo rotineiro. Já se sentia à vontade com a batida discreta na porta de seu quarto, de certo modo mais estridente que o toque do rádio-despertador que anunciara o começo de seu dia por vinte anos.

Abriu os olhos, levantou, vestiu o robe, caminhou os seis metros da cama até a porta e pegou o jornal, juntamente com algumas folhas de sua agenda diária.

Em seguida, seguiu até o banheiro e depois até a sala de estar adjacente ao quarto presidencial, enquanto sua esposa, alguns minutos atrasada em relação a ele, iniciou sua rotina matinal.

Jack sentia falta da normalidade de simplesmente ler o jornal. Embora não fosse — geralmente — tão bom quanto os documentos do serviço nacional de informações que o aguardavam na mesa, o Washington Post também cobria coisas que não eram de interesse estritamente governamental, e que também satisfaziam sua sede de informações. Mas sua prioridade hoje era um SNIE, um documento oficial urgente dentro de uma pasta de cartolina. Ryan esfregou os olhos antes de lê-lo.

Merda. Bem, podia ser pior, disse o presidente para si mesmo. Pelo menos desta vez não o tinham acordado para avisá-lo de algo que ele não podia mudar.

Checou seu cronograma. Certo, Scott Adler viria discutir aquele caso, juntamente com o tal Vasco. Bom. Vasco parecia entender do riscado. Quem mais hoje? Correu os olhos até o fundo da página. Sergey Golovko? Era hoje?

Uma boa notícia, para variar. Abaixo havia o lembrete da breve entrevista coletiva para anunciar a escolha de Tony Bretano como secretário de Defesa, com uma lista de possíveis perguntas para se preocupar, e instruções de Arnie para ignorar o máximo possível às perguntas sobre Kealty. Deixe Kealty e suas alegações morrerem de apatia — ora, falar era fácil! Jack tossiu enquanto servia-se de café. Dera ordens diretas para que o deixassem servir-se sozinho; esperava que os taifeiros da Marinha não considerassem isso um insulto pessoal, mas estava acostumado a fazer algumas coisas sozinho. Agora os taifeiros colocavam o café na sala e deixavam que os Ryan se servissem, enquanto outros mantinham-se de guarda no corredor.

— Bom dia, Jack.

O rosto de Cathy apareceu à sua frente. Ele beijou-a nos lábios e sorriu.

— Bom dia, querida.

— O mundo ainda está lá fora? — perguntou, pegando seu próprio café.

Isso revelou ao presidente que a primeira-dama não operaria hoje. Ela jamais tocava em café em dia de cirurgia, dizendo que não podia correr o risco da cafeína causar-lhe um tremor levíssimo nas mãos enquanto estivesse cavoucando o olho de alguém. A imagem sempre o fazia estremecer, embora ela agora trabalhasse especialmente com lasers.

— Parece que o governo iraquiano está ruindo. Um grunhido feminino.

— Isso não aconteceu na semana passada?

— Aquele foi o primeiro ato. Este é o terceiro ato. — Ou talvez o quarto. Ele se perguntou como seria o quinto ato.

— Importante? — Jack também ouviu a torrada descer.

— Talvez. Como Vai ser o seu dia?

— Clínica e revisões, reunião de orçamento com Bernie.

— Hum.

Jack começou a olhar para o Early Bird, uma coleção de recortes de notícias editada pelo governo a partir dos principais jornais. Cathy apareceu novamente em sua visão periférica, enquanto olhava para a agenda dele.

— Golovko...? Eu não o conheci em Moscou?... Foi ele quem disse aquela piada sobre ter uma arma apontada para você!

— Não foi uma piada — disse Ryan à mulher. — Aconteceu mesmo.

— Que é isso?!

— Depois ele me disse que a arma não estava carregada.

Jack se perguntou se aquilo era verdade. Provavelmente, pensou.

— Mas ele estava dizendo a verdade? — perguntou Cathy, incrédula.

O presidente levantou os olhos de sua leitura e sorriu. Que coisa incrível, pensou. Aquilo estava parecendo divertido agora.

— Ele estava muito puto comigo naquela época. Foi quando colaborei com a deserção do diretor da KGB.

Ela levantou seu jornal matutino.

— Jack, nunca sei quando você está brincando.

Jack pensou a respeito. A primeira-dama era, tecnicamente, uma cidadã civil. Isso era ainda mais certo no caso de Cathy, que não era uma esposa política, mas uma médica que nutria pela política tanto interesse quanto por sexo grupai. Ela não poderia ter, tecnicamente, acesso a assuntos confidenciais.

Contudo, era de esperar que o presidente confiasse assuntos sigilosos à esposa, assim como qualquer pessoa normal faria. Além disso, o senso de julgamento de Cathy era tão bom quanto o dele, e por menos instruída que fosse em relações internacionais, todos os dias ela tomava decisões que afetavam diretamente as vidas de pessoas reais da forma mais imediata. O governo perdoaria se ela cometesse algum deslize.

— Cathy, acho que já é hora de lhe contar algumas das coisas em que estive metido nos últimos anos, mas, por enquanto... Sim, Golovko apontou uma pistola para a minha cabeça no aeroporto de Moscou. Isso foi quando ajudei dois russos muito importantes a fugir do país. Um deles era o chefe dele na KGB.

A revelação fez Cathy levantar os olhos na direção de Jack, lembrando dos pesadelos que tinham assombrado seu marido durante meses, anos atrás.

— E onde ele está agora?

— Nas cercanias de Washington. Esqueci exatamente onde.

Jack lembrava vagamente de ter ouvido que a filha, Katryn Gerasimov, estava noiva de algum rico matador de raposas de Winchester, tendo mudado de uma forma de nobreza para outra. Bem, a pensão paga pela CIA à família era consideravelmente alta para que pudessem manter um estilo de vida muito confortável.

Cathy estava acostumada com as piadas do marido. Como a maioria dos homens, ele costumava contar casos divertidos nos quais o humor residia no exagero — e, além disso, sua ascendência era irlandesa —, mas ela percebeu que sua revelação saiu tão casual quanto um comentário sobre pontos de beisebol.

Ele não a viu fitar-lhe a nuca. Sim, decidiu Cathy enquanto as crianças entravam na sala, eu gostaria de ouvir as histórias.

— Papai! — disse Katie, vendo Jack primeiro. — Mamãe! — Com isso a rotina da manhã foi interrompida, ou melhor, mudada para uma coisa mais imediatamente importante que as notícias e eventos internacionais. Katie já estava com seu uniforme escolar. Como a maioria das crianças pequenas, ela costumava acordar de bom humor.

— Oi — disse Sally, chegando em seguida, evidentemente aborrecida.

— Qual é o problema? — perguntou Cathy à filha mais velha.

— Aquela gente toda lá fora! Não posso nem passear aqui dentro sem ter alguém no meu calcanhar! — resmungou, pegando um copo de suco na bandeja.

E hoje ela não estava com vontade de comer flocos de milho açucarados. Ela preferiria flocos sem açúcar, mas aquela caixa estava no andar térreo, na imensa cozinha da Casa Branca. — É como viver num hotel, só que com muito menos intimidade.

— Qual é a prova de hoje? — perguntou Cathy, interpretando os sinais.

— Matemática — admitiu Sally.

— Estudou?

— Sim, mãe.

Jack ignorou esse problema, e em vez disso serviu os cereais para Katie, que gostava dos açucarados. O pequeno Jack chegou em seguida, ligando a TV

na Cartoon Network para sua ração matinal de Papaléguas e Coiote, que Katie também aprovava.

Lá fora, o dia estava começando para todo mundo. O agente do serviço nacional de informações designado para Ryan estava terminando seu relatório matutino. Este presidente era difícil demais de agradar. O chefe dos criados chegou mais cedo para supervisionar uma obra de manutenção no Pavimento do Estado. No quarto do presidente, o criado estava arrumando as roupas de POTUS e FLOTUS. Carros aguardavam para levar as crianças para a escola.

Agentes da Polícia Estadual de Maryland já estavam checando a rota para Annapolis. Os fuzileiros estavam aquecendo o helicóptero para a viagem para Baltimore — esse problema ainda não tinha sido resolvido. A máquina inteira já estava em movimento.

Guy Lorenz chegou cedo ao escritório para receber um telefonema da África retribuindo seu telefonema de Atlanta. Onde estão os meus macacos? — exigiu saber. Seu agente de compras explicou, a oito fusos horários de distância, que, como o CDC não enviara o dinheiro a tempo, alguma outra instituição comprara o carregamento, e que agora era preciso caçar novos animais. Uma semana, talvez, disse ele ao doutor americano. Lorenz resmungou. Suas intenções tinham sido começar seus novos estudos nesta semana. Fez uma anotação em seu bloco de mesa, perguntando-se quem diabos teria comprado tantos verdes africanos. Será que Rousseau estava começando alguma coisa nova em Paris? Ele telefonaria para o sujeito mais tarde, depois de sua conferência matinal diária. As boas notícias, ele viu, eram que... oh, isso era muito ruim. O segundo paciente tinha morrido numa queda de avião, dizia o telex da Organização Mundial de Saúde. Mas não haviam sido reportados novos casos, e considerando o tempo que o Número Dois fora infectado, essa microepidemia estava acabada. Tomara, acrescentou Lorenz em seus pensamentos. Essas eram boas notícias. Aparentemente, a cepa do Ebola que ele tinha sob o microscópio era o Zaire Mayinga, que era a pior das subespécies do vírus. Havia ainda a possibilidade do portador estar lá fora, esperando para infectar outra pessoa, mas o portador do Ebola era a presa mais difícil de agarrar desde a malária — ar ruim, em italiano, que era o que as pessoas tinham pensado ser o causador. Talvez, ele pensou, o portador fosse algum roedor que morrera atropelado por um caminhão. Ele deu com os ombros. Era possível.

Com a redução do fluxo de morfina, a Paciente Dois estava semiconsciente em Hasanabad. Estava consciente o bastante para sentir a dor, mas não para entender o que de fato acontecia. A dor acabaria tomando todo seu corpo, o que era terrível para Jean Baptiste, que sabia o que significava cada pontada. A dor abdominal era a pior, aumentando à medida que a doença se alastrava pelos dez metros de seu sistema gastrointestinal, literalmente comendo os tecidos delicados que convertiam alimentos em nutrientes e despejando sangue infectado através de seu reto.

A sensação era de que seu corpo inteiro estava sendo torcido, esmagado e queimado ao mesmo tempo. Ela precisava se mover, fazer alguma coisa para que ao menos a dor viesse de outra direção, aliviando seu tormento, mas quando tentou se mover descobriu cada membro amarrado por correias de velcro. O ultraje daquilo pareceu-lhe ainda pior que a dor, mas ao tentar reclamar, sentiu uma náusea violenta que começou a fazê-la tossir. O astronauta de roupa azul reagiu a isso inclinando a cama — que tipo de cama era essa? —, permitindo-a vomitar num balde, e o que ela viu foi sangue preto e morto. Isso distraiu-a da dor por um segundo, mas tudo que a distração fez foi dizer-lhe que ela não sobreviveria, que

a doença chegara longe demais, que seu corpo estava morrendo. A irmã Jean Baptiste começou a orar pela morte, porque isto poderia ter apenas um fim, e a dor era tamanha que o fim precisava vir depressa, ou ela perderia sua fé no processo. A perspectiva saltou em sua consciência como um boneco de uma caixa de surpresa. Mas esse boneco tinha chifre e cascos. Ela precisava de um padre. Ela precisava... onde estava Maria Magdalena? Estava condenada a morrer sozinha? A enfermeira moribunda olhou para as vestes espaciais, esperando encontrar olhos familiares detrás dos escudos de plástico, mas embora os olhos que viu fossem simpáticos, não eram familiares. Assim como a língua que essas pessoas falavam, conforme percebeu quando duas delas se aproximaram.

O médico estava retirando sangue com muito cuidado. Verificou se o braço da paciente estava completamente contido, incapaz de se mover mais de um centímetro, e pediu a um colega que o segurasse com suas mãos fortes, mantendo cuidadosamente essas mãos afastadas da agulha. Assentindo com a cabeça, o primeiro médico selecionou a veia adequada e espetou a agulha. Deu sorte desta vez. A agulha entrou na primeira tentativa. A parte posterior da seringa conectou um tubo de sucção que começou a coletar um sangue mais escuro que o púrpura usual. Quando encheu o tubo, retirou-o e colocou-o cuidadosamente numa caixa plástica, ao lado de outros três tubos idênticos. Em seguida, retirou a agulha e colocou gaze na perfuração, o que não deteve o sangramento. O médico liberou o braço, notando que o pouco que o tinham segurado deixara a pele descolorada. Uma tampa foi colocada sobre a caixa, e o primeiro médico saiu com ela da sala, enquanto o segundo ia para um canto borrifar suas luvas e braços com solução de iodo. Haviam sido instruídos sobre os riscos deste trabalho, mas não o levaram realmente a sério apesar de todas as repetições, filmes e slides. Os dois acreditavam agora em cada maldita palavra, e rezaram que a Morte viesse logo para levar a paciente para o lugar que Alá lhe reservara. Observar seu corpo desintegrar-se já era muito ruim. O pensamento de segui-la nessa jornada macabra era suficiente para aterrorizar o coração mais pétreo. Nunca tinham visto nada assim. A mulher derretia por dentro. Quando o médico terminou de limpar a parte externa de sua roupa, virou-se assustado ao ouvir um grito de dor, que mais parecia o de uma criança torturada pelas mãos do próprio demônio. Olhos arregalados, boca aberta, a paciente deixou um grito agudo e líquido escapar de sua boca, cruzar o ar e penetrar o plástico da roupa do médico.

No Laboratório Aquecido no fim do corredor, as amostras de sangue foram manuseadas rapidamente, sob o máximo de cuidado. Moudi e o diretor do projeto estavam em seus escritórios. Não era estritamente necessário que estivessem no laboratório para fazer este trabalho, e era muito mais fácil analisar os testes sem o incômodo das roupas protetoras.

— Tão rápido... incrível como é tão rápido — disse o diretor, balançando a cabeça, pasmado.

Moudi assentiu.

— Sim, ele invade o sistema imunológico como um maremoto.

A imagem na tela do computador vinha de um microscópio eletrônico, que mostrava o campo repleto de vírus na forma de cajados de pastor. Alguns anticorpos estavam visíveis na tela, mas, considerando o bem que podiam fazer, não eram nada mais que algumas ovelhas em meio a um bando de leões. As células sanguíneas estavam sendo atacadas e destruídas. Se tivessem sido capazes de retirar amostras dos órgãos principais, os médicos teriam descoberto que o baço estava se tornando uma coisa dura como uma bola de borracha, cheio de pequenos cristais que funcionavam como cápsulas de transporte para as partículas do vírus Ebola. Teria sido de fato interessante, e talvez até cientificamente útil, proceder a uma laparoscopia do abdômen, para ver exatamente o que a doença fazia com um paciente humano durante intervalos de tempo, mas isso acarretava a possibilidade de acelerar a morte da paciente, risco que não queriam correr.

As amostras de vômito apresentavam tecidos de seu sistema gastrointestinal, e eles eram interessantes porque não estavam apenas soltos, mas também mortos. Partes maiores do corpo ainda vivo da paciente já tinham morrido, tendo se soltado do restante vivo e ejetadas num esforço de sobrevivência do

organismo conjunto. O sangue infectado seria centrifugado e congelado para uso posterior. Cada gota dele era útil, e por causa disso, mais sangue estava sendo inserido nela através dos tubos intravenosos. Um exame rotineiro de enzima cardíaca mostrava que seu coração, ao contrário do órgão do Paciente Index, ainda estava normal e saudável.

— É estranho como a doença varia suas formas de ataque — observou o diretor, lendo as folhas impressas pelo computador.

Moudi simplesmente olhou para outro lado, imaginando que podia ouvir seus gritos de angústia através das múltiplas paredes de concreto do prédio.

Seria um ato de misericórdia suprema entrar na sala e injetar 20cc de potássio, ou simplesmente aumentar o fluxo de morfina para provocar parada respiratória e conseqüente morte.

— Acha que o menino africano tinha um problema cardiovascular anterior?

— perguntou seu chefe.

— Talvez. Mas isso não foi diagnosticado.

— As funções do fígado estão falhando rapidamente, conforme esperado.

O diretor leu vagarosamente os dados da química sanguínea. Todos os números estavam fora de seus níveis normais, exceto os do indicador cardíaco.

— É um caso clássico, Moudi.

— Com toda certeza.

— Esta cepa do vírus é ainda mais robusta do que imaginei. — Ele olhou para Moudi.

— Você agiu muito bem.

— Ah, sim...

— Anthony Bretano obteve dois doutorados no MIT: matemática e medicina ótica. Possui um currículo impressionante na indústria e na engenharia, e espero que se torne um secretário de Defesa de uma competência sem par. Perguntas?

— Senhor, o vice-presidente Kealty...

— O ex-vice-presidente — interrompeu Ryan. — Ele renunciou. Vamos deixar isso claro.

— Mas ele diz que não renunciou — replicou o jornalista do Chicago Tribune.

— Se ele dissesse que falou com Elvis, você acreditaria? — perguntou Ryan, torcendo para que tivesse dito sua fala no tom certo. Fitou os rostos, atento para suas reações. Mais uma vez, todas as 48 poltronas estavam ocupadas, com mais vinte repórteres de pé. O comentário escarminho de Jack fez todos piscarem e alguns até mesmo se permitiram sorrir. — Vá em frente, faça sua pergunta.

— O Sr. Kealty requereu uma comissão judicial para julgar os fatos da questão. O que o senhor acha disso?

— A questão está sendo investigada pelo FBI, que é a principal agência investigadora do governo. Quaisquer que sejam os fatos, eles precisam ser estabelecidos antes de ir a julgamento. Mas acredito que todos sabemos o que acontecerá. Ed Kealty renunciou, e vocês sabem o motivo. Por respeito ao processo constitucional, instruí o FBI a examinar a questão, mas meu próprio conselho legal é absolutamente claro. O Sr. Kealty pode falar o que quiser. Eu tenho um trabalho a fazer. Próxima pergunta? — indagou Jack, confiante.

— Presidente... — Ryan assentiu levemente ao ouvir o *Miami Herald* dizer isso — ...em seu discurso da outra noite, o senhor disse que não é político, mas está fazendo um trabalho político. O povo americano quer conhecer sua visão sobre uma série de assuntos.

— Isso faz muito sentido. Como quê? — perguntou Jack.

— Aborto, por exemplo — replicou a repórter do *Herald*, uma mulher muito liberada. — Qual é exatamente a sua posição?

— Não gosto — respondeu Ryan, dizendo a verdade antes de refletir. — Sou católico, como a

senhorita deve saber, e nessa questão moral acho que minha Igreja está correta. Entretanto, a decisão do caso Roe contra Wade está em vigor até a Suprema Corte reconsiderar a lei, e o presidente não pode ignorar as decisões das cortes federais. Isso me coloca numa posição um pouco desconfortável, mas como presidente preciso exercer meu cargo de acordo com a lei. Fiz um juramento a respeito disso.

Nada mau, Jack, pensou Ryan.

— Então o senhor não aprova o direito de uma mulher à escolha? — inquiriu o Herald sentindo cheiro de sangue.

— Escolher o quê? — respondeu Ryan, ainda à vontade. — Sabe, certa vez alguém tentou matar minha esposa quando ela estava grávida de nosso filho, e logo depois vi minha filha mais velha à beira da morte numa cama de hospital.

Considero a vida um bem muito precioso. Aprendi essa lição da pior maneira.

Gostaria que as pessoas pensassem nisso antes de decidir fazer um aborto.

— Isso não responde à pergunta, senhor.

— Não posso impedir que as pessoas façam isso. Goste dela ou não, a lei é a lei. O presidente não pode quebrar a lei. — Isso não era óbvio?

— Mas ao escolher os juízes que indicará à Suprema Corte, o senhor usará a questão do aborto como um teste de tornassol? Gostaria de contornar a Roe contra Wade.

Ryan notou as câmeras mudando o foco, e os repórteres se concentrando em suas anotações.

— Não gosto da Roe contra Wade, conforme disse. Acho que foi um erro.

Vou dizer por quê. A Suprema Corte tomou para si o que deveria ter sido uma questão legislativa. A Constituição não aborda esse assunto, e nas questões em que a Constituição é omissa, possuímos legislaturas estaduais e federais para escrever leis. — Esta lição de civismo estava correndo bem. — Agora, quanto às indicações que eu fizer à Suprema Corte, procurarei os melhores juízes que puder encontrar. Falarei com vocês sobre isso em breve. A Constituição é uma espécie de Bíblia para os Estados Unidos da América, e os juízes da Suprema Corte são os... teólogos, acho, que decidem o que ela significa. Não é trabalho deles escrever um novo livro. O trabalho deles é descobrir o que o livro existente significa. Quando uma mudança na Constituição se faz necessária, temos mecanismos para alterá-la, que já usamos mais de vinte vezes.

— Então o senhor selecionará apenas juízes que sigam a Constituição ao pé da letra e que, portanto, derrubarão a Roe.

Era como socar uma parede. Ryan fez uma pausa antes de responder.

— Espero escolher os melhores juízes que puder encontrar. Não irei interrogá-los sobre questões específicas.

De repente, o Boston Globe ficou de pé.

— Presidente, e se a vida da mãe estiver em perigo? A Igreja católica...

— A resposta a isso é óbvia. A vida da mãe é a principal consideração.

— Mas a Igreja diz...

— Não falo pela Igreja católica. Como disse antes, não posso violar a lei.

— Mas quer mudar a lei — assinalou o Globe.

— Sim, acho que seria melhor para todos se a questão fosse devolvida às legislaturas estaduais.

Dessa forma, os representantes eleitos pelo povo poderiam escrever leis de acordo com a vontade de seus eleitores.

Foi a vez do San Francisco Examiner se manifestar: — Mas assim teremos uma mixórdia de leis contraditórias no país, e em algumas regiões o aborto será ilegal.

— Apenas se o eleitorado assim quiser. É assim que a democracia funciona.

— Mas e quanto às mulheres pobres?

— Não cabe a mim decidir isso — replicou Ryan, começando a sentir raiva e se perguntando como

se livraria dessa confusão.

— Então o senhor apoia a emenda constitucional contra o aborto? — exigiu saber o Atlanta Constitution.

— Não, não acho que seja uma questão constitucional. Acho que provavelmente se trata de uma questão legislativa.

O New York Times resumiu: — Então o senhor é pessoalmente contra o aborto segundo bases morais e religiosas, mas não interferirá nos direitos da mulher; o seu plano é indicar para a Suprema Corte juízes conservadores que provavelmente derrubarão a Roe, mas não apoia uma emenda constitucional que contrarie a liberdade de escolha.

— O jornalista sorriu. — Exatamente em que o senhor acredita nesta questão, senhor?

Ryan balançou a cabeça, comprimiu os lábios e expôs sua primeira versão de uma resposta à impertinência: — Achei que tinha deixado isso bem claro. Podemos seguir para outro assunto?

— Obrigado, Sr. Presidente! — disse um repórter em voz alta, assim aconselhado pelos gestos frenéticos de Arnold van Damm. Ryan desceu do pódio intrigado, dobrou uma esquina, mais uma e ficou fora de vista. O chefe de gabinete segurou o presidente pelo braço e quase o empurrou contra a parede, e desta vez o Serviço Secreto não moveu um músculo.

— Hora de ir, Jack, você acaba de deixar o país inteiro puto!

— Que quer dizer? — replicou o presidente, pensando: hein?

— Estou dizendo que você bombeou gasolina no seu carro enquanto estava fumando um cigarro, diabo! Meu Deus! Não sabe o que acaba de fazer? — Arnie pôde perceber que ele não sabia. — As pessoas pró-escolha agora acham que você irá tirar os direitos delas. As pessoas pró-vida acham que você não liga para a causa delas. Foi perfeito, Jack. Você alienou a porra toda do país em cinco minutos! — esbravejou Van Damm, deixando o presidente do lado de fora da Sala do Gabinete, temendo perder realmente a paciência se falasse mais qualquer coisa.

— Por que todo esse auê? — indagou Ryan.

Os agentes do Serviço Secreto não responderam nada. Política não era seu campo e, além disso, tinham opiniões divergentes, como todo o país.

Foi como tirar doce de criança. E depois do choque inicial, o bebê chorou bem alto.

— BÚFALO SEIS, aqui é BANDEIRA SEIS, câmbio. — O tenente-coronel Herber Masterman, Duke para seus pares, estava de pé sobre Mad Max II, seu tanque de comando M1A2 Abrams, microfone numa mão, binóculos na outra.

Diante dele, espalhados por 15 quilômetros quadrados na Área de Treinamento do Deserto de Neguev, estavam os tanques Merkava e os caminhões de infantaria da Sétima Divisão Blindada do Exército israelense, todos com luzes amarelas piscando e fumaça púrpura se erguendo de suas torretas. A fumaça era uma inovação israelense. Quando atingidos em batalha, os tanques queimavam; assim, quando os aparelhos receptores registravam um impacto de laser, emanavam essa fumaça púrpura. Mas a intenção dos israelenses tinha sido realçar sua vitória no OpFour, não o contrário. Apenas quatro dos tanques de Masterman e seis de seus veículos de radar estavam mortos daquela forma.

— BANDEIRA, BÚFALO — foi o comunicado de resposta do coronel Sean Magruder, comandante do 10º Regimento Blindado Búfalo .

— Acho que o jogo acabou, coronel, câmbio. A cota de impactos foi completada.

— Entendido, Duke. Desça para a avaliação. Receberemos um israelense puto da vida daqui a alguns minutos — felizmente, a conexão por rádio era codificada.

— A caminho, senhor — disse Masterman.

Saltou da torre de seu HMMVW. A tripulação do tanque começou a conduzir o veículo até o local de reunião do esquadrão.

A vida não podia ser muito melhor do que isto. Masterman sentia-se um jogador de futebol que podia entrar todos os dias no campo. Ele comandava o primeiro Esquadrão Bandeira da 10ª Divisão Blindada. A julgar pelo fundo amarelo de seus galões e pelas bandeiras vermelhas e brancas de suas unidades, eles deveriam se autodenominar Batalhão, mas quando não se faz parte de uma Divisão Blindada, não se faz parte de nada.

— Chutando mais alguns traseiros, senhor? — perguntou seu motorista quando o chefe acendeu um charuto cubano.

— Ovelhas para o matadouro, Perkins. — Masterman bebeu um pouco de água numa garrafa plástica. Trinta metros acima de sua cabeça, alguns caças F-16 israelenses passaram rugindo, demonstrando ultraje com o que acontecera no solo.

A Sala Guerra nas Estrelas do lugar era uma gêmea virtual da original em Forte Irwin. A tela principal era um pouco menor, as poltronas mais confortáveis, e ali era permitido fumar. Perkins entrou no prédio, espanando a poeira da camisa, marchando como Patton ao chegar a Bastogne. Os israelenses estavam esperando.

Intelectualmente, eles tinham de saber o quão útil fora-lhes o exercício.

Emocionalmente, a história era outra. A Sétima Divisão Blindada Israelense era tão orgulhosa quanto qualquer outra. Praticamente sozinha, detivera uma tropa inteira de tanques sírios nas colinas de Golan em 1973, e seu comandante atual fora o tenente que aceitara o comando de uma companhia acéfala e lutara com brilhantismo. Não acostumado com fracassos, acabara de ver a brigada na qual praticamente crescera ser aniquilada em trinta minutos brutais.

— General — disse Masterman, estendendo a mão para o irritado comandante de brigada. O israelense hesitou antes de aceitá-la.

— Nada pessoal, senhor, apenas negócios — disse o tenente-coronel Nick Sarto, que tinha comandado o Segundo Esquadrão Bighorn, e que acabara de ser o martelo na bigorna de Masterman. Com a Sétima Israelense no meio.

— Cavalheiros, podemos começar? — perguntou o observador-controlador sênior. Como cortesia ao Exército israelense, a equipe de observação e controle era uma mistura meio a meio de experientes oficiais americanos e israelenses, e era difícil determinar que grupo estava mais embaraçado.

Primeiro foi exibida uma gravação editada do embate teórico. Os veículos israelenses marcados em azul marcharam para o vale raso para encontrar a brigada de reconhecimento de BANDEIRA, que recuou rapidamente, mas não na direção das posições de defesa do restante do esquadrão. Em vez disso, a brigada de reconhecimento conduziu os veículos israelenses em ângulo.

Acreditando ser uma armadilha, a Sétima Divisão Blindada israelense manobrou para oeste, de modo a contornar e envolver seus inimigos, só para deparar com uma barreira sólida de tanques e então sofrer um ataque de Bighorn pelo leste. Isso acontecera tão rápido que o Terceiro Esquadrão Dakota de Doug Mills, o regimento de reserva, não teve nenhuma chance de entrar no jogo durante a fase de perseguição. Era a mesma lição de sempre. O comandante israelense presumira as posições de seu inimigo em vez de enviar batedores para descobrir.

O comandante de brigada israelense assistiu à gravação e pareceu murchar como um balão. Os americanos não riram. Todos já tinham passado por aquilo, embora fosse muito mais agradável estar do lado vencedor.

— Os seus batedores não estavam suficientemente na retaguarda, Benny — comentou diplomático o principal operador-controlador israelense.

— Os árabes não lutam dessa maneira! — replicou Benjamin Eitan.

— Deveriam, senhor — comentou Masterman. — Essa é a doutrina soviética padrão, e foram eles

que os treinaram, lembra? Empurre-os para um beco sem saída e os esmague lá. Diabos, general, foi exatamente isso que o senhor fez com seus Centuriões em 73. Li seu livro sobre o confronto — acrescentou o americano. Isso acalmou os ânimos imediatamente. Uma das outras coisas que os oficiais americanos tinham de exercitar aqui era diplomacia. O general Eitan olhou para os lados e conseguiu esboçar algo que se aproximou de um sorriso.

— Foi o que fiz, não é mesmo?

— Com toda certeza. Você arrasou aquele regimento sírio em quarenta minutos, se não me falha a memória.

— E você copiou muito bem a tática — respondeu Eitan, grato pelo cumprimento, ...embora soubesse que aquilo era um esforço deliberado para acalmá-lo.

Não era por acidente que Magruder, Masterman, Sarto e Mill estavam aqui.

Os quatro tinham participado de uma ação de combate violenta na Guerra do Golfo, onde três tropas da Segunda Divisão Blindada Dragoon tinham deparado com uma brigada de elite iraquiana sob condições climáticas muito adversas — ruins demais para as aeronaves do regimento participarem do combate, ou mesmo poderem avisar da presença do inimigo. Ainda assim, a Dragoon acabara com o inimigo em questão de horas. Os israelenses sabiam disso, e portanto não podiam reclamar dizendo que os americanos eram soldados teóricos brincando com jogos igualmente fictícios.

E o resultado desta batalha não tinha sido incomum. Eitan era novo, apenas um mês no comando, e aprenderia, assim como outros oficiais israelenses haviam aprendido, que o modelo de treinamento americano era mais inclemente que o combate real. Essa era uma lição difícil para os israelenses, tão difícil que ninguém realmente a aprendera até que o coronel Magruder visitara a Área de Treinamento do Deserto de Neguev e os derrotara em sua própria casa. Ele sabia que se os israelenses tinham uma fraqueza, era o orgulho. O trabalho do OpFor aqui, assim como na Califórnia, era acabar com esse sentimento. O orgulho de um comandante podia valer a morte de seus soldados.

— Certo — disse o chefe dos observadores-controladores americanos. — Que podemos aprender com isto?

Não se meta com os Soldados-Búfalo, pensaram todos os três comandantes de esquadrão, embora nenhum deles tenha dito isso. Marion Diggs restabelecera a reputação do regimento em sua turnê de comando antes de assumir o comando de Forte Irwin. Embora todos na Força de Defesa israelense ainda comentassem aquela derrota, os soldados do 10º adotavam um ar confiante quando saíam em excursão, e apesar de toda a vergonha que tinham causado ao Exército israelense nos campos de jogos de guerra do deserto de Neguev, ainda eram imensamente populares. A 10ª Divisão Blindada, juntamente com dois esquadrões de caças F-16, era o compromisso americano para com a segurança israelense, principalmente por ter treinado as forças judaicas de terra até um nível de prontidão que elas não conheciam desde que o Exército israelense perdera praticamente a alma nas colinas e cidades do Líbano. Eitan aprenderia, e aprenderia depressa. No final da rotação de treinamento, ele lhes daria muita dor de cabeça. Talvez, pensaram os três comandantes de esquadrão. Eles não estavam ali para dar moleza a ninguém.

— Não foi o senhor que me disse o quanto a democracia era deliciosa, presidente? — perguntou Golovko ao passar pela porta.

— Deve ter me visto na TV hoje de manhã — conseguiu responder Ryan.

— Ainda lembro dos tempos que jornalistas seriam fuzilados por fazer comentários daquele tipo. Atrás do russo, Andréa Price ouviu o comentário e se perguntou como esse sujeito tinha peito para censurar o presidente.

— Bem, não fazemos isso aqui — respondeu Jack, sentando. — Pode nos deixar a sós, Andréa? Sergey e eu somos velhos amigos.

Essa seria uma conversa privada. Não haveria nem mesmo uma secretária presente para tomar notas, embora microfones escondidos fossem registrar cada palavra para transcrição posterior. O russo sabia disso. O americano sabia que ele sabia disso, mas o simbolismo de não haver outra pessoa na sala era um cumprimento ao visitante, outro fato que o americano sabia que o russo sabia.

Jack se perguntou quantas verdades escondidas ele precisaria lembrar apenas durante uma conversa informal com um representante estrangeiro.

Quando a porta se fechou atrás da agente, Golovko começou a falar.

— Obrigado.

— Porra, somos velhos amigos ou não somos? Golovko sorriu.

— Que inimigo soberbo você foi.

— E agora...?

— Como a sua família está se adaptando?

— Mais ou menos tão bem quanto eu — admitiu Jack, e então mudou de assunto.

— Você teve três horas na embaixada para se atualizar.

Golovko assentiu; como sempre, Ryan fora bem instruído para esta reunião. A embaixada russa ficava apenas a alguns quarteirões dali, na rua 16, e ele viera caminhando até a Casa Branca, uma forma simples de evitar ser notado numa cidade onde as pessoas públicas trafegavam em carros oficiais.

— Não esperava que o Iraque caísse tão depressa.

— Nem eu. Mas não foi por causa disso que você veio, Sergey Nikolayevich.

China?

— Presumo que as fotos de seus satélites sejam tão reveladoras quanto as nossas. O Exército chinês se encontra num estado de prontidão incomum.

— Nosso pessoal não chegou a uma conclusão a esse respeito — disse Ryan.

— Eles podem estar se preparando para pressionar Taiwan um pouco mais.

— A Marinha chinesa ainda não está pronta para operações de combate.

Mas seu Exército e seus foguetes estão. Eles não vão cruzar o estreito de Formosa, presidente.

Isso explicou a razão para a vinda do representante russo com tanta clareza que Jack se virou para a janela e olhou o Monumento a Washington, cercado por um círculo de bandeiras. Que George dissera sobre evitar alianças complicadas com o exterior? Mas tudo era bem mais simples naquela época: dois meses para cruzar o Atlântico, e não seis ou sete horas...

— Se está perguntando o que acho que está... sim, ou melhor, não.

— Pode ser mais claro?

— A América não veria com bons olhos um ataque da China contra a Rússia. Um conflito dessa natureza geraria efeitos adversos sobre a estabilidade mundial, e também impediria seu progresso para um regime plenamente democrático. Os EUA querem ver a Rússia se tornar uma democracia próspera.

Já fomos inimigos por tempo demais. Devíamos ser amigos, e queremos ver nossos amigos seguros e em paz.

— Eles nos odeiam. Eles invejam o que temos — prosseguiu Golovko, insatisfeito com a declaração do presidente americano.

— Sergey, já se foi o tempo em que as nações roubavam o que não conseguiam ganhar. Isso pertence aos livros de História, e não será repetido.

— E se eles nos atacarem assim mesmo?

— Cruzaremos aquela ponte quando for preciso, Sergey — respondeu o presidente dos Estados Unidos da América. — Nosso propósito é impedir atos como esse. Se ficar claro que eles estão realmente pensando em fazer uma ofensiva, nós os aconselharemos a reconsiderar. Estamos de olho.

— Não sei se você os entende.

Ryan percebeu que o representante russo continuava a pressioná-lo. Eles estavam realmente preocupados.

— Acha que alguém entende? Acha que eles mesmos sabem o que querem?

Os dois espiões — era assim como ambos sempre veriam um ao outro — trocaram um olhar de humor profissional.

— O problema é esse — admitiu Golovko. — Tentei explicar ao meu presidente que é difícil prever o comportamento de pessoas indecisas. Eles têm capacidades, mas nós também, e o cálculo da questão parece diferente para ambos os lados... e é nesse momento que as personalidades fazem diferença.

Ivan Emmetovich, aqueles são homens velhos com ideias velhas. Nossa maior preocupação deve ser com suas personalidades.

— E História, cultura, economia, finanças... Ainda não tive a oportunidade de fitá-los nos olhos. Aquela parte do mundo não é o meu forte — lembrou Jack ao seu convidado. — Passei a maior parte da minha vida tentando entender o povo russo.

— Então, fica do nosso lado? Ryan balançou a cabeça.

— É cedo demais para especularmos sobre isso. Mas, faremos tudo que estiver ao nosso alcance para impedir um possível conflito entre a República Popular da China e a Rússia. Se acontecer um conflito, será nuclear. Sei disso.

Você sabe disso. Acho que eles também sabem.

— Eles não acreditam nisso.

— Sergey, ninguém é tão estúpido. — Ryan fez uma anotação mental de discutir isso com Scott Adler, que conhecia a região muito melhor que ele. Era hora de deixar esse assunto de lado por um momento e iniciar outro. — E quanto ao Iraque? O que seu pessoal está dizendo?

Golovko fez uma careta.

— Tínhamos uma rede lá até três meses atrás. Vinte pessoas, todos fuzilados ou enforcados... depois de serem interrogados, claro. Os homens que ainda temos não estão descobrindo muita coisa, mas parece que alguns generais muito importantes estão se preparando para fazer alguma coisa.

— Dois deles chegaram ao Sudão hoje de manhã — disse Ryan — Não era sempre que ele surpreendia Golovko.

— Tão rápido?

— É — assentiu Ryan, mostrando-lhe as fotografias tiradas no aeroporto de Cartum.

Golovko olhou as fotos sem reconhecer os rostos, embora não fosse preciso. As informações passadas nesse nível raramente eram falsificadas.

Mesmo com inimigos e ex-inimigos, uma nação precisava manter sua palavra em algumas coisas. Devolveu as fotos.

— Irã, então. Temos algumas pessoas lá, mas não ouvimos nada nos últimos dias. É um ambiente perigoso no qual operar, você sabe disso. Esperamos que Daryaei tenha alguma relação com o assassinato, mas não temos nenhum fato que comprove isso. — Fez uma pausa. — As implicações são graves.

— Está me dizendo que não pode fazer nada a respeito?

— Não, Ivan Emmetovich, não podemos. Não temos nenhuma influência lá, e vocês também não.

O Último Voo

O avião seguinte decolou cedo. O terceiro e último jato aparentemente comercial veio da Europa, trocou de tripulação e estava pronto três horas mais cedo que o esperado. Isso significava que o primeiro dos G-IV poderia voar para Bagdá, pegar mais dois generais e retornar. Badrayn tinha a impressão de que era um agente de viagens ou despachante, além de diplomata, o que já era um papel muito incomum para ele. Torceu apenas para não demorar muito.

Poderia ser perigoso ser um passageiro do último avião, porque o último... bem, não havia como saber qual seria o último, não é verdade? Os generais ainda não tinham pensado nisso. O último poderia ser abatido, deixando as pessoas em terra para dançar conforme a música, e Badrayn sabia que estaria entre eles... numa região onde a seletividade não era parte integral do sistema jurídico.

Bem, pensou, dando de ombros, a vida tinha seus riscos, e ele estava sendo bem pago. Pelo menos eles disseram que haveria mais um voo dali a menos de três horas e um quarto cinco horas depois desse. Mas a soma total seria dez ou 11, e isso poderia durar até três dias pelo cronograma atual, e três dias podia ser uma vida inteira.

Para além dos limites deste aeroporto, o exército iraquiano ainda estava nas ruas, mas haveria uma mudança agora. Esses recrutas, e até mesmo os soldados de elite, estavam lá fora havia vários dias, executando uma rotina despropositada e tediosa, e isso era uma coisa destrutiva para soldados.

Estavam andando em círculos, fumando cigarros, começando a fazer perguntas entre si: O que exatamente está acontecendo? Inicialmente não haveria respostas. Seus sargentos mandariam que se preocupassem com seus deveres, e fariam a mesma pergunta para seus oficiais de companhia, que fariam a mesma pergunta para as juntas de batalhão, e assim por diante, hierarquia acima... até um momento em que essa pergunta seria repetida e não haveria ninguém mais na instância superior para dizer ao curioso que se sentasse e calasse a boca.

Nesse ponto a pergunta ricochetearia de volta hierarquia abaixo. Era o tipo de coisa que um exército poderia sentir, como um espinho no pé dizia instantaneamente ao cérebro que alguma coisa estava errada. E se o espinho estivesse sujo, então uma infecção se espalharia e mataria o corpo inteiro. Os generais deviam saber dessas coisas... mas não sabiam. Uma coisa muito esquisita acontecia aos generais, especialmente nesta parte do mundo. Eles esqueciam. Simplesmente isso. Eles esqueciam que as propriedades, servos e carros não eram seus por direito divino, e sim uma conveniência temporária que poderia desaparecer rápido como uma neblina matutina. Eles ainda estavam com mais medo de Daryaei do que de seu próprio povo, o que era uma tolice.

Badrayn acharia graça disso, se sua vida agora não dependesse das vidas desses generais.

A poltrona no lado direito da cabine de passageiros ainda estava molhada.

Desta vez estava ocupada pela filha mais nova do general que, até alguns minutos antes, comandara a Quarta Divisão da Guarda (Motorizada), e que agora estava conferenciando com um colega da Força Aérea. A criança sentiu a umidade embaixo dela e, intrigada, lambeu-a, até sua mãe ver aquilo e mandá-la levantar e lavar as mãos. Em seguida, a mãe se queixou com o comissário iraniano que estava voltando para casa com esse grupo. Ele fez a criança mudar de lugar e prometeu a si mesmo não esquecer de

mandar quê a poltrona fosse limpa ou trocada quando chegassem em Mehrabad. O ambiente estava menos tenso agora. O primeiro par de oficiais telefonara de Cartum e reportara que tudo estava bem. Um pelotão do Exército sudanês protegia o casarão que eles estavam compartilhando, e tudo parecia seguro. Os generais já tinham determinado que fariam uma contribuição considerável ao Tesouro daquele país, para garantir sua segurança durante o período — com sorte, breve — que passariam ali antes de prosseguir viagem. O chefe de seu serviço nacional de informações, ainda em Bagdá, estava agora ao telefone, falando com vários contatos em diversos países para garantir moradia permanente para eles. Suíça?

Talvez. Um país frio em termos de clima e cultura, mas um país seguro, e para aqueles com dinheiro para investir, um país que preservava o anonimato.

— Quem possui três G-IVs lá?

— O registro da aeronave é suíço, tenente — reportou o major Sabah, tendo acabado de descobrir isso. Examinando as fotos tiradas em Cartum, obtivera o número da cauda, e isso foi checado facilmente num banco de dados informatizado. Folheou as páginas para determinar quem era o proprietário.

— Um jato empresarial. Eles têm três, além de alguns jatinhos menores para voar pela Europa. Teremos de pesquisar mais um pouco para descobrirmos mais sobre a empresa.

Mas alguém trabalharia nisso, e descobriria o óbvio. Provavelmente alguma empresa de importação exportação cujo principal objetivo era servir de fachada, embora possivelmente, em nome da credibilidade, conduzisse alguns negócios reais, ainda que insignificantes. A empresa teria uma conta de nível médio num banco comercial; contaria com uma firma jurídica para agir escrupulosamente dentro das leis locais e seus funcionários saberiam exatamente como se comportar — o governo suíço não se importava com quem depositava dinheiro em seus bancos, contanto que se mantivesse dentro de suas leis. Os generais que infringissem as regras descobririam que a Suíça podia ser um país tão pouco hospitaleiro quanto aquele do qual desertaram. Mas eles estavam cientes disso.

O mais lamentável, pensou Sabah, era que ele conhecia os dois primeiros rostos, e provavelmente também as pessoas que estavam agora em trânsito.

Seria agradável levá-los à justiça, principalmente a justiça kuwaitiana. A maioria estava em início de carreira quando o Iraque invadira seu país. Haviam participado das pilhagens. O major Sabah lembrou de quando vagueava pelas ruas em busca de informações, tentando parecer completamente inofensivo, enquanto outros kuwaitianos resistiam mais ativamente. Embora os poucos sobreviventes da força de resistência fossem agora famosos e bem recompensados, eles haviam operado a partir de informações que ele colheira. O major não se importava. Sua família era rica o bastante, e ele gostava de ser espião. Além disso, tinha certeza absoluta de que seu país jamais seria surpreendido daquela forma novamente. Ele daria o máximo de si para garantir isso.

Em todo caso, os generais que estavam partindo representavam um motivo de preocupação bem menor que aqueles que iriam substituí-los. Esses eram o maior problema.

— Temo que o Sr. Ryan tenha realizado um desempenho muito fraco, sob todos os aspectos — disse Ed Kealty no programa de entrevistas do meio-dia. — O Dr. Bretano é, antes de mais nada, um industrial que há muito tempo optou por se manter afastado do serviço público. Eu estava lá quando seu nome foi aventado antes, e estava lá quando ele recusou aceitar postos elevados no governo... para que pudesse continuar onde estava e fazer mais dinheiro, presumo. É um homem talentoso, evidentemente um bom engenheiro. — Kealty permitiu-se um sorriso tolerante. — Mas como secretário de Defesa... não sei não. — A opinião foi enfatizada com um meneio de cabeça.

— O que o senhor achou sobre a posição do presidente Ryan sobre o aborto?

— perguntou Barry na CNN.

— Barry, o problema é esse. Ele não é realmente o presidente — repetiu Kealty num tom de homem de negócios. — E precisamos corrigir isso. Sua falta de compreensão do público ficou clara naquela

declaração contraditória e impensada na Sala de Imprensa. A Roe contra Wade é a lei em vigor. Era isso o que ele tinha que dizer. Não é necessário que o presidente goste das leis, mas ele precisa defendê-las. Claro, o fato de qualquer homem público não compreender o que o povo americano pensa sobre esse assunto não demonstra apenas insensibilidade para com o direito de escolha das mulheres... demonstra incompetência. Tudo que Ryan precisava fazer era ouvir o que seus conselheiros têm a dizer a respeito, mas ele não seria capaz de fazer isso. Ele é pavio curto — concluiu Kealty. — Não precisamos de um pavio curto na Casa Branca.

— Mas a sua alegação...

Um aceno de mão interrompeu o entrevistador.

— Não é uma alegação, Barry. É um fato. Nunca renunciei ao cargo. Nunca deixei realmente a vice-presidência. Por causa disso, quando Roger Durling morreu, eu me tornei presidente. O que temos a fazer agora, e o que o Sr. Ryan fará, caso se importe realmente com o país, é formar uma comissão judicial para analisar a Constituição e decidir quem é de fato o presidente. Se Ryan não fizer isso... bem, ele estará se colocando na frente do bem-estar do país. Agora, devo acrescentar que acredito plenamente que Jack Ryan está agindo de boa-fé.

Ele é um homem honrado, e no passado se revelou um homem de coragem.

Infelizmente, neste momento, está confuso, conforme vimos na entrevista coletiva desta manhã.

— Olhe só para Kealty: um torrão de manteiga não derreteria em sua boca — observou van Damm, abaixando o som do televisor. — Vê como ele é bom nisso?

Ryan quase se levantou da cadeira.

— Merda, Arnie, foi isso que eu disse! Devo ter dito isso três ou quatro vezes: a lei está aí e não posso quebrar a lei. Foi isso que eu disse!

— Lembra do que falei sobre manter sua tempera sobre controle? — o chefe de gabinete esperou que a tez de Ryan retornasse à cor normal. Ele aumentou de novo o som do televisor.

— O mais perturbador porém foi o que Ryan falou sobre suas indicações para a Suprema Corte — Kealty estava dizendo agora. — Está claríssimo que ele pretende fazer o relógio andar para trás numa série de coisas. Ele pretende fazer testes de tornassol em casos como aborto, indicando apenas juízes conservadores. Isso faz a gente pensar se ele quer derrubar a lei do aborto e Deus sabe mais o quê. Infelizmente, nos encontramos numa situação na qual o presidente em exercício terá um poder imenso, particularmente na Suprema Corte. E Ryan simplesmente não sabe o que fazer, Barry. Ele não sabe, e o que descobrimos hoje sobre o que ele quer fazer... bem, a coisa é assustadora, não acha?

— Estou num planeta diferente, Arnie? — inquiriu Jack. — Eu não disse nada sobre testes de tornassol. Um jornalista disse isso. Eu não disse nada sobre juízes conservadores. Um jornalista disse.

— Jack, o que conta não é o que você diz. É o que as pessoas ouvem.

— Quanto dano você acha que o presidente pode causar, então? — perguntou Barry na TV Arnie balançou a cabeça em sinal de admiração. Kealty seduzira Barry ao vivo pela televisão. O entrevistador formulara a questão de modo a demonstrar que ainda chamava Ryan de presidente, mas em seguida colocara as palavras numa forma tal que abalaria a confiança das pessoas nele. Não era de admirar que Ed se desse tão bem com as mulheres. E o espectador médio jamais captaria a sutileza com a qual o jornalista fora manipulado. Que profissional.

— Numa situação como esta, com o governo decapitado? Poderia levar anos para consertar o que ele quebrar — disse Kealty com o tom de voz preocupado de um médico de família. — Não porque ele seja má pessoa. Certamente não é.

Mas porque ele simplesmente não sabe como exercer o cargo de presidente dos Estados Unidos. Ele simplesmente não sabe, Barry.

— Voltaremos logo depois dos comerciais de nossas retransmissoras — disse Barry à câmera. Arnie ouvira o bastante, e não precisava ver os comerciais.

Levantou o controle remoto e desligou a televisão.

— Presidente, antes eu não estava preocupado, mas agora estou. — Fez uma pausa. — Amanhã lera editoriais em alguns dos maiores jornais concordando que uma comissão judicial é necessária, e não terá opção a não ser seguir em frente.

— Espere um minuto. A lei não diz que...

— A lei não diz nada, lembra? E mesmo que dissesse, não há uma Suprema Corte para decidir. Estamos numa democracia, Jack. A vontade do povo decidirá quem é o presidente. A vontade do povo será guiada pelo que a mídia disser, e você jamais saberá lidar com a imprensa tão bem quanto o Ed.

— Olhe, Arnie, ele renunciou. Eu fui confirmado pelo Congresso como vice-presidente, Roger morreu, eu me tornei presidente, e essa é a lei, porra! E eu tenho de obedecer à lei. Fiz um juramento de que faria isso, e vou fazer.

Nunca desejei esta merda de trabalho, mas nunca fugi de nada na minha vida, e raios me partam se eu fugir agora! — Havia mais uma coisa. Ryan desprezava Edward Kealty. Não gostava de suas posições políticas, não gostava de sua pose de formando de Harvard, não gostava de sua vida particular, com toda certeza do mundo não gostava da forma como ele tratava as mulheres. — Sabe o que ele é, Arnie?

— Sim, eu sei. E um cafetão, um explorador de mulheres, um vigarista. Não acredita em nada. Nunca exerceu como advogado, mas ajudou a escrever milhares de leis. Ele não é médico, mas estabeleceu a política nacional de saúde. Ele foi político profissional a vida inteira, sempre na folha de pagamento do governo. Nunca gerou um produto ou um serviço no setor privado da economia, mas passou a vida decidindo o quanto deveriam custar os impostos, e como esse dinheiro devia ser gasto. Os únicos negros que conheceu quando criança foram as empregadas que arrumavam seu quarto, mas ele se tornou um paladino dos direitos das minorias. É um hipócrita. Um charlatão. E vai vencer se você não se cuidar, presidente — disse Arnie, jogando um balde de água fria na raiva de Ryan. — Porque ele sabe como jogar o jogo, e você não.

O paciente, dizia o prontuário, fizera uma viagem ao Extremo Oriente em outubro, e em Bangkok desfrutara da liberdade sexual pela qual aquele país era bem conhecido. Pierre Alexandre, então um comandante designado para um hospital militar no país tropical, também já desfrutara dessa liberdade. Sua consciência não pesara por causa disso. Ele tinha sido jovem e insensato, como costumavam ser as pessoas nos anos dourados da vida, mas aquilo fora antes da AIDS. Fora ele quem dissera ao paciente, homem, branco, 36 anos, que ele tinha anticorpos de HIV no sangue, que não podia fazer sexo sem preservativo com a esposa, a qual precisava fazer exame de sangue imediatamente. Ah, ela estava grávida? Então quanto mais cedo melhor. Amanhã, se possível.

Alexandre sentia-se um juiz. Não era a primeira vez que dava notícias como essa, e com toda certeza não seria a última, mas pelo menos quando um juiz pronunciava uma sentença de morte era por um crime sério, e sempre havia a possibilidade de apelo. Este pobre infeliz tinha culpa de ser apenas um homem muito distante de seu lar, provavelmente bêbado e solitário. Talvez ele tivesse discutido com a mulher por telefone. Talvez a esposa estivesse grávida na época, e ele não estivesse transando. Talvez tivesse sido apenas o lugar exótico, e Alex lembrava bem como aquelas garotas taitianas de rosto de menina eram sedutoras, mas, que diabo, quem iria adivinhar? Agora ele estava condenado e não podia apelar ao juiz. Mas isso podia mudar, pensou o Dr. Alexandre. Ele tinha acabado de dizer ao seu paciente. Não se deve abandonar as esperanças.

Era isso que os oncologistas diziam aos seus pacientes havia duas gerações. A esperança era real, verdadeira, não era? Havia gente capaz trabalhando nessa doença — Alexandre era um deles — e a cura poderia aparecer amanhã. Ou talvez levasse cem anos. O paciente, segundo o prontuário, tinha dez pela frente.

— Não parece muito feliz.

Ele olhou para cima.

— Dra. Ryan.

— Dr. Alexandre, e acho que você conhece Roy. — Ela apontou para sua mesa com a bandeja. O refeitório estava repleto. — Dá licença?

— Por favor — disse ele, levantando-se.

— Dia ruim?

— Caso de Cepa E — era tudo que teve a dizer.

— HIV, Tailândia? Aqui e agora? Você lê a M&M — disse, conseguindo sorrir.

— Preciso me manter no nível de meus residentes. Cepa E? Tem certeza? — perguntou Cathy.

— Refiz o exame pessoalmente. Ele pegou na Tailândia, numa viagem de negócios. Esposa grávida. O último comentário entristeceu o rosto da professora Ryan.

— Nada bom.

— AIDS? — perguntou Roy Altman. O resto da segurança presidencial da CIRURGIÃ espalhava-se pelo refeitório. Tinham pedido que ela passasse a almoçar no escritório, mas a Dr. Ryan explicara que essa era uma das formas que os médicos do Hopkins tinham para trocar ideias e para ela fazia parte de uma rotina regular. Hoje o assunto era doenças infecciosas. Amanhã poderia ser pediatria.

— Cepa E — explicou Alexandre, balançando a cabeça. — O mais comum na America é a B. Mesma coisa na África.

— Qual é a diferença? Cathy respondeu: — A Cepa B é muito difícil de contrair. Requer contato direto com derivados do sangue. O contágio ocorre entre usuários de drogas que compartilham agulhas ou através de contato sexual, mas principalmente entre homossexuais com lesões de tecidos causadas pelo atrito ou doenças venéreas.

— Você esqueceu do fator azar, mas ele talvez corresponda a apenas um por cento — acrescentou Alexandre. — No caso da Cepa E, que surgiu na Tailândia, bem, parece que ela é transmitida entre heterossexuais com mais facilidade que a B. É evidentemente uma versão mais robusta de nossa velha amiga.

— O CDC já quantificou isso? — perguntou Cathy.

— Não, eles precisam de mais alguns meses, pelo menos foi o que eu soube há algumas semanas.

— O quanto ela é ruim? — perguntou Altman. Trabalhar com CIRURGIÃ estava se tornando uma experiência educativa.

— Ralph Forster foi até lá cinco anos atrás para analisar a situação. Já lhe contaram isso, Alex?

— Só conheço a história por alto.

— Ralph voou até lá à custa do governo. Assim que saltou do avião, o representante tailandês o recebeu na alfândega e, enquanto o levava até o carro, perguntou: Quer algumas garotas para esta noite? Foi quando ele percebeu que o problema era mesmo sério.

— Acredito — disse Alex, lembrando da época em que ele teria sorrido e assentido positivamente. Pelo menos conseguiu não estremecer. — Os números são assustadores, Sr. Altman. Neste momento, cerca de um terço dos rapazes alistados no Exército tailandês são HIV positivos. Principalmente Cepa E. As implicações desse número eram indiscutíveis.

— Um terço? Um terço deles?

— Eram mais de 25 por cento quando Ralph esteve lá. É um número e tanto, certo?

— Mas isso significa...

— Que em cinquenta anos pode não haver mais Tailândia — proclamou Cathy num tom de voz natural que mascarava seu horror. — Quando eu estava na faculdade, achava que a oncologia era o território dos gênios, como Altman e Marty, Bert, Curt e Louise, que são aqueles ali no canto. Como não achei que seria capaz de estudar tanto e ainda suportar o estresse, hoje corto glóbulos oculares e os conserto. Hoje

tenho certeza que vamos derrotar o câncer. Mas quanto a esses malditos vírus... não sei.

— A solução, Cathy, é compreender a interação precisa entre os genes no vírus e a célula hospedeira, e isso não deve ser tão difícil. Os vírus são limitados. Eles podem fazer apenas pequenas coisas, não é como a interação do genoma inteiro durante a concepção. Depois que descobrirmos como eles interagem com as células humanas, poderemos derrotar todos esses sacaninhas.

— Alexandre, como a maioria dos médicos no campo da pesquisa, era um otimista.

— Então o caminho é pesquisar as células humanas? — perguntou Altman, interessado em aprender sobre isso. Alexandre balançou a cabeça.

— O caminho é pesquisar algo ainda menor. Estamos estudando o genoma humano. É como desmontar uma máquina estranha, a cada passo tentando descobrir o que as partes individuais fazem, onde elas se encaixam. É isso que estamos fazendo agora.

— Sabe onde essa história vai dar? — sugeriu Cathy com uma pergunta, e então a respondeu: — Matemática.

— E o que o Gus diz lá em Atlanta.

— Matemática? Esperem um pouco! — objetou Altman.

— No nível mais básico, o código genético humano é composto de quatro aminoácidos, rotulados A, C, G e T. Tudo é determinado segundo a forma como essas letras, os ácidos, quero dizer, se combinam — explicou Alex. — Sequências diferentes de genes significam coisas diferentes e interagem de formas diferentes, e provavelmente Gus está certo: as interações são matematicamente definidas. O código genético humano é um código de fato. E pode ser quebrado, e pode ser entendido. — Provavelmente alguém designará um valor matemático a eles... polinômios complexos... pensou. Isso era importante?

— O único problema é que ainda não apareceu ninguém inteligente o bastante para fazer isso — observou Cathy Ryan. — Essa é a bola que precisa ser enfiada na caçapa, Roy. Um dia alguém vai conseguir dar a tacada certa, e descobrirá a chave para todas as doenças humanas. Todas. Cada uma delas. O pote de ouro no fim do arco-íris que é a busca da medicina pela imortalidade humana.

— Vai tirar o emprego de nós todos, especialmente o seu, Cathy. Uma das primeiras coisas que eles cortarão do genoma humano é a miopia, e depois o diabetes e...

— Você ficará desempregado antes de mim, professor — disse Cathy com um sorriso. — Sou cirurgiã, lembra? Ainda haverá traumas para consertar.

Porém, cedo ou tarde, você vencerá a sua batalha.

Mas isso aconteceria a tempo para salvar esse paciente da Cepa E?, perguntou-se Alex. Provavelmente não. Provavelmente não.

Ela os estava xingando agora, principalmente em francês, mas também em flamengo. Os médicos do Exército não entendiam nenhuma das duas línguas.

Moudi falava flamengo bem o bastante para saber que aquelas imprecações vis não podiam ser o produto de uma mente lúcida. O cérebro estava sendo afetado, incapacitando Jean Baptiste de conversar com seu Deus. Seu coração finalmente estava sendo atacado, e isso concedeu ao doutor a esperança de que a Morte abençoaria a freira com uma misericórdia tardia. Talvez o delírio também fosse uma bênção. Talvez sua alma estivesse se separando do corpo.

Talvez, por não saber quem era, a dor não a tocasse mais, não nos lugares que realmente doíam. O médico precisava nutrir essa ilusão, mas se o que ele estava vendo era misericórdia, era uma forma muito distorcida desse sentimento.

O rosto da paciente agora era uma massa de feridas, quase conferindo-lhe a aparência de ter sido espancada brutalmente. Moudi não conseguia concluir se os olhos da freira ainda funcionavam. Ambos sangravam externa e internamente, e se ela ainda podia enxergar, isso não seria por muito tempo. Os

médicos quase a tinham perdido cerca de meia hora antes, o que ocasionara sua corrida até a sala de tratamento para encontrá-la tossindo com vômito aspirado e os dois médicos tentando a um só tempo limpar-lhe as vias nasais e manter suas luvas intactas. As cordas que a mantinham no lugar, revestidas com plástico liso, tinham esfolado sua pele, causando mais sangramento e dor. Com os tecidos do sistema vascular se rompendo, o tubo intravenoso vazava sobre seus braços e pernas, espalhando pela cama fluidos tão mortais quanto o veneno mais tóxico do mundo. Agora, ainda que enluvados e mascarados, os médicos estavam realmente com medo de tocar a paciente. Moudi viu que tinham trazido um balde de plástico e o enchido com solução de iodo. Enquanto observava, um deles mergulhou as mãos enluvadas no líquido, balançando-as em seguida sem enxugá-las, de modo a poder tocar a paciente contando com a proteção de uma barreira química contra os patógenos que podiam saltar de seu corpo.

Precauções como essas não eram necessárias — as luvas eram grossas — mas ele não podia culpar os homens por ter medo. Com a virada da hora, os médicos do turno seguinte chegaram, enquanto os anteriores saíram. Um deles, ao caminhar até a porta, voltou-se para a paciente, orando com lábios silenciosos para Alá levar aquela mulher nas próximas oito horas, antes que eles retornassem. Do lado de fora, um médico do Exército iraniano, similarmente vestido em plástico, levava os homens até a área de desinfecção, onde suas roupas seriam borrifadas antes que as tirassem; em seguida, o mesmo seria feito com seus corpos, enquanto as vestes seriam reduzidas a cinzas no incinerador do andar de baixo. Moudi não tinha dúvidas de que os procedimentos seriam seguidos ao pé da letra — não, eles seriam excedidos em cada detalhe, e mesmo então os médicos sentiriam medo por dias a fio.

Se possuísse uma arma letal naquele momento e lugar, Moudi a teria usado nela, mandando as consequências para o inferno. Uma grande injeção de ar teria funcionado algumas horas antes, provocando uma embolia fatal, mas seu sistema cardiovascular estava tão degradado que ele não poderia nem mesmo ter certeza disso. O que tornava a provação tão terrível era a força da freira.

Ainda que pequena e frágil, trabalhara longas horas durante anos e anos, e isso valera-lhe uma saúde surpreendente. O corpo que sustentava aquela alma corajosa havia tanto tempo não desistiria fácil da batalha, por mais fútil que fosse.

— Vamos, Moudi, você sabe que não adianta ficar assim — disse o diretor atrás dele.

— Do que está falando? — perguntou sem se virar.

— Se ela estivesse de volta no hospital da África, o que seria diferente? Eles não a tratariam da mesma forma, tomando as mesmas medidas para mantê-la viva? O sangue, o soro, tudo seria exatamente a mesma coisa. Sua religião não permite a eutanásia. Além disso, está sendo mais bem tratada aqui — comentou correta, ainda que friamente. Então verificou o prontuário. — Cinco litros.

Excelente.

— Podemos começar...?

— Não. — O diretor balançou a cabeça. — Se o coração parar, iremos drenar todo seu sangue. Removeremos seus rins, e então nosso trabalho começará de fato.

— Alguém deve ao menos rezar por sua alma.

— Você o fará, Moudi. É um bom médico. Importa-se até mesmo com uma infiel. Pode se orgulhar disso. Se houvesse como salvá-la, você o teria feito. Sei disso. Ela sabe disso.

— O que estamos fazendo, infligir esta doença em..

— Em infiéis — lembrou-o o diretor. — Naqueles que odeiam nosso país e nossa fé, que cospem nas palavras do Profeta. Posso até concordar que esta é uma mulher de virtude. Tenho certeza que Alá será misericordioso com ela.

Você não escolheu o destino dessa mulher. Eu também não. — Ele precisava animar Moudi a prosseguir. O jovem era um médico brilhante. Talvez bom demais. O diretor agradeceu a Alá por ter passado a última década em laboratórios, se não, poderia ter sucumbido à mesma fraqueza.

Badrayn insistiu. Desta vez, três generais. Cada assento foi ocupado, um deles com duas crianças pequenas presas juntas pelo mesmo cinto de segurança.

Eles estavam entendendo agora. Era preciso que entendessem. Badrayn explicara-lhes, apontando para a torre, cujos controladores tinham visto cada voo chegar e sair e que, com toda certeza, estavam compreendendo tudo que acontecia. Prender os controladores não adiantaria, porque suas famílias sentiriam falta deles, e se suas famílias também fossem detidas, os vizinhos notariam, não é mesmo?

Bem, sim, concordaram todos.

Mandem um maldito avião de passageiros da próxima vez, quis dizer a Teerã, mas alguém teria objetado. Porque não importava o que você argumentasse, não importava o quanto seu pedido fosse razoável, alguém, do lado iraniano ou iraquiano, acabaria sendo contra. Ele não podia fazer nada agora senão esperar. Esperar e se preocupar. Ele bem que gostaria de beber um pouco, mas decidiu que seria melhor não fazê-lo. Ele tomara álcool mais de uma vez. Passara muitos anos no Líbano, um país onde todas as regras islâmicas podiam ser violadas, e ali desfrutara de vícios ocidentais, exatamente como todos faziam. Mas não agora. Ele poderia estar perto da morte e, pecador ou não, era muçulmano, e enfrentaria a morte da forma certa. Assim, na maior parte das vezes em que tinham lhe perguntado se queria beber alguma coisa, tomara café, olhando pela janela de sua poltrona ao lado do telefone, dizendo a si mesmo que era a cafeína que estava fazendo suas mãos tremerem, a cafeína e nada mais.

— Você é Jackson? — perguntou Tony Bretano. Ele passara a manhã inteira com os chefes interinos. Agora era hora de conhecer as abelhas-operárias.

— Sim, senhor, J-3. Acho que estou em seu escritório de operações — replicou Robby, sentando-se em vez de carregar papéis de um lado para o outro, apressado como o Coelho Branco de Alice.

— Está muito ruim?

— Bem, estamos frágeis. Ainda temos dois grupos de batalha de olho na Índia e no Sri Lanka. Estamos enviando alguns batalhões de infantaria leve para as Marianas para reaverem o controle e supervisionar a retirada dos japoneses.

Esse é um ato principalmente político. Não esperamos mais problemas. Nossas aeronaves foram chamadas de volta para CONUS para manutenção. Esse aspecto da operação correu bem contra o Japão.

— Vão querer que eu acelere a produção de F-22 e reiniciar a produção de B-2, então? Foi isso que a Força Aérea disse.

— Acabamos de provar que os aviões Stealth multiplicam imensamente nossas forças, secretário. Precisamos de todos que pudermos conseguir.

— Concordo. E quanto ao resto da estrutura de força? — inquiriu Bretano.

— Estamos enfraquecidos por causa do número de compromissos. Se tivermos, por exemplo, de ir novamente para o Kuwait, como fizemos em 1991, não poderemos. Literalmente não temos mais tanta força para projetar. O senhor sabe qual é o meu trabalho. Tenho de descobrir como fazer as coisas que precisamos fazer. Certo, as operações contra o Japão nos levaram ao nosso limite, mas...

— Mickey Moore disse muita coisa boa sobre o plano que você engendrou e executou — comentou o secretário de Defesa.

— O general Moore é muito gentil. Sim, senhor, funcionou, mas vencemos por um triz todas as vezes, e esse não é o desempenho esperado das forças americanas, secretário. Temos que matar o inimigo de medo quando o primeiro recruta saltar do avião. Eu posso improvisar se quiser, mas o meu trabalho não deve ser esse. Cedo ou tarde posso dar uma mancada, ou outra pessoa pode fazer alguma besteira, e homens nossos podem morrer por conta disso.

— Também concordo. — Bretano deu uma mordida em seu sanduíche. — O presidente me deu carta branca para limpar este departamento e fazer as coisas do meu jeito. Tenho duas semanas para suprir as

carências de nossas forças.

— Duas semanas, senhor? — Se Jackson fosse capaz de empalidecer, isso teria acontecido.

— Jackson, há quanto tempo você usa uniforme? — perguntou o secretário de Defesa.

— Contando o tempo na Escola Vocacional? Uns trinta, digamos.

— Se não fizer isso até amanhã, é o sujeito errado. Mas vou lhe dar dez dias — disse Bretano generosamente.

— Secretário, sou da Operações, não do Efetivo, e...

— Exato. Na minha forma de ver as coisas, o Efetivo supre as necessidades definidas por Operações.

Num lugar como este, as decisões devem ser tomadas por atiradores, não por contadores. Era isso que estava errado na TRW quando cheguei. Os contadores estavam dizendo aos engenheiros o que eles podiam ter para fazer seu trabalho. Não. — Bretano balançou a cabeça. — Isso não funciona.

Se você constrói coisas, os seus engenheiros decidem como a companhia deve funcionar. Num lugar como este, os atiradores decidem o que precisam, e os contadores descobrem como ajustar o orçamento de acordo com essas necessidades. Sempre haverá um conflito, mas é o profissional que cuida do produto final quem deve tomar as decisões.

Ora, vejam só. Jackson conseguiu não sorrir.

— Parâmetros?

— Imagine a maior ameaça, a crise mais séria que for provável, não possível, e planeje para mim uma estrutura de força que possa cuidar desse problema.

Mesmo isso não seria suficiente, e os dois sabiam disso. Nos velhos tempos se partiria do pressuposto de que a América tinha poder de fogo para mobilizar tropas para duas guerras e meia, mas essa regra sempre fora uma fantasia, desde a presidência de Eisenhower. Hoje, como Jackson acabara de admitir, os EUA careciam dos meios para conduzir uma única operação militar de grande porte.

A esquadra estava reduzida à metade do que fora havia dez anos. O Exército estava enfraquecido. A Força Aérea, como sempre, protegia-se por trás da última palavra em tecnologia, mas ainda assim perdera cerca de metade de sua força total. A Marinha ainda estava firme e forte, mas os fuzileiros eram uma força expedicionária, apta apenas a resistir enquanto não chegassem reforços, e perigosamente carente de armas. No todo, as forças armadas não estavam exatamente frágeis, mas a dieta forçada não fizera bem a ninguém.

— Dez dias?

— Você tem o que preciso numa gaveta na sua frente, não é verdade? — Bretano sabia que os oficiais de planejamento sempre tinham.

— Preciso de alguns dias para dar um polimento mas... sim, nós temos.

— Jackson?

— Sim, secretário?

— Mantive-me a par das operações no Pacífico. Um dos meus homens na TRW, Skip Tyler, costumava entender muito desse tipo de coisa, e analisávamos mapas todos os dias. A operação que vocês realizaram foi impressionante. Não foi apenas física. Foi psicológica também, como tudo na vida. Vocês venceram porque são os melhores. Armas e aviões contam, mas miolos contam mais. Sou um bom administrador, e um puta engenheiro. Não sou um soldado. Darei ouvidos ao que vocês me disserem, porque seus colegas sabem como lutar. Estarei ao lado de vocês sempre que precisarem. Em troca, quero que me peçam aquilo de que realmente necessitam, não o que gostariam de ter. Não temos como pagar sonhos. Podemos cortar a burocracia. Isso é trabalho do Efetivo, civil e uniformizado. Aprenderei como este lugar funciona.

Na TRW me liberei de um bando de corpos inúteis. Ela era uma empresa de engenharia, e agora é dirigida por engenheiros, lista é uma empresa que realiza operações, e passará a ser dirigida por operadores, pessoas que já dispararam tiros. Agilidade. Força. Esperteza. É o que queremos. Entendeu?

— Acho que sim, senhor.
— Dez dias. Menos, se você puder. Ligue-me quando estiver pronto.

— Clark — disse John, atendendo à sua linha direta.
— Holtzman — disse a voz. O nome fez John arregalar os olhos.
— Suponho que devia perguntar como conseguiu este número, mas você nunca revelaria sua força.
— Acertou em cheio — concordou o repórter. — Lembra daquele jantar no Esteban's?
— Vagamente — mentiu Clark. — Faz um bom tempo. — Não tinha sido realmente um jantar, mas o gravador conectado ao telefone não sabia disso.
— Eu te devo uma. Que tal esta noite?
— Pegó você.

Clark desligou e baixou os olhos para o tampo de sua mesa. Que diabo estava acontecendo?

— Ora vamos, não foi isso que Jack disse — comentou van Damm para o New York Times.
— Foi isso que ele quis dizer, Arnie — replicou o jornalista. — Você sabe isso. Eu sei disso.
— Gostaria que vocês pegassem leve com o sujeito. Ele não é um político — pediu o chefe de gabinete.

— A culpa não é minha, Arnie. Ele está no ramo e precisa seguir as regras.

Arnold van Damm assentiu em concordância, ocultando a raiva que afluía no instante do comentário casual do repórter. Por dentro, sabia que o jornalista estava certo. Era assim que se jogava. Mas ele também sabia que o repórter estava errado. Talvez ele tivesse se tornado muito íntimo do presidente Ryan, o suficiente para ser realmente absorvido por algumas de suas ideias excêntricas.

Composta exclusivamente por funciona rios do setor privado, a mídia crescera em poder a ponto de decidir a que as pessoas diziam. Isso era ruim. Mas o pior era que eles gostavam demais do seu trabalho. Podiam levantar ou derrubar qualquer um nesta cidade. Eles faziam as regras. Aquele que as quebrasse também poderia ser quebrado.

Ryan era um amador. Não havia como negar. Em sua defesa podia-se dizer que ele jamais quisera seu trabalho atual. Chegara aqui por acidente, tendo buscado por nada mais do que uma oportunidade final em servir, e depois sair de uma vez por todas, para retornar à vida privada. Ele não fora eleito para seu posto. Mas a mídia também não, e pelo menos os poderes de Ryan eram definidos pela Constituição. A mídia estava cruzando a linha. Eles estavam tomando partido numa questão constitucional, estavam ficando do lado errado.

— Quem faz as regras? — perguntou Arnie.

— Elas simplesmente existem — foi a resposta do Times.

— Bem, o presidente não vai atacar a Roe. Ele nunca disse que iria. E não vai pegar juízes nos bancos dos parques. Ele não vai escolher ativistas liberais, e também não vai escolher ativistas conservadores. E acho que vocês sabem disso.

— Mas o que aconteceu? Ryan disse o que não pensa? — o sorriso do repórter dizia tudo. Ele reportaria essa conversa como uma tentativa, por parte de um alto funcionário do governo, em remediar a situação, esclarecendo, ou seja, corrigindo, o que o presidente dissera.

— Claro que não. Vocês que entenderam errado.

— O que ele disse me pareceu perfeitamente claro, Arnie.

— Isso porque você está acostumado a ouvir políticos profissionais. O presidente que temos agora diz o que pensa de forma direta. Na verdade, eu gosto disso, gosto mesmo — prosseguiu van Damm, mentindo; o jeito de Ryan o estava levando à loucura. — E isso vai facilitar muito a vida de vocês. Não terão mais de ler folhas de chá. Tudo que precisarão fazer é anotar o que ele disser ao pé da letra. Ou

talvez simplesmente julgá-lo segundo um conjunto de regras justo. Concordamos que ele não é um político, mas vocês o estão tratando como se fosse. Por que não ouvem o que ele está realmente dizendo? — Ou simplesmente deem uma olhada na gravação em vídeo, ele não acrescentou.

Falar à imprensa era como acariciar um gato. Nunca se sabe quando ele vai resolver arranhar sua mão.

— Ora, vamos, Arnie. Você é o sujeito mais leal que existe nesta cidade.

Teria sido um ótimo médico de família. Todo mundo sabe disso. Mas Ryan está completamente perdido. O discurso na Catedral Nacional, aquele discurso idiota no Salão Oval. Ele é tão presidencial quanto um diretor do Rotary Club no interior do Iowa.

— Mas quem decide o que é presidencial e o que não é?

— Em Nova York, eu decido. — O repórter sorriu novamente. — Quanto a Chicago, você terá de perguntar a outra pessoa.

— Ele é o presidente dos Estados Unidos.

— Não é isso que Ed Kealty diz. E ele, pelo menos, age como um presidente.

— Ed está fora. Ele renunciou. Roger recebeu o telefonema do secretário Hanson me contou isso.

Droga, você mesmo noticiou.

— Mas que motivo ele teria para...

— Que motivo ele teria para seguir cada rabo de saia que lhe cruza o caminho? — perguntou o chefe de gabinete. Grande, pensou, agora estou perdendo o controle da imprensa!

— Ed sempre foi um paquera. Ele ficou ainda melhor depois que largou a birita. Isso nunca afetou seus deveres — deixou claro o correspondente da Casa Branca. Como seu jornal, ele era um grande defensor dos direitos das mulheres.

— Essa desculpa não vai colar.

— Que posição o Times vai tomar?

— Eu lhe mandarei uma cópia do editorial — prometeu o repórter.

Ele não podia aguentar mais. Pegou o telefone e discou os seis números enquanto fitava a escuridão. O sol se punha, as nuvens cobriam o céu. Seria uma noite fria e chuvosa, conduzindo a um amanhecer que poderia ou não acontecer diante de seus olhos.

— Sim? — disse uma voz no meio do primeiro toque.

— E Badrayn. Seria conveniente se o próximo avião fosse maior.

— Temos um 737 de prontidão, mas preciso de autorização para mandá-lo.

— Vou tentar providenciar uma.

A televisão fizera-o agir. O noticiário tinha sido ainda mais dissimulado que o usual, em uma só matéria política. Nenhuma, numa nação onde os comentários políticos frequentemente ocupavam o espaço da previsão do tempo. Ainda mais agourenta fora uma matéria sobre uma mesquita, uma velha mesquita xiita, que estava ruindo por ter sido abandonada. A matéria lamentava esse fato, citando a história antiga e honrada do prédio ignorando o fato de que fora abandonada porque já fora o local de reunião de um grupo acusado, talvez justamente, em tramar a morte de seu grande, amado e em breve esquecido líder político. O pior de tudo: as imagens mostraram cinco mulas parados diante da mesquita, sem sequer olhar diretamente para a câmera, meramente gesticulando para os tijolos azuis desbotados nas paredes e provavelmente discutindo o que precisava ser feito. Os cinco eram os mesmos que tinham vindo para cá como reféns. Mas nem um único soldado podia ser visto na tela, e os rostos de pelo menos dois dos mulas eram bem conhecidos do público iraquiano. Alguém fora até a estação, mais precisamente até as pessoas que trabalhavam lá. Se os técnicos e repórteres quisessem ficar com seus empregos e cabeças, era hora de encarar uma nova realidade. Seriam os breves momentos na tela suficientes para o povo ver e reconhecer os rostos dos visitantes... e entender a mensagem?

Descobrir a resposta a essa pergunta poderia ser perigoso.

Mas ele não estava preocupado com o povo, e sim com coronéis e majores.

E com os generais que tinham ficado de fora da lista. Muito em breve eles saberiam de tudo. Deviam estar ao telefone, verificando o que estava acontecendo. Alguns ouviriam mentiras. Alguns não ouviriam nada. Estavam começando a fazer contatos. Durante as próximas 12 horas eles conversariam entre si e teriam de tomar decisões. Esses homens eram identificados com o regime moribundo. Não podiam fugir, não tinham para onde ir e nenhum dinheiro para levar consigo. Eles precisavam permanecer no país. Sua identificação com o regime passado seria sua sentença de morte — para muitos, com toda certeza.

Para outros, havia uma chance. Para sobreviver, teriam de fazer o que os criminosos do mundo inteiro faziam. Teriam de salvar suas próprias vidas oferecendo um peixe maior. Era sempre assim. Coronéis podiam derrubar generais. Finalmente, os generais entenderam.

— Há um 737 de prontidão. Espaço suficiente para todos. Poderá estar aqui em noventa minutos — disse a eles.

— E eles não nos matarão no aeroporto? — inquiriu o chefe de gabinete substituto do exército iraquiano.

— Prefere morrer aqui? — replicou Badrayn.

— E se for uma cilada?

— Esse risco existe. Nesse caso, as cinco personalidades da TV morrerão.

Claro que não morreriam. Esse seria um ato de tropas leais aos generais mortos. Esse tipo de lealdade não existia aqui. Todos sabiam disso. O mero ato de fazer reféns tinha sido um gesto instintivo e já invalidado por alguém, talvez pela mídia, mas provavelmente pelo coronel que comandava os soldados guardando os sacerdotes iranianos. Ele provavelmente era um especialista em informação. Refletindo, Badrayn recordou de um leal oficial sunita, filho de um membro do Partido Baath. Isso podia significar que o Partido Baath já estava sendo subornado. As coisas agora transcorreriam depressa. Os mulas tinham ocultado a natureza de sua missão, não tinham? Mas nada disso importava.

Matar os reféns não seria lucro para ninguém. Os generais estavam condenados se permanecessem aqui, e o martírio não era exatamente ofensivo aos sacerdotes iranianos. Era uma parte integral da tradição xiita.

Não, a decisão já fora tomada, irreversivelmente. Esses comandantes não haviam se apercebido disso. Eles não tinham considerado a situação tão profundamente.

Bem, se eles tivessem sido oficiais realmente competentes, teriam sido mortos há séculos por seu líder amador.

— Sim — respondeu o mais velho. — Obrigado. — Badrayn pegou o telefone e premiu os mesmos botões.

— As dimensões da crise constitucional na qual os EUA se encontram tornaram-se evidentes ontem. Embora a questão possa ter sido técnica, a substância não foi.

John Patrick Ryan é um homem habilidoso, mas se possui ou não o talento necessário para exercer seus deveres presidenciais é uma questão ainda a ser respondida. Os primeiros indícios são menos que promissores. O serviço governamental não é um trabalho para amadores. Nosso país já recorreu frequentemente a esse tipo de pessoa, mas no passado eles sempre tiveram a oportunidade de amadurecer lentamente, em meio a uma situação ordenada.

A situação atual dos Estados Unidos é tudo, menos ordenada. Até este momento, o Sr. Ryan realizou um trabalho adequado e cuidadoso no restabelecimento do governo. Sua indicação para diretor interino do FBI, por exemplo, foi Daniel Murray, uma escolha aceitável. Da mesma forma, George Winston é provavelmente uma escolha justa para secretário interino do Departamento do Tesouro, embora não seja

politicamente versado. Scott Adler; um profissional altamente talentoso que dedicou uma vida inteira de trabalho ao governo, pode ser o melhor membro do gabinete atual... Ryan saltou os dois parágrafos seguintes.

O vice-presidente Edward Kealty, apesar de suas falhas pessoais, conhece governo, e sua experiência com a maioria das questões nacionais oferece um curso estável de ação até as eleições selecionarem uma nova administração.

Mas serão verdadeiras suas alegações?

— E você se importa com isso? — perguntou Ryan ao editorial que seria publicado no dia seguinte no Times.

— Eles conhecem Kealty. Eles não conhecem você — respondeu Arnie.

Então o telefone tocou. — Sim?

— É o Sr. Foley, presidente. Ele diz que é importante.

— Certo... Ed? Estou colocando você no viva-voz. — Jack apertou o botão apropriado e colocou o telefone no gancho. — Arnie está ouvindo.

— É definitivo. O Irã fizera uma ofensiva, grande e rápida. Se o senhor tem tempo, estou com algumas imagens de TV — Ponha para tocar.

Jack sabia como fazer isso. Neste escritório e em outros, havia televisores conectados por cabos de fibra ótica até o Pentágono e outros órgãos. Tirou o controle remoto de uma gaveta e o ligou. O espetáculo durou apenas cinquenta segundos, foi reprisado em velocidade normal e depois mais uma vez, quadro a quadro.

— Quem são eles? — indagou Jack.

Foley leu os nomes. Ryan ouvira dois deles antes.

— Consultores de nível médio e alto de Daryaei. Estão em Bagdá, e alguém decidiu espalhar isso. Certo, sabemos que os principais generais estão fugindo.

Agora temos cinco mulas discutindo a reconstrução de uma mesquita importante na emissora governamental. Amanhã estarão falando mais alto — prometeu o diretor da CIA nomeado.

— Alguma notícia das pessoas em terra?

— Negativo — admitiu Ed. — Cheguei a conversar com o chefe de estação Riad sobre a possibilidade de ele ir até lá conversar, mas quando ele chegar lá não haverá com quem conversar.

— É um pouco grande — disse um tenente a bordo do AWACS. Ele leu o código alfanumérico e falou pelo intercomunicador: — Coronel, estou com o que parece ser um 737 vindo de Mehrabad para Bagdá, curso dois-dois-zero-zero, velocidade quatro-zero nós, vinte mil pés. PALM BOWL reporta um tráfego de vozes codificado para Bagdá vindo dessa rota.

A popa, o comandante da aeronave checkou a tela. O tenente estava certo. O coronel ligou o rádio para reportar à KKMC.

O resto deles chegou junto. Eles deviam ter esperado mais tempo, pensou Badrayn. Melhor aparecer com a aeronave já pousada, o mais rápido para... mas, não.

Era divertido ver esses homens poderosos daquela forma. Há apenas uma semana desfilavam garbosamente por toda parte, seguros de seu local e poder, suas camisas cáqui decoradas com diversos laços denotando serviços heroicos.

Aquilo era injusto. Alguns tinham realmente liderado homens em batalha, uma ou duas vezes. Talvez um ou dois tivessem realmente matado inimigos.

Inimigos iranianos. As mesmas pessoas a quem confiavam agora sua segurança, porque temiam mais seus compatriotas. Assim, agora eles caminhavam juntos, incapazes de confiar nos próprios guarda-costas. Especialmente neles. Os guarda-costas estavam armados e próximos e, afinal de contas, os

generais não estariam nessa enrascada se os guarda-costas fossem dignos de confiança.

Apesar do perigo à sua própria vida, Badrayn não podia evitar achar a situação divertida. Ele dedicara a maior parte da vida adulta a um momento como aquele. Havia muito ele sonhava ver altos oficiais israelenses parados num aeroporto daquele jeito... deixando seu próprio povo à mercê de um destino incerto, derrotados por seu... essa ironia não era divertida, era? Mais de trinta anos, e tudo que ele conseguira fora a destruição de um país árabe. Israel estava protegido. A América ainda garantia sua segurança, e tudo que ele estava fazendo era dispor as cadeiras do poder em torno do golfo Pérsico.

Estava fugindo exatamente como os generais, admitiu Badrayn. Tendo fracassado na missão de sua vida, ele terminaria este trabalho mercenário, e depois o quê? Pelo menos esses generais tinham dinheiro e conforto à sua espera. Ele não tinha nada à espera, e para trás deixava apenas o fracasso. Com esse pensamento, Ali Badrayn praguejou e recostou-se em sua poltrona, exatamente a tempo para ver uma forma escura passar correndo pela pista. Um guarda-costas na porta fez um gesto para as pessoas na sala. Dois minutos depois, o 737 apareceu de novo. A escada começou a ser posicionada enquanto o avião ainda parava. Ela já estava no lugar antes mesmo de as portas se abrirem, e os generais — cada qual com suas famílias, um guarda-costas e, em muitos casos, uma amante — saíram correndo pela porta para o chuvisco frio que acabara de começar. Badrayn foi o último a sair. Ele ainda teria de aguardar. Todos os iraquianos chegaram na base da escada como uma manada assustada, esquecidos de sua importância e dignidade enquanto acotovelavam-se escada acima. No topo havia um tripulante uniformizado, exibindo um sorriso mecânico de saudação para pessoas a quem tinha todos os motivos do mundo para odiar. Ali esperou até a escada ficar vazia antes de subir, chegando na pequena plataforma e se virando para olhar para trás. Não houvera tanto motivo assim para pressa. Ainda não havia caminhões verdes aproximando-se com seus soldados confusos. Aparentemente isso só aconteceria dali a uma hora. E eles chegariam aqui para não encontrar nada além de um aeroporto deserto. Balançou a cabeça e entrou no avião. O tripulante fechou a porta atrás de si.

A tripulação comunicou por rádio o pedido de liberação da pista, o que foi feito automaticamente. Os controladores da torre receberam o comunicado e passaram as informações necessárias, mas com frieza, apenas fazendo seu trabalho. Enquanto observavam, o avião seguiu até o fim da pista, aumentou a força das turbinas e decolou para as trevas que começavam a descer sobre sua nação.

Receitas

— Faz um bom tempo, Sr. Clark.

— É mesmo, Sr. Holtzman — concordou John. Estavam na mesma cabine da vez anterior, bem lá no fundo, perto da vitrola automática. O Esteban's ainda era um bom lugar familiar na Wisconsin Avenue, e ainda sustentado pela proximidade com a Georgetown University. Mas Clark lembrou que não tinha contado seu nome ao jornalista.

— E seu amigo?

— Ocupado esta noite — respondeu Clark. Na verdade Ding saíra mais cedo do trabalho e fora até Yorktown pegar Patsy para jantar, mas o repórter não precisava saber disso. Estava escrito em seu rosto que ele já sabia demais. — E então, que posso fazer por você? — perguntou o agente de campo.

— Lembra que fizemos um pequeno acordo? Clark assentiu.

— Não esqueci. Isso foi há cinco anos. O tempo não acabou ainda. — A resposta não foi surpresa.

— Os tempos mudam. — Holtzman pegou o cardápio e correu os olhos por ele. Gostava de comida mexicana, embora ultimamente essa tipo de comida não estivesse gostando muito dele.

— Trato é trato. — Clark não olhou o cardápio. Permaneceu olhando direto para o outro lado da mesa. Seu olhar frequentemente deixava as pessoas pouco à vontade.

— As notícias estão circulando. Katryn está noiva de um caçador de raposas de Winchester.

— Não sabia — admitiu Clark. Não que ele se importasse realmente.

— Não achei que soubesse. Você não é mais um oficial burocrático. Está gostando de atuar novamente em campo?

— Se está querendo que eu fale sobre isso, sabe que não posso...

— O que é uma pena. Venho pesquisando você há alguns anos — disse o jornalista ao seu convidado. — Você tem uma puta reputação profissional, e todos dizem que seu parceiro seguirá seus passos. Foram vocês que executaram a tal missão no Japão — disse Holtzman com um sorriso. — Foram vocês que resgataram Koga.

Uma expressão escarminha ocultou os sentimentos verdadeiros de John, sentimentos de alarme.

— De onde diabos tirou essa ideia?

— Conversei com Koga quando ele esteve aqui. Uma missão de resgate de dois homens, disse ele. Um grandão e um baixinho. Koga descreveu seus olhos: azuis, duros, intensos, ele disse, mas contou também que você é um homem de discurso racional. O quanto eu preciso ser inteligente para ligar uma coisa com a outra? — Holtzman sorriu. — Da última vez que conversamos, você disse que eu daria um bom espião. — O garçom apareceu com duas cervejas. — Já tomou esta? Pride of Maryland, fabricada por uma pequena empresa da Costa Leste.

O garçom se afastou. Clark inclinou-se sobre a mesa.

— Olhe, respeito sua habilidade, e da última vez que conversamos, você jogou limpo, manteve sua palavra, e respeito isso. Mas gostaria que lembrasse de que quando estou agindo em campo, a minha vida depende...

— Não vou revelar sua identidade. Não faria isso por três razões. E errado, é contra a lei, e não

quero emputecer alguém como você. — O repórter bebericou a cerveja. — Um dia eu adoraria escrever um livro a seu respeito. Se metade das histórias for verdade...

— Certo, chame o Val Kilmer para fazer meu papel no cinema.

— Ele é bonito demais. — Holtzman balançou a cabeça. — Nick Cage se parece mais com você. De qualquer modo, o motivo deste encontro... — Ele fez uma pausa. — Foi Ryan quem tirou o pai dela de lá, mas não tenho certeza de como. Você foi até a praia, pegou Katryn e a mãe e levou-as de barco até um submarino. Não sei qual foi, mas sei que foi um de nossos nucleares. Mas a minha matéria não é sobre isso.

— E é sobre o quê?

— Ryan, como você, é o Herói Discreto. — Robert Holtzman gostou de ver a surpresa nos olhos de Clark. — Gosto do cara. Quero ajudá-lo.

— Como? — perguntou John, imaginando se poderia confiar em seu anfitrião.

— Foi minha esposa, Libby, quem expôs a sujeira de Kealty. Publicou cedo demais, e não adianta voltar a esse aspecto agora. Ele é um verme, ainda pior do que a maioria das pessoas de Washington. Nem todo mundo no ramo pensa dessa forma, mas Libby conversou com algumas de suas vítimas. Houve um tempo que um sujeito podia se safar de acusações desse tipo, especialmente se sua política fosse progressista. Não mais. Pelo menos é o que se supõe — corrigiu a si mesmo. — Também não estou tão convicto de que Ryan seja o homem certo. Mas ele tentará fazer a coisa certa, pelas razões certas. Como Roger Durling gostava de dizer, ele é um homem bom numa tempestade.

Preciso vender essa ideia aos meus editores.

— Como fará isso?

— Farei uma matéria sobre como ele fez uma coisa realmente importante para seu país. Algo velho o suficiente para não ser uma questão delicada, e recente o bastante para as pessoas saberem que é o mesmo cara. Deus do céu, Clark, ele salvou os russos! Ele impediu um golpe interno que poderia ter ressuscitado a Guerra Fria por mais uma década. Isso foi uma tremenda façanha... e ele nunca contou nada disso a ninguém. Deixaremos claro que Ryan não vazou a história. Até mesmo iremos consultá-lo antes de divulgar isso, e você sabe o que ele dirá...

— Dirá que você não deve publicar — concordou Clark. Então ele se perguntou com quem Holtzman tinha falado. Com o juiz Arthur Moore? Com Bob Ritter? Será que eles tinham dado com a língua nos dentes? Antes, a resposta de Clark a essa pergunta seria um enfático não, mas agora... agora ele não estava tão certo. Quando chegam a uma determinada posição, as pessoas começam a achar que quebrar as regras pode servir a algum dever maior para o país. John conhecia bem esse papo de dever maior. Eleja tinha lhe causado todo tipo de problemas, mais de uma vez.

— Mas seria uma matéria boa demais para não ser publicada. Levei anos para descobrir tudo. O público tem o direito de saber que tipo de homem está sentado no Salão Oval, especialmente se ele é o homem certo — prosseguiu o repórter. Holtzman era o tipo de homem que convenceria uma freira a despir o hábito.

— Bog, você não sabe da missa a metade. — Clark calou-se um instante depois, irritado por ter falado demais. Essas eram águas profundas, e ele estava tentando nadar usando um cinto pesado. Mas, ora, que diabos... — Certo. Vou lhe contar o que sei sobre Jack.

Ficou acertado que eles usariam o mesmo avião, e — para o alívio de ambos os lados — que não permaneceriam no Irã um minuto além do necessário. Havia outro problema. O 737 não possuía o alcance dos G-IV, que eram bem menores. Assim, concordou-se que o avião aterrissaria no Iêmen para reabastecer. Os iraquianos não desceram do avião em Mehrabad, mas quando a escada móvel foi trazida para a porta, Badrayn saltou sem ouvir uma só palavra de agradecimento das pessoas que salvara. Um carro estava à sua espera. Ele não olhou para trás. Os generais eram agora parte de seu passado, assim

como ele era parte do deles.

O carro levou-o até a cidade. Badrayn viajou acompanhado apenas do motorista. O tráfego, que não estava muito denso àquela hora da noite, permitiu um percurso tranquilo. Quarenta minutos depois, o carro parou diante de um prédio de três andares. Aqui havia segurança. Assim, pensou Badrayn, ele estava vivendo agora em Teerã? Saiu do carro sozinho. Um segurança uniformizado comparou uma fotografia com seu rosto e fez um gesto na direção da porta. Dentro, outro guarda — um capitão, a julgar pelas insígnias triplas em seus ombros — bateu-lhe continência polidamente. Dali foi levado até a sala de conferências no andar de cima. A esta altura eram três da manhã, hora local.

Encontrou Daryaei sentado numa poltrona confortável lendo alguns documentos governamentais típicos em vez do Corão. Bem, a essa altura Daryaei já devia ter decorado o livro sagrado, tanto que o estudara.

— A paz esteja com você — disse Ali.

— E com você, paz — replicou Daryaei, não tão mecanicamente quanto Badrayn esperara.

O homem mais velho se levantou e caminhou até ele para o abraço esperado. O rosto estava muito mais relaxado do que ele esperara. Cansado, decerto, porque o sacerdote tivera um ou dois dias muito longos, mas, velho ou não, o homem estava empolgado com os eventos.

— Você está bem? — perguntou o aiatolá solícitamente, gesticulando para que seu convidado sentasse.

Ali permitiu-se um suspiro longo enquanto ocupava sua poltrona. ... — Estou agora. Tive dúvidas se a situação em Bagdá permaneceria estável.

— A discórdia não seria lucrativa. Meu amigos me disseram que a velha mesquita está precisando de reparos.

Badrayn podia ter dito que não sabia, mas um dos motivos era que ele não via o interior de uma mesquita havia muito tempo, fato que não agradaria a Daryaei.

— Há muito a ser feito — decidiu responder.

— Há sim. — Mahmoud Haji Daryaei retornou para sua poltrona, colocando os documentos de lado. — Seus serviços foram inestimáveis. Houve alguma dificuldade?

Badrayn balançou a cabeça.

— Na verdade não. É surpreendente como esses homens podem ser medrosos, mas eu estava preparado para isso. A sua proposta foi generosa. Eles não tinham escolha além de aceitá-la. Você não irá...? — permitiu-se perguntar.

O aiatolá meneou a cabeça.

— Não. Eles seguirão em paz.

E isso, se verdade, foi um pouco surpreendente, embora Ali não tenha permitido transparecer em seu rosto. Daryaei tinha poucas razões para amar aqueles homens. Todos tinham desempenhado um papel na guerra Irã-Iraque, e sido responsáveis pelas mortes de milhares de pessoas, uma ferida ainda aberta nesta nação. Muitos homens jovens haviam morrido. A guerra era um dos motivos pelos quais o Irã não desempenhava um papel de destaque no mundo havia anos. Mas isso estava prestes a mudar, não estava?

— Então, posso perguntar o que você fará em seguida?

— O Iraque é um país doente há muito tempo, longe da Fé Verdadeira, perambulando na escuridão.

— E estrangulado pelo embargo — acrescentou Badrayn, perguntando-se que reação essa informação iria provocar.

— Chegou a hora de isso acabar — concordou Daryaei. Alguma coisa em seus olhos congratulou Ali pela observação. Sim, aquele era o plano óbvio, não era? O embargo, uma vantagem para o Ocidente, precisava ser anulado. O país começaria a receber alimentos e a população ficaria deliciada com o novo regime. Ele agradaria a todos prontamente, o tempo todo planejando para agradar a si mesmo. E a Alá,

evidentemente. Mas Daryaei era um daqueles que tinha certeza de que seus atos eram inspirados por Alá, ideia que Badrayn havia muito abandonara.

— A América será um problema, assim como outros mais próximos a vocês.

— Estamos examinando essas questões.

Esse comentário foi tecido confortavelmente. Bem, fazia sentido. Daryaei devia estar pensando nisso havia anos, e num momento como este ele devia estar se sentindo invencível. Badrayn sabia que isso também fazia sentido.

Daryaei sempre achava que Alá estava do seu lado — ao seu lado, para ser mais preciso. E talvez Ele estivesse, mas havia muito mais coisas além disso. Era preciso que houvesse, se ele queria alcançar o sucesso. Os milagres costumam aparecer quando invocados pela preparação. Por que não providenciar para que tivesse uma participação no próximo milagre?, pensou Ali.

— Tenho observado o novo líder americano.

— Mesmo? — Daryaei estreitou os olhos.

— Não é difícil colher informações na era moderna. A imprensa americana publica muita coisa, e tudo pode ser acessado com extrema facilidade hoje em dia. Neste exato momento, tenho homens trabalhando num dossiê cuidadoso do presidente. — Badrayn manteve o tom de voz o mais casual possível. Não foi difícil. Estava cansado até os ossos.

— É impressionante como estão vulneráveis neste momento.

— De fato. Conte-me mais.

— A chave para a América é esse tal Ryan. Isso não é óbvio?

— A chave para mudar A América é uma convenção constitucional — disse Ernie Brown, depois de longos dias de contemplação silenciosa.

Bete Holbrook estava operando o controle remoto de seu projetor de slides.

Batera três rolos de filme do Capitólio, e mais alguns de outros prédios como a Casa Branca, completamente incapaz de evitar ser um turista. Resmungou, vendo que um dos slides estava de cabeça para baixo. A ideia fora planejada cuidadosamente, mas o resultado não foi tão impressionante.

— Conversamos sobre isso durante muito tempo — concordou Holbrook enquanto tirava o estojo de slides do projetor. — Mas como vocês...

— Como forçaremos isso? Fácil. Se não houver presidente e não houver uma maneira de selecionar um de acordo com a Constituição, então, alguma coisa tinha de acontecer, não tinha?

— Matar o presidente? — grunhiu Pete. — Qual deles?

Esse era um problema. Não era preciso ser cientista de foguetes para descobrir isso. Mate Ryan e Kealty assumiria. Mate Kealty e Ryan ficaria para valer. Na presente situação seria difícil. Os dois homens lembravam bem da segurança que tinham visto na Casa Branca. Mate um deles e o governo cercará o outro com uma muralha que só poderá ser derrubada por uma bomba atômica.

Os Montanhese não tinham uma bomba dessas. Preferiam armas americanas tradicionais, como fuzis. Até mesmo eles tinham suas limitações. O Jardim Sul da Casa Branca era inteiramente arborizado com árvores e, como eles também tinham notado, protegido por muros cuidadosamente ocultos entre a vegetação.

Simplesmente ver a Casa Branca era possível por uma única avenida visual, alinhando o prédio com o chafariz. Os prédios vizinhos eram de propriedade do governo, e no topo deles sempre havia pessoas com binóculos e fuzis. O Serviço Secreto americano estava determinado a manter as pessoas afastadas de seu presidente, o servo do povo cujos guardas não confiam nas pessoas. Mas se o homem que vivia naquela casa fosse realmente um homem do povo, não haveria necessidade de guardas. Certa vez Teddy Roosevelt abrira as portas para apertar as mãos de pessoas comuns por quatro horas inteiras. Esse era o

tipo de coisa que não aconteceria mais!

— Os dois ao mesmo tempo. Da forma que vejo, Ryan será o alvo mais difícil, certo? — indagou Brown. — Ele está á, onde a maior parte da proteção se concentra. Kealty precisa mover-se muito para falar com os pulhas da imprensa, e não estará tão bem protegido.

Holbrook recolocou o estojo de slides no projetor.

— Certo, isso faz sentido.

— Portanto, se descobirmos uma forma de pegar Ryan, levar Kealty com ele será fácil. — Brown tirou o celular de seu bolso. — Fácil de coordenar.

— Prossiga.

— Isso significa nos mantermos a par de seu cronograma, aprender sua rotina e escolher a hora certa.

— Sai caro — observou Holbrook, projetando o slide seguinte. A foto na tela era agora uma tirada por muitas pessoas, do topo do Monumento de Washington, a janelinha na ala norte da Casa Branca. Ernie Brown também tirara uma, e mandara ampliá-la para tamanho pôster na loja de fotografia do bairro. Então passara horas olhando para a foto. Em seguida, pegara um mapa, checara a escala e fizera alguns cálculos aproximados.

— A parte cara será comprar o caminhão de cimento e alugar um lugar não muito distante da cidade.

— Como?

— Eu conheço a presa, Pete. E sei como tirá-la da toca. É apenas uma questão de escolher o momento certo.

Ela não viveria até o fim da noite, concluiu Moudi. Seus olhos estavam abertos agora. Ninguém podia imaginar o que eles viam. Finalmente, misericordiosamente, ela estava além da dor. Isso acontecia. Eleja vira isso acontecer com pacientes de câncer, e esse estado sempre antecedia a morte. Seu conhecimento de neurologia era insuficiente para compreender o motivo.

Talvez as trilhas eletroquímicas ficassem obstruídas, ou talvez o cérebro tivesse alguma função de censura da dor. O corpo sabia o que estava acontecendo, que a hora da batalha terminara, e como a função do sistema nervoso era principalmente de alerta, quando o tempo para avisos tinha passado não havia mais motivo para dor. Ou talvez fosse tudo imaginação sua. Possivelmente o corpo da freira estivesse simplesmente danificado demais para reagir a qualquer coisa. Decerto o sangramento intraocular a deixara cega. Já não era possível injetar-lhe sangue, tão danificadas estavam suas veias, e ela agora sangrava pela perfuração do tubo, bem como de muitos outros lugares. Apenas o soro de morfina permanecia sendo injetado, mantido em seu lugar por fita adesiva. O coração da mulher, faminto por sangue e tentando bombear o pouco que restara, exauria a si mesmo.

Jean Baptiste ainda emitia ruídos — difíceis de ser ouvidos através da roupa de astronauta — seu ritmo fez o médico imaginar que talvez fossem orações.

Provavelmente eram, decidiu. Destituída não apenas da vida mas também da sanidade, a única coisa que lhe restava eram suas horas infindáveis de oração, a disciplina que regera sua vida, e em sua insanidade ela retornava a essa disciplina porque sua mente não tinha mais para onde ir. A paciente limpou a garganta, tossiu, na verdade, e em seguida murmurou mais claramente. Moudi inclinou a cabeça para ouvir.

— ...perdoai as nossas ofensas...

Oh, essa. Sim, essa devia ter sido sua prece favorita.

— Não lute mais, senhora — disse-lhe Moudi. — Sua hora chegou. Não lute mais. Os olhos mexeram. Embora não pudesse mais ver, a freira virou a cabeça e olhou para Moudi. O médico sabia que aquilo era um reflexo mecânico. Cega ou não, anos de prática diziam aos músculos o que fazer. O rosto tinha se virado instintivamente para uma fonte de ruído e os olhos — os músculos ainda funcionavam — focaram na direção do interesse.

— Dr. Moudi? E o senhor? — As palavras saíram lentamente, não completamente claras, mas inteligíveis.

— Sim, irmã. Estou aqui. — Ele tocou automaticamente a mão da freira, e só depois ficou estarecido. Ela ainda estava lúcida?

— Obrigada por ter... me ajudado. Rezarei por você.

Ela rezaria. Moudi sabia disso. Acariciou a cabeça da freira com uma das mãos enquanto com a outra aumentava o fluxo de morfina. Já bastava. Eles não podiam injetar mais sangue nela para poluí-lo com vírus. Olhou em volta. Os enfermeiros militares estavam sentados a um canto, felizes por deixá-lo cuidar sozinho da paciente. Caminhou até onde estavam e apontou para um deles.

— Chame o diretor... agora.

— Estou indo.

O homem ficou satisfeito em deixar a sala. Moudi contou até dez antes de falar com a freira.

— Luvas novas, por favor.—Levantou as mãos para mostrar que também não gostava de tocar nela. O outro enfermeiro saiu. Moudi calculou que tinha um ou dois minutos.

A bandeja de medicamentos no canto tinha o que ele precisava. Pegou uma injeção de 20cc e introduziu-a no frasco de morfina, puxando o suficiente para encher o cilindro plástico. Retornou à cabeceira da cama, levantou o lençol plástico e procurou por... ali estava. As costas da mão esquerda da paciente.

Pegou sua mão e espetou-a com a agulha, pressionando imediatamente o embolo.

— Para ajudá-la a dormir — disse a ela, afastando-se novamente. Não esperou para ver se ela responderia. A injeção foi jogada na cesta de agulhas infectadas um segundo antes de o enfermeiro retornar com as luvas novas.

— Aqui estão.

Moudi assentiu. Despiu as sobreluvas, jogou-as na cesta apropriada e substituiu-as por um novo par. Voltando à cabeceira da paciente, viu seus olhos azuis se fecharem pela última vez. A tela do monitor de ECG mostrava seu ritmo cardíaco ligeiramente acima de um-quarenta, os picos das linhas mais irregulares do que deveriam, e espaçados irregularmente. Agora era apenas uma questão de tempo. Ela provavelmente estava orando em seu sono, pensou o médico, sonhando preces. Bem, pelo menos ele podia ter certeza de que ela não estava sentindo dor. A morfina estava circulando por seu reduzido suprimento sanguíneo, as moléculas químicas achando seu caminho até o cérebro, encaixando-se em seus receptores e ali liberando dopamina, que diria ao seu sistema nervoso... sim.

O peito da paciente levantou e desceu com uma respiração difícil. Houve uma pausa. Um pequeno espasmo e então a respiração recomeçou, mas irregular agora, e o fluxo de oxigênio para a corrente sanguínea estava diminuindo. O ritmo cardíaco mudou, tornando-se mais rápido. Então a respiração cessou. O coração, tão forte, tão valente, não parou de imediato, pensou o médico com tristeza, admirando essa parte ainda viva de uma pessoa já morta, mas isso não podia durar muito tempo, e com uns poucos traços finais na tela, também ele cessou de funcionar. A máquina de ECG começou a emitir um tom constante de alarme. Moudi esticou a mão para emudecer o alarme.

Virou-se para ver o enfermeiro exibir uma expressão de alívio.

— Já? — perguntou o diretor, chegando na sala e vendo a linha reta e silenciosa na leitura de ECG.

— Coração. Hemorragia interna. — Moudi não precisava dizer mais nada.

— Entendo. Então estamos prontos?

— Correto, doutor.

O diretor fez um gesto para os enfermeiros, que tinham um último trabalho a fazer. Um deles dobrou o lençol plástico ao meio para impedir que pingasse.

O outro desconectou o último tubo intravenoso e os sensores de ECG. Isso foi feito com rapidez, e

quando a falecida estava embrulhada como um pedaço de carne no abatedouro, os freios das rodas da cama foram soltos, e os dois soldados empurraram-na até a porta. Eles retornariam para limpar a sala inteiramente e garantir que nada pudesse sobreviver nas paredes, no assoalho, no teto.

Moudi e o diretor seguiram-nos até o Posto, uma sala na mesma área confinada por trás de portas duplas. Aqui havia uma mesa de autópsia feita de aço inoxidável frio e liso. Alinharam a cama de tratamento com a mesa de autópsia, descobriram o corpo e rolaram-no de modo que ficasse de braços sobre o aço, enquanto os médicos observavam do canto, os dois usando aventais cirúrgicos sobre suas roupas protetoras — mais por hábito do que necessidade. Em seguida, os lençóis plásticos foram levantados, seguros pelas bordas para formar um U que permitiu o sangue acumulado derramar-se num recipiente. Cerca de meio litro, avaliaram os médicos. Os lençóis foram carregados cuidadosamente até uma caixa com rodinhas. Os enfermeiros fecharam a caixa e saíram da sala, empurrando a caixa até o incinerador. Ainda que nervosos, não tinham derramado uma gota sequer em qualquer parte.

— Muito bem — o diretor pressionou um botão e a extremidade da mesa foi elevada. Por força do profissionalismo, tocou com a ponta dos dedos a carótida esquerda para certificar-se de que não havia pulsação, e em seguida a direita, onde também não havia nenhuma. Quando o corpo estava num ângulo de vinte graus, ele pegou um bisturi grande e cortou ambas as artérias, juntamente com as paralelas veias jugulares. Puxado para fora do corpo pela gravidade, o sangue jorrou e foi canalizado através de entalhes na mesa; durante vários minutos quatro litros de sangue foram capturados num recipiente plástico. O sangue ficou pálido rápido demais, percebeu Moudi. Momentos antes, a pele estivera púrpura e cheia de manchas. Essas marcas pareceram desaparecer diante de seus olhos, talvez por pura imaginação. Um técnico de laboratório chegou para coletar o recipiente de sangue, que ele colocou num pequeno carrinho de rodas. Ninguém queria carregar uma coisa como aquela, ainda que por uma distância curta.

— Nunca autopsiei uma vítima de Ebola — observou o diretor. Não que essa fosse ser uma autópsia tradicional, com o devido respeito pela humanidade da falecida, a julgar pela forma como o diretor a sangrara como se estivesse sacrificando um carneiro.

Contudo, ainda teriam de ser cuidadosos. Em casos como esse, apenas um par de mãos trabalhava dentro do campo cirúrgico, e Moudi deixaria o diretor fazer isso, enquanto ele realizaria incisões largas. Retratores de aço inoxidável manteriam puxadas para trás as fraldas de pele e músculos. Moudi cuidou disso, os olhos fixos no escapelo nas mãos enluvadas do diretor. Em mais um minuto, o rim direito foi completamente exposto. Aguardaram que os enfermeiros militares voltassem. Um deles colocou uma bandeja na mesa ao lado do cadáver. Moudi ficou nauseado com o que viu em seguida. Um efeito do vírus Ebola e seu processo de doença era romper os tecidos. O rim exposto estava meio liquefeito, e quando o diretor segurou-o para removê-lo, o órgão literalmente se rompeu dividindo-se em dois nacos de gosma marrom. O diretor riu de seu próprio descuido. Ele deveria ter esperado isso, mas se esquecera.

— Não é notável o que acontece aos órgãos?

— Vai acontecer o mesmo com o fígado, mas o baço...

— Sim, eu sei. O baço estará duro como um tijolo. Cuidado com as mãos, Moudi — alertou o diretor.

Pegou um retratar limpo — o instrumento tinha mais a forma de uma pá — para remover os fragmentos restantes do rim. Eles foram para a bandeja. Fez um sinal com a cabeça e o enfermeiro militar levou-o para o laboratório. O rim direito saiu com mais facilidade. Por insistência do diretor, depois que todos os músculos e vasos sanguíneos tinham sido desconectados, ambos os médicos usaram as mãos para removê-lo, e este permanecera razoavelmente intacto — até ser pousado na bandeja. Então o órgão se deformou e partiu ao meio. A única coisa boa nisso era que a fragilidade do tecido não comprometera a integridade de suas luvas duplas. Esse fato não impediu os dois médicos de sentirem um arrepio.

— Aqui! — o diretor fez um sinal para que os enfermeiros se aproximassem.

— Virem o corpo.

Os enfermeiros fizeram isso, um segurando pelos ombros, o outro pelos joelhos, virando o corpo o mais rápido que conseguiram. Isso fez um pouco de sangue e tecido espalhar-se sobre seus aventais cirúrgicos. Os enfermeiros recuaram e se mantiveram o mais afastados que puderam.

— Quero o fígado, o baço e só — disse o diretor a Moudi, olhando para cima.

Ele se virou para os enfermeiros. — Então vocês irão embrulhar o corpo e removê-lo para o incinerador. Em seguida esta sala será desinfetada inteiramente.

Os olhos da irmã Jean Baptiste estavam abertos, tão cegos agora quanto trinta minutos antes. O médico pegou um pano e cobriu o rosto, murmurando uma oração por sua alma, que o diretor ouviu.

— Sim, Moudi, ela está no Paraíso. Agora, podemos prosseguir? — perguntou bruscamente.

O diretor fez a incisão usual em Y para abrir o tórax, profunda e rudemente como antes, puxando as camadas rapidamente, mais um açougueiro que um médico. O que viram ali chocou até mesmo o diretor.

— Como ela viveu tanto desta...? — disse o diretor.

Moudi pensou em seus dias na faculdade de medicina, lembrando de um modelo de plástico em tamanho natural do corpo humano que vira em sua primeira aula de anatomia. Era como se alguém tivesse pego o modelo e derramado nele um balde de um solvente poderoso. Cada órgão exposto estava desfigurado. A área do abdômen era um mar de sangue preto. Tudo que eles tinham injetado, pensou Moudi... nem a metade vazara. Surpreendente.

— Sucção! — comandou o diretor. Um enfermeiro apareceu ao seu lado com um tubo plástico ligado a um aspirador, e o som gerado foi obscuro. O processo levou dez minutos inteiros, com os médicos parados de pé enquanto o enfermeiro movia o tubo do aspirador, como uma faxineira limpando uma casa.

Mais três litros de sangue contaminado, rico em vírus, para o laboratório.

O Corão sagrado ensinava que o corpo era um templo para a vida. Moudi olhou para o corpo da freira, que fora transformado... no quê? Uma fábrica de morte. O diretor aproximou-se novamente da mesa de dissecação e Moudi observou suas mãos descobrirem o fígado, mais cuidadosamente que antes.

Talvez ele tivesse ficado assustado com o sangue na cavidade abdominal. Mais uma vez, veias foram cortadas e o tecido conectivo separado. O diretor pousou seus instrumentos na mesa e, sem ser tão cerimonioso, Moudi enfiou a mão na cavidade para retirar o órgão e colocá-lo na bandeja, que novamente foi removida por um enfermeiro.

— Queria saber por que o comportamento do baço é tão diferente.

Lá embaixo, outros enfermeiros trabalhavam. Uma por uma, as gaiolas de macacos eram levantadas das pilhas arrumadas no depósito. Os verdes africanos tinham sido alimentados, e ainda estavam se recuperando do choque da viagem.

Isso reduzia um pouco sua capacidade de arranhar e morder as mãos enluvadas que moviam as gaiolas. Mas o pânico dos animais retornou assim que chegaram a outra sala. Essa etapa da operação estava sendo executada com dez por vez.

Quando chegavam à sala da morte e as portas eram fechadas, os macacos entendiam. Os mais desafortunados assistiam enquanto uma gaiola por vez era posta numa mesa. A porta de cada gaiola era aberta, dando passagem para um bastão com um aro de metal na extremidade. O aro envolvia a cabeça do macaco e era apertado com força, geralmente provocando o som débil de um pescoço quebrado. Em todos os casos os animais estremeciam e em seguida ficavam inertes, geralmente com os olhos abertos e ultrajados pelo seu assassinato. O mesmo instrumento puxava o animal morto. E quando o aro afrouxava, o corpo era jogado para um soldado, que o levava para a sala seguinte. Os outros viam quando os soldados se aproximavam deles e guinchavam seus protestos, mas as gaiolas eram pequenas demais para que tivessem espaço para se esquivar. Quando muito, um conseguia interpor um braço no aro, apenas para tê-lo quebrado também. Inteligentes o bastante para compreender o que lhes estava acontecendo, os verdes africanos sentiam uma sensação parecida com a de estar parado numa árvore solitária na savana,

vendo um leopardo escalá-la, aproximando-se mais e mais... e nada podiam fazer senão guinchar. O ruído incomodava os soldados, mas não muito.

Na sala seguinte, cinco equipes de enfermeiros militares trabalhavam em cinco mesas separadas. Grampos afixados no pescoço e na base do rabo ajudavam a manter os corpos dos macacos no lugar. Um soldado, usando uma faca curva, fazia um corte ao longo da coluna vertebral, e então o outro fazia um corte perpendicular, abrindo o couro para expor a parte interna das costas. O primeiro removia os rins e os passava para o segundo, e enquanto os pequenos órgãos iam para um recipiente especial, ele soltava o corpo da mesa, jogando-o num barril de plástico para incineração posterior. Enquanto o primeiro pegava novamente sua faca, o segundo afixava o corpo do macaco seguinte no lugar. O tempo total do procedimento durava cerca de quatro minutos. Em noventa minutos, todos os verdes africanos estavam mortos. Havia uma certa urgência.

Toda a matéria-prima de sua missão era biológica, e todas estavam sujeitas a procedimentos biológicos. A equipe de matança entregava seu produto através de janelas duplas nas paredes que davam para o Laboratório Aquecido.

Ali os procedimentos eram diferentes. Cada homem na sala maior usava uma roupa de plástico azul. Cada movimento era lento e cuidadoso. Eles tinham sido bem treinados e instruídos, e as poucas lacunas de informação haviam sido recentemente preenchidas — em cada detalhe revoltante — pelos enfermeiros militares selecionados para cuidar da mulher ocidental no andar de cima.

Quando alguma coisa era transportada de uma sala para outra, isso era anunciado, e as pessoas abriam caminho.

O sangue estava num tanque aquecido, com ar borbulhando através dele.

Dois baldes enormes cheios de rins símios foram levados para uma máquina de moer — na verdade não muito diferente do tipo de processador de alimentos encontrado nas cozinhas bem equipadas. A máquina reduzia os rins a uma massa, que em seguida era movida de uma mesa para outra e depositada em bandejas, juntamente com alguns nutrientes líquidos. Ocorreu a várias das pessoas no laboratório que sua atividade ali parecia muito com o trabalho numa padaria. O sangue era despejado generosamente nas bandejas. Cerca de metade dele era usado dessa forma. O restante, dividido em recipientes plásticos, ia para um freezer de baixíssima temperatura resfriado por nitrogênio líquido. O Laboratório Aquecido era mantido quente e úmido, muito parecido com a floresta. A luz das lâmpadas fluorescentes era pouco brilhante e filtrada para restringir a emissão de radiação ultravioleta. Os vírus não gostavam de UV.

Precisavam do ambiente certo no qual crescer, e os rins dos macacos verdes africanos eram justamente isso, principalmente quando acrescidos de nutrientes, temperatura adequada, umidade correta e uma pitada de ódio.

— Descobriu muita coisa? — perguntou Daryaei.

— Sim. E através de sua própria imprensa, de seus próprios jornalistas — explicou Badrayn.

— São todos espiões! — objetou o mula.

— Muitos pensam assim — disse Ali com um sorriso. — Mas na verdade não são. Eles são... como é possível explicá-los? São como mensageiros medievais.

Veem o que veem e contam o que veem. Não são leais a ninguém com exceção de si mesmos e sua profissão. Sim, é verdade que são espiões, mas eles espiam todos, principalmente seu próprio povo. É loucura, admito, mas é verdade.

— Acreditam em tudo? — perguntou o anfitrião. Ele tinha dificuldade em aceitar isso.

Mais um sorriso.

— Tudo indica que sim. Oh, sim, os jornalistas americanos são realmente devotados a Israel, mas até mesmo essa fidelidade tem limites. Levei anos para compreender. Como cães, podem atacar qualquer um, morder qualquer mão, por mais gentil que seja. Eles procuram, veem e contam. Graças a isso, pude

aprender tudo a respeito desse Ryan: sua casa, sua família, as escolas frequentadas por seus filhos, o número do escritório no qual sua mulher trabalha... tudo.

— E se parte da informação for mentirosa? — perguntou Daryaei, desconfiado. Por mais que lidasse com o Ocidente, a natureza de seus repórteres era simplesmente estrangeira demais para que ele entendesse por completo.

— Tudo pode ser verificado facilmente. O lugar de trabalho da mulher dele, por exemplo. Tenho certeza de que há fiéis na equipe do hospital. É apenas uma questão de abordar um deles e fazer perguntas inofensivas. Sua casa também deve ser muito bem protegida. O mesmo é válido quanto aos seus filhos. É um paradoxo que essas pessoas vivem. Elas precisam de alguma proteção quando estão em trânsito, mas essa proteção pode ser vista, e isso indica onde elas estão, e quem são. Graças às informações que obtive, sabemos até mesmo por onde começar a procurar.

Badrayn estava tentando tecer comentários curtos e simples. Não porque ele fosse idiota — com toda certeza não era —, mas com toda certeza era insular.

Uma vantagem concedida por todos os seus anos no Líbano tinha sido que Ali fora exposto a muita coisa e aprendera mais ainda. Acima de tudo, aprendera que precisaria de um patrocinador, e Mahmoud Haji Daryaei era um ótimo candidato. O aiatolá tinha planos. Precisava de gente. E por um motivo ou por outro, não confiava em seus próprios homens. Badrayn não fazia ideia do motivo, mas qualquer que fosse trouxera-lhe boa sorte. E a sorte não devia ser questionada.

— Qual é o nível de proteção dessas pessoas? — perguntou o mula, sua mão coçando a barba. O homem não se barbeava havia 24 horas.

— Muito alto — respondeu Badrayn, notando alguma coisa estranha na questão e arquivando esse fato na mente. — As agências policiais americanas são muito eficazes. O problema do crime na América não tem nenhuma relação com sua polícia. Eles simplesmente não sabem o que fazer depois que os criminosos são presos. E quanto à segurança presidencial... — Ali recostou-se para espreguiçar. — Ele estará cercado por um grupo de atiradores muito bem treinado, motivado e fiel. — Badrayn acrescentou essas palavras ao seu discurso ensaiado. — Fora isso, proteção é proteção. Os procedimentos são sempre os mesmos. Não tenho nada a ensinar-lhe sobre isso.

— E quanto à vulnerabilidade dos EUA?

— Intensa. O governo está imerso no caos. Mas você também sabe disso.

— São difíceis de avaliar, esses americanos... — considerou Daryaei.

— Seu poderio militar é formidável. Sua vontade política é imprevisível, como alguém que nós dois... conhecíamos descobriu, para seu azar. Subestimá-los é um erro. Os EUA são como um leão adormecido, que precisa ser tratado com cuidado e respeito.

— Como se derrota um leão? — Essa pergunta deixou Badrayn hesitante por um ou dois segundos. Certa vez, na Tanzânia — onde prestara consultoria ao governo sobre como lidar com insurgentes —, estivera na floresta um dia inteiro, viajando com um coronel do serviço de informações desse país. Ali avistaram um leão velho que conseguira matar sozinho talvez um animal aleijado. Então um bando de hienas apareceu atrás do leão. Vendo isso, o coronel tanzaniano parou o jipe Zil de fabricação soviética, passou um par de binóculos para Badrayn, e lhe disse para observar e aprender uma lição sobre insurgentes e suas capacidades. Foi uma visão que ele jamais esqueceria. O leão era muito grande, e embora velho e mais lento que em seus dias de glória, era ainda uma criatura de inegável majestade. As hienas eram criaturas menores, parecidas com cães, movendo-se num trotar estranho mas ágil, que era muito eficiente. Elas se reuniram primeiro num pequeno grupo, a vinte metros do leão, que estava tentando se alimentar do animal que matara. E então as hienas se moveram, delineando um círculo em torno do leão. Sempre que uma hiena atrás dele avançava para morder-lhe as patas traseiras, o leão virava-se, rugia e avançava alguns metros, apenas para que outra o atacasse por trás.

Individualmente, as hienas não teriam mais chance contra esse rei da floresta do que um homem

armado com uma faca contra um soldado com uma metralhadora. Contudo, por mais que tentasse, o leão não conseguia proteger sua caça — e nem a si próprio. Em apenas cinco minutos o leão estava na defensiva, incapaz de avançar contra as hienas, porque sempre havia uma às suas costas, mordendo-lhe os bagos, forçando-o a correr de uma forma pateticamente cômica, arrastando o traseiro na grama enquanto tentava manobrar. E por fim o leão simplesmente fugiu, sem emitir um rugido, sem olhar para trás, enquanto as hienas apoderavam-se da caça, emitindo seus latidos estranhos, escarninhos, como se achando graça do fato de terem usurpado a caça do rei dos animais. E assim o poderoso fora derrotado pelo fraco. O leão ficaria cada vez mais velho e fraco até o dia em que seria incapaz de se defender de um ataque de hienas interessadas em sua própria carne. Cedo ou tarde, seu amigo tanzaniano dissera-lhe, as hienas devoravam todos eles.

Badrayn fitou novamente os olhos do seu anfitrião.

— Pode ser feito.

Novas Administrações

Havia trinta deles na Sala Leste — todos homens, para sua surpresa —, acompanhados das esposas. Enquanto entrava na recepção, Jack observou os rostos. Alguns o agradaram. Outros não. Aqueles que agradaram Jack estavam tão assustados quanto ele. Foram os confiantes com sorrisos largos que preocuparam o presidente.

Qual era a forma certa de agir com eles? Nem mesmo Arnie sabia a resposta, embora tivesse aventado diversas estratégias. Ser muito forte e intimidá-los? Claro, pensou Ryan, e amanhã os jornais diriam que ele estava tentando ser o rei Jack I. Demonstrar absoluta tranquilidade? Então ele seria considerado um maricás incapaz de ocupar apropriadamente uma posição de liderança. Ryan estava aprendendo a temer a mídia. Não tinha sido tão ruim antes. Como uma abelha-operária, ele fora largamente ignorado. Mesmo como Consultor da Segurança Nacional de Durling, Jack fora considerado um boneco de ventríloquo. Mas agora a situação era bem diferente, e não havia nada que ele dissesse que não poderia ser distorcido em alguma coisa que o ouvinte quisesse ouvi-lo dizer. Washington havia muito perdera o talento para a objetividade. Aquilo era política, e política era ideologia, e ideologia dizia respeito a preconceitos pessoais e não à busca pela verdade. Onde todas essas pessoas tinham aprendido que a verdade não tinha valor?

O problema de Ryan era que ele realmente não possuía uma filosofia política. Ele acreditava em coisas que funcionavam, que produziam os resultados prometidos e consertavam tudo que estava quebrado. Se essas coisas tendiam para um lado político ou para outro era menos importante que seus efeitos. Boas ideias funcionavam, ainda que algumas delas pudessem parecer malucas. As ideias ruins não funcionavam, ainda que algumas parecessem sensatas. Mas Washington não pensava dessa forma. Ideologias eram fatos nesta cidade, e se as ideologias não funcionassem, as pessoas negariam isso.

Por outro lado, se as filosofias das quais essas pessoas discordassem, elas jamais admitiriam isso, porque, para eles, admitir seus erros era mais humilhante do que ser flagrados em qualquer espécie de má conduta pessoal.

Eles preferiam negar Deus a negar suas ideias. A política era a única arena conhecida pelo homem na qual as pessoas assumiam grandes riscos sem se importar realmente com as consequências no mundo real, e na qual o mundo real era muito menos importante do que qualquer fantasia de direita, esquerda ou centro nutrida pelos habitantes desta cidade de mármore.

Jack olhou para os rostos, imaginando que bagagem política eles trariam com suas maletas. Talvez fosse uma fraqueza sua o fato de não entender como tudo aquilo funcionava, mas, da sua parte, ele vivera uma vida na qual os enganos faziam pessoas de verdade morrer — ou, no caso de Cathy, ficarem cegas. Para Jack, as vítimas eram pessoas com nomes e rostos reais. Para Cathy, eram pessoas cujos rostos ela tocara numa sala de cirurgia. Para as figuras políticas, as pessoas eram abstrações muito mais distantes do que as ideias que defendiam fervorosamente.

— É como estar num zoológico — comentou Caroline Ryan, FLOTUS, CIRURGIÃ, por trás de um sorriso encantador. Ela viera correndo para casa — o helicóptero ajudara — bem em tempo de trocar de roupa para um novo vestido branco de seda e colocar o colar de ouro que Jack dera-lhe no Natal... algumas semanas, lembrou Jack, antes de os terroristas terem tentado matá-la na ponte da Rota 50, em

Annapolis.

— Com gaiolas de ouro — replicou seu marido, POTUS, ESPADACHIM, exibindo um sorriso também tão falso quanto uma nota de três dólares.

— E então, o que somos? — perguntou Cathy enquanto os senadores substitutos aplaudiam sua entrada. — Leão e Leoa? Touro e vaca? Pavão e pavoá? Ou dois coelhinhos de laboratório esperando que derramem xampu em seus olhos?

— Depende de quem está vigiando quem, baby — Ryan estava segurando a mão da esposa, e juntos caminharam até o microfone.

— Senhoras e senhores, bem-vindos a Washington. — Ryan precisou fazer uma pausa para mais uma salva de aplausos. Essa era mais uma coisa que teria de aprender. As pessoas aplaudiam o presidente por qualquer bobagem que ele dissesse. Tão certo quanto seu banheiro tinha uma porta. Enfiou a mão no bolso e pegou algumas fichas retangulares, o meio sempre usado pelos presidentes para anotar os tópicos de seus discursos. As fichas tinham sido preparadas por Callie Weston, e a escrita à mão era grande o suficiente para ele dispensar seus óculos de leitura. Mesmo assim ele provavelmente viria a sentir dor de cabeça.

Ele sempre tinha uma depois de um dia em que tinha precisado ler muito.

— Nosso país tem necessidades, e elas não são pequenas. Vocês estão aqui pela mesma razão que eu. Foram nomeados como substitutos. A espera há trabalhos que muitos de vocês jamais esperaram, e que alguns talvez nem quisessem. — Isso era pura bajulação, mas do tipo que eles queriam ouvir; mais precisamente, do tipo que eles queriam que fossem vistos ouvindo diante das câmeras da C-SPAN nos cantos da sala. Talvez houvesse três pessoas ali que não eram políticos de carreira, e uma delas era um governador que fazia a dança do você-eu com seu vice-governador e assim viera a Washington cumprir o mandato de um senador de outro partido. Essa era uma bola de curva sobre a qual os jornais estavam começando a escrever. A polaridade do Senado mudaria como resultado da queda do 747, porque o controle de 32 das câmaras estaduais da América não estava em consonância com a formação do Congresso.

— Isso é bom — disse-lhes Ryan. — Há uma tradição longa e honrada de cidadãos a serviço de sua nação, uma tradição que remonta pelo menos até os tempos de Cincinato, o cidadão romano que mais de uma vez respondeu o chamado de sua nação para depois retornar à sua fazenda, família e trabalho.

Uma de nossas maiores cidades recebeu seu nome em honra desse cavalheiro — acrescentou Jack, assentindo para um novo senador de Ohio que morava em Dayton, perto de Cincinnati.

Os senhores não estariam aqui se não compreendessem quais são muitas dessas necessidades. Mas minha verdadeira mensagem para os senhores hoje é que precisamos trabalhar juntos. Nós e nosso país não temos tempo para rixas e brigas.— Ele teve de fazer outra pausa para os aplausos. Ainda que incomodado com o atraso, Ryan conseguiu olhar para cima com um sorriso de contentamento e balançou a cabeça.

Senadores, os senhores descobrirão em mim um homem fácil com quem trabalhar. Minha porta está sempre aberta, eu sei atender a um telefone, e minhas ruas têm mão dupla. Conversarei a respeito de qualquer assunto. Darei ouvidos a qualquer ponto de vista. Não há regras além da Constituição a qual jurei preservar, proteger e defender.

As pessoas lá de onde vocês vieram, lá de depois da Interestadual 495, esperam que todos nós façamos nossos trabalhos. Eles não esperam que sejamos reeleitos. Eles esperam que trabalhem para eles com o máximo de nossas habilidades. Nós trabalhamos para eles. Eles não trabalham para nós.

Temos um compromisso para com eles. Robert E. Lee disse certa vez que compromisso é a palavra mais sublime de nossa língua. É ainda mais sublime e importante agora, porque nenhum de nós foi eleito para os nossos cargos.

Representamos as pessoas de uma democracia, mas estamos aqui de uma forma que não deveria ter

acontecido. Quão maior, portanto, deve ser o nosso compromisso pessoal em cumprir nossos papéis da melhor maneira possível?

Mais aplausos.

— Não há confiança maior do que a que foi depositada em nós. Não somos nobres medievais abençoados por nascimento com alta posição e grande poder.

Somos os servos, não os mestres, daqueles cujo consentimento conferiu-nos o poder que possuímos. Seguimos os passos de gigantes. Henry Clay, Daniel Webster, John Calhoun e muitos outros congressistas que os senhores devem tomar como modelos. Como está a União? Dizem que Webster perguntou isso de sua sepultura. Vamos responder. A União está em nossas mãos. Lincoln chamou a América de a última e melhor esperança da Humanidade; nos últimos vinte anos a América vem confirmando esse julgamento de nosso 16°

presidente. A América ainda é um experimento, uma ideia coletiva, um conjunto de regras chamado Constituição à qual todos nós, dentro e fora dos limites de Washington, juramos fidelidade. O que nos torna especial é esse pequeno documento. Os Estados Unidos da América não são uma faixa de terra e pedra que separa dois oceanos. A América é uma ideia e um conjunto de regras que todos seguimos. É isso que nos torna diferentes. Nós nesta sala podemos garantir que o país que passaremos para nossos sucessores será o mesmo que nos foi confiado, talvez um pouco melhor. E agora... — Ryan virou-se para o juiz da Suprema Corte de Apelação dos Estados Unidos para o Quarto Circuito, o juiz de apelação mais velho da nação, vindo de Richmond — ... é hora de vocês se juntarem ao time.

O juiz William Staunton caminhou até o microfone. Cada esposa senatorial segurava uma Bíblia, e cada senador nomeado colocou a mão esquerda sobre ela enquanto levantava a outra.

— Eu... diga seu nome...

Enquanto Ryan observava, os novos senadores fizeram seus juramentos solenes. Pelo menos pareceu solene. Alguns dos novos legisladores beijaram as bíblias, por convicção religiosa pessoal ou porque estavam perto das câmeras.

Em seguida beijaram as esposas, e a maioria delas sorriu. Houve uma parada coletiva para respirar, e então todos olharam uns para os outros, e a equipe de empregados da Casa Branca entrou na sala com bebidas assim que as câmeras foram desligadas, porque era agora que o trabalho de verdade começaria. Ryan pegou uma garrafa de Perrier e entrou no meio da sala, sorrindo a despeito de sua fadiga e do incômodo causado por seus deveres políticos.

As fotos chegaram mais uma vez. A segurança no Aeroporto de Cartum aumentara, e desta vez espões americanos tinham batido fotos das pessoas descendo as escadas. Todos haviam ficado surpresos com o fato de a imprensa não ter estado presente. Uma fileira de carros oficiais — provavelmente a frota inteira dessa nação pobre — conduziu os visitantes para fora do aeroporto. No fim do processo, o 737 seguiu novamente para leste e os espões haviam voltado para a embaixada. Graças a uma informação oferecida pelo principal contato da estação no Ministério das Relações Exteriores do Sudão, dois outros espões estavam acampados diante da residência designada aos generais iraquianos. Depois que bateram fotos ali, esses agentes também voltaram para a embaixada. No quarto escuro da embaixada, as fotos tinham sido reveladas, ampliadas e transmitidas por fax via satélite. Em Langley, Bert Vasco identificou cada rosto, assistido por um par de agentes da CIA e alguns arquivos de fotos.

— É isso mesmo — pronunciou o oficial do Departamento de Estado. — Essa é a liderança militar inteira do Iraque. Mas no grupo não há nenhum civil do Partido Baath.

— Então sabemos quem são os cordeiros para o sacrifício. — Essa observação veio de Ed Foley.

— Sim — respondeu Mary, assentindo com a cabeça. — E isso confere aos oficiais remanescentes uma oportunidade de prendê-los, julgá-los e mostrar lealdade ao novo regime. Merda — concluiu. — Foi tudo rápido demais.

O chefe de estação em Riad estava todo vestido sem lugar nenhum para ir.

O mesmo podia ser dito de alguns diplomatas sauditas que tinham montado rapidamente um programa de incentivos fiscais para o novo regime iraquiano.

Isso agora seria desnecessário.

Ed Foley, o novo diretor da CIA nomeado, balançou a cabeça demonstrando admiração.

— Não achei que fossem capazes de fazer isso. Matar o nosso amigo, tudo bem, mas evacuar a liderança com tanta rapidez e eficiência, quem imaginaria?

— Tirou as palavras da minha boca, Sr. Foley — concordou Vasco. — Alguém deve ter agenciado o acordo... mas quem?

— Ponha suas abelhas-operárias para zumbir — disse Ed Foley aos seus assessores com um sorriso amargo. — Tudo que puderem descobrir, e rápido.

Parecia um tipo de ensopado tenebroso o sangue humano enegrecido e a massa marrom-avermelhada de rins de macaco, parados ali, marinhando em bandejas rasas de vidro sob a luz débil de lâmpadas envolvidas em filtros para os raios ultravioleta não prejudicarem os vírus. Não havia muito a fazer a essa altura além de monitorar as condições ambientais, e instrumentos análogos simples cuidavam disso. Moudi e o diretor entraram, usando suas roupas de proteção, para checar pessoalmente as câmaras de cultura seladas. Dois terços do sangue de Jean Baptiste estavam agora em congelamento profundo para o caso de alguma coisa sair errado com seu primeiro esforço em reproduzir o vírus Ebola Mayinga. Eles também checaram os sistemas de ventilação de estágios múltiplos da sala, porque agora o prédio era literalmente urna fábrica de morte. As precauções tinham sido duplicadas. Nesta sala lutava-se para conceder ao vírus um lugar saudável para se multiplicar, mas logo depois da porta os enfermeiros militares borrifavam cada milímetro quadrado para garantir que o vírus se multiplicasse apenas nas câmaras. Portanto, o vírus precisava também ser isolado e protegido do desinfetante. O ar injetado nas câmaras de cultura precisava ser filtrado cuidadosamente para que, em seu esforço em permanecer vivas, as pessoas no prédio não matassem aquilo que poderia matá-los caso cometessem algum tipo de erro.

— Então realmente acha que esta cepa pode ser transmitida pelo ar?

— Como você sabe, a cepa Ebola Zaire Mayinga recebeu esse nome em homenagem a uma freira que foi infectada a despeito de todas as medidas protetoras convencionais. A Paciente Dois... — decidira ser mais fácil não falar seu nome —...era uma enfermeira habilidosa com experiência com o Ebola. Ela não aplicou injeções e não sabia como havia contraído o vírus. Portanto, sim, acredito que a contaminação aérea seja possível.

— Isso seria muito útil, Moudi — sussurrou o diretor, tão baixo que o médico mais jovem teve dificuldade em ouvi-lo. Ainda assim, seria impossível não escutar. O pensamento, por si só, já era muito alto. O homem mais velho acrescentou: — Podemos testar isso.

Isso seria mais fácil para ele, pensou Moudi. Pelo menos ele não conhecia aquelas pessoas pelo nome. Ponderou se estava certo sobre o vírus. Seria possível que a Paciente Dois tivesse cometido um erro e depois esquecido? Mas ele examinara seu corpo à procura de perfurações, e a irmã Maria Magdalena também, e não era possível que ela tivesse lambido secreções do jovem Benedict Mkusa, era? Então o que significava isso? Que a cepa Mayinga sobrevivia no ar por um breve período de tempo, e que eles tinham em mãos uma arma potencial mais poderosa que qualquer uma inventada pelo homem, pior que armas nucleares, muito pior que armas químicas. Eles tinham uma arma que poderia se reproduzir e ser disseminada por suas próprias vítimas, uma em uma até que a epidemia acabasse por conta própria. Ela acabaria por conta própria. Isso acontecia com todas as epidemias. Ela acabaria por conta própria, não acabaria?

Não acabaria?

Moudi levantou a mão para coçar o queixo, um gesto contemplativo detido por sua máscara plástica.

Ele não sabia a resposta para essa pergunta. No Zaire e em outros países africanos afligidos por essa doença odiosa, todas as epidemias, por mais assustadoras que fossem, acabavam se extinguindo sozinhas — apesar das condições ambientais perfeitas para a proteção e sustentação dos vírus. Mas do outro lado dessa equação estava a natureza primitiva do Zaire, as péssimas estradas e a ausência de meios de transporte eficazes. As pessoas morriam antes de chegar muito longe. O Ebola dizimava aldeias, mas pouco mais que isso. Entretanto, ninguém sabia realmente o que aconteceria num país desenvolvido. Teoricamente, uma pessoa poderia infectar todos os passageiros de um avião, de um voo internacional para Kennedy, por exemplo. Os viajantes deixariam um avião e correriam para outros. Talvez eles fossem capazes de disseminar a doença através de tosses e espirros imediatamente, ou talvez não. Isso não importava, na verdade. Muitos deles voariam de novo em alguns dias, imaginando que estavam gripados, e então estariam capacitados a propagar o vírus e, portanto, a infectar mais pessoas.

O padrão de disseminação de uma epidemia era mais uma questão de tempo e oportunidade do que qualquer outra coisa. Quanto mais rapidamente ela se afastava do centro focal, e quanto mais rápido os instrumentos de sua viagem, mais longe a doença espalhava-se lateralmente através de uma população. Havia modelos matemáticos, mas eram absolutamente teóricos, dependentes de uma miríade de variáveis individuais, cada uma das quais podendo afetar a equação de ameaça inteira em pelo menos uma ordem de magnitude. Era correto afirmar que, com o tempo, a epidemia se extinguiria sozinha. A questão era quanto tempo. Isso determinaria o número de pessoas infectadas antes de as medidas de proteção surtirem efeito. Um por cento de invasão de uma sociedade, ou dez, cinquenta por cento? Os EUA não eram uma sociedade provinciana. Todo mundo interagia com todo mundo. Um vírus transmitido pelo ar com um período de incubação de três dias... Moudi não conhecia um precedente. A epidemia mais mortal de Ebola Zaire em tempos recentes, em Kikwit, ceifara menos de trezentas vidas, mas começara com um lenhador desafortunado, depois sua família, depois seus vizinhos. O truque, então, se você quisesse gerar uma epidemia mais ampla, seria aumentar o número de casos índice. Se isso fosse possível, o desabrochar inicial do Ebola Zaire Mayinga seria tão grande a ponto de invalidar as medidas de controle convencionais. Ele não se espalharia de um homem e uma família, mas de centenas de indivíduos e famílias... ou milhares? Em seguida, o próximo salto de geração poderia envolver centenas ou milhares de pessoas. A essa altura, os americanos perceberiam que alguma coisa ruim estava à solta, mas ainda haveria tempo para mais um salto de geração, e esse seria de uma ordem de magnitude ainda maior, talvez na casa dos milhões. E nesse momento as instalações médicas estariam sobrecarregadas...

... e não haveria como deter a doença. Ninguém sabia quais seriam as consequências possíveis de uma infecção em massa deliberada numa sociedade altamente móvel. As implicações podiam ser de escala global. Mas provavelmente não. Quase certamente não, julgou Moudi, baixando os olhos para as bandejas de vidro com a cultura viral por detrás de uma parede grossa de vidro, através do plástico de sua máscara. A primeira geração desta doença viera de um portador desconhecido e matara um menino. A segunda geração fizera apenas uma vítima, devido à sua própria competência como médico. A terceira geração cresceria diante de seus olhos. Impossível determinar o quanto ela se disseminaria, mas as gerações Quatro, Cinco, Seis e talvez até mesmo Sete determinariam o destino de um país inteiro — um país inimigo do seu.

Agora estava mais fácil. Jean Baptiste tivera um rosto, voz e vida que tocara a sua. Ele não podia cometer mais esse erro. Ela fora uma infiel, mas uma mulher correta, e estava agora com Alá, porque Alá era misericordioso.

Ele rezaria por sua alma, e decerto Alá escutaria suas preces. Poucos nos EUA ou em outra parte do mundo seriam tão virtuosos quanto aquela mulher, e ele sabia que os americanos odiavam seu país e condenavam sua fé religiosa. Eles tinham nomes e rostos, claro, mas Moudi não os vira e jamais os veria, e estavam todos a milhares de quilômetros de distância. Qualquer sentimento por eles era tão fácil de desligar quanto um televisor.

— Sim — concordou Moudi. — Será fácil testar o vírus.

— Entendam — disse George Winston a um grupo de três novos senadores —, se o governo federal fabricasse carros, uma picape Chevy custaria oitenta mil dólares e teria de parar a cada dez quarteirões para encher o tanque. Vocês entendem de negócios. Eu também. Podemos fazer melhor.

— O governo é realmente tão ineficaz? — perguntou o senador (alfabeticamente) sênior, de Connecticut.

— Posso mostrar-lhes as cifras de produtividade comparativa. Se Detroit procedesse da mesma forma, estaríamos todos dirigindo carros japoneses — replicou Winston, cutucando o peito do homem com o dedo e lembrando a si mesmo que precisava se livrar de seu Mercedes 500SEL, ou pelo menos mantê-lo na garagem por um tempo.

— E o mesmo que querer patrulhar o leste de Los Angeles com apenas um carro policial — estava dizendo Tony Bretano a outros cinco, dois deles da Califórnia. — Eu não disponho de forças para cobrir um grande conflito — explicou aos novatos e suas esposas. — E nós devemos... pelo menos no papel... cobrir dois conflitos ao mesmo tempo, mais uma missão de paz em algum outro lugar. Certo? O que preciso na Defesa é de uma chance para reconfigurar nossas forças de modo que os atiradores componham a parte mais importante, e que o restante do contingente confira-lhes apoio, não o contrário. Contadores e advogados são úteis, mas já temos muitos deles no Tesouro e na Justiça. Meu lado do governo é o lado policial, e não temos tiras suficientes nas ruas.

— Mas como pagaremos isso? — perguntou o senador do Colorado, o mais jovem deles. O senador mais velho do estado das montanhas Rochosas estava em uma campanha de levantamento de fundos.

— O Pentágono não é um cabide de empregos. Precisamos lembrar disso.

Semana que vem terei em mãos uma avaliação completa do que precisamos, e depois irei ao Capitólio, e juntos descobriremos como fazer isso acontecer ao custo mais baixo possível.

— Está vendo o que foi que eu disse? — perguntou calmamente Arnie van Damm, passando por trás de Ryan. — Deixe que façam seu trabalho. Tudo que você tem a fazer é permanecer com uma aparência satisfeita.

— O que o senhor disse estava correto, presidente — garantiu o novo senador de Ohio, bebericando um bourbon com água, agora que as câmeras estavam desligadas. — Sabe, quando eu estava na escola fiz uma pequena pesquisa sobre Cincinato, e...

— Bem, tudo que precisamos é lembrar de colocar o país em primeiro lugar — disse-lhe Jack.

— Como pretende conciliar seu trabalho com... Ainda está operando? — perguntou a esposa do senador de Wisconsin.

— E ensinando, o que é ainda mais importante — disse Cathy, meneando a cabeça e desejando ter ficado no quarto estudando os casos de seus pacientes.

Bem, ela poderia deixar para fazer isso no dia seguinte, durante o trajeto de helicóptero. — Jamais deixarei de fazer meu trabalho. Restituo a visão às pessoas cegas. De vez em quando eu mesma tiro os curativos, e a expressão em seus rostos é a melhor coisa no mundo. A melhor — repetiu.

— Melhor que eu, benzinho? — perguntou Jack, envolvendo o ombro da esposa com seu braço. Parecia estar funcionando, pensou. Seja encantador, Arnie e Callie tinham lhe dito.

O processo já começara. O coronel designado para proteger os mulas seguira-os até a mesquita, onde, comovido com o momento, orara com eles. No final da devoção, o mula mais velho falara com ele, calma e educadamente, comentando uma passagem predileta no Corão, de modo a estabelecer algum terreno comum. O momento despertou no coronel a lembrança de sua juventude com o pai, homem devoto e honrado. Era o procedimento usual dos sacerdotes ao lidar com pessoas, qualquer que fosse sua terra

ou cultura. Fazê-las falar, interpretar suas palavras, e escolher o caminho apropriado para prosseguir a conversa. O mula era membro do clero iraniano havia mais de quarenta anos, e vinha aconselhando pessoas sobre sua fé e problemas todo esse tempo; assim, não teve a menor dificuldade em estabelecer uma identificação com seu captor, que hipoteticamente deveria matar a ele e aos seus quatro colegas caso recebesse ordens. Mas, ao optar por um homem comprovadamente fiel, os generais fugitivos tinham escolhido com sabedoria demais, porque homens que demonstram fidelidade verdadeira são homens de princípios e, como tais, os mais vulneráveis a ideias melhores que aquelas às quais aderiram. Eles não seriam um obstáculo real. O Islã era uma religião com uma história longa e honrada, atributos que faltavam ao regime moribundo ao qual o coronel jurara defender: — Deve ter sido muito duro lutar nos pântanos — disse-lhe o mula alguns minutos depois, à medida que a conversa passou a abordar as relações entre os dois países islâmicos.

— A guerra é maligna. Nunca senti prazer em matar — admitiu o coronel.

A situação lembrava muito um católico no confessionário. De repente, os olhos do homem desmancharam-se em lágrimas e ele começou a relatar algumas das coisas que fizera. Podia perceber agora que, embora não lhe desse prazer, a matança empedernira seu coração até ele não poder mais distinguir o inocente do culpado, o justo do corrupto. Ele passara a fazer apenas o que lhe mandavam...porque lhe tinham mandado, não porque fosse a coisa certa.

Percebia isso agora.

— O homem cai muitas vezes, mas através das palavras do profeta sempre podemos encontrar nosso caminho de volta ao Deus misericordioso. Os homens esquecem seus deveres, mas Alá jamais esquece os seus. — O mula tocou o braço do oficial. — Acho que suas preces de hoje ainda não acabaram. Juntos rezaremos a Alá, e juntos encontraremos paz para a sua alma.

Depois disso tudo ficou muito fácil. Ao descobrir que os generais estavam deixando o país, o coronel teve dois bons motivos para cooperar. Ele não tinha vontade de morrer. Estava disposto a seguir a vontade de seu Deus para permanecer vivo e servi-lo. Para demonstrar sua devoção, reuniu duas companhias de soldados para se encontrarem com os mulas e ouvir novas ordens. Foi muito fácil para os soldados. Tido que tinham a fazer era seguir as ordens de seus oficiais. Fazer qualquer outra coisa era um pensamento que jamais lhes ocorria.

Ao nascer do sol em Bagdá as portas de muitos casarões foram arrombadas. Alguns ocupantes foram encontrados acordados. Outros estavam entorpecidos pelo álcool. Houve quem estivesse fazendo malas para partir e tentar encontrar um lugar para ir e uma forma de chegar lá. Todos estavam um pouco atrasados em sua compreensão do que acontecia ao seu redor, num lugar onde um único erro podia ser a diferença entre vida próspera e morte violenta.

Poucos resistiram, e o homem que chegou mais perto do sucesso foi praticamente cortado ao meio pela rajada de AK-47, juntamente com sua esposa. A maioria foi conduzida com os pés descalços de suas casas para caminhões, cabeças baixas, olhos na calçada. Sabiam perfeitamente qual seria o desfecho de seu drama.

Essas redes táticas de rádio não eram codificadas, e débeis sinais VHF

estavam sendo monitorados, desta vez por STORM TRACK, a estação mais próxima de Bagdá.

Nomes eram falados, mais de uma vez em todos os casos, conforme as equipes de escuta reportavam aos seus despachantes, que facilitavam a vida para as equipes ELINT próximas à fronteira na cidade militar Rei Khalid. Os oficiais de observação ligaram para seus superiores, e despachos de prioridade CRITICA foram emitidos via satélite.

Ryan acabara de conduzir o último dos novos senadores até a porta quando Andréa Price se aproximou.

— Meus sapatos estão me matando, e tenho uma operação marcada para... — Cathy parou de falar.

— Tráfego FLASH chegando, senhor.

— Iraque? — questionou Jack.

— Sim, presidente.

O presidente beijou a esposa.

— Voltarei daqui a pouco.

Cathy não teve escolha senão assentir e caminhar até o elevador, onde um dos serventes estava à espera para conduzir o primeiro-casal ao andar de cima.

As crianças já estavam na cama. Elas já tinham feito seu dever de casa, provavelmente em alguns casos com a ajuda de seus guarda-costas. Jack virou-se para a direita, desceu apressadamente as escadas, dobrou à direita novamente, virou à esquerda para sair do prédio e então retornou para o interior, entrando na Ala Leste na Sala de Situação.

— Conte tudo — comandou o presidente.

— Começou — disse o rosto de Ed Foley na parede de monitores. E tudo que eles podiam fazer era sentar e assistir.

A televisão nacional do Iraque saudou um novo dia e uma nova realidade.

Isto ficou claro quando os comentaristas fizeram sua apresentação diária com uma invocação do nome de Alá, não pela primeira vez, mas com um grau de fervor inédito.

— Vinde a mim a velha religião, que ela é muito boa... agora — observou o primeiro-sargento em PALM BOWL. A base estava captando a transmissão por uma repetidora em Bassorá. Ele se virou e gesticulou para o homem ao seu lado. — Concorda, major Sabah? — Sim, sargento — replicou o oficial kuwaitiano com um aceno de cabeça. Ele não duvidara que isso aconteceria. Seus superiores, contudo, haviam expressado reservas. Sempre faziam isso, porque não estavam tão próximos ao pulso do inimigo quanto ele, sempre pensando em termos políticos em vez de ideais. Consultou seu relógio. Eles teriam de estar de volta aos seus escritórios duas horas depois do término de sua rotina matutina normal. A pressa não levaria a lugar algum. A represa tinha rompido, e a água estava vazando. A hora de interromper o fluxo passara, considerando que essa chance existira algum dia.

O exército iraquiano havia assumido o controle do país, disseram os comentaristas de TV. Isso foi anunciado como se a situação fosse especial. Um conselho de justiça revolucionária fora formado. Os culpados por crimes contra o povo (um bom termo genérico que significava muito pouco mas era entendido por todos) estavam sendo presos e enfrentariam o julgamento de seus compatriotas. A nação precisava de calma acima de tudo, disse-lhes a TV. Hoje seria feriado nacional. Apenas as pessoas no serviço público essencial deviam trabalhar. Para o resto dos cidadãos do país, era aconselhado considerar este um dia de oração e reconciliação. Para o restante do mundo, o novo regime prometia a paz. O resto do mundo teria o dia inteiro para pensar nisso.

Daryaei já tinha pensado muito nisso. Ele conseguira tirar três horas de sono antes de acordar para suas preces matutinas. À medida que envelhecia, precisava cada vez menos de sono. Talvez o corpo entendesse que, restando-lhe pouco tempo, não havia mais espaço para descanso, embora houvesse para sonhos, e, nas primeiras horas daquele dia, ele sonhara com leões. Leões mortos. O leão também tinha sido um símbolo do regime do xá, e Badrayn tinha toda razão. Leões podiam ser mortos. Os leões de verdade já tinham sido nativos do Irã — Pérsia, no mundo antigo — e haviam sido caçados até a extinção nos tempos clássicos. Os leões simbólicos, a dinastia Pahlavi, fora erradicada de forma semelhante com uma combinação de paciência e brutalidade. Ele desempenhara um papel nisso. Nem sempre fora uma coisa bonita de ver. Ele ordenara e supervisionara uma atrocidade, a detonação por explosivo de um teatro repleto de pessoas mais interessadas na decadência ocidental do que em sua fé islâmica. Centenas

tinham morrido horrivelmente, mas... isso fora necessário, uma parte essencial na campanha para recolocar seu país e seu povo na trilha da Fé Verdadeira. Embora lamentasse as consequências desse incidente, e ainda orasse pelas vidas das pessoas mortas, não sentia remorsos.

Ele fora um instrumento da fé, e o Corão Sagrado falava sobre a necessidade da guerra, a Guerra Santa, na defesa da Fé.

Outra dádiva da Pérsia (segundo alguns, da Índia) ao mundo fora o jogo de xadrez, que ele aprendera na infância. A própria palavra para o final do jogo, xeque-mate, viera do persa shah mat — o rei está morto — feito que Daryaei ajudara a realizar na vida real, e embora tivesse parado de jogar havia muito tempo, lembrava de ter sido um bom jogador, sempre com não apenas um movimento, mas quatro, até mesmo mais, planejados com antecedência. Um problema com o xadrez, assim como com a vida, era que o movimento seguinte ocasionalmente podia ser previsto, especialmente quando o oponente era habilidoso. Mas quem joga com os movimentos planejados com antecedência impede que o oponente perceba o que acontecerá em seguida; no fim, o oponente pode ver com clareza, mas tendo sido encurralado e destituído de suas peças, poder e opções, não tem escolha senão desistir do jogo. Assim fora com o Iraque. O oponente — na verdade, muitos deles — desistira e fugira, e Daryaei ficara satisfeito em permitir. Era ainda mais delicioso quando o oponente não podia fugir, mas o objetivo era vencer o jogo, e não obter satisfação, e vencer significava pensar mais longe e mais rápido do que o outro jogador, de modo que o movimento seguinte fosse de fato uma surpresa, deixando o oponente tenso e confuso, forçado a meditar antes de reagir. E numa partida de xadrez, assim como na vida, o tempo era limitado. Tudo era uma questão de mente, não de corpo.

Assim era com os leões. Mesmo alguém tão poderoso podia ser derrotado por criaturas menores se o tempo e o ambiente fossem adequados, e essa era a lição e a tarefa do dia. Tendo terminado suas preces, Daryaei chamou Badrayn.

O homem mais jovem era um tático e coletor de informações habilidoso. Ele precisava da orientação de um mestre em estratégia, mas devidamente orientado ele seria muitíssimo útil.

Depois de um debate de uma hora com os principais especialistas de seu país, ficou decidido que o presidente não podia fazer absolutamente nada. O movimento seguinte era apenas esperar e ver o que acontecia. Qualquer cidadão podia fazer isso, mas os maiores peritos da América podiam esperar e observar um pouco melhor do que os outros, ou pelo menos era isso que diziam a si próprios. Tudo seria feito para o presidente, obviamente, de modo que Ryan pôde sair da Sala de Situação, subir as escadas e, do lado de fora, ver uma chuva fria caindo no Jardim Sul. O novo dia prometia ser tempestuoso, com março chegando, tipicamente, como um leão, para depois ser substituído por uma ovelha. Ou pelo menos assim dizia o aforismo. No momento o clima parecia apenas melancólico, ainda que a chuva estivesse fornecendo nutrientes ao solo que se recuperava de um inverno frio e amargo.

— Isso vai limpar o que resta da neve — comentou Andréa Price, surpresa consigo mesma por estar falando trivialidades com seu protegido.

Ryan virou-se e sorriu. — Está trabalhando mais do que eu, agente Price, e você é...

— Uma garota? — perguntou, com um sorriso fatigado.

— Meu chauvinismo deve estar aparecendo. Peço seu perdão. Acho que estou com vontade de acender um cigarro. Há alguns anos Cathy me fez parar de fumar. Ela fez isso mais de uma vez — reconheceu Jack com bom humor. — Pode ser difícil ser casado com uma médica.

— Pode ser difícil ser casado. — Price era casada com seu trabalho, com dois relacionamentos fracassados para provar isso. Seu problema, se era possível chamá-lo assim, era possuir a mesma devoção ao dever que, supostamente, era prerrogativa dos homens. Era um fato muito simples, mas que dois homens — um advogado e um publicitário — não tinham conseguido entender.

— Por que você faz isso, Andréa? — perguntou Ryan.

A agente especial Price também não sabia. O presidente necessariamente era uma figura paternal para ela. Era o homem que devia ter as respostas, não ela. Seu pai sempre tivera as respostas certas, ou pelo menos assim parecera em sua juventude. Então ela crescera, terminara sua educação, alistara-se no Serviço, subira rapidamente dentro da organização e, no processo, perdera o controle de sua vida. Agora estava no pináculo da profissão, juntamente com o pai da nação, apenas para aprender que a vida não concedia às pessoas o que elas queriam e precisavam saber. O trabalho de Andréa era muito difícil. O dele era infinitamente pior, e talvez fosse melhor para o presidente ser alguma coisa além do que o cavalheiro decente e honrado que John Patrick Ryan era. Talvez um calhorda tivesse mais condições de sobreviver aqui...

— Nenhuma resposta? — perguntou Ryan, sorrindo na chuva. — Pensei que você ia dizer que alguém precisava fazer isso. Deus do céu, acabei de tentar seduzir trinta novos senadores. Ouviu? Tentei seduzi-los — repetiu Jack. — Como se fossem garotas ou algo assim, e como se eu fosse o tipo de sujeito que... e eu não tenho a menor ideia do que fazer! — Ryan calou-se abruptamente e, surpreso tom o que acabara de dizer, balançou a cabeça. — Perdão, me desculpe.

— Tudo bem, presidente. Já ouvi essas palavras antes, mesmo de outros presidentes.

— Com quem você conversa? — perguntou Jack. — Já tive o hábito de conversar com meu pai, meu padre, com James Greer quando trabalhava para ele, ou com Roger. Até algumas semanas atrás. Agora todo mundo pergunta tudo a mim. Sabe, eles me disseram em Quântico, na Escola Básica de Oficiais, que o comando pode ser uma posição solitária. Não estavam brincando.

— O senhor tem uma esposa maravilhosa, senhor — comentou Price, invejando ambos por isso.

— Sempre deve haver alguém mais esperto que você. A pessoa a quem você recorre quando não tem certeza. Agora as pessoas recorrem a mim. Não sou tão esperto assim. — Ryan fez uma pausa, somente então entendendo o que Price lhe dissera. — Você tem razão, mas ela está muito ocupada, e não gosto de sobrecarregá-la com meus problemas.

Price decidiu rir.

— O senhor é mesmo chauvinista, Patrão.

Isso fez Ryan girar abruptamente a cabeça.

— Como disse, Srta. Price? — perguntou Ryan num tom de voz que pareceu irritado até ser seguido por uma risada presidencial. — Por favor, não diga à imprensa que falei isso!

— Senhor, eu não digo aos repórteres nem onde fica o banheiro. O presidente bocejou.

— Como vai ser amanhã?

— Bem, o senhor passará o dia inteiro no escritório. Imagino que essa questão do Iraque irá arruinar sua manhã. Sairei pela manhã e retornarei à tarde.

Farei uma ronda para checar as providências de segurança para todas as crianças. Temos uma reunião marcada para decidir se há alguma forma de levarmos e trazermos a CIRURGIÃ sem o helicóptero...

— Isso é engraçado, não é? — observou Ryan.

— O sistema não foi preparado para uma FLOTUS com um trabalho de verdade.

— Trabalho de verdade o cacete! Ela ganha mais do que eu. E isso há dez anos, descontando a época em que voltei ao mercado de ações. Os jornais não comentaram isso. Ela é uma grande médica.

As palavras do presidente estavam desconexas, percebeu Price. Ele estava cansado demais para pensar direito. Bem, acontecia também com os presidentes. Era por causa disso que ela estava por perto.

— Roy disse que seus pacientes a amam. De qualquer modo, terei de fazer preparativos para todos os seus filhos. É rotina, senhor. Sou responsável por todos os preparativos para a sua família. O agente Raman ficará ao seu lado durante a maior parte do dia. Nós o estamos promovendo. Ele tem tido um excelente desempenho — reportou a agente especial.

— Aquele que pegou a jaqueta de bombeiro para me disfarçar na primeira noite? — perguntou Jack.

— O senhor entendeu? — perguntou Price em resposta. O presidente virou-se para entrar na Casa

Branca propriamente dita. Sua expressão denotava exaustão, mas ainda assim seus olhos azuis piscaram para sua agente principal.

— Não sou tão idiota, Andréa.

Não, decidiu Price. Não seria melhor ter um calhorda como presidente.

Relacionamentos

Patrick O’Day era um viúvo cuja vida, depois de um casamento na idade madura, havia mudado de forma cruel e repentina. Sua esposa, Deborah, tinha sido sua colega. Como agente da Divisão Laboratorial, especialista em investigação forense, Deborah costumava viajar com frequência para fazer trabalhos de campo, até a tarde em que pegou um voo para Colorado Springs e seu avião caiu por motivos ainda indeterminados. Aquela foi sua primeira missão depois de retornar da licença de maternidade, e Deborah deixou para trás uma filha de 14 meses, Megan.

Megan tinha agora dois anos e meio e o inspetor O’Day ainda tentava decidir como deveria apresentar Megan à mãe. Ele possuía gravações em vídeo e fotografias, mas se apontasse para pedaços de papel marcado a tinta ou para uma tela de fósforo, e dissesse à filha essa é a mamãe, isso poderia passar à menina a noção de que toda a vida era artificial? Que efeito isso resultaria em seu desenvolvimento? Essa era uma das questões na vida de um homem que, supostamente, deveria ter respostas. A paternidade solitária à qual fora forçado fizera dele um pai ainda mais devotado, e isso apesar de uma carreira profissional na qual acompanhara nada menos de seis sequestros até suas conclusões. Com 1,90m de altura, noventa quilos rijos, sacrificara seu bigode de Zapata apenas devido às exigências do QG. Apesar de sua aparência de macho, sua atenção à filha fazia os colegas soltarem risadinhas. A menina tinha cabelos louros e longos, e todas as manhãs ele os escovava até ficarem macios como seda, depois de vesti-la em roupas de bebê coloridas e ajudá-la a colocar seus pequenos tênis. Para Megan, papai era um grande urso protetor que eclipsava o céu azul e a tirava do solo como um foguete para que pudesse envolver-lhe o pescoço com os bracinhos.

— Calma! — disse papai. — Você abraça forte demais!

— Fiz dodói? — perguntou Megan, fingindo alarme. Isso fazia parte da rotina matinal dos dois. Um sorriso paternal.

— Não, desta vez não.

Dito isso, saiu da casa e abriu a porta de sua caminhonete enlameada.

Amarrou cuidadosamente o cinto de segurança da menina e colocou sua merendeira e seu cobertor entre os dois. Eram seis e meia, e estavam fazendo seu trajeto até a creche. O’Day não podia dar a partida na caminhonete sem olhar para Megan e ver a imagem da mãe, uma percepção diária que sempre o fazia morder os lábios, fechar os olhos e balançar a cabeça, perguntando-se por que o 737 investira direto contra o solo com a mulher com quem estava casado havia dezesseis meses no assento 18-F.

A creche nova era mais adequada ao seu trajeto para o trabalho, e os vizinhos do lado adoravam deixar seus gêmeos nela. Dobrou à direita na Ritchie Highway, e lembrou que o lugar ficava em frente a uma 7-Eleven.

Decidiu passar nela e comprar uma xícara de café para tomar no trevo da US 5.

Creche Giant Steps, bonito nome.

Tremenda forma de ganhar dinheiro, pensou Pat, estacionando sua caminhonete. Como de hábito, Marlene Daggett estava lá às seis, atendendo aos filhos dos burocratas que rumavam para a capital todas as manhãs. Ela veio receber pai e filha, que estavam chegando à creche pela primeira vez.

— Sr. O’Day! E essa é a Megan! — proclamou a professora com um entusiasmo quase inacreditável

para aquela hora da manhã. Megan estava hesitante, e olhou para o pai. Em seguida, baixou os olhos para deparar com uma coisa especial. — O nome dela também é Megan. Ela é o seu ursinho, e acordou bem cedo para esperá-la.

— Oh — disse a menininha. Pegou a criatura de pelúcia marrom e a abraçou com etiqueta identificadora e tudo. — Oi.

A Sra. Daggett olhou para o agente do FBI com uma expressão que dizia sempre dá certo.

— Trouxe o cobertor dela?

— Está aqui, moça — disse O'Day, entregando também os formulários que preencheria na noite anterior. Megan não tinha problemas médicos, nenhum tipo de reação alérgica a remédios, leite ou alimentos; sim, em caso de emergência real vocês podem levá-la ao hospital mais próximo; e estes são os números do meu telefone comercial, meu pager, os números de meus pais. O'Day incluiu também o número do telefone dos pais de Deborah, que eram avós excelentes.

A Giant Steps era muito bem organizada. O'Day não sabia o quanto, porque a Sra. Daggett não podia falar que sua identidade estava sendo verificada pelo Serviço Secreto.

— Bem, Srta. Megan, acho melhor brincarmos e fazermos alguns novos amigos. — Ela olhou para cima. — Tomaremos conta dela direitinho.

O'Day voltou para sua caminhonete com a pontada de angústia usual que sentia ao deixar a filha — em qualquer lugar, tempo ou espaço —, e seguiu a rua até a 7-Eleven para comprar seu cafezinho. Ele tinha uma reunião marcada para as nove da manhã sobre procedimentos adicionais na investigação da queda do avião — estavam agora cruzando as informações que tinham apurado —, o que seria seguido por um dia de lixo administrativo que ao menos não o impediria de pegar sua filhinha na hora certa. Quarenta minutos depois, parou no quartel-general do FBI na rua 10 com a Pennsylvania. Seu posto como inspetor valia-lhe uma vaga de estacionamento reservada. De lá, caminhou até a galeria de tiro.

Atirador fenomenal desde o treinamento básico, Pat O'Day trabalhara como instrutor de armas de fogo em vários escritórios do FBI, supervisionando o treinamento com armas de outros agentes — o que sempre era uma parte importante da vida de um tira.

A galeria estava cheia demais para aquela hora do dia — ele chegou às 7:25

— e o inspetor selecionou duas caixas de balas 10mm com ponta oca para sua automática Smith & Wesson 1076 — uma pistola grande, de aço inoxidável —, juntamente com um par de alvos Q e um par de protetores de ouvido. O alvo era um painel simples de cartolina branca com um desenho das partes vitais do corpo humano. O alvo possuía aproximadamente a configuração de um latão de leite de fazendeiro, com a letra Q no centro, mais ou menos onde o coração deveria ficar. Ele prendeu o alvo no pregador móvel do cabo, ajustou a distância para nove metros e apertou o botão de movimento. O equipamento de alcance de tiro era programável. Ao chegar ao seu destino, o alvo se moveu para o lado e ficou praticamente invisível. Sem olhar, O'Day programou um ajuste aleatório no timer e continuou a olhar para o fundo da galeria, as mãos paradas à altura dos quadris. Agora seus pensamentos mudaram. Havia um Bandido lá embaixo. Um Bandido da pesada. Um criminoso em fuga, agora encurralado. Um Bandido que dissera aos negociadores que jamais veria o sol quadrado de novo, e que eles jamais o pegariam vivo. Em sua longa carreira, o inspetor O'Day ouvira isso muitas vezes, e sempre dera aos criminosos a oportunidade de cumprir a palavra, mas eles sempre tinham se abaixado, deixado cair a arma, molhado as calças ou mesmo irrompido em lágrimas ao se verem diante de um perigo real. Mas não desta vez. Este Bandido era perigoso.

Tinha um refém. Uma criança, talvez. Talvez sua própria pequena Megan. O pensamento fê-lo estreitar os olhos. Uma arma na cabecinha dela. No cinema, o Bandido mandaria você largar sua arma, mas se fizesse isso, tudo que iria conseguir seria um tira morto e um refém morto. Assim, você fala com o Bandido. Procura soar calmo, razoável, conciliador, e aguarda até que ele relaxe, só um pouquinho, só o bastante para afastar a arma da cabeça do refém. Isso poderia levar horas, porém, cedo ou tarde...

... o timer engatilhou, e o cartão-alvo voltou sua face para o agente. A mão direita de O'Day moveu-se num borrão, tirando a pistola do coldre.

Simultaneamente, recuou o pé direito, girou o corpo, agachou-se e juntou a mão esquerda com a direita nobre a arma durante a metade do movimento para cima.

Seus olhos localizaram as marcações de tiro no fundo de sua visão periférica e, no momento que estavam todos alinhados com a cabeça do alvo Q, premiu duas vezes o gatilho, disparando tão rápido que ambos os cartuchos ejetáveis ficaram no ar ao mesmo tempo. Isso se chamava double-tap, e O'Day praticara durante tantos anos que os sons dos disparos quase se mesclaram no ar. O eco dos dois tiros estava retornando da parede de aço quando as cápsulas vazias quicaram no assoalho de concreto, mas a essa altura havia dois buracos na cabeça do alvo, separados por menos de uma polegada de distância, entre e imediatamente acima do local onde ficariam os olhos. O alvo girou para o lado menos de um segundo depois de ter virado, simulando perfeitamente a queda do Bandido no chão.

Isso.

— Acho que você o pegou, Tex.

O'Day virou-se, despertado de sua fantasia por uma voz familiar.

— Bom dia, diretor.

— Oi, Pat — disse Murray com um bocejo, um par de protetores de ouvido pendendo de sua mão esquerda. — Você é um bocado rápido. Situação de refém?

— Procuo treinar para a pior situação possível.

— Sua filhinha — disse Murray, assentando. Todos eles faziam isso, porque o refém precisava ser importante na mente do agente. — Bem, você o pegou.

Mostre-me de novo — ordenou o diretor. Queria observar a técnica de O'Day.

Sempre havia alguma coisa para aprender. Depois da segunda simulação, havia um buraco na frente do alvo hipotético. Murray, que se considerava também um atirador habilidoso, ficou espantado. — Preciso praticar mais.

O'Day relaxou um pouco sua rotina. Um atirador que obtivesse sucesso em seu primeiro disparo do dia — e ele acertara no alvo todas as quatro vezes — podia se considerar em forma. Dois minutos e vinte tiros mais tarde, a cabeça do alvo era uma meia-lua. Murray, na pista ao lado, estava ocupado com sua técnica padrão de Jeff Cooper, dois tiros rápidos no peito, seguidos por um mais lento mirado na cabeça. Quando ambos estavam satisfeitos e seus alvos mortos, chegou a hora de contemplar o dia.

— Novidades? — perguntou o diretor.

— Não, senhor. Fizemos mais algumas entrevistas de confirmação do caso da JAL, mas não descobrimos nada importante.

— E quanto a Kealty?

O'Day encolheu os ombros. Não tinha permissão para interferir na investigação da OPR, mas recebia resumos diários. Um caso dessa magnitude precisava ser reportado a alguém, e embora a supervisão do caso estivesse inteiramente sob a competência da OPR, as informações apuradas também seguiam para o escritório do diretor, filtradas através de seu inspetor itinerante.

— Dan, tanta gente entrou e saiu do escritório do secretário Hanson que qualquer um poderia ter roubado a carta, considerando que havia uma. Nosso pessoal acredita que provavelmente havia. Pelo menos Hanson conversou com várias pessoas a respeito dela... ou pelo menos foi isso que essas pessoas nos disseram.

— Acho que essa história toda não vai dar em nada.

— Bom dia, presidente.

Outro dia de rotina. As crianças estavam fora. Cathy estava fora. Ryan emergiu de seus aposentos de terno e gravata — o casaco estava abotoado, o que era muito incomum para ele, ou assim fora até se

mudar para cá —, e seus sapatos tinham sido engraxados. Só que Jack ainda não conseguia pensar neste lugar como sua casa. Mais parecia um hotel, ou as acomodações VIP que ele costumava ocupar quando viajava a serviço da agência. Contudo, o lugar era mais luxuoso e o serviço, impecável.

— Você é Raman? — perguntou o presidente.

— Sim, senhor — replicou o agente especial Aref Raman.

Ele tinha 1,90 e um físico musculoso, mais próprio de um halterofilista que de um corredor, pensou Jack, embora esse efeito pudesse ser causado pela armadura corporal usada pelos membros da segurança presidencial. Ryan avaliou sua idade como meados da casa dos trinta. Boa aparência mediterrânea, um sorriso tímido e olhos tão azuis quanto os da CIRURGIÃ.

— ESPADACHIM em movimento — disse Raman em seu microfone. — Para o escritório.

— Raman... qual é a origem desse nome? — perguntou Jack no caminho para o elevador.

— Mãe libanesa, pai iraniano, vindos para cá em 79, quando o xá teve seus problemas. Papai pertencia ao regime.

— E então, o que acha da situação do Iraque? — perguntou o presidente.

— Senhor, nem sei mais falar a língua deles. — O agente sorriu. — Mas se o senhor quiser saber sobre quem jogará na final do campeonato de basquete universitário, ou o homem certo.

— Kentucky — disse Ryan com determinação. O elevador da Casa Branca era antigo, com o interior em estilo pré-Ar Deco, com botões negros desgastados que o presidente não tinha permissão para apertar. Raman fez isso por ele.

— Oregon vai para a final. Nunca erro, senhor. Venci as últimas quatro apostas que fiz com os colegas. Ninguém aposta mais comigo. A final será entre Oregon e Duke, minha universidade. Oregon ganhará por seis ou oito pontos. Bem, talvez menos, se Maceo Rawling estiver numa noite boa — acrescentou Raman.

— O que você estudou em Duke?

— Fiz o curso preparatório em direito, mas decidi que não queria ser advogado. Na verdade, decidi que os criminosos não deveriam ter qualquer tipo de direito, e assim decidi que seria melhor ser tira e me alistei no Serviço.

— Casado? — Ryan gostava de conhecer as pessoas ao seu redor. Num nível, era penas uma questão de boas maneiras. Em outro, essas pessoas tinham jurado defender sua vida, e ele não podia tratá-los como empregados.

— Não encontrei a garota certa... pelo menos ainda não.

— Muçulmano?

— Meus pais eram, mas depois que vi todo o problema que a religião lhes causou... — Fez uma careta. — Bem, se o senhor perguntar por aí, dirão que minha religião é o basquetebol. Jamais perco um jogo de Duke na TV. É uma pena que Oregon esteja tão bem este ano. Mas não há nada que se possa fazer contra isso.

A verdade naquela declaração fez o presidente soltar uma risadinha.

— Disse que Aref é o seu primeiro nome?

— Na verdade me chamam Jeff. É mais fácil de pronunciar — explicou Raman quando a porta se abriu. O agente se posicionou no centro das portas, bloqueando uma linha direta de visão para POTUS. Um membro da Divisão Uniformizada estava lá, juntamente com mais dois membros da segurança presidencial, todos conhecidos de vista por Raman. Protegendo Ryan pelos quatro cantos, o grupo virou para oeste, passando pelo corredor lateral que conduzia à pista de boliche e às oficinas de carpintaria.

— Certo, Jeff, temos um dia fácil pela frente — disse Ryan sem necessidade.

O Serviço Secreto era informado de sua agenda diária antes dele.

— Fácil para nós, talvez.

Estavam à sua espera no Salão Oval. Os Foley, Bert Vasco, Scott Adler e uma outra pessoa estavam

de pé quando o presidente entrou. Eles já tinham sido revistados em busca de armas e materiais nucleares.

— Ben! — disse Jack. Ele parou para colocar seus documentos matinais na mesa e se juntou aos convidados.

— Presidente — replicou com um sorriso o Dr. Ben Goodley.

Como nem todos os visitantes matutinos integravam o círculo interno, Raman permaneceria na sala, atento para a possibilidade de algum deles saltar sobre a mesinha de centro e tentar estrangular o presidente. Uma pessoa não precisava de uma arma de fogo para ser letal. Algumas semanas de estudo e prática transformariam qualquer pessoa de físico razoável num praticante de artes marciais suficientemente bom para matar uma vítima desavisada. Por esse motivo, os membros da segurança presidencial carregavam não apenas pistolas, mas também cassetetes policiais feitos de segmentos telescópicos de aço.

Raman observou esse Goodley — um agente do serviço nacional de informações — entregar as folhas de instrução. Como muitos membros do Serviço Secreto, ele ouviria praticamente tudo. A etiqueta SOMENTE PARA OS OLHOS DO PRESIDENTE num envelope particularmente sensível não significava isso de fato. Sempre havia mais alguém na sala, e embora os membros da segurança presidencial alegassem entre si que não prestavam atenção a essas coisas, o que eles realmente queriam dizer é que não falavam muito a respeito delas. Não ouvir e não lembrar era outra história. Policiais não são treinados ou pagos para esquecer coisas, quanto mais para ignorá-las.

Nesse sentido, pensou Raman, ele era o espião perfeito. Treinado pelos Estados Unidos da América para ser um agente de campo, tivera um desempenho brilhante, principalmente em casos de falsificação. Era um atirador excepcional e sabia organizar muito bem seus pensamentos — característica revelada em seus tempos de faculdade; ele se formara na Duke com mérito, sem nada menos do que um grau A em sua tese final. Além disso, na universidade destacara-se em artes marciais. Era útil para um investigador ter boa memória, e ele tinha. Fotográfica, na verdade, talento que atraía a atenção da liderança da segurança presidencial logo no princípio, porque os agentes que protegem o chefe de Estado precisam ser capazes de reconhecer um determinado rosto instantaneamente, a partir das centenas de fotografias que eles carregavam quando o Patrão iria se misturar ao povo. Durante a administração Fowler, como agente júnior emprestado à segurança presidencial para cobrir um jantar de levantamento de fundos, Raman identificara e detivera um homem suspeito de perseguir o presidente. Quando o homem foi revistado, descobriram que ele estava com uma 22 automática no bolso. Raman empurrara o homem da multidão tão discreta e habilidosamente que a acolhida do indivíduo pelo sistema de saúde mental do Missouri jamais chegou aos jornais, o que era exatamente o propósito da segurança presidencial. O jovem agente nasceu para a segurança presidencial, disse o então diretor do Serviço Secreto dos Estados Unidos quando Raman foi transferido para esse setor depois da ascensão de Roger Durling à presidência. Como membro júnior da segurança presidencial, passara horas tediosas em serviço, correndo junto com a limusine presidencial, subindo de posto rapidamente para um jovem. Trabalhara tanto porque, como imigrante, conhecia a importância dos EUA, e assim como seus ancestrais tinham servido a Dario o Grande como um dos Imortais, ele se dedicou com a mesma determinação ao seu novo país. Era fácil, na verdade muito mais fácil do que a tarefa que seu irmão — étnico, não biológico — desempenhara em Bagdá pouco tempo antes. Os americanos, apesar do que diziam as pesquisas de opinião, acolhiam imigrantes calorosamente em seus corações grandes e bobos.

Eles sabiam muita coisa e estavam sempre aprendendo, mas algo que ainda tinham de aprender era que ninguém pode enxergar o interior de outro coração humano.

— Não temos recursos que possamos empregar no solo — estava dizendo Mary Pat — No entanto, estamos fazendo interceptações excelentes — prosseguiu Goodley. — A NSA apurou que a liderança inteira do partido Baath está na prisão, e não acredito que eles sairão de lá, pelo menos com os próprios

pés.

— Então o Iraque está completamente decapitado?

— Estão liderados por um conselho militar e por generais júnior. Os noticiários da TV — mostraram-nos com um mula iraniano. Isso não foi acidente — disse Bert Vasco com segurança. — O mínimo que podemos concluir é que está havendo um diálogo com ele. No mínimo, os dois países se aglutinarão.

Saberemos disso em alguns dias... duas semanas, no máximo.

— E os sauditas? — perguntou Ryan.

— Com o coração na mão, Jack — replicou Ed Foley prontamente. — Conversei com o príncipe Ali há menos de uma hora. Eles se cotizaram para arrecadar uma quantia que pagaria a nossa dívida externa. A intenção era comprar o novo regime. Fizeram isso do dia para a noite, e agora estão tentando entrar em contato com o Iraque, mas ninguém está atendendo o telefone. Isso os está deixando tremer de medo em Riad. O Iraque sempre esteve disposto a falar de negócios. Agora não.

E foi isso que amedrontou realmente todos os estados da península Arábica, refletiu Raman. O Ocidente não compreendia bem o fato de que os árabes eram homens de negócios. Não ideólogos, fanáticos, ou lunáticos, mas homens de negócios. Eles possuíam uma mistura de comércio marítimo que explorara o Islã, fato lembrado nos EUA apenas nas viagens das aventuras mitológicas do marinheiro Simbad. Nesse sentido pareciam — muito com os americanos, apesar da diferença em linguagem, vestuário e religião, e comumente como os americanos, tinham problemas em entender pessoas que não estavam dispostas a fazer negócios, a alcançar alguma forma de acordo. O Irã tinha sido um país assim até o final do reinado do xá, quando o aiatolá Khomeini transformara a nação em uma teocracia. Eles não são como nós era a preocupação básica de qualquer cultura. Eles não foram como nós era um pensamento muito assustador, principalmente para os Estados Golfo que, apesar das diferenças políticas, sempre contaram com o dinheiro m abrir canais de comunicação.

— Teerã? — foi a pergunta seguinte de Jack. Ben Goodley a respondeu.

— Os telejornais oficiais estão saudando os acontecimentos com as ofertas usuais de paz e amizade renovada, mas nada além disso — disse Goodley. — Oficialmente, é o que temos. Oficiosamente, estamos interceptando todos os tipos de comunicações. Pessoas em Bagdá pedem instruções, e pessoas em Teerã oferecem-nas. Por enquanto estão dizendo para deixar a situação se desenvolver sem empecilhos. O próximo passo será iniciar as cortes revolucionárias. Temos visto muitos sacerdotes islâmicos na TV, pregando amor e liberdade e todas essas coisas bonitas. Quando os julgamentos começarem e as pessoas estiverem sendo empurradas para o paredão, haverá um vácuo absoluto.

— Então o Irã assumirá o governo, ou provavelmente conduzirá o Iraque como uma marionete — disse Vasco, folheando as últimas comunicações interceptadas. — Goodley pode estar certo. Estou lendo este material da SIGINT

pela primeira vez. Perdoe-me, presidente, mas estive concentrado no lado político. Este material é mais revelador do que eu esperava.

— Está dizendo que significa mais do que entendi? — perguntou o agente do serviço nacional de informações.

Vasco assentiu sem olhar para cima.

— Acho que sim. Isso não é bom — opinou sombriamente o oficial. — Ainda hoje, os sauditas irão nos pedir para dar-lhes a mão — disse o secretário Adler — Que dirá a eles?

A resposta de Ryan foi tão automática que surpreendeu até mesmo a ele. — Nosso compromisso com o Reino permanece o mesmo. Se precisarem de nós, estaremos lá, agora e sempre.

E com duas frases, pensou Jack um segundo depois, ele comprometera todo o poder e credibilidade dos Estados Unidos da América a um país não democrático ali mil quilômetros de distância. Felizmente, Adler facilitou a situação.

— Concordo plenamente, senhor. Não há outra atitude que possamos tomar.

Todos assentaram em concordância, até mesmo Ben Goodley.

— Podemos fazer isso discretamente. O príncipe Ali compreenderá nossa situação e fará o rei compreender que não estamos brincando.

— O próximo passo é colocarmos Tony Bretano a par de tudo — disse Ed Foley. — Ele é muito bom, a propósito. Sabe escutar — informou ao presidente o diretor da CIA nomeado. — O senhor planeja realizar uma reunião de gabinete para discutir isso?

Ryan balançou a cabeça.

— Não. Acho que devemos proceder da forma mais discreta possível. Os EUA estão observando com interesse os acontecimentos regionais, mas não há nada nesse assunto para nos deixar nervosos. Scott, informe a imprensa através dos seus homens.

— Certo — replicou o secretário de Estado.

— Ben, o que você está fazendo agora em Langley?

— Nomearam-me chefe de observação do Centro de Operações, presidente.

— Boa reunião de instrução — disse Ryan ao homem mais jovem, antes de virar-se para o diretor da CIA. — Ed, ele trabalha agora para mim. Preciso de um agente do serviço nacional de informações que fale a minha língua.

— Será que pelo menos pode me emprestá-lo de volta como lançador? — replicou Foley com uma risada. — Este garoto tem futuro no beisebol, e eu estava querendo entrar no campeonato no próximo outono.

— Boa tentativa, Ed. Ben, a sua carga horária acaba de piorar. Por enquanto pode ficar com meu velho escritório no fim do corredor. A comida daqui é muito melhor — prometeu o presidente.

Durante todo o tempo, Aref Raman permaneceu imóvel, encostado na parede branca enquanto seus olhos corriam automaticamente de um visitante para outro. Fora treinado para não confiar em ninguém, com as prováveis exceções da esposa e dos filhos do presidente. Mais ninguém. Obviamente todos confiavam nele, inclusive aqueles que o haviam treinado para não confiar em ninguém, porque todos precisavam confiar em alguém.

Era só uma questão de tempo, realmente, e uma das coisas que sua educação americana e seu treinamento profissional lhe haviam proporcionado era paciência para esperar a chance de agir. Mas eventos do outro lado do globo estavam tornando esse momento cada vez mais próximo. Por trás de seus olhos inexpressivos, Raman pensou que talvez precisasse de orientação. Sua missão não era mais o evento aleatório que prometera cumprir vinte anos antes. Poderia fazer aquilo praticamente a qualquer momento, mas ele estava aqui agora, e embora qualquer um pudesse matar, e uma pessoa dedicada pudesse matar praticamente qualquer um, apenas um assassino habilidoso seria capaz de matar a pessoa certa no momento certo para cumprir um objetivo maior. Era delicadamente irônico o fato de que embora sua missão viesse de Deus, cada fator para sua realização provinha diretamente do próprio Satã, encarnado na vida de um homem cuja melhor forma de servir Alá seria partindo desta vida no momento oportuno. O mais difícil seria escolher o momento certo, e assim, depois de vinte anos, Raman decidiu que talvez tivesse de colocar seu disfarce em risco. Ele correria perigo, pensou, mas um perigo bem pequeno.

— O seu objetivo é ousado — disse calmamente Badrayn. Por dentro, estava tudo, menos calmo. Aquilo era de tirar o fôlego.

— Os humildes não herdarão a Terra — replicou Daryaei, que acabara de explicar pela primeira vez sua missão na vida a alguém de fora de seu círculo sacerdotal.

Ambos precisavam esforçar-se para agir como jogadores em torno de uma mesa de pôquer enquanto discutiam um plano que mudaria a face do mundo.

Para Daryaei esse era um conceito que ele desenvolvera por mais de uma geração, o apogeu de tudo que fizera na vida, a realização de um sonho e um objetivo que colocaria seu nome ao lado do próprio Profeta... se o alcançasse. A unificação do Islã. Era assim que ele expressava seu objetivo para seu círculo interno.

Badrayn via apenas o poder. A criação de um novo Megaestado que teria o Golfo Pérsico como centro, um Estado com imenso poder econômico, população numerosa, autossustentável em cada detalhe e capaz de expandir-se através da Ásia e da África, talvez cumprindo o desejo do Profeta Maomé, embora não fingisse saber o que o fundador de sua religião teria ou não desejado. Deixava isso a cargo de homens como Daryaei.

Para Badrayn o jogo significava apenas poder, e religião ou ideologia definiam apenas as identificações dos times. O seu time era este por causa do lugar onde nascera, e porque já estudara cuidadosamente o marxismo e decidira que era ineficaz.

— É possível — disse Badrayn depois de mais alguns segundos de contemplação.

— O momento histórico é único. O Grande Satã — ele não gostava de recair em questões políticas ao discutir seu plano, mas às vezes era impossível evitar — está fraco. O Satã Menor está destruído, com suas repúblicas islâmicas prontas para sentar no nosso colo. Eles precisam de uma identidade, e pode haver identidade melhor do que a Fé Sagrada?

E isso era a mais pura verdade, concordou Badrayn com um aceno silencioso. O colapso da União Soviética e sua substituição pela assim chamada Confederação dos Estados Independentes apenas gerara um vácuo ainda não preenchido nas repúblicas do sudeste, ainda economicamente dependentes de Moscou, como uma série de carroças atreladas a um cavalo moribundo. Eles sempre seriam mininações rebeldes cujas religiões as haviam separado do império ateu, e agora estavam todas tentando estabelecer sua própria identidade econômica de modo a poder se separar de uma vez por todas do centro de um país morto ao qual jamais pertenceram de fato. Mas não podiam sustentar-se economicamente, não na era moderna. Essas nações precisavam de outro mecenas, outro guia para o novo século. Essa nova liderança teria de prover-lhes dinheiro, e toneladas dele, mais a bandeira unificadora de uma religião e cultura, algo que o marxismo-leninismo negara-lhes por tanto tempo.

— Os EUA são o obstáculo, mas você não precisa de mim para saber disso — observou Badrayn desnecessariamente. — E a América é muito grande e poderosa para ser destruída.

— Já estive com esse Ryan. Mas, primeiro, diga-me o que pensa dele.

— Não é idiota, nem covarde — julgou Badrayn. — Já demonstrou bravura física, e é muito versado em operações de espionagem. É culto. Os sauditas confiam nele, os israelenses também. — Esses eram dois países que importavam muito nesse momento, mas havia um terceiro: — Os russos o conhecem e respeitam.

— O que mais?

— Não o subestime. Não subestime os EUA. Nós dois vimos o que acontece com quem faz isso — advertiu Badrayn.

— Mas e quanto ao estado atual da América?

— O que tenho visto indica que o presidente está dando duro para reconstituir o governo de seu país. E uma tarefa enorme, mas os EUA são um país fundamentalmente estável.

— E quanto ao problema na sucessão?

— Não estou bem a par — admitiu Badrayn. — Não tenho lido reportagens suficientes para compreender o desenrolar dos acontecimentos.

— Já estive com Ryan — disse Daryaei, por fim revelando seus pensamentos.

— Ele é um assistente, nada mais que isso. Aparenta ser forte mas não é. Se fosse um homem de força, atacaria Kealty diretamente. O homem cometeu um ato de traição, não é verdade? Ryan é uma pessoa. Os EUA são um país.

Ambos podem ser atacados, ao mesmo tempo, de mais de uma direção.

— Leão e hienas — disse Badrayn, e em seguida explicou o motivo do comentário. Daryaei ficou tão satisfeito com a imagem que não objetou contra a sua posição na metáfora.

— Não um único grande ataque, mas diversos ataques pequenos? — inquiriu o sacerdote.

— Já funcionou antes.

— E quanto a muitos ataques grandes? Contra a América e contra Ryan.

Falando nisso, e se Ryan caísse? Que aconteceria então, meu jovem amigo?

— Devido ao sistema governamental deles, isso geraria uma situação caótica. Mas eu aconselharia cautela. Também recomendaria aliados. Quanto maior o número de hienas e de direções das quais elas vierem, mais fragilizado ficará o leão. O mesmo vale quanto a atacar Ryan pessoalmente. — Badrayn prosseguiu, tentando adivinhar por que seu anfitrião dissera isso, e se teria sido um deslize de sua parte. — O presidente dos Estados Unidos é um alvo difícil, bem protegido e informado.

— Foi o que me disseram — replicou Daryaei por trás de olhos escuros desprovidos de expressão.

— Que outros países você recomendaria como nossos aliados?

— O senhor tem prestado atenção ao conflito entre Japão e América? — perguntou Badrayn. — Já se perguntou por que alguns cães grandes jamais latem?

Isso era uma coisa engraçada a respeito dos cães grandes. Eles sempre estavam com fome. E Daryaei tinha falado mais de uma vez a respeito de Ryan e sua proteção. Um cão estava com mais fome que todos os outros. Eles formariam uma matilha muito interessante.

— Talvez tenha apenas funcionado mal.

Os representantes da Gulfstream estavam numa sala com oficiais da aviação civil suíça, juntamente com o chefe das operações de voo da corporação que possuía os jatos. Seus registros escritos mostravam que uma firma local provera manutenção adequada à aeronave. Todas as peças vieram de fornecedores aprovados. A corporação suíça que fazia a manutenção tinha um histórico de dez anos sem acidentes, sendo supervisionada pela mesma agência governamental que agora conduzia a investigação.

— Não seria a primeira vez — concordou o representante da Gulfstream.

Os registros de voo eram máquinas robustas, mas nem sempre sobreviviam, porque cada queda era diferente. Uma busca cuidadosa pelo USS Radford não fizera os localizadores zumbirem. Sem isso, era difícil realizar uma busca indireta, dada a profundidade do oceano. Além do mais, havia a problemática dos líbios, que não queriam navios xeretando suas águas. Se a aeronave perdida tivesse sido um avião de passageiros, o governo líbio poderia ser pressionado, mas um jatinho comercial com dois ou três passageiros reportados — um deles vítima de uma praga mortal — não era tão importante.

— Sem dados suficientes não podemos dizer muita coisa — prosseguiu o representante da Gulfstream. — Foi reportada falha da turbina, e isso podia significar combustível ruim, manutenção incompetente...

— Por favor! — objetou o representante da firma de manutenção.

— Estou falando teoricamente — frisou a Gulfstream. — Ou mesmo algum tipo de erro cometido pelo piloto. Sem dados técnicos ficamos com as mãos completamente atadas.

— O piloto tinha quatrocentas horas de voo. O copiloto tinha mais de duas mil — disse o representante dos proprietários pela quinta vez naquela tarde.

Todos estavam pensando a mesma coisa. O fabricante da aeronave possuía em sua defesa um registro de segurança soberbo. As empresas tinham relativamente poucos fabricantes de aeronaves entre os quais fazer suas escolhas, e para eles a segurança era tão ou mais importante que para os compradores, devido à competição árdua. Os compradores desses brinquedos caros tinham excelente memória, e mesmo não contando com dados precisos a respeito das poucas quedas que tinham acontecido, sempre lembravam das aeronaves e dos passageiros desaparecidos.

O representante da empresa de manutenção também não estava interessado em ser associado a um acidente fatal. A Suíça tinha muitos campos de pouso e um grande número de aviões comerciais. Uma manutenção ruim significaria perda de negócios, para não mencionar o problema com o governo suíço por violação de suas rígidas leis de aviação.

O proprietário do avião era quem menos tinha a perder em termos de reputação, mas ninguém o convenceria a assumir responsabilidade sem motivos reais.

E não havia motivo real para nenhum deles assumir a culpa, não sem o gravador de dados de voo. Os homens olharam um para o outro em torno da mesa, com o mesmo pensamento: pessoas boas cometiam erros, mas raramente queriam admiti-los, e ainda mais quando o representante do governo examinava a papelada e concluía que tudo estava em ordem. Além disso, nenhum deles tinha qualquer coisa a fazer exceto contatar o fabricante da turbina e tentar obter uma amostra do combustível. E no fim saberiam pouco mais do que agora. A Gulfstream poderia perder um ou dois aviões em vendas. O representante da empresa de manutenção teria de passar por um escrutínio rigoroso do governo. A empresa teria de comprar um novo jato. Como uma demonstração de lealdade, adquiriria outro jato comercial G-class, assim como os serviços da mesma empresa de manutenção. Isso agradaria a todos, até ao governo suíço.

Ser inspetor itinerante significava um salário mais alto do que o de um agente de campo, e era mais divertido do que ficar sentado atrás de uma mesa o tempo todo, mas Pat O'Day ainda se irritava por passar a maior parte do dia lendo relatórios gerados por agentes e suas secretárias. Para evitar inconsistências, esses documentos passariam pela supervisão de outros funcionários, embora ele fizesse o mesmo, rabiscando anotações a lápis em seu bloquinho amarelo, que a sua secretária iria compilar para seus relatórios ao diretor Murray. Agentes de verdade, acreditava implicitamente O'Day, não datilografavam. Bem, era isso que seus instrutores em Quântico provavelmente diriam.

Terminou suas reuniões cedo em Buzzard's Point e decidiu que seu escritório no Edifício Hoover não precisava dele. O ritmo da investigação estava desacelerando. As novas informações coletadas eram todas de entrevistas, cada uma das quais confirmando informações verificadas anteriormente.

— Sempre odiei esta parte — disse o ADIC Tony Caruso.

Era o ponto em que o procurador-geral dos Estados Unidos tinha tudo que precisava para ganhar o caso, mas, sendo um advogado, nunca ficava satisfeito.

Eles deviam achar que a melhor forma de ganhar um caso era entediando o júri até a morte.

— Nem um grama de dados contraditórios. Está uma moleza, Tony. — Os dois homens eram amigos havia muito tempo. — Até agora nada novo e empolgante.

— Sorte sua. Como vai a Megan?

— Numa nova creche. Começou hoje. É a Giant Steps, na Ritchie Highway.

— É a mesma — observou Caruso.

— Hein?

— A mesma dos filhos de Ryan... oh, você não estava aqui quando aqueles desgraçados da ULA invadiram a creche.

— Ela não... a dona do lugar não comentou nada sobre... bem, acho que ela não tinha por que comentar, não é verdade?

— O Serviço Secreto é bem caxias nesses assuntos. Imagino que eles explicaram direitinho o que ela podia e o que não podia dizer.

Deve ter um ou dois agentes ajudando as crianças a pintar com os dedos, pensou O'Day por um segundo. Havia um balconista novo na 7-Eleven do outro lado da rua. Lembrava de ter percebido, ao pedir seu café, que o sujeito parecia um pouco arrumadinho demais para aquela hora da manhã. Hum...

Amanhã ele o olharia dos pés à cabeça em busca de uma arma, algo que o balconista já devia ter feito

com ele, e por cortesia profissional, mostraria sua carteira, juntamente com uma piscadela e um aceno de cabeça.

— Um pouco superqualificado — concordou Caruso. — Mas qual é o problema com um pouco de proteção extra onde a sua filha está? Mal não faz.

— Com certeza, Tony. — O’Day se levantou. — Em todo caso, acho que vou lá pegá-la.

— Escravo de quartel-general. Turno de oito horas — resmungou o diretor assistente do Escritório de Campo de Washington.

— Foi você que quis ser um mandachuva, Don Antônio.

Deixar o trabalho sempre lhe dava uma sensação de liberdade. O ar tinha um aroma mais puro quando ele saía do que quando entrava. Caminhou até sua caminhonete, notando que ela não fora tocada ou roubada. Essa era uma vantagem em deixá-la suja e enlameada. Tirou o paletó e vestiu a jaqueta de couro da Marinha que usava havia dez anos por ser muito confortável. A gravata foi descartada em seguida. Dez minutos depois, estava na Rota 10 na direção de Annapolis, ouvindo a C&W no rádio. O trânsito estava especialmente favorável, e imediatamente antes de ouvir as notícias da hora, parou no estacionamento da Giant Steps, desta vez procurando por carros oficiais. O Serviço Secreto era muito esperto nessas situações. Como o FBI, seus carros ostentavam placas comuns que eram trocadas aleatoriamente. Ainda assim, viu duas placas que pareciam mais novas do que seus carros, e confirmou suas suspeitas estacionando ao lado de um e olhando o interior em busca de um rádio. Feito isso, questionou-se sobre seu próprio disfarce, e decidiu ver o quanto eles eram bons, percebendo em seguida que se eles fossem medianamente competentes, já teriam checado sua identidade através dos documentos que anotara nos formulários entregues à Srta. Daggett, ou, mais provavelmente, mesmo antes disso. Havia uma rivalidade profissional considerável entre o FBI e o Serviço Secreto. Na verdade, o FBI começara com um punhado de agentes do Serviço Secreto. Mas o FBI crescera bastante depois disso, e ao longo do caminho acumulara mais experiência em investigações criminosas que o SS. Isso não queria dizer que o SS não fosse uma agência danada de boa, embora, como Tony Caruso comentara, bem mais caxias que o FBI. Bem, eles provavelmente eram as melhores babás do mundo.

Atravessou o estacionamento com o zíper da jaqueta fechado até em cima e avistou um sujeito grande dentro da porta. Deveria manter sua identidade em segredo? O’Day passou direto por ele, apenas mais um pai esperando a saída da menina de seus olhos. Lá dentro, era apenas uma questão de checar as roupas e os aparelhos auriculares. E lá estavam duas agentes femininas usando sobretudos, provavelmente com automáticas Sig Sauer 9mm por baixo deles.

— Papai! — gritou Megan, levantando-se bruscamente. Ao lado dela havia outra criança de idade e aparência semelhante. O inspetor aproximou-se dela, abaixando-se para olhar o desenho a lápis-cera feito pela filha.

— Com licença — disse alguém e ele sentiu uma leve pressão sobre sua jaqueta: uma mão tateando sua automática.

— Você sabem quem eu sou — disse ele sem se virar.

— Claro que sei. — E então O’Day reconheceu a voz. Virou-se para ver Andréa Price.

— Foi rebaixada? — perguntou, levantando-se para olhar o rosto de Price. As duas agentes femininas disfarçadas de professoras de pré-escolar também o estavam observando de perto, alertadas pelo volume sob sua jaqueta de couro.

Nada mal, pensou O’Day. Elas o tinham examinado atentamente; o couro da jaqueta oferecia boa cobertura para a arma. Ambas continuavam executando as tarefas educacionais com as crianças, e suas expressões pareceriam casuais apenas aos não-iniciados.

— Engraçadinho. Estou checando os arranjos para as crianças — explicou.

— Esta é a Katie — disse Megan, apresentando sua nova amiga. — E esse é o papai.

— Ora, olá, Katie. — Abaixou-se para apertar sua mão e então se levantou novamente. — Ela é...?

— CHOCALHO, primeiro-bebê dos Estados Unidos — confirmou Price.

— E tem um de vocês do outro lado da rua? — Negócios em primeiro lugar..., — Dois. Horários alternados.

— É a cara da mãe — disse Pat a respeito de Katie Ryan. E, apenas por educação, tirou sua carteira oficial e jogou-a para a agente feminina mais próxima, Marcella Hilton.

— Está gostando de nos testar, não é? — perguntou Price.

— O seu homem na porta sabe que entrei. Ele parece um tira de rua.

— É o Don Russell, e ele já foi mesmo, mas...

— Mas não existe essa de cuidado demais — concordou o inspetor O'Day. — Sim, certo, admito, eu queria ver o quanto vocês estão sendo cuidadosos. Ei, minha menininha também está aqui. Acho que este lugar agora é um alvo. — Merda, pensou.

— Então passamos?

— Um do outro lado da rua, três aqui dentro. Aposto que vocês têm mais três acampados a noventa metros. Quer que eu procure pelo Suburban e pelos atiradores ocultos?

— Procure bem. Eles estão muito bem escondidos. — Ela não mencionou o agente que ele não vira dentro do prédio.

— Aposto que estão, agente Price — concordou O'Day, pegando a pista e olhando em volta. Ali estavam duas câmeras de TV disfarçadas que deviam ter sido instaladas recentemente. Isso também explicava o leve cheiro de tinta, o que por sua vez explicava a falta de marcas de mãos nas paredes. O prédio devia ter agora mais fios que uma máquina de fliperama. — Devo admitir, vocês são muito matreiros. Isso é bom — concluiu.

— Novidades sobre o acidente? Pat balançou a cabeça.

— Na verdade, não. Estudei mais algumas entrevistas hoje. As únicas inconsistências foram pequenas demais para significarem alguma coisa. A Polícia Montada está nos dando uma tremenda ajuda, a propósito. Os japoneses também. Acho que eles já conversaram com todo mundo que Sato conheceu na vida, começando por sua professora do jardim de infância. Isso incluiu duas aeromoças com quem ele vinha saindo. O caso já está resolvido, Price.

— Andréa — replicou ela.

— Pat. — E ambos sorriram.

— Qual você usa?

— Uma Smith 1076. Melhor que as 9mm que vocês carregam — disse com expressão um tanto arrogante. O'Day acreditava em fazer buracos grandes, de preferência apenas em alvos, mas também em gente, se necessário. O Serviço Secreto seguia sua própria política de armas, e nesse campo ele estava certo de que o FBI tinha ideias melhores. Ela não pareceu irritada.

— Pode nos fazer um favor? Da próxima vez que vier, mostre sua identidade ao nosso agente na entrada. Talvez não seja sempre o mesmo.

Ela nem sequer pediu que ele deixasse sua arma no caminhão. Puxa, isso é que era cortesia profissional.

— E então, como vai ele?

— ESPADACHIM?

— Dan... o diretor Murray... acha o sujeito o máximo. Eles se conhecem há anos. Eu e Dan também.

— Nossa relação é apenas profissional, mas sabe de uma coisa? Murray está certo. Já vi piores. Ele também é mais esperto do que aparenta.

— Nas vezes que estive perto dele, percebi que ele sabe escutar.

— Melhor ainda, ele faz perguntas.

Ao som de um grito de criança, ambos se viraram, vasculharam a sala ao mesmo tempo e da mesma maneira, e em seguida viraram-se novamente para as duas meninas, que estavam compartilhando

lápis-cera para suas respectivas obras de arte. — A sua e a nossa se dão bem juntas — disse Price.

A nossa, pensou Pat. Isso dizia tudo. O homem grande no fundo da sala era Russell. Era agora o chefe desta subsegurança presidencial, e, com toda a certeza do mundo, um agente muito experiente. Eles haviam selecionado agentes mais jovens para o trabalho interno — duas mulheres, para melhor se imiscuírem no ambiente. Elas deviam ser boas, mas não tanto quanto ele era.

Nossa era a palavra-chave. Como leões rodeando os filhotes, ou apenas um, neste caso. O'Day se perguntou como feria este trabalho. Seria tedioso ficar simplesmente parado ali daquele jeito, mas um agente com essa responsabilidade não podia se dar ao luxo de ficar entediado. Aquilo seria um desafio. Ele já tivera sua cota de missões de vigilância discreta, um tremendo feito para alguém do seu tamanho, mas esta seria muito pior. Ainda assim, o olho de um tira veria a diferença entre as mulheres e as outras professoras de pré-escolar.

— Andréa, me parece que o seu pessoal trabalha muito bem. Por que tantos?

— Sei que estamos exagerando um pouco. — Price inclinou a cabeça. — Esta segurança ainda está em fase de teste. Ei, levamos uma tremenda cacetada no Capitólio, lembra? Não vai acontecer outra como aquela, não no meu turno, não enquanto eu dirigir a segurança presidencial, e se a imprensa encrespar com isso, que se foda. — Ela até falava como uma tira de verdade.

— Moça, concordo em gênero, número e grau. Se me dá licença, tenho de ir para casa fazer macarrão com queijo. — Ele olhou para baixo. Megan estava terminando sua obra de arte. Um observador casual sentiria dificuldade em distinguir as duas meninas. Isso era levemente preocupante, mas esse era o motivo para o Serviço estar aqui. — Onde você pratica? — Ele não precisava dizer o quê.

— Tem uma galeria no prédio da antiga sucursal, perto da Casa Branca.

Uma vez por semana — respondeu Price. — Não há um agente aqui que não possa ser chamado de especialista, e eu apostaria em Don contra qualquer um do mundo.

— Mesmo? — Os olhos de O'Day faiscaram. — Precisamos nos ver um dia desses. — Na sua casa ou na minha? — perguntou Price com uma piscadela.

— Presidente, o Sr. Golovko na três. — Essa era uma linha direta. Sergey Nikolayevich manifestava-se novamente. Jack apertou o botão.

— Sergey?

— Irã.

— Estou sabendo — disse o presidente.

— Quanto? — indagou o russo, suas malas já prontas para voltar para casa.

— Saberemos com certeza daqui a mais ou menos dez dias.

— Concordo. Ofereço cooperação.

Isso acabaria se transformando num hábito, pensou Jack, mas sempre era o tipo de coisa que requeria reflexão.

— Discutirei isso com Ed Foley. Quando voltará para casa?

— Amanhã.

— Telefone-me então.

Surpreendente como ele podia conversar com tamanha eficiência com um ex-inimigo. Teria de treinar o Congresso nesse sentido, pensou o presidente com um sorriso. Ryan levantou de sua mesa e caminhou até a sala do secretariado.

— Que tal alguma coisa para comer antes do meu próximo compromisso...

— Olá, presidente — disse Price. — Tem um minuto? Ryan cumprimentou-a enquanto sua segunda secretária telefonava para a cozinha.

— Tenho.

— Só queria dizer-lhe que inspecionei os procedimentos de segurança para seus filhos. Está bastante rígido.

Se isso deveria agradar o POTUS, ele não demonstrou, pensou Andréa.

Mas era compreensível. Ei, temos um monte de guarda-costas cuidando dos seus filhos. Que mundo. Dois minutos mais tarde, ela estava falando com Raman, que estava preparado para encerrar o expediente, tendo chegado na Casa Branca às cinco da manhã. Como sempre, não havia nada para reportar.

Tinha sido um dia calmo na Casa.

O agente mais jovem saltou de seu carro e dirigiu até o complexo, primeiro mostrando seu passe para os guardas da casamata e esperando que lhe abrissem o portão fortificado — uma barreira de 22 centímetros de espessura, de aparência robusta o bastante para deter um caminhão. Dali, traçou um caminho entre as barricadas de concreto da Pennsylvania Avenue — que até bem recentemente fora uma rua pública. Dobrou para oeste na direção de Georgetown, onde ficava seu apartamento. Mas desta vez não foi para casa. Em vez disso dobrou à direita na Wisconsin Avenue. Em seguida, dobrou novamente à direita e estacionou.

Era vagamente divertido o fato de que o homem fosse um mercador de tapetes. Muitos americanos pensavam que os iranianos eram sempre terroristas, mercadores de tapetes ou médicos mal-educados. Este deixara a Pérsia — mas a maioria dos americanos não associam tapetes persas com o Irã, como se fossem duas nações distintas — havia mais de 15 anos. Na parede havia fotografias de seu filho que, ele dizia àqueles que perguntavam, fora morto na guerra Irã-Iraque. Era verdade. Também dizia, a quem expressasse interesse, que odiava o governo de seu antigo país. Era mentira. Ele era um agente adormecido. Ele nunca estabeleceu um único contato com qualquer um relacionado mesmo em terceiro grau com Teerã. Talvez ele tivesse sido investigado. Era mais provável que não tivesse sido. Ele não pertencia a nenhuma associação, não marchava, não expressava opiniões nem fazia nada além de conduzir um negócio próspero — como Raman, ele nem sequer frequentava uma mesquita. Na verdade, jamais se encontrara com Raman; assim, quando o homem entrou pela porta da frente, seu interesse dizia respeito apenas a qual entre os numerosos tapetes feitos à mão Raman iria querer. Em vez disso, depois de se certificar que não havia mais ninguém na loja naquele momento, seu visitante seguiu diretamente até o balcão.

— A foto na parede. Ele parece com você. Seu filho?

— Sim — respondeu o homem com uma tristeza que jamais o abandonava, com ou sem promessas de Paraíso. — Morreu na guerra.

— Muitos perderam filhos naquele conflito. Era um rapaz religioso?

— Isso importa agora? — perguntou o mercador, piscando nervosamente os olhos.

— Sempre importa — disse Raman, num tom de voz absolutamente casual.

Os dois homens caminharam até a pilha de tapetes mais próxima. O comerciante levantou algumas bordas para mostrar os padrões.

— Estou em posição — disse Raman. — Requisito instruções sobre adequação de momento.

Raman não tinha um codinome, e a senha que ambos haviam acabado de trocar era conhecida apenas por três homens. O comerciante não sabia nada além disso, exceto repetir as nove palavras que ele acabara de ouvir para outra pessoa. Em seguida, esperaria por uma resposta e a transmitiria para Raman.

— O senhor se importaria de preencher um formulário para minha lista de clientes?

Raman fez isso, colocando o nome e o endereço de uma pessoa de verdade.

Ele escolhera o nome na lista telefônica — na verdade um catálogo de referência cruzada que havia na Casa Branca, que facilitava escolher um número apropriado. Uma marca sobre o sexto dígito dizia ao comerciante onde acrescentar 1 a 3 para obter 4 e assim completar a ligação. Era uma forma excelente de

comunicação cifrada, ensinada ao seu instrutor na Savak por um israelense havia mais de duas décadas e jamais esquecido; afinal nenhum homem da cidade sagrada de Qom esquecia muito a respeito de qualquer coisa.

Fusos Horários

O tamanho da Terra e a localização dos pontos problemáticos eram muitíssimo convenientes. A América ia dormir quando outras partes do mundo estavam acordando para um novo dia, situação dificultada pelo fato de que as pessoas oito a nove horas adiantadas eram aquelas que tomavam as decisões às quais o resto do mundo precisaria reagir. Somava-se a isso o fato de que os agentes da CIA americana não dispunham de muitos recursos para prever os eventos. Isso deixava para STORM TRACK e PALM BOWL o dever de reportar principalmente o que diziam a imprensa e as emissoras de TV locais. E assim, enquanto o presidente americano dormia, pessoas suavam para coletar e analisar informações que ele só veria no meio do dia seguinte. Mesmo assim, o melhor dos espões de Washington era importante demais para trabalhar no turno da noite — eles tinham famílias, afinal — e portanto também só leriam os documentos no dia seguinte, e depois participariam de várias reuniões e debates, o que só atrasaria ainda mais a apresentação de uma informação vital à segurança nacional. Em termos militares isso se chamava ter a iniciativa — fazer o primeiro movimento, físico, político ou psicológico. E era ainda melhor se o outro lado começasse a correr no último terço do dia seguinte.

As coisas estavam ligeiramente melhores em Moscou, que tinha apenas uma hora de diferença em relação ao tempo de Teerã, e ficava no mesmo fuso horário que Bagdá. Infelizmente, a RVS — sucessora da KGB — estava na mesma posição da CIA, tendo tido a maioria de suas redes varridas dos dois países. Mas para Moscou os problemas eram também um pouco mais próximo do lar, como Sergey Golovko descobriria quando seu avião aterrissasse em Sheremetyevo.

O maior problema no momento seria a reconciliação. A TV matutina no Iraque anunciara que o novo governo de Bagdá informara à ONU que todas as equipes internacionais de inspeção teriam total liberdade de visitar qualquer instalação do país, sem nenhuma interferência — na verdade, o Iraque exigiu que as inspeções fossem realizadas o mais depressa possível —, e contando com todo o apoio que pudessem oferecer. O novo governo de Bagdá expressava o objetivo de remover todos os obstáculos à restauração plena do comércio internacional de seu país. Por enquanto, a nação vizinha, Irã, expressou o pronunciamento, começaria a enviar caminhões de alimentos, de acordo com as antigas leis islâmicas de caridade aos necessitados. Isso era uma amostra da intenção do Irã em reentrar na comunidade das nações. Imagens gravadas em PALM BOWL da retransmissora de TV de Bassorá mostravam o primeiro comboio de caminhões de alimentos seguindo pela tortuosa rodovia Shahabad e cruzando o território iraquiano no sopé das montanhas que separavam os dois países. Outras imagens mostravam guardas da fronteira iraquiana removendo seus obstáculos e gesticulando para que os caminhões passassem, enquanto seus colegas iranianos permaneciam pacificamente de seu lado da fronteira, sem armas em evidência.

Em Langley, pessoas calculavam o número de caminhões, tonelagem de sua carga, e o número de pães resultante. Concluíram que, para ajudar de fato, seria necessário mandar navios com os porões carregados de pão. Mas símbolos eram importantes, e agora navios estavam realmente sendo carregados, conforme indicavam diversos satélites. Os representantes das Nações Unidas em Genebra, a apenas três horas atrás no tempo, receberam os pedidos de Bagdá com prazer e enviaram ordens imediatas para suas equipes de inspeção, que encontraram Mercedes à sua espera para ser escoltados por carros de polícia

até os primeiros locais em suas listas. Ali também encontraram jornalistas de TV que iriam segui-los para onde quer que fossem, assim como representantes do governo que garantiram estar deliciados em poder contar tudo que sabiam e oferecer sugestões de como dismantelar, primeiro, uma fábrica de armas químicas disfarçada de indústria de inseticida. Finalmente, o Irã solicitou um encontro especial com o Conselho de Segurança para pedir o cancelamento dos embargos comerciais remanescentes, algo tão certo quanto o nascer do sol, ainda que tardio, na Costa Leste dos Estados Unidos. Dali a duas semanas a dieta média do Iraque aumentaria em pelo menos quinhentas calorias. O impacto psicológico não era difícil de prever, e o país que seria o principal responsável na restauração da normalidade à nação rica em petróleo seria seu antigo inimigo, o Irã — como sempre, citando a religião como o fator motivador da ajuda que estavam prestando.

— Amanhã veremos fotos de pão sendo distribuído gratuitamente nas mesquitas — previu o major Sabah. Ele poderia ter acrescentado as passagens do Corão que acompanhariam o evento, mas, considerando o conhecimento de cultura islâmica de seus colegas americanos, preferiu ficar calado.

— Sua estimativa, senhor? — perguntou o oficial americano mais graduado.

— Os dois países irão se unir — replicou Sabah. — E em breve.

Não havia motivo para perguntar por que as fabricas de armas iraquianas remanescentes estavam sendo expostas. O Irã tinha todas de que precisava.

Não existia mágica. Essa era apenas a palavra usada pelas pessoas para explicar truques realizados com tanta inteligência e técnica que os espectadores não tinham como deduzir sua lógica. E a técnica mais simples empregada pelos mágicos era distrair a plateia movendo uma mão (geralmente enluvada) enquanto a outra trabalhava. O mesmo se aplicava às nações. Enquanto caminhões corriam pela estrada, navios eram carregados, diplomatas recebiam convocações e a América acordava para descobrir o que estava acontecendo, a noite começava em Teerã.

Os contatos de Badrayn tinham sido úteis como sempre, e o que ele não pudera fazer ficara por conta de Daryaei. O jato comercial identificado como civil decolou de Mehrabad e virou para leste, seguindo primeiro para o Afeganistão e em seguida para o Paquistão, num voo de duas horas que terminou na cidade obscura de Rutog, perto da fronteira Paquistão-Índia-Caxemira. A cidade ficava nas montanhas Kunlun do primeiro país, e lar de parte da população muçulmana da China. A cidade fronteiriça tinha uma base da Força Aérea que abrigava alguns MIGs de fabricação local, e uma única pista de pouso, tudo separado do pequeno aeroporto regional da cidade. A localização era ideal para o propósito, assim como seus 965 quilômetros de distância de Nova Deli, e embora a terra fosse propriedade do governo chinês, o voo mais longo partira de Pequim, que ficava a mais de três mil quilômetros dali. As três aeronaves pousaram com uma diferença de alguns minutos, logo depois do pôr do sol local, taxiaram até a extremidade da rampa e estacionaram.

Veículos militares conduziram os passageiros até a sala de espera. O aiatolá Mahmoud Haji Daryaei estava acostumado a acomodações mais limpas e, pior, podia sentir o cheiro de porco frito, sempre parte da dieta chinesa mas absolutamente nauseante para ele. Procurou esquecer isso. Ele não era o primeiro fiel que precisava lidar com pagãos e infiéis.

A primeira-ministra da Índia foi cordial. Ela já conhecera Daryaei numa conferência regional e o considerara retraído e antissocial. Isso, como ela logo viu, não mudara muito.

O último a chegar foi Zhan Han San, a quem a primeira-ministra também conhecia. Era um homem rotundo e jovial — até que se observasse seus olhos atentamente. Mesmo suas piadas eram ditas com um objetivo em aprender alguma coisa de seus companheiros. O único dos três cujo trabalho não era realmente conhecido pelos outros. Entretanto, estava claro que ele falava com autoridade, e como seu país era o mais poderoso dos três, não era um insulto que um mero ministro sem pasta estivesse tratando com chefes de Estado. O encontro foi conduzido em inglês, exceto pela despedida de Zhang ao oficial

geral que recebera o grupo.

— Por favor, perdoem-me por não estar aqui quando chegaram. A... irregularidade no protocolo é lamentada com sinceridade.

Serviu-se chá, juntamente com alguns aperitivos. O tempo não fora suficiente para a preparação de uma refeição adequada.

— Não há nenhum problema — respondeu Daryaei. — A inconveniência é o preço da velocidade. Quanto a mim, estou muitíssimo grato por sua disposição em receber-me sob estas circunstâncias especiais. — Ele se virou. — E à senhora, primeira-ministra, por se reunir a nós. Deus abençoe esta reunião — concluiu.

— Minhas congratulações pelos acontecimentos no Iraque — disse Zhang, perguntando-se se a reunião seria conduzida por Daryaei, tamanha havia sido a habilidade com que enfatizara o fato de ter sido ele o organizador da assembleia. — E uma ocasião feliz, depois de tantos anos de discórdia entre as duas nações.

Sim, pensou índia, bebericando seu chá. Como você foi esperto em matar o homem num momento tão apropriado.

— E então, em que posso ser útil? — perguntou, reconhecendo assim a liderança de Daryaei e do Irã na reunião, para a irritação impassível da China.

— A senhora esteve recentemente com Ryan. Estou interessado em suas impressões.

— Um homem pequeno num trabalho grande — replicou prontamente. — O discurso que fez no funeral, por exemplo. Teria sido mais adequado a uma cerimônia particular em família. Esperam-se coisas maiores de um presidente.

Na recepção posterior, pareceu nervoso e pouco à vontade, e sua esposa é uma mulher arrogante... médica, como sabem. Eles quase sempre são cheios de si.

— Tive a mesma impressão a respeito dele quando o encontrei há alguns anos — concordou Daryaei.

— Ainda assim ele controla um grande país — observou Zhang.

— Controla? — inquiriu Irã. — A América ainda é grande? De onde vem a grandeza de uma nação, senão de seus líderes?

E essa, os dois outros chefes de Estado perceberam de imediato, era a pauta da reunião.

— Deus do céu — sussurrou Ryan para si mesmo. — Este é um lugar solitário.

Esse pensamento não parava de ocorrer-lhe, principalmente quando ficava sozinho neste escritório com suas paredes curvas e portas moldadas de sete centímetros. Estava usando seus óculos de leitura o tempo inteiro agora — recomendação de Cathy — mas isso meramente suavizara suas enxaquecas. Não que ele fosse desabituaado à leitura. Todos os trabalhos que tivera nos últimos 15 anos tinham exigido longas horas de leitura, mas as enxaquecas contínuas eram novidade. Talvez devesse falar com Cathy ou outro médico a esse respeito? Não. Ryan balançou a cabeça. É apenas estresse do trabalho, e teria apenas de aprender a lidar com ele.

Claro, é só estresse. E câncer é só uma doença.

Seu trabalho no momento era política. Estava lendo um relatório de posição preparado pelos assessores políticos na OEOB, que ficava do outro lado da rua. Acha engraçado, e até consolador, o fato de que eles não sabiam o que aconselhá-lo. Ryan nunca pertencera a um partido político. Sempre se registrara como um independente, e isso o mantivera livre de cartas de solicitação da parte dos partidos organizados. Mas o presidente não apenas deveria ser membro de um partido — ele deveria ser o líder desse partido. Os partidos estavam ainda mais inteiramente decapitados que os três poderes do governo. Cada um deles ainda tinha um diretor, e ambos não sabiam o que fazer no momento. Durante alguns dias, presumira-se que Ryan era membro do mesmo partido que Roger Durling, e a verdade fora descoberta pela imprensa havia apenas alguns dias, gerando um coletivo puta merda! da cúpula de Washington. Para

os gurus ideológicos da capital, aquilo era como perguntar quanto era dois mais dois e descobrir que a resposta era quatorze. O relatório de posição era previsivelmente caótico, produto de quatro ou mais analistas políticos profissionais, e era possível discernir quem escrevera os diferentes parágrafos daquela babel de letras. Até sua assessoria de informações fazia melhor que aquilo, disse Jack a si mesmo, jogando o papel na caixa de documentos lidos e desejando, novamente, fumar um cigarro. Ele sabia que isso também era o estresse falando.

Mas ele ainda tinha de sair para as tribunas, palavra cujo significado jamais aprendera, e realizar campanha por pessoas, ou, pelo menos, proferir discursos.

Ou algo do gênero. A orientação do relatório de posição não tinha sido exatamente clara nesse sentido. Já tendo atirado no próprio pé na questão do aborto — mais para o alto e para o centro, comentara acidamente Arnie van Damm no dia anterior, para reforçar sua última lição —, agora Ryan teria de deixar sua posição política evidente numa miríade de questões: ação afirmativa numa extremidade do alfabeto e saúde na outra, com impostos, meio ambiente e Deus sabe mais o quê, no meio. Depois que decidisse sua posição nessas questões, Callie Weston escreveria uma série de discursos para que ele pronunciasse de Seattle até Miami e Deus sabe mais onde, no meio. Havaí e Alasca estavam de fora porque eram estados pequenos em termos de importância política, e, de qualquer modo, ideologicamente polarizados. Eles iriam apenas tornar a situação mais confusa, ou pelo menos era isso que o documento lhe dissera.

— Por que não posso simplesmente ficar aqui e trabalhar, Arnie? — perguntou Ryan quando seu chefe de gabinete entrou na sala.

— Porque há trabalho para fazer lá fora, presidente. — Van Damm sentou-se para iniciar mais uma aula de presidência. — Porque, como você mesmo disse, É uma função de liderança ... citei certo? — perguntou Arnie com um olhar sardônico. — E liderar significa reunir-se com as tropas ou, neste caso, com os cidadãos. Isso está bem claro, presidente?

— Está se divertindo com isso? — Jack fechou os olhos e esfregou-os sob as lentes. Ele também odiava os malditos óculos.

— Tanto quanto você. — O que foi um comentário completamente justo.

— Perdão.

— A maioria dos que vêm morar aqui gosta realmente de escapar deste museu e encontrar pessoas de verdade. Obviamente, isso deixa gente como Andréa nervosa. Eles provavelmente concordarão em mantê-lo aqui o tempo todo. Mas o lugar já lhe parece uma prisão, não é mesmo? — indagou Arnie.

— Só quando acordo.

— Então saia. Conheça gente. Diga-lhes o que pensa, diga-lhes o que quiser.

Merda, eles talvez até ouçam. Talvez até lhe digam o que eles pensam, e talvez você aprenda alguma coisa. Em todo caso, você não pode ser presidente e não fazer isso.

Jack ergueu o relatório de posição depois de terminar.

— Leu esta coisa? Arnie assentiu.

— Li.

— É um monte de lixo — disse Ryan, completamente surpreso com sua própria resposta.

— É um documento político. Desde quando a política é consistente ou sensata? — Depois de uma pausa, prosseguiu: — As pessoas com que trabalhei nos últimos vinte anos ingeriam esse tipo de coisa junto com o leite da mãe... ou talvez não. Deviam ser bebês de mamadeira.

— Quê? Pergunte a Cathy. É uma dessas teorias comportamentais, aquele papo de Nova Era que supostamente explica tudo sobre todos em qualquer lugar. Todos os políticos são bebês de mamadeira. Suas mães nunca lhes deram o peito, e por causa disso se sentiram rejeitados e nunca desenvolveram empatia. Assim, como compensação, fazem discursos e dizem às pessoas em lugares diferentes as coisas

que teriam gostado de ouvir, e recebem de estranhos o amor e a devoção que as mães lhes negaram... para não mencionar aqueles como Kealty, que tentam foder o tempo todo. Por outro lado, as crianças nutridas apropriadamente crescem para se tornar... médicos, acho, ou talvez rabinos...

— Mas quanta babaquice — o presidente quase gritou. Seu chefe de gabinete simplesmente sorriu.

— Te peguei por um momento, não foi? Admita. — Arnie fez um pausa e prosseguiu: — Acho que sei o que os fundadores esqueceram ao construir este país.

— Muito bem, me diga. — Jack fechou os olhos, tentando encontrar o humor no momento. Diabos, Arnie sabia como dar uma aula.

— Esqueceram de incluir um bobo da corte no Gabinete. Sabe como é, um anão... desculpe... um indivíduo do sexo masculino verticalmente desprovido... com ceroulas, multicoloridas e aquele chapéu engraçado com guizos. Um deles devia ficar ali no canto... claro, não tem um canto nesta sala, mas isto não vem ao caso... e a cada 15 minutos devia saltar sobre sua mesa, sacudir um chocalho na sua cara apenas para lembrá-lo de que você precisa mijar de vez em quando, como todo mundo. Entendeu agora, Jack?

— Não — admitiu o presidente.

— Seu burro! Este trabalho pode ser divertido Sair e ver seus cidadãos é divertido. Aprender o que eles querem é importante, mas também há um lado engraçado nisso. Eles querem amar você, Jack. Eles querem apoiá-lo. Eles querem saber o que você pensa. Acima de tudo, eles querem saber que você é um deles... e sabe de uma coisa? Você é o primeiro presidente em muito tempo que realmente é Então saia da porra dessa cadeira, mande aquecer as turbinas do Grande Pássaro Azul e faça o maldito jogo!

Arnie não precisou acrescentar que tudo já estava tão programado que ele não teria como tirar o corpo fora.

— Nem todo mundo vai gostar do que eu disser e do que eu acredito, Arnie, e prefiro morrer a mentir para pessoas apenas para ganhar votos ou qualquer coisa assim.

— Você espera que todos o amem? — perguntou van Damm, novamente sardônico. — A maioria dos presidentes ficaria satisfeito com 51 por cento.

Pouquíssimos conseguiram manter esse percentual por muito tempo. Eles arrancaram a sua cabeça por causa da sua declaração sobre o aborto, e sabe por quê? Porque a sua declaração foi confusa.

— Não foi não. Eu...

— Vai ouvir seu professor ou não?

— Prossiga — disse o presidente.

— Para início de conversa, quarenta por cento das pessoas votam nos democratas. Cerca de quarenta por cento votam nos republicanos. Desses oitenta por cento, a maioria não mudaria seu voto se Adolf Hitler estivesse concorrendo com Abe Lincoln... ou contra FDR, apenas para cobrir os dois lados...

— Mas por quê...

— Por que o céu é azul, Jack? — Exasperado. — Apenas é, entendeu? Mesmo se você puder explicar, e suponho que um astrônomo poderia fazê-lo, o céu é azul e vamos simplesmente aceitar o fato, certo? Assim restam-nos os vinte por cento que ficam mudando de lado. Talvez eles sejam os verdadeiros independentes, como você. Esses vinte por cento controlam o destino de nossa nação, e se você quiser que as coisas aconteçam do seu modo, essas são as pessoas que precisa alcançar. Agora, vem a parte engraçada. Esses vinte por cento não ligam para o que você pensa. — Essa conclusão foi coroada com um sorriso diabólico.

— Espere um minuto... Arnie estendeu a mão.

— Pare de interromper seu professor, menino. Os oitenta por cento que votam nos partidos não se preocupam muito com caráter. Eles votam porque acreditam na filosofia do partido... ou porque mamãe e papai sempre votaram dessa maneira. O motivo não importa realmente. É assim que acontece. É um fato. Lide com ele. Agora, voltemos aos vinte por cento que realmente importam. Eles se preocupam menos

com o que você acredita do que com o que você é. Aí está a sua vantagem, presidente. Politicamente falando, você tem tanto a ver com este lugar quanto um menino de três anos tem a ver com uma loja de armas, mas você tem caráter a dar com pau. É por aí que vamos jogar.

Ryan franziu a testa ao ouvir a expressão jogar, mas desta vez ficou calado. Assentiu para seu chefe de gabinete prosseguir.

— Simplesmente diga no que você acredita. E diga com simplicidade. As boas ideias são expressas de forma simples e eficaz. Irão respeitá-lo e apoiá-lo mesmo quando discordarem de você. Por quê? Porque saberão que é um homem de palavra. E querem que o ocupante deste cargo seja um homem íntegro. Porque sabem que, mesmo nas piores situações, você sempre fará a coisa certa.

— Oh.

— O resto é embalagem. E não discuta comigo sobre isso, tá? Não há nada imoral em saber como transmitir corretamente suas ideias. No livro que escreveu sobre Halsey, O marinheiro combatente, você escolheu muito cuidadosamente as palavras para expressar suas ideias, certo? — O presidente assentiu.

— O mesmo vale para essas ideias. Droga, essas ideias são ainda mais importantes, e você precisa embrulhá-las com uma perícia bem maior, concorda?

O plano de aula estava fluindo perfeitamente, considerou o chefe de gabinete.

— Arnie, com quantas dessas ideias você concorda?

— Não concordo com todas. Acho que você está errado sobre o aborto. Uma mulher tem o direito de escolher. Discordo sobre a ação afirmativa e em mais algumas coisas, mas você sabe, presidente, jamais duvidei de sua integridade nem por um único minuto. Não posso lhe dizer no que acreditar, mas você sabe como ouvir. Amo este país, Jack.

Minha família escapou da Holanda, atravessou o canal da Mancha num barco quando eu tinha três anos. Ainda lembro de ter posto as tripas pra fora.

— Você é judeu? — perguntou Jack com surpresa. Ele não tinha nenhuma ideia de qual igreja Arnie frequentava, se é que alguma.

— Não, meu pai era da Resistência e foi delatado. Saímos de lá na hora certa, se não, ele teria sido fuzilado e mamãe e eu teríamos acabado no mesmo campo que Anne Frank. O resto da minha família não teve tanta sorte. O nome dele era Willem, e ao fim da guerra decidiu que viríamos para cá, e cresci ouvindo histórias sobre o velho país, e como este lugar era diferente. É diferente. Tornei-me o que sou para proteger o sistema. Que torna a América diferente? A Constituição, acho. As pessoas mudam, os governos mudam, as ideologias mudam, mas a Constituição sempre continua a mesma. Você e Pat Martin fizeram um juramento. Eu fiz o meu — prosseguiu van Damm. — Só que o meu foi feito para mim mesmo, mamãe e papai. Não preciso concordar com você em todas as questões, Jack. Sei que você tentará fazer a coisa certa. Meu trabalho é protegê-lo para que você possa fazer o seu. Isso significa que você precisa ouvir, e que às vezes terá de fazer coisas que não aprecia. Mas esse é o seu trabalho, presidente. Um trabalho com regras próprias. E precisa segui-las — concluiu calmamente o chefe de gabinete.

— Como tenho me saído, Arnie? — perguntou Ryan, absorvendo a maior lição da semana.

— Nada mal, mas precisa fazer melhor. Kealty ainda é mais um incômodo que uma ameaça. Excursionar e parecer mais presidencial irá marginalizá-lo ainda mais. Agora, outra coisa. Assim que você sair, as pessoas começarão a lhe fazer perguntas sobre reeleição. Que vai dizer?

Ryan balançou a cabeça enfaticamente.

— Não quero este trabalho, Arnie. Vamos deixar alguém assumir quando...

— Nesse caso, você está fodido. Ninguém o levará a sério. Os congressistas não farão o que você quer. Estará aleijado e incapaz de concretizar as coisas que está pensando. Você se tornará politicamente ineficaz. A América não pode se dar a esse luxo, presidente. Governos estrangeiros... aqueles geridos por políticos, não esqueça... não o levarão a sério, e isso terá implicações na segurança nacional, a curto e longo prazos. Então, que dirá quando os jornalistas perguntarem?

O presidente sentiu-se como um aluno de primário levantando a mão para responder.

— Que não decidi ainda?

— Correto. Você está se dedicando ao seu trabalho de reconstruir o governo, e tratará desse assunto no devido tempo. Discretamente, deixarei transpirar a informação de que está pensando em permanecer na Casa Branca, que sente que seu dever principal é para com a nação, e quando os repórteres perguntarem isso, repita simplesmente sua afirmativa original. Isso enviará aos governos estrangeiros uma mensagem que eles entenderão e levarão a sério, e o povo americano também irá entendê-la e respeitá-la. As primárias presidenciais de ambos os partidos não selecionarão os candidatos marginais que não foram varridos no Capitólio. Eles votarão em delegações independentes. Talvez queiramos opinar a esse respeito. Conversarei sobre isso com Callie.

Ele não acrescentou que a mídia simplesmente iria amar essa perspectiva.

Cobrir duas convenções políticas abertas era um sonho que poucos jornalistas tinham ousado nutrir. Arnie estava considerando que sempre que Ryan tomasse qualquer posição, não menos de quarenta por cento do povo objetaria contra ela, talvez mais. O curioso quanto ao percentual de vinte por cento era que ele cobria todo o espectro político — como ele mesmo, menos preocupado com ideologia do que com caráter. Alguns objetariam vigorosamente, e fazendo isso se tornariam indistintos dos quarenta por cento que compartilhavam essa postura política, embora no fim do dia fossem votar no homem. Sempre faziam isso, mesmo sendo gente honesta que colocava o país acima do preconceito, mas juntando-se a um processo que muito frequentemente selecionava pessoas que careciam da honra de seus eleitores. Ryan ainda não percebera a oportunidade que tinha nas mãos, e talvez fosse melhor que não percebesse, porque assim talvez tentasse direcionar essa fatia do eleitorado, o que jamais aprenderia a fazer bem. Mesmo homens de honra podiam cometer erros, e Ryan não era diferente do resto. Era por causa disso que existiam pessoas como Arnold van Damm, para ensinar e guiar por dentro e por fora do sistema ao mesmo tempo. Ele olhou para o presidente, percebendo a confusão que acompanhava novos pensamentos. Estava tentando conferir sentido àquilo, e provavelmente conseguiria, porque era um bom ouvinte e um processador de informações particularmente hábil. Contudo, não chegaria à conclusão natural.

Apenas Arnie e talvez Callie Weston eram capazes de avistar um futuro tão distante. Nas últimas semanas, van Damm decidira que Ryan tinha o material certo para um presidente. Seu trabalho, decidira o chefe de gabinete, seria garantir que Jack permanecesse ali.

— Não podemos fazer isso — protestou a primeira-ministra da Índia, admitindo: — Acabamos de receber uma lição da Marinha americana.

— Uma lição dura — concordou Zhang. — Mas não permanente. Acredito que o dano infligido aos seus navios estará sanado nas próximas duas semanas.

Essa afirmação fez Índia virar sua cabeça. Ela fora informada a esse respeito havia apenas alguns dias. Os reparos estavam minando uma parcela considerável do orçamento anual da Marinha indiana, o que vinha sendo sua maior preocupação. Não era todo dia que um país estrangeiro, particularmente um que já fora oponente numa guerra, revelava sua penetração em outro governo.

— Os EUA são uma fachada, um gigante com um coração doente e um cérebro insano — teorizou Daryaei. — A senhora mesma nos disse, primeira-ministra. O presidente Ryan é um homem pequeno num trabalho grande. Se tornarmos esse trabalho maior e mais difícil, os EUA perderão sua capacidade de interferir conosco por tempo suficiente para alcançarmos nossos objetivos. O governo americano está paralisado e permanecerá assim por algumas semanas.

Tudo que precisamos fazer é aumentar o grau de paralisia.

— E como é possível isso? — indagou Índia.

— Através do stratagema simples de ampliar seus problemas externos e ao mesmo tempo perturbar sua estabilidade interna. Para a primeira coisa bastarão algumas ameaças da sua parte. Quanto à segunda,

isso é assunto meu. Mas acho que será melhor que a senhora não tenha nenhum conhecimento a respeito desse aspecto.

Tivesse podido, Zhang não teria nem mesmo respirado naquele momento, para melhor controlar as emoções. Não era todo dia que se encontrava com alguém tão impiedoso quanto ele. Além disso, não queria saber o que Daryaei tinha em mente. Era melhor que outro país cometesse um ato de guerra.

— Prossiga — disse Zhang, pegando um cigarro no bolso.

— Cada um de nós representa um país com grandes capacidades e necessidades. China e Índia possuem populações enormes e precisam de espaço e recursos. Em breve disporei de recursos, do capital que vem com eles, e também da capacidade de determinar como ambos serão distribuídos. A União Republicana do Islã se tornará uma grande potência como as suas. O Ocidente dominou o Oriente por tempo demais. — Daryaei olhou diretamente para Zhang.

— Ao norte de nós jaz um cadáver apodrecido. Há muitos milhões de Fiéis lá, e eles precisam ser libertados. Lá também existem os recursos e o espaço de que o seu país precisa. Eu lhe darei isso, se me oferecer em troca as terras dos Fiéis.

— Ele olhou para a primeira-ministra da Índia. — Ao sul de vocês jaz um continente vazio com o espaço e os recursos dos quais a senhora precisa. Por sua cooperação, acredito que a União Republicana do Islã e a República do Povo estarão dispostas a oferecer sua proteção. De cada um de vocês peço apenas cooperação silenciosa sem risco direto.

Índia comentou com seus botões que já ouvira isso antes, mas suas necessidades também não tinham mudado desde então. China pensou imediatamente numa forma de prover distração sem correr muito perigo. Isso acontecera antes. O Irã... ou melhor, essa República Unida... oh, claro, pensou Zhang. Claro. A União Republicana do Islã assumiria todos os riscos reais, embora aparentemente esses riscos houvessem sido muito bem calculados.

Quando retornasse a Pequim ele faria sua própria checagem da correlação de forças.

— Claro que não estou pedindo que assumam compromissos neste momento. Vocês precisam certificar-se de que estou falando sério a respeito de minhas capacidades e intenções. Contudo, peço que considerem minha proposta... informal... de uma aliança.

— Paquistão — sugeriu a primeira-ministra, numa atitude que Zhang considerou tola.

— Islamabad já é uma marionete americana há muito tempo, e portanto não merece nossa confiança — replicou prontamente Daryaei, que tinha considerado esse país antes, embora não esperasse que a Índia o propusesse tão rapidamente.

Essa mulher odiava a América tanto quanto ele. Bem, a lição, como ela a chamara, ferira seu orgulho ainda mais profundamente do que seus diplomatas tinham reportado. Era bem típico uma mulher valorizar tanto o seu orgulho. E fraco. Excelente. Olhou para Zhang.

— Nossos compromissos com o Paquistão são unicamente comerciais, e como tais estão sujeitos a modificações — observou China, igualmente deliciado com a fraqueza de Índia. Ela não tinha ninguém a quem culpar além de si própria. Ela designara forças para o campo de batalha... ou melhor, para o mar... com o intuito de apoiar o ataque ineficaz do Japão à América. A China, por sua vez, não fizera e não arriscara nada, tendo emergido da guerra ileso e descomprometido. Nem mesmo os superiores mais cautelosos de Zhang fizeram objeção às suas ações. E agora, novamente, mais ninguém assumiria riscos, e a Índia se moveria para prover apoio pacifista, enquanto a China não teria nada a fazer além de repetir uma política anterior aparentemente sem nenhuma relação com essa nova União Republicana do Islã. Essa política pareceria apenas um teste para um novo presidente americano, e esse tipo de coisa acontecia o tempo todo. Além disso, Taiwan ainda era um incômodo. Aquilo era uma situação curiosa. Irã, motivado acima de tudo pela religião, a Índia, motivada por cobiça e ódio. A China, por outro lado, pensava a longo prazo, buscando o que realmente importava, desapaixonada e discretamente, como de

praxe. O objetivo do Irã era evidente, e se Daryaei estava disposto a correr risco de guerra em seu nome, então por que não observar em segurança, torcendo por seu sucesso? Mas ele não comprometeria seu país agora. Por que parecer ansioso? Índia estava ansiosa bastante para deixar de ver o óbvio: se Daryaei fosse bem-sucedido, o Paquistão faria paz com a nova União Republicana do Islã, e talvez até se unisse a ela, e então a Índia ficaria isolada e vulnerável.

Bem, era perigoso ser um vassalo, e ainda mais se você tinha aspirações de ascender ao nível seguinte — mas sem a capacidade de fazer isso acontecer. Era preciso muito cuidado na escolha de aliados. A gratidão entre nações era como uma flor de estufa: quando exposta ao mundo real, murchava facilmente.

A primeira-ministra meneou a cabeça em reconhecimento à sua vitória sobre o Paquistão, e não disse mais nada.

— Nesse caso, meus amigos, agradeço pela gentileza em reunirem comigo.

Agora, com sua permissão, preciso partir.

Os três se levantaram. Apertos de mão foram trocados, e caminharam até a porta. Minutos depois, o avião de Daryaei correu pela pista acidentada. O mula olhou para o bule que lhe foi oferecido e decidiu que seria melhor não tomar café. Queria algumas horas de sono antes de suas orações matutinas. Mas antes...

— Suas previsões estavam inteiramente corretas — reconheceu.

— Os russos chamam essas coisas de condições objetivas. Eles eram e ainda são infiéis, mas suas fórmulas de análise de problemas possuem um certo grau de precisão — explicou Badrayn. — Foi por causa disso que aprendi a colher informações com extremo cuidado.

— Foi o que vi. Sua próxima tarefa será planejar algumas operações.

Dito isso, Daryaei reclinou sua poltrona e fechou os olhos, imaginando se sonharia de novo com leões mortos.

Por mais que tivesse desejado um retorno à medicina clínica, Pierre Alexandre não gostava especialmente dela, pelo menos no tocante a tratar pessoas que não sobreviveriam. O ex-oficial das forças armadas que havia nele pensava que defender Bataan devia ter sido algo bem parecido. Fazer tudo que estava ao seu alcance, disparando todas as suas balas, mas sabendo que o alívio jamais chegaria. No momento havia três pacientes com AIDS, todos homossexuais na casa dos trinta, todos com menos de um ano de vida.

Alexandre era um homem muito religioso e não aprovava o estilo de vida gay, mas ninguém merecia uma morte como essa. E mesmo se merecesse, ele era médico, e não Deus no trono do Juízo Final. Merda, pensou saindo do elevador e falando suas notas de prontuário num minigravador.

Era parte do trabalho de um médico compartimentar sua vida. Os três pacientes nesta unidade estariam aqui amanhã, e nenhum deles precisaria de atenção de emergência naquela noite. Colocar seus problemas de lado não era cruel. Era apenas uma questão de negócios. Além disso, as vidas dos três pacientes dependiam de sua habilidade em desligar-se um pouco de seus corpos enfermos para voltar sua atenção aos microorganismos que os atacavam. Deu a fita cassete à sua secretária, que datilografaria as notas.

— Dr. Lorenz, de Atlanta, retornou seu telefonema, retornando o telefonema dele e retornando o seu telefonema original — disse a secretária enquanto ele passava. Assim que se sentou, o médico discou de cabeça a linha direta.

— Sim?

— Gus? É Alex, daqui do Hopkins. Te peguei — disse com uma risadinha.

Ele ouviu uma grande risada do outro lado da linha. A diferença de fusos horários costumava provocar um pega-pega infernal.

— Como vai a pescaria, coronel?

— Acredita que ainda não tive tempo? Ralph está me fazendo dar duro.

— Que quer de mim? Foi você quem ligou antes, não foi? — Lorenz não tinha mais certeza, outro sinal de um homem trabalhando duro demais.

— Fui eu sim, Gus. Ralph me disse que você está começando a trabalhar numa nova estrutura do Ebola... resultante daquela pequena epidemia no Zaire, certo?

— Bem, eu estaria, só que alguém roubou meus macacos — reportou amargamente o diretor do CDC. — O carregamento substituto chegará daqui a um dia ou dois, pelo menos foi o que me disseram.

— Foram invadidos? — perguntou Alexandre.

Um dos problemas dos laboratórios que trabalhavam com animais experimentais era que de vez em quando os fanáticos pelos direitos dos animais tentavam invadir os laboratórios e libertar os bichos. Um dia, caso não se tomasse cuidado, algum maluco sairia com um macaco debaixo do braço e descobriria que o animal tinha febre Lassa... ou coisa pior. Como os médicos poderiam estudar os malditos vírus sem animais... e quem podia dizer que um macaco era mais importante que um ser humano? A resposta a isso era simples: na América havia pessoas que acreditavam em praticamente todo tipo de coisa, e ser um pé no saco era um direito constitucional. Por causa disso, CDC, Hopkins e outros laboratórios de pesquisa tinham guardas armados que protegiam as jaulas de macacos. E até as gaiolas dos ratos, lembrança que sempre fazia Alex levantar os olhos para o teto.

— Não. Eles foram sequestrados na África. De qualquer modo, isso vai me retardar uma semana. Que diabo. Estava procurando esse desgraçado há 15 anos.

— A amostra é recente?

— Veio do Paciente índice. Identificação positiva, Ebola Zaire, cepa Mayinga. Temos outra amostra da única outra paciente. Aquela que desapareceu...

— O quê? — perguntou Alexandre em alarme imediato.

— Perdida no mar numa queda de avião. Estava sendo levada para Paris para ver Rousseau. Não houve mais casos, Alex. Desta vez nos esquivamos da bala, para variar — garantiu Lorenz ao colega mais jovem.

Melhor morrer esmagada numa queda de avião do que sangrando até a morte por causa do maldito filho da puta, pensou Alexandre. Ele ainda pensava como um soldado, com direito a profanidades e tudo.

— Que bom — disse Alexandre.

— E então, por que ligou?

— Polinômios — ouviu Lorenz.

— Como assim? — perguntou o médico em Atlanta. — Quando mapear esse aí, pense em fazer uma análise matemática da estrutura — disse Alexandre.

— Venho brincando com isso há algum tempo. Porém, neste momento quero examinar o ciclo reprodutivo e...

— Exatamente, Gus, a natureza matemática da interação. Eu estava conversando com uma colega daqui... uma cortadora de olhos, acredita? Ela disse uma coisa interessante. Se os aminoácidos possuem um valor matemático quantificável, e eles devem possuir, então a forma como interagem com cadeias de códons pode dizer-nos alguma coisa.

— Alexandre fez uma pausa e ouviu um fósforo acender. Gus estava fumando seu cachimbo no escritório de novo.

— Continue.

— Ainda estou pensando no assunto, Gus. E se for como você vem pensando? Se tudo for como uma equação? O truque é resolvê-la, certo? Como fazemos isso? Ralph me contou sobre o seu estudo de ciclos de tempo. Acho que está no caminho certo. Se mapearmos o RNA do vírus, e tivermos o DNA do

hospedeiro mapeado, então...

— Eureka! As interações nos dirão algo sobre os valores dos elementos no polinômio...

— E isso nos dirá muito sobre como o desgraçado se replica e talvez, apenas talvez...

— Como atacá-lo! — Uma pausa e uma baforada longa do outro lado da linha. — Alex, isso é muito bom.

— Você é o melhor para o trabalho, Gus, e já está com tudo preparado para a experiência.

— Mas falta uma coisa.

— Sempre falta.

— Deixe-me pensar nisso por um ou dois dias. Te ligo de volta. Boa essa, Alex.

— Obrigado, senhor.

O professor Alexandre colocou o telefone no gancho pensando que prestara um serviço à ciência médica. Mas não era muito, e realmente faltava um elemento naquela sugestão.

Experiências

Foram necessários vários dias para providenciar tudo. O presidente Ryan precisava reunir-se com mais uma turma de novos senadores — alguns deles de estados que estavam trabalhando com uma certa lentidão, principalmente porque seus governadores tinham estabelecido comitês para avaliar listas de candidatos. Em Washington isso foi recebido com surpresa por quem esperava que os governadores agissem como sempre, nomeando substitutos ao Senado assim que os cadáveres esfriassem. Só que aquele discurso de Ryan tinha gerado uma certa reação, afinal de contas. Oito governadores perceberam que a situação era única e agiram de forma diferente, obtendo no processo elogios dos jornais locais, se não a aprovação completa da imprensa nacional.

A primeira viagem política de Jack foi experimental. Levantou cedo, beijou a mulher e os filhos ao caminhar até a porta e embarcou no helicóptero no Jardim Sul pouco antes das sete da manhã. Dez minutos depois, deixou o avião para subir correndo a escada para o Força Aérea Um, tecnicamente conhecido pelo Pentágono como um VC-25a, um 747 custosamente modificado segundo a conveniência pessoal do presidente. Subiu a bordo no momento em que o piloto, um coronel de idade avançada, estava conferindo suas instruções de voo.

Olhando para trás, Ryan pôde ver cerca de oitenta jornalistas atando os cintos de segurança de suas poltronas melhores que as de primeira classe. Na verdade, alguns cintos não fechavam, porque o Força Aérea Um geralmente voava mais suavemente que um transatlântico em águas calmas. Quando se virou para a frente, o presidente ouviu: — E este é um voo de não-fumantes!

— Quem disse isso? — perguntou o presidente.

— Um dos pulhas da TV — replicou Andréa. — Acha que o avião é dele.

— De certo modo é sim — lembrou Arnie. — Não esqueça disso.

— Aquele é Tom Donner — acrescentou Callie Weston. — Ancora da NBC.

Suas fezes não cheiram bem, e ele usa mais fixador de cabelo do que eu. Mas parte dele está grudado na careca.

— Siga-me, presidente — disse Andréa, apontando para a frente. A cabine do presidente no Força Aérea Um ficava no nariz extremo do convés principal. Ali havia poltronas comuns, embora muito confortáveis, mais dois sofás que se desdobravam em camas para viagens longas. Sob o olhar atento de sua agente principal, o presidente fechou o cinto de segurança. Os passageiros poderiam quebrar as regras — o Serviço Secreto não estava nem aí para os jornalistas —, mas não o POTUS. Depois que ele estava seguro, Andréa gesticulou para um tripulante do Força Aérea Um, que levantou um telefone e disse ao piloto que ele podia seguir agora. Feito isso, as turbinas foram acionadas. Jack perdera a maior parte de seu medo de voar, mas esta era a parte do voo na qual ele fechava os olhos e pensava (anos antes ele sussurraria) uma oração pela segurança coletiva das pessoas a bordo — na crença de que Deus o consideraria egoísta se rezasse apenas por si. Mais ou menos no fim dessa oração, a aeronave começou a taxiar, mais rápido que o normal para um 747. Pouco carregado, o avião parecia um jatinho correndo, e não um trem ganhando velocidade na estação.

— Certo — disse Arnie enquanto o nariz do avião levantava. O presidente esforçou-se para não segurar os descansos de braço, como fazia normalmente. — Vai ser tranquilo. Indianápolis, Oklahoma

City e de volta para casa na hora do jantar. As multidões serão amigáveis e quase tão reacionárias quanto você — acrescentou com uma piscadela. — Portanto, não tem realmente nada com que se preocupar.

A agente especial Price, sentada no mesmo compartimento para a decolagem, odiava quando alguém dizia isso. O chefe de gabinete van Damm — CARPINTEIRO para o Serviço Secreto; Callie Weston era CALIOPE — era um dos funcionários que nunca entendiam as dores de cabeça que o Serviço sofria.

Pensava no perigo como um risco político, mesmo depois da queda do 747.

Incrível, pensou ela. Alguns metros atrás, o agente Raman estava vigiando o corredor de acesso, para o caso de algum repórter sacar um revólver em vez de um lápis. Havia mais seis agentes a bordo para ficarem de olho em todos, mesmo os tripulantes uniformizados, e um pelotão deles estava de prontidão em cada uma das duas cidades, juntamente com um imensa coleção de tiras locais.

Na base Tinker da Força Aérea, em Oklahoma City, o caminhão-tanque já estava sob a guarda do Serviço Secreto, para que ninguém contaminasse o combustível que abasteceria o avião presidencial; permaneceria assim até muito depois que o 747 retornasse para Andrews. Um transporte C-5B Galaxy já estava em Indianápolis, tendo levado os automóveis presidenciais para lá.

Mover o presidente era como transportar o circo Ringling Brothers, Barnun & Bailey, com a exceção de que geralmente ninguém pensava em matar o trapezista.

Ryan, notou a agente Price, estava repassando seu discurso. Aquele era um de seus poucos comportamentos normais. Eles quase sempre ficavam nervosos antes de fazer discursos — geralmente não tanto por medo de palco, mas principalmente por causa do conteúdo do que diriam. O pensamento provocou um sorriso no rosto de Price. Ryan não estava preocupado com o conteúdo, mas receava arruinar tudo. Bem, ele aprenderia, e sua boa estrela era que Callie Weston, por mais chata que fosse, escrevia discursos maravilhosos.

— Desjejum? — perguntou uma aeromoça agora que o avião estava nivelado.

O presidente meneou a cabeça.

— Estou sem fome, obrigado.

— Traga-lhe ovos com presunto, torrada e café descafeinado — ordenou van Damm.

— Jamais tente fazer um discurso com o estômago vazio — aconselhou Callie. — Ouça o que digo.

— E evite café de verdade. A cafeína o deixará agitado. Quando um presidente fez um discurso — essa era a lição matutina de Arnie —, ele... Callie, me dá uma ajuda?

— Nada dramático nessas duas cidades hoje. Você está na casa do vizinho porque ele quer seu conselho num assunto. Seja amigável. Razoável. Calmo. Ei, Fred, acho que você devia fazer assim e assim — explicou Weston com as sobrelhas soerguidas.

— Um médico de família gentil dizendo a um cliente que ele devia evitar comida gordurosa e talvez jogar uma partida de golfe a mais por semana... exercício pode ser divertido, esse tipo de coisa — emendou o chefe de gabinete.

— Você faz isso o tempo todo na vida real.

— É só fazer isso hoje de manhã na frente de mil pessoas, certo? — perguntou Ryan.

— E câmeras da C-SPAN, e noticiários noturnos e...

— A CNN também transmitirá ao vivo, porque esse será seu primeiro discurso numa viagem pelo país — acrescentou Callie. Não havia motivo para mentir para o homem.

Deus. Jack baixou os olhos para seu discurso.

— Tem razão, Arnie. É melhor descafeinado. — Levantou os olhos subitamente. — Fumantes a bordo?

Foi a forma como perguntou que fez a aeromoça virar-se.

— Quer um, senhor?

A resposta saiu um pouco envergonhada.

— Sim.

Ela lhe deu um Virginia Slim e acendeu-o com um sorriso caloroso. Não era todo dia que se tinha uma chance de proporcionar um serviço ao comandante-em-chefe. Ryan deu uma baforada.

— Se contar à minha esposa, sargento...

— Nosso segredo, senhor. — Ela desapareceu para pegar o café da manhã do presidente, seu dia já ganho.

O líquido era de uma cor horrível, escarlate vivo com um tom de marrom.

Eles tinham monitorado o processo com amostras pequenas sob um microscópio eletrônico. Os rins de macaco expostos ao sangue infectado eram compostos de células discretas e altamente especializadas, e por algum motivo, o Ebola adorava essas células assim como um glutão adora sua musse de chocolate. Assistir àquilo tinha sido a um só tempo fascinante e horrível. As cepas microscópicas do vírus tocaram as células, penetraram-nas e começaram a se replicar na biosfera rica e aquecida. Era como uma cena de um filme de ficção científica, só que muito real. Equivocava-se quem dizia que este vírus, como todos os outros, estava vivo. Ele podia agir apenas com ajuda, e essa ajuda precisava vir do hospedeiro, que proporcionava os meios para o vírus ser ativado e também conspirava para sua própria morte. Os filamentos do Ebola continham apenas RNA, e para que a mitose acontecesse, eram necessários RNA e DNA. As células renais tinham ambos; os filamentos do vírus procuravam-nas e, quando as juntavam, o Ebola começava a se re produzir.

Fazer isso requeria energia, e ela era suprida pelas células renais que no fim eram, obviamente, destruídas. O processo multiplicativo era um microcosmo do processo de doença numa comunidade humana. Começava lentamente e depois acelerava geometricamente — 2,4, 16,256, 65.536 — até que todos os nutrientes tinham sido comidos e restassem apenas filamentos do vírus, que em seguida ficavam adormecidos e esperavam a oportunidade seguinte. As pessoas atribuíam todo tipo de imagem falsa à doença. Esperaria sua chance; mataria sem misericórdia; procuraria outras vítimas. Tudo isso essa bobagem antropomórfica, como bem sabiam Moudi e seu colega. A coisa não pensava.

Ela não fazia nada malévolo. Tudo que o Ebola fazia era comer e reproduzir e voltar ao estado adormecido. Mas como um computador é apenas uma coleção de comutadores elétricos que podem distinguir apenas os numerais 1 e 0 — mas que faz isso mais rápida e eficientemente que seus usuários humanos —, o Ebola adaptava-se supremamente bem para se reproduzir tão rápido que o sistema imunológico do corpo humano, geralmente um mecanismo de defesa eficiente, era completamente rendido, como se sob o ataque de uma legião de formigas carnívoras. Nisso residia a fraqueza histórica do Ebola. Era eficiente demais.

Matava muito rápido. Seu mecanismo de sobrevivência dentro do hospedeiro humano também tendia a matar o hospedeiro antes de passar a doença adiante.

Além disso, o Ebola não sobrevivia por tempo suficiente no ambiente externo, e apenas num ambiente selvático. Por esse motivo, e como não podia sobreviver num hospedeiro humano sem matá-lo em dez dias ou menos, também evoluía lentamente — sem dar o passo evolucionário seguinte de se tornar aéreo.

Ou era o que todos pensavam. Talvez esperavam fosse uma palavra ainda melhor, refletiu Moudi. Uma variante do Ebola que pudesse disseminar-se pelo ar seria catastróficamente mortal. Era possível que fosse exatamente isso que eles tinham. Esta era a cepa Mayinga, conforme fora estabelecido por diversos exames microscópicos, e suspeitava-se que essa variante fosse capaz de transmissão aérea, e era isso que estavam dispostos a provar.

Por exemplo, o congelamento profundo, usando nitrogênio líquido como refrigerante, matava a maioria das células humanas. Quando elas congelavam, a expansão da água, que contribuía com a maior parte da massa celular, explodia as paredes celulares, deixando atrás de si nada além de destroços. O

Ebola, por outro lado, era primitivo demais para que isso acontecesse. Calor excessivo podia matá-lo. Luz ultravioleta podia matá-lo. Alterações mínimas no ambiente químico podiam matá-lo. Mas bastava-lhe um lugar frio e escuro para que ficasse adormecido em paz.

Eles trabalharam numa caixa com luvas embutidas. Era um ambiente altamente controlável e mortalmente contaminado, cercado por lexican forte o bastante para deter a bala de uma arma. Em dois buracos laterais cortados no plástico duro, e rebitado em cada estação de trabalho, havia um par de luvas de borracha grossa. Moudi retirou 10cc do líquido rico em vírus e transferiu-o para uma pequena caixa, a qual lacrou. A lentidão do processo devia-se menos ao perigo físico do que à dificuldade em operar com as luvas. Quando o recipiente foi fechado, ele o transferiu de uma mão enluvada para outra, e então para o diretor, que executou um movimento semelhante, finalmente movendo-o para uma pequena escotilha. Quando essa porta foi fechada, conforme indicado por uma luz acionada por um sensor de pressão, o pequeno compartimento foi inundado com spray desinfetante — solução de fenol. Os médicos aguardaram um pouco, deixando o spray assentar por três minutos, até terem certeza de que o ar e o recipiente de transferência estavam seguros para ser liberados. Até então ninguém o tocava sem luvas, e apesar da segurança da caixa com luvas, os dois médicos estavam usando roupas protetoras. O diretor removeu o recipiente, segurando-o com as duas mãos enquanto percorria o caminho de três metros até a mesa de trabalho.

Para o propósito da experiência, a lata de aerossol era do tipo usado para inseticidas, podendo ser colocada no chão e ativada para borrifar sozinha uma sala inteira. Tinha sido desmontada inteiramente, limpada três vezes a vapor quente e remontada; as partes plásticas teriam imposto um problema, mas isso fora constatado e resolvido alguns meses antes. Era uma peça rudimentar. As versões industriais seriam muito mais elegantes. O único perigo aqui provinha do nitrogênio líquido, um fluido de aparência aquosa que, caso fosse derramado sobre as luvas, iria congelá-las imediatamente, provocando seu estilhaçamento.

O diretor permaneceu imóvel enquanto Moudi vertia o líquido criogênico em torno do frasco de pressão. O propósito do experimento requeria apenas alguns cc. O líquido rico em Ebola foi injetado num recipiente de aço inoxidável, e a tampa de rosca, fechada. Quando a capa plástica foi lacrada, o novo recipiente foi espargido com desinfetante e em seguida lavado com solução salina estéril.

O recipiente de transferência menor foi colocado numa caixa de dejetos para futura incineração. — É isso — disse o diretor. — Estamos prontos.

Dentro da lata de spray o Ebola já estava congelado profundamente, mas não por muito tempo. O nitrogênio evaporava com relativa rapidez, e a amostra descongelaria. Nesse momento, o restante da experiência seria providenciado. E mais tarde os dois médicos removeriam suas roupas protetoras e iriam jantar.

O piloto, um coronel, fez o avião tocar o solo com perícia formidável. Era a primeira vez que conduzia o presidente, e tinha algo a provar. O percurso pela pista foi rotineiro, com as turbinas de reversão retardando o jumbo até a velocidade automática antes de seu nariz virar para a esquerda. Pelas janelas, Ryan podia ver centenas — não, logo percebeu, milhares — de pessoas. Todas estão ali para me ver?, perguntou-se. Droga. As pessoas nas fileiras da frente seguravam bandeiras vermelhas, azuis e brancas. Quando a aeronave finalmente parou, as bandeiras nacionais levantaram-se todas a um só tempo, como se acionadas por um dispositivo automático. A escada móvel foi trazida até a porta, que foi aberta pela aeromoça — chamá-la assim seria incorreto — que lhe dera um cigarro.

— Quer mais um? — sussurrou a mulher. Ryan esboçou um sorriso sem jeito.

— Talvez mais tarde. E obrigado, sargento.

— Como dizem no teatro, merda pra você, presidente... mas não escorregue na escada, certo?

Ela recebeu um risinho como recompensa.

— Tudo preparado para o Patrão — ouviu Price por seu circuito de rádio vindo do líder da equipe avançada. Ela assentiu para o presidente Ryan.

— É hora do show, presidente.

Ryan respirou fundo e parou no centro da porta, encarando o dia claro do Meio-Oeste.

O cerimonial ditava que ele teria de descer a escada primeiro e sozinho.

Mal tinha parado no vão da porta quando uma ovação explodiu, vinda de pessoas que mal sabiam qualquer coisa sobre ele. Terno abotoado, cabelo penteado e fixado com spray apesar de seus protestos, Jack Ryan desceu a escada, sentindo-se mais um palhaço que um presidente até pisar no chão. Enfiou um primeiro-sargento da Força Aérea bateu uma continência que Ryan, devidamente condicionado em seus poucos meses nos fuzileiros, retribuiu perfeitamente — e mais uma ovação se fez ouvir. Olhou em torno para ver agentes do Serviço Secreto e do Tesouro espalhados estrategicamente, quase todos eles olhando para a multidão. A primeira pessoa a se aproximar foi o governador do estado.

— Bem-vindo a Indiana, presidente! — Ele agarrou a mão de Ryan e apertou-a vigorosamente. — Estamos honrados em receber sua primeira visita oficial.

Eles não haviam poupado recursos. Uma companhia da Guarda Nacional local foi formada. A banda iniciou a marcha Ruffles and Flourishes, seguida imediatamente por Hail to the Chief, e Ryan teve a sensação de ser uma fraude.

Com o governador ao seu lado e a meio passo atrás, Ryan seguiu o tapete — que grande surpresa... — vermelho. Os soldados reunidos apresentaram armas, e a banda tocou seu velho hino, embora não o Stars and Stripes que, como um atleta americano proclamara certa vez, saúda a bandeira, e não nenhum tipo de potentado (ele fora um americano de descendência irlandesa que não quisera homenagear o rei da Inglaterra na Olimpíada de 1908). Jack pousou a mão direita sobre o coração enquanto passava, gesto lembrado de sua juventude, e olhou para os guardas reunidos. Ele era agora seu comandante-em-chefe, disse o presidente a si mesmo. Podia ordenar que fossem para o campo de batalha, e teria de fitar seus rostos. Ali estavam eles, barba feita, jovens, orgulhosos, como ele teria estado vinte e muitos anos antes. Eles estavam aqui por ele. E ele sempre estaria ali por eles. Sim, Jack disse a si mesmo. Precisava lembrar disso.

— Posso apresentá-lo a alguns cidadãos, senhor? — perguntou o governador, apontando para a cerca de proteção. Ryan assentiu e o seguiu.

— Atenção: contato de pele — disse Andréa no microfone de seu rádio. Por mais frequente que fosse, esta era a situação que os agentes da segurança presidencial mais odiavam. Price estaria com POTUS o tempo todo. Raman e três outros pairariam em ambos os lados dele, olhos vasculhando a multidão por detrás de óculos escuros, procurando armas, expressões erradas, rostos memorizados de fotografias, qualquer coisa fora do comum.

Havia muitos, pensou Jack. Nenhum votara nele, e até muito recentemente poucos conheciam seu nome. Ainda assim estavam lá. Alguns, talvez, funcionários públicos desfrutando de um dia de folga, mas não aqueles segurando crianças, e o brilho em seus olhos impressionou o presidente, que jamais vivenciara nada parecido. Mãos estendiam-se freneticamente, e ele apertou todas que pôde, movendo-se para sua esquerda ao longo da fila, tentando ouvir vozes individuais através da cacofonia de gritos.

— Bem-vindo a Indiana! — Como vai? — Sr. presidente — Confiamos em você! — Bom trabalho até agora! — Estamos com você!

Ryan tentou responder, exprimindo pouco mais do que um obrigado mecânico, a boca conseguindo quase nada além de se manter aberta em pasmo pelo carinho avassalador, com que estava sendo tratado. Foi suficiente para fazê-lo ignorar a dor crescente em sua mão, mas finalmente teve de recuar da cerca e gesticular, o que gerou mais uma cacofonia de expressões de amor pelo novo presidente.

Droga. Que fariam se soubessem a fraude que eu sou? Que diabos estou fazendo aqui? — perguntou-

se enquanto se dirigia à porta aberta da limusine presidencial.

Havia dez deles no porão do prédio. Todos homens. Apenas um era prisioneiro político, e seu crime era apostasia. O restante consistia em pessoas singularmente indesejáveis: quatro assassinos, um estuproador, dois molestadores de crianças e dois ladrões que eram reincidentes e, como tais, sob a lei do Corão, sujeitos ao corte de suas mãos direitas. Estavam numa única sala com ar condicionado, cada um deles com o pé preso à cama por uma corrente.

Todos estavam condenados à morte, exceto os ladrões que supostamente seriam apenas mutilados, e, sabendo disso, perguntavam-se o que estavam fazendo com o resto. Para os outros, o motivo de ainda estarem vivos era um mistério ainda não questionado, mas que também não lhes trouxe alívio. Sua dieta nas últimas semanas fora particularmente pobre, o suficiente para reduzir sua energia física e seu nível de alerta. Um, deles enfiou um dedo na boca para examinar as gengivas inflamadas e feridas. O dedo k saiu quando a porta foi aberta.

Era alguém vestido numa roupa plástica, que nenhum deles vira antes. A pessoa — um homem, embora mal pudessem discernir-lhe o rosto por trás da máscara de plástico —, — pousou um recipiente cilíndrico no assoalho de concreto, tirou a capa plástica azul e premiu um botão. Então retirou-se apressado. A porta mal se fechara quando um chiado escapou do recipiente, e um vapor espalhou-se pelo quarto como se ali fosse uma sauna. Um deles gritou, achando que se tratava de gás venenoso, e puxou o lençol fino da cama para cobrir o rosto. O mais próximo do spray estava atordoado e apenas observou, e quando a nuvem cobriu-o, olhou em torno enquanto os outros esperavam que ele morresse. Quando isso não aconteceu, os homens sentiram-se mais curiosos que amedrontados. Depois de alguns minutos, o incidente passou para a sua limitada História. As luzes ; foram apagadas, e puseram-se a dormir.

— Três dias para descobrir — disse o diretor, desligando o monitor que mostrava a cela. — O sistema de borrifo que fizeram parece funcionar bem, proporcionando uma dispersão apropriada. Tiveram um problema com o dispositivo de retardamento. Na versão industrial o espargimento só deverá começar depois de... uns cinco minutos, acho.

Três dias, pensou Moudi. Setenta e duas horas para constatar o mal que haviam despertado.

Apesar de todo o dinheiro e exagero, apesar de todo o planejamento detalhado, Ryan estava sentado numa simples cadeira dobrável de metal, o tipo que deixava a bunda doendo. A sua frente havia uma bancada de madeira coberta por um pano vermelho, azul e branco. Sob o pano havia uma folha de aço presumivelmente capaz de deter uma bala. O pódio era blindado de forma parecida — aço e Kevlar neste caso; Kevlar é uma liga a um só tempo forte e leve — e protegeria praticamente todo seu corpo abaixo dos ombros. O estádio universitário — um ginásio muito grande, embora não aquele usado por seu time de basquete, já eliminado do campeonato — estava cheio até a borda, como os jornalistas costumavam descrever auditórios com todos os seus assentos ocupados. A maior parte da plateia provavelmente era composta de estudantes, mas era difícil precisar isso. Ryan era o alvo de incontáveis luzes brilhantes, e a iluminação excessiva impedia-lhe de ver a maior parte da plateia. Tinham chegado pela porta dos fundos, entrando pela porta de um vestiário fedorento porque o presidente usaria o caminho mais rápido para entrar e sair. O cortejo de automóveis seguira uma rodovia a maior parte do tempo, mas nas ruas comuns, que tinham ocupado talvez um quarto da distância, houvera pessoas nas calçadas, acenando para ele enquanto seu governador exaltava as virtudes da cidade e do estado Hoosier. Jack pensou em perguntar a origem da palavra Hoosier, mas decidiu que era melhor ficar calado.

O governador estava falando novamente agora, sucedendo três outros oradores. Um estudante, seguido pelo reitor da universidade e depois pelo prefeito. O presidente tentou realmente prestar atenção aos discursos, mas enquanto por um lado todos diziam basicamente a mesma coisa, por outro, pouco do que falavam era verdade. Era como se estivessem comentando sobre outra pessoa, um presidente

hipotético com virtudes genéricas para lidar com seus deveres. Talvez aquilo fosse apenas porque seus redatores de discursos estivessem acostumados a lidar apenas com assuntos locais, decidiu Jack.

Melhor para eles.

— ...minha grande honra de apresentar-lhes o presidente dos Estados Unidos.

O governador virou-se e gesticulou. Ryan se levantou, aproximou-se do pódio, apertou a mão do governador. Enquanto colocava sua pasta de discursos no topo do pódio, meneou a cabeça cumprimentando, embaraçado, a multidão que mal podia ver. Nas primeiras fileiras, à direita da cesta da quadra de basquete, estavam alguns figurões locais. Em outros momentos e circunstâncias, eles seriam grandes mecenas. Neste caso, Ryan não sabia.

Talvez pertencessem a ambos os partidos. Então lembrou que os principais mecenas doavam dinheiro para ambos os partidos, para aumentar suas chances de obter acesso ao poder, a despeito de quem estivesse nele. Provavelmente já estavam tentando descobrir como doar dinheiro à campanha de Ryan.

— Obrigado pela apresentação, governador.

Ryan virou-se para gesticular na direção das pessoas que estavam no palanque com ele, citando-os a partir de uma lista na primeira página de sua pasta de discursos, bons amigos a quem jamais reveria depois desta primeira vez, cujos rostos iluminaram-se pelo simples fato de que ele proferiu seus nomes na ordem correta.

— Senhoras e senhores, eu nunca estive antes em Indiana. Esta é a minha primeira visita ao estado Hoosier, mas depois de desfrutar de sua acolhida, espero que não seja a última...

O comentário foi recebido como se alguém tivesse levantado a tabuleta de Aplausos num programa de TV. Ele tinha apenas falado a verdade, seguida de algo que poderia ser ou não mentira, e embora soubessem disso, não se importavam nem um pouco. E então Jack Ryan aprendeu uma coisa importante pela primeira vez.

Deus, é como um narcótico, pensou Jack, compreendendo apenas então por que as pessoas ingressavam na política. Ninguém poderia ficar parado ali daquele jeito, ouvindo a adulação, vendo os rostos, e não amar o momento.

Aquilo superou o medo do palco e a sensação esmagadora de não pertencer.

Aqui estava ele, diante de quatro mil pessoas, colegas cidadãos, iguais a ele perante a lei, mas em suas mentes ele era uma coisa completamente diversa. Ele era os Estados Unidos da América. Ele era seu presidente, porém mais que isso, era a materialização de suas esperanças, seus desejos, a imagem de sua própria nação, e por causa disso estavam dispostos a amar alguém a quem não conheciam, a apreciar cada palavra, a torcer por um momento fugaz em que ele olhasse diretamente para cada par individual de olhos de modo que aquele segundo se tornasse eternamente especial, para jamais ser esquecido. Era um poder que ele desconhecia. Era por causa disso que homens dedicavam suas vidas a alcançar a presidência, para banhar-se neste momento como se fosse uma cálida onda oceânica, um instante de perfeição cabal.

Mas por que pensavam que ele era tão diferente? Por que tornavam-no especial em suas mentes? Em seu caso chegara ali por acidente, e em todos os outros casos eram eles próprios que tinham feito a escolha, que tinham elevado o homem ao pódio, que tinham transformado um homem comum em alguma outra coisa... e talvez nem isso. Era apenas uma questão de percepção. Ryan era o mesmo homem de um mês ou um ano atrás. Adquirira pouco em conhecimento e menos ainda em sabedoria. Era a mesma pessoa com um trabalho diferente, e embora estivesse cercado pelos símbolos do novo posto, a pessoa dentro do anel protetor de guarda-costas, a pessoa cercada por um mar de amor que jamais almejava, era meramente o produto de pais, infância, educação e experiências, assim como todo mundo. Pensavam que ele era diferente, especial e talvez até maior que eles, mas isso era apenas percepção, não realidade. A realidade do momento eram mãos suadas sobre o pódio blindado, um discurso escrito por outra pessoa, e um homem que sabia que estava fora de seu ambiente, por mais agradável que fosse o momento.

Então, que faço agora?, perguntou a si mesmo o presidente dos Estados Unidos, sua mente correndo à medida que a onda de aplausos daquele momento arrefecia. Jamais seria o que eles pensavam que era. Ele era um homem bom, sabia disso, mas não um grande homem, e a presidência era um trabalho, um posto, um cargo governamental que vinha com deveres definidos por James Madison, e, como com todas as coisas na vida, um ponto de transição de uma realidade para outra. Não se pode alterar o passado. O futuro era uma coisa que se tentava ver. O presente estava onde você estava, e era por causa disso que você precisava dar o máximo de si — e se tivesse sorte, talvez ser merecedor do momento. Apaixonar-se não era suficiente. Ele precisava merecer o amor para tornar as expressões naqueles rostos algo além de uma mentira, porque ao conferir-lhe poder, davam-lhe também responsabilidade, e ao ofertar-lhe amor exigiam retribuição. Tímido, Jack baixou os olhos para o painel de vidro que refletia o texto de seu discursos, respirou fundo e começou a falar como fizera em suas aulas de História em Annapolis.

— Vim conversar com vocês hoje sobre a América...

Abaixo do presidente estavam cinco agentes do serviço secreto parados em fila, seus óculos escuros acobertando-lhes os olhos de modo a impedir que as pessoas na plateia soubessem para quem estavam olhando, e também porque gente sem olhos era ameaçadora em um nível visceral. Mantinham os dedos entrelaçados à sua frente, e rádios auriculares mantinham-nos em contato uns com os outros enquanto perscrutavam a multidão. No fundo do estádio havia outros, este grupo vasculhando a plateia com binóculos, porque sabiam que o amorno prédio não era uniforme, ou mesmo que fosse, havia pessoas que tentavam matar coisas que amavam. Por esse motivo, a equipe avançada erigira arcos detectores de metais portáteis em todas as entradas. Por esse motivo, cães pastores belgas tinham farejado o prédio em busca de explosivos. Por esse motivo observavam tudo com a mesma atenção que soldados numa zona de combate dispensariam a cada sombra.

— ...e a força da América reside não em Washington, não em Indiana e no Novo México, mas em cada lugar em que os americanos vivem e trabalham, seja onde for. Nós em Washington não somos a América. Vocês são — a voz do presidente ribombou através do sistema de alto-falantes, não um bom sistema, tinham considerado os agentes, mas este evento fora produzido com um pouco de pressa. — E nós trabalhamos para vocês.

Mesmo assim, a plateia ovacionou novamente.

As câmeras de TV estavam conectadas a furgões no exterior do prédio, e dali antenas parabólicas emitiam os sons e as imagens para satélites. Hoje os jornalistas estavam comportados, tomando notas apesar de já terem recebido o texto integral do discurso, juntamente com uma promessa por escrito de que o presidente iria realmente enunciá-lo. O discurso de hoje do presidente..., diriam todos à noite, mas aquelas não tinham sido realmente as palavras do presidente e todos sabiam de quem eram. Callie Weston já conversara com vários jornalistas a respeito do discurso. Assim, eles agora observavam a multidão, tarefa fácil, porque não tinham lâmpadas incandescentes voltadas em sua direção.

— ... não é uma oportunidade, mas uma responsabilidade que todos compartilhamos, porque a América pertence a todos nós. Assim, o dever de governar nosso país começa aqui, não em Washington. Mais aplausos.

— Bom discurso — observou Tom Donner para seu comentarista analista, John Plumber.

— Muito bem declamado também. Conversei com o superintendente da Academia Naval. Dizem por lá que o presidente era um excelente professor — replicou Plumber.

— Ele também teve uma boa plateia, principalmente jovens. E não está falando sobre questões políticas.

— Está molhando os pés — concordou John. — Você tem uma equipe trabalhando no outro segmento para esta noite, certo?

Donner checou o relógio e assentiu.

— Já devem estar lá agora.

— E então, Dra. Ryan, como é ser a primeira-dama? — perguntou Krystin Matthews, com um sorriso afetuoso.

— Ainda estou descobrindo.

Estavam conversando no cubículo que servia de escritório para Cathy e dava para o centro de Baltimore. Mal havia espaço para uma mesa e três cadeiras (uma boa para a doutora, uma para o paciente e a outra para seu cônjuge ou mãe), e com todas as câmeras e luzes na sala, ela se sentia encurralada. — Sabe, sinto falta de cozinhar para a minha família.

— A senhora é cirurgiã... e o seu marido também espera que cozinhe? — indagou a âncora da NBC, com uma expressão de surpresa que beirava a indignação.

— Sempre gostei de cozinhar. É uma forma de relaxar quando chego em casa. — Em vez de assistir à TV, a professora Caroline Ryan podia ter acrescentado. Ela estava usando um novo jaleco. Dispusera de 15 minutos para cuidar de seu cabelo e maquiagem, e tinha pacientes à espera. — Além do mais, faço isso muito bem.

Ah, sim, então era diferente. Um sorriso matreiro: — Qual é o prato favorito do presidente? Cathy retribuiu o sorriso.

— Essa é fácil. Bife, batata assada, espiga de milho assada, e minha salada de espinafre... Eu sei, a médica em mim sabe que isso é um pouco pesado em colesterol. Jack é muito bom na grelha. Na verdade, ele é o tipo de homem que ajuda muito na casa. Ele nem se importa em cortar a grama.

— Deixe-me levá-la de volta à noite que seu filho nasceu, aquela noite terrível quando os terroristas...

— Eu não esqueci — disse Cathy numa voz mais serena.

— O seu marido matou pessoas. A senhora é médica. Como se sente a respeito disso?

— Jack e Robby... ele é almirante Jackson agora... Robby e Sissy são nossos amigos mais íntimos — explicou Cathy. — Em todo caso, eles fizeram o que tinham de fazer. Se não o tivessem feito, não teríamos sobrevivido àquela noite.

Não gosto de violência. Sou cirurgiã. Semana passada cuidei de um caso de trauma, um homem que perdeu o olho como resultado de uma briga num bar a alguns quarteirões daqui. Mas o que Jack fez foi diferente do que eles fizeram.

Meu marido lutou para proteger a mim e a Sally, e ao pequeno Jack, que ainda nem tinha nascido.

— Gosta de ser médica?

— Amo meu trabalho. Não o deixaria por nada.

— Mas geralmente a primeira-dama...

— Sei o que você quer dizer. Não sou uma esposa política. Exerço a medicina. Sou uma cientista de pesquisa, e trabalho no melhor instituto de visão do mundo. Tenho pacientes à minha espera agora. Eles precisam de mim... e, você sabe, também preciso deles. Meu trabalho é o que sou. Também sou esposa e mãe, e gosto de praticamente tudo em minha vida.

— Exceto isto? — perguntou Krystin, com um sorriso. Os olhos azuis de Cathy piscaram.

— Não preciso realmente responder a isso, preciso? — E Matthews soube que tinha a frase de chamada para a entrevista.

— Que tipo de homem é o seu marido?

— Bem, não posso ser totalmente imparcial, posso? Eu o amo. Ele arriscou sua vida por mim e meus filhos. Sempre que precisei de meu marido, ele estava lá. E faço o mesmo por ele. E isso que significa amor e casamento. Jack é inteligente. É honesto. Acho que é do tipo que se preocupa demais. De vez em quando ele acorda no meio da noite... lá em casa, quero dizer... e passa uma meia hora olhando pela janela para a água. Não sei se ele sabe que eu sei.

— Ainda faz isso?

— Ultimamente não. Ele geralmente está muito cansado quando se deita.

Ele nunca trabalhou tanto.

— Seus outros cargos governamentais, na CIA, por exemplo, há relatos de que ele... Cathy interrompeu erguendo uma mão.

— Não tenho acesso a assuntos confidenciais. Eu não sei, e provavelmente não quero saber. Acontece o mesmo comigo. Não tenho permissão de discutir informações confidenciais sobre pacientes com Jack, ou com qualquer um de fora da faculdade.

— Gostaríamos de vê-la com seus pacientes e... — FLOTUS balançou a cabeça, cortando o pedido no meio.

— Não. Isto é um hospital, não um estúdio de TV Não é tanto devido à minha privacidade, mas devido à privacidade dos meus pacientes. Para eles, não sou a primeira-dama. Para eles, sou a Dra. Ryan. Não sou uma celebridade.

Sou uma médica e cirurgiã. Para meus alunos, sou professora.

— E, segundo dizem, uma das melhores do mundo em sua área — acrescentou Matthews, apenas para ver a reação.

Isso resultou num sorriso.

— Sim, ganhei o prêmio Lasker, e o respeito de meus colegas é um presente que vale muito mais do que dinheiro... mas, você sabe, também não é isso que me motiva. Não é muito comum... mas de vez em quando, depois de uma cirurgia, sou eu quem tira os curativos numa sala escura, acendo as luzes lentamente, e observo. Posso ver o sentimento no rosto do paciente. Conserto os olhos, coloco-os para trabalhar novamente, e a expressão no rosto do paciente... bem, ninguém na medicina trabalha pelo dinheiro, pelo menos não aqui no Hopkins. Estamos aqui para melhorara saúde dos doentes e, no meu caso, preservar e restaurar a visão, e o olhar que você vê quando o trabalho está pronto é como ter Deus dando-lhe um tapinha no ombro e dizendo: Belo trabalho . É por causa disso que eu nunca, nunca, deixarei a medicina — disse Cathy Ryan, quase liricamente, sabendo que usariam isso na TV à noite, e torcendo para que algum jovem brilhante no ginásio ouvisse suas palavras e optasse pela medicina. Se ela precisava desperdiçar seu tempo dessa maneira, então que o usasse para servir à sua arte.

Foi uma sequencia muito boa, pensou Krystin Matthews, mas com apenas dois minutos e trinta segundos de tempo no ar, eles não poderiam usá-la. Era melhor a parte em que ela dizia como odiava ser primeira-dama. Todos mundo estava acostumado a ouvir papo de médico.

Na Mosca

O retorno ao avião foi rápido e eficaz. O governador seguiu seu caminho.

As pessoas que se haviam acotovelado nas calçadas já tinham voltado quase todas para seus trabalhos, e aqueles que se viraram para olhar estavam fazendo compras e provavelmente se perguntaram qual seria o motivo das sirenes — ou, se sabiam, ficaram irritados com o ruído. Ryan pôde recostar-se na poltrona de couro macia, arrasado pela fadiga que acompanha os momentos de estresse.

— E então, como me saí? — perguntou, olhando pela janela enquanto Indiana corria lá fora a 112 quilômetros por hora. Sorriu para si mesmo ao perceber que estava trafegando a essa velocidade na periferia de uma cidade sem o risco de levar uma multa.

— Muito bem. Muito bem mesmo — disse Callie Weston em primeiro lugar.

— Falou como um professor.

— Já fui professor — disse o presidente Ryan. E com sorte, serei de novo algum dia.

— É um tom adequado para um discurso como este, mas para outros você precisará de um pouco de fogo — observou Arnie.

— Uma coisa por vez — aconselhou Callie ao chefe de gabinete. — Antes de andar, engatinhe.

— O mesmo discurso em Oklahoma, certo? — indagou POTUS.

— Algumas mudanças, mas nada substancial. Lembre apenas que não está mais em Indiana. Está no estado Sooner, não no estado Hoosier. A mesma piada sobre tornados, mas com futebol americano em vez de basquetebol.

— Eles também perderam os dois senadores, mas ainda têm um congressista, e ele estará com você no palanque — alertou van Damm.

— Como ele sobreviveu? — perguntou Jack por pura curiosidade.

— Provavelmente estava trepando naquela noite — foi a resposta curta. — Você anunciará um novo contrato para a base Tinker da Força Aérea. Isso significa cerca de quinhentos novos empregos, consolidando algumas operações no novo terreno. Isso deverá deixar os jornais locais felizes.

Ben Goodley não sabia se era o conselheiro de Segurança Nacional ou não.

Se fosse, então era jovem demais para o trabalho, mas pelo menos o presidente ao qual servia era bem versado em relações exteriores. Isso o tornava mais um secretário de classe do que um consultor. Não se importava com isso.

Aprendera muito em seu período breve em Langley, e subira rapidamente, tornando-se um dos homens mais jovens a ganhar o cobiçado cartão de agente do serviço nacional de informações porque sabia como organizar dados, e porque tinha conhecimento político para classificar os assuntos importantes.

Estava gostando particularmente de trabalhar próximo ao presidente Ryan.

Goodley sabia que podia jogar limpo com o Patrão, e que Jack — ainda pensava nele por esse nome, embora não mais o usasse — sempre o deixaria saber o que estava pensando. Isso seria outra experiência de aprendizado para o Dr.

Goodley, e uma experiência inestimável para alguém cujo novo sonho de vida era se tornar um dia diretor da CIA por mérito, e não através de politicagens.

Na parede em frente à sua mesa havia o tipo de relógio que mostra a posição do sol no mundo inteiro. Ele requisitara um no dia que chegara — e, para sua surpresa, o aparelho aparecera literalmente do dia para a noite em vez de se arrastar através de cinco níveis de burocracia. Ouvira histórias de que a Casa Branca era uma porção do governo que funcionava de fato, e não acreditara nelas — o formando de Harvard estava a serviço do governo havia quatro anos, e achava que sabia o que funcionava e o que não funcionava. A surpresa foi bem-vinda, e o relógio, descobrira em seu trabalho no Centro de Operações da CIA, era uma referência instantânea, melhor que a fileira de relógios comuns usada em alguns lugares. O seu olho batia instantaneamente onde era meio-dia e ele podia saber que horas eram em qualquer lugar do mundo. Mais importante, sabia de imediato se alguma coisa estava acontecendo numa hora incomum, e isso dizia-lhe tanto quanto o boletim do Departamento de Sinais — o SIGINT. Como aquele que tinha acabado de sair de seu fax pessoal conectado a uma linha telefônica de segurança.

A NSA, a agência de segurança nacional, tinha o hábito de enviar resumos periódicos de atividades através do mundo. Seu próprio centro de vigília estava abarrotado de militares graduados, e embora a aparência deles fosse mais técnica e menos política do que a de Ben, eles não eram bobos. Com o tempo aprendera o nome e a reputação de muitos deles, sem falar de seus talentos individuais. O coronel da USAF que comandava o Centro de Vigília da NSA nas tardes dos dias úteis não tinha o hábito de incomodar as pessoas com trivialidades. Isso ficava a cargo de pessoas em postos inferiores e a cargo de sinais menos importantes. Quando o coronel colocava seu nome em alguma coisa, era porque aquilo era merecedor de leitura. E ainda era pouco depois do meio-dia, hora de Washington.

Goodley viu que a nota de FLASH dizia respeito ao Iraque. Essa era outra coisa curiosa a respeito do coronel. Ele não usava o cabeçalho crítico apenas por usar, como faziam alguns. Ben levantou os olhos para checar o relógio de parede. Depois do pôr do sol, hora local, um momento de relaxamento para alguns, e ação para outros. A ação seria do tipo que dura a noite inteira, para melhor alcançar os objetivos sem interferência, de modo que o dia seguinte seria genuinamente novo, genuinamente diferente.

— Caramba! — expressiu Goodley.

Releu a página. Depois, virou sua cadeira giratória e pegou o telefone, tocando o botão #3 de discagem rápida.

— Gabinete do diretor — atendeu a voz de um homem na casa dos cinquenta.

— Goodley para Foley.

— Aguarde por favor, Dr. Goodley. — Em seguida: — Oi, Ben.

— Olá, diretor. — Ele considerou impróprio usar o primeiro nome do diretor da CIA. Ele provavelmente voltaria a trabalhar em Langley dentro de um ano, e não como um oficial de patente baixa. — Recebeu o mesmo que eu? — Tendo acabado de sair da impressora, a folha ainda estava quente em sua mão.

— Iraque?

— Exato.

— É melhor ler duas vezes, Ben. Acabei de mandar Bert Vasco arrastar a bunda até aqui.

Ambos sabiam que o especialista em Iraque da CIA era fraco, enquanto esse sujeito do Departamento de Estado era danado de bom.

— Tenho a impressão de que a coisa é grave.

— Idem — replicou Ed Foley, assentando do outro lado da linha. — Deus, eles estão agindo rápido lá. Dê-me uma hora, talvez noventa minutos.

— Acho que o presidente precisa saber — disse Goodley, com uma voz que ocultava a urgência que sentia. Ou assim ele achou.

— Ele precisa saber mais do que podemos lhe dizer agora. Ben? — acrescentou o diretor da CIA.

— Sim, diretor?

— Jack não irá matá-lo por você ser paciente e, de qualquer modo, não podemos fazer nada além de

observar o desenrolar dos acontecimentos. Não esqueça que não podemos sobrecarregá-lo com informações. Ele não dispõe mais de tempo para supervisionar tudo. Ele precisa ler relatórios concisos. O seu trabalho é esse — explicou Ed Foley. — Você levará algumas semanas para se adaptar. Eu o ajudarei — prosseguiu o diretor da CIA, recordando a Goodley o quanto ele era verde.

— Certo. Serei paciente. Foley desligou.

Ben Goodley teve cerca de um minuto de silêncio, durante o qual releu o boletim da NSA, e então o telefone tocou novamente.

— Dr. Goodley.

— Doutor, aqui é o gabinete do presidente — disse uma das secretárias. — Tenho um Sr. Golovko na linha particular do presidente. O senhor pode atender?

— Sim — respondeu, praguejando mentalmente.

— Prossiga, por favor — disse ela, desligando o telefone.

— Ben Goodley falando.

— Aqui é Golovko. Quem é você?

— Sou o conselheiro de segurança nacional do presidente. — E sei quem é você.

— Goodley? — Ben pôde ouvir a voz vasculhando sua memória. — Ah, sim, você é o agente do serviço nacional de informação que acaba de aprender a se barbear. Parabéns pela promoção. A habilidade do russo em fazer o jogo era impressionante, embora Goodley soubesse que ele provavelmente tinha um arquivo em sua mesa com tudo a seu respeito, começando pelo número de seu sapato. Nem Golovko podia ter uma memória tão boa. Goodley estava na Casa Branca havia tempo suficiente para que a notícia de sua promoção tivesse se espalhado; a RVS KGB simplesmente fizera seu trabalho de casa.

— Bem, alguém precisa atender o telefone, ministro. — O jogo podia ser feito dos dois lados. Golovko não era realmente um ministro, mas agia como tal, e isso, tecnicamente, era segredo. Foi uma resposta fraca, mas foi uma resposta. — Que posso fazer pelo senhor?

— Está a par do acordo que tenho com Ivan Emmetovich?

— Sim, senhor. Estou.

— Muito bem, diga-lhe que um novo país está prestes a nascer. Será chamado União Republicana do Islã. Incluirá, por enquanto, Irã e Iraque.

Suspeito que ainda crescerá.

— O quanto essa informação é confiável? — Era melhor ser cortês. Isso faria o russo sentir-se maior.

— Jovem, eu não prestaria um relatório ao seu presidente se não tivesse certeza absoluta, mas — acrescentou generosamente — compreendo que você precisa fazer essa pergunta. O ponto de origem do relatório não lhe diz respeito.

A confiabilidade da fonte é suficiente para que eu esteja passando a informação adiante. Voltarei a fazer isso em breve. Vocês têm indicações similares?

A pergunta congelou os olhos de Goodley onde estavam, fitando um espaço vazio em sua mesa. Ele não tinha orientação a esse respeito. Sim, sabia que Golovko propusera um acordo de cooperação ao presidente Ryan, que ele também conversara o assunto com Ed Foley, e que ambos haviam decidido aceitar. Mas ninguém o instruíra sobre os parâmetros de conferir informações de volta a Moscou, e ele não tinha tempo de ligar para Langley para pedir instruções. Se o fizesse demonstraria fraqueza perante os russos, e os russos não queriam que os EUA parecessem fracos no momento. Ele era o responsável, e tinha de tomar uma decisão. O processo inteiro de pensamento levou cerca de um terço de segundo.

— Sim, ministro, nós temos. O senhor ligou na hora certa. O diretor Foley e eu acabamos de conversar sobre o assunto.

— Ah, sim, Dr. Goodley, vejo que seus agentes de sinais continuam eficientes. É uma pena que o

desempenho de suas fontes humanas não se equipare.

Ben não ousou responder à afirmação, embora sua precisão tenha contraído seu estômago. Goodley tinha mais respeito por Jack Ryan do que por qualquer homem, e agora lembrava da admiração que Jack expressara frequentemente pelo homem do outro lado da linha. Bem-vindo aos maiores, garoto. Cuidado com as bolas de efeito.

— Ministro, falarei com o presidente na próxima hora, e passarei a sua informação. Muito obrigado pela informação tão fresca, senhor.

— Tenha um bom dia, Dr. Goodley.

União Republicana do Islã, leu Ben em seu bloco de anotações. Já houvera uma República Árabe Unida, uma estranha aliança entre a Síria e o Egito que já nascera condenada ao fracasso. Os países tinham sido fundamentalmente incompatíveis, e a aliança fora formada apenas para destruir Israel, que protestara contra o objetivo e fizera isso com eficácia. Mais importante, uma União Republicana do Islã era uma declaração religiosa, assim como política, porque o Irã não era uma nação árabe — como o Iraque —, mas uma nação ariana, com raízes étnicas e linguísticas diferentes. O Islã era a única grande religião do mundo a condenar em suas escrituras todas as formas de racismo e proclamar a igualdade de todos os homens diante de Deus, a despeito de cor — fato frequentemente esquecido pelo Ocidente. Assim, o Islã propunha-se a ser uma força unificadora, e a nova nação hipotética ostentaria esse propósito em seu próprio nome. Isso dizia muita coisa, tanto que Golovko nem precisara explicar, e também dizia que Golovko sentia que ele e Ryan estavam no mesmo comprimento de onda. Goodley checou o relógio de parede novamente.

Também era noite em Moscou. Golovko estava trabalhando tarde — bem, não tão tarde assim para um alto oficial. Ben pegou o telefone e premiu #3

novamente. Demorou menos de um minuto resumindo o telefonema de Moscou.

— Podemos acreditar em tudo que ele disser... relativo a esse assunto, pelo menos. Sergey Nikolayevitch é raposa velha. Aposto que mordeu o seu rabo hoje, hein? — perguntou o diretor da CIA.

— Arrancou um pouco do meu pelo — admitiu Goodley.

— Uma herança dos velhos tempos. Eles gostam de seus joguinhos de poder. Não deixe que isso o incomode e não atire de volta. O melhor é simplesmente ignorar — explicou Foley. — Certo, com que ele está preocupado?

— Um monte de repúblicas com istão no fim — disse Goodley sem refletir.

— Concordo. — Essa foi outra voz.

— Vasco?

— Sim, acabei de entrar. — E então Goodley precisou repetir o que dissera a Ed Foley. Mary Pat provavelmente também estava lá. Individualmente, ambos eram bons no que faziam. Na mesma sala, pensando juntos, eram uma arma mortal. O tipo de coisa que precisava ser vista para crer, pensou Ben.

— Isso me parece um problemão — observou Goodley.

— Tenho a mesma impressão — disse Vasco no viva-voz. — Deixe-nos verificar algumas coisas. Falamos com você daqui a 15 ou vinte minutos.

— Acredita que Avi ben Jakob está nos mandando informações? — reportou Ed, depois de um ruído de fundo na linha. — Eles devem estar tendo um dia muito estressante.

Por enquanto era apenas irônico o fato de que os russos eram tanto os primeiros a enviar informações (e que simplesmente estivessem fazendo isso) quanto os únicos ligando diretamente para a Casa Branca, vencendo Israel nas duas categorias. Mas a diversão não duraria, e os jogadores sabiam disso. Israel provavelmente era quem estava tendo o pior dia. A Rússia estava apenas tendo um dia muito ruim. E os Estados Unidos iriam compartilhar a experiência.

Seria incivilizado negar-lhes uma chance de rezar. Por mais cruéis que fossem, precisavam de uma

chance de orar, mesmo que por um tempo curto.

Cada um deles estava na presença de um mula, que, com voz firme mas não descortês, informou-lhes seus destinos, citou as escrituras e falou com eles sobre sua chance de reconciliação com Alá antes de estar com Ele face a face.

Cada um deles fez isso — embora se acreditassem no que estavam fazendo fosse outra história, uma cujo julgamento ficaria a cargo de Alá. Mas os mulas cumpriram seu dever — e então cada um deles foi conduzido para o pátio da prisão.

Era um tipo de processo de linha de montagem, cuidadosamente cronometrado de modo que os três sacerdotes dessem a cada condenado exatamente o triplo do intervalo necessário para que cada um deles fosse conduzido até o poste, amarrado, fuzilado, removido e o processo reiniciado.

Assim, computavam-se cinco minutos por execução e 15 minutos por oração.

O general que comandara a 41ª Divisão Blindada era típico, exceto que sua religião era um pouco mais que residual. Mãos amarradas, estava em sua cela na frente de seu imã — o general preferia o termo arábico ao farsi — e foi conduzido para fora por soldados que uma semana antes teriam batido continência e tremido ao vê-lo passar. Ele havia aceitado seu destino, e não daria aos sacanas persas contra quem lutara nos pântanos fronteiriços a menor satisfação, embora por dentro amaldiçoasse perante Deus os seus superiores que tinham fugido covardemente e deixado o país entregue à própria sorte. Talvez ele devesse ter matado o presidente com as próprias mãos e tomado o poder, pensou enquanto suas algemas eram presas ao poste. O general dedicou um momento a olhar para trás na direção do muro e avaliar a competência do pelotão de fuzilamento. Ele encontrou um estranho humor no fato de que, se os atiradores não fossem bons, ele levaria alguns segundos extras para morrer.

Resfolegou de desgosto. Treinado pelos russos e competente, tentara ser um soldado honesto — apolítico, seguindo suas ordens fielmente e sem fazer perguntas, quaisquer que fossem elas — e, portanto, nunca fora completamente merecedor da confiança da liderança política de seu país, e esta era sua recompensa. Um capitão chegou com uma venda.

— Prefiro um cigarro, se for possível. Poderá lembrar que me fez esse favor quando for dormir, mais tarde.

O capitão assentiu sem expressão, suas emoções já anuviadas pelos assassinatos cometidos na última hora. Tirou um cigarro de seu maço, colocou-o entre os lábios do condenado e acendeu-o com um fósforo. Feito isso, proferiu as palavras que achava ter o dever de dizer: — Salaam alaykum. — A paz esteja convosco.

— Terei mais do que você, jovem. Faça seu dever. Certifique-se de que sua pistola está carregada, certo?

O general fechou os olhos para dar uma tragada longa e agradável. Havia apenas alguns dias, o médico lhe dissera que fazia mal à sua saúde. Não era uma piada? Pensou em sua carreira, maravilhando-se com o fato de ainda estar vivo depois do que os americanos fizeram com sua divisão em 1991. Bem, ele evitara a morte mais de uma vez, e essa era uma corrida que um homem poderia fazer durar, mas que jamais venceria. E assim estava escrito. Deu outra baforada. Um Winston americano. Reconheceu o sabor. Como um mero capitão podia ter um maço dessa marca? Os soldados levantaram seus fuzis para a posição apontar. Não havia expressão em seus rostos. Bem, matar fazia isso com os homens, refletiu o general. O que devia ser cruel e horrível simplesmente se tornava um trabalho que...

O capitão se aproximou do corpo que tombara para a frente, suspenso pela corda de náilon amarrada à corrente das algemas. De novo, pensou, sacando sua Browning 9mm e mirando a um metro de distância. Um estampido final pôs fim aos gemidos. Então dois soldados cortaram a corda e arrastaram o cadáver dali. Outro soldado amarrou novamente a corda ao poste. Um quarto usou um ancinho de jardineiro para revolver a areia do chão, não para limpar o sangue, mas para misturá-lo à terra, de modo a evitar que alguém escorregasse no líquido viscoso. O próximo seria um político, não um soldado. A maioria dos

soldados, pelo menos, morria com dignidade, como fizera o último. Não era o caso dos civis. Eles choravam e pediam clemência a Alá. E sempre queriam a venda. Isso estava sendo uma experiência de aprendizado para o capitão, que nunca fizera nada assim antes.

Tinham sido necessários alguns dias para organizar tudo, mas eles estavam todos agora em casas separadas em partes diferentes da cidade — e depois que isso tinha sido feito, os generais e suas comitivas ficaram preocupados.

Alojados separadamente, todos achavam, poderiam ser pegos um a um e presos antes que fossem mandados de volta para Bagdá. Cada família tinha pelo menos dois guarda-costas, mas o que eles podiam fazer além de enxotar mendigos que se aproximavam das casas onde seus senhores estavam hospedados?

Encontravam-se com frequência — cada general tinha um carro à sua disposição — principalmente para fazer novos preparativos de viagem. Também discutiam se deveriam continuar viajando juntos para uma nova casa coletiva ou começariam a seguir caminhos separados. Alguns defendiam que seria mais seguro e barato comprar uma grande faixa de terra e ali construir suas casas.

Outros deixavam claro que agora que estavam fora do Iraque de uma vez por todas (dois deles nutriam ilusões de retornar em triunfo para tomar o governo, mas isso era uma fantasia, conforme sabiam todos menos esses dois), ficariam felizes em não ver nunca mais nenhum dos colegas. As rivalidades entre eles há muito haviam se cristalizado em antipatia genuína, que as novas circunstâncias tinham apenas exacerbado. O mais pobre deles tinha uma fortuna pessoal de quarenta milhões de dólares — um era dono de quase trezentos milhões espalhados por vários bancos suíços — mais do que o suficiente para viver confortavelmente em qualquer país do mundo. A maioria escolheu a Suíça, sempre um refúgio para aqueles com dinheiro e desejo de viver discretamente, embora alguns olhassem um pouco mais para leste. O sultão de Brunei estava procurando pessoas para reorganizar seu Exército, e três dos generais iraquianos consideravam-se aptos. O governo da nação em que estavam, o Sudão, também iniciara uma negociação informal sobre usar alguns deles como consultores para as operações militares em andamento contra minorias no sul do país. Os iraquianos tinham muita experiência com os curdos.

Mas os generais tinham mais com que se preocupar além de si mesmos.

Tinham trazido suas famílias e amantes, que agora viviam, para desconforto geral, juntas nas casas de seus anfitriões. Essas pessoas estavam sendo tão ignoradas quanto haviam sido em Bagdá. Isso iria mudar.

O Sudão é um país quase inteiramente desértico, conhecido por seu calor escaldante. Já tendo sido um protetorado inglês, sua capital possuía um hospital para estrangeiros, com uma equipe quase inteiramente inglesa. Não era o melhor hospital do mundo, mas superava a maioria nos países do Saara. Seus médicos eram jovens e um tanto idealistas, que chegavam com ideias românticas sobre a África e suas carreiras (isso acontecia havia mais de cem anos). E logo percebiam que a situação não era bem assim, mas davam o melhor de si, o que, na maioria dos casos, era muita coisa.

Os dois pacientes chegaram aproximadamente com uma hora de intervalo.

A menina chegou primeiro, acompanhada por sua preocupada mãe. Tinha quatro anos, soube o Dr. Ian MacGregor, e sempre fora saudável, exceto por um caso leve de asma que, informou a mãe corretamente, seria difícil se manifestar no clima seco de Cartum. De onde eram? Do Iraque? O médico não conhecia nem se importava com política. Tinha 38 anos, recém-formado em medicina interna, um homem pequeno que sofria de calvície precoce. O que importava era que não tinha visto nenhum boletim relacionando esse país com uma doença infecciosa grave. Ele e sua equipe haviam sido alertados sobre a miniepidemia de Ebola no Zaire, mas as vítimas foram casos isolados.

A paciente estava com 38 graus, o que não era alarmante para uma criança, principalmente num país onde ao meio-dia a temperatura ao menos equiparava-se à daqui. A pressão, o ritmo cardíaco e a respiração estavam normais. Ela parecia letárgica. Há quanto tempo em Cartum, você disse? Apenas

alguns dias? Bem, deve ser apenas distúrbio de fuso horário. Algumas pessoas eram mais sensíveis que outras, explicou MacGregor. Novos ambientes podiam abalar a saúde de algumas crianças. Talvez fosse resfriado ou gripe, nada sério.

O Sudão possui um clima quente, mas um clima realmente saudável, não como em outras partes do continente africano. Enfiou as mãos em luvas de borracha — não que houvesse necessidade, mas porque seu treinamento em medicina na Universidade de Edimburgo condicionara-o a fazer isso todas as vezes, porque naquela vez em que esquecer, poderá acabar como o Dr. Sinclair... oh, não ouviu falar como ele contraiu AIDS de um paciente? Uma história desse tipo geralmente era suficiente. A paciente não estava correndo qualquer tipo de risco. Os olhos estavam um pouco inchados, a garganta levemente inflamada, mas nada sério. Provavelmente bastaria uma ou duas noites de sono. O médico decidiu que era hora para uma xícara de chá. Ao longo do caminho para a sala dos médicos, despiu as luvas de látex que lhe tinham salvo a vida e jogou-as na cesta de dejetos.

O outro chegou mais ou menos trinta minutos depois. Homem, 33 anos, parecendo mais um bandido, olhando desconfiado para os funcionários africanos, mas solícito para com os europeus. Obviamente um homem que conhecia a África, pensou MacGregor. Provavelmente um negociante árabe.

Viaja muito? Recentemente? Oh, bem, essa pode ser a causa desse resfriado.

Seja cuidadoso ao beber a água local, que pode ser a explicação para o desconforto estomacal. E este paciente também voltou para casa com um frasco de aspirinas, mais alguns remédios para seus problemas gastrintestinais. Assim, MacGregor saiu do hospital depois de mais um dia rotineiro no trabalho.

— Presidente? é Ben Goodley, através da STU — disse um sargento para Ryan. Em seguida mostrou-lhe como colocar os fones de ouvido.

— Ben? — disse Jack.

— Temos relatos sobre vários figurões iraquianos que foram para o paredão.

Estou enviando os relatórios por fax para você. Os russos e os israelenses confirmam.

Como se tivesse sido ensaiado, outro oficial da Força Aérea apareceu e entregou a Ryan três folhas de papel. A primeira dizia apenas CONFIDENCIAL — SOMENTE PARA OS OLHOS DO PRESIDENTE, ainda que dois ou três oficiais de comunicação o tivessem lido, e isso apenas no avião, que estava começando a pousar em Tinker.

— Recebi agora. Deixe-me ler. — Ryan correu os olhos pelo texto e depois voltou ao começo para ler mais devagar. — Certo, quem ainda está lá?

— Segundo Vasco, ninguém merecedor de nota. Esta é a liderança do partido Baath inteiro e todos os altos oficiais militares que permaneceram no país. Assim, não sobrou ninguém importante. Certo, a parte assustadora vem de PALM BOWL e...

— Quem é esse major Sabah?

— Fiz a mesma pergunta, senhor — replicou Goodley. — É um espião kuwaitiano. Nosso pessoal diz que é um bocado esperto. Vasco concorda com a avaliação que ele fez. A situação está seguindo o curso que temíamos, e muito rápido.

— Reação saudita? — Ryan se assustou com um pequeno tremor quando o VC-25a atravessou algumas nuvens. Estava chuvoso lá fora.

— Nenhuma ainda. Ainda estão deliberando.

— Certo, obrigado pelas notícias, Ben. Mantenha-me informado.

— Farei isso, senhor.

Ryan colocou o telefone no gancho e franziu a testa.

— Problemas? — indagou Arnie.

— O Iraque está agindo rápido. Agora estão executando pessoas a passo acelerado. O presidente

passou as folhas para seu chefe de gabinete.

Aquele tipo de coisa sempre parecia envolta num manto de irrealidade. O relatório da NSA, corrigido e atualizado pela CIA e outras agências, listava vários nomes. Caso estivesse em seu gabinete, Ryan também teria olhado as fotos de homens que jamais conhecera, e que jamais viria a conhecer, porque enquanto estava descendo em Oklahoma para fazer um discurso político sem conotações políticas, as vidas dos homens nessa lista chegavam ao fim — mais provavelmente já tinham chegado. Era como ouvir um jogo pelo rádio, exceto que neste jogo pessoas de verdade estavam sendo mortas. O mundo chegava ao fim para seres humanos ali mil quilômetros dali, e Ryan estava sabendo disso graças a interceptações radiofônicas feitas de um lugar ainda mais distante.

Aquilo parecia real, e ao mesmo tempo não parecia. Esse era um efeito causado pela distância... e pelo ambiente no qual ele estava. Uma centena de oficiais iraquianos estão sendo mortos... quer um sanduíche antes de saltar do avião? O dualismo poderia ter sido divertido se não fossem as implicações na política externa. Não, isso também não era verdade. Aquilo não teria sido divertido de forma alguma.

— No que está pensando? — indagou van Damm.

— Preciso voltar ao gabinete — replicou Ryan. — Isto é importante, e preciso me manter informado.

— Errado! — disse Arnie com um meneio de cabeça e um dedo em riste. — Você não é mais conselheiro de Segurança Nacional. Há pessoas fazendo esse tipo de trabalho por você. Você é o presidente, e tem muitas coisas para fazer, todas importantes. O presidente jamais fica preso a um único assunto e jamais fica trancado no Salão Oval. As pessoas lá fora não querem ver isso, porque significaria que você não está no controle. Significaria que os eventos o estão controlando. Pergunte a Jimmy Carter o quanto foi complicado seu segundo mandato. Droga, isso não é tão importante.

— Pode vir a ser — protestou Jack no momento que o avião pousava.

— O importante neste momento é o seu discurso para o Estado Sooner.— Fez uma pausa antes de prosseguir. — Não é apenas a caridade que começa em casa.

O podei político também. Ele começa ali.

O chefe de gabinete apontou para as janelas enquanto Oklahoma parava de se mover lá fora.

Ryan olhou, mas o que via era a União Republicana do Islã.

Entrar na União Soviética já fora difícil. Antes, uma vasta organização chamada Diretório dos Guardas de Fronteira patrulhara suas cercas — em alguns casos campos minados e fortificações genuínas —, com o propósito duplo de manter pessoas dentro e fora. A conservação desses obstáculos fora interrompida havia muito tempo, e agora o propósito principal dos postos de checagem era permitir que a nova geração dos guardas de fronteira aceitasse subornos de contrabandistas. Os contrabandistas usavam caminhões para entrar com produtos importados na nação que um dia fora governada com mão de ferro, mas que era agora uma coleção de repúblicas semi-independentes. Quase todas estavam entregues à própria sorte no terreno econômico, e conseqüentemente, no terreno político. Não tinha sido planejado dessa forma.

Quando estabelecera a economia isolacionista da antiga União Soviética, Stalin fizera um esforço deliberado em disseminar campos de produção, de modo que cada segmento do vasto império dependesse de bens vitais produzidos em outros. Mas Stalin esquecera que, caso a economia inteira caísse, quando uma região precisasse de uma coisa e não a conseguisse numa fonte, procuraria em outra. Assim, com a dissolução da União Soviética, o contrabando, muito bem controlado sob o governo comunista, tornara-se uma indústria genuína. E com produtos importados também vinham ideias, difíceis de serem detidas, impossíveis de ser associadas a impostos.

A única coisa que faltava era um comitê de boas-vindas, mas isso teria sido desaconselhável. A corrupção dos guardas de fronteira funcionava nos dois sentidos. Enquanto dividiam sua coleta informal

de taxas com os superiores, os guardas provável mente contavam tudo o que acontecia na fronteira. Assim, o emissário aguardou sentado no banco direito do caminhão enquanto o motorista cuidava de negócios — neste caso, oferecendo aos guardas uma seleção de sua carga. Não estavam muito gananciosos hoje, levando pouco mais do que podiam ocultar com facilidade no bagageiro de seus automóveis. (A única coisa que conferia uma aparência ilegal àquelas transações era que elas só ocorriam à noite.) Os selos apropriados foram afixados nos documentos apropriados e o caminhão partiu, seguindo a rodovia que cruzava a fronteira, provavelmente a única superfície decentemente pavimentada na área. O percurso restante levou um pouco mais de uma hora. Pouco depois de entrar na cidade grande que já vivera do comércio com caravanas, o caminhão parou. O emissário saiu e caminhou até um automóvel particular para prosseguir sua jornada, carregando apenas uma pequena valise com uma ou duas roupas.

O presidente desta república semiautônoma afirmava ser muçulmano, mas era na verdade um oportunista, um político que durante sua carreira negara Deus com regularidade para garantir sua ascensão. Com a mudança do vento político, abraçou o Islã com entusiasmo público e desinteresse privado. Sua fé, se era possível chamá-la assim, dizia respeito inteiramente ao seu bem-estar.

Havia várias passagens do Corão que falavam Nobre gente desse tipo, nenhuma delas elogiosa. Ele vivia uma vida confortável num palácio pessoal confortável que já abrigara o chefe de partido desta ex-república soviética. Em Nua residência oficial, o presidente bebia, fornicava e geria sua república com um punho que era, a um só tempo, excessivamente firme e gentil. Com firmeza, controlava a economia regional (com seu treinamento comunista, era terrivelmente inapto), e com gentileza permitia o Islã florescer, para conferir ao seu povo a ilusão de liberdade individual (e nisso demonstrava claramente seu entendimento equivocado da natureza da Fé Islâmica que afirmava professar, porque a lei islâmica fora escrita para o material e para o espiritual). Como todos os presidentes que o precederam, achava-se amado por seu povo. O emissário sabia que essa era uma ilusão que os tolos quase sempre alimentavam. O emissário chegou à casa modesta de um amigo do líder religioso local. Este era um homem de fé simples e honra silenciosa, amado por todos que o conheciam e odiado por ninguém, porque mantinha sua voz adocicada ao tratar de todos os assuntos, e seus ataques ocasionais de fúria eram fundamentados em princípios que até os infiéis poderiam respeitar.

Quando tinha cerca de 55 anos, sofrera nas mãos do regime anterior, mas sua fé jamais enfraquecera. O emissário encontrou o sacerdote perfeitamente paramentado para a tarefa, e rodeado por seus associados mais íntimos.

Depois da saudação usual ao Santo Nome de Deus, tomaram chá e decidiram que era hora de falar de negócios.

— É uma coisa muito triste encontrar os fiéis vivendo em tamanha pobreza — disse o emissário.

— Sempre foi assim, mas hoje podemos praticar nossa religião em liberdade. Meu povo está voltando ao caminho da fé. Nossas mesquitas foram restauradas, e a cada dia que passa ficam mais cheias. O que são as posses materiais comparadas com a Fé? — respondeu o líder local, com o tom de voz racional de um professor.

— É a mais pura verdade — concordou o emissário. — Ainda assim, Alá deseja que seus Fiéis prosperem, não é verdade?

Houve uma anuência geral. Cada homem na sala era uma autoridade em islamismo, e poucos preferiam a pobreza ao conforto.

— Acima de tudo, meu povo precisa de escolas, escolas apropriadas — foi a resposta. — Precisamos de hospitais melhores. Estou cansado de consolar pais de crianças que morreram sem necessidade. Precisamos de muitas coisas. Não posso negar.

— Todas essas coisas podem ser providenciadas com facilidade... por quem dispõe de dinheiro — comentou o enviado.

— Mas esta sempre foi uma terra pobre. Temos recursos, sim, mas eles nunca foram explorados adequadamente, e agora perdemos o apoio do governo central... no exato momento em que temos a liberdade para controlar nosso destino, enquanto aquele nosso presidente se embebeda e abusa de mulheres em seu palácio. Se ao menos fosse um homem justo, religioso, poderíamos trazer prosperidade para esta terra — observou, mais melancólico que enfurecido.

— Isso e um pouco de capital externo — sugeriu modestamente um dos membros do grupo com mais formação econômica. O Islã jamais teve uma regra contra a atividade comercial. Embora seja lembrado pelo Ocidente por sua disseminação pela espada, o Islã seguira para leste em navios mercantes, assim como o cristianismo espalhará-se através da palavra e do exemplo de seus seguidores.

— Nós em Teerã acreditamos que chegou a hora de os fiéis agirem sob o comando do Profeta. Cometemos o erro, comum aos infiéis, de pensar mais em termos de cobiça nacional do que nas necessidades de todas as pessoas. Meu professor, Mahmoud Haji Daryaei, pregou a necessidade de um retorno aos fundamentos de nossa Fé — disse numa voz calma. Ele economizava o tom passional para a arena pública. Numa sala fechada, conversando com homens com seu mesmo grau de instrução, falava apenas num tom de voz racional. — Temos riquezas... riquezas tamanhas que só podem nos ter sido ofertadas por Alá para cumprirmos Seu plano. E agora também temos um momento oportuno. Vocês nesta sala mantiveram a Fé, honraram a Palavra apesar da perseguição, enquanto outros de nós ficaram ricos. Agora é nossa obrigação recompensá-los, aceitando-os como irmãos e compartilhando nossas riquezas com vocês. É isso que meu professor propõe.

— É bom ouvir palavras como essas — foi a resposta cautelosa. O fato de que o homem era principalmente um servo de Deus não o tornava ingênuo.

Manteve seus pensamentos guardados com cuidado, o que aprendera ao crescer sob o regime comunista. Mas o que estava pensando era óbvio.

— Nossa esperança é unir todo o Islã sob um teto, reunir os Fiéis como desejou o Profeta Maomé, abençoado seja. Somos diferentes em lugar, linguagem, até em cor, mas na Fé somos um. Nós somos os eleitos de Alá.

— É assim?

— É assim, queremos que sua república se una à nossa para que possamos ser uma só nação. Traremos escolas e assistência médica para o seu povo. Nós os ajudaremos a controlar sua terra, de modo que aquilo que lhe dermos retorne para o bem comum, e nos tornemos irmãos, conforme a vontade de Alá.

Um observador ocidental poderia ter comentado que todos esses homens pareciam brancos, devido às suas roupas simples, seus modos humildes ou meramente o fato de que estavam sentados no chão. Não era o caso, mas estavam um pouco desorientados. Afinal ter um emissário do Irã entre eles fazendo aquele tipo de proposta não era menos estranho do que receber um embaixador de outro planeta. As duas nações, os dois povos, eram muito diferentes. Para começar, tinham linguagem e cultura diversas. Durante séculos haviam travado guerras e saqueado um ao outro, isto a despeito das regras rígidas no Corão Sagrado a respeito de conflitos armados entre nações islâmicas. Não tinham, na verdade, nenhum elo — exceto o religioso. Esse elo poderia ser considerado acidental, mas os verdadeiramente Fiéis não acreditavam em acidentes. Quando a Rússia — primeiro sob o governo dos czares e depois sob o marxismo-leninismo — conquistara sua terra (mais um processo demorado do que um evento), o povo foi despojado de quase toda sua história e herança cultural. Restou-lhe apenas a língua, um entrave à extinção daquilo que os soviéticos chamavam de problema nacionalista. Os soviéticos tentaram solucionar esse problema destruindo e em seguida reconstruindo tudo num estilo novo e ateu. No fim, a única força unificadora que restara ao povo havia sido sua Fé, que os russos também tentaram sufocar a todo custo. Mas essas tentativas apenas deixaram os Fiéis mais determinados. Aquilo poderia ter sido até... aquilo havia sido um plano de Alá, para mostrarão povo que sua única salvação residia na Fé.

Agora estavam retornando para ela, para os líderes que mantiveram a chama acesa. O próprio Alá derrubara todas as diferenças entre os dois povos para que as nações pudessem se unir conforme a vontade de seu Deus. E o que era melhor do que buscar essa unificação com a esperança de prosperidade material, que por tanto tempo lhes fora negada por pessoas que se diziam fiéis à Palavra Sagrada? A União Soviética estava morta, seu Estado sucessor aleijado e os filhos de Moscou entregues à própria sorte. Se a presente oportunidade não fosse um sinal de Alá, que ela era?, refletiram os homens na sala.

Eles tinham de fazer apenas uma coisa para consolidar o plano de Alá. E o homem em seu caminho era um infiel. Alá iria julgá-lo... através das mãos daqueles sacerdotes.

— E embora eu não possa dizer que tenha gostado da forma como vocês trataram o time do Boston College em outubro último — disse Ryan com um sorriso para os campeões universitários de futebol americano da Universidade de Oklahoma em Norman —, a sua tradição de excelência faz parte da alma americana.

E as pessoas aplaudiram de novo. Jack ficou tão satisfeito com isso que quase esqueceu que o discurso não era realmente dele. Seu sorriso, dentes tortos e tudo, iluminou a arena, e ele acenou com a mão direita, desta vez com convicção. Era possível perceber a diferença na imagem transmitida pelo canal político C-SPAN.

— Ele aprende rápido — disse Ed Kealty. Ele era objetivo em relação a esses assuntos. Sua postura pública era uma coisa, mas políticos são realistas, ao menos no sentido tático.

— Ele foi bem treinado, não esqueça — lembrou o chefe de gabinete do ex-vice-presidente ao seu chefe. — Arnie é de primeira linha. Ed, nosso ataque inicial deu um susto neles e van Damm deve ter ensinado tudo a Ryan o mais rápido que pôde.

Não precisou acrescentar que seu ataque não tivera muitas repercussões depois do impacto inicial. No começo os jornais publicaram editoriais a seu favor, mas depois refletiram e recuaram — não editorialmente, porque a mídia quase nunca admite erros, mas as últimas matérias sobre a Casa Branca, ainda que não fossem elogiosas a Ryan, não tinham empregado as palavras assassinas usuais: inseguro, confuso, desorganizado. Nenhuma Casa Branca poderia ser desorganizada com Arnie van Damm nela, e toda a comunidade de Washington sabia disso.

As nomeações de Ryan ao gabinete tinham sido mal recebidas, mas logo seus assessores começaram a fazer as coisas certas. Adler era outro assessor que trabalhara duro para chegar ao topo. Em seus anos como assessor júnior, colaborara com muitos jornalistas, e eles não lhe dariam as costas agora — e ele jamais perdia uma chance de exaltar a experiência de Ryan em política interna.

George Winston, plutocrata e isolado do círculo político, iniciara um exame discreto sobre seu departamento. Winston tinha em sua agenda o número de cada editor financeiro de Berlim a Tóquio, a quem estava pedindo opiniões e conselhos sobre seu estudo interno. O mais surpreendente de todos era Tony Bretano no Pentágono. Politicamente independente nos últimos dez anos, Bretano prometera à comunidade de jornalistas especializados em defesa que limparia o templo ou morreria tentando; disse-lhes que desperdiçava dinheiro, como eles sempre tinham proclamado, mas que ele, com a aprovação do presidente, daria o máximo de si para descorromper o processo de aquisição de uma vez por todas. O gabinete de Ryan era um grupo singularmente charmoso.

Todos eram de fora do círculo político de Washington, mas os malditos estavam seduzindo a mídia da melhor forma possível — discretamente. O mais perturbador: o Washington Post, segundo um espião interno comunicou a Kealty no começo do dia, preparava uma série de matérias sobre a história de Ryan na CIA. As matérias, que colocariam Ryan nas nuvens, seriam assinadas por ninguém menos que Bob Holtzman. Ele era a representação máxima do jornalista político e, por motivos ignorados, gostava pessoalmente de Ryan — e dispunha de uma tremenda fonte interna em algum lugar. Aquilo era um Cavalo de Troia. Se as matérias fossem publicadas, e republicadas em rede nacional — duas coisas

prováveis, considerando que isso elevaria o prestígio tanto de Holtzman quanto do Post —, os contatos de Kealty na mídia lhe dariam as costas rapidamente. Os editoriais iriam aconselhá-lo a retirar sua alegação pelo bem da nação e ele não teria mais qualquer apoio; sua carreira política cairia em desgraça ainda maior do que aceitara havia alguns dias. Os historiadores que teriam feito vista grossa para suas indiscrições pessoais se concentrariam agora em sua ambição desenfreada e, em vez de ver isso como uma exceção, reexaminariam toda sua carreira a uma luz diferente e desfavorável, questionando tudo que fizera, dizendo que as coisas boas que realizara foram exceções. Não era sua sepultura política que Kealty estava contemplando: era sua danação eterna.

— Você esqueceu de mencionar Callie — resmungou Ed, ainda assistindo ao discurso, ouvindo o conteúdo e prestando ainda mais atenção na forma como Ryan o declamava: num estilo acadêmico, adequado a uma plateia composta principalmente por estudantes, que aplaudiam esse Ryan como se ele fosse um treinador de futebol ou alguém de irrelevância semelhante.

— Um discurso de Callie faria Pee-Wee Herman parecer presidencial — concordou o chefe de gabinete.

E esse era o maior perigo de todos. Para vencer, Ryan precisava apenas parecer presidencial, fosse realmente ou não — e ele não era, claro, como Kealty não parava de lembrar a si próprio. Como poderia ser?

— Nunca disse que ele era estúpido — admitiu Kealty. Ele precisava ser objetivo. Não é mais um jogo. E ainda mais importante que a vida.

— Vai acontecer logo, Ed.

— Sei disso.

Mas ele precisaria de munição mais pesada para usar em seu ataque. Era uma metáfora curiosa para alguém que defendera o controle de armas durante toda sua vida política.

Emanações

A fazenda viera com um celeiro. Agora estava servindo principalmente como garagem. Ernie Brown ganhara muito dinheiro no ramo de construções.

Tendo iniciado sua carreira nos anos 70, estabelecera seu próprio negócio no final da década de 80 para desfrutar do boom imobiliário da Califórnia. Embora dois divórcios tivessem depenado seus fundos, a venda das propriedades fora feita no momento certo. Com o dinheiro, Ernie comprara uma parcela considerável de terra numa área ainda não chique o bastante para ter seu valor inflacionado por figuras de Hollywood. O que resultara fora praticamente uma seção inteira — 2,60 km² — de privacidade. Na verdade mais que isso, porque os ranchos vizinhos estavam dormentes nesta época do ano, os pastos congelados, o gado confortavelmente recolhido e comendo alfafa. Eles podiam passar vários dias sem ver outro carro na estrada, ou pelo menos era essa a impressão que tinham. Ônibus escolares não contavam.

Um caminhão de cinco toneladas também viera com o rancho — motor a diesel, o que era muito conveniente — juntamente com um tanque de combustível subterrâneo com capacidade para dois mil galões ao lado do celeiro. A família que vendera rancho, celeiro e casa ao recém-chegado da Califórnia não sabia que em sua ex-propriedade seria montada uma fábrica de bombas. O primeiro trabalho de Ernie e Pete tinha sido fazer o velho caminhão funcionar. Isso se revelou um exercício de quarenta minutos, porque não era apenas um caso de bateria descarregada; por sorte, Pete Holbrook era um mecânico competente e no devido tempo o motor do caminhão despertou com um rugido e deu todos os sinais de que continuaria entre os vivos. O caminhão não estava licenciado, mas isso não era terrivelmente incomum nesta área de grandes propriedades, e o percurso de 64 quilômetros para o norte, rumo à loja de suprimentos de fazenda, decorreu sem incidentes.

Para a loja, aquilo não poderia ser um presságio melhor de uma boa primavera. A temporada de plantio estava chegando (havia muitos fazendeiros de trigo nas imediações), e aqui estava o primeiro grande cliente para a montanha de fertilizante que acabara de chegar do armazém do distribuidor, em Helena. Os homens compraram quatro toneladas, o que não era uma quantidade incomum. Uma empilhadeira movida a propano depositou o fertilizante na carroceria do caminhão, eles pagaram em dinheiro e se despediram com um aperto de mão e um sorriso.

— Vai ser um trabalho duro — comentou Holbrook no meio do caminho de volta.

— É verdade. E teremos de fazer tudo sozinhos — concordou Brow. — Ou quer contratar alguém que pode se tornar um informante?

— Eu entendo, Ernie — replicou Pete enquanto cruzavam com um carro da polícia estadual. O tira nem sequer virou a cabeça, embora o encontro tenha provocado arrepios nos dois Montanheses. — Quantos mais?

Brown fizera os cálculos uma dúzia de vezes.

— Mais um caminhão cheio. E uma pena que esse material seja tão volumoso.

Fariam a segunda compra no dia seguinte, numa loja a 48 quilômetros ao sul do rancho. Teriam muito trabalho a realizar esta manhã, descarregando toda essa porcaria para dentro do celeiro. Um bom

exercício. Por que a maldita fazenda não tinha uma empilhadeira? — perguntou-se Holbrook. Pelo menos, quando reabastecessem o tanque de combustível, a companhia petrolífera local faria isso. Era um consolo.

Fazia frio na costa chinesa, o que facilitava para que os satélites vissem uma série de emanções térmicas em duas bases navais. Na verdade, a Marinha chinesa era o Serviço Naval do Exército de Libertação Popular, um desrespeito tão grosseiro à tradição que os navios ocidentais ignoravam o nome correto, favorecendo o costume. A imagem foi gravada e transmitida para o Centro de Comando Militar do Pentágono, onde o observador-chefe virou-se para seu especialista em informação.

— Os chineses estão realizando um exercício?

— Não que saibamos.

As fotos mostravam que vinte navios, todos alinhados, estavam com as máquinas funcionando, em vez do procedimento normal segundo o qual tiravam sua energia elétrica da doca. Um olhar mais atento revelava meia dúzia de rebocadores movendo-se em volta do porto. Sendo militar, o especialista em informação da base mandou chamar um oficial da Marinha.

— Estão lançando alguns navios ao mar — foi a análise óbvia.

— Não estão apenas fazendo um exame de engenharia ou algo assim?

— Não precisariam de rebocadores para isso. Quando é o próximo passe? — indagou o comandante da Marinha, referindo-se a um passe de satélite, checando a hora de referência na foto. Ela fora batida havia trinta minutos.

— Daqui a cinquenta minutos.

— Então deverá mostrar três ou quatro navios saindo ao mar em ambas as bases. Pode ter certeza.

Por enquanto, as chances são de duas em três de que estejam iniciando um exercício de grandes proporções. — Fez uma pausa. — Tem algum auê político acontecendo?

O chefe de vigilância balançou a cabeça.

— Nada.

— Então é um exercício de esquadra. Talvez alguém tenha decidido checar sua presteza.

Eles descobririam mais com um release para a imprensa de Pequim, mas estava a trinta minutos num futuro que não podiam ver, embora fossem pagos para isso.

O diretor era um homem religioso, conforme o esperado, considerando a sensibilidade de seu posto. Médico talentoso que tinha sido, e virólogo que ainda era, vivia num país em que a confiabilidade política de uma pessoa era medida por sua devoção ao ramo xiita do Islã, e nesse aspecto não havia dúvidas quanto a ele. Suas preces eram sempre feitas na hora certa, com seu trabalho no laboratório programado em função delas. Exigia o mesmo de seus assistentes, porque sua devoção era tão grande que ultrapassava o ensinamento do Islã sem que nem sequer pensasse nisso, dobrando suas leis como se fossem de borracha, e ao mesmo tempo dizendo a si mesmo que jamais violara a vontade do Profeta, ou de Alá. Como poderia ter feito isso? Ele estava ajudando a disseminar a Fé novamente pela Terra.

Os prisioneiros, as cobaias, eram todos homens condenados, de uma forma ou de outra. Mesmo os ladrões, criminosos menores, haviam violado quatro vezes o Corão Sagrado, e provavelmente tinham cometido outros crimes — provavelmente, disse a si mesmo —, crimes puníveis com a pena de morte.

Todos os dias eram informados sobre a hora da oração e embora se ajoelhassem, curvassem e recitassem as orações, bastava observá-los pelo monitor de TV para perceber que estavam apenas seguindo o ritual, não realmente orando para Alá na forma indicada. Isso os tornava apóstatas — e apostasia era um crime capital em seu país —, embora apenas um deles tivesse sido condenado por esse crime.

Ele pertencia à religião bahai, uma minoria quase extinta, uma estrutura de crença que evoluíra

depois do Islã. Cristãos e judeus eram Povos do Livro Sagrado; embora desorientados, ao menos reconheciam o mesmo Deus no Universo, aquele de quem Maomé fora o mensageiro final. O bahai aparecera depois, inventando algo a um só tempo novo e falso que os relegara ao status de pagãos, negando a Fé Verdadeira e atraindo a ira de seu governo. Era adequado que este homem fosse o primeiro a demonstrar que a experiência tinha sido bem-sucedida.

Era notável que os prisioneiros se mostrassem tão letárgicos devido à sua condição que os primeiros sintomas de gripe não causaram nenhuma reação especial. Os médicos militares, como sempre protegidos com roupas plásticas, entraram para tirar amostras de sangue, e um benefício adicional da condição dos prisioneiros tinha sido que eles estavam intimidados demais para causar problemas. Todos estavam na prisão havia algum tempo, submetidos a uma dieta deficiente que causava efeitos nocivos em seus níveis de energia, além de um regime disciplinar ao qual não ousaram resistir. Mesmo os prisioneiros condenados que sabiam estar contemplando a morte não desejavam acelerar o processo. Todos submeteram-se humildemente a ter seu sangue extraído por médicos extremamente cuidadosos. Os tubos de testes foram rotulados cuidadosamente de acordo com os números em suas camas, e os médicos se retiraram.

No laboratório, o sangue do Paciente Três foi o primeiro a ser colocado sob o microscópio. O teste de anticorpos tendia a gerar uma leitura falsa positiva, e a experiência era importante demais para riscos de erro. Assim, slides foram preparados e colocados sob microscópios eletrônicos, inicialmente ajustados numa ampliação de 20.000 por área de busca. O equipamento eletrônico de precisão que movia o slide ajustou-o para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, até...

— Ah — disse o diretor. Ele centrou o alvo no campo de visão e aumentou a ampliação para 112.000... e ali estava ele, projetado no monitor de computador em preto e branco. Sua cultura sabia muito sobre pastoreio, e o aforismo Cajado de Pastor pareceu-lhe uma descrição perfeita. Centrado estava o filamento de RNA, fino e curvo no fundo, com os laços de proteína no topo. Eles eram a chave da ação do vírus, ou pelo menos assim pensavam todos. Sua função exata não era compreendida, e isso também agradou a faceta de técnico de guerra biológica do diretor.

— Moudi — falou.

— Sim, estou vendo — disse o médico mais jovem, assentindo lentamente enquanto caminhava até aquele lado da sala. O vírus Ebola Zaire Mayinga estava no sangue do apóstata. Ele acabara de proceder ao teste de anticorpos e vira a pequena amostra mudar de cor. Não se tratava de um resultado falso positivo.

— Está confirmada a transmissão aérea.

— De acordo. — O rosto de Moudi não mudou. Ele não estava surpreso.

— Esperaremos mais um dia... não, dois dias, para a segunda fase. E então saberemos. Por enquanto, ele tinha um relatório a fazer.

O pronunciamento em Pequim pegou a embaixada americana de surpresa.

A situação foi comunicada em termos de rotina. A Marinha chinesa estava executando um exercício de grande porte no estreito de Taiwan. Haveria alguns disparos de mísseis terra-ar e terra-terra em datas ainda não especificadas (ainda havia considerações climáticas a ser esclarecidas, disse o release). O governo da República Popular da China estava emitindo notas de alerta para a aviação e a marinha de todos os países, de modo que as companhias aéreas e de navegação pudessem ajustar suas rotas de acordo. Fora disso, o release não dizia absolutamente nada, o que foi constatado com certo temor pelo vice-chefe de missão em Pequim. O vice-chefe imediatamente conferenciou com seus adidos militares e o chefe de estação da CIA, nenhum dos quais teve qualquer informação a oferecer, exceto que o release não tinha nada a dizer sobre o governo da República da China em Taiwan. Por um lado, essas eram boas notícias — não havia nenhuma reclamação sobre a contínua independência política daquela que Pequim

considerava uma província rebelde. Por outro lado, eram más notícias — o release não dizia que aquele era um exercício rotineiro e que não pretendia agredir ninguém. O comunicado era apenas isso, sem nenhuma explicação adicional. A informação foi despachada para o NMCC no Pentágono, para o chefe de Departamento, e para o quartel-general da CIA em Langley.

Daryaei teve de vasculhar a memória em busca do rosto que acompanhava aquele nome, e o rosto que lembrou era errado, porque pertencia a um menino de Qom, e a mensagem vinha de um homem maduro a meio mundo de distância. Raman... oh, sim, Aref Raman, que rapaz brilhante ele era. Seu pai tinha sido vendedor de automóveis, e vendia-os em Teerã aos poderosos, um homem cuja fé esvanecera. Mas não a de seu filho. Seu filho nem piscara ao saber da morte dos pais, mortos por acidente nas mãos do Exército do xá, porque estavam no lado errado da rua na hora errada, apanhados em meio a um distúrbio civil do qual não tomaram parte. Juntos, ele e o professor haviam rezado por eles. Mortos pelas mãos daqueles em quem confiavam era a lição do evento, mas a lição fora desnecessária. Raman já era um rapaz de fé profunda, ofendido pelo fato de sua irmã mais velha ter dormido com um oficial americano, maculando assim o nome da família e o seu. Ela também desaparecera na revolução, condenada por um tribunal islâmico por adultério.

Assim, só restara Raman. Podiam tê-lo usado de muitas formas, mas a escolhida fora planejada pelo próprio Daryaei. Associada com duas pessoas de idade, a nova família saíra do país com a riqueza da família Raman e fora primeiro para a Europa e logo depois para os EUA. Ali não tinham feito nada mais do que viver discretamente. Daryaei acreditava que estavam mortos a essa altura. O filho, selecionado para a missão por seu domínio prematuro da língua inglesa, prosseguiu sua educação e entrou no serviço governamental, desempenhando seus deveres com toda a excelência que demonstrara nas fases iniciais da revolução, durante a qual matara dois altos oficiais na Força Aérea do xá, enquanto eles bebiam uísque num bar de hotel.

Depois disso agira conforme suas ordens. Não faça nada. Imiscua-se, desapareça. Lembre de sua missão, mas não faça nada. Era gratificante para o aiatolá saber que julgara bem o menino, porque agora, por aquela breve mensagem, sabia que sua missão tinha sido quase completamente realizada.

A palavra assassino é derivada ashohashin, a palavra árabe para o narcótico haxixe, a ferramenta que já fora usada pelos membros do Nizari, uma subseita do Islã, para conferir a si próprios uma visão induzida por drogas do Paraíso antes de partir para suas missões de assassinato. Na verdade, segundo a filosofia de Daryaei, eles tinham sido hereges — e o uso de drogas era uma abominação. Eles haviam sido servos de mente fraca mas eficazes para uma série de líderes terroristas como Hasan e Rashid ad-Din, e, durante uma época que se prolongou por dois séculos, haviam servido ao equilíbrio político de poder numa região que se estendia da Síria à Pérsia. Mas nesse conceito havia um brilhantismo que fascinara o sacerdote desde que o aprendera quando menino. A tática de colocar um agente fiel dentro do campo inimigo. Era uma missão que demandava anos, e, portanto, uma missão de fé. Os nizaris tinham falhado porque eram hereges, separados da Fé Verdadeira, capazes de recrutar alguns extremistas para seu culto, mas não as grandes massas, e assim, serviam a um único homem, e não a Alá, daí sua necessidade de ingerir drogas para adquirir confiança, como os infiéis faziam com o álcool. Uma ideia brilhante fracassada. Mas, ainda assim, uma ideia brilhante. Daryaei simplesmente a aperfeiçoara e agora tinha um homem próximo, algo pelo que ele ansiava havia muito tempo. Melhor ainda, tinha um homem próximo e aguardando instruções, na outra extremidade de uma trilha desconhecida de mensagem que ele nunca usara, toda composta de pessoas que haviam partido para o mundo havia pouco mais de cinquenta anos, um estado de coisas muito melhor do que ele tivera no Iraque, mas nos EUA as pessoas suspeitas eram presas ou investigadas, ou vigiadas até os vigilantes ficarem entediados e se dedicarem a outras tarefas.

Em alguns países, quando isso acontecia, os vigilantes ficavam entediados, capturavam a quem

vigiavam e frequentemente o matavam.

Assim era quase hora de Raman completar sua missão, e depois de todos esses anos, ele ainda usava sua cabeça, não afetada por drogas e treinada pelo próprio Grande Satã. As notícias eram tão sublimes que ocasionaram um sorriso.

O telefone tocou. O particular.

— Sim?

— Tenho boas notícias sobre a Fazenda de Macacos — disse o diretor.

— Sabe, Arnie, você estava certo — disse Jack, sentindo a brisa do vento oeste.

— Foi maravilhoso sair daqui.

O chefe de gabinete percebeu a velocidade nos passos de Ryan, mas não ficou empolgado com o ânimo do presidente. O Força Aérea Um trouxera-o de volta a tempo de um jantar calmo com a família em vez dos rigores usuais de três ou quatro discursos, horas intermináveis de confraternização com mecenas, quatro horas de sono à noite — muito frequentemente, a bordo do avião —, e em seguida, um banho rápido e um dia de trabalho estendido artificialmente pela pressão dos compromissos. Era incrível, pensou, o fato de que algum presidente conseguisse trabalhar de verdade. Os verdadeiros deveres do cargo eram muito árduos. E quase sempre subordinados a atividades que eram pouco mais que relações públicas, ainda que uma função necessária numa democracia, na qual as pessoas precisavam ver o presidente realizando mais do que ficar em sua poltrona fazendo... seu trabalho. A presidência era um trabalho que se podia amar sem gostar, frase que parecia contraditória até que se via o que acontecia aqui.

— Você foi ótimo — congratulou van Damm. — O discurso ficou perfeito na TV, e o segmento que a NBC exibiu sobre sua esposa também foi bom.

— Ela não gostou. Ela acha que não usaram sua melhor frase — comentou Ryan com leveza.

— Podia ter sido muito pior. — Eles não lhe perguntaram sobre aborto, pensou Arnie. Para impedir que isso acontecesse, ele tinha gasto vários trunfos com a NBC, e providenciara para que Tom Donner fosse tratado tão bem quanto um senador, talvez até mesmo um membro do gabinete, no voo do dia anterior, incluindo um raro segmento gravado do voo. Na semana seguinte, Donner seria o primeiro âncora de televisão a ter uma conversa cara a cara com o presidente na sala de estar do andar superior, e para essa entrevista não haveria acordos sobre os tipos de perguntas, significando que Ryan teria de ser instruído durante horas para não meter os pés pelas mãos. Mas por enquanto o chefe de gabinete permitiu que seu presidente desfrutasse a satisfação resultante de um dia muito bom no Meio-Oeste, cuja missão real, além de tirar Ryan de Washington e provar o que era realmente ser presidente, fora fazê-lo parecer um presidente, e marginalizar ainda mais Kealty, aquele filho da puta.

O Serviço Secreto estava tão eufórico quanto seu presidente, porque frequentemente extraíam seu humor do POTUS, retribuindo seus cumprimentos e acenos com os seus próprios: Bom dia, presidente!, foi repetido por quatro deles enquanto Ryan passava, seguindo seu caminho até o Salão Oval.

— Bom dia, Ben — disse Ryan animado, caminhando até sua mesa e afundando na confortável cadeira giratória. — Conte-me como vai o mundo.

— Podemos estar com um problema. A Marinha da República Popular da China está no mar — comunicou o conselheiro de Segurança Nacional. O Serviço Secreto acabara de designar-lhe um nome código, BATOTEIRO.

— E? — indagou Ryan, irritado por terem estragado sua manhã.

— E parece um exercício naval de grande porte. E estão anunciando que haverá testes com lançamentos de mísseis carregados. Nenhuma reação ainda de Taipé.

— Eles não estão para ter eleições ou nada do tipo, estão? — perguntou Jack.

Goodley balançou a cabeça.

— Não. Não por mais um ano. A República da China continua gastando dinheiro com as Nações Unidas, e estão fazendo um lobby discreto com diversos países, para o caso de terem seu pedido de representação aceito, mas nada anormal. Taipé está jogando na retranca, e não está fazendo nada que possa ofender o continente. Seu relacionamento comercial é estável. Em suma, não temos explicação alguma para o exercício.

— Que temos na área?

— Um submarino no estreito de Formosa, ficando de olho numa base chinesa.

— Porta-aviões?

— Não chega nem perto do que tivemos no oceano Índico. O Stennis está em Pearl para reparos de motor, juntamente com o Enterprise, e ficarão lá durante um tempo. Ainda estamos bem fragilizados. — BATOTEIRO lembrou ao presidente o que ele mesmo lembrara ao presidente dele apenas alguns meses antes.

— E quanto ao exército deles? — foi a pergunta seguinte do presidente.

— Nada novo também. Temos níveis de atividade maiores que o usual, como os russos informaram, mas isso já vem acontecendo há algum tempo.

Ryan recostou-se na poltrona e contemplou uma xícara de café descafeinado. Ele descobrira em sua viagem de discursos que seu estômago ficava melhor quando evitava cafeína, e comentara isso com Cathy, que tinha apenas sorrido e falado: Eu te disse!

— Certo, Ben, especule.

— Conversei com alguns especialistas em China do Estado e na Agência — replicou Goodley. — Talvez os seus militares estejam fazendo uma manobra política, política interna, quero dizer, elevando seu estado de prontidão para fazer as pessoas em Pequim saberem que ainda estão por perto. Fora isso, qualquer outra coisa é especulação pura, e esse não é meu trabalho, lembra?

— Não sei significa não sei, não é? — Era uma pergunta retórica, e um dos aforismos favoritos de Ryan.

— O senhor me ensinou isso do outro lado do rio, presidente — concordou Goodley, mas sem o sorriso esperado. — Também me ensinou a não gostar de coisas que não posso explicar. — O oficial do serviço nacional de informações fez uma pausa. — Eles sabem que nós iremos saber, e sabem que ficaremos interessados, sabem que o senhor é novo aqui, sabem que o senhor não precisa de uma briga. Então por que fariam? — perguntou Goodley, também retoricamente.

— Sim — concordou com calma o presidente. — Andréa? — chamou. Price, como sempre, estava na sala, fingindo não prestar atenção.

— Senhor?

— Onde está o fumante mais próximo? — perguntou Ryan sem a menor vergonha.

— Presidente, eu não...

— O cacete que você não. Eu quero um.

Price assentiu e desapareceu na sala de secretariado. Ela reconhecia os sinais quando os via. Mudar de café normal para descafeinado, e agora um cigarro. De certo modo era surpreendente que tivesse demorado tanto, e isso explicou-lhe mais sobre o relatório do serviço nacional de informações do que as palavras do Dr. Benjamin Goodley.

Tinha de ser uma mulher fumante, constatou o presidente um minuto depois. Outro cigarro fino. Price trouxe até um fósforo e um cinzeiro junto com seu olhar desaprovador. Ele se perguntou se eles tinham agido da mesma forma com FDR e Eisenhower.

Ryan deu sua primeira tragada, aprofundado em pensamentos. A China tinha sido a parceira silenciosa no conflito — ele ainda não conseguia usar a palavra guerra, nem mesmo em sua própria mente — com o Japão. Pelo menos era isso que se supunha. Tudo fazia sentido, e tudo se encaixava perfeitamente, mas não havia provas suficientes para recheiar um relatório especial do serviço nacional

de informação, quanto mais apresentar à imprensa, que na maioria das vezes exigia o mesmo nível de confiabilidade que um juiz especialmente conservador. Assim.. Ryan levantou o telefone.

— Quero falar com o diretor Murray.

Uma das poucas coisas boas na presidência era o uso do telefone. Por favor, aguarde pelo presidente, uma frase simples falada por uma secretária da Casa Branca no tom de voz com que pediria uma pizza, sempre causava uma reação próxima ao pânico do outro lado de qualquer linha. Raramente levava menos de dez segundos para conseguir falar com alguém. Desta vez levou seis.

— Bom dia, presidente.

— Bom dia, Dan. Preciso de uma coisa. Qual é o nome do inspetor da polícia japonesa que esteve aqui?

— Jisaburo Tanaka — respondeu Murray prontamente.

— Ele é bom? — foi a pergunta seguinte.

— Sólido. Tão bom quanto qualquer um com quem trabalhei aqui. O que você quer dele?

— Presumo que eles estejam falando muito com aquele tal Yamata.

— Tão certo quanto um urso mija na floresta, presidente — o diretor do FBI conseguiu dizer sem rir.

— Quero saber sobre suas conversas com a China, especialmente quem era o contato deles.

— Podemos fazer isso. Tentarei falar com ele agora mesmo. Ligo de volta para você?

— Não. Passe as informações para o Ben Goodley, e ele irá coordenar com as pessoas lá de baixo — disse Ryan, empregando uma antiga expressão íntima dos dois. — Ben está aqui agora no meu velho escritório.

— Sim, senhor. Deixe-me fazer isso agora. É quase meia-noite em Tóquio.

— Obrigado, Dan. Tchau. — Jack desligou o telefone. — Vamos tentar elucidar isso.

— Pode ter certeza, chefe — prometeu Goodley.

— Mais alguma coisa acontecendo no mundo? Iraque?

— Mesmas notícias de ontem. Muita gente sendo executada. Os russos nos informaram sobre essa história de União Republicana do Islã, e todos achamos que é provável, mas eles ainda não têm evidências concretas. Planejava trabalhar nisso hoje, e...

— Certo, então faça.

— E então, qual é o procedimento padrão para isto? — indagou Tony Bretano. Robby Jackson não gostava especialmente de fazer nada às pressas, mas aquele era o trabalho do recém-promovido J-3, diretor de operações para o Estado-Maior. Na semana anterior, ele aprendera a gostar do secretário de Defesa nomeado. Bretano era um sujeito aparentemente difícil de se lidar, mas sua carranca era apenas fachada, escondendo um cérebro ativo e capaz de decisões rápidas. E o homem era um engenheiro — sabia o que não sabia, e não hesitava em fazer perguntas.

— Temos o Pasadena, um submarino de ataque rápido, no estreito, já procedendo a vigilância de rotina. Interrompemos seu trabalho atual e o movemos para o nordeste. Em seguida, movemos duas das três embarcações adicionais que temos na área, designando-lhes bases de operação para ficar de olho nos acontecimentos. Abrimos uma linha de comunicação com Taipé e eles estão instruídos a nos passar o que virem e souberem. Farão isso. Sempre jogam limpo conosco. Também moveremos um cruzador para um pouco mais perto da área, mas desta vez não o posicionaremos próximo demais; isso pareceria uma reação exagerada porque não existe uma ameaça política a Taipé.

Temos aeronaves com equipamentos de coleta de informações em patrulha nas áreas fora do alcance da base Anderson da Força Aérea, em Guam. Somos prejudicados por não dispormos de uma base próxima.

— Em resumo, coletamos informações e não obtivemos nada substancial? — perguntou o secretário

de Defesa.

— Coletar informações é substancial, senhor, mas sim, é isso... Bretano sorriu.

— Eu sei. Construí os satélites que vocês usarão. O que eles nos dirão?

— Provavelmente captaremos muitas conversas limpas que ocuparão cada microfone que eles têm em Forte Meade e não nos dirão muito sobre suas intenções gerais. O material operacional será útil... ele nos dirá muito sobre suas capacidades. Se conheço bem o almirante Mancuso, comandante de submarinos do Pacífico, ele fará um ou dois de seus submarinos moverem-se mais rápido que os demais e se desgarrarem do grupo, para ver se os chineses perseguirão um deles, mas nada ostensivo. Essa é das opções que temos se não gostarmos da forma como o exercício está sendo executado.

— Que quer dizer?

— Quero dizer que se você quiser realmente deixar um oficial naval temente a Deus, faça-o saber que tem um submarino perto dele... imagine, secretário, um submarino aparecer inesperadamente no meio da sua formação e desaparecerem seguida. É um jogo de nervos, um jogo muito sujo. Nosso pessoal é bom nisso, e Bart Mancuso sabe como usar seus barcos. Não teríamos derrotado os japoneses sem ele — disse Jackson positivamente.

— Ele é tão bom assim? — Para o novo secretário de Defesa, Mancuso era apenas um nome.

— Não há ninguém melhor. E uma das pessoas a quem você deveria ouvir.

Assim como o seu comandante-em-chefe do Pacífico, Dave Seaton.

— O almirante DeMarco me disse...

— Senhor, posso falar francamente? — perguntou o J-3.

— Jackson, essa é a única regra aqui.

— Bruno DeMarco foi feito vice-chefe das Operações Navais por um motivo. Bretano entendeu imediatamente.

— Oh, para fazer discursos e não fazer nada que possa prejudicar a Marinha? A resposta de Robby Jackson foi um meneio de cabeça.

— Anotado, almirante Jackson.

— Senhor, não sei muita coisa sobre indústria, mas há uma coisa que o senhor precisa saber sobre este prédio. Há dois tipos de oficiais no Pentágono, operadores e burocratas. O almirante DeMarco está aqui há mais da metade de sua carreira. Mancuso e Seaton são operadores, e eles fazem o máximo que podem para ficar longe deste prédio.

— E você também — observou Bretano.

— Acho que simplesmente gosto do cheiro de maresia, secretário. Não estou querendo aparecer, senhor. Você decidirá se gosta de mim ou não... Além disso, não posso mesmo voar mais. Mas quando Seaton e Mancuso falarem, espero que o senhor lhes dê ouvidos.

— Qual é o seu problema, Robby? — perguntou o secretário de Defesa com preocupação súbita. Ele conhecia um bom funcionário quando via um.

Jackson deu de ombros.

— Artrite. Problema de família. Podia ser pior, senhor. Não vai prejudicar meu jogo de golfe, e chefes de esquadra não voam muito mesmo.

— Não se importa em ser promovido, se importa? — Bretano estava para recomendar outra estrela para Jackson.

— Secretário, sou filho de um pastor do Mississippi. Fui para Annapolis, pilotei caças por vinte anos e ainda estou vivo para falar sobre isso. — Muitos de seus amigos não estavam, fato que Robby jamais esquecia. — Posso me retirar do serviço a qualquer momento que quiser e conseguir um bom emprego. Mas a América tem sido muito boa comigo, e devo alguma coisa ao país. Pago essa dívida dizendo a

verdade da melhor forma que posso e me danando para as consequências.

— Então, você também não é um burocrata. — Bretano se perguntou qual seria a formação de Jackson. Ele falava como um engenheiro competente. Até sorria como um.

— Preferiria tocar piano num bordel, senhor. É um trabalho mais honesto.

— Vamos nos afinar bem, Robby. Estabeleça um plano. Fique de olho nos chineses.

— Na verdade, pretendia apenas aconselhar e...

— Depois coordene com Seaton. Imagino que ele também lhe dê ouvidos.

As equipes de inspeção das Nações Unidas estavam tão acostumadas com a frustração que mal sabiam lidar com a satisfação. As diversas equipes nas várias instalações haviam entregado pilhas de papel, fotografias e fitas de vídeo, e praticamente arrastaram os inspetores pelas instalações, apontando os aspectos importantes e muitas vezes demonstrando os métodos mais simples de desativar os equipamentos mais ofensivos. Havia o pequeno problema de que a diferença entre uma usina de armas químicas e uma fábrica de inseticida era essencialmente nula. O gás neural fora uma invenção acidental da pesquisa de combate a insetos (a maioria dos inseticidas são venenos neurais). A única diferença eram os ingredientes químicos, chamados precursores. Além disso, qualquer país com recursos petrolíferos e uma indústria petroquímica produzia rotineiramente todos os tipos de produtos especializados, a maioria deles tóxicos aos humanos.

Mas o jogo tinha regras, e uma delas era que pessoas honestas não produzem armas proibidas e, da noite para o dia, o Iraque tornara-se um membro honesto da comunidade mundial.

Este fato ficou claro no encontro do Conselho de Segurança da ONU. O embaixador iraquiano falou de sua poltrona na mesa anular, usando gráficos para mostrar o que fora exibido às equipes inspetoras, e lamentando o fato de que ele tinha sido incapaz de falar a verdade antes. Os outros diplomatas na sala entenderam. Muitos deles mentiam tanto que mal sabiam mais o que era a verdade. E assim, estavam agora diante de uma verdade e não reconheciam a mentira que ela ocultava.

— Considerando a aceitação total de meu país a todas as resoluções das Nações Unidas, requisitamos respeitosamente que, em vista das necessidades de meu país, o embargo de gêneros alimentícios seja retirado o mais rápido possível — concluiu o embaixador. Até mesmo seu tom estava razoável agora, notaram com satisfação os outros diplomatas.

— A cadeira reconhece o embaixador da República Islâmica do Irã — disse o embaixador chinês, que no momento ocupava a posição rotativa de diretor do Conselho de Segurança.

— Nenhum país neste grupo tem motivos maiores para não gostar do Iraque.

As fábricas de armas químicas inspecionadas hoje fabricavam armas de destruição em massa que em seguida eram usadas contra o povo de meu país.

Concomitantemente, consideremos responsabilidade nossa reconhecer o novo dia que nasceu para nosso vizinho. Os cidadãos do Iraque sofreram por muito tempo devido às ações de seu governante... mas agora esse governante caiu, e o novo governo está demonstrando todos os sinais de ser responsável o bastante para ingressar na comunidade das nações. Em vista disso, a República Islâmica do Irã apoiará a suspensão imediata do embargo. Além disso, providenciaremos uma transferência emergencial de gêneros alimentícios para prover alívio aos cidadãos iraquianos. O Irã propõe que a suspensão seja condicional à manutenção da boa fé do Iraque. Com esse fim, submetemos a Resolução Provisória 3569...

Scott Adler voara para Nova York para ocupar a cadeira americana no Conselho. O embaixador americano na ONU era um diplomata experiente, mas para algumas situações a proximidade de Washington era muito conveniente, e esta era uma delas. Só que havia pouco que pudesse fazer. O secretário de Estado não tinha cartas para jogar. Frequentemente a estratégia mais inteligente na diplomacia era fazer exatamente o que seu adversário requisitava. Esse fora o maior temor em 1991, que o Iraque pudesse simplesmente retirar-se do Kuwait, deixando a América e seus aliados com nada para

fazer. E preservando o Exército iraquiano para lutar outro dia. Essa fora, felizmente, uma opção um pouco inteligente demais para ser adotada pelo Iraque. Mas alguém aprendera com aquilo. Quando você exige que alguém faça alguma coisa ou nega algo de que ele precisa, e então essa pessoa faz... bem, então você não pode negar mais o que ele quer, pode?

Adler fora completamente instruído sobre a situação, o que ajudava muito pouco. Era como ficar sentado num jogo de pôquer com três ases depois de comprar, apenas para descobrir que o seu oponente tem um *straight flush*. Boa informação nem sempre ajuda. A única coisa que poderia adiar os procedimentos era o ritmo túrgido das Nações Unidas, e mesmo isso tinha limites quando os diplomatas ficavam entusiasmados. Adler poderia ter pedido uma postergação dos votos para averiguar a obediência do Iraque às exigências de longo prazo da ONU, mas o Irã já cuidara disso, submetendo uma resolução que especificava a natureza temporária e condicional da suspensão do embargo.

Também tinham deixado muito claro que enviariam alimentos de qualquer modo — na verdade, já tinham feito isso, através de caminhões, na teoria de que fazer alguma coisa ilegal em público tornava-a aceitável. O secretário de Estado olhou para seu embaixador — eles eram amigos havia anos e viu uma piscadela irônica. O embaixador inglês estava olhando para um bloco com anotações a lápis. O embaixador russo lia despachos. Ninguém estava ouvindo realmente.

Não precisavam. Em duas horas, a resolução iraquiana passaria. Bem, poderia ter sido pior. Pelo menos ele teria uma chance de falar cara a cara com o embaixador chinês e perguntar sobre suas manobras navais. Ele sabia a resposta que receberia, mas não saberia se ela era verdadeira ou falsa. Claro. Sou o secretário de Estado na nação mais poderosa do mundo, pensou Adler, mas hoje não passo de um mero espectador.

Ervas Daninhas

Bem poucas coisas mais tristes do que uma criança doente. Sohaila, era esse seu nome, lembrou o Dr. MacGregor. Um nome bonito para uma menina bonita, com rosto de fada. Seu pai a segurava no colo. Parecia um homem bruto — fora essa a primeira impressão de MacGregor, e ele aprendera a confiar em seus instintos. Sua esposa estava com ele, juntamente com outro homem de aparência árabe usando terno, e atrás dele, havia um sudanês de aparência oficial. O médico notou e ignorou a todos. Não estavam doentes. Sohaila sim.

— Bem, olá novamente, mocinha — disse com um sorriso confortador. — Não está se sentindo muito bem, não é? Teremos de cuidar disso, não é? Venha comigo — disse ele ao pai da menina.

Claramente essas pessoas eram importantes para alguém, e seriam tratadas de acordo. MacGregor conduziu-os a uma sala de exames. O pai acomodou a menininha na mesa e recuou, deixando a esposa segurando a mão de Sohaila.

Os guarda-costas — era isso que eram — permaneceram do lado de fora. O médico encostou a mão na testa da criança. Ela estava ardendo em febre — 39

graus, pelo menos. Certo. Lavou as mãos e vestiu luvas, novamente porque esta era a África, e na África tomavam-se todas as precauções possíveis. Sua primeira ação foi tomar sua temperatura através do ouvido: 39.4. A pulsação estava rápida, mas não preocupante para uma criança. Uma checagem rápida com um estetoscópio confirmou sons cardíacos normais e nenhum problema específico com os pulmões, embora a respiração também estivesse rápida. Até agora ela tivera febre, algo comum com crianças, especialmente aquelas recém-chegadas a um novo ambiente. Olhou para cima.

— O que parece ser o problema com sua filha? — perguntou ao pai desta vez.

— Ela não pode comer, e sua outra extremidade...

— Vômitos e diarreia? — perguntou MacGregor, checando agora os olhos da menina. Também pareciam normais.

— Sim, doutor.

— Vocês chegaram recentemente? — Olhou para cima quando a resposta foi uma hesitação. — Preciso saber.

— Correto. Do Iraque, apenas há alguns dias.

— E a sua filha sofre de um problema mediano de asma, nada mais, nenhum outro problema de saúde, correto?

— É verdade, sim. Ela tomou todas as vacinas. Nunca esteve doente desse jeito.

A mãe apenas assentiu. O pai claramente assumira o controle da situação, provavelmente para obter a sensação de autoridade, de fazer as coisas acontecerem, considerou o médico. Por ele, tudo bem.

— Comeram alguma coisa diferente desde que chegaram? — perguntou MacGregor.

— Algumas pessoas são muito suscetíveis a viagens, e crianças são extremamente vulneráveis. Pode ser simplesmente a água local.

— Dei-lhe o remédio, mas ela piorou — comunicou a mãe.

— Não é a água — disse o pai positivamente. — A casa tem poço próprio. A água é boa.

Como se tivesse ensaiado, Sohaila gemeu e se virou, vomitando na mesa de exames e no assoalho de

ladrilhos. A cor não era certa. Havia vestígios de vermelho e preto. Vermelho para o sangue novo, preto para o velho. Não era enjoo de jato ou água ruim. Úlcera, talvez? Envenenamento alimentar?

MacGregor piscou e checou instintivamente as mãos para verem se estavam enluvadas. A mãe estava procurando papel-toalha para...

— Não toque nisso — disse em tom calmo. Em seguida, tomou a pressão da criança. Estava baixa, confirmando hemorragia interna.

— Sohaila, temo que você terá de passar a noite conosco até podermos deixá-la bem novamente.

Podia ser muitas coisas, mas o médico estava na África havia tempo suficiente para saber que precisava agir como se fosse o pior. O jovem médico consolou-se com a crença de que, fosse o que fosse, não podia ser tão ruim.

Não era como nos velhos tempos — o que era? — mas Mancuso gostava do trabalho. Ele tinha feito uma boa guerra — ele pensava naquilo como uma guerra; seus submarinos tinham feito exatamente o que ele planejara. Depois de perder Asheville e Charlotte — isso antes do anúncio oficial das hostilidades —, ele não perdera mais nenhum. Seus submarinos tinham desempenhado cada missão designada, derrotando a força submarina inimiga numa emboscada planejada com cuidado, sustentando uma operação especial brilhante, conduzindo lançamentos de mísseis sob a superfície, e, como sempre, colhendo informações vitais. Sua melhor jogada, achava, fora retirar da aposentadoria os submarinos nucleares de mísseis balísticos. Eles eram grandes demais para funcionar em ataques rápidos, mas Deus sabia que eles tinham dado conta do serviço. Ele tinha feito o trabalho pelo qual lhe pagavam. E agora tinha outro.

— Então, o que eles devem fazer? — perguntou ao seu chefe imediato, o almirante Dave Seaton.

— Ninguém parece saber ao certo. — Seaton viera dar uma olhada. Como qualquer bom oficial, tentava sair do escritório sempre que possível, mesmo quando isso significava apenas visitar outro. — Talvez seja apenas um exercício de esquadra, mas como temos um novo presidente, talvez eles queiram mostrar os músculos para ver o que acontece. — Gente de uniforme não gostava de exames internacionais, principalmente porque suas vidas costumavam fazer parte da avaliação.

— Conheço esse sujeito, chefe — disse Bart.

— É?

— Não tão bem, mas você sabe sobre o Outubro Vermelho. Seaton sorriu.

— Bart, se você quiser me contar essa história, um de nós terá de matar o outro, e eu sou maior. — O fato, um dos segredos mais bem guardados da história naval, ainda não era amplamente conhecido, embora os rumores — jamais se podia contê-los — fossem variados e diversos.

— Você precisa saber, almirante. Precisa saber o que a Autoridade Nacional de Comando tem entre as pernas. Fui companheiro de viagem desse sujeito.

Isso fez Mancuso piscar, atônito.

— Está brincando.

— Ryan estava no submarino nuclear comigo. Na verdade, chegou antes de mim. — Mancuso fechou os olhos, deliciado com o fato de que finalmente poderia contar essa história de marinheiro. Dave Seaton era um comandante-em-chefe de campo, e tinha o direito de saber que tipo de homem estava enviando ordens lá de Washington.

— Ouvi dizer que ele esteve envolvido na operação, mas pensei que fosse em Norfolk, quando eles aportaram o submarino na doca Oito-Dez. Quero dizer, ele é um espião, certo, mas um burocrata...

— Na verdade, não. Ele matou um sujeito, em plena sala de mísseis... antes de eu subir a bordo. Ele estava no timão na hora. Estava morto de medo, mas não se escondeu. O presidente que temos agora esteve lá fora e fez esse tipo de coisa. Assim, se eles quiserem testar nosso presidente, apostarei todas minhas fichas nele. Dois colhões bem grandes, Dave, é isso que ele tem entre as pernas.

Pode não aparentar isso na TV, mas seguirei aquele filho da puta até qualquer lugar.

Mancuso surpreendeu-se com o que disse. Era a primeira vez que chegava a essa conclusão.

É bom saber, pensou Seaton.

— E então, qual é a missão? — perguntou Mancuso.

— J-3 nos quer como sombra.

— Você conhece Jackson melhor que eu. Quais são os parâmetros?

— Se isso for um exercício de esquadra e nada mais, observaremos discretamente. Se as coisas mudarem, faremos com que percebam que nos importamos. Você entendeu do que se trata, Bart. Meu armário está vazio.

Eles precisavam apenas olhar pelas janelas para ver isso. O Enterprise e o John Stennis estavam ambos na doca seca. O comandante-em-chefe do Pacífico não tinha um único porta-aviões para colocar em serviço, e essa situação perduraria por meses. Eles tinham usado o Johnnie Reb para a retomada das Marianas, mas agora ele jazia ao lado do irmão mais velho, com buracos bem grandes no convés embaixo do primeiro nível de plataforma, enquanto estavam sendo fabricadas novas turbinas e motores de redução. Os porta-aviões eram os meios usuais que a Marinha dos Estados Unidos usava em suas demonstrações de força. Provavelmente fazia parte do plano dos chineses, ver como os EUA se portariam quando uma reação substancial não fosse possível, ou pelo menos era isso que alguns achavam.

— Você me dará cobertura com DeMarco? — perguntou Mancuso.

— Que quer dizer?

— Estou querendo dizer que Bruno é da velha escola. Ele acha que é ruim ser detectado.

Pessoalmente, acho que isso às vezes pode ser bom. Se você quiser que eu balance a gaiola dos chinas, ele terá de escutar as barras tremerem, não é?

— Vou redigir as ordens de acordo. Como você as seguirá, fica por sua conta. Por enquanto, se algum contramestre falar com seu superior sobre ficar deitado na praia, vou querer isso gravado em fita para a minha coleção.

— Dave, essa é uma ordem que um homem pode entender. Eu até mesmo lhe darei o número do telefone, senhor.

— E não podemos fazer porra nenhuma — concluiu Cliff Rutledge em sua avaliação.

— Puxa, Cliff— respondeu Scott Adler. — Eu mesmo podia ter chegado a essa conclusão.

A ideia era de que os subordinados lhe dessem alternativas em vez de extirpá-las — ou, neste caso, dizer-lhe algo que já sabia.

Eles tiveram muita sorte nesse aspecto. A mídia não ficara ciente de muita coisa. As pessoas em Washington ainda estavam chocadas, os peixes pequenos ocupando postos de peixes grandes ainda não estavam confiantes o bastante para vazar informações sem autorização, e os homens que tinham sido escolhidos pessoalmente pelo presidente Ryan eram impressionantemente leais ao seu comandante-em-chefe, um benefício inesperado de pegar forasteiros que não sabiam nada de política. Mas isso não duraria, especialmente com alguma coisa tão succulenta quanto um novo país prestes a nascer de dois inimigos, ambos já tendo derramado sangue americano.

— Suponho que sempre podemos simplesmente não fazer nada — observou levemente Rutledge, perguntando-se qual seria a reação. Esta alternativa era distinta de não poder fazer nada, uma sutileza metafísica que não escapava aos homens de Washington.

— Assumir essa posição apenas encoraja desenvolvimentos adversos aos nossos interesses — observou outro alto oficial.

— Sendo a alternativa proclamar nossa impotência? — replicou Rutledge. — Se dissermos que não gostamos de uma coisa e então fracassarmos em acabar com essa coisa, isso é pior do que não assumir nenhuma posição.

Adler refletiu que sempre era possível depender de um homem de Harvard por boa gramática e um cabelo muito bem penteado, e, no caso de Rutledge, não muito mais que isso. Este oficial de carreira do serviço diplomático chegara ao sétimo andar por jamais pisar no calo de ninguém, que era uma outra forma de dizer que ele nunca liderara uma dança na vida. Por outro lado, ele tinha ligações soberbas — ou tivera. Cliff, contudo, sofria da pior doença que um diplomata podia ter. Considerava tudo negociável. Adler não pensava dessa forma. Era preciso lutar por algumas coisas, porque, se não fizesse isso, o outro cara decidiria onde seria o campo de batalha, e então ele teria o controle. A missão dos diplomatas era prevenir isso, um trabalho sério, pensou Adler, que uma pessoa realizava sabendo onde permanecer firme e onde ficavam os limites da negociação. Para o secretário-assistente de Estado da pasta de política, isso era apenas uma dança sem fim. Com alguma outra pessoa liderando. Aliás, Adler ainda não dispunha do capital político para despedir o homem, ou talvez torná-lo embaixador em algum posto inofensivo. Ele próprio ainda precisava ser confirmado pelo novo Senado, por exemplo.

— Que tal definirmos isso apenas como uma questão regional? — perguntou outro diplomata. A cabeça de Adler virou-se lentamente. Rutledge estava alcançando um consenso?

— Não, não é isso — pronunciou o secretário de Estado, tomando as rédeas em sua própria sala de conferências. — É um interesse vital de segurança dos Estados Unidos da América. Garantimos manter a segurança dos sauditas.

— Linha na areia? — perguntou Cliff. — Não há motivo para fazer isso ainda.

Veja, vamos ser sensatos sobre este caso, certo? O Irã e o Iraque se juntam e formam esta nova República Unida do Islã, tudo bem. E então o quê? Eles vão demorar anos para organizar o novo país. Nesse meio-tempo, as forças que sabemos estar atuantes no Irã despertam o regime teocrata que já foi um tremendo espinho no nosso pé. Este não é um acordo unilateral, é? Podemos esperar isso devido à influência que os elementos seculares na sociedade iraquiana terão necessariamente no Irã. Se entrarmos em pânico e agirmos ofensivamente, facilitaremos a vida de Daryaei e seus fanáticos. Mas se agirmos com calma, eles terão menos razões para gastar sua retórica conosco.

Certo, não podemos deter esta fusão, podemos? — Rutledge prosseguiu. — Então, se não podemos, que podemos fazer? Podemos pensar nisso como uma oportunidade para abrir um diálogo com o novo país.

Havia uma certa lógica nessa proposta, notou Adler, reparando também as cabeças assentindo em torno da mesa de conferências. Ele conhecia bem os chavões. Oportunidade. Diálogo.

— Isso vai deixar os sauditas realmente tensos e nervosos — objetou uma voz no fim da mesa. Era Bert Vasco, o homem menos graduado no recinto. — Sr.

Rutledge, acho que está subestimando a situação. O Irã orquestrou o assassinato...

— Não temos prova disso, temos?

— E Al Capone nunca foi condenado pelo massacre de São Valentim, mas vi o filme. — Ser chamado ao Salão Oval aguçara a retórica do oficial. Adler soergueu uma sobrancelha, divertido. — Alguém está tramando isto tudo, começando com o atentado, prosseguindo com a eliminação do alto comando militar, e depois o massacre da liderança do partido Baath. Em seguida, temos este renascimento religioso que está acontecendo agora. A imagem que faço da situação é de uma identidade nacional e religiosa renovada. Isso irá atenuar as influências moderadoras à qual o senhor se referiu. A dissidência interna no Irã será recuada em pelo menos um ano por esses acontecimentos... e não sabemos o que mais pode estar acontecendo. Daryaei é um maquinador, e dos bons. E paciente, dedicado, e um filho da puta cruel...

— Que está nas últimas — objetou um dos aliados de Rutledge na sala.

— Quem disse? — defendeu-se Vasco. — Ele lidou com tudo isso com muita lucidez.

— Ele está na casa dos setenta.

— Ele não fuma nem bebe. Em todas as gravações que temos dele em público, ele parece muito vigoroso. Já cometemos antes o erro de subestimar esse homem.

— Ele perdeu o contato com seu próprio povo.

— Talvez ele não saiba disso. Ele está tendo um bom ano até agora, e todo mundo gosta de vencedores — concluiu Vasco.

— Bert, talvez você esteja apenas preocupado em perder seu cargo com a formação da RIU — brincou alguém. Era um golpe baixo, direcionado por um sênior a um júnior, com risadinhas em torno da mesa apenas para lembrá-lo disso. O silêncio resultante informou ao secretário de Estado que havia um consenso se formando, e não o que ele queria. Era hora de reassumir o controle.

— Certo, vamos prosseguir — disse Adler. — O FBI voltará amanhã para convergir conosco sobre a carta roubada. E adivinha o que eles trarão?

— Não a Caixa de novo — gemeu alguém. Ninguém notou a forma como Rutledge virou a cabeça.

— Vejam isso apenas como um teste de rotina para nossas condições de segurança disse o secretário de Estado aos seus subordinados principais. Os polígrafos não eram exatamente desconhecidos pelos veteranos que estavam ali.

— Pelo amor de Deus, Scott — disse Cliff, falando pelos outros. — Ou somos dignos de confiança ou não. Já desperdicei horas e mais horas com essa gente.

— Sabiam que também nunca encontraram a carta de demissão de Nixon? — comentou outro.

— Talvez Henry esteja com ela — brincou um terceiro.

— Amanhã. Começando às dez da manhã. Eu incluído — disse-lhes Adler.

Ele também achava a coisa pura perda de tempo.

Tinha pele clara, olhos cinza e cabelos com um tom ruivo, resultado, achava, de uma mulher inglesa em algum ponto de sua genealogia, ou pelo menos era essa a piada da família. Uma vantagem era sua capacidade em passar por qualquer etnia caucasiana. O motivo de que ainda podia fazer isso era o resultado de sua cautela. Em suas poucas opções públicas, ele pintara o cabelo, usara óculos escuros e deixara a barba crescer — barba preta —, o que resultava em piadas dentro de sua comunidade: Estrela de cinema, diziam. Mas muitos dos piadistas estavam mortos e ele não. Talvez os israelenses tivessem fotos dele — nunca se sabia com os israelenses, mas uma coisa que se sabia era que raramente compartilhavam informações com qualquer um, mesmo seus mecenas americanos, o que era estupidez. E você não pode ficar preocupado com tudo, mesmo fotografias no arquivo de algum Mossad.

Ele passou pelo Aeroporto Internacional de Dulles depois de seu voo de Frankfurt, com mais duas malas carregadas por todo homem de negócios sério, como ele, com nada tinha a declarar senão um litro de uísque comprado num free-shop alemão. O propósito de sua visita à América? Negócios e prazer. É seguro andar em Washington agora? Coisa terrível aquilo. Vira a cena na TV

umas mil vezes. Coisa terrível. E agora? As coisas estavam realmente de volta ao normal? Bom. Seu carro alugado estava esperando. Ele o dirigiu até um hotel nas proximidades, cansado pelo voo longo. Ali comprou um jornal, pediu seu jantar e ligou a TV. Feito isso, conectou seu computador portátil no telefone do quarto — todos agora tinham saída para computadores — e acessou a Net para dizer a Badrayn que estava em segurança dentro do país para sua missão de reconhecimento. Um programa comercial de codificação transformou o que era uma frase código sem sentido numa absoluta algaravia.

— Bem-vindos a bordo. Meu nome é Clark — disse John ao primeiro grupo de 15. Estava muito mais bem vestido que de costume, usando um terno de corte elegante, blusa com botões e gravata. Por enquanto precisava impressionar de apenas uma forma. Logo teria de impressionar de outras.

Conseguir o primeiro grupo fora mais fácil do que esperara.

Apesar do retrato pintado por Hollywood, a CIA é uma agência popular entre os cidadãos americanos, com pelo menos dez inscrições para cada vaga, e fora preciso apenas fazer uma busca por

candidatos que se enquadravam nos parâmetros do Plano Azul de Clark. Cada um deles era um policial com formação universitária, pelo menos quatro anos de serviço e uma ficha imaculada que seria checada novamente pelo FBI. Por enquanto, todos eram homens, provavelmente um erro, pensou John, mas por enquanto isso não era importante. Sete brancos, dois negros, um asiático.

Pertenciam, principalmente, a órgãos policiais de grandes cidades. Todos eram pelo menos bilíngues.

— Sou um oficial do serviço nacional de informações. Não um agente secreto, não um espião, não um operador. Um oficial — explicou. — Estou no ramo há um bom tempo. Sou casado e tenho dois filhos. Se algum de vocês tem ideias de encontrar louras curvilíneas e sair atirando em pessoas, pode ir embora agora. Na maior parte do tempo este é um trabalho chato, principalmente se você for esperto o bastante para fazê-lo direito. Vocês todos são tiras, e portanto já sabem o quanto este trabalho é importante. Nós lidamos com crime de alto nível, e o trabalho é obter informação para que esses grandes crimes possam ser detidos antes que pessoas morram. Fazemos isso colhendo informações e passando-as para quem precisa delas. Outros olham para fotos de satélites ou tentam ler a correspondência alheia. Fazemos a parte difícil.

Conseguimos nossas informações com pessoas. Algumas são pessoas boas com motivos bons. Outras são pessoas não tão boas que querem dinheiro, vingança ou se sentir importantes. O que essas pessoas não vem ao caso. Todos vocês já lidaram com informantes nas ruas, e eles não são irmãs Teresa, certo? O mesmo se aplica aqui. Os seus informantes frequentemente serão mais bem-educados, mais poderosos, mas não serão muito diferentes daqueles com quem já trabalharam. E exatamente como seus informantes de rua, vocês precisam ser leais a eles, precisam protegê-los, e terão de colocá-los nos eixos de vez em quando. Se vocês fizerem merda, essas pessoas podem morrer, e em alguns dos lugares em que estiverem trabalhando, as esposas e os filhos deles morrerão também. Se acham que estou brincando, estão muito enganados. Vocês trabalharão em países onde a lei significa o que as pessoas no poder querem que ela signifique. Vocês viram isso na televisão nos últimos dias, não é mesmo? — perguntou. — Alguns dos líderes do partido Baath fuzilados em Bagdá viraram notícia de telejornal, com os alertas usuais para crianças e pessoas sensíveis, que invariavelmente assistem de qualquer jeito. Cabeças assentiram.

— Na maior parte do tempo, vocês não estarão armados no campo. Vocês sobreviverão à custa da sua inteligência. Às vezes arriscarão suas vidas. Perdi amigos no campo, alguns em eventos de que vocês ouviram falar, outros não. O mundo pode ser mais calmo e gentil agora, mas não em toda parte. Vocês não vão para os lugares calmos, rapazes — prometeu-lhes John.

No fundo da sala, Ding Chavez estava se esforçando para não sorrir. John só faltava dizer e aquele baixinho engomado é meu parceiro e está noivo da minha filhinha. O que ele estava querendo fazer? Assustar esses rapazes?

— Que esse trabalho tem de bom? Bem, que há de bom em ser um tira?

Resposta: você salva vidas na rua cada vez que encana um bandido. Neste trabalho, fazer a informação certa chegar às pessoas certas também salva vidas.

Muitas — enfatizou Clark. — Quando fazemos o trabalho direito, guerras não acontecem.

De qualquer modo, bem-vindos a bordo. Serei seu professor supervisor.

Vocês acharão o treino aqui estimulante e difícil. Começa às oito e meia, amanhã de manhã.

Dito isso, John deixou o pódio e caminhou até o fundo da sala. Chavez abriu a porta para ele e os dois saíram para o ar fresco.

— Puxa, Sr. C, onde assino?

— Porra, Ding, eu tinha de dizer alguma coisa. — Aquele fora o discurso mais longo que John fizera em anos.

— E então, o que Foley teve de fazer para trazer esses calouros para bordo?

— Os RIFs começaram, meu garoto. Droga, Ding, tínhamos de fazer as coisas começarem a funcionar, não tínhamos?

— Acho que você devia ter esperado algumas semanas. Foley ainda não foi confirmado pelo Senado. Na minha opinião, o melhor seria esperar — Chavez pensou um pouco.

— Mas ainda sou um espião júnior.

— Sempre me esqueço o quanto você ficou esperto — disse John Clark.

— E então? Como é esse tal Zhang Han San? — perguntou Ryan.

— Em algum ponto na casa dos cinquenta, mas com aparência jovem para sua idade, dez quilos acima do peso, 54 aproximadamente, médio em tudo, pelo menos é o que diz o nosso amigo — reportou Dan Murray de suas anotações por escrito. — Calmo e pensativo, e ele traiu Yamata.

— Mesmo? — disse Mary Pat Foley. — Como?

— Yamata estava em Saipan quando assumimos o controle das coisas. Ele ligou para Pequim, pretendendo fugir para um lugar seguro. O Sr. Zhang reagiu como se aquilo fosse um trote. Que acordo? Não temos acordo nenhum — imitou o diretor do FBI. — E depois disso, os telefonemas de Yamata simplesmente não foram atendidos. Nosso amigo japonês considera isso uma traição pessoal.

— Parece que ele está cantando como um canário — observou Ed Foley. — Isso parece suspeito?

— Não — disse Ryan. — Na Segunda Guerra Mundial, os japoneses que pegamos falaram muito.

— O presidente está certo — confirmou Murray. — Eu mesmo perguntei a Tanaka sobre isso. Ele diz que é uma coisa cultural, Yamata quer tirar a própria vida... a saída honrosa em seu contexto cultural... mas eles o puseram em vigilância para impedir tentativas de suicídio... não lhe deixaram nem cadarços de sapato. Para o sujeito, a desgraça resultante é tamanha que ele não tem nenhuma razão em especial para manter segredos. Uma tremenda técnica de interrogatório. De qualquer modo, Zhang supostamente é um diplomata... Yamata disse que fazia parte de uma delegação comercial. Mas o Departamento de Estado nunca ouviu falar dele. Os japoneses não têm arquivos do nome em nenhuma lista diplomática. No que me diz respeito, isso faz dele um espião, e assim.. — Ele olhou para os Foley.

— Já chequei o nome — disse Mary Pat. — Neca. Mas quem pode dizer que é um nome verdadeiro?

— Mesmo se fosse, não sabemos tanto sobre os homens no serviço de informações chinês — acrescentou seu marido. — Se eu tivesse de dar um palpite, diria que é um político. Por quê? Ele conseguiu um acordo, um acordo discreto, mas importante. O Exército deles ainda está em prontidão e regime de treinamento por causa desse acordo, que é o motivo para os russos ainda estarem nervosos. Quem quer que seja este sujeito, o melhor palpite é que seja um jogador muito importante.

O que não era exatamente uma novidade.

— Há alguma coisa que você possa descobrir? — inquiriu Murray com delicadeza. A Sra. Foley balançou a cabeça negativamente.

— Não temos agentes posicionados, pelo menos nenhum que possamos usar para isto. Temos uma boa dupla de marido e mulher em Hong Kong, estabelecendo uma bela rede. Temos alguns agentes em Xangai. Em Pequim temos alguns agentes de baixo escalão no Ministério da Defesa, mas eles são perspectivas de longo prazo e usá-los neste caso não resultaria em muita coisa além de colocá-los em risco. Dan, o problema que temos com a China é que não sabemos realmente como o seu governo funciona. Ele possui níveis de complexidade que podemos apenas presumir. Os membros do Politburo, nós sabemos quem eles são... ou pelo menos é o que achamos. Um dos maiores deve estar morto agora, e estamos tentando averiguar isso há mais de um mês.

Mesmo os russos nos deixam saber quando eles enterram pessoas — comentou a DDO, enquanto bebericava seu vinho.

Ryan passara a gostar de convidar seus conselheiros mais íntimos para drinques depois do expediente

regular. Mas não lhe ocorrera que estava estendendo o dia de trabalho deles. Também estava passando por cima da autoridade de seu próprio conselho de segurança nacional, mas, por mais leal e inteligente que Ben Goodley fosse, Jack Ryan ainda queria ser informado diretamente.

Ed continuou explicando de onde Foley parou.

— Entendam, nós conhecemos o time principal deles, mas nunca descobrimos muita coisa a respeito dos jogadores do segundo time. A dinâmica é simples depois de entendida, mas o problema foi decifrá-la. Os homens no poder são muito velhos. Não podem se mover com facilidade. Precisam de olhos e ouvidos móveis, e com o passar dos anos esses mensageiros acumulam muito poder. Quem está realmente ditando as ordens? Não sabemos ao certo, e sem gente por dentro, não podemos descobrir.

— Posso tentar descobrir isso, pessoal — resmungou Murray, pegando sua cerveja. — Na época em que lidava com o crime organizado, às vezes identificávamos chefões da Máfia vendo quem abria a porta do carro para quem. Segurança operacional não é uma coisa tão complicada se você pensar nela um pouco.

— Parece um bom caso para o PLANO AZUL — disse Jack em seguida.

— Bem, então o senhor ficará feliz em saber que os primeiros 15 estão entrando na linha de produção neste exato momento. John deve ter feito seu discurso de boas-vindas há algumas horas — anunciou o diretor da CIA.

Ryan estudara o plano de Foley de redução do contingente da CIA. Ed planejava descer o machado, reduzindo o orçamento da Agência em quinhentos milhões durante cinco anos e ao mesmo tempo aumentar o contingente de campo. Era uma coisa que deixaria muita gente em Washington feliz, mas como a maior parte do orçamento real da CIA ficava na parte escura dos gastos federais, poucos chegariam a saber. Ou talvez não, pensou Jack. Essas notícias provavelmente iriam vazar.

Vazamentos. Ele os odiara durante toda sua carreira. Mas agora eram parte das ferramentas de governo, não eram? Mas o que ele deveria achar? Que vazamentos eram coisas boas agora que era ele quem os fazia ou permitia que acontecessem? Merda. Leis e princípios não deviam funcionar desse jeito, deviam? Qual ideia, ideal ou princípio ele deveria realmente adotar?

O nome do guarda-costas era Saleh. Era um homem fisicamente robusto, conforme as exigências do seu trabalho e, como tal, alguém que costumava negar doenças ou desconfortos de qualquer espécie. Um homem de sua posição na vida simplesmente não gostava de admitir dificuldades. Saleh sabia que ele, como todos os homens, estava sujeito a problemas estomacais, mas quando o desconforto não sumiu conforme esperava e como o médico dissera, e quando viu o sangue na privada... admitiu que alguma coisa estava errada. Um corpo sadio só expele sangue quando é cortado ou recebe um ferimento bala, não quando defeca, e esse era o tipo de indicador capaz de abalar qualquer um, mesmo o mais forte e confiante. Como muitos faziam, ele ainda esperou um pouco, imaginando que aquilo talvez fosse um problema temporário que acabaria passando, que o desconforto chegaria a um ápice e então sumiria, como sempre acontecia com os sintomas da gripe. Mas os sintomas foram piorando, e finalmente o medo se tornou incontrolável. Antes do amanhecer deixou a vila, pegando o carro e dirigindo até o hospital. Ao longo do caminho teve de parar o carro para vomitar, evitando virar-se para ver o que deixara na rua, seu corpo enfraquecendo a cada minuto, até que a caminhada do carro até a porta do hospital pareceu-lhe exigir cada gota de energia de que dispunha.

Depois que entrou no que passava por uma sala de emergência, precisou esperar que procurassem sua ficha. Ficou ali, sentindo o cheiro de hospital, o mesmo odor de desinfetante que faz um cachorro parar e sair correndo ganindo, por associá-lo a dor, até finalmente uma enfermeira negra chamar seu nome.

Levantou-se, reuniu sua dignidade e compostura, e caminhou até a mesma sala de exames que visitara antes.

O segundo grupo de dez criminosos era quase igual ao primeiro, exceto que neste não havia um apóstata condenado. Era fácil não gostar desses homens, pensou Moudi. A causa estava principalmente em suas expressões. Eles realmente pareciam criminosos, sempre evitando olhar-se nos olhos, voltando-se para este e para aquele lado sempre parecendo procurar uma saída, um truque, um ângulo, alguma coisa escondida. Havia em seus rostos uma combinação perene de medo e brutalidade. Não eram simplesmente homens, e embora isso parecesse ao médico uma observação pueril, marcava-os como diferentes de si mesmo e das pessoas que ele conhecia, e portanto como portadores de vidas que não eram importantes.

— Temos algumas pessoas doentes aqui — disse a eles. — Vocês foram designados para cuidar delas. Se fizerem bem suas tarefas, serão treinados como auxiliares de enfermagem para trabalhar em suas prisões. Se não trabalharem bem, voltarão para suas celas e sentenças. Se não se comportarem, a punição será imediata e severa.

Todos assentiram, demonstrando entendimento. Sabiam o que significava tratamento severo. As prisões iranianas não eram conhecidas por suas amenidades. Nem por boa comida. Todos tinham pele pálida e olhos remelosos.

Bem, que solicitude esses homens tinham feito por merecer? Cada um deles era culpado por crimes conhecidos, todos graves, e quais crimes desconhecidos jaziam em seu passado, apenas os criminosos e Alá sabiam. A pena que Moudi sentia por eles era residual, resultado de seu treinamento médico, que o impelia a vê-los como seres humanos, apesar de tudo. Ele superaria isso. Todos ladrões, bandidos, pederastas. Tinham violado a lei num país onde a lei provinha de Deus, e se era dura, também era justa. Se seu tratamento era severo segundo os padrões ocidentais — os europeus e americanos tinham as ideias mais estranhas sobre direitos humanos; e quanto aos direitos das vítimas dessas pessoas? —, eles tinham feito por merecê-lo, disse Moudi a si mesmo, afastando-se daquelas pessoas. A Anistia Internacional havia muito parará de reclamar sobre as prisões de seu país. Talvez eles pudessem dedicar sua atenção para outras coisas, como o tratamento dos Fiéis em outras terras. Não havia uma irmã Jean Baptiste entre aqueles prisioneiros; ela estava morta e isso estava escrito, e o que restava era ver se os destinos desses homens tinham sido traçados pela mesma mão no livro da vida e da morte. Acenou com a cabeça para o guarda, que gritou com seus novos auxiliares de enfermagem. Moudi percebeu a forma insolente como se levantaram. Bem, isso era esperado.

Eles tinham sido examinados, despidos, banhados, barbeados, desinfetados e vesti dos em aventais cirúrgicos com números de um só dígito nas costas.

Usavam chinelos de pano. Os guardas conduziram-nos até câmaras de vácuo, dentro das quais havia médicos do Exército, suplementados por um único guarda armado, que se mantinha a distância, uma pistola em sua mão enluvada.

Moudi retornou para a sala de segurança para assistir pelo circuito fechado de TV. Nos monitores em preto-e-branco ele os assistiu descer o corredor, olhos curiosos movendo-se para a esquerda e para a direita — indubitavelmente procurando uma saída. Todos os olhos demoravam-se no guarda, que nunca eslava a menos de quatro metros de distância. Ao longo do caminho, cada um dos recém-chegados recebeu um balde de plástico com várias ferramentas simples no interior — os baldes também estavam numerados.

Ficaram um pouco assustados ao ver os médicos em suas roupas protetora, mas continuaram andando. Foi na entrada da sala de tratamento que eles pararam. Deve ter sido o cheiro, ou talvez a cena. Ainda que lentos em seus reflexos, pelo menos um deles deve ter percebido finalmente que aquilo era...

No monitor, um médico gesticulou para um dos prisioneiros imóveis no vão da porta. O homem hesitou, e então começou a dizer alguma coisa para o médico. Um momento depois, jogou seu balde no chão e começou a balançar o punho, enquanto os outros observavam para ver no que aquilo iria dar. Então

o guarda de segurança i pareceu no canto do quadro, levantando e estendendo o revólver. A uma distância de dois metros, ele disparou — como era estranho ver o tiro e não ouvi-lo — direto no rosto do criminoso. O corpo caiu no assoalho ladrilhado, deixando um desenho de pontos pretos na parede cinza. O médico mais próximo apontou para um dos prisioneiros, que imediatamente pegou o balde caído e entrou na sala. Não haveria mais problemas disciplinares com esse grupo. Moudi virou-se para olhar o monitor seguinte.

A câmera desse monitor era colorida. Tinha de ser. Ela também podia ser movimentada e acionar as lentes zoom por controle remoto. Moudi indicou a cama do canto, Paciente 1. A princípio, o recém-chegado com 1 nas costas e no balde ficou parado ali no pé da cama, balde numa mão, sem saber o que estava vendo. Este quarto contava com captarão de som, mas não funcionava bem porque era um único microfone multidirecional, e a equipe de segurança já abaixara seu volume para quase zero, devido à natureza deprimente e sinistra dos gemidos e gritos dos moribundos. O apóstata, previsivelmente, era o mais patético. Ele rezava e até tentava confortar aqueles a quem podia alcançar de sua cama. Ele tentara até mesmo liderar alguns numa oração, mas seus colegas de quarto não estavam acostumados a conversar com Deus.

O Auxiliar de Enfermagem permaneceu parado por um ou dois minutos, olhando pura o Paciente, um assassino condenado, seu tornozelo algemado à cama. Moudi assumiu o controle da câmera e aproximou a imagem para ver se as algemas tinham machucado a pele do prisioneiro. Havia uma mancha vermelha no colchão debaixo da algema. O homem — o paciente condenado, Moudi corrigia a si mesmo — estava se contorcendo um pouco, e então o Auxiliar de Enfermagem lembrou do que lhe fora dito. Vestiu as luvas plásticas, umedeceu a esponja e esfregou-a na frente do paciente. Moudi recuou a imagem da câmera. Um a um, os outros auxiliares de enfermagem repetiram a ação do Auxiliar de Enfermagem, e os médicos do Exército se retiraram.

O regime de tratamento para os pacientes não seria sério. Não havia motivo em sê-lo, considerando que eles já haviam alcançado seu propósito com o projeto. Isso facilitava a vida para todos. Sem tubos intravenosos para aplicar, sem injeções para injetar e sem risco de contaminação. Ao contrair o Ebola, eles tinham confirmado que a cepa Mayinga era transmitida pelo ar, e agora tudo que restava era provar que o vírus não se atenuava durante o processo reprodutivo... e que poderia ser transmitido pelo mesmo processo aéreo que infectara o primeiro grupo de criminosos. Moudi logo percebeu que a maioria dos recém-chegados cumpria as ordens à risca — mas com pouco zelo, manejando suas esponjas da forma mais rápida que conseguiam. Uns poucos pareciam genuinamente preocupados com os pacientes. Talvez Alá percebesse sua caridade e lhes fosse misericordioso quando chegasse sua hora, dali a menos de dez dias.

— Boletins escolares — anunciou Cathy quando Jack entrou no quarto.

— Boas ou más notícias? — perguntou seu marido.

— Veja você mesmo — sugeriu a esposa.

Oh-oky pensou o presidente, pegando os boletins. Na verdade, considerando tudo pelo que eles tinham passado, os resultados não eram ruins.

As páginas de comentários — cada professor fizera um pequeno parágrafo ao lado da nota que conferira — afirmavam que a qualidade dos trabalhos de casa melhorara nas últimas semanas... Então os agentes do Serviço Secreto estão ajudando as crianças, percebeu Jack. Num nível, era divertido. No outro... estranhos estavam fazendo o trabalho do pai, e esse pensamento causou-lhe uma ardência no estômago. A lealdade dos agentes apenas ilustrava que ele estava deixando de fazer algo por seus próprios filhos.

— Se Sally quiser ingressar na Hopkins, terá de se dedicar mais às matérias científicas — observou Cathy.

— Ela é apenas uma criança.

Para seu pai, ela sempre seria a menininha que...

— Ela está crescendo. Sabia que ela está interessada num rapaz, um jogador de futebol? O nome do rapaz é Kenny, e ele é um gato — reportou CIRURGIA. — Também precisa cortar o cabelo. O dele é mais longo que o meu.

— Merda! — replicou ESPADACHIM.

— Estou surpresa por ter demorado tanto. Eu comecei a sair com garotos quando tinha...

— Eu não quero ouvir nada sobre isso...

— Eu me casei com você, não foi? — Pausa. — Sr. presidente... Jack se virou.

— Isso foi há um bom tempo.

— Alguma chance de irmos para o quarto de Lincoln? — perguntou Cathy.

Jack notou uma taça na mesinha de cabeceira de Cathy. Ela havia tomado um ou dois drinques.

Amanhã não seria dia de cirurgia.

— Ele nunca dormiu lá, querida. Chamam assim por causa...

— Do quadro. Eu sei. Já perguntei. Gosto da cama — explicou com um sorriso. Cathy colocou seus prontuários de lado e tirou os óculos de leitura.

Então levantou os braços, quase como um bebê solicitando ser tomada no colo e abraçada. — Sabe, nunca fiz amor com o homem mais poderoso do mundo... pelo menos não esta semana.

— E quanto ao seu período? — Cathy não tomava pílula.

— Que é que tem o meu período? — replicou. E ela sempre fora regular como um metrônomo.

— Não quer deixar passar mais um...

— Talvez eu não me importe.

— Você está com quarenta anos — objetou POTUS.

— Ora, muito obrigada! Não precisava me lembrar disso. Com que está preocupado? Jack pensou no assunto por um momento.

— Nada, acho. Não cheguei a fazer aquela vasectomia, não é?

— Não, e você nem falou com Pat a respeito, como disse que faria... e se fizer a cirurgia agora, vai aparecer em todos os jornais — disse FLOTUS com um sorriso maliciosa — Talvez até televisionem ao vivo. Arnie pode até dizer que isso seria bom... um exemplo positivo para a política de controle de natalidade... se não fossem as implicações quanto à segurança nacional...

— Como é?

— Se o presidente dos Estados Unidos deixar que lhe cortem os bagos, o pessoal lá de fora talvez deixe de respeitar a América.

Jack quase começou a rir, mas se conteve. O pessoal da segurança presidencial no corredor poderia ouvir e...

— Que deu em você?

— Talvez eu finalmente esteja me sentindo à vontade com tudo isto... ou talvez eu apenas queira trepar — acrescentou Cathy.

O telefone ao lado da cama tocou. Cathy fez uma careta e atendeu.

— Alô? Sim, Dr. Sabo. A Sra. Emory? Certo... não, eu não acho que... Não, definitivamente eu não me importo se ela está agitada. Não até amanhã. Dê-lhe alguma coisa para dormir... qualquer coisa. Os curativos ficam até ordem em contrário, e especifique isso no prontuário dela. Ela é resmungona. Sim. Boa noite, doutor. — Cathy colocou o telefone no gancho e resmungou: — A troca de lentes que fiz outro dia. Ela não gosta de ficar vendada, mas se tirarmos os curativos cedo demais...

— Espere aí. Ele ligou...

— Eles têm nosso número no Wilmer.

— O número direto? — Esse, ao contrário de todos os outros números da Casa Branca, não era

vigiado. Ou provavelmente era. Ryan não perguntara, e talvez não quisesse saber.

— Eles tinham o da outra casa, não tinham? — perguntou Cathy. — Sou cirurgiã, trato pacientes, sou professora... eles precisam falar comigo quando estou com pessoas sob meus cuidados... especialmente as chatas.

— Interrupções. — Jack se deitou ao lado da esposa. — Não quer mesmo mais um bebê, não é?

— O que quero é fazer amor com o meu marido. Não posso mais me dar ao luxo de me preocupar tanto com meu período, posso?

— Tem sido tão ruim assim? — Beijou-a gentilmente.

— Sim, mas não estou com raiva. Você tem se esforçado. Você me lembra um dos meus pacientes... só que mais velho. — Ela tocou o rosto de Jack e sorriu. — Se alguma coisa acontecer, aconteceu. Eu gosto de ser mulher.

— Também gosto que você seja.

Resultados

Alguns tinham formação em psicologia. Essa era uma das refeições de grau preferidas pelos agentes da lei. Alguns até mesmo haviam feito cursos de extensão e mestrado, e um deles já concluía o doutorado, tendo escrito sua tese sobre a especialidade da análise psicológica de criminosos. Todos eram pelo menos amadores talentosos na ciência da leitura de mentes; Andréa Price era um desses. CIRURGIÃ estava saltitante durante a caminhada até o helicóptero.

ESPADACHIM conduziu-a até a pista e se despediu dela com um beijo — o beijo fazia parte da rotina, conduzi-la de mãos dadas não, ou pelo menos não nos últimos tempos. Price trocou um olhar com dois de seus agentes. Leram as mentes um do outro, como os tiras sabem fazer, e julgaram que aquilo era bom, exceto por Raman, que era tão inteligente quanto o resto, porém bem mais reservado. Devotava mais paixão aos esportes que a qualquer outra coisa, e Price imaginava-o parado diante da TV todas as noites. Ele talvez até soubesse programar seu videocassete. Bem, havia pessoas de todos os tipos no Serviço Secreto.

— Como estamos hoje? — perguntou POTUS, dando as costas para o Black Hawk decolando.

— CIRURGIÃ está no ar — ouviu Andréa em seu fone. — Tudo limpo — reportaram os agentes em vigília em seus postos nos prédios do governo ao redor da Casa Branca, listavam vigiando o perímetro na última hora, como faziam todos os dias. Lá fora estavam as pessoas de sempre, os clientes, conhecidos de vista por todos os membros da segurança presidencial. Eram pessoas que costumavam aparecer com frequência. Algumas eram simplesmente fascinadas pela Primeira Família, fosse ela qual fosse. Para eles, a Casa Branca era a verdadeira novela americana, alias ao cubo, e a rotina da vida nesta casa famosíssima atraía-os por alguma razão que os psicólogos do Serviço Secreto suavam para compreender, porque, para os agentes armados da segurança presidencial, o simples fato de existirem tornava-os clientes perigosos. E assim, os atiradores posicionados no antigo prédio executivo e no Tesouro conheciam a todos de vista através de suas miras telescópicas. E também já tinham se encontrado pessoalmente com eles, disfarçados como transeuntes ou mendigos. Em algum momento, cada cliente fora seguido até sua casa, identificado e investigado com discrição. Aqueles com irregularidades tinham sido arquivados segundo os tipos de personalidade — todos tinham algumas esquisitices — e depois revistados pelos membros da segurança presidencial que realizavam serviço externo. Entre os métodos de revista discreta estava a técnica do esbarrão com um praticante de cooper, que, enquanto ajudava o suspeito a se levantar e se desculpava, revistava-o em busca de armas. Mas esse risco pertencia ao passado, pelo menos por enquanto.

— Não olhou sua agenda ontem à noite? — perguntou Price, distraído-se de seus deveres, fazendo uma pergunta boba.

— Não. Decidi ver um pouco de TV — respondeu ESPADACHIM, sem saber que eles sabiam que estava mentindo.

Ele nem corou, percebeu Price. Da sua parte, não permitira sua expressão mudar. Mesmo o POTUS tinha direito a ter um ou dois segredos. Ou pelo menos a ilusão de tê-los.

— Certo, aqui está a minha cópia — disse Andréa, entregando a agenda.

Ryan passou os olhos pela primeira página, que mostrava seus compromissos até o almoço.

— O secretário do Tesouro vem para o café da manhã logo depois de BATOTEIRO.

— Como vocês chamam o George? — perguntou Jack, entrando na Ala Oeste. • — NEGOCIANTE.

Ele gosta — reportou Andréa.

— Contanto que ele não se envolva em negociatas. — O que não era uma piada ruim para as 7:50 da manhã, pensou POTUS. Mas era difícil saber. Os membros da segurança presidencial gostavam mesmo de quase todas suas piadas ou só estavam sendo gentis?

— Bom dia, presidente. — Goodley estava à espera, como de costume, quando Jack entrou no Salão Oval.

— Oi, Ben. — Ryan deixou cair a agenda na mesa, procurou documentos mais importantes, sentou-se. — Prossiga.

— Ontem à noite você roubou a minha conferência com a equipe a respeito de Zhang. Fizemos um pequeno estudo sobre o Sr. Zhang. Poderia lhe dar a versão longa, mas imagino que você já a ouviu.

O presidente balançou a cabeça, indicando que prosseguisse.

— Muito bem, os acontecimentos no estreito de Taiwan. A República Popular da China está com 15 embarcações de superfície no mar. Duas formações, uma de seis, uma de nove. Tenho esquemas, se você quiser, mas são todos destróieres e fragatas. Distribuídos em grupos regulares de esquadra, segundo nos disse o Pentágono. Temos um EC-135 em vigília. Temos um submarino, Pasadena, acampado entre os dois grupos, com mais dois navios em rota no Pacífico central, programados para alcançar a área em 36 e 15 horas, respectivamente. O comandante do Pacífico, na pessoa do almirante Seaton, já compilou um pacote inteiro de vigilância. Seus parâmetros estão agora na mesa do secretário Bretano. Já conversei por telefone com Bretano. Parece que Seaton sabe o que faz.

Lado político: o governo chinês não emitiu nenhum comentário oficial sobre o exercício. Divulgaram uma nota de imprensa sobre a questão, mas os militares deles estão em contato entre si e, conseqüentemente, com os nossos... através do comandante do Pacífico. Teremos oficiais em postos de escuta. — Goodley olhou seu relógio. — Talvez estejam. O Estado não acha que isso seja um caso preocupante, mas eles estão de olhos bem abertos.

— Quadro geral? — perguntou Ryan.

— Poderia ser rotineiro, mas o que parece estranho é a hora escolhida pelos chineses. Entretanto, não estão tomando nenhuma atitude ofensiva.

— E enquanto não estiverem agindo ofensivamente, nós também não agiremos. Muito bem. Não divulgaremos nenhum comentário oficial sobre o exercício. Vamos manter nossos movimentos em sigilo. Nada de notas para a imprensa, nada de entrevistas. Se fizerem perguntas, responderemos que não é nada com que valha a pena se preocupar.

Goodley assentiu.

— O plano é esse, presidente. Assunto seguinte: Iraque. Novamente, dispomos de pouca informação direta. A emissora de TV local de repente ficou religiosa. Xiita, mais especificamente. Os sacerdotes iranianos que estávamos observando estão no ar durante a maior parte da programação. A cobertura televisiva é quase inteiramente de cunho religioso. Os âncoras estão falando como pregadores. Execuções continuam sendo realizados. Ainda não terminamos a contagem de corpos, mas devem passar dos cem. Aparentemente, as execuções acabaram. A liderança do partido Baath já se foi. Os peixes menores estão na lata. A TV fez algum comentário acerca do quanto o governo provisório está sendo misericordioso para com os criminosos menores. A misericórdia é justificada religiosamente, e parece que alguns dos criminosos menores reencontraram Jesus., perdão, Alá... com grande pressa. A TV mostrou imagens deles discutindo seus pecados com um imã.

Próximo assunto: estamos vendo atividades mais organizadas dentro do Exército iraniano. Tropas em treinamento. Estamos interceptando tráfego tático por rádio. São comunicações rotineiras, mas o tráfego

está intenso. Estão com uma equipe 24 horas em Foggy Bottom analisando o material. Foi organizada pelo subsecretário da pasta política, Rutledge. O pessoal da divisão de Pesquisa e Defesa está trabalhando ensandecidamente.

O gabinete de Pesquisa e Defesa do Departamento de Estado era o primo menor e mais pobre dos outros serviços de informações. Contudo, possuía um punhado de analistas astutos cuja perspectiva diplomática ocasionalmente possibilitava-lhes conclusões que escapavam aos outros serviços de informação.

— Conclusões:1 — perguntou Jack. — Da equipe 24 horas, quero dizer.

— Nenhuma. — E claro, poderia ter acrescentado Goodley, mas não o fez. — Vou Conversar com eles daqui a mais ou menos uma hora.

— Preste atenção no que o pessoal de Pesquisa e Defesa disser. Em particular no que disser o...

— Bert Vasco. Sim — concordou Goodley. — Ele é OK, mas aposto que o sétimo andar está lhe dando uma puta dor de cabeça. Conversamos há vinte minutos. Ele afirmou que... está preparado? Ele afirma que vai acontecer em 48

horas. Ninguém concorda com ele. Ninguém — enfatizou BATOTEIRO.

— Mas...? — Ryan recostou-se em sua cadeira.

— Mas eu não apostaria contra Bert Vasco, Patrão. Embora eu não tenha nada para sustentar sua avaliação. Nosso pessoal burocrático na CIA não concorda. O Estado não irá apoiá-lo... nem foram eles que me passaram a informação; eu a obtive diretamente de Vasco. Mas, você sabe, não serei eu quem irá dizer que ele está errado. — Goodley fez uma pausa, percebendo que estava soando como qualquer outro oficial do serviço nacional de informações.

— Precisamos considerar a possibilidade, Patrão. Vasco tem bons instintos, e tem colhões também.

— Tiraremos a prova bem rápido. Esteja certo ou errado nesta questão, concordo que ele é o melhor homem que temos aqui. Providencie para Adler falar com ele, e diga a Scott que não quero que ele seja desacreditado, a despeito do rumo que a presente situação tomar.

Ben assentiu enfaticamente enquanto fazia uma anotação.

— Vasco ganhou proteção num escalão bem alto. Gosto disso, senhor. Pode até mesmo encorajar outras pessoas a dar um palpite arriscado de vez em quando.

— E quanto aos sauditas?

— Nada deles. Até parece que estão catatônicos. Acho que estão com medo de pedir qualquer ajuda antes de realmente precisar dela.

— Entre em contato com Ali durante a próxima hora — ordenou o presidente.

— Quero a opinião dele.

— Sim, senhor.

— E se ele quiser falar comigo, a qualquer hora, dia ou noite, diga-lhe que ele é meu amigo, e que sempre tenho tempo para ele.

— ... e essas são as notícias da manhã, senhor. — Levantou-se. — A propósito, quem escolheu o nome BATOTEIRO?

— Fomos nós — disse Price do fundo da sala. A mão esquerda dela tocou seu fone auricular. — Está no seu arquivo. Aparentemente, você era conhecido como um grande jogador de pôquer na sua fraternidade.

— Não vou perguntar o que minhas namoradas disseram ao meu respeito — replicou o conselheiro da segurança nacional em seu caminho até a porta.

— Não sabia disso, Andréa.

— Ele até ganhou algum dinheiro em Atlantic City. Todos o subestimavam porque era jovem demais. NEGOCIANTE acaba de chegar.

Ryan checou sua agenda. Certo, esta é sobre o comparecimento de George diante do Senado. O

presidente tirou um minuto para rever sua lista de compromissos matutinos, enquanto um taifeiro da Marinha trazia-lhe uma bandeja com um desjejum leve.

— Presidente, o secretário do Tesouro — anunciou a agente Price na porta lateral do corredor.

— Obrigado, podemos cuidar disso sozinhos — disse Ryan, levantando-se de sua mesa enquanto George Winston entrava.

— Bom dia, senhor — disse o secretário do Tesouro enquanto a porta se fechava silenciosamente. Vestia um de seus ternos sob medida e carregava uma pasta de cartolina. Ao contrário do presidente, o secretário do Tesouro estava acostumado a usar paletó a maior parte do tempo. Ryan despiu o seu e deitou-o em sua mesa enquanto ambos sentavam-se em sofás gêmeos, com uma mesinha de centro entre eles.

— Certo, como vão as coisas do outro lado da rua? — perguntou Ryan, servindo-se de café, esta manhã com cafeína.

— Se eu dirigisse minha firma como aquele lugar, meu contador usaria meu couro como tapete e poria minha cabeça sobre a lareira e minha bunda na penitenciária de Leavenworth. Eu vou... diabos, já comecei a trazer alguns dos meus homens de administração de Nova York. Tem muita gente lá cujo único trabalho é ficar olhando um para o outro e dizendo o quanto todos eles são importantes. Ninguém é responsável por nada. Droga, no Columbus Group frequentemente tomamos decisões por comitê, mas tomamos essas decisões a tempo de valerem alguma coisa. Tem gente demais lá, presidente...

— Pode me chamar de Jack, pelo menos aqui dentro, George, eu...

A porta para a sala do secretariado abriu e o fotógrafo entrou com sua câmera. Ele não disse nada. Raramente dizia. Apenas bateu uma foto atrás da outra, e o protocolo rezava que todos deviam simplesmente ignorar sua presença. Seria um tremendo posto para um espião, pensou Ryan.

— Obrigado. Jack, até onde podemos ir? — perguntou NEGOCIANTE.

— Eu já lhe disse. O departamento é seu. Quem o dirige é você. Apenas me conte primeiro o que fará.

— Então estou lhe contando. Vou cortar pessoal. Vou montar aquele departamento como se fosse uma empresa. — Ele parou por um segundo. — E vou reescrever a legislação do imposto de renda. Deus, eu nem sabia o quanto ela estava fodida até alguns dias atrás. Convoquei alguns advogados da minha organização...

— Isso não pode pesar na receita. Não podemos ficar mexendo no orçamento. Nenhum de nós tem ainda competência para isso, e até a Câmara ser reconstituída...

O fotógrafo saiu, deixando o presidente numa grande pose, ambas as mãos estendidas sobre a bandeja de café.

— Coelhinha do Mês — disse Winston com uma risada gostosa. Pegou um croissant e passou manteiga. — Já fizemos os prognósticos. Os impostos irão ignorar os números brutos da renda de cada contribuinte, Jack. Com isso, provavelmente haverá uma elevação geral nos fundos de ações.

— Tem certeza? Não precisa estudar todo o...

— Não, Jack. Não preciso estudar nada. Chamei Mark Gant para ser meu assistente executivo. Ele entende de prognósticos por computador melhor que qualquer pessoa com quem já estive. Ele passou a semana passada inteira checando os... nunca ninguém lhe disse? Lá no tesouro, eles nunca param de analisar o sistema de impostos. Estudar? Eu pego o telefone e dali a uma hora tenho na minha mesa um documento de mil páginas dizendo como as coisas estavam em 1952, o que o imposto de renda da época fez em cada segmento da economia... ou o que o povo pensa que ele fez. — O secretário do Tesouro parou para morder seu croissant. — Moral da história? Wall Street é muito mais complexa, e usa modelos mais simples, e esses modelos funcionam. Por quê?

Porque são mais simples. E vou dizer isso ao Senado em noventa minutos, com a sua permissão.

— Tem certeza de que está certo sobre isso, George? — indagou POTUS.

Esse era um dos problemas, talvez o maior de todos. O presidente não podia checar tudo que era feito em seu nome — manter-se ciente um por cento já seria uma façanha homérica —, mas tinha responsabilidade por todos eles. Era esse conhecimento que conduzia muitos presidentes ao fracasso microadministrativo.

— Jack, tenho certeza suficiente para apostar o dinheiro dos meus investidores nisso. Dois pares de olhos cruzaram-se sobre a mesa. Cada homem fez sua avaliação do outro. O presidente poderia ter dito que o bem-estar da nação era uma questão mais delicada do que os bilhões de dólares que Winston administrara no Columbus Group, mas não o fez. Winston construíra sua empresa de investimentos a partir do zero. Como Ryan, um homem de origens humildes, ele criara um empreendimento em meio a um ambiente de competitividade feroz, tendo como único trunfo sua inteligência e integridade.

O dinheiro que lhe era confiado pelos clientes precisava ser mais precioso que o seu próprio. Graças a isso, ficara rico e poderoso, mas jamais esquecera o como e o porquê de tudo. A primeira declaração política pública feita por um dos administradores de Ryan seria alicerçada na lucidez e na honra de Winston. O presidente considerou isso por um segundo, e então assentiu.

— Então, mãos à obra, NEGOCIANTE.

Mas então Winston demonstrou que não estava completamente seguro. Foi instrutivo para o presidente o fato de mesmo uma figura tão poderosa como o secretário do Tesouro baixar os olhos por um segundo e dizer algo menos positivo do que a afirmação confiante que tecera havia cinco segundos.

— Você sabe, politicamente, isso vai...

— George, o que você dirá ao Senado é bom para o país como um todo?

— Claro, senhor! — Um meneio enfático de cabeça.

— Então não fraqueje agora.

O secretário de Tesouro limpou a boca com o guardanapo com monograma e baixou os olhos novamente.

— Sabe, depois que tudo isto acabar e voltarmos a ter uma vida normal, realmente teremos de encontrar uma maneira de trabalhar juntos. Não há muita gente como nós, Ryan.

— Na verdade, há sim — disse o presidente depois de um momento de reflexão. — O problema é que eles nunca vêm trabalhar aqui. Sabe com quem aprendi isso? Com Cathy. Se ela fizer merda no seu trabalho, alguém fica cego, mas ela não pode deixar de atender a um chamado, pode? Imagine: você faz merda e alguém perde a visão para sempre... ou morre. — Os caras que trabalham na sala de emergência é que vivem realmente na cor da bamba. A primeira vez que isso me ocorreu foi quando Cathy e Sally foram para CTI.

Você deixa de ajudar alguém e essa pessoa desaparece para sempre. Isso é que viver na corda bamba, George. É mais assustador do que investir em ações, como costumávamos fazer. Os policiais pertencem ao mesmo caso. Os soldados também. Você precisa atender ao chamado, agora mesmo, ou alguma coisa realmente ruim vai acontecer. Mas esses tipos de pessoas não vem trabalhar aqui em Washington. A maioria dessas pessoas vai para os lugares onde se encontra a verdadeira ação — disse Ryan, num tom quase sonhador. — Os verdadeiramente bons vão para onde são necessários, e eles sempre parecem saber quais são esses lugares.

— Então os realmente bons não gostam de enrolação, e é por causa disso que não vem para cá? — perguntou Winston, percebendo que tinha encontrado em Ryan um excelente professor de política.

— Alguns vêm. Adler no Estado. Tem outro sujeito lá que eu descobri, um tal Vasco. Mas são esses que impulsionam o sistema. O sistema funciona contra eles. São eles que precisamos identificar e proteger. A maioria são peixes pequenos, mas o que eles fazem não é pequeno. Eles mantêm o sistema funcionando, e quase todos passam despercebidos porque não querem ser percebidos. Eles se importam em fazer seu trabalho, e em servir às pessoas lá fora. Sabe o que eu gostaria realmente de fazer? —

perguntou Ryan, pela primeira vez revelando alguma coisa das profundezas de sua alma. Ele não tinha coragem de dizer isso a Arnie.

— Sim. Montar um sistema que funcione de fato. Um sistema que reconheça os bons e conceda-lhes o que merecem. Sabe o quanto é difícil fazer isso em qualquer organização? Porra, eu suava para fazer isso na minha empresa, e o Tesouro tem mais serventes do que eu tinha executivos de investimento. Nem tenho certeza por onde começar um trabalho como esse — disse Winston.

Ele era a pessoa certa para entender a amplitude do sonho, pensou seu presidente.

— Ainda mais difícil do que você pensa — disse Ryan. Os caras que realmente fazem o serviço não querem ser os chefes. Eles querem trabalhar.

Cathy poderia ser uma administradora. Eles lhe ofereceram uma cadeira na faculdade de medicina da Universidade da Virgínia... e isso seria um tremendo cargo. Mas teria cortado pela metade seu tempo para pacientes, e ela gosta de fazer o que faz. Um dia, Bernie Katz no Hopkins vai se aposentar, e oferecerão a cadeira a ela, e Cathy irá recusá-la também. A não ser, talvez, que eu consiga convencê-la a aceitar.

— Não pode ser feito, Jack. — NEGOCIANTE balançou a cabeça. — Mas é uma puta ideia.

— Grover Cleveland reformulou o serviço civil há mais de cem anos — recordou POTUS ao seu convidado para o desjejum. — Sei que não podemos torná-lo perfeito, mas podemos torná-lo melhor. Você já está tentando... você acaba de me dizer isso. Pense um pouco no assunto.

— Farei isso — prometeu o secretário do Tesouro, se levantando. — Mas por enquanto tenho outra revolução para fomentar. Quantos inimigos você pode se dar ao luxo de fazer?

— Sempre há inimigos, George. Jesus tinha inimigos.

Ele gostava da alcunha Astro de Cinema. Recebera-a havia quinze anos, e sabia que era justa. A missão era de reconhecimento, e a arma era o charme. Ele dispunha de uma variedade de sotaques em seu repertório. Como tinha documentos de viagem alemães, imitava a fala de uma pessoa de Frankfurt para combinar com roupas alemães, completas até os sapatos e a valise, tudo comprado com o dinheiro que vinha do mecenas que Ali Badrayn conseguira recentemente, fosse quem fosse. A empresa de aluguel de carros fornecera-lhe mapas excelentes, todos espalhados no banco do carona ao seu lado. Isso poupava-o de decorar todas as rotas, o que era cansativo e um desperdício de seu tempo e sua memória fotográfica.

A primeira parada foi na St. Mary's School, localizada a alguns quilômetros de Annapolis. Era uma escola religiosa, católica romana, que oferecia desde maternal até o segundo grau, e tinha um pouco menos de seiscentos alunos. Isso significava que a escola era um caso discutível em termos de retorno financeiro. A escola ficava num terreno que já fora uma fazenda de tamanho considerável, que a Igreja católica conseguira tirar na lábia de alguma família. Havia apenas uma estrada de acesso. O terreno da escola terminava na água, e havia um rio no extremo oposto, depois dos campos de atletismo. A estrada tinha casas num lado, um projeto residencial de uns trinta anos de idade. Havia 11 prédios na escola, alguns muito próximos, outros mais espaçados. Astro de Cinema sabia as idades dos alvos, o que facilitava adivinhar onde eles passariam a maior parte de seu tempo, se não todo. O ambiente tático não era favorável, e ficou ainda menos quando avistou a proteção. A escola tinha muito terreno — pelo menos duzentos hectares — e isso compunha um perímetro de defesa de tamanho considerável, o que significava um fator de risco elevado. Avistou um total de três veículos grandes e negros, Chevy Suburbans, que não poderiam ser transportes mais óbvios para os protetores de seus alvos. Quantos? Ele viu duas pessoas paradas ao ar livre, mas os veículos teriam pelo menos quatro guardas em cada um. Os veículos eram blindados e equipados com armamento pesado. Havia apenas uma entrada e uma saída. Quase um quilômetro da estrada principal. E quanto à água?, perguntou-se Astro de Cinema, dirigindo até o fim do terreno. Ah. Ali havia uma lancha da Guarda Costeira, pequena, mas decerto provida de rádio, e isso tornava-o grande o bastante.

Astro de Cinema parou o carro no beco sem saída, saltando para olhar uma casa com uma placa de à venda no jardim. Pegou o jornal da manhã no carro, checando ostensivamente a página dobrada com o número da casa, e então olhou em torno em busca de algum movimento. Precisava ser rápido. Os guardas seriam cautelosos, e embora não pudessem checar tudo — mesmo o Serviço Secreto americano tinha limites em tempo e recursos — ele não podia se dar ao luxo de desperdiçar tempo. Suas impressões iniciais não foram muito favoráveis. O acesso era limitado. Alunos demais... escolher os dois certo” seria difícil. Os guardas eram muitos e dispersados. Essa era a parte ruim. Os números importavam menos que o espaço físico. A defesa mais difícil de romper era uma defesa em profundidade, profundidade significando tempo e espaço. Era possível neutralizar qualquer número de pessoas numa questão de segundos se você dispusesse das armas adequadas e as vítimas e os protetores fossem pegos de surpresa. Mas dê aos protetores qualquer coisa mais de cinco segundos, e seu treinamento seria colocado em prática. Os guardas eram bem treinados. Eles tinham planos, alguns previsíveis, outros não. O barco da Guarda Costeira, por exemplo, poderia avançar até a praia e recolher os alvos.

Ou os guardas poderiam recuar com seus protegidos até um ponto isolado e resistir dali, •

Astro de Cinema não tinha ilusões sobre seu próprio treinamento e dedicação. Dê-lhes cinco segundos e eles vencerão. Eles pediriam ajuda à polícia local — que tinha até mesmo helicópteros; Astro de Cinema checara isso — e a força atacante seria neutralizada. Não, este não era um local adequado.

Astro de Cinema jogou o jornal de volta no carro e dirigiu para longe dali. No percurso, vasculhou a estrada em busca de veículos de tocaia. Havia alguns furgões estacionados em estradas paralelas, nenhum com vidro fume para ocultar um homem com uma câmera. Sua visão periférica confirmou a avaliação. Este não era um bom lugar. O ideal seria pegar os alvos em movimento. Na estrada, mais corretamente. Porém, isso não seria muito melhor.

A proteção para a estrada provavelmente seria excelente. Painéis de Kevlar.

Janelas de Lexan. Pneus especiais. E, indubitavelmente, proteção aérea na forma de helicópteros. E isso sem falar dos carros sem placa e do acesso imediato a reforços policiais.

Certo, pensou Astro de Cinema, usando em sua mente um americanismo que tinha aplicação universal. A creche Giant Steps, na Ritchie Highway com a Joyce Lane. Apenas um alvo lá, mas um alvo melhor e, provavelmente, um ambiente tático mais favorável. Pelo menos era por isso que Astro de Cinema torcia.

Winston estava no ramo de vender a si próprio e suas ideias havia mais de vinte anos. Além disso, tinha um certo senso teatral. Melhor ainda, o medo de palco agia nas duas direções. Apenas um dos senadores no comitê tinha experiência prévia, e ele era do partido minoritário — a polaridade do Senado mudara com a queda do 747, e fizera isso em favor de sua posição ideológica.

Como resultado, os homens e mulheres sentados atrás da imensa bancada de carvalho estavam tão nervosos quanto ele. Enquanto ele ocupava “sua cadeira e dispunha seus documentos, um total de seis pessoas empilhava enormes volumes encadernados na mesa do lado. Winston ignorou-os. As câmeras da C-SPAN uno.

A situação logo melhorou. Enquanto o secretário designado papeava com Mark Gant, mas, com seu computador portátil aberto e operando à sua frente, a mesa à esquerda deles rangeu e partiu, espalhando a pilha de livros no chão, para susto de todos na sala. Winston virou-se assustado, mas ficou satisfeito com o que viu. Seus auxiliares tinham feito exatamente o que lhes pedira: empilhar os volumes da legislação do imposto de renda dos Estados Unidos no meio da mesa, em vez de distribuir o peso igualmente.

— Merda, George — sussurrou Gant, esforçando-se para não rir.

— Talvez Deus esteja mesmo do nosso lado.

Levantou-se para ver se alguém havia se machucado. Todos estavam bem.

O primeiro ranger de protesto da mesa de carvalho fizera as pessoas se afastarem. Agora guardas de

segurança entravam correndo, apenas para ver que nada de realmente anormal tinha acontecido. Winston inclinou-se sobre o microfone.

— Sr. Presidente do comitê, queira me desculpar por isso, mas ninguém saiu machucado. Podemos prosseguir sem mais atrasos?

O presidente do comitê ordenou silêncio sem tirar os olhos do desastre. Um minuto depois, George Winston prestou juramento.

— Tem um discurso de inauguração, Sr. Winston?

— Sim senhor, tenho. — O secretário do Tesouro balançou a cabeça e conteve uma risada, embora não completamente. — Acho que devo pedir desculpas aos membros do comitê por nosso pequeno acidente. Eu não o planejei como uma ilustração de um de meus pontos de vista, mas... bem...

Winston arrumou seus papéis e se colocou mais ereto na cadeira.

— Sr. Presidente, membros do comitê, meu nome é George Winston. O presidente Ryan pediu que me afastasse de meus negócios para servir à minha nação na capacidade de secretário do Tesouro. Deixem-me contar um pouco a meu respeito...

— Que sabemos dele? — indagou Kealty.

— Muita coisa. É inteligente. É durão. É muito honesto. É mais rico que Deus. É até mais rico que você, evitou dizer o assessor.

— Já foi investigado?

— Nunca. — Seu chefe de gabinete balançou a cabeça. — Talvez ele já tenha patinado em gelo fino, mas... não, Ed, não posso nem dizer isso. O que sabemos sobre Winston é que ele joga segundo as regras. Seu grupo de investimentos é conhecido por competência e integridade. Oito anos atrás, George teve um investidor desonesto em seu quadro de funcionários, e testemunhou pessoalmente contra ele no tribunal. Ele também indenizou as pessoas lesadas pelo sujeito com dinheiro do próprio bolso. E não foi pouco: quarenta milhões de dólares. O larápio pegou cinco anos de cadeia. Ryan escolheu bem. George não é político, mas é bem respeitado em Wall Street.

— Que merda — observou Kealty.

— Sr. Presidente do comitê, há muitas coisas que precisam ser feitas. — Winston colocou o texto do discurso de lado e prosseguiu de improviso. Ou pelo menos assim pareceu. Apontou a mão direita para a pilha de livros. — Aquela mesa quebrada ali. Aquilo é a legislação do imposto de renda dos Estados Unidos. Um princípio jurídico reza que a ignorância da lei não é uma defesa contra a decisão da justiça. Mas, no caso do código de imposto, isso não faz mais sentido. O Departamento do Tesouro e a Receita Federal promulgam e aplicam a lei de impostos em nosso país. Como todos sabemos, essas leis são submetidas à aprovação do Congresso, mas a maioria é aprovada porque meu departamento submete o conjunto proposto de leis, o Congresso as modifica e aprova, e então as aplica. Em muitos casos, a interpretação do código que vocês aprovam é deixada a cargo de pessoas que trabalham para mim, e, como todos sabemos, a interpretação da lei pode ser tão importante quanto a própria lei.

Temos tribunais especiais de impostos para fazer novos regulamentos... mas o que resta no final é aquela pilha de papel impresso, posso garantir a este comitê que ninguém, nem mesmo um juiz experiente, é capaz de entender o que está escrito ali.

Temos inclusive a situação absurda de que quando um cidadão leva seus registros de impostos e formulários de devolução para um posto da Receita, para pedir ajuda as pessoas que aplicam a lei, e esses funcionários do imposto de renda cometem um erro, cidadão que procurou o governo para pedir ajuda se torna responsável pelos erros que seu governo cometeu. Quando eu estava no ramo de investimento, se eu dava um conselho ruim ao meu cliente, eu assumia a responsabilidade por esse erro.

O propósito dos impostos é prover o governo de um país de uma receita com a qual possa servirão povo. Mas ao longo do caminho criamos toda uma indústria que tira bilhões de dólares do povo. Por

quê? Para explicar um imposto de renda que se torna mais complexo a cada ano. As próprias pessoas que aplicam esse imposto não assumem responsabilidade em cumpri-lo... porque não o entendem. Você já sabem, ou deveriam saber — eles não sabiam —, que a maior parte do dinheiro coletado é gasta na aplicação do imposto de renda. Isso não é produtivo. Devemos trabalhar para o povo, não confundir-lo.

E assim, Sr. Presidente, há algumas coisas que espero conseguir durante minha gestão no Tesouro, caso o comitê confirme minha indicação. Em primeiro lugar, quero a legislação do imposto de renda completamente reescrita numa coisa que possa ser entendida por uma pessoa comum. Quero que a legislação do imposto de renda faça sentido. Quero uma legislação sem exceções especiais. Quero que as mesmas regras sejam aplicadas igualmente a todos. Estou preparado para apresentar uma proposta para que seja feito exatamente isso.

Quero trabalhar com o comitê para transformar essa proposta em lei. Quero trabalhar com vocês, damas e cavalheiros. Não vou deixar nenhum representante de empresas ou qualquer espécie de lobista entrar no meu gabinete para discutir esse assunto e, aqui e agora, peço que façam o mesmo.

Sr. Presidente do comitê, quando começamos a falar com qualquer fulano ou beltrano com uma sugestão para tratar de um grupo especial com necessidades especiais, acabamos com aquilo nas mãos!

Winston apontou novamente para a mesa quebrada.

— Somos todos americanos. O pressuposto é que trabalhemos juntos, e quando deturpamos as leis de impostos de nosso país segundo as conveniências de cada lobista com um escritório e uma clientela, apenas tiramos mais dinheiro de todo mundo. As leis de nosso país não existem para oferecer um cabide de emprego para contadores e advogados no setor privado e burocratas no setor público. As leis que vocês aprovam, e que pessoas como eu aplicam, devem servir às necessidades dos cidadãos, não do governo.

Em segundo lugar, quero que meu departamento opere com eficácia.

Eficácia não é uma palavra que o governo saiba soletrar, quanto mais implementar. Isso precisa mudar, bem, não posso mudar toda esta cidade, mas posso mudar o departamento que me foi confiado pelo presidente e que, espero, as senhoras e os senhores irão confirmar. Sei como gerir um negócio. O Columbus Group serve literalmente a milhões de pessoas, direta e indiretamente, e carrego esse fardo com orgulho. Nos próximos meses submeterei um orçamento para um Departamento do Tesouro que não irá desperdiçar um centavo do povo.

Era um exagero considerável, mas impressionante.

— Esta sala já ouviu promessas como essa antes, e não irei culpá-los por engolir minhas palavras com uma tonelada de sal, mas sou um homem acostumado a cumprir minha palavra com resultados, e é isso que acontecerá aqui.

O presidente Ryan teve de gritar comigo para me convencer a mudar para Washington.

Não gosto daqui, Sr. Presidente — disse Winston ao comitê. Eles precisavam saber disso. — Quero fazer meu trabalho e ir embora. Mas o trabalho será feito, se as senhoras e os senhores me confirmarem. Isso conclui meu discurso de inauguração.

As pessoas mais experientes na sala eram jornalistas do segundo escalão — o primeiro escalão ficara com a esposa e a família de Winston. Eles sabiam como as coisas eram feitas e ditas. Um oficial de gabinete devia decantar as honras de ser permitido servir o país, sobre a alegria de ter recebido poder, sobre a responsabilidade que lhe pesaria sobre os ombros.

Eu não gosto daqui? Os repórteres pararam de rabiscar suas anotações e olharam para cima, primeiro para o palanque, depois uns para os outros.

Astro de Cinema gostou do que viu. Embora o perigo para ele fosse grande, o risco era equilibrado. Aqui estava uma rodovia de quatro pistas a poucos metros do objetivo, e essa levava a uma rede infinita de estradas laterais. O melhor: era possível ver quase tudo. Diretamente acima do objetivo havia um

bosquete, denso o bastante para permitir o ocultamento de um veículo de apoio.

Tinha de haver um, e onde estaria ele... ? Ali, pensou. Uma casa próxima com uma garagem anexa que dava vista para a creche. Sim... havia dois carros estacionados bem diante da casa — por que não estavam na garagem?

Provavelmente o Serviço Secreto fizera um acordo com os proprietários. Era ideal, a cinquenta metros da creche, voltada na direção certa. Se acontecesse alguma coisa suspeita, o alarme seria acionado, a porta da garagem seria aberta e o veículo de apoio sairia forte e veloz como um tanque, só que não era um tanque.

Num caso como esse, o problema com a segurança era que os procedimentos precisavam estar escritos em pedra, e por mais espertos que fossem os agentes do Serviço Secreto, seus arranjos precisavam se enquadrarem parâmetros conhecidos e previsíveis. Ele checou as horas. Como confirmar suas suspeitas? Para início de conversa, precisava de alguns minutos em repouso.

Diretamente em frente à Giant Steps havia uma loja de conveniências. Ele iria checá-la, porque o inimigo teria uma pessoa lá, talvez mais de uma. Estacionou o carro e entrou, passando mais ou menos um minuto bisbilhotando os produtos da loja.

— Posso ajudar? — perguntou uma voz.

Mulher, 25 anos — não mais velha que isso, mas tentando parecer jovem.

Astro de Cinema sabia que se conseguia isso com o corte de cabelo certo e um pouco de maquiagem. Ele mesmo já usara agentes femininas, e fora sobre isso que lhes instruíra. Pessoas mais jovens sempre parecem menos ameaçadoras, especialmente as mulheres. Com um sorriso de confusão e embaraço, caminhou até o balcão.

— Estou procurando os seus mapas — disse.

— Bem ali, debaixo do balcão. — A balconista apontou com um sorriso. Ela era do Serviço Secreto. Olhos brilhantes demais para uma pessoa num trabalho tão servil.

— Ach! — disse, selecionando um livro rodoviário grande que mostrava cada rua residencial no distrito — condado, como chamavam na América. Pegou-o e folheou as páginas, um olho treinado fixo no outro lado da rua. As crianças estavam sendo conduzida para o playground. Quatro adultos com elas. Dois teriam sido o número normal. Então, pelo menos dois... três, percebeu, vendo um homem nas sombras, ficaram imóveis. Homem grande, cerca de 1,80m, usando roupas esportivas. Sim, o playground dava para a casa com garagem. Os observadores tinham de estar ali. Dois, talvez três, ficariam o tempo todo na casa. Isto não seria exatamente fácil, mas ele pelo menos saberia onde ficava a oposição.

— Quanto é o mapa?

— O preço está na capa.

— Ach, já, perdão. — Enfiou a mão no bolso. — Cinco dólares, noventa e cinco centavos — disse para si mesmo, catando os trocados.

— Mais imposto. — Bateu o preço na máquina registradora. — Você é novo na área?

— Sim, sou. Eu sou professor.

— Oh, e o que ensina?

— Alemão — replicou, pegando seu troco, contando-o. — Queria ver como as casas eram aqui.

Obrigado pelo mapa. Tenho muito trabalho.

Um aceno curto de cabeça, ao modo europeu, pontuou o encontro e ele saiu sem olhar novamente para o outro lado da rua. Astro de Cinema sentiu um arrepio. A balconista definitivamente fazia o tipo policial. Ela o estava observando agora, provavelmente a notando a placa de seu carro, mas se fizesse isso, e se o Serviço Secreto pesquisasse o número, descobriria que seu nome era Dieter Kolb, alemão de Frankfurt, professor de inglês, atualmente fora do país.

Se eles não fossem muito insistentes, essa cobertura bastaria. Seguiu para o norte pela Ritchie Highway, virando à direita na primeira oportunidade. Havia uma escola de comunidade numa colina

próxima e, nos EUA, todas elas tinham estacionamentos.

Era apenas uma questão de encontrar um bom ponto. Era este. Com a chegada da primavera, os bosques adjacentes logo estariam floridos, bloqueando o acesso visual à Giant Steps. Os fundos da casa cuja garagem provavelmente abrigava o Chevy Suburban de apoio teriam apenas algumas janelas voltadas nessa direção, e elas estariam cobertas por cortinas. O mesmo valia para o próprio maternal. Astro de Cinema Kolb levantou um par de binóculos compactos e vasculhou a paisagem. Não seria fácil com todos os troncos entre ele e o objetivo, mas embora o Serviço Secreto fosse perfeito, seus agentes ...eram. Ninguém era. Mais importante: a Giant Steps não era uma locação favorável para proteger uma criança importante, mas isso não era surpreendente. A família Ryan matriculava todos os seus filhos aqui. Os professores deviam ser excelentes, e Ryan e sua mulher médica provavelmente os conheciam e eram amigos deles. Além disso, as notícias de jornal que ele baixara da Internet enfatizavam que os Ryan queriam manter sua vida familiar intacta. Quão humano. E quão estúpido.

Observou as crianças brincarem no playground. Parecia ser coberto com tacos de madeira. Os pequeninos estavam enclausurados em roupas de inverno bem grossas — a temperatura estava aproximadamente em 11 graus abaixo de zero — e corriam para cima para baixo, brincando nos escorregas e nas gangorras, enquanto outros remexiam na terra que conseguiam encontrar. Por seu vestuário, podia dizer que essas crianças eram bem-criadas e, afinal de contas, crianças. Exceto por uma. Uma que ele não podia ter certeza àquela distância — precisaria ver fotos para isso —, mas essa não era uma simples criança. Essa era uma declaração política da parte de alguém. Quem faria essa declaração, e exatamente qual declaração seria feita, não dizia respeito a Astro de Cinema. Ele permaneceria em seu poleiro por muitas horas, não pensando no que poderia resultar de suas atividades. Ou no que poderia não resultar. Não se importava. Ele escreveria suas anotações memorizadas, desenharia seus mapas e diagramas detalhados e esqueceria tudo. Kolb não se importava com isso havia anos. O que começara com fervor religioso pela Guerra Santa libertadora de seu povo, havia, com o passar do tempo, se tornado o trabalho pelo qual ele era pago. Se no fim acontecesse alguma coisa politicamente benéfica, melhor.

Mas de algum modo isso nunca acontecia, apesar de todas as esperanças, sonhos e discursos inflamados. A única certeza que o sustentava era seu trabalho e sua habilidade nele. Que estranho, pensou Astro de Cinema, que as coisas tivessem chegado a esse ponto, mas os guerreiros apaixonados eram aqueles que morriam, vítimas de sua própria dedicação. Sorriu pensando na ironia. Os crentes autênticos eram consumidos por sua própria paixão, e aqueles que sustentavam a esperança de seu povo eram aqueles que... que não se importavam mais? Seria verdade isso?

— Muitas pessoas objetarão contra a natureza da sua proposta de um plano de impostos. Um plano realmente justo é progressivo — prosseguiu o senador.

Previsivelmente, era um dos sobreviventes, não um dos recém-chegados.

Recitou o velho mantra: — Será que isso não será um fardo pesado para os trabalhadores americanos?

— Senador, compreendo o que está querendo dizer— replicou Winston depois de tomar um gole de seu copo d'água. — Mas a quem o senhor está se referindo por trabalhadores americanos? Eu trabalho. Construí meu negócio a partir dos alicerces e, creia em mim, fiz isso com trabalho. Cathy Ryan, a primeira-dama, ganha algo em torno de quatrocentos mil dólares anuais... muito mais que seu marido, a propósito. Isso significa que ela não trabalha? Acho que ela trabalha. Ela é uma cirurgiã. Tenho um irmão médico, e sei quantas horas ele trabalha. É verdade, essas duas pessoas ganham mais que o americano médio, porém o mercado há muito decidiu que o trabalho que eles fazem é mais importante que o de outras pessoas. Se o senhor ficar cego, um operário de uma fábrica de automóveis não poderá ajudá-lo; nem um advogado. Um médico poderá. Isso não significa que o médico não trabalha, senador. Significa

que o trabalho que ele faz requer qualificações mais altas e treinamento mais longo, e que como resultado o trabalho é mais bem remunerado. E quanto a um jogador de beisebol? Essa é outra categoria de trabalho altamente qualificado, e ninguém nesta sala objeta contra o salário pago a Ken Griffey, Jr., por exemplo.

Por quê? Porque ele é soberbo no que faz, um dos cinco, talvez quatro melhores no mundo, e é recompensado regamente por isso. Mais uma vez, esse é o mercado de trabalho em funcionamento.

Num sentido mais amplo, falando como mero cidadão e não como secretário designado, oponho-me com fervor à dicotomia artificial e falsa que algumas pessoas na arena política colocam entre trabalhadores braçais e intelectuais. Não há outra forma de viver honestamente neste país que não seja oferecendo um produto ou um serviço ao público e, falando em termos gerais, quanto mais suor e inteligência uma pessoa depositar em seu trabalho, mais dinheiro irá ganhar. É justo que algumas pessoas tenham habilidades maiores que as outras. Se existe uma classe de ricos indolentes na América, acho que o único lugar onde se pode encontrá-los é no cinema. Quem nesta sala, se tivesse escolha, não trocaria de lugar instantaneamente com Ken Griffey ou Jack Nicklaus? Nós todos não sonhamos em ser tão bons em alguma coisa? Eu sonho — admitiu Winston. — Mas não sou tão bom assim no golfe.

Muito bem, e quanto a um engenheiro de programas de computador realmente talentoso? Também não sei fazer isso. E que tal um inventor? Que tal um executivo que transforma uma companhia de uma perdedora numa usina de lucros... lembram do que Samuel Gompers disse? O pior fracasso de um capitão de indústria é não conseguir mostrar lucro. Por quê? Porque uma companhia rentável é aquela que faz bem seu trabalho, e apenas essas companhias podem compensar seus trabalhadores adequadamente, e ao mesmo tempo devolver dinheiro aos seus acionistas... e essas são as pessoas que investem o dinheiro delas na companhia que gera empregos para seus trabalhadores.

Senador, o que esquecemos é o motivo pelo qual estamos aqui e o que estamos tentando fazer. O governo não proporciona trabalhos produtivos. O nosso dever não é esse. General Motors, Boeing e Microsoft são as instituições que empregam trabalhadores para fazer os produtos que as empresas precisam.

O trabalho do governo é proteger o povo, manter a lei e providenciar para que as pessoas ajam segundo as regras, como o juiz num campo de futebol. O nosso trabalho não deve ser punir as pessoas que jogam bem demais.

Nosso trabalho é coletar impostos para que o governo possa desempenhar suas funções. Mas nos afastamos disso. Devemos coletar esses impostos de uma forma tal a causar um dano mínimo à economia como um todo. Por sua própria natureza, os impostos são uma influência negativa, e não podemos nos afastar disso, mas podemos fazer o máximo possível para estruturar o sistema de impostos de uma forma tal que ele cause o mínimo de dano, e talvez até encoraje as pessoas a usar seu dinheiro de modo a estimular o sistema inteiro a trabalhar.

— Eu sei que direção o senhor está tomando. Vai falar sobre cortar os impostos de ganho de capital, mas isso beneficia apenas uns poucos, ao custo de...

— Senador, desculpe por interromper, mas isso simplesmente não é verdade, e o Senhor sabe que não é — disse Winston bruscamente. — Reduzir a taxa de impostos de ganhos de capital significa o seguinte: estímulo às pessoas a investir seu dinheiro... não, deixe-me recuar um pouco.

Digamos que eu ganhe mil dólares. Pago impostos com esse dinheiro. Pago comida. Pago a prestação do meu carro. O que sobra, invisto na... digamos, na XYZ Computadores. A XYZ pega meu dinheiro e contrata alguém. Essa pessoa faz seu trabalho e eu faço o meu, e do trabalho que essa pessoa faz... ela está gerando o produto que o público gosta e compra, certo?... a companhia obtém lucro, que divide. Esse dinheiro é taxado como renda regular. Então eu vendo a ação e compro de outra companhia, de modo que essa companhia possa contratar outra pessoa. O dinheiro gerado pela venda da ação é ganho de capital. As pessoas não colocam mais seu dinheiro debaixo do colchão e não queremos que elas façam isso.

Queremos que elas invistam na América, em seus concidadãos.

Agora, eu já paguei imposto pelo dinheiro que investi, certo? Muito bem, então ajudei a dar trabalho a algum concidadão. Esse trabalho faz alguma coisa para o público. E por ajudar a dar um trabalho a um cidadão, e por ajudar esse trabalhador a fazer algo pelo público, obtive um retorno modesto. Isso é bom para o trabalhador que ajudei a contratar e bom para o público. Então faço a mesma coisa em outro lugar. Por que me punir por isso? Não faz mais sentido encorajar as pessoas a fazer isso? E lembre-se de que taxamos um imposto nesse dinheiro investido uma vez... na verdade, mais de uma.

Isso não é bom para o país. Já é ruim o bastante que nós tiremos tanto, mas a forma como tiramos esse dinheiro é contraproducente. Por que estamos aqui, senador? Devíamos estar ajudando o povo, não o prejudicando. E não se esqueça de que o resultado líquido é um sistema de impostos tão complicado que precisamos coletar bilhões para administrá-lo... esse dinheiro é todo jogado fora. Vamos nos livrar de todos os contadores e advogados de impostos que vivem de lidar com uma coisa que o público não pode entender — concluiu o secretário do Tesouro.

A América não está construída sobre a inveja. Ela não está construída sobre a rivalidade de classes. Nós não temos um sistema de classes na América.

Ninguém diz a um cidadão americano o que ele pode fazer. O berço não conta tanto. Vejam só os membros do comitê. Filho de fazendeiro, filho de professor, filho de motorista de caminhão, filho de advogado, e o senhor, senador Nikolides, filho de um imigrante. Se a América é uma sociedade de classes definidas, então como diabo vocês chegaram aqui? — inquiriu.

No momento, seu interrogador era um político profissional, filho de outro, para não mencionar um arrogante filho da puta, pensou Winston. Cada um que ele acabara de apontar tremera um pouco ao ser enfocado pelas câmeras.

Winston prosseguiu:

— Cavalheiros, tentemos facilitar a vida das pessoas, para que elas consigam o que nós conseguimos. Se vamos inclinar o sistema, então o façamos num ângulo que encoraje nossos concidadãos a ajudarem uns aos outros. Se a América possui um problema econômico estrutural, é que não geramos tantas oportunidades quanto poderíamos. O sistema não é perfeito. Certo, vamos tentar consertá-lo um pouco. É para isso que estamos todos aqui.

— Mas o sistema precisa exigir que todos paguem sua parte justa — disse o senador, tentando retomar a vantagem.

— Que significa a palavra justo? No dicionário, significa que todo mundo precisa fazer mais ou menos a mesma coisa. Dez por cento de um milhão de dólares ainda é dez vezes mais que dez por cento de cem mil dólares, e vinte vezes mais que dez por cento de cinquenta mil. Mas, na legislação do imposto de renda, justiça veio a significar que nós tomamos todo o dinheiro que podemos de pessoas bem-sucedidas e o doamos de volta. A propósito, essas pessoas ricas contratam advogados e lobistas que conversam com gente na arena política e fazem com que um milhão de exceções especiais sejam inseridas no sistema para que elas não sejam totalmente depenadas. E essas pessoas não são depenadas, todos sabemos disso. No fim, com que ficamos? — Winston gesticulou na direção da pilha de livros no chão da sala do comitê. — Ficamos com um programa de empregos para burocratas. E contadores. E advogados. E lobistas. E em algum lugar ao longo do caminho, os cidadãos que pagam seus impostos são completamente esquecidos. Nós não nos importamos com que eles entendam o sistema que deveria servi-los. Não deveria ser assim.

Winston inclinou-se sobre o microfone.

— Vou lhes dizer o que acho que significa a palavra justo. Acho que significa que todos carregamos o mesmo fardo na mesma proporção. Acho que significa que o sistema não apenas permite como nos encoraja a participar da economia. Acho que significa promulgarmos leis simples e compreensíveis para que as pessoas saibam onde estão pensando. Acho que justo significa o jogo estar nivelado, com todo

mundo desfrutando das mesmas chances, e não punirmos Ken Griffey por fazer home runs. Justo é admirá-lo e tentar emulá-lo.

É tentarmos fazer mais home runs que ele. E não o atrapalharmos quando estiver jogando.

— Deixar que eles comam brioques? — perguntou o chefe de gabinete de Kealty.

— Não podemos dizer cachorro-quente, podemos? — perguntou Kealty.

Então abriu um sorriso largo. — Finalmente.

— Finalmente — concordou outro assessor.

Os resultados foram equivocados. O técnico de polígrafo do FBI passara a manhã inteira trabalhando, e cada gráfico impresso em formulário contínuo estava duvidoso. Não havia como evitar. Eles tinham virado a noite numa reunião. Quando lhes pedia para dizer alguma coisa importante que ele estivesse autorizado a revelar, era sempre a situação Irã Iraque, claro. Ele podia assistir à CNN como qualquer um, os homens que pusera na jogada estavam todos cansados e irritadiços, e alguns haviam causado flutuações no gráfico até mesmo ao dizer seus nomes e descrições de trabalho. O exercício inteiro fora infrutífero. Provavelmente.

— E então? Passei? — perguntou Rutledge, tirando a braçadeira pressurizada com naturalidade de quem já conhecia o processo.

— Bem, tenho certeza de que já lhe disseram que...

— ...não é um processo de exame do tipo passe-ou-fracasse — completou o subsecretário de Estado, exausto. — Sim, diga isso a alguém que já perdeu a autorização para assuntos sigilosos depois de uma sessão na caixa. Odeio essas coisas, sempre odiei.

Em termos de técnica, aquilo estava quase exatamente à altura de um dentista, pensou o agente do FBI, e embora ele fosse um dos melhores nesta arte negra em particular, não descobrira nada que pudesse ajudar na investigação...

— Sobre a reunião de ontem à noite...

Rutledge cortou-o secamente. — Não podemos falar sobre ela. Desculpe.

— Não... O que quero saber... esse tipo de coisa é normal aqui?

— Será por algum tempo, provavelmente. Olhe, você sabe do que se trata, provavelmente.

O agente assentiu e o subsecretário assentiu em resposta.

— Muito bem — disse o subsecretário. — Então você sabe que é um grande abacaxi, e que vamos ficar batendo pestana por um bom tempo falando sobre isso, especialmente o meu pessoal. Por um tempo vai ser assim: montes de café, horas longas, pavios curtos. — Olhou as horas. — Meus grupos de trabalho se reúnem em dez minutos. Mais alguma coisa?

— Não, senhor.

— Obrigado por noventa minutos de diversão — disse Rutledge, caminhando até a porta. Tinha sido muito fácil. Era preciso apenas saber como as coisas funcionavam. Eles precisam de indivíduos calmos e relaxados para obter os resultados adequados — o polígrafo essencialmente media a tensão induzida por perguntas incômodas. Então deixe todo mundo tenso. Era simples assim. E realmente os iranianos estavam fazendo o trabalho. Tudo que ele tinha a fazer era atíçar um pouco as chamas. O pensamento lhe valeu um sorriso quando entrou no banheiro executivo.

Astro de Cinema consultou o relógio e fez mais uma nota mental. Dois homens saíram da casa particular. Um deles virou-se para dizer alguma coisa enquanto fechava a porta. Caminharam até o estacionamento da Giant Steps, olhos perscrutando os arredores numa forma que os identificava tão positivamente quanto se estivessem envergando uniformes e fuzis. O Chevy Suburban emergiu da garagem particular. Um bom esconderijo, mas um pouco óbvio demais aos olhos de um observador perito. Duas crianças saíram juntas, uma conduzida por uma mulher, outra por um homem... sim, aquela que estivera à

sombra na hora do recreio. Homem grande, corpo formidável. Duas mulheres, uma na frente, outra atrás. Todas as cabeças virando e olhando ao redor. Levaram a criança até um carro comum. O Suburban parou na frente da pista secundária, e os outros carros seguiram-no pela estrada, com um carro de polícia 15 segundos atrás.

Seria uma tarefa difícil, mas não impossível, e a missão tinha vários resultados diferentes, todos aceitáveis pelos seus patrocinadores. Tudo correria bem se ele não se deixasse vencer por seus sentimentos em relação a crianças.

Já estivera envolvido em missões dessa natureza e sabia que o essencial era não ver os alvos como crianças. O alvo conduzido pela mão de seu guarda-costas era exatamente aquele no qual apostara antes, uma declaração política a ser feita por outra pessoa. Alá não teria aprovado. Astro de Cinema sabia disso.

Não havia uma religião no mundo que sancionasse males contra crianças, mas religiões não eram instrumentos de governo, a despeito de quaisquer que fossem as crenças do chefe atual de Badrayn. Religiões eram algo para um mundo ideal, e o mundo não era ideal. E assim seria preciso usar meios cruéis para alcançar objetivos religiosos, e isso significava... alguma coisa na qual ele simplesmente procurava não pensar. Era trabalho, seu trabalho, ver o que podia ser feito, fosse moral ou imoral. Astro de Cinema não se sentia nem um pouco religioso em relação a isso, o que provavelmente era a razão para ele ainda estar vivo enquanto outros não estavam... e se ele conduzisse sua missão a contento, mais outros também não estariam.

Nada Mais que um Gemido

Políticos raramente gostam de surpresas. A maioria gosta de surpreender os outros — principalmente outros políticos, em geral em público, e sempre depois de um cuidado preparatório digno de uma emboscada na floresta —, e da mesma forma detestam estar no lado surpreendido. E era assim em todo o mundo, principalmente em países onde a política não era um jogo civilizado.

No Turcomenistão as coisas ainda não haviam chegado a esse ponto. O premiê — ele tinha uma ampla variedade de títulos dos quais escolher, e apreciava mais este do que presidente — gostava de tudo sobre sua vida e seu cargo. Como cacique do moribundo Partido Comunista, vivera sob restrições bem maiores dos que as atuais, e sempre estava no outro lado da linha de uma ligação para Moscou, como um peixe fisgado numa linha comprida. Mas não agora. Moscou não tinha mais esse controle, e ele se tornara um peixe bem maior. Era um homem vigoroso no fim da casa dos cinquenta e, como gostava de brincar, um homem do povo. O povo neste caso fora uma funcionária pública atraente com cerca de vinte anos. Depois de um belo jantar e um pouco de danças étnicas (nas quais ele era excelente), a funcionária o divertira como apenas as mulheres jovens podiam. Agora estava voltando para a residência oficial sob um céu claro e estrelado, sentado no banco frontal direito de sua Mercedes preta; no rosto, o sorriso de um homem que acabara de provar sua masculinidade, da melhor forma possível. Talvez arranjasse uma promoção para a garota... dali a algumas semanas. Ele possuía um grau de poder que, embora não absoluto, era suficiente para qualquer homem, e esse pensamento chegou acompanhado de um sentimento de euforia. Popular entre seu povo como um tipo de líder caloroso e paternalista, sabia como agir, como sentar-se com as pessoas simples, como segurar uma mão ou um ombro... sempre diante das câmeras de TV para mostrar que era um deles. Culto à personalidade : era assim que o regime anterior chamava esse tipo de estratégia, e decerto não havia nada mais político que isso. O presidente detinha responsabilidades, cumpria à risca seus deveres e, em troca, gozava de certos privilégios. Um deles era este belo automóvel alemão — contrabandeá-lo para o país fora mais um exercício de lábia que de corrupção — e outro estava agora retornando para sua cama com um sorriso e um suspiro. E a vida era boa. E lhe restavam menos de sessenta segundos para desfrutá-la.

O premiê não fazia questão de escolta policial — era amado por sua gente.

Tinha certeza disso. Além do mais, era tarde. Mas avistou um carro de polícia num cruzamento, luzes girando e piscando, bloqueando o caminho. Um policial levantou a mão enquanto falava em seu rádio, mal olhando para eles. O premiê tentou adivinhar qual era o problema. Seu motorista guarda-costas reduziu a velocidade da Mercedes bufando pelo incômodo, parando no cruzamento enquanto se certificava se sua pistola estava prontamente acessível. Mal o carro oficial havia parado quando os dois ouviram um ruído à direita. O premiê virou-se nessa direção; mal teve tempo de arregalar os olhos antes de um caminhão Zil-157 chocar-se com eles a quarenta quilômetros por hora. O veículo militar arremessou o carro oficial dez metros para a esquerda. O carro parou apenas ao atingir a parede de pedra de um edifício comercial. Foi o momento para o policial se aproximar, assistido por dois outros que tinham emergido das sombras. O motorista quebrara o pescoço e morrera. Os policiais podiam ver isso pelo ângulo de sua cabeça. Um deles esticou a mão pelo para-brisa estilhaçado para virar a cabeça do

motorista, apenas por precaução. Mas o premiê, para surpresa geral, ainda gemia, apesar dos ferimentos. Provavelmente seu corpo estivera relaxado devido ao excesso de bebida, pensaram os homens.

Bem, isso podia ser resolvido fácil. O policial no comando caminhou até o caminhão, abriu a caixa de ferramentas, pegou um macaco, retornou e golpeou a cabeça do premiê bem na têmpora. Missão cumprida. Jogou a ferramenta para o motorista do caminhão; o premiê do Turcomenistão estava morto como resultado de um acidente automobilístico. Isso significava que o país teria de realizar eleições, não é mesmo? Isso seria Uma novidade, e exigia um líder a quem as pessoas conhecessem e respeitassem.

— Senador, foi um dia longo — concordou Tony Bretano. — E para mim as últimas semanas também têm sido longas, aprendendo o caminho das pedras e me reunindo com pessoas, mas administração é administração, e o Departamento de Defesa vem carecendo dela há um bom tempo. Estou preocupado particularmente com o sistema de aquisições. Demora muito e custa demais. O problema não é exatamente corrupção, mas uma tentativa de impor um padrão de justiça tão exato que... bem, num exemplo simples, se o senhor comprasse comida do jeito que o Departamento de Defesa compra armas, morreria de fome entre as prateleiras de batatas fritas e cigarros. A TRW é uma empresa de reengenharia, e na minha forma de pensar, muito boa. Se o Departamento de Defesa fosse uma empresa particular, eu não teria condições de geri-la. Meus acionistas iriam me linchar. Podemos fazer melhor, e pretendo providenciar para que isso aconteça.

O senador perguntou: — Sr. Secretário designado, quanto mais isto vai demorar? Acabamos de vencer uma guerra e...

— Senador, a América possui o melhor serviço médico do mundo, mas ainda assim tu pessoas morrem de câncer e doenças cardíacas. O melhor nem sempre é bom o bastante, não é verdade? Mais que isso, e mais concernente, é o fato de que podemos fazer melhor com menos dinheiro. Não procurarei vocês com um pedido de aumento geral de verbas. O fundo de aquisição pode ser maior, sim. O fundo de treinamento e prontidão também irá aumentar. Mas o dinheiro verdadeiro da Defesa se esvai em custos com funcionários, e é nesse ponto que podemos cortar gastos. O departamento inteiro está com excesso de contingente nos lugares errados. Isso é um desperdício do dinheiro dos contribuintes. Eu sei. Pago muitos impostos. Não utilizamos nosso pessoal com eficácia, e nada, nada, senador, é um desperdício maior que esse. Acho que posso prometer a vocês uma redução líquida de dois ou três por cento. Talvez mais, se puder dar um jeito no sistema de aquisições. Quanto a esse, preciso de assistência estatutária. Não há motivo para termos de esperar oito a vinte anos para comprarmos um novo avião. Nós estudamos as coisas demais. Já houve sentido em economizar dinheiro, e talvez na época fosse uma boa ideia, mas agora gastamos mais dinheiro em estudos do que realmente em Pesquisa e Defesa. É hora de pararmos de inventar a roda a cada dois anos. Nossos cidadãos trabalham pelo dinheiro que gastamos, e é nosso dever para com eles gastar com inteligência.

Mais importante de tudo, quando a América manda seus filhos e filhas para os braços do inimigo, eles procuram ser os melhores. Precisam ser ás forças mais bem treinadas, apoiadas e equipadas que pudermos colocar em campo. O fato é que podemos fazer isso e também economizar dinheiro, fazendo o sistema trabalhar com mais eficácia.

A coisa boa sobre essa nova safra de senadores, refletiu Bretano, era que eles não sabiam o que era impossível. Há apenas um ano ele jamais poderia ter falado o que acabara de dizer. Eficácia era um conceito alienígena para a maioria das agências governamentais. Não porque houvesse alguma coisa errada com as pessoas, mas porque ninguém jamais lhes dissera para fazer melhor. Havia muito a ser dito para quem trabalhava no lugar que imprimia o dinheiro, mas havia muito mais a ser dito para quem comia barras de chocolate até ficar com as artérias entupidas. Se o coração da América fosse seu governo, a nação teria caído dura há muito tempo. Felizmente, seu coração estava em outro lugar, e sobrevivendo com alimentos mais saudáveis.

— Mas por que precisamos tanto de defesa numa época em que...

Bretano interrompeu-o novamente. Era um hábito do qual precisava se livrar, mas isto era demais.

— Senador, o senhor olhou o prédio do outro lado da rua recentemente?

Foi engraçado ver a forma como o homem jogou a cabeça para trás, embora o assessor à esquerda de Bretano tenha se contorcido tanto quanto o senador. Esse senador tinha um voto, tanto no comitê quanto no plenário do Senado, que estava reaberto agora que haviam tirado o cheiro de fumaça do prédio. Mas a maioria dos outros integrantes do comitê concordou com a opinião do secretário da Defesa, e Bretano estava disposto a se contentar com isso. No devido tempo, o presidente do comitê decretou o final da sessão e marcou uma votação para a manhã seguinte. Os senadores já tinham deixado seus votos claros com seu elogio ao discurso franco e positivo de Bretano, declarando seu desejo de trabalhar com ele com palavras tão ingênuas quanto as do secretário designado, e com isso mais um dia chegava ao fim, com um novo prestes a começar.

A resolução da ONU mal acabara de ser aprovada quando o primeiro navio partiu na viagem curta até o porto de Bushire, no Iraque. Ali descarregou grandes estruturas de armazenagem. Pela primeira manhã em muitos anos haveria pão suficiente para todos os iraquianos no café da manhã. O telejornal matutino proclamou o fato para todos — com as esperadas imagens ao vivo de padarias distribuindo mercadorias para multidões felizes e sorridentes — e concluiu com a notícia de que o novo governo revolucionário iria se reunir ainda naquele dia para discutir outros assuntos de importância nacional. Essas transmissões foram devidamente interceptadas em PALM BOWL e STORM TRACK e retransmitidas; mas as notícias verdadeiras daquele dia vieram de outra fonte. Golovko disse a si mesmo que o premiê turcomeno poderia de fato ter morrido num ocidente. Seus hábitos pessoais eram bem conhecidos, e acidentes automobilísticos geralmente eram comuns em todos os países — na verdade, os acidentes de carro tinham alcançado números alarmantes na antiga União Soviética, principalmente quando associados ao consumo de álcool. Mas Golovko não era dado a crer em coincidências de nenhum tipo, particularmente quando dispunha de amplos recursos para diagnosticar o problema. O premiê estava morto. Haveria eleições. O vencedor provável seria obviamente o sucessor do falecido, que fora tão maravilhosamente eficaz em abafar a oposição. E agora unidades militares iraquianas estavam se formando para marchar rumo ao oeste. Dois chefes de Estado mortos num espaço de tempo tão curto, num perímetro tão próximo, dois países fronteiriços ao Irã... não, mesmo se isso tivesse sido uma coincidência, ele não poderia acreditar nela. Com essa determinação, Golovko mudou de chapéus — o aforismo ocidental — e pegou seu telefone.

O USS Pasadena estava posicionado entre as duas esquadras de superfície da China, no momento operando a cerca de 14 quilômetros de distância uma da outra. O submarino estava carregado de armas, todas apropriadas para guerras; mesmo assim, era o mesmo que ser o único tira na Times Square na meia-noite do Ano-Novo tentando cuidar de tudo ao mesmo tempo. Ter um revólver carregado não significava muita coisa.

De vez em quando o submarino estendia sua antena receptora para captar os sinais eletrônicos transmitidos na região. O departamento de sonar também passava dados para a equipe de rastreamento na parte de trás do centro de ataque, enquanto o maior número cabível de homens reunia-se em torno da mesa do mapa fazendo marcações para os diversos contatos. O comandante ordenou que seu barco mergulhasse para trezentos pés, de modo que ele tivesse alguns minutos para examinar o gráfico, que se tornara complexo demais para que ele o guardasse de cabeça. Com o barco nivelado em sua nova profundidade, deu três passos para trás para olhar melhor.

Era um exercício de esquadra, mas um tipo de exercício que não era exatamente comum. Geralmente um grupo desempenhava o papel do mocinho contra os bandidos teóricos no outro grupo, e era possível

saber qual era qual pela disposição dos navios. Mas em vez de se orientar um contra o outro, ambos os grupos estavam orientados rumo leste. Isso era chamado eixo de ameaça, significando a direção da qual se esperava que o inimigo atacasse. Para leste ficava a República da China, que abrangia principalmente a ilha de Taiwan. O chefe de operações supervisionando o gráfico estava marcando a capa de acetato, e o desenho estava tão claro quanto era necessário.

— Leme, aqui é sonar — foi a chamada seguinte.

— Leme, entendido — respondeu o comandante, pegando o microfone.

— Dois novos contatos, senhor, designados Sierra Vinte e Vinte e Um.

Ambos aparentam ser contatos submersíveis. Sierra Vinte, marcação três-dois-cinco, curso direto e leve... aguarde... certo, parece um SSN classe-Han, bom corte na linha dos cinquenta Hertz, também estamos captando ruído das máquinas. Vinte e Um, também contato submersível, em três-três-zero, começando a parecer um Xia, senhor.

— Um submarino nuclear de ataque num exercício de esquadra? — perguntou o chefe de operações.

— Qual é a qualidade de corte do Vinte e Um?

— Melhorando agora, senhor — replicou o chefe do sonar. A equipe de sonar inteira estava em seu compartimento, logo depois do centro de ataque a estibordo. — O ruído das máquinas parece indicar um Xia, comandante. O Han está manobrando para o sul, agora em curso três-dois-um... sua velocidade está em dezoito nós.

— Senhor? — o chefe de operações fez uma marcação rápida no gráfico. O SSN e o nuclear de ataque estariam atrás do grupo de superfície ao norte.

— Mais alguma coisa, sonar? — indagou o comandante.

— Senhor, está ficando um pouco complicado manter todas essas trilhas.

— Eu que o diga — resmungou alguém na mesa de rastreamento enquanto fazia mais uma mudança.

— Alguma coisa a leste? — persistiu o chefe de operações.

— Senhor, a leste temos seis contatos, todos classificados como tráfego mercante, — Temos todos eles aqui, senhor — confirmou o chefe de operações. — Nada ainda da Marinha de Taiwan.

— Isso vai mudar — pensou em voz alta o comandante.

O general Bondarenko também não acreditava em coincidências. Mais que isso, a parte sul do país que um dia fora conhecido como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas encantava-lhe pouco. Sentia-se assim desde seu período no Afeganistão e de uma noite frenética no Tadjiquistão. Em resumo, não teria se importado se o divórcio total da República Russa das protonações muçulmanas tivesse poupado a fronteira sul de seu país, mas o mundo real não era perfeito.

— E então, que acha que está acontecendo? — perguntou o tenente-general.

— Foi instruído sobre a situação no Iraque?

— Fui, camarada diretor.

— Então me diga você, Gennady Iosefovich — comandou Golovko.

Bondarenko inclinou-se sobre a mesa do mapa e falou, enquanto movia um dedo sobre o gráfico.

— Diria que o que lhe diz respeito é que o Irã possivelmente está tentando alcançar um status de superpotência. Unindo-se com o Iraque, aumenta sua riqueza petrolífera em algo por volta de quarenta por cento. Além disso, isso lhes conferiria fronteiras contínuas com o Kuwait e o reino saudita. A conquista dessas nações reduplicaria sua riqueza. Pode-se inclusive presumir que as nações menores também cairiam. As circunstâncias objetivas aqui são por si só evidentes. — O general prosseguiu, falando com o tom calmo de um soldado profissional analisando o desastre. — Combinados, Irã e Iraque superam em número as populações combinadas dos outros Estados por uma margem considerável... cinco para um, camarada diretor? Mais? Não recordo os números exatos, mas decerto a vantagem em poder

humano é decisiva, o que garantiria a conquista direta, ao menos, uma grande influência política. Isso bastaria para conferir à União Republicana do Islã um imenso poder econômico, a capacidade de sufocar o suprimento, energético ao Ocidente e à Ásia.

Bondarenko fez uma pausa e prosseguiu: — Agora, quanto ao Turcomenistão... Se isto, como suspeita, não for uma coincidência, então podemos concluir que o Irã também tenciona mover-se para o norte, talvez visando o Azerbaijão — seu dedo tracejou uma linha no mapa —, o Uzbequistão, o Tadjiquistão e pelo menos parte do Cazaquistão. Isso triplicaria sua população e somaria uma base de recursos significativa à URI. Podemos presumir que em seguida a URI absorveria o Afeganistão e o Paquistão. Assim, teremos uma nação nova, estendendo-se do Mar Vermelho até o Hindu Kush... nyet, mais provável, do mar Vermelho até a China, então nossa fronteira sul estará completamente alinhada com nações hostis.

Olhou para cima.

— Isto é muito pior do que eu estava esperando, Sergey Nikolayevitch — concluiu com tom sereno. — Sabemos que os chineses cobiçam o que temos a leste. Este novo Estado ameaça os nossos campos petrolíferos no sul, na Transcaucásia. Eu não posso defender nossa fronteira. Meu Deus, comparada a isso, a defesa contra Hitler foi brincadeira de criança.

Golovko estava do outro lado da mesa do mapa. Chamara Bondarenko por um motivo. A liderança do Exército de seu país era composta de remanescentes de uma era anterior, e eles estavam finalmente morrendo. Gennady Iosefovich era um dos membros da nova geração, testado em batalha na desafortunada Guerra Afegã, velho o bastante para saber na carne o que era um conflito — perversamente, isso tornava-o e aos seus pares àqueles que os substituiriam em breve —, e jovem a ponto de não carregar a carga ideológica da geração anterior.

Não um pessimista, mas um otimista disposto a conviver com o Ocidente, onde acabara de passar um mês com diversos exércitos da OTAN, avaliando tudo que podia, especialmente com os americanos. Mas Bondarenko estava olhando alarmado para o mapa.

— Quanto tempo? — perguntou o general. — Quanto tempo levarão para estabelecer o novo Estado? Golovko deu de ombros.

— Quem pode dizer? Três anos, dois na pior das hipóteses. Na melhor das hipóteses, cinco anos.

— Dê-me cinco anos e a capacidade de reconstruir o poderio militar de nossa nação e poderemos... provavelmente... não. — Bondarenko balançou a cabeça. — Não posso dar-lhe garantias. O governo não me dará o dinheiro e os recursos de que precisarei. Não dispomos do dinheiro necessário.

— O que significa... — o general levantou os olhos para fitar o diretor.

— Que eu preferiria ser oficial de operações do outro lado. A leste temos montanhas para defender, e isso é bom, mas temos apenas duas linhas de trem para apoio logístico, e isso não é tão bom. No centro... e se eles absorverem todo o Cazaquistão? — Cutucou o mapa. — Veja só o quanto isso os coloca perto de Moscou. E quanto às alianças? Com a Ucrânia, talvez? E quanto à Turquia?

E quanto à Síria? Todo o Oriente Médio terá de fazer acordos com esse novo Estado... E nós perderemos, camarada diretor. Podemos ameaçar usar armas nucleares... mas que bem isso nos trará? A China pode se dar o luxo de perder quinhentos milhões de habitantes e ainda assim superar-nos numericamente. A economia deles cresce a cada dia enquanto a nossa continua estagnada. Eles podem comprar armas do Ocidente, ou melhor ainda, podem comprar os projetos e fabricá-las em seu próprio território. Nosso uso de armas nucleares é perigoso, tanto em nível tático quanto estratégico, e há a dimensão política que deixarei a seu cargo. Militarmente, estaremos em desvantagem numérica em todas as categorias relevantes. O inimigo terá superioridade em termos de armas, poder humano e localização geográfica. Sua capacidade de cortar o suprimento petrolífero para o resto do mundo limita nossa esperança de assegurar ajuda estrangeira — considerando que qualquer nação ocidental terá o desejo de fazer isso. O que você me mostrou é a destruição potencial do nosso país.

O fato de Bondarenko ter dito isso com calma era o fato mais perturbador de todos. Bondarenko não era um alarmista. Estava apenas expondo objetivamente um fato.

— E quanto às possibilidades de prevenção?

— Não podemos permitir a perda das repúblicas do sul, não ao mesmo tempo. Então, como assumiremos o controle do Turcomenistão? Combater a campanha de guerrilha que resultaria certamente? Nosso exército não está em forma para travar esse tipo de guerra. Não estamos em condição de travar uma única guerra, e não será apenas uma, será?

O predecessor de Bondarenko fora demitido devido ao fracasso do Exército Vermelho — o termo e a noção estavam custando a morrer — em lidar com eficácia com a Chechênia. O que deveria ter sido um esforço relativamente simples de pacificação anunciara ao mundo que o Exército russo não passava de uma sombra do que fora havia apenas alguns anos.

Ambos sabiam que a União Soviética operara no princípio do medo. O medo da KGB mantivera os cidadãos na linha. E o medo do que o Exército Vermelho poderia e iria fazer com qualquer rebelião sistemática preveniria perturbações políticas em larga escala. Mas o que acontecia quando o medo acabava? O fracasso soviético em pacificar o Afeganistão, apesar das medidas mais brutais imagináveis, fora um sinal para as repúblicas muçulmanas de que seu medo era infundado. Agora a União Soviética desaparecera, e o que restava era uma mera sombra. E agora essa sombra seria ofuscada por um sol mais brilhante ao sul. Golovko podia ver isso no rosto de seu visitante. Seu país não tinha o poder do qual precisava. A Rússia ainda conseguia impor respeito no Ocidente — os ocidentais não tinham esquecido do Pacto de Varsóvia, e nem se livrado do espectro do imenso Exército Vermelho, pronto para marchar até a baía de Biscaia —, mas o mesmo não acontecia em outras partes do mundo. A Europa Ocidental e a América ainda lembravam-se do punho de ferro que tinham visto, mas jamais sentido. Porém os países que tinham sentido esse punho de ferro perceberam assim que seu aperto suavizou. E esses países sabiam o significado de um punho flácido.

— De que você irá precisar?

— Tempo e dinheiro. Apoio político para reconstruir nosso exército. Ajuda do ocidente.

O general ainda fitava o mapa. Sentiu-se como o herdeiro de uma família capitalista poderosa. O patriarca morreu, e quando o herdeiro reclamou a fortuna que era sua por direito, descobriu que tudo havia sumido e só restavam dívidas. O general voltara dos EUA animado, sentindo que encontrara o caminho, vira o futuro, descobrira uma forma de proteger seu país e fazer isso da forma adequada, com um exército profissional composto de especialistas veteranos, unidos por um espírito de equipe, guardiães e servos orgulhosos de uma nação livre, a forma como o Exército Vermelho marchara até Berlim. Mas seriam necessários anos para construir esse exército. Conforme estava... se Golovko estava certo, então o máximo que podia esperar era que sua nação iria resistir como fizera em 1941, trocar espaço por tempo e contra-atacar como fizera em 1942-43. O general disse a si mesmo que ninguém podia prever o futuro; nenhum homem tinha esse dom. E talvez isso fosse bom, porque o passado, que todos os homens conheciam, raramente se repetia. A Rússia tivera sorte contra os fascistas. Mas não se podia confiar na sorte.

Podia-se confiar num adversário astuto e imprevisível. Outras pessoas podiam olhar para um mapa, como ele estava fazendo, e ver as distâncias e os obstáculos, discernir a Correlação de forças, e saber que o curinga estava em outro baralho, no outro lado da mesa. A fórmula clássica era primeiro aleijar o forte, depois esmagar o fraco e então voltar a enfrentar o forte na hora mais adequada. Sabendo disso, Bondarenko não podia fazer nada a respeito. Ele era o fraco. Ele tinha seus problemas. Suas nações não podiam contar com amigos, apenas com os que ela se esforçara tanto para criar.

Saleh nunca conhecera uma agonia tão grande. Já vira agonia, e já a infligira dor — fizera parte do

serviço de segurança de seu país — mas nada dessa magnitude, fora tão ruim. Era como se estivesse pagando agora por tudo que fizera... ao mesmo tempo. Sentia dor em cada centímetro de seu corpo. Seu vigor era formidável, seus músculos eram rijos, sua força de vontade excepcional. Mas não agora. Agora cada grama de tecido doía, e quando se moveu ligeiramente para amenizar a dor numa região, tudo que conseguiu foi sentir uma pontada terrível noutra. A dor era tão grande que embotava o medo pelo que a estava causando.

Mas esse não era o caso do médico. Ian MacGregor estava usando vestes cirúrgicas completas, máscara no rosto, mas apenas toda a sua concentração impedia que as mãos enluvadas tremessem. Acabara de extrair sangue, e nunca em toda sua vida o fizera com tanto zelo, nem mesmo ao tratar pacientes aidéticos. Dois auxiliares de enfermagem fortes seguraram cada braço do paciente enquanto tirava as amostras. MacGregor nunca presenciara um caso de febre hemorrágica. Para ele, até então a febre hemorrágica nada mais fora do que uma citação num livro didático, ou um artigo do Lancet. Uma coisa intelectualmente interessante e ligeiramente assustadora, como o câncer, como outras doenças africanas, mas estava acontecendo bem na sua frente.

— Saleh? — disse o médico.

— ...sim. — Uma palavra, um arfar.

— Como veio para cá? Preciso saber para ajudá-lo.

Não houve hesitação, nenhuma consideração por segredos ou segurança.

Parou apenas para respirar ao convocar a energia para responder à pergunta.

— De Bagdá. Avião — acrescentou sem necessidade.

— E a África? Visitou a África recentemente?

— Nunca antes. — A cabeça virou para a esquerda e para a direita não mais que um centímetro, olhos cerrados. O paciente tentava ser corajoso, e estava conseguindo. Primeira vez na África.

— Manteve relações sexuais recentemente? Mais ou menos na última semana? — esclareceu MacGregor.

Parecia uma pergunta muito cruel. Teoricamente era possível contrair doenças desse tipo mediante contato sexual. Talvez uma prostituta daquela mesma cidade? Talvez houvesse outro caso dessa doença em outro hospital local e estivesse sendo mantida em segredo.

Demorou um momento até o homem entender o que o médico estava perguntando. Balançou novamente a cabeça.

— Não. Nada de mulheres há muito tempo.

MacGregor pôde ler no rosto do homem: Nunca mais, não para mim...

— Algum sangue recentemente? Quero dizer, doaram-lhe sangue?

— Não.

— Esteve em contato com alguém que viajou para algum lugar?

— Não, apenas Bagdá, apenas Bagdá. Sou segurança do meu general. Fico com ele o tempo todo. Com mais ninguém.

— Obrigado. Vamos lhe dar alguma coisa para a dor. Vamos lhe dar também um pouco de sangue e tentar esfriá-lo com gelo. Voltarei daqui a pouco.

O paciente assentiu, e o médico saiu da sala, segurando os tubos cheios de sangue com suas mãos enluvadas.

— Merda — resmungou MacGregor.

Enquanto as enfermeiras e os auxiliares de enfermagem faziam seu trabalho, MacGregor dedicava-se ao seu. Dividiu uma das amostras de sangue em duas, empacotou ambas com o máximo de cuidado, endereçando uma para Paris e o Instituto Pasteur, e a outra para o Centro de Controle e Prevenção de Doenças em Atlanta. Iriam por via aérea. Enquanto o resto seguia para seu técnico-chefe, um sudanês competente, o médico rascunhou um fax. O texto comunicaria um possível caso de febre hemorrágica,

indicando país, cidade e hospital... mas primeiro... Pegou o telefone e discou o número de seu contato no departamento de saúde do governo.

— Aqui? — disse o médico do governo. — Em Cartum? Tem certeza? De onde é o paciente?

— Está correto — replicou MacGregor. — O paciente diz que veio para cá do Iraque.

— Iraque? Por que essa doença viria de lá? Já testou com os anticorpos apropriados? — inquiriu o funcionário público.

— O teste está sendo realizado agora mesmo — disse o escocês ao africano.

— Quanto tempo vai levar?

— Uma hora. — Antes que você faça qualquer notificação, deixe-me passar aí para ver o caso — instruiu o funcionário público.

Para supervisionar o caso, foi o que o homem quis dizer. MacGregor fechou os olhos e apertou o telefone como se quisesse esganá-lo. Esse suposto médico era um indicado do governo, filho de um ministro, e o melhor que podia ser dito a respeito desse seu colega de profissão era que, sentado em seu gabinete suntuoso, ele pelo menos não punha em risco a vida de pacientes.

MacGregor teve de fazer força para manter a raiva sob Controle. Era assim em toda a África. Os governos sempre pareciam interessados em proteger sua indústria turística — algo do qual o Sudão carecia completamente, exceto por alguns escavações de antropólogos em busca do homem primitivo ao sul, perto da fronteira com a Etiópia. Mas era sempre assim que as coisas aconteciam no Continente Negro. Os departamentos de saúde negavam tudo, motivo pelo qual a AIDS estava tão descontrolada na África Central. Eles sempre negavam e negavam. Até quando continuariam fingindo? Até o percentual de mortos de suas populações alcançarem os dez por cento? Trinta? Cinquenta? Mas todos tinham medo de criticar os governos africanos e seus burocratas. Aqui era muito fácil ser chamado de racista. Assim, o melhor era ficar calado e deixar as pessoas mentirem.

— Doutor, tenho confiança em meu diagnóstico — persistiu MacGregor. — E tenho o dever profissional de...

— Seu dever pode esperar até que eu chegue aí — foi a resposta. MacGregor sabia que esse era simplesmente o estilo africano, e não havia motivo para lutar contra ele. Impossível vencer essa batalha. O departamento sudanês de saúde cancelaria seu visto numa questão de minutos, e então quem trataria de seus pacientes?

— Muito bem, doutor. Por favor, venha o mais rápido possível.

— Tenho algumas coisas para fazer, mas irei assim que puder. — Isso poderia significar um dia inteiro, e ambos sabiam disso. — O paciente está isolado?

— Todas as precauções foram tomadas — assegurou-lhe MacGregor.

— Você é um bom médico, Ian, e sei que posso confiar em você para providenciar nada sério aconteça. — A linha foi desligada. Ian mal recolocara o telefone no gancho quando o instrumento tocou novamente.

— Alô?

— Doutor, por favor, venha ao quarto 22 — disse-lhe a voz de uma enfermeira.

Estava lá em três minutos. Era Sohaila. Um auxiliar de enfermagem estava esvaziando um vomitório. Havia sangue nele. MacGregor lembrou que ela também chegara ali vinda do Iraque.

Meu Deus, pensou.

— Nenhum de vocês tem nada a temer.

As palavras eram um pouco reconfortantes, embora não tanto quanto os membros do Conselho Revolucionário teriam gostado. Os mulas iranianos provavelmente estavam dizendo a verdade, mas os coronéis e generais em torno da mesa tinham combatido o Irã como capitães e majores, e ninguém esquece seus inimigos de campo de batalha.

— Precisamos que vocês assumam o controle do exército do seu país — disse o mais graduado. — Como resultado da sua cooperação, serão mantidos em seus postos. Exigimos apenas que jurem sua lealdade ao seu novo governo em nome de Deus.

Todos os oficiais sabiam que sua situação não seria tão tranquila assim.

Seriam observados atentamente. Se pisassem em falso, seriam fuzilados. Mas não tinham mais opções, exceto talvez ser fuzilados naquela mesma tarde.

Execução sumária não era um procedimento incomum no Irã ou no Iraque, sendo uma forma eficaz de lidar com dissidentes, reais ou imaginários, em ambos os países.

Havia duas formas de encarar a situação; tudo dependia de que lado você se encontrava. Para o Irã, aquela era uma forma rápida, eficaz e definitiva de ajustar as coisas em seu favor. Para o lado dos iraquianos, aquilo era injusto como uma queda de helicóptero; apenas o tempo suficiente para o seu espírito gritar Não! antes que o choque abrupto apagasse a surpresa e a indignação.

Exceto que neste caso eles realmente tinham uma espécie de escolha. Morte certa agora, ou chance de morrer depois. Os generais remanescentes do Exército iraquiano trocaram olhares furtivos. Eles não estavam controlando o Exército de seu país. O Exército e os soldados estavam ao lado do povo ou dos oficiais de suas companhias. O povo estava satisfeito em ter comida farta pela primeira em quase uma década. Os oficiais de companhia estavam igualmente satisfeitos, vendo um novo dia nascer para seu país. O rompimento com o antigo regime estava completo. Era agora apenas uma lembrança ruim, e não havia como retornar a ele. Os homens na sala só poderiam restabelecer o controle através de seus ex-inimigos, os oficiais que estavam sentados do outro lado da mesa com os sorrisos serenos que acompanhavam a vitória e o fato de ter vidas em suas mãos como um homem comum teria dinheiro trocado. Na verdade, os generais não tinham nenhuma escolha.

O líder titular do conselho assentiu sua submissão, imitado segundos depois por todos os outros. Com esse gesto, a identidade do país desmanchou-se na História.

A partir daí, tudo se resumia a fazer algumas ligações telefônicas.

A única surpresa foi os eventos não terem sido exibidos ao vivo pela televisão iraquiana. Dessa vez, os postos de escuta em STORM TRACK e PALM BOWL foram deixados pura trás por analistas em outra parte. As câmeras de TV iraquianas estavam a postos e transmitiram as imagens via satélite para as emissoras, para transmissão posterior.

Os primeiros iranianos a atravessar a fronteira chegaram em unidades motorizadas percorrendo as estradas em silêncio, evitando transmissões por rádio. Era dia claro, e as imagens foram interceptadas por dois satélites KH-11

que transmitiram seus sinais para aeronaves de comunicação, sendo dali enviados para os pontos de recepção. Os mais próximos de Washington ficavam em Forte Belvoir.

— Alô — disse Ryan, levantando o telefone até sua orelha.

— Quem fala é Ben Goodley, presidente. Está acontecendo agora. Tropas iranianas estão cruzando a fronteira sem oposição que possamos ver.

— Alguma declaração?

— Nada ainda. Parece que querem estar com tudo sob controle primeiro.

Jack checou as horas.

— Certo, trataremos disso na reunião de amanhã de manhã. — Não havia motivo para arruinar seu sono. Havia pessoas que passariam a noite trabalhando por ele, disse Ryan a si próprio. Ele mesmo já fizera isso.

— Sim, senhor.

Ryan colocou o telefone no gancho e preparou-se para voltar a dormir.

Essa era uma habilidade presidencial que estava começando a dominar.

Enquanto adormecia, Ryan pensou que talvez conseguisse até aprender a jogar golfe durante uma crise... isso não.

Adequadamente, foi um dos pederastas. Ele vinha cuidando de um colega criminoso — esse, um assassino — e, a julgar pelos videoteipes, estava fazendo um bom trabalho, o que acelerara o processo.

Moudi tivera o cuidado de mandar os auxiliares de enfermagem supervisionarem rigorosamente os novos recrutas. Eles vinham tomando as precauções habituais, usando luvas, lavando-se cuidadosamente, mantendo o quarto limpo, limpando com o esfregão os fluidos. Esta última tarefa tornava-se cada vez mais difícil com a progressão do progresso da doença no primeiro grupo de cobaias expostas. Seus gemidos coletivos eram captados pelo microfone com clareza suficiente para que Moudi entendesse o que estava-se passando, particularmente com a ausência de analgésicos — uma violação das leis muçulmanas de piedade, que ele preferira ignorar. O segundo grupo de cobaias estava fazendo o que lhe fora mandado, mas não tinham recebido máscaras, e havia um motivo para isso.

O pederasta era um jovem, talvez no começo da casa dos vinte, e fora surpreendentemente atencioso com seu paciente. Se fora movido por piedade pela dor do assassino ou pela intenção de parecer merecedor de complacência, não fazia a menor diferença. Moudi aproximou a imagem da câmera. A pele do homem estava seca e enrubescida, seus movimentos lentos e doloridos. O médico pegou o telefone. Um minuto depois, um dos médicos militares entrou em quadro. Falou rapidamente com o pederasta e enfiou o termômetro em seu ouvido antes de sair da sala e se dirigir a um telefone de corredor.

— Cobaia Oito está com uma temperatura de trinta e nove ponto dois e reporta fadiga e dores nas extremidades. Seus olhos estão vermelhos e inchados — relatou bruscamente o médico. Era natural que os médicos não sentissem por qualquer uma dessas cobaias o mesmo grau de empatia que haviam nutrido pela irmã Jean Baptiste. Embora ela tivesse sido uma infiel, ao menos fora uma mulher virtuosa. Esse não era o caso de nenhum dos homens na sala, o que tornava as coisas mais fáceis para todo mundo.

— Obrigado.

Então era verdade, disse Moudi a si mesmo. A cepa Mayinga era realmente transmitida pelo ar. Para constatar se ela se transmitia plenamente seria preciso apenas esperar mais um pouco e ver se essa nova vítima morreria. Quando metade do segundo grupo exibisse os sintomas, eles seriam removidos para uma sala de tratamento específica, e as cobaias do primeiro grupo — todas sofrendo com o Ebola — seriam eliminadas medicamente.

O diretor ficaria satisfeito, pensou Moudi. O último passo no experimento fora tão bem-sucedido quanto os anteriores. Agora estavam cada vez mais convictos de que tinham nas mãos a arma mais poderosa já usada pelo homem.

O que é maravilhoso comentou o médico para si mesmo.

O voo era sempre mais fácil na volta. Astro de Cinema caminhou através do detector de metais, parou, deixou que a varinha mágica fosse manejada sobre seu corpo, resultando no constrangimento usual devido à sua caneta-tinteiro de ouro, e então caminhou até a sala de espera da primeira classe, sem sequer olhar para o policial que o teria detido imediatamente se fizesse a menor ideia de quem ele era. Mas ele nem imaginava quem Astro de Cinema era, e portanto não fez nada. Dentro de sua valise de viagem havia uma prancheta com capa de couro, mas ele ainda não a usara. O voo foi anunciado na hora certa. Astro de Cinema subiu a bordo e encontrou rápido sua poltrona na dianteira do 747. Só a metade dos lugares estava ocupada, e isso tornava as coisas muito convenientes. A aeronave mal havia decolado quando ele tirou sua prancheta e começou a registrar no bloco todas as coisas que ainda não arriscara colocar no papel. Como de praxe, sua memória fotográfica ajudou, e ele trabalhou por três horas sólidas até que, sobrevoando o Atlântico, sucumbiu à necessidade de dormir. Suspeitava de que precisaria do sono. Tinha razão.

Tribunal Lotado

Kealty sabia que aquele poderia ser seu último cartucho, mais uma vez usando em sua mente uma metáfora para armas de fogo. Ele nunca percebia a ironia, tinha coisas mais importantes para fazer. Passara a noite anterior convocando seus últimos contatos na imprensa — aqueles em quem poderia confiar. Os outros ou tinham lhe virado as costas, ou pelo menos mantido uma distância discreta devido à incerteza. Mas não fora difícil obter a atenção da maioria. Eles tinham sido atraídos à reunião de duas horas de duração, começando a meia-noite, por algumas palavras e frases escolhidas cuidadosamente para excitar suas sensibilidades profissionais. Depois disso, tudo que Kealty precisara fazer fora estabelecer as regras. O encontro deveria ficar em segredo. Nada do que seria dito ali poderia ser usado como declarações. Os jornalistas concordaram, claro.

— É muito perturbador. O FBI submeteu todo o andar superior do Departamento a testes com o detector de mentira — disse-lhes. Aquilo era uma coisa sobre a qual tinham ouvido, mas que ainda não haviam conseguido confirmar. Isso contaria como confirmação. — Porém, o mais perturbador de tudo são as políticas que estamos vendo. Montar a defesa com esse tal de Bretano, um sujeito que cresceu dentro da indústria Militar! Ele diz que quer eliminar todas as garantias dentro do sistema de aquisições, que quer extinguir a supervisão do congresso. E George Winston, o que ele quer fazer? Afundar o sistema de impostos, torná-lo mais condescendente, liberar completamente os ganhos de capital... e porquê? Para jogar o fardo dos impostos todo nas costas das classes médias e trabalhadoras e dar passe livre para os figurões! Depois de uma pausa, Kealty prosseguiu: — Nunca tomei esse Ryan por um profissional, por um tipo de homem competente para ocupar a presidência, mas devo confessar que eu não esperava isso. Ele é um reacionário, um conservador radical... não tenho certeza do que vocês deveriam chamá-lo.

— O senhor tem certeza sobre aquilo no Estado? — indagou o New York Times. Kealty assentiu.

— Positivo. Cem por cento. Que há com vocês, que não estão fazendo seu trabalho direito? No meio de uma crise no Oriente Médio, Ryan está fazendo o FBI incomodar homens mais importantes, tentando acusá-los de roubar uma carta que nunca existiu.

O chefe de gabinete de Kealty acrescentou, parecendo falar fora de sua deixa: — E agora temos o Washington Post prestes a veicular um material que vai canonizar Ryan.

— Espere um minuto — disse o repórter do Post, endireitando-se na cadeira.

— Isso é coisa de Bob Holtzman, não minha. Eu disse ao meu redator-chefe que essa não era uma boa ideia.

— Quem é o informante? — indagou Kealty.

— Não faço a menor ideia. Bob jamais revelaria. Você sabe disso.

— E o que Ryan está fazendo na CIA? Ele quer triplicar a Diretoria de Operações: os espões. É exatamente do que o país precisa, não é mesmo? O que Ryan está fazendo? — perguntou Kealty retoricamente. — Está fortalecendo a defesa. Está reescrevendo a legislação do imposto de renda para beneficiar os gatos gordos. E está levando a CIA de volta aos tempos da Guerra Fria.

Estamos de volta aos anos cinquenta...porquê? — inquiriu Kealty. — Por que ele está fazendo tudo isso? No que está pensando? Sou o único nesta cidade fazendo perguntas? Quando vocês vão começar a

fazer o seu trabalho? Ele está tentando sufocar o Congresso, e está conseguindo. E onde está a mídia? Quem está protegendo as pessoas lá fora?

— Do que está falando, Ed? — perguntou o Times.

O gesto de frustração foi realizado com perícia absoluta.

— Estou de pé sobre minha própria sepultura política. Não tenho nada a ganhar com isto, mas não posso ficar parado sem fazer nada. Mesmo que tenham a força de nosso governo por trás deles, simplesmente não posso deixar que Ryan e seus comparsas concentrem todo o poder numas poucas mãos, que aumentem sua capacidade em nos espionar, que moldem o sistema de impostos de forma a beneficiar as pessoas ricas que jamais pagaram o que é justo, que recompensem a indústria bélica... Que virá em seguida? O fim dos direitos civis? Ele está mandando a mulher trabalhar todos os dias de helicóptero, e vocês nem comentaram que isso jamais aconteceu antes. Estamos vivendo uma presidência imperial com a qual nem Lyndon Johnson sonhou, sem um Congresso para fazer alguma coisa a respeito. Vocês sabem quem temos no poder? — Kealty deu-lhes um momento. — Rei Jack I. Alguém devia estar preocupado com isso. Por que é que vocês e seus colegas não estão?

— Que sabe sobre o artigo de Holtzman? — quis saber o Boston Globe.

— Parece que ele tem um histórico animado na CIA. Ele matou pessoas.

— É um James Bond de araque — disse o chefe de gabinete de Kealty bem na deixa. O jornalista do Post precisou defender a honra de sua publicação: — Holtzman não diz isso. Se você está se referindo aos terroristas que...

— Não, isso não. Holtzman vai escrever sobre o caso em Moscou. Nem foi Ryan quem montou aquilo. Foi o juiz Arthur Moore, quando era diretor da CIA.

Ryan foi o homem de campo. De qualquer modo, a coisa é feia. Aquilo interferiu no funcionamento interno da antiga União Soviética, e nunca ocorreu a ninguém que talvez isso não fosse uma grande ideia... Droga, ferrar o governo de um país com dez mil ogivas apontadas para nós... e para quê? Para resgatar o chefe deles da prisão e assim podermos desmantelar um anel de espionagem dentro da CIA. Aposto que ele não disse isso a Holtzman, disse?

— Não li a matéria — admitiu o jornalista do Post. — Só ouvi algumas coisas.

Aquilo quase valeu um sorriso. As fontes de Kealty dentro do jornal eram melhores que as do principal jornalista político do veículo. O repórter do Post prosseguiu: — Certo, você diz que Ryan matou pessoas como se fosse James Bond.

Sustente isso — disse numa voz monótona.

— Lembra, há quatro anos, quando aquelas bombas na Colômbia mandaram para os ares alguns membros do cartel das drogas? — Kealty esperou que assentissem. — Foi uma operação da CIA. Ryan foi até a Colômbia... e esse foi outro ato de guerra, pessoal. Com esse, tenho notícia de dois.

Era divertido para Kealty ver que Ryan estava cavando a própria cova com tanta facilidade. O projeto PLANO AZUL dentro da CIA já estava cortando cabeças; muitos membros principais do Diretório de Informações estavam enfrentando aposentadoria compulsória ou redução de seus impérios burocráticos, e a maioria gostava de caminhar pelos corredores do poder. Era fácil para eles pensar que eram vitais para a segurança de seu país, e pensando assim, sentiam o ímpeto de fazer alguma coisa. Mais que isso. Ryan pisara em muitos calos burocráticos em Langley, e agora era a hora da Vingança. O fato de que Ryan agora ocupava um cargo mais elevado não fora empecilho; enfim, as fontes tinham falado com o ex-vice dos Estados Unidos, talvez até com o presidente verdadeiro. Além disso, tinham falado com Kealty, e não com a mídia, o que configuraria um vazamento de informações vitais para a segurança nacional, sendo, portanto, contra a lei.

— Quanto você está certo sobre isso? — indagou o Globe.

— Tenho datas. Lembram quando o almirante James Greer morreu? Ele foi o mentor de Ryan. Ele provavelmente maquinou a operação em seu leito de morte. Ryan não compareceu ao funeral. Ele estava

na Colômbia na época. Isso é um fato, e vocês podem checar — insistiu Kealty. — Provavelmente foi o motivo que levou James Cutter a cometer suicídio...

— Pensei que aquilo tinha sido um acidente — disse o Times. — Ele estava fazendo cooper e...

— E simplesmente ficou na frente de um ônibus? Olhe, não estou dizendo que Cutter foi assassinado. Estou dizendo que ele estava implicado na operação ilegal que Ryan realizava, e não teve coragem de dançar conforme a música.

Isso concedeu a Jack Ryan a oportunidade de cobrir seu rastro.

Kealty concluiu: — Sabem, eu subestimei esse tal Ryan. Ele é o maior agente que esta cidade conheceu desde Allen Dulles, talvez desde Bill Donovan... mas a época para esse tipo de coisa já passou. Não precisamos de uma CIA com seu quadro de espões triplicado. Não precisamos de mais dólares para a defesa. Não precisamos replanejar a legislação do imposto de renda para proteger os milionários que estão bancando Ryan. Com toda certeza, não precisamos de um presidente que acha que a década de cinquenta foi maravilhosa. Não podemos permitir que ele continue fazendo essas coisas com nosso país. Eu não sei... — Outro gesto de frustração. — Talvez eu deva continuar sozinho nesta história.

Eu... Eu sei que vocês não esquecem aquele tipo de coisa... talvez eu não... talvez eu seja o cara certo para isto... Fiz algumas coisas horríveis. Traí minha esposa. O povo americano merece alguém melhor que eu para fazer o que é certo... mas sou tudo que o povo tem neste momento, e não posso... não posso faltar com a confiança que o povo depositou em mim, custe o que custar. Ryan não é o presidente dos Estados Unidos. Ele sabe disso. Por que outro motivo estaria querendo mudar tantas coisas tão depressa? Por que está tentando induzir políticos importantes a mentir? Por que está criticando os direitos de aborto? Por que está deturpando a legislação do imposto de renda através de Winston, esse plutocrata? Ele está tentando comprar o que não é dele por direito. Ele vai continuar sufocando o Congresso até que os gatos gordos que o apoiam tentem elegê-lo rei ou alguma coisa assim. Quem está representando o povo neste momento?

Depois de alguns segundos, o Globe respondeu: — Simplesmente não o vejo assim, Ed. A política de Ryan é bem voltada para a direita, mas ele parece tremendamente sincero.

— Qual é a primeira regra da política? — perguntou o Times com uma risadinha. Então prosseguiu: — Eu lhe digo uma coisa: se essa história sobre a Rússia e a Colômbia for verdade... boa! Isso de ficar metendo o nariz no governo dos outros é uma política que devia ter sido esquecida na década de cinquenta. Não devíamos fazer mais isso; com toda certeza não nesse nível.

— Você nunca souberam disso por nosso intermédio e não posso revelar nossa fonte em Langley. — O chefe de gabinete distribuiu fitas cassete. — Mas aqui estão fatos verificáveis que confirmarão tudo que dissemos.

— Vai levar alguns dias — disse o San Francisco Examiner, pegando a fita e olhando para os colegas. A corrida estava começando. Cada jornalista na sala iria querer ser o primeiro a dar o furo. Esse processo começaria quando tocassem as fitas em seus carros durante o trajeto para suas casas, e aquele que morasse mais perto tinha vantagem.

— Cavalheiros, tudo que posso dizer é: esta é uma matéria importante, e vocês precisam dedicar a ela sua melhor conduta profissional. Não é por mim — disse Kealty. — Gostaria de poder escolher outra pessoa para fazer isso, alguém com uma ficha mais limpa... mas não posso. Não é por mim. É pelo bem do país, e isso significa que vocês precisarão jogar o mais limpo que puderem.

— Nós iremos, Ed — prometeu o Times. Ele olhou as horas. Quase três da manhã, precisaria trabalhar o dia inteiro até o fechamento às dez da noite. Até então teria de verificar e reverificar as informações, e conversar com cada um de seus editores assistentes para garantir que conseguiria a primeira página, acima da dobra. Os jornais da Costa Oeste teriam a vantagem — mais três horas devido aos seus fusos horários — mas ele sabia como chegar na frente dos outros. As xícaras de café foram

pousadas na mesa e os jornalistas se levantaram, enfiando seus minigravadores profissionais nos bolsos dos paletós, cada um deles segurando sua fita cassete na mão esquerda enquanto pescava as chaves do carro com a direita.

— Fale comigo, Ben — ordenou Jack cerca de quatro horas depois.

— Ainda nada na TV iraquiana, mas captamos material enviado por micro-ondas para transmissão posterior.

Goodley calou-se enquanto Ryan ocupava sua poltrona atrás da mesa.

Prosseguiu:

— A qualidade é ruim demais para mostrar a você, mas temos as faixas de áudio. Em todo caso, eles passaram o dia inteiro consolidando poder. Amanhã irão a público. O boca a boca já deve estar solto pelas ruas, e o material oficial será realmente endereçado ao resto do mundo.

— Espertos — observou o presidente.

— Concordo — assentiu Goodley. — Mais uma zebra. O premiê do Turcomenistão bateu as botas, supostamente num acidente de carro. Golovko telefonou para me contar, depois das cinco, acho. Ele queria que soubéssemos logo. Não anda nada feliz. Acha que os acontecimentos no Iraque e no Turcomenistão são atos da mesma peça.

— Temos alguma coisa que sustente isso? — indagou Ryan, amarrando a gravata. Era uma pergunta estúpida.

— Está brincando, Patrão? Não temos porra nenhuma, nem mesmo boatos.

Por um segundo, Jack manteve os olhos voltados para o tampo de sua mesa.

— Sabe, considerando todas as coisas que as pessoas falam sobre o quanto a CIA é mentirosa...

— Ei, eu trabalho aqui, lembra? Graças a Deus pela CNN. As boas novas são que os russos estão nos contando pelo menos parte do que sabem.

— Assustados — observou o presidente.

— Muito — concordou o agente do serviço nacional de informações.

— Certo, temos o Irã ocupando o Iraque. Temos um líder morto no Turcomenistão. Análise? — indagou Jack.

— Não vou contradizer Golovko desta vez. Com toda certeza, ele tem agentes no ml, e parece que está na mesma situação que a gente. Pode assistir e se preocupar, mas u dispõe de nenhuma possibilidade operacional. Talvez seja uma coincidência, mas os militares não podem se dar ao luxo de acreditar no acaso. E posso garantir que Sergey não acredita. Ele acha que tudo faz parte de um complô. Creio que há uma possibilidade concreta de que ele esteja certo.

Vou conversar com Vasco a esse respeito, também. Tudo o que ele previu está tomando forma, e está ficando um pouco assustador. Teremos notícias dos sauditas hoje.

E de Israel não muito depois, pensou Ryan.

— China? — foi a pergunta seguinte do presidente. Talvez a situação do outro lado do mundo estivesse um pouco melhor. Não estava.

— Exercício de grande escala. Combatentes de superfície e submarinos.

Nada sério ainda, mas os satélites constataram muita movimentação nas bases dos caças...

— Espere um pouco...

— Sim senhor. Se é um exercício planejado, por que eles não estavam preparados para ele? Terei uma reunião a esse respeito no Pentágono às oito e meia. O embaixador conversou um pouco com um homem do Ministério das Relações Exteriores. Segundo ele, não é nada de mais. Parece que o ministro nem sabia que ia acontecer. Treinamento de rotina.

— Treinamento de rotina o cacete.

— Talvez. Taiwan ainda está reagindo com discrição, mas eles mandarão alguns navios lá hoje,

quando for noite aqui. Estamos enviando agentes para a área. Os chineses de Taiwan estão jogando às claras, cooperando plenamente com nossos observadores em seus postos. Logo irão nos perguntar o que faremos se A ou B acontecer. Precisamos pensar sobre isso. O Pentágono disse que a República Popular da China não possui os recursos necessários para realizar uma invasão, mas foi o mesmo que disseram em 96. A Força Aérea chinesa está mais forte agora do que era. Mesmo assim, acho que tudo isso não dará em nada. Talvez seja mesmo um exercício. Talvez queiram ver como nós... ou melhor, como você reage.

— O que Adler acha?

— Ele está dizendo para ignorar. Acho que tem razão. Taiwan está agindo com discrição. Acho que devemos imitá-los. Destacaremos embarcações, especialmente submarinos, mas iremos mantê-los fora de vista. O comando do Pacífico parece ter tudo sob controle. Podemos deixar que ele conduza a operação daqui em diante?

Ryan assentiu.

— Através do secretário de Defesa, sim. Europa?

— Tudo calmo. O mesmo no nosso hemisfério. O mesmo na África. Sabe, se a China está apenas sendo um pé no saco, como sempre, então o problema real está no Golfo Pérsico... e a verdade da questão é que já estivemos lá, senhor. Demos aos sauditas nossa palavra de que não iremos abandoná-los.

Manter essa palavra será a garantia de que eles estarão ao nosso lado quando precisarmos, e fará o outro lado pensar duas vezes antes de avançar com seus planos. Eu não estou gostando do aparecimento da União Republicana do Islã, mas acho que podemos lidar com isso. O Irã está fundamentalmente instável; o povo daquele país quer liberdade, e quando sentirem o gosto dela, o país irá mudar. Podemos dar conta da situação, senhor.

Ryan sorriu e serviu-se de uma xícara de café descafeinado.

— Está ficando muito confiante, Dr. Goodley.

— Você me paga para pensar. Faz parte do trabalho dizer-lhe o que está acontecendo entre as minhas orelhas, Patrão.

— Certo, prossiga com o seu trabalho e me mantenha informado. Preciso encontrar uma forma de reconstituir a Suprema Corte hoje.

Ryan bebericou seu café e esperou Arnie entrar. Até que este trabalho não era difícil, não é mesmo? Não quando há uma boa equipe trabalhando para você.

— A alma do negócio é a sedução — disse Clark aos rostos de olhos reluzentes no auditório, rangendo os dentes ao perceber o sorriso de Ding, no fundo da sala.

O filme de treinamento que tinham acabado de assistir contara a história de seis canos importantes. Havia apenas cinco películas do filme, e esta já estava sendo rebobinada para ser levada de volta ao cofre. Ele mesmo trabalhara em dois dos casos. Um dos agentes fora executado no porão da praça Dzerjinski número 2 depois de ser delatado por um espião infiltrado da KGB em Langley.

O outro tinha agora uma fazenda a norte de New Hampshire, provavelmente ainda sonhando em voltar para casa — mas a Rússia ainda era a Rússia, e a forma estreita como sua cultura via a alta traição não fora inventada pelo regime anterior. Essas pessoas seriam órfãs para sempre... Clark virou a página e prosseguiu com suas anotações.

— Vocês irão procurar pessoas com problemas. Irão simpatizar com esses problemas. As pessoas com quem irão trabalhar não são perfeitas. Todas elas têm segredos. Alguns desses segredos irão compartilhar com vocês. Não precisam amá-las, mas precisam ser leais a elas.

Depois de uma breve pausa, prosseguiu: — Que quero dizer com sedução? Cada um nesta sala já fez

isso uma ou duas vezes, certo? Você escuta mais do que fala. Você concorda. Isso mesmo, você é mais inteligente do que o seu chefe; sei como ele é, nós temos o mesmo tipo de palerma no nosso governo. Também já tive um chefe assim. E difícil ser honesto nesse tipo de governo, não é mesmo? Você tem razão, honra é realmente importante. Quando eles dizem isso se sabe que eles querem dinheiro. Tudo bem. Eles nunca esperam tanto quanto pedem. Nosso orçamento permite pagar o quanto eles quiserem... mas o importante é fazer com que mordam a isca. Depois que perderem a virgindade, pessoal, não poderão reavê-la.

Os seus agentes, as pessoas que recrutarem, serão viciados no que fazem.

Ser espião é divertido. Eles sentirão culpa. Eles beberão. Alguns procurarão seus padres; isso já aconteceu comigo. Alguns quebrarão as regras pela primeira vez e irão concluir que elas não são importantes. Esses começarão a passar cantadas em todas as mulheres que virem pela frente e a correr todo tipo de riscos.

Lidar com agentes é uma arte. Vocês são mãe, pai, padre e professor deles.

Vocês precisam acalmá-los. Precisam aconselhá-los a cuidar de suas famílias, a não dar as costas para o inimigo, especialmente no caso dos recrutas com ideologias boas. Esses aí muitas vezes não medem os riscos. Muito desses agentes se autodestroem. Eles podem se imaginar cruzados. E poucos cruzados morrem de velhice.

Os agentes que querem ganhar dinheiro costumam ser os mais confiáveis.

Não correm muitos riscos. Cedo ou tarde, eles se aposentam para gozar a boa vida. A coisa positiva no caso dos agentes que trabalham por dinheiro é que eles querem viver para gastá-lo. Por outro lado, quando você quiser que algo seja feito às pressas, quando precisar que alguém corra um risco... bem, esteja preparado para receber seu pedido de demissão no dia seguinte. Eles não demoram a achar que já fizeram muito, e a exigir sair. Que estou dizendo a vocês? Que não há regras simples e rápidas neste negócio. Vocês tem que usar a cabeça. Precisam conhecer pessoas, saber quem elas são, como agem, como pensam. Precisam sentir uma empatia genuína por seus agentes, gostem deles ou não. Vocês não gostarão da maioria. Viram o filme. Cada um desses serviços foi real. Três desses casos terminaram com a morte de um agente. Um deles terminou com a morte de um oficial. Lembrem disso. Fez uma pausa e concluiu: — Muito bem. Vamos fazer um intervalo. A próxima aula será com o Sr.

Revell. Clark reuniu suas anotações e caminhou até o fundo da sala enquanto os treinandos absorviam as lições em silêncio.

— Puxa, Sr. C, quer dizer que a gente pode seduzir? — perguntou Ding.

— Apenas quando você é pago para isso, Domingo.

Todos no grupo dois estavam doentes agora. Era como se algum tipo de dispositivo de tempo tivesse sido acionado dentro de seus corpos. Num espaço de dez horas, todos tinham reclamado de febre e dores — sintomas da gripe.

Alguns sabiam, ou decerto suspeitavam, o que havia acontecido com eles.

Outros continuaram a ajudar os indivíduos mais doentes aos quais tinham sido designados. Alguns chamaram os médicos militares para se queixar, ou simplesmente sentaram-se no chão da sala de tratamento e não fizeram nada além de saborear sua própria doença, temendo que ela se tornasse aquilo que estavam vendo. Mais uma vez, as condições do seu aprisionamento e dieta anterior conspiraram contra eles. Os famintos e debilitados são controlados com mais facilidade que os saudáveis e bem nutridos.

O grupo original estava se deteriorando na velocidade esperada. Sua dor estava cada vez pior, ao ponto de evitarem se mexer em suas camas, porque sentiam mais dor movendo-se do que parados. Um parecia próximo à morte, e Moudi imaginou se, como ocorrera com Benedict Mkusa, o coração desta

vítima não seria anormalmente vulnerável à cepa Ebola Mayinga. Será que este subtipo da doença tinha uma afinidade com o tecido cardíaco? Essa seria uma questão teórica interessante, mas eles definitivamente tinham passado da fase teórica.

— Não ganhamos nada continuando nesta fase, Moudi — observou o diretor, parado ao lado do homem mais jovem e assistindo às imagens nos monitores de TV. — Próximo passo.

— Como quiser.

O Dr. Moudi pegou o telefone e falou durante um ou dois minutos.

Foram necessários 15 minutos para os preparativos. Então, os auxiliares de enfermagem entraram em quadro. Todos os nove membros do segundo grupo foram tirados da sala e conduzidos através de um corredor até uma segunda sala de tratamento, maior Ali, num conjunto diferente de monitores, os médicos viram cada um dos membros do segundo grupo ser acomodado numa cama.

Todos receberam um medicamento; em poucos minutos estavam dormindo. Em seguida, os médicos retornaram para o grupo original. Metade dos membros do grupo estavam acordados; os outros estavam atordoados de dor, incapazes de resistir. Os acordados foram mortos primeiro, com injeções de Dilaudid, um narcótico sintético muito poderoso, injetado na veia mais conveniente. As execuções levaram alguns minutos e foram, em retrospecto, misericordiosas. Os corpos foram colocados um a um em maças de rodas e transportados até o incinerador. Os colchões e as roupas de cama foram empilhados para serem queimados, deixando nuas as armações de metal das camas. Essas, juntamente com o restante da sala, foram borrifadas com produtos químicos cáusticos. A sala seria mantida fechada por vários dias, depois borrifada novamente. Então a atenção coletiva da equipe seria transferida para o Grupo Dois, os nove criminosos condenados que tinham provado — ou assim parecia — que o Ebola Zaire Mayinga podia ser transmitido pelo ar.

O oficial do Departamento de Saúde levou um dia inteiro para chegar. Fora retardado — assim suspeitava o Dr. MacGregor — por uma pilha de papéis em sua mesa, um bom jantar e uma noite com a mulher que apimentava sua vida cotidiana. E provavelmente a papelada ainda estava esperando em sua mesa, disse o escocês a si mesmo.

Ao menos ele estava ciente das precauções adequadas. O médico do governo não chegou exatamente a entrar no quarto; deu um passo relutante para a frente de modo a permitir que a porta pudesse ser fechada, mas não se aproximou mais do que isso, ficando parado ali, a cabeça inclinada para a frente, os olhos franzidos com o esforço, tentando observar o paciente a dois metros de distância. As luzes na sala tinham sido reduzidas para não incomodar os olhos de Saleh. Apesar disso, a descoloração de sua pele era evidente. As duas unidades de sangue “O” e o frasco de morfina diziam o resto, juntamente com o prontuário, agora nas mãos enluvadas e trêmulas do funcionário público.

— Os testes de anticorpos? — perguntou em voz baixa, tentando recompor sua dignidade.

— Deram positivo — disse MacGregor.

Ninguém sabia há quanto tempo o Ebola existia, quantas aldeias no meio da selva africana tinham sido exterminadas cem anos antes, mas a primeira epidemia documentada de Ebola alastrara-se pela equipe do hospital com velocidade assustadora. Os funcionários que não tinham sido contaminados fugiram do hospital em pânico. Perversamente, isso ajudara a findar a epidemia com mais rapidez do que teria acontecido se o tratamento contínuo houvesse sido mantido — as vítimas morreram, e ninguém chegou perto delas o bastante para contrair o vírus. Os médicos africanos agora sabiam quais precauções tomar. Todos trabalhavam mascarados e enluvados, e os procedimentos de desinfecção eram realizados impiedosamente. Por mais desleixados que fossem os profissionais de saúde africanos, esta era uma lição que eles agora sabiam de cor; com esse sentimento de segurança estabelecido, eles faziam o melhor que podiam, como seus colegas do resto do mundo.

No caso deste paciente, todos os tratamentos seriam inúteis. O prontuário também mostrava isso.

— Do Iraque? — indagou o funcionário público.

O Dr. MacGregor assentiu.

— Foi o que ele me disse.

— Preciso checar com as autoridades responsáveis.

— Doutor, tenho um relatório para fazer — insistiu MacGregor. — Possivelmente temos nas mãos um caso de epidemia e...

— Não. — O funcionário público balançou a cabeça. — Não até descobrirmos mais. Quando fizermos o relatório, se fizermos, precisaremos reunir todas as informações necessárias para que o alerta seja útil.

— Mas...

— Mas isto é responsabilidade minha, e é meu dever providenciar para que a responsabilidade seja executada a contento. — Ele apontou para o prontuário do paciente. Sua mão não estava tremendo agora que estabelecera seu poder sobre o caso. — Ele tem família? Quem pode nos dizer mais a respeito dele?

— Não sei.

— Deixe-me checar isso — disse o médico do governo. — Mande seu pessoal fazer cópias de todos os registros e mandá-las para mim imediatamente.

Tendo dado uma ordem dura, o representante do Departamento de Saúde sentiu ter cumprido seu dever para com sua profissão e seu país.

MacGregor assentiu, submisso. Eram momentos assim que o faziam odiar a África. Seu país chegara aqui havia mais de um século. Um escocês chamado Gordon viera ao Sudão, apaixonara-se pelo país — será que o homem era louco?

— e morrera nesta mesma cidade havia 120 anos. Depois disso, o Sudão tornara-se um protetorado britânico. Um regimento de infantaria foi criado neste país, e esse regimento lutou bem e bravamente sob as ordens dos oficiais britânicos.

Então, o Sudão retornou para os sudaneses — rápido demais, sem o tempo e o dinheiro necessários para criar a infraestrutura institucional que transformaria uma região tribal em nação viável. A mesma história se repetiu da mesma maneira por todo o continente, e o povo da África ainda estava pagando o preço por esse desserviço. Outra consequência era o fato de que os europeus não podiam falar em voz alta — exceto uns com os outros, e às vezes nem isso — sem o risco de ser chamados de racistas. Mas se ele fosse um racista, por que então teria vindo para cá?

— Você irá tê-los em duas horas.

— Muito bem.

O funcionário público caminhou até a porta. Ali a enfermeira-chefe da unidade recebeu-o para levá-lo até a área de desinfecção. Agora seria a vez do funcionário público seguir ordens como uma criança sob o olhar de uma mãe severa.

Pat Martin chegou com uma maleta cheia. Dela, retirou 14 pastas, dispondo-as sobre a mesa em ordem alfabética. As pastas estavam rotuladas A a M, porque o presidente Ryan pedira significativamente para não ser informado sobre os nomes verdadeiros daquelas pessoas.

— Sabe, eu me sentiria muito melhor se o senhor não tivesse me dado todo esse poder — confessou Martin sem olhar para cima.

— Como assim? — perguntou Jack.

— Sou apenas um promotor público. Um muito bom, claro, e agora dirijo a Divisão Criminal, e isso me agrada, mas eu...

— Como acha que eu me sinto? — inquiriu Ryan, e então abaixou a voz. — Ninguém desde Washington teve uma responsabilidade dessas nas mãos, e você acha que eu sei o que devo fazer? Merda,

não sou nem advogado para entender toda essa coisa sem uma cartilha.

Martin olhou para ele com um meio sorriso.

— Certo, mereci isso.

Ryan tinha estabelecido o critério. À sua frente estava uma seleção dos principais juízes em atividade nos Estados Unidos. Cada uma das 14 pastas trazia o histórico profissional de um juiz da Corte de Apelação dos Estados Unidos, indo desde um em Boston até outro em Seattle. O presidente dissera a Martin para mandar seu pessoal selecionar juízes com pelo menos dez anos de experiência, com não menos de cinquenta veredictos importantes (que se destacassem das questões rotineiras como decidir que lado ganhava um caso de responsabilidade legal). Além disso, nenhum desses veredictos deveria ter ido desaprovado pela Suprema Corte, ou, se uma ou duas tivessem sido desaprovadas, deveriam ter sido justificadas posteriormente por uma autoridade superior em Washington.

— Esta é uma turma e tanto — disse Martin.

— Pena de morte?

— A Constituição é bem clara quanto a isso. Lembre da Quinta Emenda. — Martin recitou-a de cabeça: — Nenhuma pessoa deve ter sua vida ou liberdade colocada em risco duas vezes pela mesma acusação; nem deve ser compelida em qualquer caso criminoso ser testemunha contra si mesma, nem privada de vida, liberdade ou propriedade por indevido processo da lei. Portanto, com o devido processo, pode-se tirar a vida de uma pessoa, mas você só pode tentar isso uma vez. Uma Corte estabeleceu o critério legal disso em diversos casos nas décadas de setenta e oitenta: — julgamento de culpa se finda por julgamento de pena, com a natureza da pena dependendo de circunstâncias especiais .

Todos esses juízes apoiaram essa regra... com umas poucas exceções. Da quinta ou a pena num caso do Mississippi tomando por base incompetência mental. A injunção foi boa, e embora o crime tenha sido bem violento, a Suprema Corte confirmou veredicto sem comentários ou audições. Senhor, o problema com o sistema é um que ninguém pode realmente consertar. É apenas a natureza da lei.

Vários princípios legais 10 baseados em veredictos de casos incomuns. Há um ditado que reza que os casos forcem a lei a ser falha. Como aquele caso na Inglaterra, lembra? Dois meninos mataram um garoto mais novo. Que diabo um juiz deve fazer quando os acusados (definitivamente culpados de assassinato brutal, mas têm apenas oito anos de idade? O que o juiz pode fazer é rezar para essa batata quente cair no colo de algum colega. De algum modo, todos tentamos formar uma doutrina jurídica coesa a partir daí. Não é totalmente possível, mas fazemos do mesmo modo.

— Estou vendo que escolheu os durões, Pat. Escolheu os justos? — indagou o presidente. — Lembra do que eu disse há um minuto? Que não gosto deste tipo de poder? Eu não ousaria escolher quem não fosse justo. Por exemplo, o “E”.

Ele reverteu uma condenação que um dos meus melhores homens conseguiu tendo por base uma technicalidade. uma questão de admissibilidade... e quando fez isso, todos nós ficamos putos da vida. O acusado era culpado como o diabo, ninguém duvidava disso. Mas o juiz... mas “E” analisou os argumentos e provavelmente tomou a decisão certa, e ela hoje faz parte das linhas de orientação do FBI.

Jack olhou para as pastas. Ele teria uma semana cheia de leituras. Isto, como Arnie dissera-lhe alguns dias antes, seria seu ato mais importante como presidente. Nenhum executivo-chefe desde Washington enfrentara a necessidade de indicar uma Suprema Corte inteira; e mesmo o caso de Washington fora numa época em que o consenso nacional sobre a lei era mais firme do que o existente hoje na América. Naquela época punição cruel e incomum seria condenar alguém ao ecúleo ou à fogueira — as duas coisas tinham sido usadas na América pré-revolucionária —, mas nos últimos anos isso significava ausência de TV a cabo e negação de relações sexuais, ou simplesmente superpopulação carcerária. Se as prisões estão cheias, por que não libertar logo os criminosos perigosos para não ser cruel com eles? pensou Ryan.

Agora ele tinha o poder de mudar isso. Tudo que precisava fazer era escolher juízes que tivessem sua

mesma visão inclemente do crime, visão que ele adquirira ouvindo os desabafos ocasionais de seu pai sobre um crime particularmente vil, ou sobre algum juiz de mente estreita que jamais vira uma cena de crime, e que portanto jamais sabia realmente com o que estava lidando.

E para Ryan havia o elemento pessoal. Ele fora alvo de uma tentativa de assassinato, assim como sua esposa e filhos. Ryan sabia com o que estava lidando. Sentia-se indignado com o fato de que havia pessoas que podiam tirar uma vida com a mesma facilidade com que compravam doces na esquina, que atiravam nos outros como se fossem patos em galerias de tiros, e cujas ações exigiam punição. Lembrava de ter fitado os olhos de Sean Miller mais de uma vez e não visto nada, absolutamente nada. Nenhuma humanidade, nenhuma empatia, nenhum sentimento, nem mesmo ódio. Apenas um homem que se distanciara tanto da natureza humana que não tinha como retornar para ela.

Ryan fechou os olhos. Lembrou o momento em que estava segurando uma pistola Browning carregada, o sangue fervendo em suas veias mas suas mãos frias como gelo, o momento em que poderia ter posto fim à vida do homem que quisera tanto pôr fim à sua — e à de Cathy, Sally, e do pequeno Jack, ainda no ventre da mãe. O momento em que o fitara nos olhos e finalmente vira o medo, irrompendo através de sua casca de desumanidade... mas quantas vezes agradecera a um Deus misericordioso por ter esquecido de ter destravado o cão da arma? Não fosse por isso, ele o teria matado. Jack quisera fazer isso mais do que qualquer outra coisa em sua vida, e podia lembrar de ter apertado o gatilho, apenas para ficar surpreso quando ele não se moveu... e então o momento passou. Mas Jack lembrava de ter matado. O terrorista em Londres. Aquele no barco. O cozinheiro no submarino. Certamente matara outros — naquela noite horrível na Colômbia que lhe causara pesadelos por tantos anos. Mas o caso de Sean Miller fora diferente. No caso de Miller matá-lo não tinha sido uma necessidade. Para Jack tinha sido uma espécie de justiça; Miller estava à sua frente, e Jack era a Lei, e por Deus, como ele quisera tirar aquela vida inútil!

Mas ele não a tirara. A Lei que pusera fim à vida daquele terrorista e de seus colegas fora fria e imparcial... como devia ser a lei. Era por essa razão que Jack precisava selecionar as melhores pessoas para repovoar a corte, porque as decisões que teriam de tomar não diriam respeito a um homem enfurecido tentando vingar e proteger a família. A lei, afinal, era para todos, e portanto não podia dizer respeito a decisões pessoais. Esta coisa que as pessoas chamavam de civilização dizia respeito a alguma coisa superior à mera paixão de um homem. Precisava ser assim. O dever de Jack era garantir que a lei fosse justa, e a forma de fazer isso seria escolhendo as pessoas certas.

— Sim — disse Martin, lendo o rosto do presidente. — Uma tremenda responsabilidade, não é mesmo?

— Espere um pouco. — Jack se levantou e caminhou até a porta para a sala de secretariado. — Qual de vocês fuma? — perguntou.

— Eu — disse Ellen Sumter. Tinha a idade de Jack, e provavelmente estava tentando largar o vício, como todos os fumantes dessa idade ao menos alegavam. Sem nenhuma pergunta, entregou ao presidente um Virgínia Slim — o mesmo que a tripulante do avião dera-lhe, percebeu Jack — e um isqueiro a gás.

O presidente balançou a cabeça em sinal de agradecimento e retornou ao escritório, acendendo o cigarro. Antes que pudesse fechar a porta, a Sra. Sumter correu para acompanhá-lo com um isqueiro tirado de i gaveta.

Sentando-se, Ryan deu uma tragada longa, olhos fixos no tapete ornamentado com o Selo do presidente dos Estados Unidos, embora estivesse parcialmente coberto com a mobília. Perguntou em tom calmo: — Mas quem foi que decidiu que um homem só deveria ter tanto poder? O que eu estou fazendo aqui...

— Sim, senhor — disse Martin. — E mais ou menos como fez James Madison, não é? Escolher pessoas que decidirão o que a Constituição realmente significa.

Todos estão no final da casa dos quarenta ou dos cinquenta, e portanto ficarão aqui por um bom

tempo. Anime-se. Pelo menos para você isto não é um jogo.

Pelo menos o senhor está agindo da forma certa. Não está escolhendo mulheres porque são mulheres, ou negros porque são negros. Eu lhe dei uma boa mistura, diferentes cores e banheiros, mas todos Os nomes foram codificados. Não será capaz de saber quem é quem, a não ser que tenha acompanhado os casos, o que provavelmente não fez. Eu lhe dou minha palavra, senhor, que eles são bons.

Passei um bom tempo fazendo a lista. As suas linhas de orientação me guiaram, e com toda certeza foram excelentes linhas de orientação. As pessoas que estão ali pensam da mesma forma que o senhor. Pessoas que gostam de poder me assustam.

Os bons refletem muito sobre o que fazem antes de escolher juízes de verdade que darão alguns veredictos realmente difíceis. Bem, leia seus veredictos. O senhor verá o quanto eles levam a sério o que fazem.

Outra tragada. Ryan tamborilou os dedos sobre as pastas.

— Não conheço a lei bem o bastante para compreender tudo que está aí dentro. A única coisa que sei sobre a lei é que não se deve infringi-la.

Martin sorriu ao ouvir isso.

— Não é um lugar ruim para começar, se você pensar bem.

Martin não precisava explicar-se. Nem todos os ocupantes deste gabinete tinham pensado dessa forma. Os dois homens sabiam disso, mas não era o tipo de coisa que se dizia para o presidente dos Estados Unidos.

— Eu sei do que não gosto — disse o presidente. — Sei que coisas gostaria de ver mudadas, mas... — Ryan levantou o rosto, olhos arregalados agora. — ... será que tenho o direito de tomar esse tipo de decisão?

— Sim, presidente, o senhor tem, porque o Senado precisa olhar sobre o seu ombro, lembra? Talvez eles discordem sobre a escolha de uma ou duas dessas pessoas. Todos esses juízes foram sondados pelo FBI. Todos são honestos.

Todos são inteligentes. Nenhum deles jamais esperou chegar à Suprema Corte que não através de uma carta requisitória. Se o senhor não gostar de nove deles, nós procuraremos mais. Nesse caso, talvez seja melhor ainda designar outra pessoa. O chefe da Divisão dos Direitos Civis também é um bom homem. Ele costuma concordar comigo às vezes, mas possui uma visão bem diferente das coisas.

Direitos civis, pensou Jack. Será que ele deveria direcionar a política governamental também nessa questão? Como ele deveria saber qual seria a forma certa de tratar pessoas que poderiam ou não ser um pouco diferentes de todas as outras? Cedo ou tarde ele perderia a capacidade de ser objetivo e suas crenças assumiriam o comando. Quando isso acontecesse ele estaria fazendo política tendo por base preconceitos pessoais? Como deveria saber o que é certo? Jesus.

Ryan deu uma última tragada e apagou o cigarro no cinzeiro, recompensado pelo prazer do vício renascido.

— Bem, acho que tenho muita leitura pela frente.

— Eu lhe ofereceria alguma ajuda, mas provavelmente será melhor se o senhor tentar fazer sozinho. Dessa forma, ninguém poluirá o processo... mais do que já fizemos, bem entendido. É bom ter isso em mente. Posso não ser a melhor pessoa para isso, mas o senhor me pediu, e foi o melhor que pude fazer.

— Suponho que seja o melhor que qualquer um de nós pode fazer — observou Ryan, fitando a pilha de pastas.

O Chefe da Divisão dos Direitos Civis do Departamento de Justiça dos Estados Unidos era um político nomeado desde a época do presidente Fowler.

Ex-advogado empresarial e lobista — o que pagava bem melhor que o posto acadêmico que tivera antes de seu primeiro cargo político —, era ativo politicamente desde antes de ser admitido na faculdade

de direito. Como acontecia com muitos ocupantes de postos oficiais, tornara-se, se não seu próprio posto, ao menos a visão que fazia dele. Detinha um eleitorado embora jamais tivesse sido eleito para nada e seu serviço ao governo houvesse sido intermitente. A carreira governamental fora uma sucessão de postos cada vez mais altos possibilitados por sua proximidade ao poder reinante nesta cidade, os almoços, as festas e as visitas oficiais realizadas enquanto estava representando pessoas das quais podia gostar ou não, porque um advogado tinha uma obrigação de servir aos interesses dos clientes — e os clientes o escolhiam, não o contrário. Frequentemente um advogado precisava dos honorários de uns poucos para servir às necessidades de muitos — que era, na verdade, sua própria filosofia de governo. Sem perceber, passara a viver a máxima de Ben Jonson que dita que Fala por meros contrários, mas ainda assim é a lei. Mas ele jamais perdera sua paixão pelos direitos civis, e nunca fizera lobby por qualquer coisa contrária à crença geral — obviamente, ninguém desde a década de 60 fazia pressão contra os direitos civis — mas ele dizia a si mesmo que isso era importante. Homem branco com posses originárias de muito antes da Guerra Revolucionária, falava em todos os fóruns pelos direitos, e com isso conquistara a admiração de pessoas cuja visão política era a mesma nutrida por ele. Dessa admiração vinha poder, e era difícil dizer que aspecto de sua vida influenciava mais o outro. Devido ao seu trabalho anterior no Departamento de Justiça ele conquistara a atenção de figuras políticas. Como fizera esse trabalho com perícia, também atraía a atenção de uma empresa política muito influente.

Ao deixar o governo para entrar nessa firma, usara seus contatos políticos para praticar sua profissão com mais eficácia; essa eficácia gerara credibilidade adicional nos mundos políticos, uma mão constantemente lavando a outra até que ele não podia mais discernir qual mão era qual. Ao longo do caminho, os casos em que trabalhava tinham se tornado sua própria identidade num processo tão gradual e aparentemente tão lógico que ele mal se dava conta do que tinha acontecido. Ele era os casos nos quais trabalhara com o passar dos anos.

E esse era o problema no exato momento. Ele conhecia e admirava Patrick Martin um talento jurídico menor que subira na Justiça trabalhando exclusivamente nas cortes. Martin jamais fora sequer um promotor público dos Estados Unidos (esses eram nomeados políticos, selecionados principalmente por senadores dos estados em que residiam), mas uma das abelhas-operárias apolíticas que faziam realmente o trabalho enquanto seus chefes escreviam discursos e galgavam os degraus do poder. O fato era que Martin era um estrategista jurídico talentoso, e melhor ainda como administrador jurídico guiando promotores jovens. Mas ele não entendia muito de política, pensou o chefe dos Direitos Civis, e por essa razão ele era o homem errado para aconselhar o presidente Ryan.

Ele tinha a lista. Um dos seus ajudara Martin a compilá-la, e os seus eram leais, pois sabiam que o melhor caminho para subir nesta cidade era entrando e saindo da política ... o que seu chefe fizera, e seu chefe podia pegar o telefone e conseguir para eles aquele um trabalho numa grande firma; assim, um dos seus entregara-lhe a lista, com os nomes não codificados.

O chefe da Divisão dos Direitos Civis precisou apenas ler os 14 nomes. Ele não precisava ler toda a papelada sobre eles. Conhecia todos. Este aqui, no Quarto Circuito em Richmond, tinha revertido um veredicto da corte inferior e escrito uma opinião longa questionando constitucionalidade da ação afirmativa — um discurso muito bom, que persuadira a Suprema Corte numa acirrada votação de cinco para quatro. O caso fora decidido por uma margem estreita, e a aprovação dele em Washington também fora estreita, mas o não gostava de nenhum dos tijolos nesse muro de pedras.

Aquele em Nova York afirmara a posição do governo em outra área, mas ao fazer isso limitara a aplicabilidade do princípio — e esse caso não avançara, e era lei para uma boa parte do país.

Elas eram as pessoas erradas. Sua visão do poder judiciário era limitada demais. Respeitavam demais o Congresso e as legislaturas estatais. A visão de Pat Martin da lei era diferente da sua. Martin não via que os juízes tinham o dever de consertar o que estava errado — os dois haviam debatido a questão na hora do almoço em conversas inflamadas, mas sempre respeitadas. Martin era um homem

agradável, e um debatedor tão bom que era difícil abalar sua posição, estivesse certo ou errado; embora isso fizesse dele um bom promotor, Martin simplesmente não tinha o temperamento ideal. Ele simplesmente não via a forma como as coisas deviam ser, e escolhera os juízes da mesma forma. O Senado poderia ser estúpido a ponto de aprovar as seleções, e isso não podia acontecer. Para este tipo de poder é preciso escolher pessoas que saibam como exercitá-lo da forma apropriada.

Ele realmente não tinha escolha. Dobrou a lista e colocou-a num envelope.

Enfiou o envelope no bolso do paletó e telefonou para um de seus muitos contatos. Convidou-o para almoçar.

IMPrensa

A. influência da televisão tornara-se tão poderosa que tinham planejado tudo de modo a veicular a notícia no telejornal matutino. Era assim que a realidade era definida, mudada, anunciada. Com toda certeza, um novo dia nascera. O espectador não foi deixado com a menor dúvida. Havia uma nova bandeira pendurada atrás do apresentador, um campo verde, a cor do Islã, com duas pequenas estrelas douradas. Ele iniciou uma invocação do Corão, e em seguida passou aos assuntos políticos. Havia um país novo. Ele se chamava a União Republicana do Islã. Consistiria nas antigas nações de Irã e Iraque. A nação nova seria guiada pelos princípios islâmicos de paz e fraternidade. Um parlamento eleito seria formado. As eleições seriam realizadas até o final do ano, prometeu. Nesse ínterim haveria um governo revolucionário composto de figuras políticas de ambos os países, em proporção com a população, o que concedia ao Irã a mão do chicote, o anunciador não disse; não era preciso.

Não havia motivo, ele prosseguiu, para que qualquer outro país temesse a URI. A nova nação proclamava sua boa vontade para com todas as nações islâmicas, e para todas as nações que tinham relações amigáveis com os dois segmentos, antes divididos da nova pátria. O fato dessa declaração ser contraditória sob muitos aspectos não foi explorado. As outras nações do Golfo, todas islâmicas, não tinham realmente mantido relações amigáveis com nenhum dos dois associados. A eliminação das fábricas de armas iraquianas não seria interrompida, de modo que a comunidade internacional não tivesse nenhuma dúvida sobre suas intenções pacíficas. Os prisioneiros políticos seriam libertados imediatamente...

— E agora eles terão espaço para os novos — observou o major Sabah em PALM BOWL. — Então aconteceu.

Ele não precisava telefonar para ninguém. O sinal de TV estava sendo visto por todo Golfo, e em cada sala com um televisor o único rosto alegre era aquele na tela... até a CNN mudar para mostrar manifestações espontâneas nas várias mesquitas, onde as pessoas faziam suas preces matinais e saíam às ruas para demonstrar sua felicidade.

— Olá, ali — disse Jack.

Ele estivera lendo as pastas deixadas por Martin, sabendo que receberia o telefonema a qualquer momento. Mais uma vez, sofria da enxaqueca que parecia adquirir simplesmente entrando no Salão Oval. Era surpreendente que os sauditas tivessem demorado tanto a autorizar que seu príncipe ministro sem pasta telefonasse. Talvez só quisessem que tudo aquilo desaparecesse com um desejo, uma característica que não era exatamente exclusiva daquela parte do mundo.

— Sim — confirmou Ryan. — Estou assistindo à TV agora.

No fundo da tela, como as legendas para deficientes auditivos, havia uma caixa de diálogo digitada por especialistas de informações na Agência de Segurança Nacional. A retórica era um pouco floreada, mas o conteúdo era claro para todos na sala. Adler, Vasco e Goodley tinham vindo assim que os sinais haviam chegado, libertando Ryan da leitura, mas não da enxaqueca.

— Isto é muito perturbador, ainda que não surpreenda — disse o príncipe pela linha codificada.

— Não havia como impedir. Eu sei como isso lhe parece, alteza — disse o presidente em tom impaciente. Ele poderia ter tomado café, mas tinha planos de ter um pouco de sono esta noite.

— Colocaremos nosso Exército em estado de prontidão.

— Há algo que possamos fazer? — perguntou Ryan.

— Por enquanto, apenas saber se o seu apoio mudou.

— Não mudou. Eu já lhe disse antes. Nosso compromisso de segurança para com o reino permanece o mesmo. Se quiser que façamos alguma coisa para demonstrar isso, estamos preparados para tomar medidas razoáveis e apropriadas. Você...

— Não, presidente, não tenho nenhum pedido formal por ora.

Isso foi dito num tom que fez os olhos de Jack levantarem-se do fone para seus visitantes.

— Nesse caso, posso sugerir que providencie para alguns dos seus homens discutirem opções com alguns dos meus?

— É preciso ser feito com discrição. Meu governo não deseja inflamar a situação.

— Faremos o que for possível. Você pode começar falando com o almirante Jackson... ele é J-3 no...

— Sim, presidente, eu o conheci na Sala Leste. Mandarei nosso pessoal do nível de trabalho contatá-lo ainda hoje.

— Certo. Se precisar de mim, Ali, sempre estarei do outro lado do telefone.

— Obrigado, Jack. Espero que durma bem. Você irá precisar. Todos precisaremos. E a linha ficou muda. Ryan apertou o botão de desligar para ter certeza. — Opiniões?

— Ali quer que façamos alguma coisa, mas o rei ainda não decidiu — disse Adler.

— Eles tentarão estabelecer contatos com a URI. — Vasco introduziu-se na conversa. — Seu primeiro instinto será iniciar um diálogo, tentar fazer alguns negócios. Os sauditas tomarão a liderança. Acho que o Kuwait e o resto dos Estados menores irão ajudá-los a lidar com os contatos, mas saberemos disso em breve, provavelmente através do... de canais oficiais.

— Temos um bom embaixador no Kuwait? — perguntou o presidente.

— Will Bach — disse Adler, assentindo enfaticamente. — Diplomata de carreira. Bom homem. Não é realmente criativo, mas conhece bem a linguagem e a cultura, e tem montes de amigos em sua família real. Entende de comércio.

É eficiente como mediador entre nossos empresários e o governo deles.

Vasco prosseguiu: — Tem um bom chefe de missão interino ajudando-o, e todos os adidos são espiões. Bons espiões.

— Certo, Bert. — Ryan tirou os óculos de leitura, esfregou os olhos. — Diga o que vai acontecer em seguida.

— Toda a área sul do Golfo está se borrando nas calças. Esta é a realização do seu pior pesadelo.

Ryan assentiu e voltou seu olhar para Ben Goodley.

— Ben, quero a avaliação da CIA de quais são as intenções da URI, e quero que telefone para Robby e veja que tipo de opções nós temos. Ponha Tony Bretano no circuito. Ele quis ser secretário da Defesa, e eu quero que ele comece a pensar sobre a parte do trabalho fora da alçada administrativa.

— O pessoal em Langley está mais perdido do que cego em tiroteio — informou Adler. — Não é culpa deles, mas é como estão.

O que significava que sua avaliação apresentaria uma variedade de opções potenciais, desde guerra nuclear — o Irã poderia possuir armas nucleares — até o Apocalipse, e três ou quatro opções entre essas duas, cada qual com sua justificativa teórica. Dessa forma, como de praxe, o presidente teria a chance de escolher a errada, e isso não seria culpa de ninguém além dele próprio.

— Sim, eu sei. Scott, veja se podemos estabelecer alguns contatos com a URI, também.

— Oferecer o ramo de oliveira?

— Você entendeu — concordou o presidente. — Todos acham que eles precisam de tempo para se consolidar antes de tentarem fazer qualquer coisa radical?

A consideração do presidente foi recebida com meneios de cabeça, mas não por todos.

— Presidente? — manifestou-se Vasco.

— Sim, Bert... a propósito, boa estimativa. Você não estava exatamente certo quanto ao momento, mas raios me partam se não estava certo o bastante.

— Obrigado, presidente. Sobre a questão da consolidação, isso diz respeito a pessoas, certo?

— Claro. — Ryan e os outros assentaram.

Consolidar um governo significava um pouco mais do que fazer as pessoas se acostumarem ao sistema e aceitá-lo.

— Senhor, veja o número de pessoas no Iraque que precisam acostumar-se a este novo governo e compare esse número à população dos Estados do Golfo. É um grande imito em termos de distância e território, mas não em termos de população — disse Vasco, lembrando-lhes que embora a Arábia Saudita fosse maior que toda a América a leste do Mississippi, tinha menos pessoas que a área metropolitana da Filadélfia.

— Eles vão fazer alguma coisa imediatamente — objetou Adler.

— Talvez. Isso depende do que você quer dizer com imediatamente, secretário.

— O Irã está envolvido com muitos problemas internos — começou a dizer Goodley. Vasco, que começava a gostar da atenção e do acesso fácil ao presidente, decidiu testar o terreno.

— Não subestime a dimensão religiosa — alertou. — Esse é um fator unificador que poderia apagar ou pelo menos suprimir os problemas internos. A bandeira deles diz isso. O nome do país diz isso. No mundo inteiro, as pessoas gostam de vencedores. Daryaei parece muito um vencedor agora, não parece? E mais uma coisa.

— Qual, Bert? — indagou Adler.

— Repararam na bandeira? As duas estrelas são muito pequenas — disse Vasco, pensativo.

— E daí? — esse era Goodley.

Ryan olhou para a TV e para o anunciador. A bandeira ainda estava ali atrás dele e...

— E daí que há espaço de sobra para outras.

Era o momento com o qual ele havia sonhado, mas a culminação de um sonho sempre é melhor que sua contemplação, porque as ovações eram reais, alcançando seus ouvidos vindas do lado de fora, não de dentro. Mahmoud Haji Daryaei chegara de avião antes do amanhecer, e com o nascer do sol adentrara a mesquita central e removera os sapatos, lavara as mãos e os antebraços, porque um homem devia aparecer limpo diante de seu Deus. Humildemente, ouvira o cântico do minarete, convocando os fiéis à oração; desta vez as pessoas não se viraram em suas camas para gozar de mais algumas horas de sono. Desta vez cruzaram vários quarteirões até a mesquita num gesto de devoção que comoveu o visitante. Daryaei não ocupou um lugar especial. A emoção devastadora do momento provocou lágrimas, que desceram por suas faces morenas e enrugadas. Daryaei cumprira a primeira de suas tarefas. Satisfizera os desejos do Profeta Maomé. Restaurara uma medida de unidade à Fé, o primeiro passo em sua cruzada santa. Imbuído do sentimento reverente que acompanhava a conclusão das orações matinais, Daryaei se levantou e caminhou para a rua; ali foi reconhecido. Para pânico de seus seguranças, caminhou pela rua, retribuindo as saudações. Inicialmente estupificadas, as pessoas finalmente ficaram extasiadas em ver o ex-inimigo de seu país caminhando entre eles como um convidado.

Não havia câmeras para registrar isso. Não foi um momento poluído por publicidade, e embora houvesse perigo, Daryaei aceitou-o. O que estava fazendo iria ensinar-lhe muita coisa. Iria ensinar-lhe sobre o poder de sua Fé, e a fé renovada dessas pessoas, e iria dizer-lhe se Alá abençoava ou não sua

cruzada, porque Daryaei era na verdade um homem humilde, fazendo o que precisava fazer, não para si, mas para seu Deus. Por que outro motivo — perguntava-se com frequência — teria escolhido uma vida de perigos e negações? Logo o tráfego na calçada tornou-se uma multidão, e a multidão tornou-se uma turba. Pessoas a quem jamais vira designaram-se seus guardiães, forçando uma trilha para ele através dos corpos e das ovações. As pernas envelhecidas de Daryaei moveram-se lentamente enquanto seus olhos escuros, agora serenos, corriam para a esquerda e para a direita, atentos para o menor sinal de perigo, mas encontrando apenas regozijo que refletia o seu. Olhou e gesticulou para a multidão como um avô saudaria sua prole — não sorrindo, mas aceitando com uma expressão plácida o amor e o respeito dos netos, seus olhos benignos prometendo um grande futuro. Afinal, grandes feitos precisavam ser acompanhados por feitos ainda maiores, e o momento era propício.

— E então, que tipo de homem é ele? — perguntou Astro de Cinema.

Seu voo para Frankfurt fora seguido de um para Atenas, e de lá para Beirute, e de lá para Teerã. Ele conhecia Daryaei apenas de reputação.

— Ele conhece o poder — respondeu Badrayn, ouvindo as manifestações lá fora. A paz tem alguma coisa, imaginou. A guerra Irã-Iraque durara quase uma década.

Crianças foram mandadas para a morte. Foguetes devastaram cidades de ambos os países. O custo humano jamais poderia ser avaliado completamente, e embora a guerra tivesse terminado anos antes, agora chegava realmente ao fim — uma coisa mais do coração que da lei, talvez. Ou talvez uma coisa da lei de Deus, que era diferente da lei do homem. A euforia resultante era algo que ele mesmo já sentira. Mas não mais. Agora ele sabia que sentimentos como esses eram armas de governo, coisas a ser usadas. Até pouco tempo as pessoas lá fora questionavam a sabedoria do líder do Irã e o ridicularizavam; agora estavam idolatrando-o, e isso continuaria por... quanto tempo? Essa era a questão, e era por causa disso que momentos assim precisavam ser usados apropriadamente. E Daryaei sabia de tudo isso.

— E então, o que você aprendeu? — perguntou Badrayn, desligando-se do ruído dos fiéis.

— As coisas mais interessantes que aprendi foi assistindo televisão. O presidente Ryan está indo bem, mas com dificuldades. Seu governo ainda não é plenamente funcional. A casa inferior de seu parlamento ainda precisa ser substituída; as eleições só começarão no mês que vem. Ryan é popular. Os americanos adoram fazer pesquisas — explicou. — Eles telefonam para pessoas e fazem perguntas. Questionam apenas alguns milhares de pessoas, frequentemente nem tantos, e a partir daí reportam uns aos outros o que todo mundo pensa.

— O resultado? — perguntou Badrayn.

— Uma ampla maioria aprova o que ele está fazendo. Mas ele não está fazendo nada além de seguir em frente. Ele ainda nem escolheu um vice-presidente.

Badrayn sabia disso, mas não o motivo.

— Por quê? Astro de Cinema abriu um sorriso.

— Também já me fiz essa pergunta. Esse tipo de coisa precisa ser aprovada pelo parlamento inteiro, e o parlamento ainda não foi completamente restabelecido. E não “era por algum tempo. Além do mais, há o problema com o ex-vice, aquele tal Kealty, que afirma que ele é o presidente... e que Ryan não é competente para governar. O sistema jurídico americano não tem uma forma eficaz de lidar com a traição.

— E se fôssemos capazes de matar Ryan...? Astro de Cinema balançou a cabeça.

— Muito difícil. Passei uma tarde inteira caminhando por Washington. A segurança do palácio é muito restrita. Ele não é aberto a turnês públicas. A rua em frente ao prédio está fechada. Fiquei sentado num banco por uma hora fingindo ler o jornal, atento para sinais em torno do lugar. Há atiradores a postos com fuzis em todos os prédios. Acho que teríamos uma chance em uma de suas viagens oficiais, mas isso exigiria planejamento extensivo, e não dispomos do tempo necessário. Portanto, nos resta apenas uma opção.

— Seus filhos — concluiu Badrayn.

Meu Deus, quase não os vejo mais, pensou Jack. Ele acabara de sair do elevador, acompanhado por Jeff Raman, e olhou as horas. Passava da meia-noite. Merda. Conseguira sentar-se para um jantar apressado com eles e Cathy antes de descer correndo para suas leituras e reuniões, e agora... todos estavam dormindo.

O corredor do andar de cima era um lugar solitário, amplo demais para a intimidade de uma casa de verdade. Ele viu três agentes a postos, como diziam, e o oficial militar com a Bola de Futebol cheia com seus códigos nucleares.

Estava tudo silencioso por causa da hora da noite, e a impressão geral era mais de uma imensa casa funerária do que de um lugar onde morava uma família.

Nada desarrumado, sem brinquedos espalhados no tapete, sem copos vazios diante da TV. Limpo demais, arrumado demais, frio demais. Sempre havia alguém por perto. Raman trocou olhares com os outros agentes, cujos acenos de cabeça significavam Muito bem, tudo normal . Ninguém armado por perto, pensou Ryan. Ótimo.

Os dormitórios ficavam muito afastados uns dos outros. Ele dobrou à esquerda, seguindo primeiro até o quarto de Katie. Abrindo a porta, viu sua caçula, recentemente graduada do berço para a cama, deitada de lado, um ursinho de pelúcia marrom a fazer-lhe companhia. Ainda usava macacões com meias embutidas. Jack podia lembrar quando Sally usava o mesmo tipo de roupa, e como as crianças ficam engraçadinhas daquele jeito, parecendo pequenos embrulhos. Mas Sally agora sonhava com o dia em que compraria coisas na Victoria s Secret, e o pequeno Jack — estava começando a objetar contra esse título — agora insistia em bermudas de pugilista porque eram a nova moda para meninos de sua idade, e elas tinham de ser usadas abaixo da cintura, porque o charme estava no risco de caírem. Bem, Jack ainda tinha uma criança pequena. Aproximou-se da cama, ficou parado ali por um minuto, apenas olhando para Katie e desfrutando silenciosamente de sua condição paternal.

Olhou em volta e viu que aquele quarto também estava sobrenaturalmente limpo. Tudo estava em seu lugar. Não havia um único objeto esquecido no chão. As roupas de Katie para o dia seguinte estavam dispostas cuidadosamente num criado-mudo. Até mesmo as meias brancas estavam dobradas ao lado dos tênis miniatura com personagens de desenho animado. Essa era uma forma adequada para uma criança viver? Parecia com os filmes de Shirley Temple que os pais de Jack viam quando eles eram crianças — um cotidiano de classe rica que fazia os espectadores se perguntarem: Será que há pessoas que realmente vivem assim?

Não pessoas de verdade, apenas a realeza, e a família do homem sentenciado à presidência. Jack sorriu, balançou a cabeça e saiu do quarto. O agente Raman fechou a porta para ele, não deixando que POTUS fizesse nem mesmo isso. Jack tinha certeza de que em algum outro lugar no prédio um painel eletrônico estava mostrando que a porta fora aberta e fechada, e os sensores diagnosticavam que alguém entrara no quarto; provavelmente alguém devia ter perguntado pelo rádio usado pelo pessoal do Serviço Secreto se ESPADACHIM estava com CHOCALHO.

Balançou a cabeça no quarto de Sally. Sua filha mais velha também estava dormindo, certamente sonhando com aquele garoto de sua turma — Kenny ou algo assim, não era? Alguém que era gato . Miraculosamente, o assoalho do Pequeno Jack estava poluído pela presença de uma revista em quadrinhos, mas sua camisa branca estava prensada e dobrada em outro criado-mudo, e alguém engraxara seus sapatos.

Outro dia que foi para o inferno, pensou o presidente. Virou-se para seu guarda-costas.

— Noite, Jeff.

— Boa noite, senhor — disse o agente Raman diante da porta. Fechou-a e olhou pura a esquerda e

para a direita na direção dos outros agentes da Segurança Presidencial. Roçou a mão direita na pistola de serviço debaixo do paletó, e seus olhos sorriram de uma forma particular, sabendo o que ele poderia ter feito com tanta facilidade. Ele não recebera uma resposta à sua mensagem. Bem, seu contato estava sendo cuidadoso, como fie também deveria ser. Esta noite Aref Raman estava incumbido da supervisão da segurança presidencial. Subiu o corredor acenando com a cabeça para outros agentes em seus postos. Fez uma pergunta inócua e desceu de elevador até o Pavimento do Estado. Saiu para pegar um pouco de ar, espreguiçar-se e olhar para os guardas a postos no perímetro. Ali também estava tudo calmo. Havia alguns manifestantes no Lafayette Park, do outro lado da rua, abraçados a esta hora da noite, muitos deles fumando — exatamente o que ele não sabia, mas tinha suspeitas. Talvez haxixe?, perguntou-se com um sorriso enigmático. Isso não seria irônico? Além disso, havia apenas os sons de tráfego, uma sirene distante a leste, e vigias parados em seus postos, tentando permanecer em alerta falando de basquete, hóquei ou beisebol, olhos inquietos voltados em todas as direções, procurando por perigos nas sombras da cidade. Estão procurando no lugar errado, pensou Raman, retornando para o posto de comando.

— É possível sequestrá-los?

— Os dois mais velhos não. Inconveniente demais, difícil demais. Mas a mais nova, sim, é possível. Mas seria perigoso e caro — alertou Astro de Cinema.

Badrayn assentiu. Isso significava escolher pessoas especialmente confiáveis. Daryaei dispunha de pessoas assim. Isso ficara óbvio depois do que acontecera no Iraque. Durante alguns minutos, olhou para os diagramas em silêncio enquanto seu convidado permanecia ao lado da janela. A manifestação continuava. Agora estavam gritando morte a América! A multidão e o animador que a organizara tinham longa experiência com mantra em particular. O espião despertou-o de seu devaneio.

Qual exatamente é a missão, Ali? — indagou Astro de Cinema.

— A missão estratégica seria impedir a América de interferir conosco. — Badrayn virou-se para ele. Conosco agora significava o que Daryaei quisesse que significasse.

Todos os nove, constatou Moudi. Ele mesmo fez os testes com os anticorpos. Chegou a fazer cada teste três vezes, e todos os resultados foram positivos. Cada um deles estava infectado. Por questões de segurança, receberiam drogas e ouviriam que tudo estava bem... e tudo realmente estaria bem para eles até que ficasse determinado que a doença fora transmitida em sua virulência plena, não atenuada pela reprodução no grupo anterior de hospedeiros. A maioria estava dopada com morfina para permanecerem calmos e sonolentos. Vinte e duas vítimas, contando com a irmã Maria Magdalena.

Imaginou se Jean Baptiste ainda estava orando por ele no Paraíso e balançou a cabeça.

A pequena Sohaila, recordou MacGregor, um pouco surpreso com a conexão, tinha um sistema imunológico poderoso, mais do que a maioria dos adultos. Todos os pais sabiam que as crianças podem cair vítimas de uma doença e uma febre alta numa questão de horas, mas desconheciam o motivo. O motivo era simplesmente que as crianças, à medida que cresciam, eram expostas a todos os tipos de doenças pela primeira vez. Sempre que um vírus atacava uma criança, seu sistema imunológico contra-atacava, gerando anticorpos que derrotariam esse inimigo em particular (sarampo, caxumba e todo o resto) sempre que ele reaparecesse. Em quase todos os casos a primeira vitória acontecia rapidamente, que era o motivo pelo qual uma criança podia estar ardendo em febre num dia e brincando do lado de fora no dia seguinte, outra característica da infância que deixava os pais assustados no começo, irritados depois. As doenças conhecidas como infantis eram aquelas derivadas na infância. Um adulto exposto a elas pela primeira vez corria um perigo muito maior — a caxumba podia deixar um homem saudável impotente; a catapora, um mero incômodo da infância, podia matar adultos; muitos adultos morriam de sarampo. Por quê? Porque apesar de toda a sua fragilidade aparente, a criança humana era um dos

organismos mais fortes que existiam. As vacinas para as doenças infantis tinham sido desenvolvidas não para salvar muitas crianças, mas as poucas que por algum motivo — provavelmente genético, mas isso estava sendo investigado — eram anormalmente vulneráveis. Até mesmo a pólio, uma doença neuromuscular devastadora, causava dano permanente apenas a uma fração de suas vítimas; mas a maioria dessas vítimas eram crianças, e os adultos protegiam as crianças com uma ferocidade usualmente associada ao reino animal. Essa era uma associação apropriada, porque a psique humana era programada para ser solícita para com as crianças — motivo pelo qual tanto esforço científico fora devotado às doenças infantis com o passar dos anos... Para onde esta linha de pensamento está me conduzindo?, perguntou-se o médico. Seu cérebro tinha a mania de perambular, como se passeando numa biblioteca de pensamentos, buscando pela referência certa, pela conexão adequada... Saleh viera do Iraque.

Sohaila também viera do Iraque. : Saleh tinha Ebola.

Sohaila exibia sintomas de gripe, ou intoxicação alimentar ou... Mas o Ebola inicialmente apresentava-se como uma gripe...

— Meu Deus — sussurrou MacGregor. Levantou-se de sua mesa e suas notas e caminhou até o quarto da menina. Durante o percurso pegou uma seringa e alguns tubos de vácuo. MacGregor ouviu as queixas usuais das crianças quanto a agulhas, mas ele tinha mão boa, e tudo acabou antes mesmo que ela começasse a chorar, problema que ele deixou a cargo de sua mãe, que passara a noite no quarto da filha.

Por que não fiz este teste antes?, reprimiu-se o jovem médico. Merda.

— Oficialmente, eles não estão aqui — disse o funcionário do Ministério das Relações Exteriores ao funcionário do Departamento de Saúde. — Qual é exatamente o problema?

— Ele parece ter o vírus do Ebola.

Isso conquistou a atenção do outro homem. Ele piscou rapidamente os olhos e se inclinou sobre a mesa.

— Tem certeza?

— Absoluta — confirmou o médico sudanês com um aceno. — Vi os dados dos exames. O médico trabalhando é Ian MacGregor, um dos visitantes britânicos. Ele é um excelente profissional.

— Alguém já foi avisado?

— Não. — O médico balançou a cabeça enfaticamente. — Não há motivo para causar pânico. O paciente está inteiramente isolado. A equipe do hospital sabe o que faz. Nosso dever é fazer as notificações apropriadas à Organização Mundial de Saúde, informá-los sobre o caso e...

— Tem certeza que não corremos o risco de uma epidemia?

— Nenhum risco. Como eu disse, já tomamos medidas completas de isolamento. O Ebola é uma doença perigosa, mas sabemos como lidar com ela — respondeu confiante o médico.

— Então por que você quer notificar a OMS?

— Em casos como esse a OMS envia uma equipe para supervisionar a situação, aconselhar sobre os procedimentos e examinar a fonte focal da infecção, de modo a...

— Esse tal Saleh não pegou a doença aqui, pegou?

— Certamente não. Se tivéssemos esse problema aqui eu ficaria sabendo imediatamente — assegurou ao seu anfitrião.

— Não há perigo de disseminar a doença e ele a trouxe com ele; portanto não há nenhum risco à saúde pública de nosso país, correto?

— Correto.

— Entendo.

O funcionário do Ministério das Relações Exteriores virou-se para olhar pela janela. A presença de ex-oficiais do Iraque no Sudão ainda era um segredo, e era do interesse de seu país que continuasse dessa forma. Manter segredos significava não deixar ninguém saber de nada. Ele se virou e disse ao funcionário

do Departamento de Saúde: — Você não irá notificar a Organização Mundial de Saúde. Se a presença desse iraquiano em nosso país for divulgada, será um constrangimento diplomático para nós — Isso vai ser um problema. O Dr. MacGregor é jovem, idealista...

— Você dirá a ele. Se MacGregor objetar, mandarei alguém falar com ele — disse o funcionário público, uma sobranceira levantada. — Esse tipo de aviso, quando transmitido apropriadamente, raramente deixa de surtir o efeito desejado.

— Como quiser.

— Esse tal Saleh vai sobreviver?

— Provavelmente não. O índice de mortalidade é aproximadamente de oito a cada dez, e os sintomas dele estão avançando rapidamente.

— Alguma pista de como ele contraiu a doença?

— Nenhuma. Ele nega ter estado na África antes, mas pessoas como ele nem sempre falam a verdade. Posso falar com ele e tentar descobrir mais alguma coisa.

— Isso seria útil.

Presidente aposta em conservadores para a suprema corte, dizia a manchete. A equipe da Casa Branca jamais dorme, embora esse privilégio ocasionalmente seja concedido ao POTUS. Exemplos de diversos jornais chegavam à Casa Branca enquanto o resto da cidade estava adormecido, e funcionários liam os jornais de cabo a rabo em busca de assuntos de interesse específico para o governo. Essas matérias seriam recortadas, grampeadas em blocos e xerocadas para Early Bird, uma publicação informal que permitia aos poderosos descobrir o que estava acontecendo — ou pelo menos o que a imprensa achava que estava acontecendo, o que às vezes era verdade, às vezes era falso... e quase sempre era um pouco das duas coisas.

— Alguém está batendo com a língua nos dentes — disse um deles, usando uma faca X-Acto para cortar a matéria do Washington Post.

— É o que parece. E a notícia se espalhou — concordou seu amigo no Times.

Um documento interno do Departamento de Justiça lista os juizes que estão sendo considerados pela administração Ryan para possível nomeação às nove vagas na Suprema Corte.

Cada um dos juristas listados é um juiz veterano da Corte de Apelação. A lista é uma seleção de indivíduos altamente conservadores. A relação inclui um único nomeado judicial das administrações Fowler e Durling.

Geralmente nomeações desse tipo são submetidas primeiro a um comitê da Ordem dos Advogados, mas neste caso a lista foi preparada internamente por funcionários de carreira do Departamento de Justiça, supervisionados por Patrick J. Martin, promotor e chefe da Divisão Criminal.

— A imprensa não gostou.

— Acha que é ruim? Dê uma olhada neste editorial. Meu amigo, eles reagiram rápido desta vez!

Nunca tinham feito nada com tanta dedicação. A missão exigia jornadas de trabalho de dezesseis horas, pouca cerveja à noite, refeições rápidas e apenas um rádio por entretenimento. Naquele momento o rádio estava tocando bem alto. Eles estavam fervendo chumbo. O equipamento era o mesmo usado por bombeiros hidráulicos: um tanque de propano com um bico de gás no topo, como um foguete investido sendo testado estaticamente. Em cima do bico de gás ficava uma panela de metal cheia com chumbo mantido em estado líquido pela chama. Uma concha era mergulhada na panela para colher o chumbo derretido, que então era vertido em moldes de bala. As balas eram calibre .58, granulação 505, feitas para fuzis de carregamento frontal, muito parecidas com os que os Montanheseiros originais usavam na década de 20. Essas tinham sido compradas por catálogos. Havia dez moldes, com quatro cavidades por molde.

Até aqui as coisas estão correndo bem, especialmente no que diz respeito à segurança, pensou Ernie Brown. Fertilizante não era uma substância controlada.

Óleo diesel também não. O mesmo com chumbo, e cada compra fora feita em mais de um lugar, de modo que não houvesse nenhuma compra única grande a ponto de suscitar comentários. Era um trabalho que consumia muito tempo; mas, como Pete comentara, Jim Bridger não viera para o oeste de helicóptero.

Não, ele viajara longamente no dorso de um cavalo certo com um ou dois cavalos de carga, percorrendo cerca de 25 ou trinta quilômetros por dia, pegando seus castores um por vez, fazendo tudo da forma mais difícil, ocasionalmente cruzando com outro da sua estirpe, com quem negociava bebida ou tabaco. Portanto, o que estavam fazendo seguia a tradição de sua raça. Isso era importante.

O ritmo de trabalho era perfeito. Neste momento, Pete estava manejando uma concha. No espaço de tempo que Pete levou para verter o chumbo no primeiro conjunto de moldes e verter no último, o primeiro conjunto enrijeceu o bastante para ser mergulhado na água e aberto — a ferramenta de duas peças funcionava como um alicate — libertando os projéteis minúsculos já plenamente formados e sólidos. Os projéteis jogados num tambor de combustível vazio, e os moldes substituídos em seus suportes. Ernie coletou o chumbo derramado e colocou-o de volta na panela para que nada fosse desperdiçado.

A única parte complicada tinha sido conseguir um caminhão de cimento, mas a pesquisa nos classificados locais revelara um leilão oferecido por uma empreiteira saindo do ramo; por meros 21 mil dólares haviam adquirido um veículo de três anos Idade com uma carroceria de caminhão Mack, apenas 113.566 quilômetros rodados e em ótimas condições de uso. Tinham trazido o caminhão à noite, claro. O veículo estava estacionado no celeiro, parado a seis metros de distância, seus faróis como um par de olhos.

O trabalho era repetitivo, mas mesmo isso era útil. Na parede do celeiro estava pendura um mapa do centro de Washington; enquanto mexia o chumbo, Ernie estudava-o, cérebro combinando a imagem plana no papel com sua própria imagem mental.

Conhecia todas as distâncias, e distância era o fator básico. O Serviço Secreto considerava-se muito esperto. Eles tinham fechado a Pennsylvania Avenue com o propósito manter as bombas afastadas da casa do presidente.

Ora, eles não eram tão espertos assim. Tinham deixado de pensar numa coisinha.

— Mas eu preciso — argumentou MacGregor. — Nós temos a obrigação.

— Você não irá — disse-lhe o funcionário público do Departamento de Saúde. — Não é necessário. O Paciente Zero trouxe a doença com ele. Você já iniciou procedimentos de contenção adequados. A equipe está fazendo seu trabalho; você os treinou bem, Ian — acrescentou o funcionário para atenuar o calor do momento. — Seria inconveniente para o meu país se essa notícia se espalhasse. Conversei sobre isso com o Ministério das Relações Exteriores, e a notícia não vai se espalhar. Fui claro?

— Mas...

— Se você insistir com isso, teremos de pedir que deixe o país.

MacGregor enrubesceu. Tinha pele pálida e seu rosto demonstrava com facilidade seu estado emocional. Tudo que esse filho da puta precisava fazer era dar um telefonema, e um policial — ou pelo menos o tipo de gente que recebia esse nome aqui, pessoas muito menos civilizadas e amigáveis que aquelas que MacGregor conhecera em Edimburgo visitaria a sua casa para mandá-lo pegar suas coisas e acompanhá-lo até o aeroporto. Isso acontecera antes a um londrino que dera uma aula um pouco dura demais a um funcionário do governo sobre os riscos da AIDS. E se MacGregor partisse, deixaria para trás pacientes; essa era sua vulnerabilidade, como o funcionário público sabia, e como MacGregor sabia que ele sabia. Jovem e dedicado, MacGregor cuidava de seus pacientes como um médico deveria, e não conseguiria deixá-los aos cuidados de outro com facilidade, não aqui, não quando havia tão poucos

médicos competentes para cuidar de tantos pacientes.

— Como está o paciente Saleh?

— Duvido que sobreviva.

— Isso é uma infelicidade, mas não pode ser evitado. Temos alguma ideia de como esse homem foi exposto à doença?

O homem mais jovem enrubesceu de novo.

— Não, e o caso é justamente esse!

— Falarei pessoalmente com ele.

Uma sacanagem fazer isso a três metros de distância, pensou MacGregor.

Mas ele tinha outras coisas com que se preocupar.

O resultado do exame com anticorpos que fizera com Sohaila também fora positivo. Mas a menininha estava melhorando. Sua temperatura caíra mais um grau. A hemorragia parará. MacGregor refizera alguns exames. A função hepática da paciente Sohaila estava quase normal. Tinha certeza de que a menina sobreviveria. De algum modo, ela fora exposta ao Ebola, e de algum modo o derrotara. Porém, sem saber como ela fora exposta, só podia tentar adivinhar como ela conseguira resistir ao vírus. Parte dele presumia que Sohaila e Saleh tinham sido expostos da mesma forma, mas a outra parte achava improvável. Por mais formidável que fosse o sistema imunológico de uma criança, não era tão mais poderoso que o de um adulto, e Saleh não tinha problemas de saúde anteriores. Mas o adulto estava morrendo enquanto a criança iria sobreviver. Por quê?

Que outros fatores tinham entrado nos dois casos? Haveria uma epidemia de Ebola no Iraque? Nunca houve uma, e num país populoso como aquele... O Iraque não tinha um programa de guerra biológica? Será que tinham tido uma epidemia e acobertado? Mas, não, o governo daquele país estava caótico. Foi o que ele leu no serviço de notícias da SkyNews, que recebia em seu apartamento. E, nessas circunstâncias, segredos de tal natureza não podiam ser mantidos. O pânico era inevitável.

MacGregor era um médico, não um detetive. Os médicos que poderiam fazer as duas coisas trabalhavam para a Organização Mundial de Saúde, no Instituto Pasteur em Paris, e no CDC nos EUA. Não que eles fossem muito mais brilhantes que ele, mas tinham formação e treinamento diferentes.

Sohaila. Ele precisava cuidar de seu caso, continuar verificando o sangue.

Será que ela ainda podia infectar outros? MacGregor precisava checar a literatura a esse respeito. Tudo que sabia com certeza era que um sistema imunológico estava perdendo e outro estava ganhando. Se quisesse descobrir qualquer coisa, precisaria permanecer do caso. Talvez mais tarde conseguisse divulgar a notícia, mas precisava permanecer aqui se quisesse realizar qualquer coisa.

Além disso, antes de dizer a qualquer um, MacGregor enviara as amostras para o Pasteur e o CDC. Esse burocrata petulante não sabia disso, e os telefonemas, se chegassem, viriam para este hospital e para MacGregor. Ele podia divulgar a notícia. Ele podia dizer-lhes qual era a situação política. Ele podia fazer perguntas e responder a outras. Ele precisava se submeter.

— Como quiser, doutor — disse MacGregor ao funcionário público. — Você terá de seguir os procedimentos necessários, é claro.

Ondas e Trepidações

O dia da decisão havia chegado. A entrevista prometida seria esta manhã, e mais uma vez o presidente Ryan percorreu o calvário da maquiagem e do fixador de cabelo.

— Pelo menos devíamos ter uma cadeira de barbeiro apropriada — observou Jack enquanto a Sra. Abbot fazia seu trabalho. Um dia antes, Jack ficara sabendo que o barbeiro presidencial vinha ao Salão Oval e fazia o trabalho dele na cadeira giratória do presidente. Isso deve causar calafrios no pessoal do Serviço Secreto, pensou Jack. Imagine, deixar um homem aproximar tesouras e uma navalha a um centímetro da carótida do presidente.

— Certo, Arnie, como procedo com o Sr. Donner?

— Em primeiro lugar, ele fará qualquer pergunta que quiser. Isso significa que você terá de pensar nas respostas.

— Vou tentar, Arnie — observou Ryan franzindo o cenho.

— Enfatize o fato de que você é um cidadão, não um político. Isso não vai fazer muita diferença para Donner, mas fará para as pessoas que assistirem a entrevista esta noite — aconselhou van Damm. — Espere um pouco sobre a questão da Suprema Corte.

— Quem vazou isso? — inquiriu Ryan.

— Jamais saberemos, e tentar descobrir apenas faria você parecer Nixon.

— Por que é que não importa o que eu faça, sempre terá alguém que... merda. — Ryan suspirou enquanto Mary Abbot terminava com seu cabelo. — Eu disse isso a George Winston, não disse?

— Você está aprendendo. Se ajudar alguma senhora a atravessar a rua, uma feminista dirá que você foi condescendente. Se você não ajudá-la, as associações de defesa dos direitos dos idosos dirão que você é insensível às necessidades da terceira idade. O mesmo acontecerá com qualquer outro grupo de interesse com o qual se envolver. Todos elas têm interesses, Jack, e esses interesses são mais importantes para eles do que você é. A ideia é ofender o menor número possível de pessoas. Isso é diferente de não ofender ninguém.

Tentar isso ofende todo mundo — explicou o chefe de gabinete.

Ryan arregalou os olhos.

— Já sei! Vou dizer uma coisa que deixe todo mundo puto... e então todos irão me amar.

Arnie não estava de bom humor:

— Qualquer piada que você diga irá emputecer alguém. Por quê? Porque o humor é sempre cruel com alguém, e algumas pessoas nem têm senso de humor.

— Em outras palavras, lá fora há pessoas que querem ficar putas com alguma coisa, e eu sou o alvo mais atraente que elas têm.

— Você está aprendendo — observou o chefe de gabinete com um sorriso melancólico. Arnie estava preocupado com essa entrevista.

— Temos navios de pré-posicionamento em Diego Garcia — explicou Jackson, tocando o ponto apropriado no mapa.

— Quantos há? — indagou Bretano.

— Acabamos de reconfigurar a TOE... “

— Que é isso? — perguntou o secretário de Defesa.

— Tabela de Organização e Equipamento — explicou o general Michael Moore. Moore era o chefe de gabinete do Exército. Ele comandara uma brigada da Primeira Divisão Blindada na Guerra do Golfo.

— Possuímos armamento suficiente para um pouco mais que uma brigada, uma brigada pesada de tamanho total, mais todos os perecíveis necessários para um mês de operações de combate. Somadas a isso, temos algumas unidades na Arábia Saudita. O equipamento é quase todo novo: tanques de batalha M1A2, Bradleys, sistemas de lançamentos múltiplos de foguetes. Receberemos os novos equipamentos de artilharia daqui a três meses. — Fez uma pausa.

Acrescentou: — Os sauditas nos têm ajudado muito com relação às verbas.

Tecnicamente, parte do equipamento pertence a eles, sendo supostamente material de reserva do Exército saudita, mas nós o usamos. Tudo que precisamos dizer é enviar homens nossos até a Arábia Saudita para pegar o equipamento em seus armazéns.

— Se eles pedirem ajuda, quem mandaremos primeiro?

— Depende — respondeu Jackson. — Provavelmente a primeira seria um regimento de cavalaria blindada. Numa emergência real, enviaríamos o pessoal do 10º RCB no deserto de Neguev. Isso pode ser feito até mesmo num só dia.

Para exercícios, o 3º RCB do Texas ou o 2º da Louisiana.

— Secretário, um RCB é uma formação bem equilibrada do tamanho de uma brigada. Ele pode cuidar de si mesmo, e todos pensarão duas vezes antes de atacá-la — explicou Mickey Moore, acrescentando: — Porém, antes que possam estabelecer-se para uma estada prolongada, precisarão de um batalhão de suporte de combate; tropas de suprimentos e reparos.

— Ainda temos um porta-aviões no oceano Índico; ele está agora em Diego com o resto do grupo de batalha para conceder uma licença às tripulações — disse Jackson.

O que acabara de cobrir aquele atol com marinheiros. O lugar não era grande coisa, mas pelo menos eles poderiam tomar uma ou duas cervejas, esticar as pernas e jogar bola. Jackson prosseguiu: — Como parte de nosso compromisso para com a segurança israelense, também temos em Neguev uma esquadrilha de F-15... na verdade, uma esquadrilha quase completa. Ela e o 10º RCB são muito boas. Sua missão contínua é treinar o IDF, o que os mantém bem ocupados.

— Soldados adoram treinar, secretário. Eles preferem fazer isso a qualquer outra coisa — acrescentou o general Moore.

— Preciso sair e ver um pouco dessas coisas — observou Bretano. — Assim que tiver a verba nas mãos, começaremos a trabalhar nisso. O que temos parece pouco, cavalheiros.

— E é, senhor — concordou Jackson. — Não é o suficiente para travar uma guerra, mas provavelmente o bastante para deter uma, se a situação chegar a esse ponto.

— Haverá outra guerra no Golfo Pérsico? — perguntou Tom Donner.

— Não vejo motivo para esperar isso — replicou o presidente.

A parte difícil era controlar a voz. A resposta foi cautelosa, mas suas palavras precisavam soar positivas e reconfortantes. Essa era outra forma de mentir, embora dizer a verdade pudesse mudar a equação. Tal era a natureza de um jogo tão falso e artificial que se tornou uma espécie de realidade internacional. Dizer o que não era verdade para servir a verdade. Churchill disse uma vez: Em tempos de guerra, a verdade é tão preciosa quanto a necessidade de um guarda-costas de mentiras. Mas e em tempos de paz?

— Mas nossas relações com o Irã e o Iraque não vêm sendo amigáveis há algum tempo.

— Isso são águas passadas, Tom. Ninguém pode mudar o passado, mas podemos aprender com ele.

Não há motivo para animosidade entre a América e os países naquela região. Por que deveríamos ser inimigos? — indagou retoricamente.

— Então conversaremos com a União Republicana do Islã? — perguntou Donner.

— Sempre estamos dispostos a conversar com as pessoas, especialmente no interesse de estimular relações de amizade. O Golfo Pérsico é uma região de grande importância para o mundo inteiro. É do interesse de todos que essa região permaneça pacífica e estável. Já houve guerra demais. O Irã e o Iraque lutaram por... quanto tempo? Oito anos. O custo humano para os dois países foi imenso. Depois aconteceram todos aqueles conflitos entre Israel e seus vizinhos. Já basta. Agora temos uma nova nação nascendo. Esse novo país tem muito trabalho a fazer; seus cidadãos têm necessidades, e felizmente eles também possuem os recursos para atender a essas necessidades. Nós lhes desejamos todo o bem. Se pudermos ajudá-los, o faremos. A América sempre esteve disposta a estender a mão da amizade.

Houve uma breve pausa, que provavelmente denotou um comercial. A entrevista seria transmitida à noite, às 21 horas. Donner virou-se para seu colega mais velho, John Plumber, que assumiu o segmento seguinte.

— Então, como o senhor se sente como presidente? — perguntou Plumber.

Ryan inclinou a cabeça e sorriu.

— Sempre digo para mim mesmo que não fui eleito, fui sentenciado.

Honestamente? As horas são longas, o trabalho é árduo, muito mais árduo do que eu imaginava. Mas tenho tido muita sorte. Arnie van Damm é um gênio em organização. A equipe aqui da Casa Branca é simplesmente esplêndida. Tenho recebido milhares de cartas de apoio de pessoas de fora de Washington, e gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a essas pessoas, e dizer a elas como isso realmente ajuda.

— Sr. Ryan... — Jack supôs que seu título de doutor não contava mais. — Que coisas o senhor pretende experimentar e mudar?

— John, isso depende do que você quer dizer com mudar. Minha missão principal é manter a operação governamental. Portanto, o que estou tentando fazer não é mudar nem restaurar. Ainda não temos um Congresso... não até o Congresso ser restabelecido. Tentei escolher pessoas boas para ocupar os departamentos principais do gabinete. O trabalho dessas pessoas é gerir seus departamentos com eficiência.

— George Winston, o seu secretário do Tesouro, tem sido criticado por seu desejo abrupto de mudar o código federal de impostos — disse Plumber.

— Tudo que posso dizer é que apoio plenamente o secretário Winston. A legislação do imposto de renda é complicada demais, o que é uma coisa fundamentalmente injusta. O que ele pretende fazer é atingir uma neutralidade absoluta em relação ao volume de renda de cada contribuinte. No fim, o governo sairá lucrando, devido à economia administrativa em outras áreas.

— Mas tem havido muitos comentários adversos sobre a natureza regressiva... Ryan levantou a mão.

— Espere um minuto, John. Um dos problemas nesta cidade é que as pessoas vêm o mundo numa linguagem distorcida. Cobrar a mesma coisa de todo mundo não é uma atitude regressiva. Essa palavra significa dar um passo para trás, cobrar mais do pobre que do rico. Nós não vamos fazer isso. Ao empregar essa palavra de forma incorreta, você está desorientando as pessoas.

— Mas essa é a forma como as pessoas vêm descrevendo o sistema de impostos há anos. — E há anos Plumber não tinha sua gramática criticada.

— Isso não torna a expressão correta — frisou Jack. — Em todo caso, como sempre digo, não sou um político. Sei falar apenas de forma direta e clara.

Cobrar a todo mundo o mesmo imposto se enquadra na definição de justo no dicionário. Ora, John, você sabe como se faz esse jogo. Você e Tom ganham muito dinheiro... muito mais do que eu... e todos os

anos contratam os serviços de um advogado e de um contador. Você deve possuir investimentos que são planejados para reduzir seus pagamentos de impostos, correto? Como essas exceções surgem? Fácil: alguns lobistas convenceram o Congresso a mudar a lei um pouquinho. Por quê? Porque pessoas ricas pagaram-lhes para fazer isso.

E qual é a consequência disso? A consequência é que o sistema supostamente progressivo é manipulado de forma tal que a política de cobrar impostos mais altos dos ricos acaba não sendo levada a cabo, porque seus advogados e contadores lhes ensinam o que fazer para derrotar o sistema. Os advogados e contadores fazem isso com honorários. Em suma: a história de que os ricos pagam impostos mais altos é mentira. Os políticos sabem tudo isso quando aprovam as leis. Ryan fez uma pequena pausa e prosseguiu: — Vê para onde tudo isso está nos levando? Para lugar nenhum, John. Tudo isso está nos levando para lugar nenhum. É tudo um grande jogo, só isso.

Apenas um grande jogo que desperdiça tempo, desorienta o público e derrama rios de dinheiro nos bolsos de pessoas que manipulam o sistema... e de onde esse dinheiro vem? Dos cidadãos, das pessoas que pagam para tudo acontecer.

George Winston anuncia que deseja mudar o sistema, e o que acontece? As pessoas que jogam o jogo e manipulam no sistema usam as mesmas palavras desorientadoras para passar a impressão de que o que estamos fazendo é injusto. Essa gente de dentro constitui o grupo de interesse especial mais perigoso e pernicioso que existe.

— E você não gosta disso — disse John, sorrindo.

— Em todos os empregos que já tive, corretor de ações, professor de história, em tudo mais que fiz, sempre tive de dizer a verdade, da melhor forma que podia. Não vou parar de fazer isso agora. Talvez algumas coisas precisem mudar. Vou lhe dizer qual é uma delas: Cedo ou tarde, cada pai e mãe na América diz aos seus filhos que a política é um negócio sujo, um negócio cruel, um negócio obscuro. O seu pai lhe disse isso. O meu pai me disse isso... e aceitamos esse fato como se ele fizesse sentido, como se fosse normal, certo, apropriado. Mas ele não é. Durante anos aceitamos o fato de que a política... espere, vamos definir os termos, certo? O sistema político é a forma como governamos o país, baixamos leis que todos temos de seguir, cobramos impostos. Essas são coisas importantes, não são? Mas ao mesmo tempo permitimos a entrada de pessoas nesse sistema que não convidaríamos para nossas casas, pessoas em quem não confiaríamos como babás dos nossos filhos.

Isso não lhe parece um pouco esquisito, John?

Permitimos a entrada em nosso sistema político de pessoas que distorcem rotineiramente os fatos, que distorcem as leis para agradar aos mecenas que lhes deram dinheiro de campanha.

Algumas dessas pessoas mentem descaradamente. E nós aceitamos isso. Vocês da mídia aceitam isso. Não aceitariam esse tipo de comportamento em sua profissão, aceitariam? Ou na medicina, na ciência, no ramo empresarial, na polícia.

O presidente prosseguiu, inclinando-se para a frente, falando com paixão pela primeira vez: — Tem alguma coisa errada aqui. Estamos falando do nosso país, e os padrões de comportamento que exigimos dos nossos representantes não deviam ser inferiores... eles deviam ser superiores. Devíamos exigir inteligência e integridade. É por causa disso que venho fazendo discursos pelo país, John. Sou um independente registrado. Não tenho filiação partidária. Não tenho interesses pessoais, exceto a intenção de fazer as coisas funcionarem para todos. Fiz um juramento a esse respeito, e levo meus juramentos a sério. Bem, aprendi que isso incomoda as pessoas, e sinto muito sobre isso, mas não irei comprometer minhas crenças para acomodar cada grupo especial com um exército de lobistas pagos. Estou aqui para servir a todos, não para servir às pessoas que fazem mais barulho e oferecem mais dinheiro.

Plumber não demonstrou prazer pela explosão do presidente.

— Certo, presidente. E qual é a sua opinião sobre os direitos civis?

— No que me diz respeito, a Constituição não distingue cores. A discriminação contra pessoas

devido à sua aparência, a forma como falam, a igreja que frequentam e o país de onde seus ancestrais vieram, contradiz as leis de nosso país. Essas leis precisam ser obedecidas. Todos devem ser iguais aos olhos da lei, aqueles que a obedecem e aqueles que a infringem. No segundo caso, essas pessoas terão de se preocupar com o Departamento de Justiça.

— Isso não é idealista?

— Qual é o problema com o idealismo? — perguntou Ryan. — Ao mesmo tempo, que tal um pouco de bom senso de vez em quando? Em vez de um monte de gente cavando vantagens para si próprios ou para qualquer pequeno grupo que representam, por que todos não trabalhamos juntos? Não somos todos americanos antes de qualquer outra coisa? Por que não podemos nos esforçar um pouco mais para trabalharmos juntos e encontrarmos uma solução para os problemas? Este país não foi planejado para ter cada grupo na garganta do outro.

— Algumas pessoas diriam que essa foi a forma que encontramos para garantir que cada pessoa fosse tratada com justiça — observou Plumber.

— E ao longo do caminho corrompemos o sistema político.

Eles tiveram de fazer uma pausa para que a equipe de gravação trocasse as fitas das câmeras. Jack fitou a porta que dava para o escritório do secretariado, ansiando por um cigarro. Esfregou as mãos, tentando parecer relaxado, mas embora tivesse tido a oportunidade de dizer coisas que vinha sufocando havia anos, a chance de fazer agora apenas deixara-o mais tenso.

— As câmeras estão desligadas — disse Tom Donner, recostando-se um pouco em na cadeira. — O senhor realmente acha que pode realizar qualquer uma das coisas que prometeu?

— Se eu não tentar, o que isso faz de mim? — Jack suspirou. — O governo está uma bagunça. Todos sabemos disso. Se ninguém tentar consertá-lo, ele apenas irá piorar.

Nesse momento, Donner quase sentiu simpatia pelo entrevistado. A sinceridade de Jack era patente, assim como o fato de que o jornalista quase conseguia ouvir o coração do presidente batendo. Mas Donner não se deixou seduzir. Não que Ryan fosse mau sujeito. Ele apenas estava fora do seu meio, exatamente como todos diziam. Kealty estava certo, e porque ele estava certo, Donner precisava fazer o seu dever.

— Pronto — disse o produtor. Donner voltou a assumir a entrevista.

— Falemos sobre a Suprema Corte... Foi reportado que o senhor está no momento analisando uma lista de possíveis juízes para submeterão Senado.

— Sim, estou — replicou Ryan.

— Que pode nos dizer a respeito deles?

— Instruí o Departamento de Justiça a me mandar uma lista de juízes de corte de apelações com muita experiência. Isso foi feito. Estou olhando a lista agora.

— Que está procurando exatamente? — foi a pergunta seguinte de Donner.

— Estou procurando bons juízes. A Suprema Corte é a principal protetora da Constituição de nosso país. Precisamos de pessoas que compreendam essa responsabilidade, e que irão interpretar as leis com justiça.

— Conservadores?

— Tom, a Constituição diz que o poder legislativo faz a lei, que o poder executivo aplica a lei, e que o poder judiciário explica a lei. Isso é chamado de sistema de equilíbrio.

— Mas historicamente a Suprema Corte tem sido uma força importante para as mudanças em nosso país — lembrou Donner.

— E nem todas essas mudanças foram boas. Dred Scott começou a Guerra Civil. Plessy contra Ferguson foi uma desgraça que fez nosso país recuar setenta anos. Por favor, você precisa lembrar que, no que diz respeito à lei, eu sou um leigo...

— É por esse motivo que geralmente as nomeações judiciais são submetidas à aprovação da Ordem

Americana dos Advogados. O senhor submeterá sua lista a eles?

— Não. — Ryan balançou a cabeça. — Em primeiro lugar, todos esses juízes já transpuseram essa barreira para chegar aonde estão. Em segundo, a Ordem também é um grupo de interesse, não é? Eles têm o direito de cuidar dos interesses de seus membros, mas a Suprema Corte é o corpo do governo que decide a lei para todos, e a Ordem dos Advogados é a organização de pessoas que usa a lei para ganhar dinheiro. Não há um conflito de interesses no fato de o grupo que faz uso da lei selecionar as pessoas que definem a lei? Em qualquer outro campo isso seria um conflito, não seria?

— Nem todos verão dessa forma.

— Sim, e a Ordem tem um escritório grande aqui em Washington, cheio de lobistas — concordou o presidente. — Tom, meu trabalho não é servir a grupos de interesse. Meu trabalho é preservar, proteger e defender a Constituição com o máximo de minha competência. Para ajudar-me nisso, estou procurando encontrar pessoas que pensem da mesma forma que eu, que concordem comigo que o juramento significa exatamente o que diz, sem cartas passadas por debaixo da mesa.

Donner virou-se.

— John?

— O senhor trabalhou muitos anos na CIA — disse Plumber.

— Sim, eu trabalhei muitos anos na CIA — concordou Jack.

— Fazendo o quê? — perguntou Plumber.

— Trabalhei principalmente no Diretório de Informações, analisando dados que chegavam de diversas fontes, tentando descobrir o que eles significavam, e em seguida passando-os para outros. Mais tarde chefiar o Diretório de Informações, e então, na administração do presidente Fowler, tornei-me diretor interino. Depois disso, como sabem, tornei-me conselheiro de segurança nacional para o presidente Durling — respondeu Jack, tentando guiar a conversa para a frente em vez de para trás.

— Em sua carreira, o senhor chegou a fazer trabalho de campo? — perguntou Plumber.

— Bem, prestei aconselhamento à equipe de negociações de controle de armas, compareci a muitas conferências — respondeu o presidente.

— Sr. Ryan, há relatos de que o senhor fez mais que isso, tendo participado de operações que resultaram nas mortes de... bem, de cidadãos soviéticos.

Jack hesitou por um momento, tempo suficiente para que os espectadores pudessem perceber que aquela fora uma pergunta delicada.

— John, há muitos anos é um princípio de nosso governo jamais comentar operações que digam respeito à segurança nacional. Não vou mudar esse princípio.

— O povo americano tem o direito e a necessidade de saber que tipo de homem está sentado neste gabinete — insistiu Plumber.

— Esta administração jamais discutirá assuntos de segurança nacional.

Quanto a que tipo de pessoa sou, esse é o propósito desta entrevista. Nossa nação precisa manter alguns segredos. Vocês também, John — disse Ryan com os olhos nivelados com os do comentarista. — Se você revelar fontes, está fora do ramo. Se a América fizer a mesma coisa, pessoas sairão machucadas.

— Mas...

— O assunto está terminado, John. Nossos serviços de informação operam sob supervisão do Congresso. Sempre apoiei essa lei, e continuarei a fazê-lo. É tudo que tenho a dizer sobre o assunto.

Ryan percebeu que os dois repórteres ficaram nitidamente abalados, mas refletiu que parte da gravação não constaria da edição final da entrevista a ser exibida à noite.

Badrayn precisava selecionar trinta pessoas. Número ou dedicação não representavam uma dificuldade, mas inteligência sim. Ele tinha os contatos. Se havia fatura de alguma coisa no Oriente Médio, era de terroristas, homens como ele mesmo, ainda que um pouco mais jovens, que haviam

dedicado suas vidas à Causa, apenas para vê-la murchar diante de seus olhos. E isso apenas tornava sua raiva e dedicação piores... ou melhores, dependendo do ponto de vista. Depois de refletir um pouco, concluiu que precisava de apenas vinte indivíduos inteligentes. O resto precisava consistir apenas em indivíduos dedicados, com um ou dois supervisores inteligentes. Todos teriam de seguir ordens. Todos teriam de estar dispostos a morrer, ou pelo menos a correr esse risco. Bem, isso também não representaria um problema. A Hezbollah ainda tinha um suprimento de pessoas dispostas a amarrar explosivos em seus corpos, e havia outros.

O combate suicida fazia parte da tradição da região — uma tradição que Maomé provavelmente não teria aprovado, mas Badrayn não era particularmente religioso, e as operações terroristas eram o seu negócio.

Historicamente, os árabes não haviam sido os soldados mais inteligentes do mundo. Nômades durante a maior parte de sua história, os árabes tinham como tradição militar o ataque repentino e violento, mais tarde enriquecido com táticas de guerrilha, e não a batalha estratégica, que era, na verdade, uma invenção dos gregos passada para os romanos e daí para todas as civilizações ocidentais. As tropas orientais frequentemente empregavam o serviço voluntário de pessoas dispostas a morrer por sua missão; na tradição viking essas pessoas eram chamadas de furiosos, e no Japão tinham constituído pelotões especiais de ataque também conhecidos como kamikases. Entre os árabes, os soldados suicidas manejavam gloriosamente suas espadas até terem abatido o máximo de inimigos para serem seus servos no Paraíso. Isso era particularmente verdadeiro numa jihad, ou guerra santa, cujo objetivo era atender aos interesses da Fé. Em última análise, isso provava que o Islã, como qualquer religião, podia ser corrompido por seus seguidores. No momento, significava que Badrayn dispunha de pessoas que fariam o que ele lhes ordenasse. As instruções viriam de Daryaei, que também lhes diria que a missão era um serviço de jihad, e que, portanto, lhes valeria chaves individuais para uma vida gloriosa depois da morte.

Badrayn tinha sua lista. Deu três telefonemas. As mensagens foram repetidas através de uma longa cadeia de ligações telefônicas, e no Líbano, e em muitos outros lugares, pessoas começaram a fazer planos de viagem.

— E então, como nos saímos, treinador? — perguntou Jack com um sorriso.

— O gelo ficou bem fino, mas acho que você não se molhou — disse Arnie van Damm com visível alívio. — Você atacou com muita força os grupos de interesse.

— Não é certo atacar interesses especiais? Merda, todo mundo faz isso!

— Depende de quais grupos e quais interesses, presidente. Todos eles têm porta-vozes, e alguns podem parecer a madre Teresa num dia de bom humor... imediatamente antes de lacerar a sua garganta com uma faca. — O chefe de gabinete fez uma pausa. — Mesmo assim você se saiu muito bem. Não disse nada que poderão usar com muito veneno de volta contra você. Veremos esta noite como ficou a edição final, e o que Donner e Plumber dirão no fim. Os últimos minutos são os que contam mais.

Os tubos chegaram a Atlanta num recipiente de alta segurança chamado caixa de chapéu devido ao seu formato. Tratava-se de um dispositivo altamente sofisticado, desenhado para conter materiais de grande periculosidade com segurança absoluta, sendo selado com lacres múltiplos e capaz de resistir a impactos violentos. A caixa estava coberta com rótulos de aviso de perigo biológico e foi tratada com grande respeito por todos, inclusive os dois carteiros que a entregaram às 9:14.

A caixa de chapéu foi levada para um laboratório de segurança, onde a parte externa foi checada em busca de danos, espargida com um desinfetante químico muito poderoso e finalmente aberta sob procedimentos de contaminação rigorosos. Os documentos de acompanhamento explicavam por que isso era necessário. Suspeitava-se que os dois tubos de sangue continham vírus causadores de febre

hemorrágica. Isso poderia significar qualquer uma entre as muitas doenças desse tipo nativas da África — o continente de origem indicado —, e todas deviam ser evitadas. Um técnico manipulou o recipiente numa caixa de proteção com luvas embutidas; examinou-o em busca de vazamentos, e, mesmo não encontrando nenhum, espargiu-o com mais spray desinfetante. O sangue seria testado com anticorpos e comparado com outras amostras. A documentação seguiu para o escritório do Dr. Lorenz no Departamento de Patogenia.

— É o Gus, Alex — ouviu o Dr. Lorenz dizer ao telefone.

— Ainda não consegui pescar?

— Talvez este fim de semana. Um sujeito da neurocirurgia tem um barco, e finalmente estamos com tudo em ordem na casa. — O Dr. Alexandre olhava pela janela de seu escritório no leste de Baltimore. Podia ver o porto, que conduzia à baía de Chesapeake, e lá devia haver peixes.

— Como estão as coisas aí? — perguntou Gus, enquanto sua secretária chegava com um envelope.

— Só estou checando a epidemia no Zaire. Alguma coisa nova?

— Nenhuma, graças a Deus. O período crítico já passou. Esta acabou rápido. Estávamos muito... —

Lorenz calou-se ao abrir a pasta e correr os olhos pela folha de rosto. — Espere um instante. Cartum? — murmurou para si mesmo.

Alexandre aguardou pacientemente. Lorenz era um leitor lento e cuidadoso.

O homem idoso, parecia-se muito com Ralph Forster no tocante a realizar as coisas sem pressão, que era uma das coisas que fazia dele um cientista experimental brilhante. Lorenz raramente dava um passo em falso. Examinava com muito cuidado o terreno antes de usá-lo.

— Acabamos de receber duas amostras de Cartum. A folha de rosto é assinada por um Dr.

MacGregor, do Hospital Inglês em Cartum. Dois pacientes, homem adulto e menina de quatro anos, possivelmente com febre hemorrágica. As amostras estão agora no laboratório.

— Cartum? Sudão?

— É isso que diz aqui — confirmou Gus.

— Um bocado distante do Congo.

— Aviões, Alex, aviões — observou Lorenz. Se há uma coisa que assusta os epidemiologistas é o voo aéreo internacional. A folha de rosto não dizia muita coisa, mas havia um telefone e números de fax. — Muito bem, precisamos fazer os testes e ver o que descobrimos.

— E quanto às amostras anteriores?

— Terminamos o mapeamento ontem. Ebola Zaire, subtipo Mayinga, idênticos até o último aminoácido às amostras do 176.

— A cepa transmitida pelo ar — murmurou Alexandre. — Aquela que matou George Westphal.

— Isso nunca foi comprovado, Alex — recordou-o Lorenz.

— George era cuidadoso, Gus. Você sabe disso. Você o treinou. — Pierre Alexandre esfregou os olhos. Dores de cabeça. Ele precisava de uma nova lâmpada de mesa. — Mantenha-me informado do resultado dos testes com essas amostras, certo?

— Claro. Eu não me preocuparia muito. O Sudão é um ambiente difícil para esse vírus. Quente, seco, muito sol. O vírus não resistiria dois minutos em ambiente aberto em todo caso, deixe-me falar com meu chefe de laboratório.

Verei se posso examinar pessoalmente ao microscópio hoje à tarde... não, é mais provável amanhã de manhã, eu tenho uma reunião de departamento daqui a uma hora.

— Sim, e eu preciso comer qualquer coisa. Falo com você amanhã, Gus.

Alexandre — ele ainda pensava em si mesmo mais como coronel do que como professor — colocou o telefone no gancho e caminhou até o refeitório. Ficou satisfeito em encontrar novamente Cathy Ryan na fila de comida, juntamente com seu guarda-costas.

— Oi, professora.

— Como vai a pesquisa?— perguntou Cathy com um sorriso.

— Mesma coisa, mesma coisa. Preciso de uma consulta, doutora — disse ele, selecionando um sanduíche no balcão.

— Não entendo de vírus. — Mas ela tivera muitos pacientes aidéticos cujo problema visual era secundário ao seu problema principal. — Qual é o problema?

— Dores de cabeça — disse enquanto se dirigia ao caixa.

— Oh? — Cathy virou-se e tirou os óculos do rosto de Alexandre. Segurou-os contra a luz. — Devia experimentar limpá-los de vez em quando. Está com cerca de duas dioptrias a menos, mais um astigmatismo muito forte. Quando foi a última vez que conferiu a sua receita?

Cathy devolveu os óculos com uma olhada final na sujeira acumulada em torno das lentes, já sabendo a resposta à sua pergunta.

— Oh, há uns três...

— Anos. Você devia se cuidar melhor. Mande sua secretária ligar para a minha e farei um exame.

Almoça conosco?

Escolheram uma mesa perto da janela, com Roy Altman a reboque, olhando ao redor enquanto os outros membros da segurança presidencial faziam o mesmo. Barra limpa.

— Sabe, você poderia ser um bom candidato para a nossa nova técnica de laser. Podemos mudar a forma da sua córnea até deixá-la em 20-20 — disse Cathy. Ela havia ajudado a montar esse programa, também.

— É seguro? — perguntou desconfiado o professor Alexandre.

— Os únicos procedimentos inseguros que faço são na minha cozinha — replicou a professora Ryan, soerguendo uma sobancelha.

— Sim, senhora — disse Alex com um sorriso sem jeito.

— Que há de novo do seu lado da casa?

Estava tudo na edição. Bem, quase tudo na edição, pensou Tom Donner, digitando no computador de seu escritório. Depois da exibição da entrevista ele entraria com seu próprio comentário, explicando e esclarecendo o que Ryan quisera dizer com seu discurso aparentemente sincero... aparentemente sincero?

A expressão saltara sozinha de sua mente, surpreendendo o jornalista. Donner estava no ramo havia alguns anos e antes de sua promoção para âncora da emissora trabalhara em Washington. Entrevistara todos eles e conhecia-os bem.

Seu Rolodex estava repleto de cartões com cada nome e número importante na cidade. Como qualquer bom repórter, ele tinha conexões. Podia pegar o telefone e ligar para qualquer um, porque em Washington as regras para lidar com a imprensa eram elegantemente simples: ou você era uma fonte ou um alvo. Se não fizesse o jogo dos jornalistas, eles rapidamente encontrariam um inimigo seu que faria. Em outros contextos, o termo técnico era chantagem.

Os instintos de Donner diziam-lhe que ele jamais encontrara ninguém como o presidente Ryan antes, pelo menos não na vida pública... mas seria isso verdade? A pose de homem comum remontava pelo menos aos tempos de Júlio César. Era sempre um stratagema, uma forma de fazer os eleitores pensarem que o homem era realmente um deles. Mas ele nunca era. Pessoas normais não chegam tão longe assim em nenhum campo. Ryan subira na CIA fazendo política interna exatamente como todo mundo... tinha de ter feito. Fizera inimigos e aliados, como todo mundo fazia, e mexera os pauzinhos para subir.

E quanto às informações confidenciais que obtivera sobre a carreira de Ryan na CIA... deveria usá-las? Não no especial. Talvez no noticiário, que conteria uma chamada para convidar as pessoas a assistir ao especial em vez de seu seriado favorito.

Donner sabia que precisava tomar cuidado. Não se pisa no calo de um presidente apenas pela

diversão... bem, isso não era verdade. Pisar no calo de um presidente era o melhor tipo de diversão, mas havia regras sobre como fazer isso. A sua informação precisava ser muito sólida. Isso significava fontes múltiplas, e tinham de ser boas fontes. Donner teria de encaminhá-las a um executivo superior em sua empresa de notícias, e eles discutiriam por um bom tempo se a matéria devia ser veiculada, mas no fim ela iria ao ar de qualquer jeito.

Homem comum. Mas um homem comum não trabalhava para a CIA nem operava como um espião de campo, não é verdade? Com toda certeza do mundo, Ryan era o primeiro espião a ocupar o Salão Oval... isso era bom?

Havia muito espaços em branco na vida de Ryan. O incidente em Londres.

Ele matara os terroristas que haviam atacado sua casa... ele matara pelo menos um deles lá também. Esta história incrível sobre o roubo de um submarino soviético, durante a qual, dizia sua fonte, ele matara um marinheiro russo. As outras coisas. Era esse o tipo de pessoa cujo o povo americano queria na Casa Branca?

E ainda assim ele tentava fazer-se passar por um... homem comum. Bom senso. Isto é o que a lei diz. Levo meus juramentos a sério.

É uma mentira, pensou Donner. Tem de ser uma mentira.

Você é um filho da puta esperto, Ryan, pensou o âncora.

E se ele fosse um filho da puta esperto, e se isso fosse mesmo uma mentira? Mudar o sistema de impostos. Mudanças na Suprema Corte.

Mudanças em nome da eficiência, atividades do secretário Bretano na Defesa... merda.

O próximo salto de imaginação seria que a CIA e Ryan tinham um papel na colisão Capitólio... não, isso era loucura demais. Ryan era um oportunista.

Todos eles eram, mas as pessoas que Donner entrevistara em sua vida profissional, desde seu primeiro emprego na emissora afiliada em Des Moines, onde seu trabalho mandara um diretor de repartição pública para a cadeia, e fizera-o ser notado pelos executivos da emissora. Figuras políticas. Donner já fizera reportagens sobre todos os tipos de notícias, de avalanches guerras, mas eram os políticos a quem estudava, como profissão-hobby.

Eram todos iguais, verdade. Lugar certo, hora certa, e sempre tinham interesses pessoais. Se havia uma coisa que aprendera, era isso. Donner olhou pela janela e levantou seu telefone com uma das mãos enquanto folheava o Rolodex com a outra.

— Ed, é o Tom. Quero saber se essas fontes são realmente boas e se posso encontrar-me com elas rápido.

Ele não pôde ouvir o sorriso do outro lado da linha. ; Sohaila estava sentada na cama agora. Situações como essa proporcionavam um alívio que jamais deixava de pascar o jovem médico. A medicina era a mais exigente das profissões, ou pelo menos era o que MacGregor acreditava. Todos os dias, em maior ou menor grau, ele jogava dados com a morte. Não pensava em si mesmo como um soldado, um guerreiro em combate, pelo menos em termos conscientes, porque a morte era um inimigo que jamais se revelava... mas sempre estava presente. Cada paciente que tratava tinha aquele inimigo dentro de si, ou pairando sobre ele, e seu trabalho como médico era descobrir o esconderijo, atraí-la para fora e destruí-la. Depois você via a vitória no rosto do paciente, e saboreava cada um desses momentos.

Sohaila ainda não estava bem, mas isso passaria. Estava agora em dieta de líquidos, e não estava vomitando. Ainda se sentia fraca, mas seu corpo não ficaria mais debilitado. Sua temperatura estava baixa. Todos os sinais vitais estavam estabilizados ou voltando ao normal. Isto era uma vitória. A Morte não conquistaria esta criança. No curso normal dos eventos, ela cresceria, brincaria, casaria e teria suas próprias crianças.

Mas era uma vitória pela qual MacGregor não poderia realmente assumir crédito, pelo menos não integralmente. O cuidado que dispensara à criança fora apenas de apoio, não de cura. Ajudara? Provavelmente, disse o médico a si mesmo. Não era possível saber onde ficava a linha entre o que teria acontecido sem interferência externa e a diferença que ele havia feito. A medicina seria muito mais fácil se seus praticantes possuísem essa capacidade de discernimento, mas ainda não era assim e provavelmente jamais seria. Se ele não tivesse tratado a menina... bem, neste clima, apenas o calor a teria matado, ou decerto a desidratação, ou talvez alguma infecção oportunista secundária. As pessoas muitas vezes morriam não devido à mazela principal, mas a alguma outra coisa que se aproveitava do enfraquecimento geral do corpo. Sendo assim... ele aceitaria os louros por esta vitória, que era ainda mais agradável por ter sido a vida de uma menininha bonita e encantadora que em breve reaprenderia a sorrir. MacGregor tomou seu pulso, desfrutando o toque da paciente como sempre fazia, e o contato remoto com um coração que prosseguiria batendo dali a uma semana. E enquanto observava, a menina adormeceu. Gentilmente, o médico recolocou a mão na cama e se virou.

— Sua filha vai se recuperar completamente — disse aos pais, confirmando suas esperanças e esmagando os temores com seis palavras calmas e um sorriso caloroso.

A mãe soluçou como se tivesse sido socada, sua boca aberta, lágrimas explodindo de seus olhos enquanto ela cobria o rosto com as mãos. O pai recebeu a notícia no que julgava ser uma forma mais máscula, mantendo o rosto impassível... mas não os olhos, que relaxaram e se voltaram para o teto aliviados. Então, segurou a mão do médico e seus olhos escuros desceram para fixar os de MacGregor.

— Não vou esquecer — disse o general.

Então chegou a hora de ver Saleh, algo que ele adiara conscientemente.

MacGregor deixou o quarto e caminhou pelo corredor. Lá fora colocou um tipo diferente de roupa. Ao entrar no quarto viu um derrotado. O homem estava amarrado à cama. A doença penetrara seu cérebro. A demência era outro sintoma do Ebola, um sintoma misericordioso. Os olhos de Saleh estavam vazios e fitavam o teto. A enfermeira estendeu ao médico o prontuário. Notícias ruins do começo ao fim. MacGregor correu os olhos por ela, franziu a testa e escreveu um pedido para aumentar a dosagem de morfina no soro. Neste caso, cuidado e apoio não fazia a menor diferença. Uma vitória, uma perda. Se ele tivesse tido uma escolha de qual deveria ser o vencedor e qual o perdedor, seria exatamente assim que escreveria a história; Saleh era adulto e tivera uma vida mais ou menos longa. Essa vida duraria mais cinco dias no máximo, e MacGregor não podia fazer nada para salvá-la, apenas algumas coisas para tornar sua passagem final menos dolorosa para o paciente... e para a equipe.

Depois de cinco minutos, deixou o quarto, despiu a roupa protetora e caminhou até seu escritório, rosto congelado numa expressão pensativa.

De onde a doença viera? Por que uma vítima sobrevivera e a outra morrera? O que ele não sabia que precisava saber? O médico serviu-se de uma xícara de chá e tentou recordar os elementos da vitória e da derrota para encontrar a informação que tinha decidido as duas questões. Mesma doença, mesmo tempo. Dois resultados diferentes. Por quê?

Reprises

Eu não posso dar-lhe isto, e não posso deixar que faça nenhuma cópia, mas posso permitir que dê uma olhada. — Ele estendeu a foto. Usava uma luva fina, e já dera uma para Donner. Digitais, explicara em tom calmo.

— Isso é o que penso que é?

Era uma fotografia em preto-e-branco, em papel lustroso, 20 x 25cm, mas não havia nenhum selo de sigilo nela, pelo menos não na frente. Donner não a virou.

— Você realmente não quer saber, quer? — Era uma pergunta e um aviso.

— Acho que não — respondeu Donner, entendendo a mensagem. Ele não sabia como a Lei da Informação — 18 U.S.C. §793E — interagira com seus direitos da Primeira Emenda, mas se ele não sabia que a foto era sigilosa, então não precisava descobrir.

— A embarcação é um submarino soviético armado com mísseis nucleares, e esse no passado é Jack Ryan. Você vai notar que ele está usando um uniforme da Marinha. Foi uma operação da CIA, realizada em cooperação com a Marinha. Vou lhe contar o que descobrimos sobre a missão. — O homem estendeu uma lente de aumento para que o jornalista se certificasse de que as identificações eram positivas. — Nós enganamos os soviéticos, fazendo com que eles pensassem que o submarino explodiu e afundou a meio caminho entre a Flórida e Bermudas. Provavelmente ainda acreditam nisso.

— E onde está agora? — indagou Donner.

— Eles o afundaram um ano depois, perto de Porto Rico — explicou o oficial da CIA.

— Por que lá?

— Águas atlânticas profundas próximas ao território americano, a cerca de cinco milhas de profundidade; ninguém jamais achará o submarino, e ninguém pode nem mesmo procurar sem que tenhamos conhecimento.

— Isso foi em... eu lembro! — disse Donner. — Os russos fizeram um grande exercício de guerra e nós entramos em prontidão. E eles chegaram a perder um submarino, não foi?

— Dois. — Outra foto saiu da pasta. — Está vendo o dano na proa do submarino? Nas proximidades das Carolinas, o Outubro Vermelho investiu contra outro submarino russo e o afundou. Ele ainda está lá. A Marinha não recuperou esse, mas enviou robôs que saquearam várias coisas úteis na carcaça.

Foi encoberto como atividade de resgate no primeiro, aquele que afundou devido a um acidente com o reator. Os russos jamais descobriram o que aconteceu com o segundo Alfa.

— E essas informações nunca vazaram?

Isso era impressionante para um homem que passara anos extraindo fatos do governo, como um dentista trabalhando a boca de um paciente medroso.

— Ryan sabe encobrir as coisas. — Outra foto. — Isto é um saco de corpo. A pessoa dentro dele era um tripulante russo. Ryan o matou; atirou nele com sua pistola. Foi assim que conseguiu sua primeira Estrela no serviço de informações. Acho que decidi que não podíamos correr o risco de que o tripulante contasse... bem, não é muito difícil imaginar, é?

— Assassinato?

— Não. — O homem da CIA não estava querendo chegar tão longe. — A história oficial é que aconteceu um tiroteio de verdade, em que outras pessoas também saíram feridas. E isso que dizem os documentos no arquivo, mas...

— Sim. Mas faz a gente pensar, não é? — disse Donner, fitando as fotos. — Há alguma chance de essas fotos terem sido forjadas?

— Há a possibilidade — admitiu o homem da CIA. — Mas não foram. A outra pessoa na foto: almirante Dan Foster. Ele era chefe de Operações Navais na época. Este aqui é o comandante Bartolomeo Mancuso. Na época comandava o USS Dallas. Foi transferido para o Outubro Vermelho para mediar a deserção de... A propósito, ele ainda está em serviço. Agora é almirante. Ele comanda todos os submarinos no Pacífico. E esse é o comandante Marko Aleksandrovich Ramius, da Marinha soviética. Todos ainda estão vivos. Ramius vive agora em Jacksonville, Flórida. Trabalha na base naval em Mayport sob o nome Mark Ramsey. Contrato de consultoria — explicou. — A rotina de sempre. Ganha um belo estipêndio do governo, mas Deus sabe que ele merece.

Donner anotou os detalhes e reconheceu um dos rostos. Com toda certeza aquilo não era forjado. Também havia regras para isso. Um jornalista que descobre que mentiram para ele tem muita chance de conseguir fazer o mentiroso cair nas garras da lei; pior, ele pode tornar o mentiroso um alvo, e a mídia era sempre mais impiedosa do que qualquer promotor do Departamento de Justiça. Afinal de contas, o sistema jurídico estava restrito à lei.

— Certo — disse o jornalista. O primeiro conjunto de fotos retornou para sua pasta. Outra pasta apareceu, e dela saiu uma fotografia.

— Reconhece este homem?

— Ele era... espere um minuto. Gera-alguma coisa. Ele era...

— Nikolay Gerasimov. Foi diretor da antiga KGB.

— Morreu num desastre de avião em..

Outra foto saiu da pasta. O indivíduo era mais velho, mais grisalho, e parecendo bem mais próspero.

— Esta foto foi tirada há dois anos em Winchester, Virgínia. Ryan foi até Moscou, disfarçado como consultor técnico para os debates da START. Ele ajudou Gerasimov a desertar. Ninguém sabe exatamente como. A esposa e a filha de Gerasimov também conseguiram fugir. A operação foi conduzida diretamente do gabinete do juiz Moore. Ryan trabalhou muito dessa forma. Ele nunca fez realmente parte do sistema. Ryan sabe... olhe, para ser justo com o homem, ele é um puta espião. Tudo indica que ele trabalhou diretamente para Jim Greer como parte do DII, não do DO. Um disfarce dentro de um disfarce.

Ryan jamais cometeu um erro operacional de que eu tenha conhecimento, e isso é uma tremenda ficha. Não são muitos profissionais do ramo que podem se vangloriar disso, mas um dos motivos é que ele é um filho da puta cruel. Eficaz, mas cruel. Ele passava por cima de toda burocracia sempre que queria. Ryan sempre faz as coisas do modo dele, segundo sua própria cabeça, e se você cruza com seu caminho... bem, para manter a operação em segredo, um oficial russo foi enterrado junto com o Outubro Vermelho, e a tripulação inteira de um Alfa foi morta ao largo das Carolinas. Não tem nada nos arquivos, mas os arquivos estão com um monte de espaços em branco. Por exemplo, não consta dos arquivos como a esposa e a filha de Gerasimov fugiram da Rússia. Tudo que sei são rumores, e bem vagos.

— Porra, queria saber disso tudo algumas horas atrás.

— Ele enrolou você, não enrolou? — Essa pergunta veio de Ed Kealty através de um telefone viva-voz.

— Conheço o problema — disse o oficial da CIA. — Ryan é escorregadio.

Escorregadio mesmo. Ele patinou através da CIA como Dorothy Hamill em Innsbruck; fez isso durante anos. O Congresso o ama. Por quê? Ele parece o sujeito mais honesto do mundo. Só que ele matou pessoas.

O nome do homem da CIA era Paul Webb. Era oficial sênior no Diretório de Informações, mas não

importante o suficiente para impedir que sua unidade inteira acabasse na lista de dispensas. Webb achava que deveria ser DDI agora, e teria conseguido se Ryan não tivesse puxado tanto o saco de James Greer. E assim sua carreira terminara num cargo burocrático na CIA, e agora isso estava sendo tirado dele. Ele tinha sua aposentadoria. Ninguém poderia roubar-lhe isso; bem, se descobrissem que contrabandeara esses arquivos para fora de Langley, estaria encrencado até o pescoço... ou talvez não. Que realmente acontecia com alcaguetes, afinal? A mídia os protegia muito bem, e ele tinha muito tempo de serviço, e... ele não gostava de ser parte de um programa de cortes de efetivo. Em outra época, embora não o admitisse para si mesmo, sua raiva o teria levado a entrar em contato com... não, isso não. Não com um inimigo. Mas a mídia não era um inimigo, era? Ele disse a si mesmo que a mídia era amiga, apesar de uma carreira inteira pensando o contrário.

— Você foi enrolado, Tom — repetiu Kealty pela linha telefônica. — Bem-vindo ao clube. Nem eu sei de todas as coisas que esse sujeito é capaz. Paul, conte a ele sobre a Colômbia.

— Não consegui encontrar nenhum arquivo a esse respeito — admitiu Webb.

— Bem, deve estar nos arquivos especiais, aqueles com selos de tempo.

Provavelmente só pode ser aberto em 2050, no mínimo. Ninguém pode ver esses arquivos.

— Como isso acontece? — questionou Donner. — Já ouvi falar disso, mas nunca consegui confirmar...

— Como eles mantêm essas coisas fora dos livros de História? É um acordo que precisa passar pelo Congresso, uma parte não escrita do processo de supervisão. A Agência procura o Congresso com um probleminha, requisita tratamento especial, e se o Congresso concorda, os arquivos vão para o cofre especial... droga, até onde sei, todos podem ter sido rasgados e enviados para reciclagem. Mas posso lhe dar alguns fatos verificáveis — concluiu Webb.

— Estou ouvindo — replicou Donner. E seu gravador também.

— Como você acha que os colombianos desmantelaram o cartel de drogas de Medellín? — indagou Webb, cativando ainda mais a atenção de Donner. Isso não era tão difícil; essa gente achava que sabia tudo sobre intriga, pensou Webb com um sorriso benevolente.

— Bem, parece que aconteceu algum tipo de conflito interno, umas duas bombas explodiram e...

— Bombas da CIA. De alguma forma, não tenho certeza de como iniciamos aquele conflito de facções. O que sei é o seguinte: Ryan desceu até a Colômbia. O mentor de Ryan em Langley era James Greer; eles eram como pai e filho. Mas quando James morreu, Ryan não compareceu ao funeral, e ele não estava em casa e nem afastado a serviço da CIA; acabara de retornar de uma conferência da OTAN na Bélgica. Mas Ryan simplesmente sumiu do mapa, como fez um monte de vezes. Logo depois o conselheiro de Segurança Nacional do presidente, Jim Cutter, foi atropelado acidentalmente por um ônibus no centro de Washington na G.W., certo? Ele não olhou? Ele simplesmente passou correndo na frente do ônibus? Foi isso que o FBI disse, mas o homem que cuidou do caso foi Murray, e que emprego ele tem agora? Diretor do FBI, certo? Por acaso, ele e Ryan são amigos há mais de dez anos. Murray era o homem especial de Emil Jacobs. Quando o FBI precisou de alguma coisa feita na moita, chamaram Murray. Além disso, ele foi adido jurídico em Londres; esse é um posto perfeito para um espião, e permite muitos contatos com os serviços de informação ingleses. Murray é um sujeito com muita influência e conexões. E ele escolheu Pat Martin para aconselhar Ryan nas nomeações à Suprema Corte. O quadro está ficando claro?

— Espere um minuto. Eu conheço Dan Murray. Ele é um sujeito grosso, mas é um cara honesto e...

— Tudo indica que estive na Colômbia com Ryan. Ele sumiu do mapa ao mesmo tempo que Ryan. Veja bem, não esqueça que eu não tenho o arquivo dessa operação, certo! Não posso provar nada disso. Veja a sequência de eventos. O diretor Jacobs e todos os outros foram mortos; logo depois que explodimos bombas na Colômbia, e um monte de homens do cartel das drogas foi conversar com Deus...

mas muitos inocentes morreram também. Essa é uma desvantagem em usar bombas. Lembra do comentário de Bob Raywler a esse respeito? Depois das explosões, que aconteceu? Ryan desapareceu. Murray também. Acho que eles desceram para finalizar a operação antes que ela escapasse totalmente ao controle... e depois Cutter morreu num momento muito conveniente. Cutter não tinha coragem de sujar as mãos; ele provavelmente sabia disso, e as pessoas ficaram com medo que ele desse com a língua nos dentes porque não tinha colhões. Mas Ryan tinha, com toda certeza... e ainda tem. Murray... bem, você mata o diretor do FBI e emputece uma organização muito perigosa, e não posso dizer que desaprovo isso. Aqueles desgraçados de Medellín abusaram muito, e fizeram isso num ano de eleição; Ryan era o homem certo para acabar com a raça deles e alguém lhe deu uma licença de caça. E talvez as coisas tenham fugido um pouco ao controle... isso acontece... e assim ele desceu até a Colômbia para encerrar a operação. Com sucesso — enfatizou Webb. — Na verdade, a operação inteira foi um sucesso. O cartel foi desmantelado...

— E outro ocupou seu lugar — objetou Donner.

Webb assentiu com o sorriso típico de quem conhece segredos.

— Verdade, e o novo cartel não matou oficiais americanos, matou? Alguém explicou para eles quais eram as regras. Repito: não direi que o que Ryan fez foi errado, exceto por uma coisinha.

— Qual? — perguntou Donner, desapontando Webb, embora ele agora estivesse completamente enfeitiçado pela história.

— Quando você destaca forças militares para um outro país, e mata pessoas, isso é chamado um ato de guerra. Mas, novamente, Ryan foi escorregadio. O rapaz fez algumas jogadas muito bonitas. Jim Greer treinou-o bem. Você poderia mergulhar Ryan num tanque de esterco e ele continuaria cheirando a perfume.

— Então, qual é a sua birra com ele?

— Você finalmente perguntou — comentou Webb. — Jack Ryan provavelmente é o melhor operador de informação que tivemos em trinta anos, o melhor desde Allen Dulles, talvez o melhor desde Bill Donovan. Outubro Vermelho foi um golpe de mestre. Tirar o diretor da KGB da URSS foi ainda melhor. A coisa na Colômbia... bem, eles puxaram o rabo do tigre e esqueceram que o tigre tem garras afiadas. Tudo bem, Tom — condescendeu Webb. — Ryan é um tremendo espião, mas ele precisa de alguém para dizer-lhe o que é a lei.

— Um homem como esse jamais seria eleito — observou Kealty, esforçando-se para dizer o mínimo possível. A cinco quilômetros dali seu chefe de gabinete quase arrancou-lhe o telefone das mãos; eles já estavam conseguindo passar a mensagem. Felizmente, o comentário não atrapalhou o discurso de Webb.

— Ele fez um trabalho fenomenal na Agência. Ele foi até um bom consultor para Roger Durling, mas isso não é o mesmo que ser presidente. Sim, ele o enrolou, Sr. Donner Talvez tenha enrolado Durling... provavelmente não, mas quem pode dizer? Mas esse homem está reconstruindo a porra do governo todo, e está reconstruindo à sua imagem e semelhança, caso não tenha notado. Ele só indicou pessoas com quem trabalhou, entre elas pessoas com quem está envolvido há muito tempo, ou que foram selecionadas por seus associados.

Murray gerindo o FBI. Você quer Dan Murray no comando da agência policial mais poderosa dos Estados Unidos? Você quer essas duas pessoas escolhendo a Suprema Corte? Para onde ele irá nos levar? — Webb fez uma pausa, suspirou. — Odeio fazer isso. Ele foi colega meu em Langley, mas não é adequado para a presidência. Tenho um compromisso para com o meu país, e meu país não é Jack Ryan. — Webb recolheu as fotos e enfiou-as de volta em suas pastas. — Preciso devolver isso. Se alguém descobrir o que fiz... veja só o fim que teve Jim Cutter.

— Obrigado — disse Donner.

Agora Donner tinha algumas decisões para tomar. Seu relógio dizia que eram três e meia. Precisava

tomar essas decisões bem rápido. Bem, o dilema não seria excruciante. Só havia uma coisa mais furiosa do que uma mulher traída. Um jornalista que ficava sabendo que tinha sido enrolado.

Todos os nove estavam morrendo. O processo levaria de cinco a oito dias, mas todos estavam condenados e sabiam disso. Seus rostos fitavam as câmeras de teto; não nutriam mais ilusões. Suas execuções seriam mais cruéis do que as sentenças que teriam recebido de qualquer tribunal. Ou pelo menos era o que pensavam. Esse grupo prometia ser mais perigoso que o primeiro — detinham mais conhecimento sobre o que estava acontecendo — e como resultado estavam tendo seus movimentos mais contidos. Os médicos do Exército tinham encontrado uma forma de impedir que seus pacientes se debatessem durante o processo — um movimento de braço no momento errado poderia fazer um dos soldados enfiar a agulha no corpo errado; assim, enquanto um homem tirava a amostra de sangue, o outro mantinha uma faca encostada na garganta do paciente. Apesar de saberem que estavam condenados, eles eram criminosos e covardes, e portanto não mediriam esforços para protelar suas mortes. Não era uma técnica médica humanista, mas ninguém no prédio estava praticando medicina humanista. Moudi observou o processo por alguns minutos e deixou a sala de monitoração.

Estiveram extremamente pessimistas em muitos aspectos, e um deles era a quantidade necessária de vírus. No tanque de cultura, o Ebola consumira os rins de macaco com uma voracidade que causara arrepios até mesmo no diretor.

Embora fundamentalmente em nível molecular, era como ver formigas atacando uma fruta, vindo de lugar algum e cobrindo-a rapidamente, enegrecendo-a com seus corpos. Assim era com o vírus Ebola; embora fosse pequeno demais para ser visto, havia literalmente trilhões deles comendo o tecido que lhes fora oferecido como alimento. O fígado havia sido de uma cor agora era de outra, e não era preciso ser médico para saber que palavras não conseguiriam descrever o quanto o conteúdo da câmara era odioso. Moudi sentiu o sangue gelar só de olhar para aquela sopa horrenda. Havia litros dela agora. O Volume crescia cada vez mais, porque estavam acrescentando sangue humano retirado banco de sangue central em Teerã.

O diretor estava examinando uma amostra no microscópio eletrônico, comparando a outra. Enquanto se aproximava, Moudi pode ver os selos com datas em cada uma das amostras. Uma delas era de Jean Baptiste. A outra era recém-chegada, de um paciente no segundo grupo de nove.

— São idênticas, Moudi — disse ele, virando quando o homem mais jovem se aproximou.

Isso não era tão previsível quanto um leigo poderia pensar. Um dos problemas com os vírus era que, mal estando vivos, eram realmente inadequados para reprodução. A cadeia de RNA carecia de uma função de edição para assegurar que cada geração seguisse plenamente os passos da predecessora. Era uma fraqueza séria do Ebola, e de muitos outros organismos similares. Cedo ou tarde cada epidemia de Ebola se dispersava, e este era um dos motivos. O vírus em si, mal adaptado ao hospedeiro humano, tornava-se menos virulento. E era isso que o tornava a arma biológica ideal. O vírus iria matar. O vírus iria se disseminar. Então morreria antes de se espalhar demais. O quanto ele se disseminaria dependia da distribuição inicial. O Ebola era a um só tempo horrivelmente letal e também limitado em termos de tempo.

— Portanto, teremos pelo menos três gerações de estabilidade — observou Moudi.

— E por extrapolação, provavelmente sete para nove.

Por mais pervertida que fosse sua visão da ciência, o diretor do projeto era um conservador em questões técnicas. Moudi teria dito nove para onze. Era melhor que o diretor estivesse certo, admitiu Moudi para si mesmo, virando-se.

Numa mesa ao fundo havia vinte latas. Eram parecidas com aquelas usadas para infectar o primeiro grupo de criminosos, mas ligeiramente modificadas, estando camufladas como o tamanho econômico de

um creme de barbear europeu muito popular. (Na verdade, os proprietários da companhia eram americanos, o que parecera engraçado a todos os envolvidos ao projeto.) Elas haviam sido compradas em vinte cidades diferentes em cinco países diferentes, conforme demonstravam os números de série marcados em seus fundos côncavos. Aqui, na Casa dos Macacos, as latas haviam sido esvaziadas e desmontadas cuidadosamente para sofrer modificações. Cada uma continha meio litro de solução de sopa, acrescida de um propulsor de gás neutro (nitrogênio, que não reagiria quimicamente com a sopa e não provocaria combustão) e uma pequena quantidade de fluido refrigerante. Outra parte da equipe já testara o sistema de entrega. O Ebola não sofreria nenhuma degradação durante mais de nove horas. Depois disso, com a perda da refrigeração, as partículas do vírus começariam a morrer numa função linear.

Em 9-1-8 horas, menos de 10% das partículas estariam mortas... mas essas, disse Moudi a si mesmo, seriam as mais fracas, e provavelmente aquelas com menos chance de causar doenças. Em 9+16 horas, 15% estariam mortas. Depois disso, segundo os experimentos haviam revelado, a cada oito horas — por alguma razão os números pareciam coincidir com terços de dias — um adicional de 5% morreria. Portanto...

Era muito simples. Os viajantes voariam para Teerã. Tempo de voo para Londres, sete horas. Tempo de voo para Paris, trinta minutos a menos. Tempo de voo para Frankfurt, menos ainda. A maioria desses fatores era a hora do dia, aprendera Moudi. As três cidades ofereciam uma abundância de voos de conexão. As bagagens não seriam checadas porque os viajantes estariam seguindo para outro país, as inspeções alfandegárias seriam dispensadas, e portanto ninguém notaria as latas de creme de barbear anormalmente frio. Aproximadamente na hora em que o fluido refrigerante estivesse perdendo o efeito, viajantes estariam em suas poltronas na primeira classe, subindo para altura de cruzeiro, rumo às cidades de destino. Mais uma vez o transporte aéreo internacional serviria perfeitamente a seus propósitos. Haveria voos diretos da Europa para Nova York, Washington, Boston, Filadélfia, Chicago, San Francisco, Los Angeles, Atlanta, Dallas, Orlando, e voos de conexão regulares para Las Vegas e Atlantic City — na verdade para todas as cidades principais dos EUA. Todos os viajantes voariam de primeira classe, para mais rápido receberem suas bagagens e passar pela alfândega. Teriam reservas em bons hotéis e passagens de retorno para partir de aeroportos diferentes. Do momento zero até o momento da entrega não transcorreriam mais de 24 horas, e portanto 80% do Ebola liberado estaria ativo. Depois disso, tudo seria aleatório, tudo estaria nas mãos de Alá... não! Moudi balançou a cabeça. Ele não era o diretor.

Ele não associaria este projeto à vontade de seu Deus. Qualquer que fosse a vontade de seu Deus, e por mais benéfico que o projeto fosse ao seu país — que agora estava renascendo numa nova nação —, Moudi não macularia suas crenças religiosas dizendo ou mesmo pensando isso.

Muito simples? Tinha sido fácil no começo, mas agora... era como uma espécie de legado. A irmã Jean Baptiste, que já fora incinerada, não deixara crianças para trás, como deveria fazer toda mulher. Em vez disso, o corpo da freira deixara uma doença como seu legado físico, e isso era um ato tão maligno que certamente ofenderia Alá. Mas a irmã Jean Baptiste deixara outra coisa também, um legado verdadeiro. Moudi já odiara todos os ocidentais, considerando-os infiéis. Aprendera na escola sobre os Cruzados, e como esses pretensos soldados do profeta Jesus haviam massacrado muçulmanos, como Hitler massacrara judeus; desse conhecimento, Moudi extraía a lição de que todos os cristãos eram inferiores às pessoas de sua Fé, e que era fácil odiar essa gente, fácil considerá-las uma mácula no mundo. Mas aquela pobre mulher...

Que era o Ocidente e que era o cristianismo? Os criminosos do século XI, ou uma mulher virtuosa do século XX que negara todos os desejos humanos que ela deveria sentir... e por quê? Para servir aos doentes, para ensinar sua fé.

Sempre humilde, sempre respeitosa. Ela jamais quebrara seus votos de pobreza, castidade e

obediência — Moudi tinha certeza disso —, e embora esses votos essas crenças pudessem ter sido falsos, não tinham sido tão falsos. Ele aprendera com ela a mesma coisa que o Profeta aprendera. Havia apenas um Deus. Havia apenas um livro. Ela servira a ambos com um coração puro, por mais desorientadas que pudessem ser suas crenças religiosas.

Não apenas a irmã Jean Baptiste, lembrou a si mesmo. A irmã Maria Magdalena também. E ela fora assassinada — e por quê? Por lealdade à sua fé, aos seus votos, à sua amiga; coisas aprovadas pelo Corão.

Teria sido muito mais fácil para ele se trabalhasse apenas com negros africanos. Ele abominava suas crenças religiosas; muitos eram pagãos em atos e palavras, ignorantes do Deus único. Moudi seria capaz de não sentir nenhuma piedade pelos africanos, assim não tivera antes com os cristãos... até conhecer Jean Baptiste e Maria Magdalena.

Porquê? Por que isso acontecera?

Infelizmente para Moudi, era tarde demais para fazer essas perguntas. Não adiantava chorar sobre leite derramado. Caminhou até o canto mais distante da sala e serviu-se de café. Estava acordado havia mais de um dia, e com a fadiga vinham as dúvidas, e ele esperava que a bebida pudesse afastá-las até que conseguisse dormir um pouco e, com o descanso, reencontrar talvez a paz.

— Você só pode estar de brincadeira! — rosnou Arnie ao telefone. A voz de Tom Donner estava no tom mais apologetico possível.

— Talvez tenham sido os detectores de metal na saída. A fita foi danificada.

Ainda é possível ver e ouvir as imagens, mas há um pouco de ruído na trilha de áudio. Não está em qualidade para transmissão. O resto do programa todo está pronto, mas não podemos usar a entrevista.

— E então? — indagou van Damm — E então, temos um problema, Arnie. O segmento deve ir ao ar às nove da noite.

— E então, que quer que eu faça?

— Ryan está em condições de refazer a entrevista ao vivo? — perguntou o âncora. O chefe de gabinete do presidente quase deu uma resposta malcriada.

Se esta fosse a semana da avaliação de níveis de audiência — durante a qual as emissoras fazem tudo que podem para atrair público e assim poder aumentar o preço dos comerciais — ele teria acusado Donner de ter feito isso deliberadamente. Não, essa era uma linha que nem mesmo ele poderia cruzar.

Lidar com a imprensa nesse nível era como ser Clyde Beatty no picadeiro, armado com uma cadeira sem fundo e um revólver de festim, domando grandes felinos para a plateia, mantendo sua autoridade o tempo todo, mas sabendo que os felinos só precisavam ter sorte uma vez. Em vez disso, ofereceu silêncio, forçando Donner a fazer o movimento seguinte.

— Arnie, serão as mesmas perguntas. Quantas vezes damos ao presidente a chance de ensaiar suas falas? E ele se saiu muito bem hoje de manhã. John concorda comigo.

— Não podem regravar? — inquiriu van Damm.

— Arnie, eu entro no ar em quarenta minutos, e preciso trabalhar até as sete e meia. Eu teria trinta minutos para correr até a Casa Branca, preparar tudo, gravar e trazer: fita para cá. Acha que eu conseguiria fazer tudo isso até as nove? Quer me emprestar um dos seus helicópteros? — Fez uma pausa. — Olhe só, vamos fazer o seguinte: direi no m que estragamos a fita, e que o Patrão fez a gentileza de concordar em aparecer ao vivo conosco. Se isso não é um puta trabalho profissional, não sei mais o que é.

As luzes de alarme de Arnold van Damm estavam todas piscando. A boa notícia era que Jack saíra-se muito bem de manhã. Não fora perfeito, mas saíra-se bem, especialmente em termos de demonstrar sinceridade. Mesmo quando teve de responder a perguntas controvertidas, fizera-o demonstrando que

acreditava no que dizia. Ryan encarava suas instruções com seriedade, e aprendia rápido. Não parecera tão relaxado quanto poderia, mas isso não era problemático. Ryan não era um político — ele mesmo disse; isso duas ou três vezes —, e portanto podia parecer tenso. Grupos focais em sete cidades diferentes disseram gostar de Jack porque agia como um deles. Ryan não sabia que Arnie e a equipe política estavam fazendo uma pesquisa de popularidade.

Esse programa era tão confidencial quanto uma operação da CIA, mas Arnie justificava-o para si mesmo como uma checagem de realidade em como o presidente poderia transmitir melhor suas ideias e imagem para governar melhor — e nenhum presidente soubera de todas as coisas feitas em seu nome. A pesquisa constataria que Ryan parecia presidencial — não de forma normal, mas da sua própria forma, e isso, todos os grupos focais tinham concordado, também era bom. E ser entrevistado ao vivo... sim, isso seria uma demonstração de segurança, e faria muito mais gente mudar de canal para a NBC, e Arnie queria que as pessoas conhecessem Ryan melhor.

— Muito bem, Tom, um sim provisório. Mas terei de perguntar a ele.

— Faça isso rápido, por favor — replicou Donner. — Se ele cancelar, teremos de alterar toda a programação da rede para esta noite, e isso pode significar o meu na reta!

— Ligo de volta em cinco minutos — prometeu van Damm. Ele desligou o botão no fone e saiu correndo da sala, deixando o aparelho sobre sua mesa.

— Indo ver o Patrão — disse van Damm aos agentes do Serviço Secreto no corredor leste-oeste. Seu ritmo de caminhada disse-lhes para saltar da sua frente antes que seus olhos.

— Sim? — disse Ryan. Não era comum sua porta abrir sem aviso.

— Temos que refazer a entrevista. Jack balançou a cabeça, surpreso.

— Por quê? Esqueci meu zíper aberto?

— Mary sempre checa isso. A fita foi perdida e não há tempo de regravar.

Assim, Donner me pediu para perguntar a você se poderia fazer ao vivo às nove da noite. Mesmas perguntas e tudo mais... ei, espere um pouco — disse Arnie, pensando rápido. — Que tal colocarmos sua esposa no ar também?

— Não sei se é uma boa ideia, Arnie...

— Na verdade, tudo que ela precisa fazer é ficar sentada e sorrir. Isso vai passar uma imagem positiva para as pessoas lá fora. Jack, de vez em quando ela precisa agir como primeira-dama. Esta seria uma tarefa fácil. Talvez possamos trazer as crianças no...

— Não. Meus filhos ficam longe do olho público, ponto final. Cathy e eu já conversamos sobre isso.

— Mas...

— Não, Arnie, não agora, não amanhã, não no futuro. Não. — A voz de Ryan soou definitiva quanto uma sentença de morte o chefe de gabinete imaginou que não poderia convencer Ryan a fazer tudo. Isso mandaria um pouco de tempo, mas ele acabaria conseguindo. Você não pode pertence ao povo se não permite que ele veja seus filhos, mas agora não era momento de pressioná-lo a respeito.

— Vai pedir a Cathy? Ryan suspirou e assentiu.

— Vou.

— Muito bem. Direi a Donner que ela talvez apareça, mas que não temos certeza dos seus compromissos médicos. Isso lhe dará algo em que pensar. E também vai tirar um pouco a pressão sobre você. Esse é o trabalho principal da primeira-dama, — Quer dizer isso a ela, Arnie? Lembre, ela é uma cirurgia. É boa com facas.

Van Damm soltou uma gargalhada.

— Vou lhe dizer o que ela é. É uma mulher e tanto, e é mais durona que qualquer um de nós. — E aconselhou: — Pergunte com jeitinho.

— Vou perguntar. — Imediatamente antes do jantar, pensou Jack.

— Certo, ele vai fazer. mas quer pedir que a esposa se junte a nós, também.

— Por quê?

— Por que não? — perguntou Arnie. — Ainda não está certo. Ela não voltou do trabalho — acrescentou, e foi uma frase que fez os jornalistas sorrirem.

— Certo, Arnie, obrigado. Te devo uma. Donner desligou o viva-voz.

— Está ciente de que acaba de mentir para o presidente dos Estados Unidos?

— comentou John Plumber, muito sério.

Plumber era um profissional mais velho que Donner. Não pertencia exatamente à geração de Edward R. Murrow, mas estava com quase setenta anos. Havia sido adolescente durante a Segunda Guerra Mundial, mas fora à Coréia como um jornalista jovem, e trabalhara como correspondente estrangeiro em Londres, Paris, Bonn e, finalmente, Moscou. Plumber fora chutado de Moscou, e sua posição política um pouco esquerdista nunca chegou a despertar simpatia na União Soviética. Contudo, mais que isso, embora não fosse da geração de Murrow, crescera ouvindo o imortal correspondente da CBS, e ainda podia fechar os olhos e ouvir a voz grave que, de algum modo, transmitia o mesmo tom de autoridade de um padre. Talvez fosse porque Ed começara no rádio, quando a voz de um jornalista ditava seu sucesso na profissão. Ele certamente conhecia melhor linguagem que a maioria de seus contemporâneos, e infinitamente mais que os repórteres e redatores semianalfabetos da geração atual. Plumber era uma espécie de erudito autodidata, um estudante devotado de literatura elisabetana, e tentava tecer seus textos e comentários espontâneos com a mesma elegância do mestre que ele apenas assistira e ouvira, mas jamais realmente chegara a conhecer. Acima de tudo, as pessoas haviam respeitado Ed Murrow devido à sua honra, lembrou John Plumber a si mesmo. Ed Murrow era tão implacável quanto qualquer um dos jornalistas investigativos que atualmente eram formados em massa pelas faculdades, mas sempre se sabia que Ed Murrow era justo. E sabia-se que ele não quebrava as regras. Plumber pertencia à geração que acreditava que sua profissão devia ter regras, sendo uma delas jamais contar mentiras. Podia-se distorcer, moldar, adaptar a verdade para obter uma informação de alguém — isso era diferente —, mas jamais se poderia dizer a alguém uma coisa que fosse deliberada e definitivamente falsa. Isso incomodou John Plumber. Ed jamais teria feito isso. Nem em sonho.

— John, ele nos enrolou.

— Essa é a sua opinião.

— A informação que obtive... bem, que você acha?

Haviam sido duas horas frenéticas para toda a equipe de pesquisa da emissora, obtendo informações tão tênues que mesmo duas ou três delas, somadas, não significavam muita coisa. Mas todos os dados disponíveis tinham sido verificados, e era isso que importava. : — Não estou seguro, Tom. — Plumber esfregou os olhos. — Ryan é um peixe fora d'água? Sim, ele é. Mas está se esforçando? Definitivamente. Ele é honesto? Acho que sim. Bem, tão honesto quanto qualquer um deles pode ser — acrescentou.

— Então vamos lhe dar uma chance de provar isso.

Plumber não disse nada. Visões de índices de audiência, e talvez até de um prêmio Emmy, dançavam nos olhos de seu colega mais novo como ovos de chocolate nos olhos de um menino durante a Páscoa. Em todo caso, Donner era o âncora e Plumber o comentarista, e Tom era influente no escritório principal de Nova York, que um dia já fora povoado por homens de sua geração, mas agora era ocupado inteiramente por pessoas da idade de Donner, mais empresários que jornalistas, que perseguiam os índices de audiência como os cruzados procuravam o Santo Graal. Bem, Ryan gostava de empresários, não gostava?

— Acho que sim.

O helicóptero pousou na pista do Gramado Sul. O chefe de tripulação abriu a porta e saltou. Com um

sorriso, ajudou a primeira-dama a descer. Sua porção da Segurança Presidencial seguiu-a, subindo a ladeira suave na direção da entrada sul, e então o elevador. Ali, Roy Altman apertou o botão para ela; a primeira-dama também não tinha permissão de fazer isso.

— CIRURGIÃ está no elevador, seguindo para a residência — reportou o agente Raman do pavimento térreo.

— Entendido — confirmou Andréa Price do andar de cima Price já mandara algumas pessoas da Segurança Técnica checarem todos os detectores de metal pelos quais a equipe da NBC passara na saída. O chefe da Segurança Técnica comentou que ocasionalmente eles ficavam um pouco desregulados, e que as fitas de formato Tlohi usadas pelas emissoras podiam ser danificadas com facilidade... mas que ele não acreditava nisso. Talvez um surto de energia, sugerira Price. Sem chance, replicara o técnico, lembrando-a de que seu pessoal checava continuamente a Casa Branca. Andréa pensou em conversar sobre isso com o chefe de gabinete, mas acabou concluindo que era inútil. Os jornalistas que se danassem. Entre todos com quem precisavam lidar, os jornalistas eram os maiores pés no saco.

— Oi, Andréa — cumprimentou Cathy, passando rápido por ela.

— Olá, Dra. Ryan. O jantar já está quase pronto.

— Obrigada — replicou CIRURGIÃ a caminho do quarto. Parou na entrada, vendo que havia um vestido e joias em seu criado-mudo. Franzindo a testa, tirou os sapatos e vestiu roupas informais para jantar, perguntando-se, como sempre, se havia câmeras escondidas para registrar o evento.

O cozinheiro da Casa Branca, George Butler, era de longe muito melhor que ela conhecia até mesmo havia aperfeiçoado a salada de espinafre de Cathy, acrescentando uma pitada de alecrim ao molho que ela vinha aperfeiçoando havia anos. Cathy e ele batiam papo pelo menos uma vez por semana e, de sua parte, ele a ensinou como usar os instrumentos profissionais da cozinha da Casa Branca. De vez em quando, Cathy imaginava se seria uma boa cozinheira caso não tivesse optado pela medicina. Por temer passar a impressão de querer paparicar a primeira-dama, o chefe não dissera a Cathy que ela tinha um dom para a coisa — afinal de contas, CIRURGIÃ era uma cirurgiã. Com o tempo, ele aprendera as preferências da família e descobrira que cozinhar para uma criança era muito divertido, especialmente quando ela ocasionalmente descia com seu guarda-costas imenso em busca de petiscos. Don Russell e ela comiam leite com biscoitos caseiros pelo menos duas vezes por semana. CHOCALHO tinha se tornado o bibelô dos empregados da Casa Branca.

— Mamãe! — disse Katie Ryan quando Cathy passou pela porta.

— Oi, meu bem.

CHOCALHO recebeu o primeiro abraço e beijo. POTUS ficou em segundo. As crianças mais velhas resistiram, como sempre.

— Jack, por que deixaram roupas arrumadas para mim?

— Vamos aparecer na TV esta noite — replicou ESPADACHIM, cauteloso.

— Por quê?

— A fita que usaram para gravar a entrevista desta manhã deu defeito, e querem que eu apareça ao vivo às nove. Se você estiver disposta, gostaria que me fizesse companhia.

— Para responder o quê?

— Mais ou menos o que você esperaria a meu respeito.

— E então, como devo fazer? Entrar na sala com uma bandeja de biscoitos?

— Os biscoitos de George são mais gostosos! — acrescentou CHOCALHO à conversa. As outras crianças riram. Aquilo suavizou um pouco a tensão.

— Você não precisará fazer se não quiser, mas Arnie acha que seria uma boa ideia.

— Fantástico — observou Cathy.

Ela inclinou a cabeça enquanto olhava para o marido. De vez em quando, Cathy se perguntava onde ficavam as cordas, aquelas que Arnie usava para manipular seu marido,

Bondarenko estava trabalhando tarde — ou cedo, dependendo do ponto de vista. Estava à sua mesa havia vinte horas, e desde que fora promovido a general descobrira que a vida de coronel era bem melhor. Como coronel ele costumava fazer cooper, e até mesmo conseguia dormir com sua esposa quase todas as noites. Agora... bem, ele sempre aspirara a alcançar um posto superior.

Sempre tivera a ambição. Afinal, por que outro motivo um oficial do Corpo de Sinais teria ido às montanhas do Afeganistão com o Spetznaz? Reconhecido por seu talento, ele quase estacionara no posto de coronel, por ter trabalhado como adido pessoal de outro coronel que se revelara um espião — fato que ainda o perturbava. Misha Filitov, um espião do Ocidente? Aquilo abalara sua fé em muitas coisas, a maior de todas, a fé em sua pátria — mas então o país morreria.

A União Soviética que o criara e uniformizara havia morrido numa noite fria de dezembro, para ser substituída por algo menor e mais... confortável de servir.

Era mais fácil amar a Mãe Rússia do que a um grande império poliglota. Agora era como se seus filhos adotivos tivessem todos ido embora, e apenas os filhos legítimos houvessem permanecido. E os remanescentes formavam uma família mais feliz.

E mais pobre. Por que não percebera isso antes? O Exército de seu país fora o maior e mais impressionante do mundo, ou pelo menos ele assim pensara, com suas grandes massas de homens e armas, e sua história orgulhosa de destruir os invasores alemães na guerra mais brutal da História. Mas esse Exército morreria no Afeganistão, bem se não exatamente assim, ao menos perdera sua alma e confiança. Mas os EUA se recuperaram, um processo que seu país ainda precisava iniciar.

Todo aquele dinheiro jogado fora. Desperdiçado nas províncias que haviam partido, os filhos ingratos que a União sustentara por gerações. Agora eles tinham ido embora, levando muita riqueza com eles, e em alguns casos juntando-se a outras famílias para, no futuro, assim ele temia, retornarem como inimigos. Exatamente como filhos adotivos Ingratos.

Golovko tinha razão. Se esse perigo precisava ser detido, teria de ser feito logo. Mas como? Lidar com alguns bandidos chechenos já tinha sido muito difícil.

Ele era agora chefe de Operações. Dali a cinco anos, seria general-comandante. Bondarenko não nutria ilusões a esse respeito. Ele era o melhor oficial em sua faixa etária, o seu desempenho em campo de batalha conquistara-lhe atenção nos altos escalões. Além disso, o projeto no qual estava trabalhando também contribuiria para isso. Ele poderia terminar esse trabalho bem em tempo para a Rússia amargar sua derrota final. Ou talvez não. Em cinco anos, recebendo os fundos adequados e carta branca para reestruturar a doutrina e o treinamento, conseguiria converter o Exército russo na força que sempre deveria ter sido. Usaria desavergonhadamente o modelo americano, assim como os americanos tinham usado sem hesitação sua doutrina tática na Guerra do Golfo. Mas, para isso acontecesse, precisaria de alguns anos de paz relativa. Se suas forças fossem encurraladas em becos sem saída ao longo da periferia sul, Bondarenko não teria tempo ou fundos para salvar o Exército.

Então, o que ele deveria fazer? Ele era o chefe de operações. Tinha a obrigação de saber. Era seu trabalho saber. Só que não sabia. O Turcomenistão havia sido o primeiro. Se ele não o detivesse aqui, jamais o deteria. No lado esquerdo de sua mesa estava uma lista das divisões e brigadas disponíveis, com seus supostos estados de prontidão. do lado direito havia um mapa. Os dois não combinavam.

A senhora tem um cabelo tão bonito! — comentou Mary Abbot.

— Não fiz cirurgia hoje — explicou Cathy. — A touca sempre o deixa horrível.

— Há quanto tempo usa o mesmo corte?

— Desde que casamos.

— Não mudou nunca? — Isso surpreendeu a Sra. Abbot. Cathy apenas balançou a cabeça. Achava que se parecia com a atriz Susannah York — ou pelo menos havia gostado da aparência de York num

filme que vira na época da faculdade. E o mesmo valia para Jack. Ele jamais mudara seu corte de cabelo, a não ser quando não tinha tempo de cortar, outro aspecto de sua vida do qual a Casa Branca se encarregava agora, a cada duas semanas. Eles administravam a vida de Jack muito melhor do que ela. Simplesmente marcavam as coisas em vez de perguntar antes, como Cathy sempre fizera. Um sistema muito mais eficaz, disse a primeira-dama a si mesma.

Ela estava mais nervosa do que deixava transparecer, mais ainda do que em seu primeiro dia na escola de medicina, mais ainda do que em sua primeira cirurgia, quando tivera de fechar os olhos e gritar por dentro para fazer as mãos pararem de tremer. Mas pelo menos tinham lhe dado ouvidos, e ela lhes dera ouvidos, também. Certo, pensou Cathy. Esta é a solução. Isto é uma cirurgia.

Sou uma cirurgiã, e cirurgiãs estão sempre no controle.

— Acho que já está bom — anunciou a Sra. Abbot.

— Obrigada. Gosta de trabalhar com Jack? ..

O sorriso da experiência.

— Ele detesta maquiagem. Mas a maioria dos homens é assim — condescendeu. — Tenho um segredo para você — disse Cathy. — Eu também não gosto.

— Não passei muita — observou Mary prontamente. — A sua pele não precisa. — A observação de mulher para mulher fez a Dra. Ryan sorrir.

— Obrigada.

— Posso dar uma sugestão?

— Claro.

— Deixe o cabelo crescer mais dois centímetros, talvez quatro. Isso complementaria melhor a forma do seu rosto.

— É isso que Elaine diz. Ela é minha cabeleireira em Baltimore. Tentei uma vez. As toucas cirúrgicas deixam meu cabelo todo quebradiço.

— Podemos fazer toucas maiores para você. Tentamos cuidar bem das nossas primeiras-damas.

— Oh! — E por que não pensei nisso?, perguntou-se Cathy. Não podia ser mais caro do que levá-la de helicóptero para o trabalho... — Obrigada!

— Venha comigo.

A Sra. Abott conduziu FLOTUS até o Salão Oval.

Surpreendentemente, Cathy estivera no Salão Oval somente duas vezes antes, e apenas numa das ocasiões para ver Jack. Sentiu-se estranha; seu quarto de dormir ficava apenas a 13 metros do trabalho do marido. Considerou a escrivaninha antiquada, mas, comparado ao seu escritório no Hopkins, o ambiente era amplo, mesmo agora com as câmaras e holofotes da equipe de TV

montados. Sobre a cornija de lareira ficava aquela que o Serviço Secreto denominava a planta mais fotografada do mundo. A mobília era formal demais para ser confortável, e o tapete com o selo presidencial bordado era completamente deselegante. Mas aquele não era um escritório normal para uma pessoa normal.

— Oi, meu bem. — Jack beijou-a e conduziu as apresentações. — Estes são Tom Donner e John Plumber.

— Olá. — Cathy sorriu. — Eu costumava ouvir vocês dois enquanto fazia o jantar — Não nos ouve mais? — perguntou Plumber com um sorriso.

— Não temos TV na sala de jantar lá em cima, e não me deixam fazer o jantar.

— O seu marido não a ajuda? — perguntou Donner.

— Jack na cozinha? Bem, ele não é nada mal na churrasqueira, mas a cozinha é o meu território.

Cathy sentou-se, fitando os jornalistas. Não era fácil. As luzes de TV já estavam lidadas. Ela fez um esforço extra. Cathy simpatizou com Plumber.

Donner estava escondendo alguma coisa. Perceber isso a fez piscar, e seu rosto mudou para a expressão de médica. Sentiu um desejo repentino de dizer alguma coisa a Jack, mas não havia...

— Um minuto — comunicou o produtor.

Andréa Price, como sempre, estava na sala, parada no vão da porta para a sala de secretariado, e a porta atrás de Cathy estava aberta para o corredor. Jeff Raman estava lá. Ele era outra figura estranha, pensou Cathy; o problema com a Casa Branca era que todo mundo tratava você como se fosse Júlio César ou algo assim. Era difícil demais ser amigável com as pessoas. Sempre parecia haver alguma coisa no caminho. Jack e Cathy não estavam acostumados a ter criados. Subalternos sim, mas não criados. Cathy era popular com suas enfermeiras e técnicos no Hopkins por tratá-los como os profissionais que eram, e estava tentando fazer a mesma coisa na Casa Branca. Porém, aqui essa atitude não funcionava da mesma forma, o que sempre lhe causava certo desconforto.

— Quinze segundos! — Já estamos nos divertindo? — sussurrou Jack.

Por que você simplesmente não permaneceu na Merrill Lynch?, quase perguntou Cathy em voz alta. Ele agora seria vice-presidente... mas não. Ele jamais teria sido feliz lá. Jack precisava fazer seu trabalho da mesma forma que ela precisava curar os olhos das pessoas. Nesse sentido eram muito parecidos.

— Boa noite — disse Donner à câmera atrás dos Ryan. — Estamos no Salão Oval para conversar com o presidente e a primeira-dama. Como disse ao NBC

Nightly News, um problema técnico danificou a fita que gravamos hoje. O presidente fez a gentileza de permitir que voltássemos para conversar ao vivo. — Ele virou a cabeça. — E agradecemos ao senhor por isso.

— É um prazer vê-lo de novo, Tom — disse Jack, confortavelmente. Ele estava fazendo melhor em ocultar seus pensamentos.

— Também temos conosco a Sra. Ryan...

— Por favor — disse Cathy, também sorrindo. — Dra. Ryan. Me esforcei muito pura isso.

— Sim, senhora — disse Donner com um charme que fez Cathy preferir estar fazendo uma cirurgia de emergência na hora do almoço. — Vocês dois são doutores, certo?

— Sim, Sr. Donner. Jack em história, eu em oftalmologia.

— E a senhora é um cirurgiã de talento reconhecido, ganhadora do Lasker Public Service Award — observou Donner, empregando seu charme de âncora.

— Sim. Trabalho em pesquisa médica há mais de 15 anos. No Johns Hopkins somos todos clínicos e pesquisadores. Trabalho com um grupo poderoso de pessoas, e, realmente, o Prêmio Lasker é mais um tributo a eles do que a mim. Há quinze anos, o professor Bernard encorajou-me a pesquisar formas de utilizar o laser para corrigir diversos problemas oftalmológicos. Considerei a ideia interessante, e desde então trabalho nesse campo, além de minha prática cirúrgica habitual.

— A senhora realmente ganha mais que o seu marido? — perguntou Donner com um sorriso para as câmeras.

— Muito mais — confirmou com um risinho.

— Sempre disse que Cathy era o cérebro do casal — prosseguiu Jack, acariciando a mão da esposa. — Ela também é modesta demais para dizer que é uma das melhores do mundo no que faz.

— E então, a senhora gosta de ser primeira-dama?

— Preciso responder? — Um sorriso encantador. Então ficou séria. — A forma como chegamos aqui... isso não era uma coisa que desejássemos, mas acho que é muito parecido com o que faço no hospital. Às vezes recebo um caso de acidente, e a pessoa não escolheu ser ferida, e nos esforçamos para consertar o que está errado. Jack nunca deu as costas para um problema ou um desafio em toda sua vida. Então chegou a hora dos negócios.

— Presidente, como é o seu trabalho?

— Bem, as horas são um pouco longas demais. Trabalho para o governo há muito tempo, mas jamais compreendi o quanto este cargo exige de quem o ocupa. Fui abençoado com uma equipe muito competente, e nosso governo possui milhares de trabalhadores dedicados. Isso ajuda muito.

— Da forma como o senhor vê, qual é o seu trabalho? — indagou John Plumber.

— O juramento diz preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos — replicou Ryan. — Estamos trabalhando para restaurar o governo. Agora temos o Senado plenamente restabelecido. Vários estados estão em processo eleitoral no momento, o que significa que em breve teremos um novo Congresso. Já tenho quase todos os postos do gabinete preenchidos... quanto a Saúde e Educação, ainda temos os secretários interinos fazendo um bom trabalho.

— Falamos esta manhã sobre os eventos no Golfo Pérsico. Na sua opinião, quais são os problemas representados por esses eventos? — Era Plumber novamente. Ryan estava se saindo bem, estando muito mais relaxado; Plumber viu a expressão nos olhos da esposa dele. Ela era esperta mesmo.

— Os Estados Unidos não querem nada além de paz e estabilidade naquela região. Temos total intenção em estabelecer relações com a nova União Republicana do Islã. Já houve conflitos demais nessa e em outras regiões do mundo. Gostaria de pensar que já deixamos isso para trás. Depois de gerações de atritos, fizemos paz com os russos; paz verdadeira, não apenas a ausência da guerra. Quero construir a partir daí. Talvez o mundo nunca tenha conhecido a paz completa, mas isso não é motivo para que não possamos fazê-la. John, percorremos um caminho muito longo nos últimos vinte anos. Temos muito ainda por fazer, mas estamos partindo de um bom começo.

— Voltaremos depois do intervalo — disse Donner para as câmeras. Ele podia ver que Ryan estava completamente à vontade. Excelente.

Um servente entrou pela porta dos fundos com copos d'água. Todos tomaram um gole durante os dois primeiros comerciais.

— Você está realmente detestando isto, não é? — perguntou Donner a Cathy.

— Enquanto eu continuar fazendo meu trabalho, poderei conviver com praticamente qualquer coisa, mas estou preocupada com as crianças. Depois que tudo isto acabar, elas voltarão a ser crianças normais. Nós não as criamos para conviver com toda essa agitação.

Voltaram a ficar calados pelo restante do intervalo.

— Estamos de volta ao Salão Oval com o presidente e a primeira-dama — anunciou. — Presidente, e quanto às mudanças que o senhor está fazendo?

— Tom, meu trabalho não é mudar. É restaurar. Ao longo do caminho “tentaremos fazer algumas coisas. Tentei selecionar meu gabinete tendo em vista fazer o governo funcionar com mais eficiência. Como você sabe, trabalho para o governo há um bom tempo; durante minha carreira vi muitos exemplos de ineficácia. Os cidadãos pagam muito dinheiro em impostos, e nós temos para com eles o dever de gastar seu dinheiro com sabedoria... e eficiência. Pedi aos meus assessores que examinassem todos os departamentos executivos visando a fazer o mesmo trabalho por um custo menor.

— Muitos presidentes disseram isso.

— Este está falando sério — disse Ryan, solene.

— Mas o seu primeiro ato presidencial foi um ataque ao sistema de impostos — observou Donner.

— Não um ataque, Tom. Uma mudança. George Winston tem todo meu apoio. A legislação do imposto de renda que temos hoje é completamente injusta... injusta sob muitos aspectos. Para início de conversa, as pessoas são incapazes de entendê-la. Isso significa que elas precisam contratar profissionais para explicar-lhes o sistema de impostos é difícil entender o sentido das pessoas pagarem um bom dinheiro para contadora explicar-lhes como a lei tira a maior parte de seu dinheiro... especialmente quando o governo escreve as leis.

Por que fazer leis que as pessoas são incapazes de compreender? Por que fazer leis tão complicadas?

— indagou Ryan — Mas o objetivo da sua administração é tornar o sistema regressivo, não progressivo.

— Já falamos sobre isso — replicou o presidente, e Donner percebeu que o tinha na palma da mão. Uma das principais fraquezas de Ryan era o fato de não gostar de se repetir, literalmente não era um político. Políticos adoram se repetir.

Cobrar a todo mundo a mesma quantia é completamente injusto. Fazer isso de uma maneira que todos possam entender realmente irá economizar dinheiro para as pessoas. As mudanças de impostos que estamos propondo visam a atingir uma neutralidade em relação ao volume de renda dos contribuintes.

Ninguém receberá vantagens especiais.

— Mas isso significa que os ricos serão beneficiados imensamente.

— Isso é verdade, também eliminaremos todas as vantagens que os lobistas dos ricos introduziram no sistema. No fim, acabarão pagando a mesma coisa, ou mais provavelmente, um pouco mais do que já pagam. O secretário Winston estudou a questão com muito cuidado, e confio em seu julgamento.

— Senhor, é difícil entender como uma redução de trinta por cento irá fazê-los pagar mais. Isso é matemática de primeiro grau.

— Pergunte ao seu contador — sorriu Ryan. — Ou, a propósito, dê uma olhada nas suas próprias devoluções do imposto de renda, e entenderá. Sabe, Tom, eu já fui contador... passei na prova antes de ingressar nos fuzileiros... e eu não consigo entender a maldita legislação. O governo não atende ao interesse do público fazendo coisas que o povo não entende. Isso já foi feito demais. Vou mudar um pouco esse quadro.

Bingo. A esquerda de Donner, John Plumber franziu a testa, preocupado. O diretor de VT selecionou a imagem de modo a deixar isso de fora; no lugar, captou o sorriso vitorioso de Donner.

— Estou feliz por pensar dessa fôrma, presidente, porque há muitas coisas que o povo americano gostaria de saber sobre operações do governo. A maior parte do trabalho que o senhor prestou ao governo foi na CIA.

— Tom, isso é verdade, mas como lhe falei hoje de manhã, nunca um presidente falou sobre as atividades dos serviços nacionais de informação. Há um bom motivo para isso. — Ryan ainda estava tranquilo, sem perceber a porta que acabara de abrir.

— Mas, presidente, o senhor esteve envolvido pessoalmente em numerosas atividades de informação que colaboraram significativamente para o fim da Guerra Fria. Por exemplo, a deserção do submarino de mísseis soviético Outubro Vermelho. O senhor desempenhou um papel fundamental nesse incidente, não é verdade?

O diretor de VT, previamente avisado sobre o momento da pergunta, selecionou a imagem da câmera em close do rosto de Ryan bem a tempo de ver seus olhos se arregalarem até o tamanho de maçanetas de porta. Ele realmente não era tão bom assim em controlar suas emoções.

— Tom, eu...

— Os espectadores deviam saber que o senhor desempenhou um papel decisivo numa das maiores missões de espionagem de todos os tempos. Nós nos apoderamos de um submarino de mísseis balísticos russo, não é verdade?

— Não comentarei essa história.

A essa altura, a maquiagem de Ryan não podia ocultar sua aparência pálida. Cathy virou-se para olhar o marido, tendo sentido sua mão pousada na dela ficar fria como gelo.

— E então, menos de dois anos depois, o senhor possibilitou a deserção do chefe da KGB russa.

Jack conseguiu finalmente controlar o rosto, mas sua voz saiu rouca.

— Tom, isto precisa parar. Você está fazendo especulações infundadas.

— Presidente, esse indivíduo, Nikolay Gerasimov, que pertenceu à KGB, vive hoje com a família na Virgínia. O comandante do submarino russo vive na Flórida. Isso não é uma história . — Ele sorriu. — O senhor sabe disso. Não entendo a sua reticência. O senhor desempenhou um papel fundamental em levar ao mundo à paz sobre a qual falou há alguns minutos.

— Tom, vamos deixar uma coisa clara. Jamais discutirei operações sigilosas do governo americano em nenhum fórum público. Ponto final.

— Mas o povo americano tem o direito de saber que tipo de homem está sentado neste gabinete.

A mesma coisa dita 11 horas atrás por John Plumber, que estremeceu ao se ouvir dito dessa maneira, mas que não poderia opor-se ao seu colega em público.

— Tom, servi ao meu país com o máximo de minha competência durante muitos anos, mas assim como você não pode revelar suas fontes, as nossas agências de informações não podem divulgar muitas das coisas que elas fazem, devido ao risco de que pessoas de verdade acabem mortas.

— Mas, presidente, o senhor fez isso. O senhor matou pessoas.

— Sim, eu matei, e mais de um presidente foi soldado ou..

— Espere um minuto — interrompeu Cathy, com os olhos brilhando de raiva.

— Quero dizer uma coisa. Jack juntou-se à CIA depois que nossa família foi atacada por terroristas. Se ele não tivesse feito essas coisas naquela época, nenhum de nós estaria vivo. Eu estava grávida de nosso filho, e eles tentaram matar a mim e a minha filha em meu carro em Anápolis e...

— Perdão, Sra. Ryan, mas precisamos fazer uma pausa agora.

— Isto precisa parar, Tom. Precisa parar agora — disse Ryan num tom agressivo. Quando pessoas falam abertamente sobre operações de campo, pessoas de verdade podem ser mortas. Você entende isso? As luzes da câmara estavam apagadas, mas as fitas ainda rodavam.

— Presidente, as pessoas têm o direito de saber, e meu trabalho é reportar os fatos. Menti sobre alguma coisa?

— Sabe que não posso nem mesmo comentar isso — disse Ryan, tendo quase rosnando uma resposta precisa. Calma, Jack, lembrou a si mesmo. Um presidente não pode ser nervoso, com toda certeza não na TV ao vivo. Merda, Marko jamais cooperaria com.. ou iria? Ele era lituano, e talvez gostasse da ideia de se tornar herói nacional, embora Jack achasse que poderia convencê-lo que era melhor ficar calado. Ryan desgraçara homem, ameaçara-o com morte pelas mãos de seus próprios compatriotas — mas isso tudo importava para um homem como ele — e despira-o de todo seu poder. Gerasimov goro desfrutava de uma vida muito mais confortável do que poderia sonhar na União Soviética, que ele tentara manter e governar, mas não era o tipo de homem que gostava mais de conforto que de poder. Gerasimov aspirara ao tipo de posição que o próprio Ryan possuía agora, e teria se sentido muito confortável neste escritório ou em qualquer outro como ele. Mas aqueles que aspiravam ao poder eram frequentemente os que o utilizavam mal, o que o distinguiu de Jack em mais uma forma. Não que isso importasse no momento. Gerasimov falaria. Com toda certeza. E eles sabiam onde ele estava. Então, o que eu sei?

— Estamos de volta ao Salão Oval com o presidente e a Sra. Ryan — proclamou Donner para qualquer um que porventura tivesse esquecido.

— Presidente, o senhor é um especialista em segurança nacional e política externa — disse Plumber antes que seu colega pudesse falar. — Mas nosso país está enfrentando outros problemas além desses. O senhor agora precisa restabelecer a Suprema Corte. Como pretende fazer isso?

— Pedi ao Departamento de Justiça que me enviasse uma lista de políticos experientes das cortes de apelação federais. No momento estou examinando essa lista, e espero fazer minhas indicações ao Senado nas próximas duas semanas.

— Normalmente a Ordem Americana de Advogados assiste o governo na seleção de juízes, mas isso evidentemente não está sendo feito neste caso. Posso perguntar por que, senhor?

— Tom, todos os juízes da lista já passaram por esse processo, e todos ocuparam a bancada da corte

de apelação por um mínimo de dez anos.

— A lista foi compilada por promotores? — inquiriu Donner.

— Foi compilada por profissionais experientes no Departamento de Justiça. O líder do grupo de busca é Patrick Martin, que acaba de assumir a Divisão Criminal. Ele foi assistido por outros oficiais do Departamento de Justiça, como o chefe da Divisão de Direitos Cíveis, por exemplo.

— Mas todos eles são promotores públicos, ou pessoas cujo trabalho é promover acusações. Quem sugeriu o Sr. Martin?

— É verdade que não conheço pessoalmente o Departamento de Justiça tão bem. O diretor interino do FBI, Murray, recomendou-me o Sr. Martin. Ele fez um bom trabalho supervisionando a investigação da colisão do Boeing com o Capitólio, e pedi-lhe que compilasse a lista para mim.

— E o senhor e o Sr. Murray são amigos há muito tempo.

— Somos sim — assentiu Ryan.

— O Sr. Murray o acompanhou em outra daquelas operações de espionagem, não é verdade?

— Perdão? — perguntou Jack.

— A operação da CIA na Colômbia, quando o senhor exerceu um papel fundamental no rompimento do cartel de Medellín.

— Tom, vou dizer-lhe uma coisa pela última vez: não discutirei operações sigilosas do governo, sejam verdadeiras ou inventadas... jamais. Estou sendo claro?

— Presidente, essa operação resultou na morte do almirante James Cutter — prosseguiu Donner, uma expressão de tristeza sincera no rosto. — Estão aflorando muitas histórias sobre a carreira do senhor na CIA. Essas histórias em breve serão de conhecimento público, e queremos realmente que o senhor tenha a chance de expor o seu lado da questão o mais depressa possível. O senhor não foi eleito para este cargo, e nunca foi examinado da forma como os candidatos políticos geralmente são. O povo americano quer saber que tipo de pessoa ocupa esta posição, senhor.

— Tom, as atividades dos serviços de informação configuram um mundo secreto. Precisa ser assim. Nosso governo precisa fazer muitas coisas. Nem todas podem ser discutidas abertamente. Todo mundo tem segredos. Todos os espectadores lá fora têm. Vocês dois têm. No caso do governo, manter esses segredos é vitalmente importante para o bem estar do nosso país, e além disso, a propósito, para a segurança dos milhares de pessoas que fazem o trabalho do nosso país. Houve um tempo em que a mídia respeitava essa regra, especialmente em tempos de guerra, mas também em outros tempos. Queria que ainda fosse assim.

— Mas e quando, presidente, o segredo age contra nossos interesses nacionais?

— É por esse motivo que temos uma lei que estipula o direito do Congresso supervisionar operações dos serviços nacionais de informação. Se houvesse apenas o poder executivo tomando essas decisões, sim, você teria motivos para se preocupar. Mas o processo não é esse. O Congresso também examina o que fazemos. Eu mesmo já me reportei ao Congresso em muitos desses assuntos.

— Houve uma operação secreta na Colômbia? O senhor participou dela? Daniel Murray acompanhou o senhor até lá depois da morte de Emil Jacobs, então diretor do...

— Não tenho nada a dizer a esse respeito ou sobre qualquer uma das outras histórias que você trouxe à tona.

E houve mais uma pausa para os comerciais.

— Por que você está fazendo isso? — Para surpresa de todos, a pergunta veio de Cathy.

— Sra. Ryan...

— Dra. Ryan — disse prontamente.

— Perdoe-me, Dra. Ryan, essas alegações precisam ser discutidas.

— Já passamos por isso antes. Uma vez pessoas tentaram acabar com nosso casamento... e o que essas pessoas disseram também eram mentiras e...

— Cathy — disse Jack em tom calmo. Ela voltou a cabeça para ele.

— Eu conheço essa, Jack, lembra? — sussurrou. — Não, você não conhece. Não realmente.

— Esse é o problema — disse Tom Donner. — Essas histórias continuarão a ser reveladas. As pessoas querem saber. As pessoas têm o direito de saber.

Se o mundo fosse justo, pensou Ryan, ele teria se levantado, jogado o microfone em Donner, e pedido que ele deixasse sua casa, mas isso não era possível, e aqui estava ele, poderoso, aprisionado pelas circunstâncias como um criminoso numa sala de interrogatório. Então as luzes da câmera foram reacesas.

— Presidente, sei que este é um assunto difícil para o senhor.

— Tom, está certo, vou dizer uma coisa. Como parte do meu serviço com a CIA, realmente precisei servir meu país de formas que não poderão ser reveladas por um muito longo, mas em nenhum momento violei a lei, e cada uma dessas atividades reportada integralmente aos membros apropriados do Congresso. Deixe-me dizer nino ingressei na CIA. Eu não queria. Era um professor. Lecionava História na Academia Naval em Anápolis, tive tempo de escrever alguns livros de História, e gostei de fazer isso, também então eu e minha família fomos atacados por um grupo de terroristas. Houve tentativas sérias em nos matar... a todos nós. Você sabe disso. Deu na mídia inteira o que aconteceu. Decidi então que meu lugar era na Agência. Por quê? Para proteger outros contra esse mesmo tipo de perigo. Jamais gostei muito disso, mas esse foi o trabalho que decidi fazer. Agora estou aqui, e vocês sabem de uma coisa? Também não gosto muito deste trabalho. Não gosto da pressão. Não gosto da responsabilidade. Ninguém devia deter tanto poder. Mas estou aqui, e prestei um juramento de dar o melhor de mim. É o que estou fazendo.

— Mas, presidente, o senhor é a primeira pessoa neste gabinete que nunca foi uma figura política. As suas visões em muitas questões jamais foram moldadas pela opinião pública, e o que é perturbador é que, para muitas pessoas, o senhor parece estar recorrendo a homens que também jamais estiveram na vida pública. O perigo, conforme essas pessoas veem, é que possuímos um pequeno grupo de pessoas que carecem de experiência política mas que ditarão os rumos da política em nosso país por algum tempo. Como responde a essa preocupação?

— Tom, nem mesmo ouvi falar dessa preocupação em qualquer parte.

— O senhor tem sido criticado por passar tempo demais neste gabinete e não o suficiente entre as pessoas. O problema poderia ser esse? — Agora que tinha fincado o gancho, Donner podia dar-se ao luxo de parecer piedoso.

— Infelizmente tenho muito trabalho para fazer, e é aqui que faço o trabalho. Quanto à equipe que reuni, por onde posso começar? — perguntou Jack. Ao lado dele, Cathy estava resfolegando de raiva. Agora sua mão estava fria dentro da dele. — O secretário de Estado, Scott Adler, um oficial de carreira em relações exteriores, filho de um sobrevivente do Holocausto. Conheço Scott há anos. Ele é o melhor homem que conheço para gerir o Estado. Tesouro, George Winston, um homem que subiu na vida sozinho. Ele foi fundamental no salvamento de nosso sistema financeiro durante o conflito com o Japão; ele possui o respeito da comunidade financeira, e é um verdadeiro pensador. Defesa, Anthony Bretano, é um engenheiro altamente bem-sucedido e empresário que já está fazendo reformas necessárias no Pentágono. FBI, Dan Murray, policial de carreira, e muito bom. Sabe o que estou fazendo com minhas escolhas, Tom? Estou escolhendo profissionais, pessoas que conhecem o trabalho porque já o fizeram, não tipos políticos que apenas falam a respeito. Se você acha que estou errado, bem, sinto muito, mas já encontrei meu caminho dentro do governo e tenho mais fé nesses profissionais do que em todas as figuras políticas que conheci. E sim, a propósito, qual é a diferença entre minha abordagem e a de um político que seleciona pessoas de suas relações... ou, pior, que seleciona pessoas das relações daqueles que contribuíram para sua campanha política? Alguns diriam que a diferença é que as pessoas comuns selecionadas para altos cargos políticos possuem muito mais experiência. Eu não diria isso, e trabalhei para pessoas assim durante anos. Todas as nomeações que fiz foram pessoas cujas habilidades

profissionais conheço. Além disso, um presidente supostamente tem o direito, com o consentimento dos deputados eleitos pelo povo, de escolher as pessoas com quem ele pode trabalhar.

— Mas com tanto a ser feito, como espera ser bem-sucedido sem uma orientação política experiente? Esta é uma cidade política.

— Talvez seja esse o problema — replicou Ryan. — Talvez o processo político que todos estudamos durante os anos atrapalhe mais do que ajude. Tom, eu não pedi este emprego, certo? Quando Roger pediu que fosse vice-presidente, a ideia era que eu servisse pelo mandato remanescente e depois deixasse de vez o serviço público. Eu queria voltar a lecionar. Mas então aconteceu aquele incidente terrível, e aqui estou. Não sou um político. Jamais quis ser um, e até onde me diz respeito, não sou um político agora. Sou o melhor homem para este trabalho? Provavelmente não. Contudo, sou o presidente dos Estados Unidos, tenho um trabalho a fazer, e vou fazê-lo com o máximo de minhas habilidades. É tudo que posso fazer.

— E essa é a última palavra. Obrigado, presidente.

Jack mal esperou as luzes da câmara apagarem uma última vez antes de soltar o microfone da lapela e levantar-se. Os dois jornalistas não disseram uma só palavra. Cathy fitou-os.

— Por que fizeram isso?

— Isso o quê? — replicou Donner.

— Por que pessoas como vocês sempre atacam pessoas como nós? Que fizemos para merecê-lo? Meu marido é o homem mais honrado que conheço.

— Tudo que fizemos foi fazer perguntas.

— Não me venha com essa! A forma como você fez as perguntas e as questões que escolheu, a forma como deu as respostas antes que ele tivesse uma chance de dizer qualquer coisa!

Nenhum dos jornalistas respondeu. Os Ryan saíram da sala sem dizer mais nada. Arnie entrou.

— Muito bem. Quem armou esta arapuca? Eles o fisgaram como um peixe — comentou Holbrook. Eles tinham feito uma pausa em seu trabalho, e era sempre bom conhecer o inimigo.

— Este sujeito é assustador — pensou Ernie Brown em voz alta.

— Pelo menos com os políticos você sempre sabe que eles são pilantras. Esse sujeito meu Deus, ele vai tentar... estamos falando sobre um Estado militarista, Pete.

Era um pensamento realmente assustador para o Montanhês. Ele sempre considerou políticos a pior coisa em toda a criação, mas de repente percebeu que eles não eram. Os políticos faziam o jogo do poder porque gostavam dele, porque gostavam da vida de controlar as pessoas e assim se sentirem grandes. Ryan era pior. Ele achava que era certo.

— Puta que pariu — resmungou. — A corte que ele quer nomear.

— Eles o fizeram parecer um idiota, Ernie.

— Não, não fizeram. Você não entendeu? Os jornalistas estavam jogando o jogo.

Ecoss

Os editoriais foram matéria de primeira página em todos os grandes jornais. Os jornais com mais recursos chegaram até mesmo a estampar fotos da casa de Marko Ramius — aparentemente ele estava viajando no momento — e da residência da família Gerasimov. Gerasimov estava em casa, mas um guarda de segurança conseguiu afastar os repórteres, depois de ter a sua própria foto batida algumas centenas de vezes.

Donner chegou ao trabalho muito cedo, e realmente era o mais surpreso com tudo aquilo. Plumber entrou em seu escritório cinco minutos depois, segurando a primeira página do New York Times.

— Então quem enrolou quem, Tom?

— O que você...

— Houve um pequeno vazamento — observou acidamente Plumber. — Suponho que depois que você saiu da reunião, o pessoal de Kealty fez outro pequeno kaffeeklatsch. Mas você enganou todo mundo, não é mesmo? Se um dia alguém ficar sabendo que a fita não...

— Ninguém ficará sabendo — disse Donner. — E toda essa cobertura apenas faz nossa entrevista parecer melhor.

— Melhor para quem? — perguntou Plumber ao sair pela porta. Também era cedo para ele, e seu primeiro pensamento irrelevante do dia foi que Ed Murrow jamais usaria fixador de cabelo.

O Dr. Gus Lorenz terminou mais cedo sua reunião matutina com a equipe.

A primavera estava chegando cedo em Atlanta. As flores desabrochavam, e logo o ar estaria cheio das fragrâncias famosas dessa cidade do sul. O ar também estaria cheio de pólen, pensou Gus, e seus seios nasais ficariam obstruídos, mas era uma troca justa por viver numa cidade vibrante mas graciosa. Terminada a reunião, vestiu seu jaleco branco e seguiu para seu reinado particular no Centers for Disease Control and Prevention. CDC (o P

jamais fora acrescentado ao acrônimo) era uma das joias da coroa do governo, uma agência de elite que era um dos principais centros de pesquisa médica do mundo — e muitos diriam que era o mais importante. Por esse motivo, o centro em Atlanta atraía os melhores da profissão. Alguns permaneciam. Alguns saíam para ensinar nas faculdades de medicina da nação, mas todos eram marcados para sempre como gente do CDC, como outros podiam gabar-se de ter servido à Marinha, e pela mesma razão. Eles eram as primeiras pessoas que seu país mandava para regiões problemáticas. Eles eram primeiros a combater doenças, em vez de inimigos armados, e isso gerava um espírito de corpo que frequentemente mantinha na instituição os melhores profissionais do ramo, apesar dos salários baixos pagos pelo governo.

— Bom dia, Melissa — disse Lorenz à sua assistente-chefe de laboratório.

Ela tinha mestrado e estava terminando seu doutorado em biologia molecular na Universidade Emory, depois do qual receberia uma promoção considerável.

Bom dia, doutor. Nosso amigo está de volta — acrescentou. Mesmo? espécime estava no microscópio. Lorenz sentou-se, tirando a gravata com o cuidado de sempre. Checou a papelada para identificar a amostra apropriada contra o registro que ele tinha em sua mesa: 98-3-063A. Sim, os

números combinavam.

Então era só uma questão de focar a amostra... e ali estava ele, o Cajado de Pastor.

— Tem razão. O outro já está no microscópio?

— Sim, doutor. A tela do computador dividiu-se em duas seções verticais, e na nova estava um espécime de 1976. Não eram completamente idênticos. A curva indo da cadeia de RNA aparentemente jamais era a mesma duas vezes, como flocos neve sempre assumem padrões infinitos, mas isso não importava.

O que importavam eram os filamentos de proteína no alto, e aqueles eram...

— Cepa Mayinga. — Ele pronunciou as palavras com naturalidade.

— Concordo — disse Melissa por detrás dele. Ela se inclinou para digitar no teclado, baixando o -063B. — Esses foram muito mais difíceis de isolar, mas...

— Sim, novamente idênticos. Este é o da criança?

— Uma menina, sim.

Médicos falavam com vozes frias. Uma pessoa era capaz de ficar exposta à tristeza durante certo tempo, antes que o mecanismo de defesa da mente fosse acionado. Amostras se tornassem apenas amostras, separadas das pessoas que as haviam doado.

— Certo, preciso dar alguns telefonemas.

Os Dois grupos estavam sendo mantidos separados por motivos óbvios, e na verdade nenhum dos dois tinha conhecimento da existência do outro.

Badrayn falou para um de vinte. Astro de Cinema falou com o segundo grupo, composto por nove integrantes. Houve similaridades de preparativos para ambos os grupos. O Irã era uma nação, com os recursos de uma nação-Estado.

Seu Ministério das Relações Exteriores tinha um escritório de passaporte, e seu Tesouro tinha um departamento de impressão não. Ambos permitiam a impressão de passaportes para qualquer número de pessoas, duplicação de selos de entrada e saída. Na verdade, esses documentos poderiam preparados em qualquer número de lugares, a maioria ilegalmente, mas esta fonte tinha uma qualidade um pouco maior sem o risco de revelar o local de origem, unicamente, a mais importante das duas missões era aquela que apresentaria menos riscos físicos aos seus integrantes — bem, dependendo do ponto de vista.

Badrayn podia ver as expressões em seus rostos. A própria ideia do que estavam fazendo era o tipo de coisa que arrepiava a pele de uma pessoa, embora no caso dessas pessoas fosse meramente mais um exemplo dos caprichos da natureza humana. O trabalho, Badrayn dissera-lhes, era simples. Entrar.

Entregar. Sair. Ele enfatizou que estariam completamente seguros, contanto que procedessem exatamente conforme as instruções. Não haveria contatos no outro lado. Eles não precisavam de nenhum. Na verdade, operar sem contatos apenas tornava a situação mais segura. Cada um deles dispunha de uma variedade de histórias de cobertura, e os parâmetros da missão tornavam irrelevante se mais de um no grupo escolhessem a mesma história. O que realmente importava era que as histórias poderiam ser apresentadas de forma plausível, e assim cada viajante escolheria um campo de atividade comercial no qual detivesse algum conhecimento. Praticamente todos possuíam formação universitária, e aqueles que não possuíam poderiam falar sobre compras de algum tipo de máquina que conhecessem melhor que os fiscais da alfândega.

O grupo de Astro de Cinema era de longe o mais confortável com sua missão. Ele supunha que a razão fosse uma falha na cultura de seu povo. Este grupo era mais jovem e menos experiente, e os jovens conheciam menos da vida, e portanto menos da morte. Eram motivados pela paixão, por uma tradição de sacrifício, por seus ódios e demônios. Essa motivação anuviava seu julgamento numa forma que agradava aos mestres, que sempre se sentiam à vontade para usar esses ódios e paixões, juntamente com as pessoas que os portavam. Fotografias foram mostradas, juntamente com mapas e diagramas, e o grupo aproximou-

se para ver melhor os detalhes. Nenhum deles fez qualquer comentário sobre a natureza do alvo. Vida e morte eram questionadas apenas por aqueles que não conheciam as respostas definitivas — ou os que pensavam conhecer, mesmo que não conhecessem — e isso era melhor para todos, realmente. Com uma resposta para a Grande Questão fixada em suas mentes, as menos importantes nem sequer lhes ocorreria. Astro de Cinema não nutria essas ilusões. Ele fazia as perguntas dentro de sua própria mente, mas jamais as respondia. Para ele, a Grande Pergunta tornara-se outra coisa. Para ele, tudo era um ato político, não uma questão de religião, e uma pessoa não media seu destino pela política. Ao menos não voluntariamente. Ele olhou para seus rostos, sabendo que estavam fazendo exatamente isso, mas sem perceber. Eram realmente o melhor tipo de pessoas para a missão. Achavam que sabiam de tudo, mas na verdade sabiam muito pouco, apenas as tarefas físicas.

Astro de Cinema sentia-se como um assassino, mas isso era uma coisa que ele já fizera antes, ao menos indiretamente. Fazer de forma direta era perigoso, e esta prometia ser sua missão mais perigosa em anos.

Como era notável o fato de que não percebessem nada disso. Cada um deles via-se como a pedra no estilingue de Alá, sem refletir que essas pedras eram, por sua própria natureza, arremessadas para longe. Ou talvez não. Talvez eles tivessem sorte, e para essa eventualidade concedeu-lhes os melhores dados que pôde reunir, e esses dados eram muito bons. A melhor hora seria à tarde, imediatamente antes das pessoas saírem para o trabalho, de modo a usar melhor as rodovias engarrafadas para confundir seus perseguidores. Astro de Cinema disse-lhes que ele mesmo agiria novamente em campo, para facilitar sua fuga.

Caso ela venha a acontecer, foi o que não lhes disse.

— Certo, Arnie, que está acontecendo? — perguntou Ryan.

Felizmente Cathy não tinha cirurgias marcadas para hoje. Ela passara a noite inteira acordada, furiosa, e não estava em bom estado mental para seu trabalho. Ele não estava se sentindo muito melhor, mas não havia motivo para descontar em seu chefe de Gabinete.

— Bem, com toda certeza há um alcaguete lá na CIA, ou talvez no Capitólio, alguém que conhece um pouco das coisas que você fez.

— No caso da Colômbia, os únicos que sabiam eram Fellows e Trent. E eles também sabiam que Murray não estava lá... não exatamente, pelo menos. O resto da operação foi trancada a sete chaves.

— Que aconteceu realmente?

A necessidade de saber aplicava-se agora a Arnie. O presidente gesticulou e falou no um adolescente com um problema falava ao pai.

— Houve duas operações, Showboat e Reciprocity. Uma delas envolveu colocar tropas na Colômbia. A ideia era interceptar os voos que transportavam drogas. Então aeronaves deram na água...

— Quê?

— Foram derrubadas. Pela Força Aérea... bem, algumas foram interceptadas, e suas tripulações presas e julgadas discretamente. Algumas outras coisas aconteceram, e então Jacobs foi morto, e Reciprocity foi posta em prática. Começamos a bombardear. As coisas fugiram um pouco ao controle.

Alguns civis foram mortos, e a coisa ia começou a ruir.

— O quanto você sabia sobre tudo isso? — perguntou van Damm.

— Eu não sabia porcaria nenhuma até quase o final do jogo. Jim Greer estava morto na época, e eu cuidava do trabalho dele, mas a responsabilidade das operações era principalmente da OTAN. Deixaram-me à margem de tudo até depois que as bombas começaram a cair. Estava na Bélgica quando aquilo aconteceu. Vi pela TV, acredita? Era quem estava realmente conduzindo a operação. Ele convenceu o juiz Moore e Ritter a começarem a operação, e depois tentou encerrá-la. Foi aí que as

coisas encrencaram. Cutter tentou eliminar os soldados; a ideia era fazer com que todos desaparecessem. Eu descobri. Entrei no cofre de registros pessoais de Ritter. Assim parti para a Colômbia com a equipe de resgate, e conseguimos retirar a maior parte dos soldados. Nada muito divertido — comentou Ryan. — Houve tiroteios, e operei uma das metralhadoras no helicóptero. Um tripulante, um sargento chamado Buck Zimmer, foi morto durante o resgate e tenho cuidado de sua família desde então. Algum tempo depois, Liz Elint descobriu sobre isso e tentou usar essa informação contra mim.

— Há mais alguma coisa — disse Arnie calmamente.

— Oh, sim. Eu tinha de reportar as operações para o Comitê de Seleção, mas não quis prejudicar o governo. Assim falei com Trent e Fellows, e vim para cá ver o presidente. Conversamos durante algum tempo. Depois que saí da sala, Sam e Al conversaram um pouco com ele. Não sei exatamente qual foi o acordo a que chegaram, mas...

— Mas ele entregou a eleição. Ele despediu seu cabo eleitoral e a campanha inteira foi pelo ralo. Meu Deus, Jack, que foi que você fez? — inquiriu Arnie.

Seu rosto estava pálido agora, mas por questões políticas. E o tempo todo van Damm pensara que havia conduzido uma campanha brilhante e bem-sucedida para Bob Fowler, derrotando um presidente em exercício muito popular. Mas o que realmente havia acontecido fora um acordo? E ele nunca descobrira?

Ryan fechou os olhos. Ainda não tinha se recuperado de uma noite infernal.

— Terminei uma operação que era tecnicamente legal, mas que forçava os limites. Terminei da forma mais discreta possível. Os colombianos jamais descobriram. Achei que tinha impedido outro Watergate, domesticamente... e um tremendo incidente internacional. Sam e Al abafaram tudo, os registros foram selados para só ser abertos depois que todos nós tivéssemos morrido.

Quem vazou essas informações deve ter ouvido rumores e feito algumas boas deduções. O que eu fiz? Acho que obedeci à lei da melhor forma que pude.

Não, Arnie, eu não quebrei a lei. Segui as regras. Não foi fácil, mas foi o que fiz. — Os olhos abriram.

— Por que simplesmente não reportou o que aconteceu ao Congresso e...

— Pense para trás — disse o presidente. — Isso não era apenas a única coisa, certo? Foi durante a dissolução da Europa Oriental, quando a União Soviética ainda representava uma certa ameaça, e algumas coisas realmente grandes estavam acontecendo. Se o nosso governo caísse nessa época o resultado poderia ter sido uma confusão dos diabos. A América não teria conseguido... nós não teríamos ajudado a Europa a se acalmar se estivéssemos atolados num escândalo doméstico. E eu era o sujeito que precisava dar o grito de alerta e tomar uma atitude, na base do agora ou nunca, senão aqueles soldados seriam mortos. Pense um pouco na arapuca em que me meti.

Depois de uma pausa, o presidente continuou: — Arnie, eu não poderia buscar o aconselhamento de ninguém, entende? O almirante Greer estava morto. Moore e Ritter estavam comprometidos. O presidente estava envolvido demais; naquele momento pensei que ele estivesse conduzindo o espetáculo através de Cutter... Ele não estava; foi manipulado por aquele político filho da puta. Eu não sabia para onde ir, e assim recorri à ajuda do FBI. Não podia confiar em ninguém além de Dan Murray e Bill Shaw, e um dos nossos em Langley no lado operacional. Você sabia que Bill era doutor em leis? Pois bem, ele me ajudou com a parte jurídica, e Murray me ajudou com a parte operacional. Eles conduziram uma investigação sobre Cutter. Foi uma operação com nome em código. Acho que a chamaram de Odisseia, estavam prestes a procurar um magistrado para fazer uma acusação de conspiração criminosa, mas Cutter se matou. Havia um agente do FBI 45 metros atrás dele quando pulou na frente do ônibus. Você o conheceu: Pat O'Day. Ninguém quebrou a lei em nenhum momento, exceto Cutter. As operações em si se enquadravam na Constituição... pelo menos foi isso que Shaw disse.

— Mas politicamente...

— Sim, até eu não sou tão ignorante. Então aqui estou, Arnie. Eu não infringi a lei. Servi aos

interesses de meu país da melhor forma que pude sob as circunstâncias, e veja o bem que isso me fez.

— Merda. Como foi que Bob Fowler nunca ficou sabendo?

— Foi uma decisão de Sam e Al. Eles acharam que isso teria envenenado a presidência de Fowler. Além disso, não sei realmente o que os dois disseram ao presidente. Nunca quis saber, nunca descobri, e tudo que tenho é especulação... especulação muito boa — admitiu Ryan. — Mas só isso.

— Jack, não é sempre que fico sem ter o que dizer.

— Diga assim mesmo — ordenou o presidente.

— A coisa virá a conhecimento público. A mídia sabe agora o suficiente para juntar algumas peças, e isso forçará o Congresso a iniciar uma investigação. E quanto ao outro caso?

— E tudo verdade — revelou Ryan. — Sim, pusemos as mãos no Outubro Vermelho, sim, eu mesmo tirei Gerasimov da URSS. Ideia minha, operação minha. Quase fui morto. Mas se não tivéssemos feito isso, Gerasimov teria realizado um golpe para derrubar Andrey Narmonov... e então haveria ainda um Pacto de Varsóvia, e os maus e velhos tempos jamais teriam acabado. Assim, comprometemos o canalha e ele não teve muita escolha além de embarcar no avião. Ele ainda está puto, apesar de tudo que fizemos para que ele ficasse bem aqui. Mas, pelo que sei, sua esposa e filha gostam muito de viver na América.

— Você matou alguém? — perguntou Arnie.

— Em Moscou, não. Mas no submarino... ele estava tentando autodestruir o submarino. Matou um dos oficiais do navio e deixou dois outros bem feridos, mas eu causei sua morte... e tenho pesadelos com isso há anos.

Em outra realidade, pensou van Damm, seu presidente seria um herói. Mas realidade e a política tinham pouco em comum. Ele notou que Ryan não havia recontado sua história — Bob Fowler e o lançamento nuclear abortado. O chefe de gabinete estava por perto nessa época, e ficou sabendo de tudo três dias depois. J. Robert Fowler quase tivera um lapso ao perceber como ele havia sido salvo de um genocídio em escala hitlerista. Havia em “Os miseráveis” de Hugo uma frase que tocara Van Damm profundamente ao lê-la num livro no segundo grau: Quão maligno pode ser o bem. Aqui estava outro exemplo. Ryan servira a seu país com bravura e muito mais de uma vez, mas nenhuma das coisas que ele fizera sobreviveria ao escrutínio público. Inteligência, amor à pátria e coragem tinham conduzido a uma série de eventos que qualquer um poderia transformar num grande escândalo. E Ed Kealty sabia exatamente como fazer isso.

— Como podemos tentar controlar tudo isso? — indagou o presidente.

— Que mais preciso saber?

— Os arquivos sobre o Outubro Vermelho e Gerasimov estão em Langley.

A coisa colombiana, bem, você sabe o que precisa saber. Nem tenho certeza se tenho o direito legal de abrir os registros. Por outro lado, você quer desestabilizar a Rússia? Isso dará conta do recado.

O Outubro Vermelho, pensou Golovko e levantou os olhos para o teto de seu escritório.

— Ivan, seu bastardo esperto. *Zvo ivoyu mahtl*. A praga foi proferida em admiração silenciosa. Desde o primeiro momento em que se encontrara com Ryan, ele o subestimara, e mesmo com todos os contatos posteriores, diretos e indiretos, jamais deixaria de subestimá-lo. Então havia sido assim que ele comprometera Gerasimov! E ao fazer isso, salvara a Rússia, talvez... mas um país deve ser salvo por dentro, não por fora. Alguns segredos devem ser mantidos para sempre, porque protegem a todos igualmente. Esse era um desses segredos. Ele embaraçaria os dois países agora.

Para os russos, era a perda de um bem nacional valioso através de alta traição... pior ainda, alguma coisa que seus órgãos de informação não haviam descoberto, o que era incrível. Mas as histórias de cobertura haviam sido muito boas, e a perda de dois submarinos na mesma operação tornara esse um assunto que a Marinha Soviética desejava esquecer... e assim eles não tinham analisado profundamente a história de cobertura.

Sergey Nikolayevitch conhecia a segunda parte melhor que a primeira. Ryan havia sufocado um golpe de Estado. Golovko supunha que Ryan poderia ter-lhe dito facilmente o que estava acontecendo e deixado o assunto a cargo dos órgãos internos da União Soviética... mas não. Os serviços nacionais de informação voltavam tudo para sua vantagem, e Ryan teria sido um louco se não tivesse feito isso neste caso. Gerasimov devia ter cantado como um canário — ele conhecia o aforismo ocidental — e falado tudo que sabia. Ames, por exemplo, certamente devia ter sido identificado dessa forma, e Ames havia sido um diamante virtual para a KGB.

E você sempre se disse que Ivan Emmetovich era um amador talentoso, disse Golovko.

Mas mesmo sua admiração profissional era temperada. A Rússia em breve precisaria de ajuda. Como ela poderia pedir essa ajuda a alguém que, conforme logo seria sabido por todos, manipulara a política interna como um titereiro?

Essa conclusão valeu outra praga, mas nenhum sentimento de admiração.

As rotas marítimas públicas são livres para a passagem de todos, e assim a Marinha não pôde fazer nada além de impedir que o barco de cruzeiro se aproximasse de mais da Doca Oitenta. Logo outro se juntou ao primeiro, e mais outro, até que um total de 11 câmeras estavam apontando para a doca, agora vazia com a partida da maior parte dos submarinos americanos. Também não estava lá outro submarino, não americano, que fora abrigado ali por algum tempo, ou pelo menos era o que diziam os boatos.

Era possível acessar os registros do pessoal da Marinha atrás de computador, e servia quem estivesse fazendo exatamente isso agora, procurando por ex-tripulantes do S N.N Dallas. Um telefonema no começo da manhã para o Comando de Submarinos do Pacífico a respeito do período que trabalhara como oficial comandante do Dallas não chegou mais longe que seu oficial de relações públicas, que era bem versado em declarações inócuas. Hoje ele teria um dia dos diabos. E outros também.

— Ron Jones falando.

— Quem fala é Tom Donner, da NBC News.

— Legal — disse Jones timidamente. — Mas eu assisto à CNN.

— Bem, talvez você queira assistir ao nosso programa esta noite. Gostaria de falar com você sobre...

— Li o Times hoje de manhã. Eles entregam aqui. Sem comentários — acrescentou.

— Mas...

— Mas, sim, eu trabalhei em submarinos, e eles nos chamavam de o Serviço Silencioso. Além disso, foi há muito tempo. Estou fora do ramo agora. Casado, com filhos, entende?

— Você era oficial de sonar a bordo do USS Dallas quando...

— Sr. Donner, assinei um acordo de segredo quando deixei a Marinha. Não falo sobre as coisas que fazíamos, certo?

Esse era seu primeiro encontro com um jornalista, e estava sendo exatamente como sempre lhe disseram que seria.

— Então tudo que você precisa fazer é nos dizer que aquilo não aconteceu nunca.

— O que não aconteceu nunca? — perguntou Jones.

— A deserção de um submarino russo chamado Outubro Vermelho.

— Sabe qual foi a coisa mais louca que ouvi quando era oficial de sonar?

— Qual?

— Elvis — Ele desligou. E discou para Pearl Harbor.

Os caminhões de TV seguiram através de Winchester, Virgínia, como os exercitou da Guerra Civil que haviam trocado a posse da cidade mais de quarenta vezes.

Ele realmente não era dono da casa. O mesmo também podia ser dito da CIA. O lugar estava no nome

de uma corporação jornalística, por sua vez de propriedade de uma fundação cujos diretores eram obscuros, mas como a propriedade de terrenos nos EUA sempre devia ser registrada, e como o mesmo era válido para todas as empresas e fundações, essas informações seriam descobertas em menos de dois dias, apesar do selo que mandava os funcionários dos tribunais serem criativamente incompetência para encontrar os documentos.

Os repórteres que apareceram tinham fotos e material gravado de Nikolay Gerasimov.

Câmeras com lentes compridas foram montadas em tripés e voltadas para as janelas, a duzentos metros de distância. Diante das câmeras passavam ocasionalmente alguns seguranças que dariam um belo toque à matéria: CIA TRATA ESPIÃO RUSSO UM REI VISITANTE.

Os seguranças na casa estavam ligando para Langley a fim de pedir instruções, o pessoal no gabinete de assuntos públicos da CIA — que era uma instituição estrangeira não tinha a menor ideia de como proceder nesse caso, além de recorrer à velha fórmula de que aquela era uma propriedade particular (os advogados da CIA estavam checando se isso era ou não legalmente correto sob as circunstâncias), e que, portanto, os repórteres não podiam invadi-la.

Fazia anos que ele não ria tanto. Claro, houvera de vez em quando um momento agradável, mas isto era algo tão especial que ele jamais considerara sua possibilidade. Ele sempre pensara em si mesmo como um especialista em Estados Unidos. Gerasimov conduzira inúmeras operações de espionagem contra o Inimigo Principal, como os Estados Unidos já tinham sido chamados no país inexistente ao qual ele servira. Mas admitiu para si mesmo que era preciso vir e viver nos EUA durante alguns anos para compreender o quanto o país era incompreensível, que nada fazia sentido, que literalmente qualquer coisa podia acontecer, e que quanto mais louca fosse uma coisa, mais provável ela parecia. Nenhuma imaginação era suficiente para predizer o que aconteceria num dia, muito menos em um ano. E aqui estava a prova.

Pobre Ryan, pensou, parado ao lado da janela e bebericando seu café. Em seu país — para ele seria sempre a União Soviética — aquilo jamais aconteceria.

Alguns guardas uniformizados e um olhar ameaçador teriam desestimulado as pessoas, e se apenas o olhar não adiantasse, então haveria outras opções. Mas não na América, onde a mídia tinha toda a liberdade de um lobo nas florestas siberianas — ele quase riu ao pensar isso. Na América, os lobos eram uma espécie protegida. Esses idiotas não sabiam que lobos matavam pessoas?

— Talvez eles acabem indo embora — disse Maria, aparecendo ao seu lado.

— Acho que não.

— Então devemos ficar aqui dentro até eles desistirem — disse a mulher, aterrorizada com os últimos acontecimentos.

Ele balançou a cabeça.

— Não, Maria.

— Mas e se nos mandarem de volta?

— Não farão isso. Não podem. Não se faz isso com desertores. É uma regra — explicou. — Nunca mandamos de volta Philby, Burgess ou MacLean... aqueles alcoólatras e degenerados. Não, nós os protegemos, compramos bebidas para eles, deixamos que praticassem suas perversões, porque essa é a regra.

Ele terminou de tomar seu café. Caminhou de volta até a cozinha para colocar a xícara e o pires no lava-louças. Olhou para ele com a testa franzida.

Seu apartamento em Moscou e sua casa de campo em Monte Lenin — que provavelmente mudara de nome desde sua partida — não tinham aparelhos como esse. Ele tinha criados para fazer essas coisas. Não mais. Nos EUA a conveniência era uma substituta para o poder, o conforto um paliativo para o status.

Criados. Tudo aquilo poderia ter sido dele. O status, os servos, o poder. A União Soviética poderia

ser ainda uma grande nação, respeitada e admirada por todo o mundo. Ele seria secretário-geral do Partido Comunista na União Soviética. Poderia ter iniciado as reformas necessárias para extirpar a corrupção e colocar o país em movimento. Provavelmente teria estabelecido relações cordiais com o Ocidente e feito a paz, mas uma paz de iguais, não um colapso absoluto. Jamais fora um ideólogo, afinal, embora o pobre velho Alexandrov pensasse assim, porque Gerasimov sempre fora um homem do Partido — o que mais você poderia ser num Estado de partido único? Especialmente quando sabe que o destino o selecionou para o poder? Mas, não. O destino o traíra, na pessoa de John Patrick Ryan, numa noite fria e nevada em Moscou, numa garagem de bondes. E agora ele tinha conforto e segurança. Sua filha usaria em breve com o que os americanos chamavam de dinheiro velho, e outros países chamavam de nobreza, e o que ele chamava de zangões inúteis — o motivo que levou o Partido Comunista a ganhar sua revolução. Sua mulher estava satisfeita com suas bugigangas e seu pequeno círculo de amigos. Mas a raiva de Gerasimov jamais esmoreceria.

Ryan furtara-lhe seu destino, o prazer puro do poder e da responsabilidade, de ser o árbitro da trilha de sua nação. Então o próprio Ryan fora conduzido a esse mesmo destino, e o imbecil não sabia como usá-lo. A verdadeira desgraça era ter sido trazido por uma pessoa assim. Bem, havia ainda uma coisa que ele podia fazer. Gerasimov entrou no aposento que conduzia aos fundos, selecionou um casaco de couro e saiu. Ponderou por um momento. Sim, ele acenderia um cigarro e simplesmente percorreria a trilha até o lugar onde estavam reunidos, a quatrocentos metros de distância. Durante o percurso deliberaria como tecer seus comentários, e sua gratidão para com o presidente Ryan.

Ele nunca havia parado de estudar a América, e suas observações sobre o comportamento da mídia seriam muito úteis.

Acordei você, comandante? — indagou Jones. Eram cerca de quatro da manhã em Pearl Harbor.

— Não exatamente. Sabe, meu assessor de imprensa é uma mulher, e ela está grávida. Espero que essa merda toda não a coloque em trabalho de parto prematuro.

O contra-almirante (agora vice-almirante nomeado) Mancuso estava à sua mesa. Polindo suas instruções, seu telefone não teria tocado sem um bom motivo. Um velho companheiro de barco era um desses motivos.

— Me ligaram da NBC, perguntando sobre um trabalhinho que fizemos no Atlântico — E o que você disse?

— O que você acha, comandante? Porra nenhuma. — Além da honra da situação, havia também o fato de que Jones fizera a maior parte de seu trabalho com a Marinha. ... Mas...

— Sim, mas alguém vai falar. O Today Show está exibindo imagens ao vivo de Norfolk, Doca Oitenta. Pode imaginar o que eles estão dizendo.

Mancuso pensou em ligar o televisor de seu escritório, mas era cedo demais para o noticiário matutino da NBC. Lembrou da CNN, ligou o aparelho e sintonizou nesse canal. Estavam falando sobre esportes, mas o começo da hora seguinte estava chegando.

— Depois vão perguntar sobre o outro trabalho que fizemos, aquele envolvendo o desertor.

— Linha aberta, Dr. Jones — alertou o comandante. ; — Não disse onde, comandante. É só uma coisa para você pensar.

— Sim — concordou Mancuso.

— Talvez você possa me dizer uma coisa.

— Que coisa, Ron?

— Por que tanto alvoroço? É claro que não vou abrir a boca e você também não, mas alguém irá, com toda certeza. É uma história de marinheiro boa demais para não ser contada. Mas por que tanto alvoroço, Bart? Não fizemos a coisa certa?

— Acho que sim — replicou o almirante. — Mas acho que as pessoas simplesmente gostam de uma história.

— Sabe de uma coisa? Espero que Ryan concorra na próxima eleição. Vou votar nele. Incrível aquilo que ele fez, incriminando o chefe da KGB e então...

— Ron!

— Só estou repetindo o que eles disseram na TV, certo? Não tenho nenhum conhecimento de tudo aquilo. — Merda, pensou Jones, que puta história de marinheiro. E é tudo verdade.

No outro lado da linha a vinheta do Breaking News apareceu no televisor de Mancuso.

— Sim, sou Nikolay Gerasimov — disse o rosto nas telas do mundo inteiro.

Havia pelo menos vinte jornalistas aglomerados no outro lado da cerca de pedra, e a parte difícil era ouvir uma das perguntas gritadas.

— É verdade que o senhor foi...

— O senhor esteve...

— O senhor veio...

— É verdade que...

— Silêncio, por favor. — Gerasimov levantou a mão. Demorou 15 segundos até ficar satisfeito. — Sim, já fui diretor da KGB. O seu presidente Ryan induziu-me a desertar, e desde então vivo nos EUA, junto com minha família.

— Como o senhor desertou? — gritou um jornalista.

— Você precisa compreender que o mundo da espionagem é cruel. O Sr.

Ryan pratica muito bem o jogo. Na época havia um conflito de forças. A CIA opunha-se à minha facção em favor da facção de Andrey Illych Narmonov.

Assim, o Sr. Ryan foi até Moscou como consultor das negociações do START.

Ele alegou que queria passar-me informações para fazer a reunião acontecer.

Estou falando claro? — Gerasimov decidira acentuar o sotaque para parecer mais crível para as câmeras e os microfones. — Na verdade, podem dizer que ele me acuou com a acusação de que eu estava para cometer um ato de... como se diz?

Um ato de traição. Não era verdade, mas funcionou. Assim, decidi vir para a América com minha família. Vim de avião. Minha família veio de submarino.

— Como? Submarino?

— Sim, foi o submarino Dalas. — Fez uma pausa e abriu um sorriso malicioso. Porque estão sendo tão duros com o presidente Ryan? Ele serviu bem ao seu país. É um espião-mestre — disse Gerasimov em tom de admiração.

— Bem, lá vai a história.

Bob Holtzman emudeceu seu televisor e se virou para seu editor.

— Desculpe, Bob. — O editor passou-lhe de volta o texto.

O material seria publicado dali a três dias. Holtzman fizera um trabalho admirável reunindo informações e depois dedicara-se a integrar todos os dados num quadro coeso e elogioso do homem cujo escritório ficava apenas a cinco quarteirões do seu. Era tudo uma questão de direcionamento, uma das palavras preferidas em Washington. Alguém invertera o direcionamento. Depois que a história inicial era divulgada, era impossível, mesmo para um jornalista experiente como Holtzman, mudar o direcionamento. Especialmente se seu próprio jornal não o apoiava.

— Bob, a sua visão deste caso é diferente da minha — disse o editor com uma pitada de constrangimento. — O que tem se esse sujeito é um espião?

Certo, pegar o submarino foi uma coisa. Guerra Fria e tudo mais. Mas interferir com a política interna

da União Soviética... isso não é muito perto de um ato de guerra?

— Esse não foi o xis da questão. Ele estava tentando tirar um agente, codinome Cardeal. Gerasimov e Aleksandrov estavam usando esse caso de espionagem para derrubar Narmonov e sufocar as reformas que ele planejava iniciar.

— Bem, Ryan pode dizer isso o dia inteiro, se quiser. Não é o que as pessoas irão concluir. Espião-mestre ? Exatamente o que precisamos para governar o país, hein?

— Ryan não é isso, porra! — xingou Holtzman. — Ele é um cara direito...

— E sabe atirar direito também. Ele matou pelo menos três pessoas. Matou, Bob! O que é que deu em Roger Durling para pensar que esse era o sujeito certo para a vice-presidência? Ed Kealty não é flor que se cheire, mas ele pelo menos...

— Pelo menos ele sabe como nos manipular, Ben. Kealty manipulou aquele âncora pira fazer exatamente o que ele queria, e depois fez todos nós seguirmos o mesmo ponto de vista sobre os fatos, o ponto de vista dele.

— Mas... — Ben Saddler não tinha mais nada para dizer a essa altura. — Mas é factual, não é?

— Isso não é o mesmo que verdade, e você sabe disso, Ben.

— Será preciso analisar tudo isso a fundo. Ryan parece o tipo de sujeito que age limpo e sem refletir em tudo o que faz. Quero descobrir agora tudo sobre essa missão na Colômbia. Acha que pode fazer isso? Os seus contatos no FBI são muito bons. Mas preciso dizer uma coisa: estou preocupado com sua objetividade neste caso.

— Você não tem escolha, Ben. Se não quer ficar atrás da concorrência, terá de me lixar escrever do meu jeito. Mas é claro que, se quiser, poderá reescrever tudo que publicar — acrescentou Holtzman, deixando seu editor vermelho de raiva. A vida da imprensa também podia ser cruel.

— A matéria é sua, Bob. Apenas me prometa que irá entregá-la. Alguém quebrou a lei, e Ryan foi o homem que acobertou tudo e saiu cheirando como uma rosa. Eu quero os fatos. — Saddler se levantou. — Tenho um editorial para escrever.

Daryaei mal Podia ACREDITAR. O momento não poderia ter sido melhor.

Faltavam poucos dias para alcançar seu objetivo seguinte, e seu alvo estava prestes a descer ao abismo inteiramente sem a sua ajuda. Com a sua ajuda, é claro, a queda seria ainda mais rápida.

— Isso é o que parece ser?

— Tudo indica que sim — replicou Badrayn. — Posso fazer uma pesquisa rápida e falar com o senhor amanhã de manhã.

— Será mesmo possível? — persistiu o aiatolá.

— Lembra do que lhe falei sobre leões e hienas? Na América isso é um esporte nacional. Não é um truque. Eles não fazem esse tipo de truque. Mesmo assim, deixe-me pesquisar. Tenho meus métodos.

— Falamos-nos amanhã de manhã, então.

Tinha muito trabalho a fazer. De volta ao escritório, Badrayn ativou seu computador pessoal. Era equipado com um modem de alta velocidade de uma linha dedicada de fibra ótica que seguia até uma embaixada do Irã — agora URI — no Paquistão. Dali outra linha seguia até Londres, onde ele podia conectar-se com a rede mundial de computadores sem deixar um único rastro. O que já tinha sido um exercício muito simples para as agências policiais — o que eram as instituições de contrainformação e contraterrorismo, afinal de contas — hoje era virtualmente impossível. Literalmente milhões de pessoas podiam acessar todas as informações obtidas pela humanidade, e mais rápido do que uma pessoa podia ir de carro até a biblioteca mais próxima. Badrayn começou acessando as homepages de imprensa, os jornais principais, do Times de Los Angeles até o Times em Londres, com Washington e Nova York no meio.

Todos jornais principais apresentavam a mesma matéria básica — mais curta na rede do que nas edições impressas, na verdade —, embora o comentário editorial diferisse um pouco de uma publicação para outra. As matérias apresentavam datas vagas, e ele teve de se lembrar que a mera repetição do conteúdo não garantia precisão, mas elas pareciam reais, Badrayn sabia que Ryan havia sido agente do serviço nacional de informações, e sabia que os ingleses, os russos e os israelenses o respeitavam. Essas histórias explicavam tanto a respeito. Mas também o inquietaram, fato que teria surpreendido seu mestre. Ryan era inicialmente um adversário mais formidável do que Daryaei predissera. Ele sabia como tomar ações decisivas em circunstâncias complicadas, e pessoas assim não deviam ser subestimadas.

Contudo, Ryan estava fora de seu elemento agora, e isso ficava evidente na cobertura da imprensa. Quando mudou de uma homepage para outra, viu um editorial recentíssimo. Se exigia um inquérito do Congresso sobre as atividades de Ryan na CIA. Uma declaração do governo colombiano pedia em termos diplomáticos uma explicação das alegações — e isso iniciaria outra tempestade de fogo. Como Ryan iria responder às acusações ou exigências? Uma questão aberta, julgou Badrayn. Ele era um curinga. Isso era perturbador. Ele imprimiu os artigos e editoriais mais importantes para uso posterior, e então prosseguiu com sua pesquisa.

Havia uma homepage dedicada a convenções e espetáculos comerciais nos EUA. Provavelmente para o uso de agências de viagens, pensou. Bem, o propósito era mais ou menos esse. Então seria apenas uma questão de selecioná-los por cidade. Isso lhe dizia a identidade dos centros de convenção, que geralmente eram grandes prédios parecidos com celeiros. Cada um deles tinha também uma homepage, para divulgar suas capacidades. Muitos mostravam diagramas e mapas de viagem. Todos conferiam números de telefone e fax. Ele os coletou até ter 24, alguns a mais, só por precaução. Ele não podia mandar um de seus viajantes para uma convenção de roupas íntimas femininas, por exemplo, embora... ele riu para si mesmo. As feiras de moda e tecidos seriam dedicadas à estação de inverno, embora o verão ainda não tivesse chegado nem mesmo ao Irã. Feiras de automóveis. Essas percorriam os Estados Unidos à medida que diversos fabricantes de carros e caminhões mostravam seu produtos como um circo itinerante... o que era ainda melhor.

Um circo, pensou, e entrou em outra homepage. Não, ainda faltavam algumas semanas para que o início da temporada circense. Uma pena. Uma pena mesmo, resmungou Badrayn. Os grandes circos não

viajavam em trens particulares? Maldição. Mas nada podia ser feito quando a hora não era adequada. A feira de automóveis teria de servir.

E todas as outras.

Todos os membros do grupo dois estavam agora fatalmente doentes, e era hora de pôr fim ao seu sofrimento. Era mais uma questão de eficácia que de misericórdia. Não havia motivo em arriscar as vidas dos médicos militares tratando pessoas condenadas à morte pela lei e pela ciência e, assim como o primeiro grupo, estes foram despachados com injeções generosas de Dilaudid, enquanto Moudi assistia pelos monitores de TV. O alívio dos médicos era visível, mesmo através das roupas protetoras plásticas. Em apenas alguns minutos todas as cobaias estavam mortas. O mesmo procedimento que antes seria realizado. O médico congratulou-se por terem trabalhado bem e que nenhum funcionário tivesse sido infectado. Isso se devia principalmente à sua implacabilidade. Outros lugares — hospitais de verdade — não teriam a mesma sorte, e já estariam lamentando a perda de colegas.

Era uma estranha verdade absoluta da vida que o arrependimento chegava apenas quando já era tarde demais. Agora ele não podia mudar o que estava por vir mais do que poderia reverter a rotação da Terra.

Quando os médicos começaram a colocar os corpos infectados nas maçãs, ele se virou. Não precisava ver aquilo de novo. Moudi caminhou até o laboratório.

Outro conjunto de técnicos provavelmente estava agora colocando a sopa nos recipientes conhecidos como frascos. Eles tinham mil vezes mais do que precisavam para as operações, mas a natureza do exercício era tal que ficava realmente mais fácil fazer muito mais do que era preciso e, conforme o diretor explicara, não era possível saber se seria preciso mais. Os frascos eram todos feitos de aço inoxidável, na verdade uma liga especial que não perdia sua força no frio extremo. Cada recipiente tinha capacidade para 750 mililitros. Depois de selada, cada garrafa seria borrifada com um químico cáustico para garantir que a parte externa estivesse limpa. Em seguida, seria colocada num carrinho e levada até a sala refrigerada no porão do prédio, onde seria imersa em nitrogênio líquido. As partículas do vírus Ebola poderiam permanecer ali durante décadas, frias demais para morrer, completamente inertes, aguardando a exposição seguinte ao calor e unidade, e uma chance de reproduzir e matar.

Um dos frascos permanecia no laboratório, repousando num recipiente criogênico menor, com cerca do tamanho de um tambor de gasolina mas um pouco menor, com um mostrador exibindo a temperatura interna. Ele sentia um certo alívio em saber que o drama logo estaria terminado. Moudi fitou parado na porta, observando os funcionários menos graduados fazer seu trabalho.

Provavelmente eles se sentiam da mesma forma. Logo, os vinte frascos de spray seriam enchidos e removidos do prédio, e cada centímetro quadrado do local seria limpo rigorosamente, e tudo voltaria a ficar seguro. O diretor passaria a maior parte do tempo em seu escritório e Moudi... bem, ele não poderia reaparecer na OMS, poderia? Afinal de contas, ele havia morrido naquela queda de avião na costa líbia. Alguém teria de gerar uma nova identidade e um passaporte para ele antes que pudesse viajar, considerando que ele viesse a viajar novamente. Ou talvez, como medida de segurança... não, nem mesmo o diretor era tão cruel, era?

— Alô, quero falar com o Dr. Ian MacGregor.

— Quem está falando, por favor?

— Dr. Lorenz, do CDC de Atlanta.

— Aguarde um pouco, por favor.

Gus precisou esperar dois minutos, contados por seu relógio, tempo suficiente para acender seu cachimbo e abrir uma janela. Os médicos mais jovens geralmente o recriminariam por seu hábito, mas ele não inalava, e aquilo o ajudava a pensar...

— Dr. MacGregor falando — disse uma voz jovem.

— Aqui é Gus Lorenz, de Atlanta.

— Oh! Como vai o senhor, professor?

— Como estão indo seus pacientes? — perguntou Lorenz a sete fusos horários de meia. Ele gostou da voz de MacGregor, claramente trabalhando até um pouco tarde os bons faziam muito isso.

— O paciente homem não está indo nada bem, temo dizer. Mas a criança está se recuperando.

— E mesmo? Bem, examinamos os espécimes que enviou. Ambos continham o vírus Ebola, subcepa Mayinga.

— Tem certeza absoluta? — perguntou o homem mais jovem.

— Total, doutor. Fiz os testes pessoalmente.

— Temia isso. Enviei outro conjunto de amostras para Paris, mas ainda não deram o resultado.

— Preciso saber algumas coisas. — Do seu lado da linha, Lorenz estava com um bloco aberto. — Fale-me a respeito de seus pacientes.

— Há um problema com isso, professor Lorenz — precisou dizer MacGregor.

Ele não sabia se a linha estava grampeada, mas num país como o Sudão, era algo a se considerar. Por outro lado, ele precisava dizer alguma coisa, e assim começou a comentar os fatos que podia revelar.

— Eu a vi na TV ontem à noite — disse o Dr. Alexandre.

Ele decidira encontrar-se com Cathy Ryan no almoço novamente por esse motivo. Ele simpatizara muito com ela. Quem esperaria que uma cortadora de olhos e jóquei de laser (para Alex, essas eram mais especialidades mecânicas do que a medicina verdadeira que ele praticava — mesmo essa profissão tinha suas rivalidades, e ele se sentia o mesmo em relação a todas as especialidades cirúrgicas) nutrisse um interesse por genética? Além disso, ela provavelmente precisava de uma voz amiga.

— Gentil da sua parte — replicou Caroline Ryan, baixando os olhos para sua salada de galinha enquanto ocupava a cadeira. Alexandre percebeu que o guarda-costas pareceu ficar tenso.

— Você pareceu bem.

— Acha mesmo? — Ela levantou os olhos, dizendo em tom controlado: — Quis arrancar a cara dele.

— Bem, não deu para perceber isso. Você apoiou muito o seu marido. Os espectadores puderam perceber também que é inteligente.

— O que é que os jornalistas têm? Quero dizer, por que... Alex sorriu.

— Doutora, quando um cachorro urina num hidrante, ele não está cometendo vandalismo. Está apenas sendo um cachorro.

Roy Altman quase engasgou com sua bebida.

— Nenhum de nós queria isso, sabia? — disse Cathy, ainda triste a ponto de não perceber a piada.

O professor Alexandre levantou as mãos, fingindo render-se.

— Já estive lá, já fiz isso, madame. Ei, eu nunca quis me alistar no Exército.

Eles me recrutaram na faculdade de medicina. Acabei me afinando, cheguei a coronel e tudo mais. Descobri que o Exército era um campo interessante para manter o cérebro ocupado. E paga as contas.

— Eu nem sequer sou paga por este abuso! — objetou Cathy, não obstante com um sorriso.

— E seu marido não ganha tanto assim — acrescentou Alex.

— Jamais ganhou. As vezes me pergunto por que ele simplesmente não trabalha de graça e devolve os cheques só para mostrar que ele vale mais do que lhe pagam.

— Acha que ele teria sido um bom médico? Os olhos de Cathy reluziram.

— Já lhe disse isso. Jack teria sido um bom cirurgião, acho... não, talvez alguma outra coisa, como a sua área. Ele sempre gostou de ficar xeretando as coisas até descobrir algo.

— E de dizer o que pensa.

Isso quase causou uma gargalhada.

— Sempre!

— Bem, sabe de uma coisa? Ele passa a impressão de ser um bom sujeito.

Nunca o conheci, mas gostei do que vi. Com toda certeza do mundo, ele não é um político, e tal vez ter um apolítico lá em cima de vez em quando não seja ruim. Quer relaxar um pouco, doutora? Qual é a pior coisa que pode acontecer?

Ele deixar o trabalho, voltar para aquilo que ele gosta de fazer... lecionar, acho, pelo que ele disse... e você ainda será uma doutora com um Lasker na parede.

— Não sei se isso é a pior coisa que pode acontecer...

— Você tem o Sr. Altman aqui para garantir isso, não é? — Alexandre olhou para ele. — Imagino que você é grande o bastante para ficar no caminho da bala.

— O agente do Serviço Secreto não respondeu, mas seu olhar para Alex dispensou explicações. Sim, ele pararia uma para sua protegida. — Vocês não podem falar sobre esse tipo de coisa, podem?

— Sim, senhor, nós podemos, se nos perguntarem. — Altman quisera dizer isso o dia inteiro. Ele também assistira ao especial na TV e, como costumava acontecer, os agentes da segurança presidencial falaram um pouco sobre meter uma azeitona na cabeça do jornalista em questão. O pessoal do Serviço Secreto também tinha uma vida de fantasia. — Dra. Ryan, gostamos muito da sua família, e não estou dizendo isso só para ser educado, certo? Nem sempre gostamos dos nossos protegidos. Mas gostamos de todos vocês.

— Ei, Cathy. — Era o reitor James, passando com um sorriso e um aceno.

— Oi, Dave.

Então ela acenou para alguns amigos da faculdade. Então ela não estava tão sozinha quanto pensava.

— E aí, Cathy, você é casada com James Bond ou o quê?

Num contexto diferente, a pergunta teria feito Cathy subir nas tamancas, mas os olhos de Alexandre estavam piscando para ela.

— Sei um pouco sobre essas coisas. Recebi algumas informações quando o presidente Durling pediu a Jack que fosse vice-presidente, mas não posso...

Ele levantou a mão.

— Eu sei. Tenho permissão para assuntos sigilosos porque ainda apareço em Forte Detrick de vez em quando.

— Não é como no cinema. Você não faz aquele tipo de coisa, toma uma bebida, beija a garota e sai no seu carrão. Ele costumava ter pesadelos e eu... bem, eu costumava abraçá-lo enquanto ele dormia e isso geralmente o acalmava. E quando ele acordava, fingia que quilo não tinha acontecido. Sei de algumas coisas, não de tudo. Ano passado, quando estávamos em Moscou, conheci um russo que disse que já tinha colocado um revólver na cabeça de Jack... — Altman virou a cabeça ao ouvir isso. — Mas ele disse que era um tipo de brincadeira, e depois disse que a arma não estava carregada. Depois fomos jantar juntos, como se fôssemos velhos amigos, e eu conheci a esposa dele... uma pediatra, acredita? Ela é médica e o seu marido é o chefe da informação russa e...

— Isso realmente parece incrível — concordou o Dr. Alexandre com uma sobranceira erguida, e então uma gargalhada de verdade surgiu do outro lado da mesa.

— É tudo loucura — concluiu Cathy.

— Quer saber o que é mesmo loucura? Temos dois casos de Ebola reportados no Sudão.

Agora que ele conseguira levantar o humor de Cathy, podia conversar sobre seus problemas.

— Lugar estranho para esse vírus aparecer. Os portadores vieram do Zaire?

— Gus Lorenz está averiguando. Estou esperando que ele me telefone de volta — reportou o professor Alexandre. — Não pode ser uma epidemia local.

— Por que não? — indagou Altman.

— O pior ambiente possível — explicou Cathy, finalmente tocando em seu almoço.

— Quente, seco, muito sol direto. Os raios ultravioleta matam o vírus.

— Como um lança-chamas — concordou Alex. — E não há nenhuma floresta onde um animal hospedeiro possa viver.

— Apenas dois casos? — perguntou Cathy com a boca cheia de salada.

Pelo menos consegui fazê-la comer, pensou Alexandre. Sim, ainda sabia lidar com mulheres, mesmo num refeitório. Ele assentiu.

— Homem adulto e uma garotinha. É tudo que sei por enquanto. Gus deve fazer os testes hoje. Já deve ter feito.

— Droga, esse é um vírus infernal. E vocês ainda não descobriram o hospedeiro.

— Procuramos há vinte anos — confirmou Alex. — Jamais foi encontrado um único animal doente... bem, o hospedeiro não estaria doente, mas você me entendeu.

— Como um caso criminal, hein? — perguntou Altman. — Procurando provas física ;

— Bem parecido — concordou Alex. — Só que estamos fazendo uma busca por um país inteiro, e nunca soubemos exatamente o que estamos procurando.

Don Russell observou as camas dobráveis serem retiradas. Depois do almoço — hoje fora sanduíches de queijo e presunto no pão integral, copos de leite e uma maçã —, todas as crianças desciam para seu cochilo da tarde. Uma ideia maravilhosa, todos os adultos pensavam. A Sra. Daggett era uma organizadora soberba, e todas as crianças conheciam a rotina. As camas vinham do almoxarifado, e as crianças conheciam seus espaços. CHOCALHO estava se dando otimamente com a jovem Megan O'Day. Ambas costumavam vestir roupas da Oshkosh Bogosh decoradas com flores ou coelhinho — pelo menos um terço das crianças usava as roupas dessas marca, que era muito popular. A única parte árdua era levar as crianças até os banheiros para que não acontecessem acidentes durante seus cochilos. Alguns aconteciam de qualquer jeito, mas crianças são crianças. O procedimento todo levava 15 minutos, menos do que antes porque agora dois de seus agentes ajudavam. Então todas as crianças deitavam em suas caminhas, com seus cobertores e ursinhos, e a luz era apagada. A Sra. Daggett e seus ajudantes encontravam cadeiras para sentar, livros para ler.

— CHOCALHO está dormindo — disse Russell, saindo para tomar um pouco de ar fresco.

— Tudo bem aqui — comunicou a equipe móvel, posicionada na casa do outro lado da rua. Seu Chevy Suburban estava estacionado na garagem da família. Havia três agentes na casa; dois em vigília, sentados perto da janela que dava para a Giant Steps. Provavelmente jogando cartas, sempre uma boa forma de passar o tempo. A cada 15 minutos não muito regularmente, para o caso de alguém estar observando —, Russell ou outro membro da equipe contornava o terreno. As câmeras de TV mantinham registro do tráfego na Ritchie Highway.

Um dos agentes internos estava sempre posicionado para cobrir as portas de entrada e saída da creche. No momento era Marcella Hilton; jovem e bonita, sempre estava com sua bolsa a tiracolo. Uma bolsa especial de um tipo feito para policiais femininas, tinha um bolso interno no qual estavam alojados sua automática SigSauer 9 mm e dois pentes de balas sobressalentes. Ela estava deixando o cabelo crescer para alguma coisa próxima ao coração hippie (ele tivera de contar-lhe o que era um hippie) para acentuar seu disfarce .

A situação ainda não agradava a Russell. O acesso ao lugar era fácil demais, e ficava muito próximo da rodovia com seu volume intenso de tráfego.

Além disso, havia um estacionamento perto, um local perfeito para bandidos hipotéticos ficarem de tocaia. Pelo menos tinham conseguido espantar os jornalistas. Nesse aspecto, CIRURGIÃ fora curta e grossa. Depois de algumas matérias sobre Katie Ryan e suas amigas, ela batera o pé. Agora os jornalistas visitantes que ligavam ouviam uma ordem, firme mas polida, de que mantivessem distância. Aqueles que

vinham, mesmo assim precisavam conversar com Russell, cujo comportamento de vovô era reservado às crianças da creche Giant Steps. Com os adultos ele era tremendamente intimidante, em geral usando seus óculos escuros do Serviço Secreto, para parecer mais com Schwarzenegger, que era mais baixo do que ele em quase oito centímetros.

Mas sua subsegurança presidencial fora reduzida para seis membros. Três diretamente no local, três do outro lado da rua. O segundo trio usava armas de ombro, submetralhadoras Uzi e uma M-16 com mira telescópica. Em outra locação, seis seriam mais do que o suficiente, mas não nesta, julgava Russell.

Infelizmente, mais gente que isso e a creche parecer um campo militar, e o presidente Ryan já tinha problemas de sobra.

Quais são as novas, Gus? — perguntou Alexandre, de volta ao seu escritório antes de iniciar as rondas da tarde. Um de seus pacientes com AIDS tivera complicações. Alex tentava pensar no que fazer a respeito.

— Identidade confirmada. Ebola Mayinga, igual aos dois casos no Zaire. O homem não vai sobreviver, mas a criança está se recuperando muito bem.

— Mesmo? Muito bom. Qual é a diferença entre os dois casos?

— Não tenho certeza, Alex — replicou Lorenz. — Não tenho muita informação sobre os pacientes, apenas seus primeiros nomes, Saleh para o homem e Sohaila para a menina, idades e coisas assim.

— Nomes árabes, certo?

Mas o Sudão era um país islâmico.

— Acho que sim.

— Seria útil saber as diferenças entre os dois casos.

— Falei isso ao médico que está cuidando dos casos. Seu nome é Ian MacGregor, e ele parece muito bom. Universidade de Edimburgo, acho que ele disse. Em todo caso, ele não conhece muitas diferenças entre os dois casos.

Nenhum dos dois tem ideia alguma sobre como se expôs. Eles apareceram no hospital mais ou menos ao mesmo tempo, aproximadamente nas mesmas condições. Os sintomas iniciais indicavam uma gripe e ou enjoo de viagem. : — Então de onde vieram? — cortou Alexandre.

— Perguntei isso. Ele respondeu que não podia dizer.

— Como vieram?

— Também perguntei. Ele disse que também não podia dizer, mas que não havia conexão aparente entre os dois casos.

O tom de Lorenz indicava que ele havia pensado no assunto. Os dois homens sabiam que o motivo para o silêncio do médico só podia ser político.

Esse era um problema sério na África, especialmente com AIDS.

— Nada mais no Zaire?

— Nada — confirmou Gus. — Aquela epidemia acabou. É de fundir a cuca, Alex. A mesma doença aparece em dois lugares diferentes, a uma distância de três mil quilômetros, dois casos em cada lugar, dois mortos, um morrendo, outro aparentemente se recuperando. MacGregor iniciou medidas apropriadas de contenção em seu hospital, e parece que entende do riscado.

Gus quase pôde ouvir Alexandre dando de ombros do outro lado da linha.

O comentário do homem do Serviço Secreto durante o almoço acertara bem na mosca, pensou Alexandre. Era mais trabalho de detetive do que medicina, e isto não fazia o menor sentido, como um tipo de caso de assassinatos em série sem pistas. Divertido num livro, mas não na vida real.

— Certo, o que nós sabemos?

— Sabemos que a cepa Mayinga está viva e atuante. A inspeção visual é idêntica. Estamos

procedendo a algumas análises nas proteínas e sequências, mas algo me diz que tudo vai conferir perfeitamente.

— Puta merda, Gus. Qual será o hospedeiro? Se pelo menos descobríssemos isso!

— Obrigado pela observação, doutor.

Gus estava incomodado — enraivecido — da mesma maneira e pelo mesmo motivo. Mas era uma velha história para os dois. Bem, pensou o homem mais velho, levava alguns milhares de anos para que a malária fosse descoberta. Eles estavam pesquisando o Ebola havia apenas 25 anos. O vírus devia estar à solta havia pelo menos esse tempo, aparecendo e desaparecendo, exatamente como um assassino em série de história policial. Mas o Ebola não tinha um cérebro, não tinha uma estratégia, nem mesmo se movia por conta própria. Era superadaptável a alguma coisa muito pequena e extremamente estreita. Mas eles não sabiam exatamente o quê.

— E o tipo de coisa que leva um homem a beber, não é? — comentou Gus.

— Também gostaria de uma boa dose de bourbon agora — concordou Alexandre. — Mas tenho pacientes para ver.

— Está gostando de fazer rondas clínicas, Alex? — Lorenz também sentia falta disso.

— É bom ser um médico de verdade novamente. Só queria que meus pacientes tivessem um pouco mais de esperança. Mas são os ossos do ofício, não é verdade?

— Se quiser, passo por fax para você a análise estrutural das amostras. A boa notícia é que os casos parecem muito bem contidos — repetiu Lorenz.

— Eu gostaria. A gente se fala depois, Gus.

Alexandre desligou. Muito bem contidos? Foi isso que pensamos antes... Mas então seus pensamentos mudaram, porque era preciso. Paciente branco, 34 anos, gay. Como poderemos estabilizar suas condições? Pegou o prontuário e saiu do escritório.

— Quer dizer que sou o cara errado para ajudar com as seleções para a Suprema Corte? — perguntou Pat Martin.

— Não se sinta tão mal — respondeu Arnie. — Somos todos os caras errados para qualquer coisa.

— Exceto você — comentou o presidente com um sorriso.

— Todos cometemos erros de julgamento — admitiu van Damm. — Eu poderia ter saltado do barco junto com Bob Fowler, mas Roger disse que precisava de mim para manter a loja funcionando, e...

— Sim — disse Ryan, assentindo. — Foi assim que cheguei aqui também. E então, Sr. Martin?

— Nada disso infringiu nenhuma lei.

Ele tinha passado as últimas três horas examinando os arquivos da CIA e o resumo ditado por Jack sobre as operações na Colômbia. Agora uma das secretárias de Ryan, Ellen Sumter, sabia sobre algumas coisas extremamente confidenciais — mas ela era uma secretária presidencial e além disso, Jack só revelara absolutamente o necessário.

— Pelo menos da sua parte, presidente — prosseguiu Martin. — Ritter e Moore poderiam ser acusados de haver deixado de prestar um relatório completo de suas atividades ao Congresso, mas sua defesa teria sido de que o presidente em exercício dissera-lhes para agir dessa forma, e as orientações de Operações Especiais e Perigosas anexadas ao estatuto de supervisão conferiam-lhes uma defesa razoável. Suponho que eu poderia indiciá-los, mas não iria querer ser o promotor nesse caso. — Fez uma pausa. — Eles estavam tentando ajudar a atenuar o problema das drogas, e a maioria dos jurados não iria condená-los por fazer isso, especialmente considerando que o resultado foi a dissolução parcial do cartel de Medellín. O problema real nessa situação é o ângulo de relações internacionais. Os colombianos ficarão putos, senhor, e estarão cobertos de motivos. Havia artigos em leis e tratados internacionais que se aplicavam à atividade, mas não sou bom o bastante nesse campo para oferecer uma opinião. Do ponto de vista doméstico, é a Constituição, a lei suprema do país. O presidente é o comandante-em-chefe. O

presidente decide o que é ou o que não é bom para os interesses da segurança nacional. Isso faz parte de seus poderes executivos. Portanto, o presidente pode adotar qualquer ação que julgue apropriada para proteger esses interesses. É isso que significa poder executivo. A contenção desse poder, além das violações estatutárias que se aplicam principalmente dentro do país, é encontrada nas checagens e equilíbrios exercidos pelo Congresso. Eles podem negar fundos para impedir alguma coisa, mas é tudo que podem fazer. Mesmo a Resolução de Poderes de Guerra é escrita de forma a permitir que o presidente aja primeiro antes que o Congresso tente detê-lo. Entende? A Constituição é flexível nas questões realmente importantes. Ela é designada para pessoas racionais realizarem coisas de uma forma racional. Em tese, os deputados eleitos sabem o que o povo quer, e agem de acordo, novamente, dentro dos limites da razão.

E os homens que escreveram a Constituição?, pensou Ryan. Eles eram políticos ou alguma outra coisa?

— E o resto? — perguntou o chefe de gabinete.

— As operações da CIA? Não chegam nem perto de algum tipo de violação, mas também constituem um problema político. Essa é uma opinião pessoal.

Não esqueça, presidente: já dirigi investigações de atividades de inteligência, e elas eram trabalhos belíssimos. Mas a mídia vai deitar e rolar — alertou.

Arnie pensou que esse era um bom começo. Seu terceiro presidente não precisaria se preocupar em ir para a cadeia. A questão política vinha depois disso, que era, para ele, uma espécie de primeira vez.

— Audições abertas ou fechadas? — inquiriu van Damm.

— Isso é político. A questão principal aqui é o lado internacional. É melhor discutir isso com Estado. A propósito, estou encostado na parede, eticamente falando. Se vier a descobrir uma possível violação sua em qualquer um dos três casos, estarei impossibilitado em discuti-la com você. A minha desculpa será dizer que você, presidente, pediu minha opinião sobre possíveis violações criminosas de terceiros, a cujos inquéritos eu devo, na condição de funcionário do governo, responder como parte de meus deveres.

— Sabe, eu apreciaria muito se todos ao meu redor não falassem como advogados o tempo todo — observou Ryan, irritado. — Estou com problemas reais nas mãos. Um novo país no Oriente Médio que não gosta de nós, os chineses arranjando problemas no mar por motivos que não entendo, e ainda não tenho um Congresso.

— Esse é um problema e tanto — disse-lhe Arnie. Mais uma vez.

— Eu sei ler. — Ryan gesticulou para a pilha de recortes de jornal sobre sua mesa. Acabara de descobrir que a imprensa enviara-lhe rascunhos de editoriais negativos que seriam publicados no dia seguinte. Quanta gentileza. — Estou começando a achar que a CIA era o País das Maravilhas. Certo, a Suprema Corte. Já li metade da lista. Todos são boas pessoas. Apresentarei minha seleção na próxima semana.

— A Ordem dos Advogados vai subir nas tamancas — comentou Arnie.

— Que se danem. Não posso demonstrar fraqueza. Tive uma bela lição sobre isso ontem à noite. — Depois de uma pausa, o presidente perguntou: — O que Kealty vai fazer?

— A única coisa que pode fazer: enfraquecer você politicamente, ameaçá-lo com um escândalo, forçá-lo a renunciar. — Arnie levantou a mão de novo. — Não estou dizendo que isso faz sentido.

— Quase porra nenhuma nesta cidade faz sentido, Arnie. É por causa disso que não vou desistir.

Obviamente, um elemento crucial na consolidação do novo país era seu exército. As antigas divisões da Guarda Republicana manteriam sua identidade.

Seriam necessários alguns ajustes na cúpula. As execuções das semanas anteriores não tinham

expurgado totalmente os elementos indesejáveis, mas no interesse das boas relações, as eliminações dariam lugar a aposentadorias. As instruções demissionárias não podiam ter sido mais diretas: Caia fora do Exército e desapareça. Era um aviso a ser levado em consideração. Os oficiais demitidos invariavelmente assentiam submissos, gratos pela chance de permanecer vivos.

Essas unidades haviam sobrevivido à Guerra do Golfo — pelo menos a maior parte de seus membros, e o choque de seu tratamento nas mãos dos americanos fora suavizado depois por campanhas bem-sucedidas, nas quais haviam esmagado rebeliões civis. Isso devolvera-lhes parte de sua audácia e muito de sua gabolice. Seu equipamento, que fora repostado de estoques e através de outros meios, em breve também seria aumentado.

Os comboios saíram do Irã, seguiram a rodovia de Abada e atravessaram postos de fronteira já desmantelados. Moveram-se na calada da noite, com um mínimo de tráfego de rádio, mas isso não fazia diferença para os satélites.

— Três divisões bastante pesadas — foi a análise instantânea do, o I-TAC

(Centro Analítico de Informação e Ameaça do Exército), um prédio sem janelas localizado no quartel-general da Marinha em Washington. A mesma conclusão foi rapidamente obtida na DIA e na CIA. Uma nova Ordem de Batalha para o novo país já estava em andamento, e embora ainda não estivesse completa, os primeiros cálculos mostravam que a URI possuía mais que o dobro do poderio militar de todos os outros Estados do Golfo combinados. A situação provavelmente pareceria mais desanimadora quando todos os outros fatores fossem avaliados.

— Queria saber para onde estão indo exatamente — disse em voz alta o oficial de plantão enquanto as fitas eram rebobinadas.

— A base religiosa do Iraque sempre foi xiita, senhor — recordou ao coronel um especialista de área.

— E eles estão perto dos nossos amigos.

— Exato.

Mahmoud Haji Daryaei tinha muito em que pensar, e ele geralmente tentava fazer isso dentro, e não fora, de uma mesquita. Neste caso a mesquita era uma das mais antigas da antiga nação do Iraque, perto de Ur, a cidade mais antiga do mundo. Homem de seu Deus e Fé, Daryaei era também um homem de uma realidade histórica e política que dizia a si mesmo que tudo convergia para um todo unificado que definia a forma do mundo, e que tudo precisava ser considerado. Era fácil em momentos de fraqueza ou entusiasmo (ambos eram a mesma coisa em sua mente) dizer a si mesmo que certas coisas estavam escritas por Alá com sua própria mão imortal. Contudo, a circunspecção era também uma virtude ensinada pelo Corão, e o aiatolá sabia conseguir alcançar isso caminhando pelo terreno externo de um lugar sagrado, geralmente um jardim, como o desta mesquita.

A civilização começara aqui. A civilização paga, para ser mais exato, mas todas as coisas precisavam começar em algum lugar, e os homens que construíram esta cidade não tinham culpa de ter feito isso cinco mil anos antes de Deus revelar-se plenamente. Os fiéis que construíram esta mesquita e seu jardim já eram esclarecidos.

A mesquita estava ruindo. O aiatolá abaixou-se para pegar um pedaço de tijolo que caíra do muro. Azul, a cor da cidade antiga, um tom entre o azul-celeste e o azul-marinho. Esses tijolos tinham sido confeccionados pelos artesãos locais com o mesmo tom e textura por mais de cinquenta séculos, adotados alternadamente para templos, estátuas pagãs, palácios de reis e agora uma mesquita. Se alguém derrubasse um dos prédios mais novos e cavasse dez metros na terra provavelmente encontraria uma outra mesquita com mais de três mil anos, e as duas seriam indistinguíveis. Nesse sentido, este lugar possuía um senso de continuidade sem par em qualquer outro lugar do mundo. Havia uma sensação de paz

aqui, especialmente em meio ao frio de uma noite sem nuvens, quando Daryaei caminhava sozinho aqui, e mesmo seus guarda-costas estavam fora de vista, cientes do estado de espírito de seu líder. Uma lua minguante estava alta no céu, e isso enfatizava a miríade de estrelas que lhe faziam companhia. A oeste ficava a antiga Ur, um dia uma grande cidade, e decerto ainda uma visão digna, com seus muros de pedra monumentais e seus zigurates altíssimos dedicados aos deuses falsos que as pessoas aqui haviam adorado. Caravanas haviam entrado e saído por seus portões fortificados, trazendo tudo, de grãos a escravos. A terra circundante devia ser verde, com campos de plantio em vez de mera areia, e o ar vivo com o tagarelar dos mercadores. A história do próprio Éden provavelmente começara não muito longe daqui, em algum lugar nos vales paralelos do Tigre e Eufrates que desaguavam no Golfo Pérsico. Sim, se a humanidade era toda uma única árvore vasta, então as raízes mais antigas estavam bem aqui, virtualmente no centro do país que ele acabara de criar.

O aiatolá tinha certeza de que os antigos deviam possuir o mesmo senso de centralidade. Aqui estamos nós, deviam ter pensado, e lá fora estavam... eles, a denominação universal àqueles que não faziam parte da comunidade de um indivíduo. Eles eram perigosos. No começo eles deviam ter sido viajantes nômades para quem a ideia de uma cidade era incompreensível. Como alguém poderia permanecer em um só lugar e viver? A grama dos bodes e carneiros não acabava? Por outro lado, que lugar fantástico para pilhar, devem ter pensado.

Era por causa disso que muros de defesa haviam brotado em torno da cidade, enfatizando a dicotomia de nós e eles, os civilizados e os incivilizados.

E ainda era assim hoje. Os Fiéis, os Infiéis. Mesmo dentro da primeira categoria havia diferenças. Ele parou no centro de uma nação que era também o centro da Fé, pelo menos em termos geológicos, pois o Islã espalhara-se para oeste e leste. O centro verdadeiro de sua religião jazia na direção para a qual sempre rezavam, o sudeste, em Meca, lar da pedra Caaba, onde o Profeta ensinara.

A civilização começara em Ur e se disseminara, lenta e inexoravelmente.

Em meio às ondas do tempo, a cidade prosperara e caíra devido aos seus falsos deuses e à carência de uma única ideia centralizadora, algo essencial para a civilização.

A continuidade deste lugar dizia-lhe muito a respeito do seu povo. Era quase possível ouvir suas vozes, e eles não eram diferentes do próprio aiatolá.

Nas noites silenciosas haviam erguido os olhos para o mesmo céu e contemplado a beleza das mesmas estrelas. Os melhores entre eles haviam escutado o silêncio, exatamente como ele fazia agora, e o usado como uma base para seus pensamentos mais íntimos, para considerar as Grandes Questões e encontrar suas respostas da melhor forma possível. Mas tinham encontrado respostas erradas, e por esse motivo os muros haviam caído, juntamente com todas as civilizações daqui... menos uma.

E assim, sua missão era restaurar, disse Daryaei às estrelas. Assim como sua religião era a revelação final, sua cultura floresceria a partir daqui, rio abaixo a partir do Éden original. Sim, ele ergueria sua cidade aqui. Meca permaneceria uma cidade santa, abençoada e pura, não comercializada, não poluída. Aqui havia espaço para prédios administrativos. Um novo começo aconteceria no local do começo mais antigo, e uma grande nação floresceria.

Mas antes...

Daryaei olhou para sua mão velha e enrugada, marcada por torturas e perseguições, mas ainda a mão de homem e a serva de sua mente, uma ferramenta imperfeita, assim como ele próprio era uma ferramenta imperfeita de seu Deus. Não obstante, era ferramenta fiel, capaz de açoitar, capaz de curar.

As duas coisas eram necessárias. Ele sabia o Corão inteiro de cor — sua religião encorajava a decorar o livro sagrado inteiro — e, mais que isso, era um teólogo que podia citar um verso para cada propósito. Desses versos, alguns eram contraditórios, admitiu para si mesmo, mas a Vontade de Alá importava mais que Suas palavras. Suas palavras frequentemente aplicavam-se a um contexto específico. Matar era mau, e a lei do Corão era bem dura nesse aspecto. Matar em defesa da Fé não era mau.

Ocasionalmente a diferença entre os dois atos era obscura, e para isso o indivíduo teria de ter Alá como seu guia. Alá desejara que os Fiéis ficassem debaixo de um só teto espiritual, e embora muitos tivessem tentado conseguir isso mediante razão e exemplo, os homens eram fracos e alguns precisavam ser ensinados com menos misericórdia que outros — e talvez as diferenças entre sunitas e xotas pudessem ser resolvidas pela paz e pelo amor, com sua mão estendida num sinal de amizade e os dois lados aceitando respeitosamente as visões do outro — Daryaei estava disposto a chegar a esse extremo em sua cruzada —, mas primeiro precisaria estabelecer as condições adequadas. Além do horizonte do Islã havia outros inimigos; embora também merecessem a Misericórdia de Deus, eles não a desfrutariam enquanto estivessem ferindo a Fé verdadeira. Para essas pessoas, a mão de Daryaei seguraria o chicote. Não havia como evitar.

Como eles feriam a Fé, poluindo-a com seu dinheiro e ideias alienígenas, roubando-lhes seu petróleo, levando as crianças para ser educadas segundo suas tradições corruptas. Procuravam limitar a Fé mesmo quando faziam negócios com aqueles que diziam ser Fiéis. Eles iriam resistir aos seus esforços de unificar o Islã. Chamariam isso de economia, política ou alguma outra coisa, mas eles realmente sabiam que um Islã unificado significaria sua apostasia e poder. Eles eram o pior tipo de inimigos, porque diziam ser os e disfarçavam suas intenções bem o bastante para serem vistos como tais. Para que todo o Islã se unificasse, eles teriam de ser quebrados.

Daryaei realmente não tinha escolha. Viera para cá ficar sozinho para pensar, para perguntar silenciosamente a Deus se haveria outro meio. Mas o pedaço de tijolo azul falara-lhe de tudo que havia acontecido, do tempo que havia passado, das civilizações que tinham deixado para trás apenas memórias imperfeitas e ruínas. Daryaei contava com as ideias e a fé dos quais todos os antigos tinham carecido. Era apenas uma questão de aplicar essas ideias, guiadas pela mesma Vontade que colocara as estrelas no céu. Seu Deus usara dilúvios e desgraças como ferramentas da Fé. O próprio Maomé travara guerras. E assim, relutante, o aiatolá disse a si próprio que faria o mesmo.

Conceito Operacional

Quando forças militares se movem, outras forças observam com interesse, embora o que façam a respeito dependa inteiramente da intenção de seus líderes. O movimento de forças iranianas para o Iraque foi inteiramente administrativo. Os tanques e outros veículos blindados foram transportados em trailers, enquanto os caminhões chegaram com suas próprias rodas. Houve os problemas usuais. Algumas unidades tomaram rumos errados, para embaraço de seus oficiais e a fúria dos superiores, mas logo cada uma das três divisões tinha encontrado um novo lar, em cada caso compartilhado com uma divisão da mesma espécie que pertencera ao antigo Iraque. A redução traumática do Exército iraquiano possibilitara espaço de sobra para os novos ocupantes das bases. Assim que chegavam, os soldados eram integrados em unidades, e os grupos iniciaram exercícios de guerra tendo uns aos outros como oponentes.

Isso também gerou as dificuldades costumeiras de linguagem e cultura, mas ambos os lados empregavam as mesmas armas e doutrinas, e os oficiais esforçaram-se pela integração. Tudo isso também foi observado através de satélites.

— Quantos?

— Digamos que são três formações de unidades — disse o oficial de instruções ao almirante Jackson. — Uma ou duas divisões blindadas, e duas fortemente mecanizadas. São um pouco leves em artilharia, mas têm todo o material necessário. Localizamos um punhado de veículos de comando e controle correndo pelo deserto, provavelmente realizando simulações de movimento de unidades para um CPX. — CPX era a sigla para Exercício de Comando e Posto, um jogo de guerra para profissionais.

— Mais alguma coisa? — perguntou Robby.

— Os campos de artilharia pesada desta base, a oeste de Abu Sukayr, estão sendo escavados e limpos, e a base aérea logo ao norte de Nejef tem alguns novos MiGs e Sukhois, mas seus motores estão frios.

— Operação de avaliação? — perguntou Tony Bretano.

— Senhor, podemos chamar isso de qualquer coisa — replicou o coronel. — País novo integrando seus soldados. Haverá muita atividade de familiarização.

Estamos surpresos em ver como as unidades estão bem integradas. Ocorrerão dificuldades administrativas, mas isso será um boa tática do lado psicológico.

Desta forma eles agirão como se fosse realmente um só país.

— Nada ameaçador?

— Nada terrivelmente ameaçador. Não por enquanto.

— Com que rapidez essas corporações podem se mover até a fronteira saudita? — perguntou Jackson, para ter certeza de que seu chefe entendera o quadro.

— Depois que estiverem plenamente abastecidas e treinadas? Algo entre 48

e 72 horas. Poderíamos fazer isso na metade do tempo, mas tivemos um treinamento melhor.

— Composição de forças?

— Total de três corporações. Estamos falando de seis divisões pesadas, um pouco mais de quinhentos tanques de batalha, mais de 250 veículos de combate de infantaria, e até seiscentos canhões...

ainda não avaliamos totalmente a facção vermelha, almirante. É assim que chamamos a artilharia, secretário — explicou o coronel. — Logisticamente, estão seguindo o antigo modelo soviético.

— Que significa isso?

— Sustentam a estratégia em suas divisões. Também fazemos isso, mas conservamos formações separadas para manter nossas forças de manobra em movimento.

— A maior parte do contingente é composta por reservistas — disse Jackson ao secretário. — O modelo soviético possibilita uma força de manobra mais integrada, mas apenas por curto prazo. Eles não podem sustentar operações por tanto tempo quanto nós, em termos de tempo ou distância.

— O almirante está correto, senhor — prosseguiu o oficial de instrução. — Em 1990, quando os iraquianos atacaram o Kuwait, eles foram até onde seu rabo logístico permitiu. Eles precisaram parar para reabastecimento.

— Isso é parte da história. Conte-lhe a outra parte — ordenou Jackson.

— Depois de uma pausa entre 12 a 24 horas, eles estariam preparados para mover-se novamente. O motivo para não terem feito isso foi político.

— Isso sempre me intrigou. Eles poderiam ter tomado os campos petrolíferos sauditas?

— Facilmente — disse o coronel. — Ele deve ter pensado muito sobre isso nos meses seguintes — acrescentou o oficial sem simpatia.

— Então temos uma ameaça em vista? — perguntou Bretano.

Ele estava fazendo perguntas simples e ouvindo as respostas com atenção.

Jackson gostava disso. Ele sabia o que não sabia, e não se sentia constrangido em aprender.

— Sim, senhor. Essas três corporações representam uma força de ataque potencial que se iguala em poder à usada por Hussein. Havia outras unidades envolvidas na Guerra do Golfo, mas elas eram apenas forças de ocupação. Este é o punho deles — disse o coronel, cutucando o mapa com sua vareta.

— Mas ainda está em seu bolso. Quanto tempo levará para que isso mude?

— Alguns meses no mínimo para fazer direito, secretário. Depende principalmente de suas intenções políticas gerais. Todas essas unidades são treinadas individualmente segundo os padrões locais. Integrar as equipes de suas formações será seu maior desafio.

— Explique — ordenou Bretano.

— Senhor, acho que poderíamos chamar isso de gerenciamento de equipe.

Todo mundo precisa conhecer todo mundo para que possam comunicar-se apropriadamente, e começar a pensar da mesma forma.

— Talvez seja mais fácil pensar neles como um time de futebol, senhor — acrescentou Robby, estendendo o exemplo. — Um treinador não pode apenas juntar 11 caras e esperar que eles joguem bem. O treinador precisa fazer com que todos sigam o mesmo livro de regras, e que cada um saiba o que os outros são capazes de fazer.

O secretário de defesa assentiu.

— Então não é com o equipamento que devemos nos preocupar. É com as pessoas. — Exatamente, senhor — disse o coronel. — Posso ensinar ao senhor como dirigir um tanque em alguns minutos, mas levará algum tempo antes que eu permita que conduza um em minha brigada.

— É por causa disso que vocês adoram quando um novo secretário aparece — comentou Bretano, um sorriso sardônico nos lábios.

— A maioria deles aprende bem depressa.

— E então? O que conto ao presidente?

Os navios da República Popular da China e de Taiwan estavam mantendo suas respectivas distâncias, como se uma linha invisível tivesse sido desenhada de norte a sul ao longo do estreito de Formosa. Os

navios de Taiwan acompanhavam os da China, colocando-se entre eles e sua ilha. Regras formais haviam sido estabelecidas, e até agora nenhuma delas fora violada.

Isso parecia bom para o comandante do USS Pasadena, cujos grupos de sonar e rastreamento tentavam manter registro das posições de ambos os lados, o tempo inteiro torcendo para que uma guerra não estourasse com eles no meio.

Serem mortos por engano seria um fim inglório.

— Torpedo na água, marcação dois-sete-quatro!

A informação veio do compartimento de sonar. Cabeças se viraram imediatamente.

— Mantenham a calma — ordenou o comandante. — Sonar, leme, preciso saber mais sobre isso! —

Esse comentário não soou calmo.

— Mesma marcação que o contato Sierra Quarenta e Dois, um destróier classe Luda II, senhor, provavelmente lançado dele.

— Quarenta e Dois está em marcação dois-sete-quatro, alcance de trinta mil jardas — gritou um suboficial no grupo de rastreamento.

— Parece um dos novos torpedos teleguiados deles, senhor, seis hélices, movendo em alta velocidade, curso mudando de norte para sul, aspecto lateral definido.

— Muito bem — disse o comandante, procurando aparentar o máximo de calma que conseguia fingir.

— Pode ter como alvo o Sierra-Quinze, senhor.

Esse contato era um velho submarino classe Ming, uma cópia chinesa do velho classe Romeu russo, uma lata velha cujo desenho datava da década de 50

e que ia tona quando requeria recarregamento de baterias.

— Ele está em marcação dois-seis-um, alcance semelhante. — A informação veio do oficial da equipe de rastreamento. O superior à sua esquerda assentiu de acordo.

O comandante fechou os olhos e permitiu-se um suspiro. Ele ouvira histórias sobre os Bons e Velhos Tempos da Guerra Fria, quando homens como Bart Mancuso tinham seguido para o norte e adentrado o mar de Barents, e de vez em quando apanhados no meio de um exercício de tiro da Marinha soviética — talvez confundidos com alvos de treino. Hoje, sentados em seus escritórios, esses homens brincavam, dizendo que esses incidentes tinham sido ótimas oportunidades para avaliar o quanto o arsenal soviético era realmente bom. Agora ele sabia o que esses homens haviam sentido. Felizmente, seu psicólogo pessoal estava a uns meros seis metros de distância, quando muito...

— Transiente, transiente, transiente mecânico marcação dois-seis-um, parece um gerador de ruído, provavelmente liberado pelo contato Sierra-Quinze. A marcação do torpedo está agora em dois-seis-sete, velocidade estimada quatro-quatro nós, marcação prossegue mudando de norte para sul — reportou o sonar em seguida. — Esperem... outro torpedo na água em curso dois-cinco-cinco!

— Nenhum contato nesse curso, senhor, poderia ser um lançamento de helicóptero — comunicou o chefe.

Quando retornarmos a Pearl terei uma história de mar para contar a Mancuso, pensou o comandante.

— Mesma assinatura acústica, senhor, outro teleguiado, seguindo para norte.

O alvo pode ser também o Sierra-Quinze.

— Encurralaram o pobre infeliz — comentou o oficial de rastreamento.

— É um convés escuro, não é? — perguntou repentinamente o comandante.

Às vezes era fácil perder o rastro.

— Claro que é, senhor — disse novamente o oficial de rastreamento.

— Nós os vimos fazer operações noturnas com helicópteros esta semana?

— Não, senhor. Informações diz que eles não gostam de decolar de seus destróieres à noite.

— Isso acaba de mudar, não é mesmo? Vamos ver. Levante o mastro de vigilância eletrônica.

— Levantando o mastro de vigilância eletrônica, senhor. — Um marinheiro puxou a alavanca

apropriada e a antena sensora finíssima subiu por propulsão hidráulica. O Pasadena estava navegando em profundidade de periscópio, seu longo rabo sonar estendido atrás dele enquanto o submarino permanecia naquilo que eles esperavam ser a linha divisória entre as duas frotas inimigas.

Era o lugar mais seguro para estar até que um tiroteio de verdade começasse.

— Procurando por...

— Consegui, senhor. Um emissor de banda-Ku em curso dois-cinco-quatro, tipo de aeronave, índice de frequência e repetição de pulso semelhante ao novo modelo francês. Uau, um monte de radares virando, senhor. Vamos levar algum tempo para classificá-los.

— Helicópteros franceses Dauphin em algumas de suas fragatas, senhor — observou o oficial de rastreamento.

— Estão fazendo operações noturnas — enfatizou o comandante. Isso era inesperado. Helicópteros eram caros, e lançá-los de destróieres à noite era sempre arriscado. A Marinha chinesa estava treinando para fazer alguma coisa.

As coisas podiam ficar escorregadias em Washington. A capital da nação invariavelmente entrava em pânico com o relato de um único floco de neve, apesar do conhecimento de que uma nevasca poderia fazer pouco mais do que encher os buracos das ruas caso as pessoas varressem corretamente as calçadas.

Mas havia outra forma de as coisas ficarem escorregadias. Assim como os soldados seguiam bandeiras para um campo de batalha, os burocratas de Washington seguiam líderes ou ideologias. Contudo, perto do topo a situação ficava diferente. Um burocrata de nível inferior para médio podia ficar simplesmente sentado em seu posto e ignorar a identidade de seu secretário de departamento, mas quanto mais alto o burocrata chegava, mais se aproximava de algo semelhante a tomar decisões e fazer política. Nesses postos, um burocrata realmente precisava fazer coisas, ou mandar que outros as fizessem; com isso, o burocrata passava a conhecer quem estava acima dele, e, à medida que subia a conhecer o ocupante do Salão Oval na Casa Branca. O acesso ao topo significava um tipo de poder, e prestígio, e uma foto autografada na parede para dizer aos visitantes do burocrata o quanto ele era importante. Contudo, se alguma coisa acontecesse com a outra pessoa na foto, a foto e seu autógrafo tornavam-se deméritos em vez de trunfos. Os homens de dentro eram sempre bem-vindos à presidência. O risco máximo residia na mudança para um homem de fora, uma perspectiva nada atraente para aqueles que tinham dedicado muito tempo e esforço para chegar onde estavam.

A defesa mais evidente, claro, era estar conectado ao sistema, ter um círculo de amigos e associados que incluísse pessoas de todas as partes do espectro político. O burocrata precisava ser conhecido por um número grande o bastante de gente de dentro para que, a despeito do que acontecesse lá no alto, houvesse sempre uma plataforma logo abaixo, urna espécie de rede de segurança. A rede ficava perto o bastante do topo para que os burocratas pudessem subir sem o risco de cair. Com cuidado, aqueles nas posições mais altas gozavam também de sua proteção, sempre capazes de deslizar para dentro e para fora dos postos apropriados, para dentro e para fora de gabinetes não muito distantes — geralmente separados por menos de um quilômetro e meio — para aguardar a oportunidade seguinte, e assim, embora, permanecendo conectados, de modo a reter o acesso, e também alugar esse acesso àqueles que precisavam. Nesse sentido, nada mudara desde da corte faraônica na antiga cidade de Tebas, às margens do Nilo, onde conhecer um nobre que tinha acesso ao faraó concedia um poder que se traduzia em dinheiro e na alegria para ser importante a ponto de atirar com seu arco e poder ficar com a caça.

Mas em Washington, assim como em Tebas, estar perto demais da corte do líder errado significava que você corria o risco de tornar-se um pária, especialmente quando o faraó não fazia o jogo do sistema.

E o presidente não fazia. Era como se um estrangeiro houvesse usurpado o trono. Não era necessariamente um homem mau, mas um homem diferente que não se misturava às pessoas do sistema. Os burocratas haviam esperado pacientemente que ele viesse — como faziam todos os presidentes —

conversar com eles, desfrutar sua sabedoria e conselhos, conceder acesso e obtê-lo em troca, como os cortesãos faziam há séculos. Eles cuidavam das coisas para um chefe atarefado, procurando garantir que o sistema permanecesse inalterado; afinal todos concordavam que o sistema estava certo, e gostavam de servi-lo e ser servidos por ele.

Mas o velho sistema não apenas tinha sido destruído, como também ignorado, e isso irritava profundamente seus milhares de membros. Eles promoviam seus coquetéis e falavam sobre o novo presidente enquanto tomavam Perrier e comiam patê, sorrindo tolerantemente para suas novas ideias e esperando pelo momento em que ele veria a luz. Mas já se passara um bom tempo desde aquela noite terrível, e o presidente ainda não aparecera. As pessoas conectadas ainda trabalhando dentro do sistema, como nomeados da administração Fowler-Durling, vinham às festas e reportavam que não entendiam o que estava acontecendo. Os lobistas tentavam marcar reuniões através do gabinete do presidente, e ouviam que ele estava extremamente ocupado, que não tinha tempo.

Não tinha tempo?

Não tinha tempo para eles?

Era como se o faraó tivesse mandado que todos os nobres e cortesãos fossem para casa e estendessem suas propriedades nas duas direções ao longo do rio. Isso não era divertido: viver nas províncias... com os plebeus?

Pior, o novo Senado, ou uma grande parte dele, estava seguindo o exemplo do presidente. Pior ainda: muitos dos novos senadores, se não a maioria, estavam sendo curtos e grossos com os conectados. Corria o boato de que um novo senador de Indiana tinha sobre sua mesa um cronômetro de cozinha que ajustava para meros cinco minutos para os lobistas — e para nenhum segundo para as pessoas que quisessem falar sobre as ideias absurdas em reescrever a legislação do imposto de renda. Pior de tudo, ele não tivera nem mesmo a cortesia de mandar sua secretária executiva negar pedidos de reunião. Ele tivera a petulância de dizer ao chefe de uma firma jurídica muito influente em Washington — um homem que quisera apenas educar o recém-chegado de Peoria — que ele não daria ouvidos a essas pessoas, jamais. Disse isso na cara do homem. Em outro contexto, poderia ter sido uma história divertida. Pessoas assim costumavam vir a Washington envoltas num lustre de pureza que servia apenas para justificar seus verdadeiros objetivos, e na maioria das vezes tais objetivos não tardavam a se revelar.

Mas esse não era o caso. A história tinha se espalhado. Inicialmente fora reportada com ironia nos jornais da capital, repercutira em Indianápolis como alguma coisa genuinamente nova e decididamente Hoosier, e voltara a se disseminar por Washington através de duas ou três agências de notícias. Este novo senador conversara com alguns de seus novos colegas e convertera alguns. Não muitos, mas o suficiente para causar certa preocupação entre os conectados. O suficiente para conquistar-lhe a diretoria de uma subcomissão poderosa, púlpito perigosamente alto para alguém como ele, principalmente considerando sua queda para o dramático e seu fraseado eficaz, ainda que rude, que os jornalistas adoravam citar. Até mesmo os repórteres ligados ao sistema gostavam de reportar coisas genuinamente novas — que era a definição dos furos de reportagem, coisas que haviam passado despercebidas pelos seus colegas.

Nas festas, os conectados brincavam dizendo que aquilo era como os bambolês; uma moda passageira, algo divertido de ver, mas que logo desapareceria. Mas essas pessoas não tardavam a ficar preocupadas. Logo, o sorriso tolerante em seus rostos congelava no meio de uma piada e elas se perguntavam se algo genuinamente novo estava acontecendo.

Mas jamais acontecia algo genuinamente novo aqui. Todos sabiam disso. O sistema tinha regras, e as regras precisavam ser obedecidas.

Mesmo assim, alguns conectados confessavam-se preocupados em suas festas em Georgetown. Eles tinham casas caras para pagar, filhos para educar, status para manter. Todos tinham vindo de algum outro lugar, e não queriam voltar para lá.

Era simplesmente ultrajante. Como os recém-chegados esperavam descobrir o que precisavam fazer

sem lobistas conectados para guiá-los e educá-los — e eles não representavam pessoas, também? Não eram pagos para fazer exatamente isso? Eles não tinham dito aos senadores eleitos... pior, esses novatos nem tinham sido eleitos, tinham sido nomeados, muitos por governadores que, em seu desejo de ser reeleitos, haviam se curvado aos apelos do presidente Ryan em seu discurso apaixonado mas absolutamente irreal. Era como se uma nova religião tivesse nascido.

Nas festas em Chevy Chase, muitos deles transpiravam suas preocupações com as novas leis que esses senadores iriam aprovar. Esses novatos poderiam realmente aprovar leis sem ser ajudados. E essa era uma ideia genuinamente nova e, justamente por isso, assustadora. Mas só se você acreditasse nela.

E havia também a perspectiva da corrida ao plenário da Câmara, que em breve começaria por todo o país, as eleições especiais necessárias para repovoar a Casa do Povo, como todos gostavam de chamar o lugar. Ali era a Disneylândia dos lobistas: um número imenso de reuniões concentradas num complexo de prédios conveniente, com 435 legisladores e suas equipes num espaço de meros oito mil hectares. Os dados das pesquisas reportados nos jornais locais agora estavam chocando a mídia nacional. Entre os candidatos havia pessoas que jamais tinham concorrido em nenhuma eleição: executivos, líderes comunitários que jamais se ligaram ao sistema, advogados, pastores, até mesmo alguns médicos. Alguns poderiam vencer com seus discursos neopopulistas sobre apoiar o presidente a restaurar a América — frase que se tornara muito citada. Mas a América não tinha morrido, diziam a si mesmas as pessoas ligadas ao sistema. Elas ainda estavam lá, não estavam?

Era tudo culpa de Ryan, que jamais fora um deles. Ele até mesmo dissera, mais de uma vez, que não gostava de ser presidente!

Não gostava?

Como qualquer homem — qualquer pessoa, como diziam os ligados ao sistema nesta nova era de iluminação — não gostaria de ter a capacidade de fazer tanta coisa, de prestar tantos favores, de ser paparicado como os reis de outrora?

Não gostava?

Então ele não pertencia ao meio.

Eles sabiam como lidar com isso. Alguém já iniciara o processo.

Vazamentos haviam acontecido. E os responsáveis por esses vazamentos tinham sido pessoas com menos interesses em jogo. Estar ligado ao sistema ainda era importante, porque o sistema possuía muitas vozes e ainda havia ouvidos dispostos a escutar. Não seria necessário engendrar um plano de conspiração. O processo aconteceria naturalmente, ou tão naturalmente quanto qualquer coisa acontecia nesta cidade. Na verdade, já tinha começado.

Para Badrayn, novamente, era hora de trabalhar em seu computador. O tempo, logo percebeu, seria um fator determinante nesta missão. Geralmente era assim, mas o motivo desta vez era novo. O tempo de viagem precisaria ser minimizado em vez de programado de modo a se encaixar com um prazo ou um encontro. O fator limitador era o fato de que o Irã ainda era uma espécie de país fora da lei com um número restrito de opções de viagens aéreas.

Os voos com horários convenientes eram extremamente limitados: O voo 534 da KLM para Amsterdam partia logo depois da 1:00 da manhã, e chegava à Holanda às 6:10 da manhã, depois de uma escala.

O voo sem escalas 601 da Lufthansa partia às 2:55 e chegava a Frankfurt às 5:50.

O voo 774 da Austrian Airlines partia às 3:40 da manhã e chegava a Viena sem escalas às 6:00.

O voo 165 da Air France partia às 5:25 da manhã e chegava no Charles de Gaulle às 9:00.

O voo 102 da British Airways partia às 6:00, fazia uma escala e chegava à Heathrow às 12:45.

O voo 516 da Aeroflot partia às 3:00 para Moscou, chegava lá às 7:10.

Havia apenas um voo sem escalas para Roma, nenhum voo direto para Atenas, nem um só voo sem

escalas para Beirute! Ele poderia mandar seus homens fazer escala em Dubai; incrivelmente, a Emirates Airlines tinha um voo de Teerã para seu próprio centro internacional, e o Kuwait também, mas não seria uma boa ideia usá-los.

Apenas alguns voos para usar, todos monitorados arduamente por agências de informação estrangeiras. Se essas agências eram competentes — e ele precisava presumir que fossem —, teriam colocado agentes a bordo dos voos ou instruído as tripulações sobre que procurar e como reportar o que achassem enquanto a aeronave ainda estivesse no ar. Portanto, o tempo não era o único problema.

Os homens que selecionara eram bons. A maior parte bem-educados, sabendo como se vestir respeitavelmente, como conduzir uma conversa ou pelo menos como evitar falai com alguém sem ser grosseiro — nos voos internacionais, a atitude mais fácil era fingir dormir, e na maior parte das vezes nem mesmo era preciso fingir. Mas bastava apenas um erro para que as consequências fossem sérias. Ele lhes dissera isso, e todos tinham ouvido com atenção.

Badrayn nunca fora incumbido de uma missão como essa, e o desafio intelectual era empolgante. Apenas um punhado de voos internacionais realmente utilizáveis, e aquele para Moscou nem era tão atraente. As cidades de entrada, como Londres, Frankfurt, j Paris, Viena e Amsterdam teriam de servir — e havia apenas um voo para elas por dia. A boa notícia era que todos os cinco ofereciam uma ampla variedade de conexões através de aviões americanos e de outros países. Assim um grupo pegaria o 601 para Frankfurt, e lá alguns se dispersariam através de Bruxelas (Sabena para o JFK em Nova York) e Paris (Air France para o Dulles em Washington; Delta para Atlanta; American Airlines para Orlando; United para Chicago) através de voos de conexão com horários adequados, enquanto outros pegariam a Lufthansa para Los Angeles. A British Airways era a companhia com maior número de opções de voos. Um deles pegaria o voo 3 do Concorde para Nova York. O único truque era fazê-los chegar lá através da primeira série de voos. Depois disso, todo o sistema de viagens aéreas internacionais daria conta da dispersão.

Ainda assim, vinte pessoas, vinte erros possíveis. Segurança operacional era sempre um fator de preocupação. Ele passara metade de sua vida tentando burlar os israelenses, e embora a continuidade de sua vida fosse um testemunho de seu sucesso — ou da ausência de fracasso absoluto, o que era uma estimativa mais honesta —, os obstáculos que precisara transpor quase o haviam enlouquecido mais de uma vez. Mas tudo bem. Pelo menos ele já decidira os voos. No dia seguinte, passaria as instruções ao grupo. Olhou as horas. Não faltava muito para o começo da missão.

Nem todas as pessoas de dentro estavam concordando entre si. Cada grupo tem seus cínicos e rebeldes. A situação despertou muita raiva entre os conectados ao sistema. Quando frustrados por outros membros numa de suas empreitadas, os conectados frequentemente assumiam uma visão filosófica da questão — era possível vingar-se depois, e ainda assim manter a amizade. Mas isso nem sempre acontecia. O que era especialmente verdadeiro em relação aos membros da mídia, que eram a um só tempo conectados e não conectados. Eles eram conectados, no sentido de que tinham suas próprias relações profissionais e de amizade com pessoas de dentro e de fora do governo em Washington; e iriam recorrer a essas pessoas em busca de informações e sugestões, e histórias sobre seus inimigos. Por outro lado, não eram conectados no sentido de que possuíam seus próprios interesses, o que tornava as coisas mais fáceis para um lado do espectro político de que para o outro. Eram dignos de confiança? Não exatamente. Alguns até tinham princípios.

— Arnie, precisamos conversar.

— Acho que devemos — concordou van Damm, reconhecendo a voz que chegara através de sua linha direta.

— Esta noite?

— Claro. Onde?

— Sua casa.

O secretário de Estado dedicou alguns segundos para considerar a questão.

— Certo. Por que não?

A delegação chegou bem a tempo para as orações matutinas. As duas partes trocaram saudações cordiais e modestas, e então os três entraram na mesquita e executaram seu ritual diário. Geralmente todos estariam se sentindo purificados por suas devoções ao caminhar de volta para o jardim. Mas não desta vez. Todo seu tempo de prática na ocultação de emoções permitia-lhes evitar manifestações de tensão, mas até mesmo isso dizia muito aos três, especialmente a um deles.

— Obrigado por nos receber — o príncipe Ali bin Sheik foi o primeiro a dizer. Ele não acrescentou que isso demorara muito.

— Estou feliz por recebê-los em paz — replicou Daryaei. — Foi conveniente rezarmos juntos.

O aiatolá conduziu-os até uma mesa preparada por seus seguranças. Ali foi servido café, a variedade forte e amarga apreciada no Oriente Médio.

— Que Deus abençoe este encontro — disse Daryaei. — Como lhes posso ser útil?

— Estamos aqui para discutir os últimos acontecimentos — observou o príncipe depois de tomar um gole de café.

Os olhos de Ali fixaram-se nos de Daryaei. Seu colega do Kuwait, Mohammed Adman Sabah, o ministro das Relações Exteriores de seu país, permaneceu em silêncio por um momento.

— Que deseja saber? — indagou Daryaei.

— Suas intenções — respondeu Ali, sem rodeios.

O líder espiritual da União das Repúblicas Islâmicas suspirou.

— Há muito trabalho a ser feito. Depois de todos aqueles anos de guerra e sofrimento, de todas aquelas vidas perdidas em tantas causas, de tanta destruição. Vejam esta mesquita. — Gesticulou em volta, chamando a atenção para o estado do prédio. — Ela simboliza tudo isso, não acha?

— Houve muitos motivos para sofrimento — concordou Ali.

— Minhas intenções? Restaurar. Este povo infeliz já sofreu demais. Tantos sacrifícios... para quê? As ambições mundanas de um homem sem Deus. Toda essa injustiça chegou aos ouvidos de Alá, e Alá atendeu aos pedidos deste povo. E agora, talvez, possamos ser apenas um povo próspero e religioso. — Ainda que não tenha sido proferido, o novamente pairou no fim da frase.

— Essa é uma missão para muitos anos — observou o ministro das Relações Exteriores do Kuwait.

— Com toda certeza — reconheceu Daryaei. — Mas agora que o embargo foi suspenso, possuímos recursos suficientes para realizar essa missão. E nós o faremos. Este país conhecerá um novo começo.

— Em paz — acrescentou Ali.

— Em paz, com toda certeza — concordou Daryaei, muito sério.

— Podemos lhes ser úteis? Afinal, a caridade é um dos pilares de nossa fé — observou o ministro Sabah. Um aceno de cabeça.

— A sua gentileza é recebida com gratidão, Mohammed Adman. É bom que sejamos guiados por nossa fé em vez de pelas influências mundanas que tão lamentavelmente devastaram esta região nos últimos anos. Mas por enquanto, como podem ver, a missão que temos pela frente é tão vasta que mal podemos começar a determinar que coisas precisam ser feitas, e em que ordem. Talvez mais adiante possamos conversar novamente. Não tinha sido exatamente uma rejeição à ajuda, mas a URI não parecia interessada em fazer negócios, exatamente o que o príncipe Ali temera. Ali sugeriu: — Na próxima reunião da OPEP, poderemos discutir a reestruturação das cotas de produção para que vocês possam desfrutar com mais justiça da renda que coletamos de nossos clientes.

— Isso seria muito útil — concordou Daryaei. — Não pedimos tanto. Apenas um pequeno ajuste será bem-vindo.

— Então temos um acordo nesse tocante? — perguntou Sabah.

— Decerto. Essa é uma questão técnica que podemos delegar aos nossos respectivos funcionários.

Os dois visitantes assentiram, reconhecendo silenciosamente que a distribuição das cotas de produção petrolífera era um assunto muito delicado.

Se todos os países produzissem demais, o preço mundial cairia, e todos iriam sofrer. Em contrapartida, se a produção fosse restringida, o preço subiria, prejudicando as economias dos clientes, que teriam de reduzir suas compras e com isso os lucros cairiam. O equilíbrio adequado — difícil de ser alcançado, como todas as questões econômicas — era o assunto anual das negociações entre os países, cada qual com seu próprio modelo econômico, e o motivo para uma quantidade considerável de discórdias dentro da associação quase totalmente composta por muçulmanos.

— Há alguma mensagem que o senhor queira transmitir ao nosso governo?

— foi pergunta seguinte de Sabah.

— Desejamos apenas a paz, paz para que possamos alcançar nosso objetivo de restaurar nossas sociedades numa só, como Alá sempre quis. Vocês não têm motivos para nos temer.

— E então, que acha?

Outro rodízio de treinamento havia sido completado. Alguns oficiais israelenses estavam presentes na revisão final de operações, sendo pelo menos um deles um espião. O coronel Sean Magruder era um homem da Divisão Blindada, mas num senso real todo alto oficial era um consumidor de informações, disposto a comprar em qualquer fonte.

— Acho que os sauditas estão muito nervosos, juntamente com todos os seus vizinhos.

— E você? — perguntou Magruder. Inconscientemente, adotara o modo informal e direto de tratamento comum no país, especialmente entre seus militares.

Avi ben Jakob, ainda titularmente um oficial militar — ele estava usando um uniforme agora —, era chefe interino do Mossad. Ele se perguntou até que ponto poderia chegar, mas, com seu título, essa decisão lhe cabia.

— Não estamos satisfeitos com os acontecimentos — admitiu.

— Historicamente, Israel possui uma relação de trabalho com o Irã, mesmo depois da queda do xá — observou o coronel Magruder. — Isso remonta aos tempos do Império Persa. Acredito que seu festival de Purim resulta desse período. Os pilotos da força aérea israelense realizaram missões para os iraquianos durante a guerra Irã-Iraque e...

— Tínhamos um grande número de judeus lá no Irã, e era nossa intenção retirá-los — acrescentou Jakob rapidamente.

— E as negociações de armas em troca de reféns em que Reagan se envolveu foram mediadas por vocês, provavelmente pela sua agência — acrescentou Magruder, apenas para mostrar que também sabia fazer o jogo.

— Está muito bem informado.

— É o meu trabalho, pelo menos parte dele. Senhor, não estou fazendo julgamentos de valor aqui. Tirar os seus do Irã naquela época foi uma questão de negócios, como costumamos dizer lá em casa. E todos os países precisam fazer negócios. Estou apenas perguntando o que acha da URI.

— Achamos que Daryaei é o homem mais perigoso do planeta.

Magruder lembrou do documento somente para os seus olhos que lera no começo do dia sobre a movimentação das tropas iranianas rumo ao Iraque.

— Concordo.

Ele aprendera a gostar dos israelenses. Nem sempre fora assim. Durante anos, o Exército dos Estados Unidos, juntamente com os outros ramos do serviço, nutria uma antipatia cordial pelo Estado judeu. O motivo principal fora a arrogância adotada pelos oficiais desse pequeno país. Mas os israelenses tiveram uma lição de humildade no Líbano, e aprenderam a respeitar os militares americanos como observadores

na Guerra do Golfo. Depois de meses dizendo aos oficiais americanos que eles precisavam de aconselhamento sobre como combater no ar e em terra, os israelenses tinham passado a pedir, polidamente, para observar alguns treinamentos americanos porque possivelmente havia algumas coisinhas que valeria a pena aprender.

A chegada do Regimento Buffalo na base de Neguev mudara mais algumas coisas. A tragédia dos EUA no Vietnã dissolvera outro tipo de arrogância, e depois disso nascera um novo tipo de profissionalismo. Sob as ordens de Marion Diggs, primeiro comandante do renascido 10º RCB, algumas lições duras tinham sido aprendidas, e embora Magruder estivesse continuando essa tradição, as tropas israelenses estavam aprendendo, exatamente como os americanos tinham feito em Forte Irwin. Depois das reclamações iniciais e de quase terem saído literalmente no tapa, o bom senso reinara. Até mesmo Benny Eitan, comandante da Sétima Divisão Blindada israelense, que cuspira fogo depois da primeira série de derrotas e conseguira terminar seu rodízio de treinamento com dois empates, acabara agradecendo aos americanos pelas lições e prometendo dar-lhes uma boa sova quando voltasse no ano seguinte.

No computador central no prédio local de Guerra nas Estrelas, um modelo matemático complexo dizia que o desempenho do Exército israelense melhorara em 40% em apenas alguns anos. Agora que tinham um motivo para ser novamente arrogantes, os oficiais israelenses estavam demonstrando uma humildade desconcertante e um desejo quase implacável em aprender — sinais eternos de soldados realmente profissionais.

E agora um de seus espiões principais não estava falando sobre como suas forças poderiam lidar com qualquer coisa que o mundo islâmico jogasse contra o seu país. Isso valeria um relatório de contato com Washington, pensou Magruder.

O jato comercial que fora perdido no Mediterrâneo não podia mais deixar o país. Até mesmo usá-lo para transportar os generais iraquianos ao Sudão fora um erro, mas um erro necessário. Agora que a operação estava em pleno andamento, o jato tornara-se o transporte pessoal de Daryaei, e muito útil, porque seu tempo era curto, e seu novo país era grande. Duas horas depois de ver seus visitantes sunitas partirem, ele estava de volta a Teerã.

— E então?

Badrayn dispôs seus papéis na mesa, mostrando cidades, rotas e horários.

Era tudo mera mecânica. Daryaei correu os olhos pelos planos, e embora parecessem imensamente complexos, isso não era problema para ele. O aiatolá já vira mapas antes. Levantou os olhos para receber a explicação de que precisava acompanhar a papelada.

— Nossa preocupação primordial é o tempo — disse Badrayn. — Queremos que cada viajante alcance seu destino não mais de trinta horas depois de sua partida. Este aqui, por exemplo, deixa Teerã às seis da tarde e chega a Nova York às duas da manhã, hora de Teerã, tempo total de 12 horas. A feira à qual irá comparecer será no Jacob Javits Center, em Nova York. A abertura será às dez da manhã. Este aqui parte às 2:55 da manhã e chega a Los Angeles vinte e três horas depois — começo da tarde, hora local. A feira à qual vai comparecer ficará aberta o dia inteiro. Esse é o percurso mais longo em termos de distância e tempo, e ainda assim seu pacote será mais de 85 por cento eficaz.

— E quanto à segurança?

— Todos foram instruídos plenamente. Selecionei pessoas inteligentes e educadas. Tudo que precisam fazer é viajar com tranquilidade. Mesmo assim, há um pouco de risco. Operar com 12 ao mesmo tempo é arriscado, mas essas foram as suas ordens.

— E quanto ao outro grupo?

— Eles partirão dois dias depois através de arranjos similares — reportou Badrayn. — Essa missão é muito mais perigosa.

— Estou ciente disso. Essas pessoas são fiéis?

— São. — Badrayn assentiu, sabendo que a pergunta realmente formulada era se eram idiotas. —

Mas estou preocupado com os riscos políticos.

— Por quê ? — A observação não surpreendeu Daryaei, mas ele queria saber o motivo.

— Há o problema óbvio de que seja descoberto quem os enviou, embora seus documentos de viagem tenham sido bem preparados e as medidas usuais de segurança tenham sido aplicadas. Mas minha maior preocupação é com o contexto político americano. Um evento infeliz para um estadista muitas vezes pode criar simpatia por ele, e dessa impária pode vir apoio político.

— De fato! Isso não faz com que ele pareça fraco? — Era demais para engolir.

— Em nosso contexto, sim, mas não necessariamente no deles.

Daryaei considerou isso e comparou com as outras análises que ele havia encomendado e revisado.

— Já estive com Ryan. Ele é fraco. Ele não lida eficazmente com suas dificuldades políticas. Ele ainda não possui um governo verdadeiro para apoiá-lo. Entre a primeira missão e a segunda, nós iremos quebrá-lo... ou pelo menos iremos distraí-lo por tempo suficiente para que ele alcance nosso objetivo seguinte. Realizado isso, a América se tornará irrelevante.

— É melhor apenas a primeira missão — aconselhou Badrayn.

— Precisamos abalar seu povo. Se o que você disse sobre o governo deles é verdade, nós lhes causaremos um dano que jamais conheceram. Abalaremos o líder, abalaremos sua confiança, abalaremos a confiança do povo nele.

Badrayn precisava responder cuidadosamente a isso. O aiatolá era um Homem Sagrado com uma Missão Sagrada. Ele não aceitava bem as críticas.

Mas havia mais um outro fator sobre o qual não tinha conhecimento. Daryaei era uma pessoa mais afeita a desejos que a ação considerada... não, isso não era justo; afinal, ele conseguira anexar um outro país de forma aparentemente pacífica. Mas o sacerdote estava entusiasmado demais com o fato de que o governo americano ainda se achava vulnerável porque seu Congresso ainda não fora reconstituído plenamente, processo que acabara de começar.

— O melhor é simplesmente matarmos Ryan, se conseguirmos. Um ataque às crianças irá inflamá-los. Os americanos são muito sentimentais para com os pequenos.

— A segunda missão transcorrerá depois que a primeira seja bem-sucedida?

— inquiriu Daryaei. — Sim, é verdade.

— Então isso será suficiente — disse ele, voltando a olhar para os preparativos de viagens, e deixando Badrayn sozinho com seus pensamentos.

Existe um terceiro elemento. Tem de existir.

— Ele diz que suas intenções são pacíficas.

— Hitler disse o mesmo, Ali — lembrou o presidente ao seu amigo.

Ryan conferiu as horas. Já passava da meia-noite na Arábia Saudita. Ali voara de volta e conferenciara com seu governo antes de telefonar para Washington, como era esperado.

— Você sabe sobre o movimento de tropas — disse o presidente.

— Sim, nosso pessoal já comunicou isso aos nossos militares hoje cedo.

Levará algum tempo antes que estejam preparados para fazer alguma ameaça.

Essas coisas demandam tempo. Lembre-se de que já usei uniforme.

— Verdade, foi isso também que eles me disseram. — Ryan fez uma pausa. — Certo, o que o reino propõe?

— Observaremos atentamente. Nossos militares estão treinando. Temos sua promessa de apoio. Estamos preocupados, mas não muito.

— Poderíamos programar alguns exercícios conjuntos — ofereceu Jack.

— Isso apenas inflamaria a situação — replicou o príncipe. A ausência de convicção total em sua voz não era acidental. Devia ter proposto isso pessoalmente ao seu governo e recebera uma resposta negativa.

— Bem, acho que você teve um dia longo. Diga-me, como está a aparência de Daryaei? Não vejo o sujeito desde que você nos apresentou.

— Parece estar com boa saúde. Parece cansado, mas ele tem tido dias bem agitados.

— Compreendo completamente isso. Ali?

— Sim, Jack?

O presidente permaneceu calado por um instante, lembrando a si mesmo que ele era leigo em barganhas diplomáticas.

— O quanto devo ficar preocupado com tudo isto?

— O que o seu pessoal está lhe dizendo? — replicou o príncipe.

— Mais ou menos o mesmo que você, mas não todos. Precisamos manter este canal aberto, meu amigo.

— Compreendo, presidente. Adeus, por enquanto.

Foi uma conclusão insatisfatória para uma ligação insatisfatória. Ryan repôs o telefone no gancho e olhou em torno para o seu escritório vazio. Ali não estava dizendo o que queria porque a posição de seu governo era diferente daquilo que ele achava que deveria ser. O mesmo acontecera muitas vezes com Jack, e as mesmas regras haviam se aplicado. Ali precisava ser leal a esse governo — afinal, ele era constituído principalmente por sua própria família.

Mas ele se permitira um deslize, e o príncipe era esperto demais para cometer esse tipo de erro. Provavelmente teria sido mais fácil antes, quando Ryan não era presidente e ambos podiam conversar sem a preocupação de fazer política a cada palavra. Agora Jack era a América para aqueles além fronteiras, e os funcionários governamentais podiam falar com ele apenas dessa forma, em vez de recordar-lhe que também era um homem com pensamentos próprios que precisava explorar opções antes de decidir. Talvez, se eles não tivessem se falado por telefone, pensou Jack. Talvez cara a cara teria sido melhor. Mas até mesmo os presidentes eram limitados pelo tempo e pelo espaço.

Viajantes

O voo 534 da KLM deixou o portão na hora certa, à 1:10 da manhã. A aeronave estava lotada — a essa hora, cheia de pessoas sonolentas que caminharam trôpegas até suas poltronas, apertaram os cintos de segurança e aceitaram travesseiros e lençóis. Os viajantes mais experientes esperaram pelo som do trem de pouso sendo retraído, e só então empurraram suas poltronas o mais para trás que conseguiram e fecharam os olhos na esperança de um passeio suave e algo semelhante a sono de verdade.

Cinco dos homens de Badrayn estavam a bordo; dois na primeira classe, três na classe executiva. Todos tinham malas no bagageiro e uma bolsa de viagem enfiada debaixo da poltrona da frente. Todos sofriam de uma pequena crise de nervos e, para amenizá-la, tomariam uma bebida — numa hora dessas, não ligavam para as proibições religiosas —, mas a aeronave havia pousado num aeroporto islâmico e não serviria álcool até depois de abandonar o espaço aéreo da União Republicana Islâmica. Assim, os homens procuraram aceitar as circunstâncias e relaxar da melhor forma possível. Haviam sido plenamente instruídos e preparados adequadamente. Tinham chegado ao aeroporto como viajantes comuns, e submetido suas bolsas de viagem para inspeção por raios X

por agentes de segurança tão cuidadosos quanto seus colegas ocidentais; na verdade, ainda mais cuidadosos, considerando que os voos eram mais escassos e a paranoia local relativamente maior. Mesmo assim, os raios X haviam descoberto apenas um conjunto de barbear, juntamente com jornais, livros e outros objetos inofensivos.

Eram todos homens de instrução, entre os quais vários que cursaram a Universidade Americana de Beirute, alguns para obter diplomas, outros simplesmente para aprender sobre o inimigo. Estavam todos bem-vestidos, seus casacos estavam dependurados nos miniarmários ao longo da aeronave. Dentro de quarenta minutos todos estavam dormindo, juntamente com o restante dos passageiros.

— E então, que acha dessa história toda? — indagou van Damm.

Holtzman balançou sua bebida, observando os cubos de gelo circularem no copo.

— Sob circunstâncias diferentes, diria que é uma conspiração, mas não é.

Para um sujeito que diz estar tentando apenas juntar os cacos, Jack está fazendo um monte de coisas novas e malucas.

— Malucas é um termo um pouco forte, Bob.

— Para eles não é. Todo mundo está dizendo ele não é um de nós, e estão reagindo fortemente às suas iniciativas. Até você precisa admitir que as ideias de Jack sobre o imposto de renda são um pouco alienígenas, mas essa é a desculpa pelo que está acontecendo... pelo menos, uma das desculpas. O jogo é o mesmo de sempre. Alguns vazamentos e a forma como são apresentados é que determina como o jogo é feito.

Arnie teve de assentir. Era como sujar estradas. Se alguém jogava todo o lixo na cesta apropriada, o percurso pela estrada era rápido e seguro. Se esse mesmo alguém jogava as coisas pela janela de um veículo em movimento, então era preciso parar o carro e gastar horas catando tudo. O outro lado agora jogava lixo caoticamente, e o presidente estava tendo de dedicar seu tempo limitado a fazer coisas inúteis

e improdutivas em vez do trabalho real de correr pela estrada. A comparação era feia, mas eficaz. Muitas vezes a política é menos sobre fazer trabalho construtivo do que espalhar lixo para que outros limpem.

— Quem vazou?

O jornalista encolheu os ombros.

— Tudo que se pode fazer é especular. Alguém na CIA, talvez alguém que está sendo aposentado compulsoriamente. Precisa admitir que fortalecer o lado espião da casa parece uma atitude de Neandertal. Como estão os cortes no Diretório de Informações?

— Mais do que o suficiente para compensar pelos novos agentes de campo.

A ideia é fazer uma economia financeira geral, obter informações melhores, atingir um desempenho mais eficiente, esse tipo de coisa — disse Damm. E acrescentou: — Eu não digo o presidente como gerir a parte de informação.

Nesse setor ele é um especialista.

— Sei disso. Estava com minha matéria quase pronta para ser publicada. Já ia ligar para você e pedir uma entrevista com ele quando jogaram a merda no ventilador.

— Mesmo? E qual...

— Qual era o meu ângulo? Ele é o filho da puta mais contraditório nesta cidade. Em alguns aspectos ele é brilhante... mas em outros? Dizer que é um cordeirinho entre os lobos é uma gentileza.

— Que é isso?

— Gosto do cara — admitiu Holtzman. — Com toda certeza do mundo, ele é honesto. Não relativamente honesto; honesto de verdade. Eu ia contar as coisas de forma bastante realistas. Quer saber o que me deixou puto? — Parou para tomar um gole ao bourbon, hesitou antes de prosseguir e então falou, sem dissimular a raiva. — Alguém no Post vazou a minha matéria, provavelmente para Ed Kealty. Depois Kealty deve ter arrumado um alcaguete para Donner e Plumber.

— E eles usaram a sua matéria para enforcar Ryan?

— Na maior parte — admitiu Holtzman.

Van Damm quase gargalhou. Ele segurou um comentário o máximo que pôde, mas era delicioso demais para resistir: — Bem-vindo a Washington, Bob.

— Sabe, alguns de nós realmente encaram seriamente a ética profissional — redarguiu o jornalista. — Era uma boa matéria. Foi um tremendo trabalho de pesquisa. Consegui minha fonte na CIA. Bem, na verdade tenho várias fontes lá, mas consegui uma nova para isto, alguém que realmente sabe do que está falando. Peguei o que ele me deu e depois chequei cada informação, escrevi a matéria com o que eu sabia e com o que eu achava, tomando o máximo de cuidado para explicar a diferença nos momentos mais delicados — assegurou ao seu anfitrião. — E sabe de uma coisa? Acabei passando uma imagem excelente de Ryan. Certo, de vez em quando ele distorceu as regras, mas, até onde sei, o homem nunca infringiu a lei. Se tivermos uma grande crise, ele é o cara que eu vou querer no Salão Oval. Mas algum filho da puta pegou minha matéria, minhas informações de minhas fontes e pintou e bordou com elas. Não gosto disso, Arnie. Eu também tenho uma imagem pública para preservar, e meu jornal também, e alguém fodeu com os nossos direitos. — Ele pousou a bebida.

— Ei, sei o que você pensa sobre mim e a minha...

— Não, você não sabe — interrompeu van Damm.

— Mas você sempre...

— Sou o chefe de gabinete, Bob. Eu preciso ser leal ao meu patrão, e tenho de puxar a brasa para a minha sardinha. Mas se você acha que não respeito a imprensa, não é tão esperto quanto se julga. Nem sempre somos amigos. Às vezes somos inimigos, mas precisamos de vocês tanto quanto precisam da gente. Pelo amor de Deus, se eu não o respeitasse, acha que estaria bebendo com você?

Era uma trapaça elegante ou uma declaração sincera, pensou Holtzman, e Arnie era um jogador habilidoso demais para que pudesse saber a diferença imediatamente. O mais sensato era terminar a

bebida, o que ele fez. Uma pena que seu anfitrião preferisse bebida barata para combinar com suas camisas L. L.

Bean. Arnie também não sabia se vestir. Ou isso talvez fosse uma parte proposital de sua mística. O jogo político era tão intrincado quanto um cruzamento entre metafísica clássica e ciência experimental. Nunca era possível saber tudo, e com frequência descobrir uma parte negava-lhe a capacidade de descobrir outra parte igualmente importante. Mas era por causa disso que esse era o melhor jogo da cidade.

— Certo, Arnie, aceitarei isso.

— Bom para você — disse van Damm com um sorriso e encheu novamente o copo. — E então, por que me ligou?

— É quase constrangedor. — Outra pausa. — Não vou participar do linchamento de um homem inocente.

— Você já fez isso antes — objetou Arnie.

— Talvez, mas todos eram políticos, e todos sabiam no que estavam se metendo. Certo, se prefere outra analogia, não vou abusar de uma criança. Ryan merece uma chance justa.

— E você está puto da vida por ter perdido sua matéria e o Pulitzer que...

— Já tenho dois — recordou-lhe Holtzman. Se não fossem eles, o editor de Holtzman teria tomado a matéria de suas mãos; a política interna do Washington Post era tão intrincada quanto a que imperava nos meandros políticos.

— E daí?

— Daí que preciso saber sobre a Colômbia. Preciso saber sobre Jimmy Cutter e como ele morreu.

— Meu Deus, Bob, você não sabe o que o nosso embaixador passou lá embaixo hoje.

— O espanhol é uma linguagem rica em insultos. — Um sorriso de repórter.

— A história não pode ser contada, Bob. Simplesmente não pode.

— A história será contada. É apenas uma questão de quem irá contá-la, e isso determinará como ela será contada. Arnie, sei o bastante para escrever alguma coisa, está entendendo?

Como frequentemente acontecia em Washington em momentos como esse, todos estavam encurralados pelas circunstâncias. Holtzman tinha uma matéria para escrever. Fazê-la da forma certa talvez ressuscitasse a matéria original, para colocá-lo entre os concorrentes para outro Pulitzer — isso ainda era importante para ele, apesar da negação anterior, e Arnie sabia disso. E dizer à pessoa que vazara sua história para Ed Kealty que devia deixar o Post antes que ele descobrisse seu nome e acabasse com sua carreira com alguns sussurros nos ouvidos das pessoas certas. Arnie estava encurralado por seu dever em proteger seu presidente, e a única forma de fazer isso era violando a lei e a confiança do presidente. Devia haver uma forma mais fácil de ganhar a vida, pensou o chefe de gabinete. Ele obrigaria Holtzman a esperar por sua decisão, mas isso seria meramente teatral, e os dois homens já haviam superado essa fase.

— Nada de anotações, nada de gravações.

— Por baixo do pano. Irei me referir a você como alto funcionário. Não usarei nem mesmo o termo alto funcionário da administração — prometeu Bob.

— E posso lhe indicar com quem confirmar a história.

— Eles sabem de tudo?

— Ainda mais do que eu — disse van Damm. — Merda, só agora fiquei sabendo da parte mais importante.

Bob ergueu uma sobrancelha.

— Isso é bom, e as mesmas regras se aplicarão para eles. Quem realmente sabe sobre tudo isso?

— Nem mesmo o presidente sabe tudo. Não tenho certeza se há alguém que saiba de tudo.

Holtzman tomou outro gole. Seria o seu último. Como um médico numa sala de operação, ele não acreditava em misturar álcool e trabalho.

O voo 534 aterrissou em Istambul às 2:55 da manhã, hora local, depois de um percurso de 1.270 milhas e três horas e cinquenta minutos. Os passageiros estavam acordados mas ainda grogues de sono, tendo sido despertados pela tripulação trinta minutos antes e recebido, numa série de línguas, instruções de colocar suas poltronas na posição vertical. O pouso foi macio, e alguns levantaram os biombos plásticos das janelas para ver que estavam realmente no solo numa extensão de terra anônima com luzes brancas de pouso e luzes de taxiamento azuis, exatamente como era em todas as partes do mundo. Os passageiros que iriam desembarcar levantaram-se na hora apropriada para sair para a madrugada turca. O restante empurrou novamente as poltronas para trás com a intenção de tirar um cochilo adicional durante a parada de 45 minutos, antes que a aeronave decolasse novamente às 3:40 da manhã para a segunda parte da viagem.

O Lufthansa 601 era um Airbus 310 de fabricação europeia, praticamente igual ao Boeing da KLM em termos de tamanho e capacidade. Este também tinha cinco passageiros a bordo, e deixara seu portão às 2:55 para o voo sem escalas até Frankfurt. A decolagem foi rotineira em todos os detalhes.

— É uma história e tanto, Arnie.

— Se é. Eu não sabia as partes mais importantes até esta semana.

— O quanto você tem certeza sobre tudo isso? — perguntou Holtzman.

— Todas as peças se encaixam. — Ele encolheu os ombros. — Não posso dizer que gostei de saber disso. Acho que teríamos vencido a eleição de qualquer modo, mas, Deus do céu, o sujeito desistiu. Ele jogou a toalha no meio de uma eleição presidencial, mas quer saber de uma coisa? Isso pode ter sido o ato de maior coragem e generosidade política do século. Eu não achava que ele fosse capaz disso.

— Fowler sabe?

— Eu não lhe contei. Talvez devesse.

— Espere um minuto. Lembra de quando Liz Elliot plantou uma matéria em mim sobre Ryan e como...

— Sim, tudo se encaixa. Jack foi pessoalmente até a Colômbia tirar os soldados de lá. O homem ao lado dele no helicóptero foi morto, e ele cuida da família dele desde então. Liz pagou por isso. Ela morreu na noite que a bomba explodiu em Denver.

— E Jack realmente fez... Sabe, essa foi uma história que nunca ficou clara.

Fowler perdeu a cabeça e quase lançou um míssil no Irã... Alguém deteve o míssil. Foi Ryan, não foi? — Holtzman baixou os olhos para sua bebida e decidiu tomar outro gole. — Como?

— Ele entrou na Linha Quente — disse Arnie. — Cortou o presidente e conversou diretamente com Narmonov, e o persuadiu a repensar um pouco a situação. Fowler deu um chique e mandou o Serviço Secreto prender Ryan, mas quando chegaram ao Pentágono, as coisas já estavam calmas. A jogada de Ryan funcionou, graças a Deus.

Holtzman levou mais ou menos um minuto para absorver isso, mas novamente a história se encaixou com os fragmentos que ele conhecia. Fowler havia renunciado dois dias depois, um homem perturbado mas honrado, que sabia que seu direito moral de governar o país morrera com a ordem de lançar uma arma nuclear contra uma cidade inocente. E Ryan também fora abalado pelo evento, o bastante para deixar o serviço do governo imediatamente, até Roger Durling conseguir convencê-lo a voltar.

— Ryan quebrou todas as regras que existem. Até parece que ele gosta de fazer isso. Mas não é justo dizer isso, é?

— Se ele não tivesse quebrado essas regras, talvez não estivéssemos aqui. — O secretário de Estado serviu-se de mais uma dose. Holtzman fez um sinal de que não queria. — Está entendendo o que falei

sobre a história, Bob? Se você contar tudo, o país pode sair ferido.

— Mas então por que Fowler recomendou Ryan a Roger Durling? — perguntou o jornalista. — Ele não suportava o cara e...

— O motivo é que, apesar de todas as suas falhas, e ele tem muitas, Bob Fowler é um político honesto. Não, ele não gosta de Ryan pessoalmente, talvez seja uma questão de química, não sei, mas Ryan salvou-o e ele disse a Roger... como foi mesmo? Esse é um bom homem numa tempestade. Foi isso — recordou Arnie.

— É uma pena que ele não entenda de política.

— Ele aprende rápido. Pode surpreender você.

— Ele vai acabar com o governo se tiver chance. Eu não posso... Olhe, eu gosto do cara pessoalmente, mas suas políticas...

— Sempre que penso que consegui prever o que fará, Ryan me surpreende.

E então preciso me lembrar que ele não tem compromissos políticos — disse van Damm. — Ele apenas está fazendo o trabalho. Eu lhe dou documentos para ler, e ele age a partir do que aprende neles. Ele escuta o que as pessoas lhe dizem; faz boas perguntas e sempre ouve as respostas... mas toma suas próprias decisões, e parece ter uma noção cristalina do que é certo e do que é errado. Bob, ele surpreende a mim. E confesso que às vezes não entendo o que se passa na cabeça dele.

— Um verdadeiro forasteiro — observou Holtzman calmamente.

— Mas... — O chefe de gabinete assentiu.

— Sim. Mas. Mas ele está sendo analisado como se fosse um político profissional com compromissos ocultos. E estão aplicando nele os mesmos truques que usam nos políticos profissionais, só que ele não é um.

— Assim, a chave para entender esse cara é que não há a menor pista para entendê-lo... filho da puta — concluiu Bob. — Ele odeia o trabalho, não é?

— A maior parte do tempo. Devia tê-lo visto quando estava discursando no Meio-Oeste. Naquele momento ele gostou. Todas aquelas pessoas o amando, e ele as amando de volta... e isso deixou-o morto de medo. Você disse que não há nenhuma pista para entendê-lo? Concordo. É como dizem no golfe, o mais difícil é fazer uma bola reta, certo? Todo mundo está procurando por curvas.

Não há nenhuma.

Holtzman resfolegou.

— Então, qual é o ângulo se não há um ângulo?

— Bob, estou apenas tentando controlar a mídia, lembra? Não estou nem aí para como você vai reportar isso, contanto que o faça com fidelidade aos fatos... Sabe como é o que vocês deviam fazer.

Isso era demais para o jornalista engolir. Ele estava em Washington desde o início de sua vida profissional.

— E todo político devia gostar de Ryan. Mas eles não gostam.

— Este aqui gosta — retrucou Arnie.

— Como devo dizer isso aos meus leitores? Quem vai acreditar?

— Isso não é um problema? — perguntou Arnie com um suspiro. — Estou na política desde que me entendo por gente, e pensei que sabia de tudo. Merda, eu sei tudo. Sou um dos melhores operadores que já apareceu, todo mundo sabe disso, e de repente esse plebeu cai no Salão Oval e diz que o rei está nu, e ele tem razão, e ninguém sabe o que fazer além de dizer que ele não está nu. O sistema não está pronto para isto. O sistema só está pronto para si mesmo.

— E o sistema destruirá todos que disserem o contrário — observou Holtzman, enquanto pensava: Se Hans Christian Andersen tivesse ambientado à Roupas Novas do Rei em Washington, o garoto que disse a verdade em voz alta teria sido morto no ato pelos políticos profissionais.

— O sistema vai tentar — concordou Arnie.

— E qual deve ser o nosso posicionamento?

— Foi você que disse que não quer participar do linchamento de um homem inocente, não foi?

— Mas o que podemos fazer?

— Talvez falar sobre a turba descontrolada ou sobre a corte corrupta do rei — sugeriu Arnie.

O seguinte a decolar foi o 774 da Austrian Airlines. O procedimento agora estava rotineiro, e tudo se enquadrava perfeitamente dentro dos parâmetros técnicos. As latas de creme de barba tinham sido enchidas quarenta minutos antes da decolagem. A proximidade da Casa de Macacos com o aeroporto ajudara, assim como a hora do dia, e pessoas correndo nos últimos cem metros até o portão não era uma visão incomum em nenhuma parte do mundo, especialmente para voos como esse. A sopa tinha sido injetada no fundo da lata por uma válvula plástica invisível ao exame por raios X. O nitrogênio fora injetado pelo topo até um compartimento separado isolado no centro de cada lata. O processo era limpo e seguro. Por uma questão de segurança extra, mas desnecessária, as latas tinham sido espargidas com spray desinfetante; isso era apenas para deixar os viajantes felizes. As latas, obviamente, estavam muito frias, embora não a ponto de se tornarem perigosas. Quando o nitrogênio líquido derretesse, ele passaria através de uma válvula de pressão para a atmosfera ambiente, onde simplesmente se misturaria com o ar. Embora o nitrogênio fosse um elemento importante em explosivos, por si só ele era absolutamente inerte, limpo e inodoro. Também não reagiria quimicamente com o conteúdo das latas, e desse modo a válvula de liberação de pressão retinha uma quantidade precisa de gás aquecedor como um acionador para a sopa quando o momento chegasse.

O envasamento fora realizado por médicos militares com roupas protetoras.

Os médicos tinham se recusado a trabalhar sem as roupas de proteção, e como ordenar-lhes o contrário os teria deixado nervosos e lerdos, o diretor fora indulgente. Dois grupos de cinco latas ainda não tinham sido preparadas.

Moudi lembrou que as latas poderiam ter sido preparadas ao mesmo tempo, mas eles não estavam correndo riscos desnecessários, pensamento que o fez parar de repente. Nenhum risco desnecessário? Claro.

Daryaei não conseguira dormir naquela noite, o que era incomum para ele.

Embora a cada ano ele sentisse menos necessidade de sono, adormecer nunca fora problema para ele. Numa noite realmente calma, se os ventos estivessem corretos, ele escutava os aviões induzindo seus motores ao rugido de decolagem — um som distante, parecido com o de uma cachoeira, ou talvez um terremoto.

Algun som fundamental da natureza, distante e pressagiador. E agora ele se surpreendeu ouvindo esse som, e se perguntou se o havia imaginado.

Agira depressa demais? Era um velho num país onde muitos morriam jovens. Lembrou das doenças de sua juventude. Depois aprendera suas causas científicas, principalmente água e falta de higiene; afinal o Irã fora um país subdesenvolvido durante a maior parte de sua vida, a despeito de sua longa história de civilização e poder. Então fora ressuscitado pelo petróleo e pelas riquezas incomensuráveis que tinham vindo com ele. Mohammad Reza Pahlavi cometera o erro de agir muito depressa e fazer inimigos demais. Na era sombria do Irã, como em qualquer outra época, o poder material jazia nas mãos dos sacerdotes islâmicos, e na pressa em libertar a nação da pobreza, ele pisara em muitos calos, fizera inimigos entre pessoas cujo poder era espiritual e por quem o povo procurou quando suas vidas se tornaram caóticas devido às mudanças.

Mesmo assim, o xá quase fora bem-sucedido, mas não completamente, e não completamente era uma

maldição terrível no mundo gerado para aqueles destinados à grandeza.

O que será que se passara pela mente do homem? Assim como estava acontecendo com Daryaei agora, o xá envelheceu, e com a velhice veio a doença do câncer. No fim, ele assistiu ao trabalho de uma vida evaporar numa questão de semanas e seus associados serem executados, dor acentuada pela traição de seus amigos americanos. Teria pensado que fora longe demais... ou não fora suficientemente longe? Daryaei não sabia, e agora que teria gostado de saber, enquanto escutava os sons distantes de cachoeiras na calada da noite persa.

Agir rápido demais era um erro terrível, que os jovens aprendiam e os velhos conheciam; mas não agir rápido o bastante, não ir longe o bastante, não ser forte o bastante... era isso que realmente impedia os destinados à grandeza de atingir seus objetivos. Quão deve ter sido amargo morrer na cama, desprovido do sono necessário para poder pensar claramente, e amaldiçoando a si mesmo pelas chances perdidas.

Talvez ele soubesse o que o xá pensara, admitiu Daryaei para si mesmo.

Seu próprio país estava movendo-se novamente. Mesmo isolado como estava, ele percebia os sinais. Isso transparecia como uma diferença sutil no vestuário, especialmente nas roupas das mulheres. Não muito, não o suficiente para seus fiéis as castigarem, porque mesmo os fiéis tinham suavizado sua devoção, e havia áreas cinzentas às quais as pessoas podiam aventurar-se para ver o que aconteceria. Sim, o povo ainda acreditava no Islã, e sim, ainda acreditava nele.

Mas realmente o Corão Sagrado não era tão rígido, e sua nação era rica, e para se ficar mais rico era preciso fazer negócios. Como o país poderia tornar-se um campeão da fé se não se tornasse mais rico? Os jovens mais brilhantes do Irã viajavam para ser educados no exterior; seu país não possuía escolas tão boas quanto as dos infiéis ocidentais. E a maioria deles retornava, educados nas habilidades das quais seu país precisava. Mas também voltavam com outras coisas, invisíveis. Voltavam com dúvidas, dilemas e lembranças de uma vida livre numa sociedade diferente, onde os prazeres da carne eram disponíveis aos fracos, e todos os homens eram fracos. E se tudo que Khomeini e ele haviam conquistado tivesse sido a prorrogação do que o xá iniciara? As pessoas que tinham voltado para o Islã em reação a Pahlavi estavam agora trocando a religião pela promessa de liberdade. Eles não sabiam? Eles não viam? Eles podiam ter todos os ornamentos do poder e todas as bênçãos daquilo que as pessoas chamavam civilização e ainda assim permanecerem fiéis, ainda possuírem a âncora espiritual — sem a qual tudo era nada.

Mas para ter tudo isso, seu país precisava ser mais do que era, e assim Daryaei não podia dar-se ao luxo de ser não completamente. Daryaei precisava realizar as coisas que provariam que estivera certo o tempo todo, que a fé descomprometida era a verdadeira raiz do poder.

O assassinato do líder iraquiano, a desgraça que caíra sobre a América... essas coisas precisavam ser um sinal, não é mesmo? Ele as estudara cuidadosamente. Agora Iraque e Irã eram um só, e esse fora o objetivo da cruzada durante décadas — e virtualmente ao mesmo tempo, a América fora aleijada. Não era só Badrayn que estava lhe dizendo essas coisas. Ele tinha seus próprios especialistas em EUA que conheciam os funcionamentos do governo desse país. Ele conhecia Ryan de um único encontro importante, vira seus olhos, escutara as palavras ousadas mas ocas. Portanto, conhecia a medida do homem que era seu maior adversário. Ele sabia que Ryan não tinha — e, segundo as leis de seu país, não podia ter —, nomeado um substituto para si próprio; assim, ele dispunha apenas deste momento, e se não agisse agora, teria de se conformar com a maldição de ser não completamente.

Não, ele não seria lembrado como outro Mohammad Pahlavi. Ainda que não cobiçasse os ornamentos do poder, iria conferir poder ao seu país. Antes de sua morte lideraria todo o Islã. Em um mês ele teria o petróleo do Golfo Pérsico e as chaves para Meca, poder material e espiritual. Dali sua influência se expandiria em todas as direções. Em poucos anos seu país seria uma superpotência em todos os aspectos, e ele deixaria para seus sucessores um legado como o mundo não conhecia desde Alexandre, mas com a

segurança adicional de ter sido fundado segundo as palavras de Deus. Para alcançar esse objetivo, para unir o Islã, para cumprir a vontade de Alá e as palavras do Profeta Maomé, ele faria o que fosse necessário, e se isso significasse agir depressa, então agiria depressa. No todo, o processo era simples: três passos simples, sendo que o terceiro e mais difícil já estava estabelecido e nada podia detê-lo, mesmo se todos os planos de Badrayn falhassem completamente.

Estou agindo depressa demais?, perguntou-se Daryaei pela última vez.

Não. Ele estava agindo com decisão, com a surpresa ao seu lado, com cálculo, com audácia. Era isso que a História iria dizer.

— É difícil voar à noite? — perguntou Jack.

— Com certeza, para eles é sim — replicou Robby. Ele gostava de reunir-se assim com o presidente, tarde da noite no Salão Oval, com uma bebida. — Eles sempre foram mais parcimoniosos com equipamento do que com pessoas.

Helicópteros — franceses neste caso, mesmo modelo da Guarda Costeira — custam muito dinheiro, nós não os temos visto usá-los tanto durante a noite. A operação que eles estão conduzindo aposta fortemente em manobras submarinas. Assim, eles talvez estejam pensando em lidar com aqueles submarinos holandeses que os chineses compraram ano passado. Também temos visto muitas operações em conjunto com sua força aérea.

— Conclusão?

— Estão treinando para alguma coisa. — O diretor de operações do Pentágono fechou seu caderno de anotações. — Senhor, nós...

Ryan olhou-o sobre os novos óculos de leitura que acabara de ganhar de Cathy.

— Robby, se não começar a me chamar de Jack quando estivermos sozinhos, darei uma ordem executiva para rebaixá-lo a alferes.

— Não estamos sozinhos — objetou o almirante Jackson, apontando com a cabeça para a agente Price.

— Andréa não conta... oh, merda, quero dizer... — Ryan ficou ruborizado.

— Ele tem razão, almirante, eu não conto — disse Andréa, conseguindo por pouco conter a risada. — Presidente, há semanas que espero o senhor dizer isso.

Jack baixou os olhos para a mesa e balançou a cabeça.

— Isto não é modo de um homem viver. Agora meu melhor amigo me chama de senhor, e estou sendo indelicado com uma dama.

— Jack, você é o meu comandante-em-chefe — observou Robby, achando graça do desconforto do amigo. — E sou apenas um pobre marinheiro.

Primeiras coisas primeiro, pensou o presidente.

— Agente Price?

— Sim, presidente?

— Sirva-se de uma bebida e sente.

— Senhor, estou de serviço, e os regulamentos...

— Então faça uma bebida fraca, mas esta é uma ordem presidencial. Faça!

Ela realmente hesitou, mas então decidiu que POTUS tinha algum motivo.

Price serviu-se de boa dose de uísque num dos copos antiquados e adicionou gelo e muita água mineral Evian. Então sentou-se ao lado do J-3. A esposa dele, Sissy, estava no andar superior com a família Ryan.

— Vamos ser práticos, pessoal. O presidente precisa relaxar, e para mim é mais fácil fazer isso se não houver damas de pé e se um amigo meu puder me chamar pelo nome de Vez em quando. Concordam com isso?

— — Concordo, concordo — disse Robby, ainda sorrindo mas percebendo a lógica e o desespero do momento. — Sim, Jack, todos estamos relaxados agora, e vamos nos divertir. — Ele olhou para Price. — Você está aqui para atirar em mim caso eu me comporte mal, não é?

— Bem na cabeça — confirmou.

— Pessoalmente, prefiro mísseis. São mais seguros — acrescentou.

— Você se saiu bem num tiroteio certa noite. Ou pelo menos foi o que o Patrão disse. A propósito, obrigada.

— Pelo quê?

— Por tê-lo mantido vivo. Nós gostamos de cuidar do Patrão, apesar de ele estar ficando íntimo demais de seus guarda-costas.

Jack colocou gelo em sua bebida enquanto os dois relaxavam no outro sofá.

Que coisa incrível, pensou. Pela primeira vez havia uma atmosfera de relaxamento genuíno no escritório, a ponto de duas pessoas estarem fazendo piadas sobre ele, bem na sua frente, como se fosse um ser humano, e não um POTUS.

— Gosto muito mais assim. — O presidente levantou os olhos de sua bebida e fitou o amigo. — Robby, esta garota já testemunhou mais coisas do que nós dois juntos, já ouviu todo tipo de coisa. Ela tem mestrado, é esperta, mas devo tratá-la como se fosse um gorila.

— Que é isso? Sou apenas uma atleta com um joelho ruim, por isso tenho a postura de gorila.

— E eu ainda não sei que diabos devo ser. Andréa?

— Sim, presidente? — Jack sabia que fazer Andréa chamá-lo pelo nome seria um objetivo impossível.

— Sobra a China. Que você acha?

— Acho que não sou especialista, mas como o senhor perguntou, devo dizer que não sei.

— Você é suficientemente especializada — Robby observou com um grunhido. — Todos os cavalos e todos os homens do rei também não sabem muita coisa. Os submarinos adicionais estão chegando — comunicou ao presidente. — Mancuso os quer na linha norte-sul entre os dois navios.

Concordei com isso e o secretário assinou embaixo.

— Como Bretano está se saindo?

— Ele sabe o que ele não sabe, Jack. Ele nos dá ouvidos na parte operacional, faz boas perguntas e ouve ainda mais. Ele quer começar a entrar em campo a partir da semana que vem, para ver os meninos trabalhando e se educar. Suas habilidades administrativas são extraordinárias, mas ele está brandindo um machado enorme. Já vi o seu plano provisório para reduzir a burocracia. Epa! — concluiu Jackson, levantando os olhos.

— Você não concorda com isso? — indagou Jack.

— Claro que sim. Isso tinha de ter acontecido já há uns cinquenta anos. Srta.

Price, sou um operador — explicou. — Gosto de vestir jaquetas de aviador de couro e sentir o cheiro do combustível dos jatos. Mas nós que ficamos na linha de fogo sempre temos um burocrata grudado no nosso calcanhar como um cachorro. Bretano adora engenheiros e gente que faz coisas, mas ao longo do caminho ele aprendeu a odiar burocratas e contadores. Meu tipo de sujeito.

— Voltemos à China — orientou Ryan.

— Certo, ainda temos aeronaves de coleta eletrônica de informações operando em Kadena. Estamos captando comunicações rotineiras de treinamento. Não sabemos quais são as intenções da China. A CIA não está descobrindo muita coisa. O que o pessoal do SIGINT está descobrindo é irrelevante. O Departamento de Estado diz que o governo deles está dizendo Por que tanto escarcéu? . E só. A Marinha de Taiwan é grande o bastante para lidar com a ameaça, se chegar a haver uma, a não ser que sejam pegos de surpresa. Isso não vai acontecer. Eles são espertos e fazem suas próprias operações de treinamento. Mas por enquanto é só isso: muito som e fúria, mas nada ameaçador.

— O Golfo?

— Bem, estamos ouvindo de nosso pessoal em Israel que eles estão se mantendo alerta, mas seu serviço de informações não está descobrindo muita coisa importante. As fontes que eles tinham lá provavelmente estavam com os generais que fugiram para o Sudão... provavelmente adidos. Recebi um fax de Sean Magruder...

— Quem é esse? — indagou Jack.

— Um coronel do Exército, chefe do 10º RCB no Neguev. Eu o conheci ano passado. Eis um sujeito a quem precisamos dar ouvidos. Nosso bom companheiro Avi ben Jakob descreveu Daryaei como o homem mais perigoso do mundo. Magruder julgou que isso era uma consideração importante o bastante para passá-la adiante.

— E...?

— E precisamos ficar de olho. Provavelmente é excesso de cautela da nossa parte, mas Daryaei possui ambições imperiais. Os sauditas estão jogando errado. Devíamos mandar gente para lá agora, não muitos, mas o bastante para mostrar ao outro lado que uníamos no jogo.

— Conversei com Ali sobre isso. O governo dele não quer atçar problemas.

— Sinal errado — comentou Jackson.

— Concordo — assentiu POTUS. — Vamos trabalhar nisso.

— Qual é o estado do Exército saudita? — perguntou Andréa.

— Não é tão bom quanto poderia ser. Depois da Guerra do Golfo virou moda juntar-se à Guarda Nacional deles, e eles compram equipamentos como se estivessem escolhendo Mercedes numa concessionária. Durante algum tempo eles mesmos treinaram seus soldados, mas depois descobriram que o difícil era manter as tropas. Assim, contrataram gente para fazer isso para eles.

Mais ou menos como nobres e cavaleiros nos tempo medievais. Só que isso não dá bem certo — avaliou Jackson. — E agora não se encontram no melhor de sua forma. Oh, claro, eles correm com seus tanques, e manejam seus armamentos. É divertido usar o canhão do tanque M1, e eles fazem muito isso. O problema é que não estão treinando em unidades. Cavaleiros e nobres. Sua tradição é homens a cavalo correndo atrás de outros homens a cavalo... um para um, como nos filmes. A guerra não é assim. A guerra é um time enorme trabalhando afinado. Sua cultura e história opõem-se a esse modelo, e eles não tiveram a chance de aprender. Em resumo: Não são tão bons quanto pensam. Se a URI reunir seu exército e rumar para o sul, os sauditas poderão estar em desvantagem bélica e certamente numérica.

— Como podemos corrigir isso? — perguntou Ryan.

— Para começar, mande alguns dos nossos para lá e traga alguns dos deles para cá, para o Centro Nacional de Treinamento, para um curso bastante duro e bem real. Conversei sobre isso com Mary Diggs no Centro Nacional de Treinamento...

— Mary?

— General Marion Diggs. Mary é um apelido que ele tem há tempos — disse Robby a Price. — Gostaria de trazer um batalhão pesado saudita para cá e fazer o OpFour dar-lhe uma boa sova durante algumas semanas para eles entenderem a mensagem. É assim que os nossos aprendem. É assim que os israelenses aprenderam. E é assim que os sauditas vão aprender, com toda certeza com muito mais facilidade do que numa guerra de verdade. Diggs concorda com isso, em número e grau. Dê-nos dois ou três anos, talvez menos se montarmos um local de treinamento adequado na Arábia Saudita, e poderemos colocar o exército deles em forma. O único problema é a política — acrescentou.

POTUS assentiu.

— Sim, isso vai deixar os israelenses nervosos, e os sauditas sempre se preocupam em ter um Exército forte demais, por motivos domésticos.

— Você poderia contar-lhes a história dos três porquinhos. O lobo mau acaba de se mudar para a casa ao lado, e é melhor eles abrirem os olhos antes que o lobo comece a soprar e soprar.

— Concordo, Robby. Mandarei Adler e Vasco pensarem no assunto.

Ryan olhou seu relógio. Outro dia de 15 horas. Um último drinque teria sido agradável, mas àquela altura ele teria sorte se conseguisse tirar seis horas de sono, e não queria acordar com uma dor de cabeça maior do que a necessária. Ele largou a bebida, levantou-se e gesticulou para que os outros dois o acompanhassem pela rampa e através da porta.

— ESPADACHIM seguindo para a residência — disse Andréa por seu microfone. Um minuto depois, estavam no elevador e subindo.

— Procure não aparentar que você bebeu — comentou Jack para sua agente principal.

— Que vamos fazer com você? — perguntou Andréa para o teto enquanto as portas abriam.

Jack saiu primeiro, deixando os outros dois para trás enquanto tirava o paletó. Odiava vestir terno e gravata o tempo todo.

— Bem, agora você sabe — disse Robby à agente do Serviço Secreto. Ela se virou para fitar-lhe os olhos.

— Sim. — Na verdade ela sabia há um bom tempo, mas ela continuava aprendendo mais e mais sobre ESPADACHIM.

— Tome conta dele bem, Price. Quando ele conseguir fugir deste lugar, vou querer meu amigo de volta.

O capricho do vento fez o voo da Lufthansa chegar atrasado ao terminal de Frankfurt, Alemanha. Para os viajantes foi como um túnel invertido. A saída do jato era a parte estreita, e ao entrar no salão todos se espreguiçaram, checando os monitores de vídeo para seus portões. As transferências variavam de uma a três horas, e sua bagagem seria transportada automaticamente de uma aeronave para a outra. Apesar de todas as reclamações sobre os carregadores de bagagens de aeroporto, 99,9% de acerto é uma nota excelente na maioria das atividades humanas; e os alemães eram conhecidos por sua eficácia. Não estavam preocupados com os postos aduaneiros, porque nenhum deles passaria mais tempo na Europa do que o necessário. Evitaram cuidadosamente contato visual, mesmo quando três deles entraram numa lanchonete, e todos optaram por café descafeinado. Dois entraram nos banheiros masculinos pelos motivos usuais, e então olharam-se no espelho para checar o rosto. Todos tinham se barbeado antes de partir, mas um deles, de barba particularmente cerrada, viu que seu queixo já estava escurecendo. Será que devia se barbear? Não é uma boa ideia, pensou, sorrindo para o espelho. Pôs sua bolsa de viagem no ombro e seguiu até a sala de espera da primeira classe para aguardar o voo para Dallas — Fort Worth.

— Dia longo? — perguntou Jack, depois que todos tinham ido para casa e apenas o grupo usual de guardas patrulhava o jardim.

— Sim. Rondas amanhã com Bernie. Mesmos procedimentos no dia seguinte. — Cathy colocara seu baby doll, tão cansada quanto o marido.

— Nenhuma novidade?

— Não na minha praia. Almocei com Pierre Alexandre. Ele é um novo professor associado trabalhando para Ralph Forster. É ex-militar, um bocado esperto.

— Doenças infecciosas? — Jack recordava vagamente de ter conhecido o sujeito em algum lugar. — AIDS e coisas do tipo?

— É.

— Coisa horrível — observou Ryan, indo para a cama.

— Eles acabaram de se esquivar de um tiro. Houve uma miniepidemia de Ebola no Zaire — disse Cathy, acomodando-se ao seu lado. — Duas mortes.

Depois, mais dois casos apareceram no Sudão, mas não parece estar se espalhando.

— A doença é tão ruim quanto dizem? — perguntou Jack, desligando a luz.

— Mortalidade de oitenta por cento... é bem ruim. — Ela ajustou os lençóis e se moveu na direção dele. — Mas vamos mudar de assunto. Sissy disse que fará um concerto daqui a duas semanas no Kennedy Center. Quinta de Beethoven, com regência de Fritz Bayerlein, acredita? Acha que podemos conseguir entradas?

Jack pôde sentir o sorriso da esposa na escuridão.

— Acho que conheço o dono do teatro. Verei o que posso fazer. Mais um dia terminou.

— Nos vemos pela manhã, Jeff.

Price seguiu para a direita na direção de seu carro. Raman seguiu pela esquerda até o seu.

Este trabalho poderia enlouquecer uma pessoa, disse Raman para seus botões. A mecânica da coisa, as horas, o tempo todo passando observando e observando e não falando nada — mas estando preparado.

Hum. Por que ele deveria reclamar disso? Era a história da sua vida adulta.

Dirigiu para o norte, esperou a segurança abrir o portão e rumou para nordeste.

As ruas vazias possibilitaram um percurso rápido. Quando chegou à sua casa, já sentia o estresse de trabalhar na segurança presidencial da Casa Branca começando a desaparecer.

Destrancou a porta, desligou o sistema de segurança, pegou a correspondência que fora entregue pela ranhura na porta e correu os olhos pelos envelopes. Uma conta, e o resto cartas comerciais oferecendo-lhe a chance de uma vida de comprar coisas que ele não precisava. Pendurou o casaco, removeu a pistola e o coldre do cinto e caminhou até a cozinha. A luz da secretária eletrônica estava piscando. Havia uma mensagem.

— Sr. Sloan — disse a gravação digital para ele com uma voz que era familiar, embora só a tivesse escutado uma vez antes. — Quem fala é Alahad. O seu tapete acaba de chegar, e está pronto para a entrega.

Entregas

A América estava adormecida quando eles subiram a bordo de seus voos em Amsterdam, Londres, Viena e Paris. Desta vez não havia dois na mesma aeronave, e eles estavam dispostos de modo a impedir que o mesmo inspetor alfandegário tivesse a chance de abrir dois conjuntos de barbear e encontrar a mesma marca de creme e pensar no assunto, por mais improvável que isso pudesse ser. O risco real fora colocar tantos homens nos mesmos voos para fora de Teerã, mas eles tinham sido bem instruídos sobre como se comportar.

Embora a sempre vigilante polícia alemã, por exemplo, pudesse notar uma série de homens do Oriente Médio reunidos depois de chegar no mesmo voo, os aeroportos sempre foram lugares anônimos cheios de pessoas vagueando, frequentemente cansadas e quase sempre desorientadas; assim, um viajante solitário e desorientado parecia exatamente com qualquer outro.

O primeiro a embarcar num voo transatlântico entrou no 747 da Singapore Airlines no Schiphol International Airport de Amsterdam. Codificado como SQ26, o avião de Cruzeiro começou a se movimentar às 8:30 da manhã, decolou na hora marcada e tomou um rumo que o levou até a fronteira sudeste da Groenlândia. O voo duraria menos de oito horas. O viajante estava numa poltrona de janela na primeira classe, que ele inclinara toda para trás. Ainda não eram nem três da manhã na cidade para a qual estava indo, e preferiu dormir assistindo a um filme, juntamente com a maioria das outras pessoas no nariz da aeronave. Ele tinha seu itinerário de cabeça, e se a memória falhasse, devido à confusão ocasionada pela viagem de longa distância, ainda tinha suas ordens para lembrá-lo do que faria em seguida. Por enquanto, bastava dormir, e ele virou a cabeça para o travesseiro, acalmado pelo sibilar do ar passando por trás das janelas duplas.

Ao seu redor, no ar, havia outros voos, com outros viajantes seguindo para Boston, Filadélfia, Washington-Dulles, Atlanta, Orlando, Dallas — Fort Worth, Chicago, San Francisco, Miami e Los Angeles, as dez principais cidades de entrada nos EUA. Cada uma dessas cidades estava abrigando agora uma feira ou uma convenção de alguma espécie. Dez outras cidades, Baltimore, Pittsburgh, St. Louis, Nashville, Atlantic City, Las Vegas, Seattle, Phoenix, Houston e Nova Orleans, também estavam abrigando eventos, e cada um deles ficava a um voo breve — em dois casos, a um percurso de carro — de um aeroporto de entrada no país.

O viajante no SQ26 pensou sobre isso enquanto adormecia. O conjunto de barbear estava em sua bolsa de viagem, enfiada sob a poltrona à sua frente, cuidadosamente isolado e embalado, e ele estava tomando o máximo de cuidado para que seus pés não tocassem a bolsa de viagem, e muito menos a chutassem.

Era quase meio-dia em Teerã. Astro de Cinema observou seu grupo praticar tiro. Era realmente uma formalidade, planejada mais para levantar o moral do que qualquer outra coisa. Todos sabiam como atirar, tendo aprendido e praticado no vale de Bekaa, e embora essas não fossem as mesmas armas que eles teriam na América, isso não fazia diferença. Uma arma era uma arma, e alvos eram alvos, e eles sabiam a respeito de ambos. Eles não podiam simular tudo, é claro, mas todos eles sabiam dirigir, e

passavam horas por dia olhando para diagramas e modelos. Eles agiriam no final da tarde, quando os pais viessem pegar seus filhos para levá-los para casa, quando os guarda-costas estariam cansados e entediados de um dia observando as crianças fazer peraltices. Astro de Cinema obtivera descrições de muitos dos carros habituais, e alguns eram modelos comuns que poderiam alugar. A oposição era tão treinada e experiente quanto eles precisavam ser, mas não eram super-homens.

Alguns até eram mulheres, e a despeito de todo seu conhecimento do Ocidente, Astro de Cinema jamais poderia considerar as mulheres adversárias sérias, com armas ou não. Mas sua maior vantagem tática era que a equipe estava disposta a empregar força mortal com total liberdade. Com mais de vinte crianças pequenas por perto, mais os funcionários da escola, e provavelmente alguns pais também, a oposição estaria se sentindo imensamente contida. Portanto, a parte inicial da missão era a mais fácil. A parte difícil seria escapar — se a situação viesse a permitir isso. Ele precisava dizer à sua equipe que eles voltariam para casa, e que havia um plano. Mas na verdade isso não importava, e em seus corações todos sabiam.

Todos estavam dispostos a se tornar mártires na jihad não anunciada; se não fizessem isso, jamais se juntariam ao Hezbollah. Também estavam dispostos a considerar as vítimas como sacrifícios. Mas isso era apenas um rótulo conveniente. A religião na verdade não era nada mais do que uma fachada para o que eles faziam e o que eles eram. Um verdadeiro estudioso de sua religião teria ficado horrorizado com o seu propósito, mas o Islã tinha muitos adeptos, e entre eles estavam muitos que escolhiam ler as escrituras em formas não convencionais, e estes também tinham seus seguidores. O que Alá pensaria sobre suas ações não era algo que considerassem profundamente, e Astro de Cinema nem se dava ao trabalho de pensar. Para ele, tudo era negócio, uma declaração política, um desafio profissional, mais uma tarefa para ocupar seus dias. Talvez fosse também um passo na direção de um objetivo maior, a conquista que significaria uma vida de conforto, e talvez um pouco de poder pessoal e estabilidade — mas em seu coração ele também não acreditava nisso.

No começo, sim, havia pensado que Israel poderia ser derrotado, que os judeus poderiam ser varridos da face da Terra, mas essas crenças de sua juventude já se haviam esvanecido havia muito tempo. Para ele, tudo agora era um processo, e esta era apenas mais uma tarefa. A substância da tarefa não importava rei mente tanto, importava? perguntou-se, observando os rostos entusiasmados dos membros da equipe acertando seus alvos. Oh, para eles parecia importar. Mas ele era menos inocente.

Para o inspetor Patrick O'Day, o dia começou às cinco e meia da manhã, despertado por um radiorrelógio. Em seguida, foi ao banheiro para as funções usuais de cometo do dia e uma olhada no espelho. Por fim, seguiu até a cozinha para fazer café. Era a parte calma do dia. A maioria das pessoas (as sensatas) ainda não estavam acordadas. Não havia trânsito nas ruas. Até os pássaros ainda estavam pousados em seus poleiros. Ao sair para pegar os jornais, pôde sentir o silêncio e se perguntar por que o mundo não era sempre assim. O alvorecer insinuava-se através das árvores a leste, embora as estrelas mais fortes ainda estivessem reluzindo. Não havia nenhuma luz acesa no restante das casas do condomínio. Merda. Será que ele era o único que precisava trabalhar em horas tão obscuras?

Novamente dentro de casa, passou dez minutos correndo os olhos pelas notícias das edições matutinas do Post e do Sun. Gostava de ficar a par das notícias, especialmente os casos criminais. Na condição de inspetor itinerante trabalhando diretamente para o gabinete do diretor, ele nunca sabia quando seria enviado para um novo caso, o que podia significar chamar uma babá. Isso era tão frequente que às vezes pensava em contratar os serviços de uma babá de tempo integral. Ele podia pagar — o prêmio do seguro pela morte de sua esposa na queda do avião realmente dera-lhe uma certa dose de independência financeira. As circunstâncias haviam parecido completamente blasfemas, mas tinham-lhe oferecido o dinheiro e ele aceitara, a conselho de seu advogado. Mas uma babá? Não. Isso significaria uma mulher, e Megan pensaria nela como mamãe, e ele não podia permitir isso. Assim, cumpria seus

expedientes e se negava uma vida normal, de modo a poder ser pai e mãe da garotinha. E nenhum urso cinzento seria mais zeloso de um filhote. Talvez Megan não soubesse a diferença. Todas as crianças adquiriam um elo profundo com as mães, mas talvez elas pudessem adquirir a mesma ligação com seus pais.

Quando as outras crianças lhe perguntavam sobre sua mãe, ela explicava que mamãe havia ido para o céu mais cedo... e aquele ali é o meu papai! Quaisquer que fossem as circunstâncias psicológicas, a proximidade dos dois, que parecia tão natural a Megan — que mal tivera a chance de experimentar outra coisa —, era algo que ocasionalmente provocava lágrimas nos olhos de seu pai. O amor de uma criança sempre é incondicional, principalmente quando ele só pode ser direcionado a uma pessoa. O inspetor O'Day as vezes se sentia grato por não trabalhar num caso de sequestro há anos. Se ele tivesse de trabalhar num hoje...

Tomou um gole de café e admitiu para si mesmo que acabaria arrumando uma desculpa para recusar a missão. Sempre havia uma forma. Ele trabalhara em casos desse tipo quando era um agente jovem. Sequestro por dinheiro era uma modalidade raríssima hoje em dia; todos sabiam que esse era um jogo impossível de vencer, já que todo o poder do FBI mergulhava sobre esses casos como a ira de Deus. Mas hoje, depois de tantos anos sem trabalhar num caso dessa natureza, ele compreendeu o quanto esses crimes eram odiosos. Era preciso ser pai, era preciso conhecer a ação de bracinhos em torno de seu pescoço para compreender a magnitude de tamanha violação. Quando um agente trabalhava num caso de sequestro, seu sangue virava gelo; ele não desligava suas emoções, mas tentava contê-las o máximo de tempo possível, de preferência até a libertação do refém. Ele lembrava que seu primeiro supervisor de esquadrão, Dominic DiNapoli — era o sujeito mais durão deste lado da família Gambino — era gozado pelos colegas por ter chorado como um bebê ao entregar um refém vivo de volta aos pais. Apenas agora ele compreendia como aquilo fora apenas mais um sinal dos nervos de aço de Dom. Sim. E aquele bandido jamais sairia da Penitenciária Federal de Atlanta.

Então chegou a hora de acordar Megan. Ela estava enroscada na cama, vestindo seu macacão, o azul com a estampa de Gasparzinho, o Fantasmilha Camarada. Ela estava ficando grande demais para ele. Os dedões estavam empurrando os pés de plástico. Incrível como as crianças cresciam rápido. Ele cocou o nariz da menina, e ela abriu os olhos.

— Papai!

Megan se sentou e então empertigou-se para dar-lhe um beijo. Pat se perguntou como as crianças conseguiam acordar com um sorriso. Nenhum adulto fazia isso. E seu dia também começou com uma viagem ao banheiro. Ele notou com prazer que as calcinhas da menina estavam secas. Megan estava se esforçando para dormir a noite inteira — fora muito difícil no começo —, mas esse parecia um motivo de orgulho muito estranho. Ele começou a se barbear, um evento diário que deixava sua filha absolutamente fascinada. Depois de acabar, abaixou-se para que ela passasse a mão no rosto dele e dissesse: — Está bom!

Naquela manhã a refeição foi farinha de aveia com banana picada e um copo de suco de maçã, enquanto Megan assistia ao Disney Channel no televisor da cozinha e papai retornava para seu jornal. Megan levou sozinha sua tigela e seu copo até a máquina de lavar pratos, tarefa muito séria que ela estava aprendendo a dominar. A parte difícil era colocar a tigela corretamente dentro da máquina. Megan ainda estava aprendendo isso. Era mais difícil que amarrar os próprios sapatos, que tinham fechos de Velcro. A Sra. Daggett dissera-lhe que Megan era uma criança brilhante, mais um motivo para ele explodir de orgulho, o que em seguida sempre dava lugar à tristeza, porque isso fazia-o lembrar da esposa. Pat dizia a si mesmo que podia ver o rosto de Deborah no da menina, mas a parte honesta do agente ocasionalmente questionava se isso não era mais um desejo que um fato. Pelo menos ela parecia ter o cérebro da mãe.

Será que era sua expressão inteligente que ele via?

O passeio na caminhonete foi rotineiro. O sol agora brilhava no céu, mas o tráfego ainda estava tranquilo. Megan estava em sua poltrona de segurança, como sempre olhando embasbacada para os outros carros.

A chegada também foi rotineira. Havia um agente trabalhando na 7-Eleven, claro, mais a equipe avançada na creche Giant Steps. Bem, ninguém jamais raptaria a menininha dele. Nas situações mais sérias, a rivalidade entre o FBI e o Serviço Secreto desaparecia, exceto por uma ou outra piadinha ocasional. Ele estava feliz por estarem ali, e eles não se importavam em deixar esse homem armado entrar. Assim que ele abriu a porta, Megan correu imediatamente para abraçar a Sra. Daggett e colocar seu cobertor no armário. Assim, seu dia de brincar e aprender estava começando.

— Oi, Pat — cumprimentou o agente na porta.

— Bom dia, Norm.

Os dois permitiram-se um bocejo de começo de manhã.

— O seu horário é tão infernal quanto o meu — disse o agente especial Jeffers. Jeffers era um dos agentes no rodízio da subsegurança presidencial de CHOCALHO. Esta manhã estava trabalhando como parte da equipe avançada.

— Como vai sua esposa?

— Mais seis semanas e teremos de começar a procurar um lugar como este.

Ela é tão boa quanto parece?

— A Sra. Daggett? Pergunte ao presidente — brincou O'Day. — Os Ryan mandam todos os filhos para cá.

— Isso é bom sinal — concordou o agente do Serviço Secreto. — Como é que vai o caso Kealty?

— Alguém no Estado está mentindo. É isso que os caras da OPR pensam. — Encolheu os ombros. — Ninguém sabe com certeza quem é o mentiroso. Os dados do polígrafo foram inúteis. O seu pessoal descobriu alguma coisa?

— Sabe, é engraçado. Ele dispensa muito os seus seguranças. Disse a eles que não gostaria de colocá-los numa posição em que tivessem de...

— Entendi. — Pat meneou a cabeça. — E eles têm colaborado com vocês?

— Eles não têm escolha. Ele anda se encontrando com pessoas, mas não temos certeza de com quem, e não temos permissão de descobrir o que ele está fazendo contra ESPADACHIM. — Balançou a cabeça. — Você não adora o nosso trabalho?

— Eu gosto de Ryan — comentou Pat, os olhos vasculhando a área, procurando por problemas. Era automático, quase como respirar.

— Nós adoramos o cara — concordou Norm. — Achamos que ele vai se safar dessa. Kealty é cheio de merda. Ei, eu trabalhei na segurança dele quando ele era o vice, lembra? Eu tinha de ficar a postos do lado de fora enquanto ele estava fodendo alguma dona. Era parte do trabalho — concluiu amargamente.

Os dois agentes federais trocaram um olhar. Esta era uma história interna, para ser discutida apenas dentro da comunidade da polícia federal, e embora o Serviço Secreto fosse pago para proteger seus patrões e manter todos os segredos, isso não significava que precisavam gostar do que faziam.

— Acho que tem razão. E aqui, tudo está tranquilo?

— Russell quer mais três pessoas, mas não acho que ele irá conseguir. Porra, já temos três bons agentes lá dentro, e três de plantão na casa ao lado. — Ele não estava revelando nada; O'Day já tinha deduzido tudo aquilo.

— E...

— Sim, do outro lado da rua. Russell parece entender do riscado.

— Vovô é o melhor — garantiu Norm. — Puxa, ele treinou metade das pessoas no Serviço, e você precisa vê-lo atirar. Com as duas mãos.

O' Day sorriu.

— Todo mundo me fala isso. Um dia vou ter de convidá-lo para uma competição amigável.

Um sorriso.

— Andréa me disse. Ela... bem, ela olhou sua ficha no FBI...

— Quê?

— Ei, Pat, é só trabalho. Nós checamos todo mundo. Temos um protegido aqui todos os dias, certo?

— Norm prosseguiu. — Além disso, ela quis ver seu cartão de armas de fogo. Ouvi dizer que você é um atirador muito decente, mas estou lhe dizendo, você precisa competir com o Russell. E quando fizer isso traga bastante dinheiro, tá?

— É isso que faz um cavalo correr, Sr. Jeffers.

O Day adorava esses desafios, e ainda não havia perdido um.

— Pode apostara sua bunda branca, Sr. O’Day — disse Jeffers. Ele levantou a cabeça e tocou seu fone auricular. Olhou o relógio. — Acabaram de entrar em movimento. CHOCALHO está vindo. Nossa menina e a sua são companheiras inseparáveis.

— Ela parece uma garotinha e tanto.

— Todos são boas crianças. Às vezes dão alguns problemas, mas é para isso que servem as crianças. SOMBRA vai dar um bocado de dor de cabeça quando começar a sair com rapazes.

— Não quero ouvir isso! Jeffers deu uma boa gargalhada.

— Sim, estou torcendo para o nosso ser um garoto. Meu pai... ele é capitão de polícia em Atlanta... diz que as filhas são as punições de Deus por você ter nascido homem. Você vive com medo que elas encontrem alguém como você quando tinha dezessete anos.

— Chega! Deixe-me ir ao trabalho e lidar com alguns criminosos. — Deu um tapinha no ombro de Jeffers.

— Ela estará aqui quando você voltar, Pat.

Como de costume, O Day parou para tomar café na Ritchie Highway, em vez de seguir para o sul até a Rota 50. Tinha de admitir que os rapazes do Serviço sabiam o que estavam fazendo. Mas havia pelo menos um aspecto da segurança presidencial com o qual o FBI estava lidando. Ele teria de falar com o pessoal da OPR esta manhã. Informalmente, claro.

Um morreu, a outra foi para casa, e mais ou menos ao mesmo tempo.

Aquela tinha sido a primeira morte de MacGregor pelo vírus do Ebola. Ele já vira muitas outras, falhas cardíacas nas quais o processo de ressuscitação havia falhado, ferimentos, câncer, ou apenas idade avançada. Na maioria das vezes os médicos não estavam presentes e o trabalho sobrava para as enfermeiras. Mas dessa vez ele estava lá. No fim, o homem encontrara não exatamente a paz, mas a exaustão. O corpo de Saleh havia lutado o melhor que pudera, sua força conseguira apenas estender a luta e a dor, como um soldado numa batalha impossível. Mas sua força finalmente fora sobrepujada, e ele começara a esperar a chegada da morte. O zumbido de alarme no monitor cardíaco parou, e não havia mais nada a fazer além de desligá-lo. Não haveria tentativas de reviver este paciente. Os tubos intravenosos foram removidos, e as agulhas colocadas cuidadosamente num recipiente de plástico. Literalmente, tudo que fora tocado pelo paciente seria queimado. Isso não era tão extraordinário. As vítimas de AIDS e de algumas formas de hepatite eram tratadas também como objetos de contaminação mortal. No caso do Ebola, queimar os corpos era preferível — e além disso, o governo insistira. Assim, mais uma batalha estava perdida.

MacGregor sentiu-se aliviado, um pouco para sua vergonha, enquanto despiu a roupa protetora pela última vez. Lavou-se cuidadosamente e foi ver Sohaila. Ainda estava fraca, mas pronta para partir e completar sua recuperação. Os exames mais recentes haviam mostrado o sangue repleto de anticorpos. De algum modo, seu sistema combatera o inimigo e passara no teste. Não havia mais nenhum vírus ativo nela. Ela podia ser abraçada. Em outro país teria sido mantida para exames adicionais, e doado uma boa

quantidade de sangue para estudos intensivos de laboratório, mas novamente o governo local dissera que essas coisas não aconteceriam, que ela teria de receber alta no primeiro minuto em que isso fosse seguro. MacGregor argumentara contra, mas agora estava certo de que não haveria mais complicações. O próprio médico levantou a menina e colocou-a na cadeira de rodas.

— Quando estiver se sentindo melhor, você poderá vir me ver? — perguntou com um sorriso caloroso.

Ela assentiu. Uma criança inteligente. Seu inglês era bom. Uma criança bonita, com um sorriso encantador a despeito de sua fadiga, feliz por ir para casa.

— Doutor? — Era o pai dela. Ele devia ter um passado militar, a julgar pela forma como andava empertigado. O que ele estava tentando dizer transpareceu em seu rosto antes mesmo que pudesse pensar nas palavras.

— Fiz muito pouco. A sua filha é jovem e forte, e foi isso que a salvou.

— Mesmo assim, não esquecerei desta dívida.

Um aperto de mão firme, e MacGregor lembrou da frase de Kipling sobre o Ocidente e o Oriente. Fosse esse homem quem fosse — o médico tinha suas suspeitas —, que guardava semelhanças com todos os outros homens.

— Ela ficará fraca por mais uma ou duas noites. Deixe-a comer o que quiser, e é melhor deixá-la dormir o máximo que puder.

— Será como o senhor mandar — prometeu o pai de Sohaila.

— Vocês têm meu número, daqui e de casa. Liguem, se tiverem alguma dúvida.

— E se o senhor tiver qualquer dificuldade, com o governo, por exemplo, por favor nos conte.

A medida da gratidão do homem transpareceu em sua voz. Qualquer que fosse o valor dessa promessa, MacGregor sabia que tinha uma espécie de protetor. Não faria mal, decidiu, acompanhá-los até a porta. Dali retornou ao seu escritório.

— Então tudo está estabilizado — disse o funcionário público depois de ouvir o relatório do médico.

— Correto.

— Os funcionários já foram checados?

— Sim, e refaremos os exames amanhã, para ter certeza. As duas salas de pacientes serão desinfetadas completamente hoje. Todos os Itens contaminados serão queimados imediatamente.

— O corpo?

— Já foi ensacado para ser queimado, conforme suas ordens.

— Excelente, Dr. MacGregor, agiu muito bem. Agradeço por isso. Agora podemos esquecer que este incidente infeliz aconteceu.

— Mas como será que o Ebola chegou aqui? — perguntou MacGregor em tom pensativo, que era o máximo que podia fazer.

O funcionário público não sabia, e falou com confiança: — Isso não diz respeito nem a você nem a mim. E não acontecerá de novo.

Disso tenho certeza.

— Tudo bem — disse o médico.

Depois de mais algumas palavras, MacGregor desligou o telefone e fitou a parede. Mais um fax para o CDC, decidiu. O governo não podia se opor a isso.

Ele tinha de contar-lhes que a epidemia estava terminada. E isso também era um alívio. Seria bom voltar a praticar medicina normal, enfrentando doenças que poderia derrotar.

O Kuwait acabou sendo bem mais realista que a Arábia Saudita em sua avaliação sobre a substância da reunião, talvez porque o governo fosse na verdade um negócio de família, e sua propriedade ficasse

situada num bairro muito perigoso. Adler entregou a transcrição. O presidente correu os olhos pelo texto.

— Em outras palavras, o que ele disse foi: Caiam fora!

— Exato — concordou o secretário de Estado.

— Ou o ministro das Relações Exteriores Sabah cortou toda a parte política, ou o que ele ouviu o assustou. Aposto na hipótese número dois — decidiu Bert Vasco.

— Ben? — perguntou Jack.

O Dr. Goodley balançou a cabeça.

— Talvez estejamos com um problema nas mãos.

— Talvez? — perguntou Vasco. — Isto vai muito além de talvez.

— Certo, Bert, você é o campeão em prognósticos para o Golfo Pérsico — observou o presidente. —

Que tal mais uma previsão?

— A cultura deles é baseada na barganha. Eles possuem rituais verbais complicados para reuniões importantes. Oi, como vai? pode levar uma hora. Se vamos acreditar que esse tipo de coisas não ocorreu, sua ausência passa uma mensagem clara. Você descobriu a mensagem, presidente: Caiam fora.

Embora fosse interessante, pensou Vasco, que tivessem começado o encontro rezando juntos. Talvez esse fosse um sinal que significasse alguma coisa para os sauditas e não para os kuwaitianos? Mesmo ele não conhecia todos os aspectos da cultura local.

— Então por que os sauditas estão tentando se manter tão calmos?

— Você não me disse que o príncipe Ali lhe passou outra impressão? Ryan assentiu.

— Isso mesmo. Prossiga.

— O reino é um pouco esquizofrênico. Eles gostam da gente, e confiam em nós como parceiros estratégicos. Por outro lado, também não gostam de nós e desconfiam de nossa cultura. Eles são muito mais conservadores que nós naquilo que chamamos questões sociais. Por exemplo, quando nosso Exército esteve lá em 91, eles pediram aos capelães que removessem a insígnia religiosa de seus uniformes, e quando viram mulheres guiando carros e carregando armas, ficaram malucos. Assim, por um lado eles dependem de nós para garantirmos sua segurança... o Príncipe Ali sempre lhe pergunta sobre isso, certo?... mas por outro se preocupam que baguncemos seu país enquanto o protegemos. O problema sempre retorna para a religião. Eles provavelmente prefeririam fazer um acordo com Daryaei do que em nos convidar novamente para guardarmos sua fronteira. Assim, seu governo fará o máximo para impedir que isso aconteça. Quanto ao Kuwait, a história é diferente. Se nós pedirmos permissão para fazer um exercício de tropas em seu território, eles dirão sim rapidinho, mesmo se os sauditas lhes pedirem que não o façam. Daryaei sabe disso, e ele não pode se mover tão rápido. Se ele começar a se mover para o sul...

— A Agência irá nos avisar — disse Goodley com confiança. — Sabemos o que estamos procurando, e ele não são sofisticados o bastante para ocultar isso.

— Se colocarmos tropas no Kuwait agora, isso será considerado um ato de agressão — alertou Adler. — Talvez seja melhor nos encontrarmos primeiro com Daryaei e sondá-lo.

— É bom darmos o sinal certo para ele — observou Vasco.

— Oh, não cometeremos esse erro, e acho que ele sabe que a situação dos países do Golfo é um assunto de prioridade máxima para nós. Nada de sinais enganosos desta vez.

A embaixadora April Glaspie fora acusada de passar um sinal enganoso para Saddam Hussein no verão de 1990 — mas ela havia negado o relato de Hussein, e ele não era uma fonte de informação realmente confiável. Talvez tivesse sido uma nuance linguística. Contudo, o mais provável era que ele tivesse escutado exatamente o que queria ouvir e não exatamente o que havia sido dito, hábito compartilhado frequentemente por chefes de Estado e crianças.

— Quanto tempo levará para fazer os preparativos? — perguntou o presidente.

— Será rápido — replicou o secretário de Estado.

— Faça — ordenou Ryan. — Velocidade máxima. Ben?

— Sim, senhor?

— Já conversei com Robby Jackson. Estabeleça com ele um plano para destacar Uma força de segurança modesta para lá rapidamente. O suficiente para mostrar que estamos interessados, mas não exagerado demais para provocá-los. Vamos também telefonar para o Kuwait e dizer a eles que estamos aqui caso precisem de nossa ajuda, e que nós podemos deslocar forças para seu país, se desejarem. Quem está preparado para isso?

— A 24ª Mecanizada, Forte Stewart, Geórgia. Já chequei — disse Goodley, orgulhoso de si. — Sua segunda brigada está em estado de alerta agora. Há também uma Brigada do 82º em Forte Bragg. Com o equipamento estocado no Kuwait, podemos estar prontos para o que der e vier em 48 horas. Também aconselho aumentar o estado de prontidão das naus de pré-posicionamento marítimo em Diego Garcia. Podemos fazer isso discretamente.

— Belo trabalho, Ben. Ligue para o secretário de Defesa e diga-lhe que quero isso feito... de mansinho.

— Sim, presidente.

— Direi a Daryaei que estamos oferecendo a mão da ajuda para a União Republicana Islâmica — disse Adler. — Direi também que temos um compromisso com a paz e a estabilidade naquela região, e que isso significa integridade territorial. Estou louco para saber o que ele vai dizer.

Olhos voltaram-se para Bert Vasco, que estava começando a amaldiçoar seu novo status de gênio de plantão.

— Talvez ele só tenha desejado balançar a sua jaula. Não acho que ele queira balançar a nossa.

— Essa é a primeira vez que você fica em cima do muro — observou Ryan.

— Não tenho informações suficientes — replicou Vasco. — Não acho que ele queira estabelecer um conflito conosco. Isso já aconteceu uma vez, e o resultado para eles foi negativo. Sim, ele não gosta dos sauditas nem de nenhum dos outros Estados. Mas, não, ele não quer nos enfrentar. Talvez ele pudesse acabar com todos eles. Essa é uma questão militar, e sou apenas um especialista de área. Mas acredito que ele não o fará, não com a gente no jogo, e ele sabe disso. Há pressão política no Kuwait e no reino, claro. Fora isso, não vejo muito motivo para nos preocuparmos.

— Ainda — acresceu o presidente.

— Sim, senhor. Ainda — concordou Vasco.

— E estou me apoiando em você com muita força, Bert?

— Não tem problema, presidente. Pelo menos o senhor me escuta. Não custaria nada gerarmos uma SNIE sobre as capacidades e intenções da URI.

Preciso de acesso mais amplo ao que for gerado pela comunidade de informação.

Jack virou-se.

— Ben, a SNIE está ordenada. Bert está na equipe com acesso pleno, por ordem minha. Sabem de uma coisa, rapazes? — acrescentou o presidente com um sorriso, procurando dissolver a tensão da reunião. — Dar ordens pode ser divertido! Estamos com um problema potencial, mas ainda não é um chute no saco, correto? — Acenos de cabeça. — Muito bem. Obrigado, cavalheiros.

Ficaremos com os olhos bem abertos.

O voo 26 da Singapore Airlines pousou cinco minutos depois, chegando ao terminal às 10:25 da manhã. Os passageiros da primeira classe, tendo desfrutado de poltronas mais amplas e macias, agora gozavam de acesso mais rápido à série de torturas burocráticas às quais os EUA submetem seus visitantes. O viajante recuperou sua mala na esteira rolante e com a bolsa de viagem pendurada no outro ombro, entrou o Special National Intelligencc Eatimate: Estimativa Especial do Serviço Nacional de Informação. (N. do T.) numa fila segurando o visto de entrada, que nada declarava de interessante para o

governo dos Estados Unidos. A verdade não os teria agradado, — Olá — disse o inspetor, pegando o visto e olhando-o. Em seguida, pediu o passaporte. Parecia um passaporte velho, suas páginas cobertas por selos de entrada e saída. Ele achou uma página vazia e preparou-se para fazer uma nova marca. — O propósito de sua visita aos Estados Unidos?

— Negócios — respondeu o viajante. — Estou aqui para comparecer à feira automobilística no Javits Center.

— Sei. — O inspetor mal ouviu a resposta. O selo foi colocado e o visitante seguiu para outra fila. Ali suas bagagens foram submetidas a raios X em vez de abertas. — Algo a declarar?

— Não — as respostas simples eram as melhores. Outro inspetor olhou para a imagem da mala no monitor e não viu nada interessante. O inspetor fez um gesto para que o viajante seguisse em frente. O viajante pegou suas malas na esteira e caminhou até o ponto de táxi.

Surpreendente, pensou, encontrando um local em outra fila, chegou a um táxi em menos de cinco minutos. Sua primeira preocupação, ser flagrado na alfândega, pertencia ao passado. Quanto à preocupação seguinte, precisava evitar entrar num táxi que porventura tivesse sido selecionado para ele. Para impedir isso, atrapalhou-se com as malas e deixou uma mulher embarcar em seu lugar. Entrou no táxi seguinte. Acomodou-se em sua poltrona e agiu como se estivesse olhando em torno, quando na verdade estava procurando ver se algum carro o estava seguindo até a cidade. O tráfego antes do almoço estava tão denso que isso mal parecia possível, principalmente considerando que ele estava num dos milhares de veículos amarelos entrando e saindo do tráfego como gado num estouro de boiada. A única má notícia foi que seu hotel ficava distante do centro de convenções, de modo que ele precisaria pegar outro táxi.

Bem, isso não poderia ser evitado, e, de qualquer modo, ele precisaria registrar-se primeiro.

Mais trinta minutos e estava no hotel, subindo no elevador para o sexto andar, um mensageiro atencioso carregando sua mala enquanto continuava segurando a bolsa de viagem. Deu uma gorjeta de dois dólares ao mensageiro — ele fora instruído sobre a gorjeta; era melhor dar uma gorjeta modesta do que ser lembrado como alguém que dava gorjetas gordas demais ou simplesmente não dava. O mensageiro aceitou o dinheiro com gratidão, mas não muita. Com suas tarefas de entrada completadas, o viajante retirou seus ternos e camisas, também removendo objetos diversos da bolsa de viagem. O conjunto de barbear ele deixou, usando o fornecido pelo hotel para fazer a barba depois de um banho rápido. Apesar da tensão, estava surpreso com o quanto se sentia bem.

Ele lutava em missão há... quanto tempo? Vinte e duas horas? Alguma coisa assim. Mas ele dormira bastante, e não ficava ansioso em viajar de avião, como acontecia com muitos. Requisitou almoço ao serviço de quarto. Depois vestiu-se e, colocando a bolsa de viagem a tiracolo, desceu e pegou um táxi para o Javits Center. A feira automobilística, pensou que sempre gostara de carros.

Atrás dele em tempo e espaço, mais 19 outros ainda estavam no ar. Alguns estavam apenas pousando primeiro em Boston, então mais em Nova York, e um em Dulles para passarem também pela alfândega, testando seu conhecimento e sua sorte contra o Grande Satã, ou qualquer outra alcunha que Daryaei usasse para se referir ao seu inimigo coletivo. Satã, afinal de contas, tinha grandes poderes e era merecedor de respeito. Satã podia fitar os olhos de um homem e ver seus pensamentos, quase como o próprio Alá. Não, esses americanos eram funcionários, e apenas constituiriam perigo se percebessem alguma coisa.

— Vocês precisam aprender a ler as pessoas — disse Clark a eles. Era uma boa turma. Ao contrário das pessoas numa escola convencional, todos queriam aprender. Isso quase o levava de volta aos bons e velhos tempos aqui na Fazenda, no auge da Guerra Fria, quando todos queriam ser como James Bond e realmente acreditavam um pouco que poderiam, apesar de tudo que seus instrutores diziam. A maioria de seus colegas de classe tinha se formado recentemente, sendo bem educados pelo livro, mas não ainda

pela vida. A maioria aprendera bem. Alguns não haviam aprendido, e uma nota baixa no campo podia significar mais do que uma marca vermelha num livro azul. Sua decisão em ingressar nesse mundo havia sido menos dramática do que era mostrado nos filmes; apenas a percepção de que era hora para uma mudança de carreira. Clark tinha esperanças mais elevadas para este grupo. Talvez eles não fossem formados em História em Dartmouth ou Brown, mas tinham estudado alguma coisa, em algum lugar, e depois haviam aprendido mais nas ruas de algumas cidades grandes. Talvez eles até soubessem que tudo que tinham aprendido seria importante para eles algum dia.

— Eles mentirão para nós? Os nossos agentes, quero dizer?

— Sr. Stone, você é de Pittsburgh, não é?

— Sim, senhor.

— Você trabalhou com informantes nas ruas. Eles mentiram para você?

— Algumas vezes — admitiu Stone.

— Aí está a sua resposta. Eles mentirão sobre sua importância, sobre o perigo em que estão envolvidos. Eles mentirão sobre praticamente tudo, dependendo de como estiverem se sentindo no dia. Vocês precisam conhecê-los e a seus estados de espírito. Stone, você percebia quando os seus informantes contavam histórias de pescador?

— Na maioria das vezes.

— Como você sabia? — perguntou Clark.

— Sempre que eles pareciam saber um pouco demais, sempre que a coisa não se encaixava...

— Sabem de uma coisa? — observou o instrutor com um sorriso. — Vocês são tão espertos que às vezes me pergunto o que estou fazendo aqui. Tudo se resume a conhecer as pessoas. Em suas carreiras na CIA, vocês sempre irão esbarrar em pessoas que acham que podem descobrir tudo lá de cima: o satélite sabe tudo e conta tudo. Não é exatamente assim. — Clark fez uma pausa antes de prosseguir: — Os satélites podem ser enganados, e isso é mais fácil de fazer do que as pessoas gostam de admitir. As pessoas também têm fraquezas, e uma delas é o ego. Entendam: não há nada mais eficiente que fitá-los em seus olhos.

Mas a coisa boa sobre agentes de campo é que até mesmo suas mentiras revelarão um pouco da verdade para vocês. Exemplo: Moscou, Kutuzovkiy Prospekt, 1983. Esse agente nós tiramos de lá, e ele virá aqui semana que vem conversar com vocês. Ele passou uns maus bocados com seu chefe e...

Chavez apareceu na porta dos fundos e levantou um formulário de mensagem telefônica. Clark terminou a lição apressado e entregou a classe aos cuidados de seu assistente.

— O que é, Ding? — perguntou John.

— Mary Pat nos quer lá em D.C. rapidinho. Alguma coisa sobre uma SNIE.

— A União Republicana Islâmica, aposto.

— Nem vale a pena pedir esclarecimentos, Sr. C. — comentou Chavez. — Querem que cheguemos a tempo para o jantar. Quer que eu dirija?

Havia quatro naus de pré-posicionamento marítimo em Diego Garcia.

Eram embarcações relativamente novas, construídas sob encomenda para funcionar como garagens flutuantes para veículos militares. Um terço era composto por tanques, artilharia móveis e veículos blindados; o restante eram os trens, que eram veículos abastecidos com tudo, desde munições até ração e água. As naus eram pintadas em cinza, mas com frisos coloridos em torno de seus fumeiros, para designá-las como pertencentes à Frota da Reserva de Defesa. Eram tripuladas por marinheiros mercantes cujo trabalho era fazer sua manutenção. Isso não era muito difícil. Ocasionalmente eles desligavam os imensos motores diesel e velejavam por algumas horas, apenas para verificar se tudo estava funcionando. Esta noite eles receberam uma nova mensagem para aumentar seu estado de alerta.

Uma a uma, as tripulações da sala de motores desceram e acionaram os motores. Quantidades de

combustível foram checadas com os registros escritos, testes foram feitos para assegurar que a embarcação estava preparada para navegar— motivo pelo qual eram mantidas com tanto carinho. Testar os motores não era anormal. Testá-los ao mesmo tempo era, e a coleção de motores monstruosos gerou um campo térmico que seria evidente a detectores infravermelhos, especialmente à noite.

A informação chegou a Sergey Golovko trinta minutos depois de sua detecção e, como todos os chefes de informação no mundo inteiro, ele reuniu uma equipe de especialistas para discutir o assunto.

— Onde está o grupo de porta-aviões americano? — perguntou em primeiro lugar. Os EUA adoram espalhá-los pelos oceanos do mundo.

— Deixaram o atol ontem. Rumaram para leste.

— Afastando-se do Golfo Pérsico?

— Correto. Eles têm exercício marcado com a Austrália. Chamam de COPA SUL. Não temos informações que sugiram que o exercício está sendo cancelado.

— Então por que exercitam navios-transporte de tropas? O analista gesticulou.

— Poderia ser um exercício, mas a agitação no golfo sugere que não é.

— Nada em Washington? — indagou Golovko.

— Nosso amigo Ryan continua a navegar em mar bravio — reportou o chefe da seção política. — Vai mal.

— Ele sobreviverá?

— Nosso embaixador acredita que sim, e o residente concorda, mas nenhum deles acha que Ryan está firme no comando. É a confusão clássica. A América sempre se orgulhou de realizar com suavidade as transições de poder governamental, mas suas leis não preveem eventos como os que vimos. Ele não pode agir contra seu inimigo político...

— O que Kealty está fazendo é alta traição contra o Estado — observou Golovko. Na Rússia, a pena para traição sempre fora severa. Até mesmo uma simples citação tinha o poder de baixar a temperatura de uma sala.

— Não segundo a lei americana. Mas os meus peritos jurídicos disseram que a questão está tão confusa que não haverá um vencedor evidente. Nesse caso, Ryan permanecerá em comando devido à sua posição: ele chegou lá primeiro.

Golovko meneou a cabeça, mas sua expressão definitivamente não era feliz. O caso do Outubro Vermelho e as atividades de Gerasimov jamais deveriam ter alcançado o conhecimento público. Ele e seu governo sabiam sobre Gerasimov, mas apenas suspeitavam sobre o Outubro Vermelho. Na questão do submarino, a segurança americana fora soberba; então essa fora a carta que Ryan jogara para fazer Kolya desertar. Só podia ser. Visto agora, fazia todo sentido. Uma jogada e tanto. Exceto por uma coisa: isso tinha se tornado de conhecimento público também na Rússia, e ele agora estava proibido de contatar Ryan diretamente até que fosse determinada a conduta diplomática. A América estava fazendo alguma coisa. Ele não sabia ainda que coisa era essa, e em vez de telefonar para perguntar, e talvez até obter uma resposta honesta, teria de esperar que seus agentes de campo a discernissem por conta própria. O problema residia no dano causado ao governo americano, e no próprio hábito de Ryan, aprendido na CIA, de trabalhar com um número restrito de pessoas em vez de conduzir toda a burocracia como se fosse uma orquestra sinfônica. O instinto dizia-lhe que Ryan cooperaria; ele confiaria em seus ex-inimigos para agirem em interesse coletivo. Contudo, uma coisa o traidor Kealty havia conseguido — quem mais teria contado essas histórias à imprensa americana? — criar um impasse político. Política!

A política já fora o centro da vida de Golovko. Membro do partido desde os 18 anos, estudara Lenin e Marx com todo o fervor de um estudante de teologia. Embora com o tempo esse fervor tenha mudado para outra coisa, aquelas teorias lógicas mas inocentes moldaram sua vida adulta, até o momento em que evaporaram, deixando-lhe, pelo menos, uma profissão na qual se destacava. Ele fora capaz de racionalizar sua antiga antipatia com a América em termos históricos: duas grandes potências, duas

grandes alianças. Duas filosofias diferentes atuando num uníssono perverso para criar o último grande conflito do mundo. O orgulho nacional ainda desejava que sua nação tivesse vencido, mas a Rodina não, e era assim. A parte importante da Guerra Fria estava acabada, e com ela o confronto mortal entre a América e o seu país.

Agora eles podiam reconhecer seus interesses comuns, e ocasionalmente agir em cooperação. Isso já havia acontecido. Ivan Emmetovich Ryan procurara-o para pedir-lhe ajuda no conflito americano com o Japão e juntos os dois países haviam alcançado um objetivo vital... uma coisa ainda secreta. Por que diabos, pensou Golovko, o traidor Kealty não revelara esse segredo em vez dos outros?

Mas, não, agora o seu país estava constrangido, e embora essa notícia tivesse dado à mídia recém-libertada um dia cheio quanto o que os americanos haviam tido — ou ainda mais —, ele estava incapacitado de dar um simples telefonema.

Aqueles navios estavam girando seus motores por algum motivo. Ryan estava fazendo algo ou pensando em fazer, e em vez de simplesmente perguntar, ele teria de ser novamente um espião, trabalhando contra outro espião em vez de trabalhar com um aliado. Bem, ele não tinha escolha.

— Forme um grupo especial de estudo para o Golfo Pérsico. Junte tudo que tivermos o mais depressa possível. A América terá de reagir de alguma forma à situação em desenvolvimento. Em primeiro lugar, precisamos determinar o que está acontecendo. Em segundo lugar, o que a América provavelmente sabe. Em terceiro, o que a América fará. Aquele general, G.I. Bondarenko... envolva-o nisto. Ele acaba de passar algum tempo entre os militares americanos.

— Imediatamente, camarada diretor — replicou seu subalterno imediato, retirando-se para cumprir as ordens. Pelo menos isso não tinha mudado!

As condições, pensou, eram excelentes. Nem quente demais, nem frio demais. O Javits Center ficava perto do rio, e isso gerava uma umidade local relativamente alta, o que também era muito bom. Ele estaria num ambiente fechado, e portanto não teria de se preocupar com a radiação ultravioleta danificando o conteúdo de seu recipiente. Quanto ao resto, a teoria do que estava fazendo não era do seu interesse; ele fora instruído brevemente sobre o assunto e iria fazer exatamente o que lhe fora ordenado. Se ia funcionar ou não... bem, isso estava nas mãos de Alá, não estava? O viajante saiu de seu táxi e entrou. -Jamais vira um prédio tão espaçoso, e sentiu certa desorientação depois de pegar seu crachá de visitante e o programa, que mostrava um mapa do interior. No programa havia um índice com a localização de todas as exposições. Com um sorriso matreiro decidiu que duas horas para cumprir seu objetivo e passaria algum tempo olhando os carros, exatamente como todo mundo.

Havia muitos deles, reluzentes como joias, alguns em plataformas giratórias para ser apreciados por quem tivesse preguiça de caminhar ao seu redor; muitos com mulheres seminuas ao lado, gesticulando para os espectadores como se estivessem convidando-os a ter relações sexuais com elas. Embora o que estivesse sendo realmente exposto fossem os automóveis, algumas mulheres eram promissoras, pensou o viajante, observando Olhou os rostos enquanto procurava disfarçar o interesse. Intelectualmente, ele sabia que a América fazia milhões de carros, e em quase todas as formas e cores. Parecia um desperdício imenso — o que era um carro, afinal, se não um método de mover pessoas de um lugar para o outro? E uma vez que com o uso eles ficavam danificados e sujos, esta exibição era uma mentira, mostrando-os como seriam por menos tempo do que o comprador levaria para chegar à sua casa — mesmo nos EUA, como ele vira no percurso desde do hotel.

Mesmo assim, foi uma experiência agradável. Ele havia imaginado a feira como um lugar de compras, mas este não era o tipo de lugar que ele associava ao processo, não um beco repleto de lojas pequenas operadas por mercadores para os quais barganhar era tão importante quanto respirar. Não, na América era diferente. Aqui prostituíam mulheres para vender coisas por um preço predeterminado. Não que ele fosse pessoalmente contra esse tipo de uso das mulheres; o viajante não era casado e tinha os

desejos carnis usuais, mas proclamar isso desta forma ofendia o recato de sua cultura, e embora ele nunca desviasse os olhos das mulheres paradas ao lado dos carros, estava satisfeito por nenhuma delas pertencer à sua parte do mundo.

Todas as marcas e modelos. O Cadillac tinha um estande imenso na seção da General Motors. A Ford tinha outra área particular para todos os seus produtos. Ele atravessou a seção da Chrysler, e seguiu até os fabricantes estrangeiros. Logo percebeu que a seção japonesa estava sendo evitada, indubitavelmente como resultado do conflito americano com esse país — embora muitos dos modelos ostentassem cartazes proclamando FEITO NA AMÉRICA POR AMERICANOS!, em letras de três metros para ser lidas pelos poucos que se dessem ao trabalho. Toyota, Nissan e as outras marcas japonesas teriam um ano ruim, até mesmo a Cressida, a despeito de onde seus modelos fossem montados. Era possível prever isso pela falta de pessoas na área e, ao perceber, seu interesse em carros asiáticos morreu. Não, decidiu o viajante, não nesta região.

Os carros europeus estavam lucrando com a desgraça do Japão, percebeu o viajante. A Mercedes, em particular, estava atraindo uma multidão, especialmente um modelo novo de seu carro esportivo mais caro, pintado num preto profundo e lustroso que refletia as luzes do teto como um pedaço de céu limpo do deserto. Ao longo do caminho, o viajante recebeu dos representantes de cada marca um livreto ilustrado. Enfiou os livretos em sua bolsa de viagem para dar a entender que era exatamente como todos os outros visitantes.

Encontrou uma praça de alimentação e comprou algo para comer, um cachorro-quente, e ele não se preocupou se a salsicha era de porco ou não; a América não era um país islâmico, afinal de contas, e ali ele não precisava se preocupar com essas coisas. Ele passou boa parte do tempo observando os veículos para todos os tipos de terreno, perguntando-se se eles sobreviveriam às estradas primitivas do Líbano e do Irã, e decidindo que provavelmente iriam. Um deles era baseado num tipo militar que ele já vira, e se tivesse de fazer uma escolha, teria sido por aquele, amplo e poderoso. Pegou todo o pacote publicitário para esse e apoiou-se num poste para ler. Carros esportivos eram para afetados. Este tinha substância. Que pena que ele jamais teria um. Verificou as horas. Começo da noite. Mais visitantes estavam chegando, vindo de seus trabalhos para passar a noite alimentando suas fantasias. Perfeito.

Ao longo do caminho ele notara o sistema de ar-condicionado. O ideal seria alojar a sua lata no próprio sistema, mas também tinha sido instruído sobre isso. A epidemia de doença dos Legionários que houvera anos atrás na Filadélfia ensinara aos americanos sobre a necessidade de manter esses sistemas limpos; eles costumavam usar cloro para tratar a água condensada que umedecia o ar circulante, e o cloro mataria o vírus com a mesma precisão que uma bala mataria um homem. Procurando pelo livreto colorido, notou os respiradouros circulares enormes. Ar frio descia dos respiradouros e se espalhava invisível pelo assoalho. Ao ser aquecido pelos corpos na sala, o ar quente subiria de volta para os retornos e através do sistema para resinar — e ser um pouco desinfetado. Portanto, ele precisava escolher um local onde o fluxo de ar seria seu aliado, não seu inimigo. Pensou sobre isso, parado como um comprador de carro interessado. Começou a caminhar mais, passando debaixo de alguns respiradouros, sentindo a brisa suave e fria em sua pele, avaliando uma e outra e procurando um lugar adequado para deixar sua lata. O local era muito importante. O período de borrifo duraria cerca de 15 segundos. Haveria um som sibilante — provavelmente perdido em meio ao ruído do prédio apinhado de gente — e uma névoa. A névoa ficaria invisível em apenas alguns segundos; o material dispersado era muito pequeno, e sendo tão denso quanto o ar circundante, se tornaria parte da atmosfera ambiente e se espalharia aleatoriamente por pelo menos trinta minutos, talvez mais, dependendo da eficácia dos sistemas ambientais no centro. Ele queria expor o máximo de pessoas possível. Consciente desses parâmetros, voltou a caminhar.

Ajudava o fato de que, por mais vasta que fosse, a feira automobilística não preenchia todo o Javits Center. Cada exibição era construída de partes pré-fabricadas como as de um prédio comercial, e por

trás de muitas delas havia faixas amplas de pano, como bandeiras verticais, cujo único propósito era quebrar a linha de visão para as porções vazias do prédio. Elas eram facilmente acessíveis, percebeu o viajante. Não havia cercas de proteção. Era possível passar por trás dessas faixas e contornar uma exibição. Ele viu algumas pessoas realizando pequenas reuniões ali, e alguns funcionários de manutenção em trânsito, e mais ninguém. Os funcionários de manutenção eram um problema potencial.

Seria inútil se a lata fosse recolhida antes de borrifar seu conteúdo. Mas essas pessoas estariam em rotinas regulares, não estariam? Era apenas uma questão de discernir os padrões de seu movimento. Claro. Assim, pensou, onde seria o melhor local? A feira permaneceria aberta ainda por muitas horas. Ele queria escolher um lugar e momento perfeitos, mas fora instruído para não se preocupar muito com isso. Seguiu o conselho ao pé da letra. Era melhor agir de forma segura. Era essa sua missão básica.

A entrada principal é... ali. Pessoas entravam e saíam através do mesmo lado do prédio. As saídas de emergência ficavam em toda parte, todas elas marcadas apropriadamente, mas com alarmes sonoros nelas. Na entrada havia uma fileira de respiradouros de ar-condicionado formando uma espécie de barreira térmica, e os retornos ficavam principalmente no centro do salão de exibição. Assim, o fluxo de ar era designado para se mover para dentro a partir da periferia... e todos precisavam entrar e sair da mesma forma — como fazer isso funcionar ao seu favor? Havia uma fileira de salas de descanso ao lado, com tráfego regular de entrada e saída — perigoso demais; alguém poderia ver a lata, pegá-la e jogá-la numa lata de lixo. Caminhou até o outro lado, folheando seu programa enquanto fazia isso, esbarrando em pessoas e se vendo novamente na beira do setor da General Motors. Depois dela ficavam as seções da Mercedes e da BMW, todas no caminho para os retornos, e ali havia um monte de gente em todas as três áreas; além de tudo, o fluxo de ar para baixo escoaria por parte da entrada saída. As bandeiras verdes bloqueavam a visão da parede, mas havia espaço debaixo delas, área aberta... parcialmente ocultas da vista. Aquele era o lugar. Prosseguiu caminhando, checando o relógio e então o programa para saber os horários das demonstrações. O programa ele enfiou na bolsa de viagem, enquanto sua outra mão corria o zíper do conjunto de barbear.

Circulou mais uma vez, procurando por outro lugar semelhante. Achou um, mas não era tão bom quanto o primeiro. Verificou uma última vez para ver se alguém o seguia. Não, ninguém sabia que ele estava ali, e ele não anunciaria sua presença ou sua missão com uma rajada de tiros de AK-47 ou com a explosão de uma granada. Havia mais de uma forma de ser um terrorista, e ele lamentou por não ter descoberto esta antes. Como ele teria gostado de alojar uma lata como esta num teatro em Jerusalém... mas, não, o momento para isso viria mais tarde, talvez, depois que o maior inimigo de sua cultura estivesse aleijado. Agora ele olhou para os rostos, esses americanos que odiavam tanto a ele e ao seu povo. Vagando em todas as direções, como gado, sem nenhum propósito definido. E então chegou o momento.

O viajante agachou-se atrás de uma exibição, extraiu a lata e deitou-a ao seu lado no piso de concreto. Estava munida de pesos para rolar até a posição apropriada, e, deitada de lado, seria mais difícil de ser vista. Feito isso, pressionou o marcador de tempo mecânico simples e se afastou, caminhando de volta para a área de exibição, dobrando à esquerda para deixar o prédio. Estava num táxi em cinco minutos, voltando para o hotel. Antes de chegar ao seu destino, o marcador de tempo liberou a válvula, e por 15 segundos a lata esvaziou seu conteúdo no ar. O ruído se perdeu em meio à cacofonia da multidão. A nuvem de vapor dispersou-se antes de poder ser vista.

Em Atlanta, era a feira de barcos de corrida. Cerca de metade das pessoas ali estava considerando seriamente comprar um barco, neste ano ou em algum outro. O restante estava apenas sonhando. Que sonhem, pensou este viajante ao sair.

Em Orlando, eram veículos recreativos. Ali foi particularmente fácil. Um viajante olhou por baixo de

um Winnebago, como se para checar o chassi, fez a lata rolar ali e partiu.

No McCormick Center de Chicago, eram utensílios domésticos, um salão vasto, repleto de todos os tipos de mobílias e dispositivos, e de mulheres que os cobiçavam.

Em Houston, era uma das maiores feiras de cavalos dos EUA. Muitos deles eram árabes, como o viajante ficou surpreso em notar, e sussurrou uma oração para que a doença não ferisse essa criatura nobre, tão amada por Alá.

Em Phoenix era equipamento de golfe, um jogo do qual o viajante não conhecia nada, embora tivesse quilos de folhetos a respeito que poderia ler na viagem de volta. Encontrou uma sacola de golfe vazia, com um forro de plástico duro que ocultaria a lata, acionou o marcador de tempo e jogou-a dentro.

Em San Francisco, eram computadores, a feira mais apinhada de todas.

Havia mais de vinte mil pessoas no Moscone Convention Center, tantas que este viajante temeu não conseguir chegar ao pátio externo antes de a lata liberar seu conteúdo. Mas ele o fez, caminhando a passos largos até seu hotel, a quatro quarteirões dali, satisfeito por haver terminado seu trabalho.

A Loja de tapetes estava fechando quando Aref Raman entrou. O Sr.

Alahad trancou a porta da frente e desligou as luzes.

— Minhas instruções?

— Você não fará nada sem ordens diretas, mas é importante saber se será capaz de completar sua missão.

— Isso não é evidente? — indagou Raman com irritação. — Por que você acha...

— Tenho minhas instruções — disse Alahad em tom gentil.

— Sou capaz. Estou pronto — assegurou o assassino ao intermediário. A decisão fora tomada muitos anos antes, mas era agradável proferi-la em voz alta, para outra pessoa, aqui, agora.

— Saberá no momento apropriado. Isso será em breve.

— A situação política...

— Estamos cientes disso, e temos confiança em sua devoção. Vá em paz, Aref. Coisas grandes estão acontecendo. Não sei que coisas são essas, apenas que elas estão acontecendo, e que, no momento certo, o seu ato será a pincelada final da jihad sagrada. Mahmoud Haji manda suas saudações e suas preces.

— Obrigado.

Raman inclinou a cabeça em agradecimento à bênção distante mas poderosa. Havia muito tempo que ele não ouvia a voz do homem através de nada além de um televisor, e sempre que isso acontecia precisava afastar-se, para que os outros não vissem sua reação.

— Tem sido difícil para você — disse Alahad.

— Tem sido — assentiu Raman.

— Estará acabado em breve, meu jovem amigo. Venha até os fundos comigo. Tem tempo?

— Tenho.

— É hora de orarmos.

O Momento da Graça

— Não sou um especialista de área — objetou Clark. Ele já estivera no Irã.

Ed Foley já tinha uma resposta para isso: — Você já esteve lá, e acho que é você quem diz que não há substituto para mãos sujas e bom faro.

— Hoje mesmo ele estava falando isso para os garotos na Fazenda — reportou Ding com um olhar matreiro. — Bem, hoje foi sobre ler pessoas olhando em seus olhos, mas não é a mesma coisa. Bom olho, bom faro, bons sentidos.

Ele não tinha ido ao Irã, e eles não mandariam o Sr. C. sozinho, mandariam?

— Você vai, John — disse Mary Pat Foley, e como ela era a DDO, sua palavra era lei. — O secretário Adler deverá ir para lá muito em breve. Quero que você e Ding vão como observadores. Mantenham-no vivo, e sintam o cheiro do lugar. Quero que leiam como está a atmosfera nas ruas. E só isso.

Apenas um reconhecimento ligeiro.

Era o tipo de coisa que geralmente se fazia assistindo ao material da CNN, mas Mary Pat queria que um agente experiente tomasse o pulso do lugar.

Se havia uma maldição em ser um bom agente de treinamento, era que quando as pessoas que você treinava eram promovidas, elas lembravam de suas lições — e pior, de quem as ensinara. Clark lembrava de ambos os Foleys em suas turmas na Fazenda. Desde o começo ela tinha sido o cowboy — certo, a cowgirl — da dupla, com instintos brilhantes, habilidades fabulosas em cultura russa, e o tipo de dom para ler pessoas com mais profundidade que um psiquiatra... mas um pouco fraca no quesito cautela, confiando um pouco demais em sua carinha de bebê e em sua imitação de loura burra para mantê-la em segurança. Ed carecia de sua paixão, mas tinha a habilidade de formular o Grande Quadro, de fazer previsões quase sempre acertadas. Nenhum dos dois chegava perto da perfeição. Juntos eram uma obra de arte, e John se orgulhava de tê-los ensinado ao seu modo. Pelo menos na maior parte do tempo.

— Certo. Não temos nenhum recurso lá?

— Nada útil. Adler quer fitar Daryaei nos olhos e dizer-lhe quais são as regras. Vocês ficarão hospedados na embaixada francesa. A viagem é secreta.

VC-2 para Paris, transporte francês a partir dali. A intenção é entrar e sair depressa — explicou Mary Pat. — Mas quero que vocês passem uma ou duas horas caminhando por lá, apenas para sentir como estão as coisas, ver o preço do pão, como as pessoas se vestem... vocês conhecem a rotina.

— E teremos passaportes diplomáticos, para que ninguém nos incomode — acrescentou John. — Sim, já ouvi essa antes. Assim como todo mundo na embaixada em 1979, lembram?

— Adler é o secretário de Estado — recordou-o Ed.

— Acho que eles sabem disso — disse John. Também sabem que ele é judeu, não acrescentou.

O voo para Barstow, Califórnia, foi como os exercícios sempre começavam. Ônibus e caminhões subiram nos aviões, e as tropas desceram pelo percurso curto até a única estrada para o Centro Nacional de Treinamento. O general Diggs e o coronel Hamm observaram tudo de seu helicóptero estacionado enquanto os soldados formavam. Este grupo vinha da Guarda Nacional da Carolina do Norte, uma

brigada reforçada. Não era sempre que a Guarda vinha a Forte Irwin, e esta supostamente seria especial. Como durante anos o estado elegera todos os principais senadores e deputados — bem, ao menos até recentemente —, os homens da Carolina recebiam os equipamentos melhores e mais modernos, e haviam tido uma brigada designada para uma das divisões blindadas do Exército. Com toda certeza, eles marchavam como soldados, e havia mais de um ano vinham sendo preparados por seus oficiais para este rodízio de treinamento. Tinham conseguido até mesmo colocar as mãos em combustível adicional, graças ao qual haviam treinado por algumas semanas extras. Agora os oficiais estavam formando seus homens em filas regulares antes de colocá-los no transporte, e a uma distância de quatrocentos metros, Diggs e Hamm puderam ver seus oficiais conversando com seus homens sob o barulho de uma aeronave pousando.

— Parecem orgulhosos, chefe — observou Hamm.

Ouviram um som distante, como uma companhia de tanques dizendo ao seu comandante que estavam prontos para chutar alguns traseiros. Uma equipe de jornalistas estava presente para imortalizar o evento para a TV local.

— Eles são orgulhosos — disse o general. — Soldados devem ser orgulhosos, coronel.

— Só está faltando uma coisa, senhor.

— E o que é, Al?

— Bééééééééé! — exprimiu o coronel Hamm em torno de seu charuto. — Ovelhas para o matadouro. — Os dois oficiais trocaram um olhar. A primeira missão do OpFor era tirar esse orgulho. A Divisão Blindada Corcel Negro jamais perdera um mero conflito simulado para alguma coisa que não fosse uma formação regular — e isso foram muito poucas vezes — E Hamm não planejava começar este mês. Dois batalhões de tanques Abrams, mais um de Bradleys, outro de artilharia, uma companhia de cavalaria e um batalhão de apoio de combate contra seus três esquadrões de Força de Oposição. Não era justo com os visitantes.

Estavam quase acabando. O trabalho mais irritante de todos era misturar o AmFo, que acabou se revelando um belo exercício muscular para os Montanheses. As proporções apropriadas do fertilizante (que era principalmente um composto químico baseado em amônia) e o óleo diesel haviam sido aprendidas num livro. Ocorreu aos dois homens como era engraçado que as plantas gostassem de comer um explosivo tão mortal. O propulsor usado em cartuchos de artilharia também era baseado em amônia, e certa vez, na Alemanha depois da Primeira Guerra Mundial, uma fábrica de fertilizantes químicos para plantas explodira, levando junto a aldeia vizinha. A adição de óleo diesel era em parte para prover um elemento adicional de energia química, mas principalmente para funcionar como agente umedecedor, possibilitando à onda de choque interna propagar-se melhor dentro da massa de explosivo e apressar a detonação. Usaram um tubo grande para a mistura, e um remo, como o de uma canoa, para mexer a massa até que ela adquirisse a consistência apropriada (também haviam aprendido isso num livro). O resultado era uma grande bolha de gosma parecida com lama que se formava em formas semelhantes a tijolos. Esses eles levantavam com as próprias mãos.

Era sujo, fedorento e um pouco perigoso dentro do tambor do caminhão de cimento. Eles se revezavam em turnos para encher o tambor. A portinhola de acesso, projetada para admitir cimento semilíquido, tinha pouco mais de noventa centímetros de diâmetro. Holbrook adaptara um ventilador para soprar ar fresco para o interior do tambor, — porque a fumaça da mistura fresca de AmFo era desagradável e possivelmente perigosa — causava-lhe dores de cabeça, o que era mau sinal. Havia trabalhado nisso por mais de uma semana, mas quando o último tijolo foi alojado com os outros, o tambor estava cheio até três quartos de sua capacidade, o necessário para seus propósitos.

Cada camada fora disposta de forma um pouco regular, e os espaços vazios foram preenchidos com uma mistura que era mais líquida e tinha de ser transportada com balde, de modo que o corpo circular do

tambor ficou tão cheio quanto seria possível com apenas dois homens solitários trabalhando. Se fosse possível ver através do aço, o resultado do trabalho pareceria um gráfico em forma de pizza, a parte não preenchida uma forma em “V” voltada para cima.

— Acho que com isso acabamos, Pete — decretou Ernie Brown. — Temos mais uns 45 quilos, mas...

— Nenhum lugar para colocar — concordou Holbrook, saindo do tambor.

Desceu a escada e os dois saíram para sentar no jardim e pegar um pouco de ar fresco. — . Puta que pariu, estou feliz por ter acabado essa parte!

— Pode repetir isso.

Brown enxugou o rosto e respirou fundo. Estava com a cabeça doendo tanto que teve a impressão de que seu rosto ia cair. Ficariam ali fora por um bom tempo, até expulsarem aquela fumaça maldita dos pulmões.

— Isso deve fazer muito mal para a gente — avaliou Pete.

— Com toda certeza vai fazer mal para alguém. Boa ideia as balas — acrescentou. Lá dentro havia oito tambores de óleo cheios delas, o que provavelmente era exagero, mas era melhor sobrar do que faltar.

— De que vale um bom sundae sem castanhas por cima? — perguntou Holbrook.

— Babaca! — disse Brown, rindo tão alto que quase caiu da cadeira. — Meu Deus, como minha cabeça dói!

A aprovação para a cooperação francesa no encontro chegou de Quai d Orsay com uma velocidade notável. A França tinha interesses diplomáticos com cada país fronteiro ao Golfo, interesses que abrangiam relações comerciais que iam de tanques de guerra a remédios. Ao serem destacadas para a Guerra do Golfo, as tropas francesas viram-se enfrentando produtos franceses, mas esse tipo de coisa não era tão incomum. A aprovação da missão foi comunicada por telefone ao embaixador americano às nove da manhã; este passou um telex para Foggy Bottom em menos de cinco minutos, de onde foi levado ao secretário Adler enquanto ele ainda estava em sua cama. Os militares tinham feito outras notificações, sendo a primeira de todas para a 89ª Esquadrilha Militar na Base Aérea de Andrews.

Tirar o secretário de Estado da cidade com discrição nunca era a mais fácil das tarefas. As pessoas notavam quando políticos tão importantes se ausentavam, e isso certamente dava uma boa matéria de primeira página. Adler iria consultar-se com aliados europeus a respeito de várias questões. Os franceses eram muito mais competentes no controle de sua imprensa, tarefa que era, antes de mais nada, uma questão de escolher bem o momento de agir.

— Sim? — disse Clark, atendendo ao telefone em Marriott, perto de Langley.

— Será hoje — disse a voz.

Uma piscadela. Um meneio de cabeça.

— Ótimo. Certo, já fiz as malas.

Então rolou na cama para dormir mais um pouco. Pelo menos esta missão não exigiria uma reunião de instrução. Ficar de olho em Adler, dar um passeio, voltar para casa. Não havia realmente motivo para se preocupar demais com segurança. Se os iranianos — URIanos era uma expressão com a qual ainda não se habituara — quisessem fazer alguma coisa, dois homens com pistolas não seriam capazes de conseguir muita coisa além de entregar suas armas sem usá-las; além disso, a polícia local ou a segurança iraniana manteria as pessoas hostis afastadas. Ele estaria lá apenas por uma questão burocrática, porque isso era o tipo de coisa que se fazia.

— Estamos indo? — indagou Chavez da outra cama.

— Isso.

— Bueno.

Daryaei olhou seu relógio de mesa, subtraindo oito, nove e 11 horas, e se perguntando se algo saía errado. O arrependimento era a maldição das pessoas em sua posição. Você tomava suas decisões e agia, e apenas depois disso se preocupava realmente, apesar de todo o planejamento investido. Não havia uma estrada dourada para o sucesso. Você adorava correr riscos, um fato nunca apreciado por aqueles que apenas pensavam em ser chefes de Estado.

Não, nada dera errado. Ele tinha recebido o embaixador francês, um infiel muito agradável que ralava a língua local com tamanha perfeição que Daryaei imaginou como se sairia lendo a poesia de seu país. E um homem cortês e reverente, que apresentara o pedido como se estivesse arranjando um casamento de aliança entre famílias, seu sorriso esperançoso também conduzindo os desejos de seu governo. Os americanos não teriam feito o pedido se não nutrissem certa cautela quanto ao povo e a missão do povo de Badrayn. Num caso como aquele, o encontro se daria em território neutro — a Suíça era sempre uma possibilidade — para contato informal mas direto. Neste caso, eles enviariam seu próprio ministro das Relações Exteriores para o local que consideravam um país inimigo... e um judeu ainda por cima! Contato amigável, troca amigável de visões, ofertas amigáveis de relações amigáveis, garantiu o francês. Ele certamente estava torcendo para que tudo corresse bem, e assim a França seria lembrada como a nação que fomentou uma nova amizade — bem, talvez um relacionamento de trabalho —, e se algo corresse mal, então seriam lembrados como o país que tentara promover a paz. Se Daryaei tivesse conhecimentos sobre balé, decerto teria usado essa arte como uma metáfora visual para o processo.

Que se danem os franceses, pensou. Se seu chefe guerreiro Martel não tivesse detido Abd-ar-Rahman em Poitiers, em 732, todo o mundo poderia ser... mas nem mesmo Alá podia mudar a História. Rahman perdera aquela baralha porque ele e seus homens haviam ficado gananciosos, afastando-se da pureza da Fé. Expostos às riquezas do Ocidente, tinham parado de lutar e começado a saquear, e dado às forças de Martel a chance de se reorganizar e contra-atacar.

Sim, essa era a lição para ser lembrada. Sempre havia tempo para saques.

Primeiro era preciso vencer a batalha. Primeiro era preciso destruir as forças do inimigo, e depois pegar o que se quisesse.

Saiu de seu escritório para a sala contígua. Na parede havia um mapa de seu novo país e seus vizinhos, e uma poltrona confortável da qual ele podia vê-lo. Olhar mapas induzia um erro comum. As distâncias eram truncadas. Tudo parecia perto demais, principalmente depois de tanto tempo desperdiçado de sua vida. Tudo parecia ao seu alcance. Nada poderia dar errado agora. Não com tudo tão perto.

Partir era muito mais fácil do que chegar. Como a maioria dos países ocidentais, os EUA preocupavam-se muito mais com aquilo que as pessoas poderiam estar trazendo do que com o que poderiam estar levando. E isso era sensato, pensou o primeiro viajante, enquanto seu passaporte era processado no JFK. Eram 7:05 da manhã, e o voo da Air France, um Concorde supersônico, estava à sua espera para levá-lo para casa. Ele estava com uma coleção imensa de livretos sobre carros, e uma história inventada com cuidado para o caso de alguém perguntar sobre eles, mas seu disfarce não foi desafiado, nem mesmo examinado. Ele estava partindo, e isso era bom. O passaporte foi devidamente selado. Os agentes alfandegários nem mesmo perguntaram-lhe por que ele chegara num dia e partira no seguinte. Viagens de negócios são viagens de negócios. Além disso, era bem cedo, e nada importante acontecia antes das dez.

Na sala de espera da primeira classe da Air France serviram café, mas o viajante não aceitou. Apenas agora seu corpo começava a tremer.

Surpreendente como tudo fora tão fácil. Ao instruí-los sobre a missão, Badrayn dissera-lhes que seria

tranquila, mas o viajante não acreditara, acostumado a lidar com a segurança israelense e sua miríade de soldados e armas. Toda a tensão que sentira — uma sensação de estar amarrado com uma corda — estava passando agora. Na noite anterior dormira mal no hotel; agora subiria no avião e dormiria durante toda a viagem. Quando retornasse a Teerã, riria e pediria a Badrayn outra missão como aquela. Ao passar pelo bufê, viu uma garrafa de champanhe e decidiu servir-se de uma taça. A bebida fazia-o espirrar e era proibida por sua religião, mas era a forma ocidental de celebrar, e ele tinha realmente um motivo para isso. Vinte minutos depois, seu voo foi anunciado e ele seguiu o corredor de embarque com os outros passageiros. Agora sua única preocupação era a desorientação causada pela diferença do fuso horário. O avião decolaria às oito da manhã e chegaria a Paris às 5:45 da tarde! Do café da manhã para o jantar sem nenhuma refeição no meio do dia. Bem, esse era o milagre das viagens modernas.

Dirigiram separadamente para Andrews, Adler em seu carro oficial, Clark e Chavez no carro pessoal desse último, e enquanto o secretário de Estado era autorizado a cruzar o portão, os agentes da CIA tiveram de mostrar suas identificações, o que pelo menos valeu-lhes uma continência do soldado da aeronáutica.

— Você realmente não gosta do lugar, não é? — perguntou o oficial menos graduado.

— Bem, Domingo, na época em que você estava andando de bicicleta com rodinhas, eu estava em Teerã com um disfarce muito fraco, vendo compatriotas sendo conduzidos vendados pelas ruas por um bando de garotos malucos com armas apontadas para eles, enquanto uma multidão gritava Morte à América .

Durante algum tempo, achei que eles iam ser encostados num paredão e fuzilados. Eu conhecia o chefe da estação. Merda, eu o reconheci. Ele passou por uns maus bocados.

Clark lembrou da sensação de estar parado a apenas 45 metros dos reféns, incapaz de fazer qualquer coisa...

— O que você estava fazendo?

— Na primeira vez, um reconhecimento rápido para a CIA. Na segunda, fui parte da missão de resgate que deu com os burros na água em Deserto Um. Na época todos dissemos que tínhamos dado azar, mas aquela operação realmente me assustou. Provavelmente foi melhor que tenha fracassado — concluiu John. — Pelo menos nós os tiramos vivos no fim.

— Então é isso. Lembranças ruins. Não gostou do lugar? Clark encolheu os ombros.

— Na verdade não. Nunca entendi aquela gente. Os sauditas eu entendo.

Gosto um bocado deles. Depois que você quebra o gelo, eles se tornam amigos seus para sempre. Algumas das regras são um pouco estranhas para nós, mas isso não é problema. É um pouco parecido com os velhos filmes, senso de honra e tudo mais, e muita hospitalidade. Em suma, tive muitas experiências boas lá. Mas não do outro lado do Golfo. Minha única recordação boa é de quando saí daquele lugar.

Ding estacionou seu carro. Os dois homens retiraram suas malas enquanto uma sargento vinha recebê-los.

— Indo para Paris, sargento — disse Clark, mostrando de novo a identificação.

— Cavalheiros, podem me acompanhar?

Ela gesticulou na direção do terminal VIP. O prédio baixo, de um só andar, tinha sido esvaziado. Scott Adler estava num dos sofás, lendo alguns jornais.

— Secretário?

Adler levantou os olhos.

— Deixe-me adivinhar, este é Clark, e este é Chavez.

— O senhor teria futuro no ramo da espionagem — disse John, sorrindo.

Trocaram apertos de mão.

— Bom dia, senhor — disse Chavez.

— Foley disse que com vocês minha vida estará em boas mãos — disse o secretário de Defesa.

— Exagero dele. — Clark caminhou alguns metros para pegar um croissant.

Seria tensão?, perguntou John a si mesmo. Ed e Mary Pat estavam certos. Esta seria uma operação de rotina, apenas entrar e sair. Oi, como vai você, coma merda e morra, tchau-tchau. E ele já estivera em situações bem piores do que Teerã em 1979-80 — não muitas, mas algumas. Olhou para o pão. Alguma coisa fizera aflorar aquela velha sensação, o arrepio em sua pele como se alguma coisa estivesse soprando seus pelos, a sensação que lhe dizia para olhar com atenção onde pisa.

— Ele também me disse que vocês estão na equipe da SNIE, e que devo ouvir o que têm a dizer — prosseguiu Adler. Ele, pelo menos, parecia relaxado, percebeu Clark.

— Os Foley e eu já nos conhecemos há um bom tempo — explicou John.

— Já esteve lá antes?

— Sim, secretário. — Clark acrescentou uma explicação de dois minutos que fez o secretário assentir, pensativo.

— Eu também. Fui um dos que os canadenses tiraram de fininho. Tinha chegado apenas uma semana antes. Estava caçando um apartamento quando eles tomaram a embaixada. Perdi toda a diversão — concluiu o secretário de Estado e acrescentou: — Graças a Deus.

— Então conhece um pouco o país? Adler balançou a cabeça.

— Não realmente. Algumas palavras da linguagem. Fui até lá para aprender sobre o lugar, mas não funcionou e fui colocado em outras áreas. Mas quero ouvir mais sobre sua experiência.

— Farei o que puder — disse-lhe John.

Um comandante jovem chegou para dizer que o voo já estava pronto. Um sargento pegou as bagagens de Adler.

Os oficiais da CIA carregaram suas próprias bagagens. Além de duas mudas de roupa, levavam seus coldres laterais — John preferia sua Smith & Wesson; Ding gostava da Beretta .40 — e câmeras compactas. Não dava para prever quando você veria algo útil.

Bob Holtzman tinha muita coisa em que pensar enquanto estava sentado sozinho em seu escritório. Era um ambiente clássico de trabalho para um jornalista: paredes de vidro, que possibilitavam o mínimo de privacidade acústica e também que ele visse o que acontecia na redação. Tudo de que realmente precisava era um cigarro, mas não era mais permitido fumar no Post, o que teria feito Ben Hecht morrer de rir.

Alguém tinha ajeitado as coisas para Tom Donner e John Plumber. Esse alguém só podia ser Kealty. A visão de Holtzman sobre Kealty era a exata imagem espelhada de seus sentimentos por Ryan. Considerava as ideias políticas de Kealty muito boas, progressistas e sensatas. Era apenas o homem em si que não prestava. Em outra época, sua galinhagem teria sido ignorada.

Washington era cheia de mulheres que sentiam pelo poder a mesma atração que as abelhas tinham pelo mel — ou que as moscas tinham por outra coisa. Essas mulheres deixavam-se ser usadas. A maioria saía de seus casos com os políticos mais tristes e sábias; na era do aborto fácil, as consequências mais permanentes pertenciam ao passado. Os políticos eram tão encantadores por natureza que a maioria das mulheres ia embora com um sorriso, sem perceber que tinham sido usadas. Mas algumas saíam magoadas, e Kealty magoara muitas. Uma mulher até mesmo se suicidara. A mulher de Bob, Libby Holtzman, trabalhara nessa matéria, apenas para vê-la ser perdida em meio à algazarra durante o breve conflito com o Japão, e nesse ínterim a imprensa decidira coletivamente que aquilo era notícia velha, e Kealty fora reabilitado na memória de todos. Até mesmo os grupos feministas tinham olhado para seu

comportamento pessoal e, ao compará-lo com suas visões políticas, decidiram que elas pesavam mais na balança. As pessoas precisam ter alguns princípios, não precisam?

Mas esta era Washington.

Kealty havia contatado Donner e Plumber, e isso devia ter acontecido entre a entrevista pela manhã e a transmissão ao vivo à noite. E isso significava...

— Puta merda — praguejou Holtzman quando a lampadazinha acendeu sobre sua cabeça. Isso era notícia! Melhor ainda, era uma notícia que seu editor ia amar.

Donner dissera ao vivo na TV que a fita com a gravação que tinham feito fora danificada. Só podia ser mentira. Um jornalista que mentia diretamente para o público. Não havia muitas regras no mundo do jornalismo, e a maioria delas eram coisas amorfas que podiam ser deturpadas ou evitadas. Mas não essa. A mídia impressa e a eletrônica não se davam muito bem. Competiam pela mesma audiência, e a mais jovem das duas estava vencendo. Apenas a mais jovem?, perguntou-se Holtzman. A TV também era a mais atraente, e talvez uma imagem valesse por mil palavras, mas não quando os enquadramentos eram escolhidos tendo em vista mais o entretenimento que a informação. A TV era a mulher para a qual você olhava. A imprensa era a mulher com quem você casava e tinha filhos.

Mas como provar?

O que podia ser mais apetitoso? Ele poderia destruir aquele pavão, com seus ternos bem feitos, seu cabelo engomado. Ele poderia lançar uma sombra sobre todos os telejornais, e isso aumentaria a circulação! Ele poderia classificar tudo isso como uma cerimônia religiosa no altar da Integridade Jornalística. Arruinar carreiras fazia parte do negócio.

Ele jamais arruinara um colega jornalista, mas sentiu um prazer antecipado com o pensamento de expulsar esse aí do clube.

Mas e quanto a Plumber? Holtzman conhecia Plumber e o respeitava.

Plumber chegara à TV numa época diferente, quando a indústria estava tentando adquirir respeitabilidade, e contratava jornalistas tendo como base suas reputações profissionais, e não sua aparência de astro de cinema. Plumber tinha de saber. E ele provavelmente não ia gostar.

Ryan não tinha como não ver o embaixador colombiano. Era um diplomata de carreira vindo da aristocracia, vestido imaculadamente para encontrar-se com o chefe de Estado americano. O aperto de mão foi forte e cordial. Os galanteios usuais foram trocados diante do fotógrafo oficial e então chegou a hora de conversarem sobre negócios.

— Sr. Presidente — começou, formal —, fui instruído pelo meu governo a inquiri-lo sobre algumas alegações incomuns em sua mídia de massa.

Jack assentiu.

— Que vocês desejam saber?

— Foi reportado que há alguns anos o governo dos Estados Unidos pode ter invadido o meu país.

— Permita-me dizer que a minha administração não defenderá essa atitude sob nenhuma circunstância. Nisso o senhor tem a minha palavra pessoal, e confio no senhor para transmiti-la ao seu governo.

Ryan decidiu servir café ao homem. Ele aprendera que esses pequenos gestos pessoais eram poderosíssimos em acordos diplomáticos, por motivos que ele não conseguia compreender, mas estava disposto a aceitá-los quando funcionavam para ele. Funcionou desta vez, também, e quebrou a tensão do momento.

— Obrigado — disse o embaixador, levantando sua xícara.

— Acredito que é até mesmo café colombiano — disse o presidente.

— Infelizmente, não é o nosso produto de exportação mais famoso — admitiu Pedro Ochoa.

— Não os culpo por isso — disse Jack ao seu visitante.

— Oh?

— Sr. Embaixador, estou ciente de que seu país tem pagado um preço amargo pelos maus hábitos da América. Enquanto eu estava na CIA, precisava examinar todos os tipos de informações concernentes ao tráfico de drogas e os seus efeitos em sua parte do mundo. Não tomei parte na deflagração de nenhuma atividade imprópria em seu país, mas, sim, examinei muitos dados.

Estou ciente dos policiais que vêm sendo mortos... meu próprio pai foi policial, como o senhor sabe... e os juízes, e os jornalistas. Sei que a Colômbia vem trabalhando com mais fervor do que qualquer outro país em sua região para gerar um governo verdadeiramente democrático, e direi mais, senhor. Sinto vergonha de algumas coisas que têm sido ditas nesta cidade sobre o seu país. O problema das drogas não começa na Colômbia, no Equador ou no Peru. O problema das drogas começa aqui, e vocês são tão vítimas quanto nós... na verdade mais. E dinheiro americano que está envenenando o seu país. Não são vocês que estão nos ferindo. Somos nós que estamos ferindo vocês.

Ochoa esperara muitas coisas desta reunião, mas não isto. Pousou a xícara, e sua visão periférica subitamente reportou que estavam sozinhos na sala. Os guarda-costas haviam se retirado. Não havia nem mesmo um assistente fazendo anotações. Mais que isso, Ryan acabara de admitir que as histórias eram verdadeiras — pelo menos em parte.

— Presidente, não é sempre que temos ouvido palavras como essas do seu país — disse ele, num inglês aprendido em casa e polido em Princeton.

— Está ouvindo agora, senhor. — Dois pares de olhos cruzaram-se sobre a mesa. — Não criticarei o seu país, a não ser que o senhor mereça, e na base do que sei, essa crítica não é merecida. Diminuir o tráfico de drogas significa, acima de tudo, atacar a demanda, e essa será uma prioridade desta administração. No momento estamos esboçando uma legislação para punir os usuários de drogas, não apenas aqueles que as vendem. Quando o Congresso for devidamente restabelecido, pressionarei com força a aprovação dessa legislação. Também quero estabelecer um grupo de trabalho informal, composto de membros do meu governo e do seu, para discutirmos a melhor forma de ajudá-los na sua parte do problema; mas sempre com respeito absoluto por sua integridade nacional. A América nem sempre foi uma boa vizinha para vocês. Não posso mudar o passado, mas posso tentar mudar o futuro. Diga-me, o seu presidente aceitaria um convite para que possamos discutir o assunto pessoalmente? — Quero colocar fim nessa loucura de uma voz por todas.

— Acredito que ele veria favoravelmente um convite como esse, com a devida consideração para com o tempo e os outros deveres, é claro. — O que significava, com toda certeza que ele irá querer!

— Sim, senhor, eu mesmo estou aprendendo o quanto um trabalho como esse pode exigir de uma pessoa — disse Jack, acrescentando com um sorriso: — Talvez ele possa me dar alguns conselhos.

— Menos do que o senhor pensa — replicou o embaixador Ochoa.

Ochoa estava imaginando como explicaria este encontro ao seu governo.

Claramente, a oferta de um acordo estava na mesa. Ryan estava oferecendo o que só poderia ser visto na América do Sul como um elaborado pedido de desculpas por algo que jamais admitiria ter feito, e cuja revelação total prejudicaria todos os envolvidos. E, ainda assim, isto não estava sendo feito por questões políticas, estava? Estava?

— Presidente, quanto à sua proposta de legislação... o que o senhor pretende conseguir com ela?

— Estamos estudando isso agora. A maior parte das pessoas, acredito, usa drogas porque são divertidas; elas proporcionam fuga da realidade, ou como queira descrever a razão. De qualquer modo, proporcionam algum tipo de diversão pessoal. Nossas pesquisas sugerem que pelo menos metade das drogas que circulam no país são compradas por pessoas com propósitos recreativos, e não por indivíduos realmente viciados. Acho que podemos fazer com que o uso de drogas deixe de ser divertido.

Como fazer isso? Através de algum tipo de punição por qualquer nível de posse ou intoxicação. Obviamente, não possuímos em nossas prisões espaço para todos os usuários de drogas, mas temos muitas ruas que precisam de limpeza. Para usuários com propósitos recreativos que sejam réus primários, trinta dias limpando as ruas e coletando o lixo de uma área economicamente atrasada, vestindo roupas chamativas. Isso, claro, tirará a maior parte da diversão de usar drogas. O senhor é católico, certo?

— Sou sim. Como o senhor. Ryan sorriu.

— Então já sentiu vergonha. Nós a conhecemos na escola, não é? Este projeto de lei é um ponto de partida, é tudo que temos no momento. As questões administrativas ainda precisam ser examinadas. A Justiça também está examinando algumas questões constitucionais, mas essas parecem ser menos problemáticas do que eu esperava. Quero que isto se torne lei até o final do ano.

Tenho três filhos, e o problema de drogas neste país me assusta muito no nível pessoal. Esta não é uma resposta perfeita ao problema. As pessoas realmente viciadas precisam de algum tipo de ajuda profissional, e agora estamos estudando programas locais de diversos estados em busca de coisas que funcionem de verdade... mas se pudermos eliminar o uso recreativo, isso significará o fim de pelo menos metade do negócio, e de onde eu venho, metade é um bom começo.

— Observaremos esse processo com grande interesse — prometeu o embaixador Ochoa.

Cortar a renda dos traficantes pela metade reduziria sua capacidade de comprar proteção, e ajudaria seu governo a fazer aquilo que ele vinha tentando com tanto afincio, porque o poder monetário do tráfico de drogas era um câncer político no corpo de seu país.

— Lamento as circunstâncias que ocasionaram este encontro, mas estou feliz por termos tido uma chance de discutir estas questões. Obrigado por ser tão direto, embaixador. Quero que o senhor saiba que sempre serei aberto a qualquer intercâmbio de visões. Acima de tudo, quero que o senhor e o seu governo saibam que tenho um grande respeito pela lei, e que esse respeito não se limita às fronteiras de minha nação. Não importa o que porventura tenha acontecido no passado; proponho um novo começo, e sustentarei minhas palavras com ação.

Os dois se levantaram. Ryan segurou novamente a mão do embaixador e conduziu-o até o pátio. Ali ficaram alguns minutos no Jardim Rosa diante de algumas câmeras de TV. O gabinete de imprensa da Casa Branca emitiria um press release sobre um encontro amigável entre os dois. As imagens seriam veiculadas nos telejornais para provar que o relato não era mentiroso.

— A primavera promete ser bonita — comentou Ochoa, reparando o céu limpo e a brisa quente.

— Mas os verões aqui podem ser muito desagradáveis. Diga-me, como é lá em Bogotá?

— Está fazendo calor agora. Nunca é quente demais, mas o sol pode ser inclemente. Este é um belo jardim. Minha esposa adora flores. Ela vai se tornar famosa — disse o embaixador. — Ela desenvolveu sua própria variedade nova de rosa. De algum modo, ela cruzou as variedades amarela e rosa e produziu uma flor de tom quase dourado.

— Como ela a batizou? — Todo o conhecimento de Ryan sobre rosas se restringia à necessidade de se tomar cuidado com os cabos, caules, ou como fosse chamada a parte espinhenta. Mas as câmeras estavam gravando.

— Em inglês, ela se chamaria Exibição da Alvorada. Ao que parece, já usaram todos os bons nomes de rosas — comentou Ochoa, um sorriso amigável.

— Será que poderíamos ter algumas neste jardim?

— Maria ficaria imensamente honrada, presidente.

— Então temos mais de um acordo, señor. — Outro aperto de mão.

Ochoa também conhecia o jogo. Para as câmeras, seu rosto latino resplandeceu no mais amigável dos sorrisos diplomáticos, mas o aperto de mão também teve calor genuíno.

— Exibição da Alvorada... para um dia realmente novo para todos nós, presidente.

— Tem a minha palavra.

Então saíram. Ryan caminhou de volta para a Ala Oeste. Arnie o estava esperando. Era amplamente conhecido, mas pouco admitido, que o Salão Oval tivesse, ocultos, mais microfones que um estúdio de gravação.

— Você está aprendendo. Está realmente aprendendo — observou o chefe de gabinete.

— Essa foi fácil, Arnie. Estamos fodendo essa gente há muito tempo. Tudo que precisei fazer foi dizer a verdade. Quero essa legislação em vigor o mais rápido possível. Quando o projeto de lei estará pronto?

— Dentro de umas duas semanas. Vai causar muito rebuliço — alertou.

— Não me importo — replicou o presidente. — Que tal tentar alguma coisa que surta resultados em vez de gastar todo o dinheiro em atitudes inúteis? Experimentamos derrubar aviões. Experimentamos assassinato. Experimentamos interdição. Experimentamos... perseguir os traficantes. Exaurimos todas as possibilidades, e elas não funcionaram porque há muito dinheiro envolvido para que as pessoas desistam dele. Que tal irmos à raiz do problema para variar?

— Apenas estou dizendo que será difícil.

— E que coisa útil não é? — indagou Ryan, voltando para seu escritório. Em vez da porta direta pelo corredor, passou pela sala de secretariado. — Ellen? — disse o presidente, gesticulando para o Salão Oval.

— Estou corrompendo o senhor? — perguntou a Sra. Sumter, trazendo seus cigarros, sob os sorrisos mal disfarçados das outras damas na sala.

— Cathy poderia achar que sim, mas não vamos contar-lhe, vamos?

Na santidade de seu escritório, o presidente dos Estados Unidos acendeu um esquelético cigarro de mulher, celebrando com um vício o ataque a outro e, a propósito, o fato de ter neutralizado um terremoto diplomático.

Estranhamente, os últimos viajantes deixaram a América pelo aeroporto internacional de St. Paul, em Minneapolis, através de voos da Northwest e da KLM. Badrayn ainda suaria por muitas horas. No interesse da segurança, nenhum viajante recebera um número de telefone para ligar e proclamar seu sucesso, alertar sobre o fracasso, ou entregá-lo a seus captores, associando-o assim à URI com algo mais que suas próprias palavras. Em vez disso, Badrayn colocara homens a postos em todos os aeroportos de retorno com voos marcados. Quando os viajantes saltavam de seus voos na Europa e eram reconhecidos visualmente, então telefonemas eram feitos através de circuitos intrincados, a partir de aparelhos públicos, usando cartões telefônicos previamente pagos e anônimos.

O retorno bem-sucedido dos viajantes a Teerã iniciaria a operação seguinte. Sentado num escritório nessa cidade, Badrayn não tinha mais nada a fazer senão olhar para o relógio e ficar preocupado. Estava conectado à Internet através de seu computador; vinha lendo as páginas de notícias sem encontrar nada relevante. Nada estaria certo até que todos os viajantes tivessem retornado e feito seus relatórios individuais. E nem mesmo então, realmente. Levaria três ou quatro horas, talvez cinco, até que as linhas de e-mail do CDC começassem a gritar. Só então ele saberia.

O Momento da Confrontação

O voo sobre o lago foi agradável. O VC-20B era mais um miniavião de passageiros do que um jato comercial, e os tripulantes da Força Aérea, que para Clark pareciam ter idade suficiente apenas para tirar carteira de motorista, conduziram a aeronave com suavidade. O avião começou sua descida até a escuridão densa da noite europeia, finalmente aterrissando num campo de pouso militar a oeste de Paris.

Não houve uma cerimônia de chegada propriamente dita, mas Adler era um oficial de posto ministerial e precisava ser recebido, mesmo numa missão secreta. Neste caso, um oficial de alto nível — ainda que civil —, caminhou até a aeronave até os motores pararem. Adler reconheceu-o enquanto as escadas desciam.

— Claude!

— Scott. Congratulações sobre sua promoção, meu velho amigo! Em respeito aos costumes americanos, não foram trocados beijos.

Clark e Chavez olharam em torno, atentos para o menor sinal de perigo, mas tudo que viram foram militares franceses, ou talvez policiais — não era possível dizer daquela distância —, parados num círculo, com armas em evidência. Os europeus tinham um gosto por mostrar pessoas com metralhadoras, mesmo nas grandes cidades. E provavelmente surtia um efeito salutar sobre os assaltantes de rua, pensou John, que parecia um pouco excessivo. Em todo caso, não esperavam perigos especiais na França, e de fato não houve nenhum. Adler e seu amigo entraram num veículo oficial. Clark e Chavez entraram no carro de escolta. A tripulação de voo retirou-se em licença especial, o que, em linguagem da Força Aérea, significava uma folga para confraternizar com seus colegas franceses.

— Ficaremos na sala de espera durante alguns minutos, aguardando o avião ser preparado — explicou um coronel da Força Aérea francesa. — Vocês querem se refrescar?

— Merci, mon commandant — respondeu Ding. Sim, pensou, os franceses sabem fazer você se sentir seguro.

— Obrigado por nos ajudar a preparar isto — disse Adler ao amigo. Ambos haviam trabalhado juntos como funcionários do corpo diplomático, uma vez em Moscou e em Pretória. Ambos eram especializados em acordos delicados.

— Não foi nada, Scott.

De fato não havia sido, mas diplomatas falam como diplomatas, mesmo quando não precisam ser. Claude já o ajudara a superar um divórcio de uma forma tipicamente francesa, o tempo todo falando como se ambos estivessem fazendo negociações. Era quase uma piada entre os dois.

— Nosso embaixador reporta que ele será receptivo ao tipo certo de abordagem.

— E qual seria ela? — perguntou o secretário de Estado ao seu colega.

Chegaram ao que parecia ser o clube de oficiais da base, e um minuto depois estavam numa sala de jantar privada, com uma garrafa de Beaujolais sobre a mesa. — O que você acha de tudo isto, Claude? O que Daryaei quer?

O encolher de ombros era tão característico do jeito de ser francês quanto o vinho, que Claude serviu. Fizeram um brinde, e o vinho estava soberbo mesmo para os padrões do serviço diplomático

francês. Então chegou a hora de trabalho.

— Não temos certeza. Temos pensado muito a respeito da morte do premiê turcomeno.

— Não ficaram preocupados com a morte de...

— Acho que ninguém tem dúvidas a respeito disso, Scott, mas também já era tempo disso acontecer, não concorda?

— Não exatamente. — Outro gole. — Claude, você ainda é a maior autoridade em vinhos que conheço. No que está pensando?

— Provavelmente em muitas coisas. Seus problemas domésticos... vocês americanos não se preocupam com eles tanto quanto deveriam. O povo de Daryaei está inquieto, um pouco menos agora que ele conquistou o Iraque, mas o problema ainda existe. Acreditamos que ele precisa consolidar-se antes de fazer qualquer outra coisa. Também achamos que o processo pode não render frutos. Estamos esperançosos, Scott. Estamos esperançosos de que os aspectos extremos do regime ficarão moderados com o tempo, provavelmente não muito tempo. É preciso. Não estamos mais no século VIII, nem mesmo naquela parte do mundo.

Adler dedicou alguns segundos a considerar isso. Meneou a cabeça, pensativo.

— Espero que vocês tenham razão. O sujeito sempre me meteu medo.

— Todos os homens são mortais. Ele está com 72 anos e trabalha demais.

Em todo caso, precisamos ficar de olho nele, não precisamos? Se ele se mover, então nós nos moveremos juntos, como no passado. Nós e os sauditas também conversamos sobre isso. Eles estão preocupados, mas não desesperados. Nossa avaliação é a mesma. Aconselhamos vocês a manter o autocontrole.

Claude pode ter razão, ponderou Adler. Daryaei estava velho, e consolidar o governo sobre um país recém-adquirido não era exatamente uma tarefa trivial.

Mais do que isso, a forma mais fácil de derrotar um país hostil, se você tivesse paciência, era ser gentil com os desgraçados. Um pequeno tratado comercial, alguns jornalistas, um pouco de CNN, e alguns filmes de censura livre; coisas assim podiam fazer maravilhas. Se você tivesse paciência. Havia muitos jovens iranianos em universidades americanas. Esse podia ser o modo mais eficaz que a América tinha para mudar a URI. O problema era que Daryaei também devia ter ciência disso. E aqui estava ele, Scott Adler, secretário de Estado, um posto que jamais almejara, e muito menos acreditara poder alcançar, e era sua obrigação saber o que fazer em seguida. Mas ele tinha conhecimentos em história da diplomacia suficientes para saber por onde começar.

— Ouvirei o que ele tem a dizer, Claude, e não estamos querendo fazer novos inimigos. Acho que você sabe disso.

— D'accord. — Ele encheu novamente a taça de Adler. — Infelizmente, você não encontrará nada parecido com isto lá em Teerã.

— E dois é o meu limite quando estou trabalhando.

— A sua equipe de voo é excelente — assegurou-lhe Claude. — Eles costumam conduzir nossos ministros.

— Quando a hospitalidade de vocês deixou a desejar?

Para Clark e Chavez foi uma água mineral Perrier, mais barata de comprar aqui do que nos EUA, imaginaram ambos, embora os limões provavelmente não fossem.

— E então, como estão as coisas em Washington? — perguntou um colega francês, aparentemente apenas para matar tempo.

— Muito esquisitas. Você sabe, é impressionante como o país está calmo.

Talvez perder um bando de gente do governo ajude — disse John, procurando se esquivar do assunto.

— E toda essa conversa sobre o presidente e suas aventuras?

— Boa parte me soa como coisa de cinema — disse Ding, seu rosto o retrato da honestidade.

— Roubar um submarino russo? Sozinho? Puta que pariu — disse Clark com um sorriso. — Queria saber quem inventou isso.

— Mas e quanto ao chefe de informação russo? — objetou seu anfitrião. — É ele mesmo. O homem apareceu na televisão.

— Sim... bem, aposto que nós lhe pagamos uma tonelada de grana para passar para o nosso lado.

— Deve estar pensando em escrever um livro e enriquecer ainda mais — disse Chavez. Ei, *mon ami*, somos apenas abelhas-operárias, certo?

Não colou. Clark olhou para os olhos de seu inquisidor e eles apenas piscaram. O homem era do DGSE, e ele conhecia um espião quando via um.

— Então tome cuidado com o néctar que encontrarão onde estão indo, meu jovem amigo. Talvez seja... doce demais.

Era como o começo de um jogo de cartas. Ele estava embaralhando.

Provavelmente queria apenas uma partida, e totalmente amigável, mas essa partida precisaria ser jogada.

— O que você quer dizer?

— O homem com quem vocês vão se encontrar... ele é perigoso. Tem a aparência de saber o que não sabemos.

— Já trabalhou no país? — perguntou John.

— Já viajei pelo país, sim.

— E? — este foi Chavez. .

— E nunca os entendi.

— Sim — concordou Clark. — Entendo o que você está dizendo.

— Homem interessante, o seu presidente — disse novamente o francês, os olhos brilhando com a curiosidade característica de um agente.

John fitou bem seu olhos e decidiu agradecer ao homem por seu aviso, de profissional para profissional.

— Sim, ele é. É um de nós — assegurou Clark.

— E todas essas histórias divertidas?

— Não posso dizer — falou com um sorriso. Claro que são verdade. Você acha que eles têm inteligência suficiente para inventar esse tipo de coisa?

Os dois homens estavam pensando na mesma coisa, e ambos sabiam disso, embora nenhum dos dois pudesse falar em voz alta: Uma pena que não possamos passar uma noite comendo e trocando histórias. Mas não podia ser feito.

— Na volta eu vou pagar uma bebida.

— Na volta, vou aceitar.

Ding ficou calado, assistindo. O velho sacana ainda tinha o jogo correndo nas veias, e ainda havia lições a aprender com ele.

— É bom ter você como amigo — disse Ding cinco minutos mais tarde, a caminho do avião francês.

— Melhor que um amigo, um profissional. É bom dar ouvidos a gente como ele, Domingo.

Ninguém jamais disse que governar era fácil, mesmo para aqueles que invocavam a palavra de Deus para praticamente tudo. A decepção, mesmo de Daryaei, que, de uma forma ou outra, governava o Irã havia quase vinte anos, residia em todas as papeladas burocráticas que alcançavam sua mesa e roubavam seu tempo. Ele nunca admitira que aquilo era inteiramente culpa sua.

Ele via suas leis como justas, embora fossem consideradas duras por outros. A maioria das violações

dessas leis exigia morte para o criminoso, e mesmo pequenos erros administrativos da parte de burocratas podiam acabar com uma carreira — e o nível de misericórdia dependia, obviamente, da magnitude do erro. Um burocrata que dizia não a tudo, sempre afirmando que a lei era clara num aspecto, fosse ela ou não, raramente se envolvia em problemas. Um burocrata que se curvava à vontade do governo nas menores atividades cotidianas fortalecia o poder de Daryaei. As decisões eram tomadas com facilidade e não causavam transtornos ao árbitro em questão.

Mas a vida real não era tão simples. As questões práticas de comércio, por exemplo — desde o preço do melão até a problemática do barulho nas imediações das mesquitas — requeriam uma certa dose de julgamento, porque o Corão Sagrado não previra todos os problemas, assim como a lei civil também não. Mas julgar qualquer coisa era arriscado, porque qualquer interpretação de qualquer lei poderia incorrer num erro teológico, e aquele era um país no qual a apostasia era crime capital. E assim os burocratas de nível inferior, quando diante da necessidade de dizer sim a um pedido, tendiam a chutar o problema para cima, o que concedia a um funcionário de alto nível a chance de dizer não, o que lhes era muito fácil depois de toda uma carreira fazendo isso, com um pouco mais de autoridade, um pouco mais de responsabilidade, e muito mais a perder caso um superior discordasse nas raras ocasiões quando ele dizia um sim. Tudo isso significava que os problemas continuavam sendo chutados pirâmide acima. Entre Daryaei e a burocracia havia um conselho de líderes religiosos (ele fora um membro deles no governo de Khomeini), e um parlamento titular, e funcionários públicos experientes, mas, para a decepção do líder da URI, o princípio se mantinha, e ele era obrigado a lidar com questões tão importantes quanto as horas comerciais nos mercados, o preço da gasolina e as provas ocasionais de mulheres para ingresso nas escolas. A expressão azeda que ele adotava para essas questões triviais apenas tornava seus subalternos mais obsequiosos ao apresentar seus prós e contras, o que concedia uma dose adicional de gravidade ao absurdo, enquanto eles procuravam angariar simpatia por ser rígidos (opondo-se a tudo que estava na mesa) ou sendo práticos (apoiando essas coisas). Obter a simpatia de Daryaei em o maior jogo político da cidade, e ele inevitavelmente via-se amarrado como um inseto numa teia de aranha ao ponderar sobre cada pequena questão, enquanto precisava de todo o tempo possível para dedicar-se às causas realmente importantes. A parte surpreendente de tudo isso era que ele jamais entendia por que seu povo não podia tomar alguma iniciativa, embora costumasse ocasionalmente destruir pessoas por tomarem alguma.

E era nisso que estava pensando ao pousar em Bagdá para encontrar-se com alguns líderes religiosos locais. A questão do dia era qual mesquita necessitando de concertos seria reparada primeiro. Era sabido que Mahmoud Haji era uma de suas favoritas para orar, outra por sua beleza arquitetônica, e uma terceira por seu grande significado histórico, enquanto a gente da cidade amava outra — e não seria uma boa ideia, politicamente, proceder à manutenção dessa primeiro, para melhor assegurar a estabilidade política da região? Depois disso vinha o problema do direito das mulheres em dirigir carros (o regime iraquiano anterior fora extremamente liberal nesse sentido!), o que era reprovável, mas era difícil retirar um direito já adquirido, e o que fazer nos casos das mulheres que não tinham homens (viúvas, por exemplo) para conduzi-las, nem dinheiro para contratar um motorista? O governo deveria cuidar de suas necessidades? Algumas — médicas e professoras, por exemplo — eram importantes para a sociedade local. Por outro lado, como o Irã e o Iraque eram agora uma nação única, a lei precisava ser a mesma, e como conceder ou negar um direito às mulheres iraquianas? Havia sido por causa dessas questões importantes e mais algumas que embarcara bem cedo para Bagdá.

Sentado em seu jato particular, olhou para sua agenda e sentiu vontade de gritar, mas era um homem paciente demais para isso, ou pelo menos foi o que disse a si mesmo. Afinal de contas, tinha preparativos importantes para fazer.

Na manhã seguinte encontraria o judeu que era ministro das Relações Exteriores dos Estados Unidos. Sua expressão, enquanto olhava os documentos, assustou até mesmo a tripulação de voo, embora

Mahmoud Haji não notasse isso, e mesmo se tivesse notado, não entenderia o motivo.

Por que as pessoas não podem tomar um pouco de iniciativa?

O jato era um Dassault Falcon 900B, com cerca de nove anos de uso, semelhante em tipo básico e função ao VC-20B da Força Aérea americana. A tripulação era liderada por dois oficiais da Força Aérea francesa, ambos muito graduados para este avião; havia também duas aeromoças, ambas extremamente encantadoras. Para Clark, pelo menos uma era espiã do DSGE. Ele gostava dos franceses, especialmente dos seus serviços de informação. Por mais problemática que a França pudesse ser como aliada, quando os franceses agiam no mundo negro, sabiam trabalhar muito acima da média. Felizmente, no caso em questão, aeronaves são ruidosas e difíceis de ser grampeadas com escutas eletrônicas. Isso talvez explicasse por que uma das aeromoças aparecia a cada 15 minutos para perguntar se precisavam de alguma coisa.

— Nada especial que precisemos saber? — indagou John depois de recusar com um sorriso mais um oferecimento das aeromoças.

— Na verdade não — replicou Adler. — Queremos sentir como é o sujeito, o que ele está pretendendo fazer. Meu amigo Claude, aquele lá em Paris, disse que essas coisas não são tão ruins quanto parecem, e seus argumentos pareceram sólidos. Meu trabalho será basicamente entregar a mensagem usual.

— Seja um bom menino — disse Chavez com um sorriso. O secretário de Estado sorriu.

— Alguma coisa mais diplomática, mas sim. Qual é a sua formação, Sr.

Chavez? Clark gostou dessa: — Você não vai querer saber de onde vim.

— Acabo de terminar minha tese de mestrado — disse orgulhoso o jovem espião. — Recebo o canudo em junho.

— Por onde?

— George Mason University. Sou orientando da professora Alpher. Isso aguçou o interesse de Adler.

— Mesmo? Ela já trabalhou para mim. Qual é o tema da tese?

— É chamado Um Estudo em Sabedoria Convencional: Manobras Diplomáticas Errôneas na Europa da Virada do Século .

— Os alemães e os ingleses? Ding assentiu.

— Principalmente, e em especial as corridas navais.

— Sua conclusão?

— As pessoas não reconheciam a diferença entre objetivos táticos e estratégicos. Os caras que achavam estar pensando no futuro estavam pensando no agora . Como confundiam política com governo, acabaram numa guerra que derrubou toda a ordem europeia, deixando nada mais que tecido cicatrizado em seu lugar.

Ouvindo esse breve discurso, Clark pensou o quanto era notável a forma como a voz de Ding mudava quando ele falava sobre seu trabalho de escola.

— E você é também um SPO? — perguntou o secretário de Estado, com certo grau de incredibilidade.

Um sorriso bem latino reapareceu.

— Já fui. Desculpe se não pareço um gorila, senhor.

— Então por que Ed Foley colocou vocês dois como meus guarda-costas?

— A culpa é minha — disse Clark. — Eles querem que a gente dê uma volta por lá e sintam o cheiro da situação.

— Sua culpa? — indagou Scott.

— Fui o oficial de treinamento deles há muito, muito tempo — explicou John, e isso mudou

inteiramente a face da conversa.

— Vocês são os caras que tiraram o Koga! São os caras que...

— Sim, estivemos lá — confirmou Chavez. O secretário de Estado provavelmente tinha autorização para essas informações. — Diversão a granel.

O secretário de Estado disse a si mesmo que devia ficar ofendido por ter dois espiões de campo com ele. Como o mais jovem dissera, eles não pareciam gorilas. Agora, quanto a ter feito mestrado na George Mason...

— Vocês também são os caras que reportaram a respeito de Brett Hanson no caso de Goto. Aquilo foi um bom trabalho. Na verdade, um trabalho excelente.

— Ele tinha se perguntado o que aqueles dois estavam fazendo numa equipe SNIE para a situação da URI. Agora sabia.

— Mas ninguém ouviu — comentou Chavez. Aquilo tinha sido um fator decisivo na guerra com o Japão, e causado maus bocados para os dois naquele país. Mas também lhes dera algumas informações reais sobre como a diplomacia e o governo não tinham mudado muito desde 1905. Foi um vento fétido que deixou a todos atordoados.

— Vou ouvir — prometeu Adler. — Me contem depois como foi o seu passeio, tá?

— Com toda certeza. Acho que o senhor inclusive precisará saber — observou John, uma sobranalha levantada.

Adler virou-se e gesticulou para uma das aeromoças, a morena bonita que Clark apostava ser espiã. Ela era charmosa pra diabo, e de uma beleza estonteante, mas parecia um pouco desajeitada demais na cabine para parecer uma aeromoça de tempo integral.

— Sim, monsieur ministro?

— Quanto tempo até aterrissarmos?

— Quatro horas.

— Certo. Pode nos arranjar um baralho e uma garrafa de vinho?

— Certamente. — Virou-se e caminhou até a cozinha.

— Não podemos beber em serviço, senhor — disse Chavez.

— Estarão fora de serviço até pousarmos — disse-lhes Adler. — E gosto de jogar cartas antes de uma dessas sessões. É bom para os nervos. E então, cavalheiros, que tal um joguinho amigável?

— Bem, secretário, se o senhor insiste... — replicou John. — Pode ser pôquer?

Todos sabiam onde estava a linha. Nenhuma comunicação tinha sido trocada, pelo menos não entre Pequim e Taipé, mas a linha era conhecida e até mesmo entendida; gente de uniforme tende a ser prática e observadora. As aeronaves da República Popular da China nunca se aproximavam mais do que dez milhas náuticas (15 quilômetros) de uma certa linha norte-sul, e as aeronaves de Taiwan, reconhecendo esse fato, mantinham a mesma distância do mesmo pedaço invisível de longitude. As pessoas em cada lado da linha podiam fazer tudo que lhes aprouvesse, parecer tão agressivas quanto desejassem, gastar toda munição que pudessem pagar, e isso sem trocar uma única mensagem tática de rádio com o outro lado. Era tudo no interesse da estabilidade. Brincar com armas carregadas era sempre perigoso, tanto para nações-Estado quanto para crianças, e embora as crianças pudessem ser disciplinadas com certa facilidade, as nações-Estado eram crescidinhas demais para isso.

Os EUA agora tinham quatro submarinos no estreito de Formosa. Esses estavam estacionados na — sob — a linha invisível, que era o lugar mais seguro no qual estar. Outro conjunto de três navios estava agora na extremidade norte da passagem, um cruzador, o USS Port Royal, juntamente com os destróieres The Sullivans e Chandler. Todos eram navios dotados com mísseis terra-ar, equipadas com um total de 250 mísseis SM2-MR. Normalmente sua função era proteger porta-aviões de ataques aéreos, mas seu porta-aviões estava em Pearl Harbor sofrendo substituição de motores. Os Port Royal e The Sullivans —

o nome de uma família de marinheiros mortos na mesma nau em 1942 — eram ambos navios Aegis com radares SPY poderosos, que agora estavam vasculhando atividade aérea enquanto os submarinos cuidavam do restante. O Chandler tinha uma equipe especial ELINT a bordo para manter registro de transmissões vocais por rádio. Como tiras fazendo uma batida, não estavam lá exatamente para interferir nos exercícios de ninguém, e sim para lembrar as pessoas de que a Lei estava por perto e que, enquanto estivessem ali, as coisas não fugiriam ao controle. Pelo menos era essa a ideia. E se alguém objetasse contra a presença de navios americanos, seu país diria que os mares estavam livres para a passagem inocente de todos, e eles não estavam no caminho de ninguém, estavam? O fato de que faziam realmente parte do plano de outra pessoa não estava claro para ninguém. E o que aconteceu em seguida confundiu quase todos.

Era alvorada no ar, embora ainda não na superfície, quando quatro caças da China saíram do continente, rumando para leste. Cinco minutos depois, foram seguidos por mais quatro caças. Essa rotina foi acompanhada pelos navios americanos no alcance extremo de seus radares. Designaram-se números de rastreamento aos caças, e o sistema de computador acompanhou seu progresso para a satisfação dos homens e oficiais no CIC de Port Royal. Até então eles não mudaram de curso. Então, um tenente levantou um telefone e apertou um botão.

— Sim? — atendeu uma voz grogue.

— Comandante, Combate. Temos uma esquadrilha de aeronaves chinesas, provavelmente caças, prestes a cruzar a linha, azimute dois-um-zero, altitude 4.500 metros, curso zero-nove-zero, velocidade oitocentos quilômetros. Há uma esquadrilha de mais quatro caças alguns minutos atrás.

— Estou indo.

O comandante, parcialmente vestido, chegou ao centro de informações de combate dois minutos depois, não a tempo de ver os caças chineses violarem as regras, mas a tempo de ouvir um terceiro-sargento reportar alguma coisa: — Nova trilha, quatro ou mais caças rumando para oeste.

Para os propósitos da conveniência, o computador fora instruído a designar símbolos de inimigos para os caças da China e símbolos de amigos para os caças de Taiwan. (Ocasionalmente havia também algumas aeronaves americanas no ar, mas essas eram coletoras eletrônicas de informações e estavam fora da linha de fogo.) Neste ponto, havia duas esquadrilhas convergentes de quatro caças cada, a cerca de cinquenta quilômetros de distância uma da outra, mas com uma velocidade de aproximação de mais de 1.600 quilômetros por hora. O radar também estava rastreando seis aviões de passageiros comerciais, todos a leste da linha, cuidando de suas próprias vidas enquanto contornavam as áreas de exercícios.

— Força Seis está alterando curso — reportou um marinheiro. Esta era a primeira esquadrilha vinda do continente, e enquanto o comandante observava, o vetor de velocidade apontou para a direção sul. Enquanto isso, a esquadrilha vinda de Taiwan aproximava-se da esquadrilha chinesa.

— Iluminadores acendendo — disse o chefe no painel de medidas de vigilância eletrônica. — Os caças de Taiwan estão iluminando a Força Seis. Seus radares parecem estar no modo de rastreamento. Talvez seja por isso que mudaram o curso, pensou o comandante.

— Será que se perderam? — conjecturou o oficial do CIC.

— Ainda está escuro. Talvez tenham apenas ido longe demais.

Eles não sabiam que tipo de equipamento de navegação os caças chineses possuíam, e pilotar um avião de um só lugar sobre o mar à noite não era uma tarefa precisa.

— Mais radares aéreos acendendo, direção leste, provavelmente a Força Sete — disse o chefe de medidas de vigilância eletrônica. Esta era a segunda esquadrilha, que vinha do continente.

— Alguma atividade eletrônica na Força Seis? — perguntou o oficial de CIC.

— Negativo, senhor.

Esses caças haviam continuado sua manobra e agora seguiam para oeste, de volta para a linha, com os F-16s de Taiwan em seu encalço. Foi nesse ponto que a situação mudou.

— Força Sete está virando. Curso agora é zero-nove-sete.

— Isso os coloca nos F-16s... e eles estão iluminando... — observou o tenente, com O primeiro sinal de preocupação na voz. — Força Sete está iluminando os F-16. Radares em modo de rastreamento.

Em seguida os F-16 de Taiwan também alteraram curso. Iriam ter um bocado de trabalho. Os caças de Taiwan eram mais novos, feitos nos EUA e conduzidos por pilotos de elite; consistiam em cerca de um terço da força de ataque aéreo, e estavam cobrindo e respondendo bem às manobras de seus primos do continente. Deixando a Força Seis para retornar, eles necessariamente ficaram mais interessados no voo de escolta, ainda rumando para leste. A velocidade de aproximação era ainda de alguns milhares de quilômetros por hora, e ambos os lados estavam com seus radares de marcação de mísseis funcionando, apontados uns para os outros. Isso era reconhecido internacionalmente como um ato inamistoso, um ato a ser evitado pelo simples motivo de que era o equivalente aéreo a mirar um fuzil na cabeça de alguém.

— Oh-oh — disse o terceiro-sargento no painel de medidas de vigilância eletrônica. — Senhor, os radares da Força Sete acabam de mudar para modo de rastreamento.

Em vez de apenas vasculhar por alvos, os sistemas aéreos agora estavam operando na forma usada para guiar mísseis ar-ar. O que tinha sido apenas inamistoso por alguns segundos agora era francamente hostil.

Os F-16s dividiram-se em dois pares — elementos — e começaram a manobrar livremente. Os caças chineses fizeram o mesmo. A esquadrilha original de quatro aeronaves, Força Seis, não estava além da linha, seguindo para oeste no que parecia uma linha direta para o seu aeroporto.

— Oh, acho que sei o que está acontecendo aqui, senhor, olhe agora...

Um pontinho piscante apareceu na tela, deixando um dos F-16s de Taiwan...

— Puta merda! — disse um marinheiro. — Temos um míssil no ar...

— Correção: dois — disse seu chefe.

Um par de mísseis AIM-120 made in America agora estavam tomando rotas separadas para alvos separados.

— Acharam que era um ataque. Meu Deus — disse o comandante, voltando-se para o oficial de comunicação. — Chame o Comando do Pacífico. Agora!

Não demorou muito. Um dos caças vindos do continente sumiu na tela.

Alertado, o outro fez uma manobra evasiva e desviou-se do míssil no último segundo.

Então ele voltou. O caça chinês que estava mais ao sul também manobrou, e Força Seis virou radicalmente para o norte, seus radares de iluminação agora acesos. Dez segundos mais tarde, mais seis mísseis estavam no ar, rastreando alvos.

— Temos uma batalha nas mãos! — disse o chefe da vigília. O comandante pegou o telefone: — Passadiço, combate, quartéis-generais!

Em seguida, pegou o microfone TBS, contatando os comandantes de suas duas naves, ambas a 16 quilômetros de distância, a oeste e a leste, enquanto o alarme começava a soar no USS Port Royal.

— Estou com ele — reportou o The Sullivans. Esse destróier estava à sua popa.

— Eu também — anunciou o Chandler. Esse estava mais próximo da nação-ilha, mas obtendo a imagem de radar a partir dos navios Aegis através de conexões de dados.

— Foi abatido! — Mais um caça chinês foi atingido e caiu rumo à superfície ainda serena e escura. Cinco segundos depois, um F-16 morreu. Mais tripulantes chegaram ao CIC, assumindo seus postos de combate.

— Comandante, Força Seis está apenas tentando simular...

— Sim, estou vendo isso agora, mas temos um trem descarrilado nas mãos.

E então, previsivelmente, um míssil ficou descontrolado. Eram tão pequenos que os radares dos Aegis estavam com dificuldade para rastreá-los, mas um técnico ampliou a força, jogando seis milhões de watts de energia RF

na área de exercício. Isso deixou a imagem mais clara.

— Merda! — disse um chefe, apontando para a tela tática principal. — Comandante! Olhe ali!

Ele entendeu imediatamente. Alguém tinha perdido o que era provavelmente um míssil infravermelho, e o alvo mais quente na região era um Airbus 310 da Air China, com duas imensas turbinas CF6 da General Electric — os mesmos motores básicos que impulsionavam todos os três vasos de guerra americanos —, que pareciam o sol para seu único olho vermelho.

— Chefe Albertson, coloque-o de prontidão — gritou o contramestre.

— Air China Seis-Seis-Seis, aqui fala um navio de guerra americano. Vocês são alvo de um míssil se aproximando do noroeste. Repito: manobrem imediatamente. Vocês estão sendo seguidos por um míssil vindo do noroeste!

— Como? Como?

Mas o avião começou a se mover, virando para a esquerda e descendo. Não que isso importasse.

O vetor de velocidade do míssil nunca se afastou do alvo. Havia uma esperança de que o combustível do míssil acabasse a uma pequena distância do avião de passageiros, mas ele estava se movendo a mach 3, e o voo da Air China já estava perdendo velocidade, iniciando a aproximação de seu campo de pouso. Ao baixar o nariz, o piloto apenas facilitou as coisas para o míssil.

— É um avião grande — disse o comandante.

— Apenas dois motores, senhor — comentou o oficial de armamento.

— Acertaram — comunicou um oficial de radar.

— Faça-o descer, companheiro, faça-o descer. Oh, porra — disse o comandante, querendo dar as costas para o que estava vendo. Na tela, o ponto do 310 triplicou em tamanho e piscou o código de emergência.

— Ele está emitindo Mayday, senhor — disse um oficial de rádio. — O voo triplo seis da Air China está emitindo Mayday... danos no motor e na asa... possível incêndio a bordo.

— A apenas oitenta quilômetros do destino — disse um chefe. — Ele está angulando para uma aproximação direta até Taipé.

— Comandante, todos os postos comunicam que estão ocupados e prontos. Todo o navio está em Condição Um — disse o contramestre.

— Muito bem. — Os olhos do comandante estavam fixos no centro das três telas de radar. O conflito de caças, percebeu, havia acabado logo depois de começar, com três aviões derrubados, outro possivelmente danificado, e ambos os lados recuando para lamber suas feridas e tentar descobrir que diabo havia acontecido. Do lado de Taiwan, outra esquadrilha de caças estava no ar formando-se perto de sua costa.

— Comandante — era o painel de medidas de vigilância eletrônica. — Parece que o radar em cada navio acaba de acender. Fontes de toda parte. Estamos classificando os agora.

Mas o comandante sabia que isso não importava. O que importava era que agora, de acordo com sua tela, aquele Airbus 310 estava reduzindo a velocidade e descendo.

— Operações do Comando do Pacífico, senhor — comunicou o chefe de rádio.

— Aqui é Port Royal — disse o comandante, levantando o fone para o link de rádio para o satélite.

— Acabamos de ter uma pequena batalha aérea aqui... e um míssil se descontrolou e parece ter atingido um avião de passageiros indo de Hong Kong para Taipé. O avião ainda está no ar, mas parece com problemas.

Temos dois MiGs da República Popular da China e um de Taiwan derrubados, e talvez mais um F-16 danificado.

— Quem começou? — indagou o oficial de vigília.

— Achamos que os pilotos de Taiwan dispararam o primeiro míssil. Pode ter sido um acidente. — Explicou depois de alguns segundos. — Transmitirei nosso registro de radar assim que for possível.

— Muito bem. Obrigado, comandante. Passarei a informação para o chefe.

Por favor, nos mantenha informados.

— Faremos isso. — O contramestre desligou o link de rádio e se virou para o oficial de observação.

— Grave uma fita da batalha para transmitirmos para Pearl.

— Sim, senhor.

O Air China 666 ainda estava se dirigindo à costa, mas o radar mostrava que a aeronave estava oscilante em seu curso para Taipé. A equipe da ELINT

em Chandler agora estava ouvindo nos circuitos de rádio. Inglês é a linguagem internacional da aviação, e o piloto em comando do avião de passageiros ferido estava falando com rapidez e clareza, requerendo procedimentos de emergência, enquanto ele e o copiloto lutavam contra os controles. Apenas eles conheciam a magnitude do problema. Todos os outros eram apenas espectadores, torcendo para que o avião aguentasse mais 15 minutos.

Desta vez as notícias subiram rápido pelos canais. O nexa de comunicações foi o gabinete do almirante David Seaton, na colina de frente para Pearl Harbor. O oficial de vigília mais experiente apertou os botões em seu fone para chamar o comandante, que imediatamente mandou-o emitir uma mensagem de nível CRITICO para Washington. Em seguida, Seaton ordenou uma mensagem de alerta para os sete navios de guerra americanos na área — principalmente os submarinos. Depois foram enviadas mensagens para os americanos que estavam observando o exercício nos vários postos militares de Taiwan; essas levariam algum tempo para ser recebidas. Ainda não havia uma embaixada americana em Taipé, e portanto nenhum adido ou agente da CIA poderia correr até o aeroporto e ver se o avião tinha pousado em segurança ou não. A essa altura, não havia nada a fazer a não ser aguardar as perguntas que começariam a chegar de Washington, perguntas que ele ainda não estava em condições de responder.

— Sim? — disse Ryan, atendendo.

— Dr. Goodley para o senhor, presidente.

— Certo. Coloque-o na linha. — Pausa. — O que é, Ben?

— Problema em Taiwan, presidente. Pode ser coisa séria.

O conselheiro de segurança nacional prosseguiu a explicação, contando o que sabia. Não demorou muito tempo.

No todo, foi um exercício de comunicações impressionante. O Airbus ainda estava no ar, e o presidente dos Estados Unidos sabia que havia um problema... e nada mais.

— Certo. Mantenha-me informado. — Ryan baixou os olhos para a mesa que estava prestes a deixar.

— Mas que merda... — Que grandes prazeres conferiam o poder da presidência. Agora ele tinha conhecimento virtualmente instantâneo de algo sobre o que ele não podia fazer nada. Haveria americanos no avião?

Que estava acontecendo?

Podia ter sido pior. Daryaei retornou ao avião depois de ter estado em Bagdá por menos de quatro horas, lidando com problemas ainda mais banais que de costume, e obtendo alguma satisfação com o medo que causara em alguns corações por terem-no incomodado com coisas tão triviais. A acidez no estômago do aiatolá contribuiu para uma expressão ainda mais ácida quando subiu a bordo, encontrou seu lugar e acenou para o comissário, ordenando a tripulação a decolar — o tipo de movimento com o pulso que muitos confundiam com o gesto cortem-lhes as cabeças. Trinta segundos depois, as escadas foram recolhidas e os motores começaram a funcionar.

— Onde você aprendeu este jogo? — perguntou Adler.

— Na Marinha, secretário — respondeu Clark, colhendo as apostas. Ganhara dez dólares até agora, mas a questão não era dinheiro. Era o princípio da coisa.

Ele acabara de aliviar o secretário de Estado em duas pratas.

— Pensei que marinheiros fossem maus jogadores.

— É isso que algumas pessoas dizem. — Clark sorriu enquanto empilhava as moedas de vinte e cinco cents.

— Fique de olho nas mãos dele — aconselhou Chavez.

— Eu estou de olho nas mãos dele — garantiu o secretário.

A aeromoça pediu licença e serviu o restante do vinho. Os dois homens não chegaram nem mesmo a beber duas taças cheias, apenas o bastante para passar o tempo.

— Desculpe, quanto tempo falta? — perguntou o secretário.

— Menos de uma hora, monsieur ministro.

— Obrigado. — Adler sorriu para a moça enquanto ela recuava.

— Rei bate, secretário — disse-lhe Clark.

Chavez checou suas cartas. Par de cincos. Bom começo. Jogou uma moeda no centro da mesa, ao lado da de Adler.

O Airbus 310 de fabricação europeia perdera seu motor direito para o míssil, mas não fora apenas esse o estrago. O míssil guiado por calor chegara pelo lado direito e colidira com a lateral da enorme turbina da GE, com fragmentos da explosão dilacerando o revestimento metálico da asa de bombordo. Alguns fragmentos da asa rasgaram um tanque de combustível — felizmente quase vazio — que deixou um rastro de óleo em chamas, para o pânico daqueles que olharam por suas janelas e viram. Mas essa não foi a parte assustadora. O fogo atrás da aeronave não podia ferir ninguém, e o tanque de combustível rompido não explodiu, como teria acontecido se a colisão tivesse acontecido alguns minutos antes. A notícia realmente ruim foi o dano causado ao trem de pouso da aeronave.

Na cabine de comando, a tripulação de voo de dois homens era tão experiente quanto a de qualquer avião de passageiros internacional. O Airbus podia voar muito bem, obrigado, apenas com um motor, e o motor esquerdo estava ileso, agora funcionando a força plena enquanto o copiloto desligava o lado direito da aeronave e acionava os controles manuais dos avançados sistemas de supressão de incêndio. Numa questão de segundos, os alarmes de alerta de incêndio ficaram silenciosos e o copiloto começou novamente a respirar.

— Dano no elevador do trem de pouso — reportou em seguida o piloto, operando os controles e descobrindo que o Airbus não estava reagindo como deveria.

Mas o problema também não era com a tripulação. O Airbus na verdade voava através de software de computador, um programa executivo imenso que colhia seus dados diretamente da estrutura externa da nave, bem como dos movimentos dos controles dos pilotos, analisando-os, e então dizia aos mecanismos de aterrissagem o que fazer em seguida. Danos de batalha não tinham sido previstos pelos engenheiros do software no projeto da aeronave. O programa notou a perda traumática do motor e decidiu que ocorrera uma explosão, o que lhe fora ensinado a pensar. Os computadores de bordo avaliaram o dano da aeronave, quais mecanismos de aterrissagem funcionavam e com que competência, e ajustaram-se à situação.

— Trinta e dois quilômetros — reportou o copiloto, enquanto o Airbus posicionava-se em seu vetor de penetração direta. O piloto ajustou o manche e os computadores — a aeronave tinha sete — decidiram que isto estava correto e reduziram a força do motor. Tendo queimado a maior parte de seu combustível, o avião estava leve. Eles tinham todo o poder de motor que precisavam. A altitude estava baixa o bastante para que a despressurização não constituísse um problema. Eles podiam guiar a aeronave. Eles

talvez saíssem andando desta, decidiram. Um caça prestativo apareceu para acompanhar o avião de passageiros, verificar o dano e tentar contatá-los por rádio, apenas para ouvirem, num mandarim muito irado, uma ordem de saírem do caminho.

O piloto do caça pôde ver o revestimento do Airbus descarnar, e tentou reportar isso, mas foi ignorado. Ele recuou seu F-5E para observar, mantendo-se em contato com a nave o tempo todo.

— Dezesseis quilômetros.

A velocidade estava agora abaixo de duzentos nós, e eles tentaram abaixar flapes, mas aqueles no lado direito não se estenderam adequadamente; sentindo isso, os computadores também não os estenderam do lado esquerdo. O pouso seria extremamente rápido. Ambos os pilotos franziram a testa, praguejaram e seguiram em frente.

— Trem de pouso — ordenou o piloto. O copiloto acionou os controles e as rodas baixaram... e ficaram na posição adequada, o que valeu um suspiro de alívio da parte dos dois pilotos. Eles não tinham como saber que ambas as rodas do lado direito estavam danificadas.

Avistaram o campo de pouso. Ambos viram os pisca-piscas do equipamento de emergência enquanto cruzavam a divisão de perímetro. O Airbus manobrou para aterrissar. A velocidade normal seria de cerca de 135

nós. Eles desceriam a 195. O piloto sabia que iria precisar de cada metro de espaço disponível, e tocou o solo apenas duzentos metros depois da ponta da pista.

O Airbus bateu forte e começou a correr pela pista, mas não por muito tempo. Os pneus danificados no lado direito duraram cerca de três segundos antes de ambos perderem pressão, e um segundo depois disso a armação de metal começou a cavar uma vala no concreto. Pilotos e computadores tentaram manter um curso reto para o avião; não funcionou. O 310 virou para a direita. O trem de pouso esquerdo partiu com um ruído de tiro de canhão e o jato arrastou a barriga na pista. Por um segundo, pareceu que a nave rodopiaria no gramado, mas a ponta de uma asa bateu no chão e o avião começou a capotar. A fuselagem se partiu em três seções desiguais. Uma língua de fogo se projetou quando a asa esquerda foi desalojada — piedosamente, a parte dianteira da fuselagem soltou-se inteira, assim como a seção traseira, mas o centro parou quase instantaneamente no meio do combustível em chamas, e todos os esforços dos bombeiros não puderam mudar isso. Mais tarde ficaria determinado que 127 pessoas haviam morrido asfixiadas rapidamente. Outras 104 escaparam com ferimentos de gravidade variada, inclusive a tripulação. As imagens de TV seriam transmitidas via satélite na hora seguinte, e um incidente internacional seria agora notícia em todo o mundo.

Clark sentiu um leve arrepio quando seu avião tocou o solo. Olhando pela janela, pensou perceber certa familiaridade, mas admitiu que provavelmente era imaginária; afinal todos os aeroportos internacionais se parecem muito no escuro. Adiante, os aviadores franceses seguiam direcionamentos, manobrando, por uma questão de segurança, até o terminal da Força Aérea, instruídos a seguir outro jato comercial que pousara um minuto antes deles.

— Bem, chegamos — comentou Ding com um bocejo. Estava usando dois relógios, um para a hora local e outro para Washington, e a partir deles tentou decidir que horas seu corpo achava ser. Então, olhou pela janela com toda a curiosidade de um turista e sofreu a decepção usual. A paisagem que estava vendo podia muito bem ser a de Denver.

— Com licença — disse a aeromoça morena. — Fomos instruídos a permanecer no avião enquanto o outro estiver sendo atendido.

Que são mais alguns minutos?, pensou o secretário Adler, tão cansado quanto os outros. Chavez olhou pela janela.

— É aquele ali. Deve ter chegado na nossa frente.

— Pode desligar as luzes da cabine? — pediu Clark à aeromoça. Então apontou para o seu parceiro.

— Por que...

Clark cortou o secretário de Estado com um gesto. A aeromoça fez como lhe foi dito. Ding entendeu sua deixa e tirou a câmera da mala.

— O que está vendo? — perguntou Adler em tom mais baixo enquanto as luzes apagavam.

— Há um Gulfstream parado bem na nossa frente — respondeu John, que agora estava olhando pelo visor da câmera. — Não há muitos deles por aí, e este está indo para um terminal de segurança. Quero descobrir quem veio nele.

Espiões tinham de ser espiões, e Adler sabia disso. Ele não objetou.

Diplomatas colhiam também informações, e saber quem tinha acesso a esse meio de transporte oficial tão caro podia dizer-lhes alguma coisa sobre quem realmente estava dando as cartas no governo da União Republicana Islâmica.

Em poucos segundos, exatamente enquanto suas próprias rodas paravam, um cortejo de carros subiu pela rampa do terminal da Força Aérea iraniana — ou melhor, URiana — até o Gulfstream.

— É alguém importante — deduziu Ding.

— Qual é o filme?

— De 1200 ASA, Sr. C — respondeu Chavez, selecionando o conjunto de teleobjetiva. A aeronave inteira coube no enquadramento. Ele não podia aproximar mais. Começou a bater fotos enquanto a escada era descida.

— Oh — Adler foi o primeiro a dizer. — Bem, isso é bem uma surpresa.

— É Daryaei, não é? — acrescentou Clark.

— É o nosso amigo — confirmou o secretário de Estado.

Ao ouvir isto, Chavez bateu dez fotos rápidas, mostrando o homem sair para ser recebido por alguns colegas, que o abraçaram como um tio que não viam havia muito tempo. Em seguida, conduziram-no até o carro. Os veículos saíram. Chavez bateu mais algumas fotos e depois guardou a câmera de volta na bolsa. Esperaram mais cinco minutos antes de receberem permissão para desembarcar.

— Posso saber que horas são? — perguntou Adler, caminhando até a porta.

— Provavelmente não — decidiu Clark. — Aposto que temos algumas horas de tempo morto antes do encontro.

No sopé das escadas estava o embaixador francês, com um segurança óbvio, e mais dez nativos. Seguiriam até a embaixada francesa em dois carros, com dois veículos iranianos liderando e mais dois seguindo a procissão semiformal. Adler foi com o embaixador no primeiro veículo. Clark e Chavez seguiram no segundo. Havia um motorista e outro homem no banco da frente.

Ambos deviam ser espiões.

— Bem-vindos a Teerã, amigos — disse o homem armado com uma espingarda.

— Merci — replicou Ding, com um bocejo.

— Desculpe fazer vocês acordarem tão cedo — acrescentou Clark. Esse provavelmente era o chefe de estação. As pessoas com quem ele e Ding haviam conversado em Paris tinham ligado antes para comunicar que eles provavelmente não eram os tipos de segurança usados normalmente pelo Departamento de Estado.

O francês confirmou isso.

— Soube que não é a primeira vez que vem aqui.

— Há quanto tempo estão aqui? — perguntou John.

— Dois anos. O carro é seguro — acrescentou, querendo dizer que provavelmente não havia escutas eletrônicas.

— Temos uma mensagem para você de Washington — disse o embaixador a Adler no carro da frente. Então reportou o que sabia sobre o incidente com o Airbus em Taipé. — Acho que terá um bocado de trabalho ao voltar para casa.

— Oh, meu Deus! — observou o secretário. — Exatamente o que precisamos.
Alguma reação?

— Nada que eu saiba. Mas isso mudará em algumas horas. O seu encontro com o aiatolá Daryaei será às dez e meia. Portanto, é melhor dormir um pouco.

Seu voo de volta para Paris será logo depois do almoço. Nós lhe daremos toda a assistência que precisar.

— Obrigado, embaixador. — Adler estava cansado demais para dizer muito mais que isso.

— Alguma ideia sobre o que aconteceu? — perguntou Chavez no carro de trás.

— Sabemos apenas o que nos foi dito pelo governo de vocês.

Evidentemente ocorreu um pequeno combate no estreito de Taiwan, e um míssil atingiu um alvo não intencional.

— Baixas? — foi a pergunta seguinte de Clark.

— Desconhecidas no momento — disse o chefe da estação local da DGSE.

— É meio difícil um avião de passageiros ser atingido sem ninguém morrer — disse Ding, fechando os olhos, ansioso por chegar à embaixada e deitar numa cama macia.

As mesmas notícias foram passadas Daryaei exatamente no mesmo momento. Ele surpreendeu seu colega sacerdote ao ouvir sem esboçar nenhuma reação visível. Mahmoud Haji não comentou isso. Havia muito tempo ele decidira que pessoas que não sabem muito não podiam interferir demais.

A hospitalidade francesa não foi maculada nem mesmo por seu transplante para um local que não podia ser mais diferente do que a Cidade-Luz. Dentro do complexo, três soldados uniformizados coletaram as malas dos americanos, enquanto outro homem usando algum tipo de uniforme conduziu-os aos seus aposentos. As camas estavam postas e havia garrafas de água em baldes de gelo nas mesinhas de cabeceira. Chavez checou novamente seus relógios, resmungou qualquer coisa e tombou na cama. Para Clark, o sono chegou com mais dificuldade. A última vez que ele vira o interior de uma embaixada nesta cidade... o que era isso? questionou a si próprio. O que o incomodava tanto?

O almirante Jackson conduziu o relatório, que contou com uma gravação em vídeo. — Esta é a transmissão recebida do Port Royal. Temos uma fita semelhante com imagens recebidas do The Sullivans. Como não há realmente diferença, usaremos apenas — disse aos outros na Sala de Situação. Começou a mover seu indicador de madeira na enorme tela de TV. — Esta é uma esquadrilha de quatro caças, provavelmente Jianjiji Hongzhaji-7; nós os chamamos de B-7 pela razão óbvia. Dois motores e dois lugares, desempenho e capacidades semelhantes às de um velho Phantom F-4. A esquadrilha saiu do continente e chegou um pouco longe demais. Há uma terra de ninguém bem neste lugar que nenhum dos lados violara até hoje. Aqui está outra esquadrilha, provavelmente o mesmo tipo de aviões e...

— Tem tanta certeza? — indagou Ben Goodley.

— Identificamos a aeronave por seu desempenho e emissões de radar. Um radar não pode identificar diretamente uma aeronave pelo tipo — explicou Robby. — E preciso deduzir os tipos pelo que eles fazem, ou a partir das assinaturas eletrônicas de seu equipamento, certo? Em todo caso, o grupo líder seguiu para leste e atravessou a linha invisível aqui. — O indicador se moveu. — Aqui uma esquadrilha de quatro F-16s de Taiwan com todos os sinos e apitos.

Eles viram que o grupo líder da República Popular da China chegou longe demais e traçaram um curso de interceptação até eles. Então o grupo virou de volta para oeste. Logo depois, mais ou menos... agora, o grupo de trás ligou seus radares, mas em vez de rastrear seu próprio grupo líder, eles apontaram mísseis para os F-16s — O que você está dizendo, Rob? — perguntou o presidente.

— Exatamente o que parece. O grupo líder estava estimulando um ataque ao alvorecer ao continente, e o grupo de trás estava ali para defender o ataque estimulado. Na superfície, tudo isso parece um exercício de treinamento bem comum. Porém, o grupo de trás atingiu as pessoas erradas, e quando alteraram seus radares para o modo de ataque, um dos pilotos de Taiwan deve ter achado que estava sob ataque e disparou um míssil. Então o companheiro ao seu lado fez o mesmo. Zap! Bem aqui, um B-7 é atingido, mas este aqui, por uma tremenda sorte, se esquivou do outro míssil e dispara um, ele também. Este F-16

cai mas o piloto tenta escapar para lutar outro dia; veja, aqui o piloto é ejetado, e achamos que ele sobreviveu. Mas este elemento dispara quatro mísseis, e um deles atinge este avião de passageiros. Este deve ter sido o propósito o tempo inteiro. Nós checamos o alcance; o míssil voou três quilômetros além do que achamos que poderia. Quando o avião de passageiros foi atingido, todos os caças já tinham retornado, os caras da República Popular da China porque provavelmente estavam sem combustível, e os caras de Taiwan porque estavam sem mísseis. De qualquer modo, os dois lados tiveram um desempenho bem desgracioso.

— Está dizendo que foi tudo um erro? — Esta pergunta veio de Tony Bretano. — Com toda certeza sim. Com exceção de uma coisinha...

— Por que transportar mísseis ativados num exercício? — disse Ryan.

— Quase, Sr. presidente. Os pilotos de Taiwan, claro, estavam carregando brancos porque viam o exercício da China como uma ameaça...

— Brancos? — Foi Bretano novamente.

— Perdão, secretário. Os mísseis de verdade são brancos. Os mísseis de exercício: são pintados de azul. A questão é: por que os pilotos da China estavam carregando mísseis termoguiados? Geralmente, em situações como essas, não fazemos isso, porque é impossível desligar esses mísseis; depois que são lançados, eles ficam totalmente por conta própria. Chamamos isso de dispare e esqueça. Uma outra coisa. Todos os mísseis que dispararam nos F-16

eram guiados por radar. Este aqui, o que atingiu o avião de passageiros, parece ser o único míssil guiado por calor que foi lançado. Não gosto do cheiro disto.

— Ato deliberado? — perguntou Jack em tom calmo.

— Essa é uma possibilidade, presidente. O show inteiro parece um acidente, caso clássico. Uns dois pilotos de caça ficam nervosos com alguma coisa, acontece um auê, algumas pessoas morrem e nós nunca conseguiremos provar que não foi assim. Porém, se vocês olharem para este elemento de dois caças, verão que eles parecem estar mirando no avião comercial o tempo inteiro... a não ser que o tenham confundido com um caça de Taiwan, mas não engulo isso...

— Por quê?

— Ele estava na rota errada o tempo todo — respondeu o almirante Jackson.

— Talvez tenha sido excitação de piloto novato — propôs o secretário Bretano.

— Por que não mirar em alguém que está rumando na sua direção em vez de em alguém que está indo para o outro lado? Secretário, sou piloto de caça. Não engulo isso. Se me vejo numa situação de combate inesperada, a primeira coisa que faço é identificar as ameaças a mim e atirar nelas bem entre os olhos.

— Quantas mortes? — inquiriu Jack, sombrio. Ben Goodley respondeu essa: — Os relatos indicam mais de cem. Há sobreviventes, mas eles ainda não têm nenhum tipo de contagem. E provavelmente havia alguns americanos a bordo. Muitas transações comerciais são realizadas entre Hong Kong e Taiwan.

— Opções?

— Antes de fazermos qualquer coisa, presidente, precisamos saber se algum dos nossos está envolvido. Temos apenas um porta-aviões nas proximidades, o grupo de batalha Eisenhower a caminho da Austrália para COPA SUL. Mas é sensato prever que movê-lo para lá não ajudaria exatamente a melhorar a situação entre Pequim e Taipé.

— Precisaremos fazer algum tipo de declaração para a imprensa — disse Arnie ao presidente.

— Primeiro temos de saber se perdemos cidadãos americanos — disse Ryan.

— Se perdemos... bem, o que faremos? Exigiremos uma explicação?

— Eles dirão que foi um engano — repetiu Jackson. — Talvez até mesmo digam que Taiwan atirou primeiro e depois neguem toda sua responsabilidade.

— Mas não vão convencer você, não é, Robby?

— Não, Jack... perdão, presidente, eles não vão me convencer. Quero reexaminar as fitas com algumas pessoas. Talvez eu esteja errado... mas acho que não. Pilotos de caça, são pilotos de caça. Um piloto de caça só atira em alguém que está fugindo em vez de no ataca que está se aproximando, se ele tiver ordens para isso.

— Que tal mover o grupo Ike para o norte? — cogitou Bretano.

— Traga-me planos de contingência para fazer isso — requereu o presidente.

— Isso deixará o oceano Índico a descoberto, senhor — lembrou Jackson. — O Cari Vinson está agora a caminho de casa, para Norfolk. O John Stennis e o Enterprise ainda estão em Pearl, e não temos um porta-aviões disponível no Pacífico. Estamos sem porta-aviões naquela metade do mundo. Na melhor das hipóteses, precisaremos de um mês para movermos outro da frota do Atlântico.

Ryan voltou-se para Ed Foley.

— Quais são as chances da situação pegar fogo?

— O governo de Taiwan vai ficar muito irritado com isto. Houve disparos e pessoas foram mortas. Um avião comercial deles foi derrubado. Os governos costumam ficar muito indignados quando isso acontece — observou o diretor da CIA. — É possível.

— Intenções? — perguntou Goodley ao diretor da CIA.

— Se o almirante estiver correto... a propósito, até agora também não estou engolindo essa história — acrescentou Ed Foley em benefício de Robby. — Então temos algo em andamento, mas não sei que algo é esse. É melhor para todos que isso tenha sido apenas um acidente. Não posso dizer que gosto da ideia de tirar o porta-aviões do oceano Índico com a situação que está se desenvolvendo no Golfo Pérsico.

— Qual é a pior coisa que pode acontecer entre China e Taiwan? — indagou Bretano, aborrecido por precisar fazer essa pergunta. Ainda era novo demais neste trabalho para ser tão eficaz quanto seu presidente precisava.

— Sr. Secretário, a República Popular da China possui mísseis com ogivas nucleares suficientes para transformar Formosa num cinzeiro, mas não temos motivos para acreditar que Taiwan também os tenha e...

— Aproximadamente vinte — interrompeu Foley. — E esses F-16s podem levar uns dois deles até Pequim, se quiserem. Eles não podem destruir a China, mas vinte armas termonucleares farão sua economia regredir em pelo menos dez anos, talvez vinte. A China não quer que isso aconteça. Eles não são loucos, almirante. Vamos prever um desenrolar convencional, certo?

— Muito bem, senhor. A China não possui a capacidade para invadir Taiwan. Eles carecem dos recursos anfíbios necessários para mover um grande número de tropas para um assalto de entrada forçada. Portanto, o que acontecerá se a situação pegar fogo? O cenário mais provável é uma batalha aeronaval sangrenta, mas isso leva a apenas uma resolução, considerando que nenhum dos lados pode acabar com o outro. Isso também significa uma guerra numa das rotas comerciais mais importantes do mundo, com todos os tipos de consequências diplomáticas adversas para todos os jogadores. Não posso ver o propósito de fazer isso intencionalmente. É destrutivo demais para ser uma política proposital... acho. — Deu de ombros. Não fazia sentido, mas um ataque proposital a um avião de passageiros inofensivo... e ele acabara de dizer à sua plateia, isso provavelmente tinha sido deliberado.

— E temos relações comerciais com ambos — comentou o presidente. — Queremos impedir isso, não queremos? Temo que seja preciso mover aquele porta-aviões, Robby. Vamos analisar algumas opções e depois vamos tentar descobrir que diabos a China está pretendendo.

Clark acordou primeiro, sentindo-se miserável. Mas não podia dar-se a esse luxo sob as circunstâncias. Dez minutos mais tarde, ele estava barbeado, vestido e caminhando até a porta, deixando Chavez na cama. Ding não falava mesmo a linguagem do lugar.

— Caminhada matutina? — perguntou o homem que os trouxera do aeroporto.

— Bem que gostaria de esticar as pernas — admitiu John. — E quem você é?

— Marcel Lefèvre.

— Chefe de Estação? — perguntou John abruptamente.

— Na verdade, sou o adido comercial — respondeu o francês, significando sim. — Importa-se se eu for com você?

— Nem um pouco — respondeu Clark, surpreendendo seu colega enquanto ambos caminhavam até a porta. — Vamos dar um passeio. Há algum mercado aqui perto?

— Sim, vou mostrar.

Dez minutos depois, estavam numa rua comercial. Duas sombras iranianas estavam 5 metros atrás deles, e sem a menor descrição, embora não fizessem nada além de observar.

Os sons trouxeram tudo de volta. O farsi de Clark não era muito impressionante, especialmente porque fazia 15 anos desde que o praticara pela última vez. Embora seu farsi não fosse muito bom, seu entendimento revelou-se quase perfeito assim que começou a ouvir as conversas e barganhas enquanto os dois ocidentais passavam por barracas nos dois lados da rua.

— Como está o preço da comida?

— Bem alto — respondeu Lefevre. — Especialmente com todos os suprimentos enviados para o Iraque. As pessoas têm reclamado um pouco disso.

Depois de alguns minutos de contemplação, John percebeu que alguma coisa estava faltando. Ao passar por meio quarteirão de barracas de comida, eles estavam agora em outra área — ouro, sempre um artigo popular nesta parte do mundo. As pessoas estavam comprando e vendendo. Mas faltava o entusiasmo do qual ele lembrava. Ele olhou para as barracas enquanto passava, tentando imaginar o que estava faltando.

— Procurando alguma coisa para a sua mulher? — perguntou Lefevre. Clark tentou um sorriso, mas não convenceu.

— Oh, nunca se sabe. O aniversário está perto. Parou para olhar um colar.

— De onde você é? — perguntou o comerciante, em inglês.

— América — respondeu John, também em sua língua. O homem tinha percebido sua nacionalidade imediatamente, talvez devido às suas roupas, e aproveitado a oportunidade de falar nessa língua.

— Não vemos muitos americanos aqui.

— É uma pena. Quando era mais jovem, andava muito por esta região.

Era realmente um colar muito bonito. Checando a etiqueta com o preço e fazendo um cálculo mental, John percebeu que o custo estava incrivelmente razoável. E ele tinha um aniversário se aproximando.

— Talvez algum dia isso mude — disse o ourives.

— Há muitas diferenças entre o seu país e o meu — observou John, um tom triste na voz.

Sim, ele podia pagar, e como sempre estava carregando dinheiro mais que o suficiente, uma coisa boa com a moeda americana era ela ser aceita quase em toda parte.

— As coisas mudam — disse o homem.

— As coisas já mudaram — concordou John. Ele olhou para um colar ligeiramente mais caro. Não havia o menor problema em pegá-los; se tinha uma coisa que os países islâmicos sabiam fazer era

desencorajar ladrões. — Há tão pouca gente sorrindo aqui, e esta é uma rua comercial.

— Há homens seguindo você.

— Mesmo? Bem, não estou infringindo nenhuma lei, estou? — perguntou Clark, denotando alguma preocupação.

— Não, não está. — Mas o homem estava nervoso.

— Este — disse John, segurando-o para o ourives.

— Como vai pagar?

— Dólares americanos. Tudo bem?

— Sim. O preço é novecentos dos seus dólares.

John precisou reunir todo seu controle para não demonstrar surpresa.

Mesmo numa loja de atacado em Nova York, esse colar valeria pelo menos o triplo, e embora ele não estivesse preparado para gastar isso, barganhar fazia parte da diversão de comprar nestas paragens. Ele havia calculado que poderia convencer o homem a baixar talvez até 150 dólares, o que ainda seria uma tremenda pechincha. Teria ouvido direito?

— Novecentos?

Um dedo enfático apontou direto para o coração de John.

— Oitocentos, nem um dólar a menos... está querendo me arruinar? — perguntou em voz alta.

— Você sabe barganhar — disse Clark, adotando uma postura defensiva por causa dos observadores, que agora estavam se aproximando.

— Você é um infiel! Espera caridade? Este é um belo colar, e espero que o dê à sua honrada esposa e não a uma vagabunda qualquer!

Clark concluiu que colocara o homem em perigo. Pegou sua carteira, tirou as notas e deu-as ao ourives.

— Está pagando demais. Não sou ladrão! — disse o ourives, devolvendo uma das notas.

Setecentos dólares por isto?

— Desculpe, não quis insultá-lo — disse John, guardando o colar, que o homem praticamente jogou para ele, sem sequer embrulhá-lo.

— Nem todos somos bárbaros — disse o comerciante em voz alta, abruptamente dando as costas para Clark. Ele e Lefevre caminharam até o fim da rua e dobraram à direita. Caminharam rápido demais, forçando suas sombras a apertar o passo.

— Mas que merda foi essa? — perguntou o agente da CIA. Não esperara que nada assim acontecesse.

— Sim. O entusiasmo pelo regime caiu um pouco. O que você viu é representativo. Aquilo foi benfeito, monsieur Clark. Há quanto tempo na agência?

— O suficiente para que não goste de ser tão surpreendido. Acredito que a palavra apropriada no seu idioma é merde.

— E então, isso é para a sua esposa?

John assentiu.

— Sim. Ele terá problemas?

— Dificilmente — disse Lefevre. — Ele pode ter perdido dinheiro na troca, Clark. Um gesto interessante, não foi?

— Vamos voltar. Tenho um secretário de gabinete para acordar. Estavam de volta em 15 minutos. John seguiu direto até seu quarto.

— Como está o tempo lá fora, Sr. C?

Clark meteu a mão no bolso e jogou alguma coisa através do quarto.

Chavez observou

— Nossa, é pesado — avaliou Chavez.

— Quanto acha que custou, Domingo?
— Parece ouro 21 quilates, também tem o peso certo... duas mil verdinhas.
— Acreditaria em setecentas?
— Você é parente do cara, John? — perguntou Chavez com uma risada.
Parou de rir e disse: — Achei que eles não gostavam de nós aqui.

— As coisas mudam — disse John em voz baixa, citando o ourives.

Foi muito ruim? — perguntou Cathy.

— Aqui diz 104 sobreviventes, alguns bem feridos. Noventa mortos confirmados e a confirmar cerca de trinta; as partes corporais ainda não foram identificadas — disse Jack, lendo o despacho que acabara de ser trazido ao seu quarto pelo agente Raman. Dezesseis americanos na categoria dos sobreviventes. Cinco mortos. Nove ainda não identificados e presumivelmente mortos. Deus, havia quarenta cidadãos chineses a bordo — Ele balançou a cabeça.

— Mas por que eles... por que não se afinam?

— Por que fazem tanto escarcéu? Eles fazem, e isso é um fato, meu bem.

Eles rosnam e arranham uns aos outros como gatos de beco, mas também precisam um do outro.

— Que faremos? — perguntou sua esposa.

— Não sei ainda. Estamos segurando o release para a imprensa até amanhã de manhã, quando teremos mais informações. Merda, como é que vou dormir numa noite como essa — perguntou o presidente dos Estados Unidos. — Temos 14 americanos mortos a meio mundo daqui. Meu dever é protegê-los, não é?

Meu dever não é deixar que matem americanos.

— Pessoas morrem todos os dias — lembrou a primeira-dama. Não devido a mísseis ar-ar.

Ryan colocou o despacho em sua mesinha de cabeceira e desligou a luz, perguntando-se quando o sono chegaria, imaginando como estaria indo o encontro em Teerã.

Começou com apertos de mão. Um funcionário do Ministério das Relações Exteriores encontrou-os em frente ao prédio. O embaixador francês fez as apresentações e foram encaminhados rapidamente para dentro, de modo a evitar a cobertura de câmera de TV, embora nenhuma parecesse em evidência na rua.

Clark e Chavez desempenharam seus papéis, mantendo-se perto de seu protegido, mas não perto demais, olhando em torno com ares tensos, como era esperado que fizessem.

— Eu o recebo em paz — disse Daryaei, levantando-se de sua cadeira para receber o convidado. Ele falou através de um intérprete. Era um estratagema comum nesses encontros. Possibilitava uma precisão maior nas comunicações; além disso, caso alguma coisa desse errado, podia-se atribuir o erro ao intérprete, o que concedia uma saída conveniente a ambos os lados. — Que as bênçãos de Alá estejam sobre nós.

— O senhor foi muito gentil em conceder esta reunião tão rapidamente — disse Adler, acomodando-se em sua cadeira.

— Você veio de longe. Sua viagem foi agradável? — perguntou Daryaei, cordialmente. O ritual inteiro seria cordial. Ou pelo menos o começo.

— Não aconteceu nada relevante — disse Adler, esforçando-se para não bocejar ou demonstrar fadiga. Três xícaras de café europeu forte haviam ajudado, embora seu estômago agora estivesse um pouco embrulhado.

Diplomatas em reuniões sérias deviam agir exatamente como cirurgiões numa sala de operações, e ele tinha muita prática em não deixar suas emoções transparecerem, com estômago embrulhado ou não.

— Sinto não podermos mostrar-lhe mais de nossa cidade. Há muita história e beleza aqui.

Os dois homens esperaram que as palavras fossem traduzidas. O intérprete simultâneo era um homem na casa dos trinta, de expressão muito séria e, conforme Adler percebeu, possivelmente amedrontado pela presença de Daryaei. Provavelmente era um funcionário do ministério, vestido num terno não muito bem-passado, mas o aiatolá estava de robe, enfatizando sua identidade nacional e sacerdotal. Mahmoud Haji era sério, mas não hostil em comportamento; estranhamente, parecia completamente carente de curiosidade.

— Talvez em minha próxima visita.

Um menear de cabeça amistoso.

— Sim. — Isso foi dito em inglês, lembrando a Adler que o homem compreendia a linguagem de seu visitante. Nada daquilo era incomum em forma, percebeu o secretário de Estado.

— Faz muito tempo desde o último contato direto entre o seu país e o meu, decerto não neste nível — disse Adler.

— E verdade, mas apreciamos esses contatos. Como posso lhe ser útil, secretário Adler?

— Se não lhe for inconveniente, gostaria de discutir a estabilidade nesta região.

— Estabilidade? — perguntou Daryaei, todo inocência. — O que o senhor quer dizer?

— O estabelecimento da União Republicana Islâmica gerou o maior país desta região. Isso é motivo de preocupação para alguns.

— Eu diria que aperfeiçoamos nossa estabilidade. Não era o regime iraquiano a influência desestabilizadora? Não foi o Iraque que iniciou duas guerras? Não fizemos nada assim.

— Isso é verdade — concordou Adler.

— O Islã é uma religião de paz e irmandade — prosseguiu Daryaei, falando como o professor que fora durante anos.

Mas provavelmente uma religião rigorosa, com sacerdotes com ferro por baixo de suas vozes aveludadas, pensou Adler.

— Isso também é verdade, mas no mundo dos homens as regras da religião nem sempre são seguidas por aqueles que se dizem religiosos — comentou o americano.

— Outros países não aceitam a regra de Deus como nós aceitamos. Apenas no reconhecimento de quais esperanças podem ser nutridas pelos homens é que podemos encontrar a paz e a justiça. Isso significa mais do que dizer as palavras. É preciso também viver as palavras.

E obrigado pela aula de catecismo, pensou Adler, assentando respeitosamente. Então por que diabos você apoia o Hezbollah?

— Meu país não quer mais do que paz nesta região. Nesta região e no mundo inteiro — disse Adler.

— E essa também é a vontade de Alá, conforme nos foi revelada pelo Profeta. Ele está se mantendo fiel ao roteiro, percebeu Adler. Há muito tempo, o presidente Jimmy Carter enviara um emissário até o chefe deste homem, Khomeini, em seu exílio na França. O xá estava com problemas políticos até o pescoço naquela época, e a voz da oposição estava se fazendo ouvir. Depois da reunião, o emissário voltou para casa e disse o presidente que Khomeini era um santo. Carter aceitou o relatório como a mais pura verdade e providenciou a remoção de Mohammad Reza Pahlavi, permitindo que o santo tomasse seu lugar.

Opa.

A administração seguinte lidou com o mesmo homem e não conseguiu nada além de um escândalo e um vexame perante os olhos do mundo.

Ai!

Esses eram erros que Adler estava determinado a não repetir.

— Também faz parte dos princípios de minha nação honrar as fronteiras internacionais. O respeito pela integridade territorial é o sine qua non da estabilidade regional e — Secretário Adler, todos os homens são irmãos, e esta é a vontade de Alá.

Irmãos podem brigar de vez em quando, mas fazer guerra é um insulto a Deus.

Em todo caso, acho o subtexto de seus comentários um pouco perturbador. O senhor parece sugerir tenhamos intenções hostis em relação aos nossos vizinhos. Como pode dizer uma coisa dessas?

— Perdoe-me, acho que fui mal entendido. Não fiz essas insinuações. Vim apenas discutir preocupações mútuas.

— O seu país, seus associados e aliados dependem desta região para sua saúde econômica. Não pretendemos prejudicar a sua economia. Vocês precisam de nosso petróleo. Nós precisamos das coisas que o petróleo pode comprar. A nossa cultura é baseada no comércio. O senhor sabe disso. A nossa cultura também é islâmica, e sinto muita mágoa em ver que o Ocidente não parece apreciar a substância de nossa Fé. Não somos bárbaros, a despeito do que os seus amigos judeus possam dizer. Na verdade, não temos nenhuma desavença religiosa com os judeus. Seu patriarca, Abraão, veio desta região. Eles foram os primeiros a proclamar o Deus verdadeiro, e realmente deve haver paz entre nós.

— Fico muito satisfeito em ouvir essas palavras. Como poderemos chegar a essa paz? — perguntou Adler, imaginando quando fora a última vez que alguém tentara derrubar uma oliveira inteira na sua cabeça.

— Com o tempo, e com diálogo. Talvez seja melhor estabelecermos contatos diretos. Além de pessoas de fé, eles também são um povo de tradição comercial.

Adler tentou imaginar o que ele quis dizer com isso. Contatos diretos com Israel. Isso era uma oferta ou uma propina para o governo americano?

— E quanto aos seus vizinhos islâmicos?

— Temos a Fé em comum. Temos o petróleo em comum. Temos uma cultura em comum. Sob muitos aspectos, já somos um só.

Clark, Chavez e o embaixador estavam do lado de fora, sentados em silêncio. Depois de terem sido servidos os refrescos usuais, os funcionários os ignoraram. Os seguranças estavam parados bem perto, sem olhar diretamente para os visitantes, mas também sem olhar em outra direção. Para Chavez isso era uma chance de conhecer novas pessoas. Reparou que o ambiente era antiquado, envelhecido, como se o prédio não tivesse mudado muito desde a saída do governo anterior — muito tempo atrás, lembrou a si mesmo. Não que os objetos estivessem caindo aos pedaços; apenas não eram modernos. Contudo, havia uma tensão verdadeira neste lugar. Podia senti-la no ar. Um funcionário público americano teria olhado para ele com curiosidade. As seis pessoas nesta sala não estavam fazendo isso. Por quê?

Clark esperara por isso. Ser ignorado não o surpreendia. Ele e Ding estavam aqui como oficiais de segurança, e não passavam de mobília, nada que valesse a pena observar. As pessoas aqui deviam ser adidos veteranos, fiéis ao seu patrão porque tinham de sê-lo. Graças a ele, tinham uma medida de poder.

Esses visitantes iriam ratificar esse poder no sentido internacional ou ameaçá-lo, e embora isso fosse importante para seu bem-estar individual, eles não poderiam afetá-los mais do que o clima poderia fazer, e assim estavam simplesmente desconsiderando a presença dos visitantes, com exceção dos seguranças, que eram treinados para ver qualquer um como uma ameaça, mesmo que o protocolo não lhes permitisse demonstrar um grau elevado de intimidação física.

Para o embaixador aquilo era apenas mais um exercício em diplomacia, conversas em palavras cuidadosamente escolhidas para demonstrar pouco por um lado e deslindar muito pelo outro. Ele podia adivinhar o que estava sendo dito pelos dois lados. Ele podia até mesmo adivinhar o sentido real das palavras. Era sua verdade que os interessava. O que Daryaei havia planejado? O embaixador e seu país desejavam a paz na região; ele e seus colegas haviam pedido a Adler que tentasse interceder pela paz, embora não conseguissem imaginar como ela poderia ser concretizada. Homem interessante, esse Daryaei.

Um homem de Deus que certamente havia assassinado o presidente iraquiano. Um homem de paz e

justiça que governava seu país com punho de ferro. Homem de misericórdia que claramente despertava terror em seus auxiliares pessoais. Bastava olharem torno para ver isso. Um Richelieu moderno do Oriente Médio? Esse era um pensamento novo, pensou o francês, divertindo-se por trás de seu rosto impassível. Ele contaria essa ideia ao seu ministério hoje mesmo. E lá dentro com ele, naquele exato momento, estava um ministro americano novato. Ele não esquecia o fato de que Adler tinha uma boa reputação como diplomata de carreira, mas era bom o bastante para esta tarefa?

— Por que estamos discutindo isso? Por que devo ter ambições territoriais?

— indagou Daryaei, quase cortesmente, mas telegrafando sua irritação. — Meu povo deseja apenas a paz. Já houve muita luta aqui. Durante minha vida inteira estudei e ensinei a Fé, e agora, finalmente, nos dias finais de minha vida, a paz existe.

— Esse é o nosso único desejo para esta região, exceto talvez o restabelecimento de nossa amizade com o seu país.

— Poderemos conversar mais a esse respeito. Agradeço ao seu país por não ter se oposto à remoção do embargo comercial contra a antiga nação do Iraque.

— Talvez seja um começo. Ao mesmo tempo, preferiríamos que a América não interferisse nos assuntos internos de nossos vizinhos.

— Temos um compromisso para com a integridade de Israel — lembrou Adler.

— Falando ao pé da letra, Israel não é uma nação vizinha — replicou Daryaei. — Mas se Israel puder ser deixado em paz, talvez também possamos viver em paz.

O sujeito era bom, pensou Adler. Ele não estava revelando muito, apenas negando tudo. Ele não fez declarações políticas além das promessas usuais de intenção pacífica, todo chefe de Estado fazia isso, embora não fossem muitos os que invocassem com tanta frequência o nome de Deus. Paz. Paz. Paz.

Só que Adler não acreditara nem por um segundo no que ele dissera sobre Israel. Se ele tivesse intenções pacíficas, teria dito isso primeiro a Jerusalém, para tê-los ao seu lado e negociar com Washington. Israel fora o intermediário na negociação desastrosa de armas em troca de reféns, e também tinham sido prejudicados.

— Espero que exista uma fundação sobre a qual possamos edificar.

— Se o seu país tratar o meu país com respeito, então poderemos conversar.

Depois poderemos discutir um aprimoramento nas relações.

— Direi isso ao meu presidente.

— O seu país também sofreu recentemente muita tristeza. Espero que ele tenha a força para sarar os ferimentos de sua nação.

— Obrigado.

Ambos se levantaram. Apertos de mão foram trocados de novo, e Daryaei conduziu Adler até a porta.

Clark notou a forma como os funcionários puseram-se de pé. Daryaei conduziu Adler até a saída, apertou sua mão uma vez mais, e permitiu que o homem partisse com sua escolta. Dois minutos depois, estavam em seus carros oficiais e diretamente a caminho do aeroporto.

— Como será que foi? — perguntou John a ninguém em particular.

Todos estavam pensando a mesma coisa, mas não disseram uma só palavra. Trinta minutos depois, auxiliados por sua escolta oficial, os carros estavam de volta ao Mehrabad International, dirigindo-se até a seção da Força Aérea das instalações, onde seu jato francês os esperava.

Era preciso haver também uma cerimônia de partida. O embaixador francês conversou com Adler durante vários minutos, o tempo inteiro segurando sua mão num cumprimento prolongado de adeus. Com ampla segurança URI-ana, não havia nada que Clark e Chavez pudessem fazer além de olhar em torno,

que era supostamente sua função. Avistaram seis aviões de guerra sendo conservados por técnicos de manutenção. Os mecânicos entravam e saíam de um hangar amplo que, com toda certeza, fora construído pelo xá.

Ding olhou para seu interior e ninguém se opôs a isso. Havia outro avião lá, e este parecia meio desmontado. Um motor estava pousado num carrinho, sob os cuidados de outra equipe de manutenção.

— Engradados de galinha, acredita? — comentou Chavez.

— Do que está falando? — disse Clark, olhando na outra direção.

— Veja você mesmo, Sr. C.

John se virou. Empilhados na parede mais distante do hangar havia gaiolas de arame, aproximadamente do tamanho usado para transportar aves de abate.

Centenas delas. Coisa engraçada de se ver numa base da Força Aérea, pensou.

Do outro lado do aeroporto, Astro de Cinema observava o último de sua equipe embarcar num voo para Viena. Olhando em torno para a vista ampla do aeroporto, deu com os olhos nos jatos particulares do lado mais distante, com algumas pessoas e carros rodeando um deles. Perguntou-se o que seria aquilo.

Provavelmente alguma função do governo. O importante era que tudo estava correndo conforme ele havia planejado. O voo da Austrian Airlines passou pelo portão na hora, e iria decolar imediatamente depois do jato comercial, ou o que ele fosse. Então, Astro de Cinema caminhou para outro portão para embarcar em seu próprio voo.

Declarações

A maioria dos americanos acordou para descobrir o que seu presidente já sabia. Onze cidadãos americanos estavam mortos, com mais três aguardando confirmação, num desastre de avião no outro lado do mundo. Alertada por uma fonte no terminal, uma equipe da TV local chegara ao aeroporto bem a tempo.

A gravação mostrava pouco mais que uma bola de fogo distante subindo ao céu, seguida por algumas imagens mais próximas que também eram tão típicas que poderiam ter sido realizadas em qualquer lugar. Dez caminhões de bombeiros cercaram os escombros em chamas, cobrindo-os com espuma e água, ambas as coisas tardias demais para salvar alguém. Ambulâncias corriam pela pista. Algumas pessoas, obviamente sobreviventes, vagueavam chocadas e desorientadas. Outras, rostos enegrecidos, cambaleavam até os braços de membros da equipe de resgate. Havia esposas sem maridos, pais sem crianças, e o tipo de caos que sempre parecia dramático mas que jamais oferecia nada em termos de informação, mesmo que gritasse por algum tipo de ação.

O governo de Taiwan emitiu uma declaração furiosa sobre pirataria aérea, requisitando em seguida uma reunião emergencial do Conselho de Segurança da ONU. Pequim emitiu também uma declaração alguns minutos depois, expressando que sua aeronave, num exercício pacífico de treinamento, havia sido atacada inteiramente sem explicação, em seguida retornara fogo em autodefesa. Pequim negou qualquer envolvimento nos danos ao avião, e atribuiu a culpa do episódio inteiro à sua província rebelde.

— E então, o que mais descobrimos? — questionou Ryan ao almirante Jackson às uma e meia.

— Analisamos ambas as fitas por cerca de duas horas. Pedi a colaboração de alguns pilotos de caça com quem trabalhei e a dois rapazes da Força Aérea, e chegamos a uma conclusão. Em primeiro lugar, os comunas amarelos...

— Não devemos chamá-los assim, Robby — observou o presidente.

— É um velho hábito. Desculpe. Os cavalheiros da República Popular da China... eles sabiam que tínhamos navios lá. A assinatura eletrônica de um navio Aegis é como o monte St. Helens com sua altitude, certo? E as capacidades dessas naus não são exatamente um segredo. Elas estão em serviço há mais de vinte anos. Assim, eles sabiam que estávamos observando, e sabiam que estávamos vendo tudo. É bom ter isso em mente.

— Continue — disse Jack ao amigo.

— Em segundo lugar, temos uma equipe de espões no Chandler, ouvindo as conversas por rádio. Traduzimos as transmissões vocais dos pilotos chineses.

Vou citar uma. Esta foi trinta segundos depois do começo do confronto: Está na mira, está na mira, vou disparar. Certo, o azimute dessa transmissão é precisamente o mesmo que o do lançamento do termoguiado contra o avião.

Em terceiro lugar, cada piloto com quem falei disse o mesmo que eu: por que disparar contra um avião de passageiros no limite de alcance do seu míssil quando você tem caças bem na sua cara? Jack, tem algo de podre aqui. Bem podre.

Infelizmente, não podemos provar que a transmissão veio do caça que disparou o míssil contra o

Airbus, mas é a minha opinião, e a dos meus colegas do outro lado do rio, que esse foi um ato deliberado. Eles tentaram abater aquele avião de passageiros de propósito.

O diretor de operações do Pentágono concluiu: — Temos sorte de alguém ter saído vivo.

— Almirante, o senhor poderia levar isso a um tribunal?—indagou Arnie van Damm.

— Senhor, não sou um advogado. Sou um piloto. Não ganho a vida provando coisas, mas digo e repito: há uma chance de cem contra um de que eu esteja errado.

— Mas não posso dizer isso diante das câmeras — comentou Ryan, checando as horas. Ele seria maquiado dali a alguns minutos. — Se fizeram isso de propósito...

— Não sei Jack.

— Droga, Robby, eu ouvi o que você disse da primeira vez! — replicou Ryan. Fez uma pausa para respirar. — Não posso acusar uma nação soberana de um ato de guerra sem nenhuma prova. Vamos em frente. Certo, eles fizeram de propósito. E fizeram com o conhecimento de que nós iríamos saber. O que isso significa?

A equipe de segurança nacional de Jack tivera uma noite muito longa.

Goodley se encarregou da resposta: — E difícil dizer, presidente.

— Estão preparando uma ofensiva contra Taiwan? — perguntou o presidente.

— Eles não podem — disse Jackson, sucumbindo ao seu gênio de comandante-em-chefe. — Eles não dispõem da capacidade física para invadir.

Não há nenhum sinal de atividade incomum em suas forças terrestres nessa área, apenas aquilo que eles vêm fazendo no noroeste e que tem irritado tanto os russos. Assim, segundo o ponto de vista militar, a resposta é não.

— Invasão aérea? — perguntou Ed Foley. Robby balançou a cabeça.

— Eles não dispõem da capacidade aérea para isso e, mesmo se tentarem, Taiwan possui recursos de defesa aérea suficientes para transformar o ataque numa temporada de caça aos patos. Eles poderiam realizar uma batalha aeronaval como a que lhes mencionei ontem à noite, mas isso lhes custaria navios e aviões... a fim de quê? — perguntou o J-3.

— Então eles derrubaram um avião para testar a nós — teorizou POTUS.

— Isso também não faz sentido.

— Se você disser eu em vez de nós, há uma boa chance — disse o diretor da CIA em tom neutro.

— Que é isso, diretor? — objetou Goodley. — Havia duzentas pessoas naquele avião, e eles deviam achar que todas morreriam.

— Não sejamos tão ingênuos, Ben — observou Foley, tolerante. — Eles não nutrem o mesmo sentimentalismo que nós pela vida humana, certo?

— Sim, mas... Ryan interrompeu.

— Muito bem, conttenham-se. Achamos que foi um ato deliberado, mas não temos nenhuma prova positiva, e não temos a menor ideia de qual pode ter sido o propósito... e nós não temos, não posso chamar isso de um ato deliberado, posso? — Os homens assentiram. — Certo. Agora, em 15 minutos terei de descer até a Sala de Imprensa e ler esta declaração. Depois os jornalistas farão perguntas, e as únicas respostas que posso lhes dar são mentiras.

— Isso resume tudo, presidente — confirmou van Damm.

— Bem, isso não é fantástico? E Pequim irá saber, ou pelo menos suspeitar, que estou mentindo.

— É possível, mas não temos certeza disso — observou Ed Foley.

— Não sei mentir direito — disse-lhes Ryan.

— Aprenda agora — aconselhou o chefe de gabinete. — E rápido.

Não houve conversas no voo de Teerã para Paris. Adler estava numa poltrona confortável no fundo, com um bloco no colo, e passou a viagem inteira escrevendo, usando sua memória treinada para

reconstruir a conversa; depois acrescentou uma série de observações pessoais sobre tudo, desde a aparência de Daryaei até a bagunça em sua mesa. Depois, passou uma hora examinando as anotações e começou a fazer comentários políticos. No processo, gastou meia dúzia de lápis. A escala em Paris durou cerca de uma hora, o bastante para Adler passar um pouco mais de tempo com Claude e seus guarda-costas saírem para uma bebida rápida. Depois estavam novamente a bordo de seu VC-2015 da Força Aérea americana.

— Como foi? — perguntou John.

Adler precisou lembrar a si mesmo que Clark estava na equipe de SNIE, não sendo apenas um espião armado.

— Antes disso, o que você descobriu no seu passeio?

O agente da CIA meteu a mão no bolso e tirou um colar de ouro. Deu-o ao secretário.

— Isso significa que estamos noivos? — perguntou Adler, com uma risadinha de surpresa.

Clark gesticulou na direção do parceiro.

— Não, senhor. Ele é comprometido.

Agora que estavam no alto, o tripulante da cabine a cargo do painel de comunicações ligou o equipamento. O fax começou a cuspir papel imediatamente.

— ... foram confirmadas as mortes de 11 americanos. Outros três cidadãos americanos estão desaparecidos. Quatro dos sobreviventes americanos estão feridos e sendo tratados em hospitais locais. Isso conclui minha declaração de abertura — disse-lhes o presidente.

— Presidente! — clamaram trinta vozes em uníssono.

— Um de cada vez, por favor. — Jack apontou para uma mulher na fileira da frente.

— Pequim alega que Taiwan disparou primeiro. Podemos confirmar isso?

— Estamos examinando algumas informações, mas esse tipo de investigação demanda algum tempo. Como ainda não temos informações definitivas, não creio que seja apropriado tentar forçar qualquer conclusão.

— Mas os dois lados trocaram tiros, não trocaram? — foi a pergunta adicional da jornalista.

— Sim, parece que foi o que aconteceu.

— Então sabemos de quem foi o míssil que atingiu o Airbus?

— Como eu disse, ainda estamos examinando as informações. — Seja sucinto, Jack, disse a si mesmo. E isso não era mentira, era? — Sim? — apontou para outro repórter.

— Presidente, considerando o número de cidadãos americanos mortos, que ação o senhor tomará para garantir que isso não voltará a acontecer?

Pelo menos essa ele poderia responder honestamente.

— Estamos examinando nossas opções. Além disso, não tenho nada a dizer, exceto que pedimos às duas Chinas que recuassem e ponderassem sobre suas ações. A perda de uma vida inocente não interessa a nenhum país. Os exercícios militares naquela região estão acontecendo há algum tempo, e a tensão resultante não auxilia a estabilidade da região.

— Então, o senhor está pedindo aos dois países que suspendam seus exercícios?

— Sim, estamos pensando em pedir que reconsiderem isso.

— Presidente — disse John Plumber —, esta é a sua primeira crise política externa e...

Ryan olhou para o velho jornalista e quis comentar que sua primeira crise doméstica tinha sido causada por ele, mas ninguém pode se dar ao luxo de fazer inimigos na imprensa, e só era possível fazer amigos nesse grupo se eles gostassem de você — o que era altamente improvável, conforme começava a admitir.

— Sr. Plumber, antes de fazer qualquer coisa, uma pessoa precisa apurar os fatos. Estamos

trabalhando nisso com o maior afinco possível. Estive esta manhã com minha equipe de segurança nacional e...

— Mas não com o secretário Adler — comentou Plumber. Bom jornalista que era, Plumber checara os carros oficiais no estacionamento. — Por que ele não esteve aqui?

— Ele chegará mais tarde hoje — esquivou-se Ryan.

— Onde está agora? — persistiu Plumber. Ryan apenas balançou a cabeça.

— Podemos nos limitar a apenas um tópico? É um pouco cedo demais para responder a muitas perguntas, e como o senhor mesmo disse, tenho uma situação grave a resolver, Sr. Plumber.

— E ele é o seu principal consultor político, senhor. Onde ele está agora?

— Pergunta seguinte — disse o presidente. Ele recebeu o que merecia de Barry, da CNN: — Sr. presidente, um momento atrás o senhor disse as duas Chinas. Senhor, isso indica uma mudança em nossa política para com a China? E se indica...

Em Pequim era pouco depois das oito da noite, e tudo estava bem. Ele podia ver isso na TV. Como era estranho ver uma figura política tão carente de charme e habilidade lidando com situações delicadas, especialmente um americano. Zhang Han San acendeu um cigarro e se congratulou. Conseguira novamente. Ele incorrera num certo risco ao ordenar o exercício, mais particularmente as recentes manobras aéreas, porém os aviadores de Taiwan tinham sido induzidos a atirar primeiro, exatamente como esperava que fizessem, e agora havia uma crise que ele poderia controlar com precisão e findar a qualquer momento, simplesmente chamando suas próprias forças de volta às bases. Ele forçaria os EUA a reagir não por ação, mas por inação — e então outra pessoa tomaria a liderança em provocar seu novo presidente. Ele não fazia a menor ideia do que Daryaei tinha em mente. Uma tentativa de assassinato, talvez? Outra coisa? Tudo que tinha a fazer era assistir, como estava fazendo agora, e ceifar a colheita quando a oportunidade se apresentasse, e isso decerto aconteceria. A América não poderia continuar com sorte eternamente. Não com esse jovem imbecil na Casa Branca.

— Barry, um país chama a si mesmo República Popular da China, e o outro chama a si mesmo República da China. Eu preciso chamá-los de alguma coisa, não é? — perguntou Ryan. Droga, será que fiz merda de novo?

— Sim, presidente, mas...

— Mas nós provavelmente temos 14 cidadãos americanos mortos, e este não é o momento para nos preocuparmos com semântica. — Pronto, engula isso.

— Que vamos fazer? — perguntou uma voz feminina.

— Primeiro tentaremos descobrir o que aconteceu. Depois começaremos a pensar em reações.

— Mas por que ainda não sabemos?

— Porque por mais que gostássemos de poder saber tudo que acontece no mundo a cada instante, isso é simplesmente impossível.

— É por causa disso que a sua administração está aumentando radicalmente o tamanho da CIA?

— Como eu disse antes, não discutimos questões de informação, jamais.

— Presidente, há relatos publicados de que...

— Há relatos publicados de que discos voadores pousam aqui regularmente — disparou Ryan de volta. — Você também acredita nisso?

A sala ficou realmente silenciosa por um momento. Não era todo dia que um presidente perdia a compostura. Eles adoravam isso.

— Senhoras e senhores, lamento o fato de não poder responder a todas as perguntas conforme vocês gostariam. Na verdade, eu mesmo estou fazendo algumas dessas perguntas, mas respostas corretas demandam tempo. Se preciso esperar pelas informações, vocês também precisam — disse o presidente,

tentando colocar sua entrevista coletiva de volta nos trilhos.

— Presidente, um homem que parece muito com o antigo diretor da KGB soviética apareceu ao vivo na televisão e...

O repórter parou ao ver o rosto de Ryan enrubescer sob a maquiagem. Ele esperou outra explosão, mas ela não aconteceu. Os nós dos dedos do presidente ficaram brancos como marfim na tribuna, e ele respirou fundo.

— Por favor, prossiga com a sua pergunta, Sam.

— E esse cavalheiro disse que é quem ele é. Agora, senhor, o gato saiu do saco e acho que minha pergunta é legítima.

— Ainda não ouvi uma pergunta, Sam.

— Esse homem é quem ele diz ser?

— Você não precisa de mim para dizer isso.

— Presidente, esse evento, essa... operação possui grande ressonância internacional. Em algum ponto, as operações de espionagem, por mais cuidadosas que possam ser, exercem um efeito sério em nossas relações exteriores. É por causa disso que o povo americano quer saber mais a respeito dessas operações.

— Sam, vou dizer pela última vez: jamais irei discutir assuntos de informação. Estou aqui esta manhã para informar nossos cidadãos sobre um incidente trágico, e até agora inexplicado, no qual mais de cem pessoas, entre elas 14 cidadãos americanos, perderam a vida. Este governo fará tudo ao seu alcance para determinar o que aconteceu e depois decidir por um curso de ação apropriado.

— Muito bem, presidente. Nós temos uma política de uma China ou de duas Chinas?

— Não fizemos alterações.

— Esse incidente poderá resultar numa mudança?

— Não farei especulações sobre uma questão importante como essa. E agora, com sua permissão, preciso retornar ao trabalho.

— Obrigado, presidente! — ouviu Jack em seu caminho até a porta. Logo depois da esquina havia um armário bem escondido. POTUS socou-o com sua mão com força bastante para estremecer algumas das Uzis em seu interior.

— Merda! — imprecou durante o percurso de 45 metros até seu gabinete.

— Presidente?

Ryan girou nos calcanhares. Era Robby, segurando sua valise. Parecia estranho que um aviador estivesse carregando uma dessas.

— Devo-lhe uma desculpa — disse Jack, antes de Robby poder dizer qualquer outra coisa. — Sinto muito ter perdido a cabeça.

O almirante Jackson deu um tapinha no braço do amigo.

— Da próxima vez que jogarmos golfe, será por um dólar por buraco, e se você ficar puto, desconte em mim e não neles, certo? — disse Robby. — Já vi você subindo pelas paredes, homem. Procure se conter. Um comandante só pode ficar puto na frente das tropas de mentirinha, não de verdade. Isso faz parte do que chamamos técnica de liderança. Gritar com subalternos é outro papo. Sou um subalterno. Grite comigo.

— Sim, eu sei. Mantenha-me informado e...

— Jack?

— Sim, Rob?

— Você está indo muito bem, apenas fique frio.

— O meu dever não é deixar que matem americanos, Robby. Não é para isso que estou aqui — disse Ryan, cerrando novamente os punhos.

— Merdas acontecem, presidente. Você está se iludindo se acha que pode impedir que elas

aconteçam. E não preciso lhe dizer isso. Você não é Deus, Jack, mas é um homem muito bom fazendo um trabalho muito bom. Teremos mais informações para você assim que as obtivermos.

— Quando as coisas se acalmarem, que tal mais uma partida de golfe?

— Estou às ordens.

Os dois amigos se apertaram as mãos. Não era suficiente para nenhum dos dois naquele momento, mas teria de bastar. Jackson seguiu até a porta, e Ryan virou-se na direção de seu escritório.

— Sra. Sumter! — disse ao entrar. Um cigarrinho cairia bem.

— Como está a situação, secretário? — perguntou Chavez.

O fax de três páginas transmitido através do canal de segurança de satélite disse-lhe tudo que o presidente declarara. Adler deixaria os dois lerem.

— Eu não sei — admitiu Adler. — Chavez, sabe aquela tese sobre a qual me contou?

— O que tem ela, senhor?

— Devia ter esperado para escrevê-la. Agora você sabe como é aqui em cima. Lembra do jogo de queimado? É a mesma coisa, só que não é de uma bola de borracha que precisamos nos esquivar.

O secretário de Estado enfiou as anotações em sua valise e acenou para o sargento da Força Aérea que estava cuidando deles. Ele não era tão agradável de olhar quanto a aeromoça francesa.

— Sim, senhor?

— Claude deixou-nos alguma coisa?

— Duas garrafas do Vale do Loire — replicou o sargento com um sorriso.

— Quer abrir uma delas e pegar alguns cálices?

— Cartas? — perguntou John Clark.

— Não. Acho que vou tomar um ou dois cálices, e depois tentar dormir um pouco. Parece que terei de fazer outra viagem em breve — disse-lhes o secretário de Estado.

— Pequim. — Nenhuma surpresa, pensou John.

— Não será para a Filadélfia — disse Scott enquanto chegavam à garrafa e os cálices. Trinta minutos depois, os três homens empurraram suas poltronas para trás. O sargento fechou as persianas para eles.

Desta vez Clark conseguiu dormir um pouco, mas Chavez não. Havia uma certa verdade no que Adler lhe dissera. Sua tese havia atacado com selvageria os estadistas da virada do século por sua incapacidade em ver para além dos problemas imediatos. Agora Ding tinha uma noção um pouco diferente. Era difícil distinguir um problema tático imediato de um problema realmente estratégico se você precisava esquivar-se de uma bala por minuto; os livros de História não podiam transmitir completamente a atmosfera, o sentimento dos tempos que eles deviam reportar. Não totalmente. Os livros também conferiam a impressão errada das pessoas. O secretário Adler, agora roncando em sua poltrona reclinável, era um diplomata de carreira e conquistara a confiança e o respeito do presidente — um homem que ele mesmo respeitava profundamente.

Ele não era estúpido. Não era corrupto. Mas era apenas um homem, e homens cometem erros... e grandes homens cometem grandes erros. Algum dia um historiador escreveria sobre esta viagem que eles tinham acabado de fazer, mas será que esse historiador realmente saberia o que aconteceu — e, não sabendo, como ele comentaria o que havia acontecido?

“O que estava acontecendo?” perguntou-se Ding. O Irã se anima, invade o Iraque e inicia um novo país, e exatamente enquanto os EUA estão tentando lidar com isso, acontece alguma outra coisa. Um evento menor no esquema das coisas, talvez — mas nunca se pode ter certeza disso até que tudo esteja terminado, não é mesmo? Como era possível saber? Era sempre esse o problema. Através dos séculos os estadistas haviam cometido erros porque quando você está no meio das coisas, não pode recuar um passo e analisar tudo com um certo distanciamento. Para isso eles eram pagos, mas era um trabalho muito

difícil, não? Ele acabara de terminar sua tese de mestrado, ganharia seu canudo no final do ano e então seria proclamado oficialmente um perito em relações internacionais. Mas sabia que isso era mentira, pensou Ding recostando-se em sua poltrona. Veio-lhe à mente uma observação casual que fizera certa vez em outro voo longo. Com muita frequência, relações internacionais resumiam-se simplesmente a um país fodendo o outro. Domingo Chavez, brevemente um mestre em relações internacionais, sorriu com o pensamento. Mas não era muito engraçado. Não quando pessoas eram mortas.

Especialmente não quando ele e o Sr. C. estavam na linha de frente como abelhas-operárias. Alguma coisa estava acontecendo no Oriente Médio.

Alguma outra coisa acontecendo com a China... duas nações separadas por 6.400 quilômetros, não era isso? Os dois eventos podiam estar relacionados? E se estivessem? Mas como era possível saber? Os historiadores presumiam que as pessoas podiam saber se fossem espertas o bastante. Mas os historiadores nunca tinham estado na pele dos homens que faziam a História.

— Não foi sua melhor atuação — disse Plumber, bebericando seu chá gelado.

— Doze horas, nem mesmo isso, seria o suficiente para apurar algum evento do outro lado do mundo — sugeriu Holtzman.

Era um típico restaurante de Washington, pseudofrancês com cordões engraçadinhos adornando o cardápio de pratos caríssimos de qualidade medíocre — mas ambos estavam almoçando por conta dos patrões.

— Ele devia saber se virar melhor — observou Plumber.

— Está reclamando que ele não sabe mentir direito?

— Essa é uma das coisas que os presidentes precisam fazer...

— Mas quando o pegarmos mentindo... — Holtzman não precisou continuar.

— Quem disse que o trabalho dele era fácil?

— Às vezes me pergunto se nosso trabalho deve ser mesmo tornar o dele mais difícil. Mas Plumber não mordeu a isca.

— Onde será que Adler está? — pensou em voz alta o correspondente da NBC.

— Essa foi uma boa pergunta esta manhã — reconheceu o jornalista do Post, levantando seu corpo. — Tenho alguém pesquisando isso.

— Nós também. Tudo que Ryan precisava ter dito era que estava se preparando para um encontro com o embaixador da República Popular da China. Isso teria coberto a questão muito bem.

— Mas teria sido uma mentira.

— Teria sido a maneira certa, Bob. O jogo é esse. O governo tenta fazer as coisas em segredo, e nós tentamos descobrir. Ryan gosta demais de segredinhos.

— Mas quando o queimarmos por causa disso, estaremos agindo no interesse de quem?

— Que quer dizer?

— Ora, vamos, John. Kealty vazou tudo aquilo para você. Não preciso ser engenheiro de foguetes para deduzir. Todo mundo sabe disso. — Bob pegou sua salada.

— Aquilo tudo é verdade, não é?

— É sim — admitiu Holtzman. — E há muito mais.

— Mesmo?

Isso atraiu a atenção de John Plumber. Holtzman pertencia a uma geração mais nova que a do jornalista televisivo, mas a uma geração mais velha que a nova classe de repórteres — que consideravam Plumber um dinossauro, ainda que assistissem aos seus seminários na faculdade de jornalismo da Columbia.

— É mesmo — assegurou-lhe Bob.

— Como...?

— Como coisas sobre as quais não posso escrever — repetiu Holtzman. — Pelo menos não por um longo tempo. John, faço parte dessa história há anos.

Conheço o oficial da CIA que tirou a mulher e a filha de Gerasimov da Rússia.

Nós fizemos um trato. Em alguns anos ele me dirá como aquilo foi feito. A história do submarino é verdadeira...

— Eu sei. Vi uma fotografia de Ryan no barco. Por que ele não quer deixar isso vir a tona está acima da minha compreensão.

— Ele não infringe as regras. Ninguém nunca lhe explicou que não há problema em fazer isso...

— Ele precisa tomar mais lições com Arnie...

— O que não é o caso de Ed.

— Kealty conhece o jogo.

— Sim, John, ele conhece. Talvez um pouco bem demais. Sabe, há uma coisa que nunca pude descobrir — comentou Bob Holtzman.

— O que é?

— E sobre o jogo no qual estamos. Devemos ser espectadores, árbitros ou jogadores?

— Bob, nosso trabalho é reportar a verdade aos nossos leitores... bem, espectadores, no meu caso.

— E de quem são os fatos, John? — perguntou Holtzman.

— Um presidente Jack Ryan nervoso e zangado... — Jack pegou o controle remoto e emudeceu o repórter da CNN que lhe fizera a pergunta sobre a China.

— Zangado sim, nervoso n...

— Também sim — disse van Damm. — Você meteu os pés pelas mãos na pergunta sobre a China, e também sobre o paradeiro de Adler. A propósito, onde ele está?

O presidente checkou seu relógio.

— Ele deve chegar ao aeroporto de Andrews em cerca de noventa minutos.

Deve estar sobre o Canadá agora, acho. Vem direto para cá, e então provavelmente partirá novamente para a China. Mas que diabo eles estão planejando?

— Não faço a mínima ideia — reconheceu o chefe de gabinete. — Mas é por isso que você tem uma equipe de segurança nacional.

— Sei tanto quanto eles, e não sei porra nenhuma — desabafou Jack, recostando-se na poltrona. — Nós precisamos aumentar nosso contingente nos serviços de inteligência. O presidente não pode ficar preso aqui o tempo todo sem saber o que está acontecendo. Não posso tomar decisões sem informações, e tudo que temos agora são palpites... exceto pelo que Robby nos disse. Aquilo é assustador, mas também não parece fazer sentido, porque não se encaixa com mais nada.

— Precisa aprender a esperar, presidente. Mesmo que a imprensa não esteja disposta a esperar, você deve estar. Além disso, precisa aprender a se concentrar no que pode fazer e em quando pode fazer. — Arnie fez uma pausa breve e prosseguiu: — Agora, temos a primeira série de eleições para a Câmara na semana que vem. Precisamos marcar excursões para você fazer discursos. Se quer as pessoas certas no Congresso, precisa sair e arregaçar as mangas.

Mandei Callie fazer alguns discursos.

— Qual é o enfoque?

— Política de impostos, aperfeiçoamento administrativo, todos os seus favoritos. Teremos os rascunhos para você amanhã pela manhã. É hora de passar mais algum tempo entre as pessoas. Deixe que elas o amem um pouco, e poderá amá-las de volta um pouco mais. — O chefe de gabinete permitiu-se um olhar sardônico. — Eu lhe avisei. Você não pode ficar preso aqui dentro, e os rádios do avião funcionam bem.

— Uma mudança de cenário seria bem-vinda — admitiu POTUS.

— Sabe o que seria realmente bom agora?

— O quê?

Arnie abriu um sorriso.

— Um desastre natural. Isso lhe daria a chance de voar até lá e parecer presidencial, encontrar pessoas, consolá-las e prometer-lhes auxílio governamental...

— Vire essa boca pra lá! — gritou Ryan, tão alto que as secretárias ouviram-no através da espessa porta.

Arnie suspirou.

— Você precisa aprender uma piada, Jack. Coloque esse seu gênio numa caixa e deixe-o bem trancado. Só quis emputecer você por diversão. Estou do seu lado, lembra?

Arnie voltou para seu escritório, deixando o presidente sozinho de novo.

Mas uma lição em Presidência 101. Jack perguntou-se quando elas iriam parar. Cedo ou tarde ele teria de agir presidencialmente, não teria? Mas ainda não estava nem perto disso. Arnie não dissera exatamente isso, e Robby também não, mas eles não precisavam. Ele ainda não fazia parte. Estava dando o melhor de si, mas seu melhor não era suficiente — ainda, sua mente acrescentou. Ainda? Talvez nunca. Uma coisa por vez, pensou. O que todo pai dizia a todo filho, exceto que eles nunca avisavam você que uma coisa por vez era um luxo fora do alcance de algumas pessoas. Quatorze americanos mortos num conflito numa ilha a 12 mil quilômetros de distância, possivelmente mortos de propósito, em nome de um objetivo que ele não conseguia nem imaginar. E agora devia colocar esse assunto de lado e cuidar de outras coisas, como uma viagem para encontrar-se pessoalmente com pessoas que devia preservar, proteger e defender, ainda que não conseguisse entender por que falhara em fazer isso com 14 delas. Do que uma pessoa precisava ser capaz neste emprego? Desligar-se de cidadãos mortos e cuidar de outras coisas? Era preciso ser um psicopata para conseguir isso, não era? Bem, não. Outras pessoas conseguiam isso: médicos, soldados, policiais. E agora ele. E controlar seu gênio, conter sua frustração e se concentrar em alguma outra coisa durante o resto de seu dia.

Astro de cinema olhou para o mar. Seis quilômetros abaixo, estimou. Ao norte podia ver um iceberg na superfície azul-acinzentada, brilhando ao sol.

Não era notável? Apesar de voar com frequência, ele nunca tinha visto um daqueles. Para alguém da sua parte do mundo, o mar era uma coisa estranha.

Como um deserto, era impossível viver nele, embora de uma forma diferente.

Impressionante como parecia com o deserto em tudo, menos na cor, a superfície agitando-se em linhas quase regulares, exatamente como as dunas, mas não convidativas. Apesar de sua aparência — que muito o envaidecia; ele gostava dos sorrisos que recebia das aeromoças, por exemplo —, quase que lhe era convidativo. O mundo odiava-o e aos seus iguais, e mesmo aqueles que faziam uso de seus serviços preferiam mantê-lo a certa distância, como um cachorro violento mas ocasionalmente útil. Sorriu, olhando para baixo. Cães não eram animais queridos em sua cultura. E assim aqui estava ele, em mais um avião, sozinho, com seu pessoal em outras aeronaves em grupos de três, dirigindo-se para um lugar ao qual decisivamente não eram bem-vindos, enviados de um lugar onde eram apenas um pouco mais queridos.

O sucesso o brindaria... com o quê? Agentes dos serviços de informação iriam procurar identificá-lo e persegui-lo, mas os israelenses faziam isso há anos e ele ainda estava vivo. Por que motivo ele estava fazendo isso?

perguntou-se Astro de Cinema. Era um pouco tarde. Se ele cancelasse a missão, não seria bem-vindo em parte alguma. Supunha-se que estivesse lutando por Alá. Jihad. Uma guerra santa. Era um termo

religioso para um ato militar-religioso, significando proteger a Fé, mas ele não acreditava realmente mais nisso, e era vagamente assustador não ter nenhum país, nenhum lar e... nenhuma fé? Será que ainda tinha isso? perguntou a si mesmo, admitindo em seguida que se precisava perguntar era porque não tinha mais fé. Ele e os seus iguais, ao menos aqueles que sobreviviam, tornavam-se autômatos, robôs habilidosos — computadores da era moderna. Máquinas que faziam coisas sob ordens de terceiros, sendo descartados quando conveniente, e sob a superfície do mar o deserto jamais mudava. Ainda assim, ele não tinha escolha.

Talvez as pessoas que o haviam mandado na missão saíssem vencedoras, e ele receberia algum tipo de recompensa. Continuou dizendo a si mesmo que, afinal de contas, embora não houvesse nada em sua experiência de vida que sustentasse a crença — e se ele tinha perdido sua fé em Deus, então como ele poderia permanecer fiel a uma profissão que enojava até mesmo seus empregadores?

Crianças. Ele nunca fora casado, jamais tivera um filho, não um que soubesse. As mulheres que ele tivera, talvez... mas não, elas eram mulheres da vida, e seu treinamento religioso o ensinara a desprezá-las mesmo enquanto fazia uso de seus corpos, e se elas davam cria, então essas crianças também eram desprezíveis. Como era possível que um homem perseguisse uma ideia durante toda sua vida e então percebesse que aqui estava ele, olhando para a mais inóspita das cenas — um lugar onde nem ele nem qualquer outro homem poderia sobreviver — e se sentindo mais em casa do que em qualquer outra parte? E assim ele colaboraria no assassinato de crianças. Infiéis, expressões políticas, coisas. Mas elas não eram nada disso. Nessa idade, eram inocentes de qualquer culpa; seus corpos ainda não tinham se formado, suas mentes ainda não haviam aprendido a natureza do bem e do mal.

Astro de Cinema disse a si mesmo que esse pensamento ocorrera-lhe antes, que dúvidas eram normais para homens em missões difíceis, e que em cada uma das outras vezes as pusera de lado e seguira em frente. Se o mundo havia mudado, então talvez... Mas as únicas mudanças que haviam ocorrido eram contrárias à cruzada de toda sua vida, e em todas as vezes que matara o fizera na esperança de um dia conquistar alguma coisa. Para onde essa trilha levava? Se havia um Deus e havia uma Fé, e havia uma Lei, então... Bem, ele tinha de acreditar em alguma coisa. Olhou as horas. Mais quatro horas. Ele tinha uma missão. Precisava acreditar nisso.

Chegaram de carro em vez de helicóptero. Helicópteros eram visíveis demais, e desta forma talvez ninguém fosse notar. Para acobertar ainda mais as coisas, os carros entraram pelo portão da Ala Leste. Adler, Clark e Chavez entraram na Casa Branca da mesma forma que Jack fizera em sua primeira noite, conduzidos pelos agentes do Serviço Secreto, e conseguiram chegar sem ser vistos pela imprensa. O Salão Oval estava um pouco apertado. Goodley e os Foleys estavam lá também, juntamente com Arnie, é claro.

— Muito desorientado com o fuso horário, Scott? — perguntou Jack primeiro, encontrando-o na porta.

— Se é terça-feira, devo estar em Washington — replicou o secretário de Estado.

— Não é terça — observou Goodley, sem sacar a piada.

— Então acho que estou mais desorientado do que pensava.

Adler sentou-se e tirou suas anotações. Um taifeiro da Marinha chegou com café, o combustível de Washington. Todos os recém-chegados da URI tomaram uma xícara.

— Conte-nos sobre Daryaei — comandou Ryan.

— Parece saudável. Um pouco cansado — avaliou Adler. — Sua mesa está bastante limpa. Fala em tom calmo, mas nunca foi de levantar a voz em público, ao que eu saiba. Curiosamente, chegou à cidade mais ou menos ao mesmo tempo que nós.

— Oh? — exprimiu Ed Foley, levantando os olhos de suas próprias anotações.

— Sim, ele chegou num jato comercial, um Gulfstream — reportou Clark. — Ding bateu algumas

fotos.

— Bem, faz sentido o fato de ele estar viajando um pouco — observou POTUS. Estranhamente, Ryan podia identificar-se com os problemas de Daryaei. Eles não eram tão diferentes dos seus, embora os métodos do iraniano não pudessem ser mais diferentes.

— Seus auxiliares o temem — acrescentou Chavez impulsivamente. — Parece uma coisa saída de um velho filme sobre nazistas da Segunda Guerra Mundial.

A equipe na antessala dele estava com os nervos à flor da pele. Se alguém gritasse buu eles bateriam com a cabeça no teto.

— Concordo — disse Adler, que não estava irritado com a interrupção. — Seu comportamento comigo pareceu-me ao estilo do mundo antigo: muita calma, muitos sermões, esse tipo de coisa. O fato é que ele não disse nada realmente significativo; o que talvez seja bom, talvez seja mau. Ele está disposto a manter contato conosco. Disse que deseja a paz para todos. Até insinuou um certo nível de boa vontade para com Israel. Durante boa parte do encontro me deu lições sobre como ele e sua religião são pacíficos. Enfatizou o valor do petróleo e dos relacionamentos comerciais resultantes para todas as nações envolvidas. Negou qualquer ambição territorial. Não pareceu surpreendido em nenhum momento.

— Certo — disse o presidente. — E quanto à linguagem corporal?

— Parece muito confiante, muito seguro. Gosta de onde está agora.

— Não tinha como não gostar — disse Ed Foley. Adler assentiu.

— Concordo. Se eu tivesse de descrevê-lo numa palavra seria sereno .

— Quando o encontrei, alguns anos atrás, ele era agressivo, hostil, procurando por inimigos, esse tipo de coisa — recordou Ryan.

— Não demonstrou nada disso hoje. — O secretário de Estado parou e se perguntou se ainda era o mesmo dia. Provavelmente, decidiu. — Como eu disse, sereno. Mas na volta, o Sr. Clark aqui me mostrou uma coisa.

— O quê? — perguntou Goodley.

— Ele ativou o detector de metais. — John pegou o colar e deu-o ao presidente.

— Fez algumas compras?

— Bem, todo mundo queria que eu desse uma volta — recordou à sua plateia. — Que lugar poderia ser melhor do que um mercado?

Clark descreveu o incidente com o ourives, enquanto POTUS examinava o colar.

— Se ele vende essas coisas por setecentas pratas, talvez devêssemos todos pegar seu endereço. Incidente isolado, John?

— O chefe do posto francês estava andando comigo. Ele disse que o cara era bem representativo.

— Então? — perguntou van Damm.

— Então talvez Daryaei não tenha tanto motivo para estar tão sereno — sugeriu Scott Adler.

— Pessoas como ele nem sempre sabem o que os plebeus estão pensando — considerou o chefe de gabinete.

— Foi isso que derrubou o xá — disse Ed Foley. — E Daryaei foi uma das pessoas que fizeram isso acontecer. Não acredito que ele tenha esquecido essa lição... e sabemos que ele ainda está eliminando quem mija fora do penico. — O diretor da CIA se virou para olhar seu agente de campo. — Bom trabalho, John.

— Lefevre, o espião francês, me disse duas vezes que não costumamos compreender bem a atmosfera das ruas de lá — prosseguiu Clark. — Talvez ele estivesse me provocando, mas acho que não.

— Sabemos que há descontentes. Sempre há — disse Ben Goodley.

— Mas não sabemos o quanto eles estão descontentes. — Era Adler novamente. — No todo, acho que temos um homem que quer projetar serenidade por um motivo. Seus últimos meses foram

gratificantes. Ele derrotou um grande inimigo. Ele possui alguns problemas internos cuja magnitude precisamos avaliar. Ele está indo e voltando do Iraque... vimos isso. Está com uma aparência cansada. Sua equipe está tensa. Eu diria que no momento está com problemas até o pescoço. Certo, me disse como quer a paz. Eu quase engoli. Acho que ele precisa de tempo para consolidar. Clark viu que o preço da comida está alto. Aquele é um país inerentemente rico, e Daryaei pode acalmar a situação transformando seu sucesso político em sucesso econômico o mais rápido possível. Colocar comida nas mesas não vai ferir ninguém. Por enquanto, ele precisa olhar para dentro em vez de para fora.

Portanto acho que é possível que tenhamos uma sombra de possibilidade aqui — concluiu o secretário de Estado.

— Estender a mão aberta da amizade? — indagou Arnie.

— Acho que podemos manter os contatos calmos e informais por enquanto.

Posso escolher alguém para cuidar das reuniões. E depois veremos o que acontece.

O presidente assentiu.

— Bom trabalho, Scott. Agora acho melhor você se preparar para ir à China.

— Quando parto? — inquiriu o secretário de Estado, uma expressão dolorida no rosto.

— Terá um avião maior desta vez — prometeu-lhe o presidente.

Hienas

Astro de Cinema sentiu o trem de pouso tocando a pista do Aeroporto Internacional de Dulles. A sensação física não pôs fim exatamente às suas dúvidas, mas anunciou que era hora de colocá-las de lado. Ele vivia num mundo prático. A rotina de entrada foi, novamente, rotina.

— De volta tão cedo? — indagou o oficial de imigração, olhando a última entrada em seu passaporte.

— Ja, doch — replicou Astro de Cinema em sua identidade alemã. — Acho que vou comprar um apartamento aqui.

— Os preços em Washington estão salgados — reportou o homem, carimbando novamente o livreco.

— Tenha um bom dia, senhor.

— Obrigado.

Na verdade, não tinha nada a temer. Não estava carregando nada ilegal, exceto o que tinha na cabeça, e sabia que os serviços de informação americanos virtualmente não tinham causado nenhum dano substancial a um grupo terrorista, mas esta viagem era diferente, ainda que só ele soubesse. Ingressou sozinho na fila para o terminal. Como antes, ninguém veio recebê-lo. Tinham um encontro marcado ao qual ele seria o último a chegar. Ele era mais valioso que os outros membros da equipe. Voltou a alugar um carro e novamente dirigiu até Washington, olhando seu espelho, tomando a saída errada deliberadamente e observando para ver se alguém o seguia enquanto ele revertia a direção para retornar à estrada apropriada. Uma vez mais, como antes, não houve problemas. Se houvesse alguém atrás dele, a cobertura seria tão sofisticada que ele não teria a menor chance de sobrevivência. Ele sabia como funcionava: carros múltiplos, até um ou dois helicópteros, mas tal investimento de tempo e dinheiro só acontecia se a oposição soubesse quase tudo — levava tempo para organizar e isso só podia significar penetração profunda em seu grupo da parte da CIA. Os israelenses eram capazes de coisas assim, ou pelo menos era o que todos no movimento terrorista temiam, mas com o passar dos anos um processo darwiniano brutal pusera fim às vidas de todos os descuidados; o Mossad israelense nunca empalidecera ao ver sangue islâmico, e se ele tivesse sido descoberto por essa agência, já estaria morto. Ou pelo menos foi o que disse a si próprio, ainda observando o espelho retrovisor porque era assim que ele permanecia vivo.

Por outro lado, achava engraçado que esta missão não teria sido possível sem os israelenses. Existiam grupos terroristas islâmicos nos EUA, mas eram todos amadores. Eram excessivamente religiosos. Faziam reuniões nos lugares errados. Conversavam entre si. Podiam ser vistos, apontados e identificados positivamente como sendo diferentes dos outros peixes em seu mar adotado. E depois se perguntavam como tinham sido pegos. Imbecis, pensou Astro de Cinema. Mas eles serviam ao seu propósito. Ficando visíveis, atraíam atenção, e o FBI americano tinha recursos limitados. Por mais formidáveis que fossem os serviços de informação, eram também instituições humanas, e os humanos universalmente martelavam os pregos que sobressaíam.

Israel ensinara-lhe isso. Antes da queda do xá, seu próprio serviço secreto, a Savak, recebera treinamento do Mossad israelense, e nem todos os membros da Savak tinham sido executados com a chegada do novo regime islâmico. As técnicas que haviam aprendido também foram ensinadas a homens como Astro de Cinema, e a verdade era que essas técnicas eram muito simples de ser aprendidas. Quanto

mais importante a missão, mais cautela ela exigia. Se você queria evitar ser visto, precisava desaparecer na paisagem. Num país pagão, não demonstre que você é religioso. Num país cristão ou judeu, não seja muçulmano. Numa nação que tenha aprendido a desconfiar de pessoas do Oriente Médio, seja de outro lugar qualquer... ou melhor ainda, ocasionalmente, reconheça suas raízes. Sim, eu vim de lá, mas sou cristão, ou bahaíta, ou curdo, ou armênio, e eles perseguiram cruelmente minha família, e assim vim para os EUA, a terra das oportunidades, para viver a liberdade verdadeira. Se você seguisse essas regras simples, as oportunidades seriam muito reais, porque os EUA facilitavam tudo. Este país recebia estrangeiros com uma generosidade que recordava a Astro de Cinema a rígida lei da hospitalidade de sua cultura.

Aqui estava ele no campo do inimigo, e suas dúvidas esvaneceram enquanto a empolgação acelerava seu ritmo cardíaco e lhe acendia um sorriso no rosto. Ele era o melhor no que fazia. Os israelenses, por quem fora treinado por tabela, jamais haviam chegado perto dele; e se eram incapazes de capturá-lo, os americanos também seriam. Tudo que precisava fazer era agir com cautela.

Em cada equipe de três havia um homem como ele, não tão experiente quanto Astro de Cinema, mas quase. Capaz de alugar um carro e dirigir em segurança. Apto a agir de forma educada e amistosa com todos que encontrasse.

Se um policial tentasse detê-lo, ele saberia ser contrito e apologético, perguntando o que fizera errado e depois pedindo orientação, porque as pessoas lembravam com mais clareza de quem havia sido hostil com elas. Apto a declarar ser médico, engenheiro ou qualquer outra coisa respeitável. Era fácil se você agia cautelosamente.

Astro de Cinema alcançou seu primeiro destino, um hotel de nível médio nas cercanias de Annapolis, e se registrou sob seu nome de disfarce, Dieter Kolb. Os americanos eram muito burros. Até sua polícia achava que todos os muçulmanos eram árabes, nunca lembrando que o Irã era um país ariano — a mesma identidade étnica que Hitler clamara para sua nação. Entrou em seu quarto e checou as horas. Se tudo corresse de acordo com os planos, eles se encontrariam dali a duas horas. Para ter certeza, discou para os números 0-800

para saber as linhas aéreas apropriadas — e perguntou sobre o horário de chegada dos voos. Todos chegariam na hora. Poderia haver algum problema com a alfândega, ou tráfego ruim, mas o plano dava margem para isso. Era um plano cauteloso.

Já estavam na estrada para sua próxima parada, que era Atlantic City, Nova Jersey, onde havia um enorme centro de convenções. Os vários modelos novos e conceituais de automóveis estavam embrulhados em plástico para proteger sua pintura, a maioria em trailers convencionais, mas alguns em trailers cobertos como aqueles usados por equipes de corrida. Um dos representantes do fabricante estava lendo os comentários escritos à mão que sua companhia solicitara às pessoas que haviam parado para ver seus produtos. O homem esfregou os olhos. Maldita dor de cabeça, maldita coriza. Torceu para não estar ficando doente. Também sentia-se dolorido. Era isso que você ganhava por passar o dia inteiro sob o respiradouro do ar-condicionado.

O telegrama oficial não foi inesperado. O secretário de Estado americano requeria uma consulta oficial com seu governo para discutir assuntos de interesse mútuo. Zhang sabia que não havia como evitar isso, e era melhor recebê-lo de forma amigável, protestando inocência — e inquirindo delicadamente se o presidente americano havia se enganado ou alterado uma antiga política americana durante sua entrevista coletiva à imprensa. Este aspecto da questão ajudaria a nivelar o diálogo com Adler. O americano provavelmente iria oferecer-se como intermediário entre Pequim e Taipé, na esperança de acalmar a situação. Isso seria útil.

Por enquanto, os exercícios continuavam, embora com um respeito maior pelo espaço neutro entre os

dois conjuntos de forças. A atmosfera ainda estava quente, mas esfriando. A República Popular da China, seu embaixador já explicara em Washington, não tinha feito nada errado, não havia disparado o primeiro tiro, e não tinha interesse em iniciar hostilidades. O problema era com a província rebelde, e se a América simplesmente colaborasse para a solução óbvia do problema — havia uma China —, então o assunto seria resolvido, e rápido.

Mas os EUA há muito mantinham uma política que não fazia sentido para nenhum dos países envolvidos, querendo ser amistosa com Pequim e Taipé, tratando a segunda como a nação inferior que ela era, mas não se mostrando disposta a aceitar a conclusão lógica. Em vez disso, diziam que sim, havia apenas uma China, mas essa China única não tinha o direito de forçar seu governo à outra China, que, segundo a política oficial americana, não existia realmente. Essa era a consistência americana. Seria um grande prazer dizer isso ao secretário Adler.

— A República Popular da China tem o prazer de receber o secretário Adler no interesse da paz e da estabilidade regional. Ora, não é gentil da parte deles?

— disse Ryan, ainda em seu gabinete às nove da noite, imaginando que canal de TV seus filhos estariam assistindo sem ele. Devolveu a mensagem a Adler.

— Tem realmente certeza de que eles fizeram isso? — perguntou o secretário de Estado ao almirante Jackson.

— Se eu tiver de explicar isso mais uma vez, a fita vai acabar gasta.

— Sabe, às vezes as pessoas simplesmente fazem merda.

— Senhor, esta não foi uma dessas vezes — disse Robby, imaginando se ele teria de exibir a fita de vídeo novamente. — E eles já estão fazendo os exercícios de treinamento há um bom tempo.

— Oh? — expressiu Ryan.

— Já se exercitaram tanto que seu equipamento deve estar começando a ficar gasto. Eles não são muito bons em manutenção, não tanto quanto nós.

Além disso, estão gastando um bocado de combustível. Este é o maior tempo que já os vimos permanecer no mar. Por que estão gastando suas coisas? Para mim, esse pequeno combate foi uma desculpa para voltarem para casa dizendo que marcaram um ponto.

— Estão tentando salvar o orgulho nacional — sugeriu Adler.

— Bom, depois disso eles reduziram o ritmo das operações. Não estão se aproximando da linha que mostrei a vocês. Os chineses de Taiwan estão totalmente alertas agora. Droga, talvez seja isso — opinou o J-3. — Você não ataca um inimigo emputecido. Primeiro você deixa que ele relaxe um pouco.

— Rob, você falou que um ataque de verdade não é possível — disse Ryan.

— Jack, na ausência de conhecimento de suas intenções, preciso julgar por capacidades. Eles podem realizar um conflito de grandes proporções no estreito, e provavelmente sairão vitoriosos se o fizerem. Talvez isso coloque pressão política suficiente em Taiwan para forçar algum tipo de grande concessão. Eles mataram pessoas — recordou Jackson aos outros dois. — Claro, o valor que eles depositam na vida humana não é o mesmo que o nosso, mas quando você mata pessoas você cruza outra linha invisível — e eles sabem como nós nos sentimos sobre isso.

— Mova o porta-aviões até lá — disse Adler.

— Por que, Scott?

— Presidente, isso me dá uma carta para jogar na mesa. Isso demonstra que estamos encarando o assunto seriamente. Conforme o almirante Jackson acaba de nos dizer, nós encaramos seriamente a perda de vidas, e eles terão de aceitar o fato de que não queremos e não iremos permitir que isso se repita.

— E se eles pressionarem do mesmo jeito? E se houver outro acidente que possa nos envolver?

— Presidente, essas são operações de guerra, e esse é o meu negócio.

Estacionariamos o Ike na costa leste da ilha. Eles não poderão atingi-lo por acidente ali. Eles teriam de atravessar três cinturões de defesa para fazê-lo: a defesa de Taiwan no estreito, depois a ilha em si, e então a muralha que o comandante do grupo de batalha colocará. Eu também poderia colocar um Aegis na parte inferior do estreito para dar-nos cobertura completa de radar da passagem inteira. Isso, claro, se o senhor nos ordenar a mover o Ike. Qual seria a vantagem disso para Taiwan? Bem, quatro esquadrões de caças, mais cobertura aérea de radar. Isso fará com que se sintam mais — O que me permitirá jogar melhor — concluiu o secretário.

— Mas isso deixa o Índico descoberto. Faz muito tempo desde a última vez que fizemos isso. — Robby insistia em bater nessa tecla, notaram os outros dois.

— Não há mais nada lá? — indagou Jack. Percebeu que deveria ter averiguado isso antes.

— Um cruzador, Anzio, dois destróieres, duas fragatas: um grupo de reabastecimento baseado em Diego Garcia. Nunca deixamos Diego desprotegido por naus de guerra, não com as Naus de Pré-posicionamento lá.

Temos também um submarino classe 688 na área. E o bastante para fazer diferença, mas não o suficiente para projetar poder. Secretário Adler, o senhor entende o que um porta-aviões significa. O secretário de Estado meneou a cabeça.

— As pessoas os levam a sério. E por causa disso que acho que precisamos de um na China.

— Ele tem um bom argumento, Rob. Onde o Ike está agora?

— Entre a Austrália e Sumatra. Deve estar se aproximando do estreito de Sunda. A COPA SUL de exercícios simulará um ataque indiano em sua costa noroeste. Se movermos o Ike agora, ele poderá ir até Formosa em quatro dias mais algumas horas.

— Coloque-a em movimento, Rob, com velocidade máxima.

— Sim, senhor — respondeu Jackson, dúvidas ainda visíveis no rosto.

Gesticulou para o telefone e, recebendo um aceno de cabeça, ligou para o Centro Nacional de Comando Militar.

— Aqui fala o almirante Jackson com ordens da autoridade nacional de comando. Execute GREYHOUND GLUE. Reconheça isso, coronel. — Robby ouviu e assentiu. — Muito bem, obrigado. — Então se virou para o seu presidente. — Certo, Ike se voltará para o norte em cerca de dez minutos e se moverá rapidamente para Taiwan.

— Tão rápido? — Adler permitiu-se mostrar-se impressionado.

— O milagre das comunicações modernas, e nós já tínhamos transmitido ordens de alerta ao almirante Dubro. Esta não será uma manobra sigilosa. O grupo de batalha trafejará por diversas rotas, e o público ficará ciente — alertou.

— Um pouco de cobertura da imprensa não fará mal — avaliou Adler. — Já fizemos isso antes.

— Bem, está aí sua carta para jogar em Pequim e Taipé — disse Ryan, tendo exercido mais uma ordem executiva, mas distantemente preocupado com o fato de Robby não estar satisfeito com ela. O que realmente dificultava a situação era o combustível. Um grupo de reabastecimento de frota teria de ser movido também, para encher os tanques das naus de escolta não-nucleares do Eisenhower.

— Você dirá o que sabemos sobre o combate? Adler balançou a cabeça.

— Não, definitivamente não. Será mais perturbador para eles se acharem que não sabemos.

— Oh? — Isso veio de um presidente um pouco surpreso.

— Então poderei decidir quando iremos descobrir isso, chefe, e quando isso acontecer, terei outra carta para jogar. Dessa forma, poderei transformar isso num trunfo. — Virou-se. — Almirante, não superestime a inteligência do seu inimigo. Diplomatas como eu não dominam tanto os aspectos técnicos do que vocês fazem. Isso também se aplica às pessoas em países diferentes. Elas desconhecem muitas de nossas capacidades.

— Essas pessoas têm espiões para mantê-las informadas — objetou Jackson.

— Acha que elas sempre escutam? Nós escutamos?

O J-3 piscou ao ouvir essa lição e arquivou-a mentalmente para futura referência.

Aconteceu num grande shopping center, uma invenção americana que parecia planejada para operações sigilosas, com suas diversas passagens de acesso, pessoas apressadas e anonimato quase perfeito. O primeiro contato não foi realmente um encontro. Não foi estabelecido nada mais do que contato visual, e isso a uma distância de menos de dez metros, enquanto os grupos passavam uns pelos outros. Em vez do contato direto, cada um dos subgrupos procedeu a uma contagem e confirmou visualmente as identidades. Em seguida, cada subgrupo checkou os outros para verificar se eles não estavam sendo seguidos. Feito isso, todos retornaram para seus quartos de hotel. O encontro verdadeiro teria lugar no dia seguinte.

Astro de Cinema estava satisfeito. A audácia desse ato fora muito empolgante. Essa não era a missão relativamente simples de levar um idiota-bomba — mártir heroico, corrigiu a si mesmo —, para Israel, e a beleza disso era que se um dos subgrupos tivesse sido identificado, o inimigo não poderia dar-se ao luxo de ignorá-lo. Era possível orçar a oposição a mostrar a mão, e era melhor fazer isso num momento em que nenhum dos seus membros tivesse feito nada além de entrar no país com documentos de viagem falsos.

As dúvidas que se danassem, disse a si mesmo o líder de operação. Esta era a beleza pura de entrar no covil do leão, e era isso que o mantinha no ramo do terrorismo. E para que estava no covil do leão? Ele sorriu para os carros enquanto atravessava o estacionamento. Para pegar seus filhotes.

— E então, que você está fazendo? — perguntou Cathy no escuro.

— Scott parte para a China amanhã de manhã — respondeu Jack, deitado ao lado da esposa. As pessoas diziam que o presidente dos Estados Unidos era o homem mais poderoso do mundo, mas no fim do dia o exercício desse poder decerto parecia exauri-lo. Nem mesmo seu período em Langley, que exigia uma viagem de carro longa por dia, o havia cansado do jeito que este trabalho fazia.

— Para dizer o quê?

— Procurar acalmá-los, aplacar a situação.

— Tem mesmo certeza de que eles agiram deliberadamente?

— Sim. Robby tem certeza absoluta, quase como você com um diagnóstico — confirmou seu marido, olhando para o teto.

— E estamos negociando com eles? — indagou CIRURGIA.

— Precisamos.

— Mas...

— Querida, de vez em quando... droga, a maior parte do tempo, uma nação-Estado comete assassinato e sai impune. Meu dever é pensar no quadro geral, nas questões mais importantes, em coisas assim.

— Isso é horroroso — sentenciou Cathy.

— Sim, tenho certeza de que é. Este jogo precisa ser realizado segundo suas próprias regras. Se você fez droga, mais pessoas sofrem. Você não pode falar com uma nação-Estado do jeito como fala com um criminoso. Há milhares de americanos lá, executivos e outros. Se eu me exceder, coisas ruins poderão acontecer com eles, e então a situação se tornará ainda pior — explicou-lhe POTUS.

— O que pode ser pior do que matar pessoas? — indagou sua esposa-médica.

Jack não tinha uma resposta. Aceitara o fato de que não tinha todas as respostas para os jornalistas nas entrevistas coletivas, para as pessoas lá fora, ou mesmo para seus próprios assessores, ocasionalmente. Agora ele não tinha uma resposta nem mesmo para uma pergunta simples e lógica de sua esposa. O Homem mais poderoso do mundo?

— Claro.

Com esse pensamento, outro dia terminou na Pennsylvania Avenue 1600.

Até mesmo as pessoas importantes ficavam descuidadas, uma eventualidade facilitada por um pouco de criatividade da parte das pessoas mais cuidadosas. O Gabinete Nacional de Reconhecimento estava tentando manter vigília sobre dois lugares. Cada passagem dos satélites de reconhecimento sobre o Oriente Médio e agora o estreito de Formosa resultava numa quantidade imensa de fotos transmitidas para computadores, literalmente milhares de imagens que especialistas em interpretações de fotos precisavam examinar em seu novo prédio nas proximidades do Aeroporto de Dulles. Era apenas mais uma tarefa que não podia ser feita por computador. O estado de prontidão dos militares da URI tinha se tornado o fator de prioridade máxima para o governo americano, como parte da estimativa nacional especial de informação, ou SNIE, agora em preparação sob ordens da Casa Branca. Isso significava que a atenção inteira da equipe voltava-se nesse sentido e que, para cuidar dos outros assuntos, a maioria das pessoas estava trabalhando fora do expediente. Essas pessoas examinavam continuamente as fotos recebidas da China. Se a República Popular da China estava realmente prestes a fazer uma investida militar, então isso transpareceria sob muitos aspectos. As tropas do Exército de Libertação estariam treinando e mantendo seu equipamento, ou carregando seus tanques em trens e com isso as áreas de estacionamento pareceriam diferentes.

Os aviões estariam com armas penduradas em suas asas. Essas eram coisas que uma ligação por satélite revelaria. Dedicava-se mais cuidado a localizar navios no mar — isso era bem mais difícil, porque eles não ficavam em localizações fixas. A América ainda tinha três satélites-espiões no espaço, cada um deles fazendo duas passagens por dia sobre áreas de interesse, e essas passagens eram bem espaçadas de modo a proporcionar maior variedade de informações. Isso deixava os técnicos bem satisfeitos. Eles tinham uma alimentação contínua de dados com os quais firmar suas estimativas e assim prestar seu dever para com o presidente e o país.

Mas eles não podiam observar tudo em toda parte, e um lugar que não vigiavam era Bombaim, quartel-general oriental da Marinha indiana. As órbitas dos satélites KH-11 americanos eram bem definidas, assim como seus horários.

Logo depois que o satélite mais novo varria a área — com o segundo mais novo no outro lado do mundo —, vinha uma lacuna de quatro horas, que terminaria com a passagem do mais velho e menos confiável do trio. Felizmente, isso também coincidia com a maré alta.

Dois porta-aviões e suas escoltas, que haviam acabado de ser reparados, adentraram águas internacionais. Estariam conduzindo exercícios de treinamento no mar Arábico, caso alguém os notasse e perguntasse o que estavam fazendo.

Merda. O representante da Cobra acordou, sentindo-se um tanto febril.

Demorou alguns segundos até se orientar. Motel diferente, cidade diferente, iluminação de teto diferente. Correu os dedos atabalhoadamente até o comutador e pôs os óculos, franzindo os olhos para protegê-los da luz desconfortável, e procurou sua bolsa de viagem. Sim. Conjunto de barbear.

Levou-o até o banheiro, tirou o papel de proteção do copo e encheu-o com água. Abriu a tampa, à prova de crianças, da garrafa de aspirinas, colocou dois comprimidos na mão e engoliu-os com a água. Não devia ter tomado tantas cervejas no jantar, disse o representante de vendas para si mesmo, mas havia fechado um negócio bem decente com alguns golfistas profissionais, e cerveja sempre era um lubrificante apreciado pelos adeptos desse esporte. Ele se sentiria melhor pela manhã. Ex-profissional de turismo que não tinha sido bom o bastante para prosperar na área, era agora um representante de vendas muitíssimo bem-sucedido. Mas que diabo, pensou, voltando para a cama. Hoje sua rotina era mais tranquila, ele

estava ganhando um dinheiro bem decente, e ainda podia jogar num campo de golfe diferente a cada semana, para melhor demonstrar os utensílios que vendia. Torceu para que a aspirina surtisse efeito.

Tinha um café de negócios marcado para as 8:30.

STORM TRACK E PALM BOWL estavam conectados por um cabo de comunicações de fibra ótica, para melhor compartilhar informações. Outro exercício de treinamento estava em andamento no antigo Iraque e este não era um CPX. As três corporações pesadas de unidades iranianas e iraquianas integradas estavam no campo. Rádios de localização de direção indicavam que as corporações estavam afastadas das fronteiras da Arábia Saudita e do Kuwait, e assim não se atribuíam riscos especiais a suas atividades, in:is as tropas ELINT estavam ouvindo atentamente para avaliar o nível de habilidade dos comandantes que movimentavam agora tanques e veículos de infantaria através das planícies amplas e secas do sudeste de Bagdá.

— Boas notícias, major — disse o tenente americano, segurando um telex.

Para variar, o SNIE da URI gerara alguma coisa positiva.

A trezentos quilômetros ao noroeste do Kuwait, num ponto a oito quilômetros ao sul do terraço — na verdade uma duna feita pelo homem — que marcava a fronteira entre o Reino e a URI, parou um caminhão. A tripulação desceu, anexou a extensão para a rampa de lançamento e disparou seu autômato Predator. Mas autômato era um termo obsoleto. Esta miniaeronave era um UAV (Unmanned Aerial Vehicle: veículo aéreo não pilotado. (N. do T.), um espião azul e cinza, propelido por foguete. Levou cerca de vinte minutos para anexar as asas, correr o programa de diagnóstico da parte eletrônica, acionar o motor. Então ele foi lançado, o zumbido incômodo de seu motor diminuindo rapidamente enquanto subia até sua altitude de operação e rumava para o norte.

Produto de três décadas de pesquisa, o Predator era quase invisível, sendo difícil de detectar por radar devido ao seu tamanho pequeno, a inclusão de material absorvente de radar em seu projeto, e o fato de que sua velocidade de operação ser tão lenta que quando os modernos computadores de controle de radar conseguiam captá-lo, classificavam-no como um pássaro e o apagavam da tela do operador. A pintura cobrindo o casco era o mesmo produto supressor de infravermelho usado atualmente pela Marinha. Era feio e grudento a qualquer coisa que o tocasse — os técnicos precisavam espanar a areia de seu bebê o tempo todo —, mas isso era compensado pelo fato de que a cor imiscuía-se extremamente bem com a do céu. Armado apenas com uma câmera de TV, este subiu até uma altura de dezesseis mil quilômetros, e voou para norte sob o controle de outra equipe em STORM TRACK, para ficar de olho nos exercícios da URI. Tecnicamente, tratava-se de uma violação da soberania do novo país, mas um quilo de explosivos no UAV garantiria que se caísse no lugar errado, ninguém ficaria sabendo o que ele tinha sido. Uma antena direcional transmitia a captação da câmera para receptores no reino.

A conexão de fibra ótica retransmitiu o mesmo sinal para PALM BOWL, e quando uma mulher alistada na USAF ligou o monitor da sala, depararam com uma paisagem quase indiscernível enquanto os operadores do Predator guiavam-no ao seu destino.

— Será bom ver se eles sabem o que estão fazendo — observou o tenente para o major Sabah.

— Melhor se virmos que eles não estão fazendo nada — replicou pensativamente o oficial kuwaitiano.

Outros membros de sua família estavam cada vez mais preocupados. Já bastava, pensou o major, que o exército de seu país estivesse colocando-se discretamente num estado elevado de prontidão. Como os sauditas, os kuwaitianos que tinham adquirido entusiasticamente os melhores equipamentos que seu país pequeno mas rico podia pagar, consideravam que a manutenção dos tanques era uma tarefa para homens inferiores. Porém, ao contrário de seus primos sauditas, tinham experiência em estar no lado inferior de uma conquista.

Muitos deles haviam perdido familiares, e uma memória longa era característica comum nesta parte

do mundo. Por essa razão, eles treinavam com vontade. O major Sabah sabia que não estavam nem próximos do nível dos americanos que os haviam ensinado, ou dos israelenses, que os tratavam com um desprezo distante. Seus compatriotas tinham, em primeiro lugar, aprendido como atirar.

Eles haviam queimado pelo menos um tubo de canhão por tanque na pura alegria de aprender essa habilidade, e usaram projéteis de verdade. Capazes agora de atingir seus alvos, sua tarefa atual era aprender a manobrar e lutarem movimento. Novamente, eles não podiam fazer isso bem, ainda não, mas estavam aprendendo. A crise em desenvolvimento enfatizava seu treino, e neste exato momento seus compatriotas estavam deixando seus postos nos setores bancário e comercial para montar veículos. Uma equipe de consultores americanos iria levá-los novamente para o campo, dar-lhes um problema de batalha, e observar seu desempenho. Embora doesse ao major o fato de que seus compatriotas, muitos deles parentes seus, não estivessem preparados, era fonte de orgulho saber que estavam se esforçando de verdade. Contudo, por mais brilhante que fosse, nunca ocorreu ao major o quanto seu exército estava próximo do modelo israelense: cidadãos aprendendo a lutar depois de terem aprendido, a duras penas, que não o sabiam.

— ESPADACHIM está acordado — ouviu Andréa Price em seu fone de ouvido. Eles estavam na cozinha, a comandante da segurança presidencial com os chefes das subseguranças, parados e bebericando café em torno de uma das mesinhas de metal usadas para preparar comida. — Roy?

— Outro dia rotineiro — disse o agente especial Altman. — Ela tem três cirurgias marcadas para esta manhã, depois uma palestra para alguns médicos espanhóis à tarde. São da Universidade de Barcelona. Dez médicos, oito homens, duas mulheres. Checamos os nomes com a polícia espanhola. Todos estão limpos. Nenhuma ameaça especial reportada contra CIRURGIÃ. Tudo indica que será mais um dia normal no trabalho.

— Mike? — falou para o agente especial Michael Brennan, protetor principal do Pequeno Jack.

— Bem, BAIXINHO tem uma prova de biologia no primeiro período de hoje e treino de beisebol depois da escola. É bom com a luva, mas precisa de ajuda com sua tacada — acrescentou o agente. — Fora isso, a mesma, mesma rotina.

— Wendy?

A agente especial Gwendolyn Merritt era a protetora principal de Sally Ryan.

— Prova de química para SOMBRA no terceiro período de hoje. Está ficando muito interessada em Kenny. Bom garoto, precisa cortar o cabelo e pôr uma gravata nova. Ela está pensando em ingressar na equipe feminina de lacrosse.

Algumas testas franziram com a revelação. Como se protege alguém sendo caçada por adolescentes com bastões?

— Quais são mesmo os antecedentes familiares de Kenny? — indagou Price.

Nem mesmo ela podia lembrar de tudo.

— O pai e a mãe são advogados. Cuidam principalmente de impostos.

— SOMBRA precisa melhorar seu gosto — observou Brennan para a diversão geral de todos à mesa. Ele era o piadista do grupo. — Há uma ameaça potencial nisso, Wendy.

— Hein? Qual?

— Se POTUS conseguir passar as novas leis de impostos, os pais do garoto vão ficar na merda.

Andréa Price riscou mais um item em sua lista matutina.

— Don?

— A rotina de hoje é a mesma de sempre, Introdução ao Desenho com Lápis Cera. Ainda não estou satisfeito com a organização, Andréa. Quero mais gente. Mais um dentro, e mais dois para vigiarem no lado sul — anunciou Don Russell. — Estamos expostos demais. Não temos profundidade defensiva

suficiente. O perímetro externo é essencialmente o único, e não estou confortável com isso.

— CIRURGIÃ não quer que lotemos o lugar com gente armada. Você tem a si mesmo e a dois agentes do lado de dentro, três para apoio imediato, e um agente de vigilância do outro lado da estrada — recordou-o Price.

— Andréa, quero mais três. Estamos expostos demais lá — repetiu Russell.

Sua voz estava racional e profissional, como sempre. — A Primeira Família precisa ouvir-nos em questões profissionais.

— Que tal eu passar lá amanhã e dar uma olhada na situação novamente? — indagou Price. — Se eu concordar, falarei com o Patrão.

— Perfeito — assentiu o agente especial Russell.

— Mais algum problema com a Sra. Walker?

— Sheila tentou um abaixo-assinado com os outros pais da Giant Steps. Ela quer tirar CHOCALHO de lá, esse tipo de coisa. Mas, ao que parece, a Sra.

Daggett é conhecida como encrenqueira e mais da metade dos pais conhece os Ryan e gostam deles. Assim, ela não está conseguindo muita coisa. Mas você sabe qual é mesmo o meu maior problema?

— Qual, Don? Ele sorriu.

— A idade das crianças. Às vezes dou as costas para as crianças, elas se movem e quando me viro novamente não consigo dizer quem é CHOCALHO.

Você sabe que há dois tipos de cortes de cabelo para as meninas, e metade das mães acha que Oshkosh é a única marca de roupas de criança.

— Don, isso é coisa de mulher — observou Wendy Merritt. — Se a primeira-caçula usa, tem de ser moda.

— Provavelmente a mesma coisa com o cabelo — acrescentou Andréa. — A propósito, esqueci de dizer. Pat O'Day quer um pequeno duelo com você — disse ao membro mais velho da segurança presidencial.

— O cara do FBI? — Os olhos de Russell acenderam. — Onde? Quando?

Diga-lhe para levar dinheiro, Andréa.

Ocorreu a Russell que ele merecia um pouco de diversão. Ele não perdia uma competição de tiro havia sete anos — o mesmo tempo em que não ficava resfriado.

— Estamos todos acertados? — perguntou Price aos seus agentes principais.

— Como vai o Patrão? — perguntou Altman.

— Ele anda bem ocupado. Tem dormido pouco.

— Quer que eu converse com CIRURGIÃ sobre isso? Ela costuma ficar de olho nele — disse Roy.

— Bem...

— Eu sei como. Puxa, Dra. Ryan, o Patrão anda se sentindo bem? Ele me pareceu um pouco cansado esta manhã... — sugeriu Altman.

Os quatro agentes trocaram olhares. Proteção presidencial era seu dever mais delicado. Este presidente ouvia a esposa tanto como se fosse um marido normal. Então por que não tornar CIRURGIÃ uma aliada? Os quatro assentiram imediatamente.

— Vai fundo — disse-lhe Price.

— Filho duma puta — imprecou o coronel Hamm em seu comando.

— Surpreendeu você, não foi? — perguntou delicadamente o general Diggs.

— Eles têm um espião infiltrado? — quis saber o comandante da Divisão Corcel Negro.

— Não, mas me pegaram de surpresa, Al. Eles não deixaram ninguém saber que tinham treinamento com IVIS. Bem, eu descobri ontem à noite.

— Um bom sujeito, senhor.

— A surpresa funciona nos dois sentidos, coronel — recordou-o Diggs.

— Mas como eles conseguiram fundos para isso?

— Seus senadores são muito bons, acho.

As unidades visitantes não traziam seu equipamento próprio para Forte Irwin, pelo motivo óbvio de que era caro demais transportá-lo. Em vez disso utilizavam veículos disponíveis na base, e esses eram topo de linha. Todos eles eram dotados de IVIS (Inter-Vehicular Informatiun Sytem: sistema de informação interna em veículo. (N. do T.), uma conexão de dados em campo de batalha que projetava dados numa tela de computador dentro dos tanques. Era algo com que o 11º RCB dotara seus veículos (os verdadeiros, não os inimigos simulados) havia apenas seis meses. Aparentemente, um sistema simples para trocar dados — suas peças eram inclusive modulares, o que facilitava o reparo imediato quando algo quebrava —, oferecia à tripulação uma visão abrangente do campo de batalha, e, em poucos segundos, convertia informações de reconhecimento obtidas a duras penas em conhecimento geral. Os dados sobre um combate em desenvolvimento não se limitavam mais a um comandante atarefado. Agora os sargentos sabiam tudo que o coronel sabia, e o conhecimento ainda era a mercadoria mais valiosa conhecida pelo homem. Os operadores de tanque da Guarda da Carolina estavam plenamente treinados em seu uso. Assim como os soldados da Corcel Negro, mas seus falsos veículos do OpFor soviético não o tinham.

— Coronel, agora sabemos o quanto o sistema é realmente bom. Ele derrotou o senhor. O conflito simulado havia sido sangrento. Hamm e seu oficial de operações haviam entrado numa emboscada diabólica, mas os Guerreiros de Fim de semana detectaram-na, evitaram-na e entraram numa batalha de manobra que pegara o OpFor inclinando-se na direção errada. Um contra-ataque ousado de um de seus comandantes de esquadrão quase salvara o dia, e aniquilara metade da Força Azul, mas não fora o suficiente. O primeiro conflito noturno fora vencido pelos mocinhos, e os soldados estavam comemorando como se tivessem acabado de jogar uma partida de basquete.

— Farei mais bonito da próxima vez — prometeu Hamm.

— A humildade faz bem à alma — disse Marion Diggs, apreciando o nascer do sol.

— A morte faz mal ao corpo, senhor — recordou-o o coronel.

— Baaaaaaaaa — disse Diggs, sorrindo enquanto caminhava ao seu Hummer particular. Até Al Hamm precisava de uma lição de vez em quando.

Puseram mãos à obra. Astro de Cinema cuidou de alugar os carros. Ele tinha identidades duplicadas, o suficiente para alugar quatro veículos, três carros de quatro portas e uma caminhonete U-Haul. Os carros de passeio foram selecionados para ser confundidos com os usados pelos pais que tinham crianças na creche. A caminhonete era para sua fuga — uma eventualidade que ele agora considerava provável e não meramente possível. Seus homens eram mais espertos do que ele previra. Ao passar por seu objetivo nos carros alugados, eles não viraram suas cabeças para fitar, mas permitiram que sua visão periférica abarcasse a cena. Já detinham o conhecimento exato a partir do modelo que haviam construído, baseados nos dados das fotografias de seu líder.

Passar pelo local concedeu-lhes uma visão melhor, tridimensional, e conferiu mais substância à sua imagem mental, e à sua confiança crescente. Com essa tarefa terminada, dirigiram para oeste, passaram pela Rota 50 e prosseguiram até uma casa de fazenda solitária no condado de Anne Arundel. A casa era propriedade de um homem que seus vizinhos pensavam ser um judeu nascido na Síria que vivia na área havia onze anos. Na verdade, ele era um agente adormecido. Nos últimos anos ele comprara discretamente armas e munições.

Todas as compras haviam sido legais e realizadas antes das restrições que a lei impusera a alguma dessas armas. Ele poderia ter escapado delas, de qualquer modo. Em seu casaco, Astro de Cinema tinha passagens de avião sob um nome e passaporte diferentes. Este era o ponto final de encontro. Eles trariam

a criança para cá. Em seguida, seis deles deixariam prontamente o país, todos em voos separados, e os três remanescentes entrariam no carro particular do dono da casa e seguiriam para outra locação predeterminada, para aguardar o desenrolar da situação. A América era um país vasto, com muitas estradas. Os telefones celulares eram difíceis de ser rastreados. Eles dariam um trabalho infernal aos seus perseguidores, pensou Astro de Cinema. Ele sabia o que fazer, se a situação chegasse a esse ponto. A equipe com a criança teria um telefone celular. Ele teria dois, um para fazer chamadas rápidas para o governo americano, outro para ligar para os amigos. Eles exigiriam muito pela vida da criança, o bastante para jogar este país no caos. Talvez a criança até mesmo chegasse a ser libertada viva. Ele não tinha certeza disso, mas supunha que era possível.

Predator Caça

A CIA tem seu próprio laboratório fotográfico, é claro. O filme com as fotografias batidas pela janela do avião pelo agente de campo Domingo Chavez foi rotulado de uma maneira um pouco diferente daquela usada pelas lojas comerciais, e em seguida processado em equipamento padrão. Então o tratamento de rotina parou. O filme de 1200 ASA era muito granuloso, produzindo fotos de qualidade ruim, e não era possível dar isso ao pessoal do sétimo andar. Os funcionários do laboratório fotográfico tinham conhecimento da importância daquelas fotos, e sabiam que a melhor forma de evitar ser despedido, neste ou em qualquer outro negócio, era sendo indispensável. Assim o rolo de filme entrou num sistema de aprimoramento computadorizado. Levou três minutos por quadro para converter as imagens em alguma coisa que parecesse ter sido tirada por um profissional com uma Hasselblad sob condições de estúdio. Menos de uma hora depois da chegada do filme, o técnico produziu uma série de fotos lustrosas 20x25, que identificava positivamente o passageiro do avião como Mahmoud Haji Daryaei, e proporcionava uma visão tão limpa e dramática de sua aeronave que o fabricante poderia tê-la usado num anúncio publicitário. O filme foi colocado num envelope e mandado para um cofre. As fotos foram armazenadas em forma digital em fita, sua identidade precisa — data, hora do dia, localização, fotografia, assunto — também foi codificada num registro computadorizado para remissão recíproca. Isso era o procedimento padrão. O técnico havia muito parará de dar atenção ao que revelava, embora ele ainda visse ocasionalmente alguém conhecido numa posição que jamais alcançaria a tela de TV.. mas não este sujeito. Pelo que ouvira falar de Daryaei, o homem provavelmente não tinha muito interesse por meninas ou meninas, e a expressão amarga em seu rosto parecia confirmar isso.

Mas que diabo, ele tinha bom gosto para aviões, um G-IV, aparentemente.

Estranho, o código na cauda não era um registro suíço...?

Quando as fotos chegaram ao sétimo andar, um conjunto completo também foi destinado a um tipo diferente de análise. Um médico iria examiná-las cuidadosamente. Algumas doenças deixavam traços visíveis, e a CIA sempre ficava atenta para a saúde dos líderes estrangeiros.

— ... o secretário Adler partirá esta manhã para Pequim — disse Ryan zeles.

Arnie dissera zele que, por muito desagradáveis que fossem essas declarações à imprensa, ser visto na TV fazendo coisas presidenciais era bom para ele politicamente — e isso, Arnie sempre acrescentava, significava ser mais eficaz em seu trabalho. O presidente também lembrava de sempre ouvir de sua mãe o quanto era importante ir ao dentista duas vezes por ano, e assim como o cheiro antisséptico dos consultórios dentários assustava as crianças, ele também passara a odiar a umidade desta sala. As paredes vazavam, algumas das janelas estavam quebradas, e esta parte da Ala Oeste da Casa Branca era tão limpa e bem mantida quanto um armário de aluno de segundo grau, algo que os cidadãos não podiam perceber apenas assistindo pela TV. Embora a área ficasse apenas a alguns metros de seu próprio escritório, ninguém realmente dava muita importância a arrumar as coisas aqui. Jornalistas eram tão grossos que manter o lugar mais arrumado não fazia diferença, assim afirmavam os funcionários da Casa Branca. E os jornalistas realmente não pareciam se importar com isso.

— Presidente, há mais alguma informação a respeito do acidente com o avião de passageiros?

— Foi anunciado que a contagem de corpos está completa. Os gravadores de registro de voo foram recuperados e...

— Teremos acesso às informações da caixa preta?

Porque chamavam de caixa preta quando ela era laranja? Jack sempre se perguntava isso, mas nunca chegava a uma resposta sensata.

— Já requisitamos o acesso, e o governo da República da China prometeu cooperação completa. Eles não precisam fazer isso. O avião está registrado nesse país, e a aeronave foi fabricada na Europa. Mas eles estão sendo prestativos. Reconhecemos e agradecemos por isso. Devo acrescentar que nenhum dos americanos sobreviventes se encontra em risco; alguns dos ferimentos são graves, mas não há risco de vida.

— Quem derrubou o avião? — perguntou outro jornalista.

— Ainda estamos analisando os dados e...

— Presidente, a Marinha tem dois navios classe Aegis nas imediações da China. O senhor deve ter uma boa ideia do que aconteceu.

Esse jornalista fizera seu trabalho de casa.

— Realmente não posso comentar mais nada. O secretário Adler discutirá o incidente com as partes envolvidas. Acima de tudo, queremos garantir que não haverá mais nenhuma perda de vida.

— Presidente, uma adicional: o senhor deve saber mais do que está dizendo.

Morreram 14 americanos nesse incidente. O povo americano tem o direito de saber o motivo.

O diabo era que o homem tinha razão. O diabo também era que Ryan precisava evadir-se:

— Realmente ainda não sabemos exatamente o que aconteceu. Não poderei fazer uma declaração definitiva até que saibamos.

O que era filosoficamente verdadeiro, afinal de contas. Ele sabia quem havia recebido o disparo. Não sabia o motivo. No dia anterior, Adler fora bem convincente em seus motivos para manter o assunto em segredo.

— O Sr. Adler retornou de algum lugar ontem. Por que isso é um segredo?

Era Plumber novamente, insistindo em sua pergunta do dia anterior. Vou matar Arnie por me expor desta forma o tempo todo.

— John, o secretário estava envolvido em consultas importantes. É tudo que tenho a dizer sobre o assunto.

— Ele estava no Oriente Médio, não estava?

— Próxima pergunta?

— Senhor, o Pentágono anunciou que o porta-aviões Eisenhower está se movendo para o mar do Sul da China. O senhor ordenou isso?

— Sim. Acreditamos que a situação merece toda nossa atenção. Temos interesses vitais nessa região. Devo frisar que não estamos tomando partido nesta disputa, mas iremos cuidar de nossos interesses.

— Mover um porta-aviões para lá irá esfriar ou aquecer a tensão?

— Obviamente, não estamos tentando piorar as coisas. Estamos tentando melhorá-las. É no interesse das duas partes darmos um passo para trás e pensarmos no que eles estão fazendo. Vidas foram perdidas — recordou-lhes o presidente. — Algumas dessas vidas eram americanas. Portanto, nosso interesse no assunto é direto. O motivo para termos um governo e um Exército é para cuidarmos dos interesses americanos e proteger as vidas de nossos cidadãos. As forças navais seguindo para essa região irão observar o que está acontecendo e conduzir operações de treinamento rotineiras. É só.

Zhang Han San olhou novamente as horas e comentou para si próprio que ela estava sendo uma bela forma de terminar seu dia de trabalho: a visão do presidente americano fazendo exatamente o que ele queria. Agora a China cumprira suas obrigações para com aquele bárbaro Daryaei. O oceano Índico

estava desprovido de uma grande presença naval americana pela primeira vez em vinte anos. O ministro das Relações Exteriores dos EUA iria agora voar para Pequim, e os comentários habituais seriam trocados. Ele veria que concessões poderia obter dos EUA e de Taiwan. Talvez algumas concessões bastantes boas, pensou, graças aos problemas que os EUA certamente enfrentariam em outra parte...

Adler estava em seu escritório. Suas malas estavam prontas e em seu carro oficial, que o levaria até a Casa Branca para pegar um helicóptero até o aeroporto internacional de Andrews após um aperto de mão presidencial e um breve discurso de despedida que seria leve como mingau de aveia. A saída mais dramática pareceria bem na TV, faria sua missão parecer uma questão importante, e causaria rugas adicionais em suas roupas — mas a tripulação da Força Aérea tinha uma tábua de passar a bordo do avião.

— O que sabemos? — perguntou o subsecretário Rutledge.

— O míssil estava a bordo de um caça da República Popular da China. Isso é absolutamente positivo, a julgar pelas fitas de radar da Marinha. Não fazemos a menor ideia do motivo, embora o almirante Jackson seja muito positivo em dizer que não foi acidente.

— Como foi em Teerã? — inquiriu outro secretário-assistente.

— Equívoco. Colocarei o encontro por escrito no avião e enviarei por fax para vocês — disse Adler. Ele também estava pressionado pelo tempo, e não tivera o suficiente para refletir sobre seu encontro com Daryaei.

— Precisaremos disso, se quisermos ser úteis na SNIE — frisou Rutledge.

Ele realmente queria esse documento. Com ele, Ed Kealty poderia provar que Ryan estava aplicando novamente seus velhos truques, dando uma de agente secreto, e até instigando Scott Adler a fazer o mesmo. A chave para destruir a legitimidade política de Ryan estava lá fora, em algum lugar. Ele estava se esquivando bem dos golpes, e sabendo contra-atacar, sem dúvida alguma graças ao seu treinador Arnie van Damm, mas sua gafe no dia anterior a respeito da política para com a China causara rebuliço no prédio. Como muitas pessoas no Estado, ele queria que Taiwan simplesmente desaparecesse, possibilitando à América manter relações normais com a mais nova superpotência do planeta.

— Uma coisa por vez, Cliff.

A reunião voltou a abordar a questão da China. Por consentimento mútuo, ficou decidido que o problema da URI deveria ser esquecido durante os próximos dias.

— A Casa Branca decidiu alguma mudança na política para com a China? — indagou Rutledge. Adler balançou a cabeça.

— Não. O presidente está apenas tentando falar sobre a situação... e sim, eu sei, ele não devia ter chamado a República da China de China, mas talvez isso tenha balançado um pouco o pessoal lá de Pequim, e não estou descontente de todo com isso. Eles precisam aprender a não matar americanos. Cruzamos uma linha aqui, pessoal. Uma das coisas que tenho a fazer é deixar que eles percebam que encaramos seriamente essa linha.

— Acidentes acontecem — observou alguém.

— A Marinha diz que não foi acidente.

— Convenhamos, secretário — resmungou Rutledge. — Por que diabos eles fariam isso de propósito?

— O nosso trabalho é descobrir. O almirante Jackson colocou muito bem o seu ponto de vista. Se você é um tira na rua e tem um assaltante armado à sua frente, atiraria numa velhinha do outro lado do quarteirão?

— Por acidente, claro — persistiu Rutledge.

— Cliff, há acidentes e acidentes. Este matou americanos, e caso alguém nesta casa tenha esquecido,

devemos encarar isso seriamente.

Não estavam acostumados a esse tipo de reprimenda. Que bicho havia mordido Adler, afinal? O trabalho no Departamento de Estado era manter a paz, para impedir conflitos que matavam pessoas aos milhares. Acidentes eram acidentes. Eram lamentáveis, mas aconteciam, como câncer e ataques cardíacos. Supunha-se que o Estado devia lidar com o quadro geral.

— Obrigado, presidente.

Ryan deixou o pódio, tendo mais uma vez sobrevivido às pedradas e flechadas da mídia. Olhou as horas. Droga. Ele perdera a hora de se despedir das crianças indo para a escola — de novo — e também não dera um beijo de despedida em Cathy. Onde está escrito na Constituição que o presidente não era um ser humano?

Ao chegar ao seu escritório, Ryan correu os olhos pela folha com seu cronograma diário impresso. Dali a uma hora, o bota-fora de Adler. Às dez da manhã, reunião com Winston sobre os detalhes de suas mudanças administrativas no Tesouro. Arnie e Callie às 11 sobre seus discursos na semana seguinte. Almoço com Tony Bretano. Um encontro depois do almoço com... quem? Os Mighty Ducks de Anaheim? Ryan balançou a cabeça. Ah, sim. Eles tinham vencido a Stanley Cup, e esta seria uma oportunidade de divulgação para eles e para ele. Precisava ter uma conversinha com Arnie sobre essas baboseiras políticas. Hum! Devia manter Ed Foley para fazer isso, pensou Jack com um sorriso. Ele era fanático por hóquei...

— Você está atrasado — disse Don Russell enquanto Pat O' Day deixava Megan. O inspetor do FBI passou por ele, viu o casaco e o cobertor de Megan e retornou.

— Faltou energia ontem à noite e desligou meu radiorrelógio — explicou.

— Grande dia planejado. Pat meneou a cabeça.

— Dia burocrático. Preciso terminar algumas coisas... você conhece a rotina. Ambos conheciam. Era essencialmente editar e indexar relatórios, uma função de secretariado que em casos sensíveis frequentemente era realizada, a contragosto, por agentes armados.

— Ouvi dizer que você está querendo um duelozinho — disse Russell.

— Disseram que você é danado de bom.

— Com justiça, acho — gabou-se o agente do Serviço Secreto.

— Sim, eu também mantenho os tiros dentro das linhas.

— Usa o SigSauer?

O agente do FBI balançou a cabeça.

— Smith 10767 inoxidável.

— Dez milímetros.

— Faz um buraco maior — comentou O Day.

— Nove sempre bastou para mim — reportou Russell. Então ambos riram.

— Você é bom de taco, também? — perguntou o agente do FBI.

— Não desde o segundo grau, Pat. Vamos combinar a aposta?

— Precisa ser sério — considerou O Day.

— Caso de Samuel Adams? — sugeriu Russell.

— Uma aposta honrada, senhor — concordou o inspetor.

— Que tal em Beltsville? — Esse era o local da Academia do Serviço Secreto. — A galeria externa.

Ambientes fechados sempre são muito artificiais.

— Disputa padrão de combate?

— Há anos não disparo em alvos. Não espero que um dos meus agentes seja atacado por um pontinho

preto.

— Amanhã? — Parecia uma boa diversão de sábado.

— Provavelmente é um pouco perto demais. Posso verificar. Saberei esta tarde.

— Don, temos um acordo. E que vença o melhor. Apertaram-se as mãos.

— O melhor vencerá, Pat. Ele sempre vence.

Ambos sabiam quem seria esse homem, embora um deles tivesse de estar errado. Ambos também sabiam que o outro seria um bom sujeito para ter na sua retaguarda, e que a cerveja teria um ótimo gosto, qualquer que fosse o resultado da contenda.

As armas não eram totalmente automáticas. Um bom armeiro poderia tê-las alterado, mas esse não era o caso do agente adormecido. Astro de Cinema e o seu grupo não se importaram muito com isso. Eram atiradores bem treinados e sabiam que as armas totalmente automáticas eram boas apenas para três pentes de balas, caso o atirador não tivesse os braços de um gorila — depois disso, a arma escoiceava e você fazia buracos no céu e não no alvo, que poderia começar a atirar em resposta. Não haveria tempo nem espaço para um segundo pente de balas, mas eles estavam familiarizados com o tipo de arma, a versão chinesa da AK-47 soviética, por sua vez um aperfeiçoamento de uma pistola alemã da década de 40. A arma utilizava pentes de 7.62mm. Os pentes acolhiam trinta balas cada um. Os membros da equipe usaram fita flexível para duplicar os pentes, inserindo-os e ejetando-os para certificar-se de que todos encaixavam apropriadamente. Com essa tarefa completada, retomaram seu exame do objetivo. Cada um conhecia seu lugar e sua tarefa. Cada um conhecia também os riscos envolvidos, mas não se deixavam abater por eles. Astro de Cinema sabia que aqueles homens estavam envolvidos apenas na natureza da missão. Eram tão desumanizados por seus anos de atividade dentro da comunidade terrorista que, embora para a maioria esta fosse sua primeira missão real, pensavam única e exclusivamente em provar sua coragem. Como fariam isso era o que menos importava.

— Eles vão tentar negociar um monte de coisas — disse Adler.

— Acha? — perguntou Jack.

— Pode apostar. Nação mais favorecida, disputas de copyright... tudo que você possa imaginar.

O presidente franziu a testa. Parecia obscuro colocar a proteção de copyright para os CDs de Barbra Streisand ao lado do homicídio de tantas pessoas, mas...

— Sim, Jack. Eles simplesmente não pensam sobre essas coisas da mesma forma que nós.

— Lendo minha mente?

— Sou um diplomata, lembra? Acha que só ouço o que as pessoas dizem em voz alta? Droga, se eu fizesse isso, nunca fecharia uma só negociação. É como jogar um longo jogo de cartas com apostas baixas, sempre tedioso e tenso.

— Tenho pensado no custo das vidas...

— Eu também — replicou com um aceno de cabeça o secretário de Estado. — Você não pode pensar muito nisso. No contexto deles, isso é sinal de fraqueza.

Mas você também não pode esquecer.

Esse comentário fez seu comandante-em-chefe levantar-se abruptamente.

— Por que temos sempre de respeitar o contexto cultural deles? Por que eles nunca parecem respeitar o nosso? — inquiriu POTUS.

— Sempre foi assim no Estado.

— Isso não responde à pergunta — asseverou Jack.

— Presidente, se abordarmos essa questão com muita insistência, estaremos nos oferecendo como reféns. O outro lado sempre saberá que poderão pendurar algumas vidas sobre nós e usá-las para nos pressionar. Isso lhes concederá uma vantagem.

— Apenas se permitirmos. Os chineses precisam de nós tanto quanto precisamos deles... mais, com o excedente comercial. Tirar vidas é uma forma de jogar duro. Podemos jogar duro também. Sempre me perguntei por que não o fazemos.

O secretário de Estado ajustou os óculos.

— Senhor, não discordo disso, mas é preciso pensar nessa questão com muito cuidado, e não dispomos de tempo para fazê-lo agora. Você está falando sobre uma mudança doutrinai na política americana. Não podemos entrar de cabeça numa coisa tão grande.

— Quando você retornar, vamos tirar um fim de semana com mais alguns outros para considerarmos nossas opções. Não gosto do que temos feito num sentido moral, e não gosto porque isso nos torna previsíveis demais.

— Como assim?

— Jogar segundo um determinado conjunto de regras é bom, contanto que todos sigam as mesmas regras. Mas seguir um conjunto de regras conhecido quando o adversário não fez isso apenas nos torna um alvo fácil — especulou Ryan. — Por outro lado, se o adversário quebrar as regras e fizermos o mesmo em seguida, talvez de uma forma diferente, mas ainda assim quebrando as regras, estaremos dando-lhes algo com que pensar. Com os seus amigos você quer ser previsível; com os inimigos, quer que saibam que se mexerem com você sairão machucados. A parte que devemos tornar imprevisível é o quanto eles sairão machucados.

— O que o senhor está dizendo não é de todo sem mérito, presidente. Parece um bom assunto para um fim de semana em Camp David. — Ambos pararam de falar quando o helicóptero pousou no heliporto.

— Meu motorista chegou. Está com a sua declaração?

— Sim, e tão dramática quanto a previsão do tempo num dia ensolarado.

— É assim que o jogo é feito, Jack — disse o secretário de Estado.

Adler refletiu que Ryan estava ouvindo muito essa música. Não era de admirar que estivesse começando a ficar irritado com ela.

— Nunca participei de um jogo no qual eles não tenham mudado as regras em algum momento. No beisebol eles designam um bateador quando precisam anuviar as coisas — comentou casualmente POTUS.

Designar um bateador, pensou o secretário de Estado a caminho da porta.

Grande escolha de palavras...

Quinze minutos depois, Ryan observou o helicóptero decolar. Ele apertara a mão de seu secretário para as câmeras, fizera um comentário breve para as câmeras, parecendo sério mas animado para as câmeras. Talvez a C-SPAN tivesse coberto o evento ao vivo, mas ninguém mais o fizera. Se aquele fosse um dos dias mortos para notícias — como costumavam ser as sextas-feiras em Washington —, o evento teria um minuto ou dois nos telejornais noturnos. Mas era mais provável que não. Sexta-feira era o dia em que a mídia eletrônica resumia os eventos da semana, reconhecia alguma pessoa ou outra por ter feito uma coisa ou outra, e colocava matérias mais leves no ar.

— Presidente! — Jack virou-se para ver NEGOCIANTE, seu secretário do Tesouro, chegando alguns minutos mais cedo.

— Oi, George.

— Sabe aquele túnel entre aqui e o meu prédio?

— Que tem ele?

— Dei uma olhada hoje de manhã. Está uma tremenda bagunça. Você tem alguma coisa contra mandar limpá-lo? — perguntou Winston.

— George, essa é uma função do Serviço Secreto, e você é o dono deles, lembra?

— Sim, eu sei, mas como o túnel vem até a sua casa, pensei em pedir sua opinião. Certo, vou mandar

dar um jeito nele. Pode ser uma boa alternativa nos dias de chuva.

— Como está indo o plano de impostos? — indagou Ryan, a caminho da porta. Um agente abriu e a segurou para que ele passasse. Esse tipo de coisa ainda incomodava Jack. Um homem precisava fazer algumas coisas sozinho.

— Os modelos de computador estarão prontos. Eu realmente quero tudo previsto: neutralidade em relação ao volume de renda, mais facilidade para os pequenos, mais justiça para os grandes. E meu pessoal está pesquisando a fundo a questão da economia administrativa. Meu Deus, Jack, eu estava errado sobre isso!

— Que você quer dizer? — Dobraram a esquina para o Salão Oval.

— Pensei que eu era a única pessoa que pagava alto para se esquivar do imposto de renda. Todo mundo faz isso. É uma indústria imensa. Muita gente vai ficar sem trabalho...

— E devo ficar feliz com isso?

— Todos vão achar trabalho honesto, exceto os advogados, talvez. E faremos os contribuintes economizarem alguns bilhões de dólares dando-lhes um formulário de imposto de renda que eles possam entender com matemática de primeiro grau. Presidente, o governo não insiste que as pessoas comprem chicotes para seus cavalos, insiste?

Ryan mandou sua secretária chamar Arnie. Ele queria um pouco de orientação política nas ramificações do plano de George.

— Sim, almirante?

— O senhor pediu um relatório sobre o grupo Eisenhower — disse Jackson, caminhando até o mapa de parede e consultando uma tira de papel. — Eles estão bem aqui, operando a uma boa velocidade. — O bip de Robby começou a vibrar em seu bolso. Pegou-o e olhou o número. Levantou as sobancelhas. — Senhor, eu posso...?

— Tudo bem — disse o secretário Bretano.

Jackson pegou o telefone do outro lado da sala, discando cinco dígitos.

— Aqui fala J-3... oh? Onde eles estão? Então vamos descobrir, não vamos, comandante? Correto. Colocou o fone de volta. — Esse foi o NMCC. O NRO reporta que a Marinha indiana está desaparecida... seus dois porta-aviões, quero dizer.

— Que significa isso, almirante?

Robby caminhou de volta até o mapa e correu a mão ao longo da parte azul a oeste do subcontinente indiano.

— Trinta e seis horas desde a última vez que checamos. Acho que leva três horas para deixar o porto entrar em formação... vinte nós vezes 33 é 660 milhas náuticas, seiscentos e setenta milhas terrestres... estão entre seu porto e o cume da África. — Ele se virou. — Secretário, eles têm dois porta-aviões, nove escoltas e um grupo de reabastecimento desaparecido de seus estaleiros. Os navios-tanques significam que eles planejam ficar fora algum tempo. Não temos nenhuma informação dos serviços secretos a esse respeito. — Como sempre, não acrescentou Robby.

— Então, onde estão exatamente?

— Esse é o caso. Não sabemos. Temos algumas aeronaves Orion P-3 baseadas em Diego Garcia. Eles vão lançar algumas para fazer reconhecimento.

Podemos designar alguns recursos de satélites para a função também.

Precisamos contar isto ao Estado. Talvez a embaixada possa descobrir alguma coisa.

— Justo. Direi ao presidente em alguns minutos. Mais algum motivo de preocupação?

— Talvez eles estejam apenas fazendo um teste depois de completar reparos; nós balançamos a gaiola deles com força há um tempo, lembra?

— Mas agora os únicos dois porta-aviões no oceano Índico são de outra nação?

— Precisamente, senhor.

— E nosso porta-aviões mais próximo está navegando na direção errada.

Mas pelo menos o secretário de Defesa estava entendendo.

Adler estava num antigo Força Aérea Um, uma versão velha mas sólida do venerável 707-320B. Sua comitiva oficial consistia em oito pessoas, assistidos por cinco comissários da Força Aérea. Olhou seu relógio de pulso, calculou o tempo de viagem — teriam de parar para reabastecer na Força Aérea de Elmendorf no Alasca —, e decidiu que dormiria um pouco para compensar sua última desorientação de fuso horário. Que pena, pensou, que o governo não tivesse um programa de recompensa por milhagem. Se tivesse, ele viajaria de graça para o resto da vida. Por ora, pegou suas anotações sobre Teerã e começou a examiná-las novamente. Fechou os olhos, tentando recordar detalhes adicionais enquanto revivia a experiência desde sua chegada em Mehrabad até a saída, cada episódio. De cinco em cinco minutos, abria os olhos, folheava suas notas e rabiscava alguns comentários à margem. Com sorte, ele poderia datilografar e enviá-los por fax seguro para a equipe de SNIE em Washington.

— Ding, talvez haja outra carreira à sua espera — observou Mary Pat enquanto examinava a foto através de uma lente ampliadora. Em seguida, sua voz soou desapontada. — Ele parece saudável.

— Será que ser tão filho da puta aumenta a longevidade? — indagou Clark.

— Até agora tem funcionado para você, Sr. C. — brincou Chavez.

— Vou ter que ouvir isso pelos próximos trinta anos.

— Mas pense só nos belos netos que você tem, jefe. E bilíngues.

— Podemos voltar ao trabalho? — sugeriu a Sra. Foley, tarde de sexta-feira ou não.

Não é nada divertido passar mal num avião. Tentou imaginar se tinha sido alguma coisa que comera, ou talvez algum vírus que pegara em San Francisco na feira de informática, com toda aquela gente amontoada. O executivo era um viajante experiente, e o estojo de primeiros socorros pessoal estava sempre ao seu lado. Nele, em meio a lâminas de barbear e coisas do gênero, encontrou um pouco de Tylenol. Engoliu duas cápsulas com uma taça de vinho e decidiu que tentaria dormir um pouco. Com sorte, estaria se sentindo melhor quando seu voo chegasse a Newark. Com toda certeza, não queria dirigir para casa sentindo-se daquele jeito. Empurrou a poltrona para trás até o fim, desligou a luz, fechou os olhos.

Chegou o momento. Os carros alugados afastaram-se da casa da fazenda.

Cada motorista conhecia a rota de ida e volta até o objetivo. Em seus veículos não havia mapas ou outros materiais escritos além de fotos de sua presa. Se algum deles sentia-se perturbado em sequestrar uma criança pequena, não demonstrava. Suas armas estavam carregadas e guardadas em segurança, cada qual numa maleta própria pousada no assoalho, coberta por um pano. Todos usavam ternos de modo que, se um carro de polícia passasse por eles, os tiras veriam apenas três homens bem arrumados, provavelmente executivos em seus carros particulares. A equipe considerava essa última parte divertida. Astro de Cinema era um aficionado por boa aparência, provavelmente, todos pensaram, devido à sua própria vaidade.

A chegada dos Mighty Ducks não causou nenhuma sensação na agente Price. Ela já vira tudo aquilo antes. Os homens mais poderosos entravam neste palácio e se tornavam crianças dentro dele. O que para ela e seus colegas era apenas parte do cenário, as pinturas e coisas do gênero, para outros eram os adornos do poder supremo. E em certo aspecto, admitiu Price para si mesma, eles estavam certos e ela estava errada. Qualquer coisa podia se tornar rotina depois de uma certa dose de repetição, mas os

visitantes, vendo tudo pela primeira vez, talvez vissem as coisas com mais clareza. O processo ajudava nesse sentido, enquanto eles passavam por detectores de metal sob os olhos vigilantes dos membros da divisão uniformizada. Fizeram uma excursão rápida enquanto o presidente e o secretário de Defesa terminavam sua reunião, que estava passando da hora. Os jogadores de hóquei, trazendo presentes para o presidente — os adesivos e flâmulas usuais, mais um suéter do time com o nome de Jack Ryan nele (na verdade, tinham suéteres personalizados para a família inteira) —, passaram pela porta da Entrada Leste, olhos perscrutando as decorações nas paredes pintadas de branco daquele que era, para Andréa, seu ambiente de trabalho; para eles, um local especial e poderoso. Um dualismo interessante, pensou, caminhando até Jeff Raman.

— Estou saindo para checar a segurança de CHOCALHO.

— Soube que Don está um pouco preocupado. Algo que eu precise saber?

Ela balançou a cabeça.

— POTUS não está planejando nada especial. Callie Weston virá mais tarde. Eles alteraram o horário dela. Fora isso, só rotina.

— Ótimo — disse Raman.

— Aqui é Price — disse ela em seu microfone. — Mostre-me em trânsito até CHOCALHO.

— Entendido — replicou o comandante de posto.

A chefe da Segurança Presidencial seguiu o caminho pelo qual os Mighty Ducks haviam chegado, e virou à esquerda até seu carro pessoal, um Ford Crown Victoria. O veículo parecia comum, mas não era. Debaixo do capô havia o maior motor padrão feito pela Ford. O veículo era provido de dois telefones celulares e um par de rádios de segurança. Os pneus tinham discos de metal embutidos, de modo que ainda que um deles esvaziasse, o carro continuaria andando. Como todos os membros da Segurança Presidencial, ela fizera o curso de direção evasiva do Serviço Secreto em Beltsville — era algo que todos eles adoravam. E em sua bolsa havia uma SigSauer 9mm automática, juntamente com dois pentes de balas de reserva, mais seu batom e cartões de crédito.

Price era uma mulher de aparência bastante comum. Não era bonita como Helen D Augustino... a lembrança a fez suspirar. Andréa e Daga tinham sido íntimas. Daga apoiara-a durante um divórcio e arrumara alguns encontros com rapazes. Boa amiga, boa agente, morta com todos os outros naquela noite no Capitólio. Daga — ninguém no Serviço a chamava de Helen — fora abençoada com uma silhueta mediterrânea que ficava à beira do voluptuoso, e isso sempre lhe proporcionava um bom disfarce. Ela simplesmente não parecia uma tira.

Adida, secretária ou amante do presidente, talvez... mas Andréa era mais comum, e assim ela adotava os óculos escuros usados pela maioria dos agentes na segurança presidencial. Ela era extremamente prática, e talvez um pouco tensa demais. Haviam dito isso a seu respeito uma vez, na época em que era uma novidade mulheres se alistarem e portarem armas. O sistema já superara isso. Agora ela era um dos rapazes, ao ponto de que ela ria das piadas e contava algumas também. Na noite da catástrofe no Capitólio, colocar ESPADACHIM e sua família em segurança valera-lhe uma promoção imediata. Andréa sabia que devia muito a Ryan. Ele a promovera porque gostava da forma como ela fazia as coisas. Andréa jamais teria chegado a chefe da Segurança Presidencial tão rapidamente se não fosse a decisão instantânea de Ryan. Sim, ela tinha a perícia necessária. Sim, ela conhecia muito bem os membros da Segurança Presidencial. Sim, ela amava realmente o trabalho. Mas ela era jovem para a responsabilidade e mulher. Contudo, POTUS não parecia se importar com nenhuma das duas coisas e não a escolhera porque ela era mulher e porque isso pareceria bom ao eleitorado.

Ele fizera isso porque ela fizera bem seu serviço durante um momento difícil. Isso legitimava sua promoção e tornava ESPADACHIM uma pessoa especial. Ele até mesmo pedia sua opinião sobre coisas. Isso era único.

Ela não tinha marido. Não tinha filhos, provavelmente jamais teria. Andréa Price não era uma das

mulheres que decidem abandonar a feminilidade para perseguir uma carreira. Ela queria tudo, mas não conseguira fazer isso. Sua carreira era importante — ela não podia pensar em nada mais vital ao seu país do que aquilo que fazia —, e a boa notícia era que a carreira exigia tanto que Andréa mal tinha tempo de pensar no que estava perdendo... um homem bom com quem compartilhar sua cama, uma vizinha chamando-a de mãe. Mas quando dirigia sozinha, Andréa pensava nisso. Como agora, subindo a New York Avenue.

— Não somos tão liberadas assim, não é mesmo? — perguntou ao para-brisa.

Mas o Serviço não lhe pagava para ser liberada. O Serviço lhe pagava para cuidar da Primeira Família. Quanto à sua personalidade e vida, era para isso que existiam as horas de folga, embora as obrigações não lhe permitissem muitas.

O inspetor O'Day já estava na Rota 50. Sexta-feira era o melhor dia. Já fizera todas as obrigações da semana. Sua gravata e seu terno estavam pousados no assento ao seu lado, e ele estava novamente com sua jaqueta de couro e seu boné da sorte do John Deere, sem o qual ele jamais consideraria jogar golfe ou caçar. Neste fim de semana tinha uma tonelada de coisas para fazer em casa.

Megan ajudaria com muitas delas. De algum modo ele sabia. Pat não entendia completamente. Talvez fosse instinto. Talvez ela apenas respondesse à devoção do pai. Qualquer que fosse o motivo, ambos eram inseparáveis. Em casa, ela só saía do seu lado para dormir, e só depois de um grande abraço e um beijo, seus bracinhos apertando o pescoço do pai. O Day riu sozinho.

— Que sujeito durão eu sou.

Russell supunha que era seu instinto de avô. Todos esses diabinhos. Eles estavam brincando lá fora agora, cada um com seu casaco, metade deles usando os capuzes, porque crianças gostam disso por alguma razão. Estavam brincando para valer. CHOCALHO estava na caixa de areia, juntamente com a filhinha de O'Day, com quem tanto se parecia, e um menininho — o filho dos Walker, o garotinho daquela chata do Volvo. A agente Hilton estava lá fora também, supervisionando. Estranhamente, eles podiam relaxar mais aqui fora. O playground ficava no lado norte do prédio da Giant Steps, sob a visão direta da equipe de apoio do outro lado da rua. O terceiro membro da equipe estava lá dentro ao telefone. Ela geralmente trabalhava na sala dos fundos, onde ficavam os monitores de TV. As crianças a conheciam como tia Anne.

Frágil demais, disse Russell para seus botões, enquanto observava as criancinhas divertindo-se da forma mais pura possível. No caso mais extremo, alguém poderia passar pela Ritchie Highway e metralhar o lugar. Tentar convencer os Ryan a não mandar Katie para cá fora perda de tempo e, claro, eles queriam que sua caçula fosse uma menina normal. Mas...

Mas tudo aquilo era loucura, não era? Toda a vida profissional de Russell orbitara em torno do conhecimento de que havia pessoas que odiavam o presidente e todos à sua volta. Algumas dessas pessoas eram loucas. Algumas eram outra coisa. Ele estudara a psicologia disso. Precisara estudar, porque aprender sobre essas pessoas ajudava a prever o que procurar, mas isso não era o mesmo que entendê-las. Essas eram crianças. Até mesmo a porra da Máfia não machucava crianças. Às vezes, ele invejava o FBI por sua autoridade em perseguir sequestradores. Resgatar uma criança e prender o criminoso nesse tipo de caso devia ser um momento doce, embora parte dele questionasse o quanto seria difícil trazer esse tipo de meliante vivo, em vez de mandá-lo ouvir seus direitos de Miranda da boca de Deus. Esse pensamento aleatório provocou um sorriso. Ou talvez o que realmente acontecia fosse ainda melhor. Os sequestradores passavam maus bocados na prisão. Até mesmo assaltantes empedernidos não tinham estômago para quem abusava de crianças, e assim esse tipo de meliante precisava aprender um novo tipo de recreação nas prisões federais: sobrevivência.

— Russell, posto de comando — disse seu fone auricular.

— Russell falando.

— Price está vindo para cá conforme você requisitou — comunicou o agente especial Norm Jeffers da casa do outro lado da rua. — Diz que chegará em quarenta minutos.

— Certo. Obrigado.

— Vejo que o menino dos Walker está prosseguindo seus estudos em engenharia — prosseguiu a voz.

— Sim. Talvez ele vá fazer pontes em seguida — concordou Don.

O menino, que era mais novo que as duas garotas, estava edificando o segundo nível de seu castelo de areia, para a absoluta admiração de Katie Ryan e Megan O Day.

— Espero que o senhor goste, presidente — disse o capitão de equipe.

Ryan deu uma gargalhada gostosa e mostrou o suéter sobre o corpo para as câmeras. A equipe se reuniu em torno dele para a tomada.

— Meu diretor da CIA é um grande fã de hóquei — disse Jack.

— Mesmo? — comentou Bob Albertsen. Era um defensor bastante musculoso, o terror de seus adversários, mas agora estava dócil como um gatinho.

— Sim, ele tem um garoto que é muito bom; jogou no campeonato juvenil na Rússia.

— Então ele deve ter futuro. Que escola ele frequenta?

— Não tenho certeza de quais são as faculdades que eles estão cogitando.

Acho que disseram alguma coisa sobre Eddie querer fazer engenharia.

Jack pensou no quanto aquilo era agradável; conversar de vez em quando sobre coisas normais, como uma pessoa normal, com outras pessoas normais.

— Diga-lhes para mandar o garoto para Rensselaer. Há uma boa escola técnica lá em Albany.

— Por que lá?

— Aqueles malditos CDFs ganham o campeonato universitário quase todos os anos, frequentei o Minnesota, e eles puxaram nosso tapete duas vezes seguidas. Mande-me o nome do garoto e enviarei algumas coisas para ele. Para o pai dele também, se não houver problema, presidente.

— Farei isso — prometeu o presidente. A menos de dois metros de distância, o agente Raman ouviu a conversa e assentiu.

O'Day chegou exatamente quando as crianças estavam correndo de volta da hora do banheiro. Estacionou sua caminhonete a diesel atrás de quatro veículos. Observou os agentes do Serviço trocarem de posição. Russell apareceu na porta da frente, seu posto regular para quando as crianças estavam dentro do prédio.

— E então, temos uma competição amanhã? Russell balançou a cabeça.

— Perto demais. Duas semanas a partir de amanhã. Duas da tarde. Isso vai lhe dar chance para treinar.

— Até parece que você não vai fazer isso — disse O'Day, passando por ele para entrar.

Ele viu Megan entrar no banheiro das meninas sem ver seu pai na sala.

Melhor assim. Encostou-se do lado de fora da porta para surpreendê-la quando saísse.

Astro de cinema também estava em sua posição de vigília no estacionamento da escola a nordeste. As árvores estavam começando a ficar cheias, percebeu. Ele podia ver, mas sua visão estava um pouco obstruída.

Ainda assim, as coisas pareciam normais, e desse ponto em diante, tudo estava nas mãos de Alá, disse a si mesmo, surpreso por ter usado a expressão religiosa para um ato decisivamente diabólico. Enquanto observava, o Carro 1 virou à direita logo ao norte da creche. Ele desceria a rua até o fim, mudaria de direção e retornaria.

O Carro 2 era um carro de passeio, um Lincoln branco, gêmeo de um pertencente a uma família com uma criança aqui. Essa família consistia em dois médicos, embora nenhum dos terroristas soubesse disso. Imediatamente atrás vinha um Chrysler vermelho cujo gêmeo pertencia à esposa, grávida novamente, de um contador. Sob os olhos vigilante de Astro de Cinema, os dois carros ocuparam vagas uma de frente para a outra, o mais próximas da rodovia que o estacionamento permitia.

Price chegaria logo. Russell percebeu a chegada dos carros, pensando em seus argumentos para o chefe da segurança presidencial. O sol da tarde se refletia no para-brisa, impedindo-o de ver mais do que a silhueta dos motoristas. Ambos os carros estavam chegando mais cedo, mas como era sexta... as placas...?

Seus olhos estreitaram levemente enquanto ele balançava a cabeça, perguntando-se por que ele não tinha...

Alguna outra pessoa tinha. Jeffers levantou seus binóculos, vistoriando os carros como parte de seus deveres de vigilância. Ele nem sabia que tinha memória fotográfica.

Lembrar coisas era tão natural para ele quanto respirar. Ele pensava que todo mundo era assim.

— Espere, espere, tem alguma coisa errada aqui. Eles não são... — Ele levantou o microfone do rádio. — Russell, aqueles não são os nossos carros!

Foi quase a tempo.

Em um movimento contínuo em câmera lenta, dois motoristas abriram as portas de seus carros e puseram as pernas para fora enquanto pegavam as armas nos bancos da frente. Pelas portas traseiras de ambos os veículos, saíram duas duplas de homens, também armados.

A Mão direita de Russell moveu-se para trás e para baixo, alcançando sua automática. Com a mão direita, levantou o microfone em seu colarinho.

— Arma! — gritou.

Dentro do prédio, o inspetor O'Day escutou alguma coisa mas não teve certeza do quê. Olhava na direção errada para ver a agente Marcella Hilton dar as costas para uma criança com quem estivera conversando e enfiar a mão na bolsa com sua arma.

Foi a mais simples das palavras codificadas. Um instante depois, Don ouviu a mesma palavra repetida em seu fone auricular enquanto Norm Jeffers gritava-a do posto de comando. A mão do agente negro apertou outro botão, ativando uma conexão de rádio com Washington. SANDSTORM SANDSTORM SANDSTORM!

Como a maioria dos tiras de carreira, o agente especial Don Russell jamais disparara sua pistola sentindo raiva, e anos de treinamento tornavam cada ação automática como a gravidade. A primeira coisa que vira tinha sido a parte frontal de um fuzil automático classe AK-47. Com isso, como se um comutador tivesse sido acionado, Russell transformou-se de tira vigilante num sistema operacional de arma de fogo. Sua SigSauer estava exposta agora. A mão esquerda estava correndo para encontrar a direita no cabo da arma, enquanto o resto do corpo caía sobre um joelho para abaixar seu perfil e conceder-lhe maior controle. O homem com o fuzil daria o primeiro tiro, mas a bala passaria por cima, reportou a mente de Russell. Três tiros fizeram isso, passando sobre a sua cabeça e se alojando na moldura da porta enquanto um estrondo em staccato inundava a cena. Enquanto isso acontecia, Russell nivelou sua visão com o rosto atrás da arma. Pressionou o gatilho; a 13 metros de distância, acertou uma bala precisamente no olho esquerdo do atirador.

Lá dentro, os instintos de O’Day estavam apenas começando a soar um alarme quando Megan emergiu do banheiro, lutando com as fivelas de seu macacão da marca Oshkosh. Apenas então a agente conhecida pelas crianças como Tia Anne veio correndo da sala dos fundos, pegou sua pistola com as duas mãos e apontou para Mia.

— Deus! — teve tempo de exclamar o inspetor do FBI quando Tia Anne passou correndo por ele, derrubando-o com o ombro tal qual um zagueiro de futebol americano. O’Day caiu no chão aos pés da filha, sua cabeça batendo na parede no processo.

Do outro lado da rua, dois agentes saíram correndo da porta da frente da residência, ambos empunhando submetralhadoras Uzi enquanto Jeffers permanecia dentro, cuidando das comunicações. Ele já tinha passado a palavra de emergência para o quartel-general. Em seguida, ativou a linha direta com o Quartel da Polícia Estadual de Maryland no Rowe Boulevard, em Annapolis.

Houve barulho e confusão, mas os agentes tinham sido bem treinados. A função de Jeffers era garantir que a palavra se espalhasse, e depois ir apoiar os dois outros membros de sua equipe, que já estavam atravessando o quintal da casa...

Não tiveram a menor chance. A 45 metros dali, os atacantes do Carro 1 derrubaram os dois a tiros. Jeffers observou-os cair enquanto dava a notícia à polícia estadual. Não tinha tempo de sentir-se chocado. Assim que a recepção foi confirmada, Jeffers empunhou seu fuzil M-16, destravou-o e correu para a porta.

Russell trocou tiros. Outro atacante cometeu o erro de parar e fazer mira.

Nem mesmo chegou a atirar. Dois tiros rápidos explodiram-lhe a cabeça como um melão. O agente não estava pensando, sentindo, nem fazendo nada além de atender aos alvos assim que os identificava. Os tiros inimigos ainda zuniam acima de sua cabeça. Ouviu um grito. Sua mente reportou que era Marcella Hilton, e sentiu alguma coisa pesada cair sobre suas costas e derrubá-lo. Deus Todo-Poderoso! Tinha sido Marcella. Seu corpo — a alguma coisa — estava sobre suas pernas; enquanto rolava para livrar-se do estorvo, surgiram quatro homens em seu campo visual, avançando contra ele, agora com uma noção precisa de onde ele estava. Russell disparou um tiro que acertou bem no coração de um deles. O homem arregalou os olhos com o choque do impacto, até que um segundo tiro pegou-o no rosto. Estava acontecendo como Russell sempre havia sonhado. A arma estava fazendo todo o trabalho. Sua visão periférica acusou movimento à sua esquerda — um grupo de apoio, talvez. Não.

Era um carro, e vinha atravessando o playground na direção deles. Não era o Suburban, mas algum outro veículo. Ele mal pôde discerni-lo enquanto sua pistola concentrava-se em outro atirador, mas esse homem caiu, atingido três vezes por Anne Pemberton no pórtico atrás dele. Viu que restavam dois — apenas dois, ele tinha uma chance —, mas então Annie tomou um no peito e caiu para frente. Russell estava sozinho, completamente sozinho agora, apenas ele entre CHOCALHO e esses desgraçados.

Don Russell rolou para a direita, procurando evitar os tiros no chão à sua esquerda; disparou enquanto seu corpo girava, escapando por pouco de duas balas. O pente de balas de sua Sig chegou ao fim. Tinha outro preparado.

Instantaneamente ejetou o pente vazio e enfiou um cheio, mas isso demandou tempo, e ele sentiu uma bala penetrar na parte inferior de suas costas. O impacto veio como um chute que estremeceu seu corpo, enquanto seu polegar direito largava o cão da arma e outra bala acertava-o no ombro esquerdo, abrindo um caminho por seu tronco até emergir da perna esquerda. Deu mais um tiro, mas não conseguiu levantar a arma alto o bastante. Atingiu alguém no joelho um segundo antes de uma saraivada de tiros baixar seu rosto ao chão.

O’Day tentava levantar-se quando dois homens atravessaram a porta, ambos armados com AKs. Olhou em torno para a sala, agora repleta de crianças estarecidas, silenciosas. O silêncio pareceu pairar

no ambiente por um longo momento, então deu lutar aos gritos estridentes das crianças. Um dos homens estava com a perna ensanguentada, e rangia os dentes de dor e raiva.

Lá fora, os três homens do Carro 1 analisavam a carnificina. Ao saltar do carro, viram que quatro homens estavam mortos, mas tinham dado cabo do grupo de cobertura e...

Súbito, o primeiro a sair pela porta direita caiu de bruços. Os outros dois viraram-se para ver um negro de camisa branca com um fuzil cinza.

— Coma merda e morra!

A memória de Norman Jeffers sobre aquele momento seria cheia de lacunas. Ele jamais lembraria de ter dito essa frase enquanto mudava para o alvo seguinte e acertava uma rajada de três tiros em sua cabeça. O terceiro homem da equipe que matara seus dois amigos agachou-se atrás da parte frontal de seu carro, mas o veículo encontrava-se encalhado no meio ao playground, com ar aberto à esquerda e direita.

— Vamos, Charlie, levante e diga oi — murmurou o agente...

...e foi exatamente o que Charlie fez, girando sua arma para atirar em resposta ao guarda-costas sobrevivente. Mas não foi bastante rápido. Olhos arregalados e fixos como o de uma coruja, Jeffers viu o esguicho de sangue enquanto o alvo desaparecia.

— Norm!

Era Paula Michaels, a agente de vigilância do período da tarde na 7-Eleven do outro lado da rua. Chegou empunhando sua pistola com as duas mãos.

Jeffers apoiou-se sobre um joelho atrás do carro cujos ocupantes acabara de matar. Paula juntou-se a ele, e com o cessar repentino de atividade, ambos os agentes começaram a resfolegar, corações batendo furiosamente, cabeças latejando de dor.

— Tem uma contagem? — perguntou a agente.

— Pelo menos um conseguiu entrar...

— Dois. Vi dois. Um deles levou um tiro na perna. Oh, meu Deus, Don, Anne, Marcella...

— Segura as pontas, Paula. Temos crianças lá dentro. Merda!

Então não daria certo, afinal de contas, pensou Astro de Cinema. Merda, praguejou em silêncio. Dissera-lhes que havia três pessoas dentro da casa ao norte. Por que não tinham esperado para matar a terceira? A esta altura, poderiam estar longe daqui com criança! Muito bem. Balançou a cabeça para afugentar os pensamentos. Nunca tinha esperado que a missão lograsse êxito.

Ele alertara Badrayn sobre isso... e escolhera mim homens de acordo. Agora tudo que ele tinha a fazer era observar para certificar-se... de quê? Eles iriam matar a criança? Eles tinham planejado isso. Mas poderiam não cumprir seu dever antes que morressem.

Price estivera a quatro quilômetros e meio da creche quando o chamado de emergência chegara pelo rádio. Em menos de dois segundos, tinha pisado fundo no acelerador e corrido através do tráfego, lâmpada giratória alojada no teto, sirene uivando. Ao virar para o norte para a Ritchie Highway, pôde ver os carros bloqueando a estrada. Imediatamente, manobrou para a esquerda sobre o canteiro lateral, o carro ameaçando derrapar enquanto subia o leve aclive.

Chegou alguns segundos antes da primeira radiopatrulha oliva-e-preto da Polícia Estadual de Maryland.

— Price, é você?

— Quem quer saber? — replicou.

— Norm Jeffers. Acho que temos dois elementos lá dentro. Perdemos cinco agentes. Michaels está comigo agora. Estou mandando-a contornar até os fundos.

— Chego num segundo.

— Cuidado onde pisa, Andréa — alertou Jeffers.

O'Day balançou a cabeça. Seus ouvidos ainda zumbiam; a cabeça doía devido ao choque com a parede. Estava com a filha a seu lado, protegida por seu corpo dos dois — terroristas — que agora estavam apontando suas armas para a esquerda e para direita pela sala enquanto as crianças gritavam. A Sra.

Daggett movia-se lentamente, parada entre eles e suas crianças, instintivamente levantando as mãos ao alto. A sua volta, todas as crianças estavam acocoradas.

Algumas chamavam por suas mães, e, por mais estranho que pudesse parecer, nenhuma pelos pais. E muitas tinham molhado as calças.

— Presidente? — disse Raman, pressionando o fone auricular. Que merda estava acontecendo?

O CÓDIGO SANDSTORM pelas conexões de rádio alcançara num átimo as subseguranças de SOMBRA e BAIXINHO, na St. Mary. Os agentes parados nos corredores diante das salas de aula dos filhos dos Ryan arrombaram as portas, armas em punho, e arrastaram seus protegidos até o corredor. Perguntas foram formuladas, nenhuma respondida, enquanto a subsegurança seguia o plano prévio para um evento como esse. As duas crianças entraram no mesmo Chevy Suburban, que seguiu não para a estrada, mas até um prédio comercial voltado para o campo de atletismo. Uma entrada e uma saída do lugar, e uma equipe de emboscada pode estar lá agora, seus membros disfarçados sabe lá Deus como. Em Washington, um helicóptero dos Fuzileiros decolou para voar até a escola e retirar os filhos dos Ryan. O segundo Suburban assumiu posição no campo, a 150 metros de onde estavam as crianças. A turma que estivera fazendo ginástica do lado de fora foi espantada dali, e agentes posicionaram-se atrás de seus veículos blindados com Kevlar, armas pesadas à mostra, procurando alvos.

— Doutora!

Cathy Ryan levantou os olhos de sua escrivaninha. Roy jamais chamara-a assim antes. Também nunca sacara o revólver em sua presença, ciente de sua aversão por armas. A reação de Cathy provavelmente foi instintiva. O rosto da médica ficou branco como seu jaleco.

— É Jack ou...

— É Katie. É tudo que sei, doutora. Por favor, venha comigo agora.

— Não! De novo não! De novo não!

Altman envolveu CIRURGIÃ com o braço para conduzi-la ao corredor.

Mais quatro agentes estavam lá, armas em punho, expressões preocupadas. Os seguranças do hospital saíram do caminho, embora policiais de Baltimore estivessem formando um perímetro externo, todos tentando lembrar de olhar para fora em busca de uma possível ameaça, e não para dentro, para uma mãe cuja filhinha estava em perigo.

Ryan esticou o braço, espalmou a mão na parede do escritório, olhou para baixo e mordeu o lábio por um segundo antes de dizer: — Conte-me o que sabe, Jeff.

— Há dois elementos no prédio. Don Russell está morto, assim como quatro outros agentes, senhor, mas estamos com a situação sobre controle, certo?

Deixe-nos fazer o trabalho — disse o agente Raman, tocando o braço estendido para ajudar o presidente a se empertigar.

— Por que meus filhos, Jeff? Sou eu que eles querem. Se alguém está com raiva, só pode ser de mim. Me diga por que gente assim vai atrás de crianças.

— É um ato odioso, presidente. Um ato odioso perante os olhos de Deus e do homem — disse Raman, enquanto mais três agentes entravam no Salão Oval.

O que ele estava fazendo agora?, perguntou-se o assassino. Que diabos ele estava fazendo? Por que ele havia dito isso}

Estavam conversando numa linguagem que ele não compreendia. O' Day permaneceu abaixado, sentado no chão com sua menininha, segurando-a no colo com ambos os braços e tentando parecer o mais inofensivo que podia.

Deus, durante anos e anos de treinara para coisas assim — mas nunca para estar dentro, nunca para estar na cena do crime enquanto o crime acontecia. Do lado de fora, você sabia o que fazer. Ele sabia exatamente o que estava acontecendo.

Se ainda restava alguém do Serviço Secreto — com sorte, provavelmente mais de um. Alguém tinha disparado três ou quatro rajadas com um M-16 — O Day conhecia o ruído característico dessa arma. Mais nenhum bandido havia entrado. Sua mente acrescentou esses fatos. Muito bem: havia mocinhos do lado fora. Primeiro, eles estabeleceriam um perímetro para garantir que ninguém fosse sair ou entrar. Em seguida eles chamariam... quem? O Serviço provavelmente tinha sua própria equipe SWAT, mas também estaria por perto a equipe de resgate a reféns do FBI, com seus próprios helicópteros para chegar até aqui. Como se tivessem lido seus pensamentos, um ruído de helicóptero fez-se ouvir.

— Aqui é soldado três, estamos orbitando a área agora — anunciou uma voz pelo rádio. — Quem está no comando aí embaixo?

— Aqui é a agente especial Price, Serviço Secreto dos Estados Unidos. Por quanto tempo ficará conosco, Soldado? — perguntou por um rádio da polícia estadual.

— Temos combustível para noventa minutos, e então outro helicóptero irá nos substituir. Olhando para baixo agora, agente Price — reportou o piloto. — Tenho um indivíduo a oeste. Parece uma mulher atrás de uma árvore morta, observando a cena. Uma das suas?

— Michaels? É Price — disse Andréa por seu próprio sistema de rádio. — Acene para o helicóptero.

— Acenou para nós — reportou prontamente Soldado.

— Certo, é da minha equipe. Está cobrindo os fundos.

— Certo. Não temos movimento em torno do prédio, e não há mais ninguém num raio de noventa metros. Continuaremos orbitando e observando até segunda ordem sua.

— Obrigada. Desligo.

O VH-60 dos fuzileiros pousou no campo de atletismo. Sally e o Pequeno Jack foram praticamente jogados a bordo, e o coronel Goodman decolou imediatamente, rumando para leste na direção da água, que, conforme a Guarda Costeira dissera-lhe alguns momentos antes, estava livre de aeronaves desconhecidas. Subiu com o Black Hawk, rumando para norte sobre a água. A sua esquerda podia ver a silhueta de um helicóptero policial de fabricação francesa, orbitando alguns quilômetros ao norte de Annapolis. Não foi preciso mais que isso para esclarecer a situação. Por detrás de olhos calmos, Goodman desejou ter um par de esquadrões de fuzileiros navais para deixar naquele local.

Já ouvira falar que molestadores de crianças sofriam um bocado nas prisões, mas isso não seria a metade do que lhes aconteceria se caíssem nas garras dos fuzileiros. Seu devaneio terminou aí. Nem mesmo olhou para trás para ver como as outras duas crianças estavam. Ele tinha uma aeronave para pilotar. Sua função era essa. Precisava confiar em que os outros fariam as suas.

Estavam olhando pelas janelas agora. Estavam sendo cuidadosos. O ferido mantinha-se encostado na parede; parecia ter sido aleijado no joelho. Sirenes anunciaram a chegada de carros de polícia. Certo, provavelmente o perímetro estava se formando agora. A Sra. Daggett e suas três ajudantes estavam

mantendo as crianças num único grupo no canto, enquanto os dois elementos trocavam palavras. A boa notícia era que eles não estavam se saindo tão bem.

Um deles estava sempre perscrutando a sala, apontando o cano da arma ao seu redor, mas eles não haviam...

Um deles enfiou a mão no bolso da camisa e tirou uma foto. Disse alguma outra coisa na língua que falava, qualquer que ela fosse. Em seguida baixou as persianas. Merda. Isso impediria que os atiradores com fuzis providos de miras telescópicas vissem o interior da sala. Eram espertos o bastante para saber que os atiradores talvez não hesitassem em acertá-los. Poucas das crianças aqui eram altas o bastante para olhar para fora e...

O homem com a foto levantou-a novamente e caminhou até as crianças.

Apontou.

— Aquela ali.

Por mais estranho que parecesse, foi apenas nesse momento que viram O’Day na sala. O homem do joelho mutilado piscou e mirou o AK nele. O inspetor soltou a filha e levantou os braços.

— Muita gente já saiu machucada, colega — disse ele.

Não precisou de muito esforço para fazer sua voz tremer. Ele também havia cometido um erro, segurando Megan daquela forma. Aquele pústula poderia atirar nela para acertarem mim, apercebeu-se, o pensamento causando-lhe uma onda repentina de náusea. Lenta, cuidadosamente, levantou a menina e tirou-a de seu colo, colocando-a no chão à sua esquerda.

— Não! — Era a voz de Marlene Daggett.

— Traga-a para mim! — insistiu o homem.

Faça isso, faça isso, pensou O’Day. Economize sua resistência para quando ela puder fazer diferença. Isso não mudará nada neste momento. Mas ela não podia ouvir seus pensamentos.

— Traga-a! — repetiu o atirador.

— Não!

O homem acertou Marlene Daggett no peito a uma distância de noventa centímetros.

— Que foi isso? — perguntou Price quase instantaneamente.

Havia ambulâncias chegando pela Ritchie Highway agora, suas sirenes ululando diferentemente dos gritos monótonos das radiopatrulhas. À sua esquerda, policiais tentavam esvaziar a estrada, banindo o tráfego da área, esfregando as mãos nos coldres, desejando que pudessem estar lá dentro para ajudar. Seus gestos zangados transpareciam seu estado mental aos motoristas intrigados.

Mais perto da Giant Steps, as pessoas nas imediações ouviram uma nova onda de gritos. Crianças aterrorizadas. E tudo que podiam fazer era presumir a causa.

A jaqueta de couro subia quando ele estava sentado daquela forma. Se alguém estivesse atrás dele, veria o coldre na parte posterior de sua cintura. E o inspetor sabia disso. Curiosamente, ele jamais vira um assassinato antes. Já investigara muitos homicídios, mas ver um... uma senhora que trabalhava com crianças. O choque em seu rosto era tão real quanto o de qualquer homem que visse uma vida esvaír... uma vida inocente, acrescentou sem palavras. Ele não tinha escolha.

Quando olhou novamente para Marlene Daggett, quis poder dizer-lhe que seus assassinos não deixariam este prédio vivos.

Era miraculoso que nenhuma das crianças ainda tivesse sido ferida. O tiroteio havia sido selvagem. Conjeturou que, se Tia Anne não o tivesse derrubado, ele estaria agora morto ao lado da filha. Havia buracos na parede, e as balas que as tinham causado haviam varado o espaço em que ele estivera um ou dois segundos antes. Baixou os olhos por um segundo. Viu suas mãos tremendo. Elas sabiam o que tinham

a fazer. Conheciam sua não compreendiam por que não a estavam fazendo, por que a mente que as comandava ainda não lhes dera permissão para agir. Mas as mãos tinham de ter paciência. Este era um trabalho para a mente.

O sujeito levantou Katie Ryan pelo braço, torcendo-o. A menina gritou.

O'Day lembrou o que o supervisor de seu primeiro caso de sequestro — Dom DiNapoli, um sujeito grande e durão — havia dito ao devolver a criança à família: Nunca esqueça, todos eles são nossos filhos.

Eles poderiam muito bem ter selecionado Megan — as duas eram muito parecidas —, e esse pensamento cruzou de uma mente para outra quando o homem segurando CHOCALHO olhou novamente para a foto e voltou-se para Pat O'Day.

— Quem é você? — exigiu saber o homem, enquanto seu parceiro gemia, sentindo cada vez mais dor.

— C-como assim? — perguntou o inspetor em tom nervoso. Pareça idiota e assustado.

— De quem é essa menina? — Apontou para Megan.

— Ela é minha, certo? Não sei de quem é aquela — mentiu o agente do FBI.

— Ela é a que nós queremos. É a filha do presidente, não é?

— Como é que vou saber? Quem costuma pegar Megan é minha mulher, e não eu. Faça o que tem a fazer e vá embora, tá?

— Vocês aí dentro — ribombou uma voz de mulher, vindo lá de fora. — Aqui é o Serviço Secreto dos Estados Unidos. Queremos que saiam. Não serão machucados se obedecerem. Não têm para onde ir. Venham para onde possamos ver vocês e não sairão feridos.

— Esse é um bom conselho, homem — disse-lhe Pat. — Ninguém vai conseguir fugir daqui, sabia?

— Você sabe de quem é essa menina? Ela é a filha do seu presidente Ryan!

Eles não ousarão atirar em mim! — proclamou o elemento.

Seu inglês era muito bom, avaliou O'Day enquanto assentia.

— E quanto a todas essas outras crianças, cara? Essa aí é a única que você quer, a única que importa. Ei, por que você não deixa algumas saírem, hein?

O homem tinha razão, em parte. O pessoal do Serviço Secreto não atiraria num alvo por temer que houvesse mais alguém aqui, e realmente havia um, com o fuzil apontado para o peito de Pat. E eles eram espertos o bastante para nunca estar a menos de um metro e meio do outro. Atirar neles exigiria dois movimentos separados.

O que realmente assustava O'Day era a forma casual, reflexiva, como ele matara Marlene Daggett. Esses homens simplesmente não se importavam com ninguém. Era impossível prever os movimentos desse tipo de criminoso. Era possível falar com eles para acalmá-los, distraí-los, mas só havia realmente uma forma de lidar com eles.

— Se lhes dermos crianças, eles nos darão um carro, certo?

— Ei, acho que isso funcionaria. Acho uma ótima. Só quero estar com a minha em casa esta noite, entende?

— Sim, você cuida bem da sua filha. Sente ali.

— Sem problemas.

Ele relaxou as mãos, aproximando-as do peito, direto no topo do zíper de sua jaqueta. Se abaixasse um pouco o zíper, a jaqueta ficaria mais folgada, ocultando a arma.

— Atenção — disse a voz novamente. — Queremos conversar.

Cathy Ryan juntou-se às crianças no helicóptero. Os agentes exibiam expressões tristes. Sally e Jack estavam saindo do choque inicial; estavam chorando agora, olhando para a mãe em busca de conforto. O

Black Hawk subiu novamente ao céu, rumando para sudeste até Washington, escoltado por um gêmeo. Cathy percebeu que o piloto não estava tomando a rota usual, mas estava indo diretamente para oeste, afastando-se de onde Katie estava. Foi nesse momento que CIRURGIÃ caiu nos braços dos filhos.

— O’Day está lá dentro — disse-lhe Jeffers.

— Tem certeza, Norm?

— Aquela é a caminhonete dele. Eu o vi entrar imediatamente antes da confusão começar.

— Merda! — praguejou Price. — Aquele tiro que ouvimos... devem ter matado o coitado.

— É — assentiu Jeffers.

O Presidente estava na sala de situação, o melhor local para se manter informado de tudo. Talvez ele devesse estar em outro lugar, mas não conseguiria encarar seu escritório, e não era presidente o bastante para fingir que...

— Jack?

Era Robby Jackson. Ele caminhou até onde seu presidente estava em pé, mas eles eram muito mais amigos que isso. Abraçaram-se.

— Já vimos essa história antes, homem. E daquela vez funcionou, lembra?

— Temos as placas dos carros no estacionamento. São alugados. Estamos investigando agora — disse Raman, um fone no ouvido. — Talvez consigamos obter algum tipo de identificação.

Quão idiotas eles são? perguntou-se O’Day. Deviam ser estúpidos pra cacete pensando que teriam alguma chance de sair dali... mas se não nutriam essa esperança, então não tinham nada a perder... não tinham porra nenhuma a perder... e não pareciam ter escrúpulos em matar. Pat lembrava que isso havia acontecido antes, em Israel. Não lembrava o nome ou a data, mas alguns terroristas tinha pegado um bando de crianças e as fuzilado antes que os comandos pudessem...

Ele tinha táticas para cada situação possível, ou assim pensava, e teria dito isso há menos de vinte minutos, mas tendo sua filha ao lado...

— Eles são todos nossos filhos. Disse-lhe novamente a voz de Dom.

O assassino que não estava ferido segurava Katie Ryan pelo antebraço. Agora a menina estava apenas gemendo, exausta de tanto gritar, quase dependurada da mão do terrorista parado de pé ao lado do comparsa ferido.

Segurava o AK com a mão direita. Se estivesse usando uma pistola, o terrorista poderia manter a arma encostada na cabeça da menina, mas o AK era comprido demais para isso. Lentamente, o inspetor O’Day baixou a mão, abrindo o zíper em sua jaqueta.

Começaram a falar entre si novamente. O ferido estava sofrendo consideravelmente. Inicialmente, o fluxo de adrenalina bloqueara a dor, mas agora a situação estava um pouco mais calma, e com a liberação da tensão vinha também o mecanismo bloqueador de dor que protegia o corpo em períodos de grande estresse. Ele estava dizendo alguma coisa, mas Pat não conseguia entender. O outro rosnou uma resposta, gesticulando para a porta, falando com paixão e frustração. A parte assustadora seria quando eles chegassem a uma decisão. Eles poderiam simplesmente atirar nas crianças. As pessoas lá fora provavelmente invadiriam o prédio se ouvissem mais de um ou dois tiros. Eles poderiam ser rápidos o bastante para salvar algumas das crianças, mas...

Ele começou a pensar neles como Ferido e Ileso. Estavam emputecidos mas confusos, excitados mas indecisos, querendo viver mas chegando à conclusão de que não poderiam...

— Ei, rapazes — disse Pat, levantando os braços e movendo-os para distraí-los do zíper aberto. — Posso dizer uma coisa?

— O quê? — inquiriu Ferido, enquanto Ileso observava.

— Todas essas crianças que vocês têm aqui, são muitas para cobrir, certo? — perguntou, balançando enfaticamente para expressar bem sua ideia. — Que tal eu e minha filhinha sairmos com algumas das outras? Talvez isso facilite as coisas para vocês.

Isso gerou mais algumas palavras sem sentido para O'Day. A ideia realmente parecia atraente a Ileso, ou pelo menos assim pareceu a O'Day.

— Atenção, aqui é o Serviço Secreto! — clamou novamente a voz.

Parece a voz de Price, pensou o agente do FBI. Ileso estava olhando para a porta, e sua linguagem corporal o fazia inclinar-se nessa direção, e para chegar nela ele teria de passar na frente de Ferido.

— Ei, pessoal, deixem alguns de nós sair, tá? — apelou O'Day. — Talvez eu possa dizer-lhes que lhem deem um carro ou alguma coisa assim.

Ferido meneou o fuzil na direção do inspetor.

— De pé! — comandou.

— Certo, certo. Fica frio, tá?

O'Day se levantou lentamente, mantendo a mão afastada do corpo. Será que veriam o coldre se ele se virasse? O pessoal do Serviço Secreto vira-o na primeira vez que O'Day entrara ali, e se ele fizesse besteira, então Megan... não havia retorno. Simplesmente não havia.

— Diga a eles, diga a eles para nos dar um carro ou mataremos esta aqui e todas as outras!

— Deixe-me levar minha menininha.

— Não! — asseverou Ferido.

Ileso disse alguma coisa em sua língua nativa, baixando a cabeça para olhar para Ferido, sua arma ainda apontada para o chão enquanto a de Ferido apontava para o peito de O'Day.

— Ei, o que vocês têm a perder?

Foi como se Ileso tivesse dito a mesma coisa a seu amigo ferido. Ileso puxou o braço de Katie Ryan. Katie gritou novamente enquanto Ileso atravessava a sala empurrando-a à sua frente, bloqueando o campo de visão de Ferido no processo. O'Day levava vinte minutos para conseguir isso. Agora tinha um segundo para ver se iria funcionar.

O procedimento de O'Day foi o mesmo que havia sido empregado por Don Russell. Sua mão direita correu para trás, enfiou-se atrás da jaqueta e puxou a pistola enquanto ele abaixava, apoiando-se num joelho. No momento que o alvo afastou-se do corpo de Ileso, a Smith 1076 disparou dois tiros perfeitos; ambas as cápsulas de aço inoxidável voaram ao ar enquanto Ferido tornava-se Morto.

Os olhos de Ileso se arregalaram de surpresa, enquanto os gritos das crianças recomeçaram.

— LARGA!—gritou O'Day para ele.

A primeira reação de Ileso foi puxar novamente o braço de Katie Ryan. Ao mesmo tempo a arma começou a levantar, como se fosse um revólver, mas o AK era pesado demais para ser usado dessa forma. O'Day o queria vivo, mas não havia tempo para correr riscos. Seu indicador direito apertou o gatilho, e apertou de novo. O corpo caiu para trás, deixando atrás dele uma sombra vermelha nas paredes brancas da creche Giant Steps.

O inspetor Patrick O'Day saltou através da sala. Chutou um fuzil, em seguida o outro, para longe das mãos dos donos mortos. Examinou cuidadosamente cada corpo, e apesar de todos os anos de aprendizado e prática, ainda causou-lhe surpresa o fato de tudo haver funcionado. Só então seu coração voltou a bater, ou pelo menos assim pareceu, enquanto um vácuo enchia seu peito. Seu corpo cambaleou por um momento. Relaxou os músculos e ajoelhou-se ao lado do corpo de Katie Ryan, CHOCALHO para o Serviço Secreto, e outra coisa para as pessoas que ele acabara de matar.

— Está bem, querida? — perguntou. Ela não respondeu. Estava segurando o braço e chorando, mas não havia sangue nela. — Vamos — disse ele num tom gentil, abraçou uma filha que agora seria, para sempre, parcialmente dele. Em seguida pegou sua Megan e caminhou até a porta.

— Tiros no prédio! — disse uma voz no alto-falante de mesa. Ryan sentiu um arrepio. As outras pessoas na Sala de Situação estremeçeram.

— Pareceu uma pistola. Eles têm pistolas? — perguntou outra voz no mesmo circuito de rádio.

— Puta que pariu, vejam só aquilo!

— Quem é aquele?

“— TÔ SAINDO! — gritou uma voz. — Tô saindo!

— Não atirem! — gritou Price pelo alto-falante. As armas continuaram mirando para a porta, mas as mãos relaxaram um pouco.

— Virgem Maria! — exclamou Jeffers, levantando e correndo para juntar-se a O’Day na porta.

— Os dois elementos mortos. A Sra. Daggett, também — disse O’Day. — Tudo limpo, Norm. Tudo limpo.

— Deixe-me...

— Não! — gritou Katie Ryan.

Ele teve de sair do caminho. Pat baixou os olhos para ver as roupas ensanguentadas de três agentes de sua agência rival. Havia pelo menos dez cápsulas de balas em volta do corpo de Don Russell, e um pente de balas vazio.

Adiante havia quatro criminosos mortos. Enquanto caminhava até o perímetro, viu que dois dos criminosos haviam morrido com tiros na cabeça. Parou perto de sua caminhonete. Seus joelhos estavam um pouco fracos agora. Baixou as meninas e sentou-se no capo. Uma agente feminina aproximou-se. Pat tirou a Smith de seu bolso e entregou à agente sem realmente olhar.

— Está ferido? — Era Andréa Price.

Ele balançou a cabeça; levou um momento para falar de novo.

— Devo começar a tremer a qualquer minuto.

A agente olhou para suas duas menininhas. Um policial levantou Katie Ryan, mas Megan se recusou a sair do lado do pai, Foi então que ele apertou a filha contra o peito, e os dois começaram a chorar.

— CHOCALHO está salva! — ouviu Price dizer. — CHOCALHO está salva e ilesa!

Price olhou em torno. Os agentes de apoio do Serviço Secreto ainda não haviam chegado, e a maioria dos policiais na cena pertenciam à Polícia Estadual de Maryland, com seus uniformes caqui. Dez deles formaram um anel em volta de CHOCALHO, protegendo-a como um tesouro.

Jeffers juntou-se de novo a eles. O’Day nunca conseguia aceitar a forma como o tempo mudava em momentos como esse. Quando ele levantou o rosto, as crianças estavam saindo pela porta lateral. Os paramédicos tomaram a área, indo primeiro até as crianças.

— Aqui — disse o agente negro, dando-lhe um lenço.

— Obrigado, Norm. — O’Day limpou os olhos, assoou o nariz e se levantou.

— Desculpem por aquilo, pessoal.

— Está tudo bem, Pat. Você...

— Teria sido melhor se eu tivesse pegado o último vivo, mas não consegui... não podia correr o risco. — Ele já era capaz de ficar em pé agora, enquanto segurava Megan pela mão. — Oh, merda — acrescentou.

— Acho que devíamos tirar você daqui — observou Andréa. — Podemos proceder ao interrogatório em algum lugar melhor que este.

— Estou com sede — disse O’Day em seguida. Balançou novamente a cabeça. — Nunca esperei isto, Andréa. Crianças por perto. Não devia ser assim, não é? — Por que estou falando tanto?, perguntou-se o inspetor.

— Que é isso, Pat? Você se saiu muito bem.

— Espere um minuto.

O inspetor do FBI esfregou o rosto com duas mãos grandes, respirou fundo e olhou em torno. Deus, que bagunça. Três mortos apenas deste lado do playground. Isso devia ter sido obra de Jeffers, com sua M-16. Nada mau. Mas havia mais uma coisa que ele precisava fazer. Ao lado de cada carro havia um corpo, cada um com um tiro na cabeça. Mais um, um tiro no peito e um na cabeça. Quanto ao quarto, ele não teve certeza de quem o teria pegado.

Provavelmente uma das garotas. A balística determinaria qual. O'Day caminhou de volta até a porta da frente, até o corpo do agente especial Donald Russell. Ali ele se virou para olhar o estacionamento. Ele já vira muitas cenas de crimes. Ele conhecia os sinais, sabia como deduzir as coisas. Havia sido sem aviso. Se Don havia sido alertado, talvez tivesse sido apenas alguns segundos antes, não mais que isso; mesmo assim enfrentara seis elementos armados e pegara três. O inspetor Patrick O'Day ajoelhou-se ao lado do corpo. Removeu o revólver Sig da mão de Russell, deu-o a Price. Segurou a mão de Don na sua pelo que pareceu um tempo longo.

— Nos vemos por aí, campeão — sussurrou O'Day, soltando a mão alguns segundos depois. Hora de ir embora.

Toque de Retirada

A. Academia Naval era o local conveniente mais próximo para pousar um helicóptero dos fuzileiros. A parte difícil era encontrar membros disponíveis do Serviço Secreto para viajar com CHOCALHO. Andréa Price, agente superior na cena do crime e também chefe da segurança presidencial, precisava permanecer na Giant Steps; assim, membros do Serviço em tráfego para Annapolis foram desviados de seu curso, encontraram com os policiais estaduais na Academia e assumiram a custódia de Katie. Graças a isso, os primeiros oficiais federais a chegar à cena do crime foram agentes do FBI do pequeno escritório de Annapolis, um satélite da Divisão de Campo de Baltimore. Receberiam as ordens necessárias de Price, mas por enquanto seus deveres eram autoexplicativos. Mais agentes do FBI estavam a caminho.

O'Day atravessou a rua até a casa que fora o local do posto de comando de Norm Jeffers. A proprietária, uma avó, venceu seu choque para fazer café. Um gravador foi montado, e o inspetor do FBI desfiou uma narrativa ininterrupta, não mais do que um relato com muitas voltas, que era a melhor maneira de captar informação recente. Mais tarde, a fita seria tocada para O'Day, que acrescentaria fatos adicionais. De onde estava sentado, O'Day podia ver pela janela. Equipes de ambulância aguardavam para recolher os corpos. Mas primeiro os fotógrafos precisavam registrar o evento para a posteridade.

Não podiam saber que Astro de Cinema ainda estava observando tudo, juntamente com o que era agora uma equipe de centenas de pessoas, estudantes e professores da faculdade local, mais outros que haviam presumido a natureza do evento e resolveram olhar. Mas Astro de Cinema já vira o suficiente.

Caminhou até seu carro, cortando caminho através da multidão até o estacionamento. Dali dirigiu para norte pela Ritchie Highway.

— Ei, eu lhe dei uma chance. Mandei que ele largasse a arma — disse O'Day. — Gritei tão alto que estou bobo por você não ter ouvido, Price. Mas a arma começou a se mover e eu não estava com cabeça para correr riscos, sabia?

As mãos de O'Day estavam firmes agora. O período de choque imediato havia passado. Outros viriam depois.

— Alguma ideia de quem eles eram? — inquiriu Price, depois que O'Day terminou seu primeiro relato.

— Estavam falando uma língua estrangeira, mas não sei qual. Não era alemão ou russo; fora isso, não sei nada. Línguas estrangeiras sempre parecem línguas estrangeiras. Não reconheci palavras nem frases. O inglês deles era muito bom. Tinham algum sotaque, mas também não sei qual. A aparência física era mediterrânea. Talvez do Oriente Médio. Talvez de algum outro lugar.

Absolutamente implacáveis. Ele abateu a Sra. Daggett sem piscar, sem demonstrar nenhuma emoção... não, isso está errado. Ele estava emputecido, com muita raiva mesmo. Não hesitou nem um segundo. Bang, ela estava morta.

Não pude fazer nada — prosseguiu o inspetor. — O outro estava com a arma apontada para mim, e a coisa aconteceu tão rápido que não tive tempo para reagir.

— Pat, você foi fantástico — disse Andréa, segurando sua mão.

O helicóptero pousou no heliporto da Casa Branca, logo ao sul da entrada no térreo. Mais uma vez, um anel de agentes armados estava em evidência, enquanto Ryan corria até a aeronave enquanto as hélices ainda giravam, e ninguém tentou detê-lo. Um tripulante dos fuzileiros num uniforme de voo verde abriu a porta e saiu, o que permitiu aos agentes no helicóptero carregarem CHOCALHO para fora até o pai.

Jack tomou-a no colo como o bebê que ela já não era, mas que sempre seria em sua mente, e subiu a rampa até a casa, onde o restante da Primeira Família aguardava sob proteção. Câmeras de TV registraram o evento, embora nenhum repórter tenha conseguido chegar a menos de 13 metros do presidente.

Os membros da segurança presidencial estavam com sede de sangue; pela primeira vez, na memória dos jornalistas que frequentavam a Casa Branca, aqueles homens e mulheres pareciam realmente perigosos.

— Mamãe!

Katie contorceu-se nos braços do pai, esticando as mãos para a mãe, que tirou-a de Jack imediatamente. Sally e Pequeno Jack juntaram-se aos dois, deixando o pai de pé sozinho. Isso não durou muito tempo.

— Como você está? — perguntou Arnie van Damm, placidez na voz.

— Melhor agora, acho. — Seu rosto ainda estava pálido, seu corpo mole, mas ainda capaz de manter-se de pé. — Sabemos mais alguma coisa?

— Olhe, em primeiro lugar, que tal tirarmos todos vocês daqui? Vamos para Camp David. Lá poderão relaxar. A segurança aérea será intensa. Lá é um bom lugar para esfriar a cabeça.

Ryan pensou nisso. A família ainda não conhecia Camp David, e o próprio Jack só estivera lá duas vezes, mais recentemente num dia horrível de janeiro, vários anos atrás.

— Arnie, não temos roupas nem..

— Providenciaremos — assegurou-lhe o chefe de gabinete. O presidente assentiu.

— Então ajeite tudo. — E acrescentou: — Rápido.

Enquanto Cathy subia com as crianças, Jack saiu novamente e seguiu para a Ala Oeste. Dois minutos depois, estava de volta na Sala de Situação. O clima ali estava melhor. O choque inicial e o medo haviam sumido, substituídos por uma determinação silenciosa.

— Muito bem — disse Ryan. — O que sabemos?

— É o senhor, presidente? — Era a voz de Dan Murray no alto-falante montado na mesa.

— Fale comigo, Dan — comandou ESPADACHIM.

— Tínhamos um homem lá dentro. Um dos meus. O senhor o conhece. Pat O'Day, um dos meus inspetores itinerantes. A filha dele... Megan, acho... também frequenta a creche. Ele esperou os elementos baixarem a guarda e eliminou os dois. O pessoal do Serviço Secreto matou os outros. A contagem total é de nove, dois mortos por Pat e o restante pelo pessoal de Andréa.

Morreram cinco agentes do Serviço, mais a Sra. Daggett. Graças a Deus, nenhuma criança foi ferida. Price está interrogando Pat agora, Tenho cerca de dez agentes na cena auxiliando a investigação. Muitos membros do Serviço estão a caminho do local.

— Quem está conduzindo a investigação? — indagou POTUS.

— Duas agências. Um ataque ao senhor ou a qualquer membro da Primeira Família fica sob a jurisdição do Serviço Secreto. Terrorismo é nosso campo.

Neste caso, pretendo conceder a liderança ao Serviço Secreto e prover toda a assistência possível — prometeu Murray. — Não haverá disputas territoriais neste caso, palavra de honra. Já contatei a Justiça. Martin designará um advogado para coordenar a investigação criminal. — O diretor do FBI acrescentou: — Jack?

— Sim, Dan?

— Ajude a sua família. Nós sabemos fazer a nossa parte. Eu sei que você é o presidente, mas nos próximos dois dias, seja apenas um homem comum, tá?

— Bom conselho, Jack — observou o almirante Jackson.

Todos os amigos de Ryan estavam dizendo a mesma coisa. Provavelmente estavam certos.

— Jeff? — disse o presidente ao agente Raman.

— Sim, senhor?

— Tire-nos desta maldita cidade.

— Sim, presidente. Raman saiu da sala.

— Robby, que tal você e Sissy virem também? Deixarei um helicóptero à espera de vocês aqui.

— O que quiser, companheiro.

— Certo. Dan — disse Ryan ao alto-falante. — Estamos indo para Camp David. Mantenha-me informado.

— Faremos isso — prometeu o diretor do FBI.

Eles souberam pelo rádio. Brown e Holbrook estavam seguindo para o norte pela Rota 287 até a Interestadual 90-Leste. O caminhão de cimento movia-se como um porco; pesado como estava, acelerava devagar e também era difícil de frear. Talvez ele fosse mais fácil de dirigir pela interestadual. Mas pelo menos o caminhão tinha um rádio decente.

— Merda! — disse Brown, ajustando o dial.

— Crianças. — Holbrook balançou a cabeça. — Temos de providenciar para que não haja crianças por perto, Ernie.

— Acho que podemos cuidar disso, Pete. Isso se conseguirmos chegar com este trambolho até lá.

— Quanto tempo vai levar? Um grunhido.

— Cinco dias.

Badrayn percebeu que Daryaei aceitou bem as notícias, especialmente o fato de que todos estavam mortos.

— Perdoe-me por dizer isso, mas avisei ao senhor que...

— Eu sei, me lembro — reconheceu Mahmoud Haji. — O sucesso desta missão jamais foi necessário. A situação não é crítica... contanto que os preparativos de segurança tenham sido providenciados adequadamente. — Com isso, o sacerdote fitou seu convidado.

— Todos tinham documentos de viagem falsos. Nenhuma deles tinha ficha criminal em qualquer parte do mundo... pelo menos até onde sei. Nenhum deles tinha qualquer coisa que o ligasse ao seu país. Se algum deles tivesse sido pego vivo, haveria uma chance, e eu o avisei sobre esse risco. Mas parece que nenhum sobreviveu.

O aiatolá assentiu, proferindo o epitáfio dos homens: — Sim, eles foram fiéis.

Fiéis a quê?, questionou-se Badrayn silenciosamente. Líderes políticos religiosos não eram exatamente raros nesta parte do mundo, mas esse tipo de argumento acabava cansando. Agora, supostamente, todos os nove estavam no Paraíso. Tentou imaginar se Daryaei acreditava realmente nisso. Provavelmente sim. Talvez acreditasse com a mesma sinceridade que cria em sua capacidade de falar com a voz do próprio Deus. Ou pelo menos dissera tanto isso a si mesmo, que acabara acreditando. Badrayn sabia que qualquer um podia fazer isso. Depois de repetir a mesma ideia para si próprio — fosse o motivo política, vingança ou cobiça: qualquer uma das motivações básicas —, ela se tornava fé, tão pura em propósito quanto as palavras do próprio Profeta. Daryaei tinha 72

anos, uma vida longa de abnegação, sempre se concentrando em alguma coisa fora de si mesmo, prosseguindo uma jornada que começara em sua juventude com destino a um objetivo sagrado. Percorrera um longo caminho, e estava próximo de seu destino. Agora o objetivo podia ser visto tão claramente que o propósito em si poderia ser esquecido, não podia? Essa era a armadilha para todos os homens, pensou Badrayn, concluindo que ao menos ele era sensato.

Para ele, tudo aquilo era apenas negócio. Negócio desprovido de ilusões e hipocrisia.

— E o resto? — perguntou Daryaei, depois de uma oração pelas almas dos nove homens.

— Saberemos até segunda-feira, talvez. Com certeza até quarta — respondeu Ali.

— E a segurança para isso.

— Perfeita.

Nessa parte, Badrayn estava absolutamente confiante. Todos os viajantes haviam retornado em segurança, e reportado que haviam cumprido suas missões à risca. As evidências físicas que haviam deixado para trás — apenas as latas de spray — seriam coletadas como lixo. A praga apareceria, e jamais haveria qualquer indício de como chegara aos Estados Unidos. E assim, o que aparentemente falhara hoje não havia sido um fracasso de modo algum. Esse tal Ryan, aliviado como devia estar com o resgate de sua caçula, era agora um homem enfraquecido, assim como os EUA eram uma nação enfraquecida. E Daryaei tinha um plano. Um bom plano, considerou Badrayn, e por sua ajuda em implementá-lo, sua vida mudaria para sempre. Seus dias como terrorista internacional pertenciam ao passado. Ele iria ter alguma posição no governo da URI expandida — segurança ou informação, provavelmente, com um escritório confortável e um salário bom, capaz de finalmente gozar de paz e segurança.

Daryaei tinha seu sonho, e talvez até o alcançasse. Para Badrayn, o sonho estava ainda mais próximo, e ele agora não precisava fazer mais nada para concretizá-lo. Nove homens haviam morrido para possibilitar esse sonho. Azar deles. Será que estavam mesmo no Paraíso por seu martírio? Talvez Alá fosse mesmo tão misericordioso, o bastante para perdoar qualquer ato praticado em Seu nome. Talvez.

Isso realmente não importava.

Tentaram fazer a partida parecer normal. As crianças mudaram de roupa.

Malas foram feitas e seriam enviadas num voo posterior. A segurança parecia mais cerrada que de praxe, mas não ostensivamente. Isso era apenas aparência.

No topo do prédio do Tesouro a leste e do antigo prédio do Executivo a oeste, agentes do Serviço Secreto que geralmente ficavam agachados estavam de pé, mostrando seus corpos inteiros enquanto vasculhavam a área com binóculos.

Ao lado de cada um havia um homem armado com fuzil. Oito agentes estavam ao sul do perímetro da Casa Branca, examinando os transeuntes habituais ou que tinham vindo depois de ouvir as notícias. A maioria provavelmente viera porque se importava em algum grau, talvez até mesmo para oferecer uma prece pela segurança dos Ryan. Os agentes observavam a multidão em busca daqueles que poderiam ter algum outro propósito. Mas desta vez, como em todas as outras, não viram nada incomum. Jack colocou o cinto de segurança, e o resto de sua família fez o mesmo.

Os motores sobre suas cabeças começaram a girar, e as hélices puseram-se a girar. Dentro com eles estava o agente Raman e outro guarda, mais o chefe dos fuzileiros. O helicóptero VH-3 vibrou, e então alçou voo, subindo rapidamente rumo ao vento oriental, primeiro seguindo na direção do OEOP, depois para sul, depois nordeste, num percurso de voo planejado para confundir alguém que estivesse lá embaixo com um míssil terra-ar. As condições de iluminação eram boas o bastante para que uma pessoa como essa provavelmente fosse localizada — são necessários alguns segundos para realizar um lançamento bem-sucedido —, e, em todo caso, o helicóptero estava equipado com a versão mais nova do sistema de supressão de infravermelho Black Hole, que fazia do Marine One um alvo difícil. O piloto —

era novamente o coronel Hank Goodman — sabia tudo isso e tomara as medidas de proteção adequadas, mas fez o máximo de esforço para esquecer que estavam em segurança.

Estava silencioso no fundo da aeronave. O presidente Ryan tinha seus pensamentos. A esposa tinha os dela. As crianças olhavam pela janela, afinal voar de helicóptero era um dos passeios mais emocionantes conhecidos pelo homem. Até mesmo a pequena Katie contorcia-se em seu assento para olhar para baixo, sua tarde horrenda suprimida pela maravilha do momento. Jack virou-se, e vendo isso, decidiu que o tempo de atenção curto das crianças era tanto uma bênção quanto uma maldição. Ele próprio estava com as mãos tremendo um pouco agora. Se por medo ou raiva, não sabia dizer. Cathy simplesmente parecia desolada, seu rosto iluminado pelos raios dourados do pôr do sol. A conversa dos dois à noite não seria agradável.

Um carro do Serviço Secreto recolhera Cecília Jackson em sua casa em Forte Myers.

O almirante Jackson e sua esposa embarcaram num VH-60 de reserva, juntamente com algumas bagagens de mão, e malas mais substanciais para a família Ryan. Não havia câmeras para registrar isso. O presidente e a Primeira Família haviam partido, e as câmeras com eles. Os entendidos da mídia agora estavam juntando suas informações para os noticiários noturnos, tentando encontrar um significado maior nos eventos do dia, chegando a conclusões antes dos agentes federais que só agora estavam permitindo que as equipes das ambulâncias recolhessem os 13 cadáveres na cena do crime. As luzes piscantes dos carros de polícia pareciam dramáticas enquanto as equipes de TV

preparavam-se para fazer transmissões ao vivo, um deles do ponto exato do qual Astro de Cinema observara a operação fracassada.

Ele se havia preparado para essa eventualidade, claro. Dirigiu rumo norte pela Ritchie Highway — o tráfego não estava tão ruim, considerando que a polícia ainda bloqueava a estrada na altura da Giant Steps — e no aeroporto internacional de Baltimore-Washington ele até teve tempo de tomar o 767 da British Airways para Heathrow. Nada de primeira classe desta vez. O avião tinha apenas classe executiva. Ele não estava sorrindo. Queria que o sequestro tivesse logrado êxito, embora desde o começo estivesse com tudo planejado para este fracasso. Para Astro de Cinema a missão não havia fracassado. Ele ainda estava vivo, e escapando de novo. Aqui estava ele, decolando. Logo estaria em outro país, e ali desapareceria completamente enquanto a polícia americana estaria tentando estabelecer se houvera outro membro da conspiração criminosa. Ele decidiu tomar alguns cálices de vinho. Isso o ajudaria a dormir depois de um dia muito estressante. A lembrança de que isso contrariava sua religião o fez sorrir. Que aspecto da vida não contrariava sua religião?

O pôr do sol chegou depressa. Quando começaram a circular em Camp David, o solo era uma sombra ondulante pontuada pelas luzes estacionárias das casas particulares e as luzes em movimento dos automóveis. O helicóptero baixou devagar, parou a quarenta metros sobre o solo e desceu verticalmente para um pouso suave. Havia algumas lâmpadas ao fundo da quadra de aterrissagem. Quando o chefe da tripulação abriu a porta, Raman e o outro agente saltaram primeiro. O presidente soltou o cinto de segurança e caminhou até a porta. Parou logo atrás da tripulação. Cutucou o ombro do piloto.

— Obrigado, coronel.

— O senhor tem muitos amigos, presidente. Estaremos aqui quando precisar — disse Goodman ao seu comandante-em-chefe.

Jack assentiu, desceu os degraus e, depois das luzes, viu as silhuetas espectrais de fuzileiros navais em trajes de camuflagem.

— Bem-vindo a Camp David, senhor. — Era o capitão dos Fuzileiros.

Jack virou-se para ajudar Cathy a descer. Sally desceu com Katie. O Pequeno Jack saiu por último. Nesse momento, Ryan percebeu que seu filho já estava quase tão alto quanto a mãe. O Serviço Secreto logo teria de arrumar outro apelido para seu filho.

Cathy olhou em volta, tensa. O capitão percebeu.

— Senhora, há sessenta fuzileiros navais aqui — assegurou-lhe. Ele não precisou acrescentar o motivo para estarem ali. Não precisava dizer à Primeira Família o quanto estavam alertas.

— Onde? — perguntou o Pequeno Jack, olhando em torno e não vendo nada.

— Experimente isto. — O capitão deu ao garoto seus óculos de visão noturna PVS-7. BAIXINHO segurou-os sobre os olhos.

— Maneiro! — Ele esticou o braço, apontando para aqueles que podia ver.

Então abaixou os óculos e os fuzileiros ficaram invisíveis novamente.

— Eles são ótimos para procurar cervos, e há um urso que perambula pelas imediações. Nós o chamamos de Zé Colmeia.

Congratulando-se por ter conseguido acalmá-los, o capitão Larry Overton, USMC, conduziu-os na direção dos HMMWV que iriam transportá-los até o quartel-general. Zé Colmeia, ele explicaria mais tarde, usava um colar de rádio de modo a não surpreender ninguém, e muito menos a um fuzileiro com um rifle carregado.

As acomodações de Camp David pareciam rústicas, e realmente não chegavam nem aos pés do luxo na Casa Branca, mas podiam ser descritas como o tipo de esconderijo que um milionário teria em Aspen. Na verdade, os aposentos presidenciais eram conhecidos oficialmente como o Chalé de Aspen.

Mantido pelo Destacamento Naval de Superfície, Thurmont (Maryland), e guardado por uma pequena companhia de fuzileiros escolhidos a dedo, o complexo era uma localização tão segura quanto qualquer coisa a uma distância de 150 quilômetros de Washington poderia ser. Havia fuzileiros no chalé presidencial para recebê-los, e dentro havia marinheiros para guiar cada um deles a um quarto particular. Lá fora havia mais 12 chalés adicionais, e o quanto mais próximo você estivesse do Chalé de Aspen, mais importante você era.

— O que vamos comer no jantar? — inquiriu Jack Júnior.

— Qualquer coisa que você quiser — respondeu um taifeiro dos fuzileiros.

Jack virou-se para Cathy. Ela assentiu. Esta seria uma noite coma-o-que-quiser.

O presidente tirou o paletó e a gravata. Um servente apareceu para coletá-las.

— A comida aqui é excelente, senhor — prometeu.

— Isso é um fato, senhor — confirmou o chefe. — Temos um acordo com alguns moradores. Tudo fresco, direto da fazenda. Posso trazer algo para beberem? — perguntou — Isso me parece um grande plano, chefe. Cathy?

— Vinho branco? — perguntou, o estresse finalmente se esvaindo dela.

— Temos uma bela adega, senhora. Que tal um chardonnay Chateau Ste.

Michelle? E uma safra de 1991, e tão boa quanto um chardonnay pode ser.

— Você é um chefe naval? — indagou POTUS.

— Sim, senhor. Costumava cuidar de almirantes, mas fui promovido, e se me permite a falta de modéstia, senhor, conheço os meus vinhos.

Ryan levantou dois dedos. O chefe assentiu e se retirou.

— Isto é insano — disse Cathy depois que ele saiu.

— Concordo.

Enquanto esperavam pelas bebidas, as duas crianças maiores concordaram com uma pizza. Katie quis hambúrguer e fritas. Ouviram o zumbido de outro helicóptero descendo na quadra. Cathy está certa, pensou seu marido. Isto é insano.

A porta abriu novamente, e o chefe retornou com duas garrafas e um balde de prata. Outro servente chegou com os cálices.

— Chefe, são apenas dois cálices.

— Sim, presidente, mas temos mais dois convidados chegando, almirante e Sra. Jackson. A Sra.

Jackson também gosta de um bom vinho, senhor.

Ele estourou a rolha e a deu a CIRURGIÃ. Ela assentiu.

— Não tem um buquê magnífico?

O chefe encheu a taça da primeira-dama, e mais uma, para o presidente.

Então se retirou.

— Sempre ouvi dizer que a Marinha tinha gente assim, mas nunca acreditei.

— Oh, Jack. — Cathy virou-se. As crianças estavam assistindo TV, as três sentadas no chão, até Sally, que tentava tornar-se uma dama elegante. Elas estavam se recolhendo ao que lhes era familiar, enquanto os pais faziam o que os pais sempre fazem: encarar a realidade para poder melhor proteger os filhos do mundo.

Cathy balançou a cabeça.

— Nunca estará bem, Jack. Nunca estará bem de novo. Roy me disse.

Enquanto vivermos haverá guarda-costas conosco. Para qualquer parte que formos, precisaremos de proteção. Para sempre — disse ela, servindo-se de vinho e bebericando-o, não tão zangada quanto conformada, não tão aturdida quanto ciente de uma situação com a qual jamais sonhara. Os ornamentos do poder às vezes eram sedutores. Um helicóptero para trabalhar. Pessoas para cuidar de suas roupas, ficar com as crianças, prover-lhe qualquer comida que quisesse, levá-la a qualquer parte, sempre o caminho mais curto para qualquer lugar.

Mas a que preço? Nada de mais. Apenas de vez em quando alguém tentaria matar um dos seus filhos. Não haveria como fugir disso. Era como se ela tivesse recebido um diagnóstico de câncer, do seio, dos ovários, alguma outra coisa. Por mais horrível que parecesse, teria de fazer o que fosse preciso.

Chorar não ajudaria, embora CIRURGIÃ tivesse certeza de que ainda verteria muitas lágrimas. Gritar com Jack não ajudaria e ela não era mesmo dada a gritos. Além disso, não era culpa de Jack, era? Ela simplesmente tinha de usar o impulso do golpe, como os pacientes do Hopkins faziam quando os mandavam para o Departamento de Oncologia — oh, por favor, não se preocupe. Eles são os melhores entre os melhores, e os tempos mudaram, eles realmente sabem o que estão fazendo agora. Seus colegas no Departamento de Oncologia eram os melhores. E agora tinham um belo prédio. Mas quem queria realmente ir para lá?

E assim Cathy sabia que ela e Jack tinham uma espécie de casa, com serviçais magníficos. E alguns deles eram especialistas em vinhos, pensou enquanto tomava mais um gole de sua taça. Mas quem realmente quer ir para lá?

Tantos agentes tinham sido designados para o caso que eles ainda não sabiam o que fazer. Não tinham informações suficientes para gerar ordens, mas isso estava mudando depressa. A maioria dos terroristas mortos fora fotografada — dois deles, acertados pelas costas pelo M-16 de Norm Jeffers, não tinham rostos para ser fotografados —, e todos os corpos tiveram suas digitais tiradas. As amostras de sangue seriam levadas para exames de DNA caso isso mais tarde se tornasse útil — uma possibilidade, porque a identidade poderia ser confirmada por uma equivalência genética com parentes próximos. Por enquanto teriam de se contentar com as fotos. Antes de mais nada, elas foram transmitidas para o Mossad. O consenso era que os terroristas haviam sido islâmicos, e os israelenses tinham os melhores dados sobre eles. A CIA cuidou do contato inicial, sendo sucedida pelo FBI. Avi ben Jakob prometeu, de imediato, cooperação plena.

Todos os corpos foram levados a Annapolis para exame. Isso era exigido por lei, mesmo em casos nos quais a causa da morte era óbvia como num terremoto. A condição pré-morte de cada corpo seria estabelecida. Além disso, seria realizado um exame de doping completo para verificar se estiveram drogados.

As roupas de cada terrorista foram removidas para exame completo pelo laboratório do FBI em

Washington. Antes de mais nada, estabeleceu-se os nomes das marcas para determinar o país de origem. Isso e a condição geral determinariam a época da compra, o que poderia ser importante. Mais do que isso, os técnicos — que estavam agora trabalhando depois do expediente numa noite de sexta —, usariam fita adesiva comum para coletar fibras soltas, e especialmente partículas de pólen, o que poderia determinar muitas coisas, porque algumas plantas cresciam apenas em determinadas regiões do mundo.

Os resultados desses testes poderiam demorar semanas, mas, num caso como esse, não havia limite de tempo ou recursos. O FBI dispunha de uma grande variedade de especialistas em ciência para consultar.

As placas dos carros tinham sido comunicadas antes mesmo do tiroteio entre O'Day e os dois últimos terroristas; já havia agentes nas locadoras de carros checando os registros informatizados.

Na Giant Steps, os adultos sobreviventes estavam sendo interrogados.

Quase todos confirmaram o relato de O'Day. Alguns dos detalhes não batiam, mas isso era esperado. Nenhuma das mulheres jovens havia reconhecido a linguagem falada pelos terroristas. As crianças foram submetidas a interrogatórios muito mais gentis, sempre sentadas no colo de um dos pais.

Dois dos pais eram nativos do Oriente Médio, e inicialmente acreditava-se que as crianças conhecessem um pouco de línguas estrangeiras, mas isso logo se revelou uma falsa esperança.

Todas as armas foram recolhidas, seus números de série checados com um banco de dados computadorizado. A data de fabricação foi constatada facilmente; os registros dos fabricantes checados para ver em quais distribuidores foram compradas, e a partir daí que loja as tinham vendido. Essa trilha revelou-se fria. As armas eram antigas, apesar de seu estado perfeito, que fora estabelecido por inspeção visual dos tambores e mecanismos. Elas não pareciam ter sofrido nenhum tipo de desgaste. Antes mesmo que os agentes tivessem o nome do comprador, essa informação foi passada cadeia de comando acima.

— Droga, como queria que Bill estivesse aqui — desabafou Murray em voz alta. Pela primeira vez em sua carreira estava se sentindo inadequado a uma tarefa.

Seus chefes de divisão estavam dispostos em torno de sua mesa de conferências. Desde o começo ficara acertado que sua investigação seria um trabalho conjunto das divisões Criminal e de Contrainformação Estrangeira, auxiliadas, como de praxe, pela Divisão Laboratorial. As coisas estavam acontecendo tão rápido que não havia ainda um oficial do Serviço Secreto para juntar-se a eles.

— Algum comentário?

— Dan, quem comprou essas armas está no país há muito tempo — disse o homem da Contrainformação.

— Agente adormecido — assentiu Murray.

— Pat não identificou sua linguagem. Provavelmente teria reconhecido uma linguagem europeia. Só pode ter sido o Oriente Médio — disse o representante da Divisão Criminal. Não havia uma riqueza de informações disponíveis, mas até o FBI precisava virar-se com o que tinha. — Bem, Europa Oriental, de qualquer modo. Suponha que tenhamos de considerar os países balcânicos.

Os outros à mesa concordaram, relutantes.

— Qual é a idade das armas? — indagou o diretor do FBI.

— Onze anos. Muito antes da proibição — respondeu o representante da Divisão Criminal. — Elas não tinham sido usadas até hoje. Eram virgens, Dan.

— Alguém estabeleceu uma rede da qual não tínhamos conhecimento.

Alguém muito paciente. Quem quer que tenha sido o comprador, acho que descobriremos que ele usava uma identidade falsa, e que já voou do poleiro. É um trabalho clássico de espionagem, Dan — prosseguiu o da Contrainformação, colocando em palavras o que todos estavam pensando. — Estamos falando sobre profissionais.

— Isso é um pouco especulativo — objetou o diretor.

— Quando foi a última vez que errei, Danny? — perguntou o diretor-assistente.

— Não ultimamente. Prossiga.

— Talvez o pessoal do laboratório possa desenvolver algum bom trabalho forense.

— Apontou com a cabeça para o diretor-assistente da Divisão Laboratorial.

— Mas mesmo assim o resultado que obtivermos poderá não ser bom o bastante para levar a um tribunal, a não ser que, por um golpe de sorte, consigamos chegar ao comprador ou a outras pessoas que possam estar envolvidas nesta missão.

— Registros de voo e passaportes — disse o representante da Divisão Criminal. — Das últimas duas semanas, para começar. Procurar registros repetidos. Alguém deve ter feito o reconhecimento do objetivo. Precisa ter sido desde que Ryan tornou-se presidente. Isso é um começo.

O que ele não acrescentou é que havia cerca de dez milhões de registros para checar. Mas esse era o ganha-pão dos tiras.

— Deus, espero que você esteja errado sobre haver um adormecido — disse Murray, depois de um momento de reflexão.

— Eu também, Dan — replicou o homem da Contrainformação. — Mas não estou. Precisaremos identificar sua casa ou ponto de reunião, interrogar os vizinhos, checar os registros imobiliários para obtermos um nome de cobertura e prosseguirmos a partir daí. Ele provavelmente já foi embora, mas essa não é a parte assustadora, é? Ele esteve aqui pelo menos durante 11 anos. Ele trabalhou e foi pago. Ele aprendeu coisas. Mesmo assim ele manteve sua fé durante todo o tempo até agora, quando ajudou a completar essa missão. Durante todo esse tempo ele ainda acreditava o bastante para ajudar a matar crianças.

— Ele não deve ser o único — concluiu Murray em tom sombrio.

— Acho que não.

— Pode vir comigo, por favor?

— Já vi você antes, mas...

— Jeff Raman, senhor.

O almirante apertou a mão do agente.

— Robby Jackson. O agente sorriu.

— Eu sei, senhor.

Foi uma caminhada agradável, mas que teria sido melhor sem a presença tão evidente de homens armados. O ar de montanha estava frio e limpo, céu pontilhado de estrelas.

— Como ele está? — perguntou Robby ao agente.

— Teve um dia duro. Muita gente boa está morta.

— E alguns sujeitos maus, também.

Jackson seria sempre um piloto de caça, para quem infligir morte fazia parte de suas atribuições profissionais. Seguiram até os aposentos presidenciais.

Robby e Sissy ficaram estarecidos com a cena. Não tendo filhos — um problema de Cecília não permitira, apesar de todos os esforços —, eles não entendiam completamente como eram as crianças. Os eventos mais horrorosos, se seguidos por um abraço dos pais e outros sinais de segurança, geralmente eram esquecidos depressa. O mundo, em especial para Katie, retomara sua forma original. Mas haveria pesadelos, também, e eles durariam semanas, talvez mais, até que as memórias tivessem esvanecido. Abraços foram trocados, e então, também como de costume, marido conversou com marido e esposa com esposa. Robby serviu-se de um cálice de vinho e acompanhou Jack até o pátio.

— Como está você, Jack? — segundo um acordo silencioso, aqui e agora Ryan não era o presidente.

— O choque chega e vai — admitiu. — Isso já aconteceu antes. Os sacanas não podiam simplesmente vir até mim. Não, senhor, eles tinham de procurar um alvo mais frágil. Aqueles filhos da puta! — praguejou Jack.

Jackson bebericou seu vinho. Não havia muita coisa a ser dita agora, mas isso iria mudar.

— E a primeira vez que venho aqui — disse Robby, apenas para dizer alguma coisa.

— Minha primeira vez foi... você acreditaria que enterramos um cara aqui?

— comentou Jack, lembrando. — Ele era um coronel russo, um agente que tínhamos no Ministério da Defesa deles. Um puta soldado, herói da União Soviética, três ou quatro vezes, acho. Nós o enterramos com seu uniforme e todas as suas condecorações. Eu mesmo li as citações. Foi na época que tiramos o Gerasimov.

— O chefe da KGB. Então isso era verdade, hein?

— Era — assentiu Ryan. — E você sabe sobre a Colômbia, sobre o submarino.

Como acha que aqueles jornalistas descobriram?

Robby quase gargalhou alto, mas conseguiu conter-se, dando um risinho.

— Deus, e eu pensei que minha carreira fosse atribulada.

— Você foi voluntário para a sua — observou Jack.

— Você também, meu amigo.

— Acha? — Ryan entrou no chalé para encher novamente o cálice. Voltou com os óculos de visão noturna e ligou-os para observar as cercanias. — Não fui voluntário para ter minha família guardada por uma companhia de fuzileiros.

Há três deles logo ali, com seus uniformes, capacetes e fuzis... e por quê?

Porque há gente no mundo que quer nos matar. Por quê? Porque...

— Vou dizer-lhe por quê. Porque você é melhor do que eles, Jack. Você defende coisas boas. Porque você tem colhões, e não foge por qualquer motivo — disse Robby para o amigo. — Não me venha com esse papo de ai, meu Deus, tá? Eu sei quem você é. Sou um piloto de caça porque escolhi isso. Você está onde está porque também escolheu isso. Ninguém nunca lhe disse que seria fácil, tá?

— Mas..

— Mas o cacete, presidente. Há gente lá fora que não gosta de você? Tudo bem. Apenas descubra como encontrá-los, e então peça àqueles fuzileiros ali para darem conta do recado. Você sabe o que eles irão dizer. Você pode ser odiado por alguns, mas é amado e respeitado por muitos mais. Escute bem o que digo: não há uma só pessoa nas forças armadas do nosso país que não esteja disposta a esmagar qualquer um que se meta com Você e a sua família. Não é só o que você é, é quem você é, certo?

E quem eu sou?, perguntou-se ESPADACHIM. No momento, uma de suas fraquezas estava se manifestando.

— Vamos.

Ryan caminhou até oeste. Ele tinha acabado de ver um clarão e, trinta segundos depois, no canto de outro chalé, encontrou um cozinheiro naval fumando um cigarro. Presidente ou não, ele não seria muito orgulhoso de si esta noite.

— Olá.

— Meu Deus! — exclamou o marinheiro, levando um susto e deixando seu cigarro cair no chão. — Quero dizer... olá, presidente.

— Errado na primeira tentativa, certo na segunda. Tem um cigarro? — perguntou POTUS, completamente desavergonhado, conforme Robby Jackson notou.

— É claro, senhor.

O cozinheiro tirou um do maço e o acendeu.

— Marinheiro, se a primeira-dama vir você fazendo isso novamente, ela mandará que os fuzileiros o executem — alertou Jackson.

— Almirante Jackson! — Essas palavras fizeram o rapaz tremer novamente.

— Acho que os fuzileiros trabalham para mim. — E voltando-se para o cozinheiro: — E então, esse jantar sai ou não sai?

— Senhor, a pizza está sendo cortada agora. Eu mesmo fiz a massa, senhor.

Eles vão gostar — prometeu.

— Descansar. Obrigado pelo cigarro.

— Quando quiser, senhor.

Ryan acenou para ele e se afastou com o amigo.

— Eu precisava disso — admitiu Jack, um pouco envergonhado, enquanto dava uma tragada longa.

— Se eu tivesse um lugar como este, eu o usaria muito. É quase como estar no mar — prosseguiu Jack. — As vezes pode sair para o convés à noite e ficar apreciando o mar e as estrelas. Os prazeres mais simples que existem.

— É difícil se desligar de tudo, não é? Mesmo quando você comunga com o mar e as estrelas, não se desliga realmente.

— Não — admitiu o almirante. — Isso facilita um pouco mais pensar, torna a atmosfera um pouco menos intensa, mas você está certo. Os problemas não desaparecem.

Exatamente como estava acontecendo agora.

— Tony disse que perdemos de vista a Marinha indiana.

— Ambos os porta-aviões no mar, com escoltas e petroleiros. Estamos procurando por eles.

— E se houver uma conexão? — perguntou Ryan.

— Com o quê?

— Os chineses arrumam confusão num lugar, a Marinha indiana vai ao mar novamente, e isso me dá a impressão... será que estou ficando paranoico? — perguntou ESPADACHIM.

— Deve estar. Talvez os indianos tenham terminado seus reparos e resolvido mostrar-nos que nós não lhes ensinamos uma lição tão grande assim.

Quanto à coisa da China, bem, já aconteceu antes. Não vai dar em nada, especialmente depois que Mike Dubro chegar lá. Eu conheço Mike. Ele mandará caças decolarem pare xeretar a região. O atentado contra Katie? É cedo demais para dizer, e esse não é o meu campo. Você tem Murray e os outros para pensar nisso. Em todo caso, eles fracassaram, não é mesmo? A sua família está ali dentro, assistindo televisão, e vai levar um bom tempo até outra pessoa tentar algo assim.

Era uma noite cheia em todas as partes do mundo. Em Tel Aviv, onde agora passavam das quatro da manhã, Avi ben Jakob convocou seus maiores especialistas em terrorismo. Juntos analisaram as fotos transmitidas de Washington e compararam-nas com suas próprias fotografias de vigilância que haviam sido batidas através dos anos no Líbano e em outros lugares. O problema era que muitas dessas fotos mostravam jovens barbados — o método mais simples que um homem tinha para se disfarçar —, e as fotos não podiam ser julgadas por sua qualidade. As imagens transmitidas pelos americanos também não eram trabalhos profissionais.

— Alguma coisa útil? — indagou o diretor do Mossad.

Olhos voltaram-se para um dos especialistas do Mossad, Sarah Peled, uma mulher na casa dos quarenta. Às suas costas, chamavam-na de bruxa. Tinha um dom especial para identificar pessoas a partir de fotografias, e revelava-se certa num pouco mais da metade dos casos em que outros oficiais treinados do serviço de informação haviam levantado as mãos aos céus em frustração.

— Este. — Ela deslizou duas fotos sobre a mesa. — Esta é uma combinação definitiva.

Ben Jakob olhou para as duas fotos lado a lado... e não viu nada que confirmasse a opinião da mulher. Perguntara-lhe várias vezes em que ela se baseava em seus julgamentos. Como Sarah sempre dizia que

eram os olhos, Avi observou novamente, comparando os olhos nas duas fotos. Tudo que viu foram olhos. Virou a foto israelense. A data impressa no verso dizia que o homem era suspeito de afiliação ao Hezbollah, nome desconhecido, cerca de vinte anos na foto deles, que era datada de seis anos antes.

— Algum outro, Sarah? — perguntou o diretor.

— Não, nenhum outro.

— Qual é o seu grau de certeza neste aqui? — inquiriu um dos oficiais da contrainformação, olhando para as fotos e, como Avi, não vendo nada.

— Cem por cento, Benny. Eu disse definitiva, não disse? — Sarah sempre era mal-humorada, especialmente com homens descrentes às quatro da manhã.

— Até onde iremos com isso? — perguntou outro membro da equipe.

— Ryan é um amigo do nosso país, e presidente dos Estados Unidos. Iremos até onde for possível. Quero inquéritos. Todos os contatos: Líbano, Síria, Iraque e Irã. Todos.

Porcos! — disse Bondarenko, correndo uma mão pelos cabelos. Ele já tirara a gravata havia muito tempo. Seu relógio dizia-lhe que era sábado, mas ele não sabia que dia era aquele.

— Sim — concordou Golovko.

— Uma operação negra... uma operação molhada, não era assim que vocês chamavam? — indagou o general.

— Molhada e incompetente — disse irritado o diretor da RVS. — Mas Ivan Emmetovich teve sorte, camarada general. Desta vez.

— Talvez — concedeu Gennady Iosefovich., — Discorda?

— Os terroristas subestimaram seus oponentes. Você recordará que recentemente passei algum tempo com o Exército americano. Seu treinamento não tem par no mundo, e o treinamento da guarda presidencial americana só pode ser igualmente rigoroso. Por que essa gente vive subestimando os americanos?

Sergey Nikolayevitch reconheceu que essa era uma boa pergunta, e fez um sinal com a cabeça para o chefe de operações prosseguir.

— A América costuma sofrer de uma carência de direcionamento político.

Isso não é o mesmo que incompetência. Sabe com que parecem? Com um cachorro violento mantido por uma correia curta — e como ele não pode partir a correia, as pessoas se iludem dizendo que não podem temê-lo, mas dentro do perímetro permitido pela correia ele é invencível, e uma correia, camarada diretor, é uma condição temporária. Você conhece esse Ryan.

— Muito bem — concordou Golovko.

— E? As histórias na imprensa deles, são verdadeiras?

— Todas elas.

— Sergey Nikolayevitch, vou lhe dizer o que acho. Se você considera Ryan um adversário formidável, e que ele tem aquele cão violento na correia, eu não correria o risco de ofendê-lo. E atacar uma criança? Uma criança dele? — O general balançou a cabeça.

Era isso, percebeu Golovko. Ambos estavam cansados, mas aquele era um momento de clareza. Ele passara tempo demais lendo os relatórios políticos de Washington, de sua própria embaixada, e diretamente a partir da mídia americana. Todos eles diziam que Ivan Emmetovich... era essa a chave? Desde o começo ele chamara Ryan assim, pensando em homenagear o homem com a versão russa de seu nome. E isso era uma honra na visão de Golovko...

— Você está pensando o mesmo que eu, da? — perguntou o general, olhando o rosto do homem e gesticulando para que ele falasse.

— Alguém fez um cálculo...

— E não foi um cálculo preciso. Acho que precisamos descobrir quem fez isso. Acho que um ataque

sistemático aos interesses americanos, uma tentativa de enfraquecer a América, camarada diretor, é realmente um ataque aos nossos interesses. Por que a China está fazendo aquilo, hein? Por que eles forçaram a América a alterar seus posicionamentos navais? Ao mesmo tempo que as forças americanas estão sendo forçadas, ocorre um ataque contra o coração do líder americano. Isto não é coincidência. Agora podemos ficar de lado e não fazer nada mais além de observar, ou...

— Não há nada que possamos fazer, e com as revelações na imprensa americana...

— Camarada diretor — interrompeu Bondarenko. — Durante setenta anos, nosso país confundiu teoria política com fatos objetivos, e esse foi nosso erro como nação. Estamos enfrentando condições objetivas aqui — prosseguiu, empregando uma frase estimada pelas forças armadas soviéticas, uma reação, talvez, às suas três gerações de equívocos políticos. — Vejo padrões de uma operação inteligente, uma operação coordenada, mas uma com um erro fatal, e esse erro é uma avaliação errônea do presidente americano. Discorda?

Golovko ponderou alguns segundos sobre isso, percebendo também que Bondarenko devia estar vendo alguma coisa real... mas será que os americanos estavam vendo? Era muito mais difícil ver alguma coisa de dentro do que de fora. Uma operação coordenada? De volta a Ryan, disse a si próprio.

— Não. Eu mesmo já cometi esse erro. Ryan aparenta muito menos do que é. Os sinais estão todos lá, mas as pessoas não veem.

— Quando estive na América, o general Diggs me contou a história do ataque dos terroristas à casa de Ryan. Ele pegou em armas e os derrotou, agindo com coragem e decisão. Pelo que você diz, aparentemente ele também é altamente eficaz como oficial de informação. Sua única falha, se é que podemos chamá-la assim, é que ele não é exatamente um político, e os políticos sempre veem isso como uma fraqueza. Talvez seja — concedeu Bondarenko. — Mas se isso for uma operação hostil contra a América, então suas fraquezas políticas são muito menos importantes do que seus outros dons.

— E...?

— Vamos ajudar o homem — disse o general. — É sempre melhor estarmos do lado vencedor, e se não o ajudarmos, então estaremos do outro. Ninguém atacará a América diretamente. Não temos tanta sorte assim, camarada diretor.

Ele estava quase certo.

Incubação

Ryan acordou ao amanhecer, perguntando-se porquê. O silêncio. Quase parecia sua casa na baía. Empertigou-se para ouvir o tráfego ou os outros sons.

Não escutou nada. Foi difícil sair da cama. Cathy decidira trazer Katie para dormir com ele, e estava ela em seu pijaminha rosa, parecendo angelical como todas as crianças pequenas ainda bebês nessa idade, apesar do que os outros pudessem dizer. Ele teve de sorrir, em seguida, foi ao banheiro. Roupas comuns estavam penduradas no armário; vestiu-as, mais um par de chinelos e um suéter. Saiu.

O ar estava frio, com resíduos de orvalho congelado nas plantas; o céu estava claro Nada mau. Robby tinha razão. Este não era um lugar ruim para frequentar. Colocava uma distância entre ele e as outras coisas, e ele precisava disso agora.

— Bom dia, senhor. — Era o capitão Overton.

— Não é um trabalho ruim, é?

O jovem oficial assentiu.

— Cuidamos da segurança. A Marinha cuida das petúnias. É uma divisão justa de trabalho, presidente. Até o pessoal do Serviço Secreto pode dormir aqui, senhor.

Ryan olhou em volta e viu por quê. Havia dois fuzileiros navais cercando o chalé, e mais três num raio de 45 metros. E aqueles eram apenas os que ele conseguia ver.

— Deseja alguma coisa, presidente?

— Café será um bom começo.

— Siga-me, senhor.

— Atenção no convés! — gritou um marinheiro alguns segundos depois, quando Ryan entrou no refeitório.

— Descansar — ordenou o presidente. — Pensei que este era o retiro presidencial, não um campo de treinamento.

Ryan escolheu um lugar à mesa usada pela equipe. Café apareceu como num passe de mágica. Então, mais mágica aconteceu.

— Bom dia, presidente.

— Oi, Andréa. Quando você chegou?

— Por volta das duas, de helicóptero — explicou.

— Conseguiu dormir?

— Cerca de quatro horas.

Ryan tomou um gole de café. Café da Marinha ainda era café da Marinha.

— E?

— A investigação está em andamento. A equipe está reunida. Todo mundo tem um lugar à mesa.

Ela estendeu uma pasta, que Ryan lia antes de seu jornal matutino. O condado de Anne Arundel, a Polícia Estadual de Maryland, o Serviço Secreto, o FBI, a ATF e todas as agências de informação estavam trabalhando no caso.

Tentavam identificar os terroristas, mas os dois cujos documentos já tinham sido checados revelaram-

se não pessoas. Seus documentos eram falsos, provavelmente de origem europeia. Grande surpresa. Qualquer criminoso europeu competente, quanto mais uma organização terrorista, podia gerar passaportes falsos. Ele levantou os olhos para Andréa.

— E quanto aos agentes que perdemos? Um suspiro, um encolher de ombros.

— Todos eles tinham famílias.

— Vamos providenciar para que eu as encontre. Acha que devo me encontrar com todas as famílias ao mesmo tempo ou com cada uma isoladamente?

— A escolha é sua, senhor — disse-lhe Price.

— Não. Precisa ser o que for melhor para eles. Eles são a sua gente, Andréa.

Cuide disso para mim, certo? Devo-lhes a vida da minha filha, e preciso fazer o que for justo pura com eles — disse POTUS solenemente, lembrando por que estava neste lugar silencioso e pacífico. — E presumo que suas necessidades serão atendidas apropriadamente. Consiga-me os detalhes sobre isso: seguros, pensões, tudo isso, certo? Quero acompanhar de perto.

— Sim, senhor.

— Já sabemos alguma coisa importante?

— Não realmente. As arcadas dentárias dos terroristas autopsiados definitivamente não eram americanas. Isso é tudo por enquanto.

Ryan folheou os documentos que tinha. Uma conclusão preliminar saltou da página sobre ele: — Onze anos?

— Sim, senhor.

— Então isso foi uma operação grande para alguém... uma nação.

— É uma possibilidade.

— Quem mais teria os recursos? — indagou, e Price lembrou que seu presidente tinha sido agente de informação por um longo tempo.

O agente Raman aproximou-se e sentou. Ele ouvira essa observação, e trocou um olhar com Price.

O telefone de parede tocou. O capitão Overton caminhou até ele.

— Sim? — Ele ouviu durante alguns minutos, então se virou.

— Presidente, é a Sra. Foley na CIA.

O presidente caminhou para atender ao telefonema.

— Sim, Mary Pat.

— Senhor, recebemos um telefonema de Moscou há alguns minutos. Nosso amigo Golovko perguntou se pode ser de alguma ajuda. Recomendo um sim a isso.

— Concordo. Mais alguma coisa?

— Avi ben Jakob quer conversar com você hoje mais tarde. Apenas para os seus ouvidos — disse-lhe a DDO.

— Daqui a mais ou menos uma hora. Deixe-me acordar primeiro.

— Sim, senhor... Jack?

— Sim, MP?

— Graças a Deus sobre Katie — disse Mary Pat, de mãe para pai, e então, apenas como profissional: — Se pudermos descobrir quem fez isso, nós iremos.

— Eu sei que você é a melhor que temos — ouviu a Sra. Foley. — Estamos bem agora.

— Bom. Ed e eu estaremos aqui o dia inteiro — disse Mary Pat antes de desligar.

— Como ele parece? — perguntou Clark.

— Ele vai superar, John.

Chavez esfregou a mão na barba por fazer. Os três, mais alguns outros, haviam passado a noite

revendo tudo que a CIA tinha sobre grupos terroristas.

— Temos de fazer alguma coisa sobre isto, pessoal. Isto é um ato de guerra.

— Sua voz estava agora desprovida de sotaque, como tendia a ser quando ele falava sério, invocando sua educação em vez de suas origens de Los Angeles.

— Não sabemos muita coisa. Que droga — disse a DDO. — Não sabemos nada ainda.

— É uma pena que não tenhamos pegado um deles vivo. — A observação, para a surpresa dos outros dois, veio de Clark.

— Ele provavelmente não teve muita chance de colocar algemas no cara — replicou Ding.

— É verdade.

Clark levantou o conjunto de fotos criminais que fora trazido do FBI logo depois da meia-noite. Como ele trabalhara no Oriente Médio, esperara-se que reconhecesse um dos rostos. Mas não reconheceu ninguém. O máximo que sabia era que, quem quer que fosse o safado do FBI que estivera lá dentro, atirava como ninguém. Sujeito de sorte: estava lá dentro, teve uma chance e soubera quando agir.

— Alguém soube aproveitar a oportunidade — disse John.

— Isso é um fato — Mary Pat concordou automaticamente, mas então todos pensaram a respeito.

A questão agora não era o quanto a chance fora boa, e sim como a chance fora percebida por quem havia jogado os dados. Os nove terroristas tinham sido suicidas, certamente marcados para a morte como os fanáticos do Hezbollah que haviam andado pelas ruas de Israel com roupas confeccionadas por DuPont — essa era uma piada da CIA sobre a situação, embora o fato de que os explosivos plásticos provavelmente tinham vindo da fábrica Skoda na antiga Tchecoslováquia. Bombas não-tão-inteligentes era a outra alcunha interna. Será que eles realmente acreditavam que poderiam sair vivos dali? O problema com alguns dos fanáticos era que eles não sabiam avaliar as coisas muito bem... talvez nem se importassem.

Esse também era o problema daqueles que os haviam enviado. Esta missão tinha sido diferente, afinal de contas. Em geral os terroristas gabavam-se abertamente do que faziam, por mais odiosos que fossem seus atos. O pessoal da CIA e das outras agências haviam esperado durante 15 horas que alguém assumisse o atentado. Mas isso não aconteceu, e se não havia acontecido até agora, era porque não queriam que ninguém soubesse. Mas isso era uma ilusão.

Os terroristas sempre proclamavam seus atos, mas nem sempre apreciavam que os agentes de polícia descobrissem suas intenções.

Já com as nações-Estado a história era outra, ou pelo menos assim parecia.

Certo, o vendedor das armas não soubera nada que pudesse identificar o ponto de origem dos terroristas... ou pelo menos era o que alguns podiam pensar. Mas Mary Pat não nutria essas ilusões. O FBI era melhor do que bom, bom o bastante para que o Serviço Secreto estivesse deixando cuidar de toda a parte forense. E portanto era possível que o indivíduo ou instituição que havia iniciado a missão pudesse realmente esperar que a história acabasse se revelando. Eles provavelmente sabiam disso, e mesmo assim deram prosseguimento ao plano. Se esta linha de especulação era legítima, então...

— Parte de alguma outra coisa? — perguntou Clark. — Não um ato isolado.

Parte de um plano maior.

— Talvez — observou Mary Pat.

— Se é assim, a coisa é grande. — Chavez concluiu para eles. — Talvez tenha sido por isso que os russos telefonaram para a gente.

— Tão grande... tão grande que mesmo se deslindarmos tudo, quando conseguirmos não fará a menor diferença.

— Isso é muito grande, Mary Pat — disse Clark. — Que poderia ser...?

— Alguma coisa permanente, alguma coisa que não poderemos mudar depois de ter acontecido — presumiu Domingo. O tempo que passara na George Mason University não fora desperdiçado.

A Sra. Foley desejou que seu marido estivesse ali para ajudá-la, mas Ed estava em reunião com Murray naquele exato momento.

Sábados de primavera costumam ser dias de rotina tediosa mas agradável, mas em pouco mais de duzentas casas pouco estava sendo feito. Jardins não estavam sendo plantados. Carros não estavam sendo lavados. Liquidações não estavam sendo frequentadas. Lojas de tinta jaziam fechadas. Isso tudo sem contar com os funcionários públicos e jornalistas trabalhando na grande matéria da semana. A maioria das pessoas acamadas com gripe eram homens. Trinta deles estavam em quartos de hotel. Vários até mesmo tentaram trabalhar, comparecendo às feiras nas novas cidades, enxugando rostos, assoando narizes e torcendo para que a aspirina ou o Tylenol surtisse efeito logo. Do último grupo, a maioria retornou aos quartos de hotel para relaxar; não havia sentido em lidar adoentados com clientes, havia? Em absolutamente nenhum dos casos procurou-se assistência médica. Aquilo devia ser o vírus da gripe de inverno primavera; cedo ou tarde, todo mundo acabaria infeccionado por ele. Eles não estavam tão doentes afinal, não é mesmo?

A cobertura da imprensa sobre o incidente na Giant Steps foi inteiramente previsível, começando com fotos tiradas a cerca de 45 metros de distância, e as mesmas palavras repetidas por todos os correspondentes, seguidas pelas mesmas palavras proferidas por especialistas em terrorismo e ou outros campos.

Uma das emissoras levou o espectador de volta aos tempos de Abraham Lincoln por nenhum outro motivo além daquele ser um sábado, um dia muito estéril em notícias. Toda a cobertura apontava para o Oriente Médio, embora até então as agências de investigação tivessem declinado de fazer qualquer comentário sobre o evento, exceto para citar a interferência heroica de um agente do FBI e a batalha travada pelos agentes do Serviço Secreto que agiam como guarda-costas da pequena Katie Ryan. Palavras como heroicos, dedicados, e determinados eram ostentadas com grande frequência, levando à conclusão dramática .

Alguma coisa simplesmente saíra errado, e Badrayn tinha certeza disso, embora ele não pudesse ter certeza até que seu colega voltasse para Teerã de Londres, através de Bruxelas e Viena, com diversos documentos de viagem diferentes.

— O presidente e sua família estão no retiro presidencial em Camp David para recuperar-se do choque desse evento terrível, acontecido bem ao norte da pacífica Annapolis, em Maryland — concluiu o repórter. — Este é...

— Retiro? — perguntou Daryaei.

— Significa muitas coisas na língua deles, entre elas, fugir — respondeu Badrayn, principalmente porque tinha certeza de que era isso que seu empregador queria ouvir.

— Se ele acha que pode fugir de mim, está muito enganado — observou o sacerdote com um sorriso sombrio, sua descrição derrotada pelo ânimo do momento.

Badrayn não reagiu à revelação. Foi fácil fazer isso, porque nesse instante estava olhando para o televisor e não para seu anfitrião, mas as coisas nunca lhe pareceram mais claras. Não havia tanto risco envolvido, afinal de contas.

Mahmoud Haji linha uma forma de matar esse homem, talvez a qualquer momento que quisesse, e a situação toda estava sendo orquestrada. Será que ele realmente poderia fazer isso?

Os IVIS dificultaram a vida na OpFor. Mas não muito. O coronel Hamm e a Divisão Corcel Negro haviam vencido essa, mas o que apenas um ano antes teria sido um massacre de proporções cósmicas — Forte Irwin ficava na Califórnia, e algumas peculiaridades linguísticas eram inevitáveis —, fora uma vitória suada. Guerra dizia respeito a informação. Essa era sempre a lição do Centro Nacional de

Treinamento: Encontre o inimigo. Não deixe o inimigo encontrar você. Reconhecimento. Reconhecimento. Reconhecimento. O sistema IVIS, operado por pessoas competentes, enviava as informações para qualquer pessoa com tamanha rapidez que os soldados estavam voltando-se para a direção certa mesmo antes das ordens chegarem. Isso praticamente anulava uma manobra da parte do OpFor, que teria sido digna de Erwin Rommel em seu melhor dia. Enquanto observava a gravação em velocidade acelerada do exercício na tela grande da Sala Guerra nas Estrelas, Hamm viu o quanto tinham chegado perto. Se uma daquelas companhias de tanques da Força Azul tivesse se movido apenas cinco minutos depois, ele teria perdido esta, também.

O Centro Nacional de Treinamento decerto perderia sua utilidade se os Mocinhos vencessem regularmente.

— Aquela foi uma manobra magnífica, Hamm — admitiu o coronel da Guarda da Carolina, enfiando a mão no bolso para pegar um charuto e o oferecendo a Hamm. — Mas amanhã nós vamos te dar um belo chute na bunda.

Normalmente, ele teria sorrido e dito Claro que vocês vão. Mas o filho da puta poderia simplesmente assentir em concordância, e isso tiraria um bocado da diversão da vida de Hamm. O coronel do 11º RCB teria agora de pensar em formas de burlar o IVIS. Era algo que ele já começara a pensar, e que tinha sido tópico de algumas discussões sobre cervejas com seu oficial de operações, mas até aqui eles tinham apenas concordado que aquilo não seria moleza, e provavelmente precisaria envolver veículos chamarizes... como Rommel usara.

Ele teria de obter fundos para isso. Saiu para fumar seu charuto. Havia sido uma vitória honrosa. Encontrou o coronel da guarda lá fora.

— Para um homem da guarda, você é danado de bom — precisou admitir Hamm. Ele jamais dissera uma coisa dessas para uma formação de guarda antes. Ele raramente dizia isso para qualquer um. Exceto por um erro de destacamento, o plano da Força Azul havia sido uma obra de arte.

— Obrigado por dizer isso, coronel. O IVIS foi uma surpresa rude, não foi?

— Pode repetir isso.

— Meu pessoal o adorou. Muitos deles usaram suas horas de folga para brincar com os simuladores. Diabos, estou surpreso por você ter nos vencido.

— A sua reserva estava próxima demais — disse-lhe Hamm. — Vocês pensavam saber o que explorar. Ao invés disso, eu os peguei fora de posição para reagir ao meu Contra-ataque.

Aquilo não era uma revelação. O observador controlador sênior deixara essa lição dura para o comandante de tanques momentaneamente arrependido.

— Tentarei lembrar disso. Soube das notícias?

— Sim, e aquilo foi sacanagem — pensou Hamm em voz alta.

— Criancinhas. Será que concedem medalhas no Serviço Secreto?

— Eles têm alguma coisa assim, imagino. Posso pensar em coisas piores pelas quais morrer.

E era a isso que tudo se resumia. Aqueles cinco agentes haviam morrido fazendo seu trabalho, correndo ao som das armas. Eles podiam ter cometido alguns erros, mas às vezes não se tinha escolha nesses assuntos. Todo soldado sabia disso.

— Deus guarde suas almas corajosas — disse o homem, soando como Robert Edward Lee Isso engatilhou alguma coisa em Hamm.

— Qual é a história de vocês? Você, coronel Eddington, você não... o que diabo faz na vida real?

O homem estava com mais de cinquenta anos, muito velho para um oficial em comando de uma brigada, mesmo na guarda.

— Sou professor de História Militar na Universidade da Carolina do Norte.

Qual é a história? Esta brigada devia ser a substituta da 24ª Mecanizada em 1991, e viemos para cá

fazer exercícios. Nunca fomos enviados para a guerra.

Eu era oficial de rastreamento naquela época, Hamm. Nós queríamos ir. Nossos padrões regimentais remontam à Revolução. Isso doeu em nosso orgulho.

Esperamos voltar aqui por quase dez anos, rapaz, e esta caixa de IVIS deu-nos uma bela chance. — Ele era um homem alto e magro, e quando se virou, estava olhando para baixo na direção do oficial regular. — Faremos uso dessa oportunidade, filho. Conheço a teoria. Tenho lido e estudado há mais de trinta anos, e meus homens não vão rolar e morrer para você, está ouvindo? — concluiu Nicholas Eddington, com o sotaque que tendia a adotar quando irritado.

— Especialmente não para ianques?

— Com toda certeza! — Então foi o momento para uma gargalhada. Nick Eddington era professor, com uma certa inclinação para o dramático. Sua voz suavizou. — Eu sei, se não tivéssemos IVIS, vocês iriam nos matar...

— Tecnologia não é mesmo uma coisa maravilhosa?

— Ela quase nos torna seus iguais, e os seus homens são os melhores. Todo mundo sabe disso — concedeu Eddington, num belo gesto de paz.

— Com as horas que trabalhamos, é bem difícil tomar uma cerveja no clube quando a gente realmente precisa. Posso oferecer-lhe uma na minha casa, senhor?

— Mostre o caminho, coronel Hamm.

— Qual é a sua área de especialidade? — perguntou CORCEL NEGRO SEIS no percurso até seu carro.

— Minha dissertação foi sobre a arte operacional de Nathan Bedford Forrest.

— Mesmo? Também sempre fui um admirador de Buford.

— Ele só teve alguns dias, foram dias bons. Ele poderia ter vencido a guerra para Lincoln em Gettysburg.

— As carabinas Spencer concederam à sua tropa superioridade técnica — teorizou Hamm. — As pessoas esquecem desse fator.

— Escolher o melhor território não machucou, e as Spencer ajudaram, mas o que ele fez de melhor foi lembrar sua missão — replicou Eddington.

— Ao contrário de Stuart. Jeb definitivamente teve um dia ruim. Suponho que ele merecia um.

Hamm abriu a porta do carro para o seu colega. Eles tinham algumas horas antes de se prepararem para o exercício seguinte, e Hamm era um estudante sério de História, especialmente da cavalaria. Esse seria um café da manhã interessante: cerveja, ovos, Guerra Civil.

Esbarraram um no outro no estacionamento da 7-Eleven, que no momento estava faturando alto vendendo café e roscas.

— Oi, John — disse Holtzman, olhando para a cena do crime do outro lado da rua.

— Oi, Bob — reconheceu Plumber com um aceno. A área estava fervilhando de câmeras, fotográficas e de TV, registrando a cena para a posteridade.

— Está de pé cedo demais para um sábado... e para um homem de TV — comentou o jornalista do Post com um sorriso amistoso. — Que acha disso?

— Foi realmente uma coisa terrível. — Plumber já tinha sido avô várias vezes.

— Será que foi Ma-alot, aquele em Israel, lá em... quando mesmo? Em 1975, algo assim? — Todos esses incidentes terroristas eram muito parecidos uns com os outros.

Holtzman também não tinha certeza.

— Acho que sim. Mande alguém checar lá no escritório.

— Terroristas dão boas matérias, mas, Deus do Céu, passaríamos bem melhor sem eles.

A cena do crime estava quase intacta. Os corpos haviam sumido. As autópsias já deviam ter sido finalizadas a essa altura. Mas tudo mais estava como antes, ou quase. Os carros permaneciam lá, e enquanto os jornalistas observavam, os especialistas em balística esticavam fios para simular tiros em manequins trazidos de uma loja de departamentos da localidade, tentando recriar cada detalhe. O atirador escondido do Serviço Secreto era um negro, Norman Jeffers, um dos heróis do dia; agora estava demonstrando como ele viera da casa do outro lado da rua. Lá dentro estava o inspetor Patrick O'Day.

Alguns agentes simulavam os movimentos dos terroristas. Um homem jazia no chão ao lado da porta da frente, apontando em todas as direções com um revólver de brinquedo de plástico vermelho. Nas investigações criminais, os ensaios com roupa sempre aconteciam depois da peça.

— O nome dele era Don Russell? — indagou Plumber.

— Um dos caras mais antigos no Serviço Secreto — confirmou Holtzman.

— Merda. — Plumber balançou a cabeça. — Horatius na ponte, como alguma coisa de um filme. Heroico não é uma palavra que usemos com frequência, é?

— Não. Essa é uma coisa na qual não devíamos mais acreditar, não é mesmo? Somos homens maduros. Para nós, todos têm um lado podre, não é? — Holtzman terminou seu café e jogou a xícara plástica na lata de lixo. — Imagine, abrir mão de sua vida para proteger os filhos de outra pessoa.

Alguns jornalistas falaram sobre o evento empregando termos de faroeste.

Duelo em Creche City dissera algum repórter, ganhando o prêmio de mau gosto da noite, e valendo à estação algumas centenas de telefonemas irritados, que confirmaram que a emissora tinha uma audiência sólida no horário noturno.

Ninguém ficara mais irado com isso do que Plumber, conforme Bob Holtzman notou. Ele ainda achava que esse negócio de notícias ainda devia significar alguma coisa.

— Alguma notícia de Ryan? — perguntou Bob.

— Só um comentário para a imprensa. Callie Weston escreveu, e Arnie o leu. Não posso culpá-lo por se afastar com a família. Ele merece uma colher de chá de alguém, John.

— Bob, eu me lembro de quando...

— Sim, eu sei. Me pegaram de jeito. Elizabeth Elliot passou-me uma informação sobre Ryan quando ele era diretor suplente da CIA. — Virou-se para encarar o colega mais velho. — Era tudo mentira. Pedi-lhe desculpas pessoalmente. Sabe o que foi realmente aquilo tudo?

— Não — admitiu Plumber.

— A missão colombiana. Ele estava lá. Durante a missão, algumas pessoas foram mortas. Uma delas um sargento da Força Aérea. Ryan cuida da família do sargento. Ele está bancando a faculdade de todos, do próprio bolso.

— Você nunca publicou isso — objetou o repórter de TV.

— Não, eu não publiquei. A família... bem, eles não são figuras públicas, são? Quando descobri, aquilo era notícia velha. Simplesmente não considerei publicável.

Essa última palavra era uma das chaves para entender a profissão daqueles dois homens. Eram os homens de notícia que decidiam o que devia chegar ao olho do público e o que não devia, e escolher o que devia ser publicado e o que não devia; eram eles que controlavam as notícias e decidiam o que, exatamente, o público tinha direito de saber. E exercendo seu poder de escolha, podiam fazer ou derrubar qualquer pessoa, porque nem toda história começava grande o bastante para ser notada, especialmente as políticas.

— Talvez você estivesse errado. Holtzman deu de ombros.

— Talvez eu estivesse, mas não esperava que Ryan se tornasse presidente mais do que você. Ele fez uma coisa honrada... droga. Muito mais do que honrada. John, há coisas sobre a história colombiana que não podem ver a luz do dia. Acho que sei de tudo agora, mas não posso escrever. Isso iria ferir o país e

não ajudaria ninguém.

— O que Ryan fez, Bob?

— Ele impediu um incidente internacional. Ele fez com que o culpado fosse punido de uma forma ou de outra...

— Jim Cutter? — perguntou Plumber, ainda se perguntando do que Ryan era capaz.

— Não. Aquilo foi realmente um suicídio. Sabe o inspetor O'Day, o cara do FBI que estava bem ali do outro lado da rua?

— Que tem ele?

— Ele estava seguindo Cutter. Ele o viu se jogar na frente do ônibus.

— Tem certeza?

— Toda certeza do mundo. Ryan não sabe que sei de tudo isso. Tenho algumas fontes muito boas, e tudo se encaixa com os fatos conhecidos. Ou é tudo verdade ou é a mentira mais inteligente com a qual já deparei. Sabe o que temos na Casa Branca, John?

— O quê?

— Um homem honesto. Não relativamente honesto, não ainda não flagrado. Honesto. Acho que ele nunca cometeu uma desonestidade na vida.

— Ele ainda é um cordeirinho no bosque — replicou Plumber, com certa agressividade. Estava começando a sentir uma dor na consciência.

— Talvez seja. Mas quem disse que somos lobos? Não, isso não é direito.

Nosso dever é correr atrás dos desonestos, mas estamos fazendo isso há tanto tempo que esquecemos que há algumas pessoas no governo que são honestas. — Ele olhou novamente para o colega. — E assim jogamos uns contra os outros para conseguir nossas matérias... e ao longo do caminho também nos tornamos corruptos. Que podemos fazer a esse respeito, John?

— Sei o que você está pedindo. A resposta é não.

— Numa era de valores relativos, é bom encontrar um absoluto, Sr.

Plumber. Ainda que seja o errado — acrescentou Holtzman, obtendo a reação que planejava.

— Bob, você é bom. Muito bom, na verdade, mas não vai conseguir me enrolar, entendeu? — disse o comentarista, conseguindo esboçar um sorriso. Era uma tentativa profissional e ele tinha de admirar isso. Holtzman era uma reminiscência dos dias que Plumber recordava com tanta saudade.

— E se eu puder provar que tenho razão?

— Então por que você não escreve a matéria? — questionou Plumber.

Nenhum jornalista de verdade poderia dar as costas a isso.

— Eu não a publiquei. Nunca disse que não a escrevi — Bob corrigiu seu amigo.

— O seu editor despediria você se...

— E você? Nunca deixou de publicar alguma coisa, mesmo quando dispunha de todas as informações necessárias?

Plumber esquivou-se dessa: — Você falou sobre provas.

— Falei. Mas essa história não pode chegar aos ouvidos de ninguém.

— Como posso confiar em você?

— Como eu posso confiar em você, John? O que colocamos em primeiro lugar? Espalhar notícias, certo? E quanto ao país, e quanto às pessoas? Quando a responsabilidade profissional termina e a responsabilidade pública começa?

Não publiquei essa matéria porque uma família perdeu um pai. Ele deixou uma esposa grávida. O governo não podia reconhecer o que havia acontecido, e assim Jack Ryan se prontificou a fazer a coisa certa. Ele o fez com dinheiro do próprio bolso. Jamais quis que alguém descobrisse a esse respeito. E então, o que eu devia fazer? Expor a família? Para quê, John? Para espalhar uma história que não apenas prejudicaria um país, como também uma determinada família?

Isso poderia colocar em risco a educação das crianças. Há muitas outras notícias que podemos cobrir. Mas escute o que digo, John: você prejudicou um homem inocente, e o seu amigo com o sorriso grande teve de mentir para o público para fazer isso. Não devíamos nos preocupar com isso.

— Então por que você não escreve sobre isso? Holtzman fê-lo esperar alguns segundos pela resposta.

— Estou disposto a lhe dar a chance de consertar as coisas. Esse é o motivo.

Você estava lá, também. Mas preciso ter a sua palavra, John. Aceitarei sua palavra.

Havia outras coisas além disso. Tinha de haver. Para Plumber, era uma questão de dois insultos profissionais. Em primeiro lugar, o fato de que ele havia sido enrolado por um associado mais jovem na NBC, da geração mais jovem que achava que jornalismo era a forma como você parecia diante de uma câmera. Em segundo lugar, o fato de que ele também tinha sido enrolado por Ed Kealty, usado... para prejudicar um homem inocente? No mínimo, ele tinha a obrigação de descobrir. Se não o fizesse, teria de passar um bom tempo evitando olhar no espelho.

O comentarista de TV pegou o minigravador de Holtzman de sua mão e apertou o botão de gravar.

— Aqui é John Plumber, hoje é sábado, sete e meia da manhã, e estamos em frente à creche Giant Steps. Robert Holtzman e eu vamos sair agora daqui e seguir para outro lugar. Dei minha palavra de que aquilo que iremos investigar permanecerá absolutamente confidencial entre nós. Esta gravação é um registro permanente desse compromisso da minha parte. John Plumber — concluiu —, NBC News. — Desligou o gravador e, depois de um segundo, ligou de novo. — Entretanto, se Bob agir de má-fé para comigo, nosso acordo estará encerrado.

— Isso é justo — concluiu Holtzman, removendo a fita do gravador e colocando-a no bolso.

A promessa não tinha validade legal. Mesmo se tivesse sido um acordo contratual, a Primeira Emenda provavelmente iria negá-lo, mas era a palavra de um homem, e os dois jornalistas sabiam que isso manteria seu valor, mesmo na era moderna. A caminho do carro de Bob, Plumber falou com seu produtor de externa.

— Voltaremos daqui a mais ou menos uma hora.

O predador estava circulando um pouco abaixo de três mil metros. Para propósitos de conveniência, as três corporações da URI foram identificadas como I, II e III pelos oficiais de informação em STORM TRACK e PALM BOWL. O UAV estava agora circulando a Corporação I, uma divisão armada da Guarda Republicana Iraquiana reconstituída e uma divisão semelhante do antigo Exército iraniano. Eram chamados Os Imortais, em homenagem à guarda pessoal de Xerxes. A configuração era convencional. As formações regimentais estavam na disposição clássica duas na frente uma atrás, uma espécie de triângulo, com a terceira constituindo a divisão reserva. As duas divisões estavam lado a lado. Contudo, a frente estava surpreendentemente estreita, com cada divisão cobrindo meros trinta quilômetros de espaço linear, e apenas uma brecha de cinco quilômetros entre as duas.

Eles estavam treinando com afinco. A cada grupo de quilômetros havia alvos, silhuetas em madeira de tanques. Quando eram avistados, atirava-se neles. O Predador não podia precisar a qualidade da artilharia, embora a maioria dos alvos tivessem sido derrubados depois que a primeira fileira de veículos passou. Os veículos eram principalmente de origem russa soviética. Os pesados eram tanques de batalha T-72 e T-80, fabricados nas grandes fabricas de Chelyabinsk. Os veículos de infantaria eram BMP. As táticas também eram soviéticas. Isso era evidente pela forma como eles se moviam. As subunidades eram mantidas sob controle. As grandes formações moviam-se com precisão geométrica, como máquinas de colheita num trigal do Kansas, cavando o terreno em linhas regulares.

— Puxa, já vi esse filme — observou o sargento na estação Kuwait da ELINT.

— Sim? — perguntou o major Sabah.

— Os russos... bem, os soviéticos, costumavam fazer filmes sobre isso, senhor.

— Como você compararia os dois? — E isso, pensou o especialista em informação, era uma pergunta

muito boa.

— Não são muito diferentes, major. — Ele apontou para a metade inferior da tela. — Está vendo aqui? O comandante da companhia tem tudo alinhado, distância e intervalos apropriados. Antes, o Predator estava sobre a tropa de reconhecimento, e isso também estava igualzinho aos livros. Já leu sobre táticas soviéticas, major Sabah?

— Apenas sobre as adaptações iraquianas — admitiu o embaixador do Kuwait.

— Bem, é muito parecido. Consistia em atacar forte e rápido; saltar sobre o inimigo sem lhe dar muita chance de reagir; manter os soldados sob controle.

Para eles tudo se resumia a matemática.

— E qual é o nível de treinamento deles?

— Nada mau, senhor.

— Elliot manteve vigilância sobre Ryan, bem dali. — Holtzman apontou enquanto aproximava o carro da 7-Eleven.

— Ela mandou que o seguissem?

— Liz odiava-o até a alma. Eu nunca... bem, acho que descobri o motivo.

Ela realmente pegava no pé de Ryan. Talvez tenha sido alguma coisa que aconteceu antes de Bob Fowler ser eleito. O suficiente para ela vazar uma história para magoar a família dele. Gentil, hem?

Plumber não ficou tão impressionado.

— Washington é assim.

— Verdade, mas e quanto a usar recursos oficiais do governo para uma vingança pessoal? Essa pode ser a verdadeira Washington, também, mas isso é contra a lei.

Ele parou o carro e fez um gesto para Plumber saltar.

Dentro da lanchonete encontraram sua pequena proprietária e algumas crianças de origem asiática estocando as prateleiras nesta manhã de sábado.

— Olá — disse Carol Zimmer. — Ela reconheceu Holtzman de suas visitas anteriores para comprar pão e leite — e para conhecer a loja. Ela não tinha a menor ideia de que ele era jornalista. Ela apontou. — Você na TV!

— Sim, sou eu — admitiu o comentarista com um sorriso.

O filho mais velho — seu crachá dizia que ele era Laurence — apareceu com uma expressão menos amistosa.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, senhor? — Sua voz era desprovida de sotaque, seus olhos eram brilhantes e desconfiados.

— Gostaria de falar com você, se for possível — disse Plumber, educadamente.

— A respeito de quê, senhor?

— Você conhece o presidente, não é?

— As máquinas de café ficam ali, senhor. Pode ver onde estão os doughnuts.

O jovem deu-lhes as costas. Plumber imaginou que ele deveria ter herdado a altura do pai, e parecia ter boa instrução.

— Espere um minuto! — disse Plumber. Laurence virou-se.

— Por quê? Temos um negócio para cuidar. Com sua licença.

— Larry, seja gentil com o homem.

— Mãe, eu lhe disse o que ele fez, lembra?

Quando Laurence olhou de volta para os jornalistas, seus olhos contaram a história. Eles causaram em Plumber uma dor que ele não sentia havia anos.

— Desculpe. Por favor — disse o comentarista. — Quero apenas falar com você. Não trouxe

nenhuma câmera.

— Você está agora na faculdade de medicina, Laurence? — perguntou Holtzman.

— Como sabe disso? Quem é você, afinal?

— Laurence! — objetou a mãe.

— Espere um minuto, por favor. — Plumber levantou as mãos. — Tudo que quero é conversar. Nada de câmeras, nem gravadores. Tudo ficará entre nós.

— Oh, claro. Você nos dá a sua palavra?

— Laurence!

— Mãe, deixe que eu cuide disso! — asseverou o estudante, e então desculpou-se imediatamente. — Desculpe, mãe, mas a senhora não sabe a respeito do que é isto.

— Estou apenas tentando descobrir...

— Eu vi o que o fez, Sr. Plumber. Ninguém lhe disse? Quando você cospe no presidente, está cuspidando no meu pai, também! Agora, por que não compra o que precisa e cai fora?

O jovem deu-lhes as costas novamente.

— Eu não sabia — protestou John. — Se fiz alguma coisa errada, então por que não me conta a respeito? Você tem a minha palavra de que não farei nada que prejudique a você ou à sua família. Mas se eu fiz alguma coisa errada, por favor me diga.

— Por que atacou o Sr. Ryan? — perguntou Carol Zimmer. — Ele é um homem bom. Ele cuida nós. Ele...

— Mãe, por favor. Essas pessoas não se importam com isso! — Laurence precisou voltar para cuidar da situação. Sua mãe era inocente demais.

— Laurence, meu nome é Bob Holtzman. Sou do Washington Post. Sei a respeito de sua família há vários anos. Nunca publiquei a história porque não queria invadir a privacidade de vocês. Sei o que o presidente Ryan está fazendo por vocês. Quero que John ouça da sua boca. Isso não vai se tornar informação pública. Se eu quisesse, eu mesmo teria feito.

— Por que devo confiar em vocês? — questionou Laurence Zimmer. — Vocês são jornalistas!

Esse comentário atravessou Plumber com força e violência suficientes para causar-lhe dor física. Sua profissão havia afundado tanto?

— Está estudando para ser médico? — perguntou Plumber, começando do começo.

— Segundo ano em Georgetown. Tenho um irmão que está para se formar no MIT e uma irmã que acaba de ingressar na Universidade da Virgínia.

— Isso é caro. Caro demais para o quanto vocês ganham com este negócio.

Eu sei. Eu precisei educar os meus filhos.

— Todos trabalhamos aqui. Trabalho nos fins de semana.

— Você está estudando para ser médico. Essa é uma profissão honrada — disse Plumber. — E quando cometem erros, tentam aprender com eles. Eu também, Laurence.

— O senhor sabe mesmo lidar com as palavras, Sr. Plumber. Mas muita gente faz isso.

— O presidente ajuda, não ajuda?

— Se eu lhe contar alguma coisa entre nós significa que vocês não poderão publicar?

— Na verdade, entre nós nem sempre significa isso — admitiu Plumber. — Mas eu lhe prometo, aqui e agora, que jamais usarei essas informações de nenhuma forma. Se faltar com minha palavra, você terá pessoas a quem poderá recorrer e arruinar minha carreira. As pessoas no meu ramo têm muita liberdade... talvez liberdade demais, mas não podemos mentir.

E esse era o xis da questão, não era?

Laurence olhou para a mãe. Seu inglês ruim não denotava uma mente fraca. Ela assentiu para ele.

— Ele estava com papai quando ele foi morto — reportou o jovem. — Ele prometeu a papai que

cuidaria da gente. Ele faz isso, e sim, ele paga escolas e coisas assim. Ele e os seus amigos na CIA.

— Eles tiveram problemas aqui com alguns baderneiros — acrescentou Holtzman. — Um sujeito de Langley que conheço veio até aqui e...

— Ele não devia ter feito aquilo! — objetou Laurence. — O Sr. Clar... bem, ele não devia ter feito.

— Por que você não ingressou na Johns Hopkins? — perguntou Holtzman.

— Eles me aceitaram — disse Laurence, num tom de voz ainda hostil. — Desta forma fica mais fácil eu chegar na faculdade, e posso ajudar aqui na loja.

A Dra. Ryan não sabia no começo, mas quando ela descobriu, bem, outra irmã começa na universidade neste outono. Preparatório de medicina, como eu.

— Mas por que...? — a voz de Plumber descarrilou.

— Porque esse é o tipo de sujeito que ele é, e você o sacaneou.

— Laurence!

Durante mais ou menos 15 segundos, Plumber não falou nada. Virou-se para a senhora atrás do balcão.

— Sra. Zimmer, muito obrigado pelo seu tempo. Nada disso será repetido.

Eu prometo. — Virou-se. — Boa sorte com os seus estudos, Laurence. Obrigado por me contar, Não irei incomodá-lo mais.

Os dois jornalistas saíram, seguindo direto até o Lexus de Holtzman.

Por que eu deveria confiar em vocês? Vocês são repórteres. As palavras rudes de um estudante, talvez, mas mesmo assim profundamente dolorosas.

Principalmente porque Plumber sabia que merecera ouvi-la.

— O que mais? — perguntou.

— Até onde sei, eles nem mesmo conhecem as circunstâncias da morte de Buck Zimmer, apenas que deu a vida por sua pátria. Evidentemente, Carol estava grávida da caçula quando ele morreu. Liz Elliot tentou obter uma história sobre como Ryan estava pulando a cerca e que o bebê era dele. Fui arrastado pelo vácuo.

Plumber respirou profundamente.

— Sim. Eu também.

— Assim, o que vai fazer a respeito, John? Plumber olhou para Bob.

— Quero confirmar algumas coisas.

— O rapaz no MIT se chama Peter. Análise de sistemas. Acho que o nome da moça indo para Charlottesville é Alisha. Não sei o nome da que está terminando o segundo grau, mas posso verificar. Tenho dados sobre a compra do negócio da família. E uma microempresa. Todos os registros apontam para os integrantes da missão colombiana. Ryan compra presentes de Natal para eles todos os anos. Cathy também. Não sei como eles irão lidar com isso agora.

Provavelmente muito bem. — Holtzman soltou uma risadinha. — Ele sabe guardar segredos.

— E o cara da CIA que...

— Eu o conheço. Nada de nomes. Ele descobriu que alguns marginais estavam importunando Carol. Ele bateu um papinho com eles. A polícia tem arquivos. Eu já os vi — disse Holtzman. — Ele é um cara interessante. Foi ele quem tirou a esposa e a filha de Gerasimov da União Soviética. Carol o adora.

Ele também é o sujeito que resgatou Koga. Um agente e tanto.

— Dê-me um dia. Um dia — pediu Plumber.

— Completamente justo.

O percurso de volta pela Ritchie Highway transcorreu sem mais nenhuma palavra.

— Dra. Ryan?

Era o capitão Overton, enfiando a cabeça pelo vão da porta.

— O que é? — perguntou Cathy, levantando os olhos de um artigo de jornal.

— Senhora, há uma coisa acontecendo que as crianças podem gostar de ver, com a sua permissão.

Todos vocês, se quiserem.

Dois minutos depois, estavam todos na traseira de um Hummer, seguindo para a floresta, perto da cerca. O veículo parou a sessenta metros de distância.

O capitão e um recruta conduziram-nos pelo resto do caminho, durante 15 metros.

— Fique quietinha — disse o recruta a CHOCALHO. Ele segurou binóculos na frente dos olhos da menina.

— Maneiro! — considerou Jack Júnior.

— Ela vai sentir medo da gente? — perguntou Sally.

— Não, ninguém caça cervos aqui, e eles estão acostumados aos veículos — explicou Overton. — Aquela é Elvira, a segunda mais velha aqui.

Ela dera à luz apenas alguns minutos antes. Elvira estava se levantando agora, lambendo o gomo recém-nascido cujos olhos estavam confusos com o mundo novo ao seu redor.

— Bambi! — observou Katie Ryan, especialista como era nesse filme da Disney. Mas ainda não era possível saber o sexo do filhote, que, alguns minutos depois, esforçava-se para se manter sobre suas pernas frágeis.

— Certo. Katie?

— Sim? — perguntou Katie, sem desgrudar os olhos do filhote.

— Você precisa dar-lhe um nome — disse o capitão Overton à criança. Era uma tradição deles.

— Tia Marlene — disse CHOCALHO sem hesitação.

Confirmação

Como dizia o ditado, era chão que não acabava mais. A estrada era tão tediosa quanto qualquer engenheiro civil poderia torná-la, mas isso não tinha sido culpa de ninguém. O mesmo com a terra. Brown e Holbrook sabiam agora por que os Montanheses tinham se tornado Montanheses. Pelo menos lá havia o que olhar. Eles poderiam dirigir mais rápido, mas levava tempo até aprender as características deste monstro; eles raramente ultrapassavam os oitenta. Isso lhes garantia olhares venenosos de cada motorista ao longo da I-90, especialmente os caminhoneiros, que consideravam a oitava maravilha do mundo a ausência de um limite de velocidade na região leste de Montana, e os advogados — só podiam ser advogados — em carros esportivos alemães que passavam zunindo pelo caminhão dos Montanheses.

Aquilo também estava sendo trabalho árduo. Os dois estavam cansados depois da fase de preparativos. Todas as semanas de esforço para providenciar o caminhão, misturar os explosivos, moldar as balas e fazer o carregamento do caminhão. Tudo fora feito com pouquíssimas horas de sono, e não havia nada mais tedioso do que dirigir por uma interestadual no Oeste. Seu primeiro pernoite foi num motel em Sheridan, logo depois da divisa com Wyoming.

Chegar até lá, depois de seu primeiro dia dirigindo aquele caminhão maldito, quase acabara com eles, especialmente depois de atravessar a conexão entre a I-90 e a I-94 em Billings. Eles sabiam que o caminhão de cimento se manteria na pista com a mesma firmeza que um porco no gelo, mas a experiência real excedera seus piores pesadelos. Acabaram acordando depois das oito na manhã seguinte.

O motel era uma espécie de parada de caminhoneiros que abrigava motoristas de todos os tipos de veículos, desde carros particulares até jamantas interestaduais. O refeitório serviu um café da manhã farto, atacado por uma matilha de homens de modos rudes e algumas mulheres que não ficavam atrás.

A conversa dominante era previsível.

— Devem ter sido uns putos de turbante — opinou um caminhoneiro barrigudo com tatuagens nos antebraços carnudos.

— Acha mesmo? — perguntou Ernie Brown do fundo do balcão, esperando ter uma noção do que pensava esse povo.

— Quem mais iria atrás de pirralhos? Filhos da puta! — disse o caminhoneiro, voltando sua atenção para as panquecas de amoras.

— Se a TV estava certa, aqueles dois tiras fizeram jus ao salário — anunciou outro caminhoneiro, este de uma companhia leiteira. — Cinco tiros bem na cabeça. Pô!

— E quanto ao sujeito que protegeu a entrada, sozinho contra seis homens com fuzis? Com uma pistola. Derrubou três deles, talvez quatro. Esse aí morreu como um verdadeiro homem da lei americano. — Ele levantou os olhos de suas panquecas. Esse tinha um carregamento de gado. — Ele mereceu seu lugar no Valhala, pode ter certeza.

— Ei, eles eram federais, homem — disse Holbrook, mastigando sua torrada.

— Eles não são heróis. Que tal...

— É melhor parar por aí, camarada — avisou o homem do caminhão de leite.

— Não quero ouvir. Havia vinte, trinta crianças naquele lugar.

Outro motorista se manifestou.

— E aquele crioulo, mandando ver com seu fuzil? Putz, igualzinho a como a gente fazia na Divisão Blindada para a Segunda de Happy Valley. Eu não me importaria de pagar uma cerveja para o garoto, talvez apertar a mão dele.

— Você foi do Esquadrão Aéreo da Divisão Blindada? — perguntou o homem do caminhão de leite, dando as costas para seu café da manhã.

— Charlie, Primeira da Sétima — Ele se virou para mostrar o emblema da Primeira Divisão Aérea em seu casaco de couro.

— Gary Owen, meu irmão! Delta, Segunda da Sétima — Ele se levantou do balcão e caminhou para apertar a mão do homem. — Onde você ficava baseado?

— Em Seartle. O caminhão de peças mecânicas lá fora é meu. Estou seguindo para St. Louis. Gary Owen. Deus, como é bom ouvir isso de novo.

— Sempre que eu passar por aqui...

— Pode apostar. Temos irmãos enterrados lá adiante em Little Big Horn.

Sempre faço uma pequena prece por eles quando passo ali.

— Porra! — Os dois homens apertaram as mãos novamente. — Mike Fallon.

— Tim Yeager.

Os dois Montanheses não tinham vindo ao refeitório apenas para fazer seu desjejum. Aqueles eram seu tipo de gente. Durões individualistas. Tiras federais como heróis? Que merda era aquela?

— Rapaz, espero que esse tal Ryan descubra quem esteve por trás desse negócio — disse o das peças mecânicas.

— Ele é ex-fuzileiro — replicou o do caminhão de gado. — Não é um deles. É um de nós.

Finalmente.

— Acho que você tem razão. Alguém vai ter de pagar por essa, e espero que ele tenha as pessoas certas para fazer a cobrança.

— Putamente certo — concordou o do caminhão de leite de seu lugar no balcão.

— Bem, é hora de metermos o pé na estrada — disse Ernie Brown, levantando. Os outros apenas acenaram com as cabeças antes de retornarem ao seu debate informal.

— Se você não estiver se sentindo melhor amanhã, vai procurar um médico, e tenho dito! — asseverou a mulher.

— Oh, eu vou melhorar.

Mas esse protesto saiu como um gemido. Ele se perguntou se essa era a gripe de Hong Kong ou alguma coisa assim. Não que soubesse a diferença.

Quase ninguém sabia, e isso incluía os médicos. O que um médico lhe diria?

Descanso, líquidos, aspirina, o que ele já estava fazendo. Ele tinha a impressão de ter sido enfiado num saco e espancado com bastões de beisebol, e a viagem não havia ajudado. Ninguém gostava de viajar. Todos gostavam de estar em outro lugar, mas chegar lá sempre era um pé no saco naquela região. Ele se permitiu cair no sono, torcendo que a esposa não ficasse preocupada demais.

Estaria se sentindo melhor pela manhã. Essas coisas sempre acabavam desaparecendo. Ele tinha uma cama confortável e um controle remoto de TV.

Enquanto não precisasse se mover, não sentira dor... não muita. Não podia piorar. Então iria melhorar. Sempre melhorava.

Quando as pessoas alcançavam uma certa posição, seu trabalho jamais terminava. Elas podiam fugir, mas então o trabalho as alcançava, onde quer que estivessem, e o único problema era o quanto custava levar o trabalho até elas.

Esse era o caso de Jack Ryan e Robby Jackson.

Para Jack foram os discursos que Callie Weston preparara — ele voaria no dia seguinte para o Tennessee, depois para o Kansas, depois para o Colorado, depois para a Califórnia, e finalmente de volta a Washington, chegando às três da manhã no que seria o maior dia de eleição especial na história dos Estados Unidos. Mais de um terço das cadeiras que haviam sido esvaziadas pelo tal Sato seriam preenchidas por esta eleição, e o restante seria feito nas duas semanas seguintes. Então, ele teria um Congresso completo com o qual trabalhar, e talvez, apenas talvez, pudesse começar a trabalhar de verdade. Política pura avultava-se em seu futuro imediato. Na semana seguinte teria de planejar como aprimorar duas das burocracias mais poderosas do governo: Defesa e Tesouro.

As outras seriam revistas em seguida.

Como estava ali com o presidente, o almirante Jackson obtinha informações por intermédio do gabinete do J-2, o chefe do departamento de informação do Pentágono, para conduzir o relatório diário dos eventos mundiais. Levou cerca de uma hora apenas para examinar os materiais.

— Que está acontecendo, Rob? — perguntou Jack.

O presidente não estava fazendo uma pergunta amistosa sobre como estava sendo a semana do amigo; ele queria saber a situação do planeta inteiro. O J-3

levantou as sobrancelhas.

— Por onde quer que eu comece?

— Escolha um lugar — sugeriu o presidente.

— Certo. Mike Dubro e o grupo Ike ainda estão tomando rumo norte na direção da China, e isso a uma boa velocidade. Graças ao bom tempo e a um mar calmo, estão viajando a uma média de 25 nós. Isso antecipa em algumas horas sua estimativa de chegada. Os exercícios prosseguem no estreito de Formosa, mas agora ambos os lados estão se mantendo em suas respectivas costas. Parece que o conflito acalmou um pouco dos dois lados. O secretário Adler deve estar lá agora, conversando com eles.

O Oriente Médio. Estamos observando o exército da URI conduzir exercícios, também. Seis divisões pesadas, mais divisões adicionais e aéreas.

Nossos homens no local dispararam Predators e estão observando com todo cuida...

— Quem autorizou isso? — inquiriu o presidente.

— Eu — replicou Jackson.

— Autorizou a invasão do espaço aéreo de outro país?

— J-2 e eu estamos conduzindo isto. Você quer que saibamos o que eles pretendem fazer e quais são as suas potencialidades, não quer?

— Sim, preciso disso.

— Bom. Diga-me o que fazer e deixe que eu me preocupe com o como, combinado? O Predator é um mecanismo invisível. Ele se autodestrói se sair do nosso controle ou se os caras que o dirigem não gostarem de alguma coisa, e nos concede dados excelentes em tempo real que não poderíamos obter através de satélites, ou mesmo através de J-STARS, e não temos um desses sobre o local no momento. Mais alguma pergunta, presidente?

— Touché, almirante. Como parecem estar suas condições?

— Melhores do que a avaliação de nosso serviço de informação fez parecer.

Ninguém ainda entrou em pânico, mas isto está começando a atrair a nossa atenção.

— E quanto ao Turcomenistão? — perguntou Ryan.

— Tudo indica que estão tentando realizar as eleições, mas isso é informação antiga e é tudo que sabemos no lado político. A situação geral ali está calma no momento. Os satélites mostram tráfego intenso através das fronteiras... principalmente comercial, pelo menos é o que o pessoal do serviço de informação acha.

— Alguém está de olho nas disposições das tropas iranianas... droga, URlanas, na fronteira?

— Não sei. Posso checar. — Jackson fez uma anotação. — Próximo tópico: localizamos a Marinha indiana.

— Como?

— Eles não estão fazendo segredo. Mandei que eles mandassem um par de Orions de Diego Garcia. Eles localizaram nossos amigos a uma distância de 480 quilômetros, por emissões eletrônicas. Estão em alto-mar, a cerca de 640

quilômetros de sua base. E, a propósito, isso os coloca diretamente entre Diego e a entrada do Golfo Pérsico. Nosso adido de Defesa irá visitá-los amanhã para perguntar o que estão querendo.

Provavelmente não dirão muita coisa.

— Se não disserem, acho que talvez o próprio embaixador Williams precise telefonar para eles.

— Boa ideia. E esse é o resumo das notícias de hoje, a não ser que queira saber também as fofocas.

— Robby empurrou seus documentos para o lado. — Que tal os teus discursos?

— O tema é o bom senso — reportou o presidente.

— Em Washington?

Adler não estava completamente feliz. Ao chegar a Pequim, descobrira que o momento não era adequado. Seu avião chegara no que se revelara uma noite de sábado — cortesia do fuso horário. Em seguida, fora informado de que os ministros importantes estavam fora da cidade, fazendo de conta que não viam importância na batalha aérea que ocorrera no estreito. Isso, pelo menos, daria a Adler uma chance de se recuperar da viagem antes de uma reunião importante.

Ou pelo menos foi isso que lhe disseram.

— Que grande prazer receber o senhor! — disse o ministro das Relações Exteriores, segurando a mão do americano e guiando-o até seu gabinete particular. Lá dentro, outro homem os aguardava. — O senhor conhece Zhang Han San?

— Não. Como vai o senhor, ministro? — perguntou Adler, segurando também a mão dele. Então é assim que ele se parece.

As pessoas tomaram seus lugares. Adler estava sozinho. Além dos dois ministros da República Popular da China, estava presente uma tradutora-intérprete, uma mulher no começo da casa dos trinta.

— A sua viagem foi agradável? — inquiriu o ministro das Relações Exteriores.

— Vir ao seu país é sempre agradável, mas gostaria que o voo fosse mais rápido — admitiu Adler.

— Os efeitos da viagem sobre o corpo sempre são consideráveis, e o corpo, por sua vez, afeta a mente. Espero que o senhor tenha tido algum tempo para se recuperar — considerou o ministro das Relações Exteriores. — É vital que as discussões importantes, especialmente em momentos desagradáveis, não sejam prejudicadas por complicações externas.

— Estou bem repousado — assegurou-lhes Adler. Ele havia dormido bastante. O único problema é que ele não tinha certeza de onde seu corpo achava que estava. — E os interesses da paz e da estabilidade nos compelem a fazer sacrifícios ocasionais.

— É a mais pura verdade.

— Ministro, os eventos infelizes da última semana atormentaram o meu país — disse o secretário de Estado aos anfitriões.

— Por que esses bandidos tentam nos provocar? — acrescentou o ministro das Relações Exteriores.

— Nossas forças estão conduzindo exercícios, apenas isso. E eles derrubaram dois aviões nossos. Todos os tripulantes estão mortos.

Eles têm famílias. Isto é muito triste, mas espero que vocês tenham notado que a República Popular

não retaliou.

— Notamos isso com gratidão.

— Os bandidos atiraram primeiro. Também sabem disso.

— Não estamos certos quanto a esse aspecto. Um dos motivos para eu ter vindo aqui é a incerteza sobre os fatos — replicou Adler.

— Ah.

Será que os surpreendera?, ponderou o secretário de Estado. Era como um jogo de cartas, embora a diferença fosse que você nunca sabia o valor das cartas em sua mão. Um flush ainda batia um straight, mas a carta estava sempre de face para baixo, mesmo para o seu dono. Neste caso, ele tinha mentido, mas enquanto o outro lado pudesse suspeitar qual fosse a mentira, eles não sabiam com certeza, e isso afetava o jogo. Se eles achassem que ele sabia, eles iriam dizer uma coisa. Se eles achassem que ele não sabia, eles iriam dizer outra.

Neste caso, eles achavam que ele sabia, mas não tinham certeza. Ele acabara de dizer-lhes o contrário, o que poderia ser uma mentira da verdade. Vantagem, América. Adler pensara a esse respeito durante toda a viagem.

— Vocês disseram publicamente que o outro lado fez o primeiro disparo.

Têm certeza disso?

— Absoluta — assegurou-lhe o ministro das Relações Exteriores.

— Perdão, mas e se o disparo foi feito por um dos seus pilotos abatidos?

Como saberíamos?

— Nossos pilotos estavam sob ordens rígidas de disparar apenas em autodefesa.

— Essa é uma orientação racional e prudente para os seus homens. Mas no calor de uma batalha... ou mesmo de uma situação tensa, enganos acontecem.

Nós mesmos tivemos esse problema. Os aviadores geralmente são impulsivos, em particular os jovens e orgulhosos.

— Isso não é válido também para o outro lado? — acrescentou o ministro das Relações Exteriores.

— Decerto — admitiu Adler. — O problema é justamente esse. E é dever de pessoas como nós assegurarmos que situações dessa natureza não ocorram.

— Mas eles sempre nos provocam. Eles pretendem obter a simpatia da América, e tememos que, com essa situação, tenham conseguido.

— Perdão?

— O seu presidente Ryan falou sobre duas Chinas. Há apenas uma China, secretário Adler. Pensei que essa questão havia sido acertada há muito tempo.

— Foi um erro semântico da parte do presidente, um detalhe linguístico — replicou Adler, reduzindo a importância da observação. — O presidente possui muitas qualidades, mas ele ainda precisa aprender sobre as nuances da diplomacia, e um jornalista aproveitou-se dessa fraqueza. Foi apenas isso. Não foram feitas alterações em nossa política para com esta região.

Mas Adler deliberadamente não disse nossas políticas, e usou não foram feitas em vez de não pretendemos fazer. Havia momentos em que ele achava que poderia ter feito uma fortuna como redator de apólices de seguro.

— Erros linguísticos como esses podem ser vistos como mais do que simples erros — replicou o ministro das Relações Exteriores.

— Não esclareci nossa situação nesta questão? Vocês lembrarão que ele estava respondendo a um incidente deveras infeliz, no qual vidas americanas foram perdidas, e ao procurar as palavras certas para usar, escolheu palavras que têm um sentido em nossa linguagem, e outro na sua.

Isto ia ser bem mais fácil do que ele esperara.

— Vidas chinesas também foram perdidas.

Zhang, Adler percebeu, estava ouvindo com muita atenção, mas não emitia uma palavra sequer. No contexto ocidental, isso fazia dele um adido, um assistente técnico, presente ali para assistir seu ministro numa questão de interpretação da lei. Ele não tinha tanta certeza de que a regra se aplicava neste caso. Era mais provável que fosse o extremo oposto. Se Zhang fosse o que o americano pensava que ele era, e se Zhang era esperto o bastante para suspeitar que o americano seguiria essa linha de raciocínio... então por que diabos ele estava aqui?

— Sim, e várias outras, com pouco propósito e muita tristeza. Espero que o senhor entenda que o nosso presidente encara coisas assim seriamente.

— De fato, e lamento não ter lembrado de dizer mais cedo que recebemos com horror a notícia sobre o atentado à sua filha. Confio no senhor para transmitir ao presidente Ryan nossa mais sincera simpatia para com ele neste momento, vítima de um ato tão inumano. Diga-lhe que estamos muito felizes por sua filha não ter sofrido nenhum mal.

— Agradeço em nome dele. Transmitirei suas palavras.

O ministro das Relações Exteriores fora obrigado a recuar duas vezes em seguida. Adler tinha uma boa vantagem. Lembrou-se que seus interlocutores consideravam-se mais espertos e ardilosos que todo mundo. Adler prosseguiu: — Meu presidente é um homem sentimental — admitiu. — Essa é uma característica americana. Ele considera que seu maior dever é proteger todos os nossos cidadãos.

— Então o senhor precisa falar com os rebeldes em Taiwan. Acreditamos que foram eles que destruíram o avião de passageiros.

— Mas com que propósito fariam uma coisa como essa? — perguntou Adler, ignorando a parte realmente surpreendente. Teria sido um vacilo? Falar com Taiwan. A República Popular da China estava pedindo que fizesse isso?

— Com o propósito de fomentar este incidente, é óbvio. Para brincar com os sentimentos pessoais do seu presidente. Para obscurecer as questões realmente concernentes entre a República do Povo e nossa província rebelde.

— Acha realmente isso?

— Sim, achamos — assegurou-lhe o ministro das Relações Exteriores. — Não queremos ter hostilidades. Coisas assim são um desperdício de pessoas e recursos, e temos grandes preocupações com nosso país. A questão de Taiwan será decidida em seu devido tempo. Contanto que os Estados Unidos não interfiram — acrescentou.

— Como já lhe disse, ministro, não fizemos alterações em nossa política.

Tudo que almejamos é a restauração da paz e da estabilidade — disse Adler, a coisa importante sendo a manutenção indeterminada do status quo, que decididamente não era parte do plano de jogo da República Popular.

— Então nossos países estão de acordo.

— Vocês não objetarão contra nossas operações navais? O ministro das Relações Exteriores suspirou.

— O mar é livre para a passagem inocente de todos. Não estamos na posição de dar ordens aos Estados Unidos da América, assim como vocês não estão na posição de dar ordens à República Popular. O movimento das suas forças concede a impressão de que influenciarão os eventos locais, e nós faremos comentários formais a esse respeito. Mas no interesse da paz — prosseguiu num tom de voz a um só tempo paciente e cauteloso —, não objetaremos com força demais, especialmente se isso encorajar os rebeldes a cessarem suas provocações.

— Seria útil saber se os seus exercícios navais terminarão em breve. Isso seria um gesto favorável.

— As manobras de primavera prosseguirão. Elas não ameaçam ninguém, conforme a sua presença naval mais intensa vai averiguar com clareza. Não pedimos que aceitem a nossa palavra. Deixe nossos

atos falarem por nós.

Também seria bom que nossos primos rebeldes reduzissem suas atividades.

Talvez o senhor possa falar com eles sobre isso?

Novamente? Então o ministro das Relações Exteriores não fizera essa sugestão por um deslize.

— Se exigem isso, sim, eu teria o maior prazer em somar minha voz e a de meu país em sua busca pela paz.

— Valorizamos os bons funcionários dos Estados Unidos e confiamos em que o senhor será um árbitro honesto nesta ocasião, em vista do fato de que, lamentavelmente, vidas americanas foram perdidas nesse incidente trágico.

O secretário Adler bocejou.

— Oh, perdoe-me.

— Viajar é uma maldição, não é verdade? — Essas palavras vieram de Zhang, falando pela primeira vez.

— Com toda certeza — concordou Adler. — Por favor, permitam-me consultar meu governo. Acho que nossa resposta ao seu pedido será favorável.

— Excelente — observou o ministro das Relações Exteriores. — Não queremos tornar isso um precedente. Espero que o senhor entenda, mas em vista das circunstâncias particulares, a sua ajuda será bem-vinda.

— Pela manhã provavelmente terei uma resposta para os senhores — prometeu Adler, levantando-se. — Perdoem-me por prolongar o seu dia de trabalho.

— Dever é dever, para todos nós.

Scott Adler retirou-se, tentando adivinhar o que era exatamente essa bomba que caíra em cima dele. Ele não tinha certeza como ganhara o jogo de cartas, e percebeu que não tinha nem mesmo certeza de qual fora o jogo.

Decerto não transcorrera conforme o esperado. Aparentemente ele vencera, e vencera com facilidade. A postura do outro lado fora mais acomodada do que a que ele adotaria, se estivesse em seu lugar.

Alguns chamavam isso jornalismo de talão de cheques, mas não era uma prática nova, e não era onerosa. Todo jornalista experiente contava com pessoas para as quais poderia ligar, pessoas que, mediante uma taxa modesta, checavam coisas. Não era, de forma alguma, ilegal pedir um favor a um amigo. As informações raramente eram sigilosas — e neste caso era um registro público. O único problema era que os escritórios nem sempre estavam abertos aos domingos.

Um burocrata de nível médio no escritório da secretaria estadual de Maryland chegou de carro em seu escritório em Baltimore, usou seu cartão-passe para entrar no estacionamento, e então entrou e destrancou o número certo de portas até uma sala de arquivos. Encontrando o gabinete certo, abriu uma gaveta e encontrou um arquivo. Deixou um marcador na gaveta e carregou o arquivo até a copiadora mais próxima. Fez cópias de todos os documentos em menos de um minuto, e em seguida colocou tudo de volta em seus devidos lugares. Missão cumprida, caminhou de volta até seu carro e seguiu para casa.

Ele fazia isso com tanta frequência que tinha uma máquina de fax em casa. Em dez minutos enviou todos os documentos. Em seguida, descartou-os na lixeira.

Por este serviço receberia quinhentos dólares. Ele cobrava adicional nos fins de semana.

John Plumber começou a ler os documentos mesmo antes da transmissão ser completada. Com toda certeza, um Ryan, John R, estabelecera uma microempresa na época em que Holtzman lhe dissera. O controle da empresa fora entregue a Zimmer, Carol, quatro dias depois (houvera um fim de semana no meio do caminho), e essa empresa agora possuía uma 7-Eleven na zona sul de Maryland. A diretoria da empresa consistia em Zimmer, Laurence; Zimmer, Alisha; e uma outra criança, e todos os acionistas

tinham o mesmo sobrenome.

Ele reconheceu a assinatura de Ryan nos documentos de transferência. O trabalho jurídico fora realizado por uma firma em Washington — uma firma grande, ele também conhecia esse nome. Houvera algumas manobras tortuosas, mas inteiramente legais, para tornar a transação isenta de impostos para a família Zimmer. Não havia mais documentos a esse respeito. Na verdade, ele não precisava de mais nada.

Ele também tinha outros documentos. Plumber conhecia o registro no MIT, e soubera na noite anterior, também via fax, que a mensalidade escolar e as despesas de acomodação para Peter Zimmer eram pagas por uma fundação particular, os cheques emitidos e assinados por um parceiro na mesma firma jurídica que criara a microempresa para a família Zimmer. Ele até mesmo tinha uma cópia da matrícula. Com toda certeza, ele estava matriculado em análise de sistemas, e permaneceria em Cambridge para um estágio no laboratório de mídias eletrônicas do MIT. A não ser notas medíocres nos cursos básicos de literatura — até o MIT queria que seus alunos tivessem cultura literária, mas evidentemente Peter Zimmer não tinha queda para a poesia —, o garoto era nota dez.

— Então é verdade.

Plumber recostou-se em sua cadeira giratória e examinou sua consciência.

Por que eu deveria confiar em vocês? Vocês são repórteres, repetiu para si mesmo.

Assim como os ricos não têm o hábito de dizer que pagam poucos impostos, os jornalistas não costumam comentar em voz alta o maior problema de sua profissão. Na década de 60, um homem chamado Sullivan acionara o New York Times por difamação, afirmando que o jornal não estivera inteiramente correto em seus comentários. Mas o jornal argumentara que, na ausência de malícia, o engano não era realmente culpável, e que o interesse do público em manter-se informado sobre os acontecimentos da nação sobrepunha-se à proteção de um indivíduo. E a corte concordara com o jornal.

Tecnicamente, isso deixou a porta aberta para processos e as pessoas ainda abriam processos contra a imprensa, e às vezes até venciam. Quase com a mesma frequência com que um coelho escapa de uma águia.

A decisão da corte fora necessária, pensou Plumber. A Primeira Emenda garantia liberdade de imprensa, e a razão para isso era que a imprensa era a primeira e — sob muitos aspectos — única guardiã da liberdade na América. As pessoas mentiam o tempo todo. Especialmente as pessoas no governo, mas outras, também, e o trabalho na imprensa era colher os fatos — a verdade — das pessoas, de modo que elas pudessem fazer suas próprias escolhas.

Mas havia uma armadilha embutida na licença de caça que a Suprema Corte emitira. A imprensa podia destruir pessoas. Na sociedade americana, havia recursos contra praticamente cada ação imprópria, mas os jornalistas tinham proteções equivalentes às já desfrutadas pelos reis; afinal, para todos os efeitos, sua profissão estava acima da lei. Para todos os efeitos, também, a profissão esforçava-se para manter essa condição. Admitir erros não era apenas um convite a receber processos jurídicos. Era também uma forma de enfraquecer a fé do público em sua profissão. E assim os jornalistas jamais admitiam erros quando não precisavam, e quando precisavam, as retificações quase nunca recebiam o mesmo destaque que as asserções iniciais, incorretas.

Havia exceções ocasionais, mas todos sabiam que elas eram exceções.

Plumber vira sua profissão mudar. Havia arrogância demais, e pouca percepção do fato de que o público a quem eles serviam não mais confiava neles — e isso magoava Plumber. Ele se considerava merecedor de confiança.

Ele se considerava um descendente profissional de Ed Murrow, em cuja voz todos os americanos tinham aprendido a confiar. E era assim que devia ser. Mas não era, porque a profissão não podia ser policiada de fora, e jamais seria novamente digna de confiança se não fosse policiada de dentro. Os jornalistas atacavam todas as outras profissões — medicina, direito, política — quando elas não

alcançavam o nível de responsabilidade profissional que ninguém tentava impor-lhes e que eles mesmos não buscavam por conta própria. Faça o que eu mando, não faça o que eu faço era algo que não podia ser dito a uma criança de seis anos, mas que se tornara a definição do comportamento dos jornalistas. E se a situação piorasse, o que iria acontecer?

Plumber considerou sua situação. Ele poderia aposentar-se quando bem entendesse. A Columbia convidara-o mais de uma vez a ser professor-adjunto de jornalismo... e ética, porque ele era uma voz confiável, uma voz racional, uma voz honesta. Uma voz velha, acrescentou para si mesmo. Talvez a última voz?

Mas no fim tudo se resumia à consciência de um único homem, às ideias inculcadas por pais há muito mortos, e professores cujos nomes haviam sido esquecidos. Ele precisava ser leal a alguma coisa. Se ele queria ser leal à sua profissão, então teria de ser leal aos seus fundamentos. Contar a verdade doa a quem doer. Ele pegou o telefone.

— Holtzman — respondeu o jornalista, porque essa era a linha profissional em sua casa em Georgetown.

— Plumber. Fiz algumas checagens. Tudo indica que você estava certo. — Certo. E agora, John?

— Preciso fazer isso sozinho. Vou dar-lhe a exclusiva na cobertura impressa.

— Isso é generoso, John. Obrigado — reconheceu Bob.

— Ainda não gosto muito de Ryan como presidente — acrescentou Plumber, um pouco defensivamente, percebeu o outro. Isso fazia sentido. Ele não podia parecer que fazia aquilo para obter favores.

— Você sabe que a questão não é essa. Foi por causa disso que falei com você a respeito. Quando será? — perguntou Bob Holtzman.

— Amanhã à noite, ao vivo.

— Que tal sentarmos para conversar um pouco? Essa vai ser uma grande matéria para o Post. Quer dividir os créditos da matéria?

— Amanhã à noite eu talvez esteja atrás de outro emprego — observou Plumber com uma risadinha triste. — Certo, faremos isso.

— E então, o que isso significa? — perguntou Jack.

— Eles não se importam com nada que estamos fazendo. E quase como se quisessem que ficássemos com o porta-aviões ali. Eles requisitaram que eu fosse até Taipé e de lá retornasse a Pequim..

— Diretamente?

O presidente estava atônito. Voos diretos concediam aparência de legitimidade ao governo da República da China, ou Taiwan. Um secretário de Estado americano iria voar de Pequim para Taipé e retornar, e um secretário de Estado só fazia isso entre capitais de países soberanos. Disputas menores eram deixadas a enviados especiais que portavam algum poder, mas nem de perto o mesmo status.

— Sim, isso também me surpreendeu — replicou Adler pelo canal codificado. — Em seguida, os cães que não ladraram: uma objeção à sua gafe sobre as duas Chinas durante a coletiva, e a questão comercial nem mesmo chegou a mostrar sua cara feia. Eles estão sendo muito dóceis para pessoas que derrubaram um avião com mais de cem passageiros.

— E seus exercícios navais?

— Darão prosseguimento a eles, mas praticamente nos convidaram a observar o quanto são rotineiros.

O almirante Jackson estava ouvindo no viva-voz.

— Sr. secretário? Aqui é Robby Jackson.

— Sim, almirante?

— Eles encenaram uma crise, nós movemos um porta-aviões, e agora eles dizem que nos querem por

perto, estou entendendo direito?

— Exatamente. Eles não sabem o que sabemos, pelo menos acho que eles não sabem... mas, para ser sincero, não estou certo se isso importa neste momento.

— Alguma coisa está errada — disse o J-3 prontamente. — Terrivelmente errada.

— Almirante, acho que você pode estar correto nesse sentido também.

— Próximo passo? — perguntou Ryan.

— Acho que vou para Taipé amanhã de manhã. Não posso escapar dessa, correto?

— Concordo. Mantenha-me a par de tudo, Scott.

— Sim, presidente. A linha ficou muda.

— Jack... ou melhor, presidente, estou com um enorme sinal vermelho piscando na minha frente.

Ryan franziu o cenho.

— Terei de bancar o político amanhã também. Estarei voando às... — Ele checkou sua agenda. — Sairei da Casa às 6:50, para falarem Nashville às oito e meia. Precisamos de uma avaliação sobre isso com o máximo de urgência.

Merda. Adler lá fora, eu na estrada, e Ben Goodley não tem experiência bastante para isto. Quero você lá, Rob. Se houver ramificações operacionais, você ficará à frente da situação. Os Foleys. Arnie no lado político. Precisamos de um bom especialista em China...

Adler se acomodava em sua cama nos aposentos VIP da embaixada. Ele passou os olhos em suas anotações, tentando descobrir o ângulo. Pessoas cometiam erros em todos os níveis. A crença geral de que altos oficiais eram grandes jogadores nem em sonho correspondia à realidade. Eles cometiam erros. Eles faziam deslizes. Eles adoravam ser espertos.

Viajar é uma maldição, disse Zhang. Suas únicas palavras. Por que nesse momento e por que essas palavras? Era tão óbvio que Adler não tinha entendido na hora.

— Bedford Forrest, hem? — disse Diggs, preparando-se para degustar seu cachorro-quente.

— O melhor comandante de cavalaria que já tivemos — disse Eddington.

— Perdoe-me, professor, se demonstro menos entusiasmo pelo cavaleiro — observou o general. — O filho da puta foi o fundador da Ku Klux Klan.

— Nunca disse que o homem era astuto politicamente, senhor, e não defendo seu comportamento, mas se já tivemos um homem melhor como comandante de cavalaria não aprendi seu nome — replicou Eddington.

— Ele nos pegou lá — precisou admitir Hamm.

— Stuart era superestimado, às vezes petulante, e muito sortudo. Nathan tinha o Fingerspitzengefühl e sabia como tomar decisões em voo técnico.

Receio que tenhamos de esquecer suas outras falhas.

As discussões sobre História entre altos oficiais do Exército poderiam durar horas, como vinha acontecendo com essa, que vinha sendo tão calorosa quanto qualquer debate universitário. Diggs viera bater papo com o coronel Hamm, e então descobrira-se envolvido na milionésima encenação da Guerra Civil. Milionésima?, questionou-se Diggs. Não, muito mais que isso.

— E quanto a Grierson? — perguntou Diggs.

— Seu ataque foi uma obra de arte, mas ele não o concebeu realmente, lembre-se disso. Na verdade, acho que seu melhor trabalho foi como comandante do 10°.

— Agora está falando a minha língua, Dr. Eddington.

— Veja como os olhos do chefe acenderam. Você...

— Exatamente! Você tinha esse regimento até pouco tempo. Preparado e avançar! — acrescentou o coronel da Guarda da Carolina.

— Você até conhece o lema do nosso regimento? — Talvez esse sujeito fosse realmente um historiador sério, ainda que admirasse aquele racista, pensou Diggs.

— Grierson montou aquele regimento a partir do nada, usando principalmente soldados analfabetos. Ele teve de educar seus próprios oficiais, e eles fizeram todos os trabalhos sujos no Sudoeste, mas foram eles que derrotaram os apaches... e só fizeram uma droga de filme sobre eles. Tenho pensado em escrever um livro sobre o assunto quando me aposentar. Ele foi nosso primeiro soldado de deserto, e desenvolveu todas as técnicas muito rapidamente. Ele conhecia ataque profundo, sabia como travar as lutas. E depois que entrava numa, ia até o fim. Fiquei feliz em ver aquele padrão de regimento retornar.

— Coronel Eddington, retiro o que pensei. — Diggs levantou sua cerveja em saudação. — É isso que significa a cavalaria!

Epidemia

Teria sido melhor retornar na segunda de manhã, mas para isso seria preciso acordar as crianças cedo demais. Jack Júnior e Sally precisavam estudar para testes, e era preciso fazer alguns preparativos para Katie. Camp David fora uma experiência tão diferente que retornar para casa era como voltar de férias, e a retomada da rotina causaria um certo choque. Assim que a Mansão Executiva apareceu nas janelas do helicóptero, rostos e humores mudaram. A segurança fora imensamente aumentada. A contagem de corpos em torno do perímetro estava muito diferente, o que era também uma lembrança do quanto era indesejável este lugar e a vida que levavam aqui. Ryan saltou primeiro, saudou um fuzileiro e levantou os olhos para a face sul da Casa Branca. Foi como um tapa na cara. Bem-vindo de volta à realidade. Depois de ver sua família em segurança lá dentro, o presidente Ryan tomou a direção oeste, rumo ao seu gabinete.

— Muito bem, o que está acontecendo? — perguntou a van Damm, que também não tivera algo que pudesse ser chamado de fim de semana, mas pelo menos ninguém estava tentando matar a ele ou à sua família.

— A investigação ainda não apurou muita coisa. Murray diz para sermos pacientes, que as coisas estão acontecendo. É um bom conselho, Jack, simplesmente continue tocando a bola para frente — comentou o chefe de gabinete. — Você tem um dia cheio amanhã. O país está olhando favoravelmente para você. Momentos como esse sempre despertam uma certa simpatia e...

— Arnie, não estou indo atrás de votos para mim mesmo, lembra? É bom que as pessoas simpatizem mais comigo depois que alguns terroristas atacaram minha filha, mas, bem, eu não quero olhar as coisas nesses termos — observou Jack, sua raiva retornando depois de dois dias de alívio. — Se algum dia eu pensei em continuar neste trabalho, a semana passada me curou.

— Bem, sim, mas..

— Mas o cacete! Arnie, quando tudo já estiver dito e feito, o que levarei deste lugar? Um espaço nos livros de História? Quando eles forem escritos, já estarei morto, e não estarei por perto para me importar com que os historiadores dirão, estarei? Tenho um amigo historiador que diz que tudo em História é na verdade nada mais do que a aplicação de ideologia ao passado... e de qualquer modo, não estarei por perto para ler. A única coisa que quero levar daqui é a minha vida e as vidas da minha família. É só. Se alguém mais quiser a pompa e a circunstância desta porra de prisão, então que venha desfrutar isso. Já estou de saco cheio — concluiu POTUS amargo, seu temperamento intempestivo completamente de volta. — Farei o trabalho, pronunciarei os discursos e tentarei fazer alguma coisa útil, mas nada disso valerá nada, Arnie. Com toda certeza do mundo, não valerá o fato de minha filha ter sido atacada por nove terroristas. Só tem uma coisa que você deixa para trás neste planeta. Os seus filhos. Tudo o mais, droga, é deturpado por outras pessoas segundo as suas necessidades, exatamente como as notícias.

— Os últimos dias foram muito duros, e...

— E quanto aos agentes que morreram? E quanto às famílias deles? Eu tive um belo descanso de dois dias. Eles, com toda certeza, não tiveram. Estou ficando tão acostumado com este trabalho que quase não penso neles. Mais de cem pessoas trabalham com afinco para que eu esqueça disso. E deixem que façam! É importante que eu não me preocupe com coisa assim, certo? Em que devo me concentrar? Dever, Honra,

Nação ? Qualquer um que possa fazer isso e consiga desligar sua humanidade não merece este lugar, e é nisso que estou me tornando.

— Terminou ou quer que eu mande trazer uma caixa de Kleenex para você?

Por um breve momento o presidente pareceu realmente disposto a esmurrar van Damm. Arnie prosseguiu: — Aqueles agentes morreram porque escolheram trabalhos que consideravam importantes. Soldados fazem a mesma coisa. Que há com você afinal, Ryan? Como você acha que se dirige um país? Acha que é tudo movido a pensamentos bons? Nem sempre você foi tão estúpido. Já foi fuzileiro. Já fez serviços para a CIA. Naquela época tinha colhões. Tinha um trabalho. Você não foi recrutado, lembra? Você foi voluntário, admita ou não. Sabia que era possível que isto acontecesse. E agora está aqui. Quer fugir da raia? Muito bem, fuja. Mas não venha me dizer que isto não vale a pena. Não venha me dizer que isto não importa!

Van Damm saiu furioso do gabinete, sem sequer dar-se ao trabalho de fechar a porta.

Ryan não sabia o que fazer. Sentou-se à sua mesa. Havia as pilhas usuais de papel, organizadas cuidadosamente por uma equipe que jamais dormia. Aqui estava a China. Aqui estava o Oriente Médio. Aqui estava a Índia. Aqui estavam as informações avançadas sobre os principais indicadores financeiros.

Aqui estavam projeções políticas para as 161 vagas no Congresso que seriam decididas em dois dias. Aqui estava um relatório sobre o incidente terrorista.

Aqui estava uma lista dos nomes dos agentes mortos, e debaixo de cada um a lista de esposas e maridos, pais e filhos, e no caso de Don Russell, netos. Ele conhecia todos os rostos, mas Jack precisava admitir que não lembrava de todos os nomes. Eles haviam morrido para proteger sua filha, e ele nem sabia seus nomes. Permitira-se desfrutar de conforto artificial... e esquecer. Mas aqui estavam todas as preocupações e responsabilidades de volta, em sua mesa, à espera, e ele não teria como fugir. Levantou e caminhou até a porta, virando à esquerda na direção do escritório do chefe de gabinete, passando por agentes do Serviço Secreto que tinham ouvido a briga, provavelmente trocado olhares e decerto desenvolvido seus próprios pensamentos, que agora ocultavam.

— Arnie? — Sim, presidente?

— Desculpe.

— Certo, meu bem — gemeu o homem.

Ele iria ver o médico no dia seguinte, pela manhã. Ele não melhorara nem um pouco. Quando muito, tinha piorado. Sentia dores de cabeça cruciantes, e isso apesar de dois comprimidos de Tylenol extraforte a cada quatro horas. Um pouco de sono poderia fazer-lhe bem, mas sentia dificuldade em adormecer.

Apenas a exaustão permitia-lhe uma hora de sono aqui, outra ali. O simples ato de se levantar para ir ao banheiro requeria alguns minutos de esforço concentrado, o suficiente para que sua esposa se oferecesse para ajudar, mas, não, um homem não precisava de uma escolta em momentos como esse. Por outro lado, ela tinha razão. Ele precisava ver um médico. Teria sido mais sensato ter feito isso no dia anterior. Assim, estaria se sentindo melhor agora.

Tinha sido fácil para Plumber, pelo menos no lado operacional. O cofre de armazenamento de fitas era do tamanho de uma biblioteca pública respeitável, e era fácil achar o que se queria. Ali, na quinta prateleira, estavam três caixas de fitas formato Beta. Plumber pegou-as, removeu as fitas, e as substituiu por virgens. Colocou as três fitas em sua valise. Vinte minutos depois, estava em casa. Tinha ali, para sua conveniência, um aparelho Betamax profissional.

Tocou as fitas da primeira entrevista, apenas para ter certeza, apenas para confirmar o fato de que as fitas não tinham sido danificadas. E, realmente, estavam perfeitas. Guardou as fitas num lugar seguro.

Em seguida, John Plumber rascunhou seu comentário de três minutos para a transmissão noturna do

dia seguinte. Seria uma matéria levemente crítica sobre a presidência Ryan. Passou uma hora trabalhando nisso; ao contrário da safra atual de jornalistas televisivos, Plumber gostava de alcançar uma certa elegância em sua linguagem, tarefa que cumpria com facilidade devido ao seu bom conhecimento gramatical. Imprimiu o Comentário e o leu em voz alta, porque sentia mais facilidade em editar e detectar erros numa folha de papel do que numa tela de computador. Satisfeito, copiou o texto para um disquete, que mais tarde seria usado no estúdio para gerar uma cópia para o teleprompter. Em seguida, compôs outro comentário com o mesmo tamanho geral (acabou ficando algumas palavras mais curto), e também o imprimiu. Plumber dedicou um pouco mais de tempo a esse texto. Se ele seria seu canto de cisne profissional, então deveria ser feito a contento, e este jornalista, que escrevera alguns obituários de muitas pessoas — algumas que admirava, outras não —, queria que o seu próprio fosse perfeito. Satisfeito com a redação final, imprimiu-a também, enfiando as páginas em sua valise, junto com as outras.

Esse texto não foi copiado para disquete.

— Acho que eles terminaram — disse o sargento.

A imagem obtida pelo Predator mostrava as colunas de tanques retornando para seus acampamentos, escotilhas abertas nas torretas, tripulantes visíveis e quase todos fumando. O exercício corria bem para o exército URIano recém-constituído, e agora os tanques trafegavam pela estrada em formação perfeita.

O major Sabah havia passado tanto tempo olhando por sobre o ombro desse homem que achava que agora deviam estar falando com menos formalidade. Tudo fora rotineiro. Rotineiro demais. Ele esperava — ou melhor, torcia — que o novo vizinho de seu país precisasse de mais tempo para integrar as forças militares dos antigos Irã e Iraque, mas a semelhança das armas e doutrinas trabalhara a seu favor. Mensagens de rádio transcritas aqui e em STORM TRACK sugeriam que o exercício estava concluído. A cobertura televisiva da UAV também dizia isso, e confirmação era importante.

— Engraçado... — observou o sargento, para sua própria surpresa.

— O que é engraçado? — perguntou Sabah.

— Com licença, senhor. — O suboficial se levantou e caminhou até um armário de canto, do qual extraiu um mapa, que trouxe até seu posto de trabalho. — Não há uma estrada ali. Veja, senhor. — O sargento desdobrou o mapa, comparou as coordenadas com as exibidas na tela — o Predator dispunha de seu próprio satélite global de posicionamento (GPS) e dizia automaticamente aos seus operadores onde ele estava — e cutucou a seção direita do papel. — Está vendo? — perguntou o sargento.

O major kuwaitiano alternou seu olhar entre o mapa e o monitor. No monitor, havia uma estrada agora. Mas isso podia ser explicado facilmente.

Uma coluna de uma centena de tanques converteria praticamente qualquer superfície numa espécie de estrada de areia socada, e isso acontecera ali.

Mas antes não houvera uma estrada ali. Os tanques haviam-na criado durante as últimas horas.

— Isso é uma mudança, major. O Exército iraquiano sempre trafegou através de estradas.

Sabah assentiu. Era tão evidente que ele não vira. Embora nativo do deserto, e supostamente experiente em viajar por ele, em 1991 o Exército iraquiano contribuíra para a destruição mantendo-se dependente de estradas, porque seus oficiais sempre pareciam perder-se em espaços abertos. Isso não era tão absurdo quanto parecia — o deserto era essencialmente tão desprovido de marcos quanto o mar. Essa opção tornara os movimentos do exército iraquiano previsíveis, o que jamais era bom numa guerra, e concedera às forças aliadas a chance de se aproximar de direções inesperadas.

Isso acabara de mudar.

— Acha que eles também têm satélites de posicionamento, senhor? — perguntou o sargento.

— Não poderíamos esperar que permanecessem burros para sempre, meu filho.

O Presidente Ryan beijou a esposa a caminho do elevador. As crianças ainda não estavam acordadas. Uma espécie de trabalho o aguardava. Outra espécie fora deixada para trás. Hoje não haveria muito tempo para ambas, mas alguns esforços seriam realizados nesse sentido. Ben Goodley estava esperando no helicóptero.

— Aqui estão os comentários de Adler sobre sua viagem a Teerã — disse o conselheiro de Segurança Nacional, passando-lhe os papéis. — E também o relatório sobre Pequim. O grupo de trabalho se reunirá às dez para discutir a situação. A equipe de SNIE irá reunir-se em Langley hoje à tarde.

— Obrigado. — Jack apertou o cinto de segurança e começou a ler. Arnie e Callie subiram a bordo e ocuparam seus assentos à frente.

— Alguma ideia, presidente? — perguntou Goodley.

— Ben, você é quem deveria me dar ideias, lembra?

— E se eu lhe disser que isso não faz muito sentido?

— Essa parte eu já sei. Você cuida dos telefones e dos fax hoje. Scott deve estar em Taipé neste momento. Envie-me prontamente tudo que chegar.

— Sim, senhor.

O helicóptero decolou. Ryan mal notou isso. Sua mente estava no trabalho, por mais tedioso que fosse. Price e Raman estavam com ele. Havia mais agentes no 747, e mais ainda à sua espera em Nashville. A presidência de John Patrick Ryan prosseguia, quisesse ele ou não.

Este país podia ser pequeno, insignificante, um pária na comunidade internacional — não devido a nada que tivesse feito, exceto talvez prosperar, mas devido ao seu vizinho maior e menos próspero, a oeste —, mas ele possuía um governo eleito, e isso devia ser levado em conta pela comunidade das nações, especialmente aquelas que também tinham governos eleitos pelo povo.

A República Popular da China nascera pela força das armas — bem, a maioria dos países nasciam assim, recordou a si próprio o secretário de Estado e logo depois massacrara milhões de seus próprios cidadãos (ninguém sabia o número exato, ninguém estava muito interessado em descobrir). Em seguida, lançara-se num programa de desenvolvimento revolucionário (o Grande Salto para a frente), que redundara num fracasso ainda maior do que a normal, mesmo para as nações marxistas; e lançara-se a outra reforma interna (a Revolução Cultural) que viera depois de alguma coisa chamada de campanha das Cem Flores, cujo propósito real fora evidenciar dissidentes potenciais para eliminação posterior nas mãos de estudantes cujo entusiasmo revolucionário pusera em risco a cultura chinesa — eles tinham chegado perto de destruí-la inteiramente, em favor do Livrinho Vermelho. Depois surgira mais uma reforma, a suposta mudança do marxismo para outra coisa. Esta nova revolução estudantil — desta vez contra o sistema político existente — fora ceifada com tanques e metralhadoras às vistas de telespectadores do mundo inteiro. Apesar de tudo isso, o resto do mundo estava inteiramente disposto a permitir que a República Popular da China massacrasse seus primos em Taiwan.

Isso chamava-se realpolitik, pensou Scott Adler. Alguma coisa semelhante resultará num evento chamado Holocausto, um evento ao qual seu pai sobrevivera, com um número tatuado no braço para provar. Mesmo seu próprio país possuía oficialmente uma política de uma-única-China, embora o acordo tácito fosse de que a República Popular da China não atacaria a República da China — e se fizesse isso, então a América poderia simplesmente reagir. Ou talvez não.

Adler era diplomata de carreira, formado em Cornell e na faculdade de direito e diplomacia Fletcher na Universidade Tufts. Ele amava seu país. Fora frequentemente um instrumento da política dos EUA, e agora descobria-se com a própria voz dos EUA em assuntos internacionais. Mas o que ele costumava ter para dizer não era muito justo, e em momentos como este, imaginava se poderia estar fazendo as mesmas coisas que haviam sido feitas, sessenta anos antes, por outros formados de Fletcher, inteligentes e

instruídos, que, depois que tudo tinha passado, perguntaram-se como haviam sido tão cegos em não ver o que estava se aproximando.

— Possuímos fragmentos, na verdade alguns pedaços bem grandes, do míssil que se alojou na asa. Ele definitivamente pertence à República Popular da China — disse o ministro da Defesa da República da China. — Permitiremos que seus técnicos examinem os fragmentos e façam seus próprios testes para confirmar isso.

— Obrigado. Discutirei isso com o meu governo.

— Então permitiram um voo direto de Pequim para Taipé — este era o ministro das Relações Exteriores. — Eles negarão qualquer responsabilidade pelo incidente com o Airbus. Confesso que não vejo um padrão racional nesse comportamento.

— Estou satisfeito pelo fato de que tenham exprimido interesse apenas na restauração da estabilidade regional.

— Muita gentileza deles — disse a Defesa. — Depois de a terem abalado deliberadamente.

— Isto causou-nos um grande prejuízo econômico. Mais uma vez, os investidores estrangeiros ficaram nervosos, e com a saída de seu capital, nós enfrentamos algumas pequenas dificuldades. O senhor acha que o plano deles era esse?

— Ministro, se esse fosse o caso, por que me pediram que voasse diretamente para cá?

— Alguma forma de subterfúgio, é evidente — respondeu o ministro das Relações Exteriores, antes que Defesa pudesse dizer qualquer coisa.

— Mas, se for assim, a troco de quê? — quis saber Adler. Droga, eles eram chineses. Talvez pudessem descobrir.

— Estamos seguros aqui. Sabemos disso, ainda que os investidores estrangeiros não saibam. Mesmo assim, a situação não é inteiramente feliz. É como viver num castelo cercado por um fosso. Do outro lado do fosso há um leão. O leão nos mataria e comeria se tivesse a chance. Ele não pode saltar o fosso, e sabe disso, mas continua tentando fazê-lo, mesmo com esse conhecimento. Espero que compreenda nossa preocupação.

— Compreendo, senhor — assegurou o secretário de Estado. — Se a República Popular da China reduzir o nível de sua atividade, vocês farão o mesmo?

Mesmo se não pudessem descobrir o que a República Popular da China estava tramando, talvez pudessem acalmar a situação.

— Em princípio, sim. Exatamente quanto é uma questão técnica para o meu colega aqui. O senhor verá que somos razoáveis.

E a viagem inteira tinha sido preparada para que essa declaração simples fosse ouvida. Agora Adler precisava voar de volta para Pequim e transmiti-la.

Adler sentia-se uma alcoviteira.

O Hopkins tinha creche própria, repleta de pessoas permanentes e alguns estudantes da universidade estagiando para sua formação em pediatria. Sally entrou, olhou em volta e ficou satisfeita com o ambiente multicolorido. Atrás dela, quatro agentes, todos homens, porque não se dispunha de agentes femininas no momento. Um deles carregava uma bolsa. Ali perto havia um trio de policiais à paisana da polícia de Baltimore, que trocaram credenciais com os agentes do Serviço Secreto para confirmar identidades, e assim outro dia começava para CIRURGIÃ e CHOCALHO. Katie divertira-se com o passeio de helicóptero. Hoje ela faria alguns novos amigos, mas sua mãe sabia que, à noite, perguntaria onde estava Tia Marlene. Como se explicava a morte para alguém que ainda não tinha nem três anos?

A multidão aplaudiu com um pouco mais que o ardor usual. Ryan pôde sentir. Aqui estava ele, menos

de três dias depois de um atentado à vida de sua filha caçula, fazendo seu trabalho para eles, mostrando força e coragem e toda aquelas outras besteiras. Ele conduziu uma prece pelos agentes mortos, e Nashville era o Cinturão da Bíblia, onde coisas assim eram encaradas com seriedade. O resto do discurso havia sido realmente muito bom, cobrindo coisas nas quais o presidente realmente acreditava. Bom senso. Honestidade. Dever.

Para Ryan, a única coisa estranha era ouvir sua própria voz proferindo palavras escritas por outra pessoa e, àquela hora da manhã, ele sentia um pouco de dificuldade em se concentrar.

— Obrigado a vocês e Deus abençoe a América — concluiu. A multidão levantou e aplaudiu. A banda começou a tocar. Ryan deu as costas para o pódio e novamente apertou as mãos dos políticos locais, depois se retirou do palco, acenando. Arnie o esperava atrás da cortina.

— Para uma fraude, você é realmente muito bom.

Ryan não teve tempo de responder isso antes de Andréa aparecer.

— Há uma comunicação expressa aguardando-o no pássaro, senhor. Do Sr. Adler.

— Certo, vamos embora. Fique por perto — disse Jack à sua agente principal no caminho de volta.

— Sempre — assegurou-lhe Price.

— Presidente! — gritou um repórter. Havia um bando deles. Aquele era o que estava gritando mais.

Ryan virou-se e parou.

— O senhor irá pressionar o Congresso por uma nova lei de controle de armas? — inquiriu o repórter.

— Para quê?

— O ataque à sua filha foi... Ryan levantou a mão.

— Certo. Da forma como vejo, as armas usadas eram de um tipo já consideradas ilegais.

Infelizmente, não vejo como uma nova lei poderia conseguir muita coisa.

— Mas os defensores do controle de armas dizem...

— Eu sei o que eles dizem. E agora estão usando um ataque à minha menininha, e a mortes de cinco americanos soberbos, para sustentar suas posições políticas. O que acha disso? — perguntou o presidente, dando-lhe as costas.

— Qual é o problema?

Ele descreveu seu sintoma. O médico de sua família era um velho amigo.

Eles até jogavam golfe juntos. Não era difícil. A cada fim de ano, o representante da Cobra dispunha de muitos tacos de demonstração em perfeitas condições de uso. A maioria era doada para programas de proteção à juventude ou vendida para clubes de golfe para ser usados como tacos de aluguel. Mas alguns tacos ele podia dar aos amigos, para não mencionar alguns autógrafos de Greg Norman.

— Bem, você está com febre, 39 graus, e isso é um pouco alto. O seu batimento cardíaco está em cem para 65 e isso é um pouco baixo para você.

Também está pálido...

— Eu sei. Me sinto doente.

— Você está doente, mas eu não me preocuparia no seu lugar. Deve ser uma gripe que pegou em algum bar, e todo aquele tempo de viagem não ajuda muito. Além disso, há anos lhe digo para cortar a bebida. O que aconteceu é que você pegou alguma coisa, e os outros fatores pioraram a doença. Começou sexta, certo?

— Noite de quinta, talvez manhã de sexta.

— Mesmo assim jogou uma partida?

— A gripe interferiu com o meu desempenho — admitiu, significando que fizera oitenta pontos.

— Já fiz bem menos que isso, sóbrio e cheio de saúde. Você já passou dos cinquenta. Não pode

chafurdar com os porcos à noite e querer voar com as águias de manhã. Descanso absoluto. Muita bebida... não alcoólica, claro.

Continue tomando Tylenol.

— Nenhuma receita?

O médico balançou a cabeça.

— Antibióticos não funcionam em infecções virais. O seu sistema imunológico precisa lidar sozinho com isso. E irá, se você deixar. Mas enquanto estiver aqui, quero extrair um pouco de sangue. Já passou da época de fazer um novo exame de colesterol. Vou mandar uma das minhas enfermeiras.

Tem alguém para levá-lo de volta para casa?

— Sim. Eu não quis vir dirigindo.

— Bom. Tire alguns dias de folga. A Cobra pode se virar sem você, e os campos de golfe continuarão lá quando estiver se sentindo melhor.

— Obrigado.

Ele já se sentia melhor. Todo mundo se sente melhor depois que o médico diz que você não vai morrer.

— Aqui vai você — disse Goodley, entregando o papel.

Pouco prédios federais, mesmo os das agências de segurança nacional, tinham recursos de comunicação equiparáveis aos da área de descanso do VC-25, também conhecido como Força Aérea Um. — Não são más notícias, afinal — acrescentou Ben.

ESPADACHIM correu os olhos pelo papel e depois sentou-se para reler mais lentamente.

— Certo, muito bem, ele acha que pode acalmar a situação — comentou Ryan. — Mas ainda não sabe o que significa realmente a maldita situação.

— É melhor do que nada.

— O grupo de trabalho recebeu isto?

— Sim, presidente.

— Talvez consigam achar algum sentido. Andréa?

— Sim, presidente?

— Diga ao motorista que é hora de andarmos. — Ele olhou em torno. — Onde Arnie se meteu?

— Estou telefonando para você de um celular — disse Plumber.

— Ótimo — replicou van Damm. — Porque também estou usando um. Assim nós dois nos sentimos seguros.

Os instrumentos no avião também eram à prova de escutas eletrônicas, com capacidade STU-4, mas Damm não disse isso. Ele só precisava de uma resposta malcriada. John Plumber não estava mais em sua lista de Natal.

Infelizmente, sua linha direta ainda estava na agenda de Plumber. Era uma pena que não pudesse mudá-la. E teria de dizer à sua secretária para não deixar passar as ligações desse sujeito, pelo menos não quando ele estivesse viajando.

— Sei o que está pensando.

— Bom, John. Então não preciso dizer o que estou pensando.

— Assista ao noticiário de hoje à noite. Serei o último a falar.

— Por quê?

— Assista e descubra, Arnie. Até mais.

O chefe de gabinete apertou o botão de desligar no telefone e tentou imaginar o que Plumber quisera dizer. Ele já confiara no sujeito. Porra, já confiara no colega dele. Poderia contar ao presidente sobre o telefonema, mas decidiu que era melhor ficar calado. Ryan acabara de fazer um discurso excelente,

apesar dos problemas recentes, porque o filho da puta realmente acreditava nas coisas que dizia. Não havia motivo para presentear-lo com mais uma preocupação. Ele gravaria o comentário de Plumber durante o voo para a Califórnia. Se valesse a pena, mostraria depois a POTUS.

— Não sabia que estava havendo um surto de gripe — disse ele, vestindo a camisa. Isso demorou. O executivo de automóveis estava com o corpo todo dolorido.

— Sempre há algum. Só que nem sempre sai nos jornais — replicou o médico, olhando para os sinais vitais que sua enfermeira acabara de anotar. — você pegou.

— Então?

— Então, relaxe. Não vá trabalhar. Não há motivo para infectar a companhia inteira. Deixe seu corpo reagir. Vai se sentir melhor até o final da semana.

A equipe de SNIE reuniu-se em Langley. Uma tonelada de informações novas chegara da região do Golfo Pérsico, e eles os estavam estudando numa sala de conferências no sexto andar. A foto que Chavez tirara de Mahmoud Haji Daryaei fora ampliada pelo laboratório do FBI e agora estava pendurada na parede. Talvez alguém fosse usá-la como alvo para dardos, pensou Ding.

— Estão abrindo estradas — resmungou o ex-soldado da infantaria, assistindo às imagens colhidas pelo Predator.

— Grandes demais para abater com fuzis, Sundance — observou Clark. — Essas coisas sempre me deram medo.

— Foguetes LAWS dão cabo deles, Sr. C.

— Qual é o alcance de um LAWS, Domingo?

— Quatrocentos, quinhentos metros.

— Esses canhões alcançam dois ou três quilômetros — disse John. — Pense nisso.

— Não estou familiarizado com esse armamento — disse Bert Vasco. Ele gesticulou na direção da tela. — O que isto significa?

A resposta veio de um dos analistas militares da CIA.

— Significa que o exército da URI está em condições bem melhores do que esperávamos.

Um major do exército trazido da agência de informação do Ministério da Defesa não discordou.

— Estou muito impressionado. Foi um exercício muito bom, não muito complicado no que diz respeito às manobras, mas eles se mantiveram organizados o tempo todo. Ninguém se perdeu...

— Acha que eles estão usando satélites de posicionamento agora? — perguntou o analista da CIA.

— Qualquer assinante da revista Yachting pode comprar essas coisas. O preço estava em menos de quatrocentos dólares, da última vez que olhei — disse o oficial ao seu colega civil. — Significa que podem navegar suas forças móveis com muito mais competência. Mais do que isso, significa que sua artilharia irá se tornar muito mais eficiente. Se souber onde as suas armas estão, onde o seu observador avançado está, e onde se encontra o alvo em relação a ele, então a sua primeira rajada de tiros acertará bem na mosca.

— Desempenho quatro vezes maior?

— Facilmente — replicou o major. — Esse velhinho na parede tem uma bengala bem pesada para bater nos vizinhos. E imagino que ele está louco para usá-la.

— Bert? — perguntou Clark. Vasco mexeu-se em sua poltrona.

— Começo a ficar preocupado. A coisa está acontecendo bem mais rápido do que eu imaginava. Se Daryaei não tivesse outros problemas, eu estaria ainda mais preocupado — E quais são esses problemas? — perguntou Chavez.

— Ele tem um país para consolidar, e ele sabe que se começar a brandir sabres, nó.. iremos reagir. — Vasco fez uma pausa. — Com toda certeza, ele quer fazer seus vizinhos saberem quem é o dono do

pedaço agora. O quanto ele está próximo de poder fazer alguma coisa?

— Militarmente? — perguntou o analista civil. Fez um gesto para o homem da DI — Se nós não estivéssemos no quadro, agora Mas estamos no quadro.

— Peço que se juntem a mim num momento de silêncio — disse Ryan à sua plateia em Topeka. Eram 11 da manhã ali. Em casa era meio-dia. Próxima parada Colorado Springs, depois Sacramento, depois, abençoadamente, o lar.

— Vocês precisam se perguntar que tipo de homem temos aqui — disse Kealty na frente de suas próprias câmeras. — Cinco homens e mulheres mortos, e ele não vê a necessidade de uma lei para controlar armas. Está além da minha compreensão como alguém pode ter o coração tão frio. Bem, se ele não se importa com aqueles agentes corajosos, eu me importo. Quantos americanos terão de morrer antes que ele veja a necessidade de fazer alguma coisa? Será preciso que venha a perder realmente um membro da família? Sinto muito, simplesmente não consigo acreditar no que ele disse.

— Todos podemos lembrar quando os congressistas concorreram à reeleição, e uma das coisas que nos disseram foi votem em mim, porque para cada dólar cobrado em impostos deste distrito, um dólar e vinte cents é restituído. Lembram dessa frase? — perguntou o presidente.

O que eles deixaram de dizer foi... bem, na verdade eles deixaram de dizer muita coisa. Número um, quem já disse que vocês dependem do governo para ter dinheiro? Nós não votamos em Papai Noel, votamos? É o contrário. O governo não pode existir se vocês não derem dinheiro a ele.

Número dois, o que eles estavam dizendo a vocês era Votem em mim, porque estou tinindo dinheiro daqueles safados de Dakota do Norte . Eles também não são americanos?

Número três, o verdadeiro motivo para isso acontecer é que o déficit do governo significa que cada distrito arrecada mais em pagamentos federais do que em impostos federais.: perdão, em impostos federais diretos. Aqueles que vocês podem ver.

Então eles estavam se gabando com vocês de que estavam gastando mais dinheiro do que tinham. Se o seu vizinho lhe dissesse que está debitando despesas na sua conta, você não chamaria a polícia?

Nós todos sabemos que o governo tira mais do que restitui. O déficit no orçamento federal significa que cada vez que você pega dinheiro emprestado, isso custa mais do deveria... por quê? Porque o governo empresta tanto dinheiro que eleva as taxas de juros.

E assim, senhoras e senhores, cada pagamento de casa, cada pagamento de carro, da conta de cartão de crédito também é um imposto. E talvez eles lhes concedam uma isenção de impostos em pagamentos de juros. Isso não é bacana? — perguntou POTUS.

O seu governo lhes dá uma isenção de impostos em dinheiro que vocês não deveriam pagar e então lhes diz que você recebe de volta mais do que paga.

Depois de uma pausa, Ryan continuou: — Alguém aí realmente acredita nisso? Alguém acredita em quem diz que a América não é capaz de deixar de gastar mais dinheiro do que tem? Essas são as palavras de Iam Smith ou de Lucy Ricardo? Sou formado em economia, e Love Lucy não constavam do curso.

Senhoras e senhores. Não sou um político, e não estou aqui para falarem benefício de nenhum dos seus candidatos locais para as cadeiras vagas no Congresso. Estou aqui para pedir que pensem. Vocês também têm um dever. O governo pertence a vocês. Vocês não pertencem ao governo. Quando saírem para votar amanhã, por favor, dediquem algum tempo para pensar no que os candidatos dizem e o que eles defendem. Perguntem a vocês mesmos: Isso faz sentido? Depois façam a melhor escolha que puderem. E se não gostarem de nenhum deles, compareçam às urnas do mesmo jeito, entrem na cabine de votação, e depois vão para casa sem dar seu voto para ninguém, mas pelo menos apareçam. Vocês devem isso ao seu país.

O furgão da empresa de aquecedores e condicionadores de ar parou na calçada; dois homens saltaram do veículo e foram até a porta da casa. Um deles bateu.

— Sim? — perguntou, intrigada, a dona da casa.

— FBI, Sra. Sminton. — Ele mostrou as credenciais. — Podemos entrar, por favor?

— Por quê? — perguntou a viúva de 72 anos.

— Gostaríamos que a senhora nos ajudasse com uma coisa, se for possível.

Demorara mais do que o esperado. As armas usadas no caso de CHOCALHO tinham sido rastreadas até o fabricante, do fabricante para um atacadista, do atacadista para um varejista, do varejista para um nome, e do nome para um endereço. Com o endereço, o FBI e o Serviço Secreto tinham pedido ao juiz da Corte Distrital dos Estados Unidos um mandado de busca e prisão.

— Por favor, entrem.

— Obrigado. Sra. Sminton, a senhora conhece o cavalheiro da casa ao lado?

— O Sr. Azir?

— Exatamente.

— Não muito bem. As vezes o cumprimento.

— Sabe se ele está em casa agora?

— O carro dele não está lá — disse a mulher, depois de olhar. Os agentes já sabiam disso. Ele possuía um Oldsmobile azul com placa de Maryland. Cada policial num raio de trezentos quilômetros estava procurando o veículo.

— Lembra quando foi a última vez que o viu?

— Na sexta-feira, acho. Há mais alguns carros lá, e um caminhão.

— Certo. — O agente enfiou a mão no bolso do macacão e tirou um rádio. — Entrem, entrem.

Pássaro provavelmente está fora do ninho. Repito: provavelmente.

Diante dos olhos atônitos da viúva, um helicóptero apareceu diretamente acima da casa, a 270 metros dali. Cordas caíram de ambos os lados da aeronave, e agentes armados desceram deslizando por elas. Ao mesmo tempo, quatro veículos convergiram de ambas as direções da rua, todos vindo da estrada, e invadiram o gramado da casa. Em geral, o procedimento teria sido mais lento, com um período maior de vigilância discreta, mas urgência era a palavra de ordem neste caso. As portas da frente e dos fundos foram arrombadas a chutes... e trinta segundos depois uma sirene apitou. O Sr. Azir tinha um alarme contra ladrões. O rádio grasnou.

— Vazia, a casa está vazia. Aqui é Betz. Busca completa, a casa está vazia.

Mande vir os peritos do laboratório.

Imediatamente, dois furgões invadiram o gramado. Uma das primeiras coisas que seus passageiros fizeram foi colher amostras do cascalho dali, além de grama, para comparar com os fragmentos colhidos nos carros alugados deixados na creche Giant Steps.

— Sra. Sminton, podemos nos sentar, por favor? Queremos fazer algumas perguntas sobre o Sr. Azir.

— E então? — perguntou Murray, chegando ao Centro de Comando do FBI.

— Nada — disse o agente ao painel.

— Merda — praguejou Murray, friamente.

Ele realmente não esperava que encontrassem alguém. Mas esperava alguma informação importante. O laboratório coletara todos os tipos de provas físicas. As amostras de cascalho seriam comparadas com a da trilha no pátio da casa. A grama e a areia colhidas no local poderiam ligar os veículos à casa de Azir. As fibras de tapete — lã marrom — nos sapatos dos terroristas mortos poderiam ligá-los ao interior da casa. Neste exato instante, uma equipe de dez agentes iniciava o processo de descobrir quem exatamente era Mordecai Azir .

As chances eram de que fosse tão judeu quanto Adolf Eichmann. Ninguém estava apostando contra isso.

— Centro de Comando, fala Betz.

Billy Betz era agente especial assistente no comando da Divisão de Campo de Baltimore, e um ex-piloto de helicóptero de combate, daí sua descida dramática transportando seus homens... e uma mulher.

— Billy, aqui fala Dan Murray. Que você descobriu?

— Você nem adivinha. Uma caixa vazia pela metade de balas calibre 7.62, e os números de lote combinam, diretor. A sala de estar tem um tapete vermelho-escuro de lã. Achamos o lugar. Estão faltando algumas roupas no armário do quarto principal. Eu diria que há alguns dias não vem ninguém aqui. A localização está segura. Nada de arapucas. O pessoal do laboratório está iniciando sua rotina. — E tudo isso oitenta minutos desde o momento que o comandante de Estratégia Aérea entrou no Tribunal Federal de Garmatz. Não tinha sido rápido o bastante, mas tinha sido rápido.

Os peritos forenses eram uma mistura de gente do FBI, do Serviço e do Birô de Álcool, Tabaco e Armas de Fogo, uma agência atarefada que contava com uma equipe técnica excelente. Todos estavam vistoriando a casa há horas.

Todos usavam luvas. Cada superfície seria examinada em busca de digitais que correspondessem às dos terroristas mortos.

— Algumas semanas atrás vocês me viram fazer um juramento de preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos. Foi a segunda vez que fiz isso. Na primeira vez eu era um jovem segundo-tenente da Marinha, quando formei-me pelo Boston College. Logo depois disso, li a Constituição, para saber realmente o que eu deveria defender.

Senhoras e senhores, costumamos ouvir políticos dizendo como eles querem que o governo conceda poder a vocês, para que vocês possam fazer coisas.

Não é assim que funciona — disse Ryan com autoridade. — Thomas Jefferson escreveu que os governos derivam seus poderes justos do consentimento dos governados Esses são vocês. A Constituição é um livro que todos deveriam ler. A Constituição dos Estados Unidos não foi escrita para dizer o que vocês devem fazer. A Constituição estabelece o relacionamento entre os três ramos do governo. Ela diz ao governo o que deve fazer, e também diz o que não deve fazer. O governo não deve restringir a liberdade expressão.

O governo não deve dizer como vocês devem orar. O governo não deve fazer muitas coisas. O governo é muito mais competente em tirar do que em dar, e governo, com toda certeza, não concede poder a vocês. Vocês concedem poder ao governo. O nosso governo é um governo do povo. Vocês não são pessoas que pertencem ao governo.

Amanhã não estarão elegendo mestres. Estarão elegendo empregados, servos da sua vontade, guardiães dos seus direitos. Nós não lhes dizemos o que fazer. Vocês nos dizem o que fazer.

Meu trabalho não é tirar o dinheiro de vocês e dá-lo de volta. O meu trabalho é tirar o dinheiro de que preciso para protegê-los e servi-los... e fazer esse trabalho com máximo de eficácia. O serviço governamental pode ser um dever importante, e uma grande responsabilidade, mas não deve ser uma bênção para aqueles que servem. São os seus servos do governo que devem fazer sacrifícios por vocês, e não vocês que devem fazer sacrifícios por eles.

Na última sexta-feira, três homens e duas mulheres de coragem deram suas vidas a serviço do nosso país. Eles estavam lá para proteger minha filha, Katie.

Mas também havia outras crianças lá, e ao proteger uma criança, você protege todas as crianças. Pessoas assim não pedem muito mais do que o respeito de vocês. Eles o merecem. Eles merecem porque fazem por nós muitas coisas que não podemos fazer facilmente. É por causa disso que os contratamos. Eles se alistam porque sabem que esse serviço é importante, porque se importam conosco, porque são

nós. Você e eu sabemos que nem todo ! os funcionários do governo são assim. Isso não é culpa deles. Isso é culpa de vocês. Se não exigirem o melhor, não obterão o melhor. Se não derem a medida certa de poder para o tipo certo de pessoas, então as pessoas erradas receberão mais poder do que precisam . usarão esse poder da forma que elas quiserem, não da forma que vocês quiserem.

Senhoras e senhores, é por causa disso que a sua tarefa de eleger as pessoas certa amanhã é tão importante. Muitos de vocês geram os seus próprios negócios e contratam pessoas para trabalharem para vocês. A maioria de vocês tem as suas próprias casas, ocasionalmente contratam encanadores, eletricitas e carpinteiros para trabalharem para vocês. Vocês tentam contratar as pessoas certas para o trabalho porque pagam por esse trabalho, e querem que ele seja feito corretamente. Quando os seus filhos adoecem, procuram escolher os melhores médicos... e prestam atenção no que esses médicos fazem na competência com a qual fazem. Por quê? Porque não há nada mais importante para vocês do que a vida dos seus filhos.

A América também é filha de vocês. A América é um país eternamente jovem. A América precisa das pessoas certas para cuidarem dela. E responsabilidade de vocês escolher as pessoas certas, a despeito de partido, raça, sexo ou qualquer outra coisa que não seja talento e integridade. Eu não posso, e não direi, que candidato merece seu voto. Deus lhe concedeu livre-arbítrio. A Constituição existe para proteger o seu direito de exercitar esse livre-arbítrio. Se fracassarem em exercer com inteligência esse direito, então estarão traindo a si próprios, e nem eu nem qualquer outra pessoa poderemos corrigir isso.

Obrigado por virem me verem minha primeira visita a Colorado Springs.

Amanhã é o dia de vocês. Por favor, usem-no para contratar as pessoas certas.

— O presidente Ryan está percorrendo o país na véspera das eleições para o Congresso, realizando uma série de discursos elaborados claramente para alcançar os eleitores conservadores. E enquanto os agentes federais investigam o violento ataque terrorista à sua própria filha, o presidente continua rejeitando a ideia de aperfeiçoar as leis de controle de armas. Vejamos o que nos diz Hank Roberts, que está viajando com o cortejo presidencial.

Tom Donner continuou olhando para a câmera até a luz vermelha apagar.

— Achei que ele disse algumas coisas muito boas hoje — observou Plumber enquanto a fita corria.

— Calhe Weston deve estar com um caso sério de TPM para citar Love Lucy — observou Donner, folheando seu texto. — Engraçado, ela costumava fazer grandes discursos para Bob Fowler.

— Você leu o discurso?

— John, convenhamos, não precisamos ler o que ele disse. Nós sabemos o que ele irá dizer.

— Dez segundos — anunciou o diretor em seus fones de ouvido.

— A propósito, John, bom texto para mais tarde. Seu rosto irrompeu num sorriso em três.

— Uma enorme força federal está investigando o ataque de sexta-feira à filha do presidente. Vamos ouvir Karen Stabler, em Washington.

— Achei que você iria gostar, Tom — replicou Plumber quando as luzes escureceram novamente. Melhor assim, pensou Plumber. A sua consciência agora estava tranquila.

O VC-25 decolou na hora certa, e seguiu para norte de modo a evitar um clima adverso sobre o norte do Novo México. Arnie van Damm estava na área de comunicações. A aeronave estava equipada com muitos aparelhos de aparência imponente, e tinha, escondida em sua pele, uma antena parabólica cujo sistema de direcionamento podia rastrear praticamente qualquer coisa. No momento, o equipamento estava sintonizado na NBC, para que o chefe de gabinete pudesse assistir ao noticiário.

— Vamos ouvir agora um comentário de encerramento de nosso correspondente especial John

Plumber. —Donner virou-se graciosamente. —John.

— Obrigado, Tom. Ingressei na profissão de jornalismo, muitos anos atrás, porque fui inspirado em minha juventude. Lembro de meu rádio de galena... os mais velhos entre vocês lembrarão que era preciso amarrá-los a um cano para sintonizar direito as emisoras — explicou com um sorriso. — Lembro de ter ouvido Ed Murrow em Londres durante a Blitz, e Eric Sevareid nas selvas da Birmânia. Lembro de ter ouvido todos os pais da nossa profissão, homens que foram verdadeiros gênios. Cresci com imagens pintadas em minha mente pelas palavras de homens em que todos na América podiam confiar. Decidi que encontrar a verdade e comunicá-la às pessoas era um dos trabalhos mais nobres a que um homem ou mulher poderia aspirar.

Nem sempre somos perfeitos nesta profissão. Ninguém é — prosseguiu Plumber.

A sua direita, Donner estava olhando, completamente embasbacado, para o teleprompter. Não era isso que estava rolando na frente da lente da câmera, e ele percebeu que, embora Plumber tivesse páginas impressas à frente, ele estava fazendo um discurso decorado. Imagine só. Aparentemente, ele estava querendo fazer tudo igualzinho aos velhos tempos.

— Gostaria de dizer que sinto orgulho de pertencer a esta profissão. E eu já senti. Eu estava no microfone quando Neil Armstrong pisou na lua, e em ocasiões tristes, como o funeral de Jack Kennedy. Mas ser um profissional não significa apenas estar lá. Significa que você precisa professar alguma coisa, acreditar em alguma coisa, defender alguma coisa.

Algumas semanas atrás, entrevistamos o presidente Ryan duas vezes num só dia. A primeira entrevista pela manhã foi gravada, e a segunda realizada ao vivo. As perguntas foram um pouco diferentes. Houve um motivo para isso.

Entre a primeira e a segunda entrevista, fomos chamados para nos encontrarmos com uma pessoa. Não direi agora quem foi essa pessoa. Direi mais tarde. Essa pessoa nos deu informações. Eram informações delicadas que tinham como propósito prejudicar o presidente, e naquele momento elas pareceram a base para uma ótima matéria. Naquele momento, tivemos a impressão de que havíamos formulado as perguntas erradas. Nós desejamos que tivéssemos formulado as perguntas certas.

Assim, mentimos. Mentimos para o chefe de gabinete do presidente, Arnold van Damm. Dissemos a ele que a fita com a entrevista tinha sido danificada. Fazendo isso, mentimos também para o presidente. Mas o pior de tudo: mentimos para vocês. Tenho as fitas em meu poder. Elas não estão nem um pouco danificadas.

Não foi infringida nenhuma lei. A Primeira Emenda nos permite fazer quase tudo que quisermos, e não há problema nisso, porque vocês aí fora são os juízes finais do que fazemos e de quem somos. Mas uma coisa não podemos fazer: macular a fé que depositam em nós.

Não tenho nenhum compromisso com o presidente Ryan. Falando pessoalmente, discordo dele em muitos aspectos políticos. Se ele concorresse para a reeleição, eu provavelmente votaria em outra pessoa. Mas fui parte dessa mentira, e não posso viver com isso. Quaisquer que sejam as suas falhas, John Patrick Ryan é um homem honrado, e não posso permitir que minha posição pessoal a favor ou contra qualquer pessoa afete o meu trabalho.

Neste caso, eu fiz isso. Eu estava errado. Devo um pedido de desculpas ao presidente, e a vocês também. Este pode ser o fim de minha carreira como jornalista de TV. Se for assim, pretendo sair de minha profissão como entrei nela, dizendo a verdade da forma mais cristalina. Boa noite da NBC News. — Plumber respirou profundamente enquanto fitava a câmera.

— Mas que merda foi essa? Plumber levantou-se antes de responder.

— Se você precisa fazer essa pergunta, Tom..

O telefone da mesa tocou — na verdade, piscou sua lâmpada. Plumber decidiu não atender. Em vez disso, caminhou até o seu camarim. Tom Donner teria de entender tudo sozinho.

A 3.200 quilômetros dali, sobre o Parque Nacional das Montanhas Rochosas, Arnold van Damm parou a máquina, ejetou a fita, e carregou-a enquanto descia a escada espiral até o compartimento do presidente, no nariz do avião. Encontrou Ryan lendo seu discurso seguinte, que seria o último do dia.

— Jack, acho que você vai querer dar uma olhada nisto — disse-lhe o chefe de gabinete, um sorriso enorme estampado no rosto.

É preciso haver uma primeira vez para tudo. Desta vez aconteceu em Chicago. Ela tinha ido ao médico na tarde de sábado e ele lhe dissera o mesmo que todo mundo, gripe. Aspirina. Líquidos. Cama. Mas, depois de se olhar no espelho, viu uma certa descoloração em sua pele clara, o que a assustou ainda mais que os outros sintomas que tivera até então. Telefonou para seu médico, mas foi atendida apenas por uma secretária eletrônica, e aquelas manchas não podiam esperar. Assim, entrou em seu carro e dirigiu até o Centro Médico da Universidade de Chicago, um dos melhores nos Estados Unidos. Esperou na sala de emergências por cerca de quarenta minutos. Quando seu nome foi chamado, ela se levantou e começou a caminhar até a mesa, mas não conseguiu chegar. Tombou no assoalho de azulejos na frente dos funcionários administrativos. Isso provocou algumas reações instantâneas. Um minuto depois, dois auxiliares de enfermagem tinham-na colocado numa maca de rodas e estavam empurrando-a para a área de tratamento, enquanto seu prontuário era carregado por um dos funcionários da recepção. O primeiro médico a vê-la foi um jovem residente que já havia completado a maior parte do primeiro ano de sua pós-graduação em medicina interna, e estava começando a trabalhar na sala de emergências e gostando disso.

— Qual é o problema? — perguntou o médico, enquanto as enfermeiras iniciavam seu trabalho, verificando pulsação, pressão arterial e respiração.

— Aqui — disse a mulher da recepção, entregando ao médico o prontuário da paciente. O médico leu o documento.

— Sintomas de gripe, parece, mas o que é isto?

— Ritmo cardíaco está em um para vinte, pressão arterial está em... espere um pouco. — A enfermeira refez o exame. — Pressão arterial em nove por cinco?

A paciente parecia normal demais para isso.

O médico desabotoou a blusa da mulher. E ali estava. A clareza do momento fez passagens de seus livros de medicina saltarem em sua mente. O jovem residente levantou as mãos.

— Atenção todo mundo, parem o que estão fazendo. Talvez tenhamos um problema sério aqui. Quero que todos coloquem luvas novas. Todo mundo usando máscara, agora!

— A temperatura está em quatro-zero-ponto-dois — disse outra enfermeira, afastando-se da paciente.

— Isto não é gripe. Temos um sangramento interno grave, e essas manchas são petéquias. — O residente colocou uma máscara e mudou de luva enquanto falava. — Chamem o Dr. Quinn.

Uma enfermeira saiu apressada, enquanto o residente olhava novamente para os documentos de admissão. Devia estar vomitando sangue, defecando fezes escurecidas. Pressão arterial baixíssima, febre alta, sangramento subcutâneo. Mas aqui é Chicago, protestou sua mente. Ele pegou uma agulha.

— Todo mundo fique afastado. Certo, ninguém se aproxime de minhas mãos e braços — disse ele, enfiando a agulha na veia da paciente, e enchendo quatro tubos de Scc.

— Qual é o problema? — perguntou o Dr. Joe Quinn. O residente recitou os sintomas e colocou sua própria pergunta enquanto movia os tubos com sangue para uma mesa.

— O que acha, Joe?

— Se estivéssemos em outro lugar...

— Sim. Febre hemorrágica, se isso for possível.

— Alguém perguntou onde ela esteve? — indagou o Dr. Quinn.

— Não, doutor — replicou a recepcionista.

— Bolsas de água fria — anunciou a enfermeira-chefe, entregando uma pilha delas. As bolsas foram colocadas nas axilas da paciente, sob o pescoço, e em todo local onde fosse possível impedir que o corpo atingisse uma temperatura fatal.

— Dilantina? — propôs Quinn.

— Ela ainda não está sofrendo convulsões. Merda. — O chefe dos residentes pegou sua tesoura cirúrgica e cortou fora o sutiã da paciente. Havia mais petéquias se formando em seu busto. — Temos uma mulher muito doente aqui.

Enfermeira, ligue para o Dr. Klein do setor de doenças infecciosas. Ele está em casa agora. Diga-lhe que precisamos dele aqui imediatamente. Precisamos reduzir a temperatura dela, acordá-la, e de: cobrir onde diabos ela esteve.

Paciente Zero

Mark Klein era professor com dedicação exclusiva na faculdade de medicina e portanto um homem acostumado a horas de trabalho regulares. Ser acordado quase às nove da manhã não era normal para ele, mas era médico e quando o chamavam, ele comparecia. Foi um percurso de vinte minutos nesta noite de segunda-feira até sua vaga de estacionamento reservada. Ele passou pelos seguranças cumprimentando-os com um aceno de cabeça, vestiu seu avental, entrou na sala de emergência pelos fundos, e perguntou à enfermeira de plantão onde estava Quinn.

— Isolamento Dois, doutor.

Ele estava lá em vinte segundos, e parou de repente ao ver o sinal de aviso colocado na porta. Muito bem, pensou, colocando máscara e luvas e em seguida entrando.

— Oi, Joe.

— Não quero fazer este diagnóstico sem a sua opinião, professor — disse Quinn calmamente, entregando-lhe o prontuário.

Klein correu os olhos pelo prontuário, e então foi seu cérebro que parou de repente, e ele começou do início, tirando os olhos do papel para comparar a paciente com os dados. Mulher caucasiana, sim, idade 41, divorciada, esse era seu emprego, apartamento a cerca de três quilômetros dali, certo, temperatura na admissão, 40,2°C, alta pra cacete, pressão arterial incrivelmente baixa.

Petéquias?

— Deixe-me dar uma olhada — disse Klein.

A paciente estava se recobrando. A cabeça se movia um pouco e ela estava fazendo alguns ruídos.

— Qual é a temperatura dela agora? — perguntou Klein.

— Trinta e nove, descendo bem — repeliu o residente de admissão, enquanto Klein puxava o lençol verde. A paciente estava nua agora, e as marcas não poderiam ser mais claras em sua peleja muito branca. Klein olhou para os outros médicos.

— Onde ela esteve?

— Não sabemos — reconheceu Quinn. — Examinamos sua bolsa. Ela parece ser uma executiva da Sears. Trabalha na torre.

— Você a examinou?

— Sim, doutor — disseram juntos Quinn e o residente mais jovem.

— Mordidas de animal? — perguntou Klein.

— Nenhuma. Nenhuma evidência de agulhas, nada incomum. Ela está limpa — Estou diagnosticando como possível febre hemorrágica, método de transmissão ainda desconhecido. Quero que ela seja colocada lá em cima em isolamento absoluta precauções totais. Quero que seja feita assepsia completa deste quarto... tudo que ela tocou precisa ser limpo.

— Pensei que esses vírus só fossem transmitidos...

— Ninguém sabe, doutor, e coisas que não posso explicar me assustam. Já estive na África. Já vi Lassa e febre Q. Não vi Ebola. Mas o que ela tem parece muito com essas doenças — disse Klein, pronunciando esses nomes hediondos pela primeira vez.

— Mas como...

— Quando você não sabe, significa que você não sabe — disse o professor Klein ao residente. — No caso de doenças infecciosas, quando não se conhece o modo de transmissão, é preciso considerar o pior. O pior caso é transmissão pelo ar, e é assim que esta paciente será tratada. Vamos removê-la para a minha unidade. Quero que todos que estiveram em contato façam assepsia. Quero que você faça assepsia. Como AIDS ou hepatite. Precauções completas — enfatizou novamente médico. — Onde está o sangue que você extraiu?

— Bem ali.

O médico de admissão apontou para um recipiente de plástico vermelho.

— Que faremos em seguida? — perguntou Quinn.

— Mandaremos uma amostra para Atlanta, mas acho que vou dar uma olhada pessoalmente. — Klein tinha um laboratório soberbo no qual trabalhava todos os dias, principalmente em casos de AIDS, que eram a sua paixão.

— Posso ir com você? — perguntou Quinn. — Meu plantão acaba daqui a alguns minutos. — Segunda geralmente era um dia calmo nas salas de emergência. Seus dias caóticos costumavam ser os fins de semana.

— Claro.

— Sabia que Holtzman não ia me decepcionar — disse Arnie. Estava tomando uma bebida para celebrar, enquanto o 747 iniciava sua descida em Sacramento.

— Como assim? — perguntou o presidente.

— Bob é um filho da puta, mas é um filho da puta honesto. Isso também significa que o queimaré honestamente na fogueira se achar que você merece.

Nunca esqueça isso — aconselhou o chefe de gabinete.

— Donner e Plumber mentiram — disse Jack em voz alta. — Porra!

— Todo mundo mente, Jack. Até você. É uma questão de contexto.

Algumas mentiras são ditas para proteger a verdade. Algumas mentiras são ditas para ocultar a verdade. Algumas são ditas para negar a verdade. E algumas mentiras são ditas porque ninguém dá a mínima para a verdade.

— E o que aconteceu aqui?

— Uma combinação, presidente. Ed Kealty queria que eles armassem para você, e os manipulou para fazer isso. Mas eu pego aquele canalha traiçoeiro para você. Aposto que amanhã haverá um artigo de primeira página no Post expondo Kealty como o sujeito que subornou dois jornalistas respeitadíssimos, e a imprensa vai investir contra ele que nem uma matilha de lobos.

Os jornalistas no fundo do avião já estavam conversando a respeito. Arnie providenciara que a fita da NBC News fosse exibida no sistema de vídeo da cabine.

— Porque foi Kealty que sujou a imagem dos jornalistas...

— Entendeu direitinho, patrão — confirmou van Damm, colocando de lado o restante do drinque. Ele não podia acrescentar que aquilo não teria acontecido sem o ataque a Katie Ryan. Até os jornalistas sentiram-se comovidos com o incidente, o que devia ter sido decisivo em fazer Plumber mudar de ideia sobre a questão. Mas fora van Damm quem fizera os vazamentos cuidadosos para Bob Holtzman. Decidiu que mandaria um agente do Serviço Secreto comprar-lhe um bom charuto assim que pousassem. Estava com uma tremenda vontade de fumar um.

Agora o relógio biológico de Adler estava completamente confuso. Ele descobrira que cochilos ajudavam, assim como o conhecimento de que a mensagem que estava entregando era simples e favorável. O carro parou. Um oficial subalterno abriu a porta para ele e fez uma mesura discreta. Adler

sufocou um bocejo enquanto entrava no prédio do ministério.

— É tão bom vê-lo aqui de novo! — disse o ministro das Relações Exteriores da República Popular da China, através de seu intérprete. Zhang Han San também estava ali novamente, e fez sua própria saudação.

— A sua concessão graciosa em permitir voos diretos certamente facilitou o processo para mim. Obrigado por isso — replicou o secretário de Estado, sentando-se.

— O senhor compreende que estas são circunstâncias excepcionais — observou o ministro das Relações Exteriores.

— Obviamente.

— Que novidades nos traz de nossos primos rebeldes?

— Eles estão inteiramente dispostos a imitá-los em sua redução de atividade, com vistas a reduzir a tensão.

— E suas acusações aviltantes?

— Ministro, essa questão não foi levantada. Creio que eles estão tão interessados quanto o senhor em retornar a circunstâncias pacíficas.

— Quanta bondade a deles — comentou Zhang. — Iniciam hostilidades, derrubam dois de nossos caças, danificam um de seus próprios aviões de passageiros, matam mais de uma centena de pessoas, propositalmente ou por incompetência, e então dizem que irão imitar a nós na redução das provocações.

Espero que seu governo aprecie a tolerância que estamos demonstrando nesta situação.

— Ministro, a paz é interesse de todos, não é? A América aprecia as ações de ambas as partes nesses procedimentos informais. A República Popular da China tem sido grandiosa em vários aspectos, e o governo de Taiwan está disposto a imitar seus atos. O que mais se pode desejar além disso?

— Muito pouco — replicou o ministro das Relações Exteriores. — Apenas ressarcimento pelas mortes de nossos quatro aviadores. Cada um deles deixou uma família.

— Os caças de Taiwan dispararam primeiro — lembrou Zhang.

— Isso é verdade, mas a questão do avião de passageiros ainda está indeterminada.

— Com toda certeza, nós não tivemos nada a ver com isso. — Esse comentário veio do ministro das Relações Exteriores.

Havia poucas coisas mais tediosas que negociações entre países, mas existia realmente uma razão para isso. Movimentos súbitos ou surpreendentes podiam forçar um país a decisões impensadas. Pressões inesperadas suscitavam raiva, e raiva não tinha lugar em discussões e decisões de cúpula. Portanto, as conversas importantes quase nunca eram decisivas, mas eram evolucionárias por natureza, o que concedia a cada lado tempo para pensar em suas posições e nas do outro lado, de modo a alcançar um grau de comunicação que satisfizesse relativamente as duas partes. A exigência de um ressarcimento era uma violação das regras. O mais apropriado teria sido dizer isso na primeira sessão, e Adler teria comunicado o pedido a Taipé, provavelmente junto com sua própria sugestão de procedimento depois que o governo da República da China concordasse em cooperar na redução das tensões. Mas eles já tinham feito isso, e agora a República Popular da China queria que Adler comunicasse um pedido de ressarcimento em vez de palavras de tolerância. Era um insulto ao governo de Taiwan, e também ao governo americano, que estava sendo uma marionete nas mãos de outro país.

Isso era ainda mais verdadeiro considerando que Adler e a República da China sabiam quem havia derrubado o avião de passageiros, e que portanto demonstrara desprezo pela vida humana — motivo pelo qual a República Popular da China agora estava exigindo ressarcimento! E agora Adler novamente tentou imaginar o quanto a República Popular da China sabia sobre seu conhecimento sobre o acidente. Se soubessem muito, então este era definitivamente um jogo cujas regras ainda estavam para ser decifradas.

— Acho que seria mais útil para os dois lados cobrir suas perdas individuais e necessidades —

sugeriu o secretário Adler.

— Lamento que não possamos aceitar. É uma questão de princípios. Aquele que comete o ato impróprio precisa corrigir seu erro.

— Mas e se... não tenho provas para sugerir isso, mas se for determinado que a República Popular da China danificou inadvertidamente o avião de passageiros? Nesse caso o seu pedido de ressarcimento parecerá injusto.

— Isso não é possível. Entrevistamos os pilotos sobreviventes e seus relatos são inequívocos. — Era Zhang de novo.

— O que vocês requisitam exatamente? — perguntou Adler.

— Duzentos mil dólares por cada um dos quatro aviadores mortos. O dinheiro irá para suas famílias, evidentemente — prometeu Zhang.

— Posso apresentar seu pedido a...

— Perdão. Não é um pedido. É uma exigência — disse a Adler o ministro das Relações Exteriores.

— Entendo. Posso apresentar sua posição a eles, mas devo pedir que não tornem isto uma condição da sua promessa de reduzir a tensão.

— Essa é a nossa posição — disse o ministro das Relações Exteriores.

— ... E Deus abençoe a América — concluiu Ryan.

A multidão levantou e aplaudiu. A banda começou a tocar — havia uma banda em toda parte que ele ia, supôs Jack — e ele desceu o palanque por trás de uma parede de agentes nervosos. O presidente reprimiu mais um bocejo. Ele estava na estrada havia mais de 12 horas. Quatro discursos não pareciam exigir tanto trabalho físico assim, mas Ryan estava aprendendo o quanto era exaustivo falar em público. Ele precisava apertar In mãos de todos sempre que subia no palanque, e embora isso acabasse em alguns minutos, o estresse acumulado acabava cobrando seu preço. O jantar não ajudara muito. A Comida, escolhida com extremo cuidado para não insultar ninguém, havia sido insípida, mas mesmo assim causara-lhe uma ardência no estômago.

— Muito bem — disse-lhe Arnie enquanto o grupo presidencial reunia-se para sair pelos fundos. — Para um cara que estava pronto a beijar a lona ontem, você se saiu incrivelmente bem.

— Sr. Presidente! — gritou um jornalista.

— Fale com ele — sussurrou Arnie.

— Sim? — disse Jack parando de andar, para descontentamento de sua força de segurança.

— O senhor sabe a respeito do que John Plumber disse esta noite na NBC?

O repórter era da ABC, e dificilmente perderia a chance de atacar uma emissora Concorrente.

— Sim, ouvi falar — replicou com calma o presidente.

— Tem algum comentário?

— Obviamente, não gostei de saber nada disso, mas no que diz respeito ao Sr. Plumber, o que ele fez foi um ato gracioso de coragem como não vejo há muito tempo. Ele está com a ficha limpa comigo.

— O senhor saber quem foi que...

— Por favor, vamos deixar o Sr. Plumber cuidar disso. A história é dele, e sabe como contá-la.

Agora, com a sua licença, tenho um avião para pegar.

— Obrigado, presidente — disse o repórter da ABC para as costas de Ryan.

— Exatamente — disse Arnie, com um sorriso. — Tivemos um dia longo, mas foi um dia bom.

Ryan exalou longamente.

— Se você diz...

— Oh, meu Deus! — sussurrou o professor Klein.

Estava ali no monitor. O Cajado do Pastor, igualzinho às ilustrações nos livros de Medicina. Corno

ele tinha chegado a Chicago?

— É Ebola — disse o Dr. Quinn, acrescentando: — Isso não é possível.

— O exame médico foi completo? — perguntou novamente o homem mais velho.

— Poderia ter sido melhor, mas... sem marcas de mordidas nem de agulhas.

Mark, isso aqui é Chicago. Tinha neve no meu para-brisa outro dia.

O professor Klein juntou as mãos e aproximou-as do rosto, parando ao lembrar que ainda estava usando um máscara cirúrgica.

— As chaves estão na bolsa dela?

— Sim, senhor.

— Temos policiais guardando a sala de emergências. Pegue um, diga-lhe que precisamos de uma escolta policial para irmos até o apartamento da paciente e dar uma olhada nele. Diga-lhe que a vida desta mulher está em perigo, e talvez ela tenha comprado um bicho de estimação, uma planta tropical, qualquer coisa assim. Temos o nome do seu médico. Acorde-o e traga-o para cá. Precisamos que ele nos diga o que sabe a respeito dela.

— Tratamento?

— Vamos refrescá-la, mantê-la hidratada e passar-lhe um remédio para a dor. Mas não existe nada que funcione realmente em seu caso. Em Paris Rousseau vem tentando interferona e algumas outras coisas, mas não tem dado sorte. — Olhou novamente para a tela. — Como ela pegou? Como ela pegou esse maldito?

— CDC?

— Traga o tira para cá. Vou passar um fax para Gus Lorenz. — Klein olhou as horas. Merda.

Os autômatos predador estavam de volta à Arábia Saudita, jamais tendo sido descobertos. Concluíra-se que mantê-los circulando uma posição estacionária, como na divisa de acampamento, era um pouco perigoso demais, e agora a vigilância estava sendo realizada por satélites, cujas fotos eram transmitidas para o Departamento Nacional de Reconhecimento.

— Veja só isto — disse um dos membros da equipe noturna para seu colega na estação de trabalho ao lado. — Que são essas coisas?

A divisão de tanques Imortais da URI agrupava-se no que era essencialmente um imenso estacionamento, todos mantendo espaços longos e regulares entre si, facilitando a contagem — um tanque roubado com um carregamento básico de projéteis era uma coisa perigosa demais, e todos os exércitos encaravam seriamente a segurança de seus tanques. Isso também era conveniente para o pessoal de manutenção. Agora os tanque, estavam de volta, e homens rodeavam-nos e a outros veículos de combate, procedendo manutenção rotineira após um grande exercício. Diante de cada tanque na primeira fileira havia duas linhas escuras, cada uma com cerca de um metro de largura e dez metros de comprimento. O homem ao monitor era um ex-oficial da Força Aérea, e mais experiente em aeronaves do que em veículos de combate terrestre.

Seu vizinho só precisou dar uma olhada.

— Esteiras.

— Como?

— Pode dizer que eles estão fazendo rodízio das esteiras. Elas se desgastam e é preciso colocar novas. As velhas vão para a oficina para ser reparadas — explicou o ex-soldado. — Não é nada de mais.

Uma observação mais atenta mostrava como era feito. As esteiras novas estavam posicionadas na frente das velhas. As velhas eram então desconectadas e anexadas às novas, e o tanque, seu motor funcionando, simplesmente andava para frente, a roda dentada empurrando a nova esteira no lugar sobre as rodas de estrada. Isso requeria vários homens e era um trabalho pesado, mas podia ser feito por uma

tripulação de tanque bem treinada em cerca de uma hora sob condições ideais, o que era o caso, conforme o ex-soldado explicou.

Essencialmente, o tanque posicionava-se sobre as novas esteiras.

— Nunca imaginei como isso era feito.

— É melhor do que levantar esses monstrenhos.

— Quanto tempo dura uma esteira?

— Numa operação dessas através do deserto? Oh, uns 1.600 quilômetros, talvez um pouco menos.

Os dois sofás na cabine do Força Aérea Um podiam ser dobrados para formar camas. Depois de dispensar sua equipe, Ryan pendurou as roupas e deitou. Dispunha de lençóis limpos e tudo mais, e estava cansado demais para se importar de estar num avião. O tempo de voo para Washington era de quatro horas e meia, e depois ele podia dormir mais um pouco em sua própria cama.

Ao contrário dos viajantes normais de voos noturnos, ele poderia até mesmo conseguir fazer um pouco de trabalho útil no dia seguinte.

Na grande cabine, no fundo do avião, os jornalistas haviam decidido fazer o mesmo, tendo optado por adiar até o dia seguinte a discussão sobre o comentário surpreendente de Plumber. Eles não tinham escolha; uma matéria dessa magnitude era tratada pelo menos no nível do editor assistente. Muitos dos jornalistas de mídia impressa estavam sonhando com os editoriais que apareceriam nos jornais. Os repórteres de TV tentavam não ter pesadelos com o que parecia uma rachadura em sua credibilidade.

Na cabine do meio estava a equipe do presidente. Ali todos estavam sorridentes. Ou quase todos.

— Bem, eu finalmente o vi perder a cabeça — disse Arnie a Callie Weston. — Foi uma cena e tanto.

— E aposto que ele também viu você perder a sua.

— Pelo menos isso o acalmou. — Arnie tomou um gole de sua bebida. — Sabe, do jeito que as coisas estão indo, acho que temos um belo presidente aqui.

— Ele odeia isso — disse Weston; ela também estava bebendo. Arnie van Damm não se deixou abater: — Fabulosos os seus discursos, Callie.

— Ele os lê de uma forma envolvente — considerou Callie. — Sempre começa duro, embaraçado, e então o professor nele assume o comando, e realmente convence a plateia. Ele também não sabe disso.

— Tem razão. — Depois de uma pausa, Arnie disse: — Haverá uma missa pelos agentes mortos.

— Já estou pensando nisso — assegurou-lhe Weston. — Que vai fazer com Kealty?

— Estou pensando nisso. Vamos afundar esse filho da puta de uma vez por todas.

Badrayn estava de volta ao seu computador, checando os sites apropriados da Internet. Ainda nada. Mais um dia e ele começaria a ficar preocupado, embora não fosse realmente da sua conta caso nada acontecesse. Tudo que ele fizera transcorreria perfeitamente.

Paciente zero abriu os olhos, o que atraiu a atenção de todos. Sua temperatura caíra para 38 graus, o que se devia totalmente às bolsas de água fria colocadas em torno de seu corpo como um peixe no mercado. A combinação de dor e cansaço estava evidente em seu rosto. Nesse sentido, ela parecia uma paciente com AIDS avançada, uma do doença com a qual o médico estava familiarizado demais.

— Olá. Sou o Dr. Klein — disse-lhe o professor por trás de sua máscara. — Você nos deixou um pouco preocupados há um minuto, mas as coisas estão sob controle agora.

— Dói — disse ela.

— Eu sei, e vamos ajudá-la com isso, mas preciso que responda a algumas perguntas. Você pode? — perguntou Klein.

— Certo.

— Viajou recentemente?

— Que quer dizer? — Cada palavra que ela proferia minava um pouco mais suas reservas de energia.

— Esteve fora do país?

— Não. Voei para Kansas City... há dois dias, e foi só. Viagem diurna — acrescentou — Tudo bem.

— Não estava nada bem. — Teve algum contato com alguém que tenha trabalhado fora do país?

— Não. — Ela tentou balançar a cabeça. Talvez tenha se movido alguns milímetros.

— Desculpe, mas preciso perguntar isto. Está mantendo algum tipo de relacionamento sexual no momento?

Essa pergunta abalou-a.

— AIDS? — perguntou, achando que essa era a pior coisa que poderia ter.

Klein balançou a cabeça enfaticamente.

— Não, definitivamente não. Por favor, não se preocupe com isso.

— Divorciada — disse a paciente. — Só há alguns meses. Ainda não houve... nenhum homem novo em minha vida.

— Bem, bonita como você é, isso mudará logo — observou Klein, tentando provocar um sorriso. — O que faz na Sears?

— Utensílios domésticos; sou compradora. Acabando de vir... de uma grande feira... no McCormick Center... montes de papelada, pedidos e coisas assim.

Isso não estava levando a parte alguma. Klein tentou mais algumas perguntas, que também não redundaram em nada. Virou-se e gesticulou para a enfermeira.

— Certo, vamos fazer alguma coisa quanto à dor — disse o professor. Ele recuou um passo como se para não atrapalhar a enfermeira quando ela começou a injetar a morfina na entrada em “Y” da sonda. — Isso vai começar a funcionar em alguns segundos, certo? Vólto já.

Quinn estava esperando no corredor com um policial uniformizado com uma tira xadrez em torno do quepe.

— E então, doutor, qual é o problema? — perguntou o policial.

— A paciente tem alguma coisa séria, possivelmente muito contagiosa.

Preciso revistar seu apartamento.

— Isso não é exatamente legal, o senhor sabe. O senhor devia procurar um juiz e pegar um...

— Não temos tempo para isso. Estamos com as chaves dela. Poderíamos apenas entrar no apartamento, mas quero você lá para que diga que não fizemos nada errado. — E, além disso, se ela tivesse um alarme contra ladrões, eles não acabariam em cana. — Não temos tempo a perder. Essa mulher está muito doente.

— Muito bem, o meu carro está lá fora. — O policial apontou e os médicos seguiram-no.

— Passou o fax para Atlanta? — perguntou Quinn. Klein balançou a cabeça.

— Vamos olhar o apartamento dela primeiro.

Ele decidiu não usar um casaco. Estava frio lá fora, e a temperatura seria bem pouco hospitaleira para o vírus no evento improvável de que ele tivesse se fixado em suas roupas. A razão dizia-lhe que não havia perigo real lá fora.

Jamais encontrara Ebola clinicamente, mas conhecia muito sobre o vírus. Era lamentavelmente normal que as pessoas aparecessem com doenças cuja presença eles não podiam explicar. Na maior parte do tempo, investigações cuidadosas revelariam como ele fora contraído, mas nem sempre. Mesmo com AIDS, havia um punhado de casos inexplicáveis. Mas apenas um punhado, e o caso zero jamais é inexplicável. O professor Klein estremeceu ao sair. A temperatura estava por volta de um grau negativo, com um vento norte soprando do lago Michigan. Mas não foi por causa disso que ele estremeceu.

Price abriu a porta para a cabine da frente. As luzes estavam apagadas, com exceção de algumas lâmpadas indiretas, bem fracas. O presidente estava deitado de costas e roncando alto o bastante para se

fazer ouvir sobre o zumbido dos motores. Ela teve de resistir à tentação de caminhar na ponta dos pés até ele com um cobertor. Em vez disso, abriu e fechou a porta.

— Talvez haja justiça no mundo, Jeff — observou para o agente Raman.

— Está se referindo à coisa da imprensa?

— É.

— Não aposte nisso — disse o outro agente.

Olharam em torno. Finalmente todos estavam adormecidos, até o chefe de gabinete.

Lá em cima, a tripulação fazia seu trabalho, juntamente com os outros membros da USAF. Tudo estava exatamente como num voo noturno comum enquanto o Força Aérea Um passava sobre o centro de Illinois. Os dois agentes retornaram para as suas poltronas. Três membros da segurança presidencial jogavam cartas, calmamente. Outros estavam lendo ou cochilando.

Uma sargento da Força Aérea desceu a escada em espiral, segurando um envelope — Comunicação expressa para o Patrão — anunciou a sargento.

— E tão importante assim? Chegaremos ao Andrews em cerca de noventa minutos — Eu só as tiro do fax — disse a sargento.

— Certo.

Price pegou a mensagem e seguiu para onde estava Ben Goodley. Era trabalho dele estar por perto para dizer ao presidente o que ele precisava saber sobre os acontecimentos importantes no mundo... ou, neste caso, avaliar a importância de uma mensagem Price balançou o ombro do homem. O agente do serviço nacional de informação abriu um olho.

— Sim?

— Acordamos o Patrão por causa disto?

O especialista correu os olhos pelo texto e balançou a cabeça.

— Pode esperar. Adler sabe o que está fazendo, e há um grupo de trabalho no Estado cuidando disto.

E virou-se em sua poltrona sem dizer mais nenhuma palavra.

— Não toque em nada — disse Klein ao policial. — É melhor para você ficar parado ao lado da porta, mas se quiser nos seguir, não toque em nada. Espere. — O médico enfiou a mão na sacola plástica que trouxera e pegou uma máscara cirúrgica embalada hermeticamente. — Ponha isso, tá?

— Tudo que o senhor disser, doutor.

Klein deu-lhe a chave da casa. O policial abriu a porta. Havia de fato um alarme contra ladrões. O painel de controle ficava do outro lado da porta, mas não estava ligado. Os dois médicos puseram as máscaras e luvas de látex.

Primeiro ligaram todas as luzes — O que estamos procurando? — perguntou Quinn.

Klein já estava olhando. Nenhum cão ou gato para notar sua chegada. Ele não gaiolas de passarinho — parte dele esperara ver um macaco de estimação, mas de algum modo ele sabia que isso não estava escrito nas estrelas. De qualquer modo, o Ebola não parecia gostar muito de macacos. Ele os matava com a mesma celeridade que aplicável em suas vítimas humanas. Plantas, então, pensou ele. Não seria estranho se o hospedeiro do Ebola fosse alguma coisa que não um animal? Essa seria a primeira vez.

Havia plantas, mas nenhuma exótica. Eles ficaram no centro da sala de não tocando em nada com as mãos enluvadas enquanto se viravam lentamente, mas atentos.

— Não vejo nada — reportou Quinn.

— Nem eu. Cozinha.

Havia algumas plantas lá, duas que pareciam como ervas em potes pequenos. Klein não reconheceu seu tipo e decidiu levantá-las.

— Espere. Aqui — disse Quinn, abrindo uma gaveta e encontrando sacos plásticos para

congelamento. As plantas foram colocadas nesses sacos, que foram fechados cuidadosamente pelo médico mais jovem. Klein abriu a geladeira. Nada incomum ali. O mesmo podia ser dito do freezer. Chegou a pensar que talvez tivesse sido algum alimento exótico... mas, não. Tudo que a paciente comia era tipicamente americano.

O quarto era um quarto e nada mais. Não havia plantas nele.

— Alguma peça de roupa? Couro? — propôs Quinn. — O Antrax pode...

— O Ebola não pode. É delicado demais. Conhecemos o organismo com o qual estamos lidando. Ele não pode sobreviver neste ambiente. Simplesmente não pode — insistiu o professor.

Não sabiam muita coisa sobre o maldito vírus, mas uma das coisas que eles faziam no CDC era estabelecer os parâmetros ambientais, quanto tempo o vírus poderia sobreviver em toda uma série de condições. Chicago nesta época do ano era tão inóspita a esse tipo de vírus quanto uma forja. Orlando, algum lugar ao sul, talvez. Mas Chicago?

— Não descobrimos nada — concluiu o professor, absolutamente frustrado.

— Talvez as plantas?

— Sabe como é difícil passar com uma planta pela alfândega?

— Nunca tentei.

— Eu já. Tentei trazer algumas orquídeas selvagens da Venezuela certa vez... — Ele olhou mais um pouco. — Não há nada aqui, Joe.

— O prognóstico dela é tão ruim quanto...

— Sim. — Um par de mãos enluvadas esfregou-se nas calças do macacão cirúrgico. Dentro da borracha de látex, suas mãos estavam suando. — Se não podemos determinar de onde ele vem... se não podemos explicar... — Ele olhou para seu colega mais jovem e alto. — Preciso retornar. Quero dar mais uma olhada na estrutura.

— Alô — disse Gus Lorenz. Olhou as horas. Mas que diabo?

— Gus? — disse a voz.

— Sim. Quem fala?

— Mark Klein, de Chicago.

— Alguma coisa errada? — perguntou Lorenz, ainda grogue. A resposta o fez despertar completamente.

— Eu acho... não, Gus, eu sei que tenho um caso de Ebola aqui.

— Como pode ter tanta certeza?

— Vi o cajado. Eu mesmo o microfotografei. É o Cajado do Pastor, e não estou errado, Gus. Queria que você estivesse aqui.

— Onde ele esteve?

— A paciente é mulher, e não esteve em nenhum lugar em especial. — Klein resumiu o que sabia em menos de um minuto. — Não ha nenhuma explicação imediata para isto.

Lorenz poderia ter objetado que isso não era possível, mas a comunidade médica é bem íntima em seus níveis superiores; ele sabia que Mark Klein era professor de dedicação exclusiva numa das melhores faculdades médicas do mundo.

— Só um caso?

— Sempre começa com um só caso, Gus — recordou Klein ao amigo. A 1.600 quilômetros dali, Lorenz tirou as pernas da cama e pisou no chão.

— Certo. Preciso de um espécime.

— Tenho um mensageiro a caminho do O'Hare agora. Ele pegará o primeiro voo. Posso enviar as microfotografias por e-mail para você agora mesmo.

— Dê-me uns quarenta minutos para acordar. — Gus?

— Sim?

— Há alguma coisa nas pesquisas de tratamento que eu não saiba? Temos uma paciente muito doente aqui — disse Klein, torcendo para que, pela primeira vez, não estivesse a par de algum avanço em seu campo.

— Temo que não, Mark. Nada novo que eu conheça.

— Merda. Bem, veremos o que pode ser feito aqui. Ligue-me quando chegar lá. Estou no meu escritório.

Lorenz foi até o banheiro e jogou um pouco de água no rosto, provando para si mesmo que aquilo não era um sonho. Não, ele pensou. Era um pesadelo.

Este privilégio presidencial era um dos poucos que a imprensa respeitava.

Ryan foi o primeiro a descer. Saudou o sargento da USAF e caminhou os 45 metros até o helicóptero. Dentro da aeronave, fechou rapidamente seu cinto de segurança e voltou a dormir. Cinquenta minutos depois, foi acordado novamente, desceu mais alguns degraus, saudou um fuzileiro desta vez, e seguiu para a Casa Branca. Dez minutos depois, estava dormindo num lugar que não se movia.

— Boa viagem? — perguntou Cathy, um olho parcialmente aberto.

— Longa — reportou o marido, voltando a dormir.

O primeiro voo de Chicago para Atlanta decolava às 6:15 da manhã, hora central. Antes disso, Lorenz estava em seu escritório, ao seu terminal de computador, conectado na Internet e falando por um telefone ao mesmo tempo.

— Estou baixando a imagem agora.

Enquanto o homem mais velho observava, a microfoto crescia do topo para o fundo da tela, uma linha por vez, mais rápido do que chegaria por um fax, e muito mais detalhado — Diga-me que estou errado, Gus — pediu Klein, sem nenhuma esperança na voz — Acho que você está certo, Mark. — Fez uma pausa até a imagem acabar de . formar. — É o nosso amigo.

— Por onde ele tem andado?

— Bem, tivemos alguns casos no Zaire, e mais dois reportados no Sudão. Até onde me consta, só isso. A sua paciente, ela esteve...

— Não. Até agora não pude identificar nenhum fator de risco ao qual ela tenha sido exposta. Considerando o período de incubação, ela provavelmente contraiu o vírus aqui em Chicago. E isso não é possível, é?

— Sexo? — perguntou Lorenz. Ele quase pôde ouvir a cabeça do colega balançar do outro lado da linha.

— Perguntei. Ela disse que não tem relações sexuais há algum tempo.

Algum outro relato em outro lugar?

— Não. Nenhum relato em parte alguma. Mark, você tem certeza do que me disse? — Por mais insultuosa que fosse a pergunta, ela precisava ser formulada.

— Gostaria de não ter. A microfoto que enviei é a terceira que tiramos. O sangue dela está cheio do vírus, Gus. Espere um pouco. — Ele ouviu uma conversa abafada. — Ela acaba de acordar. Disse que teve um dente extraído há mais ou menos uma semana. Temos o nome de seu dentista. Vamos checar isso.

É tudo que temos.

— Muito bem, mande-me a sua amostra. É apenas um caso. Não vamos ficar nervosos por causa disso.

Raman chegou em casa um pouco antes do alvorecer. Foi conveniente que, àquela hora do dia, as ruas

estivessem quase desprovidas de tráfego. Ele não estava em condições de dirigir com segurança. Chegando em casa, seguiu a rotina normal. Na sua secretária eletrônica havia outro número errado, a voz do Sr. Alahad.

A dor era tão severa que o acordou de seu sono de exaustão. Caminhar os seis metros em torno da cama e até o quarto pareceu um esforço de maratona, mas ele conseguiu, mesmo cambaleando. Sentia uma dor de barriga terrível, o que o surpreendeu, porque não comera muito nos últimos dias, apesar da insistência da mulher em canja de galinha e torradas. Quase não teve tempo de abaixar a bermuda e sentar na privada. Simultaneamente, seu sistema gastrointestinal superior também pareceu explodir, e o ex-profissional de golfe dobrou o corpo, vomitando nos ladrilhos do banheiro. Sentiu um constrangimento instantâneo por ter feito coisa tão animalésca. Então viu o que havia aos seus pés.

— Querida? — chamou debilmente. — Socorro...

Hemorragia

Seis horas de sono, talvez um pouco mais, era melhor do que nada. Esta manhã Cathy acordou primeiro, e o pai da Primeira Família chegou para o desjejum com a barba por fazer, sentindo cheiro de café.

— Estou me sentindo tão mal que queria ter uma ressaca para culpar — proclamou o presidente. Os jornais diários estavam nos locais usuais. Um bilhete estava afixado na primeira página do Washington Post, logo acima de um artigo coassinado por Bob Holzman e John Plumber. Agora, isso era algo decente para se começar um dia, disse Jack a si mesmo.

— Isso é o que chamo de baixaria — disse Sally Ryan. Ela já vira a cobertura de TV sobre a controvérsia. — Uma tremenda molecagem. — Teria dito sacanagem, termo em voga entre as mocinhas da St. Mary's School, mas papai não estava preparado para reconhecer o fato de que sua Sally estava falando como um adulto.

— Hã-hã — replicou o pai.

A matéria apresentava mais detalhes do que era possível em alguns minutos de tempo televisivo. E dava nome aos bois: fora Ed Kealty que, informado por uma fonte da CIA — isso não era surpresa alguma, mas mesmo assim era contra a lei —, vazara informações não inteiramente verídicas e, ainda pior, tinha configurado um ataque político deliberado contra o presidente, usando a mídia como cão de ataque. Jack soltou uma risadinha. Como se isso fosse novidade. A ênfase do Post estava na violação grosseira da integridade jornalística. Segundo o artigo, a retratação de Plumber tinha sido muito sincera.

Segundo a matéria, os altos executivos da divisão de notícias da NBC haviam declinado de tecer qualquer comentário. A matéria também dizia que o Post estava com as fitas sob sua custódia, e que elas estavam absolutamente ilesas.

Jack avaliou que o Washington Times estava igualmente irado, mas não da mesma forma. A questão provocaria uma colossal guerra civil na imprensa de Washington, coisa que, como observou o editorial do Times, os políticos certamente assistiriam de camarote.

Bem, disse Ryan a si mesmo, isso vai desgrudá-los das minhas costas por algum tempo.

Em seguida, abriu a pasta de cartolina lacrada com a fita de secreto. Este documento, percebeu, era muito velho.

— Filhos da puta — sussurrou POTUS.

— Pelo menos eles prejudicaram a si mesmos desta vez — disse Cathy, que também estava lendo um jornal.

— Não — replicou o presidente. — China.

Ainda não era uma epidemia, porque ninguém sabia ainda sobre a doença.

Os médicos já estavam reagindo com surpresa a telefonemas de pessoas doentes. Telefonemas nervosos, se não apavorados, para serviços de recado haviam acordado mais de vinte médicos por todo o país. Vômitos e diarreia de sangue foram reportados em todos os casos, mas havia diversos problemas médicos que podiam explicar esses sintomas. Úlceras hemorrágicas, por exemplo, e muitos dos

telefonemas vinham de executivos para quem o estresse era tão natural quanto seus ternos e gravatas. A maioria era instruída a procurar a emergência do hospital mais próximo, e em quase todos os casos o médico vestia-se para encontrar seu paciente lá, ou mandava um colega de confiança.

Alguns eram instruídos a chegar ao consultório bem no começo da manhã, geralmente entre as oito e nove, para ser os primeiros pacientes do dia e não interferirem na agenda.

Gus Lorenz não gostava de ficar sozinho em seu escritório e chamara alguns membros da equipe para juntar-se a ele diante do computador. Ao entrarem, notaram que o cachimbo do médico estava aceso. Um deles preparou-se para objetar — aquilo era uma infração às normas federais —, mas desistiu ao ver a imagem na tela.

— De onde veio isso? — perguntou o epidemiologista.

— Chicago.

— Nossa Chicago?

Pierre Alexandre chegou ao seu escritório no 11º andar do Edifício Ross logo depois das oito da manhã. Sua rotina matinal começava com a checagem do fax. Os médicos tratando de casos de AIDS costumavam enviar-lhe informações sobre pacientes dessa forma. Isso permitia-lhe monitorar um número maior de pacientes, tanto para aconselhar opções de tratamentos quanto para aumentar sua própria base de conhecimento. Esta manhã havia apenas um fax, e ele trazia uma notícia relativamente boa. A Merck acabara de lançar uma nova droga que a FDA estava testando com urgência, e um amigo dele em Penn State estava reportando alguns resultados interessantes. Foi quando o telefone locou.

— Dr. Alexandre.

— Aqui é a sala de emergências, senhor — disse uma residente. — Pode descer até aqui? Estou com paciente, homem branco, 37 anos. Febre alta, hemorragia interna. Não sei o que ele tem... Ou melhor, sei com o que parece, mas...

— Estou aí em cinco minutos.

— Sim, senhor.

O biólogo cirurgião virólogo molecular vestiu seu jaleco desbotado, abotoou-o e desceu até a sala de emergências, que ficava num prédio separado no compus da Hopkins. Até no exército ele se vestia da mesma forma. A Aparência de Médico, como ele chamava. Estetoscópio no bolso direito. Nome bordado no lado esquerdo. Expressão plácida no rosto enquanto caminhava até a sala de emergências quase totalmente ociosa. O plantão noturno era o período mais duro. Ali estava a médica residente, bonita como um botão de rosa... colocando uma máscara cirúrgica. O que podia estar tão errado a essa hora do dia?

— Bom dia, doutor — disse a residente, com seu encantador sotaque creole.

— O que lhe parece? — perguntou, entregando-lhe um prontuário e começando a falar enquanto ele lia. — Sua esposa o trouxe. Febre alta, alguma desorientação, batimento cardíaco baixo, provável hemorragia interna, vômito e fezes com sangue. Há algumas marcas em seu rosto — reportou a residente. — Não estou segura o bastante para dizer o que penso.

— Certo, vamos dar uma olhada.

A moça parecia uma médica promissora, pensou Alexandre. Ela sabia o que não sabia, e tinha ligado para pedir seu conselho... mas por que não ligara para um dos especialistas em medicina interna?, questionou-se o ex-coronel, dando outra olhada no rosto da médica. Ele colocou a máscara e as luvas; passou pela cortina de isolamento.

— Bom dia, sou o Dr. Alexandre — disse ele ao paciente.

Os olhos do homem estavam limpos, mas foram as marcas em suas faces que fizeram Alexandre parar de respirar. Era o rosto de George Westphal, voltando para Alex depois de quase uma década.

— Como ele chegou aqui?

— Seu médico particular disse à mulher dele para trazê-lo. Ele tem privilégios no Hopkins.

— O que ele faz ? É foto jornalista? Diplomata? Alguma coisa que o faça viajar muito? A residente balançou a cabeça.

— Ele vende trailers. Winnebagos, RVs e veículos assim. Trabalha numa concessionária na Pulaski Highway.

Alexandre olhou em torno. Havia um estudante de medicina e duas enfermeiras, além da residente que estava conduzindo o caso. Todos enluvados, todos mascarados Bom. Ela era esperta, e agora Alex sabia por que estava assustada.

— Sangue?

— Já extraímos, doutor. Estamos fazendo a correlação com outros casos agora. Aqui estão espécimes para análise no seu laboratório.

O professor assentiu.

— Bom. Interne-o imediatamente. Minha unidade. Preciso de um recipiente para os tubos. Tome cuidado com todas as agulhas.

Uma enfermeira saiu para fazer os preparativos.

— Professor, isto parece... quero dizer, não pode ser, mas...

— Não pode ser — concordou. — Mas mesmo assim parece. Essas manchas são petéquias, iguazinhas às que vemos nos livros. Assim, por enquanto vamos tratar dele como se ele tivesse o que parece ter, entendido?

A enfermeira retornou com os recipientes apropriados. Alexandre olhou para os espécimes extras de sangue.

— Assim que enviá-lo lá para cima, mande todo mundo fazer assepsia completa. Não há tanto perigo envolvido, desde que vocês tomem as precauções adequadas. A esposa dele está por perto?

— Sim, doutor, na sala de espera.

— Mande alguém levá-la ao meu escritório. Preciso fazer-lhe algumas perguntas. Dúvidas? — Não havia nenhuma. — Então vamos entrar em ação.

O Dr. Alexandre checkou visualmente o recipiente plástico para o sangue e, depois de averiguar que estava perfeitamente lacrado, enfiou-o no bolso lateral do jaleco. A calma Aparência de Médico desapareceu enquanto caminhava até o elevador. Olhando as portas automáticas se fecharem, ele disse a si próprio que não, isso não era realmente possível. Talvez fosse outra coisa. Mas o quê?

Leucemia tinha alguns desses sintomas e, por pior que fosse dar esse diagnóstico, era preferível à doença que parecia ser. As portas abriram-se e ele caminhou a passos largos até o laboratório.

— Bom dia, Janet — disse ao entrar.

— Oi, Alex — replicou Janet Clemenger, uma Ph.D. em biologia molecular.

Ele tirou a caixa plástica do bolso.

— Preciso que isto seja feito com urgência. Para ontem.

— O que é? — Ela raramente recebia ordens de parar tudo que estava fazendo, especialmente no começo de um dia de trabalho.

— Parece febre hemorrágica. Trate isso como nível... quatro. Janet arregalou os olhos.

— Aqui?!

Pessoas estavam fazendo a mesma pergunta por toda a América, mas nenhum deles tinha ainda certeza.

— Não trazer o paciente daqui a pouco. Preciso falar com a mulher dele. Ela pegou o recipiente e pousou-o gentilmente no balcão.

— Os testes de anticorpos usuais?

— Sim, e por favor, tome cuidado, Janet.

— Sempre tomo — assegurou ela. Como Alexandre, ela realizava vários experimentos com AIDS.

Em seguida, Alexandre seguiu até o escritório para telefonar para Dave James.

— Tem certeza? — perguntou o reitor dois minutos mais tarde.

— Dave, por enquanto é apenas uma possibilidade, mas... já vi a doença antes. Os sintomas são idênticos aos de George Westphal. Coloquei Jan Clemenger para trabalhar nisso. Até sabermos mais, acho que teremos de levar isso a sério. Se os resultados de laboratório forem os que espero, telefonarei para Gus e nós declararemos um alerta para valer.

— Bem, Ralph volta de Londres depois de amanhã. Por enquanto é o seu departamento, Alex. Mantenha-me informado.

— Entendido — disse o ex-soldado. Então chegou a hora de falar com a esposa do paciente.

Na sala de emergências, os auxiliares de enfermagem estavam esfregando o assoalho, supervisionados pela enfermeira de plantão na sala de emergências.

Do alto veio o som inconfundível de um helicóptero Sikorsky. A primeira-dama estava chegando para o trabalho.

— E então ele não saiu do país? — Alex estava esgotando sua lista de perguntas básicas.

— Não, ele não saiu — assegurou a esposa do paciente. — Só viajou para a exposição de trailers. Ele comparece todos os anos.

— Senhora, tenho de fazer-lhe uma série de perguntas, e algumas delas podem parecer ofensivas. Por favor, compreenda que preciso fazer essas perguntas para ajudar seu marido. — Ela assentiu. Alexandre procurou abordar o problema com a maior delicadeza possível.

— A senhora tem algum motivo para suspeitar que seu marido anda saindo com outras mulheres?

— Não.

— Desculpe, eu tinha de perguntar isso. Vocês têm bichinhos exóticos?

— Só dois cães da raça Chesapeake Bay — respondeu, surpresa com a pergunta.

— Macaco? Qualquer coisa de fora do país?

— Não, nada disso.

Isto não vai levar a parte alguma. Alex não conseguia pensar em nenhuma outra pergunta relevante. Esperava-se que ela dissesse sim à pergunta da viagem. — A senhora conhece alguém, algum membro da família, amigo, qualquer um, que viaje com frequência!

— Não. Posso ver meu marido?

— Sim, a senhora pode, mas primeiro precisamos acomodá-lo neste quarto e proceder a alguns tratamentos.

— Ele vai... quero dizer, ele nunca ficou doente, ele corre, não fuma, não bebe e sempre fomos cuidadosos. — E então ela começou a perder o controle.

— Não vou mentir para a senhora. O seu marido parece ser um homem muito doente, mas o seu médico de família enviou-o para o melhor hospital do mundo. Estou apenas começando a trabalhar aqui. Passei mais de vinte anos no Exército, todos eles na área de doenças infecciosas. Portanto, ele está no lugar certo, e sou o médico certo.

Era preciso dizer palavras assim, por mais vazias que fossem. A única coisa que você jamais podia fazer era privar as pessoas de suas esperanças. O telefone tocou.

— Fala o Dr. Alexandre.

— Alex, é Janet. O teste de anticorpos deu positivo para o Ebola. Fiz o teste duas vezes — disse a médica residente. — Estou enviando um tubo fechado para a CDC, e a microscopia estará pronta para seguir em cerca de 15 minutos.

— Muito bem. Estarei lá para receber a microscopia. — Ele desligou.

Virando-se para a mulher do paciente, disse: — Deixe-me levá-la até a sala de espera e apresentá-la às enfermeiras. Temos algumas enfermeiras muito competentes em minha unidade.

Esta não era a parte divertida, ainda que o campo das doenças infecciosas não fosse particularmente divertido. Ao tentar dar-lhe esperanças, Alexandre provavelmente arrumara-a demais. Agora ela ouviria tudo que ele dissesse achando que estava falando com a voz de Deus, mas neste instante Deus não tinha nenhuma resposta, e ele ainda teria de explicar-lhe que as enfermeiras também iriam extrair um pouco de seu sangue para exames.

— O que você acha, Scott? — perguntou Ryan, a 13 fusos horários de distância.

— Bem, eles certamente sabem o que estão fazendo. Jack?

— Sim?

— Já me encontrei duas vezes com o tal Zhang. Ele não fala muito, mas é um peixe bem maior do que achávamos. Acho que está vigiando o ministro das Relações Exteriores. Ele é um jogador, presidente. Mande os Foley abrirem um arquivo sobre o cara e colocar uma bandeira grande em cima.

— Taipé aceitará fazer o ressarcimento? — indagou ESPADACHIM.

— Você aceitaria?

— Meu instinto seria dizer onde eles podem enfiar o ressarcimento, mas não posso perder a cabeça, lembra?

— Eles escutarão a exigência, e então me perguntarão sobre a posição dos Estados Unidos da América. Que direi a eles?

— Por enquanto, defendemos a paz e a estabilidade.

— Posso fazer isso durar uma hora, talvez duas. E depois? — persistiu o secretário de Estado.

— Você conhece a área melhor do que eu. Qual é o jogo, Scott?

— Não sei. Pensei que soubesse, mas não sei. Primeiro eu estava torcendo para que tivesse sido mesmo um acidente. Depois pensei que eles estavam balançando demais a gaiola... a de Taiwan, quero dizer. Não, não é isso. Eles estão empurrando com força demais na direção errada para ser isso. Terceira opção, eles estão fazendo tudo isso para testar você. Nesse caso, eles estão jogando duro... duro demais. Eles ainda não o conhecem bem o bastante, Jack.

É uma aposta grande demais para a primeira mão da noite. Km resumo: não sei o que eles estão pensando. Sem saber disso, não posso lhe dizer como agir.

— Sabemos que eles apoiaram o Japão... Zhang esteve pessoalmente por trás daquele maldito Yamata e...

— Sim, eu sei. E eles devem saber que nós sabemos, e essa é mais uma boa razão para não ficarmos putos. Havia muitas fichas na mesa, Jack — enfatizou novamente Adler.

— E não vejo razão para isso.

— Vamos dizer a Taiwan que iremos apoiá-los?

— Certo, mas se fizer isso e a República Popular da China aumentar a aposta, lembre-se de que temos milhares... merda, temos quase cem mil cidadãos lá, e eles serão reféns. Não vou entrar nas considerações comerciais, mas esse é um risco alto em termos político-econômicos.

— Mas se não apoiarmos Taiwan, eles irão pensar que estão sozinhos e encurralados...

— Sim, senhor, e a mesma coisa acontece da outra direção. Minha melhor sugestão é remar de acordo com a maré. Transmitirei a exigência, Taipé dirá não, então sugerirei que eles sugiram manter a questão em suspenso até que seja determinado quem abateu o avião de passageiros. Para isso, recorreremos à ONU. Nós, os Estados Unidos, levaremos a questão para o Conselho de Segurança. Isso amarrará a situação. Mais cedo ou mais tarde, sua frota ficará sem combustível. Como temos um porta-aviões na vizinhança, nada realmente pode acontecer. Ryan franziu a testa.

— Não vou dizer que gosto disso, mas farei como você está dizendo. Isso durará um dia ou dois, de qualquer modo. Meu instinto é apoiar Taiwan e mandar a China chupar prego.

- O mundo não é tão simples, e você sabe disso — sentenciou a voz de Adler.
- A mais pura verdade. Prossiga como você disse, Scott, e me mantenha a par de tudo.
- Sim, senhor.

Alex olhou as horas. Ao lado do microscópio elétrico estava o caderninho de anotações da Dra. Clemenger. As 10:16 ela o levantou, anotou a hora e escreveu que ela e seu colega professor haviam confirmado a presença do vírus Ebola. Do outro lado do laboratório, um técnico realizava um teste com a amostra de sangue da esposa do Paciente Zero. Era positivo para os anticorpos do Ebola. Ela também estava contaminada; embora ainda não soubesse.

— Eles têm filhos? — perguntou Janet, quando as notícias chegaram.

— Dois, ambos longe, na escola.

— Alex, a não ser que você tenha algum conhecimento que eu não tenho... espero que o seguro de vida dos dois esteja em dia.

Clemenger não tinha nível de pesquisadora, mas em momentos como esse ela não se importava. Médicos conhecem seus pacientes bem melhor do que os cientistas puros — O que mais pode me dizer?

— Preciso mapear os genes um pouco, mas veja só. — Ela cutucou a tela. — Vi a forma como os filamentos de proteína estavam agrupados, e esta estrutura aqui embaixo? — Janet era a maior especialista do laboratório em estrutura de vírus.

— Mayinga? — Meu Deus, foi isso que matou George... e ninguém sabia como George fora contaminado, e ele não sabia como este novo paciente...

— Cedo demais para ter certeza. Você sabe o que preciso fazer para determinar isso, mas...

— Faz sentido. Não há fatores de risco conhecidos para ele, e talvez também não para ela. Deus nos ajude, Janet, se for transmissível pelo ar!

— Eu sei, Alex. Quem liga para Atlanta? Você ou eu?

— Eu ligo.

— Vou começar a dividir o maldito — prometeu Janet.

Pareceu uma caminhada longa do laboratório até o escritório. Sua secretária já haviam chegado e percebeu que ele não estava bem.

— O Dr. Lorenz está numa reunião agora — disse outra secretária. Isso geralmente afugentava as pessoas. Não desta vez: — Interrompa se puder, por favor. Diga-lhe que é Pierre Alexandre do Johns Hopkins, e que é importante.

— Sim, doutor. Aguarde um pouco, por favor. — Ela pressionou um botão e em seguida outro, fazendo tocar a linha sala de conferências. — Dr. Lorenz por favor. É urgente.

— Sim, Marjorie?

— Estou com o Dr. Alexandre na linha três. Ele diz que é importante, senhor.

— Obrigado. — Gus trocou de linha. — Fale rápido, Alex, estamos com um problema grave aqui — disse num tom quase comercial.

— Eu sei. O Ebola chegou deste lado do mundo — anunciou Alexandre.

— Você também falou com Mark?

— Mark? Que Mark? — disse o professor.

— Espere, espere, Alex. Por que ligou para cá?

— Temos dois pacientes na minha unidade, e ambos estão contaminados, Gus.

— Em Baltimore?

— Sim, agora o que... onde mais, Gus?

— Mark Klein está com um caso em Chicago: mulher, 41 anos. Já microfotografei amostra de sangue. — Em duas cidades distantes, dois especialistas estavam fazendo exatamente a mesma coisa. Um par de

olhos olhou para uma parede num escritório pequeno. O outro par se voltou para a mesa de conferências à qual sentavam-se dez outros médicos e cientistas. As expressões foram exatamente iguais. — Algum dos dois esteve em Chicago ou Kansas City?

— Negativo — informou o ex-coronel. — Quando o caso de Klein se manifestou?

— Ontem à noite, por volta das dez. O seu?

— Um pouco antes das oito. O marido tem todos os sintomas. A mulher não, mas o exame de sangue deu positivo... mas que merda, Gus...

— Preciso ligar agora para Detrick.

— Faça isso. Fique de olho na máquina de fax, Gus — aconselhou o professor Alexandre. — E torça para que tudo isto seja um puta erro. — Mas não era, e ambos sabiam disso agora.

— Fique perto do telefone. Posso querer informações.

— Combinado.

Alex pensou na situação enquanto desligava. Ele também tinha um telefonema para dar — Dave, é Alex.

— E então? — perguntou o reitor.

— Marido e mulher, ambos positivos. Mulher ainda não está sintomática.

Marido apresenta todos os sinais clássicos.

— Então, qual é a história, Alex? — perguntou o reitor.

— Dave, a história é que peguei Gus no meio de uma reunião de equipe.

Eles estavam discutindo um caso de Ebola em Chicago. Mark Klein recebeu o caso por volta da meia-noite. Não há familiaridade entre esse caso e o nosso Paciente Zero. Eu acho... acho que temos uma epidemia potencial nas mãos.

Precisamos colocar nosso pessoal de emergência em estado de alerta. É provável que recebamos pacientes perigosos.

— Epidemia? Mas...

— Esse é o meu palpite, Dave. O CDC está falando com o Exército. Eu sei exatamente o que eles dirão em Detrick. Seis meses atrás, seria eu quem tomaria essas providências.

A outra linha de Alexandre começou a tocar. Sua secretária atendeu no escritório externo. Um momento depois, sua cabeça apareceu na fresta da porta.

— Doutor, é da sala de emergências. Estão dizendo que precisam do senhor.

Alex comunicou essa mensagem ao reitor.

— Vou me encontrar com você aí, Alex — disse-lhe Dave James.

— No próximo recado em sua secretária você está livre para completar a missão — disse o Sr. Alahad. — O momento certo fica a seu critério. — Alahad quis acrescentar que seria melhor para ele se Raman apagasse todas as suas mensagens, mas pareceria fútil pedir isso a alguém disposto a se sacrificar. — Nós não nos encontraremos mais nesta vida.

— Preciso ir para o meu local de trabalho. — disse Raman, uma certa hesitação na voz.

Então a ordem finalmente chegara. Os dois homens se abraçaram, e o mais jovem se retirou.

— Cathy?

Ela levantou os olhos para ver a cabeça de Bernie Katz na fresta da porta de seu escritório.

— Sim, Bernie?

— Dave convocou uma reunião de chefes de departamento às duas horas em seu escritório. Estou de partida para Nova York para dar aquela conferência na Columbia, Hal vai operar esta tarde. Cuida das coisas para mim?

— Claro, estou desimpedida.

— Obrigado, Cathy.

A cabeça de Bernie desapareceu novamente. CIRURGIÃ voltou a ler seus prontuários.

Na verdade, o reitor mandara sua secretária convocar a reunião enquanto caminhava até a porta.

David James estava na sala de emergências. Por trás da máscara e parecia com qualquer outro médico.

Este paciente não tinha nenhuma relação com os outros dois. Observá-lo a três metros de distância, num canto da sala de emergências, ofereceu um quadro bastante claro da situação: eles viram-no vomitar num recipiente plástico.

Houve ampla evidência de sangue.

A mesma jovem residente estava trabalhando neste caso.

— Ele não realizou nenhuma viagem para o exterior. Disse que esteve em Nova York para fazer algumas coisas. Teatro, feira de automóveis, coisas normais de turista. E quanto ao primeiro?

— Positivo para vírus Ebola — disse-lhe Alex.

A cabeça da residente girou como a de uma coruja.

— Aqui?

— Aqui. Não fique surpresa demais, doutora. Foi você quem me chamou, lembra? Alexandre virou-se para o reitor James e levantou uma sobrancelha.

— Todos os chefes de departamento no meu escritório às duas. Não posso agir mais rápido, Alex. Um terço deles está operando ou cuidando de pacientes neste momento.

— Ross para este? — perguntou a residente. Ela tinha uma paciente para cuidar.

— O mais rápido que você puder.

Alexandre pegou o reitor pelo braço e conduziu-o para fora. Ali, usando seu avental cirúrgico, ele acendeu um charuto, para a surpresa dos guardas de segurança, que policiavam a proibição do fumo ali fora.

— Mas que merda está acontecendo?

— Você sabe, há uma coisa a ser dita sobre coisas assim. — Alex deu algumas baforadas. — Posso lhe dizer o que pensarão lá em Detrick, com toda certeza do mundo.

— Prossiga.

— Dois casos-índice separados, Dave, 1.600 quilômetros de distância, e oito horas de diferença em tempo. Nenhum tipo de conexão. Nenhuma familiaridade. Acho que há uma epidemia — disse Pierre Alexandre, dando outra baforada no charuto.

— Não há dados suficientes para sustentar isso — disse o reitor James.

— Estou torcendo para estar errado. Eles examinarão a situação em Atlanta.

Há gente boa lá. Os melhores. Mas eles não veem esse tipo de coisa da mesma forma que eu usei aquele uniforme verde por um bom tempo. — Outra baforada.

— Bem, veremos qual é o melhor apoio que podemos conceder. Somos melhores do que qualquer lugar na África. Chicago também. Assim como todos os outros lugares que reportarão casos, suponho.

— Outros? — Por melhor médico que fosse, James ainda não estava entendendo.

— A primeira tentativa em guerra biológica foi realizada por Alexandre o Grande. Ele usou catapultas para lançar corpos de vítimas da peste numa cidade sitiada. Não sei se funcionou ou não. Ele tomou a cidade de qualquer modo, massacrou todos os cidadãos e seguiu viagem.

Alex pôde ver que James tinha entendido agora. O reitor estava tão pálido quanto o novo paciente lá dentro.

— Jeff? — Raman estava no posto de comando local analisando a agenda de POTUS. Tinha uma

missão para completar agora, e era hora de fazer algum planejamento. Andréa caminhou até ele. — Faremos uma viagem a Pittsburgh na sexta. Quer ir até lá com a equipe avançada? Há alguns problemas locais que foram identificados no hotel.

— Certo. Quando parto? — perguntou o agente Raman.

— O voo sai em noventa minutos. — Ela deu-lhe uma passagem. — Você volta amanhã à noite.

Melhor assim, pensou Raman. Ele talvez até conseguisse sobreviver. Se ele fosse estruturar toda a segurança num desses eventos, sobreviver seria uma possibilidade. A ideia do martírio não o incomodava muito, mas se a sobrevivência fosse possível, optaria por ela.

— Perfeito — replicou o assassino. Ele não precisava se preocupar com malas, os agentes da segurança presidencial sempre têm uma bolsa pronta no carro.

Foram necessárias seis passagens de satélite antes que o oficial da reserva Marinha estivesse disposto a fazer sua estimativa da situação. Todas as seis divisões usadas da URI que haviam participado do jogo de guerra estavam agora de prontidão com manutenção completa. Alguns diriam que era normal uma unidade entrar num ciclo rigoroso de manutenção depois de um exercício grande, mas seis divisões — de corporações pesadas — ao mesmo tempo era um pouco demais. Os dados foram transmitidos imediatamente para os governos da Arábia Saudita e do Kuwait. Nesse meio tempo, o Pentágono ligou para a Casa Branca.

— Sim, secretário — disse Ryan.

— A SNIE ainda não está pronta para a URI, mas recebemos... bem, algumas informações perturbadoras. Deixarei o almirante Jackson apresentá-las.

O presidente ouviu, e não precisou muito em termos de análise, embora quisesse que as estimativas especiais da informação nacional em sua mesa lhe dessem uma notícia melhor das intenções políticas da URI.

— Recomendações? — perguntou depois que Robby tinha saído.

— Acho que é um bom momento para fazer os barcos em Diego se mexerem. Não fará mal nenhum exercitá-los um pouco. Podemos movê-los durante dois dias a todo vapor sem que ninguém repare. Em seguida, recomendo que emitamos ordens de alerta para a XVIII Corpo Aerotransportado. Ele é composto pela 82ª, 1ª e 24ª divisões blindadas — Isso fará barulho? — perguntou Jack.

— Não, senhor. Será tratado como um alerta de treinamento. Fazemos coisas assim o tempo todo. Tudo que isso faz realmente é deixar os oficiais comissionados pensando.

— Faça então. Aja com discrição.

— Esse seria um bom momento para realizar um exercício conjunto com navios amigáveis na região — sugeriu o J-3.

— Pensarei nisso. Mais alguma coisa?

— Não, presidente — replicou Bretano. — Manteremos o senhor informado.

Por volta do meio-dia, o número de fax recebidos no CDC Atlanta já passou dos trinta, vindos de dez estados diferentes. Os fax foram encaminhados para Detrick, Maryland, lar da USAMRIID (United States Army Medical Research Institute for Infectious Diseases: Instituto de Pesquisas Médicas de Doenças Infecciosas do Exército dos Estados Unidos da América) (N do T.), a versão militar do CDC, o Centro de Controle de Doenças, em Atlanta. Por mais assustadoras que fossem as informações, elas eram simplesmente um pouco assustadoras demais para julgamento rápido. Uma grande reunião de equipe foi marcada para logo depois do almoço, enquanto os oficiais comissionados e civis tentavam organizar os dados. Os oficiais mais graduados de Walter Reed entraram em seus carros para seguir a Interstate-70.

— Dra. Ryan?

— Sim? — disse Cathy, levantando os olhos.

— A reunião no escritório do Dr. James foi antecipada — disse sua secretária. — Eles querem a senhora lá imediatamente.

— Acho melhor ir, então.

A primeira-dama se levantou e caminhou até a porta. Roy Altman estava de pé ali.

— Algo que eu precise saber? — perguntou o agente principal de CIRURGIÃ.

— Aconteceu alguma coisa. Não sei ainda o que é.

— Onde fica o escritório do reitor? — Ele nunca tinha estado lá antes. Todas as reuniões de equipe à qual ela comparecera recentemente tinham sido em Maunienee.

— Ali. — Ela apontou. — Do outro lado da Monument Street, no prédio administrativo.

— CIRURGIÃ em movimento para norte, rumo à Monument Street — Os agentes simplesmente apareceram de parte alguma, ou pelo menos foi o que pareceu. Não fossem pelos acontecimentos recentes, aquilo teria parecido engraçado. — Se não se importar, ficarei dentro da sala com a senhora. Ficarei fora do caminho — prometeu Altman.

Cathy assentiu. Não havia motivo para brigar. Tinha certeza que Altman odiaria o escritório do reitor por causa de suas janelas enormes. Era uma caminhada de apenas dez minutos até lá. Cathy saiu para atravessar a rua, ansiosa por um pouco de ar fresco. Entrando no prédio, encontrou vários amigos seus, chefes de departamento ou altos funcionários, todos seguindo na mesma direção. O pessoal da diretoria sempre estava viajando, um motivo pelo qual Cathy não tinha certeza se gostaria de ter esse cargo algum dia. Pierre Alexandre entrou esbaforido, vestindo avental cirúrgico, carregando uma pasta, parecendo muito preocupado quando quase esbarrou com ela. Um agente do Serviço Secreto impediu isso.

— Estou feliz por você estar aqui, Cathy — disse ele enquanto passava. — E eles tombem.

— E bom ser apreciado — observou Altman para um colega, enquanto o reitor aparecia na porta.

— Entrem.

Uma olhada na sala de conferências convenceu Altman a baixar as persianas com suas próprias mãos. As janelas davam para uma rua de casas de tijolos anônimas. Alguns dos médicos olharam-no irritados, mas sabiam quem ele era e não objetaram.

— A reunião está aberta — disse Dave James, antes mesmo de todos se sentarem. — Alex tem uma coisa muito importante a nos dizer.

Não houve preâmbulo: — Temos cinco casos de Ebola em Ross neste exato momento. Todos foram registrados hoje.

Cabeças viraram-se rapidamente. Cathy piscou em sua cadeira na ponta da mesa.

— Estudantes de algum lugar? — perguntou o diretor de cirurgia. — Do Zaire?

— Um comerciante de automóveis e sua esposa, um vendedor de barcos de Annapolis, e mais três pessoas. Respondendo à sua pergunta, não. Não houve nenhuma forma de viagem internacional. Quatro dos cinco são completamente sintomáticos. A esposa do comerciante de automóveis apresenta anticorpos, mas ainda nenhum sintoma. Essas são as boas notícias. Nosso caso não foi o primeiro. O CDC tem casos reportados em Chicago, Filadélfia, Nova York, Boston e Dallas. Era essa a situação até uma hora atrás. O total de casos reportados é de 12, e esse número duplicou entre dez e 11. Provavelmente ainda está crescendo.

— Meu Deus — murmurou o diretor de medicina.

— Todos vocês sabem o que eu fazia antes de vir para cá. Imagino que neste exato momento está havendo uma reunião em Forte Detrick. A conclusão dessa reunião será de que esta não é uma epidemia acidental. Alguém iniciou uma campanha de guerra biológica contra o nosso país.

Cathy notou que ninguém se opôs à análise de Alexandre. Ela sabia o motivo. Os outros médicos na sala eram tão brilhantes que às vezes ela se perguntava se estava a altura deles — ela nunca considerara que a maioria deles nutria os mesmos pensamentos. Todos estavam entre os maiores especialistas

mundiais em seus campos, e pelo menos quatro entre eles eram considerados autoridades máximas. Mas todos dedicavam algum tempo, como ela fazia, a almoçar com um colega de campo diferente para trocar informações. Como Cathy, todos eram fanáticos por aprender. Todos queriam saber tudo, mesmo cientes de que isso era impossível, mesmo num campo profissional específico, nada podia impedi-los de tentar. Neste caso, os rostos subitamente rígidos ocultavam mesmo processo analítico.

O Ebola era uma doença infecciosa, e doenças assim começavam num único lugar. Sempre havia uma primeira vítima, chamada “Paciente Zero” ou “Caso Índice”, e o vírus se disseminava a partir daí. Nenhuma doença explodia desta forma. O CDC e o USAMRIID, que precisariam oficializar essa conclusão, teriam o dever de reunir, organizar e apresentar informações no que era quase uma estrutura legalista para provar seu caso. Para sua instituição médica, era simples, ainda mais porque Alex comandará uma das divisões em Forte Detrick. Ademais, como existia um plano para tudo, Johns Hopkins era uma das instituições designadas para receber casos se um evento como esse viesse a acontecer.

— Alex, a literatura expressa que o Ebola se dissemina apenas através de grandes partículas de líquido — disse o diretor de urologia. — Como ele poderia explodir tão rápido, mesmo no nível local?

— Existe uma subcepa chamada Mayinga. Recebeu seu nome de uma enfermeira que a contraiu e morreu. O método de sua infecção jamais foi determinado. Um colega meu, George Westphal, morreu da mesma coisa em 1990. Também não determinamos o meio de transmissão em seu caso.

— Acredita-se que essa subcepa possa transmitir-se por via aérea. Nunca foi provado que sim nem que não — explicou Alex. — Além disso, há formas de fortificar um vírus, vocês sabem disso. Vocês admitem alguns genes de câncer na estrutura.

— E não existe tratamento, nada em nível experimental? — questionou o urologista.

— Rousseau está fazendo um trabalho interessante no Pasteur, mas até agora não logrou resultados positivos.

Uma reação física percorreu a mesa de conferências de um médico para o outro. Eles estavam entre os melhores do mundo, e sabiam disso. Também sabiam que isso não adiantaria contra o inimigo.

— E quanto a uma vacina? — perguntou o diretor de medicina. — Isso não devia ser tão difícil.

— O USAMRIID está pesquisando uma vacina há cerca de dez anos. A primeira conclusão é de que parece ser um problema de especificidade. O que funciona para uma subcepa nem sempre funciona para outra. Além disso, a questão do controle de qualidade é delicada. Estudos que li preveem uma taxa de dois por cento de infecção da própria vacina. A Merck acredita que poderão fazer progressos, mas os testes consomem tempo.

— Ai, meu Deus — comentou CIRURGIÃ, estremeando.

Considerando uma pessoa a cada cinquenta com um índice de 80% de mortalidade... significava vinte mil pessoas infectadas a cada grupo de milhão, das quais aproximadamente sessenta mil morreriam. Aplicada à população dos Estados Unidos, essa estimativa significava três milhões de mortes a partir de uma tentativa de proteger a população. Havia um nome para esse dilema: Escolha de Hobson, uma opção aparentemente livre que, na verdade, não oferecia uma alternativa real.

— Mas é cedo demais para determinar a extensão da epidemia teórica, e não temos dados sobre a capacidade da doença espalhar-se nas condições ambientais existentes — considerou o diretor da Urologia. — Portanto, não estamos realmente certos de que medidas precisam ser tomadas.

— Correto. — Pelo menos era fácil explicar coisas para essas pessoas.

— Meu pessoal verá isso primeiro — disse o diretor de Emergência. — Preciso alertá-los. Não podemos correr o risco de perder pessoas desnecessariamente.

— Quem vai contar a Jack? — pensou Cathy em voz alta. — Ele precisa saber, e precisa saber rápido.

— Bem, esse é o trabalho do USAMRIID e do diretor nacional de saúde.

— Eles ainda não estão prontos para concluir isso. Você mesmo acaba de dizer — replicou Cathy. — Tem certeza do que disse?

— Tenho.

CIRURGIÃ virou-se para Roy Altman: — Mande trazer meu helicóptero imediatamente.

Tempo de Reação

O coronel Goodman ficou surpreso com o telefonema. Estava almoçando tarde depois de um voo de checagem num VH-60 sobressalente que acabara de sair da oficina. O helicóptero que ele usava para transportar CIRURGIÃ estava na i"lupa. A tripulação de três homens correu até ele e acionou os motores, alheios ao motivo da alteração na programação do dia. Dez minutos depois da chamada, ele estava no "r e seguindo para nordeste. Vinte minutos depois, estava circulando o heliporto. Bem, d li estavam CIRURGIÃ, com CHOCALHO ao lado, e o esquadrão do Serviço Secreto e alguém que ele não conhecia, vestindo um jaleco branco. O coronel checou o vento e começou a descer.

A reunião dos diretores de departamento acabara apenas cinco minutos antes. Decisões haviam sido tomadas. Dois andares inteiros seriam limpos e equipados para possíveis chegadas de casos de Ebola. O diretor de medicina emergencial estava agora reunindo sua equipe para uma palestra. Dois dos assistentes de Alexandre estavam no telefone com Atlanta, obtendo atualizações do total de casos conhecidos, e anunciando que o Hopkins ativara seu plano de emergência para esta contingência. Isso significava que Alex não conseguira ir até seu escritório trocar de roupa. Cathy também estava usando seu jaleco de laboratório, mas no caso dela estava sobre um vestido normal. Ele usara avental cirúrgico — seu terceiro no dia — durante a reunião, ainda estava com ele. Cathy disse-lhe para não se preocupar. Tiveram de esperar as hélices pararem antes que os agentes do Serviço Secreto permitissem que seus protegidos subissem a bordo. Alex notou a presença de um helicóptero de reserva, circulando a um quilômetro e meio de distância, e ainda um terceiro se aproximando, parecia um helicóptero de polícia, provavelmente para seguranças, imaginou Alexandre.

Todos subiram a bordo. Katie — ele nunca tinha se encontrado com a menina antes subiu no assento atrás dos pilotos, supostamente o ponto mais seguro da aeronave. Há anos Alexandre não viajava num Black Hawk. Cathy fechou seu cinto de segurança. A pequena Katie precisou ser ajudada, mas adorava colocar seu capacete, pintado de rosa com um coelhinho nele, com certeza ideia de algum fuzileiro. Segundos depois as hélices começaram a girar.

— Isto está sendo um pouco apressado — disse Alex pelo comunicador interno.

— Acha realmente que deveríamos esperar? — replicou Cathy, colocando seu microfone na lapela.

— Não. — Mas ele pelo menos podia estar vestido a contento para ver o presidente. A aeronave decolou, subiu a noventa metros e tomou a direção sul.

— Coronel? — disse Cathy ao piloto no banco da frente, à direita.

— Senhora?

— Vamos depressa — ordenou.

Goodman nunca ouvira CIRURGIÃ falar como uma cirurgiã antes. Era um tom de comando que qualquer fuzileiro reconheceria. O coronel baixou o nariz da aeronave e levou o Black Hawk até 160 nós.

— Está com pressa, coronel? — indagou o piloto do helicóptero sobressalente.

— A dama está. Seguirei a rota direta.

Em seguida, o coronel contatou o aeroporto Baltimore-Washington para dizer aos controladores para segurar chegadas e partidas até que ele tivesse sobrevoado o campo. Não demorou. Ninguém no solo realmente notou, mas dois 737 USAir tiveram de sobrevoar uma vez a pista, para a irritação de seus

passageiros. Observando do banco de trás, CHOCALHO achou tudo aquilo muito divertido.

— Presidente?

— Sim, Andréa? — disse Ryan, levantando os olhos do que estava lendo.

— A sua esposa está chegando de Baltimore. Ela precisa conversar com o senhor a respeito de alguma coisa. Não sei do que se trata. Chegará em cerca de 15 minutos —disse-lhe Price.

— Nada errado? — perguntou Jack.

— Não, não, todos estão bem, senhor. CHOCALHO está com ela — assegurou-lhe a agente.

— Muito bem.

E Ryan voltou a ler a atualização mais recente da investigação.

— Bem, é oficialmente um disparo limpo, Pat. — Murray fez questão de comunicar isso pessoalmente ao seu inspetor. Evidentemente, não houvera muita dúvida esse respeito.

— Queria pelo menos ter trazido o último vivo — comentou O'Day, desânimo no rosto.

— Quer parar com essa ladainha? Não havia chance, não com crianças por perto. Acho que vamos conseguir uma condecoraçãozinha para você.

— Temos alguma coisa sobre o tal Azir?

— A foto de sua carteira de motorista e um monte de registros escritos, mas foi isso, quase não temos evidências de que ele já existiu.

Era um caso clássico de circunstâncias. Certa tarde de sexta, Mordecai Azir levava seu carro para o Aeroporto Internacional de Baltimore-Washington e pegara um voo para o Nova York-Kennedy. Sabiam isso graças ao atendente da USAir que emitiu passagem nesse nome. Depois Azir desaparecera, como uma nuvem de fumaça num dia de ventania. Indubitavelmente possuía um conjunto virgem de documentos de viagem. Talvez o tivesse usado em Nova York para um voo internacional. Se realmente era tão esperto, devia ter pegado um táxi para Newark ou para LaGuardia; de Newark teria pegado um voo internacional, de LaGuardia, um voo para o Canadá. Até agora agentes do escritório de Nova York estavam investigando pessoas em cada balcão de linha aérea. Mas praticamente cada linha aérea no mundo vinha para o Kennedy, e os atendentes desse aeroporto viam milhares de pessoas por dia. Talvez pudessem estabelecer qual voo Azir tomara. Mas até conseguirem isso, o homem poderia estar na Lua.

— Espião treinado — observou Pat O'Day. — Não é tão difícil assim, é?

O que voltou para Murray foram as palavras de seu superior no Conselho Federal de Informação. Se você podia fazer imediatamente, podia fazer mais do que imediatamente. Havia todos os motivos para crer que existia uma rede completa de espões — pior, de terroristas — operando em seu país, sentados à espera de ordens... pura fazer o quê? E para evitar detecção, tudo que eles tinham a fazer era não fazer nada. Samuel Johnson certa vez comentara que esse era um feito ao alcance de qualquer pessoa.

O helicóptero sinalizou e pousou, para a surpresa dos jornalistas, que sempre fitavam com um olho aberto. Qualquer coisa inesperada na Casa Branca era digna de nota. Eles reconheceram Cathy Ryan. Entretanto, seu jaleco branco de médica era incomum, estar ao lado de um desconhecido usando avental cirúrgico passou a impressão imediata de que havia uma emergência médica envolvendo o presidente. Isso era realmente correto, embora um porta-voz tenha chegado para dizer que, não, o presidente estava bem, trabalhando à sua mesa; não, ele não sabia por que a Dra. Ryan chegara mais cedo do trabalho.

Não estou vestido para isso, pensou Alex. Os olhares dos agentes com os quais cruzou rumo à Ala Leste confirmaram isso, e agora alguns deles perguntavam-se se ESPADACHIM estava doente, resultando em algumas chamadas de rádio que foram imediatamente rechaçadas. Cathy conduziu Alexandre pelo corredor, e então tentou a porta errada até um agente pedir licença e abrir a certa para o

Salão Oval. Eles notaram que a primeira-dama não pareceu irritada ou embaraçada com o engano. Eles nunca tinham visto CIRURGIÃ tão concentrada.

— Jack, este é Pierre Alexandre — disse ela dispensando cumprimentos.

Ryan se levantou. Ele não tinha nenhum compromisso importante para as próximas horas, e tirara o paletó.

— Olá, doutor — disse ele, tendo deduzido a profissão do visitante por suas roupas. Então percebeu que Cathy também estava com seu jaleco de trabalho. — O que tá acontecendo, Cathy? — perguntou à esposa.

— Alex?

Ninguém havia sequer se sentado. Dois agentes do Serviço Secreto haviam acompanhado os médicos, e a tensão na sala foi como uma sineta de alarme para eles, embora também não tivessem a menor ideia do que estava acontecendo. Roy Altman estava em outra sala, conversando com Price.

— Presidente, o senhor sabe o que é o vírus do Ebola?

— África — disse Jack. — Uma doença da selva, certo? Mortal como o diabo. Vi um filme...

— Bem perto — confirmou Alexandre. — É um vírus de RNA de filamento negativo. Não sabemos onde ele vive... quero dizer, sabemos o lugar mas não o hospedeiro, o animal no qual ele vive — explicou. — E ele é fatal, senhor. O índice de mortalidade é de aproximadamente oitenta por cento.

— Certo — disse POTUS, ainda de pé. — Prossiga.

— Está aqui.

— Onde?

— Na última contagem tínhamos cinco casos no Hopkins. Mais vinte no resto do país... esse número está agora defasado em cerca de três horas. Posso usar o telefone?

Gus Lorenz estava sozinho em seu escritório quando o telefone tocou.

— É o Dr. Alexandre de novo.

— Sim, Alex?

— Gus, qual é a contagem agora?

— Sessenta e sete — replicou o viva-voz. Alex estava debruçado sobre ele.

— Onde?

— Principalmente cidades grandes. Os relatos vêm principalmente dos principais centros médicos. Boston, New Haven, Nova York, Filadélfia, Baltimore, um em Richmond, sete aqui mesmo em Atlanta, três em Orlando... — Puderam ouvir uma porta ser aberta e uma folha de papel ser entregue ao médico.

— Oitenta e nove, Alex. Os casos não param de chegar.

— O USAMRIID já decretou estado de alerta?

— Espero que isso aconteça dentro de uma hora. Estão numa reunião para determinar...

— Gus, estou na Casa Branca agora. O presidente está aqui comigo. Quero que você lhe diga o que acha — comandou Alexandre, falando como um coronel do Exército.

— O quê... como você... Alex, ainda não podemos ter certeza.

— Ou você diz ou eu digo. É melhor que seja você.

— Presidente? — Era Ellen Sumter na porta lateral. — Tenho um general Pickett no telefone para falar com o senhor. Ele diz que é muito urgente.

— Peça-lhe para aguardar.

— John é bom, mas é um pouco conservador — observou Alex. — Gus, fale com a gente!

— Senhor... presidente... isto não está parecendo um evento natural. Está parecido do demais com um ato proposital.

— Guerra biológica? — inquiriu Ryan.

— Sim, presidente. Ainda não dispomos de dados suficientes para uma conclusão, mas epidemias naturais não começam desta forma, não por toda parte.

— Sra. Sumter, pode colocar o general nesta linha.

— Sim, senhor.

— Presidente? — perguntou uma nova voz.

— General, tenho um Dr. Lorenz na linha, e ao meu lado está o Dr.

Alexandre do Hopkins.

— Oi, Alex.

— Oi, John — respondeu Alexandre.

— Então você sabe.

— O quanto você está confiante quanto a essa estimativa? — perguntou ESPADACHIM.

— Temos pelo menos dez centros focais. Uma doença não aparece em toda parte sozinha. As informações ainda estão chegando, senhor. Todos esses casos aparecendo em 24 horas, não pode ser acidente, e não é um processo natural.

Alex poderá explicar melhor. Ele já trabalhou para mim. Ele é muito bom — disse Pickett ao seu comandante-em-chefe.

— Dr. Lorenz, concorda com isso?

— Sim, presidente.

— Meu Deus — disse Jack, olhando para a esposa. — Qual é o próximo passo?

— Senhor, temos algumas opções — replicou Pickett — Preciso ver o senhor pessoalmente.

Ryan virou-se: — Andréa!

— Sim, senhor?

— Mande um helicóptero para Forte Detrick, agora!

— Sim, presidente.

— Estarei à sua espera, general. Dr. Lorenz, obrigado. Há mais alguma coisa que eu precise saber?

— Dr. Alexandre pode cuidar disso.

— Muito bem, colocarei a Sra. Sumter ao telefone para dar-lhe as linhas diretas para este escritório.

— Jack caminhou até a porta. — Dê-lhes o que eles precisam. Depois chame Arnie e Ben.

— Sim, presidente.

Jack retornou para sentar-se na borda de sua mesa. Ficou silencioso por um momento. Sob certo aspecto, agora estava grato pelo ataque fracassado à sua filha. Aquilo fora um único golpe, sinistro e poderoso, do qual não tivera nem chance de se esquivar. No caso da crise atual, embora as ramificações viessem a ser muito piores, Ryan tinha tempo para tentar se esquivar dos golpes seguintes.

— O que preciso saber?

— Ainda não podemos adiantar a maior parte dos aspectos importantes. São aspectos técnicos — explicou Alex. — Quanto à facilidade com que a doença se dissemina, o que sabemos agora é duvidoso e baseado em conjecturas. Essa é a questão básica. Se a doença se espalha facilmente pelo ar...

— Como assim? — perguntou POTUS.

— Borrifos, gotículas, como uma tosse ou um espirro. Se o vírus se dissemina dessa forma, estamos com problemas até o pescoço.

— Supostamente, não é assim que acontece — objetou Cathy. — Jack, esse vírus é muito delicado. Ele não permanece em espaços abertos por mais de... Quanto tempo, Alex? Alguns segundos?

— Essa é a teoria, mas algumas cepas são mais robustas que outras. Porém, mesmo que consiga sobreviver apenas alguns minutos em espaço aberto, já será muito ruim. Se essa for a cepa que chamamos Mayinga, bem, nós simplesmente não sabemos o quanto ela é robusta. Mas a situação é bem mais complicada que isso. Depois que uma pessoa contrai o vírus, ela o leva para casa. Uma casa é um

ambiente extremamente propício para agentes patogênicos. A culpa é dos sistemas de aquecimento e refrigeração. Além disso, os membros das famílias mantêm contato íntimo. Eles se abraçam. Eles se beijam. Fazem amor. E depois que o vírus está no organismo de uma pessoa, ela passa o tempo todo expelindo coisas.

— Coisas?

— Partículas de vírus, presidente. O tamanho dessas coisas é medido em microns. São bem menores que partículas de poeira, menores que qualquer coisa que você possa enxergar.

— Você já trabalhou em Detrick?

— Sim, senhor. Era coronel, chefe do Departamento de Patogênese.

Aposentei-me e fui contratado pelo Hopkins.

— Então tem uma ideia de quais são os planos do general Pickett, as opções, quer dizer?

— Sim, senhor. Esse material é reavaliado pelo menos uma vez por ano. Já trabalhei no comitê que traça os planos.

— Sente-se, doutor. Quero ouvir o que tem a dizer.

Os navios de pré-posicionamento marítimo tinham acabado de retornar de um exercício, e a pouca manutenção que fora requisitada já havia sido feita. Ao receber as ordens do Comando do Atlântico, iniciaram os procedimentos de acionamento dos motores, o que significava principalmente aquecer o combustível e os óleos lubrificantes. Ao norte, o cruzador Anzio, mais os destróieres Kidd e OBannon, receberam suas próprias ordens e rumaram para oeste rumo a um ponto de encontro. O oficial mais graduado presente era o comandante do cruzador da classe Aegis, que se perguntou como achavam possível levar aqueles navios mercantes gordos até o Golfo Pérsico sem cobertura aérea, se fosse preciso. A Marinha dos Estados Unidos não ia a lugar algum sem cobertura aérea, e o porta-aviões mais próximo era o Ike, a cinco mil quilômetros dali. Por outro lado, não era tão ruim ser um mero capitão no comando de uma força-tarefa sem um almirante para ficar olhando sobre seu ombro.

O primeiro dos navios de transporte de veículos de ataque a sair do ancoradouro foi o USNS Bob Hope, um navio de desembarque recém-construído, pesando quase oitenta mil toneladas e transportando 952 veículos.

Sua tripulação tinha uma pequena tradição para seus movimentos. Enquanto o navio passava pela base naval, logo depois da meia-noite, alto-falantes enormes ribombaram “Thanks for the Memories”, sendo seguido por seus irmãos. A bordo, tinham o complemento inteiro de veículos para uma brigada pesada reforçada. Depois de passar pelos recifes, as alavancas foram empurradas até o fim, obtendo vinte e seis nós, dos grandes motores diesel Colt-Pielstick.

Esperaram a chegada de Goodley e Van Damm e depois passaram dez minutos explicando-lhes o que estava acontecendo. A essa altura, a enormidade da situação estava pesando na consciência do presidente, e Jack esforçava-se para refrear as emoções. Notou que embora Cathy tivesse de estar tão horrorizada quanto ele, estava aceitando tudo com calma, pelo menos externamente. Afinal de contas, aquele era o seu campo.

— Não acho que o Ebola possa sobreviver fora de uma selva — disse Goodley.

— Não pode, pelo menos a longo prazo; do contrário, já teria viajado ao redor do mundo, a esta altura.

— Ele mata rápido demais para isso — objetou CIRURGIÃ.

— Cathy, já temos jatos há mais de trinta anos. O desgraçado do vírus é delicado demais. Isso funciona a nosso favor.

— Como descobriremos quem fez isso? — Essa pergunta veio de Arnie.

— Entrevistamos todas as vítimas, descobrimos onde elas estiveram e tentamos Concentrar os centros focais a um ponto. Essa é uma função investigativa. Os epidemiologistas são muito bons nesse sentido... mas este é um pouco grande demais — acrescentou Alexandre.

— O FBI pode ajudar, doutor? — perguntou van Damm.

— Mal não fará.

— Chamarei Murray — disse o chefe de gabinete ao presidente.

— Não é possível tratar a doença? — indagou POTUS.

— Não. O que acontece é que a epidemia se desgasta sozinha depois de vários ciclos. O que quero dizer é... certo, uma pessoa contrai. O vírus se reproduz nessa pessoa e depois passa para mais alguém. Cada vítima subsequente se torna um hospedeiro indireto. A medida que a doença se reproduz e mata a vítima, a vítima passa o vírus para a pessoa seguinte. Mas, e aqui vai a boa notícia, o Ebola não se reproduz com eficácia. A medida que passa por esses ciclos, ele se torna menos virulento. A maioria dos sobreviventes numa epidemia acontece perto do fim, porque o vírus se modifica progressivamente para uma forma menos perigosa. O organismo é tão primitivo que não faz tudo com perfeição.

— Quantos ciclos até isso acontecer, Alex? — perguntou Cathy. Ele deu de ombros.

— É empírico. Conhecemos o processo, mas não podemos quantificá-lo.

— Há incógnitas demais — disse Cathy.

— Presidente? — disse Alexandre.

— Sim, doutor?

— Sabe o filme a que o senhor assistiu?

— O que tem ele?

— O orçamento para aquele filme é um pouco mais do que todos os fundos para pesquisa em virologia. Tenha isso em mente. Acho que a virologia não é sensual o bastante. — Arnie começou a dizer alguma coisa. Alex cortou-o com uma mão levantada.

— Não estou mais na folha de pagamento do governo, senhor. Não tenho nenhum império para construir. Minha pesquisa é realizada com fundos privados. Estou apenas expondo um fato. Mas que diabos, acho que não temos fundos para tudo.

— Se não podemos tratar a doença, como podemos detê-la? — perguntou Ryan, colocando a conversa de volta nos trilhos. Ele virou a cabeça. Uma sombra atravessou o Gramado Sul, e o rugido de um helicóptero atravessou as janelas à prova de balas.

— Ahh! — expressiu Badrayn com um sorriso.

A Internet era planejada para conceder acesso a informações, não para ocultá-las, e com um amigo de um amigo de um amigo que era estudante de medicina na Emory University, em Atlanta, Badrayn conseguiu invadir o correio eletrônico do centro médico. Outra senha eliminou todos os preâmbulos, e ele finalmente conseguiu o que queria. Eram 14 horas na Costa Leste da América, e o Emory reportou ao CDC que agora havia seis casos de suspeita de febre hemorrágica. Melhor ainda, o CDC já respondera, e isso lhe disse muito mais. Badrayn imprimiu ambas as cartas e deu um telefone ma.

Agora ele realmente tinha boas novas.

Raman sentiu o trem de pouso do DC-9 bater com um solavanco na pista de Pittsburgh. Havia sido um voo breve que lhe permitira ficar sozinho um pouco e considerar diversas opções. Seu colega — irmão — em Bagdá agira como um mártir, de forma um pouco dramática demais, e a segurança em torno do líder iraquiano tinha sido muito grande, realmente maior que aquela a que Raman integrava. Como fazer? O truque era criar o máximo de confusão possível. Talvez quando Ryan caminhasse até a multidão para apertar mãos.

Dar o tiro, matar um ou dois dos outros agentes, e então correr através da multidão. Se conseguisse passar pelas duas primeiras filas de espectadores, tudo que teria a fazer seria levantar sua carteira do Serviço Secreto — funcionava melhor que uma arma para transpor obstáculos — e todos pensariam que estava perseguindo o assassino. A chave para escapar após um assassinato — o Serviço Secreto ensinara-o isso — era sobreviver aos primeiros trinta segundos.

Sobreviva a isso, e você terá uma chance muito boa de sobreviver a tudo. E seria ele quem faria todos os preparativos de segurança para a viagem de sexta-feira. Restava, porém, uma questão: como poderia conduzir presidente a um ponto no qual pudesse ter essa opção? Acertar POTUS. Acertar Price. Acertar um outro. Depois misturar-se à multidão. O ideal seria que os cidadãos não vissem a arma em suas mãos até depois dos disparos. Sim, isso poderia funcionar, pensou, tirando o cinto de segurança e se levantando. Haveria um agente local do Tesouro à sua espera na margem da pista. Ele seguiriam para o hotel cuja sala de jantar ampla abrigaria o discurso do presidente Ryan. Raman teria o dia inteiro e parte do seguinte para pensar em tudo, sob os olhos dos seus colegas agentes. Seria um desafio e tanto.

O general de divisão John Pickett era formado pela faculdade de medicina de Yale, e somara ao título de graduação um par de doutorados — biologia molecular de Harvard, e saúde pública da UCLA. Era um homem pálido e magro que parecia pequeno em seu uniforme — não tivera tempo para se trocar —, fazendo suas asas de paraquedista parecerem fora do lugar. Dois coronéis chegaram com ele, seguidos pelo diretor Murray do FBI, que viera correndo do Edifício Hoover. Os três oficiais fórum recebidos na Casa Branca, mas como o Salão Oval agora era pequeno demais, o presidente conduziu-os ao longo do corredor até a Sala Roosevelt. No caminho, um agente do Serviço Secreto entregou ao general um fax ainda quente da máquina do secretariado.

— A contagem de casos está agora em 137, segundo Atlanta — disse Pickett.

— Quinze cidades, 15 estados, costa a costa.

— Oi, John — disse Alexandre, apertando a mão do amigo. — Eu mesmo vi três deles.

— Alex, que prazer em vê-lo, companheiro. — Virando-se para os outros, o oficial disse: — Alex deve ter explicado a situação a todos.

— Isso mesmo — disse Ryan.

— O senhor tem alguma pergunta, presidente?

— Tem certeza de que foi um ato proposital?

— Bombas não explodem por acidente. — Pickett desdobrou um mapa.

Algumas cidades estavam marcadas com pontos vermelhos. Um de seus coronéis anotou mais três: San Francisco, Los Angeles e Las Vegas.

— Cidades de convenção. Exatamente como eu teria feito — murmurou Alexandre — Parece a Bioguerra 95, John.

— Parece muito. Esse foi um jogo de guerra que travamos com a Agência de Defesa Nuclear. Usamos Antrax. Alex era um dos nossos melhores homens no planejamento da defensiva biológica — disse Pickett à plateia. — Ele foi o comandante da Equipe Vermelha nesse exercício.

— Isso não é contra a lei? — perguntou Cathy, ultrajada com a revelação.

— Ataque e defesa são dois lados da mesma moeda, Dra. Ryan — replicou Pickett, defendendo seu ex-subordinado. — Precisamos pensar como os bandidos se quisermos detê-los.

— Conceito operacional? — perguntou o presidente. Ele compreendia mais do que sua esposa.

— Guerra biológica em nível estratégico significa iniciar uma reação de cadeia dentro da população-alvo. Você procura infectar o máximo possível de pessoas. E isso não significa muitas vidas; não estamos falando de armas nucleares. A ideia é que as pessoas, as vítimas, espalhem a doença para você.

Essa é a elegância da guerra biológica. São as suas vítimas que causam a maioria das mortes. Toda epidemia começa pequena e passa a crescer, primeiro lentamente, como uma curva tangencial, e então sobe geometricamente. Assim, se estiver usando guerra biológica no papel ofensivo, deve tentar acelerar

o processo infeccionando o máximo de pessoas que conseguir, e optar por pessoas que viajem. Las Vegas é uma aposta segura. É uma cidade de convenções e, com toda certeza, uma grande cidade. Os visitantes são infectados, pegam seus aviões para viajar para casa e espalham a doença.

— Há alguma chance de descobrir como fizeram? — perguntou Murray. Ele mostrou sua identidade para que o general soubesse quem era.

— Provavelmente seria uma perda de tempo. A coisa agradável nas armas biológicas é que depois do período de incubação, que neste caso foi de três dias, no mínimo, sistema de distribuição usado já foi recolhido, empacotado e levado de caminhão para um depósito de lixo. Não existe mais nenhuma evidência física, nenhuma prova de quem fez isso conosco.

— Guarde isso para depois, general. Que devemos fazer? Vejo diversos estados sem nenhum caso...

— Isso apenas por enquanto, presidente. Uma vítima do Ebola leva de três a de dias para morrer. Não sabemos até onde o vírus chegou. A única forma que podem descobrir é esperando.

— Mas precisamos iniciar CURTAIN CALL (Baixar a Cortina), John — disse Alexandre. — E precisamos fazer isso rápido.

Mahmoud Haji estava lendo. Ele tinha um escritório ao lado do quarto, e realmente preferia trabalhar aqui devido ao ambiente familiar. Porém, não gostava de ser perturbado ali, e assim seus seguranças ficaram surpresos com sua reação ao telefonem! Vinte minutos depois, deixaram o visitante entrar, sem escolta.

— Começou?

— Começou. — Badrayn estendeu a carta do CDC. — Saberemos mais amanhã — Você serviu bem — disse-lhe Daryaei, dispensando-o. Quando a porta foi fechada, ele deu um telefonema.

Alahad não sabia o quanto a ligação até ele fora tortuosa, apenas que era uma ligação intercontinental. Ele suspeitava que houvesse passado por Londres, mas não tinha certeza e não iria perguntar. O inquérito foi totalmente rotineiro, exceto pela hora do dia era noite na Inglaterra, depois do horário comercial. A variedade do tapete e o preço eram as partes essenciais, dizendo-lhe o que ele precisava saber, num código há muito decorado e jamais escrito. Sabendo pouco, ele podia revelar pouco. Essa parte da negociação ele não entendeu completamente. A sua própria parte veio em seguida. Colocando um “Volto em alguns minutos” na janela, saiu, fechou a porta e dobrou a esquina, seguindo por dois quarteirões até um telefone público. Ali fez uma ligação para passar sua última ordem para Aref Raman.

A reunião que começara no Salão Oval, fora transferida para a Sala Roosevelt e estava agora do outro lado do pavimento, na Sala do Gabinete, onde mais de uma imagem de George Washington podia observar os procedimentos. Os secretários do Gabinete chegaram quase juntos, e sua chegada não podia ser mantida em segredo. Um grande número de carros oficiais, guardas demais, muitos rostos conhecidos pelos jornalistas.

Pat Martin chegou, representando Justiça. Bretano era secretário de Defesa, com o almirante Jackson sentado na parede atrás dele. (Todos trouxeram algum tipo de suplente, principalmente para fazer anotações.) Winston era secretário do Tesouro, tendo vindo do outro lado da rua. Comércio e Interior eram sobreviventes da presidência Durling, tendo sido realmente nomeados por Bob Fowler. A maior parte dos outros pertenciam ao posto de subsecretário, mantidos, em alguns casos, devido à apatia presidencial, e em outros porque pareciam saber o que faziam. Mas nenhum deles sabia o que estava fazendo agora. Ed Foley chegou, convocado pelo presidente a despeito da perda da CIA de sua posição no Gabinete. Também estavam presentes Arnie van Damm, Ben Goodley, o diretor Murray, a primeira-dama, três oficiais do Exército e o Dr. Alexandre.

— Fazemos silêncio — disse o presidente. — Senhoras e senhores, obrigado por terem vindo. Não temos tempo para preâmbulos. Enfrentamos uma emergência nacional. As decisões que tomaremos hoje gerarão efeitos sérios em nosso país. Aquele no canto é o general John Pickett. Ele é médico e cientista, e agora passarei para ele o comando da reunião. General, faça seu resumo.

— Obrigado, presidente. Senhoras e senhores, sou comandante geral em Forte Detrick. Hoje cedo começamos a receber alguns relatos perturbadores...

Ryan desligou-se do general. Já ouvira a história duas vezes. Em vez disso leu a pasta que Pickett lhe passara. A pasta estava marcada com a fita vermelha-e-branca usual. O adesivo no centro trazia as palavras TOP SECRET - AFFLICTION (Ultrassegredo - Aflição), um código apropriado que o compartimento de acesso especial na qual estava esta, pensou ESPADACHIM.

Em seguida, abriu a pasta e começou a ler o Plano de Operação CURTAIN CALL. Havia quatro variações do plano. Ele seguiu direto até a Opção Quatro.

Era chamada SOLITARY (solitária), e esse nome também era apropriado.

Simplesmente o resumo causou-lhe um arrepio, e Jack flagrou-se virando para George, pendurado ali na parede, querendo perguntar E agora, que diabos eu faço? Mas George não teria entendido. Ele não sabia nada sobre aviões de passageiros e armas nucleares, sabia?

— Qual é a gravidade da situação agora? — perguntou o secretário de Saúde e Serviços Humanos.

— Um pouco mais de duzentos casos tinham sido reportados ao CDC até 15 minutos atrás. Devo enfatizar que todos esses casos apareceram em menos de 24 horas — disse o general Pickett ao secretário.

— Quem fez? — perguntou o secretário de Agricultura.

— Vamos esquecer isso por enquanto — disse o presidente. — Discutiremos mais tarde. O que precisamos discutir agora é a melhor forma de conter a epidemia.

— Simplesmente não consigo imaginar que não possamos tratar...

— Acredite — disse Cathy Ryan. — Sabe para quantas doenças viróticas nós conhecemos a cura?

— Bem, não — admitiu ele.

— Para nenhuma. — Ela constantemente ficava surpresa com o quanto algumas pessoas eram ignorantes em assuntos médicos.

— Portanto, contenção é a única alternativa — prosseguiu o general Pickett.

— Como você pode conter um país inteiro? — Era Cliff Rutledge, secretário assistente de Estado para a Política, representando Scott Adler.

— Esse é o problema que estamos enfrentando — disse o presidente Ryan. — Obrigado, general. Assumirei a partir daqui. A única forma de conter a epidemia é fechando todos os locais de reunião: teatros, shopping centers, estádios esportivos, edifícios comerciais, tudo. Precisamos também impedir todas as viagens interestaduais. Até onde sabemos, pelo menos trinta estados até agora não foram atingidos pela doença. Precisamos manter a situação assim. Podemos conseguir isso impedindo todas as viagens interestaduais até termos uma noção da gravidade da epidemia, e então poderemos providenciar contramedidas menos rigorosas.

— Presidente, isso é inconstitucional — disse prontamente Pat Martin.

— Explique — ordenou Jack.

— Viajar é um direito protegido pela constituição. Mesmo dentro dos estados, qualquer restrição de viagens é uma violação constitucional sob o caso Lemuel Penn. — Ele foi um oficial negro do Exército assassinado pela Klan na década de 60. — Esse é um precedente da Suprema Corte — reportou o chefe da Divisão Criminal.

— Compreendo que eu... desculpe, todos nesta sala... juramos respeitar a Constituição. Mas qual é o sentido de respeitá-la se isso significa matar alguns milhões de cidadãos americanos? — perguntou

POTUS.

— Não podemos fazer isso! — insistiu o secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano.

— General, o que acontecerá se não fizermos isso? — perguntou Martin, surpreendendo Ryan.

— Não há resposta precisa. Não pode haver, porque não conhecemos ainda fluência da transmissão do vírus. Se ele for transmitido pelo ar, e há motivos para suspeitarmos que seja, bem, temos uma centena de modelos de computador que podemos usar. O problema é decidir qual. Pior possibilidade?

Vinte milhões de mortes. A essa altura, o que acontece é que a sociedade entrará em colapso. Médicos e enfermeiras fugirão dos hospitais, as pessoas se trancarão em suas casas, e a epidemia desgastará de forma muito parecida com a que aconteceu com a Peste Negra no século XIV. As interações humanas cessarão, e devido a isso a propagação da doença será interrompida.

— Vinte milhões? A que número de mortes chegou a Peste Negra? — perguntou Martin, o rosto um pouco pálido.

— Não há registros precisos. Eles não tinham realmente um censo naquela época. Os melhores dados disponíveis são da Inglaterra — respondeu Pickett. — A doença despovoou o país pela metade. A praga durou cerca de quatro anos. A Europa levou cerca de 150 anos para retornar ao nível populacional de 1347.

— Merda — sussurrou o secretário do Interior.

— É realmente tão perigoso assim, general? — persistiu Martin.

— Potencialmente sim. O problema, senhor, é que se não tomarmos nenhuma medida, e depois descobrirmos que a doença é muito poderosa, então será tarde demais.

— Entendo. — Martin virou-se. — Presidente, não parecemos ter muita escolha.

— Você acaba de dizer que era contra a lei, merda! — gritou o secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano.

— Secretário, a Constituição não é um pacto suicida, e embora eu ache que sei o que a Suprema Corte irá determinar, nunca houve um caso precedente, e poderia ser argumentado, e o processo teria de lidar com isso.

— O que o fez mudar de ideia, Pat? — perguntou Ryan.

— Vinte milhões de razões, presidente.

— Se desrespeitarmos nossas leis, o que seremos? — perguntou Cliff Rutledge.

— Vivos — respondeu calmamente Martin. — Talvez.

— Estou disposto a ouvir discussões durante 15 minutos — disse Ryan. — Depois disso teremos de chegar a uma conclusão.

O debate foi animado.

— Se violarmos nossa própria Constituição, depois ninguém no mundo poderá confiar em nós! — disse Rutledge.

Os secretários de Habitação e Desenvolvimento Urbano e Saúde e Serviços Humano concordaram.

— E quanto às considerações práticas? — objetou Agricultura. — As pessoas precisam comer.

— Que tipo de país vamos mostrar às nossas crianças se nós...

— O que elas pensarão se estiverem mortas? — disse George Winston, cortando o secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano.

— Coisas assim não acontecem hoje em dia!

— Secretário, o senhor gostaria de ir ao hospital e ver com seus próprios olhos? — perguntou Alexandre de seu lugar no canto.

— Obrigado — disse Ryan, olhando as horas. — Estou abrindo a votação.

Defesa, Tesouro, Justiça e Comércio votaram sim. Todo o resto votou não.

Ryan olhou

Para eles durante longos segundos.

— Os sim venceram — disse o presidente com frieza. — Obrigado por seu apoio! Diretor Murray, o FBI prestará toda a assistência requerida pelo CDC e pelo USAMRIID em determinar os pontos focais da epidemia. Isso terá prioridade absoluta e incondicional. Sobre qualquer outra questão.

— Sim, presidente.

— Sr. Foley, todos os recursos de informação que possuímos serão concentrados neste caso. Você também trabalhará em conjunção com os módicos especialistas. Isto veio de algum lugar, e quem quer que tenha feito isso cometeu um ato de guerra, usando armas de destruição em massa contra nosso país. Precisamos descobrir quem foi, Ed. Todas as agências de informação se reportarão diretamente a você. Terá autoridade estatutária para coordenar todas as atividades dos serviços de informação. Diga a todas as outras agências que tem ordem minha para exercer essa autoridade.

— Faremos o melhor possível, senhor.

— Secretário Bretano, estou declarando estado de emergência nacional.

Todas as formações de reserva e da Guarda Nacional serão ativadas imediatamente e colocadas sob comando federal. Você terá este plano de contingência no Pentágono. — Ryan levantou a pasta CURTAIN CALL. — Você executará a Opção Quatro, SOLITARY, o mais breve possível.

— Farei isso, senhor.

Ryan olhou sobre a mesa para o secretário de Transporte.

— Secretário, o sistema de controle de tráfego aéreo lhe pertence. Quando retornar ao seu escritório, ordene a todas as aeronaves em voo para seguirem aos seus destinos pararem lá. Todas as aeronaves no solo permanecerão onde estão, começando às seis da manhã.

— Não. — O secretário de Transporte se levantou. — Presidente, não farei isso. Acredito que será um ato ilegal e não infringirei a lei.

— Muito bem, senhor. Aceitarei a sua renúncia imediatamente. Você é a vice? — perguntou Ryan à mulher sentada atrás do secretário.

— Sim, presidente. Sou.

— Vai executar minha ordem?

Ela olhou ao seu redor sem realmente saber o que fazer. Ela ouvira tudo, mas era uma política de carreira, desacostumada a tomar decisões árduas sem cobertura de seu partido.

— Também não gosto disso — observou Ryan. A sala foi invadida pelo rugir de motores, um avião decolando do Washington National. — E se esse avião estiver carregando a morte para algum outro lugar? Vamos simplesmente deixar que aconteça? — perguntou tão baixo que ela mal pôde ouvi-lo.

— Acatarei sua ordem, senhor.

— Sabe, Murray, você poderia prender o homem neste exato momento — disse (ainda não tinha certeza disso) ex-secretário de Transporte. — Ele está violando a lei — Não hoje, senhor — replicou Murray, fitando seu presidente. — Alguém precisa primeiro decidir o que diz a lei.

— Se mais alguém nesta sala sente a necessidade de abandonar o serviço federal devido a esta questão, aceitarei suas renúncias sem retaliações... mas, por favor, pensem no que estão fazendo. Se estou errado, muito bem, estou errado e pagarei o preço por isso. Mas se os médicos estão certos e não fizermos nada, teremos mais sangue em nossas mãos do que Hitler teve. Preciso da sua ajuda e de seu apoio.

Ryan se levantou. Já tinha saído do aposento quando os outros ainda se punham !• pé. Caminhou depressa. Era preciso. Entrou no Salão Oval, dobrou à direita para a sala de estar presidencial, e mal conseguiu chegar ao banheiro a tempo. Segundos depois Cathy encontrou-o lá, dando a descarga para fazer descer uma massa de vômito.

— Estou fazendo a coisa certa? — perguntou Ryan, ainda de joelhos.

— Você teve o meu voto, Jack — disse-lhe CIRURGIÃ.

— Você está com uma aparência ótima — observou van Damm, flagrando POTUS numa postura muito indigna.

— Por que você não disse nada, Arnie?

— Porque você não precisava de mim, presidente — replicou o chefe de gabinete. O general Pickett e os outros médicos estavam à sua espera quando ele retornou ao Salão Oval.

— Senhor, acabamos de receber um fax do CDC. Há dois casos em Forte Stewart. Essa é a base da 24ª Mecanizada.

Relatório Especial

Começou com os arsenais da Guarda Nacional. Virtualmente cada metrópole e cidade da América tinha um, e em cada um havia um sargento, ou talvez um oficial, sentado a uma mesa para atender o telefone. Quando o telefone tocou uma voz do Pentágono pronunciou uma palavra código que designava uma ordem de ativação. A pessoa encarregada do arsenal em seguida alertava o comandante de unidade, e mais telefonemas eram feitos, estendendo-se como os galhos de uma árvore, cada pessoa que recebia um telefonema ligando para várias outras. Geralmente levava uma hora para todos serem alertados — ou quase todos, porque alguns inevitavelmente estavam fora da cidade, viajando a trabalho ou lazer. Os comandantes da Guarda Superior geralmente trabalhavam diretamente para os governantes de diversos estados, enquanto a Guarda Nacional era uma instituição híbrida, parte milícia estadual e parte Exército dos Estados Unidos (ou Força Aérea, no caso da Guarda Aérea Nacional, que concedia a muitos dos governadores dos estados acesso a caças de combate avançadíssimos). Esses oficiais da Guarda mais graduados, surpreendidos pelas ordens de ativação, reportaram a situação a seus governadores, pedindo a orientação que os executivos de estado ainda não estavam em posição de dar, porque a maioria ainda não tinha conhecimento do que estava acontecendo. Mas no nível de companhia e batalhão, oficiais e homens (e mulheres) corriam para casa de seus trabalhos civis, soldados cidadãos como eram, vestiam seus uniforme verdes, abotoavam suas botas e dirigiam até o arsenal local para entrar em formação com seus esquadrões e pelotões. Lá ficavam estarecidos em saber que deveriam retirar armas e, ainda mais perturbador, seus equipamentos MOPP. MOPP, a sigla para Postura Protetora Orientada para Missão, era o equipamento de guerra química que tinham sido treinados a usar e que cada pessoa de uniforme detestava cordialmente. Houve as piadas usuais e o bom humor, histórias de cônjuges e filhos, enquanto os oficiais e superiores não comissionados reuniam-se em salas de conferências para descobrir que diabo esta acontecendo. Eles emergiam dessas reuniões curtas zangados, confusos e, no caso dos mais bem informados, assustados. Fora dos arsenais, motores de veículos eram acionados. Dentro, televisores eram ligados.

Em Atlanta, o agente especial a cargo da divisão de campo do FBI de Atlanta dirigiu com sirenes ligadas até o CDC, seguido por mais dez agentes.

Em Washington vários agentes da CIA e de outras agências dirigiram mais devagar até o Edifício Hoover para montar uma força-tarefa conjunta. Em ambos os casos, o trabalho era descobrir como a epidemia havia começado e a partir daí tentar determinar seus pontos de origem. Essas pessoas não eram todas civis. A Agência de Informação de Defesa (DIA) e a Agência de Segurança Nacional (NSA) eram organizações compostas principalmente por militares, e nesses grupos oficiais taciturnos explicavam a todos que algo novo havia acontecido na história americana. Se isto havia sido um ataque deliberado contra os Estados Unidos da América, então uma nação-Estado fizera uso do que era chamado delicadamente de arma de destruição em massa. Em seguida, explicavam aos seus colegas civis qual era, há várias gerações, a política americana para uma eventualidade dessas.

Tudo estava acontecendo muito rápido, é claro, porque emergências são, por definição, eventos para

os quais não se pode planejar muito bem. Isso valia para o presidente, que entrou na sala de imprensa da Casa Branca, acompanhado pelo general Pickett do USAMRIID. Apenas trinta minutos antes, a Casa Branca dissera às principais redes que o presidente faria um pronunciamento e que, nessa ocasião, o governo exerceria sua opção de exigir tempo no ar em vez de requisitá-lo — desde a década de 20, o governo adotara a posição de proprietário das ondas sonoras —, assim suplantando todos os talk shows e outros programas que precediam os noticiários noturnos. Comentários introdutórios disseram aos espectadores que ninguém sabia do que se tratava, mas que houvera uma reunião de emergência do gabinete presidencial havia apenas alguns minutos.

— Companheiros americanos — começou o presidente Ryan, seu rosto na maioria dos lares americanos, sua voz em cada carro na estrada. Aqueles que tinham se acostumado ao novo presidente notaram o rosto pálido (a Sra. Abbot não tivera tempo para fazer sua maquiagem) e a voz soturna. A mensagem foi ainda mais sinistra.

No caminhão de cimento tinha um rádio, claro. Tinha até mesmo um toca-fitas e um aparelho de CD, porque, veículo de trabalho ou não, havia sido planejado para o uso de um cidadão americano. Estavam agora em Indiana, tendo cruzado o rio Mississippi e Illinois no começo do dia em sua jornada à capital da nação. Holbrook, que não via utilidade nas palavras de nenhum presidente, apertou o botão de seção automática de estações, só para descobrir que a mesma voz estava em todas as estações. Isso era tão incomum que manteve a sintonia numa das estações. Brown, dirigindo o caminhão, viu que carros e caminhões parando no acostamento — não muitos, a princípio, porém cada vez mais à medida que o discurso prosseguia, seus motoristas, como ele mesmo, inclinando-se sobre o rádio.

— Sendo assim, por ordem executiva do presidente, seu governo está tomando os seguintes procedimentos: Um, até segunda ordem, todas as escolas e faculdades no país serão fechadas.

Dois, todos os escritórios e lojas também serão fechados. Excetuam-se neste caso as que oferecem serviços essenciais: imprensa, assistência médica, alimentação, policiamento e proteção contra incêndios.

Três, todos os locais de reunião pública, teatros, cinemas, restaurantes, bares e estabelecimentos semelhantes, também serão fechados.

Quatro, todas as viagens interestaduais estão suspensas até segunda ordem.

Isto abrange todas as viagens aéreas, trens e ônibus interestaduais e automóveis para uso de particulares. Caminhões com carregamentos de alimentos receberão permissão para viajar sob escolta militar. O mesmo é válido para suprimentos essenciais, remédios e semelhantes.

Cinco, ativei a Guarda Nacional em todos os 15 estados e coloquei-a sob controle federal para manter a ordem pública. Uma lei estadual ou marcial está agora em vigor em caráter nacional.

Pedimos aos nossos cidadãos... não, deixem-me falar mais informalmente.

Senhoras e senhores, tudo que é necessário para atravessarmos esta crise é um pouco de bom senso. Não sabemos ainda o quanto essa doença é perigosa.

Todos os procedimentos que ordenei hoje são medidas de precaução. Eles parecem, e são de fato, medidas extremas. O motivo, como já lhes contei, é que esse vírus é o organismo potencialmente mais mortal no planeta, mas não sabemos ainda o quanto é perigoso. Nós sabemos que algumas medidas simples poderão limitar sua disseminação, a despeito do quanto ele seja fatal. Assim, foi no interesse da segurança pública que ordenei essas medidas. Esta ação está sendo realizada com o auxílio dos melhores consultores científicos disponíveis.

Para se protegerem, lembrem-se de como a doença é disseminada. Está comigo o general John Pickett, um médico do Exército e especialista no campo de doenças infecciosas, para proferir conselhos médicos a todos nós. General? — Ryan recuou do microfone.

— Mas que porra é essa? — gritou Holbrook. — Ele não pode fazer isso!

— Você acha? — disse Brown, seguindo um caminhão de 18 rodas.

Eles estavam a 160 quilômetros da divisa Indiana-Ohio. Seriam duas horas dirigindo este porco, pensou. Não havia como conseguir chegar lá antes da Guarda local fechar a estrada.

— Acho melhor acharmos um hotel, Pete.

— E então, que faço? — perguntou em Chicago a agente do FBI.

— Dispa-se. Pendure as roupas na porta.

Não havia tempo e espaço disponível para gentilezas, e ele, afinal, era um médico Sua convidada não enrubesceu. O Dr. Klein decidiu por roupas cirúrgicas completas, avental de mangas compridas em vez da variante mais popular. Não havia roupas plásticas suficientes para que ficasse andando por aí, e sua equipe usaria todas elas. Eles precisariam. Ficariam perto dos pacientes.

Lidariam com líquidos. Tocariam os doentes. Seu centro médico tinha agora nove pacientes sintomáticos cujos exames haviam dado positivo. Seis deles eram casados, e dos cônjuges, quatro tinham dado positivo para anticorpos do Ebola. Os exames ocasionalmente concediam uma leitura falsa positiva; ainda assim não era nem um pouco dizer a alguém que... bem, ele fizera isso com muita frequência com pacientes de AIDS. Eles estavam examinando crianças agora. Isso realmente dói.

A roupa que deu à agente era feita do algodão usual, mas o hospital separara alguns conjuntos e os espargira com desinfetante, especialmente as máscaras. A agente também recebeu um par de óculos de laboratório, os grandes de plástico, velhos conhecidos dos estudantes de química.

— Muito bem — disse Klein à agente. — Não se aproxime. Não chegue mais perto do que um metro e oitenta, e estará completamente segura. Se ela vomitar ou tossir, se tiver uma convulsão, fique afastada. Lidar com esse tipo de coisa é nosso trabalho, não o seu. Mesmo se ela morrer bem na sua frente, não toque em nada.

— Compreendo. Você vai fechar o escritório? — Ela apontou para a arma pendurada com suas roupas.

— Vou sim. E depois que tiver acabado, dê-me as suas anotações. Eu as passarei na copiadora.

— Para quê?

— Ela usa uma luz muito brilhante para fazer cópias. O ultravioleta certamente maneira qualquer partícula de vírus que possa se alojar no papel — explicou o professor Klein.

Agora mesmo em Atlanta estão sendo feitos experimentos rápidos para determinar o quanto as partículas do Ebola são robustas. Isso ajudará a definir o nível de precaução necessário nos hospitais, e talvez oferecer também orientações úteis para a população.

— Doutor, hã, por que não me deixa fazer as cópias?

— Oh, sim. — Klein balançou a cabeça. — Sim, acho que também funcionará assim, não é mesmo?

— Presidente. — era Barry, da CNN. — As medidas que o senhor está tomando são legais?

— Barry, não preciso responder a isso — disse Ryan, pálido e abatido. — Sejam legais ou não, estou convencido de que são necessárias.

Enquanto Ryan falava, um funcionário da Casa Branca distribuía máscaras cirúrgicas os jornalistas. Tinha sido ideia de Arnie e haviam sido recolhidas no Hospital Universitário George Washington.

— Mas, presidente, o senhor não pode infringir a lei. E se estiver errado?

— Barry, existe uma diferença fundamental entre o que faço no meu trabalho e o que você faz no seu. Se você cometer um erro, poderá se desculpar.

Acabamos de ver, ontem mesmo, com um dos seus colegas, lembra? Mas se eu cometer um erro numa ação como esta, como me desculparei por mortes? Não tenho esse luxo, Barry — disse o presidente. —

Se eu descobrir que o que estou fazendo está errado, então você irá falar de mim tudo que quiser. Isso também faz parte do meu trabalho, e estou sendo acostumado a isso. Talvez eu seja um covarde. Talvez tenha medo de deixar as pessoas morrerem sem motivo quando tenho o poder para impedir.

— Mas o senhor realmente não sabe, não é mesmo?

— Não — admitiu Jack. — Ninguém sabe realmente. Esta é uma daquelas vezes que você precisa confiar no seu melhor palpite. Gostaria de poder soar mais convincente, mas não posso, e não vou mentir a respeito.

— Quem fez isso, presidente? — perguntou outro jornalista.

— Não sabemos, e por enquanto não especularei sobre a origem dessa epidemia.

— E isso era mentira, pensou Ryan no momento em que a disse; falara uma mentira imediatamente depois de dizer que não mentiria, porque a situação também o exigia. Mas que mundo mais louco era esse.

Foi o pior interrogatório da vida da agente. A mulher, chamada Caso índice, era atraente, ou pelo menos havia sido até um ou dois dias antes. Agora a pele que ela recentemente classificava-se num tom pêssego, estava pálida e salpicada de manchas roxas. O pior de tudo era que a mulher sabia. Tinha de saber, pensou a agente, escondida atrás de sua máscara, segurando sua caneta hidrocor com luvas de borracha (nada afiado que pudesse penetrar o látex), fazendo suas anotações e aprendendo muito pouco. A mulher tinha de saber que este tipo de cuidado médico não era usual, que os médicos receavam tocá-la, e que agora uma agente especial do FBI estava conversando com ela sem ousar aproximar-se da cama.

— E além da viagem a Kansas City?

— Nada, realmente — replicou a voz, como se vindo do fundo de uma sepultura — Trabalhei à minha mesa, me preparando para os pedidos de outono.

Estive na feira de utensílios domésticos no McCormick Center durante dois dias.

Foram feitas mais algumas perguntas, nenhuma das quais gerou qualquer informação útil. A mulher na agente quis esticar o braço, tocar a mão da moribunda, prover a alguma medida de conforto e simpatia... mas não. A agente ficara sabendo havia apenas uma semana que estava grávida do seu primeiro filho. Ela agora tinha a custódia de duas vidas, não apenas a sua, e esse era o único pensamento que impedia suas mãos de tremerem — Obrigada. Voltaremos a falar com você — disse a agente, levantando de sua cadeira de metal e caminhando até a porta. Abrindo-a, passou de lado para não tocar a moldura da porta, e seguiu o corredor até a sala seguinte para o interrogatório seguinte.

Klein estava no corredor, discutindo alguma coisa com uma funcionária — se médica enfermeira, a agente não pôde dizer.

— Como foi? — perguntou o professor.

— Quais são as chances dela? — perguntou a agente.

— Essencialmente zero — replicou Mark Klein. Para doenças como esta, o Paciente Zero era exatamente isso.

— Ressarcimento? Eles estão pedindo ressarcimento a nós — protestou ministro da Defesa antes que o ministro das Relações Exteriores pudesse falar.

— Ministro, estou apenas conduzindo as palavras de outras pessoas — lembrou Adler aos seus anfitriões.

— Dois oficiais da sua Força Aérea examinaram os fragmentos do míssil. O julgamento deles confirma o nosso. E um Pen-Lung-13, o novo míssil sensor de calor de longo alcance, um desenvolvimento de uma arma russa. Agora é definitivo, ainda mais com as evidências de radar obtidas por suas naves — acrescentou Defesa. — O disparo contra o avião de passageiros foi um ato deliberado. Você sabe disso. Nós também. Então me diga, Sr. Adler, que posição a América assumirá nesta disputa?

— Não queremos nada mais além da restauração da paz — replicou o secretário de estado, confirmando suas próprias predições. — Devo lembrar também que a República Popular da China, ao permitir meus voos diretos entre sua capital e a de vocês, está demonstrando uma medida de boa vontade.

— Exatamente — replicou o ministro das Relações Exteriores. — Ou pelo menos á isso que pareceria a um observador externo casual, mas me diga, Sr.

Adler, o que eles realmente querem?

Não dá mais para segurar a situação, pensou o secretário de Estado americano. Esses dois eram tão espertos quanto ele, e estavam ainda mais zangados. Então isso mudou.

Uma secretária bateu na porta e entrou, irritando seu chefe até que eles trocaram algumas palavras em mandarim. Um telex foi entregue e lido. Então outro foi dado diretamente ao americano.

— Parece que está acontecendo alguma coisa grave em seu país, Sr.

Secretário.

A entrevista coletiva foi interrompida. Ryan saiu do recinto, retornou para o Salão Oval e sentou-se no sofá com sua esposa.

— Como foi?

— Você não assistiu? — perguntou Jack.

— Estávamos falando sobre outras coisas — explicou Cathy. Então Arnie entrou.

— Nada mau, patrão — opinou o chefe de gabinete. — Você terá uma reunião com pessoas do Senado esta noite. Acabo de acertar isso com as lideranças dos dois partidos. Isso tornará as eleições hoje um pouco mais interessantes...

— Arnie, até ordem em contrário não discutiremos política neste prédio.

Política a respeito a ideologia e teoria. Precisamos lidar com os fatos agora — asseverou ESPADACHIM.

— Você não pode fugir dela, Jack. Políticas real, e se isto foi um ataque deliberado torno disse o general, então estamos vivendo uma guerra, e guerra é um ato político. Você não é o rei filósofo. É o presidente de um país democrático — recordou-o van Damm.

— Certo — disse Ryan com um suspiro, rendendo-se por enquanto. — O que mais?

— Bretano telefonou. O plano está sendo implementado neste momento.

Em alguns minutos, o sistema de tráfego aéreo ordenará que todos os aviões parem de voar. Já deve estar havendo um caos tremendo nos aeroportos.

— Aposto que sim. — Jack fechou os olhos e esfregou-os.

— Presidente, o senhor não tem muita escolha nesta questão — disse o general Pickett — Como volto para o Hopkins? — perguntou Alexandre. — Tenho um departamento para dirigir e pacientes para tratar.

— Eu disse a Bretano que as pessoas terão permissão de deixar Washington — informou van Damm aos outros na sala. — O mesmo valerá para todas as grandes cidades nas fronteiras próximas. Nova York, Filadélfia e outras assim.

Precisamos deixar as pessoas voltarem para casa, certo?

Pickett assentiu.

— Sim, elas estarão mais seguras lá. É irreal considerar que o plano será implementado apropriadamente até a meia-noite.

Então Cathy falou: — Alex, acho que você virá comigo. Tenho de voar, também.

— Quê? — Ryan arregalou os olhos.

— Jack, sou médica, lembra?

— Você é uma médica de olhos, Cathy. As pessoas podem esperar para fazer óculos novos — insistiu Jack.

— Na reunião de departamentos de hoje, concordamos que todos terão de ajudar. Não podemos deixar o tratamento dos pacientes nas mãos das enfermeiras e dos garotos... os residentes. Sou uma clínica. Todos teremos de fazer a nossa parte nisto, querido — disse CIRURGIÃ ao marido.

— Não! Não, Cathy, é perigoso demais. — Jack virou-se para olhá-la. — Não deixarei que faça isso.

— Jack, todas aquelas vezes em que você partiu, as coisas que você nunca me disse, as coisas perigosas, você estava fazendo seu trabalho — disse ela, com razão. — Sou uma médica. Também tenho um trabalho.

— Não é tão perigoso assim, presidente — intrometeu-se Alexandre. — Tudo que é preciso fazer é seguir as normas. Trabalho com pacientes aidéticos todos os dias e...

— Não, mas que droga, não!

— Porque sou menina? — perguntou Caroline Ryan em tom gentil. — Também fico um pouco preocupada, Jack, mas sou professora de uma faculdade de medicina. Ensino alunos a como ser médicos. Ensino quais são suas responsabilidades profissionais. Uma dessas responsabilidades é estar lá para os seus pacientes. Você não pode fugir das suas obrigações. Eu também não posso, Jack.

— Eu gostaria de ver as normas que você estipulou, Alex — disse Pickett.

— Estou feliz por ter você conosco, John.

Jack continuou fitando o rosto da esposa. Ele sabia que Cathy era forte, e sempre soubera que ela ocasionalmente tratava pessoas com doenças contagiosas — a AIDS gerava a algumas complicações oculares sérias. Só que nunca pensara muito a respeito. Agora ele precisava: — E se...?

— Não vai acontecer. Eu preciso ser cuidadosa. Acho que você fez aquilo comigo novamente. — Ela o beijou na frente dos outros. — Meu marido tem um senso de oportunidade notável — comentou.

Era demais para Ryan. Suas mãos começaram a tremer um pouco e os olhos lacrimejaram. Piscou para enxugar as lágrimas.

— Por favor, Cathy...

— Você teria me ouvido a caminho daquele submarino, Jack? Ela o beijou novamente e se levantou.

Houve resistência, mas não muita. Quatro governadores disseram aos seus generais adjuntos — o título usual para um oficial no topo da hierarquia da Guarda Nacional — que não obedecessem à ordem presidencial, e três desses titubearam até o secretário de Defesa telefonar-lhes para tornar a ordem clara e pessoal, ameaçando-os com dispensa imediata, prisão e corte marcial. Alguns falaram sobre organizar protestos, mas isso demandaria tempo. Os veículos verdes já começavam a se mover, entre eles os da Divisão Blindada da Filadélfia, uma das unidades mais antigas e reverenciadas do Exército, cujos membros haviam escoltado George Washington em sua posse havia mais de dois séculos. As estações de TV e radio locais diziam que os visitantes poderiam ir para casa sem restrições até as nove daquela noite, e até a meia-noite com checagem de identificação. Se fosse fácil, as pessoas receberiam permissão de ir para casa. Isso acontecia na maioria dos casos mas não em todos, e os motéis estavam com lotação esgotada por toda a América.

As crianças, ao saber que não haveria aulas durante pelo menos uma semana, receberam a notícia com entusiasmo, intrigadas com a preocupação e mesmo com o medo evidente demonstrado por seus pais.

As farmácias que vendiam coisas como máscaras cirúrgicas venderam todo seu estoque numa questão de minutos, seus balconistas sem saber o motivo até alguém ligar um rádio.

Em Pittsburgh, estranhamente, os agentes do Serviço Secreto realizando os preparativos para a chegada do presidente Ryan demoraram a receber as notícias. Enquanto a maioria dos membros da equipe avançada se acotovelavam no bar para assistir o presidente pela TV, Raman afastou-se para dar

um telefonema. Ligou para sua casa, esperou pelos quatro toques até sua secretária eletrônica ser acionada, e então clicou o código de acesso a mensagens. Era uma mensagem falsa, como antes, anunciando a chegada de um tapete que ele não encomendara e um preço que não iria pagar. Raman sentiu um leve arrepio.

Agora estava livre para completar sua missão segundo seu próprio julgamento.

Isso significava que era esperado que muito em breve ele morresse em missão.

Mas, enquanto caminhava até o bar, Raman preferiu pensar que tinha uma chance sobreviver. Os outros três agentes estavam parados diante da TV.

Quando alguém falou que eles estavam bloqueando a vista, uma série de credenciais foram levantadas.

— Puta merda! — disse para os outros o oficial mais graduado do escritório de Pittsburgh. — E agora, o que vamos fazer?

Foi complicado em relação aos voos internacionais. Apenas agora a notícia estava chegando às embaixadas em Washington. Eles comunicaram a natureza da emergência para os seus governos. No caso dos europeus, os altos oficiais estavam em casa, indo para a cama, quando os telefones tocaram. Eles precisaram ir até seus escritórios, realizar suas próprias reuniões e decidir o que fazer, mas a longa duração dos voos sobre o mar concedia tempo de sobra para isso. Logo ficou decidido que todos os passageiros em voos da América entrariam em quarentena — por quanto tempo, eles não sabiam ainda.

Telefonaram para a Administração Federal de Aviação e negociaram a permissão para que os voos da Europa para a América tocassem o solo, fossem reabastecidos e então retornassem aos seus pontos de origem. Essas aeronaves foram identificadas e descontaminadas, e seus passageiros receberam permissão para seguir para casa, embora ocorressem alguns erros burocráticos ao longo do caminho.

Que os mercados financeiros seriam fechados só ficou evidente quando um caso de Ebola chegou ao Centro Médico da Northwestern University. Ele era um negociante de fundos de ações que trabalhava no andar tumultuado da Bolsa de Valores de Chicago e a notícia se espalhou rápido. Todas as bolsas de valores seriam fechadas, e a preocupação seguinte para a comunidade comercial e financeira foi o efeito que isto causaria em suas atividades.

A TV estava dando ampla cobertura à crise. Cada emissora encontrou seu médio especialista e deu-lhe liberdade para explicar o problema, geralmente com excesso de detalhes. Os canais de cabo transmitiram especiais científicos sobre as epidemias de Ebola no Zaire, mostrando até onde os sintomas iniciais poderiam chegar. O resultado foi uma espécie silenciosa de pânico por toda a nação. Em suas casas, as pessoas inspecionavam suas despensas para ver quanta comida tinham, assistiam TV, preocupavam-se e também esforçavam-se para manter-se isolados. Quando vizinhos conversavam, era sempre a distância.

A contagem de casos alcançou os quinhentos imediatamente antes das oito da noite em Atlanta. Havia sido um dia longo para Gus Lorenz, não parando entre seu laboratório e seu escritório. Havia perigo para ele e sua equipe.

Cansaço causava erro, acidentes. Aquele era um dos melhores laboratórios de pesquisa do mundo, e as pessoas que trabalhavam ali estavam acostumadas a uma rotina calma e ordenada. Agora o ritmo era frenético. Amostras de sangue trazidas para eles eram etiquetadas e testadas, e os resultados eram enviados por fax para o hospital de origem. Lorenz lutou durante o dia inteiro para reorganizar seu pessoal e suas funções, de modo a manter a equipe em funcionamento contínuo 24 horas por dia, mas também para não fadigar ninguém. Ele precisava aplicar essa norma a si próprio, e quando retornou ao escritório para tirar um cochilo, encontrou alguém esperando-o lá dentro.

— FBI — disse o homem, levantando sua identificação. Ele era na verdade o representante local, um agente muito antigo que estava conduzindo seu próprio escritório através de um telefone celular. Era um homem alto e calmo, que demorava a ficar nervoso ou irritado. Em situações de crise, costumava dizer à sua força de agentes que preciso pensar primeiro. Sempre havia tempo para estragar tudo, e também para colocar as coisas nos trilhos.

— Que posso fazer por você? — perguntou Lorenz, acomodando-se em seu cadeira.

— Senhor, preciso que me instrua. O FBI está trabalhando com algumas outras agências para ver como tudo isto começou. Estamos entrevistando cada vítima para tentar determinar onde elas ficaram doentes, e descobrimos que você é o especialista a quem perguntar sobre a situação geral. Onde tudo isto começou?

Os militares não sabiam onde havia começado, mas estava ficando rapidamente aparente para onde tinha ido. Forte Stewart, Geórgia, tinha sido o primeiro. Praticamente cada base do Exército ficava nas proximidades de alguma grande cidade. Forte Stewart ficava a uma pequena distância de carro de Savannah e Atlanta. Forte Hood ficava perto de Dallas—Forth Worth. Forte Campbell ficava a uma hora de Nashville, onde o Vanderbilt á reportara casos.

Os soldados viviam principalmente no quartel, onde compartilhavam chuveiros e toaletes; os oficiais médicos nessas bases estavam literalmente aterrorizados.

Entre os membros das Forças Armadas, eram os marinheiros que viviam mais próximos. Seus navios eram ambientes isolados. Os navios no mar receberam ordens para permanecer em suas posições até que a situação na costa fosse avaliada. Logo foi determinado que cada base principal estava em risco, e quando algumas unidades — principalmente de infantaria e da polícia militar — foram destacadas para a Guarda Nacional, os médicos ficaram de olho em cada soldado e marinheiro. Logo começaram a encontrar homens e mulheres com sintomas de gripe. Esses foram isolados instantaneamente, colocados em roupas protetoras e enviados de helicóptero para o hospital mais próximo que estivesse recebendo suspeitas de casos de Ebola. Por volta da meia-noite ficou claro que, até segunda ordem, o Exército americano era um instrumento contaminado.

Telefonemas urgentes para o Centro de Comando Militar Nacional reportaram quais unidades haviam encontrado casos, e a partir dessas informações batalhões inteiros foram separados dos outros e mantidos dessa forma. Os soldados precisaram alimentar-se de rações de combate porque os refeitórios estavam fechados; isolados, tudo que lhes restava fazer era pensar num inimigo que não podiam enxergar.

Deus do Céu, John — disse Chavez no escritório do amigo.

Clark assentiu silenciosamente. Sandy, sua esposa, era instrutora de enfermagem n um hospital-escola e sua vida, ele sabia, podia estarem risco. Ela trabalhava no pavimento médico. Se chegasse um paciente infectado, ele iria para a unidade de Sandy e viu seria a responsável por mostrar às alunas como tratar de pacientes assim de forma Segura?, perguntou-se John. Claro. O pensamento resgatou memórias sombrias e o tipo de medo que ele não conhecia havia anos. Este ataque ao seu país — Clark ainda não ouvira essa teoria, mas aprendera a não acreditar em coincidências — não o colocara •m risco, mas à sua esposa.

— Quem você acha que fez isso? — Foi uma pergunta estúpida, e gerou uma resposta ainda mais imbecil.

— Alguém que nos odeia pra cacete — observou John, irritado.

— Desculpe. — Chavez olhou pela janela e pensou por alguns segundos. — Joguinho filho da mãe esse, John.

— Precisamos descobrir quem foi... O problema é que uma operação como essa deve ter sido cercada por um tremendo esquema de segurança.

— Concordo plenamente, Sr. C. Será que foi a turma em quem temos ficado de olho?

— Essa é uma possibilidade. Há outras também, suponho. — Ele olhou seu relógio de pulso. O diretor Foley já devia ter voltado de Washington, e eles precisavam ir até seu escritório. Isso levou alguns minutos.

— Oi, John — disse o diretor da CIA, levantando os olhos de sua mesa. Mary Pat também estava lá.

— Não foi acidente, foi? — perguntou Clark.

— Não foi não. Estamos montando uma força-tarefa conjunta. O FBI está conversando com pessoas dentro do país. A nossa parte na missão provavelmente será trabalhar fora das fronteiras. Vocês dois fiquem de prontidão para isso. Estou tentando encontrar uma forma de mandar agentes para o exterior.

— O SNIE? — perguntou Ding.

— Tudo agora está de molho. Jack até mesmo me conferiu autoridade sobre a NSA e a DIA. — Embora, pela lei, o diretor da CIA tivesse poder para fazer isso, a verdade era que as outras grandes agências sempre haviam sido impérios independentes. Até agora — Como vão os garotos? — perguntou Clark.

— Estão em casa — replicou Mary Pat. Rainha dos espões ou não, ela ainda em uma mãe com preocupações de mãe. — Eles dizem que estão se sentindo bem.

— Armas de destruição em massa — disse Chavez em seguida. Ele não precisava falar mais nada.

— Sim — assentiu o diretor da CIA. Alguém ignorou ou não se preocupou com fato de que há anos a política dos Estados Unidos era explícita nesse aspecto. Fosse o ataque nuclear ou biológico, os EUA não possuem armas biológicas, e portanto seu contra-ataque seria com as armas que tinham, as nucleares. O telefone da mesa de Foley tocou.

— Alô? — Ele ouviu por alguns segundos. — Certo. Pode mandar uma equipe para cá para isso? Bom, obrigado.

— O que foi?

— O USAMRIID em Forte Detrick. Eles estarão aqui em uma hora.

Podemos mandar homens para o exterior, mas eles precisam fazer exame de sangue antes. Os países europeus estão... bem, vocês podem imaginar. Merda, não dá nem para entrar com a porra de um cachorro na Inglaterra sem deixá-lo num canil por um mês até terem certeza de que o bicho não tem raiva. Vocês provavelmente serão examinados do outro lado do lago, também. Isso também é válido para a equipe de voo — acrescentou o diretor da CIA.

— Não estamos com as malas prontas — disse Clark.

— Comprem o que precisarem lá, John. — Mary Pat fez uma pausa. — Desculpe — Temos alguma ordem para seguir?

— Ainda não, mas isso mudará. Não é possível fazer uma coisa dessas sem deixar algumas pegadas.

— Tem algo muito esquisito nesta história — observou Chavez, olhando para o fundo do escritório longo e estreito, que ficava no último andar. — John, lembra do que disse outro dia?

— Não — admitiu Clark. — Do que está falando?

— Há certas coisas que não é possível contra-atacar, coisas que não podem ser revertidas. Ei, se isto foi uma operação terrorista...

— Grande demais — objetou Mary Pat. — Sofisticada demais.

— Certo, senhora, mas seja o que tenha sido, todos sabem que podemos transformar o vale Bekaa num estacionamento e mandar os fuzileiros pintar as linhas depois que chão esfriar. Isso não é segredo. Nós desarmamos os mísseis balísticos, mas ainda temos bombas nucleares. Podemos queimar qualquer país de volta à Idade da Pedra, e tenho certeza que o presidente Ryan faria isso... ou pelo menos eu não apostaria contra essa possibilidade. Já vi o cara em ação, e ele não é nenhum maricas.

— E daí? — perguntou o diretor da CIA. Ele não acrescentou que a coisa não era tão simples assim. Antes de Ryan ou qualquer outro iniciar uma ordem de ataque nuclear, os motivos apresentados teriam de

ser do tipo capaz de passar pelo escrutínio da Suprema Corte, e ele não achava que Ryan era do tipo capaz de tomar uma atitude dessas a maior parte das circunstâncias.

— E daí que quem conduziu esta operação está pensando numa entre duas coisas, que não fará diferença se descobrirmos, ou que não reagiremos dessa forma ou... — teria uma terceira opção, não havia? Estava na ponta da língua.

— Ou eles derrubam o presidente... mas por que então tentaram com a filhinha dele primeiro? — perguntou Mary Pat. — Isso apenas intensifica a segurança em torno dele dificulta em vez de facilitar. Temos um monte de preocupações no momento. A China. A URI. O movimento da Marinha indiana para o mar. Toda a merda apocalíptica acontecendo aqui, e agora este Ebola.

Não há um quadro geral. Todas as coisas parecem desconexas.

— Exceto que essas coisas estão tornando a nossa vida um inferno, não é mesmo? A sala ficou silenciosa por alguns segundos.

— Sabem de uma coisa? O garoto tem razão — disse Clark para os outros dois.

Sempre começa na África — disse Lorenz, enchendo seu cachimbo. — É lá que coisa vive. Houve uma epidemia no Zaire há alguns meses.

— Não deu nos jornais — disse o agente do FBI.

— Foram apenas duas vítimas, um menino e uma enfermeira... uma freira, acho, que morreu num acidente de avião. Depois disso, houve uma mini epidemia no Sudão, iminente duas vítimas, um adulto e uma menina. O homem morreu. A criança está bem. Isso aconteceu semanas atrás, também. Temos amostras de sangue do Caso índice, estamos fazendo experiências com essa amostra há algum tempo.

— Como vocês fazem isso?

— Cultivamos o vírus em tecidos. Rins de macaco, para ser preciso... oh, sim — lembrou.

— O quê?

— Fiz um pedido por alguns macacos verdes africanos. É o tipo de macaco que usamos. Nós fazemos a eutanásia nos animais e depois extraímos seus rins.

Alguém chegou a nossa frente e tivemos de esperar outro carregamento.

— O senhor sabe quem foi? Lorenz balançou a cabeça.

— Não, nunca descobrimos. Isso me atrasou uma semana, dez dias, só isso.

— Quem mais iria querer os macacos? — perguntou o agente.

— Empresas farmacêuticas, laboratórios médicos, instituições do tipo.

— Com quem eu poderia falar a esse respeito?

— Está falando sério?

— Sim, senhor.

Lorenz deu de ombros e tirou um cartão de seu Rolodex.

— Tome.

O encontro no café da manhã precisara de algum tempo para ser providenciado. O embaixador David L. Williams saltou de seu carro e em seguida foi escoltado até a residência oficial do primeiro-ministro. Ele estava grato pela hora do dia. A Índia podia ficar quente como um forno e na sua idade o calor tornava-se cada vez mais opressor, especialmente quando precisava vestir-se como embaixador em vez de como governador da Pensilvânia, onde era aconselhado parecer pertencer à classe operária. Neste país, classe operária significava roupas ainda mais informais, e isso tornava a nata da sociedade ainda mais apegada aos seus amados símbolos de status. Eles chamavam este lugar de A Maior Democracia do Mundo. Tá bom.

A primeira-ministra já estava sentada à mesa. Ela se levantou quando ele entrou na sala, segurou sua

mão e o conduziu até seu lugar. A porcelana era ornamentada com borda de ouro, e um criado entrou para servir café. O desjejum começou com melão.

— Obrigado por me receber — disse Williams.

— O senhor sempre é bem-vindo à minha casa — replicou graciosa a primeira ministra.

Tão bem-vindo quanto uma cascavel, pensou o embaixador. O papo furado de como vai você durou dez minutos. Os cônjuges estavam bem. As crianças estavam bem. Os netos, estavam bem. Sim, estava esquentando com a proximidade do verão.

— Então, de que negócios devemos tratar?

— Estamos a par de que sua Marinha está navegando.

— Sim, eu acho. Depois dos desprazeres que suas forças nos infligiram, eles pra saram fazer reparos.

Suponho que estão se certificando se todas as máquinas estão funcionando — replicou a primeira-ministra.

— Apenas exercícios? — indagou Williams. — Meu governo apenas quer fazer esta pergunta, senhora.

— Embaixador, devo recordar-lhe que somos uma nação soberana. Nossas forças armadas operam sob a sua lei, e insiste em nos lembrar que o mar é livre para a passagem inocente de todos. O senhor está me dizendo que o seu país deseja negar-nos esse direito.

— Claro que não, primeira-ministra. Apenas achamos curioso que estejam evidentemente realizando um exercício tão grande. — Com seus recursos limitados, não acrescentou.

— Embaixador, ninguém gosta de ser molestado. Há apenas alguns meses, vocês nos acusaram falsamente de nutrir intenções agressivas contra um vizinho. Ameaçaram o nosso país. Chegaram mesmo a realizar um ataque contra a nossa Marinha e danificar nossos navios. O que fizemos para merecer atos tão inamistosos? — perguntou a primeira-ministra, recostando-se em sua cadeira.

Atos inamistosos não era uma expressão usada livremente, reparou o embaixador, e não fora empregada aqui por engano.

— Madame, não realizamos tais atos. Sugiro que, se houve impressões falsas, talvez elas tenham sido mútuas. Foi para prevenir futuros erros dessa natureza, que vim aqui fazer uma pergunta simples. A América não faz ameaças. Nós simplesmente queremos saber as intenções de suas forças navais.

— E já respondi. Estamos conduzindo exercícios. — Um momento antes, notou Williams, ela havia suposto que alguma coisa estava acontecendo. Agora ela estava mais certa disso. — Nada mais que exercícios.

— Então minha pergunta está respondida — comentou Williams com um sorriso benigno.

Deus, pensou Williams, a mulher se acha esperta. Ele crescera num dos ambientes políticos mais complexos da América, o Partido Democrata da Pensilvânia, e lutara para chegar ao topo. Ele já encontrara pessoas como ela, apenas um pouco menos hipócritas. Mentir em um hábito tão comum para figuras políticas que elas achavam que sempre podiam se sair bem.

— Muito obrigado, primeira-ministra.

Eles tinham realizado um péssimo combate, amargando a primeira derrota neste rotação de treinamento. Péssima noção de oportunidade, pensou Hamm, observando os veículos retornarem pelas estradas de terra. O jogo de guerra começara logo depois pronunciamento do presidente. Eles eram soldados da Guarda Nacional, estavam longe de casa, e estavam preocupados com suas famílias. Isso os distraíra imensamente, por que não haviam tido tempo de se acalmar, ligando para casa e certificar-se de coisas como mamãe e papai estavam bem, ou querida e as crianças. E eles tinham pagado por isso. Mas, soldado profissional que era, Hamm sabia que não era justo sujar a ficha da brigada da Carolina. Este tipo de coisa não aconteceria no campo de batalha.

Por mais realista que fosse o jogo de guerra, ainda era de mentirinha. Aqui ninguém morria, exceto

por acidente, enquanto lá em casa a coisa verdadeira estava acontecendo. Não era assim que deveria ser com soldados, era?

Clark e Chavez tiveram seu sangue extraído por um médico do Exército que também realizou o exame. Eles assistiram a tudo com fascínio mórbido, especialmente porque o médico usava luvas e máscara.

— Vocês dois estão limpos — disse-lhes o médico, suspirando de alívio.

— Obrigado, sargento — disse Chavez. Era muito real agora. Seus olhos latinos estavam demonstrando alguma coisa além de alívio. Como John, Domingo estava colocando sua máscara de missão.

Investigações

A reunião com a liderança do Senado foi previsível. Enviar-lhes máscaras cirúrgicas estabelecera o tom da noite para eles — novamente, a ideia fora de van Damm. O general Pickett estivera no Hopkins para supervisionar os procedimentos, e depois voara para o Senado a fim de conduzir a maior parte da reunião. Os 15 senadores na Sala Leste ouviram compenetrados, apenas seus olhos aparecendo por trás das máscaras.

— Não estou confortável com suas ações, presidente — disse um deles. Jack não pôde distinguir qual.

— Você acha que eu estou? — replicou o presidente. — Se alguém tiver uma ideia melhor, vamos ouvi-la. Preciso contar com os melhores aconselhamentos médicos. Se esta coisa for tão mortal quanto o general diz, então qualquer erro poderia matar um número de pessoas na casa dos milhares... talvez dos milhões.

Se nós errarmos, teremos de errar do lado da cautela.

— Mas e quanto às liberdades civis? — inquiriu outro deles.

— Alguma delas vem antes da vida? — perguntou Jack. — Pessoal, se alguém me der uma opção melhor, que eu a ouvirei... temos conosco um de nossos especialistas para avaliar suas sugestões. Mas não ouvirei objeções que não sejam baseadas em fatos científicos. A Constituição e a lei não podem prever todas as eventualidades. Em casos como este, devemos usar nossas cabeças...

— Nossa obrigação é sermos guiados por princípios! — Era novamente o senador das liberdades civis.

— Certo, então vamos falar sobre isso. Se existe um equilíbrio entre o que fiz e qualquer outra coisa que mantenha este país funcionando, seguro, vamos descobrir. Eu quero opções! Me deem alguma coisa que eu possa usar!

Seguiu-se silêncio e vários entreolhares. Até isso era difícil. Os senadores estavam assustados bastante afastados uns dos outros.

— Por que o senhor tinha de agir tão rápido?

— Pessoas podem estar morrendo, seu babaca! — rosnou outro senador para seu amigo e distinto colega. Esse devia pertencer à nova safra, pensou Jack.

Alguém que ainda não conhecia os mantras.

— Mas e se o senhor estiver errado? — indagou outra voz.

— Então a Câmara poderá me levar a julgamento e pedir meu impeachment — replicou Jack. — Então alguma outra pessoa poderá tomar essas decisões, e que Deus o ajude. Senadores, minha esposa está no Hopkins neste exato momento, e ela está fazendo a sua parte ajudando as pessoas. Eu não gosto disso, também. Eu gostaria de ter o apoio de vocês. Presidente ou não, preciso fazer o melhor que posso. Vou dizer pela última vez: se alguém tiver uma ideia melhor, vamos ouvi-la.

Mas ninguém tinha, e isso não era culpa deles. Ele tivera pouco tempo para lidar com a situação, mas os senadores tiveram ainda menos.

A Força Aérea trouxera uniformes tropicais para eles da loja da Base Aérea de Andrews, porque

suas roupas de Washington eram um pouco pesadas demais para um ambiente tropical. Também proporcionariam uma boa cobertura. Clark usava as águias de prata de um coronel, e Chavez era um major, completo com asas de prata de piloto e laços doados pela tripulação de seu VC-20B. A tripulação tinha sido, na verdade, duas duplas de pilotos. A tripulação de reserva estava dormindo nas poltronas de passageiros na frente da cabine.

— Nada mal para um E-6 aposentado — comentou Ding, embora o uniforme não lhe caísse tão bem.

— Nada mal para um E-7 aposentado, também, e é senhor para você, major Chavez.

— O senhor é um saco, senhor.

Foi seu único momento descontraído. A versão militar do jato comercial Gulfstream tinha uma tonelada de equipamentos de comunicação, e um sargento para cuidar dele. Os documentos chegando pelo equipamento ameaçavam exaurir o suprimento de papel a bordo enquanto sobrevoavam Cabo Verde, a caminho de Kinshasa.

— Segunda parada é o Quênia, senhor. — A sargento de comunicações era na verdade especialista em informação. Ela lia todas as comunicações recebidas. — Vocês precisam conversar com um homem a respeito de alguns macacos.

Clark pegou a folha — ele era o coronel, afinal de contas — e a leu, enquanto Chavez tentava descobrir como colocava os laços na camisa azul do uniforme.

Decidiu que não precisava ser cuidadoso demais. A Força Aérea não era realmente um serviço militar pelo menos segundo a crença geral no Exército, ao qual servira.

— Verifique isso — disse John, estendendo a folha para ele.

— É uma ordem de missão, Sr. C. — observou Ding prontamente. Trocaram um olhar. Esta era uma missão puramente de informação, uma das raras nas quais eles tinham sido despachados. Sua missão era reunir informações suficiente para seu país, e nada mais. Parecia haver um certo desperdício em enviar soldados de combate (no caso de Clark, um ex-SEAL) para missões que mesmo os espiões as consideravam pouco excitantes. Mas essas missões costumavam ser satisfatórias. Chavez estava aprendendo a ser paciente e a controlar seu gênio — na verdade, essa parte de herança genética, como ele a chamava agora, sempre estivera sobre controle rigoroso mas isso não o impedia de pensar em descobrir quem atacara seu país, e depois lidar com ele da forma que os soldados faziam.

— Você o conhece melhor do que eu, John. O que ele vai fazer?

— Jack? — Clark deu com os ombros. — Isso depende do que conseguirmos para ele, Domingo. Esse é o nosso trabalho, lembra?

— Sim, senhor — disse seriamente o homem mais jovem.

O presidente não dormiu bem naquela noite, embora dissesse a si mesmo e tivesse ouvido de outros que o sono era um pré-requisito para tomar boas decisões e isso, todos enfatizavam, era sua única função real. Era o que os cidadãos esperavam que ele fizesse acima de todas as coisas. No dia anterior, dormira apenas seis horas depois de um programa exaustivo de viagens e discursos, mas mesmo assim o sono demorou a chegar. Sua equipe e os integrantes de muitas outras agências federais tinham dormido menos, que ele, por mais calculadas que tivessem sido suas ordens executivas, elas precisavam ser implementadas num mundo prático, e isso exigia interpretação das ordens no contexto de uma nação viva. Uma complicação final era o fato de que havia um problema com as duas Chinas, que ficavam 13 horas à frente de Washington; outro problema potencial era a Índia, dez horas à frente; e o Golfo Pérsico, oito horas à frente. Tudo isso além dos problemas na América, ela mesma desdobrada em sete fusos horários, contando com o Havaí — ou ainda mais se fossem acrescentadas as possessões no Pacífico. Deitado em sua cama no pavimento residencial da Casa Branca, Ryan estava com a mente dançando em volta do globo, finalmente se perguntando que parte do globo não era uma área merecedora de algum tipo de preocupação. Por volta das três da manhã, ele desistiu do estudo, levantou-se e vestiu roupas caseiras

para caminhar até a Ala Oeste, onde ficava o escritório de Sinais, membros da segurança presidencial a reboque.

— O que está acontecendo? — perguntou ao oficial mais graduado presente.

Era o major Charles Canon, USMC, que fora quem o informara sobre o assassinato no Iraque... que havia começado tudo aquilo, recordou Jack. As pessoas começaram a se levantar. Ele gesticulou para que se sentassem. — A vontade.

— Noite atarefada, senhor. Tem certeza de que quer ser inteirado de tudo? — perguntou o major.

— Não estou com sono, major — replicou Ryan. Os três agentes do Serviço Secreto dele fizeram caras e bocas. Eles sabiam o que era melhor para POTUS, ainda o próprio não soubesse.

— Certo, presidente, estamos conectados agora com as linhas de comunicação do CDC e do USAMRIID. Estamos copiando todos os dados deles. Naquele mapa temos posição de todos os casos. — Canon apontou.

Alguém pregara um mapa novo, grande, dos Estados Unidos, num quadro de cortiça. Os alfinetes de cabeça vermelha obviamente marcavam os casos de Ebola. Havia também um suprimento de alfinetes de cabeça preta, o significado era igualmente óbvio, embora ainda não houvesse nenhum no quadro, alfinetes estavam agora amontoados principalmente em 18 cidades, com casos aparentemente isolados e pares espalhados aleatoriamente pelo mapa. Havia ainda alguns locais intocados. Idaho, Alabama, os dois Dakotas e até, estranhamente, Minnesota a sua Clínica Mayo, estavam entre os estados até agora protegidos pela ordem executiva de Ryan — ou pelo acaso, e como alguém poderia determinar a diferença? Havia muitas impressões de computador — todas as impressoras estavam funcionando agora. Ryan pegou uma das folhas. As vítimas-pacientes estavam listadas em ordem alfabética por nome, estado, cidade, ocupação. Cerca de 15% estavam na categoria profissionais de manutenção, e esse era o maior grupo estatístico além de promotores de vendas. Esses dados vieram do FBI e do CDC, que estavam trabalhando em conjunto para estudar pacientes de infecção. Outra impressão mostrava locais suspeitos de infecção, e isso confirmava a afirmação do general Pickett de que as feiras de exposição haviam sido selecionadas como alvos primários.

Em todos os seus anos na CIA, Ryan estudara todos os tipos de ataques teóricos contra seu país. Por algum motivo, esse tipo de ataque jamais chegara à sua mesa. Guerra biológica nunca fora considerada seriamente. Ele passara milhares de horas pensando na possibilidade de um ataque nuclear. O que nós tínhamos, o que eles tinham, quais alvos, quais baixas, as centenas de opções possíveis de alvos para fatores políticos, militares ou econômicos, e para cada opção havia uma variedade de resultados possíveis dependendo do clima, época do ano, hora do dia e outras variáveis até que o resultado pudesse ser enviado apenas por computadores, e mesmo assim os resultados prováveis eram apenas expressões de cálculos de probabilidade. Ele odiara cada momento daquilo e se regozijara com o fim da Guerra Fria e da preocupação constante com a possibilidade de megamortes Jack até mesmo vivera uma crise que poderia ter resultado numa guerra nuclear. E ele lembrava bem dos pesadelos que isso causara...

O presidente jamais tivera um curso em governo por si, apenas os cursos usuais de ciência política no Boston College durante sua graduação em economia. Ele lembrava principalmente das palavras de um plantador aristocrata, escritas quase trinta anos antes de sua ascensão para se tornar o primeiro presidente do país: Vida, Liberdade e Busca da Felicidade. É para assegurar esses direitos que os governos são instituídos entre os homens, derivando seus poderes justos do consentimento dos governados. A Constituição que Ryan jurara Preservar, Proteger e Defender era designada para preservar, proteger e defender as vidas e os direitos das pessoas lá fora, e ele não devia ficar parado ali, sem fazer nada, apenas lendo as listas de nomes, lugares e ocupações de pessoas, entre as quais pelo menos 80% iriam morrer.

Essas pessoas tinham direito a suas vidas. Tinham direito à sua liberdade.

Tinham direito, como dissera Jefferson, à busca da felicidade. Bem, alguém estava tirando vidas.

Ryan ordenara a suspensão da liberdade dos cidadãos.

Com toda certeza eram poucos os que estavam felizes naquele momento...

— Tenho um pedacinho de boa notícia, presidente.

Canon entregou-lhe os resultados das eleições do dia anterior. Foi uma surpresa; Ryan. Ele se permitira esquecer o assunto. Alguém compilara uma lista dos vencedor por profissão, e menos da metade deles eram advogados.

Trinta e sete eram médicos. e três eram engenheiros. Dezenove eram fazendeiros. Dezoito eram professores. Qual eram executivos de um tipo ou outro. Bem, isso era algo, não era? Agora ele tinha um terço de um Congresso.

Como trazê-los para Washington? Eles não podiam impedidos disso. A Constituição era explícita nessa questão. Embora Pat Martin pudesse argumentar que a suspensão das viagens interestaduais jamais tinham sido levadas diante da Suprema Corte, a Constituição exigia que os membros do Congresso não fossem impedidos de comparecer a uma sessão exceto em casos de traição...? Alguma coisa assim. Jack não conseguia se lembrar das palavras exatas, mas sabia que imunidade de congressista era coisa muito séria.

Uma máquina de telex começou a funcionar. Um Especialista 5 do Exército caminhou até ela.

— Mensagem urgente do Estado, do embaixador Williams, na Índia — anunciou o especialista.

— Vejamos.

Ryan caminhou até o telex. Não eram boas notícias. Nem a seguinte, vinda de Taipé.

Os médicos estavam trabalhando em turno de quatro horas. Para cada jovem residente havia um veterano da equipe. Estavam fazendo principalmente trabalho de enfermagem, e achavam que estavam fazendo a maior parte bem, embora soubessem também que isso não faria tanta diferença.

Era a primeira vez de Cathy numa roupa espacial. Ela operara trinta ou mais pacientes de AIDS por complicações oculares em decorrência de suas doenças, mas isso não fora terrivelmente difícil. Nesses casos usavam-se luvas normais; a única preocupação real era o número de mãos permitidas no campo cirúrgico, mas nas cirurgias oftalmológicas isso não era nem de perto tão complicado quanto nas torácicas, por exemplo. O cirurgião demorava um pouco mais, precisava ser um pouco mais cuidadoso em seus movimentos, mas era só.

Não agora. Agora Cathy estava num saco de plástico grosso, usando um capacete cujo visor transparente constantemente embaçava devido a sua respiração, enquanto olhava para pacientes que morreriam apesar de toda a atenção que lhes estava sendo dispensada.

Mesmo assim, eles tinham de tentar. Ela estava olhando para o Caso índice local, o Vendedor de Winnebagos cuja esposa estava no quarto ao lado. Havia dois tubos intravenosos correndo, um de fluidos e eletrólitos e morfina, outro de sangue saudável, ambos mantidos rigidamente em seus lugares para não danificar a conexão braço-veia. A única coisa que podiam fazer era prestar apoio. Já se pensara que interferona poderia ajudar, mas isso não funcionara.

Antibióticos não afetavam as doenças virais, fato do qual quase ninguém tinha ciência. Não havia nada mais que pudesse ser usado, embora umas cem pessoas estivessem agora em seus laboratórios, examinando opções. Poucos haviam se dedicado à pesquisa do Ebola. O CDC, o Exército e alguns outros laboratórios espalhados pelo mundo haviam feito algum trabalho, mas não houvera o esforço dedicado a outras doenças que devastavam países civilizados. Na América e na Europa, a pesquisa prioritária era dedicada a doenças que matavam muitos, ou que atraíam muita atenção política, porque o investimento de dinheiro governamental na pesquisa era um ato político. Quanto aos financiamentos particulares, costumavam ser direcionados principalmente a doenças que haviam atingido pessoas ricas ou preeminentes. A myasthenia gravis matara Aristóteles Onassis, e o financiamento resultante — embora não tivesse sido rápido o bastante para ajudar o magnata de embarcações — resultará em progressos

quase da noite para o dia. Os financiamentos particulares visavam a ajudar as pessoas de sorte, mas ainda assim era uma bênção para outras vítimas. O mesmo princípio estendia-se à oncologia, onde os fundos para câncer de seio, que atacava aproximadamente uma entre cada dez mulheres, superava de longe os dedicados ao câncer da próstata, que afligia metade da população masculina. Uma soma imensa ia para os cânceres infantis, que eram estatisticamente raríssimos — apenas 12 casos por ano em cem mil crianças —, mas o que era mais valioso que uma criança? Ninguém objetava a isso; ela certamente não. Restava ao Ebola e outras doenças tropicais um financiamento minúsculo, porque não ameaçavam muito os países que gastavam o dinheiro.

Isso iria mudar agora, mas não rápido o bastante para os pacientes que estavam abarrotando o hospital.

O paciente começou a balbuciar e virou sobre seu lado direito. Cathy segurou a lata de lixo de plástico — os vomitórios eram pequenos demais e tendiam a derramar — segurou para ele. Bile e sangue, viu Cathy. Sangue preto.

Sangue morto. Sangue repleto dos pequenos tijolos cristalinos do vírus Ebola.

Quando o paciente acabou, Cathy deu-lhe um recipiente de água, o tipo com um canudo que bastava ser apertado para liberar um pouco de água. Apenas o suficiente para umedecer sua boca.

— Obrigado — disse com dificuldade o paciente.

Sua pele estava pálida, exceto nos lugares onde estava manchada devido a sangramento subcutâneo. Petéquias. Devia ser uma palavra de origem latina, pensou Cathy. Uma palavra de uma língua morta para designar o sinal da morte vindoura. Ele olhou para ela, e ele sabia. Tinha de saber. A dor estava lutando com a dose atual de morfina, alcançando sua consciência como ondas chocando-se contra recifes.

— Como estou indo? — perguntou o paciente.

— Bem, você está muito doente — disse-lhe Cathy. — Mas está resistindo muito bem. Se resistir por tempo suficiente, o seu sistema imunológico poderá derrotar essa coisa, mas você terá de se segurar com força para nós. — E isso não era exatamente mentira — Não conheço você. É enfermeira?

— Não, na verdade sou professora. — Ela sorriu para ele por trás da máscara plástica.

— Seja cuidadosa — disse-lhe o paciente. — Você não gostaria de passar por isso. Acredite em mim.

Ele quase conseguiu sorrir de volta, da forma como faziam os pacientes graves. Aquilo quase fez o coração de Cathy pular do peito.

— Estamos sendo cuidadosos. Desculpe pela roupa.

Ela precisava tanto tocar o homem, mostrar que realmente se importava, e não era possível fazer isso através de borracha e plástico. Droga!

— Dói pra valer, doutora.

— Deite. Durma o máximo que puder. Deixe-me ajustar a morfina para você. Ela caminhou até o outro lado da cama para aumentar a frequência das gotas, esperando alguns minutos antes de seus olhos fecharem. Então ela caminhou de volta até o balde e espargiu-o com um desinfetante químico poderoso. O recipiente já estava todo molhado com desinfetante que a química impregnara o plástico, e qualquer coisa viva que caísse ali seria extinta rapidamente. Espargir com desinfetantes os trinta mililitros que ele expelira provavelmente era desnecessário, mas nenhuma preocupação era pouca agora.

Uma enfermeira chegou e entregou-lhe uma impressão com o exame de sangue mais recente. A função do fígado do paciente estava quase fora da escala, automaticamente ressaltado por asteriscos, como se ela não fosse notar. O Ebola tinha uma afinidade cruel com esse órgão. Outros indicadores químicos confirmavam o começo da necrose sistêmica. Os órgãos internos tinham começado a morrer, os tecidos estavam apodrecendo, comidos pelas pequenas cadeias de vírus. Era teoricamente possível que seu sistema imunológico pudesse reunir suas energias e desferir um contra-ataque, mas isso apenas

teoricamente, uma chance em várias centenas. Alguns pacientes realmente lutavam contra a doença. Isso constava da literatura que ela e seus colegas haviam estudado durante as últimas 12 horas, e eles já estavam especulando que, se pudessem isolar os anticorpos, feriam alguma coisa que poderiam usar terapêuticamente. Se — talvez — possivelmente.

Isso não era medicina como ela conhecia. Decerto não era a medicina limpa e anticética que praticava consertando olhos, restaurando e aperfeiçoando a visão. Ela pensou novamente sobre sua decisão em se dedicar à oftalmologia.

Um de seus professores pressionara-a a pensar na oncologia. Ela tinha o cérebro, a curiosidade, o dom para associar coisas, dissera-lhe o professor. Mas, olhando para este paciente adormecido, moribundo, pensou que, não, não tinha os nervos para fazer isto todo dia. Nem para perder muitos pacientes. Então isso a tornava uma fracassada?, perguntou-se Cathy Ryan. Com aquele paciente, ela precisava admitir, sim, ela era uma fracassada.

— Merda — praguejou Chavez. — É como na Colômbia.

— Ou no Vietnã — concordou Clark ao ser recebido pelo calor tropical.

A espera havia um funcionário da embaixada e um representante do governo do Zaire. Que usava uniforme e saudou os oficiais americanos, cortesia que John retribuiu.

— Por aqui, coronel.

O helicóptero era francês, e o serviço foi excelente. A América jogara muito dinheiro neste país. Agora era hora da retribuição.

Clark parecia abatido ao olhar para a floresta tropical lá embaixo. Ele já vira florestas assim antes, em mais de um país. Em sua juventude, ele estaria embaixo das copas daquelas árvores, procurando por inimigos, e com inimigos procurando por ele — homenzinhos vestindo pijamas pretos ou uniformes caqui, carregando fuzis AK-47, pessoas que queriam tirar sua vida. Ele ponderou que agora havia alguma coisa lá embaixo que era ainda menor, que não estava carregando nenhuma arma, e que queria destruir apenas a ele, mas ao próprio coração de seu país. Parecia terrivelmente irreal. John Clark era uma criatura de seu país. Ele já fora ferido em operações de combate e em outros eventos mais pessoais, e sempre era devolvido rapidamente à saúde plena. Houve aquela vez, quando ele resgatara, em algum rio no Vietnã do Norte, um piloto de A-6 cujo o nome não lembrava mais. Ele sofrera um corte e o rio poluído o infeccionara, e aquilo fora muito desagradável. Mas os remédios e o tempo deram um jeito. Ele saíra dessas experiências com uma crença enraizada de que seu país gerava médicos que podiam consertar praticamente qualquer coisa — não a velhice nem o câncer, ainda, mas estavam trabalhando nisso, e no devido tempo venceriam suas batalhas, assim como Clark vencera a maioria das dele. Isso era uma ilusão. Ele precisava admitir isso agora. Assim como ele e seu país haviam perdido uma guerra numa selva como esta, trezentos metros abaixo do helicóptero em alta velocidade, agora a selva estava atacando, de alguma forma.

Não, Ele tentou se livrar do pensamento. A selva não estava atacando. Eram pessoas fazendo isso.

Os quatro navios RO/RO entraram em formação a 1.965 quilômetros nor-noroeste de Diego Garcia. Estavam em formação caixa, mantendo entre si espaços de um quilômetro. O destróier OBannon assumiu posição a quatro quilômetros e meio dos outros, na retaguarda. Kidd estava a nove mil metros a noroeste do navio ASW, com Anzio a 32 quilômetros à frente dos outros. O grupo de reabastecimento com suas duas fragatas estava a oeste e se juntaria aos outros por volta do pôr do sol.

Era uma boa oportunidade para um exercício. Seis aeronaves Orion P-3C

estavam baseadas em Diego Garcia — o número já fora maior — e uma delas estava patrulhando à frente do minicomboio, espalhando boias-sonar, uma tarefa complexa para uma formação em movimento tão rápido, e atento para possíveis submarinos. Outro Orion estava bem adiantado, rastreando o grupo de

batalha indiano de dois cruzadores a partir de suas emissões de radar, enquanto tentavam permanecer fora do alcance de detecção. No momento, Orion não estava armado com nada além de armas antissubmarinos, e sua missão era vigilância de rotina.

— Sim, presidente — disse o J-3. Por que você não está dormindo, Jack?, ele não atreveu dizer.

— Robby, viu esta coisa do embaixador Williams?

— Atraiu minha atenção — confessou o almirante Jackson.

David Williams redigira a comunicação com cuidado. Isso incomodara as pessoas no Estado e causara dois pedidos por seu relatório que ele havia ignorado. O ex-governador estava recorrendo a toda sua sabedoria política para considerar as palavras da primeira-ministra havia escolhido, seu tom, sua linguagem corporal — e principalmente o brilho em seus olhos. Não havia substituto para isso. Dave Williams aprendem lição mais de uma vez. Uma coisa que ele não aprendera era vocabulário diplomático. Seu relatório era direto de cabo a rabo, e concluía que a Índia estava aprontando alguma coisa.

Ele acrescentou ainda que a crise de Ebola nos EUA não fora mencionado pela primeira-ministra não dissera uma única palavra de simpatia. Isso, ele escreveu, era provavelmente um erro num sentido, e um ato muito deliberado em outro. A primeira-ministra devia estar se mantendo informada sobre o sofrimento dos americanos, ou deveria ter expressado preocupação, mesmo se não estivesse.

Em vez disso, preferiu ignorância, perguntada, a primeira-ministra teria dito que não fora informada, mas isso teria sido mentira, acrescentou Williams. Na era da CNN, coisas assim jamais passavam despercebidas. Em vez disso, ela lembrara como seu país fora maltratado pela América, lembrou-o do ataque à sua Marinha, não uma, mas duas vezes, e então estendeu o comentário classificando-o como um ato inamistoso, fato usado em diplomacia imediatamente antes de uma mão descer ao coldre. Ele concluiu que o exercício naval da Índia não fora um equívoco em termos de momento ou de localização.

A mensagem que ele recebera havia sido: Danem-se!

— E então, o que você acha, Bob?

— Acho que o embaixador Williams é um sacana danado de esperto, senhor. A única coisa que ele não disse foi algo que não sabia: não temos um porta-aviões lá. Os indianos não vêm nos rastreando, mas é de conhecimento público que o Ike está seguindo para a China, e se seus agentes de informação forem mais ou menos competentes, eles sabem. Então, shazam, eles vão ao mar.

E agora recebemos essa avaliação do embaixador. Senhor...

— Pare por aí, Robby — disse-lhe Ryan. — Você já disse isso por um dia.

— Tudo bem. Jack, temos todos os motivos para acreditar que a China e a Índia trabalharam juntos antes. Então o que acontece agora? A China provoca um incidente. A coisa fica preta. Nós movemos um porta-aviões. Os indianos vão ao mar. Sua frota fica numa linha direta entre Diego Garcia e o Golfo Pérsico. A situação no golfo esquenta.

— E surge uma praga entre nós — acrescentou Ryan. Ele se inclinou sobre a tosca mesa de Sinais. Ele não conseguia pegar no sono, mas isso não significava que estivesse completamente acordado. — Coincidências?

— Talvez. Talvez a primeira-ministra indiana esteja puta da vida conosco porque bagunçamos o coreto deles há pouco tempo. Talvez apenas queira nos mostrar que não podemos fazer gato e sapato dela. Talvez tudo seja pura coincidência, presidente. Mas talvez não seja.

— Opções?

— Temos no leste do Mediterrâneo um grupo de ação de superfície, dois cruzadores Aegis, um submarino classe Burke, e três submarinos menores. O Mediterrâneo está quieto. Sugiro mover esse grupo através de Suez até o grupo Anzio. Sugiro também considerarmos mover um porta-aviões do Atlântico Oeste para o Mediterrâneo. Isso levará algum tempo, Jack. São dez mil quilômetros; mesmo

com uma velocidade de 25 nós será preciso quase nove dias apenas para aproximar um porta-aviões. Temos mais de um terço do mundo sem um porta-aviões por perto, e a parte que não está sendo coberta está começando a me deixar nervoso. Jack, se precisarmos fazer alguma coisa, não tenho certeza que conseguiremos.

Olá, irmã — cumprimentou Clark, segurando gentilmente sua mão. Fazia anos que ele não via uma freira.

— Bem-vindo, coronel Clark. Major. — Ela meneou a cabeça para Chavez.

— Boa tarde, senhora.

— O que traz os senhores ao nosso hospital? — O inglês da irmã Mary Charles era excelente, quase como se ela o ensinasse, com um acento belga que soava exatamente como francês para os dois americanos.

— Irmã, estamos aqui para perguntar sobre a morte de uma de suas colegas, a irmã Jean Baptiste — disse-lhe Clark.

— Entendo. — Ela gesticulou na direção de duas cadeiras. — Por favor, sentem-se.

— Obrigado, irmã — disse Clark polidamente.

— Você é católico? — perguntou. Isso era importante para ela.

— Sim, senhora, nós dois somos.

Chavez assentiu, concordando com o coronel .

— Sua educação?

— Na verdade frequentei apenas colégios católicos — disse Clark para agradá-la — Primário na Escola das Irmãs de Notre Dame, e Jesuítas depois disso.

— Ah... — Ela sorriu, satisfeita em saber disso. — Soube da doença que se abateu sobre seu país. Isso é muito triste. Então estão aqui para perguntar sobre os pobres Benedict Mkusa, irmã Jean e irmã Maria Magdalena. Mas receio que não poderemos ser muito úteis.

— Por que, irmã?

— Benedict morreu e seu corpo foi cremado por ordem do governo — explicou a irmã Mary Charles. — Jean ficou doente, mas partiu para Paris num voo médico para visitar o Instituto Pasteur. Infelizmente, o avião caiu no mar e todos foram perdidos.

— Todos? — perguntou Clark.

— A irmã Maria Magdalena também foi com ela, assim como o Dr. Moudi.

— Quem era ele? — foi a pergunta seguinte de John.

— Ele fazia parte da missão da Organização Mundial de Saúde nesta área.

Algum de seus colegas estão no prédio ao lado. — Ela apontou.

— Moudi, a senhora disse? — perguntou Chavez, anotando.

— Sim. — Ela soletrou para ele. — Mohammed Moudi. Um médico bom acrescentou. — Foi muito triste perdê-los todos.

— Mohammed Moudi, a senhora disse. Alguma ideia de sua procedência? — disse Chavez novamente.

— Irã... não, acaba de mudar, não é? Ele foi educado na Europa. Um jovem médico muito competente, e muito respeitoso.

— Entendo. — Clark acomodou-se em sua poltrona. — Podemos conversar com os colegas dele?

— Acho que o presidente foi longe demais — disse o doutor na TV. Incapaz de viajar de Connecticut para Nova York esta manhã, ele precisou ser entrevistado por uma emissora afiliada local.

— Por que isso, Bob? — perguntou o entrevistador. Ele viera de sua casa em Nova Jersey para o estúdio de Nova York no Central Park West, imediatamente antes das pontes e dos túneis serem fechados,

e estava dormindo em seu escritório agora. Compreensivelmente, não estava muito satisfeito com isso.

— O Ebola é uma doença terrível. Não há dúvida disso — explicou o correspondente médico da emissora. Ele era um médico que não praticava, embora falasse a linguagem muito bem. Ele costumava apresentar as notícias matutinas de medicina, concentrando-se nos benefícios do exercício e da boa dieta. — Mas nunca esteve aqui, e a razão é que o vírus não pode sobreviver aqui. Contudo, embora essas pessoas o tenham contraído, e por enquanto deixarei de lado as especulações a esse respeito, o vírus não pode se espalhar muito. Temo que as ações do presidente tenham sido precipitadas.

— E inconstitucionais — acrescentou o correspondente jurídico. — Não há dúvida disso. O presidente entrou em pânico, e isso não é bom para o país em termos médicos ou jurídicos.

— Valeu mesmo, pessoal — disse Ryan, emudecendo o televisor.

— Precisamos trabalhar nesse problema — disse Arnie.

— Como?

— A melhor forma de combater informações ruins é com informações boas.

— Fantástico, Arnie, só que a única coisa que pode provar que fiz a coisa certa é a morte de pessoas.

— Temos um pânico para prevenir, presidente.

Até agora isso não acontecera, o que era notável. O andamento das coisas ajudara. A doença fora noticiada pela manhã. A maioria das pessoas voltara para casa, onde tinham comida suficiente para alguns dias, e a notícia chocou o bastante para que não houvesse uma investida maciça aos supermercados.

Contudo, essa situação mudaria hoje. Em algumas horas as pessoas estariam protestando. A imprensa iria cobrir isso, e alguma espécie de opinião pública seria formada. Arnie tinha razão. Ele precisava fazer alguma coisa a respeito.

Mas o quê?

— Como, Arnie?

— Jack, achei que você não iria perguntar nunca.

A parada seguinte foi o aeroporto. Ali foi confirmado que, sim, um jato comercial G-IV, de propriedade particular e registrado na Suíça, decolara com um plano de voo para Paris com parada de reabastecimento na Líbia. O controlador-chefe tinha unia cópia dos registros de aeroporto e o manifesto do avião pronto para os visitantes americanos. Era um documento muito abrangente, tendo sido planejado também para o controle alfandegário. Ele continha até mesmo os nomes da equipe de voo.

— Então? — perguntou Chavez. Clark olhou para os funcionários públicos.

— Obrigado por sua assistência valiosa.

Em seguida, Clark e Ding caminharam até o carro que os levaria à sua aeronave.

— Então? — repetiu Ding.

— Fica frio, parceiro.

O passeio de cinco minutos foi realizado em silêncio. Clark olhou pela janela. Começava a trovejar. Ele odiava voar com tempo ruim.

— Nem pensar. Vamos esperar alguns minutos. — O piloto de reserva era um tenente-coronel. — Temos regulamentos.

Clark deu um tapinha nas águias em suas dragonas e inclinou-se para perto do piloto — Mim coronel. Mim dizer vamos, piloto. Agora mesmo, porra!

— Veja, Sr. Clark, sei quem você é e...

— Senhor — disse Chavez. — Sou major apenas artificialmente, mas esta missão é mais importante que os seus regulamentos. Contorne as piores nuvens, certo? Se for preciso, temos sacos de vômito a bordo.

O piloto fitou os dois, como se disposto a uma confrontação; então recuou e caminhou até o escritório

da frente. Chavez voltou-se para Clark.

— Calma, John.

Clark estendeu o documento.

— Verifique os nomes da equipe de voo. Eles não são suíços, e o registro do avião — Chavez leu o documento. O código de registro era HXNJA. E os nomes da equipe não eram germânicos, franceses ou italianos.

— Sargento! — chamou Clark quando os motores começaram a funcionar.

— Sim, senhor! — A suboficial vira Clark dar um esporro no piloto.

— Mande isto por fax para Langley, por favor. Você tem o número certo para isso use-o. O mais rápido que puder, senhorita — acrescentou, em respeito ao sexo da sargento ela nem percebeu a gentileza.

— Apertem bem os cintos — instruiu o piloto pelo comunicador interno. O VC-20B começou a taxiar. Foram necessárias três tentativas devido à interferência elétrica da tempestade, mas a transmissão por fax passou pelo satélite, desceu para o Forte Belvoir, na Virginia, e reapareceu em Mercury, o nexo de comunicação da agência. O oficial de plantão mais graduado mandou o assistente retransmitir o fax para o sétimo andar. A essa altura, Clark estava ao telefone com ele.

— Recebemos um pouco de interferência — reportou o oficial de plantão.

Por melhor que fosse a comunicação digital por satélite, uma tempestade ainda era uma tempestade — Está sacolejando um pouco agora. Pesquise o número de registro e os nomes no manifesto. Tudo que conseguir descobrir.

— Repita, por favor.

Clark fez. Dessa vez foi entendido.

— Farei isso. Alguém deve ter tudo isso arquivado. Mais alguma coisa?

— Falo com você depois. Desligo.

— Então? — perguntou Ding, apertando mais o cinto depois que o Golf Stream fez um mergulho de três metros.

— Esses nomes estão em farsi, Ding... puta merda! — Outra sacolejada forte.

Olhou pela janela. Era como uma arena imensa, uma formação cilíndrica de nuvens com raios por toda parte. Não era sempre que ele via isso. — O babaca está fazendo de propósito!

Mas não estava. O tenente-coronel nos controles estava assustado. O que ele estava fazendo era proibido pelos regulamentos da Força Aérea, para não mencionar o bom senso. O radar de clima no nariz do avião piscava vermelho a vinte graus à esquerda e direita de seu curso traçado para Nairobi. À esquerda parecia melhor. Virou trinta graus, manobrando o jato executivo como um caça, buscando uma área plácida enquanto continuava subindo. A área que encontrou não era plácida, mas era melhor. Dez minutos depois, o VC-20B emergiu num espaço ensolarado.

Uma das pilotos de reserva, uma capitão, virou-se em seu assento na frente de Clark.

— Satisfeito, coronel? — perguntou.

Clark desamarrou o cinto de segurança em desafio ao aviso e foi ao banheiro jogar água no rosto. Na volta, ajoelhou-se no assoalho ao lado da capitão e mostrou-lhe o documento que acabara de transmitir.

— Pode me dizer alguma coisa sobre isto? A piloto precisou dar apenas uma olhada.

— Sim, claro — disse a capitão. — Nós reparamos nisso.

— No quê?

— Este é essencialmente o mesmo avião. Quando um quebra, o fabricante comunica isso a todos... quero dizer, nós perguntaríamos de qualquer forma, mas é quase automático.

Ele veio daqui, voou para norte rumo à Líbia, pousou para reabastecer, certo? Decolou do lugar quase imediatamente e... era um voo médico, não era?

— Exatamente. Prossiga.

— O voo declarou emergência, dizendo que perdera a energia num motor, em seguida no outro, e começou a cair. Foi acompanhado por três radares.

Líbia, Malta e um navio da Marinha, um destróier, acho.

— Nada estranho nisso, capitão? Ela deu de ombros.

— Este é um avião muito bom. Acho que os militares nunca quebraram um.

O senhor mesmo acabou de ver como ele é bom. Alguns daqueles sacolejos foram realmente fortes...

— Ela se virou. — Jerry, já perdemos um motor em voo?

— Duas vezes, acho. A primeira vez foi um defeito no tubo de combustível... a Rolls Royce nos mandou sobressalentes para todos. A outra vez foi num mês de novembro, há alguns anos. A turbina engoliu um ganso.

— Isso acontece o tempo todo — disse ela a Clark. — Gansos pesam de seis a nove quilos. Tentamos evitá-los.

— E esse cara perdeu os dois motores?

— Ainda não descobriram como. Talvez tenha sido combustível. Isso acontece, mas motores são unidades isoladas, senhor. Tudo neles é separado, tubos, partes eletrônica, tudo.

— Menos o combustível — disse Jerry. — Ele vem todo de um caminhão só.

— O que mais? O que acontece quando se perde um motor?

— Se não tomar cuidado, perderá o controle. Terá uma pane total e a aeronave mudará de curso. Isso modifica o fluxo de ar sobre as superfícies de controle. Certa vez perdemos um Lear, um VC-21, dessa forma. Se estiver numa manobra de transição quando isso acontecer... bem, a coisa ficará um pouco emocionante. Mas somos treinados para isso, e a tripulação daquele voo também era; isso está no relatório. Os dois eram pilotos experientes, e entravam na caixa... o simulador de voo... com regularidade. É preciso fazer isso, se não, tiram seu seguro de voo. Em todo caso, o radar não os mostrou manobrando.

Sendo assim, o acidente não devia ter acontecido com eles. A melhor hipótese é que tenha sido combustível ruim, mas os líbios disseram que o combustível estava perfeito. — A não ser que a tripulação tenha perdido a cabeça — acrescentou Jerry. — Mas até isso é difícil. Quero dizer, somos treinados para contingências como essa. Eu tenho duas mil horas de voo.

— Eu tenho duas mil e quinhentas — disse a capitão. — Além disso, é mais seguro pilotar um destes do que dirigir um carro em Washington, senhor. Nós todos amamos esses trambolhos.

Clark assentiu e se levantou.

— Gostando do passeio? — O piloto no comando perguntou por sobre o ombro. Sua voz não estava exatamente amigável, e ele não precisava preocupar-se em cometer um ato de insubordinação. Não com um oficial usando suas próprias divisas.

— Não gosto de pressionar ninguém, coronel. Mas o assunto é muito importante. É tudo que posso dizer.

— Minha mulher é enfermeira no hospital da base. — Ele não precisou dizer mais nada. Estava preocupado com ela.

— A minha também, lá em Williamsburg.

O piloto virou-se ao ouvir isso, e assentiu para seu passageiro.

— Não sofremos nenhum dano. Três horas para Nairobi, coronel.

— E então, como volto? — perguntou Raman pelo telefone.

— Por enquanto você não volta — disse-lhe Andréa. — Fique aí. Talvez você posa ajudar o FBI com a investigação que eles estão conduzindo.

— Ora, mas isso vai ser formidável!

— Vire-se com isso, Jeff. Não tenho tempo para me preocupar com isso — disse rudemente ao seu subordinado.

— Claro. — Ele desligou.

Aquilo era estranho, pensou Andréa. Jeff sempre fora um dos mais frios.

Mas porque estava frio naquele momento?

Algo de Valor

— Já estive aqui antes, John? — perguntou Chavez enquanto sua aeronave descia para encontrar sua sombra na pista.

— De passagem, uma vez. Não vi muito mais que o terminal. — Clark desafivelou o cinto de segurança e se espreguiçou. O sol estava se pondo aqui, também, e aquilo não marcava o final de um dia muito longo para os dois agentes. — A maior parte do que sei vem de livros de um cara chamado Ruark, caça e coisas do tipo.

— Você não caça... pelo menos não animais — acrescentou Ding.

— Já cacei. Ainda gosto de ler a respeito. E gostoso caçar coisas que não atiram de volta em você. — John virou-se com um meio sorriso.

— Não é tão emocionante. Mais seguro, talvez — comentou o agente júnior.

O quanto seria perigoso caçar um leão?, imaginou.

O avião taxiou até o terminal militar. O Quênia tinha uma pequena Força Aérea, embora o que ela fizesse fosse um mistério para os oficiais visitantes da CIA. Era a Força Aérea, e provavelmente continuaria assim. A aeronave foi recebida, novamente, por um funcionário da embaixada, este o adido de Defesa, um oficial negro do Exército com posto de coronel e um distintivo da Infantaria de Combate que o marcava como veterano da Guerra do Golfo.

— Coronel Clark, major Chavez. — Então sua voz parou. — Chavez, conheço você?

— Ninja! — exclamou Ding. — Você era oficial de brigada na época, Primeiro da Sétima.

— Aço Frio! Você foi um dos caras que perdemos. Acho que encontraram você. Fiquem, cavalheiros. Sei de onde vocês são, mas os nossos anfitriões não sabem — alertou o oficial.

— Como foi promovido, coronel? — perguntou o ex-sargento enquanto caminhavam até os carros.

— Comandei um batalhão no Iraque. Fodemos um pouco e tomamos um pouco. — Então seu humor mudou. — Como estão as coisas em casa?

— Assustadoras — foi a resposta de Ding.

— Há uma coisa que não podemos esquecer: guerra biológica é basicamente uma ação psicológica, como a ameaça de gás que recebemos em 91.

— A minha também — disse o adido de Defesa. — Tenho família em Atlanta.

A CNN disse que há casos lá.

— Leia depressa. — John estendeu os últimos dados que tinham recebido no avião. — Isto é melhor do que o que você verá na TV.

Não que melhor fosse a palavra certa, pensou John.

O coronel seria seu motorista. Ocupou o banco da frente do carro da embaixada e folheou as páginas.

— Não haverá saudações oficiais desta vez? — perguntou Chavez.

— Aqui não. Para onde estamos indo, teremos um policial. Pedi aos meus amigos no ministério que agissem com discrição. Tenho alguns contatos muito bons na cidade — Ótimo — disse Clark enquanto o carro começava a se mover.

Só levariam dez minutos de carro até seu destino.

O local de trabalho do negociante de animais ficava nas cercanias da cidade, localizado convenientemente perto do aeroporto e da estrada principal para a selva, mas não próximo demais de outros lugares. Os agentes da CIA logo descobriram o motivo.

— Meu Deus! — exclamou Chavez, saltando do carro.

— Sim, os bichos são barulhentos pra cacete. Estive aqui hoje cedo. Ele está recebendo um carregamento de macacos verdes que enviará para Atlanta. — Abriu uma valise estendeu alguma coisa aos dois. — Tomem. Vão precisar.

— Certo. — Clark enfiou o envelope em sua pasta.

— Olá — saudou o negociante, vindo de seu escritório.

Era um homem grande e, a julgar por sua barriga, só se contentava com uma caixa de cervejas. Com ele havia um policial uniformizado, evidentemente de patente alta. O adido caminhou até ele e puxou-o para um canto. O policial não pareceu objetar. O coronel de infantaria conhece bem o jogo, pensou Clark.

— Como vai? — saudou John, apertando a mão do negociante. — Sou o coronel Clark. Este, é o major Chavez.

— São da Força Aérea americana?

— Exatamente, senhor — replicou Ding.

— Adoro aviões. O que vocês pilotam?

— Todo tipo de coisa — respondeu Clark. O negociante já estava no papo.

temos algumas perguntas, se o senhor não se importa.

— Sobre macacos? Por que oficiais da Força Aérea estão interessados em macacos. O delegado de condado não me explicou.

— Saber disso é tão importante? — perguntou John, estendendo um envelope negociante enfiou o envelope no bolso sem abri-lo para contar. Ele pôde sentir o quanto era grosso.

— Perdoem minha curiosidade. E então, o que vocês querem saber? — perguntou em seguida, sua voz amigável e aberta.

— Você vende macacos — disse John.

— Sim, negocio macacos. Para zoológicos, para colecionadores particulares e para laboratórios farmacêuticos. Venham, vou mostrar.

Conduziu-os através de um prédio de ferro corrugado. Havia dois caminhões ali. Cinco trabalhadores estavam colocando gaiolas nos veículos, mãos protegidas em luvas de couro grossas.

— Acabamos de receber uma encomenda do seu CDC, em Atlanta — explicou o negociante. — Eles pediram uma centena de verdes. São animais bonitos, mas muito desagradáveis. São odiados pelos fazendeiros locais.

— Por quê? — perguntou Ding, olhando para as gaiolas. Eram feitas de arame, com pegadores no topo. Daquela distância pareciam ser do tamanho usados para transportar galinhas para feiras... olhando mais de perto, revelavam-se um pouco grandes demais para isso, mas...

— Eles atacam as plantações. São uma praga, como ratos, só que mais inteligentes. As pessoas da América pensam que eles são deuses ou algo assim, a julgar pela forma como reclamam sobre seu uso em experimentos médicos. — O negociante gargalhou. — Como fosse possível extinguir esses bichos! Há milhões deles. Atacamos um lugar, pegamos eles, e um mês depois podemos voltar e levar mais trinta. Os fazendeiros imploram para pormos armadilhas nas terras deles.

— Há algum tempo você estava com um carregamento preparado para Atlanta, mas vendeu para alguém, não é verdade? — perguntou Clark. Ele olhou para seu parceiro, que não tinha se aproximado do prédio. Estava separado de Clark e do negociante, caminhando para longe deles. Parecia estar olhando para as gaiolas vazias. Talvez estivesse incomodado com o fedor. Era realmente forte.

— Eles não me pagaram a tempo; outro freguês apareceu com o dinheiro na mão — comentou o negociante. — É assim que se fazem negócios, coronel Clark.

John sorriu.

— Ei, não estou aqui a mando do Departamento de Comércio. Apenas quero saber para quem você vendeu os macacos.

— Para um comprador — disse o negociante. — O que mais eu preciso saber?

— De onde era? — persistiu Clark.

— Não sei. Ele me pagou em dólares, mas provavelmente não era americano. Era um sujeito calado — recordou o negociante. — Não era muito amigável. Sim, eu sabia que estava atrasado em enviar o carregamento para Atlanta, mas eles estavam atrasados em me pagar — recordou ao seu convidado.

— Você, felizmente, não está.

— Eles foram enviados por avião?

— Sim, num velho 707. Estava cheio. E não eram só os meus macacos. Eles também os levaram para outro lugar, também. Entenda, o verde é um animal muito comum. Ele vive em toda a África. Os seus adoradores de animais não precisam se preocupar com a extinção do verde. Mas quanto ao gorila, admito, a história é bem diferente. Além disso, os gorilas viviam em Uganda e Ruanda, e isso era uma lástima. Pagava uma alta por esses bichos.

— Você tem registros? O nome do comprador, o manifesto, o registro do avião?

— Registros alfandegários, quer dizer. — Ele balançou a cabeça. — Infelizmente, não. Talvez eles tenham sido perdidos.

— Você tem um acordo com os funcionários do aeroporto — disse John com um sorriso insincero.

— Tenho muitos amigos no governo, é verdade. — Outro sorriso, o tipo safado que confirmou a insinuação de Clark. Bem, não podia condená-los. Na América também havia corrupção governamental.

— Então você não sabe para onde eles foram.

— Não. Eu não posso ajudá-los. Se pudesse, faria de bom grado — replicou o comerciante, dando um tapinha no bolso. Onde estava o envelope. — Lamento dizer que meus registros são incompletos para algumas transações.

Clark se perguntou se poderia pressionar mais o homem. Suspeitava que não. Jamais operara no Quênia, embora tivesse trabalhado em Angola, durante curto tempo, na década de 70, e a África fosse um continente muito informal, no qual dinheiro vivo era lubrificante para todo tipo de transação. Olhou para onde o adido da Defesa estava conversando com o delegado de condado — o título era uma herança do governo colonial inglês, segundo um dos livros de Ruark, assim como as bermudas e as meias até os joelhos. Ele provavelmente estava confirmando que o negociante não era um criminoso, apenas uma pessoa criativa em seus relacionamentos com autoridades locais que, mediante uma quantia modesta, olhavam para o outro lado quando ele pedia. E macacos dificilmente consistiam uma riqueza nacional, considerando que o negociante fora sincero em suas informações. E provavelmente fora. Soara verdade. Os fazendeiros deviam ficar eufóricos quando se livravam dos bichinhos apenas por causa do barulho que faziam. Aquilo parecia uma arruaça no maior bar da cidade numa noite de sexta. E eles eram belicosos, tentando sempre arranhar e morder as mãos enluvadas que carregavam as gaiolas. Só que eles não tinham culpa; estavam tendo um dia ruim. E ao chegarem ao CDC em Atlanta, as coisas não melhorariam nem um pouco. Será que eram inteligentes o bastante para entender isso? Clark, pelo menos, entendia. Não se envia tantos bichos para lojas de animais. Mas no momento ele não tinha solicitude bastante para desperdiçar com macacos.

— Obrigado pela ajuda. Talvez alguém volte para falar com você.

— Sinto muito não poder contar mais nada.

Ele estava sendo sincero quanto a isso. Por cinco mil dólares em dinheiro, ele devia saber mais. Não que estivesse disposto a devolver algum, é claro.

Os dois homens voltaram para o carro. Chavez juntou-se a eles, parecendo pensativo, mas sem dizer nada. Enquanto se aproximavam, o tira e o adido trocaram um aperto de mãos. Então foi hora dos americanos partirem. Enquanto o carro saía, John olhou para trás para ver o negociante tirar o envelope do bolso e extrair algumas notas para dar ao seu amigo delegado de condado.

Aquilo também fazia sentido.

— O que descobriram? — perguntou o coronel de verdade.

— Nada de registros — replicou John.

— É a forma como fazem negócios aqui. Há uma taxa de exportação para esses bicho, mas os tiras e os fiscais alfandegários geralmente têm um...

— Acordo — interrompeu John, franzindo a testa.

— A palavra é essa. Ei, o meu pai veio do Mississippi. Costumavam dizer lá que o mandato de xerife de condado era vitalício, sabia?

— Gaiolas — comentou Ding de repente.

— Hem? — expressiu Clark.

— Não sacou, John? As gaiolas! Nós vimos gaiolas iguais em Teerã, no hangar da Força Aérea. — Ele se afastara das gaiolas para reproduzir o que vira em Mehrabad. O tamanho relativo e as proporções eram as mesmas. — Gaiolas ou engradados de galinha num hangar com aviões de caça, lembra?

— Puta merda!

— Mais um indicador, Sr. C. As coincidências estão acumulando, hermano.

Para onde vamos agora?

— Cartum.

— Já vi o filme.

A cobertura da imprensa prosseguiu. Cada emissora afiliada tornava-se mais importante à medida que os correspondentes de nome ficavam presos em seus escritórios em Nova York, Washington, Chicago e Los Angeles, e os noticiários dedicavam a maior parte de seu tempo às imagens dos homens da Guarda Nacional nas principais rodovias interestaduais, bloqueando as estradas fisicamente com Hummers ou caminhonetes médias. Ninguém estava tentando realmente furar os bloqueios. Caminhões de alimentos e suprimentos médicos tinham a passagem permitida depois de serem inspecionados, e em um ou dois dias os motoristas seriam examinados em busca de anticorpos Ebola, e receberiam passes com fotos para poderem trafegar com mais eficácia. Os caminhoneiros estavam colaborando bem.

A situação era diferente com outros veículos e outras estradas. Embora a maior parte do tráfego interestadual percorresse as vias principais, não havia na União um único estado que não tivesse uma rede extensa de estradas secundárias que dessem nas estradas de estados vizinhos; assim, todas essas estradas também precisavam ser bloqueadas. Essa era uma tarefa que demandava tempo, e as redes estavam transmitindo entrevistas com pessoas que tinham atravessado como uma espécie de brincadeira, seguidas por comentários de como isso provava que a ordem presidencial era impossível de ser implementada completamente, além de ser errada, estúpida, inconstitucional.

— Simplesmente não é possível — declarou um especialista em transportes no jornal matutino.

Mas eles não contavam o fato de que os homens da Guarda Nacional viviam nos idos que protegiam, e sabiam ler mapas. Eles estavam ofendidos com a declaração de que eram idiotas. Na quarta-feira, por volta do meio-dia, havia um veículo em cada estrada, abarrotado por pessoas armadas com fuzis, seus trajes de proteção fazendo-os parecer marcianos (e marcianas, mas era impossível distinguir os sexos).

Nas estradas secundárias, se não nas principais, aconteciam conflitos.

Alguns eram comumente verbais — minha família está logo ali, pessoal, puxa, me deem uma chance, tá? Ocasionalmente a ordem presidencial era mantida com um pouco de bom senso, depois de uma checagem de identificação e uma chamada de rádio. Em outros casos, a ordem era mantida pela força.

Algumas discussões esquentaram e, em dois casos, armas foram disparadas, sendo que numa das vezes um homem foi morto. Reportado rapidamente, o incidente era notícia nacional em duas horas, e mais uma vez os comentaristas questionavam a sabedoria da ordem presidencial. Um deles atribuiu a culpa da morte diretamente à Casa Branca.

Na maior parte, mesmo os mais determinados a atravessar a fronteira viam os homens uniformizados e armados e decidiam que não valia o risco.

O mesmo se aplicava às fronteiras nacionais. O Exército e a polícia do Canadá fecharam todas as fronteiras entre os dois países. Os cidadãos americanos no Canadá foram ordenados a se apresentar ao hospital mais próximo para exames, e ali eram detidos em quarentena, numa forma civilizada.

Algo parecido acontecia na Europa, embora ali o tratamento diferisse de um país para outro. Pela primeira vez, foi o exército mexicano que fechou a fronteira sul com os Estados Unidos, em cooperação com as autoridades norte-americanas, desta vez contra um tráfego que se movia principalmente para o sul. Havia algum tráfego local em movimento. Os supermercados e as lojas permitiam a entrada de fregueses, principalmente em grupos pequenos, para adquirir bens essenciais. Nas farmácias, os estoques de máscaras cirúrgicas haviam esgotado. Muitos telefonavam para as lojas de ferramentas para adquirir máscaras protetoras feitas para outro usos, e a cobertura da TV ajudava nisso, dizendo às pessoas que essas máscaras, espargidas com desinfetantes caseiros, ofereciam proteção maior contra um vírus do que o equipamento de proteção do Exército. Mas, como era inevitável, algumas pessoas exageraram ao espargir os desinfetantes, e isso resultou em reações alérgicas, dificuldades respiratórias e algumas mortes.

Por todo o país, os médicos estavam incrivelmente atarefados. Logo foi percebido que os sintomas iniciais do Ebola eram parecidos com os da gripe, e todo médico tinha casos de pacientes que imaginavam estar com a doença.

Diferenciar os doentes dos hipocondríacos tornou-se logo a habilidade médica mais importante.

Contudo, apesar de tudo isso, as pessoas lidaram bem com a situação, assistindo seus televisores, olhando uns para os outros, e se questionando se haveria substância em todo aquele pânico.

Esse era o trabalho do CDC e do USAMRIID, auxiliados pelo FBI. Havia agora quinhentos casos confirmados, cada um deles relacionado direta ou indiretamente com 18 feiras de comércio. Isso concedeu-lhes referências de tempo. Também foram identificadas quatro outras feiras que não estavam relacionadas ao desenvolvimento de nenhum caso de Ebola. Os pavilhões das 22 feiras foram visitados por agentes do FBI, e em todos os casos o lixo já fora limpo havia muito tempo. Chegou-se a cogitar que o lixo dessas feiras poderia ser encontrado, mas o USAMRIID desanimou o FBI, argumentando que identificar o sistema de distribuição significaria comparar os conteúdos de milhares de toneladas de materiais, tarefa simplesmente impossível, e talvez até perigosa. Esse fato foi divulgado para os serviços de saúde de toda a nação, e em seguida chegou ao conhecimento global numa questão de horas. Não havia como deter essa informação, e, mesmo se fosse possível, não havia motivo para mantê-la em segredo.

— Bem, isso significa que todos estamos seguros — disse o general Diggs à sua equipe durante a reunião matutina.

O Forte Irwin era um dos quartéis mais isolados na América. Possuía apenas uma via de acesso, e essa estrada agora estava bloqueada por um Bradley.

A situação não era a mesma em outras bases militares; o problema era global. Um oficial graduado do Pentágono voara para a Alemanha para presidir uma conferência, e dois dias depois caiu doente, no processo infeccionando um médico e duas enfermeiras. A notícia abalou os aliados da OTAN, que instantaneamente puseram em quarentena acampamentos americanos que existiam desde a Segunda Guerra. As notícias também alcançaram instantaneamente a televisão mundial. O que era pior no

Pentágono era que praticamente cada base tinha um caso, real ou suspeito. O efeito no moral das unidades era terrível, e essa informação também era impossível de ocultar. As linhas telefônicas transatlânticas queimavam com preocupações veiculadas nas duas direções.

A situação em Washington também estava tensa. A força-tarefa incluía membros de todos os serviços de informação, mais FBI. O presidente concedera-lhes muito poder, e eles tencionavam usá-lo. O manifesto do jato Gulfstream pusera a situação num rumo novo e inesperado, mas isso era o normal em investigações.

Em Savannah, Geórgia, um agente do FBI bateu na porta do presidente da Gulfstream e deu-lhe uma máscara cirúrgica. A fábrica estava fechada, como a maioria das empresas americanas, mas essa ordem executiva seria distorcida hoje. O presidente da Gulfstream telefonou para seu chefe de segurança e chamou-o para reunir-se com ele, junto com o melhor piloto de testes da firma.

Seis agentes do FBI sentaram-se com eles para uma conversa longa. Isso logo evoluiu para uma convocação de conferência. O resultado imediato e mais importante foi a descoberta de que o gravador de voo da aeronave perdido não fora recuperado. Isso resultou num telefonema para o comandante do USS Radford, que contou que sua nau, agora no estaleiro, perseguira o avião perdido e vasculhara o mar em busca dos sinais de sonar da caixa preta, mas em vão. O oficial naval não podia explicar isso. O piloto de testes da Gulfstream explicou que se o avião se chocasse com a água mm força suficiente, o instrumento poderia quebrar, apesar de seu desenho robusto. Mas ele não tinha caído tão rápido, lembrou o comandante do Radford, e nenhum destroço também fora encontrado. Em seguida, o FAA e o NTSB foram convocados e instruídos a encontrar imediatamente os registros necessários.

Em Washington — o grupo de trabalho estava no edifício do FBI —, olhares foram trocados sobre as máscaras que todos estavam usando. Os integrantes da FAA na equipe levantaram as identidades da tripulação e analisaram suas qualificações. Foi descoberto que os dois pilotos eram ex-pilotos da Força Aérea do antigo Irã, treinados na América no final da década de 70. A partir daí foram obtidas fotos e impressões digitais. Mais dois pilotos, que voavam no mesmo tipo de aeronave para a mesma corporação suíça, possuíam treinamento semelhante, e o adido jurídico do FBI em Berna telefonou pan seus colegas suíços para requisitar que os entrevistassem.

— Muito bem — disse Dan Murray, iniciando seu resumo. — Temos uma enfermeira belga doente com uma colega e um médico iraniano. Eles voaram num avião registrado na Suíça que desapareceu sem vestígios. O avião pertencia a uma pequena empresa de importações. Poderemos averiguar a companhia bem rápido, mas já sabemos que a tripulação era iraniana.

— Isso parece estar seguindo uma determinada direção, Dan — disse Ed Foley. Nesse momento, um agente chegou com um fax para o diretor da CIA.

— Deem uma olhada nisso — disse Ed Foley, deslizando o papel sobre a mesa. Não era uma mensagem longa. e — Essa gente acha que é esperta pra cacete — disse Murray aos outros em torno da mesa. Ele passou o novo despacho pelos demais.

— Não os subestime — alertou Ed Foley. — Ainda não temos nada concreto.

O presidente não poderá tomar nenhuma espécie de ação até termos dados precisos.

E talvez nem então, prosseguiu a mente de Foley. Eles não podiam esquecer o que Chavez dissera antes de decolar. Diabos, não é que aquele moleque estava ficando esperto? Foley perguntou-se se devia aventar ali o que o garoto dissera. Havia assuntos mais prementes no momento, decidiu. Ele poderia discutir a questão com Murray em particular.

Chavez não se sentia esperto enquanto cochilava em sua poltrona de couro.

Era mais um pulinho de três horas até Cartum, e ele estava tendo sonhos adequados a situação. Já voara bastante como agente da CIA, mas mesmo num jato executivo, com todos os confortos e regalias,

ficava entediado rápido. A menor pressão do ar significava menos oxigênio, e isso cansava os passageiros.

O ar estava seco, o que provocava a desidratação do corpo. Dormir com o ruído das turbinas era o mesmo que dormir numa tenda com insetos ao seu redor, zumbindo o tempo todo, sempre dispostos a sugar seu sangue.

Quem estava provocando tudo aquilo não podia ser tão inteligente assim.

Certo, um avião havia desaparecido com cinco pessoas a bordo, mas isso não era necessariamente um beco sem saída. HX-NJA, lembrou do documento alfandegário. Hum. Eles provavelmente tinham feito o registro porque estavam transportando pessoas, e não macacos HX para Suíça. Por que HX?, perguntou-se. H de Helvécia, talvez? Esse não nome antigo da Suíça? Algumas línguas ainda chamavam-na assim, não é mesmo? A língua alemã, talvez. NJA para identificar a aeronave em si. Eles usavam letras em vez de números porque permitiam mais variações, Por exemplo o avião que estavam usando tinha um código semelhante com um prefixo N, porque as aeronaves americanas usavam esse código de letra. NJA pensou com os olhos fechados. NJA. Ninja. Isso provocou um sorriso. A alcunha de seu antigo posto, no 1º Batalhão do 17º

Regimento de Infantaria. Somos os donos da noite! Sim, aqueles foram os bons tempos, correndo pelas colinas em Forte Ord e Hunter-Liggett. Mas a 7ª

Divisão de Infantaria (Leve) fora desmantelada, seus padrões arquivados, talvez para uso futuro... Ninja. Aquilo parecia importante. Por quê?

Abriu os olhos. Chavez se levantou, empertigou-se e caminhou para a frente. Ali acordou o piloto com quem Clark tivera aquela pequena desavença.

— Coronel?

— Que foi? — Apenas um olho abriu.

— Quanto custa uma dessas coisas?

— Mais do que qualquer um de nós pode pagar. — O olho fechou novamente.

— É sério.

— A partir de vinte milhões de dólares, dependendo da versão dos instrumentos de aviação. Se alguém faz um jato comercial melhor, eu não conheço.

— Obrigado.

Chavez retornou à sua poltrona. Não havia sentido em tentar dormir de novo. Ele sentiu o nariz do avião abaixar e ouviu as turbinas reduzirem seu som incômodo. Eles começaram a descer em Cartum. Eles seriam recebidos pelo chefe da estação local da CIA — ou melhor, corrigiu-se, pelo adido comercial.

Ou seria o adido político? O que fosse. Ele sabia que esta cidade não seria tão amistosa quanto as duas últimas.

O helicóptero pousou em Forte McHenry, perto da estátua de Orfeu que alguém decidira ser apropriada para honrar o nome de Francis Scott Key, pensou Ryan.

Um pensamento quase tão irrelevante quanto a ideia de Arnie para uma foto. Ele devia demonstrar que estava preocupado. Jack se perguntou por quê.

Será que as pessoas achavam que em momentos como este o presidente dava uma festa? Não fora Poe quem escrevera uma história em que isso acontecia? A Máscara da Morte Rubra? Mas aquela praga tinha chegado à festa, não tinha? O presidente esfregou o rosto. Dormir. Ele precisava dormir. Estava começando a pensar bobagens. Esses pensamentos apareciam como flashes de câmeras. Sua mente ficava cansada e era invadida por pensamentos aleatórios, e então você tentava expulsá-los e se concentrar no que era realmente importante.

Os Chevy Suburbans usuais estavam lá, mas não a limusine presidencial.

Ryan via viajaria no veículo mais evidentemente blindado. Havia alguns policiais por perto, muito sérios. Bem, todo mundo estava sério ali, por que não ele?

O próprio Jack estava usando uma máscara, e havia três câmeras de TV

para gravar o evento. Talvez aquilo fosse transmitido ao vivo. Ele não sabia, e mal olhou para as câmeras na caminhada curta até os carros. Entraram em movimento quase imediatamente, subindo a Fort Avenue, e em seguida virando para norte na Key Highway. Foram dez minutos rápidos através de ruas vazias, seguindo direto para o Johns Hopkins, onde o presidente e a primeira dama mostrariam para as câmeras o quanto estavam preocupados. Uma função de liderança, disseram-lhe Arnie, usando uma frase que ele certamente reconheceria como algo que deveria respeitar, gostasse ou não. E por pior que fosse difícil admitir, Arnie tinha razão. Ele era o presidente, e não podia isolar-se do povo — e mesmo que não pudesse fazer qualquer coisa útil para ajudar, eles o veriam preocupado. Era algo que fazia e não fazia sentido, tudo ao mesmo tempo.

O cortejo parou na entrada da Wolfe Street. Havia soldados ali, guardas do 175º Regimento de Infantaria, a Linha Maryland. O comandante local decidira que todos os hospitais deveriam ser protegidos, e Ryan supunha que essa era uma das coisas que fazia sentido. A segurança presidencial estava nervosa em tê-los por perto com fuzis carregados, mas eles eram soldados, e desarmá-los repercutiria mal nos jornais. Todos bateram continência, ainda que mascarados com seus trajes espaciais, fuzis pendurados nos ombros. Ninguém havia ameaçado o hospital. Talvez eles fossem o motivo, ou talvez fosse porque as pessoas estavam com muito medo. O medo era tanto que um tira contou a um agente secreto que a criminalidade caíra para quase zero nas ruas. Até mesmo os traficantes haviam desaparecido.

Não havia muita gente para ser vista naquela hora, mas todos estavam mascarados, e mesmo o saguão estava com um cheiro químico que não era comum. Será que aquelas medidas eram tão necessárias fisicamente, quanto eram psicologicamente?, ponderou Jack Mas aquele era precisamente o motivo de sua viagem.

— Oi, Dave — disse o presidente ao reitor. Estava usando avental cirúrgico em vez de terno e, como todo mundo, usava uma máscara. Luvas também. Os dois não apertaram as mãos.

— Presidente, obrigado por ter vindo.

Havia câmeras no saguão — elas haviam-no seguido desde lá fora. Antes que os jornalistas pudessem pedir uma declaração, Jack apontou e o reitor liderou o grupo em frente. Ryan supôs que aquilo pareceria uma reunião de negócios. Os agentes do Serviço Secreto seguiram na frente enquanto eles caminhavam até o elevador para o pavimento médico. As portas deslizaram para os lados, revelando um corredor repleto de gente. Ali havia muita gente e correria.

— Como está a contagem, Dave?

— Admitimos 34 pacientes. A área permite um total de 140... bem, pelo menos estava assim da última vez que chequei. Temos todo o espaço necessário por enquanto, e toda a equipe, também. Demos alta a cerca da metade dos nossos pacientes, aqueles que podíamos mandar para casa com segurança.

Todas as cirurgias planejadas foram canceladas por hora, mas estamos mantendo as atividades usuais. Quero dizer, bebês estão nascendo. Temos pacientes com doenças normais. Temos pacientes com doenças que requerem tratamento contínuo, mesmo não sendo epidêmicas.

— Onde está Cathy? — perguntou Ryan, enquanto o elevador seguinte chegava com uma única câmera cuja fita seria compartilhada por todas as emissoras. O hospital não queria, nem precisava, ficar repleto de pessoas estranhas, e embora os técnicos tivessem feito um pouco de barulho, os jornalistas estavam bastante silenciosos. Talvez fosse o cheiro antisséptico.

Talvez ele afetasse as pessoas da mesma forma que afetava os cães levados ao veterinário. Era, para todos, um cheiro de perigo.

— Por aqui. O senhor precisará vestir-se adequadamente.

O pavimento tinha um vestiário para médicos e um para enfermeiros.

Ambos estavam sendo usados. O aposento na extremidade mais distante era o quente, usado para que as pessoas se despissem e fossem descontaminadas. O aposento mais próximo supostamente era o seguro, usado pelas pessoas para se vestirem. Não havia tempo e espaço para delicadezas. Os agentes do Serviço Secreto entraram primeiro e viram uma mulher de sutiã e calcinha, pegando uma roupa plástica do seu tamanho. Ela não corou. Era a primeira vez que aquilo acontecia com ela.

— Coloque suas roupas ali — apontou a mulher. — Oh! — acrescentou, reconhecendo o presidente.

— Obrigado — disse Ryan, pegando seus sapatos e recebendo de Andréa um cabide. Price examinou rapidamente a mulher. Era evidente que ela não estava usando uma arma.

— Como estão as coisas? — perguntou Jack.

A mulher era enfermeira encarregada do pavimento. Ela não se virou para responder.

— Muito ruins. — Fez uma pausa por um segundo e decidiu virar-se. — Apreciamos o fato da sua esposa estar lá em cima conosco.

— Tentei convencê-la a não vir — admitiu Jack para ela. Ele não se sentia nem um pouco culpado por isso, e imaginou se deveria ou não.

— Meu marido fez o mesmo. — Ela se aproximou do presidente. — Veja, é assim que se coloca o capacete.

Ryan experimentou um breve momento de pânico. Era quase antinatural colocar um domo de plástico sobre a cabeça. A enfermeira leu seu rosto.

— Também odeio isso. Mas o senhor se acostuma.

Do outro lado da sala, o reitor James já tinha se trocado. Ele se aproximou para checar a roupa de proteção do presidente.

— O senhor está me escutando?

— Sim. — Jack estava suando, a despeito da unidade de ar-condicionado portátil levava em seu cinto.

O reitor virou-se para a equipe do Serviço Secreto.

— Daqui em diante, o patrão sou eu — disse a eles. — Não vou colocar o presidente em nenhum tipo de perigo, mas não temos roupas suficientes para todos vocês. Se permanecerem nos corredores, estarão seguros. Não toquem em nada. Não toquem nas paredes, nem no chão, em nada. Se alguém quiser passar com um carrinho, saiam da frente. Se não puderem sair da frente, caminhem até o final do corredor. Se virem algum tipo de recipiente plástico, fiquem longe dele. Entendido?

— Sim, senhor — disse Andrea.

Para variar, Andrea Price estava amedrontada, percebeu POTUS. Ele também. O impacto psicológico da situação era terrível. O Dr. James cutucou o ombro do presidente.

— Siga-me. Sei que é assustador, mas o senhor estará seguro dentro dessa coisa, nós acabamos nos acostumando, não é, Tisha?

A enfermeira virou-se, agora completamente vestida.

— Sim, doutor.

Você podia se ouvir respirando. A unidade portátil de ar-condicionado produzia um zumbido baixo, mas, de resto, tudo era silêncio. Ryan teve uma sensação assustadora de finamente enquanto caminhava atrás do reitor.

— Cathy está aqui. O médico abriu a porta. Ryan entrou.

Era uma criança, menino, oito ou nove anos, percebeu Jack. Duas figuras de azul cuidavam dele. Olhando-os por trás, Ryan não pôde distinguir qual era a sua esposa. O Dr. James levantou a mão, proibindo Ryan de dar outro passo.

Um dos dois estava tentando reiniciar uma intravenosa; não havia espaço para distrações. A criança

estava gemendo, contorcendo-se na cama. Ryan não podia ver bem o menino, mas o que viu foi o bastante para revirar-lhe o estômago.

— Fique paradinho agora. Isto vai fazer você se sentir melhor.

Era a voz de Cathy; evidentemente era ela quem estava aplicando a agulha.

As outras duas mãos mantinham o braço do menino no lugar. — ...assim. Fita — acrescentou Cathy, levantando as mãos.

— Bom trabalho, doutora.

— Obrigada.

Cathy caminhou até a caixa eletrônica que controlava a morfina e apertou os números certos, certificando-se de que a máquina funcionaria apropriadamente. Feito isso, virou-se.

— Oh.

— Oi, querida.

— Jack, você não devia estar aqui — asseverou CIRURGIÃ.

— Quem devia?

— Acho que esse Dr. MacGregor é uma pista — disse-lhes o chefe de estação, dirigindo seu Chevy vermelho.

Seu nome era Frank Clayton, diplomado em Grambling, a quem Clark conheci i na Fazenda alguns anos antes.

— Então vamos vê-lo, Frank.

Clark olhou as horas, fez os cálculos, decidiu que eram duas da manhã.

Grunhiu. Sim, aquilo estava certo. A primeira parada fora na embaixada, onde tinham trocado de roupa. Uniformes militares americanos não eram vistos com bons olhos aqui. Na verdade, conforme alertou o chefe de estação, poucas coisas americanas eram bem-vistas aqui. Chavez notou que um carro os vinha seguindo desde o aeroporto.

— Não se preocupe. Nós o despistaremos na embaixada. Sabe, de vez em quando me pergunto se não foi um bom negócio quando meus antepassados foram sequestrados da África. Não conte a ninguém que eu disse isso, tá? O Alabama é o paraíso na terra comparado a este lado do mundo.

Parou o carro no estacionamento da embaixada e conduziu-os para dentro.

Um minuto depois, um dos seus homens saiu, deu a partida no Chevy e seguiu caminho. O carro que os perseguia foi com ele.

— Camisas — disse o oficial residente da CIA, estendendo as mãos. — Suponho que vocês possam ficar com as calças.

— Falou com MacGregor? — perguntou Clark.

— Pelo telefone, algumas horas atrás. Vamos até onde ele vive, e ele vai entrar no carro. Já escolhi um lugar bem calmo onde poderemos estacionar e conversar — disse-lhes Clayton.

— Ele corre algum perigo?

— Duvido. O pessoal daqui não é muito competente. Sei o que poderei fazer caso fossemos seguidos.

— Então vamos nessa, companheiro — disse John. — Estamos desperdiçando a noite.

A casa de MacGregor não era nada ruim, localizada num bairro muito usado pelos europeus, um lugar, segundo o chefe de estação, muito seguro. Ele pegou o telefone celular e digitou o número do bip do médico — havia um serviço local de telemensagens. Menos de um minuto mais tarde, a porta abriu e uma figura caminhou até o carro, entrou por trás e fechou a porta um segundo antes do veículo começar a andar.

— Isto é muito incomum para mim. — Era mais jovem que Chavez, John ficou surpreso em notar, e tinha um jeito mais tímido. — Quem são vocês exatamente, amigos?

— CIA —disse-lhe Clark.

— Não brinca!

— Não estamos brincando, doutor — disse Clayton do banco da frente.

Clayton olhou para o retrovisor. Não havia nenhum carro atrás deles. Só para ter certeza, dobrou na próxima esquerda, depois à direita, e então mais uma vez à esquerda.

— Vocês têm permissão de dizer isso às pessoas? — perguntou MacGregor enquanto o carro voltava para a rua principal. — Vocês precisam me matar agora?

— Doutor, deixe isso para os filmes, tá? — sugeriu Chavez. — A vida real não é, e se tivéssemos dito que somos do Departamento de Estado você não teria acreditado, teria?

— Vocês não parecem diplomatas — decidiu MacGregor. Clark virou-se no banco de trás.

— Senhor, obrigado por concordar em se encontrar conosco.

— O único motivo pelo qual fiz isso... bem, o governo local me forçou a ignorar os procedimentos normais para os dois casos.

— Certo. Em primeiro lugar, pode me contar tudo que sabe sobre eles? — perguntou John, ligando o gravador.

— Você parece cansada, Cathy.

Não que fosse muito fácil perceber isso por trás da máscara. Até mesmo a linguagem corporal de CIRURGIÃ estava disfarçada.

A primeira-dama olhou para o relógio de parede atrás do posto de enfermagem. Tecnicamente, seu expediente havia terminado. Ela jamais saberia que Arnie Van Damm se informara com o hospital de modo a tê-la ainda lá.

Isso teria deixado Cathy furiosa, que já estava zangada demais com o mundo.

— As crianças começaram a chegar esta tarde. Casos de segunda geração.

Aquele ali deve ter pegado do pai. Seu nome é Timothy. Está no terceiro ano primário. O pai está no andar de cima.

— O resto da família?

— O teste da mãe deu positivo. Eles a admitiram agora. Timothy tem uma irmã mais velha. Até agora, ela está limpa. Ela está esperando num outro prédio, reservado para as pessoas que foram expostas mas cujos testes deram negativo. Venha. Vou mostrar o resto do pavimento.

Um minuto depois, estavam na Sala 1, lar temporário do Caso índice.

Ryan pensou que devia estar imaginando o cheiro. Havia uma mancha escura nas roupas de cama que duas pessoas — enfermeiras, médicos, ele não tinha como saber — esforçavam-se para trocar. O homem estava semiconsciente, e lutando contra as amarras que prendiam seus braços às barras da cama. Os dois médicos estavam preocupados com isso, mas precisavam trocar os lençóis, que foram colocados num saco plástico.

— Os lençóis serão queimados — disse Cathy, pressionando seu capacete contra o do marido. — Nós já tomamos as precauções de segurança.

— Qual é o seu estado?

Ela apontou para a porta e seguiu Jack até o corredor. Uma vez lá, com a porta fechada atrás deles, Cathy cutucou o peito de Jack com um dedo zangado.

— Jack, jamais, jamais discuta o prognóstico de um paciente na frente dele, a não ser que seja bom. Jamais! — Depois de uma pausa, prosseguiu sem desculpar-se pela explosão: — Ele está há três dias com os sintomas.

— Alguma chance?

A cabeça de Cathy balançou dentro do capacete. Voltaram a caminhar pelo corredor, parando em mais alguns quartos nos quais a história era a mesma.

Infelizmente.

— Cathy? — Era a voz do reitor. — Seu expediente acabou. Fora — comandou.

— Onde está Alexandre? — perguntou Jack no caminho para a sala dos médicos.

— Ele ficou com o andar de cima. Dave ficou com este. Estávamos torcendo para Ralph Forster retornar para nos dar uma mão, mas não havia voos. — Então ela viu as câmeras. — Mas que diabos eles estão fazendo aqui?

— Venha.

Ryan conduziu a esposa até o vestiário. As roupas que ele usara no caminho para o hospital estavam embaladas em algum lugar. Ele se lavou na frente de três mulheres e um homem que não parecia nem um pouco interessado em olhar para as moças. Deixando a sala, caminhou até o elevador.

— Parem! — comandou uma voz de mulher. — Tem um caso vindo da sala de emergências! Usem as escadas.

Obedientemente, o Serviço Secreto fez precisamente isso. Ryan conduziu a esposa até o térreo, e dali saíram, ainda usando as máscaras.

— Como você está indo?

Antes que ela pudesse responder, uma voz gritou: — Presidente! — Dois soldados da Guarda Nacional puseram-se no caminho da repórter e do cameraman, mas Ryan gesticulou para que os deixassem passar. A dupla aproximou-se sob o escrutínio de homens armados, uniformizados e à paisana.

— Sim, o que é? — perguntou Ryan, baixando a máscara.

O jornalista empunhou o microfone com o braço totalmente esticado. Sob outras circunstâncias, teria sido cômico. Todos estavam assustados.

— O que está fazendo aqui, senhor?

— Bem, acho que faz parte do meu trabalho saber o que está acontecendo.

Além disso, queria saber se Cathy estava bem.

— Sabemos que a primeira-dama está trabalhando lá em cima. Vocês estão tentando fazer uma declaração à nação... 9

— Sou médica! — disparou Cathy. — Todos estamos alternando turnos lá em cima. É o meu trabalho.

— A situação é muito ruim?

Ryan falou antes que Cathy pudesse explodir com eles.

— Veja, eu sei que vocês precisam fazer essa pergunta, mas já sabem a resposta. Essas pessoas estão extremamente doentes, e os médicos aqui, e em toda parte, estão dando o melhor de si. Está sendo difícil para Cathy e seus colegas. E realmente difícil para os pacientes e suas famílias.

— Dra. Ryan, o Ebola é realmente tão fatal quanto se tem dito? Ela assentiu.

— Sim, é uma doença terrível. Mas estamos fazendo tudo que é possível por essas pessoas.

— Alguns sugeriram que, sendo os prognósticos dos pacientes tão terríveis, e sua dor tão extrema...

— O que está sugerindo? Matá-los?

— Bem, se estão sofrendo tanto quanto todos estão dizendo...

— Não sou esse tipo de médico — replicou Cathy, o rosto vermelho. — Vamos salvar algumas dessas pessoas. Talvez possamos aprender um pouco mais com aquelas que salvamos, e ninguém aprende nada desistindo. É por causa disso que médicos de verdade não matam pacientes! Qual é o seu problema? Aqueles pacientes são pessoas, e o meu trabalho é lutar por suas vidas... e não ouse me dizer como fazer isso! — Ela parou quando seu marido abraçou-a pelo ombro. — Desculpe. As coisas estão um pouco duras aqui.

— Vocês podem nos dar licença por alguns minutos? — perguntou Ryan. — Não nos falamos desde ontem. Vocês sabem, somos marido e mulher, exatamente como as pessoas de verdade.

— Sim, senhor.

Eles recuaram, mas mantiveram a câmera no presidente e na primeira-dama.

— Venha, querida.

Jack abraçou-a pela primeira vez depois de mais de um dia.

— Vamos perder todos eles, Jack. Cada um deles, começando amanhã ou depois de •manhã — sussurrou. Então começou a chorar.

— Sim. — Abaixou a cabeça para encostar sua testa com a de Cathy. — Sabe, você tem o direito de ser humana, doutora.

— Como eles acham que aprendemos alguma coisa? Oh, não podemos consertar, então deixemos que morram com dignidade. Vamos desistir. Não foi isso que aprendi aqui.

— Eu sei.

Ela fungou e enxugou os olhos na camisa de Jack.

— Certo, estou controlada de novo. Estou de folga por oito horas.

— Onde você vai dormir?

Um suspiro profundo. Um arrepio.

— Em Maumenee. Eles providenciaram alguns colchões. Bernie está lá em Nova York, ajudando na Columbia. Eles estão com uns duzentos casos lá.

— Você é de ferro, doutora — disse Jack, sorrindo para a esposa.

— Jack, se você descobrir quem fez isso conosco...

— Estamos trabalhando nisso — replicou POTUS.

— Conhece alguma dessas pessoas?

O chefe de estação estendeu algumas fotografias que ele mesmo havia batido. Ele recebeu também uma lanterna.

— Esse é Saleh! Quem era ele, exatamente? Ele não disse e eu nunca descobri.

— Todas essas pessoas são iraquianas. Quando seu governo ruiu, eles voaram para cá. Tenho um bolo de fotos. Tem certeza quanto a este?

— Absoluta. Cuidei dele por mais de uma semana. O pobre coitado morreu.

MacGregor olhou mais algumas fotos. — E esta parece a Sohaila. Ela sobreviveu, graças a Deus. Uma criança encantadora... e esse é o pai dela.

— Mas que merda é essa? — perguntou Chavez. — Ninguém nos disse nada disso.

— Na época estávamos na Fazenda, lembra?

— Está voltando a ser oficial de treinamento, John? — perguntou Frank Clayton — Bem, fui avisado e saí para bater as fotos. Eles chegaram de primeira classe, meu Deus, num Gulfstream velho e grande. Este aqui, estão vendo?

Clark olhou para a foto e grunhiu — o avião era quase um gêmeo daquele que estavam usando em sua viagem ao redor do mundo.

— Belas fotos.

— Obrigado, senhor.

— Deixe-me ver. — Clark pegou a foto e colocou-a sob a luz. — Ninja — sussurrou. — Puta que pariu... Ninja...

— Como?

— John, leia essas letras na cauda — disse Ding, em tom calmo.

— HX-NJA... meu Deus!

— Clayton, este telefone celular é seguro? — perguntou Chavez. O chefe de estação pressionou três dígitos no aparelho.

— É agora. Para onde quer ligar?

— Para Langley.

— Presidente, podemos falar com o senhor?

Jack assentiu.

— Sim, claro, venham. — Ele precisava caminhar um pouco e gesticulou para que seguissem. — Talvez eu deva me desculpar por Cathy. Ela geralmente não é assim. Ela uma boa médica — disse ESPADACHIM num tom cansado. — Todos eles lá estão mito estressados. Acho que a primeira coisa que aprendem lá é *primum non nocere*, em primeiro lugar, não faça mal. É uma bela regra.

Em todo caso, os últimos dias da minha esposa vêm sendo bem duros. Mas estamos todos no mesmo barco.

— É possível que tenha sido um ato deliberado, senhor?

— Não estamos muito certos, e não posso falar sobre isso até termos boas informações, de uma forma ou de outra.

— O senhor vem passando por uns maus bocados, presidente.

O repórter era local, e não parte da cena de Washington. Ele não sabia como falar com um presidente, ou pelo menos foi o que os outros pensaram. A despeito disso, esta pergunta estava sendo transmitida ao vivo pela NBC, embora nem mesmo o repórter soubesse.

— É, venho tendo sim., — Presidente, o senhor pode nos dar esperanças? Ryan virou-se ao ouvir isso.

— Para as pessoas que estão doentes, bem, as esperanças estão nas mãos dos médicos e enfermeiras. Eles são boa gente. Você pode ver isso aqui. Eles são lutadores, guerreiros. Estou muito orgulhoso de minha esposa e do que ela faz. Estou orgulhoso dela aqui. Eu lhe pedi que não fizesse isto. Achei que era egoísmo da minha parte, mas pedi do mesmo jeito. Algumas pessoas já tentaram matá-la, você sabe. Eu não me importo em correr perigos, mas minha mulher e meus filhos não deviam correr riscos. Nenhuma das pessoas doentes devia correr riscos. Mas essa doença apareceu, e agora precisamos nos esforçar para cuidar dos doentes e nos certificar de que as pessoas não adoeçam desnecessariamente. Sei que minha ordem executiva exigiu muito de muita gente, mas não poderia dormir sabendo que não fiz alguma coisa que pudesse salvar vidas. Queria que tivesse uma maneira mais fácil, mas, se havia, ninguém me disse qual era. Sabe, não basta dizer Não, eu não gosto disso . Isso é algo que qualquer um pode fazer. Olhe, estou muito cansado — disse Ryan, desviando os olhos da câmera. — Podemos parar por hoje?

— Sim, senhor. Obrigado, presidente. Claro.

Ryan virou as costas para eles e caminhou para sul, na verdade apenas perambulando, em direção as grandes garagens de estacionamento. Ali viu um homem fumando, um negro de cerca de quarenta anos, em desafio aos sinais que proibiam o vício nas cercanias do templo do aprendizado médico. POTUS caminhou até ele, alheio aos três agentes e soldados atrás dele.

— Me arranja um?

— Claro.

O homem nem mesmo levantou a cabeça para olhar enquanto se sentava na borda de urna jardineira de tijolos, fitando o concreto. Esticou o braço esquerdo o máximo que pôde e ofereceu o maço e um isqueiro. Por consentimento mudo, os dois não se sentaram próximos.

— Obrigado. — Ryan sentou-se a cerca de um metro e meio do homem, esticando a mão para pegar os objetos.

— Você também, amigo?

— Como assim?

— Minha mulher está lá. Pegou a doença. Ela trabalha com uma família.

Espécie de babá. Todos estão doentes. Agora ela está também.

— Minha mulher é médica. Ela está lá com eles.

— Não vai fazer diferença, amigo. Não vai fazer nenhuma diferença.

— Eu sei. — Ryan deu uma tragada longa e exalou a fumaça.

— Eles nem me deixaram entrar. Disseram que é perigoso demais. Pegaram o meu sangue, disseram para eu ficar por perto, não me deixaram fumar, não me deixaram vila. Deus do céu, amigo, como eles podem fazer uma coisa dessas?

— Se fosse você que estivesse doente, e soubesse que a sua esposa poderia contrair a doença de você, o que faria?

Ele assentiu com resignação zangada.

— Eu sei. Foi o que o médico disse. Ele tem razão. Eu sei. Mas isso não torna a coisa justa. — O homem fez uma pausa. — Falar ajuda.

— Sim, acho que sim.

— Uns filhos da puta fizeram isso... eles disseram na TV. Esses filhos da puta precisam pagar por isso.

Ryan não soube o que dizer. Outra pessoa disse: Andréa Price: — Presidente? O diretor da CIA está no telefone.

Isso fez o homem levantar a cabeça. Ele olhou para Ryan à luz amarelo-dourada — Você é ele.

— Sim, senhor — respondeu Jack.

— Disse que a sua mulher está trabalhando lá? Um aceno. Um suspiro.

— Sim. Ela trabalha lá há 15 anos. Vim vê-la e verificar como está a situação. Sinto muito...

— O que quer dizer?

— Eles não deixaram você entrar, mas a mim deixaram. Ele sorriu.

— Então precisava ver, hem? Foi uma barra o que aconteceu com a sua menina na semana passada.

Ela está bem?

— Sim, está ótima. Naquela idade... bem, você sabe como é.

— Bom. Ei, obrigado por falar comigo.

— Valeu pelo cigarro — disse o presidente, levantando e caminhando até a agente Price. Pegou o telefone. — Ed, é Jack.

— Presidente, precisamos do senhor de volta. Temos uma coisa que precisa ver — disse-lhe Ed Foley. Ele se perguntou como explicaria que a prova estava pendurada na parede de uma sala de conferências no quartel-general da CIA.

— Dê-me uma hora, Ed.

— Sim, senhor. Estamos nos organizando agora.

Jack pressionou o botão END no telefone e o devolveu a Andréa.

— Vamos andando.

SNIE

Antes de voar para casa, todos tiveram de ser descontaminados. Dessa vez o Hopkins tinha montado uma sala grande com separação de sexos. A água estava quente, com cheiro de substâncias químicas, mas o odor concedeu a Ryan uma sensação de segurança. Em seguida, colocou um novo avental. Ele já usara aventais desse tipo antes, ao comparecer aos nascimentos de seus filhos.

Conotações felizes. Não mais, pensou Ryan, enquanto caminhava até o Suburban para a viagem de volta para Forte McHem e para o passeio de helicóptero de volta à Casa Branca. Pelo menos o banho o animara. Talvez o ânimo até durasse algumas horas, pensou POTUS, enquanto o VH-3 decolava e seguia para sudeste. Se ele tivesse sorte.

Foi o desempenho mais insípido na história do Centro Nacional de Treinamento Os soldados do 11º RCB e os pilotos de tanques da Guarda Nacional da Carolina tinham feito uma besteira atrás da outra durante cinco horas, mal executando os plainos que ambos acertaram previamente. O replay na Sala Guerra nas Estrelas mostrou casos nos quais tanques estiveram a menos de mil metros separados uns dos outros e perfeitamente a vista, e mesmo assim não tinham trocado disparos. Nada funcionara em nenhum dos dois lados, e o conflito simulado não chegara realmente a uma conclusão, mas foi interrompido por anuência apática. Imediatamente antes da meia-noite, as unidades entraram em formação para o trajeto de volta até suas respectivas bases, e os altos oficiais foram para a casa do general Diggs, na colina.

— Oi, Nick — disse o coronel Hamm.

— Oi, Al — replicou o coronel Eddington, mais ou menos no mesmo tom de voz — E que porra foi aquela? — inquiriu Diggs.

— Os homens estão sem harmonia, senhor — replicou primeiro o oficial da Guarda Nacional. — Estamos todos preocupados com os nossos em casa.

Estamos a salvo aqui. Eles estão em perigo lá. Não posso culpá-los por estarem distraídos, general. Eles são humanos.

— O melhor que posso dizer é que nossas famílias imediatas parecem a salvo, general — concordou Hamm com seu camarada em armas mais velho. — Mas todos temos família lá em casa.

— Certo, cavalheiros, todos temos motivo para estar preocupados. Também não gosto do que está acontecendo. Mas o trabalho de vocês é liderar o seu pessoal, e isso significa liderar. Puta que pariu! Caso os dois chefes guerreiros não tenham notado ainda, a porra inteira do Exército dos Estados Unidos está preso por essa epidemia... menos a gente! Querem pensar um pouco nisso, coronéis? Ninguém nunca me disse que o ofício do soldado era moleza, e nem em sonho o comando, mas é o trabalho que temos, e se vocês não conseguem fazê-lo, bem, há outros que podem.

— Senhor, isso não vai dar certo. Não há ninguém para ajudar a gente — frisou Hamm.

— Coronel...

— O homem está certo, Diggs — comentou Eddington. — Algumas coisas são normais. Há um inimigo lá fora contra o qual não podemos lutar. Nosso pessoal vai aparecer assim que tiver uma chance, e talvez traga boas notícias para variar. Vamos, general, pense bem nisso. O senhor conhece história.

Aqueles homens lá fora são pessoas. São soldados, mas antes de tudo são pessoas. Eles estão abalados. E eu também, Diggs.

— Eu também sei que não existem regimentos ruins, apenas coronéis ruins — redarguiu Diggs, com um dos melhores aforismos de Napoleão, mas nenhum dos dois coronéis se animou. Deus, isso era realmente ruim.

— Como está a situação? — perguntou van Damm.

— Horrível — replicou Ryan. — Vi seis ou sete pessoas que vão morrer. Um deles é uma criança. Cathy disse que haverá outros.

— Como ela está indo?

— Estressada, mas aguentando firme. Ela disse a um repórter o que ele merecia ouvir.

— Eu sei. Vi na TV — informou o chefe de gabinete.

— Já?

— Foi ao vivo. — Arnie conseguiu sorrir. — Vocês estavam ótimos.

Preocupados. Sinceros pra cacete. Você disse coisas bonitas sobre a sua esposa.

Até se desculpou pelo que ela disse... realmente bom, Patrão, especialmente porque ela estava maravilhosa. Intensa. Exatamente como todo mundo espera que um médico seja.

— Arnie, aquilo não era teatro. Ryan estava cansado demais para ficar zangado. Para sua decepção, o efeito revigorante do chuveiro já havia desaparecido.

— Não, aquilo foi liderança. Algum dia você aprenderá que... merda, talvez não. Apenas continue fazendo o que está fazendo, certo? — aconselhou Arnie. — Você faz sem saber, Jack. Simplesmente procure não pensar nisso.

A NBC compartilhou sua fita com o mundo inteiro. Por mais competitivo que o ramo noticioso possuía uma consciência de responsabilidade pública em uma hora, a fita da breve conversa com o presidente estava sendo exibida por todas as emissoras do mundo. Ela estivera certa desde o primeiro instante, disse a primeira-ministra para os seus botões. O presidente americano não sabia onde estava pisando. Ele nem mesmo era capaz de aparecer empertigado. Balbuciava as palavras. Deixava sua esposa falar por ele — e ela era histérica, emotiva, fraca. A época da América como uma grande potência estava chegando ao fim, porque o país carecia de uma liderança poderosa. Ela não sabia o que causara essa praga, mas era fácil presumir. A URI, obviamente, estava por traz disso.

Por que mais eles teriam convocado aquela reunião na China ocidental? Com sua frota no mar protegendo as naus que se aproximavam do Golfo Pérsico, a primeira-ministra estava fazendo sua parte. Tinha certeza de que seria recompensada no devido tempo.

— O seu presidente está abatido — disse Zhang. — É compreensível.

— Uma grande calamidade. Vocês têm nossa mais profunda simpatia — acrescentou o ministro das Relações Exteriores. Os três, mais o tradutor, também haviam assistido à fita.

Adler demorara a absorver as notícias sobre a epidemia, mas agora não conseguia, pensar em outra coisa. Contudo, precisava colocar isso de lado.

— Nossa província distante concordou com nossa exigência de ressarcimento inquiriu o ministro das Relações Exteriores.

— Infelizmente não. Eles assumem a posição de que o incidente inteiro foi resultado de suas manobras estendidas. Visto de modo abstrato, esse ponto de vista não é totalmente desprovido de mérito — disse-lhes o secretário de Estado com toda sua conversa diplomática.

— Mas a situação não é abstrata. Estamos conduzindo exercícios pacíficos.

Um dos seus pilotos julgou adequado atacar nossa aeronave, e no processo outro de seus aviadores ignóbeis destruiu um avião de passageiros. Quem pode dizer se foi acidente ou não.

— Será que não foi acidente? — perguntou Adler. — Que propósito poderia havei por trás de um ato dessa natureza?

— Com esses bandidos, quem pode dizer? — redarguiu o primeiro-ministro, colocando um pouco mais de lenha na fogueira.

Ed e Mary Pat Foley chegaram juntos. Ed estava carregando um pôster embalado ou algo parecido. Jack notou isso enquanto se sentava na Sala do Gabinete, ainda usando o avental cirúrgico com o nome do Hopkins bordado.

Em seguida chegou Murray trazendo o inspetor O’Day a reboque. Ryan levantou-se para falar com ele.

— Eu lhe devo uma. Desculpe não ter podido falar com você mais cedo.

Jack apertou a mão de O’Day.

— Aquilo foi moleza, comparado com isto — disse Pat. — E minha menininha também estava lá. Mas, sim, estou feliz por ter estado lá. Não terei pesadelos com aquele tiro. — Ele se virou. — Oh, oi, Andréa.

Price sorriu pela primeira vez no dia.

— Como está a sua filha, Pat?

— Em casa com a babá. As duas estão bem — assegurou-lhe.

— Presidente? — Era Goodley. — As coisas estão quentes.

— Certo. Então, podemos começar a pôr a mão na massa? Quem começa?

— Eu — disse o diretor da CIA, deslizando uma folha de papel sobre a mesa.

— Tome.

Ryan pegou a folha e correu os olhos pelo texto. Era algum tipo de formulário oficial, e todas as palavras estavam em francês.

— O que é isto?

— É o relatório dos departamentos de imigração e alfândega para o nosso avião. Dê uma olhada na lacuna de identificação, no topo à esquerda.

— HX-NJA. Certo, e daí? — perguntou ESPADACHIM. Seu chefe de gabinete estava sentado ao lado, batendo o pé ritmicamente no chão. Ele sentiu a tensão que os executivos haviam trazido à sala.

A ampliação da foto de Chavez no aeroporto de Mehrabad era na verdade maior que um pôster, e inicialmente fora impresso como uma piada. Mary Pat desenrolou a ampliação e estendeu-a sobre a mesa. Duas valises foram usadas para impedir que o papel se enrolasse de novo.

— Dê uma olhada na cauda — aconselhou a DDO.

— HX-NJA. Não tenho tempo para brincar de Agatha Christie, pessoal — avisou o presidente.

— Não se preocupe, presidente. — Era Dan Murray. — Vou guiá-lo nesta situação. Antes de mais nada, deixe-me dizer que essa foto constitui uma prova que eu poderia apresentar num tribunal e ganhar um caso. O formulário alfandegário identifica um jato comercial, um Gulfstream G-IV pertencente a essa corporação baseada na Suíça. — a folha de papel foi passada de mão em mão em torno da mesa de conferências. — Foi pilotada por esta tripulação. — Duas fotos e cartões de impressões digitais. — Deixou o Zaire com três passageiros. Dois eram freiras, irmã Jean Baptiste e irmã Maria Magdalena.

Ambas eram enfermeiras num hospital católico de lá. A irmã Jean tratou de Benedict Mkusa, um menininho que contraiu o Ebola e morreu disso. Por algum motivo, a irmã Jean contraiu também, e o terceiro passageiro, o Dr.

Mohammed Moudi... ainda não temos uma foto dele, mas estamos trabalhando nisso... decidiu levar a paciente para tratamento em Paris. A irmã Maria acompanhou-os. O Dr. Moudi é um iraniano que trabalha com a Organização Mundial de Saúde. Ele disse à freira que ela teria uma chance lá e que poderia conseguir um jato particular para levá-la. Está me acompanhando até agora?

— E este é o jato.

— Correto, presidente. Este é o jato. Com exceção de uma coisa. Este jato supostamente colidiu com o mar depois de uma parada de reabastecimento na Líbia. Temos uma tonelada de papeladas sobre isso.

Exceto por uma coisa. — Ele cutucou o pôster novamente. — Esta foto foi tirada por Domingo Chavez...

— O senhor o conhece — lembrou Mary Pat.

— Prossiga. Quando Ding bateu a foto?

— Semana passada, quando Clark e Chavez acompanharam o secretário Adler a Teerã.

— O avião foi declarado perdido algum tempo antes disso. Seu sinal de emergência foi rastreado por um de nossos destróieres. Porém, não foi achado nenhum vestígio — prosseguiu Murray. — Ed?

— Quando o Iraque ruiu, o Irã permitiu que alguns líderes militares escapassem. Todos tinham paraquedas de ouro. Nosso amigo Daryaei deixou-os saltar do avião.

até forneceu transporte, certo? Isto começou um dia depois do desaparecimento do avião — disse-lhes Foley. — Eles voaram para Cartum, no Sudão. Nosso chefe de estação lá Frank Clayton. Ele foi até o aeroporto e bateu as fotos para confirmar nossas informações.

O diretor da CIA deslizou os documentos sobre a mesa.

— Parece o mesmo avião, mas e se alguém simplesmente mudou os números, i letras, o que seja? — perguntou Ryan.

— Indicador seguinte — disse Murray. — Houve dois casos de Ebola em Cartum — Há algumas horas, Clark e Chavez conversaram com o médico que cuidou desses casos — acrescentou Mary Pat.

— Os dois pacientes voaram nesse avião. Temos fotos deles decolando — disse . diretor do FBI. — Assim, temos um avião com uma pessoa doente a bordo. A aeronave desaparece... mas aparece de novo mais ou menos 24 horas depois em outro lugar, e dois dos passageiros acabam com a mesma doença da freira. Os passageiros vieram do Iraque, via Irã, para o Sudão.

— A quem pertence o avião? — perguntou Arnie.

— A uma corporação. Dentro de algumas horas, receberemos mais detalhes da Suíça. Mas a tripulação é iraniana. Temos informações sobre eles porque eles aprenderam como voar aqui — explicou Murray. — E, finalmente, temos nosso amigo Daryaei aqui no mesmo avião. Parece que o aparelho foi retirado de serviço internacional. Talvez Daryaei o esteja usando agora para viajar pelo seu país. Portanto, presidente, temos a doença no avião e o proprietário; tudo relacionado. Amanhã trabalharemos com a Gulfstream para ver se o avião possui alguma característica exclusiva pelo qual possa ser identificado, além do código de registro. Conseguiremos com a Suíça informações sobre o proprietário diários de bordo do resto de sua frota.

— Agora sabemos quem fez isso — concluiu Murray.—É difícil romper esta cadeia de provas.

— Há mais detalhes para averiguar — disse Mary Pat. — Levantar dados desse Dr. Moudi. Pesquisar algumas remessas de macacos... eles usam macacos para estudar a doença. Como eles encenaram a queda do avião... Acreditam que os desgraçados até cobraram o seguro?

— Vamos suspender esta reunião por um momento. Andréa?

— Sim, presidente?

— Convoque o secretário Bretano e o almirante Jackson.

— Sim, senhor — disse Andréa e saiu da sala.

Ed Foley esperou a porta se fechar atrás dela.

— Hã... Presidente?

— Sim, Ed?

— Há mais uma coisa. Ainda não contei isto a Dan. Nós agora sabemos que a URI... ou seja, nosso amigo Mahmoud Haji Daryaei... está por trás disto.

Chavez aventou uma coisa antes dele e John partirem. O outro lado provavelmente esperava que seguissemos m pistas até eles. E praticamente impossível alcançar segurança operacional para algo desse

tipo.

— E então?

— E então duas coisas, Jack. Primeira: seja o que for que estiverem planejando, eles consideram que é irreversível, e portanto não importa que descubramos ou não. Segunda: é bom lembrar como eles derrubaram o Iraque.

Eles tinham alguém o tempo todo lá dentro.

Aquelas eram duas considerações bastante sérias. Ryan começou a ponderar sobre a primeira. A cabeça de Dan Murray voltou-se para seu inspetor itinerante enquanto eles trocavam olhares sobre a segunda.

— Meu Deus, Ed — disse o diretor do FBI um momento depois.

— Pense bem, Dan — disse o diretor da CIA. — Nós temos um presidente.

Temos um Senado. Temos um terço do Congresso. Ainda não temos um vice-presidente. A sucessão presidencial ainda está incerta, não há figuras políticas realmente poderosas, e o primeiro escalão do governo ainda está verde.

Acrescente esta epidemia, que deixou o país dividido em núcleos isolados. Para quase qualquer observador externo, nós parecemos fracos e vulneráveis.

Ryan levantou os olhos enquanto Andréa voltava.

— Espere um minuto. Eles fizeram um atentado contra Katie. Por que isso se eles me querem fora do caminho?

— Do que os senhores estão falando? — perguntou Price.

— O outro lado demonstrou uma capacidade assustadora — esclareceu Foley. — primeiro, infiltraram alguém na segurança do presidente iraquiano e o mataram. Depois a operação da semana passada, que foi conduzida por um agente adormecido que esteve aqui por mais de uma década e que durante esse tempo todo não fez nada, mas, quando acordou, ainda era fiel o bastante para auxiliar um atentado contra uma criança.

Murray precisou concordar com isso: — Isso também nos ocorreu. A Divisão de Informação está pensando sobre isso agora.

— Espere um pouco — objetou Andréa. — Eu conheço cada pessoa na segurança presidencial. Pelo amor de Deus, perdemos cinco deles defendendo CHOCALHO!

— Agente Price — disse Mary Pat Foley. — Você sabe quantas vezes gente da CIA foi morta por pessoas que todos conhecíamos... pessoas que eu conhecia.

Droga, perdi agentes para um desses malditos agentes duplos. Eu conhecia eles, e eu conhecia o tipo que os traiu. Não me fale sobre paranoia. Estamos aqui contra um inimigo muito mau. E tudo que o outro lado precisa é de um agente.

Murray assobiou quando o argumento assumiu forma plena. Durante as últimas horas, sua mente corra numa direção. Agora ela estava correndo em outra.

— Sra. Foley, eu...

— Isto não é pessoal, Andréa — disse o inspetor O'Day. — Respire um pouco e pense sobre isso. Se você tivesse os recursos de uma nação-Estado, se fosse paciente e se dispusesse de pessoas realmente fiéis, como faria isso?

— Como eles ferraram o Iraque? — disse Ed Foley, assumindo o comando da discussão. — Você teria pensado que aquilo era possível?

O presidente olhou em torno. Fabuloso, agora eles estão me dizendo para não confiar no Serviço Secreto.

— Tudo faz sentido se você pensar como o outro sujeito — disse-lhes Mary Pat. — Faz parte de sua tradição, lembram?

— Certo, mas o que faremos sobre isso? — perguntou Andréa, o rosto francamente estarrecido diante da possibilidade.

— Pat, você tem um novo posto — disse Murray ao seu subordinado. — Com permissão do presidente, claro.

— Concedida — disse POTUS.

— Regras? — questionou O’Day.

— Nenhuma, absolutamente nenhuma — disse-lhe Price.

Era quase meio-dia na União Republicana do Islã. A manutenção estava correndo bem nas seis divisões pesadas baseadas na parte centro-sul do país.

Quase todas as esteiras dos veículos de batalha haviam sido substituídas. Um espírito de competição saudável nascera entre as divisões do antigo Iraque e aquelas trazidas do Irã. Com seus veículos restaurados a pleno funcionamento, os soldados trouxeram munição para abastecer completamente todos os tanques T-80 e transportes de infantaria BMP.

Os comandantes de batalhão observaram com satisfação o resultado de seu exercício de treinamento. Seus recém-adquiridos localizadores GPS haviam funcionado como mágica, e agora os iraquianos compreendiam um dos motivos para terem sofrido tanto nas mãos dos americanos em 1991. Com o GPS, ninguém precisava de estradas. A cultura árabe há muito chamava o deserto de mar, e agora eles podiam navegá-lo como marinheiros, movendo-se de ponto a ponto com uma confiança que jamais haviam conhecido.

Os oficiais das corporações e das divisões sabiam por que isso era tão importante. Eles tinham acabado de receber mapas novos, e com eles uma nova missão. Também haviam descoberto que sua força motorizada de três corporações possuía um nome, Exército de Deus. Até o dia seguinte, os comandantes de subunidades seriam instruídos sobre isso, e muitas outras coisas.

Levou uma hora para eles chegarem. O almirante Jackson estivera dormindo em seu escritório, mas o secretário Bretano fora para casa depois de uma manhã revisando destacamentos dentro do país. Ao chegar, viram que o protocolo de vestuário da Casa Branca fora relaxado. O presidente, também com olhos injetados, estava usando roupas de médico.

Dan Murray e Ed Foley resumiram o que fora dito na reunião.

Jackson aceitou bem: — Ótimo. Agora sabemos quem estamos enfrentando. Mas Bretano não: — Isso é um ato aberto de guerra!

— Mas nós não somos o objetivo — disse-lhe o diretor da CIA. — É a Arábia Saudita e todos os Estados do Golfo. É a única coisa que faz sentido. O aiatolá acha que pode conseguir tomar esses Estados, nós não poderemos fazer uma investida nuclear contra ele; isso acabaria com todo o petróleo disponível para o mundo. — O diretor da CIA estava quase certo, mas não completamente.

— E ele está com a Índia e a China no bolso — prosseguiu Robby Jackson. — Eles então apenas gerando interferência, mas isso é boa interferência. O Ike está no lugar errado. Os indianos estão com seus porta-aviões bloqueando os estreitos de Hormüz. Não podemos penetrar com os navios MPS sem cobertura aérea. Zap, ele colocou três Brigadas em movimento. Os sauditas lutarão, mas estão em desvantagem numérica. Estará acabado em uma semana, talvez menos. Não é um conceito operacional ruim — concluiu o J-3.

— O ataque biológico também foi muito sagaz. Acho que eles conseguiram mais do que pretendiam. Praticamente cada base e unidade que possuímos está fora de ação no momento — observou o secretário de Defesa, assumindo rapidamente o aspecto operacional.

— Presidente, quando eu era menino no Mississippi, lembro que havia um ditado que dizia: Quando você vir um cão raivoso, não mate o coitadinho... jogue-o no quintal de alguém. Acredita que um espírito de porco realmente fez isso com a gente, só porque meu pai era um defensor do registro de eleitores?

— O que vocês fizeram, Rob?

— Papai atraiu o cachorro para fora da casa com seu rabo de raposa e continuou defendendo seus ideais — replicou o almirante Jackson. — Se vamos agir, precisaremos agir depressa. O problema é: com o quê?

— Quanto tempo os navios MPS levarão para chegar à Arábia Saudita?

— Pouco menos de três dias, mas há alguém no caminho. O Comando do Atlântico enviou ordens para esse grupo de superfície descer por Suez, e eles podem chegar ao estreito a tempo, mas primeiro teremos de fazer aqueles cargueiros de tanques passarem pelos indianos. Esses quatro barcos são escoltados por um cruzador, dois submarinos e duas fragatas, e se os perdermos estaremos com problemas; o fornecedor mais próximo fica em Savannah, senhor.

— O que temos armazenado na Arábia Saudita? — perguntou Ben Goodley.

— O suficiente para uma brigada pesada. O mesmo no Kuwait. O terceiro conjunto de brigadas está no mar e parado na zona de perigo.

— O Kuwait é o primeiro na fila — disse o presidente. — O que podemos levar até lá?

— Se for extremamente necessário, podemos enviar o 10º ACR de Israel para se juntar ao grupo POMCUS ao sul da cidade de Al Kuwait. Podemos fazer isso em 24 horas. Os kuwaitianos cuidarão do transporte. Eles têm um acordo silencioso com Israel sobre isso. Nós intermediamos esse acordo — disse Robby...” — O plano é chamado: AVANTE BÚFALO.

— Alguém acha que isso é má ideia? — perguntou Jack.

— Um regimento armado de divisão blindada... não acho que seja suficiente para detê-los, senhor — disse Goodley.

— O homem tem razão — concordou o J-3.

Ryan olhou em torno. Saber era uma coisa. Ser capaz de agir era outra bem diferente. Ele poderia ordenar um ataque estratégico ao Irã. Ele tinha bombardeiros Stealth 2A na Base da Força Aérea de Whiteman, e com as informações que recebera nas últimas duas horas, obter CINC-STRIKE para validar a ordem sob a regra dos dois homens não seria problemático. Os Spirits, como eram chamados os B-2s, poderiam chegar em menos de 18 horas e transformariam aquela nação numa ruína enfumaçada e venenosa.

Mas ele não poderia fazer isso. Mesmo se fosse obrigado, provavelmente não poderia. Embora os presidentes americanos já tivessem enfrentado repetidas vezes a necessidade de contar ao mundo que, sim, nós iremos lançar nossos mísseis e bombardear for preciso, esse era um dever que Ryan esperava jamais realizar. Mesmo nesse ataque a seu país, o uso de armas de destruição em massa — para a América, o equivalente armas nucleares — tinha sido fruto da decisão de um só homem, e realizado por poucos. Seria Ryan capaz de responder devastando cidades inteiras, matando pessoas como Daryaei fizera, porque o outro cara tinha agido primeiro? E depois viver consigo mesmo?

Precisava haver algo melhor, alguma outra alternativa. Como, por exemplo, matar Daryaei.

— Ed?

— Sim, presidente?

— Onde Clark e Chavez estão neste momento?

— Em Cartum, ainda aguardando instruções.

— Acha que eles conseguem entrar em Teerã novamente?

— Não será fácil, senhor. — Ele se virou para a esposa.

— Os russos nos ajudaram no passado. Posso perguntar. Qual seria sua missão?

— Primeiro descubra se eles conseguiriam entrar. Enquanto isso pensaremos na missão. Robby?

— Sim, presidente? “

— Mova o 10º Regimento imediatamente para o Kuwait. Jackson respirou fundo, uma expressão cética no rosto.

— Sim, senhor

Houve um passo intermediário para obter a aprovação do governo do Kuwait. O embaixador encarregou-se disso. Acabou revelando-se uma tarefa não muito difícil. O major Sabah mantivera seu governo informado sobre as manobras em seu novo vizinho ao norte, e as fotos de satélite da troca de esteiras dos tanques da URI deram o toque final. Com seu próprio Exército plenamente ativado, o governo kuwaitiano enviou um telex um pedido formal para que a América iniciasse um exercício de treinamento estendido na parte oriental de sua nação. Isso aconteceu depressa. Os regentes da pequena nação tinham lembranças frescas de enganos anteriores. Sua única exigência foi que as manobras fossem realizadas secretamente, e a América não objetou. Dentro de quatro horas, os aviões novos da linha aérea nacional começaram a decolar, seguindo para sudeste sobre a Arábia Saudita, e mais tarde dobraram ao norte, até o Golfo de Acaba.

A ordem foi emitida pelo Comando de Treinamento e Doutrina, que administrativamente possuía a 10º RCB, sendo tecnicamente uma instituição de treinamento. A maioria das outras unidades pertenciam ao Comando de Forças, FORCECOM. A ordem de manobras de emergência foi emitida por prioridade CRÍTICA para o coronel Sean Magruder. Ele tinha cerca de cinco mil pessoas para mover, e isso requereria vinte jumbos. A rota sinuosa percorreria uma distância de dois mil quilômetros e três horas em cada direção, com uma parada de uma hora nos dois destinos. Mas tudo isso fora bem planejado, e a redução das viagens aéreas internacionais disponibilizara mais aeronaves do que havia sido antecipado pelo plano AVANTE BÚFALO. Até os israelenses cooperaram. Os pilotos dos jumbos kuwaitianos tiveram a experiência singular de ver caças F-15 com a Estrela de Davi azul escoltando-os ao chegarem à grande base da Força Aérea israelense no Neguev.

O primeiro grupo consistiu em oficiais e um grupo de segurança para suplementar a guarda kuwaitiana no sítio POMCUS. O sítio era um grupo de armazéns que continha o equipamento completo de uma brigada pesada, que era exatamente onde estava o MCB. O equipamento era mantido zelosamente por particulares, muito bem pagos pelos kuwaitianos.

A segunda aeronave tinha a Tropa A, 1º do 10º. Ônibus levaram-nos sob o sol do fim da tarde até seus veículos, que em cada caso pegou prontamente, estando completamente abastecido de combustível e munição. Uma tropa do 1º

Esquadrão Guidon moveu-se sob os olhos vigilantes de seu comandante de esquadrão, o tenente-coronel Duke Masterman. Ele tinha família na área da Filadélfia, e sabia somar dois mais dois. Alguma coisa muito ruim estava acontecendo em seu país, e o AVANTE BÚFALO fora ativado de repente. Para ele e seus soldados isso não seria problema, decidiu o tenente-coronel.

Magruder e sua equipe também observavam. Ele até mesmo insistira que o grupo de comando levasse o estandarte do RCB.

— Foleyeva, é tão ruim assim? — perguntou Golovko, referindo-se à epidemia. Estavam falando em russo. Embora seu inglês fosse praticamente perfeito, a oficial da CIA falava sua linguagem nativa com uma elegância poética aprendida com seu avô.

— Não sabemos, Sergey Nikolayevitch, e tenho cuidado de outros assuntos.

— Ivan Emmetovich está suportando bem?

— O que o senhor acha? Eu sei que o senhor assistiu à entrevista pela TV há algumas horas.

— Homem interessante, o seu presidente. Tão fácil de subestimar. Eu mesmo já fiz isso.

— E Daryaei?

— Formidável, mas um bárbaro inculto. — Mary Pat quase pôde ouvir o homem cuspir.

— Concordo.

— Diga a Ivan Emmetovich para analisar bem o cenário, Foleyeva — sugeriu Golovko. — Sim, nós vamos cooperar—acrescentou, respondendo a uma pergunta que ainda não fora formulada. — Completamente.

— Spasiba. Voltarei a entrar em contato com o senhor. — Mary Pat olhou para o marido. — Não há como não amar esse sujeito.

— Espero que ele esteja do nosso lado — observou o diretor da CIA.

— Ele está, Ed.

O cachorro tinha parado de latir, notaram os homens em STORM TRACK.

As três corporações que eles estavam tentando observar tinham parado de usar seus rádios por volta do meio-dia. Zero. Por mais sofisticado que fosse seu equipamento ELINT nada ainda era nada. Era um sinal evidente, e geralmente ignorado. As linhas diretas para Washington estavam quase todas ocupadas agora. Mais oficiais sauditas estavam chegando, demonstrando o estado intensificado de alerta de seus próprios militares, se posicionavam silenciosamente em torno da cidade militar Rei Khalid. Isso gerou um certo alívio para o pessoal da informação no posto de escuta, mas não muito. Eles estavam próximos demais da boca do leão. Além de ser espões, eles pensavam como espões, e por consenso decidiram que os eventos na América tinham de alguma forma começado aqui. Em outra parte, esses pensamentos geraram um sentimento de felicidade; aqui surtia um efeito diferente. A ira era real, e eles tinham uma missão para cumprir, posição exposta ou não.

— Muito bem, quem podemos destacar? — perguntou Jackson na linha de conferência.

A resposta foi um breve silêncio. O exército estava com a metade do tamanho que tivera menos de uma década antes. Havia duas grandes divisões pesadas na Europa, cinco corporações, mas elas tinham sido postas em quarentena pelos alemães. O mesmo era válido para as duas divisões armadas em Forte Hood, Texas, e para a 1ª Divisão de Infantaria (Motorizada) em Forte Riley, Kansas. Partes da 82ª em Forte Bragg e da 1ª do 1º em Forte Campbell haviam sido destacadas para apoiar unidades da Guarda Nacional, mas as unidades mantidas em suas bases tinham soldados com resultados positivos em seus exames para o Ebola. O mesmo se dava com as duas divisões da Marinha, base em Lejeune, na Carolina do Norte, e em Pendleton, na Califórnia.

— Vejam bem — disse FORCECOM. — Mandamos o 11º RCB e uma brigada da Guarda treinarem lá no Centro Nacional de Treinamento. Essa base está completamente limpa; podemos destacá-los tão rápido quanto você pode fazer os aviões chegarem. O resto? Antes de colocá-los em ação, precisamos examinar todos. Não ousarei enviá-los antes de cada soldado obter resultado negativo para o Ebola, e os estojos de e ainda não chegaram.

— Ele tem razão — disse outra voz. Cada cabeça na sala de conferências meneou. As companhias farmacêuticas estavam correndo contra o relógio para fabricar os estojos exame. Eram necessários milhões de unidades, mas apenas alguns milhares estavam disponíveis, e essas vinham sendo usadas para pessoas em grupos de risco: aquelas que apresentavam sintomas ou eram parentes de vítimas, caminhoneiros incumbidos de transportar alimentos e suprimentos médicos, e, acima de tudo, os médicos em si, que eram as pessoas mais expostas ao vírus. Pior ainda, um resultado negativo não era suficiente. A algumas pessoas teriam de ser testadas diariamente durante três dias ou mais; embora o exame fosse confiável, os sistemas imunológicos das vítimas potenciais não eram. Os anticorpos não iriam começar a aparecer até uma hora depois de um resultado negativo. Médicos e hospitais em todo o país estavam gritando pelos estojos, e o Exército, em particular, estava gritando até ficar rouco.

A URI vai lançar uma guerra, pensou o J-3, e ninguém vai comparecer.

Robby imaginou se algum hippie dos anos 60 acharia aquilo engraçado. Quanto tempo isso vai demorar?

Até o fim da semana, no máximo — replicou FORCECOM. — Tenho um oficial encarregado.

Estou com a Esquadrilha 366 em Mountain Home. Todos eles estão limpos — falou o encarregado do ACC (Comando de Combate Aéreo). — Temos a esquadrilha de F-16 em Israel. Contudo, quase todas as minhas unidades europeias estão sendo mantidas como reféns.

— Aviões são úteis, Paul — avaliou FORCECOM. — Navios também, mas precisamos colocar soldados lá com toda a pressa do mundo.

— Envie ordens de aviso para Forte Irwin — instruiu Jackson. — Farei o secretário de Defesa autorizar sua liberação em uma hora.

— Certo.

Moscou? — perguntou Chavez. — Meu Deus, nós estamos...

— Nosso dever não é questionar os motivos.

— Sei disso, Sr. C. Se vamos para o lugar certo, aceitarei os riscos.

— Sua carruagem os espera, cavalheiros — disse Clayton. — Os ternos azuis estão obtendo o avião para vocês.

— Sim, isso me lembra de uma coisa.

Clark tirou o uniforme azul do armário. Num minuto, era novamente coronel. Cinco minutos depois disso, estavam a caminho do aeroporto, preparando-se para deixar o aos cuidados de Frank Clayton.

Havia um aspecto desconcertante na situação. O'Day reuniu uma equipe de agentes do FBI para examinar os antecedentes de cada agente do Serviço Secreto próximo ao presidente, tanto os oficiais à paisana quanto os uniformizados. Eram pouquíssimos, finalmente um agente seria liberado por uma indicação superficial, mas este caso era importante demais para isso, e cada arquivo seria examinado de cabo a rabo. Este trabalho ele delegou. Outra equipe estava examinando uma coisa desconhecida pelo público. Havia um registro computadorizado de cada telefonema realizado na área metropolitana de Washington, D.C. Se a existência desse programa — perfeitamente legal — fosse conhecida, os advogados teriam todas suas paranoias orwellinianas excitadas. Contudo, o presidente vivia em Washington, e era lá que a América perdera presidentes. Mas era muito esperar que esse programa fosse útil. Por definição, um conspirador no Serviço Secreto seria um especialista em medidas de segurança. Seu alvo, se é que existia, seria um dos rapazes. Ele deveria ser um profissional excelente — era um requisito necessário para chegar à segurança presidencial — porém nada mais do que isso. Ele seria bem integrado. Ter uma boa reputação. Ele contaria piadas, apostaria em esportes, tomaria uma cerveja no pé-sujo local. O'Day sabia que seu alvo seria exatamente como todos os outros agentes que se dispunham a proteger a vida do presidente com a mesma bravura demonstrada por Don Russell, e parte dele odiava o resto dele por ter de tratar essas pessoas e suspeitos numa investigação criminal. Não devia ser assim. Mas nada mais era justo.

Diggs convocou os dois coronéis ao seu escritório para dar-lhes as notícias: — Temos ordens de aviso para movermo-nos para o exterior.

— Quem? — perguntou Eddington.

— Suas duas unidades — respondeu o general.

— Para onde, senhor? — foi a pergunta seguinte de Hamm.

— Para a Arábia Saudita. Nós dois já estivemos lá e fizemos isso, Al, e aqui está a sua chance, coronel Eddington.

— Por quê? — perguntou o oficial da Guarda Nacional.

— Eles ainda não disseram. Estou recebendo informações suplementares por fax agora. Tudo que me disseram pelo telefone é que a URI está ficando agitada. O 10° deve estar se encontrando com seus equipamento POMCUS neste momento...

— AVANTE BÚFALO? — perguntou Hamm. — Sem aviso nenhum?

— Isso mesmo, Al.

— Isso tem alguma relação com a epidemia? — perguntou Eddington. Diggs balançou a cabeça.

— Ninguém me disse nada ainda sobre isso.

Foi preciso abrir o processo na Corte do Distrito Federal, em Baltimore. Ed J. Kealty preencheu uma ação nomeando John Patrick Ryan como querelado. A substância da reclamação era que o primeiro quisera cruzar uma linha estadual e o segundo não deixara. A ação requiria julgamento sumário da ordem executiva do presidente por mais estranho que pudesse parecer, a ação nomeava Ryan como presidente dos Unidos da América. Kealty precisava admitir que Jack vencera essa. Mas a Constituição estava ao seu lado e ele escolheu o juiz com muito cuidado.

A Estimativa Especial de Informação Nacional estava agora completa, e irrelevante. As intenções da União Republicana do Islã eram evidentes. A questão agora era fazer alguma coisa sobre elas, mas isso não era, a rigor, uma função do serviço de informação.

Amigos e Vizinhos

Eles não previram que aquilo aconteceria, mas sua atenção foi despertada quando aconteceu. Ao alvorecer do dia seguinte, todos os três esquadrões terrestres do 10° RCB estavam plenamente destacados, embora o quarto esquadrão, composto de helicópteros de ataque, necessitasse ainda de mais um dia para poder obter velocidade total. Os oficiais regulares do Kuwait — seu Exército ainda era relativamente pequeno, com os postos ocupados por reservistas patriotas — saudaram seus colegas americanos com brandir de espada e abraços diante das câmeras, e com conversas sérias e discretas nas tendas de comando. Da sua parte, o coronel Magruder providenciou que um de seus esquadrões se reunisse em formação de parada com bandeiras tremulando ao vento. Aquilo era bom para o moral de todos, e, reunidos, os 52 tanques pareciam o punho de um deus furibundo. O serviço de informação da URI esperava que alguma coisa acontecesse, mas não isso, e não tão depressa.

— O que é isso? — inquiriu Daryaei, permitindo desta vez que sua fúria mortal aflorasse.

Normalmente, bastava que as pessoas soubessem que ela existia, que estava escondida em algum lugar.

— É um embuste. — Depois do choque inicial, seu chefe de informação parou para refletir sobre a realidade da situação. — Aquilo é um regimento. Cada uma das três divisões do Exército de Deus possui três brigadas, ou quatro, em dois dos casos. Sendo assim, somos vinte para cada um deles. O senhor esperava que os americanos não esboçassem nenhuma reação? Isso seria irreal.

Mas aqui podemos ver como eles responderam com um regimento, movido de Israel e enviado para o lugar errado. Eles pretendem nos assustar com isso.

— Prossiga. — A fúria nos olhos escuros aplacou-se um pouco, e eles deixaram de parecer perigosamente hostis.

— A América não pode destacar suas divisões da Europa. Elas estão contaminadas. O mesmo vale para suas divisões pesadas na América. Portanto, enfrentaremos sauditas primeiro. Será uma grande batalha, que devemos vencer. Os Estados se renderão a nós ou serão massacrados... e o Kuwait resistirá sozinho, no topo do Golfo, com suas próprias forças e esse regimento americano, e então veremos. Eles provavelmente esperam que invadamos o Kuwait primeiro. Mas não repetiremos esse erro, repetiremos?

— E se eles reforçarem os sauditas?

— Novamente, eles possuem o equipamento para apenas uma brigada no reino. A segunda está no mar. O senhor combinou isso com a Índia, certo? — Isso era tão normal que ter deduzido não lhe acarretaria problemas, avaliou o espião da URI por trás de seus olhos covardes. Os líderes sempre ficavam nervosos imediatamente antes das coisas acontecerem, como se esperando que todos seguissem o seu roteiro. O inimigo era o inimigo. Ele nem sempre cooperava. — E duvido que eles movam as tropas. Aviões talvez, mas não há nenhum cargueiro num raio de dez mil quilômetros, e aviões, embora sejam um incômodo, não podem tomar nem manter territórios.

— Obrigado por seu esclarecimento das coisas — disse o velho, seu humor já bem sombrio.

Finalmente nos encontramos, camarada coronel — disse Golovko ao agente da CIA.

Clark sempre se perguntara se um dia veria o interior do quartel-general da KGB, mas nunca esperara que lhe oferecessem drinques no escritório do diretor. Início da manhã ou não, ele aceitou uma dose de

vodka Starka.

— A sua hospitalidade não é aquela para a qual me treinaram esperar, camarada diretor.

— Não fazemos mais esse tipo de coisa aqui. A prisão de Lefortovo é um local muito mais conveniente. — Fez uma pausa, pousou o copo, pegou sua xícara de chá. Um drinque com o homem era obrigatório, mas era ainda muito cedo. — Há uma coisa que devo lhe perguntar. Foi você quem tirou daqui a Sra.

Gerasimov e a menina?

Clark assentiu. Não tinha nada a lucrar mentindo para o homem.

— Sim, fui eu.

— Todos os três lhe devem muito, Ivan... qual é o nome do seu pai?

— Timothy. Sou Ivan Timofeyevich, Sergey Nikolayevitch.

— Ah. — Golovko soltou uma gargalhada gostosa. — A Guerra Fria foi uma coisa horrível, mas é bom que agora, com ela já terminada, possamos ver velhos inimigos. Daqui a cinquenta anos, quando todos estivermos mortos, os historiadores irão comparar os arquivos da CIA com os nossos, e decidirão quem venceu a guerra da espionagem. Você tem algum palpite sobre qual será a conclusão a que chegarão?

— O senhor esquece que, na maior parte do tempo, fui um soldado de campo, não um comandante.

— Nosso major Scherenko ficou impressionado com você e com seu jovem parceiro. O seu resgate de Koga foi impressionante. E agora trabalharemos juntos novamente. Vocês já foram inteirados dos últimos acontecimentos?

Para Chavez, que chegara à maturidade assistindo a filmes de Rambo, e cujo treinamento inicial no Exército ensinara-o a esperar enfrentar os soviéticos mano a mano a qualquer momento, aquilo tudo estava sendo uma experiência insólita. Contudo, conforme os dois agentes da CIA haviam reparado, não havia ninguém nos corredores quando entraram no prédio. Não fazia sentido deixá-los ver rostos que poderiam recordar em outro tempo e lugar.

Não, estivemos principalmente colhendo informações. Golovko apertou um botão em sua mesa.

— Bondarenko está aqui? — Alguns minutos depois, a porta se abriu, revelam um velho general russo.

Os dois americanos se levantaram. Clark leu as medalhas e fitou duramente o homem. Bondarenko fez o mesmo. O aperto de mão foi cauteloso, cuidadoso, mas estranhamente afável. Ambos pertenciam a lados diferentes, mas a uma mesma era.

— Gennady Iosefovich é chefe de operações. Ivan Timofeyevich é um espião da CIA — explicou o diretor. — E seu parceiro jovem e calado, também.

Diga-me, Clark a peste veio do Irã?

— Sim, isso é certo.

— Então ele é mesmo um bárbaro, mas um bárbaro esperto. General?

— Ontem à noite vocês moveram a sua divisão blindada de Israel para o Kuwait disse Bondarenko. — São bons soldados, mas a correlação de forças é adversa ao extremo. O seu país não pode enviar um grande número de soldados pelo menos por duas semanas. Ele não lhes dará duas semanas. Estimamos que as divisões pesadas a sul de Bagdá estarão prontas para entrar em três dias, quatro no máximo. Um dia de marcha de aproximação até a fronteira, e então... Bem, então veremos qual é o plano dele.

— Algum palpite?

— Não temos mais dados sobre isso do que vocês — admitiu Golovko. — Lamentavelmente, a maioria de nossos agentes na área foram fuzilados, e os generais com quais tínhamos laços no antigo regime iraquiano abandonaram o país.

— O alto comando do Exército é iraniano, muitos foram treinados na Inglaterra na América no período do xá quando eram jovens suboficiais, e sobreviveram aos expurgos — disse Bondarenko. —

Temos dossiês sobre a maioria deles, que estão sendo transmitidos para o Pentágono.

— Muita gentileza da parte de vocês.

— Não é para menos — observou Ding. — Se eles massacrarem a gente, a primeira coisa que farão é vir para o norte.

— Meu jovem, as alianças não acontecem por questões do coração; elas acontecem por interesses mútuos — concordou Golovko.

— Se vocês não conseguirem lidar com esse maníaco hoje, nós teremos de lidar com ele daqui a três anos — disse Bondarenko, muito sério. — Acho que se for hoje é melhor para todos nós.

— Oferecemos nosso apoio a Foleyeva. Ela aceitou. Quando receberem suas instruções de missão, informe-nos. Veremos o que poderemos fazer para ajudar.

Alguns iriam resistir mais tempo que outros. Alguns resistiriam menos. A primeira morte registrada aconteceu no Texas, um representante de equipamentos de golf que expirou devido a complicações cardíacas três dias depois de ser admitido, um dia depois que sua esposa entrou no hospital com os mesmos sintomas. Os médicos que entrevistaram determinaram que ela provavelmente contraíra a doença limpando o banheiro depois que seu marido vomitara; não fora por contato íntimo, porque ele estava se sentindo mal demais até para beijá-la depois de voltar de Phoenix. Embora uma conclusão aparentemente óbvia de dados insignificantes, isso foi enviado por fax para Atlanta; O CDC requisitara todas as informações possíveis, por menores que fossem. Decerto essa informação pareceu insignificante para a equipe médica em Dallas. A primeira morte para eles foi motivo de alívio e também de horror.

Alívio porque a condição do homem perto do fim fora desesperançada e agonizante; horror porque haveria outros que enfrentariam o mesmo fim medonho, mas que demorariam mais a morrer.

A mesma coisa aconteceu seis horas depois em Baltimore. O vendedor de trailers tinha um problema gastrointestinal prévio, úlcera péptica, que, embora controlada por medicamentos, era um alvo fácil para o Ebola. Seu revestimento estomacal se desintegrou, e o paciente sangrou rapidamente enquanto permanecia desacordado graças à dose maciça de analgésicos. Isto também foi uma espécie de surpresa para o médico e a enfermeira. Logo depois, mais mortes começaram a ocorrer por todo o país. A mídia reportou-as, e o horror aprofundou-se. Na primeira série de casos, o marido morreu primeiro, com a esposa logo depois. Em muitos casos semelhantes, as crianças morreriam em seguida.

A situação parecia mais real para todos. Para a maioria das pessoas, a crise parecera um evento distante. Empresas e escolas estavam fechadas, as viagens proibidas, mas o resto era um evento televisivo, como tendiam a ser as coisas nos países ocidentais. Era o tipo de coisa que se via numa tela fosforescente, uma imagem em movimento acompanhada por som, coisa a um só tempo real e irreal. Mas agora a palavra morte estava sendo usada com alguma frequência.

Fotos das vítimas apareceram nas telas, em alguns casos, vídeos amadores, e as filmagens caseiras das pessoas agora mortas, seus passados particulares revelados em momentos de prazer e relaxamento, seguidos pelas palavras sombrias de jornalistas que estavam também se tornando muito familiares — tudo isso penetrou a consciência do público com uma intensidade tão nova e diferente quanto horrenda. Não era mais o tipo de pesadelo do qual se podia acordar. Era o tipo de pesadelo que continuava e continuava, parecendo crescer como o sonho infantil no qual uma nuvem negra adentrava o quarto e crescia e crescia, aproximando-se sempre, apesar de todas as tentativas de fuga e orações.

As reclamações sobre as restrições impostas pelo governo ao direito de ir e vir morreram no mesmo dia do golfista no Texas e do comerciante de veículos recreativos em Maryland. O contato interpessoal, que inicialmente passou a ser evitado e depois começou a crescer novamente, passou a ser restrito a familiares. As pessoas viviam agora o tempo inteiro nos telefones. As linhas telefônicas ficaram congestionadas por chamadas interurbanas para conferir o bem-estar de parentes e amigos, a um ponto tal que a AT&T, a MCI, e as outras empresas de telefonia colocaram no ar comerciais requisitando que se

evitassem telefonemas desse tipo, e linhas de acesso especial foram estabelecidas para uso governamental e médico. Agora havia pânico genuíno em escala nacional, embora um pânico silencioso. Não houve manifestações públicas. O tráfego estava virtualmente nulo nas principais cidades. As pessoas até mesmo pararam de correr aos supermercados, e em vez disso permaneceram em casa, vivendo de comida enlatada e congelada.

Os jornalistas, ainda indo para toda parte com suas câmeras móveis, reportaram tudo, e ao fazê-lo, aumentaram o nível de tensão e contribuíram para sua solução.

— Está dando certo — reportou o general Pickett pelo telefone ao seu ex-subordinado em Baltimore.

— Onde você está, John? — perguntou Alexandre.

— Em Dallas. Está dando certo, coronel. Preciso que faça uma coisa.

— O quê?

— Pare de dar uma de clínico. Você tem residentes para isso. Tenho um grupo de trabalho no Walter Reed. Venha logo para cá. Alex, você é uma ferramenta valiosa demais no campo teórico para ficar aplicando injeções.

— John, este é o meu departamento agora, e preciso liderar meus soldados.

Foi uma lição bem aprendida de sua vida militar.

— Muito bem, o seu pessoal já sabe que você se importa, coronel. Agora largue o fuzil e comece a pensar como um maldito comandante. Esta batalha não será vencida em hospitais, será? — perguntou Pickett mais racionalmente. — Tenho um transporte à sua espera. Haverá um Hummer lá embaixo para trazê-lo para Reed. Quer que eu tire você da reserva e faça disso uma ordem?

E Alexandre sabia que ele podia fazê-lo.

— Dê-me meia hora. — O professor associado desligou o telefone e olhou para corredor. Outro saco de corpo estava sendo tirado de uma sala por alguns auxiliares de enfermagem em roupas plásticas. Estar aqui era motivo de certo orgulho. Embora estivesse perdendo pacientes e fosse perder mais, aqui estava ele, sendo um médico, dando o melhor de si, mostrando à sua equipe que, sim, ele era um deles, cuidando dos doentes, arriscando sua vida para cumprir o juramento que fizera aos 26 anos. Quando isto acabasse, a equipe inteira olharia para trás com um sentimento de solidariedade. Por mais horrível que tivesse sido, eles haviam feito o trabalho...

— Porra! — xingou. John Pickett tinha razão. A batalha estava sendo travada aqui, mas não seria vencida aqui. Ele disse ao seu assistente que iria ao andar de baixo, que estava sendo comandado pelo reitor James.

Ali havia um caso interessante. Mulher, 31 anos, admitida dois dias antes.

Seu outro signifiante estava morrendo, estava agitada, seu sangue revelava anticorpos do Ebola, e ela apresentara os sintomas clássicos de gripe, mas a doença não evoluíra. De fato, ela parecera parar.

— O que está acontecendo no caso dela? — Cathy Ryan estava especulando com reitor James.

— Não comemore já, Cathy — respondeu o reitor James, exausto.

— Não estou comemorando, Dave, mas quero saber por que está acontecendo. Eu mesma a entrevistei. Ela dormiu na mesma cama que ele dois dias antes de ser trazida e...

— Eles fizeram sexo? — perguntou Alex, intrometendo-se na conversa.

— Não, Alex. Não fizeram. Perguntei isso. Ele não estava se sentindo bem.

Acho que essa vai sobreviver. — O que seria uma novidade em Baltimore.

— Vamos mantê-la aqui pelo menos por uma semana, Cathy.

— Sei disso, Dave, mas esta é a primeira — insistiu CIRURGIÃ. — Há alguma coisa diferente aqui. O que é? Precisamos saber.

— Posso ver o prontuário? — perguntou Alexandre. Cathy passou o documento para ele.

Alexandre correu os olhos pelo prontuário. Temperatura em 37,80°C, exame de sangue... não normal,

mas...

— O que ela diz, Cathy? — perguntou Alexandre, voltando algumas páginas.

— Como ela está se sentindo, é o que você quer saber? Em pânico, aterrorizada Com a morte. Dores de cabeça horríveis, eólicas... acho que a maior parte disso é puro estresse. Não podemos culpá-la, podemos?

— Todos os seus valores estão melhorando. A função do fígado estava caindo, mas estabilizou ontem à noite, e está cada vez melhor...

— Isso chamou minha atenção. Ela está resistindo, Alex — disse a Dra.

Ryan. — em primeiro lugar, acho que vamos vencer com ela. Mas por quê? O que ela tem de diferente? O que podemos aprender com isto? O que podemos aplicar aos nossos pacientes?

Essas palavras convenceram o Dr. Alexandre. John Pickett tinha razão. Ele precisava ir para Reed.

— Dave, eles me querem em Washington o mais rápido possível.

— Vá — replicou o reitor prontamente. — Estamos cobertos aqui. Se você puder ajudar a dar algum sentido a essa coisa toda, fique à vontade para descer.

— Cathy, a resposta mais provável à sua pergunta é a mais simples. A sua capacidade de expulsar essa coisa é inversamente proporcional ao número de partículas que entraram no seu sistema. Todo mundo acha que basta uma cepa para matar você. Isso não é Verdade. Nada é tão perigoso assim. O Ebola mata ocupando o sistema imunológico; e assim passa a trabalhar nos órgãos. Se ela pegou apenas um pequeno número desses malditos, é provável seu sistema imunológico travou a batalha e venceu. Converse um pouco mais com ela, Cathy. Cada detalhe de seu contato com o parceiro na última semana. Liguei para você daqui a algumas horas. Como estão indo?

— Alex, se houve alguma esperança, acho que poderemos domar a situação — replicou o Dr. James.

Alexandre subiu para ser descontaminado. Primeiro, sua roupa foi totalmente espargida com detergente. Em seguida, ele se despiu e colocou o avental cirúrgico e uma máscara, tomou o elevador limpo para o saguão e saiu.

— O senhor é o coronel Alexandre? — perguntou um sargento.

— Sim.

O suboficial bateu continência.

— Siga-me, senhor. Tenho um Hummer e um motorista à sua espera. Quer um casaco, senhor? Está um bocado frio aqui fora.

— Obrigado.

Ele vestiu o casaco emborrachado, projetado para guerra química. Era incômodo, mas certamente iria mantê-lo aquecido durante todo o percurso.

Uma Especialista 4 estava ao volante. Alexandre acomodou-se no assento desconfortável, apertou o cinto e virou-se para ela.

— Vamos!

Só então repensou o que dissera a Cathy e a James lá em cima. Balançou a cabeça como se quisesse espantar um inseto. Pickett estava certo. Talvez.

— Por favor, presidente, deixe-nos reexaminar os dados primeiro. Até mesmo convoquei o Dr. Alexandre do Hopkins para trabalhar com o grupo que montei em Reed. É prematuro demais para qualquer conclusão. Por favor, deixe que façamos nosso trabalho.

— Muito bem, general — disse Ryan, nervoso. — Estarei aqui. Merda! — praguejou antes de desligar.

— Temos outras coisas para fazer, senhor — lembrou Goodley.

— Sim.

Estava escuro no Pacífico quando começou. Ao menos, conseguir aeronaves havia sido fácil. Jumbos da maioria das linhas aéreas estavam seguindo para Barstow, Califórnia, suas tripulações já previamente examinadas.

Os sistemas de ventilação das aeronaves tinham sofrido alterações. No Centro Nacional de Treinamento, soldados estavam embarcando em ônibus. Isso era normal para a Força Azul, mas não para a OpFor, cujas famílias observavam os soldados uniformizados deixarem suas casas para a operação. Sabia-se pouca coisa além do fato de que estavam partindo. Por enquanto, seu destino era secreto; os soldados seriam informados de tudo só depois de iniciado seu voo de 16 horas. Mais de dez mil homens e mulheres significavam quarenta voos, partindo numa razão de apenas quatro por hora das instalações rudimentares no deserto da Califórnia. Se questionados, os oficiais de relações públicas locais diriam a quem telefonasse que as unidades em Forte Irwin estavam se movendo para prestar assistência à quarentena nacional. Em Washington, alguns jornalistas descobriram que a verdade era outra.

— Thomas Donner? — perguntou a mulher de máscara.

— Isso mesmo — respondeu o repórter com mau humor, afastando-se da mesa onde estava fazendo seu desjejum; vestia jeans e camisa de malha.

— FBI. Pode vir comigo, senhor? Precisamos conversara respeito de algumas coisas — Estou preso? — exigiu saber a personalidade televisiva.

— Apenas se quiser isso, Sr. Donner — disse-lhe a agente. — Mas preciso que venha comigo, imediatamente. Não precisará de nada especial; só a sua carteira e identificações — acrescentou a agente, oferecendo uma máscara cirúrgica num recipiente plástico.

— Certo. Espere um minuto.

A porta fechou, permitindo a Donner beijar a esposa, pegar um casaco e mudar de sapatos. Saiu, colocou a máscara e seguiu a agente até seu carro.

— E então, do que se trata?

— Sou apenas sua motorista — disse a agente, pondo um fim na conversa matutina.

Se ele era estúpido demais para lembrar que era membro da equipe de correspondentes de guerra selecionada para operações do Pentágono, não valia a pena perder tempo conversando com ele.

— O maior erro que os iraquianos cometeram em 1990 foi logístico — explicou o almirante Jackson, movendo uma caneta no mapa. — Todo mundo acha que guerra depende de armas e bombas. Não é assim. Ela depende de combustível e informações. Se você possui combustível suficiente para se mover e souber o que o outro sujeito está fazendo, as chances são de que você vencerá. — O slide mudou na tela ao lado do mapa. A caneta se moveu novamente. — Aqui.

As fotos de satélite eram nítidas. Cada tanque e grupos de veículos blindados eram acompanhados por alguma outra coisa. Uma grande coleção de caminhões-tanques. Caminhonetes rebocando módulos de artilharia. As ampliações revelavam tambores de combustível atrelados às carrocerias dos tanques T-80. Cada tanque continha 55 galões de diesel. Eles aumentavam imensamente a vulnerabilidade dos tanques, mas era possível descartá-los simplesmente acionando uma alavanca dentro da torre de tiro.

— Sem dúvida. Eles estão se preparando para uma ofensiva, provavelmente ainda esta semana. Temos o 10º RCB a postos no Kuwait. Temos o 11º e a Primeira Brigada da Guarda da Carolina do Norte movendo-se agora. Isso é tudo que podemos fazer por enquanto. Não poderemos tirar mais unidades da quarentena antes das primeiras horas de sexta-feira.

— E isso é informação pública — acrescentou Ed Foley.

— Essencialmente, estamos destacando uma divisão, uma divisão pesada, mas apenas uma — concluiu Jackson. — O exército do Kuwait está todo em campo. Os sauditas também estão aquecendo.

— E a Terceira Brigada depende de fazer as naus MPS passarem pela Marinha indiana — frisou o

secretário Bretano.

— Não podemos fazer isso — informou o almirante DeMarco. — Não temos força de combate para abrir caminho à força.

Jackson não respondeu. Ele não podia. O chefe de Operações Navais interino era seu superior, a despeito do que pensava dele.

— Entenda uma coisa, Brucie — disse Mickey Moore, virando-se para olhar direto para ele. — Meus rapazes precisam desses veículos ou a Guarda da Carolina enfrentará uma força inimiga mecanizada com braços laterais. Há anos seus marinheiros nos dizem o quanto aqueles cruzadores são valentes. Vocês vão ter de aguentar o rojão. Amanhã a esta hora terei 15 mil soldados na linha de fogo.

— Almirante Jackson — disse o presidente. — Você é responsável por Operações.

— Presidente, sem cobertura aérea...

— Podemos ou não podemos fazer? — inquiriu Ryan.

— Não podemos — replicou DeMarco.—Não vou ver navios desperdiçados desse jeito. Não sem cobertura aérea.

— Robby, quero uma avaliação séria sobre a situação — requereu o secretário Bretano.

— Certo.—Jackson respirou fundo. — Eles possuem um total de quarenta Harriers. São bons aviões, mas seu desempenho não é excepcional. A força de escolta possui um total de talvez trinta mísseis terra-terra. Não precisamos nos preocupar com um tiroteio. O Anzio está carregando 75 mísseis terra-ar, 15

Tomahawks e oito Harpoons. O Kidd possui setenta mísseis terra-ar e oito Harpoons. O OBannon não é um navio com mísseis terra-ar. Ele possui apenas armas de ponto-defesa, mas possui Harpoons, também. As duas fragatas que acabam de chegar possuem cerca de vinte mísseis terra-ar cada. Teoricamente, eles são capazes de lutar.

— E perigoso demais, Jackson! Não se manda uma força de superfície sozinha contra um grupo de porta-aviões!

— E se atirmos primeiro? — perguntou Ryan. Isso fez cabeças virarem.

— Presidente. — Era DeMarco de novo. — Não fazemos isso. Nem mesmo temos certeza de que sejam hostis.

— O embaixador acredita que sejam — disse-lhes Bretano.

— Almirante DeMarco, esse equipamento precisa ser entregue — disse o presidente, o rosto enrubescendo.

— A Força Aérea está se movendo para a Arábia Saudita agora. Mais dois dias poderemos lidar com isso, mas até então...

— Almirante, o senhor está dispensado — disse o secretário Bretano enquanto arrumava sua pasta de reunião. — Os seus serviços não são mais necessários aqui. Não dispomos de dois dias para briguinhas.

Isso foi uma violação de protocolo. Os chefes do Estado-Maior eram nomeado pelo presidente, e embora fossem titularmente conselheiros militares para o secretário de Defesa e para o presidente, supostamente apenas o presidente poderia pedir a de missão de um deles. O almirante DeMarco olhou para o lugar de Ryan no centro da mesa de conferências.

— Presidente, preciso expressar meus sentimentos mais sinceros nesta situação.

— Almirante, temos 15 mil homens parados numa zona de risco. O senhor não pode nos dizer que a Marinha não irá apoiá-los. O senhor está liberado de seus deveres efetivos — proclamou o presidente.

— Tenha um bom dia. — Os outros chefes uniformizados do Estado-Maior entreolharam-se. Isto nunca havia acontecido antes. — Quanto tempo antes de confrontarmos os indianos? — perguntou Ryan, prosseguindo.

— Cerca de 24 horas, senhor.

— Lá também há um submarino, carregado com torpedos e mísseis. Ele está cerca de oitenta quilômetros à frente do Anzio — disse Jackson, enquanto um almirante estarecido e seu auxiliar

deixavam a sala. — Podemos dar-lhe mais velocidade. Isso nos coloca em risco de sermos detectados, mas os indianos não são tão rápidos assim em guerras antissubmarino. Ele seria uma arma ofensiva, senhor. Submarinos não podem defender passivamente. Eles afundam navios.

— Acho que a primeira-ministra indiana e eu precisamos bater um papinho — observou POTUS. — E depois que passarmos por eles?

— Bem, então teremos de atravessar o estreito e chegar até os portos de descarga.

— Posso ajudar com isso — prometeu o chefe de gabinete da Força Aérea. — Teremos os F-16 no continente e ao alcance para essa parte da passagem. A 366ª Esquadrilha não estará pronta ainda, mas os rapazes de Israel estarão.

— Precisaremos dessa cobertura, general — enfatizou Jackson.

— Até que enfim vejo a Marinha pedindo ajuda aos Escoteiros do Ar — disse brincando, e então readquiriu um tom sério. — Mataremos cada filho da puta que aparecer no ar, Robby. Assim que vocês estiverem a 160 quilômetros do estreito, terão um amigo lá no alto.

— Isso basta? — perguntou o presidente.

— Falando rigorosamente, não. O outro lado possui quatrocentos aviões topo de linha. Quando a 366ª estiver completada... daqui a três dias, no mínimo... teremos oitenta caças para combate ar-ar, mas os sauditas não são ruins. Temos AWACS posicionados. Na pior das hipóteses seus tanques lutarão sob um céu neutro, Mickey. — O general olhou as horas. — Eles devem estar decolando agora mesmo.

A primeira formação de quatro caças-interceptadores F-15C alçou voo junto. Vinte minutos mais tarde, juntaram-se aos seus aviões-tanque KC-135R.

Seis deles pertenciam à sua própria esquadrilha, e os outros iriam se juntar vindos das Guardas Nacionais de Montana e da Dakota do Norte e do Sul, estados ainda não tocados pela epidemia. Durante a maior parte do percurso até a península Arábica, eles manteriam posições a 16 quilômetros da aeronave comercial líder que vinha da Califórnia. A rota de voo levou-os para norte rumo ao polo, e depois para o sul rumo à Rússia, prosseguindo sobre a Europa Oriental. A oeste de Chipre, seriam acompanhados por uma escolta israelense, que os conduziria até a Jordânia. Dali em diante, os caças americanos Eagle seriam reforçados pelos 15 sauditas. As primeiras chegadas se dariam discretamente, pensaram os oficiais de planejamento em seus próprios transportes comerciais, mas se o outro lado acordasse, então haveria uma batalha aérea. Os pilotos no caça Eagle líder realmente não se importavam muito com isso. Eles não trocaram qualquer comentário ao ver o alvorecer à sua direita. O Sol nasceria duas vezes naquele voo. A segunda vez seria à sua esquerda.

Muito bem, senhoras e senhores — dirigiu-se o oficial de relações públicas aos 15 jornalistas reunidos. — Vou dizer-lhes o que está acontecendo. Vocês foram invocados para um destacamento militar. O sargento Astor está distribuindo formulários de consentimento. Por favor, assinem e depois devolvam.

— O que é isto? — perguntou um deles.

— Por que não experimenta ler? — sugeriu o coronel da Marinha detrás de sua máscara.

— Exame de sangue — murmurou uma delas. — Isso eu já tinha adivinhado.

Mas e o resto?

— Senhora, aqueles de vocês que assinarem o formulário descobrirão mais.

Os outros serão levados para casa.

Em cada caso a curiosidade foi mais forte. Todos os jornalistas assinaram.

— Obrigado. — O coronel examinou todos os formulários. — Agora, se vocês passarem pela porta à sua esquerda, encontrarão alguns recrutas da Marinha à sua espera.

Ele estava defendendo seu próprio caso. Embora fosse membro da comunidade jurídica há trinta

anos, Ed Kealty só estivera em tribunais como espectador, embora em muitas ocasiões tenha subido os degraus de um tribunal para fazer um discurso ou uma proclamação. O propósito sempre fora dramático, e agora não era diferente.

— Estou diante da corte para requerer julgamento sumário — começou o ex-vice presidente. — Meu direito de cruzar uma linha estadual foi violado pela ordem executiva do presidente. Isso é contrário às garantias constitucionais explícitas, e também sem precedente da Suprema Corte, o caso Lemuel Penn, no qual a Corte determinou por unanimidade...

Pat Martin estava sentado ao lado do assistente do procurador-geral do Estado, que falaria pelo governo. Havia uma câmera da Court TV para enviar o caso via satélite para as casas por toda a nação. Era uma cena estranha. O juiz, o escrevente, oficial de justiça, todos os advogados, os dez jornalistas e quatro espectadores estavam usando máscaras cirúrgicas e luvas de borracha. Todos tinham visto Ed Kealty cometer o maior erro de cálculo político de sua carreira, embora ninguém tivesse percebido ainda. Martin antecipara esse fato.

Meia hora depois, Kealty prosseguiu seu discurso: — O direito de ir e vir é central a todas as formas de liberdade estabelecidas e protegidas pela Constituição. O presidente não tem autoridade constitucional ou estatutária para negar esta liberdade aos seus cidadãos, mais particularmente não pela aplicação de poderio militar, que já resultou na morte de um cidadão e nos ferimentos de muitos outros. Esta é uma questão jurídica bem simples, e em meu próprio benefício e de meus compatriotas, peço à corte que anule essa ordem ilegal.

Dito isso, Edward J. Kealty assumiu seu lugar.

— Meritíssimo — disse o assistente do procurador-geral, caminhando até o pódio com o microfone da TV. — Conforme o querelante nos diz, este é um caso de extrema importância, mas não de complexidade jurídica em sua fundação.

E o governo cita o meritíssimo juiz Holmes no celebrado caso da liberdade de pressão, no qual ele nos disse que a suspensão das liberdades permissível quando o perigo ao país, como um todo, for a um só tempo real e presente. A Constituição, meritíssimo não é um pacto suicida. A crise que o país enfrenta hoje é mortal, como as reportagem imprensa nos têm dito, e é de uma natureza que os redatores não anteciparam. No sei XVIII, devo lembrá-lo, a natureza das infecções não era conhecida ainda. Mas a quarentena de navios na época era uma atitude comum e aceita. Temos como precedente o embargo de Jefferson ao comércio exterior, mas acima de tudo, meritíssimo, temos o bom senso. Não podemos sacrificar nossos cidadãos no altar da teoria jurídica...

Martin ouviu tudo, esfregando o nariz por baixo da máscara. A sala parecia estar com um cheiro forte, como se um barril de detergente tivesse sido derramado no chão.

Poderia ter sido cômico, mas não foi, quando cada um dos 15 jornalistas reagiu da mesma forma ao resultado do exame. Uma piscadela. Um suspiro de alívio. Cada Um deles levantou e caminhou até o outro lado da sala, aproveitando a oportunidade para remover sua máscara. Quando os exames estavam terminados, foram conduzidos para outra sala de reuniões.

— Muito bem, temos um ônibus lá fora para levá-los à Base Aérea de Andrews. Vocês receberão informações adicionais na decolagem — disse-lhes o coronel.

— Espere um minuto! — objetou Tom Donner.

— Senhor, isso estava no formulário de consentimento, lembra?

— Tem razão, John — reconheceu Alexandre.

A epidemiologia era a versão da profissão médica para a contabilidade, e assim como aquela profissão maçante era vital para a condução de um negócio, o estudo de doenças como elas se espalham era a mãe da medicina moderna.

Tudo começara em 1830, quando um médico francês determinara que as pessoas adoeciam ou se recuperavam na mesma razão caso fossem tratadas ou não. Essa descoberta inquietante forçara a comunidade médica a estudar a si mesma, a procurar coisas que funcionavam e que não funcionavam, e ao longo do caminho mudaram a medicina de uma profissão para uma arte científica.

O diabo sempre estava nos detalhes. Mas neste caso o diabo podia não ser necessariamente mau, percebeu Alex.

No momento havia 3.451 casos de Ebola no país. Isso incluía aqueles que haviam começado a morrer, os que apresentavam sintomas evidentes, os que apresentavam anticorpos e aqueles que apresentavam antídotos. O número em si não era grande. Menor que as mortes por AIDS, menor — por mais de duas ordens de magnitude — que o câncer e as doenças cardíacas. O estudo estatístico, adicionado às entrevistas do FBI e os relatos de médicos de todas as localidades do país, estabelecera 223 casos primários, todos eles tendo sido infectados em feiras, e todos eles tendo infectado outras pessoas que haviam infectado ainda mais outras. Embora o número de recebimento de casos ainda estivesse subindo, a razão era menor do que a prevista pelos modelos de computador existentes... e no Hopkins eles haviam tido o primeiro caso de alguém que apresentava anticorpos, mas não os sintomas...

— Devia ter havido mais casos primários, Alex — disse Pickett. — Começamos a perceber ontem à noite. O primeiro que morreu voou de Phoenix para Dallas. O FBI conseguiu os registros de voo, e a Universidade do Texas examinou todos a bordo, tendo terminado esta manhã. Apenas um deles apresentou anticorpos, e não está realmente sintomático.

— Fatores de risco?

— Gengivite. Sangramento das mucosas bucais — explicou o general Pickett.

— Está tentando ser transmissível pelo ar... mas...

— Exatamente o que acho, Alex. Os casos secundários parecem ter acontecido principalmente devido a contatos mais íntimos. Abraços, beijos, tratamento pessoal de um ente querido. Se estivermos certos, o pico será daqui a três dias, e depois irá parar. Ao longo do caminho começaremos a ver sobreviventes.

— Temos uma sobrevivente no Hopkins. Ela apresentou os anticorpos, mas seu, sintomas não evoluíram.

— Precisamos de Gus trabalhando na degradação ambiental. Ele já devia estar aqui — De acordo. Telefone para ele. Estou fazendo alguns acompanhamentos aqui embaixo.

O juiz era um velho amigo de Kealty. Martin não estava exatamente seguro sobre como ele se afinaria com o júri deste distrito em particular, mas isso não importava agora. As duas apresentações tinham demorado cerca de trinta minutos cada. Era — conforme Kealty dissera e o assistente do procurador-geral concordara — uma questão jurídica bem simples, embora suas aplicações práticas levassem a todos os tipos de complexidade: Era também uma questão de grande urgência, o que ficou provado quando o juiz emergiu de seu gabinete depois de apenas uma hora de contemplação. Ele lia sua decisão partir de suas anotações, e datilografaria uma opinião completa mais tarde naquele mesmo dia.

— A corte está ciente do perigo grave que o país enfrenta, e simpatiza com o senso de dever sincero do presidente Ryan em proteger não apenas as liberdades dos cidadãos americanos, mas também suas vidas.

Contudo, a corte precisa reconhecer o fato de que a Constituição é, e permanece, lei suprema da terra. Violar esse baluarte legal é um passo que estabelece potencialmente um precedente com consequências tão graves que podem superar os efeitos da crise atual e embora o presidente esteja certamente agindo por motivos justificados, esta corte precisa anular a ordem executiva, confiando em nossos cidadãos para que ajam com inteligência e prudência tendo em vista sua própria segurança.

— Meritíssimo — disse o assistente de procurador-geral, se levantando. — O governo precisa, e irá, apelar da sua decisão imediatamente ao Quarto Circuito, em Richmom e requisitamos um recesso até que

os documentos sejam processados, o que será feito ainda hoje.

— Pedido negado. A corte está dispensada.

O juiz levantou e deixou a bancada sem dizer mais uma palavra sequer. A sala, obviamente, explodiu numa algazarra.

— O que significa isso, senhor? — O correspondente do Court TV, ele mesmo um advogado, e portanto ciente do que aquilo provavelmente significava, perguntou a Ed Kealty, microfone estendido.

— Significa que o suposto presidente Ryan não pode infringir a lei. Acho que mostrei aqui que a lei ainda existe em nosso país — replicou o político, num tom não muito arrogante.

— O que o governo diz? — perguntou o jornalista ao assistente do procurador-geral.

— Não muito. Encaminharemos documentos ao Quarto Circuito Americano de Apelos antes que o juiz Venable redija sua opinião. A ordem da corte não é válida oficialmente até que seja redigida, assinada e propriamente arquivada.

Nosso apelo será dirigido primeiro. O Quarto Circuito suspenderá a decisão...

— E se a decisão não for suspensa?

Martin tomou as rédeas. .

— Nesse caso, senhor, a ordem executiva será mantida no interesse da segurança pública até que o caso possa ser discutido num ambiente mais estruturado. Mas temos todas as razões para crer que o Quarto Circuito suspenderá a decisão. Os juízes têm os pés no chão; eles não seguem necessariamente as palavras ao pé da letra. Contudo, o julgamento de hoje foi importante em outro sentido.

— Que foi...? — perguntou o jornalista. Kealty estava observando a três metros.

— A corte estabeleceu outra questão constitucional importante. Ao referir-se ao presidente Ryan por nome e título do cargo, a corte resolveu a questão da sucessão levantada pelo ex-vice-presidente Kealty. Ademais, a corte declarou que a ordem estava anulada. Não fosse o Sr. Ryan presidente, a ordem seria inválida e não teria valor legal, a corte poderia ter expressado isso. Portanto, a corte agiu inadequadamente no caso em questão, mas apropriadamente no sentido procedimental. Obrigado. O assistente do procurador-geral e eu precisamos preencher alguns documentos.

Não era sempre que os jornalistas ficavam sem fala. No caso das figuras políticas eminentes, isso era ainda mais raro.

— Ei, espere um minuto! — gritou Kealty.

— Você nunca foi mesmo um bom advogado, Ed — disse Martin ao passar por ele.

Acho que ele tem razão — disse Lorenz. — Deus, espero mesmo que ele tenha razão.

Os laboratórios do CDC estavam trabalhando freneticamente desde o começo, estudando como o vírus sobrevivera ao ar livre. Câmaras ambientais foram montadas com variados graus de temperatura e umidade, níveis variados de intensidade de luz, e os dados, incompreensivelmente, continuavam dizendo a mesma coisa. A doença, que tinha de estar se disseminando pelo ar não estava — ou pelo menos quase não estava fazendo isso. Sua sobrevivência ao ar livre, mesmo sob condições benignas, era medida em minutos.

— Queria entender um pouco melhor o uso do Ebola como arma biológica — prosseguiu Lorenz depois de um momento de reflexão.

— Duzentos e vinte e três casos primários. E só. Se houvesse mais, saberíamos esta altura. Dezoito locais confirmados, quatro outras feiras de negócios que não relataram casos. Por que 18 e não as outras quatro? — considerou Alex. — E se eles tentaram atingir todas as 22, mas não conseguiram em quatro?

— Tendo por base nossos dados experimentais, essa é uma possibilidade real, Alex. — Lorenz estava fumando seu cachimbo. — Nossos modelos agora predizem um total de oito mil casos. Nós vamos conseguir sobreviventes, e os números que obtivermos alterarão de algum modo o modelo. Essa coisa de quarentena deixou as pessoas se cagando de medo. Sabe, não acho que a proibição de viagens realmente

afete diretamente as coisas, mas assusta as pessoas o bastante para que elas evitem interagir e...

— Doutor, essa é a terceira boa notícia hoje — disse Alexandre. A primeira tinha sido a mulher no Hopkins. A segunda, os dados analíticos de Pickett.

Agora a terceira era o trabalho laboratorial de Gus e a conclusão lógica à qual ela encaminhava. — John sempre disse que a guerra biológica era mais psicológica do que real.

— John é um médico inteligente, Alex. E você também, meu amigo.

— Três dias e então saberemos.

— Concordo. Faça figa, Alex.

— Por enquanto você poderá falar comigo ligando para o Reed.

— Também estou dormindo no escritório.

— A gente se vê — disse Alexandre.

Ele desligou o viva-voz. Ao redor estavam seis médicos, três do Walter Reed, três do USAMRIID.

— Comentários? — perguntou-lhes Alexandre.

— Uma situação doida — observou um major com um sorriso exausto. — É uma arma psicológica, com certeza. Deixa todo mundo morrendo de medo. Mas também funciona a nosso favor. E alguém no outro lado fez merda. Queria saber como...?

Alex pensou nisso por um momento. Então pegou o telefone e discou para o John. Hopkins.

— Aqui é o Dr. Alexandre — disse à recepcionista no andar médico. — Preciso falar com a Dra. Ryan, é muito importante... certo, eu espero. — Levou alguns minutos. — Cathy? Aqui é Alex. Preciso falar com seu marido, e será melhor se você estiver junto... É muito importante — disse a ela um momento depois.

Início

Duzentos arquivos significavam duzentas certidões de nascimento, duzentas carteiras de motorista, casas ou apartamentos, conjuntos de cartões de crédito, e todos os tipos de outras permutações a serem checadas. Era inevitável que sempre que uma investigação como essa começasse, o agente Aref Raman fosse receber atenção especial dos trezentos agentes do FBI designados para o caso. Mas, na verdade, cada empregado do serviço secreto com acesso à Casa Branca constava da lista imediata. Agentes por todo o país (o Serviço Secreto possuía tantos funcionários quanto qualquer outra agência governamental) começaram com certidões de nascimento e foram em frente, checando também anuários escolares em busca de fotos de formatura a ser comparadas com fotos de identidade de todos os agentes. Constatou-se que três agentes na Segurança Presidencial eram imigrantes, cujos detalhes pessoais não podiam ser verificados facilmente. Um era francês de nascimento, tendo vindo para a América nos braços da mãe. Outra nascera no México, tendo chegado aos EUA ilegalmente com os pais; mais tarde ela legitimara seu status e se destacara na Divisão de Segurança Técnica por seu brilhantismo e patriotismo. Assim restava Aref Raman como um agente com alguma documentação desaparecida, o que era explicado facilmente pela condição de refugiados de seus pais. Sob vários aspectos, foi fácil demais. Estava em seu registro que ele nascera no Irã e viera para os EUA quando seus pais fugiram do país durante a queda do regime do xá. Tudo indicava que ele se adaptara completamente ao novo país, adotando inclusive um fanatismo por basquete que era uma pequena lenda no Serviço. Ele quase nunca perdia uma aposta sobre um jogo, e era piada comum que os apostadores profissionais consultavam-no por telefone sempre que havia um jogo importante. Era do tipo sempre disposto a tomar uma cerveja com os colegas. Desenvolvera uma reputação excelente como agente de campo. Era solteiro. Isso não era terrivelmente incomum no caso dos agentes federais. O Serviço Secreto era especialmente rigoroso com os cônjuges que precisavam compartilhar seus entes queridos (principalmente maridos) com um trabalho que os consumia mais que qualquer amante — o que tornava os divórcios mais comuns que os casamentos. Ele fora visto com companhia feminina, mas não falava muito sobre isso. Se tinha uma vida particular, era discreta. Era certo que não mantinha nenhum tipo de contato com outros cidadãos de origem iraniana ou estrangeiros, que não era nem um pouco religioso, que jamais falava sobre o Islã, exceto para dizer, como dissera uma vez ao presidente, que essa religião causara tanta dor à sua família que preferi não falar sobre ela.

O inspetor O'Day, de volta ao trabalho porque o diretor Murray confiava-lhe os casos sensíveis, não estava nem um pouco impressionado com esta ou com qualquer outra história. Ele supervisionou a investigação. Considerou que o adversário, se ele existia, seria um especialista, e portanto a identidade mais plausível e consistente era para ele apenas uma cobertura potencial a ser examinada. Melhor ainda, neste caso não havia regras. Fora a própria agente Price quem fizera essa determinação. Ele mesmo escolhera a equipe de investigação local a partir da Divisão do Quartel-General do Gabinete de Campo de Washington. Os melhores ele designou para Aref Raman, que agora estava, convenientemente, em Pittsburgh.

Seu apartamento na zona noroeste de Washington era modesto, mas confortável. Tinha um alarme contra ladrões, mas isso não foi problema. Os agentes selecionados para essa invasão ilegal incluíam um mago técnico que, depois de derrotar as trancas em dois minutos, reconheceu o painel de controle e

digitou o código de emergência — ele tinha todos decorados — para desativar o sistema. Este procedimento já fora chamado de trabalho da mala preta, um termo que fora esquecido, embora a função em si ainda fosse empregada. Agora usava-se o termo operação especial, que poderia significar qualquer coisa que se quisesse.

Os primeiros dois agentes na porta chamaram três outros ao apartamento depois de terem realizado o arrombamento com sucesso. Antes de mais nada, fotografaram o apartamento, procurando por armadilhas: objetos aparentemente inocentes que perturbados de qualquer forma, alertavam ao ocupante que alguém estivera lá; podiam ser coisas terrivelmente difíceis de detectar e desarmar, mas todos os cinco faziam parte da Divisão de Contrainformação Estrangeira, treinados contra e por agentes profissionais. Sacolejar o apartamento demandaria horas de esforço tedioso. Eles saíram que pelo menos cinco outras equipes estariam fazendo a mesma coisa a outros indivíduos potenciais.

O P-3C estava pairando no limite da cobertura de radar para os navios indiano mantendo-se ligeiramente acima da superfície morna do mar de Omã.

Eles estavam rastreando trinta emissores de 19 fontes diferentes. Os radares de busca de baixa frequência eram muito poderosos, e o maior motivo de preocupação para a tripulação, embora os receptores de ameaça estivessem captando também rastros de radares SAM. Supostamente, os indianos estavam realizando exercícios, sua esquadra estava de volta a depois de um longo período de manutenção. O problema era que esses exercícios completamente indistinguíveis dos preparativos de batalha. Os dados analisados pela ELINT a bordo foram transmitidos para o Anzio e o resto das escoltas para o Grupo forçatarefa COMEDIA, como os marinheiros estavam chamando os quatro Bob Hope e suas escoltas.

O comandante de grupo estava sentado no seu centro de informação de combate. As três grandes telas de exibição (na verdade monitores de retroprojeção conectados ao sistema de radar computadorizado Aegis) mostravam a localização do grupo de batalha indiano com um alto nível de precisão. Ele até mesmo sabia quais dos blips provavelmente pertenciam a porta-aviões. Sua missão era complexa. A forçatarefa COMEDIA estava agora completamente formada. As naus de reabastecimento Platte e Supply estavam agora anexadas ao grupo, juntamente com suas escoltas Hawes e Carr, e durante as horas seguintes todas as escoltas dariam voltas para encher seus tanques de combustível — para um capitão da Marinha, ter combustível demais era como ter dinheiro demais: impossível. Depois disso, as naus UNREP

receberiam ordens de assumir posição a bombordo dos navios tanques, e as fragatas a bombordo dos rebocadores. O OBannon se moveria para frente para prosseguir sua busca ASW — os indianos possuíam dois submarinos nucleares, e ninguém parecia saber onde eles estavam naquele momento. O Kidd e o Anzio, ambos com mísseis terra-ar, voltariam para a formação, proporcionando cobertura aérea. Geralmente os cruzadores da classe Aegis ficariam mais afastados, mas não agora.

O motivo para isso veio não de suas ordens de missão, mas da TV. Cada navio no grupo possuía seu próprio receptor de TV por satélite. Na Marinha moderna, os marinheiros queriam e possuíam seu sistema de cabo, e embora a tripulação passasse a maior parte do tempo assistindo aos diversos canais de filmes — o Playboy Channel era sempre um favorito, afinal marinheiros são marinheiros —, o comandante de grupo estava lhes dando uma overdose de CNN. Às vezes, o comandante obtinha as informações que precisava para suas missões não através de suas ordens, e sim da TV comercial. As tripulações estavam tensas. As notícias dos eventos em casa não poderiam ser-lhes ocultadas, e as imagens de pessoas doentes e moribundas, interestaduais bloqueadas e ruas vazias inicialmente os deixaram muito abalados, obrigando oficiais e chefes a se reunirem com os homens para conversar com eles e animá-los. Depois haviam chegado as ordens. Coisas estavam acontecendo no Golfo Pérsico, coisas estavam acontecendo em casa, e de repente os navios MPS, com sua brigada de veículos de

combate, seguiam para o porto saudita de Dhahran... com a Marinha indiana no meio do caminho. A tripulação estava calada agora, percebeu o capitão Greg Kemper, do USS Anzio. Seus chefes reportaram-lhe que as tropas não estavam rindo e jogando nas salas de recreação, e que as simulações constantes no sistema de combate Aegis nos últimos dias transmitiram sua própria mensagem. COMEDIA estava navegando para a boca do leão.

Cada um dos navios-escolta tinha um helicóptero. Esses eram coordenados pela equipe ASW no OBannon. O OBannon fora batizado com esse nome em homenagem ao navio de ouro da Marinha na Segunda Guerra Mundial, um destróier classe Fletcher que lutara em cada conflito principal do Pacífico sem uma só baixa ou arranhão; o novo tinha um A dourado em sua superestrutura, a marca de um famoso submarino matador — pelo menos na simulação. A herança do Kidd era menos sortuda. Batizado em nome do almirante Isaac Kidd, que morrera a bordo do USS Arizona na manhã de 7 de dezembro de 1941, o navio era membro da classe almirantes mortos: quatro destróieres de mísseis construídos originalmente para a Marinha iraniana durante o reinado do Xá, empurrados a um relutante presidente Carter, e então perversamente batizados com nomes de almirantes mortos em batalhas perdidas. O Anzio, seguindo uma das mais estranhas tradições da Marinha, recebera seu nome de uma batalha de terra, parte da campanha italiana de 1943, na qual uma invasão ousada evoluíra para uma batalha desesperada. Os navios de guerra eram realmente feitos para esse tipo de coisa, mas era dever de seus comandantes providenciar que a parte desesperada se aplicasse ao inimigo.

Numa guerra de verdade, isso teria sido fácil. O Anzio possuía 15 mísseis Tomahawk a bordo, cada um com uma ogiva nuclear, e cujo alcance era quase a distância até o grupo de batalha indiano. Num mundo ideal, ele os atingiria a 321 quilômetros de distância, tendo por base as informações de alvo colhidas pelos Orions — seus helicópteros podiam fazer isso, também, mas os P-3C eram muito mais confiáveis.

— Comandante! — exclamou um suboficial no painel de medidas de vigilância eletrônica. — Estamos captando radares aéreos. O Orion mostra alguma companhia se aproximando. Parece dois Harriers, distância desconhecida, marcação constante, fonte de sinal aumentando.

— Obrigado. É um céu livre até que alguém diga o contrário — recordou Kemper a todos.

Talvez fosse um exercício, mas o grupo de batalha indiano não se movera 64 quilômetros no dia anterior; em vez disso ficara viajando para a frente e para trás, pau leste e oeste, cruzando e recruzando sua própria rota de curso.

Exercícios geralmente concediam mais liberdade de movimento. O que a situação dizia ao comandante do USS Anzio era que eles tinham demarcado aquela parte do oceano como seu próprio território. E os indianos por acaso encontravam-se entre o ponto em que a forçatarefa COMEDIA estava e o ponto em que queria estar.

Também não havia nada muito secreto quanto a isso. Todos fingiam que as condições normais de paz estavam em efeito. O Anzio estava com seu radar SPY-1 em funcionamento, emitindo milhares de watts. Os indianos também estavam usando os deles. Era quase como um jogo.

— Capitão, temos bichos-papões, temos contatos aéreos múltiplos, marcação zero-sete-zero, alcance 403 quilômetros. Nada de identificação comercial; não são voos civis. Designando Força Um. — Os símbolos apareceram na tela central.

— Não há emissores nessa marcação — reportou o oficial de medidas de vigilância eletrônicas.

— Muito bem. — Em seu posto, o comandante cruzou as pernas. Nos velhos filmes, era neste momento que Gary Cooper acendia um cigarro.

— Força Um parece ser uma formação de quatro aeronaves, velocidade quatrocentos e cinquenta nós, curso dois-quatro-cinco. — O que significava que estavam avançando no curso oposto, embora não diretamente contra COMEDIA.

— Trajetória prevista? — perguntou o capitão.

— Eles passarão dentro de vinte milhas em seu curso atual, senhor — respondeu um marinheiro, tenso.

— Muito bem. Muito bem, pessoal, prestem atenção. Quero este lugar calmo como uma repartição pública. Todos vocês conhecem o trabalho.

Quando houver motivo para nervosismo, eu direi a vocês — declarou o comandante. — Armas em prontidão — acrescentou, significando que as regras de tempos de paz ainda se aplicavam, e ninguém estava realmente preparado para disparar... situação que poderia ser alterada com o premir de alguns botões.

— Anzio, aqui é Gonzo-Quatro, câmbio — disse uma voz no rádio ar para superfície.

— Gonzo-Quatro, Anzio, câmbio.

— Anzio, temos dois Harriers brincando de pique com a gente — reportou o aviador. — Um acabou de passar zunindo a uns cinquenta metros. Está com branquinhas nos trilhos. — Mísseis reais sob as asas, e não mísseis falsos de treinamento.

— Fazendo alguma coisa?

— Negativo. Agiu apenas como se estivesse brincando um pouco.

— Mande-o prosseguir a missão — disse o comandante. — E fingir que não se importa.

— Sim, senhor. — A mensagem foi comunicada.

Esse tipo de coisa não era tão incomum. Pilotos de caça eram pilotos de caça, o comandante sabia disso. Eles nunca amadureciam além do estágio de passar zunindo pelas garotas com suas motocicletas. Direcionou sua atenção para Força Um. Curso e velocidade estavam inalterados. Este não era um ato hostil. Os indianos estavam dizendo que viam que os americanos estavam em sua vizinhança. Isso evidentemente se devia ao aparecimento dos caças em dois locais ao mesmo tempo. Aquilo definitivamente era um jogo.

E como eu devo jogar?, perguntou-se. Duro? Esportivo? Ou devo ficar de fora da brincadeira? As pessoas tendiam a ignorar o aspecto psicológico das operações militares. Força Um estava agora a 241 quilômetros, aproximando-se rápido do alcance de seus mísseis terra-ar SM-2 MR SAM.

— O que acha disso, Weps? — perguntou ao seu oficial de armas.

— Acho que estão apenas tentando emputecer a gente.

— Concordo. — O capitão jogou mentalmente o cara ou coroa. — Bem, eles estão se mostrando ao Orion. Vamos deixar que saibam que os estamos vendo.

Dois segundos depois, o radar de busca SPY elevou sua potência para quatro milhões de watts, enviou toda ela um grau de azimute abaixo para os caças em movimento de aproximação, e aumentou a concentração nos alvos, o que significava que estavam sendo atingidos quase continuamente. Era o suficiente para fazer cantar o aparelho de detecção de ameaça que os caças tinham a bordo. Num raio de 32 quilômetros, isso podiam até mesmo começar a danificar esse tipo de equipamento, dependendo do quanto ele fosse sensível.

Isso era chamado de zorch, e o capitão ainda tinha na manga mais dois milhões de watts de potência. A piada era que se você realmente emputecesse um Aegis, talvez começasse a parir filhos de duas cabeças.

— O pessoal no Kidd acabou de assumir posições nos postos de batalha, senhor — reportou o oficial no convés.

— Ótimo ritmo de treinamento, não é mesmo? — comentou o comandante. O alcance até Força Um era de um pouco mais de 160 quilômetros agora. — Weps, acenda-os.

Com esse comando, os quatro radares de iluminação de alvos foram ligados, enviando raios cilíndricos de energia banda X para os caças em aproximação. Esses radares diziam aos mísseis como achar seus alvos. O equipamento de detecção de ameaça indiano também captaria aquilo. Os caças não

alteraram seu curso ou velocidade.

— Certo, isso significa que não estamos jogando duro hoje. Se eles estivessem dispostos a fazer alguma coisa, estariam manobrando agora — disse o comandante às suas equipes. — Vocês sabem, é como dobrar a esquina e ver um tira. — Ou eles tinham água gelada nas veias, o que não parecia provável.

— Seguindo para encarar a formação? — perguntou Weps.

— É isso que eu faria. Tirar algumas fotos, ver o que está aqui — considerou Kemper — Há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, senhor.

— Sim — concordou o comandante, olhando para a tela. Ele pegou o telefone no terno.

— Passadiço.

O oficial de convés atendeu.

— Diga aos seus observadores que quero saber o que eles são. Se possível, quem fotos. Como está a visibilidade lá em cima?

— Névoa de superfície, mas não muito densa, senhor. Tenho homens nos Grande Olhos.

— Muito bem.

— Passarão por nós rumo norte, virarão à esquerda e baixarão ao passar por nossa lateral — previu o comandante.

— Senhor, Gonzo-Quatro reporta uma passagem muito próxima alguns segundos atrás — disse o controle aéreo.

— Diga-lhe para ficar calmo.

— Sim, comandante.

Depois disso, a situação evoluiu rapidamente. Os caças circularam a forçatarefa COMEDIA duas vezes, nunca mais próximos que cinco milhas náuticas.

Os Harrier indianos passaram outros 15 minutos contornando os Orion de patrulhamento, e enfim tiveram de retornar ao porta-aviões para reabastecer, e outro dia no mar continuou sem tiros ou atos ostensivamente hostis, a não ser que se contasse a brincadeira dos caças mas isso era rotineiro. Quando tudo estava calmo, o comandante do USS Anzio voltou-se para seu oficial de comunicações.

— Preciso falar com Comando do Atlântico. Oh, Weps? — acrescentou Kemper.

— Sim, senhor.

— Quero cada sistema de combate neste navio checado inteiramente.

— Senhor, realizamos uma checagem completa há apenas 12 horas...

— Imediatamente, Weps — enfatizou com o máximo de calma que pôde.

— E essas são boas notícias? — perguntou Cathy.

— Doutora, é realmente simples — respondeu Alexandre. — Você viu algumas pessoas morrerem esta manhã. Verá outras morrerem amanhã, e isso é terrível. Mas milhares é melhor que milhões, não é? Acho que esta epidemia vai se extinguir sozinha. — Não acrescentou que para ele era um pouco mais fácil.

Cathy era cirurgiã de olhos. Ela não estava acostumada a lidar com mortes. Ele era especialista em doenças infecciosas, e estava acostumado. Mais fácil? A palavra seria essa? — Saberemos daqui a alguns dias, a partir da análise estatística dos casos.

O presidente assentiu em silêncio. Van Damm falou por ele: — Quais serão os números?

— Menos de dez mil, segundo os modelos de computador em Reed e Detrick. Senhor, não estou sendo frio. Estou dizendo apenas que dez mil é melhor que dez milhões.

— Uma morte é uma tragédia, um milhão é uma estatística — disse Ryan, enfim.

— Sim, senhor. Conheço esse ditado.

As boas notícias não tinham deixado Alexandre pulando de alegria, mas qual o outro jeito de explicar

às pessoas que um desastre era melhor que uma catástrofe?

— Josef Vissarionovich Stalin — disse-lhes ESPADACHIM. — Ele sabia usar as palavras.

— O senhor sabe quem fez isso conosco — observou Alex.

— O que faz você pensar assim? — perguntou Jack.

— O senhor não reagiu normalmente ao que lhe contei, presidente.

— Doutor, não tenho feito nada muito normal nos últimos meses. O que isto significa para a proibição de viagens?

— Significa que ela deve ser mantida pelo menos por mais uma semana.

Nossa previsão não está gravada em pedra. O período de incubação para a doença é um pouco variável. Você não manda os caminhões de bombeiros voltarem para casa assim que o fogo desaparece. Você permanece no local, atento, para o caso de as chamas voltarem a aparecer. O nosso caso é o mesmo.

O que deu certo até agora é que as pessoas estão assustadas com a morte. Por causa disso, as interações pessoais são minimizadas, e é assim que se detém esse tipo de doença. Precisamos manter as coisas nesse rumo. Os novos casos serão esparsos. Nós os atacaremos como se faz com a varíola. Identificaremos os casos, faremos exames em todos aqueles com quem os pacientes tiveram contato, isolaremos os indivíduos com os anticorpos, e veremos como eles reagem. Está funcionando certo? Quem fez isso cometeu um erro de cálculo. A doença não é nem de perto tão contagiosa quanto eles pesavam. Ou talvez a coisa toda seja apenas um exercício psicológico. É isso que é a guerra biológica. As grandes pragas do passado realmente aconteceram porque as pessoas não sabiam como as doenças se espalhavam. Não sabiam nada sobre micróbios, moscas e água contaminada. Nós sabemos. Todos sabem.

Aprendemos esse tipo de coisa na escola, nas aulas de higiene. Diabos, foi por causa disso que não tivemos nenhum médico infectado. Eles têm muita prática lidando com AIDS e hepatite. As mesmas precauções que funcionam com essas doenças também funcionam com o Ebola.

— Que providências podemos tomar para que não aconteça novamente? — perguntou van Damm.

— Já lhes disse. Fundos. Pesquisa básica no aspecto genético, e trabalho mais focalizado nas doenças que já conhecemos. Não há nenhum motivo para que não possamos produzir vacinas seguras para o Ebola e várias outras doenças virais.

— E a AIDS? — perguntou Ryan.

— Essa é um osso duro de roer. Esse vírus é um safado ágil. Até agora, nenhuma tentativa para uma vacina chegou nem mesmo perto. Por outro lado, a pesquisa genética básica pode determinar como o mecanismo biológico funciona, e a partir daí fazer com que o sistema imunológico reconheça e mate o vírus... uma espécie de vacina; é isso que uma vacina faz. Mas como fazê-la funcionar, bem, ainda não descobrimos. Mas é bom tentarmos. Daqui a vinte anos poderá não haver mais uma pessoa viva na África para contar a história.

Ei, sabiam que tenho parentes lá? — disse o creole.

— Há duas formas de impedir que isso aconteça novamente. Uma é essa. O senhor, presidente, já está trabalhando na outra. Quem foi que fez isso conosco?

Ryan não precisou dizer a ninguém o quanto aquilo era secreto: — Irã. O aiatolá Mahmoud Haji Daryaei e seu bando alegre. Alexandre voltou a ser o oficial do Exército dos Estados Unidos: — Presidente, no que me diz respeito, o senhor pode matar quantos deles quiser.

Era interessante ver o Aeroporto Internacional de Mehrabad à luz do dia, Clark nunca conhecera o Irã como um país amigável. Diziam que antes da queda do Xá o povo era amistoso, mas ele não tinha feito a viagem a tempo para constatar isso. Viera para cá secretamente em 1979 e novamente em 1980, primeiro para obter informações depois para participar da tentativa de resgate dos reféns. Não havia palavras para

descrever como era estar num país numa condição revolucionária. Seu período no território da União Soviética fora bem mais confortável. Inimiga ou não, a Rússia sempre fora um país civilizado com montes de regras e cidadãos para rompê-las. Mas o Irã pegara fogo como uma floresta seca numa tempestade. Morte à América tinha sido um cântico nos lábios de todos, e Clark lembrava o quanto fora assustador estar no meio da turba cantando essa canção. Um pequeno erro, apenas contatar um agente que mudara de lado decretaria sua morte, uma perspectiva bastante assustadora para qualquer homem, mulher e crianças pequenas, fosse ou não espião. Era costume do país fuzilar alguns criminosos, mas a maioria dos espiões era executada por enforcamento. E isso parecia-lhe uma maneira gratuitamente cruel de tirar a vida de um homem.

Nos anos intermediários algumas coisas tinham mudado. Algumas não.

Ainda havia uma atmosfera de suspeita quanto aos estrangeiros nos postos da alfândega. O balconista estava guarnecido por homens armados, e seu trabalho era impedir a entrada de pessoas como ele. Para a nova URI, assim como para o país antigo, cada rosto novo um espião potencial.

— Klerk — disse Clark com sotaque russo, estendendo seu passaporte. — Ivan Sergeyeovich. — Ora bolas, o disfarce russo funcionara antes, e ele já o tinha decorado. Melhor ainda, seu russo era perfeito. Ele passara por cidadão russo diante de um oficial uniformizado mais de uma vez.

— Chekov, Yevgeniy Pavlovich — disse Chavez ao balconista ao lado.

Eles eram, novamente, correspondentes de notícias. Os regulamentos proibiam aos agentes da CIA disfarçarem-se como jornalistas americanos, mas isso não se aplicava à imprensa estrangeira.

— Propósito da visita? — perguntou o primeiro balconista.

— Aprender sobre o seu novo país — replicou Ivan Sergeyeovich. — Deve estar sendo empolgante para todos. — Para seu trabalho no Japão, eles haviam levado equipamento de fotografia, e um aparelhinho útil que parecia, e de fato era, uma lâmpada brilhante. Não desta vez.

— Nós dois estamos juntos — disse Yevgeniy Pavlovich ao balconista.

Os passaportes eram novos em folha, embora não fosse possível dizer isso apenas tom uma inspeção superficial. Era uma das poucas coisas com as quais Clark e Chavez não precisavam se preocupar. Os recursos de falsificação da RVS eram tão bons quanto o de sua agência antecessora, a KGB. Eles faziam alguns dos melhores documentos falsos do mundo. As páginas estavam cobertas com selos, muitos sobrepostos, e estavam desgastados e enrugados por anos de uso evidente. Um inspetor pegou suas malas e as abriu. Encontrou roupas, evidentemente muito usadas, dois livros, que folheou para ver se eram pornográficos, e duas canetas de qualidade média, descascadas, mas com carga nova. Cada um tinha uma bolsa a tiracolo com blocos de anotações e minigravadores. Os inspetores examinaram tudo sem pressa, mesmo depois dos balconistas terem feito seu trabalho, e finalmente — com uma relutância palpável — deixaram passar os visitantes de seu país.

— Spasiba — disse John com simpatia, pegando suas malas e continuando a caminhar. Com o passar dos anos, aprendera a não ocultar totalmente seu alívio.

Os viajantes normais sentiam-se intimidados. Se ele não parecesse intimidado também, seria distinguido dos outros. Os dois oficiais da CIA saíram para pegar um táxi; pararam numa fila enquanto a procissão de táxi engolia os recém-chegados. Quando chegou sua vez, Chavez deixou cair a mala de viagem, e seus pertences espalharam-se pelo chão. Ele e Clark deixaram duas pessoas passarem à sua frente na fila enquanto Chavez recolhia os objetos nas malas.

Isso quase garantia um táxi aleatório, a não ser que todos estivessem sendo guiados por espiões.

O truque era parecer normal em todos os aspectos. Não ser estúpido demais. Não ser esperto demais. Parecer desorientado e perguntar como chegar aos lugares, mas não com muita frequência. Ficar em hotéis baratos. E, em seu caso específico, rezar para que nenhuma das pessoas que os viram em sua breve visita anterior à cidade cruzasse seu caminho. Supostamente, seria uma missão fácil. Essa geralmente era

a ideia. Raramente enviavam-se agentes do serviço de informação para desempenhar missões complexas... porque tinham o bom senso de recusar. As missões simples já eram muito cabeludas.

O nome da forçatarefa é COMÉDIA — disse-lhe Robby. — Eles tocaram campainha da porta hoje de manhã.

O J-3 prosseguiu a explicação durante vários minutos.

— Jogando duro? — perguntou o presidente.

— Evidentemente, eles deram ao P-3 um verdadeiro espetáculo aéreo. Eu mesmo já fiz isso algumas vezes, quando era jovem e insensato. Eles queriam que soubessem que estavam lá, e que não se achavam intimidados por isso. O comandante do grupo Greg Kemper. Não o conheço, mas sua reputação é danada de boa. O comandante d Atlântico gosta dele. Ele requisitou entrar em alerta vermelho.

— Ainda é cedo. Hoje ainda, porém mais tarde.

— Certo. Eu não esperaria um ataque noturno, mas não se esqueça de que lá o alvorecer é escuro como a meia-noite, senhor.

— Arnie, o que sabemos sobre a primeira-ministra?

— Ela e o embaixador Williams não trocam presentes de Natal — replicou o Arnie. — O senhor a conheceu na Sala Leste há algum tempo.

— Se a alertarmos dos riscos, ela telefonará para Daryaei — lembrou Ben Goodley a todos.

— E? Robby?

— E se passarmos pelos indianos, ela também avisará a Daryaei? Eles podem tentar bloquear o estreito. Daqui a algumas horas, a força mediterrânea dobrará a esquina se juntará aos outros a oitenta quilômetros da entrada.

Teremos cobertura aérea, excitante, mas eles deverão conseguir. A parte assustadora são as minas. O estreito é profundo o bastante para elas. Mais perto de Dhahran é outra história. O quanto mais a URI ficasse na escuridão, melhor, mas eles já devem saber do que COMEDIA é feito.

— Ou talvez não — considerou van Damm. — Se ela acha que pode lidar com isso sozinha, pode simplesmente querer mostrar que tipo de bagos tem.

A transferência foi chamada Operação CUSTER. Todas as quarenta embarcações estavam no mar, cada uma transportando 250 soldados num comboio aéreo com 9.600 quilômetros de comprimento. Aeronave líder estava agora a seis horas de Dhahran, deixando o espaço aéreo russo e sobrevoando a Ucrânia.

Os pilotos do F-15 haviam trocado saudações com alguns caças russos que tinham aparecido para dizer alô. Estavam cansados agora. Seus traseiros pareciam pesados como chumbo, devido às muitas horas nos mesmos assentos.

Os pilotos nos aviões de passageiros atrás deles tinham mais sorte, podendo levantar-se e caminhar; dispunham até de banheiros, um tremendo luxo para um piloto de caça, que possuía apenas um dispositivo chamado tubo de alívio. Os pilotos de caça estavam com os braços dormentes. Seus músculos estavam doloridos por permanecer horas a fio na mesma posição. O incômodo era ter que abastecer-se de seus KC-135 estava se tornando difícil, e gradualmente chegaram à opinião de que um conflito ar-ar a uma hora de seu destino talvez não fosse nem um pouco divertido. A maioria bebia café, tentava trocar de mãos no manche, e espreguiça-se o máximo que podia.

Os soldados estavam quase todos dormindo, ainda ignorando a natureza de sua missão. Os aviões de passageiros estavam com suas despensas estocadas normalmente, tropas desfrutaram do que seria sua última chance de tomar um drinque por algum tempo. Aqueles que haviam sido destacados para a Arábia Saudita em 1990 e em 1991 contaram suas histórias de guerra, incluindo a lembrança de que o reino não

era o tipo de lugar que se visitava por sua vida noturna.

Indiana, conforme Brown e Holbrook haviam descoberto que também não tinha vida noturna, pelo menos não agora. Pelo menos eles tinham sido espertos o bastante para arranjar um quarto de motel antes que o pânico geral começasse, e aqui estavam encurralados. Este era um motel de caminhoneiros, como os que haviam usado em Wyoming e Nebraska. Tinha um restaurante amplo, do tipo antiquado, com balcão e cabines, e agora com garçonetes mascaradas e clientes que não se juntavam. Em vez disso, faziam suas refeições nos quartos, ou levavam para seus caminhões, no caso daqueles que não tinham conseguido hospedar-se havia uma espécie de dança diária. Os caminhões precisavam ser movidos para que os pneus não ficassem danificados por se manterem imóveis no mesmo local. Todos ouviam os noticiários horários no rádio. Os quartos, o restaurante, e até mesmo os caminhões dispunham de televisores que forneciam mais informações e diversão. Reinava o tédio, o tipo de tédio tenso, muito conhecido pelos soldados, mas absolutamente estranho para os Montanhese. — Merda de governo — sentenciou um transportador de móveis. Ele tinha família dois estados dali. — Acho que eles nos mostraram quem é que manda, hem? — disse Ernie Brown, para aprovação geral.

Mais tarde, as pesquisas mostrariam que nenhum caminhoneiro interestadual contraíra o vírus. Sua existência era solitária demais para isso.

Mas suas vidas profissionais dependiam do movimento, tanto porque era assim que ganhavam o pão de cada dia e porque era assim que tinham escolhido viver.

Ficar parados não era de sua natureza. Receber ordens para ficar parados, menos ainda.

— Mas que merda de vida — acrescentou outro motorista; ele não conseguira pensar mais nada para dizer. — Pelo menos estou feliz por ter saído a tempo de Chicago. As notícias de lá são de deixar os cabelos em pé.

— Acha que tudo isto faz sentido? — questionou alguém.

— Desde quando o governo faz sentido? — Holbrook não deixaria escapar essa.

— Tô contigo e não abro — manifestou-se uma voz e finalmente os Montanhese sentiram-se em casa. Então, por consentimento silencioso, chegou a hora de todos voltarem para os seus quartos e boleias.

— Por quanto tempo ainda ficaremos neste buraco, Pete? — Ernie Brown quis saber.

— Está perguntando a mim ?

Um monte de coisa nenhuma — concluiu o agente líder. Aref Raman era pouco organizado para um solteiro, mas não excessivamente. Um dos agentes do notara com surpresa que até as meias do homem estavam perfeitamente dobradas, leniente com tudo em suas gavetas. Então, um deles recordou um estudo sobre os jogadores de futebol americano da Liga Nacional. Depois de meses de estudo, um psicólogo determinara que os jogadores da linha dianteira, cujo trabalho era proteger o zagueiro, tinham armários organizados, enquanto os jogadores da linha de defesa, cujo trabalho era se opor aos zagueiros que invadiam seu território, eram verdadeiros almofadinhas. O comentário valeu risadas e um pouco de conversa. Nada mais foi encontrado. Havia uma foto de seus pais, ambos mortos. Ele assinava duas revistas semanais, tinha todas as opções de TV por assinatura em seus dois televisores, não tinha bebidas alcoólicas na casa e comia alimentos saudáveis. A julgar pelo freezer, tinha uma afinidade particular por salsichas kosher. Não havia gavetas ou compartimentos ocultos — eles os teriam encontrado — e nada nem um pouco suspeito. Eram boas e más notícias.

O telefone tocou. Ninguém atendeu porque oficialmente não estavam ali, e tinham pagers e telefones celulares para suas próprias necessidades de comunicação.

— Olá, aqui é 536-3040 — disse a voz gravada de Raman, depois do segundo toque. — Ninguém

está aqui para atender ao telefone agora, mas se deixar um recado alguém ligará de volta. — Seguiu-se um bipe, e, neste caso, um clique.

— Foi engano — disse um dos agentes.

— Toque as mensagens — ordenou o agente líder ao gênio técnico da equipe.

Raman possuía um sistema de gravação digital, e novamente havia um código utilizado pelo fabricante. O agente tocou os seis dígitos e fez algumas anotações. Ouviram três mensagens nas quais ninguém falara e um número errado. Alguém ligando para o Sr. Sloan, fosse quem fosse.

— Tapete? Sr. Alahad?

— Parece nome de vendedor de tapetes — comentou um agente. Mas olhando em torno, viram que não havia um único tapete no apartamento, apenas o carpete usual, barato, de parede a parede, encontrado em apartamentos deste tipo.

— Número errado.

— Mesmo assim, pesquise os nomes.

Era mais uma questão de hábito que qualquer outra coisa. Eles checavam tudo. É como trabalhar para o FCI. Você simplesmente jamais sabia.

Nesse instante, o telefone tocou de novo. Os cinco agentes viraram-se para fita na secretária eletrônica, como se ela fosse uma testemunha real com uma voz real.

Merda, pensou Raman. Ele esquecera de apagar as mensagens anteriores.

Não tinha nada novo. Seu agente de controle não telefonara novamente. Teria sido uma surpresa se o tivesse feito. Com isso determinado, Raman, sentado num quarto de hotel de Pittsburgh digitou o código para apagar todas as mensagens. Essa era uma das coisas boas das novas secretárias eletrônicas digitais: quando apagadas as mensagens, elas desapareciam para sempre. Não era exatamente assim com os modelos com fitas cassetes.

Os agentes do FBI perceberam a manobra e trocaram olhares.

— Ei, todos nós fazemos isso. — Houve uma anuência geral. E todo mundo também recebia telefonemas errados. E esse era um colega agente. Mas mesmo assim eles pesquisariam os nomes e números.

CIRURGIÃ, para o alívio de sua subsegurança presidencial, estava dormindo no andar de cima da residência. Roy Altman e os outros que a protegiam tinham ficado arrancando os cabelos quando ela estivera na ala da febre — seu termo para isso — no hospital Hopkins, mais por medo de perigo físico do que de contágio, afinal ela sabia o que fazia. As crianças, sendo crianças, passaram a maior parte do tempo como as outras crianças americanas, assistindo TV e brincando sob a vigilância de seus agentes, que ficariam preocupados ao vê-las apresentar alguns sintomas de gripe. ESPADACHIM estava na Sala de Situação.

— Que horas são lá?

— Dez horas à nossa frente, senhor.

— Faça o telefonema — ordenou POTUS.

O primeiro 747, pertencente à United, cruzou o espaço aéreo saudita alguns minutos antes do esperado, devido aos ventos árticos favoráveis. Uma rota mais tortuosa não teria ajudado muito. O Sudão também possuía aeroportos e radares, como o Egito e a Jordânia, e considerava-se que a URI possuía informantes nesses países. A Força Aérea saudita, aumentada pelos F-16C

chegados de Israel no dia anterior como parte do plano AVANTE BÚFALO, mantinha patrulha de combate aéreo ao longo da fronteira da Arábia Saudita URI. Dois AWACS E-3B estavam no ar. O sol se

levantando agora nesta parte do mundo — pelo menos os pilotos podiam ver a primeira luz de sua altitude de cruzeiro, embora na superfície, nove quilômetros abaixo, ainda estivesse escuro.

Bom dia, Primeira-Ministra. Aqui é Jack Ryan — disse o presidente.

— É um prazer ouvir sua voz. É tarde aí em Washington, não é? — perguntou a primeira-ministra.

— Ambos trabalhamos em horários irregulares. Imagino que o seu dia está apenas começando.

— Isso mesmo — respondeu a voz.

Ryan estava com um telefone convencional no ouvido. A conversa também estava sendo amplificada num viva-voz e gravada digitalmente. A CIA fornecera até mesmo um analisador vocal de estresse.

— Presidente, os problemas em seu país, eles melhoraram?

— Temos alguma esperança, mas ainda estamos com dificuldades.

— Há alguma coisa na qual possamos fornecer assistência?

Nenhuma das vozes demonstrava a menor emoção por trás da fraternidade falsa de pessoas desconfiadas umas das outras, e tentando esconder.

— Bem, sim. Na verdade há sim.

— Então, por favor, em que podemos ajudá-los?

— Primeira-ministra, temos alguns navios atravessando o mar de Omã neste momento — disse Ryan a ela.

— É mesmo? — Neutralidade total na voz.

— Sim, e a senhora sabe que temos, e eu quero sua garantia pessoal de que sua Marinha, que também está no mar, não irá interferir com nossa passagem.

— Mas por que o senhor está me pedindo isso? Por que nós deveríamos interferir a propósito, qual é o objetivo de seu movimento de tropas?

— A sua palavra na questão nos bastará, primeira-ministra — disse-lhe Ryan.

Sua mão direita segurou um lápis número 2.

— Mas, presidente, não consigo entender o propósito deste telefonema.

— O propósito deste telefonema é obter sua garantia pessoal de que a Marinha indiana não interferirá com a passagem pacífica das navios da Marinha norte-americana através do Mar de Omã.

Ele é tão fraco, pensou a ministra, repetindo o que já dissera inúmeras vezes.

— Presidente, considero seu telefonema perturbador. A América jamais conversou! conosco a respeito de um assunto dessa natureza. O senhor está dizendo que seus navios estão passando perto de meu país, mas não revela o objetivo do movimento. O tráfego de veículos dessa espécie sem explicação não é o ato de um amigo.

E se ela conseguisse fazê-lo recuar?

O que foi que eu lhe disse?, estava escrito no recado de Ben Goodley.

— Muito bem, primeira-ministra. Pela terceira vez: a senhora me dará sua garantia de que não interferirá nesta atividade?

— Por que estão invadindo nossas águas? — insistiu a ministra.

— Muito bem. — Ryan fez uma pausa, e então seu tom de voz mudou. — Primeira-ministra, o propósito do movimento não diz respeito direto ao seu país, mas eu lhe asseguro, aqueles navios navegarão rumo ao seu destino.

Como sua missão é importante para nós, não iremos, repito, não iremos, aceitar interferências de qualquer espécie e devo avisá-la de que a aproximação de qualquer navio ou aeronave não-identificados poderá gerar consequências adversas. Não, por favor me desculpe, a aproximação de um navio ou aeronave não-identificados irá gerar consequências adversas. Para evitar isso, estou comunicando à

senhora nossa passagem, e requisitando sua garantia pessoal aos Estados Unidos da América de que nossos navios não sofrerão qualquer tipo de ataque.

— E agora o senhor me ameaça? Presidente, compreendo o estresse ao qual o senhor vem sendo submetido, mas, por favor, vocês não podem tratar nações soberanas dessa forma.

— Primeira-ministra, vejo que preciso falar com extrema clareza. Um ato ostensivo de guerra foi cometido contra os Estados Unidos da América.

Qualquer ato de interferência ou ataque às nossas forças armadas será considerado um outro ato de guerra, e qualquer país que cometer esse ato enfrentará as consequências mais sérias possível; — Mas quem fez isso com vocês?

— Primeira-ministra, isso não é do seu interesse, a não ser que faça questão que seja. No interesse de nossas nações, considero aconselhável a sua Marinha retornar a seus portos imediatamente.

— E o senhor nos culpa, nos ameaça?

— Esta conversa começou com um pedido, primeira-ministra. A senhora evitou meu pedido três vezes. Considero isso um ato inamistoso. Sendo assim, tenho uma nova pergunta: a senhora deseja entrar em guerra com os Estados Unidos da América?

— Presidente...

— Porque, primeira-ministra, é isso que acontecerá se aqueles navios não se moverem. — O lápis partiu na mão de Ryan. — Creio que a senhora se associou aos amigos errados, primeira-ministra. Espero estar equivocado, mas se minha impressão for correta, o seu país pode vir a se arrepender amargamente do seu erro de julgamento. Nós sofremos um ataque direto aos nossos cidadãos. Foi um ataque particularmente bárbaro e cruel, empregando armas de destruição em massa. — Ryan pronunciou essas palavras com extrema clareza. — Nossos cidadãos ainda não sabem disso, mas essa situação mudará muito em breve — disse-lhe o presidente. — E quando isso acontecer, primeira-ministra, os culpados pelo ataque enfrentarão nossa justiça. Não enviaremos cartas de protesto. Não invocaremos uma reunião especial do Conselho de Segurança da ONU em Nova York. Nós faremos guerra, primeira-ministra. Faremos guerra com todo o poder e ira que este país e seus cidadãos podem reunir. Entende o que estou dizendo? Homens e mulheres assassinados, e agora até crianças, foram assassinados dentro de nossas fronteiras por um poder estrangeiro.

Houve até mesmo um ataque contra minha filha, primeira-ministra. O seu país deseja estar associado a esses atos? Se o seu país deseja isso, primeira-ministra, se a senhora deseja fazer parte disso, então que a guerra comece agora.

Deslocamentos

— Meu Deus, Jack, você me convenceu — disse Jackson em baixa.

— Mas com nosso amigo no clero não será tão fácil. — O presidente esfregou as mãos suadas. — E ainda não sabemos se ela manterá a sua palavra.

Certo, a força-tarefa e COMEDIA está em Condição de Alerta 1. Se eles acharem que isso é hostil, ataquem. Mas pelo amor de Deus, verifiquem se esse comandante sabe usar a cabeça.

A Sala de Situação estava silenciosa agora, e o presidente Ryan sentiu-se muito solitário, apesar das pessoas reunidas ao seu redor. O secretário Bretano e os chefes do Estado-Maior estavam presentes. Rutledge representava o Estado.

O secretário estava ali porque Ryan confiava em seu julgamento. Goodley porque fora instruído completamente sobre toda a informação de espionagem; mais seu chefe de gabinete e os guarda-costas de sempre. Todos demonstraram o seu apoio, mas isso na verdade não ajudou muito. Ele sozinho conversara com a Índia, afinal, a despeito de toda ajuda e conselho Jack Ryan era os Estados Unidos da América, e o país estava entrando em guerra. O conselho de imprensa foi informado acima do oceano Atlântico. A América esperava a qualquer momento um ataque da União Republicana do Islã contra os outros Estados do golfo. Eles estariam lá para cobrir os acontecimentos. Eles também foram instruídos sobre as forças que estavam sendo destacadas para o local.

— E só isso? — perguntou um dos jornalistas mais experientes.

— Isso é tudo por enquanto — confirmou o oficial de relações públicas. — esperamos que a demonstração de força seja suficiente para deter o ataque, mas se não for as coisas poderão ficar empolgantes.

— Empolgação não é a palavra.

Em seguida, o oficial explicou-lhes por que aquilo estava acontecendo, e o KC-135 sem janelas que estava levando-os para a Arábia Saudita ficou realmente silencioso.

O Kuwait essencialmente possuía duas brigadas pesadas, complementada por uma brigada de reconhecimento motorizada equipada com armas antitanques e destinadas como uma força de proteção na fronteira. As duas brigadas pesadas, equipadas e treinadas no modelo americano, estavam sendo mantidas afastadas da fronteira de modo a ser capazes de se mover para, em vez de defender o território de um ataque inicial, conter uma incursão. O 10º RCB dos Estados Unidos estava posicionado entre e ligeiramente atrás dessas duas.

O comando geral era um pouco equívoco. O coronel Magruder era o oficial com mais tempo de serviço, e o tático mais experiente, mas havia kuwaitianos superiores em postos — todas as três brigadas eram comandadas por generais de brigada — e este era o seu país. Por outro lado, o país era pequeno o bastante para requerer apenas um posto de comando primário, e Magruder estava lá tanto para comandar seu regimento quanto para aconselhar os comandantes do Kuwait.

Esses estavam ao mesmo tempo orgulhosos e tensos.

Compreensivelmente, estavam satisfeitos com os avanços que seu pequeno país fizera desde 1990. Não eram mais o Exército de ópera bufa que fora desintegrado na invasão ao Iraque — eles tinham que

parecer, no papel e aos olhos, uma força mecanizada extremamente capaz. Estavam nervosos porque se encontravam em grande desvantagem numérica, e seus soldados — na maioria, reservistas — ainda tinham muito chão pelo frente antes de alcançar os padrões de treinamento americanos nos quais aspiravam. Mas se havia uma coisa que eles conheciam era sua artilharia. Tanques de guerra eram um passatempo agradável, mas também vital; os espaços vazios em suas formações deviam-se ao fato de que vinte tanques estava na oficina para substituições de seus tubos de canhão principais. Isso era realizado por técnicos civis enquanto as tripulações dos tanques aguardavam.

Os helicópteros do 10º RCB estavam voando em torno da fronteira do país, seus radares de longo alcance atentos para os movimentos da URI, mas até agora sem notar nada em especial. A força aérea kuwaitiana mantinha uma patrulha de quatro aviões de combate, com o resto da força em alerta máximo.

Embora em inferioridade numérica, a luta não seria uma reprise dos acontecimentos de 1990. As pessoas mais ocupadas eram os engenheiros, que estavam abrindo buracos para todos os tanques, de modo a poderem lutar com os veículos protegidos, com apenas suas torres de tiro aparecendo. Estas eram cobertas com redes que as tornavam invisíveis do ar.

— E então, coronel? — perguntou o comandante sênior do Kuwait.

— Nada errado com os seus destacamentos, general — replicou Magruder, correndo novamente os olhos pelo mapa.

Ele não estava demonstrando o que sentia. Duas ou três semanas de treinamento intensivo teriam sido uma bênção. Conduzira um único exercício muito simples, um combate simulado entre seus esquadrões contra a Brigada do Kuwait, e os americanos não forçaram muito os kuwaitianos. Não era o momento para acabar com sua confiança. Eles tinham entusiasmo, e sua artilharia era avaliada em cerca de 70% dos padrões americanos, mas tinham muito a aprender sobre manobras de combate. Bem, era preciso tempo para criar um Exército, e mais tempo ainda para treinar oficiais de campo, e os kuwaitianos estavam dando o melhor de si.

Alteza, preciso agradecer-lhe por sua cooperação até este ponto — disse Ryan pelo telefone. O relógio de parede na Sala de Situação marcava 2:10.

— Jack, com sorte eles verão isso e não se moverão — replicou o príncipe Ali bin Sheik.

— Gostaria de poder concordar com isso. É hora de contar-lhe uma coisa que ainda não sabe. Nosso embaixador apresentará a você informações completas ainda hoje. Por enquanto, precisa saber o que os seus vizinhos vêm fazendo. Não é só pelo petróleo, alteza.

Ryan prosseguiu a explicação por cinco minutos.

— Tem certeza disso?

— As provas que temos estarão em suas mãos em quatro horas — prometeu Ryan — Ainda não dissemos nem mesmo aos nossos soldados.

— Eles poderiam usar essas armas contra nós? — A pergunta natural. Guerra biológica arrepiava a pele de qualquer um.

— Não acreditamos, Ali. As condições ambientais agem contra o vírus. — E também fora checado. A previsão do tempo para a semana seguinte era quente, seco claro.

— Usar armas como essa é um ato de puro barbarismo, presidente.

— E por causa disso que não esperamos que recuem. Eles não podem..

— Não eles, presidente. Um homem. Um homem sem Deus. Quando falará com seu povo sobre isso?

— Em breve.

— Por favor, Jack, essa não é a nossa religião, essa não é a nossa fé. Por favor, diga isso ao seu povo.

— Eu sei disso, alteza. Isso não diz respeito a Deus. Diz respeito a poder.

Como sempre. Receio ter outras coisas para fazer.

— Eu também. Preciso falar com o rei.

— Mande-lhe minhas lembranças. Estaremos lado a lado, Ali, exatamente como antes.

Dito isso, Ryan desligou.

— Próximo assunto — disse Ryan. — Onde Adler está agora?

— Retornando a Taiwan — respondeu Rutledge. — Essas negociações ainda prosseguirão por algum tempo, embora seu propósito esteja agora mais claro.

— Certo, ele possui linhas de comunicação seguras no avião. Instrua-o — disse ao subsecretário. — Mais alguma coisa que eu precise fazer agora?

— Dormir — respondeu o almirante Jackson. — Deixe-nos cuidando do turno essa noite, Jack.

— Esse é um bom plano. — Ryan se levantou. Estava um pouco trêmulo devido ao estresse e à falta de sono. — Acordem-me se precisarem de mim.

Não faremos isso, pensaram todos.

— Muito bem — disse o comandante Kemper, lendo a mensagem de CONDIÇÃO CRÍTICA vinda do comando do Atlântico. — Isso simplifica muito as coisas.

O alcance até o grupo de batalha indiano era agora de 321 quilômetros, cerca de oito horas a todo vapor — ainda usavam esse termo, embora todas as naus de combate fossem agora impelidas por motores de turbinas de jato.

Kemper levantou o telefone e apertou um botão para falar pelo sistema de comunicação interna do navio.

— Atenção todos. Aqui é o comandante. A força-tarefa COMEDIA está agora em condição de Alerta 1. Isso significa que, se alguém se aproximar, devemos disparar contra ele. A missão é levar nossos cargueiros de tanques até a Arábia Saudita. Nosso país estava usando aviões de passageiros para enviar soldados para defender nossos aliados de um ataque na região pela nova União Republicana do Islã.

Em 16 horas, encontraremos uma ação de superfície que vem em alta velocidade do Mediterrâneo. Em seguida, entraremos no Golfo Pérsico para fazer nossa entrega. O grupo terá cobertura aérea amistosa na forma de caças F-16C da Força Aérea, mas é esperado que a URI, nossos velhos amigos iranianos, não fiquem felizes com nossa chegada.

O USS Anzio está indo para a guerra, pessoal. Isso é tudo por enquanto.

O comandante desligou o botão.

— Certo, vamos começar a conduzir simulações. Quero ver tudo que esses sacanas possam tentar contra nós. Teremos uma estimativa de informação atualizada em duas horas. É tudo por enquanto, veremos o que podemos fazer contra ataques de aviões e mísseis.

— E quanto aos indianos? — perguntou Weps.

— Ficaremos de olho neles também.

A tela tática principal mostrava um Orion P-3C sobrevoando COMEDIA para render aeronave agora em posição. O grupo de batalha seguia para leste, novamente recruzando seu rastro, como vinha fazendo há algum tempo.

Um satélite KH-1 estava passando agora, de noroeste para sudoeste, sobre o Golfo Pérsico. Suas câmeras, já tendo olhado os três corpos do Exército de Deus, estavam agora fotografando toda a costa iraniana, procurando pelos locais de lançamento dos mísseis Silkworm de fabricação chinesa. As imagens recebidas pelas câmeras eletrônicas eram retransmitidas por satélite sobre o oceano Índico, e dali até a área de Washington, onde técnicos, ainda usando máscaras cirúrgicas impregnadas de detergente, começavam a procurar pelos mísseis superfície-superfície em formato de aeroplano. Os lugares de armamento fixos eram bem conhecidos, mas as armas também podiam ser disparadas através carrocerias de caminhões de grande porte, e havia muitas estradas secundárias para dominar.

O primeiro grupo de quatro aviões de passageiros tocou o solo sem incidentes nas cercanias de Dhahran. Não houve recepção formal. Já estava quente. A primavera chegara mais cedo à região depois de um inverno surpreendentemente frio e úmido, e isso significava que as temperaturas ao meio-dia chegavam agora quase a 38 graus, em contradição aos 48 graus do alto verão, mas as temperaturas noturnas caíam para cerca de cinco graus. Ali, perto da costa, também era úmido.

Quando o primeiro avião de passageiros parou, a escada montada em caminhão foi colocada e o general de brigada Marion Diggs foi o primeiro a descer. Ele seria o comandante de campo nesta operação. A epidemia de vírus ainda atacando a América comprometera também a base da Força Aérea MacDill, na Flórida, lar do Comando Centrai, que detinha a responsabilidade por esta área. Os documentos de instrução que ele lera até agora diziam que o comandante da 366ª Esquadrilha de Combate Aéreo era também uma só estrela, mas inferior a ele. Fazia muito tempo desde que uma operação tão vital tinha sido encarregada a um oficial tão pouco graduado como ele, pensou Marion Diggs enquanto descia os degraus.

No sopé das escadas estava um três-estrelas saudita. Os dois homens trocaram saudações e entraram num carro para um percurso até o posto de comando local, para a atualização de informação. Atrás de Diggs estava o grupo de comando do 11º RCB, nas outras três aeronaves, um grupo de segurança e a maior parte do Segundo Esquadrão da Corcel Negro. Ônibus aguardavam para levá-los ao sítio POMCUS. Aquilo tudo parecia muito com os exercícios REFORGER dos tempos da Guerra Fria, que haviam antecipado um conflito OTAN - Pacto de Varsóvia, requerendo que soldados americanos fossem enviados por aviões de passageiros, ocupassem seus veículos e marchassem até a linha de frente. Aquilo nunca acontecera exceto em simulação, mas agora, novamente, estava acontecendo, e desta vez era para valer. Duas horas depois, o Segundo do Esquadrão da Corcel Negro estava rumando para campo aberto.

— Que quer dizer? — perguntou Daryaei.

— Parece estar havendo um movimento maciço de tropas — disse-lhe seu chefe de informação. — Sítios de radar no oeste do Iraque detectaram aviões comerciais entrando na Arábia Saudita vindos do espaço aéreo israelense.

Também foram acusados e escoltando os aviões de passageiros e patrulhando a fronteira.

— O que mais?

— Nada no momento, mas é provável que a América esteja movendo outra força para o reino. Não tenho certeza do que pode ser... com toda certeza, não é muito grande. Suas divisões baseadas na Alemanha estão sob quarentena, e todas as divisões baseadas em seu próprio território estão na mesma condição.

Na verdade, a maior parte de seu Exército está destacada para segurança interna.

— De qualquer forma, devemos atacá-los — instigou seu conselheiro da Força A.

— Acho que isso seria um erro — disse o Informação. — Invadir o espaço aéreo saudita seria alertar aqueles incompetentes cedo demais. Os americanos podem trazer, no máximo, uma força do tamanho de uma brigada. Há uma segunda força baseada em Diego Garcia, mas não temos nenhuma informação que sugira que ela se moveu. E se moveram, esperamos que nossos amigos indianos possam detê-la.

— E nós confiamos em pagãos? — perguntou com desprezo Força Aérea. E sim que os muçulmanos viam a religião oficial do subcontinente.

— Confiamos em sua antipatia para com os Estados Unidos. E podemos perguntar-lhes se sua frota avistou alguma coisa. Em todo caso, os americanos podem de uma força do porte de uma brigada. E isso é tudo.

— Acabe com eles, de qualquer modo!

— Isso acaba com a segurança operacional — frisou Informação.

— Se a esta altura eles não sabem o que estamos fazendo, é porque são completos idiotas — objetou

Força Aérea.

— Os americanos não têm qualquer motivo para suspeitar que tenham tomado ações hostis contra eles. Atacar suas aeronaves, se é isso que elas são, irá alertar desnecessariamente a eles, não apenas aos sauditas. Eles provavelmente estão preocupados com nossos movimentos de tropas no Iraque e enviando pequenos reforços. Quando a hora certa chegar, poderemos lidar com eles — disse-lhes Informação.

— Telefonarei para a Índia — disse Daryaei, apaziguando-os.

Apenas radares de navegação... devem estar sendo realizadas suas buscas aéreas, provavelmente a partir dos porta-aviões — disse o suboficial. — Sua rota de curso zero-nove-zero, velocidade cerca de 16 nós.

O oficial tático no Orion baixou os olhos para seu mapa. O grupo de batalha indiano encontrava-se na fronteira oriental extrema do padrão de pista de corrida que eles vinham acompanhando nos últimos dias. Em menos de vinte minutos, reverteriam o curso para o oeste. Se eles se virassem, as coisas ficariam excitantes. COMÉDIA estava agora a 220 quilômetros da outra formação, e suas aeronaves alimentavam o Anzio e o Kidd com informações constantes. Sob as asas do Lockheed de quatro turbinas havia quatro mísseis Harpoon. Brancos, ogivas nucleares. A aeronave estava agora sob o comando tático do capitão Kemper no Anzio, e sob sua ordem eles poderiam lançar os mísseis, dois contra cada porta-aviões indianos, porque eles eram a arma principal da Marinha inimiga. Alguns minutos depois, haveria um enxame de Tomahawks e mais Harpoons seguindo o mesmo percurso.

— Eles estão EMCON? — conjecturou o oficial.

— Controlando emissões? — replicou o marinheiro. — COMÉDIA deve tê-los agora em seus equipamentos de medidas de vigilância eletrônica. Com toda certeza, nossos rapazes estão enchendo o céu, senhor.

COMEDIA tinha essencialmente duas escolhas. Adotar Controle de Emissões ENCON, desligando seus radares para obrigar o outro lado a gastar tempo e combustível procurando por eles, ou simplesmente encher o céu, criando uma bolha eletrônica que o outro lado poderia ver com facilidade, mas cuja penetração seria perigosa. O Anzio escolhera a segunda opção.

— Alguma conversa entre aviões? — perguntou o oficial tático a outro tripulante.

— Negativo, senhor. Nenhuma conversa.

— Hum...

Como os Orion estavam voando baixo, sua presença provavelmente não era conhecida pelos indianos, a despeito de seus equipamentos de antibusca. Ele estava praticamente tentado a se mostrar, enchendo o céu com seu próprio radar de busca. O que eles estavam pretendendo? Talvez alguns navios tivessem se afastado do grupo, seguindo para oeste, digamos, para lançar um ataque de mísseis fora de eixo? Ele não podia saber o que estavam dizendo ou pensando.

Tudo que tinha eram rastros de curso gerados por computador tendo por base sinais de radar. Os computadores sabiam precisamente onde as aeronaves estavam em todos os momentos graças sistema de posicionamento de satélites (GPS). Depois disso, as marcações de radar possibilitavam cálculos de sua localização e...

— Mudança de curso?

— Negativo. O sistema mostra-os ainda seguindo zero-nove-zero a 16 nós. Estão passando da formação em caixa agora, senhor. Isso é ainda mais para leste do que em três dias. Eles estão agora a 48 quilômetros a leste do curso de COMEDIA para o estreito.

— Queria saber se mudaram de ideia...

— Sim, nossa frota está no mar — disse-lhe a primeira-ministra.

— Avistaram navios americanos?

A líder do governo indiano estava sozinha em seu gabinete. Seu ministro das Relações Exteriores estivera com ela mais cedo e voltava neste momento.

Este telefonema fora previsto, mas não desejado.

A situação havia mudado. O presidente Ryan, ainda que um fraco — quem senão um fraco ameaçaria um país soberano? — havia assustado a ministra. E se a peste na América tivesse sido deflagrada por Daryaei? Ela não tinha provas disso, e jamais tentaria apurar os fatos. Seu país não podia ser associado a um ato dessa natureza. Ryan pedira — quantas vezes, quatro? cinco? — sua palavra de que a Marinha indiana não iria obstruir o movimento da frota americana.

Mas apenas uma vez ele empregara o termo armas de destruição em massa.

Essa era a frase-código mais fatal nas relações internacionais. A situação era ainda mais preocupante, dissera-lhe o ministro das Relações Exteriores, porque a América só possuía um tipo de armas dessa natureza, e foi razão, considerava as armas biológicas e químicas como armas nucleares. Isso conduzia a outro cálculo. Aviões combatiam aviões. Navios combatiam navios. Tanques batiam tanques. Respondia-se a um ataque com a mesma arma usada pelo inimigo.

Com todo poder e ira, ela também lembrava. Ryan sugerira abertamente que iria, tendo por base a natureza do suposto ataque desferido pela URI. Ela também não desconsideraria o ataque sofrido pela filhinha de Ryan. Quando estivera na Sala Oval na recepção depois do funeral, a primeira-ministra vira o carinho que Ryan dedicava aos filhos. Ainda que um fraco, Ryan era um fraco zangado, que dispunha das armas mais perigosas que existiam.

Daryaei cometera o erro de provocar a América daquela forma. Teria sido fácil atacar os sauditas e vencer a batalha com armas convencionais. Mas, não, ele tinha que aleijar os americanos em sua casa, provocá-los de uma forma que era a prova de sua loucura — e agora a primeira-ministra, seu governo e seu país podiam ser implicados loucura.

A primeira-ministra não havia negociado por nada disso. Deslocar sua frota fora bastante arriscado. E os chineses, o que eles haviam feito? Iniciado um exercício de guerra e talvez danificado aquele avião de passageiros — a cinco mil quilômetros de distância.

Que riscos a URI estava correndo? Ora, nenhum. Daryaei exigira muito da Índia, e com seu ataque direto aos cidadãos americanos, essas exigências haviam se revelado abusivas.

— Não — disse a primeira-ministra a Daryaei, escolhendo as palavras com o máximo de cuidado. — As unidades de nossa frota viram aviões de patrulha americanos, mas nenhum navio. Ouvimos falar, e vocês provavelmente também, que um grupo de navios americanos está transitando por Suez, mas apenas navios de guerra e nada mais.

— Tem certeza absoluta? — perguntou Daryaei.

— Meu amigo, os navios e as aeronaves de nossa Marinha não avistaram uma nau americana sequer no mar de Omã. — As únicas aeronaves sobre o mar de Omã foram os MiG-23 da Força Aérea indiana. Ela não estava mentindo para seu suposto aliado. Não de todo. — O mar é grande — acrescentou. — Mas os americanos não são tão inteligentes, são?

— Sua amizade não será esquecida — prometeu-lhe Daryaei.

A primeira-ministra recolocou o telefone no lugar, imaginando se fizera a coisa certa. Ora, se as naus americanas entrassem no Golfo, ela sempre poderia afirmar não tê-las localizado. Aquilo era verdade, não era? Enganos aconteciam, não aconteciam?

— Captei quatro aeronaves decolando de Gasr Amu — anunciou um comandante a bordo do AWACS. A recém-constituída força aérea da URI também estava operando, mas principalmente sobre a parte central do novo país, sendo difícil de ser localizada mesmo a partir da plataforma aérea de radar.

Quem havia planejado isto não estava fazendo um serviço ruim. O quarto quarteto de aviões de passageiros acabara de cruzar o espaço aéreo saudita, a menos de 320 quilômetros dos caças da URI que

estavam subindo ao céu. Até este momento tudo estivera calmo no front aéreo. Nas últimas horas, dois caças haviam sido rastreados, mas provavelmente estavam em revisão, depois de terem sido consertados por algum defeito. Mas isto agora era uma esquadrilha de quatro caças que decolara em dois elementos espaciais bem espaçados. Isso fazia deles caças em missão.

A cobertura aérea atual da Operação CUSTER neste setor era uma esquadrilha de quatro F-16 norte-americanos, orbitando a trinta quilômetros da fronteira.

— Líder Kingston, aqui é Céu Seis, câmbio.

— Céu, aqui é Líder.

— Temos quatro bandidos, a zero-três-cinco da sua posição, anjos dez e subindo, curso dois-nove-zero. Os quatro F-16 americanos moveram-se para oeste para se posicionar entre os caças URI e os aviões de passageiros em rota de aproximação.

A bordo do AWACS, um oficial saudita ouviu a conversa de rádio entre a estação terrestre de radar controlando a esquadrilha de quatro e os caças. Os caças da URI, agora identificados com o F-1 de fabricação francesa, continuaram a se aproximar da fronteira, e então deram a volta a 15 quilômetros dela, finalmente traçando apenas um quilômetro e meio para dentro. Os F-16 fizeram algo muito parecido; os pilotos viram uns aos outros, e examinaram os respectivos caças a três quilômetros de distância, através dos visores protetores de seus capacetes. Os mísseis ar-ar estavam claramente visíveis debaixo das asas de todos os aviões.

— Querem se aproximar e dizer olá? — disse pelo rádio o major da Força Aérea americana liderando os F-16. Não houve resposta. O comboio da Operação CUSTER prosseguiu sem restrições para Dhahran.

O'Day chegou cedo; sem aulas com as quais se preocupar, a babá estava apreciando todo o dinheiro que iria ganhar. A notícia mais importante para todos era que nenhum caso da nova doença fora reportado num raio de 16 quilômetros de sua casa. Apesar da inconveniência, O'Day estava dormindo em casa todas as noites e embora numa das ocasiões só pudesse ter feito isso por quatro horas. Ele não podia ser um pai se não desse um beijo de boa-noite em sua filhinha. Pelo menos o percurso até o trabalho estava fácil. Ele conseguira um carro do FBI. Era mais rápido que sua caminhonete e completo, com uma luz piscante que lhe permitia passar direto por todos os postos de checagem no caminho.

Em sua mesa estavam os resumos de casos das checagens de antecedentes de todos os funcionários do Serviço Secreto. Em cada caso, o trabalho fora feito pela segunda vez. Todos os funcionários do Serviço Secreto precisavam ser submetidos a checagem de antecedentes para receber as permissões de acesso às informações confidenciais que era parte automática de seus trabalhos.

Certidões de nascimento, fotos dos tempos do segundo grau e tudo o mais precisava conferir perfeitamente. Mas dez arquivos haviam revelado pontas soltas, e tudo isso seria verificado mais tarde. O'Day leu todos os arquivos. Ele continuava voltando a se concentrar num deles.

Raman era iraniano de nascença. Mas os Estados Unidos eram uma nação de imigrantes. O FBI originalmente fora construído por irlandeses, principalmente os educados em instituições jesuítas — o Boston College e o Holy Cross tinham sido os favoritos, segundo a lenda —, aparentemente porque J. Edgar Hoover acredita americano com sangue irlandês e educação jesuíta não seria capaz de trair seu país dúvida, isso gerara alguma controvérsia na época, e ela se estendia até os dias de hoje. Mas era de conhecimento geral que os imigrantes costumavam ser os cidadãos mais leais, frequentemente de uma fidelidade feroz. As forças armadas e as agências de segurança costumavam lucrar com isso. Bem, pensou Pat, seria fácil verificar. Bastava a informação do tapete. Ele imaginou quem seria o tal Sr. Sloan. Provavelmente era quem queria um tapete.

As ruas de Teerã estavam silenciosas. Clark não lembrava delas assim quando fora ali pela primeira

vez, entre 1979 e 1980. Sua viagem mais recente tinha sido muito arriscada, mas não ostensivamente perigosa. Sendo jornalistas, eles agiam como jornalistas. Clark reentrou em áreas marcadas, conversando educadamente com as pessoas sobre as condições comerciais, a disponibilidade de comida, o que elas achavam da união com o Iraque, quais eram suas esperanças para o futuro, e tudo que conseguiu foi pura rasgação de seda. Os comentários políticos eram especialmente inócuos, curiosamente carentes da paixão que ele lembrava da crise dos reféns, quando cada coração e mente estava voltado contra todo o mundo exterior — especialmente a América. Morte a América. Bem, eles tinham dado substância àquele desejo, pensou John. Ou pelo menos um deles. Ele não sentia mais aquele ânimo entre as pessoas, pensou John, recordando o joalheiro estranhamente cordial. Talvez quisessem apenas viver, tal como todo mundo. A apatia fazia-o lembrar dos cidadãos soviéticos na década de 80. Tudo que desejavam era continuar vivendo, talvez um pouco melhor, talvez numa sociedade que atendesse às suas necessidades.

Não havia mais uma chama revolucionária neles. Então porque Daryaei faria aquilo? Como seu povo reagiria? A resposta óbvia era que ele havia perdido o contato com o povo, costumava acontecer com os Grandes. Ele tinha seu cortejo de fiéis, e um número maior de pessoas dispostas a passear de ônibus e desfrutar os assentos confortáveis enquanto todos os outros procuravam sair do caminho, mas era só. Esse era um terreno fértil para recrutar agentes, para identificar aqueles que estavam fartos e dispostos. Uma pena que não houvesse tempo para conduzir uma operação apropriada aqui nessas horas. Precisava voltar ao hotel. Seu primeiro dia fora uma perda de tempo e um desperdício de seu disfarce. Seus colegas russos chegariam no dia seguinte.

A primeira ordem de trabalho era checar os nomes Sloan e Alahad. Isso começou com uma consulta ao catálogo telefônico. Com toda certeza, havia um Mohammed Alahad. Ele tinha um anúncio nas Páginas Amarelas. Tapetes persas e orientais. Para a sorte de muitos comerciantes de tapetes, por algum motivo as pessoas não associavam a Pérsia com Irã. A loja ficava na Wisconsin Avenue, a cerca de um quilômetro do apartamento de Raman, o que na verdade não queria dizer nada. Similarmente um Sr. Joseph Sloan no catálogo; seu telefone era 536-4040, enquanto o de Raman 1040. Um erro de um dígito, o que explicava facilmente o número errado na secretária eletrônica do agente do Serviço Secreto.

O passo seguinte era puramente burocrático. Os registros informatizados das chamadas telefônicas foram checados por comandos de computador. A quantidade de chamadas era imensa, o que demandou quase um minuto para a operação, mesmo com o período das datas prováveis... e afinal a resposta apareceu no monitor do agente para 202-536-3040 de 202-459-6777. Mas esse não era o número da Alahad, era? Uma checagem adicional revelou o 6777 como um telefone público a dois quarteirões da loja. Esquisito. Se ele estava tão perto da casa, por que gastaria uma moeda de 25 cents para dar um telefonema?

Por que não checar de novo? O agente era o gênio tecnológico de seu esquadrão, jeans e um corte de cabelo rebelde. Ele poderia ter sido um ladrão de bancos extraordinário, mas considerara trabalhar para a contrainformação mais ao seu gosto. Era como as aulas de engenharia que frequentava nos tempos de faculdade. Precisava apenas de um pouco de atenção para entender tudo e ser considerado brilhante. Ele também descobrira que os espões estrangeiros que ele perseguia sentiam mais ou menos a mesma coisa que ele.

Hmm... em todo o mês passado não Havia nenhum telefonema fora dado da loja de tapetes para 536-4040. Ele recuou mais um mês. Não. Que tal a outra direção? Não, 536-4040 jamais telefonara para 457-1100. Agora, se Raman tinha encomendado um tapete... por que não houvera um telefonema a esse respeito nas duas direções?

O agente inclinou-se até a mesa ao lado.

— Sylvia, quer dar uma olhada nisto?

— O que é, Donny?

A CORCEL NEGRO estava totalmente no solo agora. A maioria estava em sem veículos próprios ou cuidando de seus aviões. O 11°RCB consistia em 123 tanques de batalha, 16 canhões móveis M109A6 Paladin 155mm e oito sistemas de pistas de lançamentos múltiplos de foguetes M270, mais um total de 83 helicópteros, 26 dos quais aeronaves de ataque Apache AH-54D. Essas eram as plataformas de tiro. Eram apoiadas por centenas de veículos leves — em sua maioria, caminhões para transporte de combustível, alimentos e munições —, mais vinte extras conhecidos localmente como Bufálos-d'água, uma necessidade vital nesta parte do mundo.

A primeira ordem de trabalho era tirar todo mundo do sítio POMCUS. Os veículos de pistas foram conduzidos em trailers no percurso para norte até Abu Hadriyah, uma cidadezinha com um aeroporto e o ponto de encontro para o 11° RCB. À medida que cada veículo era tirado de seu armazém, ele parava num ponto selecionado previamente, marcado com tinta vermelha. Ali os sistemas de navegação GPS eram usados contra um ponto de referência conhecido. Duas das caixas IVIS estavam desligadas. Uma delas anunciava o fato sozinha, enviando uma mensagem de rádio codificadas para a tropa de apoio do regimento, exigindo que fosse substituída e consertada outra estava completamente anulada, e a tripulação teve de descobrir isso sozinha, o quadrado vermelho e grande ajudou.

Os caminhões dos trailers foram conduzidos por paquistaneses, algumas centenas dos milhares importados para o Reino Saudita para realizar trabalhos simples. Para as guarnições dos tanques Abrams e Bradley foi um momento emocionante, porque tiveram de trabalhar dentro de seus carros de combate para se certificar de que tudo e funcionando. Com os trabalhos rotineiros acabados, motoristas, carregadores e comandantes enfiaram as cabeças para fora de suas escotilhas, esperando desfrutar a paisagem. O que viram foi diferente do Forte Irwin, mas não incrivelmente empolgante. A havia um oleoduto. A oeste um monte de nada. Mesmo assim, a vista era melhor do que aquela que haviam desfrutado no voo. Todos observaram a paisagem, menos os atiradores de canhão, muitos dos quais estavam lutando contra câibras terríveis, um problema comum para pessoas que precisavam trabalhar horas a fio na mesma posição. Pelo menos o percurso não demoraria muito; aparentemente, os caminhoneiros locais recebiam por milhas e não por hora. Eles dirigiam como maníacos.

Os soldados da Guarda Nacional estavam começando a chegar. Eles não tinham nada a fazer no momento além de armar as tendas providenciadas para eles, beber litros e litros de água, e se exercitar.

A Agente Especial Supervisora Hazel Loomis comandava esta equipe de dez agentes. Sissy Loomis estava no FCI desde o começo de sua carreira, virtualmente toda ela em Washington. Aproximando-se dos quarenta anos, ainda tinha a aparência de líder de torcida que servira-a tão bem em seus dias como agente de rua. Ela também tinha vários casos bem-sucedidos sob o cinto.

— Isto parece um pouco esquisito — disse-lhe Donny Selig, pousando suas anotações na mesa de Hazel.

Não foi preciso muita explicação. Contatos telefônicos entre agentes jamais incluíam as palavras Estou com o microfilme. As mensagens mais inócuas eram pré-selecionadas para conduzir informações adequadas. Esse era o motivo pelo qual eram chamadas palavras código. Loomis examinou as informações, e em seguida olhou para cima.

— Pegou os endereços?

— O que você acha, Sis? — disse Selig.

— Então vamos ver o Sr. Sloan.

A única parte ruim de ser promovida era que, sendo supervisora, Hazel Loomis não tinha muita oportunidade de pôr as mãos na massa. Mas não desta vez, disse Loomis pensou com os seus botões.

Pelo menos o Strike Eagle F-15E possuía uma tripulação de dois integrantes, permitindo ao piloto e ao operador de sistemas de armas conversarem durante o voo interminável. O mesmo era válido para as seis tripulações de bombardeiros B-1B; o Lancer tinha área suficiente para que as pessoas pudessem deitar e dormir — para não mencionar um vaso sanitário. Isso significava que, ao contrário das tripulações dos caças, eles não precisariam tomar banho imediatamente ao chegar a Al Kharj, seu destino final, ao de Riad.

A 366ª Esquadrilha de Combate Aéreo possuía três postos especiais pelo mundo. Eram bases em locais previsivelmente problemáticos, com equipamento de apoio, combustível e instalações mantidas por pequenas equipes de serventes. A eles se juntariam os homens da 366ª, que estavam chegando principalmente em aviões de passageiros.

O novo contingente incluía tripulações de combate adicionais, de modo que, teoricamente, a tripulação que estivesse vindo da base da Força Aérea em Idaho pudesse dormir, enquanto outras equipes de apoio poderiam, teoricamente, conduzir as aeronaves em batalha. Felizmente para todos os envolvidos, isso não seria necessário. Homens e mulheres da Força Aérea trouxeram seus aviões para pousar, taxiaram até seus abrigos e desembarcaram, passando suas incumbências para a equipe de manutenção. Antes de mais nada os tanques de combustível foram removidos e trocados por dispositivos para suporte de armas, enquanto as equipes dirigiam-se a banhos demorados e reuniões com oficiais de informação. Durante um período de cinco horas, toda a força de combate do 366ª permaneceu na Arábia Saudita, menos um F-16C, que apresentara problemas com os instrumentos e tivera de mudar de curso para a base da Força Aérea Real de Bentwaters, na Inglaterra.

— Sim?

A velha não estava usando máscara cirúrgica. Sissy Loomis deu-lhe uma.

Essa era a última forma de saudação na América.

— Bom dia, Sra. Sloan. FBI — disse a agente, segurando sua identificação.

— Sim? — Ela não estava intimidada, mas sim surpresa.

— Sra. Sloan, estamos conduzindo uma investigação e gostaríamos de fazer-lhe algumas perguntas.

Precisamos apenas esclarecer uma coisa. A senhora pode nos ajudar?

— Acho que sim.

A Sra. Joseph Sloan tinha mais de sessenta anos, vestia-se bem e parecia simpática, ainda que um pouco surpresa com aquilo. Dentro de seu apartamento, o televisor estava ligado, sintonizado, a julgar pelo som, numa estação local. A previsão do tempo estava sendo anunciada.

— Podemos entrar? Este é o agente Don Selig — disse Loomis, apontando com a cabeça para seu mago técnico. Como sempre, seu sorriso amigável ganhou o dia; a Sra. Sloan nem mesmo colocou a máscara.

— Mas é claro. — A dona da casa afastou-se da porta para dar passagem aos agentes. Sissy Loomis precisou dar apenas uma olhada em torno para perceber que alguma coisa não estava completamente certa aqui. Para começar, não havia nenhum tapete persa na sala de estar — em sua experiência, as pessoas não compravam apenas uma dessas coisas. Além disso, o apartamento era limpo demais.

— Desculpe-me, o seu marido está? A resposta foi imediata. E dolorosa.

— Meu esposo faleceu em setembro último — disse à agente.

— Oh, sinto muito, Sra. Sloan. Não sabíamos.

E com essa informação, uma investigação de rotina mudou para algo bem diferente — Ele tinha mais idade que eu. Joe estava com 78 — disse a mulher, apontando para uma foto na mesinha de centro: duas pessoas muitos anos atrás, o homem com cerca de trinta, a mulher ainda não na casa dos vinte.

— O nome Alahad significa alguma coisa para a senhora? — perguntou Loomis depois de se sentar.

— Não. Deveria?

— Ele vende tapetes persas e orientais.

— Oh, não temos nenhum tapete. Sou alérgica a lã, sabia?

Passagem Noturna

— Jack? — Os olhos de Ryan piscaram antes de abrir completamente; o sol estava brilhando através das janelas. Olhando o relógio de pulso, viu que passava das oito da manhã.

— Mas que merda é essa? Por que ninguém me...

— Você não acordou nem com o alarme do despertador — disse-lhe Cathy. — Andréa disse que Arnie mandou deixar você dormir até mais ou menos esta hora. Também achei que precisava — acrescentou CIRURGIÃ. Ela mesma dormira mais de dez horas antes de acordar às sete. — Dave mandou-me tirar o dia de folga.

Jack se levantou e caminhou imediatamente até o banheiro. Quando retornou, Cathy, usando seu casaco de ficar em casa, deu-lhe seus relatórios de atualização. O presidente ficou imóvel no centro do quarto, lendo os documentos. A razão dizia-lhe que se alguma d usa séria houvesse acontecido, eles o teriam acordado — ele já tinha dormido apesar do alarme do despertador antes, mas jamais deixava de acordarão toque de um telefone. Os relatórios disseram-lhe que tudo estava, se não exatamente bem, então relativamente estável. Dez minutos depois, ele estava vestido. Aproveitou a oportunidade de dizer olá aos filhos e beijara esposa. Então saiu.

— ESPADACHIM em movimento — disse Andréa por seu microfone. — Sala de Situação? — perguntou a POTUS.

— Sim. De quem foi a ideia de...

— Presidente, foi do chefe de gabinete, mas ele tinha razão, senhor.

Ryan olhou para Andréa enquanto a agente apertava o botão para o térreo.

— Acho que fui voto vencido, então.

Era evidente que a equipe de segurança nacional passara a noite em claro em seu benefício. Ryan tinha café à sua espera.

— Muito bem, o que está acontecendo lá fora?

— COMEDIA está agora 230 quilômetros além dos indianos. Acredita que eles Permaneceram seus postos de patrulha atrás de nós? — disse o almirante Jackson ao seu comandante-em-chefe.

— Jogando nos dois lados da rua — concluiu Ben Goodley.

— É uma boa forma de ser atropelado por carros vindo nas duas direções — teorizou Arnie.

— Prossiga.

— A Operação CUSTER está sendo realizada. A 366 está toda na Arábia Saudita, com exceção de um caça quebrado que precisou desviar-se para a Inglaterra. O 11º RCB está saindo de seu sítio de armazenagem para uma área de reunião. Até agora, tudo bem — disse o J-3. — O outro lado destacou alguns caças para a fronteira, mas nós e os sauditas tínhamos uma força de bloqueio e não aconteceu nada além de algumas caras feias.

— Alguém acha que eles irão recuar? — perguntou Ryan.

— Não. — A resposta veio de Ed Foley. — Eles não podem, não agora.

O encontro aconteceu a oitenta quilômetros do cabo Rass al Hadd, a extremidade sudoeste da

península Arábica. Os cruzadores Normandy e Yorktown, o destróier John Paul Jones, e as fragatas Underwood, Doyle e Nicholas assumiram uma posição a retaguarda, de modo que o Platte e o Supply pudessem juntar-se a eles depois de virem a todo vapor de Alexandria.

Helicópteros conduziram os comandantes até o Anzio, cujo comandante era o mais graduado, para uma discussão de uma hora sobre a missão. Seu destino era Dhahran. Para chegar lá teriam de seguir para sudeste pelo estreito de Hormul.

O percurso levaria mais de seis horas, e eles chegariam às 8:20 da noite, hora local. O estreito tinha 32 quilômetros de comprimento e salpicado de ilhas, além de ser um dos caminhos aquosos mais navegados do mundo — mesmo agora, apesar da crise crescente. Os supertanques, um dos quais deslocava mais água que todas as naus de guerra na agora designada TF-61.1 combinadas, eram apenas as embarcações mais conhecidas em trânsito na área. Havia também cargueiros enormes ostentando as bandeiras de dez nações, e até mesmo um cargueiro de níveis múltiplos que parecia um edifício-garagem de uma cidade grande, transportando carneiros vivos da Austrália. O cheiro desse navio era famoso em todos os oceanos do mundo. O estreito era coberto por radar para estabelecer controle de tráfego — a possibilidade de uma colisão entre dois supertanques aqui era remota —, o que significava que o TF-61.1 dificilmente seria capaz de passar sem ser notado. Mas havia algumas coisas que podiam ser feitas. No ponto mais estreito os navios da Marinha seguiriam para o sul, esquivando-se através das ilhas pertencentes a Omã, e com sorte um pouco obscurecidos por elas. Em seguida se moveriam para de Abu Musa, passariam pela miríade de plataformas de petróleo, novamente usando como cobertura contra radar, e então descreveriam uma linha reta até Dhahran, passando pelos mini-Estados de Qatar e Bahrein. A oposição, diziam os agentes, incluía de origem americana, inglesa, russa, chinesa e francesa, todas armadas com algum tipo de míssil. As embarcações mais importantes no grupo, evidentemente, estavam totalmente desarmadas. Mantendo sua formação em caixa, o Anzio iria liderá-los, 1800 metros a frente. O Normandy e o Yorktown assumiram posição 1.800 metros a estibordo, com Jones em seu rastro. As duas embarcações de reabastecimento que estavam a caminho, e o OBannon e todas as fragatas acompanhando-as de perto, formariam um segundo grupo. Os helicópteros estariam no ar, para patrulhar e, com seus transceptores de radar ligados, para simular alvos muito maiores. Os diversos comandantes concordaram com o plano e esperaram por seus helicópteros para levá-los de volta aos seus navios.

Era a primeira vez em eras que uma formação naval americana estava na linha de fogo sem um porta-aviões para apoiá-la de perto. Com os tanques cheios de combustível, o grupo formou-se conforme o planejado, apontou suas proas para noroeste e se colocou em movimento a 26 nós. Às seis da tarde, hora local, uma esquadrilha de quatro caças F-16 passou voando sobre suas cabeças, tanto para dar aos navios Aegis uma oportunidade de praticar controle de mira contra alvos vivos, quanto para verificar os códigos IFF a serem usados na missão daquela noite.

Logo perceberam que Mohammed Alahad era um cidadão extremamente comum. Chegara aos EUA havia mais de 15 anos. Supostamente viúvo e sem filhos. Dirigia um negócio decente e lucrativo numa das melhores ruas comerciais de Washington. E estava, na verdade, trabalhando naquele momento. Embora a placa de FECHADO estivesse na porta, supuseram que Alahad não tinha nada melhor a fazer além de ficar sentado na loja contando seu dinheiro.

Um dos integrantes do esquadrão de Loomis caminhou até a loja e bateu na porta. Alahad veio abri-la. Seguiu-se uma conversa curta, com os gestos esperados, e eles puderam adivinhar o que estava sendo dito. Desculpe, mas estamos fechados; todos os negócios estão suspensos por causa da ordem do presidente... sim, claro, mas eu não tenho nada para fazer, e nem o senhor, certo? — Sim, mas é uma ordem e... ei, quem vai ficar sabendo. Finalmente o agente entrou, usando sua máscara cirúrgica. Permaneceu dez minutos ali antes de sair, dobrar a esquina e fazer uma chamada de rádio de seu carro.

— E uma loja de tapetes — disse o agente a Loomis pelos canal codificado de rádio. — Se queremos

vasculhar o local, teremos de esperar.

Já havia uma escuta na linha telefônica do vendedor de tapetes, mas até agora ele não dissera nem recebera qualquer ligação.

A outra metade do esquadrão de Loomis estava no apartamento de Alahad.

Ali acharam uma foto de uma mulher e uma criança, provavelmente seu filho, usando algum tipo de uniforme. Tinha provavelmente 14 anos, pensou o agente, fotografando-os com uma Polaroid. Mas, novamente, tudo ali era completamente normal. Era exatamente a forma como um homem de negócios, ou um espião, viveria na área de Washington. Eles tinham nas mãos o começo de um caso, mas não provas suficientes para levar a um juiz, certamente não para uma autorização de busca. Contudo, esta era uma investigação de segurança nacional envolvendo a segurança pessoal do presidente, e o quartel-general dissera-lhes que não havia regras. Tecnicamente, já haviam cometido duas violações da lei ao invadir dois apartamentos sem autorização judicial, e mais duas ao violar duas linhas telefônicas. Depois de terminar todo esse trabalho, Loomis e Selig seguiram até o prédio residencial do outro lado da rua.

Com o porteiro, ficaram sabendo que havia um apartamento vago de frente para a loja de Alahad. Pegaram as chaves para o apartamento sem a menor dificuldade e montaram sua vigilância da fachada da loja, enquanto mais dois agentes vigiavam a porta dos fundos. Em seguida, Sissy Loomis usou seu telefone celular para ligar para o quartel-general. Talvez não fosse suficiente para levar para um juiz ou um promotor, mas era o bastante para conversar sobre o assunto com um outro agente.

O outro suspeito potencial ainda não estava completamente limpo, percebeu O'Day. Os dois suspeitos eram Raman e um agente negro cuja esposa era uma muçulmana que estava claramente tentando converter o marido — mas o agente conversava sobre isso com seus camaradas e havia em sua ficha uma anotação de que seu casamento como o de outros no Serviço, estava indo por água abaixo. O telefone tocou.

— Inspetor O'Day.

— Pat? É Sissy.

— O que descobriram sobre Raman? — O'Day trabalhara em três casos com ela, todos envolvendo espiões russos. A líder de torcida tinha dente de pitbull quando mordida alguma coisa.

— Sabe mensagem na secretária eletrônica dele, o engano?

— Sei.

— Nosso vendedor de tapetes estava ligando para um morto cuja esposa é alérgica a lã — relatou Loomis.

Bingo.

— Continue, Sis.

Loomis leu suas anotações e as informações colhidas pelas pessoas que haviam entrado no apartamento do comerciante.

— Parece que estamos no caminho certo, Pat. Tudo nesta situação é certinho demais. Os casos parecem tão normais que não chamam a menor atenção. Mas por que ele usaria o telefone público, exceto por estar preocupado com alguém ter grampeado a sua linha? Por que ligar para um morto por engano? E por que o número errado tinha de ser de alguém da segurança presidencial?

— Bem, Raman está fora da cidade.

— Mantenha-o por lá — aconselhou Loomis.

Eles não tinham um caso. Eles ainda estavam cavando a causa provável. Se prendessem Alahad, ele teria o bom senso de pedir um advogado... mas o que um advogado faria? Alahad dera apenas um telefonema. Não precisaria defender-se de um telefonema. Tudo que precisava fazer era não abrir a boca.

Seu advogado diria que havia ocorrido algum tipo de equívoco — Alahad provavelmente tinha até uma explicação plausível já preparada; ele manteria a explicação no bolso, claro — pediria provas, e o

FBI não teria nada para mostrar.

- Não temos muito o que fazer por enquanto, não é?
- Pelo menos já estamos cientes da situação, Pat.
- Preciso conversar sobre isso com Dan. Quando vai examinar a loja?
- Esta noite.

Os soldados da CORCEL NEGRO já estavam completamente exaustos.

Ainda que fossem soldados com ótimo condicionamento físico e treinados para operações no deserto, haviam passado dois terços de um dia em aviões com ar seco e imobilizados em poltronas, suas armas pessoais guardadas nos compartimentos de carga acima de suas cabeças — elas sempre provocavam uma reação curiosa nas aeromoças. E então haviam desembarcado onze fusos horários de casa e em meio a um calor escaldante. Mas eles fizeram o que precisavam fazer.

Primeiro veio a artilharia. Os sauditas haviam criado uma enorme galeria de tiro para seu próprio uso, com alvos móveis de aço em distâncias que iam de trezentos a cinco mil metros. Os artilheiros analisaram suas armas, e então as experimentaram, usando munição verdadeira em vez de festim, e então aprenderam que os cartuchos de guerra eram muito mais precisos, os projéteis voando direto através do ponto, significando a marcação circular no centro de seus sistemas de mira. Depois que saltavam dos trailers de transporte, os motoristas exercitavam seus veículos para ter certeza de que tudo funcionava a contento; os tanques e os Bradleys estavam nas condições quase perfeitas prometidas durante o voo. As checagens de rádio foram feitas de modo que todos pudessem conversar entre si. Em seguida verificaram as importantíssimas conexões de dados IVIS. As tarefas mais banais vieram por último. Os tanques M1A2 destacados pelos sauditas ainda não dispunham da modificação mais nova nessa série de veículos, as gavetas de armazenagem. Em vez disso havia gaiolas enormes de arame onde se guardavam coisas pessoais, especialmente água. Uma por uma, as tripulações conduziam os veículos através de seus cursos. Cada guarnição dos tanques Bradley chegou até mesmo a disparar um único míssil. Em seguida, entraram na área de reabastecimento, pegando nova munição para substituir o que fora consumido na galeria de tiros.

Tudo estava calmo e profissional. Tendo como função o treinamento regular de outros soldados para a bela arte da morte mecanizada, os homens da CORCEL NEGRO estavam profundamente desacostumados à rotina da ação num campo real. Precisavam lembrara a si mesmos que este não era o seu deserto — todos os desertos eram muito parecidos; este, contudo, não tinha arbustos e coiotes. Tinha camelos e mercadores. Os sauditas honraram suas leis de hospitalidade provendo alimentos e refrigerantes em abundância para os soldados, enquanto seus superiores conferenciavam debruçados sobre mapas e bebendo o café amargo da região.

Marion Diggs não era um homem grande. Homem de blindados a vida inteira, sempre gostara da capacidade de direcionar sessenta toneladas de aço com as pontas dos dedos, de esticar a mão e tocar o veículo de outra pessoa a cinco quilômetros de distância. Agora era um comandante, dirigindo com eficácia uma divisão, mas com um terço dela a centenas de quilômetros ao sul, e outro terço a bordo de alguns navios que iriam realizar Uma linha de defesa ainda naquela noite.

— E então, contra o que exatamente estamos lutando? O quanto eles estão preparados — perguntou o general.

Foram trazidas fotos de satélites, e o oficial de informação mais graduado, baseado na Cidade Militar Rei Khalid, começou sua palestra de instrução. Ela demorou trinta minutos tensos, durante os quais Diggs permaneceu de pé.

Estava cansado de ficar sentado.

— STORM TRACK reporta tráfego de rádio mínimo — reportou o oficial de instrução, um coronel.
— A propósito, precisamos lembrar que eles estão muito expostos onde se encontram.

— Tenho uma companhia se movendo para cobrir isso — reportou um oficial saudita.

— Devem estar posicionados pela manhã.

— O que a Búfalo está fazendo? — perguntou Diggs.

Outro mapa foi trazido. Todas as disposições do Kuwait pareceram corretas aos olhos de Diggs.

Apenas a força de frente disposta em muralha, com as três brigadas pesadas em posição para conter uma penetração. Ele conhecia Magruder. Na verdade, conhecia todos os três comandantes dos esquadrões de campo. Se a URI atacasse aí primeiro, a Força Azul, em desvantagem numérica ou não, deixaria a Vermelha com o nariz sangrando.

— Intenções do inimigo? — foi sua pergunta seguinte.

— Desconhecidas, senhor. Ainda há elementos nesta situação que não entendemos Washington nos instruiu a esperar um ataque, mas não disse o motivo.

— E quando seria o ataque?

— Esta noite ou amanhã de manhã, é o máximo que posso dizer, senhor — replicou o oficial de informação. — Oh, mandaram gente de imprensa para nós. Chegaram há algumas horas. Estão num hotel em Riad.

— Mas que maravilha.

— Na falta de conhecimento do que eles planejam fazer...

— O objetivo é claro, não é? — observou o comandante saudita. — Nossos vizinhos xiitas têm todo o deserto de que precisam. — Ele cutucou o mapa. — Aí está o centro gravitacional de nossa economia.

— General? — perguntou outra voz. Diggs se virou para a esquerda.

— Coronel Eddington?

— O centro de gravidade é político, não militar. Precisamos manter isso em mente, cavalheiros — comentou o coronel da Carolina. — Se eles querem ir até os campos petrolíferos da costa, teremos de preparar cuidadosamente a estratégia de defesa.

— Eles estão em superioridade numérica, Nick. Isso lhes concede um certo grau de flexibilidade estratégica. Senhor, estou vendo muitos caminhões-tanques nessas fotos — observou o general americano.

— Eles pararam na fronteira do Kuwait da última vez porque ficaram sem combustível — recordou-os o comandante saudita.

O exército saudita — na verdade conhecido como sua Guarda Nacional — consistia em cinco brigadas pesadas, quase todas com equipamentos norte-americanos. Estavam posicionadas ao sul do Kuwait, com uma em Ras al Khafji, sítio da única invasão ao reino, mas Khafji estava junto a água, e ninguém esperava um ataque por mar. Não era incomum para os soldados se prepararem para lutar a última guerra, recordou o americano.

Da sua parte, Eddington recordou uma citação de Napoleão. Quando lhe foi mostrado um plano de defesa que tinha tropas posicionadas igualmente na fronteira francesa, ele perguntara ao oficial se a ideia era impedir o contrabando. Aquele conceito defensivo recebera a patina da legitimidade pela doutrina da OTAN de defesa avançada na fronteira alemã interna, mas nunca fora testado, e se havia um lugar onde se podia trocar espaço por tempo, era o deserto saudita. Eddington não expressou esse pensamento em palavras. Ele era inferior a Diggs, e os sauditas muito possessivos em relação ao seu território, como era a maioria das pessoas. Ele e Diggs trocaram um olhar. O 10º RCB era a força de reserva para os kuwaitianos, e o 11º desempenharia a mesma função para os sauditas. Isso poderia mudar quando seus soldados da Guarda Nacional se estabelecessem em Dhahran, mas por enquanto este destacamento teria de bastar.

Um grande problema com a situação era o relacionamento de comando.

Diggs era um uma-estrela — um tremendo uma-estrela, Eddington sabia, mas apenas um general de brigada. Se o comandante do Centro Nacional de Treinamento tivesse sido capaz de vir, ele teria status

de posto para fazer sugestões mais firmes aos sauditas. Evidentemente; o coronel Magruder, da Divisão Blindada Búfalo, estava na mesma situação, mas a posição de Diggs era apenas um pouco mais delicada.

— Bem, teremos alguns dias, de qualquer modo. — O general americano se virou. — Posicionem mais dispositivos de reconhecimento. Se aquelas seis divisões peidarem, quero saber o que comeram no jantar.

— Teremos Predators no ar ao pôr do sol — prometeu o coronel de informação. Eddington saiu para acender um charuto. Ele logo percebeu que não precisava ter se preocupado; todos os sauditas fumavam.

— E então, Nick? — perguntou Diggs, juntando-se a ele.

— Uma cerveja cairia bem.

— Apenas calorias vazias — observou o general.

— Chances de quatro para um, e eles têm a iniciativa. Isso se meu pessoal receber seu equipamento em tempo. Isto pode ficar muito interessante, Diggs. — Outra baforada. — As tropas deles são uma merda. — Uma frase adquirida de seus alunos, pensou seu superior. — A propósito, como estamos chamando isto?

— BUFORD, Operação BUFORD. Escolheu uma alcunha para sua brigada, Nick?

— O que você acha de MATILHA? É a escola errada, mas TARHEEL simplesmente não soa direito. Esta porcaria está acontecendo rápido demais, general.

— Uma lição que o outro lado deve ter aprendido com a última guerra é não nos dar tempo para acumular nossas forças.

— É verdade. Bem, preciso falar com meu pessoal.

— Use o meu helicóptero — disse-lhe Digs. — Vou ficar aqui ainda algum tempo.

— Sim, senhor. — Eddington bateu continência, virou-se e começou a caminhar. Então se virou novamente. — Diggs?

— Sim?

— Talvez não estejamos tão bem treinados quanto Hamm e seus rapazes, mas daremos conta do recado, está ouvindo?

Eddington bateu continência novamente, jogou fora o charuto e caminhou até o Black Hawk.

Nada se move tão silenciosamente quanto um navio. Um automóvel movendo-se a essa velocidade, uma fração abaixo de 48 quilômetros por hora, gera um ruído que se pode ouvir a centenas de metros numa noite calma, mas um navio não produzia som algum além do sibilar baixo de aço cortando o que naquele momento eram águas calmas, e esse som não se propagava até muito longe. As pessoas a bordo podiam sentir as vibrações do motor, ou ouvir a respiração das turbinas, mas isso era tudo, e esses sons raramente se propagavam até mais de noventa metros sobre a água, à noite. Apenas o sibilar, e por trás de cada navio um rastro de espuma, uma sombra espectral verde na água devido aos microrganismos trazidos à tona pela onda de pressão de sua passagem, e cintilando como em algum tipo de protesto biológico. Para as pessoas nos navios, aquilo parecia infernalmente brilhante. Em cada passadiço as luzes estavam desligadas para que a visão noturna não fosse prejudicada. As luzes de navegação estavam apagadas, uma violação das leis de trânsito nestas águas confinadas. Os observadores usavam binóculos convencionais e equipamentos de ampliação de luz para olhar ao longe. A formação estava agora na parte mais estreita da passagem.

Em cada centro de informações de combate, as pessoas estavam debruçadas sobre gráficos e mapas, falando aos sussurros para que ninguém, de algum modo, pudesse escutar. Os fumantes sonhavam com espaços para desfrutar seu vício em meio àquele ambiente antisséptico, e aqueles que tinham largado o cigarro também desejavam uma tragada. Mas ninguém podia fumar; a causa era algum tipo de risco à saúde, recordaram enquanto contemplavam os mísseis superfície-superfície montados em plataformas a

14 mil metros deles, cada qual com uma tonelada de explosivos logo atrás da cabeça sensora de calor.

— Dobrando à esquerda, nova marcação dois-oito-cinco — reportou o oficial de convés no Anzio.

No gráfico principal, havia mais de quarenta alvos, como eram chamados os contatos de radar, cada um com um vetor mostrando marcação e velocidade aproximados. O número de objetos em aproximação e afastamento era mais ou menos o mesmo. Alguns eram enormes, como os supertanques, cujos reflexos de radar tinham quase o mesmo tamanho que o reflexo de uma ilha de tamanho médio.

— Bem, conseguimos chegar até aqui — disse Weps ao comandante Kemper.

— Talvez eles estejam dormindo.

— E talvez exista mesmo uma Grande Abóbora, Charlie Brown.

No momento, apenas os radares de navegação estavam ligados. Os iranianos/URIrianos tinham de ter equipamentos de medidas de vigilância eletrônica lá fora, mas se estavam mantendo uma patrulha fixa no estreito de Hormuz, eles ainda não a haviam localizado, Havia alvos inexplicáveis. Botes de pesca? Contrabandistas? Alguém numa viagem do férias? Não havia como saber. Provavelmente o inimigo era um pouco reticente quanto a mandar suas embarcações para muito além da linha central do estreito. Os árabes eram tão territoriais quanto todo mundo, acreditava Kemper.

Todos os navios estavam em postos de batalha. Todos os sistemas de combate estavam acionados, mas em modo de descanso. Se alguém se movesse em sua direção, eles tentariam primeiro obter um registro visual. Se alguém os acendesse com um radar de mira, então o navio no azimute mais nítido elevaria um pouco seu nível de alerta e veria se estava acontecendo uma aproximação.

Mas isso seria difícil. Todos esses mísseis possuíam cabeças sensoras de calor, o estreito estava cheio, e um míssil poderia atingir alguma coisa sem querer. O outro lado não podia estar com o dedo cocando tanto no gatilho. Eles talvez até acabassem sacrificando alguns milhares de ovelhas, pensou Kemper com um sorriso. Por mais tensa que fosse esta parte da missão, a tarefa para o outro lado não era tão fácil assim.

— Mudança de marcação na trilha quatro-quatro, vindo pela esquerda — anunciou um contramestre.

Esse era um contato de superfície imediatamente dentro das águas URIanas, a 11 quilômetros de distância. Kemper inclinou-se para a frente. Um comando de computador mostrou a marcação-trilha do contato nos últimos vinte minutos. Ele tinha se movido meramente a velocidade de cruzeiro, cerca de cinco nós. Estava agora em dez nós, e tinha mudado de curso... na direção do grupo de retaguarda. Esses dados foram transmitidos para o USS OBannon, cujo comandante era o oficial mais velho do grupo. O alcance entre as duas embarcações era de 14 mil quilômetros e diminuindo.

As coisas ficaram mais interessantes. O helicóptero do Normandy aproximou-se da trilha por trás, mantendo-se baixo. Os pilotos viram um espirro verde-esbranquiçado rumo se a embarcação desconhecida tivesse aumentado de velocidade, estremeando a água e perturbando mais os organismos que de alguma forma sobreviviam a toda a poluição daqui. Uma elevação súbita de velocidade significava...

— É uma canhoneira — reportou o piloto. — O alvo acaba de aumentar a velocidade.

Kemper franziu a testa. Ele tinha uma escolha agora. Fazer nada, e assim talvez nada acontecesse. Fazer alguma coisa, e correr o risco de alertar o outro lado. Mas se a embarcação inimiga disparasse primeiro, o inimigo ficaria sabendo de alguma coisa, não é mesmo? Talvez. Talvez não. Era um conjunto complexo de informações para cinco segundos. Ele aguardou mais cinco.

— Alvo é um barco lança mísseis, vejo duas plataformas de lançamento, alvo está se mantendo em curso.

— Ele está seguindo uma linha direta até o OBannon, senhor — reportou Weps.

— Conversa de rádio, tenho conversa de rádio em UHF, azimute zero-um-cinco.

— Mande disparar — disse Kemper instantaneamente.

— Dispare! — ordenou Weps pelo canal de voz para o helicóptero.

— Entendido, mirando!

— Combate, senhor, tenho um lampejo como um lançamento de míssil... dois, senhor — anunciou um alto-falante.

— Faça uma varredura... — Mais dois lançamentos, senhor Merda, pensou Kemper. Talvez optem por VB Bponm dois mísseis antinavios Penguin. O inimigo disparara os dois primeiros. E ele não podia fazer nada agora, o grupo de retaguarda estava cumprindo sua missão. Estava sendo alvo de disparos.

— Dois vampiros em rota de aproximação... alvo destruído — acrescentou o piloto, anunciando a destruição do barco lança mísseis, confirmada um momento depois por outro observador. — Repito, dois vampiros em rota de aproximação para o OBannon.

— Silkworms são alvos grandes — disse Weps.

Eles observaram insatisfatoriamente a mini batalha. As telas de navegação-radar mostraram o OBannon mudando de curso. Isso desmascararia seu sistema de defesa de mísseis, localizado bem atrás dele. Também proveria um imenso alvo de radar para os mísseis inimigos. O destróier não ordenara às suas embarcações de retaguarda que disparassem, por recear que deter os mísseis em aproximação apenas iria distraí-las dos navios de reabastecimento que estavam protegendo. Uma decisão automática?, imaginou Kemper Uma decisão bem ponderada? De qualquer modo, havia sido um ato de coragem. O radar de iluminação do destróier apareceu. Isso significava que o OBannon estava disparando seus mísseis, mas o radar de navegação não podia dizer. Então pelo menos uma das fragatas juntou-se ao destróier.

— Lampejos na popa — anunciou em seguida o observador em posição mais elevada. — Uau, esse foi um grandão! Lá vem outro! — Então cinco segundos de silêncio — OBannon para o grupo, estamos bem — reportou uma voz. Por enquanto, pensou Kemper.

Os Predators estavam no ar, três deles, um para cada corpo bélico acampado a sudoeste de Bagdá, circulando pelo ar apenas no dobro da velocidade de um tanque Nenhum deles chegou tão longe quanto planejado. A quarenta quilômetros antes de seus objetivos, suas câmeras térmicas mostraram as formas reluzentes de veículos blindados. O Exército de Deus estava em movimento. Os dados enviados para STORM TRACK foram retransmitidos instantaneamente para a Cidade Militar Rei Khalid, e de lá para o mundo inteiro.

— Mais dois dias teria sido bom — pensou Ben Goodley em voz alta.

— O nosso pessoal está pronto? — perguntou Ryan, virando-se para o J-3.

— O 10° está pronto para o pau. O 11° precisa pelo menos de um dia. A outra brigada, ainda não está nem mesmo com seus equipamentos — replicou Jackson.

— Quanto tempo falta para o contato? — perguntou o presidente em seguida.

— Pelo menos 12 horas, talvez 18. Depende de para onde eles estão indo, exatamente.

Jack assentiu.

— Arnie, Callie já foi instruída a respeito de tudo isto?

— Não, nem uma palavra.

— Então providencie. Tenho um discurso a fazer.

Alahad devia ter ficado entediado de gerir um negócio sem fregueses, pensou Loomis. Ele saiu cedo, caminhou até onde seu carro estava estacionado e saiu com o veículo. Segui-lo por ruas tão vazias provavelmente seria muito fácil. Alguns minutos depois, ele foi observado estacionar seu carro e entrarem seu prédio. Então ela e Selig saíram Jade na qual tinham estado posicionados, atravessaram a

rua e caminharam até os fundos. Havia duas trancas na porta, que exigiram dez minutos do agente júnior, para sua própria irritação. Então veio o sistema de alarme, mas desarmá-lo foi mais fácil. Era um sistema antigo, com um código de desarmamento muito simples. No interior da loja, encontraram mas algumas fotos, uma, provavelmente, de seu filho. Checaram primeiro o Rolodex, e ali estava o cartão de J. Sloan, com o número 536-4040, mas sem endereço.

— Diga o que você acha — pediu Loomis.

— Acho que é um cartão novo, sem orelhas ou bordas gastas, e acho que há um pontinho sobre o primeiro numeral quatro. Isso lhe diz qual número mudar, Sis.

— O homem é um jogador, Donny.

— Acho que você tem razão, e isso significa que Aref Raman também é.

Mas como provar?

A cobertura podia ou não ter sido atingida. Não havia como saber. Kemper avaliou a situação da melhor forma que podia. Talvez o lança mísseis tivesse recebido permissão para disparar... Talvez o jovem comandante tivesse decidido disparar por conta própria... provavelmente não. Os países ditatoriais não conferem muita autonomia aos seus comandantes militares. Se você fosse o ditador e começasse a fazer isso, essa era uma forma garantida de ir para o paredão cedo ou tarde. Até agora, o placar era EUA 1, URI 0. Ambos os grupos estavam prosseguindo, indo para sudeste, agora para um golfo mais amplo, ainda a 26 nós, ainda cercados por tráfego mercante, e o ambiente eletrônico estava vivo com conversas navio-para-navio perguntando-se que diabos estava acontecendo ao norte de Abu Masa.

Havia barcos de patrulha em movimento agora, e eles estavam conversando com alguém, talvez com a URI, perguntando o que estava acontecendo.

Na confusão, decidiu Kemper, havia lucro. Estava escuro lá fora, e identificar navios na escuridão nunca era tarefa fácil.

— Quando será o crepúsculo náutico?

— Às dezessete horas, senhor — replicou o contramestre da vigília.

— Até lá percorreremos ainda 240 quilômetros. Continuaremos como antes.

Deixem ele descobrir o que estamos fazendo, se puderem.

Chegar até onde estavam sem o conhecimento de Bahrain já tinha sido milagre suficiente.

Eles dispuseram tudo sobre a mesa do inspetor O'Day. Tudo consistia em três ruas de anotações e algumas fotografias Polaroid. A peça mais importante era uma impressão de computador dos registros telefônicos, duplicando as anotações de Selig. E era também a única prova legal que tinham.

— Não é exatamente a maior pilha do provas que vi na minha vida — comentou

— Ei, Pat, você disse pra gente agir rápido — recordou-o Loomis. — Os dois estão sujos. Não posso provar isso para um júri, mas isso é o bastante para iniciar uma investigação grande, considerando que tenhamos o luxo do tempo, algo em que não acredito.

— Isso mesmo. Venha. — Ele se levantou. — Precisamos falar com o diretor.

Não era como se Murray já não tivesse muito trabalho. O FBI não estava conduzindo exatamente a investigação epidemiológica de todos os casos de Ebola, mas os agentes estavam fazendo muito trabalho de campo. Havia o caso — ainda em andamento, e praticamente novo — do ataque à Giant Steps, que era tanto criminal quanto de segurança nacional. E agora isto, a terceira situação do tipo pare tudo que estão fazendo em menos de dez dias. O inspetor contornou as mesas das secretárias e entrou no gabinete do diretor sem bater.

— Ainda bem que eu não estava mijando — observou Murray.

— Não acho que você teria tempo para isso. Eu não tenho — disse-lhe Pat. — Parece que temos

mesmo um infiltrado no Serviço, Dan.

— Oh?

— Oh, sim, e oh, merda. Vou deixar Loomis e Selig lhe explicarem tudo.

— Posso levar isso a Andréa Price sem levar um tiro? — perguntou o diretor.

— Acho que sim.

A Luz do Dia

Não era algo para celebrar, mas pelo segundo dia consecutivo, o número de casos novos de Ebola havia caído. Dos novos casos identificados, cerca de um terço era de pessoas que haviam apresentado resultados positivos para os anticorpos do Ebola mas estavam assintomáticos. O CDC e o USAMRIID verificaram os dados duas vezes antes de reportá-los à Casa Branca, também cautelosos para o fato de que era muito cedo para liberá-los para o público.

Aparentemente, a interdição de viagens e os efeitos secundários que isso provocava nos contatos interpessoais estavam funcionando — mas o presidente não podia dizer que estava funcionando, porque então iria parar de funcionar.

O caso da Giant Steps também estava prosseguindo, sendo principalmente uma tarefa da divisão laboratorial do FBI. Ali, microscópios eletrônicos estavam sendo usados para alguma coisa além da identificação de cepas do Ebola, e estavam focando pólen e outras partículas minúsculas. Isso era complicado pelo fato de que o ataque à Giant Steps tivesse ocorrido na primavera, quando o ar estava cheio de polens.

Agora estava firmemente estabelecido que Mordecai Azir era uma não-pessoa que despontara para a existência com um único propósito e que, depois de cumpri-lo, havia desaparecido. Mas ele deixara para trás fotografias, e Ryan aprendeu que havia formas de lidar com isso. Ele se perguntou se receberia alguma notícia boa até o fim do dia. Não, ele não receberia.

— Oi, Dan.

Ryan estava de volta ao seu gabinete. A Sala de Situação era apenas mais uma lembrança de que sua próxima ordem importante seria mandar pessoas para o combate.

— Presidente — saudou o diretor do FBI, entrando com o inspetor O'Day e Andréa Price.

— Por que vocês parecem tão felizes?

E então eles lhe contaram.

Era bravo o homem que acordava o aiatolá Mahmoud Haji Daryaei antes do amanhecer e, como todos à sua volta temiam-lhe a ira, precisaram de duas horas para reunir a coragem necessária. Não que isso fosse ajudar muito. Às quatro da manhã em Teerã, o telefone ao lado da cama de Daryaei tocou. Dez minutos depois, estava na sala de estar de seu apartamento particular, olhos fundos, aguardando para punir os responsáveis.

— Temos um relato de que navios americanos entraram no Golfo — informou seu oficial de informação.

— Quando e onde? — perguntou o aiatolá, em tom calmo.

— Foi depois da meia-noite, na área da fronteira. Um dos nossos barcos lança mísseis estava em patrulha e avistou o que parecia ser um destróier americano. O comandante naval ordenou que o lança mísseis atacasse, mas não tivemos mais nenhuma notícia do barco.

— Isso é tudo? — Você me acordou por causa disso?

— Houve algum tráfego de rádio na área, navios comunicando-se entre si.

Eles falaram sobre diversas explosões. Temos motivos para acreditar que nosso barco lança mísseis foi atacado e destruído por alguém, provavelmente uma aeronave — mas uma aeronave de onde?

— Queremos sua permissão para iniciar operações aéreas para varrer o Golfo depois do amanhecer. Jamais faríamos isso sem a sua autorização — frisou o chefe da Força Aérea.

— Permissão concedida — disse-lhes Daryaei. Bem, ele estava acordado agora, disse o sacerdote a si mesmo. — O que mais?

— O Exército de Deus está se aproximando da área fronteira. A operação está procedendo conforme os planos. — Com toda certeza esta notícia seria do seu agrado, pensou o chefe de informação.

Mahmoud Haji assentiu. Ele esperara ter uma noite de sono decente, em antecipação das longas horas que passaria acordado nos dias seguintes, mas era de sua natureza que, depois de acordado, não conseguisse voltar a dormir.

Olhou para seu relógio de mesa — não usava relógio de pulso — e decidiu que o dia começaria.

— Nós iremos surpreendê-los?

— De alguma forma, com toda certeza — respondeu o oficial de informação.

— exército está sob ordens estritas de manter silêncio de rádio. Os postos de escuta americanos são muito sensíveis, mas não podem ouvir nada. Quando eles alcançarem Al Busa devemos esperar detecção, mas então estaremos prontos para evadir, e isso será à noite.

Daryaei balançou a cabeça.

— Espere. O que o nosso barco de patrulha nos diz?

— Ele reportou um destróier ou fragata americano, possivelmente acompanhada de outras embarcações, mas isso foi tudo. Daqui a duas horas teremos aviões observando do ar.

— Suas embarcações de transporte?

— Não sabemos — admitiu o chefe de informação. Ele estivera torcendo que o aiatolá não tocasse nesse assunto.

— Descubra!

Com essa ordem, os dois homens se retiraram. Daryaei tocou uma sineta, ordenam que seu servente lhe trouxesse chá. Nesse instante, teve outro pensamento. Tudo estaria resolvido, ou pelo menos solucionado, quando o jovem chamado Raman cumprisse sua missão. O relatório era de que ele estava em posição, e que havia recebido sua ordem. Então, por que ainda não a cumprira? perguntou-se o aiatolá, a raiva crescendo no peito. Olhou novamente para o relógio. Era cedo demais para dar um telefonema.

Kemper concedera à sua tripulação algo parecido com um recreio. A automação dos navios Aegis possibilitava isso, e assim, começando duas horas depois do incidente com a canhoneira — o barco lança mísseis, corrigiu a si mesmo —, os tripulantes receberam a permissão de fazer o rodízio de seus postos de batalha, ir ao banheiro, comer alguma coisa, e, em muitos casos, malhar um pouco. Isso durara uma hora, com cada oficial e homem dispondo de quinze minutos. Agora todos estavam de volta aos seus postos. Faltavam duas horas do crepúsculo náutico. Estavam a menos de 160 quilômetros de Catar, agora seguindo na direção oeste-noroeste, depois de terem se esquivado por trás de cada ilha e plataforma de petróleo que pudesse confundir um posto de radar inimigo. COMEDIA passara pela parte difícil. O Golfo era muito mais largo aqui. Havia espaço aquático para manobrar e fazer uso pleno de seus sensores poderosos. A imagem de radar no CIC do Anzio mostrava uma esquadrilha de quatro F-16 a vinte milhas ao norte de sua formação, seus códigos IFF nítidos na tela — seus homens precisavam tomar cuidado com isso. Teria sido melhor se pudesse haver AWACS no ar, mas, segundo fora informado havia apenas uma hora, todos tinham sido destacados para o norte. Hoje haveria combate. Não era o tipo de coisa para a qual um Aegis era projetado, ou mesmo para a qual ele fora treinado, mas era o tipo de coisa para a qual a Marinha existia.

O grupo de retaguarda, ele ordenou que fosse para o sul. Seu trabalho estava terminado por enquanto. Quando o dia clareasse, não haveria como disfarçar o que COMEDIA era e para onde eles estavam indo.

— Vocês têm certeza? — perguntou POTUS. — Meu Deus, já estive sozinho com o cara uma centena

de vezes!

— Nós sabemos — assegurou-lhe Price. — Nós sabemos. Senhor, é difícil acreditar. Eu conheço Jeff desde...

— Ele é um perito em basquete. Ele me disse quem ia ganhar as finais da liga universitária. E acertou — Sim, senhor. — Andréa teve de concordar com isso também. — Infelizmente, as evidências contra ele são um pouco difíceis de ser explicadas.

— Vão prendê-lo? Murray respondeu: — Não podemos. É uma daquelas situações em que a gente sabe, ou pensa que sabe, mas não pode provar. Mas o Pat teve uma ideia.

— Então vamos ouvi-la — ordenou Ryan. Sua enxaqueca estava de volta. O breve período sem enxaquecas acabara de terminar Já era terrível saber da vaga possibilidade de que o Serviço Secreto estivesse comprometido, mas agora eles estavam lhe dizendo que tinham provas — não, pior, ele corrigiu a si mesmo, o que tinham nem era bom o bastante para ser chamado de prova, mas apenas mais uma porra de suspeita! — de que uma das pessoas designadas para ficar perto dele e de sua família era um assassino potencial. Será que isso não acabaria nunca? Apesar da enxaqueca, prestou atenção em cada palavra de O'Day.

— Na verdade, é muito simples — concluiu O'Day.

— Não! — asseverou Price imediatamente. — E se...

— Podemos controlar isso. Não haverá nenhum perigo real — assegurou a todos o inspetor.

— Espere um pouco — interveio ESPADACHIM. — Está dizendo que pode tirar o sujeito da toca?

— Sim, senhor.

— E que eu realmente terei de fazer alguma coisa em vez de ficar sentado aqui como um rei?

— Sim, senhor — repetiu Pat.

— Onde assino? — perguntou Ryan retoricamente. — Vamos pôr as mãos na massa.

— Presidente...

— Andréa, você estará aqui, certo?

— Bem, sim, mas...

— Então está aprovado — disse-lhe POTUS. — Ele não chega nem perto da minha família. Estou falando sério. Se ele olhar para o elevador, você desce com ele, entendeu, Andréa?

— Entendi, presidente. Apenas na Ala Oeste.

Com isso, desceram até a Sala de Situação, onde Arnie e o resto da equipe de segurança nacional estavam estudando um mapa numa grande tela de TV.

— Certo, vamos iluminar o céu — disse Kemper à equipe CIC.

Atendendo ao comando, o Anzio e os outros quatro navios Aegis mudaram seus radares SPY de potência mínima para plena. Não havia mais lucro em se esconder. Estavam bem debaixo de uma rota comercial aérea designada W-1S, e qualquer piloto de avião de passageiros podia olhar para baixo e vera pequena formação de navios. Qualquer um piloto os visse, provavelmente falaria a respeito. O elemento surpresa tinha seus limites empíricos.

Num segundo, as três telas grandes mostraram inúmeras trilhas aéreas.

Este deve ser o pedaço mais turbulento de tráfego aéreo fora de O'Hare, pensou Kemper perscrutador IFF mostrou uma esquadrilha de quatro caças F-16

seguinte para noroeste de sua formação. Havia seis aviões de passageiros no ar, e o dia mal começara, especialistas em mísseis estavam fazendo cálculos de trajetória apenas para exercitai computadores, mas o sistema Aegis era projetado para ser uma daquelas coisas tão poderosas que podiam estar inertes num segundo e conjurando o inferno no seguir Eles tinham vindo ao lugar certo para fazer isso.

Os primeiros caças iranianos a decolar naquele dia foram dois velhos Tomcats F-14 de Xiraz. Nos anos 70, o xá comprara cerca de oitenta desses caças da Grumman. Dez ainda podiam voar, com partes

carnalizadas de todos os outros ou adquiridas no mais vibrante mercado negro de componentes de aviões de combate. Esses voaram para sudoeste até Bandar Abbas, e então aumentaram a velocidade e seguiram para o sul na direção de Abu Musa, passando bem ao norte de lá, com os pilotos guiando e os copilotos perscrutando a superfície com binóculos. O sol estava perfeitamente visível a seis mil metros, mas a superfície ainda estava coberta pela penumbra do crepúsculo náutico.

Não se viam navios do alto, fato frequentemente esquecido por marinheiros e pilotos. Na maioria dos casos, os navios eram muito pequenos, e a superfície do mar demasiado vasta. O que se via, fosse numa foto de satélite ou a olho nu, era o rastro, um distúrbio na água muito parecido com uma flecha com uma ponta descomunal — as ondas de popa e proa causadas pela passagem do navio através da água; já a espuma em linha reta gerada pelas hélices formava o cabo da flecha. O olho é atraído para essas formas tão naturalmente quanto para o corpo de uma mulher e, no ápice da forma em V, ficava o navio.

Ou, neste caso, muitos navios. Eles avistaram o grupo de retaguarda primeiro, a quarenta milhas de distância. O corpo principal da força-tarefa COMEDIA foi identificado um minuto depois.

O Problema para os navios era a identificação positiva. Kemper não podia correr o risco de abater um avião de passageiros, como o USS Vincennes fizera certa vez. Os quatro F-16s já tinham se virado na direção deles quando a chamada de rádio foi emitida. Ele não dispunha a bordo de ninguém que falasse a linguagem bem o bastante para entender o que eles tinham acabado de dizer.

— Tally-hol — exclamou o líder da esquadrilha de F-16. — Parecem caças F-14. — Ele sabia que a Marinha não tinha nenhum desses.

— Anzio para STARFIGHTER, armas livres, chumbo neles!

— Entendido.

— Esquadrilha, fala Líder, atacar.

Os F-14 estavam ocupados demais em olhar para baixo para verificar em torno. Era Um voo de reconhecimento, concluiu Líder dos Starfighter. Difícil.

Ele selecionou AIM-120 e disparou, uma fração de segundo antes dos outros três caças de sua formação faziam o mesmo.

— Raposa-Um, Raposa-Um!

E a Batalha de Catar estava em andamento.

Os Tomcats da URI estavam um pouco ocupados demais para seu próprio bem.

No momento, seus receptores de alerta de radar estavam reportando toda espécie de sinais. O líder dos dois Tomcats tentava obter uma contagem das embarcações lá embaixo e falando pelo rádio ao mesmo tempo quando dois mísseis AMRAAM explodiram vinte metros na frente de seu caça antiquado. O segundo piloto pelo menos olhou para cima a tempo de ver a morte chegar.

— Anzio, fala STARFIGHTER, derrubamos dois, nada de paraquedas, repito, derrubamos dois.

— Entendido.

— Que ótima forma de começar o dia — comentou um major da USAF que acabara de passar 16 meses jogando contra a Força Aérea israelense em Neguev. — Retornando para a estação. Desligo.

— Não tenho certeza se isso é uma boa ideia — comentou van Damm. A foto de radar do John Paul Jones tinha sido transmitida do novo navio via satélite para Washington. Estavam vendo os acontecimentos menos de um segundo depois que aconteciam de fato.

— Aqueles navios não podem ser detidos, senhor — disse Robby Jackson ao chefe de gabinete. — Não podemos correr riscos.

— Mas eles podem dizer que atiramos antes e...

— Errado, senhor. O barco lança mísseis atirou antes, há duas horas — recordou o J-3.

— Mas eles não admitirão.

— Esfrie, Arnie — aconselhou Ryan. — A ordem foi minha, não esqueça. As regras de conflito estão sendo obedecidas. E agora, Robby?

— Depende dos iranianos passarem ou não a notícia adiante. O primeiro abate foi fácil. O primeiro geralmente é — disse Jackson, lembrando das vitórias em sua carreira. Não tinham sido exatamente de acordo com o seu treinamento em Top Gun, mas não havia regras de jogo limpo no combate de verdade, havia?

A parte mais estreita da passagem ficava apenas a pouco mais de 160 quilômetros entre Catar e a cidade iraniana de Basatin. Havia uma base da Força Aérea lá, e a cobertura de satélite disse que havia caças parados na pista.

— Ola Jeff.

— O que está acontecendo, Andréa? — perguntou Raman, acrescentando: — estou feliz por você ter lembrado que me deixou aqui.

— Estamos tendo um bocado de trabalho com essa história toda da febre.

Estamos precisando de você aqui. Tem um carro?

— Acho que posso roubar um do escritório local. — Na verdade, ele já tinha carro oficial.

— Ótimo — disse Andréa. — Então venha. Acho que não precisamos realmente do grupo avançado aí. A sua identificação permitirá passagem pelos bloqueios na estrada. Venha o mais rápido que puder. Estão acontecendo coisas aqui.

— Dê-me quatro horas.

— Tem roupa para trocar?

— Sim. Por quê?

— Vai precisar. Estabelecemos procedimentos de descontaminação aqui.

Todo mundo precisa tomar banho antes de entrar na Ala Oeste. Você verá quando chegar — disse-lhe a chefe da Segurança Presidencial.

— Por mim, tudo bem.

Alahad não estava fazendo nada. Os microfones plantados em sua casa haviam determinado que ele estava assistindo TV, mudando de canal de uma estação para outra em busca de um filme que já não tivesse visto, e antes de ir para a cama assistiu ao CNN. Depois disso, nada. Todas as luzes foram apagadas, e mesmo as câmeras de visão térmica não podiam ver através das cortinas nas janelas de seu quarto. Os agentes procedendo à vigilância estavam bebendo seu café de xícaras de plástico e olhando, para nada, enquanto conversavam sobre suas preocupações com a epidemia, exatamente como todos na América. A mídia continuava a dedicar virtualmente todo seu tempo no ar à história. Havia pouco mais. Os esportes tinham parado. Os boletins de meteorologia continuavam, mas poucos saíam para confirmar as previsões.

Tudo mais girava em torno da crise do Ebola. As emissoras colocavam no ar segmentos de ciência, explicando o que era o vírus e como ele se disseminava — na verdade, como ele devia estar se disseminado, porque ainda havia muita divergência de opinião nesse tocante —, e os agentes com fones de ouvido escutaram a última declaração pelo televisor de Alahad. Tudo aquilo era vingança da natureza, pregava um defensor do meio ambiente. Os homens tinham invadido a selva, cortado árvores, matado animais, perturbado o ecossistema, e agora o sistema estava ajustando as contas. Ou algo assim.

Houve uma análise jurídica do processo movido por Edward Kealty, mas simplesmente não havia entusiasmo por suspender a interdição às viagens.

Matérias mostravam aviões nos aeroportos, ônibus nas rodoviárias, trens nas estações, e muitas estradas vazias. Matérias mostravam pessoas em hotéis, e como elas estavam lidando com a situação. Matérias ensinavam a reutilizar máscaras cirúrgicas, e diziam às pessoas que essa simples medida de segurança era praticamente à prova de falhas; a maioria das pessoas parecia não acreditar nisso. Mas, em compensação, a maioria das matérias mostravam hospitais agora, sacos de corpos. As reportagens sobre como os mortos estavam sendo queimados veiculadas sem mostrar as chamas; isso era por consentimento mútuo. Os dados já eram repugnantes sem a imagem de sua realidade.

Jornalistas e consultores médicos evitavam a comentar sobre a carência de dados em muitos casos — o que era alarmante para muitos —, mas insinuavam que o espaço nos hospitais para os casos de Ebola não foi expandido — o que era confortador para alguns. Os prenunciadores do apocalipse estavam desfiando sua cantilena, mas outros diziam calmamente que as informa disponíveis não corroboravam essa visão, que a situação devia estar se estabilizando, embora sempre acrescentassem, que era muito cedo para ter certeza, eles estavam começando a dizer que havia pacientes resistindo, que alguns estados estavam completamente puros, que em muitas regiões de estados que haviam apresentado casos havia igualmente saudáveis. E, finalmente, algumas pessoas estavam aparecendo para dizer que a epidemia definitivamente não fora um evento natural. A mídia não tinha como avaliar a opinião do público sobre nenhuma dessas afirmativas. As pessoas não estavam interagindo o suficiente para trocar opiniões, mas como o começo de uma confiança de que o mundo não iria acabar, chegava a grande pergunta: como isso havia começado?

O Secretário de Estado Adler estava de volta ao seu avião, voando para oeste para a República Popular da China. No ar, e na embaixada em Pequim, ele tivera acesso às últimas notícias. Aquilo causara-lhe raiva e, perversamente, certo grau de satisfação. Era Zhang quem estava conduzindo seu governo nesta direção. Agora estava completamente claro que a Índia estava envolvida na crise — novamente —, desta vez mancomunada com o Irã e a China. A pergunta verdadeira era se a primeira-ministra deixaria os parceiros saberem que não cumprira sua parte no acordo. Provavelmente não, pensou Adler. Ela conseguira escapar dessa novamente. Parecia ter um talento especial para isso.

Mas a raiva continuava voltando. Seu país fora atacado, e por alguém com quem estivera há apenas alguns dias. A diplomacia falhara. Ele fracassara em deter um conflito... e o seu trabalho não era esse? Pior que isso, ele e seu país haviam sido ludibriados. A China havia manobrado uma força naval vital para fora de posição. A República Popular da China agora estava prolongando uma crise que eles mesmos haviam criado, com o propósito de ferir os interesses americanos, e provavelmente para o propósito final de remodelar o mundo segundo seu próprio conceito. Eles estavam agindo com perspicácia. A China não ferira diretamente ninguém, exceto alguns passageiros, mas deixaram outros tomarem a liderança, e os riscos que a acompanhavam. Qualquer que fosse o resultado dessa crise, ainda teriam seus interesses econômicos protegidos, ainda teriam respeito devido a uma superpotência e influência sobre a política americana, e planejavam manter todas essas coisas até que se realizassem as mudanças com as quais solicitavam. Eles haviam matado norte-americanos no avião. Agora suas manobras ajudavam a matar outros, a causar danos reais e permanentes ao seu país, e faziam isso sem correr o menor risco, pensou o secretário de Estado olhando pela janela, enquanto seu avião aterrissava.

Mas eles não sabiam que ele sabia de tudo isso, sabiam?

O ataque seguinte seria um pouco mais sério. Segundo o chefe de informação URI tinha um suprimento grande de mísseis C-802. Fabricados pela China Precisa Machine Import and Export Corporation, esses mísseis eram semelhantes em sua capacidades ao Exocet francês, com um alcance de cerca de 112 quilômetros. Continuava novamente o problema era a mira.

Simplemente havia navios demais no Golfo. Para obter o destino certo para seus mísseis, os iranianos teriam de mover os radares em seus caças até bem perto do alcance dos mísseis da força-tarefa COMÉDIA.

Bem, decidiu Kemper, ele teria de pensar cuidadosamente. O John Paul Jones aumentou a velocidade para 32 nós e se moveu para o norte. O novo destróier era pequeno — numa tela de radar ele aparecia do tamanho de um barco de pesca médio —, e para acentuar isso, estava com todos os seus radares desligados. A força-tarefa COMÉDIA dera-lhes uma amostra. Agora eles iam dar-lhe outra. Ele também passou uma mensagem por rádio para Riad gritando por apoio de AWACS. Os três cruzadores, Anzio, Normandy e Yorktown, mantiveram posição perto dos navios de carga, e agora estava perfeitamente claro para as tripulações civis nos Bob Hopes que as naus de guerra não estavam ali meramente para defesa

por mísseis. Qualquer vampiro em rota de aproximação teria de passar por um cruzador para pegá-los. Mas não havia nada que pudesse ser feito a esse respeito. Os marinheiros civis estavam todos em seus postos. Equipamentos de combate a incêndios haviam sido distribuídos pelos conveses de carga. Seus motores a diesel estavam funcionando com toda a força permitida por seus manuais.

No alto, a patrulha de F-16 foi substituída por outra. As armas estavam liberadas e agora o tráfego civil recebia a notícia de que o espaço aéreo sobre o Golfo Pérsico não era mais um lugar saudável onde ficar. Isso facilitaria imensamente o trabalho de todos. Não era segredo que eles estavam ali. Os iranianos os tinham no radar, mas isso não os ajudava no momento.

— Aparentemente, há duas forças navais no Golfo — reportou o chefe de informação. — Não temos certeza de sua composição, mas é possível que sejam navios de transporte militar.

— E?

— E dois de nossos caças foram abatidos ao se aproximar deles — prosseguiu o chefe da Força Aérea.

— Os navios americanos... alguns deles são vasos de guerra de um tipo muito moderno. O relato de nossos aviões indica que há outros também, parecendo com navios mercantes. E provável que esses sejam os transportadores de tanques de Diego Garcia...

— Aqueles que os indianos deviam deter!

— Isso provavelmente é correto.

Que idiota fui eu em acreditar naquela mulher estúpida!

— Afunde-os — ordenou o aiatolá, torcendo para que sua voz se tornasse um fato.

Raman gostava de dirigir em alta velocidade. A interestadual quase desimpedida, noite escura, e o potente carro do Serviço permitiram-lhe desfrutar desse hobby, enquanto varava a Interstate 70 na direção de Maryland.

Ficou surpreso com o número de caminhões na estrada. Ele não sabia que havia tantos veículos dedicados a transportar alimentos e suprimentos médicos. Sua lâmpada vermelha giratória dizia-lhes que ficassem fora do caminho, e também permitia sua passagem a velocidades que beiravam os 120 quilômetros por hora sem interferência da polícia estadual da Pensilvânia.

E também dava-lhe tempo para pensar. Teria sido melhor para todos se ele tivesse sabido de antemão que todas aquelas coisas iriam acontecer. Decerto teria sido melhor para ele. O ataque a CHOCALHO não lhe agradara. Ela era uma criança, jovem demais, inocente demais para ser uma inimiga — ele a conhecia de rosto e voz —, e o choque disso perturbara-o por algum tempo.

Raman não entendia completamente porque o tentado a CHOCALHO... a não ser para fechar o círculo protetor ainda mais perto em torno de POTUS, e assim facilitar sua própria missão. Mas isso não tinha sido necessário, não realmente.

A América não era o Iraque, o que Mahmoud Haji provavelmente não compreendia.

Mas o ataque biológico era outra história. A maneira como a doença se espalhava ficava entregue à vontade de Deus. Era repugnante, mas era a vida.

Lembrou do incêndio criminoso no cinema em Teerã. Pessoas haviam morrido ali, também, pessoas comuns cujo erro fora assistir a um filme em vez de comparecer às mesquitas. O mundo era duro, e a única coisa que tornava seu fardo mais leve era a fé em alguma coisa maior. Raman tinha essa fé. O mundo não mudou sua forma por acidente. Grandes eventos precisavam ser cruéis. A fé fora espalhada com a ajuda da espada, a despeito da instrução do próprio Profeta de que a espada não podia tornar ninguém fiel... uma dicotomia que ele não compreendia inteiramente, mas isso também pertencia à natureza do mundo. Um homem dificilmente poderia compreendê-lo totalmente. Para muitas coisas, era preciso depender da orientação daqueles mais sábios do que você, para dizer-lhe o que precisava ser feito, o que era aceitável por Alá, o que servia a Seus desígnios.

Mas ninguém lhe dissera nada para ajudá-lo a aceitar a perspectiva de que a melhor medida de

segurança seria não sobreviver. O pensamento não veio acompanhado de um calafrio. Ele aceitara essa possibilidade muito tempo antes, e se o seu irmão distante fora capaz de cumprir sua missão em Bagdá, ele seria capaz de cumprir a sua em Washington. Mas tentaria sobreviver se a chance se apresentasse. Não havia nada de errado nisso. Havia?

Era evidente que ainda estavam se decidindo sobre esta operação, disse Kemper com os seus botões. Em 1990-1991 houvera o luxo do tempo para decidir coisas, para transportar armamentos, para estabelecer conexões de dados e tudo o mais. Porém, não desta vez. Quando ele requisitara os AWACS, algum pulha da Força Aérea replicara Por que você não tem um? Por que não pediu?

O comandante do USS Anzio e da força-tarefa 61.1 não descarregara sua ira contra o homem. Provavelmente isso não era culpa dele, e as boas notícias eram que agora tinha um AWACS. E chegou bem em tempo Quatro caças, tipo desconhecido, estavam decolando de Basatin, a 140 quilômetros dali — COMEDIA, aqui é Céu Dois, estamos captando quatro aeronaves em rota de aproximação.

A conexão de dados apareceu em uma das telas do Aegis. Seu próprio radar não podia ler tão longe, porque estava bem abaixo do horizonte. O AWACS mostrou quatro blips em dois pares.

— Céu, COMEDIA, eles são seus. Chumbo neles.

— Entendido. Espere: mais quatro se aproximam.

— É Aqui que as coisas ficam interessantes — disse-lhes Jackson na Sala de Situação. — Kemper tem uma ratoeira de mísseis armada a estibordo da formação principal Se alguém passar pelos caças F-16, veremos se dá certo.

Um terceiro grupo de quatro decolou um minuto mais tarde. Os 12 caças subiram para três mil metros, e então viraram para o sul em alta velocidade.

A esquadrilha de caças F-16 não podia correr o risco de se afastar demais da força-tarefa COMEDIA, mas moveu-se para enfrentar a ameaça no Golfo sob a direção do AWACS. Ambos os lados ligaram seus radares de mira, a força da URI controlada por aparelhos com base em terra, e as equipes da USAF guiadas pelo E-3B circulando a 1.600 quilômetros atrás deles. Não foi elegante. Os caças F-16, com seus mísseis de longo alcance, dispararam primeiro e mudaram de direção enquanto os interceptores iraquianos liberavam os seus próprios e tentavam evadir. Então o primeiro grupo de quatro mergulhou rumo à água. Três caças da URI, ainda em rota de aproximação, abaixaram — sob a saraivada de mísseis; os americanos mostraram-se mais rápidos que a saraivada de resposta, e deram a volta para retornar ao conflito. A esquadrilha americana se dividiu em elementos de dois aviões, rumando para leste; então virou-se novamente para conduzir um ataque em bigorna. Mas as velocidades envolvidas eram altas, e um caça iraniano estava agora a uma distância de oitenta quilômetros de COMEDIA. Era nesse ponto que eles apareciam no radar do Anzio.

— Comandante! — disse ao microfone o chefe do painel de medidas de vigilância eletrônica. — Estou captando sinais de radar, azimute três-cinco-cinco. São valores de detecção, senhor. Eles devem nos ter.

— Muito bem.

Kemper esticou a mão para girar sua chave. O mesmo aconteceu no Yorktown e no Normandy. O Yorktown era uma versão mais antiga do cruzador. Em seu caso, quatro SM-2 MR pintados de branco afloraram da proa e se posicionaram sobre trilhos de lançamento. No caso do Anzio e do Normandy, nada mudou visualmente; seus mísseis ficavam alojados em nichos verticais de lançamento. Os radares SPY estavam agora gerando seis milhões de watts de energia RF, voltados quase continuamente para os caças bombardeiros em rota de aproximação, ligeiramente fora do alcance dos cruzadores.

Mas não fora do alcance do John Paul Jones, a dezesseis quilômetros ao norte do corpo principal. Num espaço de três segundos, seu radar principal ficou ativo, e então o primeiro de oito mísseis saltou de seus nichos de lançamento, varando o céu sobre uma coluna de fumaça e chamas, e então mudando de direção e se nivelando ao horizonte rumo ao norte.

Os caças não tinham visto o Jones. O perfil furtivo do Jones não se mostrara como um alvo real em suas telas de radar, e eles também não haviam notado que agora estavam sendo rastreados por um quarto radar SPY. A série de trilhas de fumaça branca foi uma surpresa desagradável quando os pilotos levantaram os olhos de suas telas de radar. Mas dois deles acionaram seus C-802s bem a tempo.

A quatro segundos de seus alvos, os mísseis SM-2 receberam sinais terminais de orientação dos radares de iluminação SPG-62. Foi repentino, inesperado demais para que pudessem se esquivar. Todos os quatro caças explodiram em nuvens densas tingidas de amarelo e negro, mas haviam conseguido lançar seis mísseis antinavios.

— Vampiro, vampiro! Vejo mísseis sensíveis em rota de aproximação, azimute três-cinco-zero.

— Certo, lá vamos nós.

Kemper virou a chave mais uma vez, colocando na posição automático especial. O Aegis estaria agora plenamente automático. No convés, as metralhadoras Gatling CIWS voltaram-se para estibordo. Em todas as partes a bordo das quatro naus de guerra, marinheiros ouviram e tentaram não estremecer. As tripulações mercantes às quais estavam protegendo ainda não conheciam o suficiente para ficar assustadas.

No alto, os F-16 agruparam-se numa — ainda intacta — esquadrilha de quatro caças. Esses também portavam mísseis antinavios, mas pareciam fora de lugar, provavelmente para o grupo de retaguarda. O primeiro grupo inimigo vira um bando de navios, bem próximos uns aos outros. O segundo ainda não, e jamais veria. Eles tinham acabado de entrar na área dos radares Aegis à sua direita, quando o céu se encheu de rastros de fumaça. Os quatro caças separaram-se. Dois explodiram em pleno ar. Outro foi danificado e tentou recuar para noroeste antes de perder força e cair, enquanto um quarto, totalmente ileso, deu uma guinada para a esquerda e expeliu seu carregamento externo de armas. Os quatro F-16 da Força Aérea haviam abatido seis caças inimigos em menos de quatro minutos.

O Jones tirou um dos torpedos de superfície do caminho, mas nenhum deles estava travado no retorno de radar, e assim, a alta velocidade resultante dos alvos foi muito difícil de ser acompanhada. Três das quatro tentativas de lançamento computadorizada haviam falhado. Restavam cinco. Os sistemas de combate do destróier reciclaram-se e procuraram por alvos adicionais.

Eles tinham avistado a fumaça do Jones e se perguntado o que era aquilo, mas o primeiro aviso real de que havia alguma coisa terrivelmente errada foi quando o trio mais próximo de cruzadores começou a disparar.

No CIC do Anzio, Kemper decidiu, como havia feito o OBannon, não lançar seu foguetes de retaguarda. Três dos caças em aproximação pareciam direcionados para a parte traseira da formação, com apenas dois direcionados para a frente. Seu cruzador e o Normandy concentraram-se nesses. Era possível sentir os lançamentos. O casco estremeceu quando os dois primeiros foram disparados. A tela de radar estava mudando agora a cada segundo, revelando rastros em rota de aproximação e de distanciamento. Os vampiros estavam a 12

quilômetros de distância agora. A 16 milhas por minuto isso significava menos de cinquenta segundos para contato e destruição. Isso pareceu uma semana.

O sistema estava programado para adotar o modo de controle de disparo mais apropriado ao momento. Estava agora no modo disparar-disparar-olhar.

Disparar um míssil disparar outro, e então olhar para ver se o alvo havia sobrevivido aos dois primeiros, e fazer uma terceira tentativa. Seu alvo foi destruído pelo primeiro SM-2 e o segundo terra-ar se autodestruíu. O primeiro míssil do Normandy errou, mas o segundo pegou o raspão o C-802, abatendo-o para o mar com uma explosão que foi sentida, um segundo depois, através do casco.

O Yorktown tinha uma vantagem e uma desvantagem. Seu sistema mais antiquado permitia lançamentos diretamente contra os mísseis em aproximação em vez de forçar mísseis a virar em voo antes de poder atingir os alvos. Mas o Yorktown não os lançava muito rápido. Ele tinha três alvos e

cinquenta segundos para destruí-los. O primeiro C-8002, explodiu a uma distância de oito quilômetros, abatido por um impacto duplo. O segundo estava agora em sua altura terminal de três metros, três metros acima da superfície do mar. O SM-2

seguinte errou longe, explodindo inofensivamente atrás do alvo. O míssil em prosseguimento errou também. A saraivada seguinte dos lança mísseis dianteiros encheu o ar com fragmentos que confundiram a orientação do par seguinte, fazendo com que ambos explodissem nos estilhaços de um alvo morto. Ambos os lança mísseis dos cruzadores moveram-se para frente e para trás e para cima e para baixo para receber o conjunto seguinte de quatro terra-ar. O último C-802 atravessou ileso a nuvem de fragmentos, seguindo direto para o cruzador. O Yorktown lançou mais dois mísseis, mas a orientação um míssil falhou completamente, e o outro errou o alvo. Então os sistemas CIWS utilizados nas superestrutura dianteira e traseira viraram-se levemente, enquanto o vampiro filtrava sua área de alvo. Com o míssil inimigo a setecentos metros, os lança mísseis Yorktown dispararam novamente, erraram, erraram novamente, mas então explodiram o míssil a menos de 182 metros do convés a estibordo. A ogiva detonada banhou o cruzador com fragmentos, e partes do corpo do míssil atingiram o painel de radar SPY direito e atravessaram a superestrutura, matando seis marinheiros e ferindo mais vinte.

Uau! — exclamou o Secretário Bretano. Todo o conhecimento teórico adquirira nas últimas semanas repentinamente era real.

— Nada mau. Eles mandaram 14 aviões contra nós, e estão recuperando dois ou menos — avaliou Robby. — Isso vai fazer com que pensem melhor da próxima vez.

— E quanto ao Yorktown? — perguntou o presidente.

— Precisamos esperar para ver.

O hotel deles ficava a menos de um quilômetro da embaixada russa, e como jornalistas bons e parcimoniosos, decidiram caminhar até lá, e para isso saíram alguns minutos antes das oito. Clark e Chavez tinham percorrido pouco mais de cem metros quando perceberam que alguma coisa estava errada. As pessoas se moviam muito apressadamente para o começo de um dia de trabalho.

Teria a guerra com os sauditas sido anunciada? virou em outra rua de mercado e ali encontrou vendedores em suas barraquinhas, ouvindo rádios portáteis em vez de colocar suas mercadorias nas prateleiras.

— Perdão — disse John num farsi com sotaque russo. — Aconteceu alguma coisa?

— Estamos em guerra com a América — respondeu um vendedor de frutas.

— Oh, quando isso aconteceu?

— O rádio diz que eles atacaram nossos aviões — disse em seguida o vendedor. — Quem são vocês? — perguntou ele.

John tirou seu passaporte.

— Somos jornalistas russos. Posso perguntar o que o senhor acha disso?

— Já não lutamos muito? — perguntou o homem.

— Eu lhe disse. eles estão colocando a culpa na gente — disse Arnie, lendo a reportagem interceptada da rádio de Teerã. — Como isso repercutirá em nossa política! nessa região?

— Lá os lados são muito definidos — disse Ed Foley. — Ou você está num ou está no outro. A URI é o outro. E mais simples que da outra vez.

O presidente olhou as horas. Era pouco mais de meia-noite.

— Quando eu entro no ar?

— Ao meio-dia.

Raman precisou parar na divisa entre Maryland e Pennsylvania. Uns vinte caminhões estavam aguardando liberação da Polícia Estadual de Maryland, sob a supervisão zelosa da Guarda Nacional. Os veículos estavam enfileirados dois a dois, bloqueando completamente a estrada neste ponto. Dez minutos zangados depois, Raman mostrou sua identificação. Sem uma palavra, o tira fez sinal para que ele

passasse. Raman acendeu novamente sua lâmpada giratória e arrancou a toda velocidade. Ligou o rádio, sintonizando uma estação AM só de notícias, mas perdeu o resumo horário e teve de aguentar a mesma balela que vinha ouvindo a semana inteira, até o meio-dia e meia, quando a emissora reportou uma batalha aérea no Golfo Pérsico. Nem a Casa Branca nem Pentágono haviam comentado o incidente. O Irã afirmava haver afundado dois navios americanos e derrubado quatro caças.

Patriota e religioso como era, Raman não pôde acreditar em seus ouvidos.

O problema com a América, e o motivo para sua missão de sacrifício, era que esta nação mal organizada, idolatra e desgovernada era letalmente eficaz no uso da força. Até mesmo presidente Ryan, mal visto como era pelos políticos, possuía uma força silenciosa em seu íntimo. Não gritava, não insultava, como fazia a maioria dos grandes. Raman se perguntou quantas pessoas percebiam o quanto ESPADACHIM era perigoso, precisamente por esse motivo. Bem, era por causa disso que ele tinha de matá-lo, e se isso viesse a ao custo de sua própria vida, que fosse.

A TF61.1 virou para o sul por trás da península de Catar sem mais incidentes. A superestrutura dianteira do Yorktown estava muito danificada; o fogo elétrico causara tantos danos quanto os fragmentos de mísseis, mas com sua popa voltada para o inimigo, isso não importava. Kemper manobrou mais uma vez suas naus de escolta posicionando todas as quatro atrás do cargueiros de tanques, mas nada estava pronunciando outro ataque. O resultado do primeiro ferira o inimigo gravemente. Os F-15, quatro da Força Aérea saudita e quatro da 366ª, orbitavam no céu. Uma altura de navios sauditas e outras embarcações de escolta chegara. Em sua maioria caça-minas, eles vasculhavam o fundo do mar à frente de COMEDIA, procurando, perigos, achando nenhum.

Seus navios de carga imensos tinham vindo de Dhahran para abrir caminho para Bob Hope e seus irmãos. Os quatro navios Aegis mantinha. postos imóveis, âncoras baixas na proa e popa, a noventa metros de seus protegidos para manter cobertura de defesa aérea durante o processo de desembarque. A fim de que retaguarda, não tendo sofrido um único arranhão, seguiu para Bahrain para aguardar os acontecimentos.

Da sala do timão do USS Anzio, o comandante Gregory Kemper observava os primeiros veículos marrons descenderem dos cargueiros de tanques.

Através de seus binóculos, pôde ver os soldados com seus uniformes salpicados de flocos marrons marcharem para a margem, e presenciou as rampas baixarem para recebê-los.

Não temos nada a comentar no momento — disse van Damm ao último jornalista a ligar. — O presidente fará uma declaração mais tarde. Isso é tudo que posso dizer no momento.

— Mas...

— Isso é tudo que temos a dizer agora. — O chefe de gabinete desligou o telefone.

Reunira todos os agentes da segurança presidencial na Ala Oeste, e explicara as regras do jogo. O mesmo seria repetido para os funcionários da Casa Branca, e Andréa tinha certeza de que sua reação seria muito semelhante: choque, descrença e raiva beirando a fúria.

— Vamos manter a cabeça fria, certo? Sabemos o que precisamos fazer.

Este é um caso criminal, e nós o trataremos como um caso criminal. Ninguém pode perder o controle. Ninguém pode dar com a língua nos dentes. Perguntas?

— Não houve nenhuma.

Daryaei olhou novamente o relógio. Sim, finalmente, chegara a hora. Ele deu um telefonema através de uma linha segura para a embaixada da URI em Paris. Ali, o embaixador ligou para outra pessoa, que telefonou para Londres.

Em todo caso as palavras trocadas eram inócuas. A mensagem não era.

Passando de Cumberland, Hagerstown e Frederick, Raman dobrou para a Interestadual 270, iniciando a última hora de viagem até Washington. Estava cansado. Esta manhã, ele veria o alvorecer. Talvez o seu último. Torcia para que fosse bonito.

O Ruído fez os agentes pularem. Ambos checaram seus relógios. Antes de mais nada, o número da pessoa telefonando apareceu numa tela de cristal líquido. Era Internacional, código 44, o que significava que vinha do Reino Unido.

— Sim? — Era a voz do suspeito, Mohammed Alahad.

— Desculpe importuná-lo tão cedo. Estou ligando por causa do Isfahan de três metros, o vermelho. Ele já chegou? Meu cliente está muito ansioso. — A voz tinha sotaque, mas não exatamente o correto.

— Ainda não — replicou a voz sonolenta. — Já perguntei sobre isso ao meu fornecedor.

— Muito bem, mas, como eu disse, meu cliente está muito ansioso.

— Verei o que posso fazer. Até logo. — E a linha ficou muda.

Don Selig levantou seu telefone celular, discou para o quartel-general, e deu-lhes o número inglês para uma checagem rápida.

— As luzes acabaram de acender— reportou a agente Scott. — Parece que o telefonema despertou o nosso menino. Atenção — disse ela por seu rádio portátil. — Suspeito em movimento.

— Estamos a postos, Sylvia — assegurou-lhe outro agente.

Cinco minutos depois, ele emergiu da porta da frente do prédio. Segui-lo não foi nem um pouco fácil, mas os agentes tinham se dado ao trabalho de localizar os telefones públicos mais próximos e colocar gente perto de todos eles. Alahad acabou escolhendo um numa combinação de posto de gasolina com loja de conveniências. O monitor de computador diria a eles qual número ele havia discado, mas através de uma câmera de lentes poderosas, Alahad foi observado inserir uma moeda. O agente com os olhos na câmera viu-o apertar 3-6-3 em sucessão rápida. Isso ficou claro alguns segundos depois, quando outro telefone grampeado tocou, e foi atendido por uma secretária eletrônica digital.

— Sr. Sloan, aqui é o Sr. Alahad. O seu tapete chegou. Não entendo por que ainda não me telefonou, senhor. — Clique.

— Bingo! — exclamou outro agente pela rede de rádio. — É isso. Ele telefonou para o número de Raman. Sr. Sloan, nós temos o seu tapete.

Mais uma voz entrou na rede de rádio.

— Fala O'Day. Prenda-o imediatamente!

Não foi realmente tão difícil. Alahad entrou na loja para comprar leite e dali caminhou direto de volta para casa. Ele precisou usar uma chave para entrar em seu apartamento, e ficou surpreso em encontrar um homem e uma mulher lá dentro.

— FBI — anunciou o homem.

— Está preso, Sr. Alahad — disse a mulher, tirando um par de algemas do bolso. Não havia armas apontadas, mas Alahad não resistiu — eles raramente resistiam.

Em todo caso, se esboçasse qualquer reação, havia agora mais dois agentes em frente a porta.

— Mas por quê? — perguntou.

— Conspiração para matar o presidente dos Estados Unidos — disse Sylvia Scott, empurrando-o contra a parede.

— Isso é um absurdo!

— Sr. Alahad, o senhor cometeu um erro. Joseph Sloan morreu ano passado. Como o senhor pode vender um tapete para um homem morto? — perguntou.

O homem estremeceu como se tivesse levado um choque elétrico. Os mais espertos sempre faziam isso ao descobrir que não tinham sido nem um pouco espertos. Eles jamais esperavam ser pegos. O truque seguinte seria explorar o momento. Isso começou em alguns minutos, quando lhes diriam qual era a penalidade por violar o artigo 1811 § 1751.

O interior do USNS Bob Hope parecia o parque de estacionamento do inferno, com veículos tão apertados uns aos outros que um rato teria dificuldade de passar entre eles. Para ocupar um tanque, uma equipe recém-chegada precisava caminhar sobre as carcaças dos veículos, agachados para não esmagar

os crânios no teto de aço, e se flagravam questionando a sanidade daqueles que tinham periodicamente de checar os veículos, ligando os motores e manipulando os canhões para frente e para trás de modo a não permitir que as juntas de plástico e borracha ressecassem.

Designar equipes para os trailers e caminhões não tinha sido uma tarefa administrativa fácil, mas o navio era carregado de modo a permitir que os veículos mais importantes saíssem primeiro. Os soldados da Guarda Nacional chegaram em unidades, com impressos de computador concedendo-lhes os números e a localização de seus veículos designados, e os tripulantes do navio apontavam-lhes qual era a saída mais rápida. Menos de uma hora depois que o navio havia chegado, desceu o primeiro tanque de batalha M1A2 do 11º RCB.

O desembarque demoraria mais de um dia, e a maior parte de outro seria necessário para organizara Brigada MATILHA.

O alvorecer foi realmente bonito, avaliou satisfeito Aref Raman, entrando na West Executive Drive. Seria um dia claro para a sua missão. Os guardas uniformizados no portão acenaram-lhe enquanto a barreira de segurança era desfeita. Outro carro chegou atrás dele, e esse também passou. Raman estacionou a dois espaços de sua vaga e reconheceu o motorista como sendo O'Day, o cara do FBI que tivera tanta sorte naquele dia na creche. Não fazia sentido odiar o homem. Afinal de contas, ele estava defendendo a própria filha.

— Como vai? — perguntou cordial o inspetor do FBI.

— Acabo de chegar de Pittsburgh — replicou Raman, tirando sua valise do porta-malas.

— Que diabos estava fazendo lá?

— Trabalho avançado... mas aquele discurso não vai ser feito, acho. Por que você está aqui?

Raman estava satisfeito pela distração. Isso lhe permitia concentrar-se no jogo.

— O diretor e eu temos uma reunião com o Patrão. Mas primeiro precisamos de uma chuvairada.

— Chuveirada?

— É, para desinfe... oh, você não estava aqui. Um funcionário da Casa Branca está doente por causa do tal vírus. Todo mundo precisa tomar banho e se desinfetar antes de entrar. Venha — disse O'Day, carregando uma valise.

Os dois passaram pela Entrada Oeste. Os dois fizeram os detetores de metal apitarem, mas como eram ambos agentes federais, nada foi feito quanto ao fato de estarem portando armas. O inspetor apontou para a esquerda.

— Mas que graça, eu mostrando a você alguma coisa neste lugar — brincou com Raman.

— Tem estado muito aqui? — perguntou Raman.

O agente do Serviço Secreto viu que dois escritórios haviam sido convertidos alguma coisa. Um estava marcado CAVALHEIROS e o outro DAMAS. Andréa Price saiu de um deles, cabelo molhado, e, Raman notou quando ela passou por ele, cheirando a produtos químicos.

— Oi, Jeff, como foi a viagem? Ei, Pat, como vai o herói? — perguntou Price.

— Tudo normal, Price. A mesma rotina — disse O'Day com um sorriso triste. Ele abriu a porta CAVALHEIROS, entrou, e pousou sua valise no chão.

Raman percebeu que havia sido um trabalho às pressas. Aquele escritório pertencia a algum funcionário menor, mas toda a mobília havia sido retirada, e o assoalho estava coberto de plástico. Uma estante estava ali para as roupas.

O'Day despiu-se e caminhou até o chuveiro coberto por lona.

— Pelo menos esses malditos produtos químicos acordam a gente — comentou inspetor do FBI enquanto a água começava a fluir. Emergiu dois minutos depois e começou a se enxugar vigorosamente. — Sua vez, Raman.

— Que maravilha — disse o agente do Serviço Secreto, removendo suas roupa e demonstrando um pouco da timidez característica da sociedade de seus pais. O'Day não olhou para ele e não desviou os

olhos. Não fez nada a não ser enxugar-se, até Raman estar atrás da lona. A pistola de serviço do agente, uma SigSauer, fora colocada no alto da estante de roupas. O'Day abriu primeiro sua maleta. Em seguida pegou a automática de Raman, soltou o pente e correu o cão da arma para ejetar a bala da agulha.

— Como estão as estradas? — perguntou O'Day.

— Vazias. Vim bem rápido... droga, como esta água fede!

— Eu que o diga!

O'Day percebeu que Raman mantinha dois pentes de reserva para sua pistola. Ele colocou os três no bolso interno da valise antes de desembulhar os quatro que havia preparado. Um, ele alojou na parte traseira da Sig. Ele correu o cão da arma uma mais para ejetar o pente. Em seguida, substituiu-o por um pente novo e cheio, e o mesmo com outros dois no cinto do agente. Feito isso, sentiu a arma. Peso e equilíbrio estavam idênticos a antes. Quando tudo estava em seu lugar, O'Day voltou a se virar. Não precisava ter se apressado. Raman evidentemente precisava de um banho. Talvez ele estivesse se purificando, pensou friamente o inspetor.

— Tome — O'Day jogou uma toalha enquanto colocava sua camisa.

— Ainda bem que trouxe outra muda de roupa. — Raman pegou cueca e meias novas em sua pasta.

— Acho que há um regulamento que diz que vocês têm de estar todos embonecados quando trabalham com o presidente, hem? — O agente do FBI abaixou-se para amarrar os sapatos. Olhou para cima. — Bom dia, diretor.

— Nem sei por que me dei ao trabalho de tomar banho em casa — resmungou Murray — Trouxe os documentos, Pat?

— Sim, senhor. É importante mostrar isso a ele.

— Se é. — E Murray tirou seu terno e gravata. — Vestiário da Casa Branca comentou. — Bom dia, Raman.

Os dois agentes acabaram de se vestir, verificaram se suas armas pessoais estavam nos lugares certos e então saíram.

— Murray e eu precisamos entrar — disse Pat ao outro no corredor. Eles não precisaram esperar muito por Murray, e então Price apareceu novamente, no instante em que o diretor do FBI surgiu. O'Day esfregou o nariz para dizer-lhe que tudo estava pronto. Em resposta, Andréa meneou a cabeça.

— Jeff, quer levar esses cavalheiros ao gabinete? Preciso comparecer ao posto de comando. O Patrão está esperando.

— Claro, Andréa. Por aqui — disse Raman, conduzindo O'Day. Atrás deles, Price esperou e não seguiu para o posto de comando.

No andar de cima, Raman viu equipamentos de TV sendo preparados para instalação no Salão Oval. Arnie van Damm chegou apressado pelo corredor, com Callie Weston a reboque. O presidente Ryan estava à sua escrivaninha, vestindo a camisa de manga comprida usual, folheando um documento. Ed Foley, o diretor da CIA, também estava lá — Gostou do banho, Dan? — perguntou o diretor da CIA.

— Sim, estou perdendo o resto do meu cabelo, Ed.

— Oi, Jeff — cumprimentou o presidente, olhando para cima.

— Bom dia, presidente — disse Raman, assumindo seu posto usual contra a parede.

— Certo, Dan, o que vocês querem comigo? — perguntou Ryan.

— Nós rompemos um anel de espionagem iraniano. Achamos que está associado ao atentado à sua filha.

Enquanto Murray falava, O'Day abriu sua valise e tirou uma pasta de cartolina.

— Os ingleses descobriram a conexão — começou a dizer Foley. — O contato aqui é um sujeito chamado Alahad... acredita que o desgraçado tem uma loja a um quilômetro e meio daqui?

— Nós o temos sob vigilância neste momento — disse Murray. — Estamos checando seus registros telefônicos.

Todos estavam olhando para os documentos sobre a mesa do presidente e não viam o rosto de Raman congelar em meio a uma expressão. Sua mente começou a disparar, como se uma droga tivesse sido injetada em sua corrente sanguínea. Se estavam dizendo aquilo naquele exato momento... então ainda havia uma chance, uma chance ínfima, mas se não havia, aqui estava o presidente, os diretores do FBI e da CIA, e ele podia mandar todos eles para Alá, e se isso não fosse sacrifício suficiente... Com a mão esquerda, Raman desabotoou o terno. Desencostou do ponto na parede no qual estava apoiado e fechou os olhos para uma prece rápida. Então, num movimento rápido e suave, sua mão direita desceu até a automática.

Raman ficou surpreso em ver os olhos do presidente moverem-se para fitá-lo diretamente. Bem, isso não era tão ruim, era? Ryan devia saber que sua morte estava chegando, e a única coisa lastimável era que ele jamais entenderia o motivo.

Ryan estremeceu quando a pistola foi sacada. A reação foi automática, apesar das instruções sobre o que esperar e o sinal de O'Day de que tudo fora providenciado a contento. Mesmo assim ele se abaixou, imaginando se podia realmente confiar em alguém, e viu as mãos de Jeff Raman segui-lo e apertar o gatilho como um autômato, absolutamente sem nenhuma emoção nos olhos... O som fez todos pularem, embora por motivos diferentes.

Pop.

Foi só isso. Descrente, Raman ficou de boca aberta. A arma estava carregada. Ele podia sentir o peso dos cartuchos nela, e...

— Abaix a arma — disse O'Day calmamente, sua Smith apontada agora para Raman. Um instante depois, Murray estava com sua arma de serviço apontada.

— Já temos Alahad sob custódia — explicou o diretor.

Raman tinha outra arma, uma adaga retrátil, mas o presidente estava a quatro metros e meio e...

— Se você quiser, posso mandar uma no seu joelho — disse friamente O'Day, — Seu traidor filho da puta! — gritou Andréa, entrando na sala com a pistola em punho. — Seu assassino escroto! No chão, agora!

— Calma, Price. Ele não vai a parte alguma — disse-lhe Pat. Mas foi Ryan quem quase perdeu o controle: — E minha filhinha, você colaborou num plano para assassinar a minha filhinha — Ryan começou a contornar a mesa, mas Foley o bloqueou. — Não, não desta vez, Ed — Pare! — ordenou o diretor. — Nós o pegamos, Jack. Nós o pegamos.

— Seja como for, deite no chão — mandou Pat, ignorando os outros e apontando para o joelho de Raman. — Largue a arma e deite no chão!

Ele estava tremendo agora; medo, raiva, todas as espécies de emoções o assaltavam, todas menos aquela que ele esperara. Ele engatilhou o cão da arma e premiu novamente o gatilho. Ele nem mesmo apontou; era apenas um ato de negação.

— Eu não poderia ter usado festim. A arma não pesaria a mesma coisa — explicou O'Day. — São cartuchos de verdade. Simplesmente desalojei as balas e retirei a pólvora. A cápsula produz um som bem convincente, não é?

Foi como se ele tivesse esquecido como respirar por um ou dois minutos.

O corpo Dr. Raman desabou sobre si mesmo. Deixou cair o revólver no tapete com o Selo Presidencial e tombou de joelhos. Price aproximou-se e o empurrou o resto do caminho até o chão. Murray, pela primeira vez em anos, fechou as algemas.

— Quer ouvir os seus direitos? — perguntou o diretor do FBI.

Regras de Conflito

Diggs ainda não recebera ordens de missão apropriadas e — o que era ainda mais perturbador — sua Operação BUFORD ainda não dispunha realmente de algo que pudesse ser chamado plano. O Exército treinava seus comandantes para agir com rapidez e determinação, mas assim como acontecia com os médicos nos hospitais, as interações de emergência não eram recebidas com o mesmo bom grado que os procedimentos planejados. O general estava em contato contínuo com os comandantes de dois regimentos da Divisão Blindada, o comandante superior da Força Aérea, o uma-estrela que trouxera a 366^a, os sauditas, os kuwaitianos, e vários agentes de informação, apenas tentando estabelecer o que o inimigo estava realmente fazendo e determinar o que ele poderia estar planejando — e, a partir daí, tentar formular algum tipo de plano de ação além de simples reação a cada evento.

As ordens e regras de conflito chegaram por seu aparelho de fax às 11 da manhã, hora de Washington, quatro da tarde, hora Zulu, e sete da noite, hora Lima, ou hora local. Aqui estava a explicação que ainda não recebera. Passou-a prontamente aos seus subordinados principais e reuniu sua equipe para instruí-los. Os soldados, disse ele aos oficiais reunidos, ficariam sabendo através de seu comandante-em-chefe. Seus oficiais teriam de estar com seus homens quando essa notícia descesse.

As coisas já estavam complicadas. Segundo os satélites, o Exército de Deus — conforme os oficiais de informação haviam constatado ser o nome — estava a uma distância de 160 quilômetros da fronteira do Kuwait, aproximando-se do oeste em boa ordem, e seguindo as estradas, conforme esperado. Isso fazia o destacamento saudita parecer muito bom, considerando que três de suas cinco brigadas estavam cobrindo as aproximações nos campos de petróleo.

Eles ainda não estavam preparados. A 366^a Esquadrilha estava no Reino, mas não era suficiente ter os aviões nos campos de pouso certos. Mil detalhes menores precisavam ser estabelecidos, e esse trabalho ainda não chegara nem à metade. Os F-16 de Israel estavam bem aquecidos, todos os 48 de seus caças de motor único estavam funcionando, e até mesmo já tinham abatido algumas aeronaves inimigas nos combates iniciais, mas o restante precisava de outro dia.

Da mesma forma, o 10^o RCB estava totalmente preparado, mas ali não estava; ainda estava se agrupando e se movendo para sua área de destacamento original. Sua terceira brigada estava apenas começando a receber equipamentos.

Era uma equipe composta de pessoas com uma ideia do que deviam estar fazendo. Mas escolher o momento e o lugar geralmente era trabalho de um agressor, papel que seu país não desempenhara muito.

Ele olhou novamente para o fax de três páginas. Pareceu-lhe literalmente explosivo em suas mãos. Seus oficiais de planejamento leram suas cópias e ficaram mergulhados num silêncio sinistro até o especialista 3 do 11^o, o oficial de operações regimentais, dizer por todos eles: — Vamos suar um bocado.

Três russos haviam chegado recentemente. Clark e Chavez precisavam lembrar a si mesmos que aquilo não era algum tipo de alucinação induzida por álcool. Os dois oficiais da CIA estavam sendo apoiados por russos sob ordens de missão de Langley retransmitidas por Moscou. A bem da verdade, eles tinham duas missões. Os russos haviam ficado com a mais difícil, e trazido, pela remessa

diplomática, os equipamentos necessários para os americanos efetuarem a missão mais fácil. Além disso, chegara de Washington, via Moscou, um despacho, que todos leram.

— Estamos com pressa demais, John — sussurrou Ding. Então assumiu sua máscara de missão. — Mas que se dane.

A sala de imprensa ainda estava quase vazia. A maioria dos regulares estava em outra parte, alguns aprisionados fora da cidade pelo embargo de viagem, outros apenas desaparecidos, e ninguém sabia exatamente por quê.

— Dentro de uma hora, o presidente fará um discurso muito importante — disse lhes van Damm. — Infelizmente, não haverá tempo para distribuir cópias antecipadas do texto. Por favor, informem às suas emissoras que o assunto será da mais alta importância — Arnie! — chamou um jornalista, mas o chefe de gabinete já lhes dera as costas.

Os jornalistas na Arábia Saudita sabiam mais que seus amigos em Washington, e estavam a caminho de um encontro com suas unidades designadas. Para Tom Donner, era a Tropa B, 1ª do 11º. Ele estava completamente trajado num uniforme de batalha no deserto, e encontrou o comandante de tropas, um jovem de 29 anos, parado ao lado de seu tanque.

— Como vai? — disse o capitão, levantando apenas um pouco os olhos de seu mapa — Onde quer que eu fique? — perguntou Donner. O capitão riu.

— Senhor, nunca pergunte a um soldado onde ele quer que um jornalista fique!

— Com você, então?

— Eu dirijo esta belezinha — respondeu ao jornalista, apontando com a cabeça para o tanque. — Vou colocar o senhor num dos Brads.

— Preciso de uma equipe de câmera.

— Eles já estão aqui — disse-lhe o capitão, apontando. — Naquela direção.

Mais alguma coisa?

— Sim. Você gostaria de saber o que está acontecendo? — perguntou Donner.

Os jornalistas tinham estado virtualmente prisioneiros num hotel em Riad, não recebendo sequer permissão de telefonar para casa e contar às famílias onde estavam. Os familiares sabiam apenas que os jornalistas haviam sido convocados pelo governo, e que as empresas para as quais trabalhavam tinham assinado acordos de não revelar o propósito de suas missões. No caso de Donner, a emissora dissera que ele estava a serviço, coisa difícil de explicar com o embargo às viagens. Mas eles haviam sido instruídos sobre a situação geral — não havia como evitar isso, já que estariam em contato com muitos soldados.

— Seremos informados daqui a uma ou duas horas, ou pelo menos foi o que o coronel nos disse. — Mas o jovem oficial estava interessado agora.

— Isso é algo que você precisa saber. Honestamente.

— Sr. Donner, eu sei o que o senhor armou para o presidente, e...

— Se quer atirar em mim, faça mais tarde. Ouça o que estou dizendo, capitão. Isto é importante.

— Venda seu peixe, senhor.

Havia alguma coisa perversa em ser maquiado em momentos como esse.

Como sempre, era Mary Abbot quem estava fazendo o trabalho, vestindo sua máscara, e desta vez luvas, enquanto ambos os teleprompters corriam o texto do presidente. Ryan não tivera tempo ou mesmo disposição para ensaiar. Por mais importante que fosse o discurso, ele só queria fazê-lo uma vez.

— Eles não podem trafegar em CAMPO aberto — insistiu o general saudita.

— Não foram treinados para isso, ainda são muito dependentes de estradas.

— Temos informações que sugerem o contrário, senhor — disse Diggs.

— Estamos prontos para eles.

— Vocês nunca estão prontos o bastante, general. Ninguém está.

Em PALM BOWL, o clima estava tenso, mas, sob todos os outros aspectos, normal. Segundo as fotos dos satélites, as forças da URI ainda estavam em movimento. Se prosseguissem, seriam recebidas por brigadas kuwaitianas lutando em seu próprio território, e por um regimento americano de reserva e por sauditas prontos a proporcionar apoio rápido. Eles não sabiam qual seria o resultado da batalha — os números gerais não eram prováveis —, mas essa não seria a última vez, disse o major Sabah com seus botões. Parecia-lhe uma tolice que as forças aliadas não pudessem atacar primeiro. Elas sabiam o que estava chegando.

— Captando algumas conversas por rádio — reportou um técnico. Lá fora, o sol começava a se pôr. As fotos de satélite dos oficiais de informação pareciam ter quatro horas de idade. Não haveria mais fotos disponíveis nas duas horas seguintes.

STORM TRACK ficava próximo da fronteira Arábia Saudita URI, distante demais para um morteiro, mas não a salvo de tubos reais de artilharia. Uma companhia de 14 tanques sauditas estava agora disposta entre o posto de escuta e a berma. Além disso, pela primeira vez em vários dias, estavam começando a captar transmissões de rádio. Os sinais eram embaralhados, mais como os aparelhos de comando do que como os rádios, táticos normais, numerosos demais para os sistemas de codificação simplificada. Incapacitados de entendê-las imediatamente — esse era o trabalho dos computadores lá na Cidade Militar Rei Khalid —, eles tinham começado a tentar localizar seus pontos de origem.

Em vinte minutos, tinham trinta pontos de fontes. Vinte representavam quartéis-generais de brigadas. Seis para os postos de comando de divisões. Três para os comandos de corporações, e um para o comando do Exército. Pareciam estar testando sua rede de comunicações, conforme concluiu o pessoal da ELINT. Eles teriam de esperar que os computadores desembaralhassem o que estava sendo dito. Os localizadores de direção haviam determinado que estavam seguindo a estrada para Al Busayyah, ainda em sua marcha de aproximação até o Kuwait. O tráfego de rádio não era tão notável assim. Talvez, pensava a maioria, o Exército de Deus precisasse de mais prática na disciplina de marcha. Embora não tivessem se saído tão mal assim em seu exercício...

Com o pôr do sol, os Predators foram lançados novamente, rumo ao norte. Em primeiro lugar, seguiram até as fontes de rádio. Suas câmeras viraram a 16 quilômetros dentro da URI, e a primeira coisa que um deles viu foi uma bateria de canhões de torre 203mm, em cima de seus caminhões, membros estendidos, tubos voltados para o sul.

— Coronel! — gritou um sargento, esbaforido.

Lá fora, os pilotos de tanques sauditas haviam selecionado pequenas colinas atrás das quais se esconder, e estavam destacando alguns tripulantes pela área, como observadores. Os primeiros tinham acabado de estabelecer seus pontos de observação quando lampejos alaranjados começaram a pontuar o horizonte nordeste.

Diggs ainda estava discutindo padrões de posicionamento de combate quando chegou a primeira mensagem: — Senhor, STORM TRACK está relatando disparos de artilharia.

— Bom dia, amigos americanos — disse Ryan para as câmeras. Sua imagem estava sendo transmitida em âmbito mundial. Sua voz seria ouvida até mesmo por aqueles que não tinham aparelhos de TV disponíveis. Na Arábia Saudita, suas palavras estavam sendo transmitidas em AM, FM e ondas curtas, de modo que cada soldado, marinheiro e aeronauta pudesse ouvir o que iria dizer. — Passamos por muita

coisa nas duas últimas semanas.

Minha primeira tarefa é contar-lhes sobre o progresso que temos tido contra a epidemia que foi infligida a nosso país.

Não foi fácil para mim ordenar a imposição de um embargo às viagens interestaduais. Há poucos direitos mais preciosos que o de ir e vir conforme aprovar a cada cidadão. Porém, tendo por base o conselho dos melhores médicos especialistas, senti que era necessário tomar essa atitude. Agora posso reportar a vocês que a ordem surtiu o efeito desejado. Há quatro dias que não temos notícias de novos casos da doença. Isso se deve em parte às medidas tomadas pelo governo, mas os maiores responsáveis são vocês, que tomaram as medidas apropriadas para proteger a si próprios. Ainda hoje daremos informações mais detalhadas, mas por enquanto posso dizer-lhes que a epidemia de Ebola vai acabar, provavelmente na semana que vem. Muitos dos casos mais recentes são de pessoas que certamente sobreviverão. Os profissionais médicos da América realizaram um trabalho sobre-humano para ajudar os afligidos, para nos ajudar a entender o que estava acontecendo e como melhor combater a doença. Esta tarefa ainda não está completa, mas nosso país sobreviverá a esta tempestade, assim como sobreviveu a muitas outras.

Um momento atrás, eu disse que a epidemia nos foi infligida.

A chegada dessa doença ao nosso país não foi acidental. Fomos atingidos por uma forma de ataque nova e bárbara. É chamada de guerra biológica. Trata-se de uma coisa banida pelo tratado internacional. A guerra biológica tem como propósito aterrorizar e aleijar uma nação, em vez de matá-la. Todos sentimos desgosto e horror com o que está acontecendo ao nosso país, a forma como a doença ataca as pessoas aleatoriamente. Minha própria esposa, Cathy, vem trabalhando horas a fio com vítimas do Ebola em seu hospital em Baltimore.

Como vocês sabem, estive lá há alguns dias para ver com meus próprios olhos.

Vi as vítimas, conversei com médicos e enfermeiras, e fora do hospital sentei-me para conversar com um homem cuja esposa estava doente.

Eu não pude dizer a ele naquela hora, mas posso dizer a vocês agora: desde o começo suspeitávamos que a epidemia era um ato de um só homem, e durante os últimos dias, nossas agências de policiamento e informação apuraram as provas de que precisávamos antes de dizer a vocês o que lhes direi agora.

Nos televisores através do mundo apareceram os rostos de um menino africano e uma freira belga, paramentada.

— Esta doença começou há alguns meses no Zaire — prosseguiu o presidente. Ryan precisava conduzir, lenta e cuidadosamente, a todos por aquela notícia, e estava se esforçando para manter um tom neutro.

Os pilotos de tanques sauditas voltaram imediatamente aos seus veículos, acionaram as turbinas, e se moveram para novas locações. Mas os disparos, eles viram, estavam direcionados para STORM TRACK. Aquilo fazia sentido, pensou seu comandante. O posto de escuta era um ponto vital de angariação de informações. Seu trabalho era proteger STORM TRACK, o que podiam fazer contra tanques e tropas, mas não contra fogo de artilharia. O capitão saudita era um homem bonito, de 25 anos. Era também muito devoto, e portanto ciente do fato de que os americanos eram convidados em seu país, e portanto merecedores de sua proteção. Ele correu até seu rádio para contatar os quartéis-generais de seu batalhão, e requisitou transportes terrestres blindados — usar helicópteros seria suicídio — para evacuar os especialistas em informação.

— E assim, temos a doença viajando da África para o Irã. Como sabemos disso? — perguntou o presidente. — Sabemos porque a doença viajou de volta para a África neste avião. Por favor, notem o código de registro, HX-NJA. Este é o mesmo avião supostamente perdido com a irmã Jean Baptiste a

bordo...

Precisamos de outro dia, merda!, pensou Diggs. E as forças inimigas estavam realmente a quase 320 quilômetros a oeste de onde todos haviam planejado encontrá-la.

— Quem está mais perto? — perguntou.

— É a área da Quarta Brigada — replicou o oficial superior saudita. Mas essa brigada estava espalhada por uma frente de mais de 150 quilômetros. Havia alguns helicópteros de reconhecimento na região, mas os helicópteros de ataque também estavam no lugar errado, a oitenta quilômetros ao sul de Wadi al Batin.

O outro lado não estava cooperando muito.

Daryaei ficou chocado ao ver sua fotografia na TV. Pior, pelo menos população de seu país estava assistindo àquilo. A CNN americana não estava disponível na URI, o serviço inglês Sky News estava, e ninguém pensara em..

— Este é o homem por trás do ataque biológico ao nosso país — disse Ryan, com tipo de calma que parecia robótica. — Ele é o causador das mortes de muitos milhares de nossos cidadãos. Agora, eu lhes direi por que ele fez isso, por que houve um ataque a minha filha, Katie, e por que aconteceu um atentado à minha própria vida, há apenas algumas horas, no Salão Oval. Imagino que o Sr. Daryaei esteja assistindo a esta transmissão, ao vivo ou não. Mahmoud Haji — disse o presidente dos EUA, direto para olho da câmera —, o seu homem Aref Raman está agora sob custódia federal. O senhor realmente acredita que a América é tão idiota assim?

Como todos os outros na Corcel Negro, Tom Donner estava ouvindo — em seu caso, com um par de fones de ouvido pelo rádio do tanque Bradley. Não havia fones suficientes para todos, e os tripulantes precisavam dividi-los.

Donner observou seus rostos. Eles, também, estavam tão vazios e inexpressivos quanto a voz de Ryan, até mesmo em sua última frase, que causara tanta indignação.

— Puta merda — disse um dos especialistas 4. Era um Delta-11, um batedor da RCB, e artilheiro de retaguarda para esta estação.

— Meu Deus — conseguiu dizer Donner. Ryan prosseguiu: — As forças da URI estão agora posicionadas para invadir nosso aliado, o Reino da Arábia Saudita. Nos últimos dois dias, movemos forças para lá a fim de apoiar nossos amigos.

Agora preciso dizer-lhes uma coisa muito importante. O ataque à minha filha, o atentado à minha vida, e o ataque bárbaro ao nosso país foi realizado por pessoas que se dizem muçulmanas. Todos precisamos compreender que essa religião não tem nenhuma relação com esses atos inumanos. O Islã é uma religião. A América é um país no qual liberdade religiosa é a primeira liberdade garantida em nossa Constituição, mesmo antes da expressão e de todas as outras. O Islã não é inimigo de nosso país ou de nenhum outro. Assim como minha família foi atacada por pessoas que se diziam católicas, essas pessoas deturparam e corromperam sua fé religiosa em nome do poder mundial, e depois se esconderam por trás dela, como covardes que são. O que Deus pensa disso, não sei dizer mas ele é misericordioso e justo.

Bem, haverá justiça. Se as forças da URI dispostas na fronteira saudita moverem para invadir, nós as enfrentaremos. Nossas forças armadas estão neste mesmo momento no campo de batalha, e agora falarei diretamente a elas.

Agora vocês sabem por que foram levados para longe de seus lares e famílias. Agora vocês sabem por que precisam pegar armas para defender seu país. Agora vocês conhecem a natureza de seu inimigo, a natureza de seus atos.

Mas a América não tem uma tradição de ataque deliberado aos inocentes.

Vocês atuaram segundo as nossas leis em todas as épocas. Agora preciso enviá-los para a batalha, quem dera que isso não fosse necessário. Eu mesmo já servi nos fuzileiros, e sei como é estar num país estrangeiro. Mas vocês estão aí para apoiar o seu país, e aqui em casa seu povo está apoiando vocês. Todos vocês estarão em nossas preces.

Aos nossos aliados no Kuwait, Reino da Arábia Saudita, Catar, Omã, e todos os Estados do Golfo: a América está novamente ao seu lado para impedir a agressão e restaurar a paz. Boa sorte.

Então, o tom da voz de Ryan mudou. Pela primeira vez, ele deixou suas emoções aparecerem plenamente.

— E boa caçada.

Os tripulantes na estação de comando da Tropa B entreolharam-se por vários segundos antes que alguém abrisse a boca. Eles até conseguiram esquecer a presença do repórter. O mais jovem deles baixou os olhos para suas mãos trêmulas e falou o que estava pensando.

— Aqueles filhos da puta vão pagar. Eles vão pagar por isso, pessoal.

Quatro blindados de transporte de tropas corriam pelo deserto a cerca de 64 quilômetros por hora. Estavam evitando a estrada de terra batida até STORM TRACK por temerem que estivesse na mira do fogo de artilharia; esta provava-se uma precaução correta. Sua primeira visão de seu objetivo foi uma nuvem de fumaça e poeira levantando-se do posto de captação enquanto os tiros de canhão continuavam a castigar o sítio. Um dos três prédios parecia estar em pé, mas em chamas, e o tenente saudita conduziu o pelotão de escolta perguntou-se se alguém poderia estar vivo ali. Ao norte avistou um tipo diferente de lampejo — a oito quilômetros de distância, a língua de chamas do nariz de metal do canhão principal de um tanque iluminava os contornos da paisagem desértica, que não eram tão niveladas quanto aparentavam à luz do dia. Um minuto depois, os disparos contra STORM TRACK arrefeceram um pouco, alternando para onde os tanques estavam evidentemente enfrentando veículos inimigos invadindo seu país. Ele agradeceu a Alá que seu trabalho imediato tivesse se tornado um pouco mais fácil, enquanto seu radioperador entrava em contato com o rádio tático de STORM TRACK.

Os quatro blindados de transporte encontraram seu caminho através das antenas caídas nas ruínas do complexo. Então, suas portas traseiras abriram-se e os soldados desceram correndo para olhar em volta. Trinta homens e mulheres trabalhavam ali. Eles encontraram nove pessoas ilesas, mais cinco feridas. O pelotão de escolta levou cerca de cinco minutos vasculhando as ruínas, porém mais nenhuma pessoa viva foi encontrada, e não havia tempo para respeitos para com os mortos. Os veículos blindados retornaram para o batalhão CP, onde helicópteros aguardavam para retirar os americanos.

O Comandante de Blindados saudita ficou estarelecido com o elemento-surpresa haver funcionado. Ele sabia que a maioria das forças de seu país estava a 320 quilômetros a leste. Mas o inimigo estava aqui e indo para o sul. Eles não estavam indo para o Kuwait ou atrás dos campos de petróleo. Isso ficou claro quando os primeiros tanques URlanos apareceram em seu visor térmico, pontuando a berma, fora do alcance dos canhões porque ele fora ordenado a não se aproximar demais. O jovem oficial não sabia o que fazer. Normalmente, seus militares trabalhavam sob circunstâncias muito controladas, e assim ele decidiu pedir instruções por rádio. Mas seu comandante de batalhão estava ocupado agora, seu próprio comando de 54 tanques e outros veículos espalhados por uma frente de trinta quilômetros, todos sendo atingidos por disparos indiretos de artilharia, e em sua maioria reportando que tanques inimigos cruzavam a fronteira, apoiados por transportes de infantaria.

O oficial decidiu que precisava fazer alguma coisa. Ordenou que seus tanques avançassem para enfrentar o ataque. A três mil metros, seus homens abriram fogo, e os primeiros 14 disparos resultaram em oito impactos, nada mau sob as circunstâncias e para soldados de meio expediente, pensou enquanto decidia fincar pé e lutar ali mesmo, e defender seu solo contra o invasor. Seus 14 tanques espalharam-se

ao longo de uma linha de três quilômetros de comprimento. Era um destacamento de defesa, mas do tipo estacionário. No centro de sua própria linha, o oficial estava concentrado demais no que acontecia à sua frente. A segunda saravada acertou mais seis inimigos ao longe, mas então um de seus tanques foi atingido diretamente por um disparo de artilharia, que destruiu seu motor e iniciou um incêndio. A tripulação foi obrigada a abandonar o veículo, apenas para ser esvaquiada por mais disparos de artilharia antes de poder correr cinco metros. O oficial estava olhando naquela direção e os viu morrer, a quatrocentos metros de distância, e soube que agora havia um buraco em sua linha, e que precisava tomar alguma atitude quanto a isso.

Seu artilheiro, como os outros, estava procurando e tentando enfrentar os tanques inimigos, os T-80 com suas torres de tiro esféricas, quando a primeira saravada de mísseis antitanques chegou voando dos veículos BMP de transporte blindado de artilharia, posicionados atrás dos T-80. Os mísseis antitanques começaram a atingir seus alvos, e embora não pudessem penetrar a blindagem frontal dos tanques, as esteiras foram desalojadas, mais motores incendiaram, e os sistemas de controle de incêndio foram danificados. Quando metade de seu comando estava em chamas, o oficial decidiu que era hora de recuar. Quatro tanques começaram a se mover novamente, virando-se e correndo dois quilômetros para o sul. O capitão permaneceu com os outros três e destruiu mais um tanque antes de começar a se mover. O ar estava agora infestado de mísseis e um deles atingiu as costas de sua torre de tiro, incendiando a caixa de armazenagem de munição. A chama vertical sugou o ar a partir da escotilha aberta, asfixiando sua tripulação enquanto ele era queimado vivo. Sem líder, a companhia prosseguiu lutando por mais trinta minutos, caindo novamente até os três tanques sobreviventes correrem para o sul a cinquenta quilômetros por hora, tentando encontrar o posto de comando do batalhão.

Ele não estava mais lá. Fora localizado por suas transmissões de rádio e atingido por uma brigada inteira de artilharia da URI em sua posição despreparada, exatamente quando os sobreviventes de STORM TRACK chegavam com a tropa de escolta. Na primeira hora da Segunda Guerra do Golfo Pérsico, uma brecha de cinquenta quilômetros fora aberta nas linhas sauditas, e havia uma trilha direta até Riad. Para isso, o Exército de Deus perdera metade de uma brigada, um preço alto, mas que eles estavam dispostos a pagar.

O quadro inicial não estava claro. Se estivesse, seria um caso raro. Essa era a vantagem que o atacante tinha, pensou Diggs, e o trabalho do comandante era conferir ordem ao caos e procurar usar a ordem adquirida para infligir caos ao inimigo. Com a destruição de STORM TRACK, ele estava temporariamente desprovido do Predator. Isso precisava ser corrigido imediatamente. A 366ª

avia destacado radares aéreos J-STARS capazes de rastrear o movimento das tropas de terreno. No ar estavam duas aeronaves K-3B AWACS, cada uma escoltada de perto por quatro caças. Vinte caças da URI apareceram e começaram a perseguir-los. Isso iria ser excitante para a Força Aérea.

Mas Diggs tinha seus próprios problemas. Com a perda de STORM TRACKS e seus Predators, ele estava quase completamente cego e sua primeira ação retificadora seria ordenar ao 10º RCB seguir para oeste. As palavras de Eddington ocorreram-lhe novamente. O centro de gravidade saudita poderia não ser, afinal de contas, um alvo econômico.

— Nossas tropas estão dentro do reino — disse-lhe o oficial de informação.

— Eles estão enfrentando oposição, mas estão penetrando. O posto de espionagem americano foi destruído.

As notícias não deixaram Daryaei feliz.

— Como eles souberam... como eles souberam?

O chefe de informação estava com medo de perguntar como eles souberam o quê. Assim esquivou-se do assunto: — Isso não importa. Estaremos em Riad em dois dias, e depois nada importará.

— O que sabemos sobre a doença na América? Por que não há um número maior de doentes? Como eles podem ter tropas para enviar?

— Isso eu não sei — admitiu o chefe de informação.

— O que você sabe?

— Aparentemente, os americanos possuem um regimento no Kuwait, e outro no reino, com um terceiro levando equipamentos dos navios... aqueles que os indianos não detiveram... até Dhahran.

— Então ataque os navios! — quase berrou Mahmoud Haji. Quanta arrogância daquele americano, referindo-se a ele pelo nome, de uma forma que seu próprio povo poderia ter visto, ouvido... e acreditado?

— Nossa força aérea está atacando no norte. Esse é o local de decisão.

Qualquer diversão desse local será perda de tempo — replicou racionalmente.

— Mísseis, então!

— Veremos o que pode ser feito.

O General em comando da 4ª Brigada saudita recebera instruções de esperar nada mais que um ataque de desorientação a sua área, e permanecer a postos para desferir um contra-ataque à URI tão logo começasse seu ataque em massa ao Kuwait. Como muitos generais através da História, ele cometera o erro de acreditar um pouco demais em seus oficiais de informação. O general dispunha de três batalhões mecanizados, cada um cobrindo um setor de cinquenta quilômetros, com uma brecha de oito a 16 quilômetros entre eles.

Num papel ofensivo, esse seria um destacamento flexível para atacar o flanco inimigo, mas a perda prematura de seu batalhão intermediário de mísseis dividira seu comando em dois, deixando-o com a difícil tarefa de comandar partes separadas. Ele cometera o erro de se mover para frente em vez de para trás. Decisão corajosa, mas que negligenciava o fato de que, a 160 quilômetros atrás dele, ficava a Cidade Militar Rei Khalid, espaço no qual poderia ter-se reorganizado para um contra-ataque ponderado, em vez de um contra-ataque fragmentado e abrupto.

O ataque da URI fora realizado segundo o modelo aperfeiçoado pelo Exército soviético na década de 70. A fase inicial de invasão fora composta por uma brigada pesada investindo para a frente, protegida pelo fogo de artilharia em massa. A eliminação de STORM TRACK fora planejada desde o começo.

Ela e PALM BOWL — eles até conheciam seus nomes de código — eram os olhos da estrutura de comando do inimigo. Quanto aos satélites, eles não podiam fazer nada, mas os postos de captação de informações baseados em terra eram mais fáceis de lidar. Conforme o esperado, os americanos haviam enviado alguns equipamentos, mas não muitos, e metade eram aeronaves de voo diurno. Como no caso dos soviéticos, que escreveram a cartilha ao rumar para a baía de Biscaia, a URI aceitaria o custo, pesando vidas contra o tempo para alcançar seu objetivo político antes que seus inimigos potenciais pudessem se fortalecer. Os sauditas acreditavam que Daryaei queria seu petróleo mais do que qualquer coisa, mas o Exército dele estava rumando para Riad, onde ficava a família real e o governo da Arábia Saudita. Ao fazer isso, a URI punha em risco seu flanco esquerdo, mas as forças baseadas no Kuwait precisariam atravessar o terreno até Wadi ai Batin, e em seguida cruzar 320 quilômetros de deserto apenas para chegar onde o Exército de Deus já estivera.

O segredo era a velocidade, e o segredo para alcançar velocidade era a eliminação rápida da 4ª saudita. A artilharia ainda estava reunida a norte da berma, e iniciando um fogo incessante com o propósito de eliminar as comunicações e a coesão nas unidades com as quais os sauditas haviam tentado conter a invasão inicial. Era uma tática que quase certamente daria certo, contanto que estivessem dispostos a pagar o preço. Uma brigada havia sido destacada para cada um dos três batalhões fronteiriços.

O comandante da 4ª Brigada também possuía sua própria artilharia, mas esta, decidiu, seria melhor

usada na zona central de penetração, para punir as unidades com uma estrada limpa até o coração de sua pátria. Os reforços seguiriam principalmente para lá, para atacar as pessoas que apenas estivessem passando, em vez das brigadas, que apenas agora estavam contatando suas forças mecanizadas remanescentes. Com sua destruição, ele triplicaria a amplitude da brecha nas linhas sauditas.

Diggs estava no posto principal de comando enquanto todas essas novidades chegavam, e só depois de alguma reflexão percebeu o que estava acontecendo a ele. Já fizera isso com os iraquianos em 1991. Fizera isso com os israelenses durante alguns anos como comandante da divisão Búfalo. E também comandara o Centro Nacional de Treinamento durante algum tempo. Agora estava vendo o que era estar do outro lado. As coisas estavam acontecendo rápido demais para os sauditas. Ele estavam mais reagindo do que pensando, vendo a crise em sua magnitude, mas não em sua forma, semi paralisados pela velocidade dos eventos que, estivessem eles do outro lado, teria parecido apenas empolgante e nada mais.

— Faça a 4ª recuar cerca de trinta quilômetros — disse calmamente. — Vocês têm espaço de sobra para manobrar.

— Nós os deteremos lá mesmo! — replicou o comandante saudita, também automaticamente.

— General, isto é um erro. Está colocando aquela brigada em risco sem necessidade. Você pode recuperar terreno perdido. Você não pode recuperar tempo e homens perdidos.

Mas ele não lhe dava ouvidos e Diggs não tinha estrelas suficientes em seu colarinho para falar com mais insistência. Mais um dia, pensou, mais um maldito dia.

Os helicópteros estavam fazendo seu serviço. A Tropa M, 4ª do 10º, era composta de seis helicópteros de escolta Kiowa OH-58 e quatro pássaros de ataque Apache AH-64, todos portando mais tanques extras de combustível do que armas. Eles tinham avisado que caças inimigos estavam no ar, o que impedia que se voasse muito alto. Seus sensores farejavam o ar em busca de emissões de radar de mísseis terra-ar — tinha de haver alguns por perto —, enquanto os pilotos realizavam voos curtos de um topo de colina para outro, vasculhando a dianteira com sistemas de visão noturna e radares Longbow.

Entrando no território da URI, avistaram o veículo de escolta ocasional, talvez uma companhia espalhada, segundo estimavam, por vinte quilômetros dentro do campo de visão da fronteira kuwaitiana, mas isso era tudo. Os oitenta quilômetros seguintes revelaram quase a mesma coisa, embora os veículos fossem mais pesados. Ao chegar às cercanias de Al Busayyah, da qual o Exército de Deus vinha se aproximando — segundo informações captadas por satélite pelos serviços de informação —, tudo que realmente encontraram foram rastros na areia e alguns grupos de veículos de apoio, em sua maioria, caminhões de combustível. Destruí-los não era sua missão. Sua tarefa era localizar o Corpo principal do inimigo e determinar seu eixo de avanço.

Isso custou aos helicópteros outra hora de voos rasos e pulos de sapo.

Havia veículos dotados de mísseis terra-ar por ali, de fabricação russa e francesa, mísseis de curto alcance que os helicópteros sabiam ter de evitar. Uma esquadrilha de helicópteros Kiowa e Apache aproximou-se o bastante para ver uma coluna de tanques movendo-se através de uma brecha na berma em força de brigada, e isso a 240 quilômetros do ponto do qual eles haviam partido. Com essa informação, os helicópteros retiraram-se sem dar um único tiro em nada.

Na vez seguinte, eles poderiam vir com força, e não havia sentido em avisar às pessoas sobre a brecha em suas defesas aéreas antes que pudessem ser explorada! a contento.

O Batalhão da 4ª Brigada posicionado mais a leste estava em sua posição, e praticamente morrendo ali. A esta altura, os helicópteros de ataque da URI se haviam juntado a eles, e embora os sauditas atirassem bem, a inabilidade de manobrar era um empecilho muito grande. Isso custou ao Exército de

Deus outra brigada para cumprir esta missão, mas quando ela terminou, a brecha nas linhas sauditas tinha 112 quilômetros de largura.

A oeste, a situação era diferente. Este batalhão, comandado agora por um major, devido à morte de seu coronel, interrompeu contato e rumou para sudoeste com metade de sua força; em seguida, tentou virar para leste, para se adiantar ao ataque. Carecendo de força para se manter posicionado, ele atacou e se moveu, no processo contando com vinte tanques e vários outros veículos, antes de ficar sem combustível, trinta quilômetros ao norte da Cidade Militar Rei Khalid. Os veículos de reforço da 4ª Brigada tinham se perdido em algum lugar. O major pediu ajuda por rádio, perguntando-se se iria chegar algum.

Foi uma surpresa maior do que deveria. Um sistema de programa de apoio do sistema sobre o oceano Índico acusou a explosão do lançamento. Essa notícia seguiu para Sunnyvale, Califórnia, e de lá para Dhahran. Tudo aquilo havia acontecido antes, mas ao norte, com mísseis lançados do Irã. Os navios mal estavam carregados até a metade. A guerra tinha apenas quatro horas de duração quando o primeiro míssil Scud deixou a plataforma de seu caminhão de lançamento, rumando para norte sobre as montanhas Zagros.

— O que é agora? — indagou Ryan.

— Agora você entende por que os cruzadores ainda estão lá — replicou Jackson.

O aviso de ataque mal foi necessário. Os três cruzadores, mais o Jones e seus radares, estavam vasculhando o céu, e todos eles captaram o ataque balístico há mais de 160 quilômetros de distância. A Guarda Nacional, esperando sua vez de rumar até veículos, observou as bolas de fogo dos mísseis superfície-ar subirem ao céu, sair atrás de coisas que só os radares podiam ver. O lançamento inicial de três projéteis explodiu separadamente na escuridão, e só.

Mas os soldados estavam até mais motivados em reunir seus tanques quando o clarão triplo desceu de 1.600 metros de altura.

No Anzio, Kemper observou o rastro desaparecer da tela. Esta era outra coisa que os Aegis podiam ser bons, embora continuar sob o fogo não fosse exatamente ideia de diversão.

O outro evento da noite foi a batalha aérea acirrada sobre a fronteira. As aeronaves AWACS tinham observado o que se revelara 24 caças em rota de aproximação direta, numa tentativa de negar aos aliados cobertura aérea. Isso provou ser um exercício oneroso. Nenhum ataque às aeronaves E-3B foi realmente bem-sucedido. Em vez disso, a força aérea da URI continuou demonstrando sua capacidade em perder aviões de propósito. Mas isso fazia diferença? O controlador americano mais graduado num AWACS lembrou de uma velha piada da OTAN. Um general de tanques soviético encontrou com outro em Paris e perguntou: Por falar nisso, quem ganhou a guerra aérea? A graça da piada era que as guerras eram vencidas ou perdidas no solo. E assim seria aqui.

BUFORD

As intenções do inimigo só ficaram claras seis horas depois do primeiro ataque de sua artilharia. Coube aos jornalistas do helicóptero de reconhecimento um quadro inicial, mas o que finalmente esclareceu tudo foram as fotografias por satélite. A mente de Marion Diggs estava entupida de precedentes históricos. Quando o alto comando francês desvendara o Plano Schlieffen alemão antes da Primeira Guerra Mundial, sua reação geral havia sido melhor para nós! Aquele assalto mal chegara às cercanias de Paris. Em 1940, o mesmo alto comando recebera as notícias iniciais de outro ataque alemão com sorrisos — esse ataque terminara na fronteira espanhola. O problema era que as pessoas tendiam a manter-se mais fiéis às suas ideias que aos seus cônjuges, e a tendência era universal. Era bem depois da meia-noite, portanto, quando os sauditas compreenderam que a força principal de seu Exército estava no lugar errado, e que sua força de cobertura oriental fora subjugada por um inimigo que era inteligente ou idiota demais para fazer o que se esperava que ele fizesse. Para resistir a isso, eles tiveram que travar uma batalha de manobras, algo para o que estavam despreparados. A URI decidiu que rumaria primeiro para a Cidade Militar Rei Khalid. Haveria uma batalha por esse ponto no mapa, depois da qual o inimigo teria a opção de se voltar para leste na direção do Golfo Pérsico — e o petróleo — desta forma encurralando as forças aliadas; ou continuar para sul até Riad para desferir um nocaute político e vencer a guerra. No fim, pensou Diggs, não era um plano tão terrível assim.

Se eles conseguissem executá-lo. Contudo, seu problema era o mesmo que o dos sauditas. Eles tinham um plano. E consideravam esse plano muito bom, e eles, também, achavam que o inimigo deles iria colaborar para sua própria destruição. Cedo ou tarde, todos faziam isso, e o segredo para estar no lado vencedor era saber o que se podia e o que não se podia fazer. Este inimigo ainda não sabia a parte que não podia fazer. Não havia sentido em ensinar-lhe cedo demais.

Na sala de situação, Ryan estava ao telefone com seu amigo em Riad.

— Estou com a foto, Ali — assegurou-lhe o presidente.

— Isto é sério.

— O sol nascerá cedo, e vocês terão espaço para negociar por tempo. Isso deu certo antes, alteza.

— E o que suas forças farão?

— Elas não podem exatamente vir para casa daí, podem?

— Está tão confiante assim?

— Você sabe o que aqueles desgraçados fizeram conosco, alteza.

— Claro que sim, mas...

— E nossas tropas também sabem, meu amigo. E então Ryan pediu um favor.

— Esta guerra começou mal para as forças aliadas — estava dizendo Tom Donner ao vivo para o NBC Nightly News. — Pelo menos é o que temos ouvido.

Os exércitos combinados do Iraque e do Irã esmagaram as linhas sauditas a oeste do Kuwait e estão seguindo para o sul. Estou aqui com os soldados do 11º

RCB, o Corcel Negro. Este é o sargento Bryan Hutchinson, de Syracuse, Nova York. Sargento, o que está achando disto?

— Acho que simplesmente teremos de ver, senhor. O que posso lhe dizer é que a Tropa B está pronta para o que der e vier. Duvido que eles estejam prontos para nós, senhor. Venha conosco e assista.

E isso era tudo que ele tinha a dizer.

— Como estão vendo, apesar das más notícias do campo de batalha, estes soldados estão prontos para o contato... na verdade, estão até ansiosos por ele.

Tendo acabado de falar com seu soberano, o comandante saudita superior desligou o telefone e se virou para Diggs.

— O que você recomenda?

— Para início de conversa, acho que devemos mover a 5ª e a 2ª brigadas para sudoeste.

— Isso deixa Riad a descoberto.

— Não, senhor, na verdade não deixa não.

— Devemos contra-atacar imediatamente!

— General, não precisamos fazer isso ainda — disse-lhe Diggs, baixando os olhos para o mapa. O 10º certamente estava numa posição interessante... Ele olhou para o oficial saudita. — Senhor, já ouviu a história do touro velho e do touro novo?

Então Diggs contou uma de suas piadas favoritas, uma que, depois de alguns segundos, fez os oficiais superiores sauditas assentirem.

Como o senhor está vendo, até mesmo a televisão americana está dizendo que estamos sendo bem-sucedidos — relatou o chefe de informação ao seu chefe. O general em comando da Força Aérea da URI estava menos otimista.

No último dia ele perdera trinta caças, derrubando, em troca, talvez dois aviões sauditas. Seu plano de atacar e derrubar os aviões AWACS, que tanto influíam nos resultados dos combates aéreos, havia falhado, custando-lhe, no processo, um grupo de seus pilotos mais bem treinados. A boa notícia, para ele, era que seus inimigos careciam das aeronaves necessárias para invadir seu país e causar danos sérios. Agora, mais forças terrestres estavam descendo do Irã para avançar ao Kuwait vindo do norte. Com sorte, tudo que teria a fazer seria cobrir as forças terrestres avançadas, o que seus homens sabiam como fazer especialmente à luz do dia. Dali a algumas horas, todos estariam informados sobre seu curso de ação.

Um total de 15 mísseis balísticos tipo Scud haviam sido lançados em Dhahran. Acertar navios da força-tarefa COMEDIA teria sido um golpe de sorte, e todos os mísseis haviam sido interceptados ou, na maioria dos casos, caído inocentemente no mar durante uma noite de ruídos e fogos de artifício. A última parte do desembarque — neste estágio, a maioria dos veículos descendo em terra eram caminhões — estava sendo realizada agora, e Greg Kemper pousou seus binóculos, enquanto observava a fileira de caminhões pintados de marrom desaparecerem em meio à neblina matutina. Para onde estavam indo ele não sabia. Só sabia que cerca de cinco mil soldados da Guarda Nacional da Carolina do Norte estavam muito putos, e prontos para fazer alguma coisa.

Eddington já estava ao sul da Cidade Militar Rei Khalid, com seu estado-maior de brigada. Sua força MATILHA provavelmente não chegaria lá a tempo de travar a batalha. Em vez disso, ele os havia encaminhado a Al Artawiyah, um daqueles lugares que às vezes se tornavam importantes na história porque as estradas davam lá. Ele tinha certeza se isso aconteceria aqui, embora lembrasse que Gettysburg fora um lugar onde Bobby Lee esperava conseguir alguns sapatos para seus homens. Enquanto equipe

trabalhava, o coronel acendeu um charuto e caminhou para fora, onde viu duas companhias de soldados chegando com seus veículos. Decidiu caminhar naquela direção enquanto os policiais militares dispunham-nos em postos de defesa. Caças passaram rugindo. Caças F-15E americanos, a julgar pela aparência. Certo, ele pensou, o inimigo tivera umas boas 12 horas. Vamos deixá-los pensando isso.

— Coronel! — Um comandante de tanque Bradley saudou-o de sua escotilha Eddington subiu no veículo assim que ele parou. — Bom dia, senhor.

— Como estão todos?

— Estamos preparados pra cacete, senhor. Onde eles estão? — indagou o sargento tirando seus óculos de proteção cobertos de poeira.

Eddington apontou.

— Mais ou menos a uns 150 quilômetros naquela direção, vindo pra cá.

Conte como as tropas estão se sentindo, sargento.

— Quantos mataremos antes que eles nos façam parar, senhor?

— Se for um tanque, mate. Se for um BMP, mate. Se for um caminhão, mate o que estiver a sul da berma, e estiver carregando uma arma, mate. Mas as regras são diferentes sobre matar pessoas que não ofereçam resistência. Não violamos essas regras. Isso é importante.

— Faremos jogo limpo, coronel.

— Mas não corram riscos desnecessários com prisioneiros.

— Não, senhor — prometeu o comandante de tanque. — Não correrei.

A geometria colocou a CORCEL NEGRO na frente, avançando para oeste a partir de sua área de reunião na direção da Cidade Militar Rei Khalid. O coronel Hamm formou com seu comando avançando em fila, 1º, 2º e 3º esquadrões enfileirados de sul a norte, cada um cobrindo uma frente de vinte milhas. O 4º Esquadrão (Aéreo) estava em seu bolso, com apenas alguns helicópteros de escolta sondando a dianteira enquanto elementos de apoio terrestre de seu batalhão moviam-se para estabelecer uma base avançada num ponto em que suas tropas líderes ainda não haviam alcançado. Hamm estava em seu carro de ataque M4 — chamado, apropriadamente, Guerra nas Estrelas (eles chamavam-no Deus) —, começando a receber resposta de suas unidades avançadas.

O sistema IVIS estava começando a entrar on-line agora, num ambiente tático real. O Sistema de Informação Interveículos (IVIS) era uma rede de dados com a qual o Exército estava brincando havia cerca de cinco anos. Jamais fora testado em combate, e Al Hamm estava satisfeito em saber que seria o primeiro a provar seu valor. Suas telas de comando no M4 captavam tudo. Cada veículo específico era tanto um emissor quanto um receptor de informações. O sistema começou dizendo a todos onde estavam as unidades amigas, o que, com o equipamento de localização GPS, era preciso até o metro, e isso supostamente impediria perdas por fogo amigo. Ao toque de uma tecla, Hamm sabia a localização de cada veículo de ataque que possuía, indicado num mapa que mostrava todas as características relevantes do terreno. Com o tempo, teria um quadro similarmente preciso disposições inimigas, e com o conhecimento da localização de todos, vinha a opção de escolher suas posições. A 2ª e a 3ª

brigadas sauditas estavam a noroeste de Hamm, vinham da área fronteira do Kuwait. Ele tinha cerca de 150 quilômetros de terreno bruto para percorrer antes de ter de se preocupar com contato, e as quatro horas da marcha de aproximação serviriam para estabelecer o controle de suas unidades e verificar se tudo estava funcionando. Tinha dúvidas quanto a isso, mas era um treinamento que precisava realizar, porque erros nos campos de batalha, ainda que pequenos, sempre eram caros.

Os remanescentes da 4ª Brigada saudita tentavam se reunir ao norte da Cidade Militar Rei Khalid. Somavam talvez cerca de duas companhias de tanques e transportes de infantaria, cuja maioria havia realizado manobras de atacar-e-fugir durante a longa retirada do deserto. Alguns haviam sobrevivido por

pura sorte, outros mediante o brutal processo darwiniano que era a guerra móvel. O oficial superior sobrevivente era um major que fizera carreira no serviço de informação e que comandara um tanque sob as ordens do oficial não-comissionado. Seus homens haviam negligenciado o treinamento com equipamentos IVIS, preferindo mira e corrida em vez de treinos de batalha mais saturados. Bem, tinham pago um preço por isso, considerou o major. Sua primeira ordem de ação era localizar e convocar os caminhões de combustível que sua brigada tinha na retaguarda, para que os 29 tanques remanescentes e 15

outros carros de combate pudessem ser abastecidos. Alguns caminhões de munição também foram encontrados, o que permitiu o reabastecimento de cerca de metade de seus veículos pesados. Isso, enviou os veículos de apoio para a retaguarda e selecionou um uadi, palavra árabe que significa leito de rio seco — ao norte e a oeste da Cidade Militar Rei Khalid, como sua próxima posição de defesa. Ele levou mais meia hora para estabelecer contato confiável com seu alto comando e convocar apoio.

Sua força não era homogênea. Os tanques e carros de ataque vinham de cinco batalhões diferentes. Alguns tripulantes conheciam outros apenas casualmente ou simplesmente não conheciam, e ele estava com carência de oficiais para comandar a força que possuía. Com esse conhecimento veio a percepção de que seu trabalho era mais comandar do que lutar. Relutantemente, devolveu o tanque ao sargento que era seu dono, e escolheu um transporte de infantaria com mais rádios e menos distrações. Não era uma decisão bélica, não para uma pessoa cuja tradição cultural era conduzir uma turba de guerreiros a cavalo brandindo uma espada no ar, mas ele tinha aprendido algumas lições difíceis na escuridão ao sul da berma, o que o colocava um passo adiante de muitos homens que haviam morrido por não terem aprendido rápido o bastante.

O combate do dia começou depois de uma pausa no movimento e na matança, que mais tarde seria visto como um intervalo num jogo de futebol. O motivo pelo qual os sobreviventes da 4ª haviam aproveitado o tempo e o espaço para se reorganizar e se reabastecer, fora que o Exército de Deus fizera o mesmo. Os veículos reabasteceram nos caminhões-tanques Bowser, que haviam seguido as unidades de combate. Então seguiram cautelosos para a frente, permitindo que os caminhões-tanques socorressem as unidades avançadas posicionadas na retaguarda. Esse processo demandou quatro horas. A essa altura, a brigada e os comandantes das divisões estavam satisfeitos. Estavam apenas dez quilômetros atrás do plano — planos sempre eram otimistas — em termos de distância, e uma hora em termos de tempo. O reabastecimento aconteceu também quase dentro do cronograma. Eles haviam esmagado a oposição inicial, sofrendo mais baixas do que esperavam, mas mesmo assim arrasando seu inimigo. Os homens estavam cansados, mas soldados também tinham o direito de se cansar, e o intervalo de reabastecimento permitiria a quase todos cochilarem o suficiente para ficar mais atentos. Com o alvorecer, o Exército de Deus ligou seus motores a diesel e reiniciou seu percurso rumo ao sul.

Hoje, as primeiras batalhas seriam no ar. As forças aéreas aliadas começaram decolar em grande número logo depois das quatro da manhã, de bases na parte sul do reino. A primeira esquadrilha de aeronaves foi composta por Eagles F-15, que se juntaram a três AWACS E-3B circulando a leste e oeste de Riad. Os caças da URI também decolaram, ainda detendo o controle das estações terrestres de radar dentro do antigo Iraque. Começou como uma espécie de dança entre duas linhas de coro. Ambos os lados queriam saber onde estavam os lançadores de mísseis terra-ar do outro lado, e as informações haviam sido colhidas durante as horas escuras. Gradualmente, ficou determinado que ambos os lados teriam um cinturão de mísseis atrás do qual se esconder, mas nos dois casos as batalhas iniciais seriam travadas numa terra de ninguém eletrônica. O primeiro movimento foi realizado por uma esquadrilha de quatro aviões do 390º Esquadrão de Caças, os Wild Boars. Alertados por seu avião de controle que um caça da URI dobrara para leste, os Eagles angularam para oeste, acionaram as turbinas e cruzaram como raios o

espaço vazio, revertendo curso de volta ao mar enquanto isso. Os americanos haviam esperado vencer, e venceram. Os aviões da URI — na verdade, caças F-4 remanescentes dos tempos do xá — foram pegos olhando para o lado errado.

Alertados por seus controladores em terra, viraram-se, mas seu problema era mais profundo que a situação tática. Eles haviam esperado um padrão de conflito no qual um lado dispararia mísseis, e o outro fugiria, para depois retornar disparando seus próprios mísseis em um estilo de duelo tão rígido quanto uma justa medieval. Ninguém lhes dissera que não fora assim que seus inimigos americanos haviam treinado.

Os Eagles dispararam primeiro, perdendo um AMRAAM cada. Era um míssil do tipo dispare-e-esqueça, que lhes permitiria recuar depois de disparar.

Mas não fizeram isso. Ao invés, permaneceram atrás deles, seguindo tanto sua doutrina e suas inclinações depois de dez horas refletindo sobre o que seu presidente dissera no rádio. Agora era tudo uma questão pessoal, e a primeira equipe de pilotos de Eagle manteve a rota de aproximação enquanto seus mísseis seguiam até o primeiro grupo de alvos. Dos quatro alvos, três foram destruídos. O quarto fugiu, abençoado por sua sorte, e manobrou para disparar sua própria arma, apenas para ver em seu próprio radar que havia um caça a 15

quilômetros de distância, com uma razão de aproximação de quase dois mil nós. Isso fê-lo estremecer e dobrar rumo ao sul. Um erro. O piloto do Eagle diminuiu a potência da turbina e assumiu uma posição de perseguição de cauda.

Ele quis um abatimento visual, e conseguiu, mirando no seis do inimigo e selecionando as metralhadoras. Em mais quinze segundos, o F-4 se expandiu para encher a mira de tiro e...

— Raposa-três, Raposa-quatro atacando!

Uma segunda esquadrilha de Eagles estava agora na área de combate, caçando seus próprios alvos. Os controladores terrestres da URI ficaram estarelecidos com a velocidade do resultado, e ordenaram que seus caças apontassem contra os americanos em rota de aproximação e disparassem seus mísseis de longo alcance guiados por radar — mas mesmo então os americanos não fugiram como o esperado. Em vez disso, a tática de cada um foi girar noventa graus para o solo e manter uma distância equidistante até o avião atirando mísseis. Isso negou aos radares dos caças um Doppler, ou mudança de alcance-proporção, até seus alvos, invalidar a trava de radar, e enviar os mísseis em cursos aleatórios, não guiados. Em seguida, os Eagles mudaram de curso, selecionaram seus próprios mísseis, e dispararam a uma distância de menos de 16 quilômetros enquanto os da URI estavam tentando recuperar suas posições e disparar outra série de mísseis. Alertados que havia mais mísseis no ar, os caças inimigos tentaram virar e fugir, mas estavam muito dentro do alcance dos mísseis, e quatro deles também foram destruídos.

— Ei, compadre, aqui é Bronco — disse uma voz através do canal da URI. — manda mais pra gente. Estamos com fome. Queremos explodir eles todos e foder suas mulheres! — Ele mudou de canal para Céu-Um. — Líder Javali, mais negócios, câmbio?

— Não no seu setor, fique em prontidão.

— Câmbio, desligo. O tenente-coronel comandando o 390º manobrou lateralmente de novo, olhando para baixo para ver a massa de tanques que vinha de seus pontos de reunião, e pela primeira vez na vida desejou que seus mísseis fossem ar-terra em vez de ar-ar. O coronel Winters vinha de Nova York. Sabia que havia pessoas doentes lá, e aqui estava ele em guerra contra as pessoas que tinham causado a peste, mas ele abatera apenas dois aviões, e apenas três homens até agora.

— Líder Javali, em forma comigo — ordenou o tenente-coronel.

Em seguida, checkou seu combustível. Precisaria reabastecer muito em breve.

Os seguintes foram os Strike Eagles da 391ª, escoltados por caças F-16

equipados com HARM. Os caças menores, com lugar para um único piloto, aproximaram-se com seus receptores de ameaça ligados, farejando lançadores de mísseis terra-ar móveis. Esses se revelaram uma coleção considerável de veículos de mísseis de baixa altitude, Crotales franceses e velhos Gainfuls AS-6 russos, logo atrás das tropas líderes. Os pilotos do Viper mergulharam para chamar sua atenção, e então dispararam seus mísseis antirradar para cobrir os F-15E em aproximação. Esses estavam procurando, antes de mais nada, pela artilharia inimiga.

Os Predators estavam trabalhando nisso. Com a perda de seu controle terrestre em STORM TRACK, três haviam caído, criando uma brecha na cobertura de informação que levaria horas para ser retificada. Havia apenas mais dez no teatro de operações, Quatro desses estavam no ar, voando a uma altura de dois quilômetros e meio, pairando quase invisíveis sobre as divisões em movimento. As forças da URI baseavam-se principalmente em tubos de artilharia. Esses estavam sendo preparados agora para o próximo grande ataque, alinhados por trás de duas brigadas mecanizadas, prestes a dar o próximo salto na direção da Cidade Militar Rei Khalid. Um Predator encontrou o grupo de seis baterias. Os dados seguiram para uma equipe de coleta de informações, e daí para os AWACS, e de volta para os dezesseis Strike Eagles da 391^a.

A formação saudita aguardava, tensa. Seus 44 mísseis de combate espalhavam-se por mais de oito quilômetros, o máximo que seu comandante ousava. Para tal, precisara equilibrar dispersão com poder de fogo, no que esperava que viesse a ser uma ação de retardamento. Um grito de aproximação no céu disse a ele e a seus homens que se protegessem, enquanto cápsulas de oito polegadas começavam a pousar na frente de sua posição. O bombardeio inicial durou três minutos, as cápsulas avançando na direção em que estavam ele e seus veículos...

— Tigres em fúria! — gritou o comandante de ataque.

O inimigo evidentemente esperara seu primeiro ataque para perseguir os tanques líderes. Era nesses tanques que ficavam os mísseis terra-ar, e os Vipers estavam tentando cuidar deles. As três esquadrilhas de quatro caças separaram-se, e em seguida se dividiram em elementos de duas aeronaves, descendo para 1.200 metros a uma velocidade de quinhentos nós. As artilharias estavam ordenadas em filas equivalentes, os canhões separados a cerca de cem metros uns dos outros, juntamente com seus caminhões, exatamente como mandavam os manuais, pensou o tenente Steve Berman. Seu operador de sistema de armas selecionou bólidos Cluster e começou a carregá-los com minibombas.

— Está parecendo bom — avaliou o piloto. Eles tinham largado dois tambores de munições BLU-97 de efeito combinado, um total de mais de quatrocentas bombas do tamanho de uma softball. A primeira bateria foi dizimada quando o padrão cobriu sua posição. Houve explosões secundárias nos caminhões de posição. — O próximo. — O piloto deu uma guinada brusca para a direita. Seu operador técnico posicionou-o novamente na direção da bateria de canhões, e então ele viu...

— Triplo-A às dez horas.

Isso se revelou um veículo móvel ZSU-23 antiaviões, cujas quatro metralhadoras começaram a mandar rajadas na direção da Strike Eagle.

— Selecionando míssil Maverick.

Esta. dança, da morte durou apenas alguns segundos. O Eagle esquivou-se dos disparos e lançou um míssil ar-terra Maverick, que desceu para obliterar a fileira de canhões, e então o piloto seguiu atrás da bateria seguinte de obuses.

Parece Red Flag, pensou o piloto. Ele estivera aqui em 1991 como capitão e matara alvos, mas principalmente desperdiçara seu tempo em caças a Scuds.

As simulações de batalha na base aérea de Nellis jamais haviam conferido a experiência do combate

real.

Mas agora ele tinha a experiência. A missão fora planejada apenas num sentido geral.

Estava procurando por alvos em tempo real utilizando um radar de superfície e um visor Mark-um, e, ao contrário dos exercícios em Nellis, esses caras estavam disparando de volta com balas de verdade. Bem, ele estava lançando bombas de verdade, também. Mais disparos começaram a vir do solo enquanto alinhava seu avião com a coleção de alvos.

Tosse no meio de uma conversa: essa seria a melhor analogia. Houve, no centro, um choque final de vinte ou trinta projéteis a mil metros adiante de sua posição. Trinta segundos depois, mais dez caíram. Trinta segundos depois, apenas três. No horizonte, bem atrás da primeira fileira de tanques que apenas agora estavam aparecendo, havia nuvens de poeira. Alguns segundos depois, sentiram alguma coisa através de suas botas, e a seguir um rugido distante. A situação ficou clara em alguns segundos. Caças pintados de verde apareceram, rumando para o sul. Eram amigos, percebeu ele por suas formas. Então apareceu outro, deixando um rastro de fumaça, vacilando no céu; o caça mergulhou e despejou dois objetos, que logo se revelaram paraquedas. Os paraquedas flutuaram até o solo, um quilômetro atrás de sua posição. Enquanto isso, o caça colidia, formando uma imensa bola de fogo. O major mobilizou um veículo para pegar os homens, e então retornou sua atenção para os tanques que ainda estavam fora do alcance — ele ainda não dispunha de artilharia para atacá-los.

Merda, pensou o coronel, aquilo estava sendo mesmo como Red Flag, exceto que não passariam esta noite contando mentiras no clube e escapando para Vegas a fim de assistir a um espetáculo e se divertir num cassino. Sua terceira passagem conduziu-o ao fogo, e o Eagle estava avariado demais para conseguir chegar em casa. Ele ainda não estava nem no solo quando viu um veículo vindo em sua direção. Perguntou-se quem seria. Um momento depois, apareceu um carro de combate Hummer de fabricação americana. O veículo estava a cinquenta metros quando ele alcançou o chão, quicando na areia dura.

O coronel liberou seu paraquedas e sacou o revólver, embora com toda certeza o veículo fosse amigo, com dois oficiais sauditas dentro. Um veio até ele enquanto o outro levava o Hummer até onde o operador técnico estava parado, a oitocentos metros.

— Venha, venha! — chamou o recruta saudita.

Um minuto depois, o Hummer estava de volta com o operador técnico, que segurava seu joelho, uma expressão de dor no rosto.

— Torci feio, chefe. Pousei na porra numa rocha — explicou, sentando num dos bancos traseiros.

Em alguns segundos, o coronel descobriu que tudo que ouvira sobre os pilotos de tanque sauditas era verdade. Foi como estar num velho filme de Burt Reynolds, com o Hummer saltitando de volta à segurança do uádi. Mas o coronel sentiu-se bem ao ver as formas familiares dos veículos amistosos. O Hummer levou-o até o que devia ser o posto de comando. Ainda estavam disparando contra o lugar, e agora os projéteis estavam caindo a pouco mais de quinhentos metros.

— Quem é você? — perguntou o tenente-coronel Steve Berman.

— Major Abdullah. — O homem bateu continência. Berman embainhou o revólver e olhou em torno.

— Acho que vocês são os caras que viemos apoiar. Nós reduzimos bem a artilharia deles, mas aqueles putos deram sorte com seus Shilka. Pode conseguir um helicóptero para a gente?

— Vamos tentar. Estão feridos?

— Meu operador técnico está com o joelho ferido. Pode arranjar alguma coisa para a gente beber?

O major Abdullah ofereceu-lhe seu cantil.

— Estamos esperando um ataque.

— Posso observar? — perguntou Berman.

Cento e sessenta quilômetros ao sul, a brigada de Eddington ainda estava formando. Ele estava com um batalhão quase intacto. Este ele moveu trinta quilômetros para a frente, esquerda e direita da estrada até a Cidade Militar Rei Khalid, para proteger o restante de suas forças enquanto percorriam a estrada desde Dhahran. Infelizmente, sua artilharia fora o último grupo a desembarcar, e eles não estariam prontos por mais quatro horas. Mas não havia como evitar.

À medida que as unidades chegavam, ele as levou até as áreas de reunião; ali poderiam encher seus tanques de combustível. Precisando tirar pessoas da estrada e conduzi-las até a metade de seus destinos, a companhia levou cerca de uma hora para organizar tudo. Só agora seu segundo batalhão estava pronto para se mover. Este ele mandaria para oeste da estrada, o que permitiria ao primeiro se mover lateralmente para leste, e duplicar sua força de segurança avançada. Era muito difícil explicar as pessoas que as batalhas diziam mais respeito a controle de tráfego que a matar pessoas. Controle de tráfego e, também, coleta de informações eram coisas muito preciosas. Uma ação de combate era como o último ato de um grande bale — a maior parte dele consistia apenas em posicionar os dançarinos nas partes certas do palco. Os dois atos — saber para onde mandá-los e levá-los até lá — eram interativos e Eddington ainda não tinha um quadro muito claro da situação. Seu grupo de informação de brigada estava apenas começando a obter informações concernentes de Riad.

Seu batalhão líder tinha uma tropa de reconhecimento composta por HMMWVs e Bradleys, 15 quilômetros à frente da força principal; os veículos estavam camuflados da melhor forma possível e os soldados deitados de braços, vasculhando a dianteira com binóculos. Até agora não haviam reportado nada além de um sopro ocasional de poeira adiante do horizonte visível e roncões vindos de muito longe.

Bem, decidiu Eddington, quanto mais melhor. Ele tinha tempo de se preparar, e tempo era o bem mais valioso que um soldado poderia querer.

— LOBO-SEIS, aqui é MATILHA-SEIS, câmbio.

— LOBO-SEIS falando, câmbio.

— Aqui é MATILHA-SEIS. CANINOS BRANCOS está se movendo agora.

Deverão estar à esquerda de vocês dentro de uma hora. Podem começar seu movimento lateral quando eles chegarem à linha. Desligo.

— Entendido, coronel. Ainda não vimos nada aqui. Estamos em boa forma, senhor.

— Ótimo. Mantenha-me informado. Desligo. — Eddington colocou o telefone no lugar.

— Coronel! — Era o major que dirigia seu posto de informação. — Temos algumas informações para o senhor!

— Até que enfim!

O fogo de artilharia prosseguiu, com alguns projéteis caindo direto no uádi.

Era a primeira experiência daquele tipo do coronel Berman, e ele decidiu que não estava gostando. Aquilo também explicava porque os tanques e os carros de ataque estavam tão espalhados, o que lhe parecera muito estranho no começo.

Um bólido caiu cem metros à esquerda do tanque que o major Abdullah usava como escudo. Ambos ouviram distintamente os pingues de fragmentos colidindo com a blindagem pintada de marrom.

— Isto não está divertido — observou Berman, balançando a cabeça para afugentar o ruído da explosão.

— Obrigado por cuidarem do resto dos canhões deles. Isso foi assustador — disse Abdullah, olhando por seus binóculos. Os T-80 da URI estavam agora a pouco mais de trezentos metros, ainda não tendo avistado seu tanque de batalha M1A2 camuflado.

— Há quanto tempo estão em contato?

— Começou ontem, logo depois do pôr do sol. Somos tudo que resta da 4ª

Brigada. E isso não elevou nem um pouco a confiança de Berman. Sobre suas cabeças, a torre de tiro do tanque fez um leve ajustamento para a esquerda.

Uma frase curta foi ouvida pelo rádio do major, e ele replicou — gritou — uma única palavra. Um segundo depois, o tanque à esquerda deles empinou mais ou menos trinta centímetros para trás, e uma rajada de fogo foi cuspidada pelo canhão principal. Isso fez os disparos da artilharia parecerem, em comparação, fogos de artifício. Contra toda a lógica, Berman levantou a cabeça. A distância, ele viu uma coluna de fumaça, e uma torre de tiro de tanque subindo acima dela.

— Meu Deus!

— Você tem um rádio que eu possa usar?

— Céu-Um, aqui é tigre líder — e o oficial do AWACS ouviu num canal lateral. — Estou no solo com um grupo de tanques sauditas ao norte da Cidade Militar Rei Khalid. — Ele deu a posição. — Estamos em contato aqui. Tem alguma ajuda para mandar para a gente? Desligo.

— Tigre, você pode autenticar?

— Não, merda, as porras dos meus códigos foram pelos ares com meu F-15.

Aqui o coronel Steve Berman falando de Mountain Home, e sou um piloto muito puto da vida agora, Céu. Há quarenta minutos, nós chutamos a bunda de alguns artilheiros iraquianos, e agora estamos passando com tanques pela brecha. Você pode acreditar em mim ou não, câmbio.

— Ele me parece americano — considerou um oficial mais graduado.

— E se você olhar com atenção, os tanques deles são redondos no topo e apontam para o sul, enquanto os nossos são achatados no topo e apontam para o norte, câmbio. Essa informação foi seguida por um estrondo. — Este bombardeio não tem a menor graça — disse-lhes.

— Também acho — decidiu o primeiro controlador. — Tigre, aguarde. Diabo Líder aqui é Céu-Um, temos um servicinho para você...

Não era para ser dessa forma, mas mesmo assim estava acontecendo. Elas deviam ser ordens fragmentadas —, detalhando pacotes de táticas aéreas para setores de caça, mas não havia aviões suficientes para isso, nem tempo para selecionar seus setores. Céu-Um tinha uma esquadrilha de quatro caças F-16 esperando por um pouco de ação ar-terra, e esta parecia tão boa quanto qualquer outra.

O tanque parara para trocar tiros, mas, para os sistemas de disparo nos tanques Abrams de fabricação americana, esse era um jogo sem vencedores.

Além disso, no começo do dia essas tripulações sauditas haviam tido um curso de pós-graduação em artilharia pesada. O inimigo recuara e manobrava para a esquerda e para a direita, soltando fumaça para obscurecer o campo de batalha.

Mais veículos foram deixados para trás contribuindo com suas próprias colunas de fumaça negra ao céu matutino enquanto seus estojos de munição esfriavam.

A parte inicial do conflito durara cinco minutos e custara à URI vinte veículos que Berman podia ver, sem perdas para os aliados. Talvez a situação não estivesse tão ruim, afinal.

Os Vipers vieram do oeste, mal visíveis a cerca de seis quilômetros, lançando suas bombas Mark-82 no meio da formação inimiga.

— Brillhante! — sentenciou o major Abdullah, que fora educado na Inglaterra.

Eles não tinham como precisar quantos veículos haviam sido destruídos, mas agora aqueles homens sabiam que não estavam sozinhos em sua luta. Isso fazia uma grande diferença.

Por mais improvável que pudesse parecer, as ruas de Teerã haviam ficado ainda mais sinistras. O que

mais abismava Clark e Chavez (no momento, Klerk e Chekov) era ausência de conversas. As pessoas caminhavam sem falar umas com as outras. Houve também uma redução repentina no número de homens, agora que os reservistas estavam sendo convocados para viajar até seus exércitos, empunhar armas, e se preparar para guerra que seu novo país anunciara, a contragosto, depois do discurso do presidente americano Jack Ryan.

Os russos lhes tinham dado o endereço de Daryaei, e seu trabalho era na verdade a de encontrar sua casa — o que era muito mais fácil de dizer do que fazer nas ruas da cidade de um país em guerra. Especialmente se você estivera naquela cidade um pouco antes e fora visto por homens de sua força de segurança. As complicações estavam se acumulando.

O homem vivia modestamente, perceberam a dois quarteirões e meio de distância. Era um prédio de três andares numa rua de classe média, desprovido de qualquer símbolo de poder, exceto a presença evidente de guardas nos degraus da frente, e alguns carros posicionados nos cantos. Olhando mais de perto, a duzentos metros, viram que as pessoas evitavam caminhar daquele lado da rua. Homem popular, o aiatolá.

— E então, quem mais vive lá? — perguntou Klerk ao rezident russo. Ele estava disfarçado como o segundo-secretário da embaixada, e desempenhava muitas funções erráticas para manter a máscara.

— Principalmente guarda-costas, ou pelo menos é o que nós achamos.

Estavam sentados numa lanchonete, bebendo café e tomando o cuidado de não olhar diretamente para o prédio de seu interesse.

Acreditamos que os prédios do outro lado da rua estejam vazios. Esse homem tem suas preocupações com a segurança. O povo daqui está cada vez mais descontente com seu governo. Até o entusiasmo pela conquista do Iraque já esvaneceu. Vocês vão perceber a atmosfera tão bem quanto eu, Klerk. Essas pessoas estão sob controle mais de uma geração. Estão cansadas disso. E foi muito sagaz da parte do seu presidente anunciar as hostilidades antes de nosso amigo. Isso produziu um choque muito bom, acho. Sabe, gosto do seu presidente — acrescentou. — Sergey Nikolayevitch também.

— E quanto aos danos colaterais? — perguntou Clark. Foram necessários alguns circunlóquios para fazer isso sair em russo. — Vocês americanos são sentimentais demais em relação a esse tipo de coisa — falou o rezident. Isso o fez achar graça. — O camarada Klerk sempre teve coração mole — confirmou Chekov.

Na base da Força Aérea de Holloman, Novo México, um total de oito pilotos chegou ao hospital da base para fazer exame de sangue. Os kits de teste do Ebola por fim estavam chegando em grande quantidade. As primeiras entregas foram encaminhadas à aeronáutica que, entre as forças armadas, era a que podia transportar homens com maior rapidez. Havia aparecido alguns casos em Albuquerque, uma cidade próxima; todos estavam sendo tratados no Centro Médico da Universidade do Novo México, e dois nesta mesma base, um sargento e sua esposa, ele morto, ela quase. Não demorou para que essa notícia se espalhasse pela base, enfurecendo ainda mais os guerreiros já sedentos pelo sangue do inimigo. Todos os resultados dos exames de sangue foram negativos, e os aviadores sentiram um alívio extraordinário. Mas eles sabiam que agora deviam sair e fazer alguma coisa. As equipes terrestres chegaram em seguida.

Todos os sem exames também deram negativo. Todos foram mandados para a pista de decolagem. Metade dos pilotos embarcou nos Nighthawks F-117. A outra metade, com as equipes terrestres, embarcou no avião de transporte de combustível e passageiros KC-10, para a longa viagem até a Arábia Saudita.

As notícias estavam chegando pela rede de comunicações da própria Força Aérea A 366ª e os caças F-16 da base israelense estavam se saindo muito bem, mas todos teriam de fazer sua parte nesta guerra, e os homens e mulheres de Holloman seguiriam no segundo grupo para a zona de batalha.

— Ele é completamente louco? — perguntou o diplomata ao seu colega na iraniano. Eram os oficiais de campo que tinham a parte mais perigosa — ou pelo menos a mais delicada — da missão.

— Você não devia falar sobre nosso líder dessa forma — replicou o funcionário do Ministério das Relações Exteriores enquanto eles caminhavam pela rua.

— Muito bem, você acha que seu homem santo e sábio entende perfeitamente, que acontece quando se usam armas de destruição em massa? — perguntou mais delicadamente o oficial de informação.

Claro que ele não entendia, e os dois sabiam disso. Nenhuma nação-Estado faz esse tipo de coisa havia cinquenta anos.

— Ele deve ter cometido um erro de cálculo — condescendeu o iraniano.

— E que erro. — O russo vinha fazendo a cabeça desse diplomata de nível médio havia mais de um ano. — O mundo agora sabe que vocês possuem essa capacidade Foi muito sensato da parte dele voar no próprio avião que possibilitou isso. Ele é completamente doido. Você sabe disso. E por causa dele seu país será um pária...

— Não se pudermos...

— Não, não se vocês puderem. Mas e se não puderem? — perguntou o russo O mundo inteiro se voltara contra vocês.

— Isso é verdade? — indagou o sacerdote.

— A mais pura verdade — assegurou-lhe o homem de Moscou. — O presidente Ryan é um homem honrado. Foi nosso inimigo durante a maior parte de sua vida, inimigo muito perigoso, mas agora, com a paz entre nós, ele se tornou um amigo. Ele é muito respeitado pelos israelenses e pelos sauditas. O príncipe Ali bin Sheik e ele são muito íntimos. Isso é bem sabido.

Este encontro estava sendo em Ashkhabad, capital do Turcomenistão, próxima da fronteira iraniana e um lugar turbulento, especialmente com a morte do ex-premiê num acidente de trânsito — provavelmente premeditada, na opinião de Moscou — e a iminência das eleições. O homem de Moscou prosseguiu: — Pergunte a si mesmo: porque o presidente Ryan diria aquelas coisas sobre o Islã? Ele sofreu um ataque ao seu país, a sua filha, a ele mesmo... e nem por isso atacou a sua religião, meu amigo. Só um homem honrado agiria assim.

O homem no outro lado da mesa assentiu.

— Isso é possível. O que quer de mim?

— Uma pergunta simples. Você, como homem de Deus, aprova os atos abomináveis da URI?

Indignação:

— Ceifar vidas inocentes é uma ofensa a Alá. Todo mundo sabe disso. O russo assentiu.

— Então precisa decidir o que é mais importante para você: poder político ou sua consciência.

Mas não era tão simples assim: — O que você nos oferece? Tenho pessoas que logo me procurarão para cuidar de seu bem-estar: Não se deve usar a Fé contra os fiéis.

— Maior autonomia, comércio livre dos seus produtos para o resto do mundo, voos diretos para terras estrangeiras. Nós e os americanos arranjaremos linhas de crédito com os Estados islâmicos do Golfo. Eles não esquecem atos de amizade — assegurou o homem de Moscou ao próximo premiê do Turcomenistão.

— Como um homem temente a Deus pode fazer esse tipo de coisa?

— Meu amigo — ele não era realmente, isso era simples força de expressão — quantos homens começam fazendo coisas nobres e depois se tornam corruptos?

Talvez isso seja uma lição para vocês. Poder é uma coisa mortal, mais mortal ainda para aqueles que o têm em suas mãos terrenas. Você mesmo deve decidir o rumo que tomará. Que tipo de líder quer ser, e a

que outros líderes pretende associar seu país?

Golovko recostou-se e bebericou seu chá. O quanto seu país estivera errado em não defender a religião e, ao mesmo tempo, quão certo. Durante o regime anterior, este homem agarrara-se à sua fé islâmica como a uma âncora, encontrando nela uma continuidade das crenças e dos valores que a realidade política de sua juventude carecera. Agora a sua personalidade, conhecida por todos no país, o estava levando ao poder político, e permaneceria sendo o que havia sido, ou se tornaria alguma outra coisa. Agora precisava enfrentar esse dilema. Golovko sabia que ele não pensara nisso durante os últimos anos. Teria de resolver seu dilema imediatamente. Assim, o diretor da RVS viu-o vasculhar sua alma — algo que a doutrina marxista de sua juventude dissera-lhe não existir. O resultado foi melhor do que ele esperara.

— Nossa religião, nossa Fé, vem de Deus, não da matança. O Profeta ensinou a Guerra Santa, sim, mas não nos ensinou a nos tornarmos nossos inimigos. A não ser que Mahmoud Haji venha a provar que essas acusações são falsas, eu não o apoiarei, apesar de todas as suas promessas de dinheiro.

Gostaria de conhecer esse Ryan, quando o momento for apropriado.

À uma da tarde, HORA-LIMA, a situação estava ficando muito nítida. Os números ainda não eram atraentes, pensou Diggs, com cinco divisões concentradas em movimento enfrentando quatro forças com tamanho de brigadas, que ainda estavam dispersas. Mas havia coisas que podiam ser feitas a respeito.

A pequena força de bloqueio saudita ao norte da Cidade Militar Rei Khalid resistiu durante três horas espetaculares, mas não estava avançando e precisou recuar, apesar da vontade dos generais. Diggs nem mesmo sabia o nome do garoto, mas esperava conhecê-lo mais tarde. Com alguns anos de treinamento adequado, ele poderia se tornar alguma coisa.

Por sugestão sua, a Cidade Militar Rei Khalid estava sendo evacuada. A parte que doía mais era desativar os recursos de informação na cidade.

Especialmente as equipes de Predator que agora estavam tendo de mover seus pássaros para a linha de MATILHA, ao norte de Al Artawiyah. Não que tivessem tido muito tempo para pensar nisso. A batalha parecia um enorme exercício no Centro Nacional de Treinamento — três corporações em vez de batalhões para enfrentar, mas o princípio era o mesmo, não era?

A preocupação mais duradoura era uma divisão pesada iraniana que agora estava cruzando os pântanos a oeste de Bassorá. O conceito operacional do inimigo deixam pontos vazios. Ao contornar o Kuwait, eles não haviam deixado uma força de cobertura, talvez por acharem que fosse desnecessário, mais provavelmente porque não queriam enfraquecer. Bem, todo plano tinha uma falha.

O que era o caso do plano que ele tecera para a Operação BUFORD, provavelmente. Mas ele não a encontrara, apesar de ter passado duas horas procurando.

— Estamos de acordo, cavalheiros? — precisou perguntar.

Cada oficial saudita na sala era superior a ele, mas tinham visto a lógica de sua proposta. Iriam foder a todos, não só a uns poucos. Os generais reunidos assentiram. E nem mesmo voltaram a reclamar sobre deixar a Cidade Militar Rei Khalid para o inimigo. Eles sempre poderiam reconstruí-la.

— Então que a Operação BUFORD comece ao pôr do sol.

Eles estavam voltando por ordem de escalão. Mais alguns canhões sauditas haviam aparecido e estavam agora soltando fumaça para obscurecer o campo de batalha. Assim que pousaram, metade dos veículos do major Abdullah retornou às suas posições e seguiu para o sul. As unidades de flanco já estavam se movendo, resistindo a tentativa de cerco, sondando os extremos da linha saudita.

O helicóptero de Bennan nunca chegara e a tarde de ação barulhenta e confusa tornara impossível ver

qualquer coisa lá! — fora instrutiva. Convocar mais quatro ataques aéreos e ver os efeitos no solo era algo que ele jamais esqueceria, se os sauditas escapassem da armadilha que o outro lado estava preparando para eles.

— Venha comigo, coronel — disse Abdullah, virando-se para correr até seu carro de ataque de comando, terminava a Primeira Batalha da Cidade Militar Rei Khalid.

A Viagem de Grierson

A visão no mapa era simplesmente pavorosa. Qualquer um podia entender com facilidade: um monte de setas vermelhas longas e setas azuis curtas. Os mapas nos programas de TV matutinos não eram nem um pouco diferentes daqueles na Sala de Situação, e os comentários — especialmente os especializados — explicavam como as forças americanas e sauditas estavam em desvantagem numérica, mal distribuídas, e com as costas viradas para o mar.

Então, chegou a transmissão direta por satélite.

— Ouvimos histórias sobre batalhas aéreas selvagens no noroeste — disse Donner para a câmera, de algum lugar na Arábia Saudita. — Mas os soldados do Regimento Corcel Negro ainda não viram ação. Não posso dizer onde me encontro agora. A bem da verdade, o fato é que simplesmente não sei onde estou. A Tropa B agora está parada para reabastecimento, derramando centenas de galões de combustível naqueles enormes tanques Abrams M1. Os soldados me disseram que esses tanques são verdadeiras esponjas de combustível. A atmosfera aqui permanece inalterada. Esses são homens... e mulheres... voltando enfurecidos para o quartel-general da tropa — acrescentou. — Não sei o que encontraremos no horizonte oriental. Posso dizer que esses soldados estão confiantes, apesar de todas as más notícias que têm descido do alto comando saudita. O inimigo está em algum lugar lá fora, rumando para o sul com muita força, e esperamos fazer contato logo depois do pôr do sol. Aqui é Tom Donner no campo com a Tropa B, 1ª da Corcel Negro — concluiu o jornalista.

— A postura dele não está má — comentou Ryan. — Quando isso vai ao ar?

Felizmente para todos os envolvidos, os transmissores de televisão passavam por canais militares codificados e controlados. Não era o momento certo para a URI ficar ciente de quem estava onde. Contudo, o comentário negativo sobre o exército saudita derrotado chegaria aos noticiários. Essa informação, vazada em Washington, e não comentada pelo Pentágono, estava sendo aceita como um dogma. Jack ainda estava preocupado, embora achasse graça da situação: a mídia estava passando informações falsas sem que eles pedissem.

— Esta noite. Talvez antes — respondeu o general Mickey Moore. — O pôr do sol lá é daqui a três horas.

— Vamos conseguir? — perguntou POTUS.

— Sim, senhor.

MATILHA, Primeira Brigada, Guarda Nacional da Carolina do Norte, estava completamente formada agora. Eddington embarcou num helicóptero Black Hawk UH-60 para um voo curto até suas unidades avançadas. LOBO, sua 1ª força-tarefa de batalhão, estava com sua borda esquerda na estrada que ligava Al Artawiyah até a Cidade Militar Rei Khalid. CANINOS BRANCOS, a 2ª, foi movida para o lado oeste da rodovia. COIOTE, a 3ª, estava em reserva, sua força de manobra voltando-se para oeste, porque era ali que ele achava que estavam as possibilidades. Ele dividiu seu batalhão de artilharia em dois segmentos, capazes de transpor os extremos esquerdo ou direito, e ambos aptos a cobrir o centro. Ele carecia de recursos aéreos e tinha sido incapaz de conseguir qualquer coisa a mais que três Black Hawks para serviços médicos.

Disponha também de um grupo de informação, um batalhão de apoio de combate, médicos, policiais militares e todas as outras coisas orgânicas a uma unidade com tamanho de brigada. A frente de seus dois batalhões de frente havia um elemento de reconhecimento cuja missão era, em primeiro lugar, reportar, e depois arrancar os olhos do inimigo quando ele aparecesse. Ele cogitara pedir ao 11º RCB alguns de seus helicópteros, mas conhecia os planos de Hamm para essas aeronaves e pedi-las seria jogar saliva fora. Contudo, ele conseguiria o apoio de seus grupos de reconhecimento e teria de se contentar com isso.

Olhando para baixo, viu que todos os MIA2s e Bradleys da linha de frente tinham encontrado locais confortáveis, principalmente atrás de terrenos altos, como bermas e mini dunas, deixando, no máximo, o topo de suas torres de tiro visíveis. Na maioria dos casos, bastava a cabeça do comandante do carro de ataque e um par de binóculos. Os tanques estavam afastados pelo menos trezentos metros uns dos outros; na maioria dos casos, mais do que isso. Isso os tornava um alvo diluído — e, portanto, pouco atraente, para a artilharia ou as esquadrilhas de ataque. Disseram-lhe para não se preocupar com as esquadrilhas, mas estava preocupado mesmo assim. Os comandantes subordinados conheciam seu trabalho tão bem quanto podiam os reservistas, e a verdade da questão era que a missão estava seguindo à risca as estratégias escritas por Guderian e praticadas por Rommel e cada comandante de divisão blindada desde então.

A retirada começou com uma corrida de 16 quilômetros a 56 quilômetros por hora, o suficiente para deixar o fogo de artilharia para trás, e para dar a impressão de que estavam realizando a debandada que Berman inicialmente pensara ser — até lembrar que ele tinha prática em deixar fogo inimigo para trás pelo menos 15 vezes mais rápido do que esses veículos mecanizados faziam.

Eles estavam correndo com as escotilhas do alto abertas, e Berman levantou-se a fim de olhar para trás, para além das fontes negras de bombas inimigas explodindo. Ele nunca imaginara como seria uma postura defensiva. Um ato solitário, pensou. Esperara uma mixórdia de homens e veículos, esquecendo o que ele mesmo fazia com coisas assim quando os via do ar. Avistou o que deveriam ser cinquenta colunas de fumaça, todos veículos explodidos pela Guarda Nacional saudita. Talvez eles não levassem o treinamento bastante a sério — ele ouvira coisas assim —, mas esta equipe fincara pé contra uma força pelo menos cinco vezes maior que ela, e resistira durante três horas.

Mas não sem custos. Virou-se para frente e contou apenas 15 tanques, mais oito carros de ataque de infantaria. Provavelmente havia mais que ele não podia ver em meio às nuvens de poeira, ou pelo menos era o que ele esperava. Olhou para cima, para o que rezava fosse um céu amigo.

Foi. Desde o amanhecer, a contagem era de quarenta caças da URI abatidos, todos eles ar-ar, contra seis baixas americanas e sauditas, todas terra-ar. A força aérea de oposição fora incapaz de sobrepujar a vantagem da cobertura aérea de radar, e a melhor coisa que poderia ser dita por seu esforço era que eles haviam distraído os ataques às forças terrestres, que, do contrário, teriam sido realizados sem o menor impedimento. A coleção deselegante de caças de fabricação americana, francesa e russa parecia impressionante no papel e na pista de decolagem, porém, menos no ar. Mas as forças aéreas aliadas eram bem menos capazes à noite. Apenas a pequena coleção de Strike Eagles F-15E era realmente adequada a todos os tipos de climas (considera-se a noite uma condição climática). Havia cerca de vinte desses, conforme estimativa da espionagem URiana, e eles não podiam causar tantos danos assim. As divisões que estavam avançando pararam diante da Cidade Militar Rei Khalid, novamente para se reabastecer de combustível e munições. Mais um salto desses, pensou seu comandante, e eles estariam em Riad antes que os americanos estivessem suficientemente organizados para ocupar o campo. Eles ainda tinham a iniciativa e estavam a meio caminho de seu objetivo.

PALM BOWL acompanhava tudo isso, captando todas as transmissões de rádio vindas do sudoeste

que podia, mas agora estava enfrentando uma nova ameaça ao norte de uma divisão blindada iraniana. Talvez a URI esperasse que, com o reino fora do caminho ou pelo menos seriamente prejudicado, os kuwaitianos fossem intimidados à inação. Mas essa era uma esperança vã. As fronteiras podiam ser cruzadas em duas direções, e o governo do Kuwait fizera a dedução correta de que não fazer nada apenas pioraria as coisas para eles. Isso se revelou mais um caso no qual um dia a mais teria sido muito útil. Porém, desta vez era o outro lado que precisava do tempo extra.

O esquadrão aéreo do RCB, 4º da 10ª, decolou vinte minutos depois do pôr do sol, rumando para o norte. Eles acreditavam haver algumas unidades motorizadas leves na fronteira, para ser aliviadas pela unidade que agora cruzava o delta do Tigre-Eufrates. A unidade consistia em dois batalhões de tropas em caminhões e veículos blindados leves. Eles tinham conversado um pouco por rádio, os comandantes movendo as unidades para a frente e para trás, mas estranhamente despreparados para serem invadidos por uma nação que não era um décimo do tamanho da sua. Durante a hora seguinte, todos os 26

Apaches da Divisão Búfalo iriam caçá-los com canhões e mísseis, queimando uma trilha para a brigada mecanizada do próprio Kuwait, cujos veículos de reconhecimento estavam buscando, e encontrando, os elementos líderes da divisão blindada URIana. Cinco quilômetros atrás, havia um batalhão de veículos pesados guiados pelas informações de reconhecimento, e a primeira grande surpresa da noite foi a interrupção de um anoitecer por vinte canhões de tanques, seguidos dois segundos depois por quinze baixas. A lição seguinte aplicada disse respeito à confiança. Tendo seu primeiro contato com o sido bem-sucedido, os elementos líderes kuwaitianos atacaram com disposição.

Tudo estava conspirando a seu favor. Os sistemas de visão noturna estavam funcionando. Os canhões estavam funcionando. Eles tinham um inimigo com as costas voltadas para um terreno inadequado e lugar nenhum para ir.

Na escuta em PALM BOWL, o major Sabah ouviu as chamadas de rádio, mais uma vez vivenciando as coisas em segunda mão. Apurou-se que apenas uma unidade da 41ª Divisão Blindada iraniana, basicamente uma formação de reserva, havia atravessado e seguido despreocupadamente de encontro a uma força blindada. Aquilo, pensou Sabah, era tão justo quanto o que acontecera ao seu país na manhã de 1º de agosto de 1990. Ao pôr do sol mais três horas, a única rota de acesso utilizável para o sul do Iraque estava completamente bloqueada, e com ela, o reforço facilitado do Exército de Deus. Durante a noite, bombas teleguiadas de precisão derrubariam pontes para garantir isso. Foi uma batalha rápida para aquela pequena nação, mas uma batalha vencedora a ser encenada para preparar o palco para suas nações aliadas.

A BÚFALO já estava movendo seus elementos terrestres para oeste, enquanto o esquadrão da Divisão Blindada Aérea retornava para reabastecer combustível e armas, deixando a retaguarda aliada sob a custódia do Exército kuwaitiano.

Até este momento, o 1º Corpo da URI fora mantido em reserva. Uma de suas divisões era a antiga 1ª Divisão Blindada iraniana, Os Imortais, acompanhada por outra divisão composta principalmente por oficiais remanescentes da Guarda Republicana, e uma nova classe de recrutas, não tocados pela guerra de 1991. O 2º Corpo atravessara a fronteira e mantivera a liderança do avanço até a Cidade Militar Rei Khalid, embora tenha, no curso da ação de combate, perdido mais de um terço de sua força. Cumprida essa tarefa, moveu-se para a esquerda, a leste, abrindo a trilha para o 1º Corpo, ainda ileso, exceto por alguns ataques aéreos. O 2º Corpo agora protegeria o flanco da força de avanço de contra-ataques a partir da costa. Seguindo sua doutrina, todas as unidades enviaram forças de reconhecimento enquanto a noite chegava.

As unidades líderes, avançando aos saltos, cercaram a Cidade Militar Rei Khalid, surpreendendo-se ao não encontrar oposição. Reunindo coragem, o comandante do batalhão de reconhecimento enviou unidades diretamente para a cidade e a encontrou virtualmente vazia; a maior parte das pessoas fora

retirada no dia anterior. Quando ele pensou no assunto, pareceu-lhe lógico. O Exército de Deus estava avançando, e embora tivesse sofrido alguns golpes fortes, nada que os sauditas fizessem poderia detê-lo. Satisfeito, ele prosseguiu para o sul, agora um pouco mais cuidadoso. Tinha de haver alguma oposição à frente.

O destacamento da polícia militar de Eddington fizera seu trabalho conduzindo as pessoas para o sul e para fora do caminho. Ele vira alguns rostos, a maioria tristes, até perceber o que estava à sua espera entre a Cidade Militar Uri Khalid e Al Artawiyah. MATILHA não podia esconder tudo. As unidades da Polícia Militar saudita vieram da retaguarda, passando pela tela de reconhecimento às nove da noite, hora local. Tinham dito que não havia nada atrás deles. Estavam errados.

Com seus veículos leves na liderança e seus carros de ataque protegendo a retaguarda com suas torres de tiro voltadas para a frente, o major Abdullah pensara em fazer mais uma defesa, mas não dispunha de poder de combate suficiente para segurar nada contra o que ele sabia haver atrás de si. Seus homens estavam exaustos devido a 24 horas de operações contínuas de combate, e os que estavam piores eram seus pilotos de tanque. Sua posição na frente dos veículos era tão confortável que muitos adormeciam, apenas para ser acordados pelos berros de seus comandantes de tanque, ou por um solavanco ao saírem da estrada para uma vala. Sua preocupação adicional era que ele esperava contatar unidades amistosas — os campos de batalha, ele aprendera no dia anterior, eram tudo, menos lugares amistosos.

No começo, os veículos que avançavam pela rodovia pareciam bolhas brancas nas telas de imagens térmicas. Eddington, em seu posto de comando, sabia que deveria haver alguns grupos isolados sauditas no percurso, e alertara sua tela de reconhecimento para esperá-los, mas ele só teve certeza quando os Predators subiram ao céu à noite. Através dos visores térmicos, os topos achatados, característicos dos tanques M1A2, ficaram claramente visíveis. Esta informação ele transmitiu para CORUJA, seu destacamento de reconhecimento, que se acalmou à medida que as bolhas térmicas informes, em seus sistemas de vigilância baseados em terra, assumiram gradualmente perfis amistosos.

Mesmo então, houve a chance de que veículos amistosos tivessem sido capturados e convertidos para uso do inimigo.

Soldados acenderam tochas químicas e espalharam-nas pela rua. Foram avistadas pelos caminhões em movimento, que — embora estivessem trafegando muito devagar, com os faróis apagados — pararam praticamente em cima delas.

Alguns oficiais sauditas designados para MATILHA verificaram sua identidade e acenaram para que seguissem rumo sul. O major Abdullah, chegando à posição da tropa de reconhecimento dez minutos depois, saltou de seu carro de ataque, junto com o coronel Berman. Antes de mais nada, os soldados da Guarda Nacional deram-lhes comida e água, rapidamente seguida por cantis cheios de café quente, do tipo com o triplo da quantidade normal de cafeína.

— Eles estão um pouco atrás, mas estão chegando — disse Berman. — Meu amigo aqui... bem, ele teve um dia cheio.

O major saudita estava à beira de um colapso, devido à maior carga de esforço físico e psicológico que já sofrerá. Cambaleou até o posto de comando CORUJA, debruçou sobre um mapa e fez seu relato da forma mais coerente que conseguiu.

— Precisamos detê-los — concluiu.

— Major, se o senhor seguir cerca de 16 quilômetros, dará de cara com um puta bloqueio de estrada. Parabéns, filho — disse o advogado de Charlotte ao jovem.

O major retornou, cambaleante, até seu carro de ataque.

— Foi tão duro assim? — perguntou a Berman depois que o oficial saudita não podia mais ouvi-los.

— Sei que eles mataram 15 tanques, e esses foram apenas os que pude ver — disse Berman,

bebericando café numa xícara de metal. — Mas estão vindo muito mais por aí.

— Mesmo? — perguntou o advogado tenente-coronel. — Isso nos apetece.

Não há amigos na sua retaguarda?

Berman balançou a cabeça.

— Nem em sonho.

— Siga a estrada agora, Berman. Dezesseis milhas, e então assista ao show, entendeu?

Eles pareciam americanos, ponderou Berman. Mesmo com seus uniformes de deserto, rostos pintados sob os capacetes de estilo alemão. Havia holofotes vermelhos apontados para os mapas. Estava escuro ali, quase tão escuro quanto um céu claro podia ficar, apenas as estrelas para indicar a diferença entre terra e céu. Um fiapo de luz apareceria mais tarde, mas não iluminaria muito. O comandante do pelotão avançado tinha um HMMVS de comando com muitos rádios. Adiante, ele podia ver um único Bradley, alguns soldados, e pouco mais que isso. Mas eles se comportavam como americanos e falavam como americanos.

— CORUJA-SEIS, aqui é Dois-Nove.

— Dois-Nove, fala CORUJA-SEIS, prossiga — disse o comandante, pegando o rádio.

— Temos algum movimento, oito quilômetros ao norte de nossa posição.

Dois veículos despontando no horizonte, à direita.

— Câmbio, Dois-Nove. Mantenha-nos informados. Desligo. — Ele se virou para Berman. — Vamos indo, coronel. Temos muito trabalho para fazer aqui.

Havia um pelotão de flanqueamento. Eles seriam o 2º Corpo inimigo, pensou o coronel Hamm. Sua linha avançada de helicópteros Kiowa estava agora observando. Os Kiowas — a versão militar do Bell 206, o helicóptero mais usado na América para reportar congestionamento de tráfego — era especializado em ocultamento, mais frequentemente atrás de colinas e penhascos, apenas com o periscópio eletrônico montado no alto, bisbilhotando o terreno enquanto o piloto mantinha a aeronave pairando, vendo mas não sendo vista, enquanto sistemas de TV registravam o evento, transmitindo as imagens captadas. Hamm tinha seis desses no alto agora, helicópteros avançados para seu 4º Esquadrão, a dezesseis quilômetros à frente de seus elementos terrestres, agora parados a cerca de cinquenta milhas a sudoeste da Cidade Militar Rei Khalid.

Enquanto observavam sua tela no carro de ataque Guerra nas Estrelas, os técnicos convertiam a informação dos helicópteros Kiowa para dados que poderiam ser exibidos graficamente e distribuídos para os veículos de batalha sob seu comando. Em seguida, chegaram os dados dos autômatos Predator.

Eles estavam no alto, cobrindo as estradas e o deserto ao sul da cidade capturada, com um autômato sobre ela. As ruas, ele viu, estavam cheias de caminhões de combustível e suprimentos. Era um lugar conveniente para ocultá-los.

Mais importante, os sensores eletrônicos estavam funcionando agora. As forças da URI estavam se movendo rápido demais para manter silêncio de rádio. Os comandantes precisavam conversar entre si. Essas fontes estavam se movendo, mas estavam se movendo previsivelmente agora, falando quase o tempo todo, à medida que os comandantes diziam às subunidades para onde ir e o que fazer, obtinham informações e as reportavam cadeia de comando acima.

Ele tinha dois comandos de brigada identificados positivamente, e provavelmente também um comando de divisão.

Hamm mudou o modo de tela para a imagem mais ampla. Duas divisões estavam se movendo para o sul a partir da Cidade Militar Rei Khalid. Essa devia ser o 1º Corpo inimigo, espalhado por uma frente de 16 quilômetros, duas divisões avançando em colunas de brigadas, uma brigada de tanques na frente, uma artilharia móvel vindo logo atrás. O 2º Corpo estava se movendo para a esquerda deles, pouco espaçada para prover guarda lateral. O 3º Corpo parecia estar em reserva. O destacamento era

convencional e previsível. O primeiro contato com MATILHA seria em uma hora, e ele se manteria em sua posição até então, permitindo ao 1º Corpo passar de norte para sul, da direita para a esquerda, ao longo de sua frente.

Não houvera tempo para preparar o campo de batalha adequadamente. As tropas da Guarda Nacional careciam de um departamento de engenharia e das minas antitanques que serviriam para sujar o terreno. Não houvera tempo para se criar obstáculos e plantar armadilhas. Eles estavam na posição havia apenas cerca de dez horas, e a brigada inteira ainda menos que isso. Tudo que tinham realmente era um plano de artilharia. MATILHA poderia fazer disparos de curto alcance para todas as direções que quisesse; porém, todos os disparos de longo alcance teriam de ser direcionados a oeste da estrada.

— Temos uma bela foto aqui, senhor — disse seu oficial de informação especialista 2.

— Envie-a.

E com isso, cada veículo de combate na Corcel Negro tinha a mesma foto digital do inimigo que ele. Hamm, então, levantou seu rádio.

— MATILHA-SEIS, aqui é CORCEL NEGRO-SEIS.

— Aqui é MATILHA-SEIS-EFETIVA. Obrigado pelo envio de dados, coronel — replicou Eddington pelo rádio digital. As duas unidades sabiam agora onde estavam todos os amigos. — Eu diria que o contato inicial será daqui a uma hora.

— Pronto para o pau, Nick? — perguntou Hamm.

— Al, estou tentando segurar os meus rapazes. Estamos em ponto de bala — assegurou-lhe o comandante da Guarda. — Temos agora visual da tropa avançada deles.

— Conhece os procedimentos, Nick. Boa sorte.

— Boa sorte, Corcel Negro — disse Eddington, desligando.

Hamm mudou a sintonia de seu rádio, conectando com BUFORD-SEIS.

— Estou com a foto, Al — assegurou-lhe Marion Diggs, a 160 quilômetros atrás e não gostando nem um pouco desse fato. Ele estava mandando homens para a batalha por controle remoto, e isso era duro para um novo general.

— Certo, senhor, estamos posicionados. Tudo que eles precisam fazer é vir até a porta.

— Câmbio, CORCEL NEGRO. A postos aqui. Desligo.

O trabalho mais importante estava sendo agora pelos autômatos Predator.

Os operadores de UAV, situados com Hamm na seção de informação, mantinham seus miniaviões circulando bem alto para minimizar a chance de ser avistados ou ouvidos. Câmeras apontadas para baixo, contando e checando localizações. Os Imortais estavam à esquerda do inimigo, e a antiga Divisão da Guarda Iraquiana estava à direita, a oeste da estrada. Moviam-se estavelmente, batalhões enfileirados e bem próximos para obter poder máximo de fogo e efeito de choque, caso encontrassem oposição, 16 quilômetros atrás de seu pelotão de reconhecimento. Atrás da brigada líder estava a divisão de artilharia.

Esta força estava dividida em duas, e enquanto observavam no carro de ataque de informação, uma metade parou e se disseminou para prover fogo de cobertura, enquanto a outra metade prosseguiu em frente. Mais uma vez, isso aconteceu precisamente segundo os manuais. Eles ficariam na mesma posição por cerca de noventa minutos. Os Predators voaram sobre a linha de canhões, marcando sua posição a partir de sinais GPS. Esses dados foram transmitidos para as baterias MLRD. Mais dois Predators decolaram. Esses tinham por missão obter as localizações precisas dos veículos de comando do inimigo.

— Bem, não estou certo de quando isto irá acabar — disse Donner à câmera.

— Estou aqui dentro do Bravo-Três-Dois, carro de ataque de busca número dois no 3º Pelotão da Tropa B. Acabamos de receber informações sobre onde está o inimigo. Neste momento, ele está a cerca de 32 quilômetros a oeste de nós. Há pelo menos duas divisões se movendo para o sul na estrada que vem da Cidade Militar Rei Khalid. Sei que uma brigada da Guarda Nacional da Carolina do Norte está

em posição de bloqueio. Eles foram destacados com o 11º RCB porque estavam no Centro Nacional de Treinamento para exercícios de rotina.

A atmosfera aqui... bem, como posso explicar? Os soldados do Regimento Corcel Negro são quase médicos, por mais estranho que isso possa soar. Esses homens estão furiosos com que aconteceu ao seu país, já conversei com eles sobre isso, mas neste momento estão como médicos esperando a ambulância para entrar na sala de emergências. Aqui no carro de ataque reina o silêncio.

Acabamos de ouvir que daqui a alguns minutos nos moveremos para oeste até o ponto de tocaia.

Quero acrescentar um comentário pessoal. Como todos vocês sabem, não faz muito tempo, violei uma regra de minha profissão. Fiz uma coisa errada.

Fui enganado, mas a culpa foi minha. Hoje, mais cedo, fiquei sabendo que o próprio presidente requisitou que eu viesse para cá... talvez na esperança de que eu não volte vivo? — Donner permitiu-se a piada óbvia. — Não, o motivo não foi esse. Este é o tipo de situação para o qual as pessoas no ramo de notícias vivem.

Estou aqui, onde a História está acontecendo, cercado por outros americanos que também têm um trabalho a fazer. Aconteça o que acontecer, este é o lugar ao qual um jornalista pertence. Presidente Ryan, obrigado pela chance.

Aqui é Tom Donner, sudoeste da Cidade Militar Rei Khalid, com a Tropa B, 1º Esquadrão do Corcel Negro. — Ele abaixou o microfone. — Pegou?

— Sim, senhor — disse-lhe o especialista 5 do Exército. O soldado disse algo em seu próprio microfone. — Certo, a transmissão chegou ao satélite, senhor.

— Falou bonito, Tom — disse o comandante do carro de ataque, acendendo um cigarro. — Venha cá. Vou lhe mostrar como esta tal IVIS funciona... — Ele parou, segurando seu capacete com a mão para ouvir o que estava chegando pelo rádio. — Dê a partida, Stanley — disse ao motorista. — É hora do show.

Ele deixou que entrassem. O homem ao comando do pelotão de reconhecimento de MATILHA era, por profissão, um advogado de defesa criminal que realmente se formara em West Point, mas depois decidira por uma carreira civil. Ele nunca havia perdido o gosto pela coisa, embora não soubesse exatamente a razão. Com 45 anos agora, estava num serviço uniformizado de uma ou outra espécie havia quase trinta anos, três décadas de treinamentos e exercícios exaustivos, que haviam sugado seu tempo e o de sua família. Agora, na linha de frente com sua força de reconhecimento, ele sabia o motivo.

Os veículos batedores líderes estavam três quilômetros à sua frente. Ele estimou que estava podendo ver dois pelotões, um total de dez veículos espalhados ao longo de cinco quilômetros, movendo-se em grupos de três ou quatro na escuridão. Talvez tivessem equipamentos de visão noturna. Ele não tinha certeza disso, mas precisava presumir que tinham esse tipo de equipamento. Em seus sistemas térmicos, podia vê-los como carros BRDM-2, tração nas quatro rodas, equipados com uma metralhadora potente ou mísseis antitanques. Viu ambas as versões, mas estava procurando especialmente o veículo com quatro antenas de rádio. Esse seria o veículo de comando do pelotão ou companhia...

— Carro de ataque modelo antena diretamente à frente — disse um comandante de Bradley quatrocentos metros à direita do coronel. — Alcance dois metros okay, aproximando-se.

O advogado-oficial levantou a cabeça acima do banco de areia e vasculhou a paisagem com seu visor térmico. Agora era um momento tão bom quanto qualquer outro.

— CORUJA, aqui é SEIS, festa em dez, repito, festa em dez segundos.

Quatro-três, fique em prontidão.

— Quatro-três em prontidão, SEIS.

Esse Bradley daria o primeiro tiro na 2ª Batalha da Cidade Militar Rei Khalid. O artilheiro

selecionou um traçador incendiário altamente explosivo.

Um BRDM não era resistente o bastante para precisar dos cartuchos perfuradores de blindagem que ele tinha no pente de alimentação dupla de seu canhão Bushmaster. Ele centrou o alvo em sua mira, e o computador de bordo ajustou o alcance.

— Coma merda e morra — disse o artilheiro pelos interfonos.

— CORUJA, SEIS, inicie disparos, inicie disparos.

— Fogo! — disse o comandante do carro de ataque ao artilheiro.

O especialista 4 na metralhadora de 25mm premiu os gatilhos para uma rajada de três projéteis. Todos os três traçadores delinearão uma linha através do deserto; todos os três atingiram. O BRDM de comando explodiu numa bola de fogo enquanto o tanque de combustível do veículo — estranhamente, para um veículo de fabricação russa, não era a diesel — explodia.

— Alvo! — disse instantaneamente o comandante, confirmando que o artilheiro o havia destruído. — Posição esquerda.

— Identificado! — disse o artilheiro quando ele o tinha na mira.

— Fogo! — Um segundo depois: — Alvo! Cessar fogo, posição direita, duas horas, alcance quinhentos metros! — A torre de tiro de canhão do tanque Bradley rodou na outra direção enquanto o inimigo começava a reagir.

— Identificado!

— Fogo! — E o terceiro estava morto, dez segundos depois do primeiro.

Num minuto, todos os BRDM que o comandante do pelotão de reconhecimento vira estavam em chamas. A luz branca e brilhante provocou um arrepio no comandante. Em seguida, outros lampejos apareceram à esquerda e à direita de sua posição. Então: — Em movimento, sigam-nos!

A 16 quilômetros no deserto, vinte Bradleys saíram em alta velocidade de seus esconderijos, indo para frente, não para trás, suas torres de tiro girando, seus artilheiros caçando veículos de reconhecimento inimigos. Um tiroteio curto e violento começou. Durou dez minutos, com os BRDM tentando recuar, mas incapazes de disparar com eficácia para trás. Dois mísseis antitanques Sagger foram disparados, mas ambos caíram perto e explodiram na areia quando seus veículos de lançamento foram explodidos por disparos de Bushmaster. As metralhadoras deles não eram poderosas o bastante para atravessar a armadura frontal dos Bradley. Ao fim do tiroteio, o pelotão de reconhecimento inimigo, consistindo em um total de trinta veículos, fora exterminado, e CORUJA era o dono desta parte do campo de batalha.

— MATILHA, aqui é CORUJA-SEIS-EFETIVA, acho que pegamos todos eles. Seu pelotão líder virou torrada. Não tivemos baixas — acrescentou. Minha Nossa Senhora, pensou ele, esses Bradleys atiravam como o diabo.

— Captamos algumas conversas de rádio, senhor — reportou o soldado ELINT ao lado de Eddington. — Estamos captando mais algumas agora.

— Ele está requerendo fogo de artilharia — disse rapidamente um oficial de informação da Arábia Saudita.

— CORUJA, vocês podem esperar alguns disparos em breve — alertou Eddington.

— Entendido. CORUJA está avançando.

Era mais seguro do que permanecer no lugar ou recuar. No comando, os Bradleys e os Hummers correram dois quilômetros para o norte, procurando pelo pelotão de reconhecimento suplementar do inimigo — tinha de haver algum —, que estaria se movendo, talvez cautelosamente, na direção de seus comandantes de brigada ou divisão. Esta, sabia o tenente-coronel da Guarda Nacional, seria a batalha dos pelotões de reconhecimento, o cartão de visitas do evento principal, com os pesos-pena brigando

antes dos pesados chegarem. Mas havia uma diferença. Ele podia continuar a moldar o campo de batalha para MATILHA. Ele esperava encontrar outra companhia de veículos de reconhecimento, seguida de perto por uma guarda avançada de tanques e BMPs. Os Bradleys tinham mísseis TOW para destruir tanques, e o Bushmaster fora projetado com o propósito expresso de matar o transporte de infantaria.

Além disso, embora o inimigo agora soubesse onde o pelotão de reconhecimento da Força Azul estava — estivera —, esperaria que o pelotão recuasse, e não que avançasse.

Isso ficou claro dois minutos depois, quando uma barragem de disparos planejados ficou um quilômetro para trás dos Bradleys em movimento. O outro lado estava jogando segundo o manual, o velho manual soviético. E ele não era um manual ruim, mas os americanos também o haviam lido. CORUJA prosseguiu rapidamente por mais um quilômetro e parou, encontrando uma linha conveniente de pequenas colinas, novamente com bolhas no horizonte. O advogado coronel levantou seu rádio para relatar isso.

— BUFORD, aqui é MATILHA. Fizemos contato, senhor — comunicou Eddington a Diggs. — Acabamos de massacrar seu elemento de reconhecimento.

Nossas forças de reconhecimento agora têm visual da guarda em aproximação.

Minhas intenções são lutar rapidamente e então empurrá-los para trás e para a direita, rumo sudoeste. Temos fogo de artilharia inimigo caindo entre o pelotão de reconhecimento e o corpo principal. Desligo.

— Câmbio, MATILHA.

Em sua tela de comando, Diggs viu os Bradleys avançando numa fileira quase equidistante, mas bem espaçados. Então começaram a avistar movimentos. As coisas que eles viram começaram a aparecer como símbolos de inimigo desconhecido no sistema de comando IVIS.

Foi imensamente frustrante para o general em comando. Ele tinha mais conhecimento de uma batalha em andamento do que fora possível em qualquer momento da História. Agora tinha a capacidade de dizer aos pelotões o que fazer, onde ir, em quem atirar... mas ele não podia se permitir fazer isso. Ele aprovara as intenções de Eddington, Hamm e Magruder, coordenando seus planos em espaço e tempo, e agora, como seu comandante, precisava deixá-los fazer do seu jeito, interferindo apenas se alguma coisa corresse errado ou alguma situação nova e inesperada surgisse. Comandante das forças americanas no reino, ele era agora um espectador. O general negro balançou a cabeça. Ele sabia que seria assim. Só não sabia o quanto seria difícil para ele.

Estava quase na hora. Hamm estava com seus dois esquadrões avançando, cobrindo apenas dez quilômetros cada um, mas separados por intervalos de mais dez. Em todo caso, os comandantes de esquadrão haviam optado por ter suas tropas de busca na frente, e suas companhias de tanque na reserva. Cada tropa tinha nove tanques e treze Brads, mais dois carros de ataque M113

lançadores de foguetes. Na frente deles, agora a sete quilômetros de distância, estavam as brigadas do 2º Corpo da URI, feridas pelas batalhas ao norte da Cidade Militar Rei Khalid, enfraquecidas, mas provavelmente alertas. Para chamar a atenção de alguém, não havia nada como mortes violentas. As posições dos inimigos haviam sido bem definidas pelos helicópteros e câmeras de vídeo dos Predators. Ele sabia onde estavam. Eles provavelmente ainda não sabiam a respeito dele, tinha de admitir. Decerto estavam se esforçando para obter informações, como ele mesmo fizera. Sua ordem final foi que os helicópteros vasculhassem uma vez mais o terreno intermediário em busca de uma linha avançada inimiga. Tudo mais estava direitinho na mira. Cinquenta quilômetros atrás dele, seus Apaches começaram a decolar, juntamente com os helicópteros Kiowa, dando início à segunda parte do conflito principal.

Ao norte, os strike eagles F-15E estavam todos no ar. Horas antes, dois deles tinham sido perdidos, incluindo aquele do comandante de esquadrão.

Agora, protegidos por caças F-16 equipados com HARM, estavam explodindo as pontes ao longo do estuário dos rios gêmeos com bombas inteligentes. Eles podiam ver tanques no solo, incendiados a oeste dos pântanos, e intactos ao leste. Numa hora empolgante, cada rota foi destruída por impactos repetidos.

Os caças F-15C estavam todos sobre a área da Cidade Militar Rei Khalid, como sempre sob controle AWACS. Um grupo de quatro caças permanecia no céu, fora do alcance dos mísseis terra-ar móveis com a força de avanço terrestre. Seu trabalho era ficar de olho nos caças da URI que pudessem aparecer para atrapalhar a brincadeira. Os restantes estavam caçando helicópteros pertencentes às divisões blindadas. Isso não concedia o mesmo prestígio que abater um caça... mas ainda assim era um abatimento, e um que podiam fazer com total impunidade. Melhor ainda: os generais viajavam em helicópteros e, já que faziam isso como parte do esforço de reconhecimento da URI, não podiam chegar aos seus destinos.

Abaixo deles, as notícias se espalharam rapidamente. Apenas três helicópteros haviam sido abatidos à luz do dia, mas com a chegada da escuridão, vários tinham decolado, e metade deles fora ao solo nos primeiros dez minutos. Estava sendo muito diferente do que da última vez. A caçada estava muitíssimo fácil. O inimigo, na ofensiva, precisava oferecer batalha — não podia esconder-se em abrigos, não podia se dispersar. Isso apeteceu aos pilotos dos Eagle. Um deles, ao sul da Cidade Militar Rei Khalid, guiado por seu AWACS, localizou um helicóptero em seu radar voltado para baixo e selecionou AIM-120; o míssil foi disparado em segundos. O piloto acompanhou toda a trajetória do míssil, vendo o helicóptero tornar-se uma bola de fogo que caiu ao solo. Parte dele achava que aquilo era um tremendo desperdício de um belo Slammer. Mas um abatimento era um abatimento.

Aquele seria o último abatimento de helicóptero na noite. Os pilotos foram informados por sua aeronave de controle Sentry E-3B de que não havia helicópteros entrando na área de batalha. Assim, as armas foram voltadas para os Eagles.

Menos da metade dos seus artilheiros de Bradleys já disparara mísseis TOW para valer, embora todos tivessem feito isso centenas de vezes nos simuladores. CORUJA aguardou que a guarda avançada passasse pelas margens. O pelotão de reconhecimento suplementar estava ainda mais próximo.

Os Bradleys atacaram primeiro, e este tiroteio foi um pouco mais equilibrado.

Dois BRDM estavam realmente atrás da linha avançada americana. Ambos viraram-se ao mesmo tempo. Um quase colidiu com um HMMWV, metralhando-o antes de ser dividido ao meio por um Bradley. O veículo blindado correu para o sítio, encontrando um sobrevivente ferido da tripulação de três homens no Hummer. Os soldados de infantaria cuidaram dele enquanto o piloto subia numa berma e o artilheiro elevava seu lançador TOW.

O grupo líder de tanques estava disparando agora, procurando os lampejos dos canhões dos Bradleys, ativando seus próprios sistemas de visão noturna, e novamente travou-se uma batalha curta e violenta no terreno seco e escuro. Um Bradley foi atingido e explodiu, matando todos a bordo. O resto disparou um ou dois mísseis cada, coletando vinte tanques em resposta antes de serem chamados de volta por seu comandante, e escapando bem a tempo da barragem de artilharia convocada pelo comandante de tanques inimigo. CORUJA deixou para trás aquele Bradley, e dois Hummers, e as primeiras baixas terrestres americanas da Segunda Guerra do Golfo. Essas foram reportadas hierarquia acima.

Em Washington, era pouco depois da hora do almoço. O presidente fizera uma refeição frugal, e as notícias chegaram à Sala de Situação logo depois que ele havia terminado, ainda capaz de baixar os olhos para o prato com borda pintada a ouro, a casca de pão de seu sanduíche, as batatas chips que não comera. As notícias das mortes atingiram-no forte, mais forte, talvez, que as baixas no USS Yorktown ou os seis aviadores desaparecidos — desaparecidos não significava exatamente mortos, não é mesmo?, permitiu-se pensar. Mas esses homens haviam morrido, com certeza. Soldados da Guarda Nacional, disseram-lhe. Soldados civis, usados com mais frequência para ajudar as pessoas depois de inundações e

furacões...

— Presidente, o senhor teria ido até lá para esta missão? — perguntou o general Moore, antes mesmo de Robby Jackson poder falar. — Se o senhor estivesse novamente com vinte e poucos anos, um tenente dos Fuzileiros, e tivesse recebido ordens para ir, o senhor teria ido, certo?

— Eu acho... não, eu iria. Eu teria de ir.

— Eles também, senhor — disse-lhe Mickey Moore.

— O trabalho é esse, Jack — disse Robby, baixinho. — É para isso que nos pagam.

— Sim.

E ele teve de admitir que era para isso que lhe pagavam, também.

Os quatro Nighthawks F-117 pousaram em Al Kharj e taxiaram até o abrigo. Os transportes trazendo pilotos e tripulações de solo de reserva vieram logo atrás. Os oficiais de informação de Riad encontraram o segundo grupo, e os pilotos de reserva foram conduzidos para sua primeira reunião de instrução numa guerra que estava apenas agora começando a se tornar grande.

O general de divisão no comando da Divisão Imortais estava em seu veículo de comando, tentando conferir sentido às coisas. Até agora, aquela vinha sendo uma guerra muito satisfatória. O 2º Corpo fizera seu trabalho, abrindo um buraco, permitindo à força principal atirar através dele, e até uma hora atrás o quadro fora nítido e agradável. Sim, havia forças sauditas seguindo para sudeste até ele, mas estavam a quase um dia de distância. Até então, ele estaria nas cercanias da capital saudita, e havia outros planos para eles. Ao amanhecer, o 2º Corpo saltaria a leste de sua posição de cobertura à esquerda, fingindo ataque aos campos petrolíferos. Isso faria os sauditas pensarem duas vezes. E decerto isso lhe daria mais um dia no qual, com sorte, ele pegaria parte ou talvez todo o governo saudita. Talvez toda a família real e, se eles fugissem, como provavelmente fariam, o reino ficaria sem liderança. E seu país teria vencido a guerra.

Até agora haviam pago caro pelo sucesso. O 2º Corpo pagara o preço de metade de seu poder de combate para trazer o Exército de Deus até aqui, mas a vitória jamais custava barato. E aqui não seria exceção. Seu pelotão avançado desaparecera fora do alcance da rede de rádio. Uma chamada de contato com forças desconhecidas, um pedido por apoio de artilharia, depois nada. Ele sabia que uma força saudita estava esperando em algum lugar à frente. Ele sabia que ela era formada pelos restos da 41ª Brigada, que o 2º Corpo quase devastara, mas não completamente. Ele sabia que ela havia lutado duramente ao norte da Cidade Militar Rei Khalid e então recuara. Ela provavelmente recebera ordens de parar de modo que a cidade pudesse ser evacuada... ela provavelmente ainda era forte o bastante para engolir seu pelotão de reconhecimento. Ele não sabia onde estava a Divisão Blindada... provavelmente a leste dele. Queria ter mais helicópteros, mas perdera um para os caças americanos, juntamente com seu oficial-chefe de informação. Até agora não recebera o apoio aéreo que lhe fora prometido. O único caça amigo que vira o dia todo havia sido um buraco fumegante no solo a leste da Cidade Militar Rei Khalid. Mas embora os americanos pudessem incomodá-los, não podiam detê-lo, e se chegasse a Riad em tempo, então poderia enviar tropas para cobrir a maior parte dos campos de pouso sauditas e anular essa ameaça. O segredo do sucesso da operação, conforme lhe disseram seus comandantes de Corpo e do Exército, era investir para a frente à maior velocidade possível. Com essa decisão tomada, ele ordenou à sua brigada líder para avançar conforme o programado, com sua guarda avançada desempenhando a função de um pelotão de reconhecimento.

Eles haviam acabado de reportar contato e batalha, perdas recebidas e infligidas num inimigo ainda não identificado, mas que batera em retirada depois de um conflito breve. Provavelmente aquela força saudita, dando o máximo de si para aferroar e fugir. Depois do amanhecer, ele iria caçar essa força. Ele deu as ordens, informou à sua equipe quais eram suas intenções, e deixou o posto de comando para

dirigir para frente, querendo ver como estavam as coisas na batalha, como faria um bom general, enquanto sua equipe emitia ordens por rádio para seus comandantes subordinados.

Havia alguns elementos de reconhecimento, reportaram os helicópteros Kiowa. Não muitos. Eles provavelmente haviam sido atingidos no percurso para o sul, ponderou o coronel Hamm. Ele instruiu um de seus esquadrões a fim de manobrar para a esquerda e evitá-los, e disse ao seu comandante aéreo para enviar um Apache para lidar com eles dali a alguns minutos. Um dos outros poderia ser esquivado facilmente. O terceiro estava diretamente na trilha do 3º

Esquadrão, e isso era muito ruim. A posição do BRDM estava marcada nas telas IVIS, juntamente com a maior parte do 2º Comando desmantelado da URI.

E o mesmo valia para os IMORTAIS. Eddington viu que a grupo avançado, com os elementos líderes da força principal logo atrás, estava entrando no perímetro de alcance de seus tanques, avançando a cerca de vinte quilômetros por hora. Ele telefonou para Hamm.

— Cinco minutos a partir de agora. Boa sorte, Al.

— Você também, Nick — ouviu Eddington.

O nome disso era sincronia. Cinquenta quilômetros afastados uns dos outros, vários grupos de canhões móveis Paladin elevaram seus tubos e apontaram-nos para pontos escolhidos pelos autômatos Predator e pelos interceptadores ELINT. Os artilheiros da nova era apertaram as coordenadas apropriadas em seus computadores de modo que suas armas separadas pudessem disparar para o mesmo ponto. Os olhos agora estavam fixos nos relógios, olhando os números digitais mudarem, um segundo por vez, marchando para 22:30:00, hora Lima, 19:30:00, hora Zulu, 14:30:00, hora Washington.

O caso dos carros de ataque de Sistema de Lançamentos Múltiplos de Foguetes era bem parecido. As tropas haviam se certificado de que seus compartimentos estavam lacrados, mantidos nos modos de suspensão para estabilizar os veículos durante o ciclo de lançamento, e então baixado os escudos dos para-brisas. A exaustão de seus foguetes poderia ser letal.

Ao sul da Cidade Militar Rei Khalid, os pilotos de tanques da Guarda da Carolina observaram o avanço das bolhas brancas. Artilheiros premiram os botões de seus localizadores de alcance a laser. Os elementos de reconhecimento estavam agora a 2.500 metros de distância, e a linha de acompanhamento do corpo principal — uma combinação de tanque e BMPs — estava mil metros atrás.

A sudeste da Cidade Militar Rei Khalid, a Corcel Negro estava avançando agora a 15 quilômetros horários, na direção de uma linha de alvos num penhasco quatro mil metros a oeste.

Não era perfeito. A Tropa B, 1º do 11º deparou com uma posição imprevista de BRDM e abriu fogo por conta própria, mandando bolas de fogo pelo céu, atraindo olhares, alertando os inimigos alguns segundos cedo demais; porém no final isso não fez diferença, como indicavam os números digitais que prosseguiram mudando no mesmo ritmo, rápido ou devagar, dependendo das percepções dos observadores.

Eddington cronometrou os disparos segundo por segundo. Impossibilitado de fumar durante a noite, para não correr o risco da fagulha do cigarro aparecer no visor noturno de alguém, Eddington abriu seu isqueiro Zippo e acendeu-o enquanto 59 mudava para 00. Um pouquinho de luz não faria diferença... agora.

A artilharia foi primeiro, já tendo recebido ordens de cronometrar seus disparos segundo por segundo. Os mais espetaculares eram os foguetes MLRS, doze de cada lançador, disparados com menos de dois segundos de intervalo, suas chamas iluminando a fumaça deixada no solo enquanto alçavam voo para um céu não mais escuro. Às 2:30:30, quase duzentos dos foguetes M77 de voo livre estavam no ar.

A essa altura, os canhões móveis estavam sendo recarregados e seus cordões de disparos sendo puxados, para receber novos cartuchos de munição.

A noite estava clara, e ninguém num raio de 160 quilômetros podia deixar de ver o show de luzes. Os pilotos de caça no ar até o nordeste viram os foguetes voar, e acompanharam atentamente suas trajetórias. Eles não queriam estar no mesmo céu que aquelas coisas.

Os oficiais iraquianos na Divisão Blindada da Guarda Nacional viram-nos primeiro, vindo do sul. Em seguida, viram que todos estavam angulando para oeste da estrada norte-sul da Cidade Militar de Rei Khalid até Al Artawiyah.

Muitos deles tinham tido a mesma visão que seus tenentes e capitães, e sabiam exatamente o que aquilo significava. Uma chuva de aço vinha aí. Alguns estavam paralisados pela visão. Outros gritavam ordens para que seus homens corressem para os veículos, fechassem as escotilhas e fugissem em alta velocidade.

Para os soldados de artilharia da Divisão, isso não era possível. A maioria de suas armas eram montadas em tripés, e a maioria dos artilheiros estava em campo aberto ao lado de caminhões de munição, aguardando a missão de disparos cuja hora tinha de chegar. Viram os foguetes cuspidos fogo, notaram sua direção e concluíram que havia pouco a fazer exceto esperar. Homens mergulharam no chão, segurando seus capacete no lugar e rezando para que aquelas coisas malditas caíssem em outra parte.

Os foguetes alcançaram seu apogeu e começaram a descer. A centenas de metros um dispositivo de tempo abriu os narizes dos bólidos, e cada projétil liberou 644 submunições, cada uma pesando 250 gramas, somando um total de 3.500 quilos para cada um dos lançadores empregados. Todos estavam mirados para a artilharia da Divisão da Guarda Nacional. Aquela era sua arma de alcance mais longo, e Eddington a queria fora de jogo imediatamente. Como também era de praxe no Exército dos Estados Unidos, o Mi-R era a metralhadora padrão do comando de unidade. Alguns dos artilheiros iraquianos olharam para cima. Eles não podiam vê-los ou ouvi-los chegando, mas eles estavam caindo. A distância, pareceu uma saraivada de bombinhas de São João na calçada, ou fogos de artifício no céu no ano novo chinês, dançando e explodindo em celebração, mas foi uma morte barulhenta para aqueles no solo, à medida que um total de mais de setenta mil das munições explodiu sobre uma área de cerca de setenta hectares. Os caminhões pegaram fogo e explodiram em chamas.

Cargas propulsoras acenderam em explosões secundárias, mas a maioria dos soldados de artilharia acabou chacinada, mais de 80% deles mortos ou feridos pela primeira saraivada. Haveria mais duas. De volta ao centro da MATILHA, os veículos de lançamento correram de volta aos seus caminhões de suprimento. Imediatamente antes de chegar lá, as células de lançamento sêxtuplas eram ejetadas e novas alojadas automaticamente no local. O recarregamento demandou cerca de cinco minutos.

Era mais rápido que para os canhões de 155mm. Esses também estavam apontados para seus correspondentes inimigos, e seus cartuchos eram tão acurados quanto os foguetes. Aquela era a mais mecanicista das atividades militares. A arma matava e as pessoas serviam à arma. Eles não podiam ver seu trabalho, e neste caso nem mesmo tinham um observador avançado para dizer-lhes que estavam trabalhando bem, mas cientes de que o sistema de navegação GPS estava cuidando da mira, isso não importava — e se as coisas seguissem conforme o planejado, eles veriam mais tarde os resultados de seu trabalho mortal.

Perversamente, aqueles com visões diretas dos inimigos em movimento foram os últimos a atirar, os pilotos de tanques aguardando a ordem, enviada enquanto os comandantes de companhia atiravam primeiro por suas unidades.

Apesar de toda a sua letalidade, o sistema de controle de disparos do tanque Abrams é um dos mecanismos mais simples já colocados nas mãos de soldados, e até mais fácil de ser usado que os simuladores de milhões de dólares. Os artilheiros tinham setores designados, e os cartuchos iniciais disparados pelos comandantes da companhia haviam sido cartuchos HEAT — cartuchos antitanques

altamente explosivos —, que deixavam uma assinatura visual característica. Os tanques eram designados para áreas à esquerda ou à direita dos primeiros abatimentos. Os sistemas de visão térmica estavam calibrados para radiação infravermelha. Seus alvos eram mais quentes que o terreno à noite, e anunciavam sua presença com tanta clareza quanto lâmpadas.

Cada artilheiro era instruído sobre qual área escolher, e cada um selecionava um T-80 em movimento de aproximação. Concentrando o alvo na mira, os botões dos lasers eram premidos. O raio seguia até o alvo e refletia-se de volta.

O sinal de retorno dizia ao computador balístico a distância, velocidade e direção de movimento do alvo. Outros sensores diziam-lhe a temperatura externa, a temperatura da munição, a densidade atmosférica, a direção e a velocidade do vento, a condição da arma e quantos bólidos haviam sido disparados através do tubo até esse momento de sua carreira. O computador digeriria esta e outras informações e as processava. Feito isso, o computador piscava um retângulo branco na mira da arma para dizer ao artilheiro que o alvo estava marcado. Então, para o artilheiro, era apenas uma questão de premir seus indicadores nos gatilhos gêmeos do manche. O tanque sacolejava, a culatra recuava, o fulgor do disparo impedia momentaneamente a visão, e o projétil era enviado a mais de 1.600 metros por segundo. Os projéteis eram como flechas extremamente grossas, menores que o comprimento do braço de um homem, medindo duas polegadas de diâmetro; possuíam saliências no rabo que queimavam devido à fricção do ar em seu breve voo, e dispositivos de rastreamento para que o comandante de tanque pudesse acompanhar toda a trajetória da bala de prata.

Os alvos eram T-80 de fabricação russa, velhos tanques com desenhos antiquados. Eram muito menores que seus adversários americanos, principalmente devido à propulsão antiquada de seus motores, e seu tamanho pequeno o tornava adequado apenas a certos tipos de conflito. Havia um tanque de combustível na frente, cujo encanamento corria ao longo do anel da torre de tiro. Os cartuchos eram introduzidos por ranhuras que ficavam ao lado do tanque de combustível traseiro, de modo que sua munição ficava cercada por óleo diesel. Finalmente, para economizar espaço de torre de tiro, o carregador fora substituído por um sistema de carregamento automatizado, que além de ser menor do que um homem, também requeria que houvesse um cartucho ativado na abertura na torre de tiro o tempo inteiro. Em todo caso, isso não teria feito muita diferença, mas causava explosões espetaculares.

O segundo T-80 a morrer levou uma bala de prata na base da torre de tiro.

O cartucho obliterou em primeiro lugar o encanamento do combustível, e no processo de colisão através da blindagem gerou uma chuva letal de fragmentos movendo-se a mais de mil metros por segundo pelo espaço exíguo do interior do veículo, reduzindo os tripulantes a pedaços; ao mesmo tempo, o cartucho preparado inflamou seu rastro e os outros cartuchos explodiram atrás dele. Os tripulantes já estavam mortos quando a munição explodiu, também espargindo o combustível e gerando uma explosão que soprou a pesada torre de tiro 15

metros diretamente para cima, no que era conhecido no Exército como um abatimento catastrófico. No espaço de três segundos, mais 15 morreram dessa forma. A guarda avançada dos Imortais evaporou em mais dez segundos, e a única resistência que puderam oferecer foram as piras de seus veículos obscurecendo o campo de batalha.

Os disparos voltaram-se imediatamente para o corpo principal, três batalhões avançando enfileirados, agora a pouco mais de três mil metros de distância, um total de um pouco mais de 150 avançando na direção de um batalhão de 54.

Os comandantes dos tanques iranianos ainda estavam, em sua maioria, parados ao lado de suas torres de tiro para melhor ver, apesar de terem visto os foguetes sendo disparados a vários quilômetros dali. Em seguida viram uma ondulação linear de branco e dourado a três quilômetros de distância, seguida por explosões diretamente adiante deles. Os mais rápidos dos oficiais e comandantes de tanque recrutados

ordenaram aos artilheiros que disparassem bólidos nos lampejos; não menos de dez dispararam de fato, mas não tiveram tempo de calcular a distância, e todos os disparos não alcançaram os alvos. As tripulações iranianas estavam treinadas sobre o que fazer, e ainda não haviam tido tempo para que o medo suplantasse o choque. Alguns começaram a recarregar ciclos, enquanto outros manipulavam suas calculadoras de alcance para disparar bólidos mirados apropriadamente. Contudo, o horizonte ficou dourado de novo, e o que se seguiu mal deu-lhes tempo para notar a mudança de cor no céu.

A saraivada seguinte de 54 bólidos de canhão encontrou 44 marcas, com os T-80s sendo duplamente mirados. Desta vez demorou menos de vinte segundos para o impacto.

— Encontre um que ainda esteja se movendo — disse um comandante de tanque E-6 ao seu artilheiro. O campo de batalha estava em chamas agora, e as bolas de fogo interferiam com os visores térmicos. Ali. Com o laser, o artilheiro obteve seu alcance — 3.605 metros —, a caixa subiu e ele disparou. A visão esbranquiçou, então retornou, e ele pôde ver o bólido delineando sua trajetória num arco sobre o deserto, até o...

— Alvo! — anunciou o comandante. — Mudar fogo.

— Identificado mais um.

— Fogo! — ordenou o comandante.

— A caminho.

O artilheiro disparou seu terceiro bólido naquele meio minuto. Três segundos depois, outra torre de tiro T-80 se tornou um objeto balístico.

Rápido assim, a fase de tanque da batalha chegava ao fim.

Os Bradleys estavam enfrentando os BMP em rota de aproximação, seus canhões Bushmaster sendo disparados. Foi mais lento para eles. O alcance era mais difícil para seus canhões leves, mas o resultado foi igualmente definitivo.

O comandante dos IMORTAIS estava se aproximando dos elementos de acompanhamento da brigada líder quando ele viu os foguetes voando.

Mandando seu motorista parar, ele se levantou e virou-se em seu veículo de comando para ver as explosões secundárias de sua divisão de artilharia.

Voltando-se, viu a segunda saraivada dos tanques de Eddington. Quarenta por cento de seu poder de combate desapareceu em menos de um minuto. Antes mesmo que o choque o atingisse, ele soube que havia caminhado para uma emboscada — mas de quem?

Os foguetes MLRS que haviam destituído os IMORTAIS de sua artilharia tinham vindo do leste, não do sul. Era o presente de Hamm aos soldados da Guarda Nacional, que eram incapazes de perseguir pessoalmente os canhões iranianos com seu plano de fogo existente. Os MLRS da Corcel Negro haviam feito isso, e então mudado o fogo a fim de abrir espaço para os helicópteros de ataque Apache do regimento, que estavam atacando profundamente, para além das unidades do 2º Corpo, agora sendo atacadas por três esquadrões terrestres.

A divisão de trabalho neste campo de batalha fora determinada no início no dia anterior, mas não mudara os pensamentos de ninguém. A artilharia cuidaria inicialmente dos alvos de artilharia. Os tanques mirariam os tanques.

Os helicópteros estavam no ar para matar os comandantes. O posto de comando dos IMORTAIS estava parado havia vinte minutos. Três minutos antes do primeiro ataque de foguetes, as equipes de helicópteros Apache-Kiowa circularam ao norte, aproximando-se da borda e seguindo até os locais de onde os sinais de rádio estavam sendo emitidos. Primeiro viriam os alvos de nível de divisão, seguidos pelas brigadas.

A equipe dos IMORTAIS estava acabando de compreender os sinais recebidos. Alguns oficiais requisitaram confirmações ou esclarecimentos, informações necessárias antes que pudessem reagir apropriadamente à situação.

Esse era o problema com os postos de comando. Eles eram os cérebros institucionais das unidades que comandavam, e as pessoas que realizavam o processo de decisão tinham de estar juntas para funcionar.

A seis quilômetros dali, a coleção de veículos estava óbvia. Quatro lançadores de mísseis terra-ar foram orientados para o sul, e ali também havia um anel de canhões AAA. Esses dispararam primeiro. Os Apaches da Tropa V

(de ataque) pararam onde estavam, escolhendo um local sem nada perigoso ao redor, e pairando a cerca de trinta metros de altura. Os artilheiros nos bancos da frente, todos eles oficiais jovens, usaram equipamentos óticos para visão aproximada. Selecionaram o primeiro grupo de alvos e os mísseis Hellfire, guiados por laser. O primeiro lançamento foi realizado de surpresa. Um soldado iraniano viu o lampejo e gritou para uma equipe de artilheiros, que rodopiou seus canhões e começou a disparar antes dos mísseis chegarem. O que aconteceu em seguida foi um pandemônio. O Apache na mira virou para a esquerda e disparou a cinquenta nós para escapar dos mísseis, mas com isso prejudicou a mira do artilheiro, que teve de atirar novamente enquanto o primeiro projétil surgia em seu campo de visão. Os outros AH-64 não foram prejudicados, e dos seis lançamentos, cinco acertaram. Em mais um minuto, o problema antiaéreo estava neutralizado e os helicópteros de ataque se aproximaram. Agora podiam ver pessoas correndo, afastando-se dos carros de comando. Alguns soldados no grupo de segurança do comando começaram a disparar seus fuzis para o céu, e houve atividades mais estruturadas por parte dos operadores de metralhadora, mas o fator surpresa estava do outro lado. Os atiradores dispararam foguetes de 2,5 polegadas para cobrir a área, Hellfires para eliminar os poucos veículos blindados remanescentes, e então mudaram para seu canhão de 30mm. Numa demonstração de fúria, aproximaram-se como os insetos agigantados que pareciam ser, zumbindo e voando de um lado para o outro enquanto os atiradores procuravam por pessoas que as armas mais pesadas não houvessem atingido. Naquele terreno plano não havia onde se esconder, e os corpos humanos reluziam na superfície escura e mais fria; os atiradores caçaram-nos em grupos, em pares, e, finalmente, um a um, varrendo o terreno como ceifadores. Em sua reunião sobre a linha de combate, havia sido decidido que, ao contrário de 1991, os helicópteros não iriam se render nesta guerra, e os projéteis de 30mm tinham pontas explosivas. A Tropa P — eles chamavam a si mesmos Predators — permaneceu ali por mais dez minutos antes que cada veículo tivesse sido destruído, cada corpo em movimento estivesse morto. Só depois disso moveram-se no céu, baixaram os narizes e retornaram para oeste, na direção de seus pontos de rearmamento.

O ataque prematuro ao elemento de reconhecimento do 2º Corpo deflagrara uma parte desta batalha um tanto prematuramente, e alertara uma companhia de tanques quase intacta mais cedo do que o pretendido. Contudo, os tanques inimigos ainda eram bolhas brancas sobre um fundo negro, e estavam a menos de quatro mil metros de distância.

— Acionar Battlestars — ordenou o comandante da Tropa B, disparando seu primeiro bólido, que logo foi seguido por mais oito. Seis acertaram, mesmo a essa distância extrema, e o ataque da Corcel Negro ao 2º Corpo começou mesmo antes mesmo da primeira saraivada de MLRS. A saraivada foi realizada em movimento, e mais cinco tanques explodiram, seus projéteis de resposta caindo antes de chegar aos alvos. Era um pouco mais difícil acertar dessa forma. Embora o canhão estivesse estabilizado, o terreno instável podia prejudicar a mira, e erros eram esperados, ainda que não exatamente bem-vindos.

Os tanques da Tropa B estavam afastados meio quilômetro uns dos outros, e cada um tinha uma zona de combate exatamente dessa largura, e quanto mais longe eles iam, mais alvos encontravam. Os veículos

batedores Bradley estavam posicionados atrás da cerca de noventa metros, e seus artilheiros procuravam por soldados que pudessem estar portando armas antitanques. As duas divisões do 2º Corpo estavam espalhadas por 32 quilômetros de espaço linear e cerca de 12 quilômetros de profundidade, assim diziam os sistemas IVIS. Em dez minutos, a Tropa B retalhou seu caminho através de um batalhão debilitado pelos sauditas e agora dizimado pelos americanos. O benefício adicional aconteceu dez minutos depois, quando avistaram uma bateria de artilheiros se posicionando. Os Bradleys pegaram esses, varrendo a área com seus canhões 25mm e iluminando a noite que tinha caído havia apenas quatro horas.

— Merda. — Eddington meramente proferiu a palavra, sem nenhuma ênfase.

Ele tinha sido convocado por seus comandantes e estava agora de pé em seu HMMWV.

— Acredita nesses últimos cinco minutos? — perguntou LOBO-SEIS. Ele mesmo ouvira outros expressarem sua surpresa pela rede de seu batalhão: É só isso? — perguntara em voz alta mais de um sargento. Era uma disciplina de rádio simples, mas todos estavam pensando a mesma coisa.

Mas havia mais a fazer do que admirar o trabalho. Eddington levantou seu rádio e ligou para o especialista 2 de sua brigada.

— O que Predator nos diz?

— Temos ainda mais duas brigadas ao sul daqui, mas diminuíram um pouco a velocidade, senhor. Estão aproximadamente a nove quilômetros ao norte de sua linha no mais próximo, e a doze no mais distante.

— Ponha-me em contato com BUFORD — ordenou MATILHA-SEIS.

O general ainda estava no mesmo lugar, com a morte adiante e atrás de si.

Havia-se passado meros dez minutos. Três tanques e vinte BMPs haviam corrido em marcha à ré, parando numa depressão e mantendo essa posição enquanto aguardavam instruções. Havia homens voltando agora, também, alguns feridos, a maioria não. Ele não podia gritar com seus homens. O choque do momento atingira-o com mais força do que a eles.

Ele já tentara contato com o posto de comando de sua divisão, mas recebera em resposta apenas estática, e apesar de toda sua experiência com o uniforme, seu tempo em comando, as escolas que frequentara, e os exercícios que vencera e perdera — nada o preparara para isto.

Mas ele ainda tinha mais de metade de uma divisão para comandar. Duas de suas brigadas estavam completamente intactas, e ele não viera para cá com a intenção de perder. Ordenou ao seu motorista que virasse e retornasse. Deu ordem aos sobreviventes da brigada líder para que aguardassem até segunda ordem. Ele tinha de se controlar. Ele deparara com um pesadelo, mas não podia estar assim em toda parte.

— O que você propõe, Eddington?

— General Diggs, quero mover meus homens para o norte. Acabamos de engolir duas brigadas de tanques com mais facilidade do que uma criança come cereal. A artilharia inimiga está quase toda aniquilada, senhor, e quero um campo desimpedido à minha frente.

— Certo, mas fique com os olhos bem abertos. Notificarei a Corcel Negro.

— Entendido, senhor. Estaremos em movimento daqui a vinte minutos.

Eles tinham considerado essa possibilidade, óbvio. Havia até mesmo um esboço de plano nos mapas. A LOBO mudaria de rumo e seguiria para a direita.

A CANINOS BRANCOS seguiria reto para o norte, obstruindo a estrada, e a força-tarefa COIOTE, que ainda não entrara em batalha, seria instruída a virar para a esquerda, devido à sua capacidade de avançar por terreno bruto. De suas novas posições, a brigada tomaria rumo norte até fases-linhas afastadas dez quilômetros entre si. Eles teriam de se mover lentamente devido à escuridão, em terreno

não familiar, e pelo fato de que tudo aquilo era apenas um plano incompleto, mas a palavra código de ativação era NATHAN, e a primeira fase-linha era MANASSAS. Eddington torceu para que Diggs não se importasse.

— Aqui é MATILHA-SEIS para todos os seis. Palavra código é NATHAN, repito, estamos ativando o plano NATHAN em dois-zero minutos. Acusem entendimento — ordenou.

Segundos depois, todos os três comandantes de batalhão haviam acusado o recebimento da mensagem.

Diggs mantivera-o na linha, e a foto estava na tela de comando no carro de ataque M4 Deus. O coronel Magruder não estava tão surpreso com os resultados iniciais, exceto talvez com o desempenho excelente dos soldados da Guarda Nacional. Ainda mais surpreendente era o progresso do 10°. Avançando a trinta quilômetros horários estáveis, ele já estava no território do antigo Iraque, e pronto para virar para sul. Isso ele fez em 0200L. Com seu esquadrão de helicópteros tendo deixado a retaguarda para cobrir os kuwaitianos, ele se sentia um pouco nu no momento, mas ainda estava escuro, e assim, permaneceria por mais quatro horas. Até então ele estaria de volta à Arábia Saudita. BUFALO-SEIS julgou que, entre todas, a sua era a melhor missão de divisão blindada. Aqui estava ele, localizado profundamente em território inimigo. Exatamente como o coronel John Grierson fizera aos rebeldes confederados, e o que ele e os soldados-búfalo haviam feito aos apaches. Ele ordenou às suas unidades que se espalhassem. O pelotão de reconhecimento disse que não havia muita coisa ali para ficar no caminho, que a força principal do inimigo estava profundamente no reino. Bem, ele não achava que se aprofundaria muito mais, e tudo que ele tinha a fazer era bater a porta às suas costas.

Donner estava de pé na escotilha superior do carro de ataque de busca, atrás da torre de tiro, com seu cameraman do Exército ao seu lado. Aquilo não parecia com nada que ele já tivesse visto. Donner registrara em fita o ataque à bateria de canhões, embora não achasse que a gravação fosse ser muito útil, devido à forma como o tanque estava trepidando. À sua volta, tudo era destruição. Atrás, a sudeste, havia pelo menos cem tanques incendiados, e outras coisas que ele não reconheceu, e tudo acontecera em menos de uma hora.

Sacolejou para a frente, batendo a cabeça na escotilha quando o Bradley parou.

— Mandem os homens saírem! — gritou o comandante de carro de ataque. — vamos ficar aqui um pouco.

Os Bradleys dispuseram-se num círculo, a cerca de um quilômetro e meio ao norte dos canhões arruinados da URI. Não havia nada se movendo em torno deles; o artilheiro certificou-se disso ao girar sua torre de tiro. A escotilha traseira foi aberta, e dois homens saltaram, primeiro olhando e depois correndo, fuzis em punho.

— Venha cá! — disse o sargento, levantando a mão. Donner obedeceu e escalou até o topo do veículo.

— Vai um cigarrinho? — perguntou o sargento. Donner balançou a cabeça.

— Parei.

— É? Bem, aqueles lá não vão fumar nunca mais — disse o sargento, gesticulando na direção das ruínas um quilômetro e meio para trás. O sargento achou que essa tinha sido boa. Levou os binóculos aos olhos e olhou em torno, confirmando o que diziam os visores das armas.

— Que você acha de tudo isso? — perguntou o jornalista, cutucando seu cameraman.

— Acho que eles me pagam para fazer meu trabalho, e que gosto quando tudo dá certo.

— Por que paramos?

— Teremos de abastecer daqui a cerca de uma hora, e precisamos de mais munição — respondeu o

cameraman, colocando os óculos.

— Precisamos de combustível? Não andamos tanto assim.

— Bem, o coronel acha que amanhã teremos um dia muito cheio, também. — Ele se virou. — Que você acha, Tom?

Prontos para o Ataque

Seja na guerra ou em qualquer outro campo de atividade humana, o que as pessoas chamam iniciativa sempre é nada mais que uma vantagem psicológica.

Ela combina o sentimento de um lado de que ele está vencendo com o sentimento do outro lado de que alguma coisa saiu errada — de que agora o segundo lado precisa se preparar e reagir às ações do inimigo em vez de preparar sua própria ação ofensiva. Classificada em termos como impulso ou ascendência, essa situação geralmente se resume a quem está fazendo o que a quem, e uma mudança repentina na equação surtirá um efeito mais forte do que um acúmulo gradual até o mesmo conjunto de circunstâncias. O esperado, quando substituído pelo inesperado, perdura algum tempo; perdura na mente, porque é mais fácil, durante algum tempo, negar em vez de adaptar, e isso apenas dificulta as coisas para aqueles que estão sofrendo a ação. Para aqueles que estão praticando a ação, existem outras tarefas a ser cumpridas.

Para as forças americanas em contato, houve uma pausa breve, mal recebida, mas necessária. Deveria ter sido mais fácil para o coronel Nick Eddington da MATILHA, mas não foi. Sua força de tropas da Guarda Nacional fizera mais do que permanecer no mesmo lugar para sua primeira batalha, o que permitira ao inimigo entrar em sua área de combate, uma emboscada com 24

quilômetros de largura por 15 de profundidade. Exceto pelo pelotão de reconhecimento da brigada, os homens da Carolina mal se haviam movido. Mas isso teria de mudar agora, e Eddington foi lembrado do fato de que embora planejasse a ação como um instrutor de bale, as coisas que desempenhavam as manobras eram tanques, coisas pesadas e desajeitadas, movendo-se em terreno escuro e desconhecido.

A tecnologia ajudava. Ele dispunha de rádios para dizer aos seus homens quando e aonde ir, e o sistema IVIS para dizer-lhes como. A força-tarefa LOBO começou recuando até as posições elevadas que lhes serviam tão bem até apenas quarenta minutos atrás, virando para sul e seguindo através de pontos de navegação pré-selecionados até destinos a menos de dez quilômetros ao sul de suas posições iniciais de combate. No processo, o batalhão expandido se diluiu, espalhando-se mais do que antes; isso foi possível porque a cúpula do batalhão pôde programar a manobra eletronicamente e transmitir suas intenções aos comandantes de suas subunidades, que, recebendo áreas de responsabilidade, puderam subdividi-las quase automaticamente, até que cada veículo soubesse seu destino em metros. O atraso inicial de vinte minutos desde a notificação de que o plano NATHAN seria implementado permitiu que o processo de seleção começasse. A mudança lateral exigiu uma hora, com os veículos movendo-se através do que parecia ser uma terra vazia à velocidade de ônibus urbanos numa hora de trânsito engarrafado. Mesmo assim, funcionou, e uma hora após o movimento ter sido iniciado, ele estava completo.

MATILHA, agora cobrindo bem mais de trinta quilômetros de espaço lateral, mudou de curso para norte e começou a se mover a dez quilômetros por hora, com equipes de reconhecimento avançando ainda mais rápido para assumir posições a cinco quilômetros adiante do corpo principal. Isso era muito menos do que o livro dizia que deveria ser o intervalo. Eddington não podia esquecer que estava manobrando uma força grande de soldados de meio expediente, cuja dependência de tecnologia eletrônica era um pouco grande demais para seu conforto total. Ele manteria sua força de três batalhões de combate sob controle cuidadoso até que o contato fosse estabelecido e o quadro geral se tornasse claro.

Tom Donner ficou surpreso ao ver que os veículos de apoio, praticamente quase todos parecendo caminhões robustos, eram capazes de seguir as unidades de combate com tanta rapidez quanto eles. Por algum motivo, o jornalista não havia compreendido o quanto isto era importante, acostumado como estava a parar num posto de gasolina específico duas vezes por semana. Aqui os atendentes precisavam ser tão móveis quanto seus clientes, e isso, ele concluiu, era uma tarefa nada fácil. Os caminhões-tanques assumiram posições. Os Bradleys e os tanques de batalha foram até eles dois por vez, e em seguida voltaram a seus postos de perímetro, onde as munições eram jogadas de outros caminhões para que os tripulantes dos carros de ataque os carregassem. Cada Bradley, ele aprendeu, tinha um carrinho de compras, em quase todos os casos adquiridos com o salário do artilheiro, para facilitar o recarregamento do pente Bushmaster. Funcionou melhor do que a ferramenta destinada para o propósito.

Isso provavelmente valia uma pequena matéria, pensou Donner com um sorriso distante.

O comandante da tropa, agora em seu HMMWV de comando em vez de seu M1A1, estava correndo de um carro de ataque para outro para aferir as condições de cada veículo e tripulação. Ele deixou o Três-Dois por último.

— Sr. Donner, está tudo bem com o senhor?

O jornalista bebericou o café feito pelo piloto do Bradley e assentiu.

— É sempre assim? — perguntou ao jovem oficial.

— Primeira vez para mim, senhor. Mas parece muito com nossos treinamentos — O que você acha dessa história toda? — perguntou o jornalista. — Quero dizer lá atrás, você e toda a sua gente, bem, vocês mataram muitos inimigos.

O capitão pensou um pouco nisso.

— O senhor já cobriu tornados, furacões, coisas assim?

— Sim.

— E as pessoas veem suas vidas virarem de cabeça para baixo, e você lhes pergunta como elas se sentem, certo?

— O meu trabalho é esse.

— O mesmo conosco. Esses sujeitos inicia mm uma guerra contra agente.

Estamos reagindo. Se eles não gostarem disso, bem, talvez da próxima vez pensem duas vezes Senhor, eu tinha um tio no Texas... um tio e uma tia, na verdade. Ele era golfista profissional e me ensinou a jogar. Depois, ele foi trabalhar para a Cobra... a companhia de artigos para golfe, certo? Um pouco antes de sairmos de Forte Irwin, minha mãe ligou para me dizer que os dois morreram por causa do Ebola, senhor. Quer mesmo saber o que pensamos disto? — perguntou o oficial que havia explodido cinco tanques naquela noite. — Embarque agora, Sr. Donner. A Corcel Negro está se movendo daqui a dez minutos. O senhor pode esperar contato logo depois do amanhecer.

Houve um lampejo suave no horizonte, seguido um minuto depois pelo ronronar distante de um trovão.

— Acho que os Apaches estão começando cedo — disse o capitão.

Oitenta quilômetros a noroeste, o posto de comando do 2º Corpo acabara de ser destruído. O plano estava evoluindo. O Primeiro Esquadrão seguiria para o norte através das unidades remanescentes do 2º Corpo. O Terceiro Esquadrão seguiria para o sul através de uma oposição leve, agrupando o regimento para o primeiro ataque ao flanco esquerdo do 3º Corpo inimigo. A dezesseis quilômetros dali, Hamm estava movendo sua artilharia para facilitar a destruição dos remanescentes da 2º Corpo, cujos comandantes seu esquadrão de helicópteros acabara de eliminar.

Eddington lembrou-se uma vez mais que ele tinha de manter tudo muito simples. Apesar de todos os seus anos de estudo e do nome que designara para seu contra-ataque, ele não era Nathan Bedford Forrest,

e este campo de batalha não era pequeno o bastante para que pudesse empregar a manobra que aquele gênio racista usara com tanta frequência na Guerra de Secessão.

Os elementos de CORUJA estavam agora bastante distantes uns dos outros, com a frente da brigada quase duplicada nos últimos vinte minutos, reduzindo sua velocidade. Provavelmente não era ruim, pensou o coronel. Ele precisava ser paciente. A força inimiga não podia manobrar até tão longe para leste para não correr o risco de deparar com a esquerda da Corcel Negro — presumindo que eles soubessem que ela estava lá — e o terreno a oeste era acidentado demais para permitir movimentação fácil. Eles haviam tentado o meio e sido encurralados. Portanto, a atitude lógica para o 1º Corpo inimigo era tentar uma manobra de movimento limitado, provavelmente voltada para o leste. As fotos enviadas pelos autômatos Predator começaram a confirmar isso.

O comandante dos IMORTAIS não dispunha mais de um comando apropriado para usar, e assim ele absorveu o que restara do posto de comando da desaparecida 1ª Brigada, tendo também aprendido que ele precisava se manter em movimento o tempo todo. A primeira tarefa para ele fora restabelecer contato com o comando do 1º Corpo, o que se provava um pouco difícil, porque essa unidade estivera em movimento quando ele entrara na emboscada americana — tinha de ser americana — ao longo da estrada para Al Artawiyah. Agora o 1º Corpo estava parado novamente, e talvez falando muito com o comando do Exército. Ele entrou na rede de rádio, falou com um três-estrelas — um colega iraniano —, e disse o que pôde da forma mais rápida possível.

— Não pode haver mais de uma brigada — assegurou-lhe seu superior imediato.

— O que você vai fazer?

— Devo agrupar minhas forças remanescentes e atacar de ambos os flancos antes do amanhecer — respondeu o comandante de divisão.

Se o comandante dos Imortais tivesse escolha, não seria assim, e ambos os oficiais superiores sabiam disso. O 1º Corpo não podia recuar, porque o governo não podia recuar, porque o governo que ordenara a ação do Exército não poderia se arrepender disso. Permanecer ainda significava esperar que as forças sauditas viessem da fronteira do Kuwait. A tarefa então era reconquistar a iniciativa, sobrepujando a força de bloqueio americana mediante manobras e efeitos de choque. Era para isso que os tanques eram projetados, e ele tinha mais de quatrocentos ainda sob seu comando.

— Aprovado. Mandarei para você meu corpo de artilharia. Guardas Blindadas à sua direita farão o mesmo. Realize sua ofensiva — disse-lhe seu colega iraniano. — Depois seguiremos para Riad ao anoitecer.

Muito bem, pensou o comandante dos Imortais. Ele ordenou à sua 2ª

Brigada que reduzisse seu avanço, permitindo à 3ª alcançá-los, juntar-se a eles e manobrar para leste. A oeste de sua posição, os iraquianos estariam fazendo praticamente o mesmo. A 2ª avançaria para contato, iria fixar-se ao flanco inimigo, e a 3ª daria a volta, atacando-os pela retaguarda. O centro ele deixaria vazio.

— Eles pararam. a brigada líder parou. Estão a oito quilômetros ao norte — reportou o especialista 2 da Brigada. — Em alguns minutos, CORUJA terá visual deles para confirmar.

Isso explicava o que uma das forças inimigas à sua frente estava fazendo.

O grupo a oeste estava um pouco para trás, não tendo parado, mas avançado lentamente, evidentemente aguardando ordens ou algum tipo de mudança em suas disposições. Seu oponente e seus homens estavam aproveitando o tempo para pensar.

Eddington não podia permitir isso.

O único problema real com o MLRS era que ele tinha um alcance mínimo muito mais conveniente que seu alcance máximo. Para a segunda missão daquela noite, os veículos de foguetes, que não tinham

realmente se movido, travaram suas suspensões e elevaram suas caixas de lançamento, mais uma vez guiados apenas por informações eletrônicas. Novamente a noite foi perturbada por rastros luminosos de foguetes, embora desta vez em trajetórias muito mais baixas. A artilharia fez o mesmo, com ambas as forças dividindo sua atenção entre as brigadas avançadas à esquerda e à direita da estrada.

O propósito era mais psicológico que real. As minibombas dos foguetes MLRS não matariam um tanque. Uma queda por sorte no topo de um convés traseiro poderia danificar um motor a diesel, e os flancos da infantaria e os flancos dos cargueiros BMP de infantaria poderiam ocasionalmente ser penetrados por uma detonação próxima, mas esses eram golpes de sorte. O propósito real era irritar o inimigo, limitar sua capacidade de ver e, com a chuva de metal, limitar sua capacidade de pensar. Os oficiais que haviam saltado de seus tanques de comando para conferenciar precisariam correr de volta, e alguns seriam mortos ou feridos pelo ataque repentino. Sentados em segurança nos veículos estacionários, eles ouviriam o pinga-pinga dos fragmentos quicando na armadura, e olhariam por seus sistemas de visão para ver se a barragem de artilharia pressagiava um ataque mais poderoso. Os cartuchos de 155mm da artilharia, menos numerosos, representavam um perigo maior, quanto mais considerando que os cartuchos americanos não estavam explodindo no ar, mas eram cartuchos comuns que atingiam o solo primeiro. As leis de probabilidade garantiam que alguns dos veículos seriam atingidos — e alguns foram, explodindo em bolas de fogo enquanto o restante da 2ª Brigada era forçado a permanecer no lugar, ordenadas a fazer isso enquanto a 3ª moveu-se para sua esquerda. Incapacitados de se mover devido à perda de sua artilharia, incapaz de responder à altura, eles não podiam fazer nada mais além de tremer e permanecer alerta, olhando para fora de seus veículos, e observando os bólidos e minibombas caírem.

A tropa B, 1ª do 11º, movimentou-se dentro do cronograma, espalhando-se e viajando para o norte, com os tanques Bradley na liderança e os tanques Battlestar a meio quilômetro atrás, preparados para responder a um relatório de contato. Isso proporcionou uma revelação estranha para Donner. Homem inteligente, e até mesmo acostumado a enfrentar os desconfortos da vida ao ar livre — costumava acampar com a família na Trilha Apalaches —, Donner passava o maior tempo que podia olhando pela escotilha do Bradley, e não fazia a menor ideia do que estava realmente acontecendo. Finalmente, superou seu constrangimento e pegou os interfones para perguntar ao comandante de carro de ataque como ele sabia. Assim, o comandante o chamou para a frente, onde ele se apertou com um terceiro homem num espaço projetado para dois — ou melhor, para um e meio, pensou o jornalista.

— Estamos aqui — disse-lhe o sargento, tocando com o dedo a sua tela IVIS.

— Vamos seguir este caminho. Segundo isto, não há nada por perto para nos incomodar, mas estamos procurando. — Ele mudou um pouco a configuração na tela. — O inimigo está aqui, e estamos ao longo desta linha.

— A que distância?

— Mais 12 quilômetros e deveremos começar a vê-los.

— Qual é a confiabilidade desse sistema? — perguntou Donner.

— Ele nos trouxe até aqui, Tom — comentou o comandante de carro de ataque. O padrão do movimento era incômodo, e lembrou ao jornalista os sinais de trânsito indicando para-e-siga numa tarde de sexta-feira. Os veículos blindados iriam correr — jamais acima de 32 quilômetros por hora — de um aspecto de terreno para outro, perscrutariam a dianteira, e então se moveriam um pouco mais. O sargento explicou que eles iriam se mover de uma forma mais regular em terreno melhor, mas esta parte do deserto saudita era marcada por colinas e crateras que podiam ocultar pessoas. Os Bradleys estavam num pelotão, mas realmente pareciam mover-se em pares. Cada M3 tinha um veículo batedor.

— E se houver alguém lá fora?

— Então ele provavelmente atirárá na gente — explicou o sargento.

O tempo todo, enquanto conversavam, o artilheiro estava virando-se em sua torre de tiro para a esquerda e direita, buscando o lampejo de um corpo quente no terreno frio.

Curiosamente, eles enxergavam melhor à noite, motivo que levou os americanos a adotar a escuridão como seu horário de caça favorito.

— Stanley, vire à esquerda e pare atrás daquele afloramento — ordenou o sargento 10 piloto. — Se eu fosse montar uma emboscada, escolheria aquele lugar à direita. Iremos cobrir Chuck enquanto ele o contorna. — A torre de tiro girou, buscando um corpo quente, enquanto o veículo batedor passava por eles. — Certo, Stanley, prossiga.

A seção de comando do Exército de Deus provara-se terrivelmente difícil de ser localizada, mas agora Hamm tinha duas tropas de helicópteros designadas exclusivamente para essa missão, e sua seção de espionagem eletrônica estava operando em conjunto com a tropa do 2º Esquadrão do quartel-general. Seu objetivo era localizar e desorganizar toda a força inimiga.

Oficiais do serviço de informação da Arábia Saudita, conectados a carros de ataque ELINT, estavam atentos aos sinais. As forças da URI tinham contatos de rádio codificados com os altos comandantes, mas eles funcionavam apenas entre pessoas com o mesmo equipamento, e com a degradação gradual da rede de rádio inimiga, cedo ou tarde teriam de começar a falar às claras. Um corpo e dois comandos de divisão haviam sido atingidos, dois desses quase totalmente destruídos e os outros seriamente danificados. Além disso, eles sabiam aproximadamente onde estava o 3º Corpo, e o Exército teria de começar a falar com essa formação, porque era a única distante o bastante para não ter sido atingida, exceto por alguns combates aéreos. Eles não teriam de ler as mensagens, embora isso pudesse ser útil. Eles conheciam os alcances de frequência até o circuito do alto comando, e alguns minutos de comunicação possibilitariam sua localização. Depois, seria apenas uma questão de enviar tropas de helicópteros ataquem o alto comando e começar a arruinar a manhã deles.

Soava como estática, mas os rádios codificados digitalmente geralmente eram assim. O oficial de ELINT, um primeiro-tenente, adorava ficar de escuta, mas sentia falta de seu equipamento de geração de interferência, que fora deixado de fora nos conjuntos de equipamento POMCUS, provavelmente porque aquela supostamente seria uma missão da Força Aérea. Havia uma arte nisto. Seus soldados, todos especialistas em informação militar, precisavam discernir a diferença entre estática atmosférica real e estática artificial enquanto vasculhavam as frequências.

— Bingo! — disse alguém. — Marcação três-zero-cinco, chiando como uma serpente.

Era alto demais para ser ruído atmosférico, por mais aleatório que pudesse soar.

— Tem certeza? — perguntou o oficial.

— Noventa por cento de chances. — Um segundo veículo, conectado eletronicamente ao primeiro, estava a um quilômetro de distância, proporcionando uma triangulação de linha de base... — Ali.

A locação apareceu na tela do computador. O tenente levantou um rádio para o posto de comando do 4º Esquadrão.

— ANJO-SEIS, aqui é PIMENTA, temos um endereço para entregar a encomenda... Os quatro Apaches e seis Kiowas da Tropa M estavam apenas a vinte quilômetros de distância da posição, conduzindo uma busca visual. Um minuto depois, eles se viraram para o sul.

— Que está acontecendo? — inquiriu Mahmoud Haji.

Ele odiava usar seu radiotelefone e simplesmente conseguir entrar em contato com seu próprio comandante de Exército revelara-se uma tarefa muito difícil.

— Encontramos oposição ao sul da Cidade Militar Rei Khalid. Estamos lidando com ela.

— Pergunte-lhe a natureza da oposição — aconselhou o chefe de informação ao seu líder.

— Talvez o seu convidado possa me dizer isso — sugeriu o general no outro lado da conversa. — Ainda estamos trabalhando para descobrir.

— Os americanos não têm mais de duas brigadas no teatro de operações! — insistiu o homem. — Há mais uma força equivalente à brigada no Kuwait, mas é tudo!

— Verdade? Bem, perdi mais do valor de uma divisão em força nas últimas três horas, e ainda não sei o que estou enfrentando. O 2º Corpo foi prejudicado drasticamente. O 1º Corpo deparou com alguma coisa e está prosseguindo o ataque agora. O 3º Corpo está intocado, até agora. Posso prosseguir o ataque a Riad, mas preciso de mais informações sobre o que estou enfrentando.

O general-comandante, homem de sessenta anos, não era idiota, e ainda sentia que podia vencer. Ele ainda tinha o valor em força de combate de cerca de quatro divisões. Era apenas uma questão de direcionar esse valor adequadamente. Na verdade, estava grato à sua sorte pelos ataques aéreos das forças americanas e sauditas terem sido tão brandos. Ele aprendera rápido mais algumas lições. O desaparecimento de três seções de combate deixara-o cauteloso, pelo menos quanto à sua própria segurança. Ele estava agora a um quilômetro inteiro dos transmissores de rádio conectados ao seu veículo de comando blindado, um BMP-1KSh, seu fone de ouvido na extremidade de uma longa rede de comunicações. Ele estava cercado por um esquadrão de soldados, que se esforçavam ao máximo para não ouvir a excitação na voz de seu comandante.

— Merda, vejam só todos esses carros de ataque dotados de mísseis terra-ar — disse um observador de Kiowa pelo rádio, oito quilômetros ao norte. Seu piloto fez a chamada enquanto o observador contava os tanques.

— MARAUDER-LÍDER, aqui é MASCOTE-TRÊS. Acho que encontramos o endereço para a entrega.

— TRÊS, LÍDER, prossiga — foi a resposta curta.

— Seis bimps, dez caminhões, cinco carros de ataque dotados de mísseis terra-ar, dois carros de ataque de radar, e três ZSU-23s num uádi. Recomendo aproximação do oeste, repito, recomendo aproximação do oeste.

Era um poder de fogo defensivo demais para ser outra coisa que não a seção de comando móvel do Exército de Deus. Todos os lançadores de mísseis terra-ar eram Crotales de fabricação francesa, e MASCOTE-TRÊS sabia que aqueles desgraçados eram perigosos. Mas eles deviam ter escolhido um local diferente. Esta era uma daquelas situações nas quais era melhor você estar em campo aberto, ou mesmo em terreno alto, de modo que seus radares terra-ar pudessem ver melhor.

— TRÊS, LÍDER, pode iluminar?

— Afirmativo. Diga-nos quanto. Carros de ataque de radar primeiro.

O líder dos helicópteros Apache, um capitão, estava a oeste, voando rente ao solo a trinta nós, seguindo pelo que ele achava ser uma cumeeira que prosseguiria até o uádi. Devagar, devagar, deixando sua antena sensora ver adiante. O piloto conduzia a aeronave como um garoto aprendendo a estacionar numa vaga, enquanto o artilheiro vigiava os sensores.

— Está bem adiante, senhor — avisou o artilheiro de seu assento na frente.

— TRÊS, LÍDER, comece a música — instruiu o piloto.

O Kiowa acendeu seu iluminador laser, um raio infravermelho invisível que mirou primeiro para o carro de ataque de radar mais distante. Era na verdade um veículo sobre rodas. Quando foi recebida a notificação de que o alvo estava iluminado, o Apache levantou seu nariz e liberou primeiro um Hellfire, e mais um cinco segundos depois.

O general ouviu o aviso gritado a mil metros dali. Apenas um dos veículos de radar estava realmente transmitindo, e isso intermitentemente como uma medida de segurança eletrônica. Ele estava irradiando

agora e captou o míssil em aproximação. Um dos caminhões de lançamento girou seu canhão de quatro tubos e disparou, mas o Crotales perdeu a mira quando o Hellfire angulou para baixo, passando inofensivamente pelo alvo. O veículo de radar explodiu um momento depois, e o mesmo aconteceu ao segundo veículo seis segundos depois. O general-comandante do Exército de Deus parou de falar então, e ignorou a conversa vinda de Teerã. Agora não havia literalmente nada que ele pudesse fazer além de se abaixar, o que seus guarda-costas obrigaram-no a fazer.

Todos os quatro helicópteros Apache da tropa estavam pairando agora num semicírculo, esperando as ordens de seu comandante de tropa para disparar os Hellfires. Ele ordenou isso, com cerca de cinco segundos de intervalo, permitindo ao Kiowa guiá-los em sua trajetória, mudando de um alvo para outro. Em seguida, vieram os veículos de lançamento de mísseis terra-ar, acompanhados pelos carros de ataque de fabricação russa, munidos de canhão.

Então não havia mais nada para proteger os carros de comando BME.

Foi inclemente, considerou o general. Homens tentaram atirar de volta, mas no começo não havia no que atirar. Outros apontaram. Apenas alguns correram. A maioria permaneceu e tentou lutar. Os mísseis pareceram vir do oeste. Ele podia ver o brilho branco amarelado dos jatos dos foguetes correndo através da escuridão como vaga-lumes, mas não podia ver nada disparando neles. Um após o outro, todos os veículos de defesa foram destruídos, então os BMP, a seguir os caminhões. Demorou menos de dois minutos, e apenas então os helicópteros começaram a aparecer. O destacamento de segurança para seu posto de comando móvel era uma companhia de soldados de infantaria escolhidos a dedo. Eles resistiram com metralhadoras pesadas e bazucas, mas as formas espectrais dos helicópteros estavam longe demais. Os mísseis portáteis não podiam alcançá-los. Seus homens tentaram, mas então os bólidos se aproximaram, descendo até eles como raios de luz numa área agora iluminada por veículos em chamas. Um esquadrão aqui, uma seção ali, um par acolá. Os homens tentaram correr, mas os helicópteros os perseguiram, disparando de apenas algumas centenas de metros de distância, caçando-os num jogo cruel, desprovido de remorso. O microfone do rádio estava mudo na mão do general, mas ele ainda o segurava, assistindo ao caos.

— LÍDER DOIS, PEGUEI UM bando a leste — disse um piloto ao comandante dos helicópteros Apache.

— Pegue-os — ordenou o líder de voo, e um dos helicópteros de ataque mergulhou para o sul, nas cercanias das ruínas do posto de comando.

Não havia nada a fazer. Não havia para onde fugir. Três de seus homens empunharam suas armas e dispararam. Outros tentaram fugir, mas não havia como correr nem como se esconder. Quem estava pilotando essas aeronaves estava matando tudo que viam pela frente. Americanos. Só podia ser eles.

Furiosos com o que haviam descoberto. Podia até ser verdade, pensou o general, e se...

— Como se diz comam merda na língua deles? — perguntou o artilheiro enquanto se certificava de que tinha pegado todos.

— Acho que entenderam a mensagem — replicou o piloto, virando o helicóptero e procurando alvos adicionais.

— ANJO-SEIS, ANJO-SEIS, aqui é MARAUDER-SEIS-EFETIVA. Isto aqui parece com certeza um comando, e agora virou churrasco — disse o comandante de tropa. — Estamos voltando para reabastecer munição e combustível. Câmbio e desligo.

— Bem, traga-o de volta! — gritou Daryaei para o oficial de comunicações do outro lado da linha.

O chefe de informação presente na sala não disse nada, suspeitando que eles jamais falariam novamente com o comandante do Exército nesta vida. A pior parte era não conhecer o motivo. Sua avaliação de informação sobre a chegada das unidades americanas estivera correta. Ele tinha certeza. Como tão poucos podiam causar tanto dano...?

— Eles tinham um par de brigadas, ou regimentos, seja o que for, não tinham? — perguntou Ryan, recebendo a última imagem do campo de batalha em sua tela na Sala de Situação.

— Sim. — O general Moore assentiu. Ele notou com certo prazer que até o almirante Jackson estava muito calado. — Mas não mais, presidente. Meu Deus, aqueles soldados da Guarda Nacional estão rendendo muito mais do que esperávamos!

— Presidente, até que ponto o senhor pretende levar isto? — perguntou Ed Foley.

— Temos alguma dúvida de que foi Daryaei quem tomou pessoalmente todas essas decisões? — Era, pensou Ryan, uma pergunta imbecil. Por que mais ele teria dito aquilo aos seus cidadãos? Mas ele tinha de fazer a pergunta, e os outros homens reunidos na Sala de Situação sabiam o motivo.

— Nenhuma — respondeu Foley.

— Então vamos até o fim, Ed. Os russos irão nos ajudar?

— Sim, senhor, acho que irão.

Jack pensou na praga que estava agora esvanecendo na América. Milhares de inocentes haviam morrido, e mais ainda iriam morrer. Pensou nos soldados, marinheiros e aeronautas em risco sob seu comando distante. Flagrou-se pensando, até mesmo, nos soldados da URI que haviam seguido a bandeira e os ideais errados porque não tiveram a chance de escolher o líder de seu país, e agora pagavam o preço por terem nascido nesse lugar. Se não eram completamente inocentes, também não eram completamente culpados, porque soldados faziam apenas o que lhes era mandado. Flagrou-se também recordando o brilho nos olhos de sua esposa quando Katie chegara de helicóptero ao Jardim Sul. Houvera momentos em que ele se permitira ser um homem, exatamente como os outros, apesar do poder que mantinha em suas mãos.

— Descubra — disse o presidente, com frieza.

Era uma manhã ensolarada em Pequim, e Adler estava mais bem informado que as outras pessoas na discussão. Não fora um despacho muito detalhado, apenas os pontos altos, que ele mostrara ao adido de Defesa, e o coronel do Exército dissera-lhe para acreditar em cada palavra. Mas a informação ainda não era conhecida amplamente. As matérias exibidas pelos telejornais precisavam passar por redes de comunicação militares, e devido à hora do dia na maior parte dos Estados Unidos, elas não haviam reportado muito mais do que o início da ação de combate. Se a República Popular da China estava mancomunada com a URI, eles ainda deviam achar que seus amigos distantes estavam com a faca e o queijo na mão. Valia tentar, pensou o secretário de Estado. E Ryan, com toda certeza, iria apoiá-lo.

— Sr. secretário, seja bem-vindo novamente — disse, gracioso, o ministro das Relações Exteriores. Mais uma vez, Zhang estava presente, silencioso e enigmático como sempre tentava ser.

— Obrigado.

Adler ocupou sua cadeira habitual. Não era tão confortável quanto a de Taipé.

— Esses novos acontecimentos... há verdade nos fatos? — perguntou o ministro.

— Essa é a posição pública de meu presidente e de meu país — replicou o secretário de Estado. Isso tinha de ser verdade.

— Vocês possuem força suficiente para proteger seus interesses naquela região?

— Ministro, não sou especialista militar; não posso comentar isso — replicou Adler. O que era verdade absoluta, mas homem em posição de força provavelmente teria dito outra coisa.

— Seria uma grande tristeza se vocês não tivessem — observou Zhang.

Seria divertido perguntar qual era a posição da República Popular da China na questão, mas a resposta seria neutra e desprovida de significado. Eles também não diriam nada sobre a presença do grupo de batalha. Eisenhower, agora enviando voos de patrulhamento sobre as águas internacionais do estreito de Formosa. O truque era fazê-los dizer absolutamente nada.

— A situação mundial geralmente exige que cada um reexamine sua posição em muitos aspectos, e uma das coisas em que se precisa pensar com cuidado é nas amizades — experimentou Adler.

O comentário pairou sobre a mesa por meio minuto.

— Somos amigos desde que seu presidente Nixon visitou-nos corajosamente — disse o ministro das Relações Exteriores, depois de alguma reflexão. — E assim permanecemos, apesar de alguns desentendimentos ocasionais.

— É muito bom ouvir isso, ministro. Temos um ditado sobre amizade em momentos de necessidade. Certo, pense sobre isso. Talvez os relatos da imprensa sejam verdadeiros.

Talvez o seu amigo Daryaei venha a sair vencedor. A isca oscilou sobre eles por mais 15 segundos.

— Na verdade, nossa única área de discordância permanente é a posição da América no que seu presidente chamou inadvertidamente de duas Chinas. Se apenas isso pudesse ser regularizado... — disse, com gosto, o ministro.

— Bem, como lhe falei, o presidente estava tentando expressar-se para jornalistas numa situação confusa.

— E devemos desconsiderar esse comentário?

— A América continua acreditando que uma solução pacífica para esta disputa de províncias serviria aos interesses de todas as partes.

Essa era uma posição estabelecida por uma América forte e confiante.

Uma América que a China não teria desafiado abertamente.

— A paz é sempre preferível ao conflito — disse Zhang. — Mas por quanto tempo devemos demonstrar tanta paciência? Os eventos recentes serviram apenas para ilustrar o problema central.

Um empurrão muito pequeno, percebeu Adler.

— Compreendo sua frustração, mas todos sabemos que a paciência é a mais valiosa das virtudes.

— Ao mesmo tempo, a paciência se torna indulgência. — O ministro das Relações Exteriores esticou a mão para pegar seu chá. — Uma palavra de auxílio da América seria muito bem recebida por nós.

— O senhor está pedindo que alteremos um pouco nossa política? — perguntou o secretário de Estado.

Ele se perguntou se Zhang falaria novamente depois de alterar com tanto tato o curso da conversa.

— Talvez estejamos pedindo que vejam a lógica da situação. Isso fortaleceria a amizade de nossas duas nações e, afinal de contas, essa é uma questão menor para países grandes como os nossos.

— Entendo — replicou Adler.

E entendia, de fato. Agora ele tinha certeza. Adler se congratulou por fazê-los ver suas cartas. A próxima jogada teria de ser feita em Washington, considerando que ele tivessem tempo para fazer qualquer coisa além de uma guerra armada.

O 10° RCB atravessou de volta para o território saudita em 0330L. A Divisão Búfalo estava agora espalhada por uma linha de cinquenta quilômetros.

Em mais uma hora, eles alcançariam a linha de suprimentos do exército da URI, tendo chegado aqui sem que ninguém tivesse notado. A força estava se movendo mais rápido agora, a quase 48 quilômetros por hora. Seus elementos líderes haviam encontrado algumas unidades de patrulhamento e segurança interna no território da URI, principalmente veículos de um só passageiro que haviam sido destruídos logo depois de avistados. Eles encontrariam outros tão logo tivessem alcançado a estrada seguinte. Inicialmente seriam unidades da polícia militar — como fosse que o inimigo as chamasse — usadas para

controle de tráfego. Ainda haveria muitos conflitos até que chegassem à Cidade Militar Rei Khalid, e essa era a primeira missão dos soldados-búfalo.

A Segunda brigada dos IMORTAIS estava sob fogo havia quase uma hora, quando novas ordens chegaram e os veículos da antiga divisão blindada do Irã começaram a se mover. O duas-estrelas no comando estava novamente em contato com a 3ª Brigada, ouvindo mais que falando, pensando o quanto estava grato pela ausência de aeronaves americanas. A artilharia do Corpo havia chegado e se estabelecido sem disparar para não revelar sua presença. Ela não deveria permanecer ali por muito tempo, mas o duas-estrelas queria colher os benefícios de sua presença. O tamanho da força de oposição não devia chegar nem a uma brigada inteira deste lado da rodovia, e ele tinha o dobro disso — e mesmo se enfrentasse uma brigada inteira, seus colegas iraquianos no lado mais distante dariam a volta para apoiá-lo, como teria feito por eles se tivesse encontrado um campo desobstruído. Pelo rádio, em movimento num veículo de comando, para evitar ser atingido por fogo de artilharia ou de helicópteros, o duas-estrelas exortou seus comandantes a pressionarem o ataque. Agora, se o seu inimigo apenas ficasse nas posições que haviam usado com sucesso para o primeiro ataque, ele tomaria certas atitudes...

LOBO passou pela linha de fase MANASSAS vinte minutos atrasado, para a fúria secreta do coronel Eddington, que esperava ter tempo de sobra para a manobra. Mal aquele maldito advogado criminal — uma redundância, brincou ele mais de uma vez —, que estava comandando a CORUJA estava bem adiante de novo, cobrindo a direita enquanto seu batalhão XO assumia a esquerda, entrando na linha de fogo mas não dando nenhum tiro.

— MATILHA-SEIS, aqui é CORUJA-SEIS, câmbio.

— SEIS-EFETIVA, CORUJA — replicou Eddington.

— Eles estão chegando, senhor, duas brigadas enfileiradas, bem próximas uma da outra, avançando sobre a linha de fase PONTO ALTO neste momento.

— A que distância vocês estão, coronel?

— Cinco quilômetros. Estou puxando meu pessoal de volta agora.

Eles haviam estabelecido trilhas de viagem segura para isso. CORUJA torcia para todos lembrarem onde eles estavam. O remanejamento iria movê-los para leste, para cobrir a extremidade direita da força-tarefa de flanqueamento.

— Certo, limpe o campo, conselheiro.

— Câmbio, professor Eddington. CORUJA está voando — replicou o advogado deslocado. —

Desligo.

Um minuto depois, ele mandou seu piloto ver que velocidade ele conseguiria alcançar no escuro. Era algo que o fã da NASCAR ficou tremendamente satisfeito em demonstrar.

Quatro minutos depois, o mesmo relatório chegou da esquerda. Sua brigada estava se defrontando, sozinha, com quatro. Era hora de estreitar um pouco as chances. Seu batalhão de artilharia mudou a direção do fogo. Seu comandante de tanques Bradleys começou a vasculhar o horizonte em busca de movimentos, e os três batalhões mecanizados começaram a se mover para encontrar o inimigo. Os comandantes de companhia e pelotão checaram suas linhas durante intervalos apropriados. O comandante de batalhão estava em seu próprio tanque de comando no lado esquerdo da linha. O oficial de operações S-3 deu-lhe apoio pela direita. Como de praxe, os Bradleys estavam ligeiramente atrás dos cinquenta e quatro tanques Abrams, em missão de varrer o solo em busca de veículos de infantaria e apoio.

Agora as saraivadas de bólidos eram frequentes, dificultando a vida para os tanques com escotilhas abertas e pessoas idiotas a ponto de estar desprotegidas em campo. A imagem não fazia ninguém pensar em cavaleiros de armadura. O campo de batalha era disperso demais para isso. Parecia mais uma batalha naval travada num mar arenoso, rochoso, tão hostil para a vida humana quanto o tipo convencional, e

prestes a se tornar ainda mais perigoso. Eddington permaneceu com CANINOS BRANCOS, que era essencialmente uma força de reserva avançando, quando ficou claro que o inimigo estava avançando pelos dois flancos, e deixando o centro com uma força avançada, quando muito.

— Contato — relatou um líder de pelotão pela rede de sua companhia. — Tenho veículos blindados a cinco mil metros. — Ele checou sua tela IVIS para confirmar, novamente, que não havia amigos lá fora. Bom. CORUJA estava desimpedida. A sua frente havia apenas uma Força Vermelha.

Agora a Lua estava alta no céu, a menos de um quarto de uma lua minguante, mas iluminando o terreno o suficiente para os líderes dos Imortais perceberem movimento em seu horizonte visível. Os homens da 2ª Brigada, furiosos com os golpes que haviam recebido durante sua espera para avançar, estavam preparados para o combate. Alguns deles tinham calculadoras de alcance a laser, que mostravam os alvos a quase o dobro do alcance efetivo. A notícia subiu pela hierarquia, e logo vieram ordens para aumentar a velocidade, o mais rápido possível para diminuir a distância e sair do fogo indireto. Os artilheiros anteciparam-se, mirando em alvos que estavam ainda longe demais, mas isso mudaria dali a menos de dois minutos. Eles sentiram seus veículos aumentarem de velocidade, ouviram as ordens de seus comandantes de tanque para ficarem de prontidão. Os alvos registrados agora mostravam que os números da oposição não eram impressionantes. A URI estava em vantagem.

Deviam estar, pensaram todos os Imortais. Mas então por que os americanos estavam avançando na direção deles?

— Iniciar disparos em quatro mil metros — disse o comandante da companhia às suas tripulações. Os tanques Abrams estavam distantes quinhentos metros uns dos outros, em duas fileiras, cobrindo muito terreno para um único batalhão de divisão blindada. A maioria dos comandantes de tanque mantiveram suas cabeças fora dos veículos durante a fase de aproximação, e depois se abaixaram para ativar seus sistemas de controle de disparos.

— Estou com um na mira — disse um artilheiro ao seu comandante de tanque. — T-80, identificado, alcance quarenta-dois-cinquenta.

— Colocação? — perguntou o comandante de tanque, para se certificar.

— Estabeleça apenas balas de prata, até segunda ordem.

— Ouvi você, artilheiro. Apenas não perca nenhuma.

— Quarenta e um — sussurrou o artilheiro.

Ele aguardou mais 15 segundos e se tornou o primeiro de sua companhia a disparar... e a matar. O tanque de 62 toneladas estremeceu com o choque, e então continuou avançando.

— Alvo acertado, cessar fogo, tanque alvo às 11 — disse o comandante de tanque pelo interfone.

O carregador de munição afundou a bota no pedal, abriu as portas de munição, e puxou mais um bólido bala de prata. Em seguida, virou-se num movimento gracioso, primeiro para guiar, e então para alojar o bólido, quase todo plástico, na culatra.

— Preparado! — anunciou.

— Identificado! — disse o artilheiro ao comandante de tanque.

— Disparar!

— A caminho! — Uma pausa. O bólido executou uma trajetória perfeita. — Bem na mosca!

O comandante anunciou: — Alvo acertado! Cessar fogo! Virar para a direita, tanque-alvo em um. O artilheiro:

— Pronto! O artilheiro: — Identificado! O comandante: — Disparar!

— A caminhoooo! — gritou o artilheiro, acompanhando seu terceiro disparo em 11 segundos.

Não era como a realidade, percebeu o comandante de batalhão, realmente ocupado demais

observando para dar seus próprios tiros. Era como uma onda.

Primeiro a fileira líder dos T-80s explodiu; poucos alvos não foram acertados, mas esse erro foi corrigido cinco segundos depois, quando a segunda fileira de veículos inimigos começou a desaparecer. Começaram a responder ao fogo. Os lampejos pareciam as cargas de simulação Hoffman que vira tão pouco tempo atrás em NTC, e se revelaram igualmente inofensivos. Toda a primeira saraivada de bólidos caiu cedo demais. Alguns dos T-80 disparou pela segunda vez. Nenhum deles disparou pela terceira.

— Meu Deus, senhor, me dê um alvo! — gritou seu artilheiro.

— Escolha um.

— Bimp — disse o artilheiro, basicamente para si mesmo.

Ele disparou um cartucho altamente explosivo e matou um tanque a pouco mais de quatro mil metros. Como antes, a batalha estava terminada em menos de um minuto. A linha americana avançou. Alguns dos BMP lançaram mísseis, mas agora eles estavam sendo enfrentados por tanques e Bradleys. Veículos explodiram, enchendo o céu com fogo e fumaça. Agora homens desprotegidos estavam visíveis, principalmente correndo, alguns deles virando-se para disparar. Os artilheiros de tanques, sem nada mais para disparar, mudaram para as metralhadoras coaxiais. Os Bradleys emparelharam com os tanques, e teve início a caçada.

A fileira de tanques passou através dos destroços fumegantes dos Imortais menos de quatro minutos depois da primeira saraivada. Torres de tiro voltaram-se para a esquerda e para a direita, procurando alvos. Os comandantes de tanque estavam com as cabeças voltadas para trás, mãos em suas metralhadoras pesadas. Quando disparavam contra os americanos, eles retornavam fogo, e no começo houve uma corrida para ver quem podia matar mais, porque havia uma excitação de batalha, inimaginável por aqueles que jamais a sentiram, o sentimento do poder divino, a capacidade de tomar decisões de vida e morte e então realizá-las com o toque de um dedo. Mais que isso, esses soldados da Guarda Nacional sabiam por que estavam ali, sabiam o que haviam sido mandados para vingar. Em alguns, essa fúria durou por alguns minutos, enquanto os veículos corriam a pouco menos de 16 quilômetros por hora, como tratores de fazenda ou arados mecânicos, colhendo vida e convertendo-a em morte, parecendo alguma coisa do alvorecer dos tempos, profundamente inumanos, visceralmente impiedosos.

Mas então começaram a parar. Parou de ser dever. Parou de ser vingança.

Parou de ser a diversão que eles haviam esperado que fosse. Começou a ser assassinato e, um a um, os homens manipulando as armas perceberam o que eles deviam ser e o que poderiam se tornar caso não cedessem ao descontrole.

Não era como ser um aviador, centenas de metros acima do solo, disparando contra formas que se moviam comicamente em seus sistemas de mira, e que jamais eram realmente seres humanos. Esses homens estavam mais próximos.

Os soldados podiam ver os rostos e os ferimentos agora, e as costas inofensivas de pessoas em fuga. Até os idiotas que ainda atiravam em resposta provocaram a piedade dos artilheiros que os matavam, e logo a futilidade desse ato ficou clara para os fugitivos. Assim, os soldados que haviam chegado ao deserto com ódio ficaram enojados em ver o que o ódio os havia tornado. Os canhões emudeceram gradualmente, mais por consenso comum que em resposta a uma ordem, à medida que a resistência parou e com ela a necessidade de matar. A força-tarefa LOBO atravessou incólume as ruínas fumegantes das duas brigadas pesadas, buscando por alvos que valessem sua atenção profissional, em vez de pessoal.

Não havia mais nada a ser feito. O general se levantou e se afastou de seu veículo de comando, gesticulando para que a tripulação o imitasse. Sob suas ordens, os tripulantes baixaram as armas e se puseram de pé no terreno alto para aguardar. Não tiveram de esperar muito. O sol estava nascendo. O primeiro brilho dourado estava a leste, anunciando um novo dia, muito diferente do antigo.

O primeiro comboio passou diante deles, trinta caminhões de combustível, correndo a uma boa velocidade, e os motoristas devem ter julgado que os veículos em marcha para o sul pertenciam ao seu Exército. Os artilheiros de Bradley da Tropa I, 3º do 10º, cuidaram disso com uma série de tiros que incendiou os primeiros cinco caminhões. O resto parou, dois deles virando e explodindo por conta própria quando seus motoristas empurraram-nos para valas em sua pressa de escapar. Quase todas as guarnições dos Bradleys deixaram que as pessoas saíssem ilesas antes de explodir os caminhões com bólidos altamente explosivos, e continuarem marchando para o sul, passando pelos motoristas embasbacados, que ficaram simplesmente parados ali, observando-os passar.

Foi um Bradley que o encontrou. O veículo avançou mais cinquenta metros antes de parar. O general que, 12 horas antes, comandara uma divisão blindada virtualmente intacta não se moveu ou resistiu. Ele ficou absolutamente parado, enquanto quatro soldados de infantaria apareceram do fundo do M2A4, avançando com fuzis à mostra, enquanto seu carro de ataque cobria sua guarnição com ainda mais autoridade.

— No chão! — gritou o recruta.

— Direi aos meus homens. Falo inglês. Eles não — disse o general e então manteve sua palavra. Seus soldados deitaram-se de bruços. Ele continuou de pé, talvez torcendo para morrer.

— Mãos ao alto, parceiro.

Este recruta era policial na vida civil. O oficial — ele não sabia ainda de que patente, mas o uniforme era pomposo demais para um João-Ninguém — obedeceu. Em seguida, o recruta baixou o fuzil e sacou uma pistola, caminhou e encostou-a na cabeça do homem enquanto o revistava com destreza.

— Certo, pode baixar as mãos — disse o recruta. — Fiquem quietinhos e ninguém se machuca. Por favor, diga isso aos seus homens. Nós os mataremos se for preciso, mas não queremos assassinar ninguém, certo?

— Direi a eles.

Com a chegada do dia, Eddington retornou ao helicóptero que havia tomado emprestado e voou para examinar o campo de batalha. Logo ficou claro que sua brigada havia esmagado duas divisões completas. Ele ordenou que seu pelotão de reconhecimento avançasse para explorar a dianteira, e então ligou para Diggs, pedindo instruções sobre o que fazer com os prisioneiros. Antes que qualquer um tivesse concluído qualquer coisa, um helicóptero chegou de Riad com uma equipe de televisão.

Mesmo antes das fotos serem divulgadas, os rumores se espalharam, como acontece sempre nos países sem uma imprensa livre, e um funcionário da embaixada russa telefonou. O telefone tocou um pouco antes das sete e o acordou, mas ele estava fora de casa em questão de minutos, conduzindo seu carro através de ruas silenciosas até o ponto de encontro com um homem que, ele pensou, estava finalmente cruzando a linha para se tornar agente da RVS.

O russo passou mais dez minutos verificando se havia alguém atrás dele, mas se alguém o seguira naquela manhã, devia ser invisível, e imaginou que uma boa parte das forças de segurança do aiatolá haviam sido recrutadas.

— Sim? — disse ao homem. Não havia muito tempo para formalidades.

— Você estava certo. Nosso exército foi... derrotado... na noite passada.

Eles me ligaram às três da manhã pedindo uma opinião sobre as intenções dos americanos, e ouvi tudo que tinham a dizer. Não podemos nem mesmo falar com nossas unidades. O comandante do Exército simplesmente evaporou. O ministério das Relações Exteriores está em pânico.

— Eles têm toda razão de estar — considerou o diplomata. — Devo lhe dizer que o líder turcomano...

— Nós sabemos. Ele telefonou para Daryaei ontem à noite para perguntar se a história da praga era verdadeira.

— E o que o seu líder disse?

— Ele disse que aquilo era a mentira de um infiel... o que queria que ele dissesse? — O funcionário fez uma pausa. — Ele não foi inteiramente persuasivo.

Não sei o que você disse ao homem, mas ele está neutralizado. A Índia nos traiu... acabo de ficar sabendo disso. A China ainda não sabe.

— Se espera que eles fiquem ao seu lado, você violou as leis da sua religião quanto ao consumo de álcool. Claro, o meu governo ficará ao lado da América também. Vocês estão completamente sós — disse-lhe o russo. — Preciso de uma informação.

— Qual?

— A localização da fábrica de germes. Preciso disso hoje.

— A fábrica experimental ao norte do aeroporto. Tão fácil?, pensou o russo.

— Como você tem tanta certeza?

— O equipamento foi comprado dos alemães e franceses. Na época eu estava na seção comercial. Se você quiser confirmar, será fácil. Quantos guardas de fábrica usam uniformes militares? — perguntou o homem.

O russo assentiu.

— Vou checar isso. Mas temos outros problemas. O seu país logo estará em guerra com a América... quero dizer, completamente. Meu país pode se oferecer para negociar algum tipo de tratado de paz. Se você sussurrar a palavra certa no ouvido certo, o nosso embaixador estará à sua disposição, e então terá prestado um serviço ao mundo.

— Isso é simples. Ao meio-dia estaremos procurando uma saída desta situação.

— Não há saída para o seu governo. Nenhuma — enfatizou o agente da RVS.

A Doutrina Ryan

As guerras geralmente começavam em momentos exatos, mas na maioria das vezes não terminavam de forma limpa ou precisa. A luz do dia flagrou o 11º RCB no comando de mais um campo de batalha, tendo concluído a destruição de uma das divisões do 2º Corpo. A outra divisão estava agora enfrentando a 2ª Brigada Saudita, que investia do sol nascente enquanto a unidade americana parava mais uma vez para se reabastecer de combustível e armamentos antes de prosseguir o ataque ao 3º Corpo, ainda não decisivamente derrotado.

Mas isso já estava mudando. Aquelas duas divisões agora tinham a atenção plena de das as aeronaves táticas no teatro de combate. Primeiro seus veículos de defesa aérea eram marcados como alvos. Cada radar que era ligado atraía a atenção dos F-16 equipados com mísseis HARM (Míssil Antirradiação de Alta Velocidade), e em duas horas os céus estavam amigáveis para os pilotos americanos e sauditas. Caças URlanos fizeram um esforço em atacar de suas bases para defender suas forças terrestres sitiadas, mas nenhum passou pela esquadrilha de caças-radar em patrulha bem além da localização das forças que eles haviam sido mandados para apoiar. Eles perderam mais de sessenta aeronaves na primeira tentativa. Era mais fácil para eles atacar as brigadas kuwaitianas que haviam o imprudentemente invadido seu vizinho bem mais vasto e poderoso. A pequena Força-Aérea desse país esteve por conta própria durante a maior parte do dia, e a batalha se pouca relevância estratégica. As rotas através dos pântanos haviam sido obstruídas, levaria dias para ser reparadas. A batalha aérea resultante foi mais uma demonstração ódio mútuo do que qualquer outra coisa, e aqui, também, as forças kuwaitianas foram vitoriosas do dia, não espetacularmente, mas abatendo três aviões para cada um que perdiam. Para um país pequeno aprendendo as artes marciais, essa foi uma batalha daquelas que os homens fariam por anos, a magnitude de seus feitos crescendo a cada versão da história. Ainda assim, todas as mortes desse dia seriam inúteis, vidas desperdiçadas em reafirmar a posição a uma decisão já alcançada.

No 3º Corpo, desprovido de mísseis terra-ar, a atenção voltou-se para assassinatos mais estruturados. Havia mais de seiscentos tanques no solo, mais de oitocentos transportes de tropas, mais de duzentos canhões de reboque e propulsão própria, vários milhares de caminhões, e trinta mil homens, todos dentro de uma terra estrangeira e tentando escapar. Os Strike Eagles F-15E circulavam a cerca de cinco quilômetros de altura, enquanto seus operadores de sistema selecionavam um a um os alvos para suas bombas guiadas a laser. O ar estava claro, o sol brilhante, e o campo de batalha se mostrava plano. Era muito mais fácil do que qualquer exercício no campo de bombardeio Nellis. Antes do meio-dia, o comandante três-estrelas do 3º Corpo, corretamente pensando em si mesmo como o oficial de solo mais graduado, ordenou uma retirada geral, reuniu os caminhões de apoio dispostos em círculo na Cidade Militar Rei Khalid, e tentou conceder às suas unidades alguma coisa que se parecesse com uma ordem. Bombas caindo sobre ele, a 5ª Brigada saudita aproximando-se do leste, e uma força americana aproximando-se de sua retaguarda, ele se voltou no noroeste, na esperança de cruzar de volta para território amigável no mesmo ponto que entrara. No solo, seus veículos usavam fumaça para se obscurecer da melhor forma que podiam, o que frustrava um pouco os aviadores aliados, que, entretanto, não baixavam para atacar mais de perto, porque as forças da URI poderiam atirar em resposta com algum sucesso. Isso concedia ao comandante a esperança de que ele pudesse recuar com algo em torno de dois

terços de sua força. Combustível não era problema. Os caminhões-tanques combinados do Exército de Deus inteiro estavam agora com seu Corpo.

Diggs parou para ver a brigada de Eddington. Ele já tinha visto paisagens como aquela, sentido cheiros daquele tipo. Tanques podiam arder por um período de tempo surpreendentemente longo, chegando mesmo a dois dias, apesar de todo o combustível e munição que carregavam, e o fedor do óleo diesel e dos agentes químicos servia para mascarar o fedor repugnante da carne humana queimada. Exércitos armados eram sempre coisas para ser mortas, mas exércitos mortos não tardavam a se tornar objetos de pena, especialmente quando massacrados como aquele havia sido. Mas apenas uns poucos, em termos relativos, haviam morrido pelas armas dos homens da Carolina. Muitos mais haviam se rendido. Esses haviam sido agrupados, desarmados, contados e colocados para trabalhar, principalmente enterrando os corpos de seus companheiros mortos. Aquela era uma prática tão antiga quanto a guerra, e a lição para os derrotados era sempre a mesma: E por causa disso que vocês não vão querer se meter novamente conosco.

— E agora? — perguntou Eddington, charuto entre os dentes. Os vitoriosos sofriam muitas mudanças de humor no campo de batalha. Chegar em meio à confusão e à pressa, enfrentar o desconhecido com medo velado, entrar na batalha com determinação — e, em seu caso, com uma ira intensa como jamais haviam sentido —, vencer com empolgação, e então sentir horror diante do morticínio e pelos derrotados. O ciclo mudou novamente. A maioria das unidades mecanizadas se reorganizara durante as últimas horas, e estavam prontas para se mover novamente, enquanto suas unidades da polícia militar e as unidades sauditas assumiam a guarda dos prisioneiros de guerra.

— Agora ficamos parados quietos — replicou Diggs, para o desapontamento e o alívio de Eddington. — Os remanescentes estão fugindo. Vocês jamais os alcançarão, e não temos ordens para invadir.

— Eles apenas nos atacaram à moda antiga — disse o coronel da Guarda Nacional, recordando Wellington. — E nós os derivemos à mesma moda antiga.

Que trabalho horrroso o nosso.

— Bobby Lee. Lembra, Chancellorsville?

— Lembro sim. Ele também estava certo. Aquelas duas horas, Diggs, fazendo os preparativos, manobrando meus batalhões, obtendo as informações, agindo. — Ele balançou a cabeça. — Nunca achei que poderia sentir o que senti naquelas duas horas. Mas agora...

— E uma coisa boa que a guerra seja tão terrível, porque assim não podemos gostar demais dela. O engraçado é que a gente esquece isso às vezes.

Aqueles pobres coitados... — disse o general, observando cinquenta homens sendo encaminhados para caminhões para o passeio de volta até a retaguarda. — Bata a poeira, coronel. Recomponha suas unidades. Podemos receber ordens para nos movermos, mas não acredito nisso.

— E o 3º Corpo?

— Não irá longe, Nick. Nós o estamos conduzindo direto até o 10º.

— Então você conhece Bedford Forrest, afinal de contas. — Era um dos aforismos mais importantes do oficial confederado. Conduza o inimigo: jamais dê a um inimigo em fuga a chance de descansar; importune-o, puna-o, force-o a cometer erros adicionais, faça-o fugir, mesmo se nada disso fizer mais qualquer diferença.

— Minha tese de doutorado foi sobre Hitler como manipulador político. E também não gosto muito dele. — Diggs sorriu e bateu continência. — Você e seus homens se saíram bem, Nick. Fico feliz por tê-los tido como companheiros de viagem.

— Não teria me importado se não tivesse vindo, senhor.

O veículo tinha chapa diplomática, embora o motorista e o passageiro soubessem que coisas assim

nem sempre eram respeitadas em Teerã. As coisas mudavam muito num país em guerra, e frequentemente podiam-se identificar instalações importantes pelo fato de que de repente passavam a ser protegidas por mais guardas. O carro parou. O motorista levantou seus binóculos. O passageiro levantou uma câmera. Com toda certeza, a fazenda de experimentos tinha homens armados em torno do prédio de pesquisas, e isso não era muito comum, era? Foi realmente muito fácil. O carro deu meia-volta e retornou para a embaixada.

Eles estavam pegando apenas retardatários. A Corcel Negro estava em plena perseguição agora, e esta caça estava se revelando interminável. Veículos americanos eram melhores e geralmente mais rápidos do que aqueles que estavam perseguindo, mas era mais fácil fugir do que caçar. Os perseguidores tinham de ser um pouco cuidadosos com possíveis emboscadas, e o anseio de matar o maior número possível de inimigos era sufocado pela preocupação em morrer numa guerra já vencida. A desordem do inimigo permitira ao 11º

empurrá-lo para a frente, e as unidades do flanco direito estavam agora em contato por rádio com os sauditas em movimento, que acabavam de derrotar os últimos batalhões do 2º Corpo e pensando em enfrentar o 3º numa batalha final e decisiva.

— Tanque na mira — disse um comandante de tanque. — Dez horas, 12 quilômetros.

— Identificado — disse o artilheiro enquanto o Abrams parava para facilitar o disparo. —

Suspendam fogo — disse o comandante de tanque, de repente. — Estão evacuando o veículo. Dê-lhes alguns segundos.

— Certo.

O artilheiro também podia ver. E em todo caso, o canhão principal do T-80 estava apontado na outra direção. Eles esperaram a tripulação se afastar cerca de cem metros.

— Certo. Pegue-o.

— A caminho.

A culatra recuou, o tanque sacolejou, o bólido voou. Três segundos depois, mais uma torre de tiro de tanque subiu aos ares.

— Na mosca! — anunciou o artilheiro.

— Alvo. Cessar fogo. Piloto, prossiga — ordenou o comandante.

Com aquele, seu tanque já matara 12 tanques inimigos. A guarnição se perguntou qual seria o recorde da unidade, enquanto o comandante fazia uma anotação de posição para a tripulação inimiga de três homens em sua caixa IVIS; essa anotação disse automaticamente ao pelotão de segurança do regimento onde pegá-los. Os soldados do RCB em movimento passaram longe deles. Por mais improvável que fosse, um deles poderia disparar ou fazer alguma coisa estúpida, e eles não tinham tempo nem inclinação de desperdiçar munição. Havia mais uma batalha para travar, a não ser que o outro lado tomasse algum juízo e resolvesse dar o dia por terminado.

— Comentários? — perguntou o presidente dos Estados Unidos.

— Senhor, isso estabelece um precedente — replicou Cliff Rutledge.

— A ideia é essa — disse Ryan.

Estavam assistindo primeiro ao vídeo do campo de batalha, ainda não editado. Ele incluía o horror usual: partes corporais dos homens retalhados por explosivos, corpos inteiros daqueles que haviam morrido de alguma causa misteriosa, o braço estendido pela janela de um caminhão destruído, pertencente a algum pobre coitado que quase conseguira escapar. Por algum motivo, as pessoas gravando com minicâmeras sentiam-se atraídas por esse tipo de coisa. Os mortos estavam mortos, e todos os mortos eram vítimas, de uma forma ou de outra — alguns de mais de uma forma, pensou Ryan. Esses

soldados pertencentes a dois países previamente separados, mas com uma cultura comum, haviam morrido pelas mãos de americanos armados; contudo, haviam sido mandados para a morte por um homem cujas ordens eram obrigados a seguir, um homem que cometera um erro de cálculo, e que estivera disposto a usar suas vidas como moedinhas num imenso caça-níqueis, puxando a manivela para ver se dava alguma sorte. Não era para ser assim. Poder implicava responsabilidade. Jack sabia que iria escrever à mão uma carta para a família de cada americano morto, exatamente como George Bush fizera em 1991. As cartas serviriam a dois propósitos. Elas talvez proporcionassem alguma medida de conforto às famílias. Elas, certamente, jamais esqueceriam do homem que mandara seus entes queridos ao campo de batalha. Jack tentou imaginar como deviam ter sido seus rostos. Provavelmente muito parecidos com os rostos dos soldados da Guarda Nacional que haviam formado aquela guarda de honra em Indianápolis, no dia de sua primeira aparição pública. Pareciam iguais, mas cada vida humana era individual, a posse mais valiosa de seu dono. Ryan fora um dos responsáveis pelo fim dessas vidas, e embora soubesse que isso havia sido necessário, também seria necessário para ele, agora e enquanto continuasse trabalhando nesse prédio, lembrar que aqueles haviam sido mais do que rostos.

E essa, disse a si mesmo, era a diferença. Conheço a minha responsabilidade, pensou Ryan. Ele não conhece a dele. Ele ainda vivia com a ilusão de que as pessoas eram responsáveis por ele, e não o contrário.

— É dinamite política, presidente — disse van Damm.

— E daí?

— Há um problema jurídico — disse-lhe Pat Martin. — Isso viola a ordem executiva do presidente Ford.

— Conheço essa ordem — respondeu Ryan. — Mas quem decide sobre as ordens executivas.

— O chefe do Executivo, senhor — respondeu Martin.

— Escreva uma nova ordem executiva para mim.

— Que cheiro é esse?

De volta ao motel em Indiana, os motoristas de caminhão haviam saído para a dança matutina de mover os caminhões para proteger os pneus. A esta altura, estavam de saco cheio do lugar e queriam, de coração, que o embargo de viagens fosse suspenso logo. Um motorista acabara de exercitar seu Mack e o estacionou ao lado do caminhão de cimento. A primavera estava ficando quente, e os corpos metálicos dos caminhões deixavam seus interiores quentes como fornos. No caso do caminhão de cimento, isso estava surtindo um efeito que seus donos não tinham previsto.

— Vocês estão tendo um vazamento de óleo? — perguntou o motorista a Holbrook então se abaixou para olhar. — Não, o tanque está OK.

— Talvez alguém tenha derramado um pouco de óleo diesel lá no posto — sugeriu o Montanhês.

— Não acho. Eles acabaram de lavar o posto. É melhor descobrirmos o que é isso. vi um KW queimar porque algum mecânico fez merda. O motorista morreu. Foi em 1985, na Interestadual 40. Coisa horrível. — Ele continuou contornando o veículo. — você deve estar com um vazamento, camarada.

Vamos dar uma checada na mangueira do óleo — disse em seguida, destrancando o capo.

— Ei, espere um pouco... quero dizer...

— Fica frio, colega. Sei como consertar essas coisas. Economizo uns bons cinco mil por ano fazendo as revisões eu mesmo.

O capo foi levantado. O motorista olhou para dentro, esticou a mão para balançar umas mangueiras e sentiu as conexões de óleo.

— Certo, eles estão OK — disse o motorista.

Então olhou para o fio até os injetores. Um parafuso estava um pouco frouxo, mas era apenas a trava, e ele o torceu de volta. Não havia nada incomum. Ele se abaixou novamente para olhar por baixo do

veículo.

— Não tem nada pingando — disse o motorista. — Que merda — concluiu, levantando.

Em seguida, checou o vento. Talvez o cheiro estivesse vindo da... não. Ele podia sentir o cheiro do café da manhã sendo preparado no restaurante, que seria sua parada seguinte no dia. O cheiro estava vindo dali mesmo... e, pensando melhor agora, parecia mais alguma coisa, não apenas diesel.

— Qual é o problema, Coots? — perguntou outro motorista, caminhando até eles.

— Tá sentindo esse cheiro?

E os dois homens ficaram parados ali, farejando o ar como perdigueiros.

— Alguém está com um tanque ruim.

— Não que eu tenha encontrado — disse o primeiro, virando-se para encarar Holbrook. — Olhe, não quero ser mau vizinho, mas sou um operador-proprietário e fico nervoso quando alguma coisa ameaça meu caminhão, sabe?

Será que você se importaria de mover seu caminhão para lá? E eu mandaria alguém fazer uma revisão completa no motor.

— Ei, não tem problema. Não me importo nem um pouco.

Holbrook subiu no caminhão, ligou-o e saiu lentamente com ele, virando para estacionar numa vaga distante. Os outros dois observaram-no fazer isso.

— A droga do cheiro sumiu, não é, Coots?

— Aquele é um caminhão doente.

— Ele que se foda. É hora do telejornal. Venha — disse o outro motorista, gesticulando.

— Caramba!! — ouviram ao entrar no restaurante. O televisor estava ligado na CNN. A cena parecia saída do departamento de efeitos especiais de um grande estúdio. Nada como aquilo podia ser real. Mas era.

— Coronel, o que aconteceu na noite de ontem?

— Bem, Barry, o inimigo investiu contra nós duas vezes — explicou Eddington, segurando um charuto. — Na primeira, estávamos parados atrás daquela colina. Na segunda, estávamos avançando e eles também. Nós nos encontramos mais ou menos aqui...

A câmera girou para mostrar dois tanques subindo a estrada, passando por onde o coronel estava fazendo sua explicação.

— Aposto que dirigir esses monstrenços é divertido — disse Coots.

— Aposto que é mais divertido acertar neles.

A cena mudou novamente. O rosto bonito e familiar do jornalista estava coberto de areia, com bolsas de cansaço debaixo dos olhos.

— Aqui é Tom Donner, com a equipe de imprensa designada para o 11º

RCB. Como posso descrever a noite que tivemos? Eu estava com a tripulação deste Bradley, e nosso veículo e os outros da Tropa B passaram por... não sei quantos tanques inimigos nas últimas 12 horas. Foi a Guerra dos Mundos na Arábia Saudita, ontem à noite, e éramos os marcianos.

As forças da URI... aquelas que encontramos eram uma mistura de iraquianos e iranianos... reagiram, ou tentaram, mas nada que fizeram..

— Merda, queria que tivessem mandado minha unidade — disse um patrulheiro de rodovia, ocupando seu assento usual para o café da manhã. Com o passar dos dias, ele fizera amizade com alguns caminhoneiros.

— Smoky, vocês têm desses na Guarda de Ohio? — perguntou Coots.

— Sim, a minha unidade é de divisão blindada. Aqueles rapazes da Carolina tiveram uma noite e tanto. Deus do Céu — o policial balançou a cabeça, e no espelho notou um homem que vinha caminhando do estacionamento.

— As forças inimigas estão recuando agora. Vocês acabaram de ouvir um relato da força da Guarda

Nacional que derrotou duas divisões blindadas inteiras...

— Duas! Uau! — observou o tira, bebericando seu café.

— ...a Corcel Negro aniquilou outra. Foi como assistir a um filme. Foi como assistir a uma partida de futebol americano entre a NFL e a Liga Pop Warner.

— Bem-vindos aos campeões, seus safados! — disse Coots ao televisor.

— Ei, aquele é o seu caminhão de cimento? — perguntou o policial, se virando, — Sim, senhor — respondeu Holbrook, parando no caminho para juntar-se ao seu amigo para o desjejum.

— Tome cuidado para ele não explodir — disse Coots, sem virar a cabeça.

— Que diabos um caminhão de cimento de Montana está fazendo aqui? — perguntou, em tom bem-humorado, o policial. — Como disse? — acrescentou a Coots.

— Ele está com algum tipo de problema de combustível. Nós lhe pedimos para afastar d veículo. Aliás, obrigado — acrescentou. — Não quis ser mau vizinho, meu chapa.

— Está tudo bem. Vou mandar verificar.

— Por que vieram desde Montana? — perguntou novamente o policial.

— Bem, nós compramos lá, e levamos para o leste para nossos negócios, sabe?

— Hum. — A atenção voltou-se novamente para o televisor.

— Sim, eles estavam vindo para o sul e nós demos de cara com eles! — um oficial do Kuwait estava dizendo agora a outro jornalista. Era um homenzinho que crescera uns trinta centímetros da noite para o dia, junto com seu país. Ele deu um tapinha no tubo do canhão de seu tanque com a afeição que poderia demonstrar por um cavalo premiado.

— Alguma notícia sobre quando poderemos voltar ao trabalho, Smoky? — perguntou Coots ao policial.

O patrulheiro rodoviário meneou a cabeça.

— Você sabe tanto quanto eu. Daqui estou indo para o pedágio, fazer mais um pouco de bloqueio.

— É, pense só no quanto estão perdendo em dinheiro de pedágio, Smoky Bear! — comentou um motorista com uma risadinha.

— Não tinha notado a placa. Por que diabos eles vieram dirigindo um caminhão de cimento desde Montana? — perguntou Coots. Aqueles sujeitos simplesmente não se encaixavam.

— Talvez eles comprem barato — conjecturou o policial, terminando seu café.

— Não recebi nenhuma notificação sobre roubo de caminhão de cimento. Droga, nem de que alguém já tenha roubado um desses!

— Não que eu tenha ouvido... puxa! — disse Coots. A imagem no era da explosão de uma das bombas inteligentes. — Pelo menos isso não pode doer muito.

— Ao menos isso — disse o policial ao se levantar para sair.

Ele entrou em seu carro de patrulha Chevy e seguiu para a rodovia; mas então decidiu dar uma espiada no caminhão de cimento. Talvez fosse bom checar a placa, pensou talvez ele fosse mesmo roubado. Então sentiu o cheiro, também, e para o policial, não era diesel... amônia...? Era um cheiro que ele sempre associava a sorvete, por ter trabalhado durante um verão numa fábrica... e também ao cheiro do propelente usado por sua unidade de divisão blindada da Guarda Nacional. Ficou curioso e voltou até o restaurante.

— Desculpem-me, cavalheiros, mas é de vocês o caminhão no fundo estacionamento?

— Sim, por quê? — perguntou Brown. — Fizemos algo errado? Foram suas mãos que o traíram. O policial viu-as tremer. Definitivamente alguma coisa estava errada.

— Os senhores poderiam vir comigo, por favor?

— Espere um minuto, qual é o problema?

— Não há problema nenhum. Só quero saber que cheiro é aquele. Ok?

— Nós vamos mandar examinar o motor.

— Vocês terão de examinar agora mesmo, cavalheiro! — Ele gesticulou — favor?

O policial acompanhou-os até o estacionamento, entrou no seu carro foi dirigindo enquanto eles caminhavam até o caminhão. Entre tanto ele gesticulavam enquanto andavam. Definitivamente, alguma coisa não estava certa. Seus companheiros de patrulha estavam terrivelmente ocupados no momento. Por instinto, chamou outro carro patrulha, e mandou a chefatura verificar a placa. Feito isso, saiu e olhou novamente o caminhão.

— Podem virar o caminhão?

— Claro.

Brown entrou na boleia e ligou o motor, que era bem barulhento.

— Que está acontecendo aqui? — perguntou o policial a Holbrook — seus documentos, por favor?

— Ei, não estou entendendo qual é o problema.

— Não há problema nenhum, senhor. Mas quero ver seus documentos.

Pete Holbrook tirou sua carteira enquanto outro carro de polícia chegava.

viu também, baixou os olhos para ver a carteira de Holbrook em sua mão, e a mão na coronha do revólver. Era apenas a postura usual dos tiras, mas Brown não estava gostando daquilo. Nenhum dos dois montanheses estava com uma arma à mão. Deixaram suas armas no quarto, mas não haviam achado por bem levá-las para o café. O policial pegou a habilitação de Pete e caminhou de volta até seu carro, levantou o microfone...

— A placa está limpa, não há nada no computador — disse-lhe a moça da chefatura.

— Obrigado.

O policial jogou o microfone para dentro do carro e caminhou de volta até Peter Holbrook, olhando para a carteira, girando-a em sua mão.

Brown viu outro carro de polícia chegando.

O policial rodoviário estava olhando para a carteira de Holbrook quando, surpreso, levantou a cabeça. O caminhão estava andando. Ele gritou para que o homem parasse. O segundo carro moveu-se para bloquear o caminhão de cimento, que então parou. Agora era certo. Alguma coisa estava errada.

— Fora! — gritou o policial, agora com o revólver na mão.

O segundo policial deteve Holbrook, sem fazer a menor ideia do que estava acontecendo. Brown desceu do carro e sentiu segurarem seu colarinho e o empurrarem contra o caminhão.

— Qual é o problema com vocês? — inquiriu o tira.

Levaria horas para descobrir, após um exame muito interessante na parada de caminhões.

Ele não podia fazer nada além de gritar e, por mais incomum que fosse, foi exatamente o que fez. O vídeo era inegável. A televisão global possuía uma grande respeitabilidade, e ele não podia impedir a veiculação daquelas imagens.

Os abastados em seu país possuíam antenas parabólicas, e muitos outros também, incluindo pequenos grupos de vizinhos. O que ele podia fazer agora?

Ordenar que desligassem os televisores?

— Por que eles não estão atacando? — inquiriu Daryaei.

— O comandante do Exército e todos os comandantes de corporações estão fora do ar, temos contato apenas com duas de nossas divisões. Uma brigada reportou que está rumando para o norte, perseguida por forças inimigas.

— E...?

— E nossas forças foram derrotadas — admitiu o chefe de informação.

— Mas como?

— Isso importa?

Eles seguiam para o norte. Búfalo seguia para o sul. O 3º Corpo da URI não sabia o que os aguardava à frente. A descoberta aconteceu no meio da tarde. O 1º Esquadrão de Masterman tinha até então eliminado cerca de cem caminhões — entre eles, caminhões-tanques — a mais que os outros dois batalhões. A única pergunta agora era o quanto o inimigo resistiria. Graças à cobertura aérea, ele sabia exatamente para onde estava do a tropa inimiga, com que força e concentração, e em que direção. Era muito mais fácil do que na última vez que ele estivera em ação.

A Tropa A estava na frente, com a B e a C a três quilômetros atrás, e a companhia de tanques na retaguarda. Por maior que fosse a desvantagem das forças da URI, ele decidiram não usar ainda sua própria artilharia. Não havia sentido em avisá-los que havia tanques por perto. Com o contato a menos de dez minutos de distância, ele mudou a Tropa A para a direita. Ao contrário da primeira — e única — batalha de sua carreira, Duke Masterman não vira realmente essa de perto. Ele a ouvira por rádio.

A Tropa A chegou ao alcance extremo com tubos de canhão e mísseis TOW, e derrubou a primeira fileira de veículos. O comandante de tropa estimou que os inimigos tinham pelo menos força de batalhão, enquanto enfrentava sua frente esquerda, aproximando-se obliquamente na manobra de abertura planejada. Esta divisão da URI, iraquiana em origem, recuou na outra direção, sem realmente perceber que estava sendo tocada como gado na direção de mais duas tropas de divisão blindada.

— Aqui é GUIDOM-SEIS. Atacar pela esquerda, repito, atacar pela esquerda — ordenou Masterman de seu carro de ataque de comando.

As tropas B e C viraram-se para leste, correram cerca de três quilômetros, e então recuaram. Aproximadamente ao mesmo tempo, Masterman deixou sua artilharia disparar contra o segundo escalão inimigo. Não havia agora nenhum elemento surpresa para perder, e era hora de machucar o inimigo de todas as formas possíveis. Em mais alguns minutos, ficou claro que ele estava enfrentando pelo menos uma brigada com o 1º Esquadrão da Búfalo, mas os números não importavam mais agora do que haviam importado durante a noite.

Pela última vez, descortinou-se um horror mecânico. Os lampejos dos canhões eram menos brilhantes à luz do dia, e os tanques avançavam atravessando as nuvens de areia levantadas por seus próprios tiros. Conforme o planejado, a força inimiga recuou novamente devido aos efeitos devastadores das tropas B e C, e virou, na esperança de encontrar uma lacuna entre a primeira força de ataque e a segunda. O que encontraram foram 14 M1A2 da companhia de tanques do esquadrão, distanciados entre si por meros duzentos metros. Como antes, primeiro foram destruídos os tanques, e em seguida os transportes das tropas mecanizadas, enquanto GUIDOM avançava pela formação inimiga. Então eles pararam. Os veículos que ainda não haviam entrado em combate pararam. As tripulações saltaram dos tanques e se afastaram correndo deles. Masterman ouviu pelo rádio que o mesmo estava acontecendo a oeste da linha. Surpreendidos, fugindo, sua saída bloqueada, os soldados que haviam tido sorte bastante para ver em tempo o que vinha atrás deles, decidiram que a resistência decerto seria fatal, e a Terceira (e última) Batalha da Cidade Militar Rei Khalid acabou cerca de trinta minutos depois de haver começado.

Não foi tão fácil assim para os invasores. As forças da Arábia Saudita, finalmente em contato pesado, travaram uma batalha árdua, abrindo seu caminho através de outra brigada, esta iraniana. Porém, ao pôr do sol, todas as seis divisões da URI que haviam entrado em seu país tinham sido destruídas.

As subunidades com ainda algum ardor para a luta receberam de seus superiores ordem de rendição, antes que os inimigos nos três lados pudessem impor uma decisão mais final.

Como antes, a maior dor de cabeça administrativa foram os prisioneiros, principalmente com a confusão adicional causada pelo anoitecer. Esse problema duraria pelo menos um dia, reportaram os comandantes. Felizmente, na maioria dos casos, os soldados da URI dispunham de sua própria água e

ração. Eles foram afastados de seus equipamentos e colocados sob guarda, mas distantes de casa como estavam, havia pouco risco de que eles resolvessem fugir pelo deserto a pé.

Clark e Chavez deixaram a embaixada russa uma hora depois do pôr do sol. No porta-malas de seu carro havia uma maleta grande, cujo conteúdo não pareceria perigoso a ninguém, e era, de fato, quase todo coerente com seu disfarce de jornalistas. A missão, eles decidiram, era ligeiramente louca, e embora isso incomodasse um pouco o membro mais graduado da equipe, Ding a estava achando muito interessante. A premissa, contudo, parecera um pouco incrível, e teve de ser verificada. O passeio até o beco atrás da lanchonete não teve surpresas. O perímetro de segurança em torno da casa de Daryaei acabava um pouco antes de seu destino. A lanchonete estava fechada, o que, com as condições de blecaute impostas numa cidade meio em guerra, meio em paz — as luzes das ruas estavam apagadas, as cortinas fechadas, mas os carros podiam andar com os faróis acesos, e a eletricidade doméstica estava definitivamente em funcionamento. Isso funcionava em seu benefício. A porta foi arrombada facilmente no beco mal iluminado. Chavez empurrou a porta e olhou o interior.

Clark seguiu-o, puxando a mala. Os dois homens entraram, fechando a porta atrás de si. Já estavam no segundo andar quando escutaram ruídos.

Aparentemente, uma família vivia ali. Acabaram encontrando um marido e sua esposa, ambos na casa dos cinquenta. Eram os proprietários da lanchonete e estavam assistindo à televisão. Se a missão tivesse sido planejada contento, teriam constatado isso antes. Mas agora não tinha jeito.

— Olá — disse Clark em tom calmo. — Por favor, fiquem em silêncio.

— O quê...

— Não vamos machucar vocês — disse John, enquanto Ding olhava em volta procurando... sim, fios elétricos serviriam bem. — Por favor, deem no chão.

— Quem..

— Soltaremos vocês quando sairmos — prosseguiu Clark em farsi literal. — Mas se resistirem, teremos de machucá-los.

Eles estavam aterrorizados demais para resistir aos dois homens que pareciam ladrões em sua casa. Clark usou os fios elétricos para amarrar seus braços, e em seguida os tornozelos. Chavez deitou-os de lado, dando primeiro um pouco de água à mulher antes de amordaçá-la.

— Certifique-se de que podem respirar — disse Clark, agora em inglês.

Ele verificou todos os nós, satisfeito em ver que lembrava das habilidades aprendidas na Marinha há mais de trinta anos. Satisfeitos, subiram para o andar de cima.

A parte realmente dois era o estabelecimento de comunicações. Chavez abriu a mala começou a tirar as coisas. O telhado do prédio era achatado e concedia uma linha clara de visão para outro prédio a três quarteirões de distância. Por esse motivo, eles tinham de locá-la baixo. Antes de mais nada, Ding instalou a miniparabólica. O tripé da antena a pesado, com pés pontudos para prender no telhado. Em seguida teve de virá-la, para obter o chiado do sinal-guia para o satélite apropriado. Feito isso, torceu a presilha para prender a parabólica no lugar. Em seguida, a câmera. Ela também tinha um tripé. Chavez abriu-o, enrascou a câmera em seu lugar e a apontou para o centro dos três prédios que eram de seu interesse. Então o cabo da câmera entrou na caixa geradora transmissora, que eles deixaram na mala aberta.

— Está rodando, John.

A parte estranha era que eles tinham uma ligação terra-satélite, mas não satélite-terra. Eles podiam baixar sinais, mas não dispunham de um canal separado de áudio que pudessem usar. Para isso, precisariam de equipamento adicional, que não tinham.

— Aí está — reportou Robby Jackson do Centro de Comando Militar Nacional.

— É esse aí — confirmou Mary Pat Foley, olhando para a mesma foto.

Foley discou um número de telefone para a embaixada americana em Moscou. A ligação foi retransmitida para o Ministério das Relações Exteriores russo, e dali para a embaixada russa em Teerã, e dali para o telefone digital na mão de John.

— Está me ouvindo, Ivan? — perguntou Foley em russo. — E Foleyeva.

Levou um longo segundo para chegar a resposta.

— Ah, Maria, como é bom ouvir sua voz.

Graças a Deus pela companhia telefônica, pensou John, deixando escapar um suspiro longo. Até a daqui.

— Estou com a sua foto na minha mesa — disse ela em seguida. — Eu era muito mais jovem na época.

— Ele está na posição e tudo está bem — disse o diretor do FBI.

— Certo. — Jackson levantou outro telefone. — Em andamento. Repito, em andamento. Responda.

— Operação CABINE em andamento — confirmou Diggs de Riad.

O Sistema de Defesa Aérea iraniano estava tão tenso quanto poderia.

Embora nenhum ataque tivesse sido desferido ao seu território, os operadores de radar estavam observando atentamente os acontecimentos. Eles tinham visto vários aviões de patrulha sobre as costas da Arábia Saudita e de Catar, principalmente voando em paralelo, nem mesmo adentrando a linha neutra.

Bandido DOIS-CINCO-UM e bandido DOIS-CINCO-DOIS completaram o reabastecimento de seus tanques com segundos de diferença. Não era sempre que os caças Stealth operavam em uníssono. Na verdade, eles eram projetados para operar completamente isolados. Mas não desta vez. Ambos separaram-se dos KC-10 e viraram para o norte, para um voo de cerca de uma hora, afastados verticalmente por cerca de trezentos metros. As tripulações dos tanques permaneciam a postos e empregaram o tempo para reabastecer e patrulhar a costa saudita, atividades rotineiras para operações noturnas. A oitenta quilômetros dali, um AWACS acompanhava tudo... ou quase tudo. O E-3B também não podia detectar um F-117.

— Nós continuamos nos encontrando deste jeito — disse o presidente à sua maquiadora, com bom humor forçado.

— O senhor parece cansado — disse-lhe Mary Abbot.

— Estou realmente cansado — admitiu Ryan.

— Suas mãos estão tremendo.

— Falta de sono.

Isso era uma mentira.

Callie Weston estava datilografando alterações para o discurso diretamente na memória eletrônica do teleprompter. Nem mesmo os técnicos de TV tinham recebido permissão para ver o conteúdo desse discurso e, de certo modo, Callie estava surpresa por ela ter tido. Ela terminou e correu os olhos pelo texto inteiro, procurando erros de datilografia, que, conforme aprendera com o passar dos anos, podiam ser muito desconcertantes para os presidentes falando ao vivo na TV.

Clark viu que alguns guardas do lado de fora estavam fumando. Disciplina ruim, mas talvez isso ajudasse a mantê-los acordados.

— John, você já pensou que este trabalho talvez seja um pouco empolgante demais?

— Quer dar uma mijada? — Era a reação usual, até para eles.

— Quero.

— Eu também. — Era algo que nunca se fazia nos filmes de James Bond. — Hum. Eu não sabia disso. — Clark pressionou o fone auricular, ouvindo alguém com voz normal, em vez de um apresentador famoso, dizendo que o presidente só estaria pronto em dois minutos. Talvez algum diretor de emissora, pensou ele. Com isso, os dois últimos objetos foram tirados da mala.

— Companheiros americanos, estou aqui para fazer um relatório atualizado da situação no Oriente Médio — disse o presidente sem preâmbulos.

Aproximadamente há quatro horas, a resistência organizada cessou entre as forças da União Republicana do Islã, que invadiram o Reino da Arábia Saudita.

Forças sauditas, kuwaitianas e americanas, trabalhando juntas, destruíram seis divisões numa batalha feroz que se estendeu por um dia e uma noite.

Agora posso dizer a vocês que nosso país enviou dois regimentos blindados, o 10º e o 11º, mais a Primeira Brigada da Guarda Nacional da Carolina do Norte, e a 366ª Esquadrilha da Base da Força Aérea Mountain Home, em Idaho. Uma grande batalha foi travada ao sul da Cidade Militar Rei Khalid. Vocês já viram alguns dos detalhes na TV. As unidades finais da URI tentaram fugir do campo de batalha para o norte, mas foram interceptadas e, depois de um breve conflito, começaram a se render. O combate em terra na área está, por enquanto, concluído.

Eu disse por enquanto porque esta guerra é diferente da maioria que travamos nos últimos cinquenta anos. Nossos cidadãos sofreram um ataque direto, em nosso solo. Foi um ataque desferido deliberadamente contra civis.

Foi um ataque realizado com uma arma de destruição em massa. As violações à lei internacional são muitas para enumerar — prosseguiu o presidente. — Mas seria errado dizer que este ataque foi realizado por pessoas da União Republicana do Islã contra os Estados Unidos da América.

Pessoas não fazem guerra. A decisão de começar uma guerra costuma ser realizada por um único homem. Eles costumam ser reis, príncipes ou chefes bárbaros, mas através da História, geralmente é um único homem quem decide, e jamais a decisão de começar uma agressão internacional é resultante de um processo democrático.

Nós americanos não temos nada contra as pessoas dos antigos Irã e Iraque.

Sua religião pode ser diferente da nossa, mas somos um país que protege a liberdade de religião. Suas linguagens podem ser diferentes, mas a América recebe pessoas de muitas linguagens. Se a América provou alguma coisa ao mundo, foi que todos os homens são iguais, e que, recebendo a mesma liberdade e as mesmas oportunidades, todos irão prosperar até o limite de suas capacidades.

Nas últimas 24 horas, matamos pelo menos dez mil soldados da URI.

Provavelmente muitos mais. Não sabemos agora e provavelmente jamais saberemos o número total de mortes do inimigo, e precisamos nos lembrar que eles não escolheram seus destinos. Esses destinos foram escolhidos para eles por outros; na verdade, por uma única pessoa.

Ryan bateu as mãos teatralmente. Para todos que assistiam, aquele pareceu um gesto muito forçado.

— E lá vai — disse Chavez, seu rosto colado no pequeno visor da câmera, que agora estava mostrando a recepção do satélite orbital. — Comece a música.

Clark ligou o transmissor laser, com cuidado para ter certeza de que estava no modo de infravermelho invisível. Uma checagem através do visor colocou o ponto na cornija — ou parapeito, ele não conseguia lembrar a diferença — do prédio. De qualquer modo, havia um guarda parado lá, seu pé na estrutura.

Diggs em Riad: — Checagem final.

— Bandido Dois-Cinco-Um — ouviu em resposta...

— Dois-Cinco-Dois.

— Através da história, reis e príncipes fizeram guerra segundo seus caprichos, mandando pessoas para a morte. Para os reis, as pessoas eram apenas plebeus, e as guerras apenas distrações para os ricos e poderosos, um tipo de entretenimento. E se pessoas morriam, ninguém se importava. E quando tudo estava terminado, na maioria dos casos, os reis ainda eram reis, tivessem vencido ou perdido, porque estavam acima de tudo aquilo. Até este século, considerava-se que um chefe de Estado tinha o direito de fazer guerra. Em Nuremberg, depois da Segunda Guerra Mundial, nós mudamos essa regra julgando e executando alguns dos responsáveis. Mas chegar até esse ponto, prender os criminosos, como aconteceu, custou as vidas de vinte milhões de russos, seis milhões de judeus, um número tão imenso de vidas que nem os historiadores sabem ao certo...

Ryan levantou os olhos para ver Andréa Price gesticulando para ele. Ela não sorriu. Não era motivo para sorriso. Mas ela tinha de fazer o sinal.

O laser em terra era apenas uma medida de segurança. Eles poderiam fazer sem ele, mas escolher exatamente a casa certa na cidade teria sido difícil, e eles queriam limitar os danos colaterais. Desta forma, uma aeronave também podia liberar suas armas de uma altitude mais elevada. Cálculos balísticos simples garantiam um bombardeamento no raio de até algumas centenas de metros, e os sistemas óticos mais recentes na direção do alvo. Precisamente na hora, as duas aeronaves BANDIDO (BANDIDO era o sinal semioficial para os pilotos dos Black Jets) abriram suas comportas de bombas. Cada aeronave carregava uma única bomba de duzentos quilos, a menor que poderia ser usada no sistema de bombardeamento guiado PAVEWAY. Elas ficaram pendendo de um trapézio enquanto as cabeças de busca procuravam um sinal modulado de laser. Ambas captaram o ponto laser, e informaram isso aos pilotos, que as liberaram. Então os dois pilotos disseram algo inédito para uma missão Stealth.

— BANDIDO-DOIS-CINCO-UM, bomba liberada!

— DOIS-CINCO-DOIS, bomba liberada!

— Boa ou má, cada ideia na história da humanidade começou na mente de um único homem, e guerras começam porque uma mente considera lucrativo matar e roubar. Desta vez, começou para nós de uma forma particularmente cruel. Desta vez, sabemos com certeza quem fez isso... e mais.

No mundo inteiro, em cada país com uma antena parabólica e TV a cabo, em mais de um bilhão de lares, a imagem mudou do Salão Oval na Casa Branca para um prédio de três andares numa rua urbana. A maioria dos espectadores achou que aquilo tinha sido uma falha louca, alguma cena de filme que entrara inadvertidamente, uma conexão ruim...

Mesmo antes do presidente prosseguir, algumas pessoas perceberam que aquilo mo era alguma espécie de falha. Daryaei também assistia ao discurso do presidente, tanto por curiosidade pura quanto para obter vantagem política. Que tipo de homem era realmente esse Ryan?, perguntara-se por tanto tempo o aiatolá. Ele descobriu tarde demais.

É aqui onde vive Mahmoud Haji Daryaei, o homem que atacou nosso país com uma doença, o homem que atacou minha filhinha, o homem que tentou me atacar, o homem que enviou seu exército numa missão de conquista que se tornou uma missão de morte. Esse é um homem que infringiu as leis de sua religião, dos homens e das nações. Agora, Sr. Daryaei, aqui está a resposta dos Estados Unidos da América.

A voz do presidente parou e, um ou dois segundos depois, todas as traduções ao redor do mundo, o som substituído apenas por silêncio, enquanto olhos observavam uma imagem em preto e branco de um prédio absolutamente comum... e mesmo assim todos sabiam que alguma coisa extraordinária estava para acontecer. Aqueles que estavam olhando muito de perto viram uma luz acender numa janela e a porta da frente abrir, mas ninguém jamais saberia a identidade da pessoa que talvez estivesse tentando sair, porque as duas bombas caíram no alvo, atingindo o teto do prédio, explodindo um centésimo de segundo depois.

O estrondo foi terrível. A onda de pressão que se seguiu foi pior ainda. Os dois homens assistiram a tudo, ignorando o perigo. Os ecos foram pontuados pelo barulho de vidro quebrando pela vizinhança num raio de oitocentos metros.

— Você está bem? — perguntou Ding.

— Sim. É hora de picar a mula, parceiro.

— Estou com você, Sr. C.

Eles desceram até o andar do quarto de dormir o mais rápido que puderam.

Chavez fez um talho em cada corda com um canivete. Ele calculou que eles levariam cerca de cinco minutos para se libertar. Usaram os becos para sair da área, mantendo distância dos veículos de emergência, que corriam até os três edifícios com as sirenes ligadas. Meia hora depois, estavam de volta na segurança da embaixada russa. Vodka foi oferecida. Vodka foi bebida. Chavez nunca tremera tanto na vida. Clark sim. A vodka ajudou.

— Para o povo da União Republicana do Islã, os Estados Unidos da América tem a seguinte mensagem: Primeiro, sabemos a localização exata da fábrica de produção de germes.

Requisitamos e recebemos ajuda da Federação Russa. Eles são neutros em nossa disputa, mas detêm conhecimento sobre esse tipo de arma. Uma equipe de especialistas está agora a caminho de Teerã. Eles irão pousar e vocês os levarão imediatamente até a fábrica para supervisionar sua neutralização. Serão acompanhados de jornalistas para uma verificação independente dos fatos. Caso isto não aconteça, daqui a 12 horas, contando a partir de agora, destruiremos o local com uma bomba nuclear de potência mínima, a ser liberada por um avião Stealth. Não cometam o erro de acreditar que isto é um blefe. Os Estados Unidos da América não tolerarão a existência daquela fábrica e de suas armas inumanas. O período de 12 horas começa agora.

Em segundo lugar, seus prisioneiros serão tratados à risca segundo as convenções internacionais, e também segundo as leis rígidas e admiráveis de hospitalidade que fazem parte da sua fé islâmica. Seus prisioneiros serão devolvidos assim que tiverem enviado para os Estados Unidos os corpos vivos de cada pessoa que tenha desempenhado um papel na preparação e no emprego das armas biológicas contra o nosso país, e também daqueles por trás do ataque contra a minha filha. Este pedido é inquestionável.

Em terceiro lugar, nós daremos ao seu país uma semana para cumprir esta exigência. Se não o fizerem, então a América irá declarar guerra ilimitada contra a sua nação.

Vocês já viram do que somos capazes, já viram o que fizemos. Posso assegurar-lhes que, se for preciso, poderemos fazer muito mais. A escolha é de vocês. Reflitam bem.

Por último, direi isso a todas as nações que possam nos querer mal, os Estados Unidos da América não tolerarão ataques ao nosso país, às nossas possessões, ou aos nossos cidadãos. A partir de hoje, quem quer que execute ou ordene um ataque dessa natureza — não importa quem seja, não importa onde se esconda, não importa quanto tempo leve — sentirá nossa fúria. Fiz um juramento perante Deus de executar meus deveres como presidente. Farei isso. Aqueles que desejarem nossa amizade não encontrarão amigo mais sincero do que eu.

Aqueles que quiserem ser nossos inimigos verão que sabemos reagir à altura.

Companheiros americanos, foram momentos muitos difíceis, para nós, para alguns de nossos aliados, e também para os nossos inimigos. Nós derrotamos a agressão, — unimos a pessoa mais culpada pelas mortes cruéis em nossa terra, e ainda ajustaremos nossas contas com aqueles que seguiram suas ordens. Mas, para os outros, deixem-me recordar as palavras do presidente Abraham Lincoln: Com malícia para com ninguém, com caridade para com todos, com confiança no direito que nos foi concedido por Deus de ver o certo, deixe-nos lutar para terminar o trabalho que começamos, para curar as feridas da nação... para fazer tudo que pudermos fim de alcançar e desfrutar uma paz justa e perene entre nós mesmos e com todas as ações.

Obrigado a vocês. Tenham um bom dia.

EPÍLOGO

Sala de Imprensa

— ... e, finalmente, estou submetendo ao Senado o nome do Dr. Pierre Alexandre para preencher o posto de diretor nacional de Saúde. O Dr. Alexandre, depois de uma carreira distinta no corpo médico do Exército dos Estados Unidos, ingressou na Faculdade de Medicina da Johns Hopkins como professor associado na área de doenças infecciosas. Ele foi muito prestativo durante a epidemia de Ebola. O Dr. Alexandre é um clínico e pesquisador brilhante, que irá iniciar e supervisionar diversos programas novos, entre eles pesquisa básica em doenças infecciosas raras. Ele também dirigirá uma nova comissão de supervisão da pesquisa da AIDS. Sua missão não será burocrática — garantiu o presidente dos Estados Unidos da América. — Já tivemos muita disso. A ideia é estabelecer um novo sistema segundo o qual os médicos e outros cientistas de pesquisa possam intercambiar dados com mais facilidade. É minha esperança que o Senado confirme rapidamente a minha indicação. Isso conclui meu discurso de abertura.

Jack apontou para uma jornalista.

— Sim, Helen?

— Presidente, os seus comentários sobre a China.

— Pensei que tinha sido bem claro. Tivemos discussões privadas com a República da China e concluímos que a restauração de relações diplomáticas plenas virá ao encontro dos interesses de nossos países. Não faz parte da política dos Estados Unidos desencorajar países com governos eleitos democraticamente. A República da China é um desses países, e merece nosso total respeito e reconhecimento.

— Mas o que a China continental pensará disso?

— O que eles pensarão é problema deles. Somos ambas nações soberanas. E é hora de pararmos de fingir o contrário e que Taiwan também não seja soberana.

— Isso tem alguma relação com o abate do avião de passageiros?

— Esse assunto ainda está sob investigação. Próxima pergunta? — Ryan apontou.

— Presidente, o novo governo provisório do Irã alega estar procurando estabelecer relações diplomáticas plenas com nosso país. Iremos aceitar seu pedido?

— Sim, com toda certeza — replicou Jack. — Se houver maneira melhor de transformar um inimigo em amigo do que mediante discussões abertas e acordos, eu não sei qual é. Eles vêm sendo muito cooperativos, e ainda temos um prédio de embaixada lá, mas acho que teremos de mudar a fechadura da porta da frente.

Gargalhada geral.

— Sim, Tom. A propósito, belo bronzeado. Bem-vindo ao lar.

— Presidente, obrigado. A respeito da destruição do laboratório de germes nas cercanias de Teerã, os únicos jornalistas que entraram lá foram aqueles dois russos que a embaixada deles convocou com esse propósito. Como podemos ter certeza...

— Tom, os especialistas russos que supervisionaram a neutralização da fabrica eram realmente especialistas. Os jornalistas gravaram em vídeo os procedimentos, e eu e meus consultores estamos satisfeitos. Ed?

— Presidente, a troca de prisioneiros está agora concluída. Como responderemos aos pedidos do Irã e do Iraque por crédito?

— Semana que vem, os secretários Adler e Winston voarão para Londres para discutir esse assunto com os representantes dos dois governos.

— Senhor, uma pergunta adicional: isso significará preços preferenciais para petróleo importado, e se significar, por quanto tempo?

— Ed, essas questões estão sendo negociadas, mas suponho que nos oferecerão alguma coisa em troca pela aprovação de crédito que desejam. Os detalhes exatos terão de ser negociados, e teremos dois bons homens para fazer isso por nós.

— E quanto a boas mulheres? — perguntou uma jornalista.

— Temos várias, Denise, incluindo você. E caso não tenha ouvido, a agente especial Andréa Price — o presidente gesticulou na direção da porta à sua direita — aceitou uma proposta de casamento. Contudo, será um casamento misto, porque seu noivo, o inspetor Patrick O’Day, é agente especial do FBI. Desejo a eles meus melhores votos, mesmo se isso significar que eu talvez precise de um novo guarda-costas. Sim, Barry — disse ele, apontando para o jornalista principal da CNN.

— Quanto à grande pergunta que ninguém formulou hoje, presidente...

Ryan levantou a mão.

— Depois de tudo que passamos, há muitas coisas que precisam ser feitas para que governo volte a ser totalmente...

— Senhor, nós não vamos deixá-lo escapar do anzol.

Um sorriso. Um suspiro. Um menear de cabeça. Uma rendição.

— A resposta à sua pergunta, Barry, é sim, eu vou.

— Obrigado, presidente.

Chegou o momento em que, por consentimento mútuo, fazemos uma pausa para meditarmos sobre nossa vida nacional e celebrá-la, para recordar o que nosso país fez por cada um de nós, e para perguntar a nós mesmos o que podemos fazer por nosso país.

OLIVER WENDELL HOLMES JR.

Este livro foi composto na tipologia
Caslon Old Face em corpo 11 13
e impresso em papel Offset 75g m2 no
Sistema Cameron da Divisão Gráfica

Editado por:

